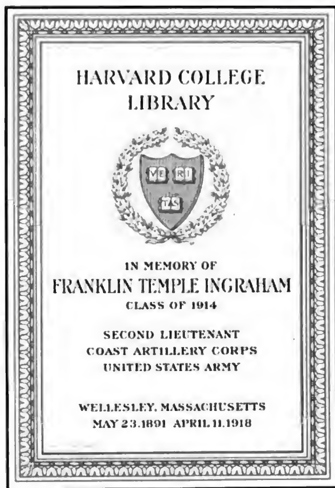

WIDENER
HN ZL3C P


HARVARD COLLEGE
LIBRARY
VE RI
TAS
IN MEMORY OF
FRANKLIN TEMPLE INGRAHAM
CLASS OF 1914
SECOND LIEUTENANT
COAST ARTILLERY CORPS
UNITED STATES ARMY
WELLESLEY, MASSACHUSETTS
MAY 23.1891 APRIL 11.1918

REVISTA POPULAR

SEMANARIO

DE

LITTERATURA, SCIENCIA, E INDUSTRIA.

SEGUNDO VOLUME

REDIGIDO

POR

JOAQUIM HENRIQUES FRADESSO DA SILVEIRA.

JOSÉ MARIA LATINO COELHO. — FRANCISCO PEREIRA DE ALMEIDA.

AUGUSTO JOSÉ GONÇALVES LIMA.

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL.

1849—1850.

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NESTE VOLUME.

Sciencias.

Monumentos e Paizagens.

Viagens.

Historia, Archeologia, Antiguidades, etc.

Romances, proberbios, dialogismos, etc.

Retratos e Biographias.

Variedades.

Statistica.

Escriptorio da Redacção e Administração — Rua de S. Bento n.° 114.

N.º 1. 1849.

REVISTA POPULAR.

A BATALHA. — Casa do Capitulo.



O CONVENTO da Batalha, esse primoroso monumento da arte verdadeiramente nacional, esse magnifico poema de pedra das nossas glórias e da nossa independencia, está edificado em um valle ameno, regado pelo Lena, junto de uma pequena povoação, que delle tira o nome popular que tem.

A *Batalha* ha sido tanta vez descripta de nacionaes e estranhos, que julgâmos inutil repetir o que de quasi todos é sabido, e o que foi já tratado tão magistralmente. É bem conhecida a descripção do elegante auctor da HISTORIA DOMINICANA — a obra de Murphy, acompanhada de magnificos desenhos, é do maior interesse, como de homem imparcial e competentissimo na materia — a mais recente *memoria* do illustre D. Fr. Francisco de S. Luiz, já fallecido, e impressa nas da academia real das sciencias, é um trabalho consciencioso como tudo quanto saíu da penna daquelle sabio escriptor.

Ha cousas, porém, no nosso magnifico monumento, que nunca serão assás admiradas. Neste caso está a celebrada casa do capitulo, de que a estampa dá uma pequena idéa. É uma obra admiravel — maravilhosa — a mais maravilhosa de quantas maravilhas abundam na magestosa creação de Affonso Domingues — o architecto-soldado.

«Sendo quadrada, e tendo 340 palmos em ambito, sem columna, nem esteio, nem cousa que a sustente, nem mais repuxo da banda de fóra, que a companhia do edificio que lhe fica nos lados, assim está em fórma que a quem põe os olhos no alto engana, e faz parecer, pela grandeza da casa, que se sustenta sem concavo. É fama que ao tempo que se fabricava caíu duas vezes ao tirar dos simplices, com damno de officiaes; e elrei, desejando que todavia ficasse a casa sem o desar de columnas em meio, prometteu mercês ao architecto, as quaes o fizeram espertar de sorte, que tornando a fechar a abobada, affirmou que teria melhor successo; porém ao tirar da madeira dos simplices, dizem que não quiz elrei arriscar os officiaes, e mandou vir das prisões do reino alguns homens que estavam sentenceados a grandes penas, para que sôbre elles caísse o terceiro damno, quando succedesse.»

No centro desta extraordinaria casa, que ainda até hoje, 461 annos depois, não desmentiu a palavra do brioso artista, acham-se os tumulos de D. Affonso V e sua mulher, D. Isabel; e o do principe D. Affonso, filho de D. João II, que, de edade de 16 annos, caíndo de um cavallo, morreu desastradamente junto a Santarem.

«Em um dos angulos da casa, no ponto onde nasce um ramo dos arcos que vão fechar a abobada, vê-se

um busto de pedra, que se suppõe representar o architecto que concluiu a obra.»

Fazemos ardentes votos para que effectivamente se destinem esses mesmos meios que estão votados, e que aliàs são insufficientes, ao reparo de tão glorioso monumento, confiando-se a direcção dos respectivos trabalhos a individuo que tenha a intelligencia, o gôsto e a prática necessaria.

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Curso d'Introducção á Historia Natural dos Tres Reinos.

1. *Definição da natureza.* — É esta palavra tão familiarmente empregada, ainda pelas pessoas estranhas ás sciencias, que todos formam della uma noção mais ou menos appropriada. No vocabulario da sciencia emprega-se em várias accepções. Umas vezes exprime a reunião de todos os seres creados, e é então equivalente a *universo*. Outras vezes designa o complexo das leis, por que se regulam os *phenomenos*, que tem logar no mundo. Ainda se adopta, mesmo na linguagem usual, para designar collectivamente as propriedades, ou *attributos*, de cuja reunião resulta a individualidade de um ser. Toma-se emfim, posto que menos propriamente, como a causa final, e primaria de todas as cousas.

Mas, restringindo a interpretação d'aquelle termo, definiremos a natureza — o complexo, a totalidade dos seres creados, e das leis, que presidem ao universo. É este o sentido em que d'ora em diante a tomaremos.

2. *Definição de corpo.* — Os seres incluidos no vasto systema de que vimos de fallar, podem ser divididos, e subdivididos; podem ser estudados sob aspectos variados e distinctos, e dar assim logar a muitas sciencias diversas. Dessas cathegorias, a que os podêmos reduzir, estudaremos a primeira, ou os *corpos*. Dá-se o nome de *corpo* a tudo o que póde affectar os nossos sentidos, produzindo nelles impressões, e dando logar a sensações. Os sentidos são, pois, os instrumentos indispensaveis da percepção de todos os corpos.

3. *Propriedades.* — A percepção que temos da existencia de qualquer corpo, provém da *faculdade*, que elle possue, de affectar-nos os sentidos de um, ou de outro modo. Essas faculdades chamam-se propriedades.

4. *Materia.* — As propriedades, ou attributos dos corpos, suppõem de necessidade um sugeito, uma substancia em que residam. É o que chamâmos *materia.*

5. *Divisão das propriedades.* — As propriedades se dizem *geraes*, quando residem em todos os corpos. Tal é a extensão. *Particulares* são as que subsistem constantemente em certos corpos, e faltam completamente n'outros, servindo para os distinguir entre si (propriedades caracteristicas), ou as que se desenvolvem, dadas certas condições accidentaes (propriedades occasionaes). Das primeiras sirvam de exemplos os sabores diversos, que caracterisam differentes corpos. Das segundas os cheiros, que em outros se manifestam, em circumstancias especiaes.

6. *Primeira divisão dos corpos da natureza.* — A mais perfunctoria observação é sufficiente para nos convencer, que além dos *corpos*, que se encontram na *terra*, existem outros, que, disseminados pelo espaço, produzem os differentes aspectos desta abobada apparente e azulada, a que se dão os nomes de *céu*, de *firmamento*. Estes ultimos são conhecidos pela denominação geral de *corpos celestes*.

7. *Sciencia da natureza.* — A sciencia vastissima, que estuda os corpos, e as leis porque se elles regulam, é a *sciencia da natureza*. Esta sciencia é, por assim dizer, unica, e tão indivisivel como o assumpto de que trata. A immensidade, porém, do universo, a multiplicidade de relações, em que os corpos se podem considerar, a impossibilidade, emfim, de sugeitar este systema complicado e de difficil apreciação, ao dominio de uma só intelligencia, occasionam a divisão artificial da *sciencia* em ramos variados e distinctos na encyclopedia actual. São elles as *sciencias da natureza*, ou como mais vulgarmente se diz, as *sciencias naturaes*, que tambem se designam pelo nome de *philosophia natural*.

(Continúa.)

Mnemonica.

I.

A MEMORIA póde dizer-se não só thesouro de eloquencia, como lhe chama Quintiliano, mas thesouro de todo o saber que o entendimento humano póde adquirir: é depositaria das nossas riquezas intellectuaes, cofre do haver do nosso espirito.

No estudo, com a mais séria applicação, empregou a mente todas as suas faculdades; prestaram-se ellas auxilio mutuo, luctaram com as difficuldades do objecto; venceram os obstaculos que lhes oppunha; finalmente, a custo (porque o talento é raro) adquiriram-nos uma pequena porção de sciencia, alguns conhecimentos uteis. — Entretanto, fadiga, saber e futuro, tudo será perdido se a memoria não pudér guardar os cabedaes uma vez adquiridos.

Basta só esta consideração para que se deva ter em grande estima esta faculdade, buscar quanto possivel aperfeiçoa-la, e dar-lhe augmentos; pois que a alma, comprando, á custa do seu estudo, tanta mais sciencia, quanto maior é a despeza que faz d'esse estudo, tem para seu armazem a memoria, que é para ambicionar seja mui vasto.

Pretende-se que a capacidade do armazem, memoria natural, tem determinadas dimensões em cada individuo; que, aluidas as paredes primitivas, não é possivel achar terreno, firme e amplo, onde possa edificar-se de novo, mais solido e espaçoso.

Admiram-se os effeitos de um methodo como memoria prodigiosa, e vae cada qual lamentando a sua, se é pouca, e lhe falha.

Notou-se que o homem é habito na memoria, como em tudo, e começaram a instruil-o como papagaio — obrigaram-n'o a decorar. De modo que o ensino reduz-se a pouco: ler e repetir até que as palavras fiquem — decorar sempre, decorar tudo. Aprende, o menino, linguas, geographia, historia, etc.; dão-se-lhe em cada dia lições de todas essas cousas, tem de aprender

tudo, tudo se lhe ensina, á excepção do aprender: o mais difficil deve elle sabê-lo sem que lh'o ensinem — se o não souber, lá está a ferula do professor implacavel.

Muitas vezes o mestre é ignorante, e o discipulo sae da eschola, sabendo tanto como elle. Algumas vezes o mestre sabe o que tem de ensinar; mas não sabe, ou não póde, seguir o methodo, que mais convem para a instrucção dos alumnos.

Este methodo é, sem dúvida, o que ensina a natureza. Seguindo o methodo analytico, o mestre dirige-se pelo caminho melhor, porque imita o mais sabio de todos os mestres.

Certo velho vivia, com seus filhos, em paíz arido, esteril. Por acaso, em ponto remoto, encontra o velho uma vereda, que não conhecia, segue-a, dá com um chão d'arvores, flores, fructos — mimosissimo. Colhe algumas flores, colhe fructos, volta, chama os filhos. «Olhem! Querem fructos e flores? Vou conduzi-los onde em abundancia os ha; consintam sómente que lhes vende os olhos.» O que pretendia o velho, conduzindo assim os filhos, nas trevas, pela mão? Não sei. Guiava-o talvez o egoismo.

Este velho é um mestre, emprega o methodo *synthetico* — não ensina caminho.

O que custava antigamente para saber alguma coisa! O pouco que se sabía andava occulto; quem o tinha devia-o a si, ao trabalho que tivera em descobri-lo, ou para mendiga-lo de quem o possuia em paízes, ás vezes, remotos: assim o saber obtido, era então verdadeira propriedade. Hoje sabem as nações cultas, o que então sabiam sete sabios sómente: e ninguem reputa isto saber. Saber alguma cousa é saber mais. A sciencia tornou-se, como devia ser, patente para todos. Só é propriedade, *in nomine*, o que o particular inventa ou acha; e este não precisa occulta-la; porque está seguro, que menos podem roubar-lh'a expondo-a ao público.

O povo não póde já chamar-se rebanho — o povo sabe e pensa: é vergonha para qualquer não saber, pelo menos, tanto.

Mas o povo deve ainda saber mais, porque a parte popular da sciencia deve augmentar na razão do progresso dos conhecimentos; a instrucção pública deve facilitar a acquisição dessa sciencia commum, d'esse necessario indispensavel para o commercio dos homens.

Para o commercio, tomado ao proprio, florescer, que é necessario? — Bons portos, bons cannaes, rios navegaveis, estradas, e tudo o que facilita o transito e transporte dos objectos de trafego. Bons portos para o commercio intellectual, são bóas escholas, onde venham carregar instrucção os que a precisam. Bons cannaes, rios, estradas: methodos que facilitem a conducção dos differentes generos da instrucção propagada.

Já dissemos que o methodo analytico é o caminho não traçado, mas que ella ensina, e por onde guia, a quem procura. Indicou-o ao velho, no terreno arido e esteril, até chegar ao chão fructifero; indicou-o ao Gama, ao Colombo; indica-o cada dia ao que a interroga. O velho stulto occulta-o aos filhos; o infeliz Colombo, e o generoso Gama, traçam-o em oceanos á patria e a ingratos.

. . . .

Mas lá vejo ao longe elevar-se uma columna!... é nuvem... e nuvem que ferve! É nuvem e tem fogo; materias que, outr'ora no deserto, deu Deos para guia ao seu povo, em columnas separadas. Então estava a sciencia na nuvem, a luz na noite; hoje, a sciencia, é luz, a noite é dia, e uma só columna guia o homem no deserto dos mares. Abriu então um mar passagem a um povo; hoje, que mares não podem ser obstaculo a um homem, de mundo para mundo, abrem-se as montanhas, elevam-se os valles, para que o seu caminho seja sempre plano. E as montanhas não se fecham apoz elle, os valles não abatem; porque não o seguem tyrannos.

. . . .

A instrucção deve tambem ter seu carril de ferro e seu vapor.

O caminho de ferro da instrucção é o methodo analytico. O vapor, intendo que deve sê-lo, esse motor potente da *memoria artificial;* nuvem obscura por em quanto; mas guia seguro e vehiculo rapido, logo que se hajam comprehendido os seus principios, e as suas applicações ás sciencias.

(Continúa.)

ROMANCE.

O homem põe e a mulher dispõe.

I.

É MEIA noite; Montevrain acaba de se vestir para o baile; assenta-se na cadeira, com os pés diante do fogão, e espera que volte o seu criado, a quem ordenou que fôsse buscar uma sege.

Montevrain é um rapaz de vinte e cinco annos, senhor das suas acções, e da sua fortuna, que, com quanto lhe não désse direito a figurar entre ricos, o habilitava comtudo a apparecer decentemente no mundo. A sua physionomia era agradavel e revelava bastante intelligencia.

Aqui para nós — a intelligencia é um dom precioso, não ha dúvida, mas que nem sempre nos livra de fazer tolices; os olhos do simples bom senso são algumas vezes guias mais seguros que os da intelligencia.

Esta reflexão não é fóra de proposito, entre as que neste momento perpassam pelo espirito de Montevrain; reflexões de tão subido interesse, que nem o rodar da sege que chega á porta, nem uma carta que o seu criado lhe traz, conseguem interromper.

Que reflexões seriam as que absorviam áquelle ponto o espirito do mancebo?

Ei-las aqui:

— O celibatario na sociedade acha-se, com effeito, n'uma posição falsissima; sobram-me provas d'este facto. E demais, um celibatario não póde ser feliz; é ponto este em que os moralistas todos concordam. Logo é preciso casar — conclusão naturalissima, que eu direi necessidade absoluta, a que hei de obedecer de bom grado, tanto mais que corresponde perfeitamente com os meus habitos. Mas o preliminar indispensavel do casamento consiste em procurar mulher, e o meio mais seguro de achar uma mulher é frequentar

o mundo. Desde o princípio d'este inverno, que já vae a acabar, tenho frequentado o mundo com exemplar regularidade; tenho dançado em sessenta bailes; cantado em quarenta concertos; tomado parte em trinta loterias; e daqui resulta que, pouco mais ou menos, tenho visto umas vinte raparigas, que talvez se accommodassem com a minha pessoa, sem grande difficuldade, só pelo gostinho de que as chamassem *madama* de tal, etc. Entretanto nenhuma me convem. Não lá pelo que respeita ao physico, que são todas muito galantes; mas quanto ao moral; uma trazia de dote dezeseis contos de réis, e pertendia gastar cada anno, só em luxo e modas, quatro mil cruzados. A outra é namoradeira; quer ter marido para fazer desesperar os seus adoradores, e depois ha de servir-se dos adoradores para fazer desesperar o marido. Esta morre, com certeza, dentro em dois annos, de muito dançar, se a não cohibirem, e de não dançar bastante, se a cohibirem. Aquella diverte-se em representar de *amante ingenua* em theatros particulares. Finalmente, não encontrei senão uma rapariga em quem não encontrasse defeito ou mania essencial; mas essa era horrenda!

«Tenho pensado ás vezes que não devia ser permittido a mulher alguma ser bonita senão reunindo as bôas qualidades do espirito e do coração, ou antes, que nenhuma devia ter bôas qualidades de espirito e do coração, sendo feia.

«Ora eu cá não estou resolvido a casar com um vicio bonito, nem com uma virtude feia. Por consequencia, de que diabo me serve frequentar o mundo, que abhorreço de morte, se elle me não póde resolver este problema? Parece-me que á vista destas reflexões farei muito bem em me despir e passar a noite regaladamente na minha bôa cama. Ó Germano, manda embora a sege.»

Depois despiu Montevrain a elegante casaca preta, a sua calça afiambrada de fina casemira, descalçou os çapatos de polimento que lhe atormentavam os pés, e tirou a gravata que lhe apertava o pescoço; calçou as suas chinellas forradas de pelles, envergou um bello chambre bem acolchoado, sentou-se ao pé do fogão, e continuou nas suas profundas meditações.

—Não sei que haja senão um meio de ter uma mulher que me ame, que sympathise com os meus gostos, que ature as minhas rabugices—é educa-la eu mesmo, longe da influencia d'esse mundo que perverte tudo quanto toca. E quem me ha de pegar que eu emprehenda esta tarefa, que, em resultado, póde fazer a minha felicidade? Quem?... Molière, talvez?...

«É verdade que o tal Molière, n'uma das suas comedias, nos representa Arnolpho emprehendendo, a respeito de Ignez, o mesmo que eu acabo de dizer; e no fim de tudo, felicidade e recompensa de casta! mas é que eu tambem não sou nenhum Arnolpho; e Deos me livre de fazer com que a minha discípula, se pareça com a Ignez de que elle falla.

«Vi representar a *Pupilla;* li o *Conto Singelo;* e parece-me que Fagan e miss Milner estão mais perto da verdade que Molière. Conservarei, pois, a minha *pupilla* em distancia de certo mundo; não a enclausurarei; e enriquecer-lhe-hei o espirito e o coração. Em logar de uma escrava ignorante e estupida, terei uma rapariga meiga, instruida, espirituosa, que me ha de comprehender, que apreciará o meu affecto, e que muito folgará de consagrar-se á minha felicidade, cumprindo assim um dever de gratidão. Mas para que hei de eu estar com estas quimeras? Sem discipula de que demonio serve um mestre! e eu não tenho discipula. Vou ferrar comigo na cama, que é o melhor de tudo.»

Os olhos de Montevrain descaíram então maquinalmente sôbre a carta, que inda ha pouco atirára, distraído, para cima da mesinha de cabeceira; abriu-a agora, e leu-a.

Extraordinaria coincidencia do acaso com as suas idéas! A carta parecia a resposta a um desejo enunciado na precedente meditação.

Digâmos antes; ha no homem uma especie de presciencia confusa do que lhe ha de acontecer; o pensamento que nos surge no ânimo, sem que a nossa vontade o chamasse, nasce sempre debaixo da influencia d'um presentimento.

A carta communicava a Montevrain a notícia da morte d'uma prima, que lhe encarregára, a titulo de tutor, a direcção d'uma orfã de doze annos.

Montevrain já tinha visto Helena—assim se chamava a orfã—n'uma viagem que recentemente a sua prima fizera a París—e Helena, sem exaggeração, dava esperanças de vir a ser uma linda moça.

Montevrain resolveu que Helena sería sua discipula.

Como tomasse esta resolução, deitou-se, e adormeceu embalado nos mais agradaveis sonhos.

Logo pela manhãsinha tratou de executar o seu projecto. Bastaram-lhe quinze dias para dispor tudo nessa conformidade.

E n'uma bella madrugada, com Helena, e a sua velha governanta, abalou de París para uma quinta que tinha perto de S. Germain, não muito distante do bosque, e pertissimo das frescas e virentes margens do Sena.

(Continúa.)

POESIA.

Era pobre... inda bem.

—Elysa, se eu fôra rico,
Tão rico,
Que por essa linda mão,
Tão linda,
Te désse riqueza infinda,
Que me dirias então?
—Que não.

—E se fôsse um grande, um nobre,
Tão nobre,
Que por essa linda mão,
Tão linda,
Te désse nobreza infinda,
Que me dirias então?
—Que não.

—E se, em vez de lyra, espada
Fallada,
Eu trouxesse, e por tua mão,
Tão linda,
Te désse uma glória infinda,
Que me dirias então?
—Que não.

—Se rico, nobre e soldado,
C'roado
Fôsse rei, e por tua mão,
Tão linda,
Désse a c'rôa, e terra infinda,
Que me dirias então?
—Que não.

—Ai! que esp'ranças, sendo eu pobre,
Tão pobre,
Só rico d'alma!... se emfim,
Tão linda
Mão pedisse.... inveja infinda!
Que me dirias a mim?
—Que sim.

J. DE LEMOS.

REVISTA DA SEMANA.

PROLOGO QUE SERVE POR UM ANNO
COMO QUALQUER ARRENDAMENTO.

CRITICAR é, em verdade, cousa desagradavel e ardua.

Desde que a historia abandonou o claustro, e o desembargo do paço, para trajar a opa secular, ou leiga, difficultou o accesso—tornou-se importuna. Quem tinha a felicidade de possuir um cachaço cisterciense, como Fr. Bernardo de Brito, e escrevia historias a trouxe-mouxe, entre os fumos dos sapidos vinhos, e das orelhas de porco dos coutos de Alcobaça, sujeitava-se á difficuldade da publicação, pelas censuras officiaes; mas transposta a fronteira odiosa do santo-officio, do ordinario, e do reverendo padre mestre, que ajuisava, por parte do paço, da orthodoxia monarchica do auctor, tudo eram deleites para o auctor, desde o epigramma latino do grammatico arrevesado, até o insulso bocejo do monastico leitor. O livro pavoneava-se senhoril, sem offender susceptibilidades, nem irritar biliosas compleições. Era um tempo dourado aquelle, em que o historiador estacava inebriado diante de uma genealogia flamenga, ante os leões rompentes de um escudete quarteado, ou em face de um velho e refalsado chronicon, que sacrificava mais cem ou duzentos mouros ao vaidoso numen da glória nacional.

Outras eras, outros costumes.

Hoje a historia morreu. O folhetim é tudo.

O tempo dos mouros já lá vae. Os que ficaram pelo podêr da reproducção, e se divertem ainda hoje em assolar a patria dos Affonsos e da laranja azeda, pertencem direitamente ao folhetim.

O folhetim é, porém, um martyrio—honroso sim, mas sempre martyrio. Os fructos que se colhem desta sementeira safara são pela maior parte os despeitos, as iras, as invejas, e até por vezes a deserção inqualificavel dos assignantes! *Proh! Pudor!*

Porque ser folhetinista, *revisteiro* (em que pese a grammaticões puritanos, e a classicos apolvilhados), não é um beneficio pingue;—é um officio trabalhado de durezas e de contradicções. O folhetinista não conta—não se intrincheira n'uma narrativa esteril, como a da *Revista Universal*. O seu mester não é de delator. Quanto a nós nada contâmos haver pela verba da policia secreta.

Ora vá lá dizer que uma senhora casou com um cavalheiro. Isto é simples, mas semsabor; innocente, mas soberanamente estupido. Porque os leitores sabem que o casamento (a quem um joven dramaturgo, e folhetinista leviano, alcunhou hereticamente de *augusto mysterio* da religião) só se effectua entre os sexos differentes, a não ser que transplantemos (como o fez já o citado escriptor) o genero neutro dos dominios grammaticaes para a anthropologia. Nada mais facil do que passar *revista de roupa* ás notabilidades de um sarau. Tal senhora tem olhos arabes, tal outra é uma cópia de Raphael; outra tem os sobrolhos em graciosas *parabolas;* ELLA tem camafeus; ESTA topasios, AQUELLA diamantes. Estas rendas são primorosas, e descendem de umas que possuiu Catharina de Medicis, ou Maria Thereza; aquelle toucado é seductor (se a dona o não é); tudo isto é simples como a analyse de um joalheiro, como a synthese de um adélo; o que quer dizer, material e prosaico como a sordida avaliação do judeu de tamaras. Mas isto define o mundo? Insculpe uma sociedade? desenha os ridiculos de uma epocha? Ora o folhetinista não é joalheiro, nem adélo—repelle de si a imputação de agiota, porque o folhetinista é, no ideal da perfeição suprema, uma *banca-róta pensante*. Logo não é aquelle o caminho. Se o fôra pediriamos ao parlamento uma lei de accumulação de cargos, que inaugurasse um monopolio proveitoso. O folhetim seria o appendiculo das contas de *restaurant*, o livro rabiscado de qualquer empenhador de joias, o additamento das listas da Misericordia, vociferadas cada semana pelos distribuidores em *retraite*.

Quem não tiver os nervos perennemente agitados por correntes electro-magneticas; quem não acordar hypocondriaco e misanthropo; quem podér estar no *Gymnasio* tres segundos, imprensado por celluloso merceeiro, e por adyposo mercador; quem ouvir um tolo sem se rir; ler o *Baratissimo* sem roncar; quem acreditar no credito público, na *Liga*, nos bancos ruraes, no orçamento, nas explicações parlamentares, na sciencia da academia, na virtude de theatro, na California, e na eloquencia de pharmaceutico, reunirá todos os dotes para viver neste bemaventurado globo, onde, segundo a phrase de um poeta, que era tambem academico

Les sots depuis Adam sont en majorité.

Folhetinista, isso asseverâmos-lhe nós que não será. Porque o folhetinista é o reverso do orador de Quintilianno—*Vir malus scribendi peritus*.

Mas o que será um folhetim, que tanta bulha desperta por esse mundo? Ha folhetim desde o chiste problematico do *Interesse Público*, até aos *cahoticos* periodos do *Braz Tisana*. Ha folhetim desde a analyse rançosa do sebento melodrama, até á avaliação *ex cathedra*

do mais rachitico opusculo. Ha folhetim desde a narrativa cortesã de um baile *masqué*, até á ironia picante e acerba das miserias da vida. Ha folhetim desde a torrinha aerea, onde se perdem as cabeças vaporosas da burguezia, até á frisa alcatifada, telonio seductor das ELLAS e AQUELLAS. Ha folhetim desde a *phoca* até o baile do sr. marquez de Vianna; desde a Bussola, até ao barão de Catania; desde o livido e morbido *Zacuto*, até os fulvos torrões da California.

O que é, pois, o folhetim?

O folhetim é o reverso da arte. O seu cunho é variavel, porque se adapta aos tempos em que vive. Mas não se pense que a individualidade lhe fallece, por adoptar as metamorphoses anarchicas de Protheu litterario. Os folhetins são a representação ideal do seculo; são as rhapsodias da grande epopea moderna, desta illiada desorada, em que se desenrola a actualidade. Não nas cantam cegos pelas ruas, como nos dias do fabuloso Homero, porque o mendigo perdeu a qualidade poetica e ideal, depois que os Degerandos, e os *bills* dos pobres lhe sellaram na fronte o stygma de um animal administrativo.

Todas as edades se reflectem n'uma imagem dupla, que lhes propaga ao longe as feições e os contornos — a historia e a litteratura. Todas vem modelar-se — materialmente no monumento; idealmente, nas letras populares. As glórias hellenicas tem Homero, conforme aos seguidores da orthodoxia classica, ou os rhapsodes, segundo as insinuações do scepticismo litterario. As palmas nascentes de Roma, tem o seu *horrendum carmen*, os cantos dos salios, e, como diz o implacavel Niebuhr (folhetinista posthumo de Roma), todas as tradições poeticas, que avultaram debaixo do pincel de Tito-Livio. A edade media tem os trovadores, os jograes, e os bóbos dos paços, especie de Hamlets do folhetim militante. A Scandinavia cita Odin, e os scaldas. A Escocia tem o tormentoso Ossian, ou, segundo o critico Johnson, o seu representante visivel na pessoa de Macpherson. A imprensa matou as epopeas. Camões e o Tasso foram os ultimos interpretes de Calliope. O seculo não consente feitos homericos. A viagem mais trabalhosa e desasteada não chega para uma *odysséa*. Austrelitz, e Marengo, Friedland, Iéna, poderam a custo achar apropriadas rimas nos versos de uma ode a Napoleão. A tomada de Constantina deu apenas uma dança equestre. O naufragio de Medusa creou um detestavel drama. Buonaparte deu a columna Vendôme, os bustos de gesso, e uma peça de Alexandre Dumas. Porém a *Pedreida* não achou imitadores. Tal era o scepticismo litterario. Uma epopea do seculo presente era uma California inexgotavel de ridiculo.

Gioberti disse com espirito e com clareza (o que raras vezes lhe acontece), fallando de Manzoni, que o romance é para nós o que foi o poema epico para as edades passadas. O romance floresceu — não por ser a expressão genuina do seculo — mas porque era uma concordata que conciliava os espiritos dissidentes. Por isso o seu imperio decáe visivelmente. Para arrancar a armadura magica dos protagonistas heroicos era preciso contraí-los á craveira do romance. Para descer do maravilhoso havia de rastejar-se pelo improvavel. Os heroes foram perdendo rapidamente as proporções cyclopicas para se humilharem na generalidade da especie. A chlamyda esboracou-se com o tempo — trocou-se pelo manto do cavalleiro — para ser a final substituido pelo fraque de passeio do janota. Os Agamemnons, Nestores, Ullysses e Priamos, tornaram-se impossiveis, desde que o segredo da purpura de Tyro se perdeu sepultado nas ruinas da antiguidade. Inventou-se o chloro para branquear os tecidos modernos. Achilles foi Ivanhoé até que se identificou com o principe Rodolpho.

É que o romance é para as letras o que é o equilibrio das monarchias representativas para a sociedade, uma phase passageira, uma preparação para o folhetim. As letras avançam constantemente sôbre a civilisação politica. Quando o ponteiro das primeiras marcava já a hora da democracia, a segunda estanceava ainda nos paços da realeza. Hoje as letras attingiram o socialismo. A politica talvez lá conclúa tambem; não se arreceiem da predicção, nem nos alcunhem de herege, ou de protestante, porque o millenario está ainda longe; as phalanges de Gog e de Magog repousam ainda inertes nos arraiaes da última batalha.

Ora o socialismo nas letras é o folhetim. O pendão vermelho hasteou-se no pavimento terreo do jornalismo, e não fez, como disse Lamartine, a volta do *Campo de Marte*; divaga triumphante pela Europa inteira — pelo mundo todo.

Será, porém, o folhetim a última fórmula da arte popular? A quem no-lo perguntar diremos tambem: — «Será a democracia a última phase da civilisação?» — Não sabemos, porque a perfectibilidade nos traz n'uma contínua dubitação; e a rotação monotona de Vico, não a temos por dogma seguro e infallivel. Afora estas objecções, sustentariamos provisoriamente, que o folhetim é eterno, infinito, immutavel — existe em tudo, e por toda a parte. Perdoe-se-nos o pantheismo.

O *egotismo* é um dos sestros damnados do *revisteiro*. Um conhecemos nós, que se desenha physicamente a cada momento, sem augmentar com isso a sua incontestavel popularidade. É verdade que o rotulo de Delphos dizia — *Nosce te ipsum* — sentença parva e impraticavel, que valêra a immortalidade a um dos famosos sabios da Grecia. Mas a que vem a nossa humillissima pessoa? Que tem o público com o folhetinista? Farei como aquelle pintor que no sacrificio de Iphigenia velou a augusta cabeça do *rei dos reis* (na phrase de Homero) por não saber expressão ou colorido appropriado á dôr suprema do chefe dos gregos.

As impressões influem poderosamente na *enervação*, como o provou um physiologista moderno; os nervos encaminham o caracter; o caracter manifesta-se exteriormente. Não será fóra de proposito indagar o influxo da topographia da minha habitação sôbre o estylo do meu folhetim. Moro defronte de um chafariz; o que me proporciona a commodidade de viajar na Gallisa, sem mais esforço que Xavier de Maistre. Á direita ha um mosteiro, onde ás vezes imagino ver em cada manto branco, que se desenha através das triplices grades, uma Nova Heloïsa (sem ser a de Rossuau), ou uma reminiscencia um pouco remota de Santa Thereza de Jesus. Ha proxima uma taberna, que reune ás libações perpétuas do mais puro *cartaxo* as mais euphonicas modulações de gaita de folle, o que me faz recordar a cada momento a Escocia, e por consequencia o Macbeth, o mestre Vicente, a Bussola, e o chorrilho magico, que conduz as cantoras da opera. A poucos passos um funileiro diverte-se todo o dia a martelar n'uma

cafeteira, a cuja feitura o julgo condemnado eternamente, pelo codigo penal que condemnou Ixion, e as danaides. E para coroar este grupo phantastico, ornado de várias e exquisitas *visualidades*, como diria mestre Epiphanio, ouço sem repouso os guinchos desapiedados de uma *philarmonica primitiva*, antediluviana, eximia successora e herdeira da orchestra do Salitre. Já vêdes, que afóra a condição de ser eu supinamente ignorante em cousas musicaes, o meu frenezi (porque deveis suppor, que não sou insensivel a scenas tão lugubres) foi propheticamente symbolisado naquelle espirituoso quadro de Hogarth — *O musico enraivecido*. —

Com estes predicados, com um *spleen ultra-byroniano*, e com as scenas ora parvas, ora insipidas, ora revoltantes, ora ridiculas de Lisboa a fervilharem-me na mente — com uma caixa de pennas de Joseph Gillot, um tinteiro de vidro, papel da benefica fábrica do Tojal, pouco dinheiro, mais implacavel para a rima que o proprio Chiabrera, mais sceptico para a poesia que o mesmo Lamotte, ou que um explicador de mathematica — eis-me precipitado na senda do crime.... Sim, caros leitores, perdão antecipado, perdão generoso para mim — porque o folhetim não se pune, porque é posterior á ordenação; sim, leitores, o folhetim é um crime, apezar do silencio de Bentham, E não penseis que nos absolve — a nós folhetinistas depravados — a letra do Decalogo; porque deveis saber que os mandamentos em que somos fulminados, são principalmente o 5.° *Não furtarás*; — e o 9.° *Não desejarás a mulher do teu proximo*.

ELLE.

O Esculapio.

Por elle os ais derradeiros
Em milhões de tectos voam;
Por elle folgam herdeiros;
E em mil ermos adros soam
As enxadas dos coveiros.
(Nicolau Tolentino.)

QUANTOS mortos, doutor? Todos!... mas a sciencia ganhou. De experiencia, em experiencia, vão-se as vidas sumindo; mas que importa? O doutor faz versos, e depois d'enterrar os enfermos póde muito bem compôr os epitaphios. Grande cousa é ser poeta! Inventa a gente uma lenda popular, atira com ella á cara do primeiro folhetinista que se atreve a tocar na *arca santa* do *Esculapio*; faz odes a ministros, a nobres, a ricos; glosa, compõe, traduz; e entre duas odes pindaricas escreve uma receita esdruxula, e um novo methodo para curar, quero dizer, para matar os cholericos!

O *Esculapio* é o mais feliz de todos os periodicos, que se publicam neste paiz! É pena que, na apparencia, se confunda um pouco com o *Gratis*, porque realmente é muito superior na redacção. Só a graça, o chiste, o espirito, como se diz hoje, do seu *gordo* folhetim! Com que delicadeza trata os collegas da imprensa! Como é bella aquella allusão a um collega da profissão, que o doutor deseja queimar em estatua, por muitas razões que não diremos, mesmo porque quasi toda a gente as conhece! Incontestavelmente o folhetim do *Esculapio* é digno de figurar em casa de todos os barbeiros e cortadores de Portugal.

Apezar d'isto não demoraremos por mais tempo, sôbre este interessante e *variado* periodico, a attenção dos leitores. Um contracto, que acabâmos de fazer com o desenhador das caricaturas, obriga-nos a ceder-lhe o direito de analysar o *Esculapio*. Em breve a critica será pittoresca, o que deve ter por certo muito mais graça.

Fr. Gerundio.

CURIOSIDADES.

O Cholera morbo.

ESTA causa (do cholera) percorre diversos e longos trajectos no globo; ou vem em correntes livres pela atmosphera que o involve (ventos, correntes electricas, magneticas, etc.); ou obedece a fôrças particulares movidas pela superficie de globo (viagens terrestres, ou maritimas); ou vem pelo amago do globo (correntes, fôrças telluricas.) *(O Esculapio.)*

Instrucção para os soldados na marcha.

RECOMMENDAR-SE-HA ao soldado, que nas subidas, ou quando tiverem de accelerar a cadencia devem levar a bôcca fechada; pois a maneira de cançarem menos é tomando a respiração só pelo nariz.

BIBLIOGRAPHIA.

Revista Militar.

PUBLICARAM-SE os n.os 1 e 2. — Está reimpresso o n.° 1.

Illustração Hespanhola.

PUBLICOU-SE em Madrid o 1.° número d'este periodico. Assigna-se na loja do sr. Lavado, no escriptorio da *Revista Popular*, e em casa dos correspondentes: — Por anno — 2$400; semestre — 1$600; trimestre — 800 réis.

CONHECIMENTOS UTEIS.

O Chloroformio empregado como motôr.

DE uma nota escripta por M. Eugène Karr, engenheiro civil, extrahimos o seguinte:

« No domingo 10 de novembro assistimos a uma experiencia de grande interesse nas officinas de M. Charles Beslay, constructor de machinas, e representante do povo.

« A experiencia foi feita pelo auctor do processo, M. Lafont, official de marinha, na presença das summidades industriaes de París, de engenheiros, de fabricantes, e de muitos representantes do povo.

« A applicação do chloroformio como motôr é uma descoberta séria, cujos resultados annunciam uma economia muito notavel de combustivel. É para a França, e para todos os paizes do mundo, a mais importante economia a fazer no interesse da industria.

« Foi feita a experiencia com uma machina de dois cylindros. O vapor d'agua produzido na caldeira está em communicação com um só dos cylindros — os tubos do apparelho proprio para o chloroformio reunem-se em um só que estabelece communicação directa com o segundo cylindro. O vapor, que sae do primeiro cylindro, depois de ter produzido o effeito util, passa para dentro do apparelho de chloroformio, e envolve os tubos em que este corpo se acha. Verificam-se então dois factos notaveis. O chloroformio rouba o calorico do vapor, e vaporisa-se; e a agua, em vapores, resfria. e condensa-se rapidamente. Reduzido a vapor, o chloroformio entra no segundo cylindro, e determina o movimento do embolo — de sorte que vem a servir de motor, depois de ter sido o agente da condensação.

« A descoberta de M. Lafont póde produzir, ao menos, uma economia de 30 por cento no combustivel. »

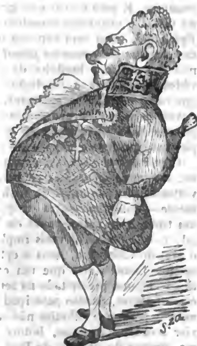
OS SETE PECCADOS MORTAES.



AVAREZA.



INVEJA.



SÓBERBA.



LUXURIA.



IRA.



PERGUIÇA.



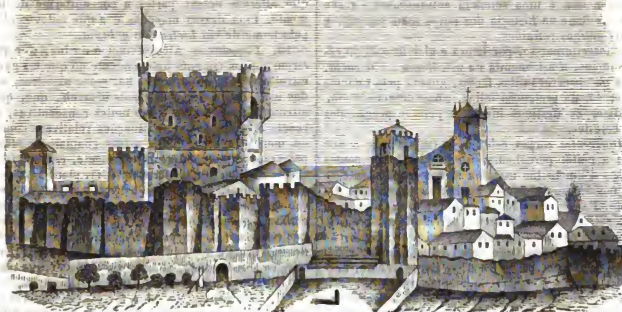
GULA.

REVISTA POPULAR.

Anno — 960. **Semestre — 480.** **Avulso — 20 réis.**

Assigna-se em Lisboa na loja do sr. Lavado e no escriptorio d'este jornal, rua de S. Bento, n.º 114.

☞ **PAGA ADIANTADA.**



BRAGANÇA.

Bragança, uma das mais antigas cidades do reino, porque se diz fundada em 1906, antes de Christo, por Brigo, rei d'Hespanha, é povoação bem situada em uma planicie alegre e espaçosa, junto do pequeno rio Fervença, e a legua e meia, pouco mais ou menos, da raia da Galliza. Na dominação romana foi cidade muito importante, e considerada pelo imperador Augusto com o titulo de *Juliobriga*. Em tempo dos godos e dos reis de Leão foi governada por senhores com o titulo de condes. Passou depois a ser senhorio do mosteiro de S. Salvador de Castro d'Avellãs, que já existia em 667. Recebeu o seu primeiro foral do rei D. Sancho I, em 1187. A antiguidade de mais vulto, que se conserva em Bragança, é a cidadella e o castello. A torre, provavelmente a de menagem, é obra notavel, de bôa, valente, e elegante construcção. A D. Diniz se attribue a idéa da sua fábrica, mas é indubitavel que foi reedificada, em grande parte, por D. João I, cujas armas se observam no castello. Ha neste uma pequena cisterna, duas salas subterraneas de abobada, e outras duas por fóra com alguma agua. A pequena distancia encontra-se um poço, com degráus até ao fundo, a que chamam de elrei. Seguem-se umas casas acastelladas que hoje caem em ruinas, pertencentes aos duques de Bragança; nestas casas viveram seculos os alcaides-móras do appellido de Figueiredo Moraes Sarmento, da caes de Avufe, da antiquissima familia dos condes d'Ervedoza.

A um lado está o pelourinho, e a grande e formosa egreja de Santa Maria, freguezia e collegiada. Contigua á sacristia d'este templo ha uma sala, obra romana em que a municipalidade celebra as suas sessões; inferiormente observa-se uma pequena cisterna, abundante sempre de muito bôa agua.

Para o lado do nascente, vêem-se o excellente e vasto quartel do batalhão de caçadores n.º 3, mandado levantar, como muitas outras obras de pública utilidade, pelo general Sepulveda, que por largos annos governou a provincia.

Bragança modernamente adquiriu uma funesta celebridade, nas nossas contendas civís, pela capitulação do general Valdez, hoje conde de Bomfim, em 1826.

Foi justamente celebrada pela industria e perfeição das suas manufacturas; houve tempo em que trabalharam em Bragança 300 teares, de setim, sarjas, nobrezas, tafetás e lenços; e ainda em 1827 funccionavam 60, que empregavam 60 officiaes, 48 aprendizes e 240 mulheres; consumindo annualmente 8,400 libras de seda.

Bragança é ainda capital de um governo civil; porém só a paz, e uma administração, que olhe devéras pelas nossas cousas, podem restituir-lhe a perdida prosperidade e importancia.

INSTRUCCÇÃO POPULAR.

Curso d'introducção á Historia Natural dos Tres Reinos.

8. *Astronomia.* — A sciencia que se refere á grande divisão dos *corpos celestes* é a *astronomia*.

A astronomia estuda os corpos celestes em quanto ás suas grandezas, distancias, movimentos e constituição, etc., como se deprehende da propria palavra, que pelas raizes gregas significa litteralmente *lei dos astros*.

A astronomia é uma sciencia antiquissima; a sua origem perde-se na historia dos povos mais antigos, e das mais antigas religiões.

Deve descriminar-se, por honra e glorificação do espirito humano, a astronomia da astrologia; a *sciencia*, fundada na observação dos factos, guiada pelo raciocinio rigoroso, da pretenção fallaz, e hoje desacreditada, de predizer os destinos humanos pela inspecção dos corpos celestes.

9. *Differentes corpos celestes.* — Observando o céu durante a noite, percebemos uma multidão de pontos luminosos d'um brilho mais ou menos resplendente, e que se nos affiguram fixos á abobada apparente do firmamento. Esses pontos são as estrellas, que vemos mudar successivamente de situação, parecendo moverem-se n'um circulo perpétuo do oriente para o occidente. Ás vezes um outro corpo, que se desenha no céu, como um disco brilhante, ou na fórma d'um crescente, destaca-se d'entre a multidão dos corpos que o circumdam. É a *lua*. De dia a luz vivissima do *sol* occultanos, geralmente, os outros corpos que povoâm o espaço.

As estrellas, a lua, o sol — eis os corpos que a observação quotidiana nos apresenta como distinctos.

10. *Astros.* — Todos estes corpos se designam pelo nome commum de *astros*. É este o termo geralmente usado pelos *astronomos*, posto que para alguns a palavra *estrella* tenha uma identica significação.

11. *Estrellas fixas.* — Quando observâmos os astros caminhando por um movimento commum em tôrno da terra, do oriente para o occidente, notâmos que parte delles conserva constantemente as mesmas distancias reciprocas. A estes damos o nome de *estrellas fixas*.

Nas noites serenas, quando as estrellas brilham em toda a intensidade do seu esplendor, parece-nos que o seu número é infinito, e sería o conta-las um empenho temerario e infructifero. E comtudo este número é limitado. O emprégo, porém, dos instrumentos destinados a auxiliar a vista — dos telescopios — augmenta consideravelmente a quantidade das estrellas visiveis, e os aperfeiçoamentos successivos que se introduzirem naquelles preciosos meios de observação, alargarão cada vez mais, para nós, o dominio das regiões estrelladas.

12. *Constellações.* — Para podér achar com facilidade cada uma das estrellas fixas entre a multidão immensa das que brilham em redor, recorreram os astronomos a um meio frequente e indispensavel, usado na sciencia para facilitar o estudo: este meio é a *classificação*. Dividiram-se, pois, as estrellas em muitos grupos, ou *constellações*, cada uma dellas designada pelo nome do objecto a que mais, posto que imperfeitamente, se assimilhava. Ha 100 constellações, e entre os seus nomes os d'alguns animaes, de personagens mythologicas, e de objectos creados pelos homens.

13. *Grandezas das estrellas.* — Classificam-se ainda as estrellas por grandezas, segundo o seu esplendor. Assim temos estrellas da 1.ª grandeza, 2.ª, 3.ª, etc. A mais bella e mais geralmente conhecida de todas as de 1.ª grandeza é *Sirius*.

14. *Via lactea.* — As estrellas não estão uniformemente distribuidas pelo firmamento. N'algumas regiões do céu acham-se mui affastadas entre si; n'outras parecem accumuladas em grande número, n'um espaço menor. Ás vezes a sua proximidade reciproca é tal, que desenham no céu manchas esbranquiçadas, que alteram nessas partes a côr uniforme do firmamento. Uma dessas manchas é a que todos conhecem pelo nome de *via lactea*, ou *galaxia*.

15. *Planetas.* — Além do sol e da lua, que parece terem um movimento independente do que faz gyrar as estrellas em tôrno da terra, ha, entre os astros, alguns dos mais brilhantes e dos mais notaveis, que, quando attentamente observados em noites consecutivas, apparecem mudando as suas situações relativas, com mais ou menos rapidez. Estes astros chamam-se *planetas*, palavra que quer dizer, litteralmente, *errantes*.

16. *Natureza dos planetas.* — Os planetas são todos globos *opacos*, assim como a terra e a lua. A observação das *phases*, similhantes ás que se observam na lua, confirma-nos na opinião de não serem elles *luminosos por si mesmos*, e de receberem a luz com que brilham de um grande fóco luminoso — o sol. A sua fórma é sempre arredondada, ou spheroidal, posto que não seja a d'uma esphera perfeita.

17. *Movimentos dos planetas.* — Os planetas caminham no espaço animados de dois movimentos differentes. Por um d'estes movimentos excitam uma *revolução* ao redor d'um outro astro, que lhes serve de centro. No outro giram em tôrno d'um eixo, que se imagina no interior delles.

O primeiro chama-se movimento de *translação*, e effectua-se do *oriente* ou *leste*, para o *occidente* ou *oeste*. O segundo diz-se *movimento de rotação*, e tem logar no sentido contrário.

18. *Orbitas dos planetas.* — Movendo-se ao redor do astro, que lhes serve de centro, os planetas descrevem no seu movimento de translação linhas curvas fechadas. Estas linhas dizem-se *orbitas*. Não são verdadeiros circulos, como outr'ora se suppunha, mas curvas, que os geometras designaram pelo nome de *ellipses*.

19. *Planetas primarios e secundarios.* — Os planetas que effectuam a sua revolução em tôrno do sol, chamam-se *planetas primarios*; os que se movem ao redor d'um outro, que não seja o sol, dizem-se *planetas secundarios*, ou *satellites*, ou tambem *luas*.

20. *Planetas conhecidos.* — Entre os planetas actualmente conhecidos distinguem-se: *Venus* (que se chama tambem *estrella d'alva*), *Marte*, *Jupiter* e *Saturno*, que são extremamente brilhantes; *Mercurio* ainda visivel a ôlho nu. *Urano*, descoberto em 1781 pelo astronomo britannico, sir William Herschell, é invisivel sem o auxilio dos telescopios. Além d'estes devemos ainda enumerar — o planeta *Ceres*, descoberto por Piazzi em 1801; *Pallas*, cujo descobrimento foi devido a Holbers em 1802; *Juno*, descoberto por Harding em 1807; e *Vesta*, que pela primeira vez se reconheceu em 1807.

A astronomia conta ainda entre os planetas — *Neptuno*, descoberto em 1846 por M. Galle, de Berlim, segundo os calculos do astronomo francez mr. Leverrier, por cujo nome o planeta é conhecido em França; *Astréa*, *Hebe*, *Iris*, *Flora* e *Metis*, descobertos por M. Graham em 28 d'abril de 1848.

Todos os que havemos enumerado, exceptuados os primeiros cinco, são invisiveis ao ólho desarmado.

(Continúa.)

Ensino das linguas

PELO SENHOR

MARCOS DALHUNTY.

O METHODO do ensino não é cousa indifferente. O que se aprende, com difficuldade, em annos, póde talvez aprender-se facilmente em mezes. Convem, pois, estudar os methodos, compara-los, e escolher o melhor delles para o ensino nas escholas.

Ao methodo, que tenho imaginado, poderia dar largo desenvolvimento. Julguei mais conveniente apresenta-lo em poucas palavras, e submettê-lo assim ao exame dos que sabem mais. Tenho fé no systema, e creio que poderei, na prática, realisar as vantagens, que imagino.

Divido em dois annos o curso da lingua. No primeiro pretendo dar ao alumno um conhecimento geral da lingua, de modo que, abandonado a si mesmo, sendo intelligente, com alguma applicação a possa ficar possuindo, senão perfeita, ao menos satisfactoriamente. No segundo, verdadeiramente prático, quero inicia-lo nas difficuldades, que só pelo uso se descobrem mais tarde.

PRIMEIRO ANNO.

Servirão de habilitações para o primeiro anno os principios de grammatica geral. O discipulo não vem aqui aprender o que é substantivo ou adjectivo, etc. mas conhecer que fórma tomam estas especies no idioma francez, inglez, etc.

O methodo do ensino, não *o* que eu dê a preferencia, porque outro não sería egualmente bom; mas o unico para adquirir conhecimentos, para aprender, é o analytico — e tal é o que pretendo applicar. Neste caminho porei o alumno; irá passando do conhecido para o desconhecido. Possue uma linguagem propria que conhece, quer passar para a que ignora; é necessario que o mestre o guie como a natureza mesma já antes o guiou, ensinando-lhe a que falla; é necessario fazer-lhe notar o caminho em que então não reparou, porque tinha pouca edade. A isto se reduz a applicação d'esse methodo tão facil quanto efficaz.

Para formar idéa de uma quantidade compara-se com a unidade. Unidade é sempre a cousa que conhecemos, similhante ás que estudâmos. É unidade um peso conhecido quando pretendemos averiguar o pêso de um corpo; é unidade um quadrado de determinada grandeza, quando queremos medir a sua superficie; etc. Será unidade de figura o triangulo, quando digo que certo campo é triangular.

A unidade do nosso alumno, na materia de que tratâmos, é a sua propria linguagem. A que vae aprender é um corpo, cujo esqueleto se acha descripto na grammatica geral; é uma estructura que já conhece um tanto. Para estudar as fórmas particulares d'esse corpo não tem mais que compara-las, uma a uma, com as que lhe são conhecidas no corpo unico que tem para servir-lhe de unidade. O seu estudo é uma anatomia comparada.

Na aula deve pois desseccar, por assim dizer, o idioma; todos os alumnos devem presencear attentamente as opperações, para podêr executa-las depois sem guia, porque é por meio dellas que conhecerão um dia onde está a causa dos achaques de qualquer proposição, no que diz respeito a grammatica. O mestre não podendo ser inseparavel de tantos discipulos, é mister que estes aprendam a lingua pelos livros, que são na verdade mestres de quem se póde sempre gosar a companhia. Ensine portanto o mestre vivo a usar do mestre morto. Tragam os discipulos um diccionario e um livro de prosa, em cada lingua, que bom é seja adaptado á sua edade. O primeiro d'estes livros é um mestre a quem o menino pergunta a todo o momento o nome de tudo; o outro é um mestre que falla; nos seus discursos encontram-se dispostas, na ordem mais correcta, as palavras da lingua; no primeiro acham-se em ordem as materias; no segundo está formado o edificio. Neste acham-se as pedras collocadas, segundo o plano do architecto; estão as palavras dispostas em relação ao pensamento; naquelle arrumaram-se as pedras conforme o lado porque acertavam; as palavras encontram-se de frente, pelas iniciaes, em ordem conhecida, bem como os azulejos que coincidem perfeitamente pelo lado pintado, ou apparente. Estes dois livros bastam para começar o primeiro anno; a grammatica especial estudar-se-ha sem compendio; a parte della que houver de se entregar á memoria, por ser puramente da sua alçada, será transmitida em folhas.

(Continúa.)

Arte typographica em Portugal.

I.

Reflexões preliminares. — O jornalismo litterario faz sentir a necessidade de aperfeiçoamentos na arte. — Causa primaria do atraso da typographia.

NÃO vamos escrever a historia da arte typographica — dessa descoberta admiravel, que distingue a nova das antigas civilisações. Para similhante trabalho a occasião era muito impropria; demandava grande cópia de conhecimentos, que não possuimos — e, quando os possuissemos, merecia ser acabado e tratado com uma extensão, que as dimensões actuaes desta publicação ainda não comportam. O nosso artigo reduz-se modestamente a algumas observações singelas sôbre o estado desta arte, entre nós, causas mais principaes do seu atrasamento, e meios que intendemos mais proprios para a elevar áquelle gráu de perfeição e esplendor a que tem chegado nas nações mais adiantadas.

Os nossos recursos typographicos eram sufficientissimos quando o nosso movimento litterario se reduzia ás edições de poucos escriptores privilegiados, ou aos volumosos compendios approvados pela mesa censoria. As novas idéas, porém, crearam novas necessidades — foi o jornalismo — essa fórma popular da litteratura contemporanea — esse poderoso agente de civilisação, que, der-

ramando os germens da instrucção até onde ella nunca chegára, desenvolvendo o gôsto da leitura entre todas as classes da sociedade, ainda as menos abastadas, fez sentir a necessidade urgente de crear meios que não tinhamos. Não é preciso muito esforço para provar este facto, porque é d'uma verdade de primeira intuição — a typographia em Portugal está hoje n'um estado muito superior áquelle em que estava ha quinze annos — e ao jornalismo litterario se deve grande parte d'este beneficio, e ainda a elle se deve a existencia, em Lisboa, de dois bem construidos prelos mechanicos — sendo um delles movido por vapor — e existe na imprensa nacional — indubitavelmente o primeiro estabelecimento d'este genero, que ha em Portugal — onde tem prestado optimo serviço a todos os respeitos.

Entretanto — é preciso confessa-lo ingenuamente — apezar dos esforços de alguns poucos amigos do paiz — apezar do jornalismo, cujo desenvolvimento é cada vez mais sensivel, a typographia não póde actualmente, nem na perfeição, nem na rapidez do trabalho, competir, não dizemos já com a França, nem com a Inglaterra, mas nem ainda com a nossa visinha, a Hespanha, que neste ramo tem feito espantosos progressos.

Não se diga que é isto falta de amor patrio — não é patriotismo occultar a verdade — e isto é uma verdade innegavel.

Muitas causas concorrem directa ou indirectamente para similhante atraso.

O nosso povo, em geral, ou não póde, ou não sabe ler, nem lhe fazem sentir a necessidade absoluta da instrucção. A instrucção é cousa muito insignificante para entrar nos calculos dos nossos *abalisados* estadistas.

Os consumidores dos productos typographicos, por consequencia, são ainda em pequeno número, e já se vê que, em taes circumstancias, a arte ha de sempre existir acanhada e menos perfeita, em quanto a instrucção popular não fôr organisada nas convenientes bases.

Esta é a causa geral do atrasamento relativo em que se acha a typographia em Portugal; ha outras de menos momento, e que não deixam de influir neste resultado, que enumeraremos quando tratarmos de algumas especialidades da typographia.

(Continúa.)

ROMANCE.

O homem põe e a mulher dispõe.

II.

Não se passava dia que Montevrain não se applaudisse do plano que concebêra.

Helena desenvolvia-se com uma rapidez maravilhosa; já aos quinze annos, em quanto ao physico, era muito mais do que promettêra: era a mais linda, a mais fresca, a mais engraçada, a mais esperta trigueirinha do mundo.

Helena tinha vivissimo olhar, bôcca semi-aberta sempre por um sorriso, gestos faceis, muito espirito, e umas maneiras muito agradaveis, com quanto algumas vezes parecessem repassadas de certa ironia; debaixo destas apparencias escondia um thesouro inexhaurivel de bondade e de ternura extraordinarias.

Possuia todos os talentos que fazem sobresair e multiplicam os encantos da mulher. Dançava; e o seu modo de dançar era elegante, mas simples e natural: pintava muito soffrivelmente, e não tinha presumpção de artista; cantava com gôsto, com sentimento, mas não inculcava querer passar por *uma virtuosa*.

E como as lições de Montevrain haviam aproveitado, no que respeita á parte séria da educação de uma mulher, seguia-se que Helena era uma menina verdadeiramente completa.

Montevrain amava-a, adorava-a, admirava-a; estava doido por ella.

E nem sequer uma nuvemzinha empanava o brilhantismo do céu que imaginava; porque já, mais de uma vez, disséra á sua pupilla:

— Helena, não lhe parece que vivemos como uns solitarios? Receio que lhe abhorreça este deserto; olhe, se quizer, eu o farei povoar immediatamente.

Helena respondia sempre:

— Se o meu bom amigo — tractava assim o encantado Montevrain — deseja convidar alguem para vir aqui, eu procurarei, fazendo as honras da casa, que não tenha que se envergonhar da sua discipula — que eu cá, por mim, confesso-o francamente, não desejo, nem peço a menor mudança nisto que o meu bom amigo chama o nosso deserto.

— Será possivel! pois a menina considera-se feliz neste isolamento, recebendo apenas, de oito em oito dias, a visita de Agostinho?

— Muito feliz.

Montevrain, aqui para nós, repetia a mesma pergunta de tempos a tempos, só para ter a satisfação de ouvir a resposta.

Digâmos agora uma palavra a respeito do tal Agostinho, que vinha todos os domingos fazer uma visita áquella casa.

Agostinho era irmão de Montevrain; tinha dezenove annos; era um moço muito galante — claro de neve — dois grandes olhos azues — e um pequeno bigode preto. Como estudava direito, passava regularmente os seis dias da semana em París, e o setimo vinha gosa-lo a S. Germano.

Mas — forte cousa! — todas, quasi todas as semanas havia questão entre elle e Helena — e quasi sempre com um pretexto bem frivolo; umas vezes era o Agostinho, mas ordinariamente era a Helena que as provocava; começavam vulgarmente por alguma brincadeira, depois seguia-se um rapido chuveiro de ditinhos picantes, e acabavam por um amuo que durava o resto do dia até ao momento da despedida. Então faziam-se as pazes, e ficavam sendo bons amigos, com o direito salvo, porém, de, no domingo proximo, aproveitar o primeiro ensejo continuar novamente as hostilidades.

Daqui seguia-se que Helena julgava que não era amada de seu primo; e que Agostinho cuidava ser um objecto de aversão para sua prima.

Montevrain, que presumia de ter um conhecimento profundo do coração humano, julgava que uma mutua antipathia era a explicação daquella guerrasinha incessante.

Escolheremos duas anecdotas, entre mil, para habilitarmos o leitor a decidir neste caso.

Um dia chegou Agostinho duas horas mais cedo do que o costume, e surprehendeu sua prima a bordar uma charuteira no mirante do jardim. Helena, quando viu seu primo, soltou um grito, córou, e escondeu logo a obra que estava fazendo.

Agostinho ficou atarantado:

— Metti-lhe medo, minha prima.

— Não admirava — nada — cair assim das nuvens!

— Já vejo que tive a desgraça de a encommodar...

— E muito; não o nego.

— No domingo ralhou a prima comigo porque não a cumprimentei em primeiro logar.

— É verdade; estava na sala, quando o primo chegou — não admira que estranhasse a sua falta de delicadeza.

— Juro-lhe, minha prima, que não a tinha visto, se estava escondida com as cortinas da janella!...

— Pois sim! mas isso não era razão sufficiente para vir hoje mais cedo, e até atrever-se a perseguir-me quando quero estar só.

— Mas, minha prima...

— Não ha aqui mas, nem meio mas — eu que vim para este mirante com o meu bordado é porque desejo estar só — creio que qualquer perceberia isto!

— Perdôe a minha indescrição; já me retiro.

Helena não fez um movimento, não deu uma palavra para demorar seu primo, que saía descontente e afflicto; pelo contrário — pareceu ficar muito alegre com a sua retirada; pegou outra vez no bordado, e continuou a trabalhar com a maior diligencia.

Accrescentaremos, porém, em abôno da verdade, que no fim do jantar reparou Helena nobremente a sua falta; recordou-se, de repente, que naquelle dia fazia Agostinho annos, e com o modo mais engraçado do mundo, lhe offereceu aquella mesma charuteira que fôra pretexto da questão daquelle dia.

Outra vez, Agostinho desejoso de provar-lhe a sua ligeireza, apostou que saltaria uma larga valla. Mas quando ía a dar o pulo, embaraçando-se-lhe as pernas n'uns cardos, foi cair mesmo no meio da agua estagnada e coberta de limos. Helena fez-se pallida, e soltou um grito de anceada; mas, assim que viu o Agostinho levantar-se são e salvo, e subir para onde ella estava, com um elegante toucado de deos maritimo; passou subitamente de terror á alegria, e desatou a rir como uma perdida.

Agostinho, zangado do desar e da quéda, como lhe atacassem o amôr proprio, lançou em rosto a Helena a sua intempestiva hilaridade. Helena continuou a rir. Diz-lhe que tem máu coração; ri ainda mais. Desespera, gesticula, despede para todos os lados abundancia de agua, e folhas e limos; ri a mais não podèr. Furioso, retira-se arremedando grotesco final de melodrama; então Helena cae no chão, de suffocada pelo riso.

Ao jantar Helena póde conter-se a muito custo; mas Agostinho está amuado; amuado ficou até despedir-se de seu irmão e de sua prima; amuado contínúa no seguinte domingo; e amuado estaria ainda se um acaso bem calculado o não conduzisse junto da valla fatal, que, aos olhos de Helena, póde a final salvar gloriosamente. Desta vez viu-se ella obrigada a fazer justiça á agilidade de seu primo.

Montevrain, algumas vezes, encarregava-se de restabelecer a harmonia entre os dois questionadores; mas não se deve daqui concluir que o affligissem muito estas contínuas desintelligencia: — pelo contrário, haviam de vê-lo mais de uma vez, quando ficava só, depois de alguma destas scenas, sorrir-se surrateiramente, e esfregar as mãos com ar de muito satisfeito.

(Continúa.)

POESIA.

Uma Saudade.

As flôres? todas murcharam!
Só as saudades ficaram
Quereis uma saudade aqui?
São tristes as pobres flores!
Mas esta de rôxas côres
Retrata quanto eu soffri!

Seja, pois, uma saudade
Que no seio d'amizade
O meu nome vem depôr!
Uma saudade! Eu a sinto!
Dae-me fé, que nunca minto
Quando fallo d'uma flor!

Eu mentir! isso é tão feio,
Que julgo, senhora, e creio
Que não menti a ninguem;
Quando eu era inda innocente
«Meu filho! nunca se mente»
Me dizia minha mãe.

Esta saudade, coitada!
Eu bem sei — não vale nada!
Mas é bem do coração!
É muito pobre e singela,
Como a rosa não é bella!
Mas merece compaixão!

A. E. Zaluar.

Cursos de leituras no Gremio Litterario.

Fez-se emfim a installação dos cursos de leituras no Gremio. A sessão solemne esteve muito concorrida. Assistiram algumas senhoras e muitos convidados. Mais teriam ido, se a direcção tivesse avisado os socios por meio de bilhetes pessoaes. Os avisos, nos jornaes politicos, não são sufficientes.

Ouvimos recitar tres poesias ao sr. Castilho — *Os Jardins*, *A chacara da Senhora da Nazareth*, e o *Natal do Pobre*. O sr. Serpa Pimentel leu o *Caio Graccho*. O sr. Palmeirim leu o *Guerrilheiro*, e recitou as poesias — *O meu anjo*, *Napoleão*, e *Gomes Freire*. O sr. Casal Ribeiro recitou tambem a poesia — *Um voto;* e o sr. Palha — *A voz do cego*. O sr. Corvo leu o proverbio — *Nem tudo o que luz é ouro.*

Como era d'esperar, todas as producções tinham muito merecimento, e foram applaudidas com enthusiasmo.

Os cursos que devem abrir-se no Gremio são os seguintes:

NA PRIMEIRA EPOCHA

Curso das bellas artes, professado pelo sr. J. A. Corvo — todas as quartas-feiras, ás sete horas da noite.

Dito sôbre as machinas de vapor, pelo sr. José M. da Ponte Horta — nas quartas-feiras, ás nove horas da noite.

Dito de economia agricola, pelo sr. doutor A. J. de Figueiredo e Silva — nas segundas-feiras, ás sete horas e meia da noite.

Dito de chimica, applicada á agricultura, pelo sr. J. M. de Oliveira Pimentel — nas segundas-feiras, de quinze em quinze dias, ás nove horas da noite.

Dito de anatomia e physiologia populares em presença de um modêlo de anatomia plastica, pelo sr. doutor A. D. Guerreiro.

Dito sôbre a geologia theorica, pelo sr. J. M. Latino Coelho — nas terças-feiras, ás sete horas e meia da noite.

Dito de economia politica, pelo sr. L. d'Almeida e Albuquerque.

NA SEGUNDA EPOCHA

Curso de physiologia vegetal, pelo sr. doutor J. M. Grande.

Dito sôbre a Litteratura grega, pelo sr. A. J. Viale.

Dito de geometria descriptiva e suas principaes applicações, pelo sr. G. N. do Rego.

Dito de litteratura epistolar, pelo sr. A. da Silva Tullio.

Dito de astronomia popular, pelo sr. D. A. da Silva.

Ulteriormente serão annunciados os dias e horas dos cursos, a respeito dos quaes se não faz hoje essa indicação.

Monte-pio Geral.

Neste paiz em que o crédito é burla, mentira, traição, admira-se um estabelecimento em que os contractos se cumprem e respeitam, apezar de todas as crises. Costumados a ver emboscadas por toda a parte, pasmâmos quando a fortuna nos depara uma instituição digna da confiança e do apoio do público. Bancos, caixas economicas, companhias — mentira tudo! — deixaram-nos por tal modo incredulos, que temos medo de quantas cousas criam, tendo o *credito* por base. Tão desacreditado está, entre nós, até mesmo o *credito público!*

O Monte-pio Geral, felizmente, passou por todas as provas, e saiu puro de todas. Quando os estabelecimentos de outra ordem, creados lá fóra para bem da industria e do commercio, matavam aqui a sede d'alguem, com o sangue dos povos, e faziam genuflexões diante do podêr — a associação do Monte-pio Geral procurava sustentar honradamente o seu credito, e protegia com os seus poucos meios, porque era ainda nova, os que íam soccorrer-se a ella, pedindo auxilios. Quando a desconfiança lavrava por toda a parte; quando as notas, em milhares, corriam aos bancos, que não podiam troca-las; quando os depositarios íam em vão buscar ás caixas economicas o deposito sagrado, que alli tinham deixado; a caixa economica do Monte-Pio pagava pontualmente, e dava uma lição severa ás associações, que se tinham imprudentemente compromettido. As melhores instituições desacreditavam-se, e apezar de tudo o Monte-pio Geral e a sua caixa economica, sustentava-se, luctando com as difficuldades ordinarias, e com o obstaculo extraordinario de uma desconfiança geral e bem fundada!

O que hoje anda enredado e secreto, entre meia duzia de homens, algum dia ha de saber-se; e o credito restabelecer-se-ha então, porque o mal não veio das cousas, veio das pessoas.

A direcção do Monte-pio Geral apresentou em 10 de janeiro as suas contas á assembléa. É muito lisongeiro o estado em que se acha a associação. O seu fundo permanente, em 31 de dezembro de 1848, ficou sendo de 27:311$470. As pensões e mais encargos foram pagas todas pontualmente.

Se não estâmos condemnados a ter mais uma decepção, podêmos asseverar que esta associação utilissima é digna de toda a confiança, e do apoio sincero dos que desejam que o monte-pio e as caixas economicas, sejam emfim uma verdade em Portugal.

Panorama de Lisboa.

O sr. João Pedro Monteiro, de quem fallámos n'um dos números do 1.º volume d'este jornal, acaba de enriquecer a lythographia nacional com o seu magnifico trabalho — *Perspectiva de Lisboa, desde Santa Apolonia até á torre de Belem.* — É inimitavel a graça dos toques, a transparencia das meias tintas, o bello effeito e a bôa distribuição da luz, que sobresáem neste formoso panorama.

Finalmente esta excellente obra acredita e honra o artista que, á custa de tantas fadigas e despezas, a concluíu.

Recommendâmo-la aos nossos assignantes, porque é dignissima do maior apreço.

Póde-se ver na loja do sr. José Alexandre, ao Chiado, n.º 11.

Vende-se por 2$880 réis.

REVISTA DA SEMANA.

O revisteiro tem obrigação de ver tudo: — a sociedade desfila ora grave e melancholica, como os reis da velha Escocia ante o tetrico Macbeth; ora estouvada e ridicula como os cavallos da Poletti, diante das vistas azougadas do espectador do circo.

O revisteiro é que se não parece em nada com o assassino de Banquo, ou com o burguez innocente que se extasia diante das cabriolas e trampolins do fabuloso Coghi. Nem se horrorisa com o primeiro, nem applaude com o segundo. É impassivel e prosaico como um capitão de ordenanças, que assiste a um conselho de investigação. Examina, pensa e applica o texto da lei sem hesitação, nem piedade. É triste a sina do re-

visteiro! Se conta só o que vê é semsabor como o barão d'Alfenim e o chronista dos bailes do *Jardim das Damas*. Se julga, se faz justiça a todos, se aponta o ridiculo, é victima das victimas que faz; e precisa, á similhança do *Zacuto*, empunhar a lanceta que fere, e o chloroformio que adormece.

Deixemo-nos, porém, de satisfações pueris. Trate cada um de ser bom cavalleiro, e verá como a *revista*, de objurgatoria que era, passa a ser tão innocente como a *couve monstro* de um certo jornal de conhecimentos uteis e inuteis, que sae aos assignantes por 50 réis cada número! (Prodigio da imprensa! omnipotencia do genio! E que venha agora o *Baratissimo* impôr ao público com o seu titulo fanfarrão; que venha com um attestado dos assignantes de Pinhel, alardear da modicidade do preço, que todos á uma lhe hão de chamar ratão, e alquilador de charadas!) Emendem-se, e a *Revista* os poupará.

. . . .

. . . .

São sete horas da noite. Não ha theatro; a procissão já passou; as janellas fecham-se; as damas recolhem-se; e os janotas vão deixar os bucefalos decrepitos ás sujas cavalhariças do alugador, deixando ao mesmo tempo, com magua eterna do respeitavel traficante, tres riscos de giz n'uma porta besuntada de vermelhão. A cidade entrou na ordem. A tropa recolhe a quarteis; a lua saíu a pavonear-se com uma licença de Apollo; e os cafés povoam-se de estadistas em embryão, que discutem com a proficiencia de Chattam, com a argucia Machiavel, e com a reserva de Metternich, os negocios de Roma, ou as conferencias phantasticas de Bruxellas.

Os revisteiros tambem viram a procissão, e não sabem como hão de passar quatro horas abhorrecidas de uma noite fria, que não permitte passeios. Ir ao Gremio — mas o *Zacuto*, o *Pharol*, as interpellações dos supremos censores do cavaco supremo? Os revisteiros não estão dispostos hoje a esperar toda a noite *por uma idéa* — querem novidade. O sarcasmo dos folhetinistas querem acha-lo, ainda virgem — não gostam de ouvir hoje o que hão de ler ámanhã. Mudar — mudar — o cavaco fossila-se, se continúa na sua monotona rotação em tórno *d'uma idéa*. Metade dos membros do sabio congresso, adormece etherisada pelos epigrammas somniferos dos illustres collegas. O Romualdo da união, a academia de Massarelos, o Jardim das Damas, e as damas do jardim — tudo isso está velho — tudo cança, tudo enfada.

Decedidamente vamos para outra parte. Para o Marrare não, que estão lá sempre as mesmas caras. Menos ainda para o Suisso, que vae descendo rapidamente. O botequim é semsabor; fujâmos, que a revista não póde lá estar.

Um recurso desesperado! — Vamos nós fazer uma visita? Dito e feito. Dirigimo-nos para a rua do ouro, batemos 5 argoladas em uma porta; e, depois de repetir quatro vezes a mesma operação, entrámos emfim, e começámos uma ascenção difficil e longa, que ainda hoje não estaria completa, se o cerbéro-femea da casa não tivesse vindo auxiliar-nos, trazendo nas mãos uma palmatoria classica de folha, de que pendiam magestosos e arrendados stalactites de sebo. Entrámos. Entrámos triumphantes, porque tinhamos salvado as nossas cabeças, e com ellas o folhetim, esperança da patria, limbo dos caturras, azorrague implacavel dos máus actores, indice expurgatorio dos vates d'agua doce, e mesmo dos que já andaram sôbre as aguas salgadas.

— Como está essa bisarria? — pergunta com ingenua urbanidade o dono da casa, honesto burguez, que vendeu queijos de Monte-mór, e que se entretem hoje, de dia, a dar o pão ás classes inactivas, tomando-lhe os recibos, por insinuações do seu confessor, com o louvavel desconto de 80 por cento; e, de noite, a jogar o voltarete com um velho que foi official de milicias, e com um ex-distribuidor do *Gratis*, elevado hoje ao cargo de corretor.

Retribuimos á duvidosa cortezania do nosso amavel hospede, e resignámo-nos a passar o serão, ouvindo piar a filha mais velha, que tem por mestra a sr.ª Clementina, primeira discipula do conservatorio real. Era pouco agradavel; mas escolhemos dos males o menor; comtudo o fado, que nos persegue sempre, inspirou áquella bôa alma do ex-tendeiro, a idéa atroz de nos fazer jogar, com grave prejuizo da nossa magra bolça, a custo alimentada por elle, e com desgôsto extremo de um dos *habitués*, que pela nossa entrada passava á 3.ª secção do voltarete.

Começou o desastre por tres codilhos; mas a industria suppriu a falta de fortuna. Um systema de telegraphia nos collocou depressa em circumstancias taes, que os velhos, com o seu saber todo, estavam sempre na mesa.

Um signal a tempo suppria um trunfo — um toque de joelho denunciava a balda — uma vista d'olhos, quasi imperceptivel, descobria a qualquer de nós o jogo com que o parceiro esperava derrotar-nos. Estavamos n'uma posição desesperada — recorremos á tranquibernia. O nosso haver não chegava para pagar um codilho — os fundos reunidos chegavam apenas para comprar uma cautela de 425 réis á Junta do Credito Público. Com astucia vencemos.

Chegou emfim a infusão crystalina de um chá em 7.ª edição, como o do Tolentino; e trincámos um ésse nauseabundo, que nos perfumou o paladar com certos vapores de cebola verde.

Deixámos o jôgo para ir, um de nós, walsar com a filha de um amanuense das Sete-casas, gorda e roliça como o Baldanza, que começou citando-nos um trecho delicioso de *Robineau*, livro inestimavel para as *bas-bleus* da burguezia. Começa o remoinho ao som de um pianno de Astor, que parece pedir, em cada guincho tremido, que o mandem tomar ares ao campo de Sant'-Anna. A dama rebolla-se, enfunando as saias de alvacento pergaminho (tal é a consistencia da gomma); a dança torna-se vertiginosa e veloz; o revisteiro infeliz roça por um tremó secular, que baquêa, erguendo nuvens de poeira, como o *lutrin* de Boileau, sôbre as lages do côro da santa capella.

Suspirámos então pelo Gremio, e quasi que tivemos saudades do *Jardim Litterario!*

Aproveitámo-nos da situação, como se diz em politica, escapámo-nos pela porta, e passados dez minutos tivemos o prazer de viajar por uma viella escura, onde concentrámos as nossas fôrças para amaldiçoar as ruas de Lisboa, as sociedades da burguezia, as torradas sêccas, e os tremós gigantescos do tempo de Lippe.

ELLES.

BIBLIOGRAPHIA.

Illustração Hespanhola.

UNICO REDACTOR E PROPRIETARIO.

D. ANGEL FERNANDEZ DE LOS RIOS.

Acha-se á venda na loja do sr. Lavado (rua Augusta, n.º 8) o 1.º número da *Illustração Hespanhola*. Contém: — Historia da Semana; *Panorama Universal* — Familia hungara; *Tribunaes* — Curiosidades judiciarias d'Inglaterra; Do sal na agricultura e da sua utilidade; O que é um periodico; Telegraphia electrica submarina; *Caricaturas* — Os contrastes da moda; Azar e Calumnia, novella traduzida do allemão; *Chronica scientifica* — Sôbre a estabilidade do equilibrio dos mares; *Artes industriaes* — Das machinas e dos seus resultados; Modas; Retrato da Rainha Victoria, etc.

PREÇOS: — por um anno — 2$400; por seis mezes — 1$600; por tres mezes — 800.

Paga de porte 20 réis cada número.

Avulso — 100 *réis*.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Considerações ácêrca da alimentação do nosso gado, e do regimen especial do verde para o cavallo.

PELO SR. S. B. LIMA

LENTE DA ESCHOLA VETERINARIA.

É sabido que todos os herbivoros se alimentam de proventos vegetaes, e, especialmente, dos que são herbaceos. É este um regimen filho de sua organisação, sem que se possa dizer absoluto; pois ha exemplos de cavallos e alguns ruminantes comerem, e mesmo sustentarem-se a carnes.

Na vida selvagem — porque não teem o instincto de aprovisionar suas substancias — alimentam-se de constante com as verduras espontaneas, as quaes pastam arrebanhados em retirados pascigos, passando e emigrando d'uns para outros, á medida que os vão exhaurindo. Assim se comportam as immensas manadas de cavallos selvagens, nas regiões inhospitas da America, e as dos jumentos nos stepes da Tartaria.

Da observação d'estes factos infere-se que o uso das hervas verdes, é o mais natural regimen alimentar, que se póde prestar aos herbivoros.

Porém o homem, que tem roubado á vida selvagem muitas especies bravias, que lhes tem dobrado a rudez e ferocidade ao podêr de sua intelligencia; emfim que as tem domesticado em provelto de suas commodidades, e até de imperiosas necessidades — o homem, digo, chegou a substituir muitos de seus actos naturaes, por habitos mais convenientes á nova posição em que os collocou. E porque lhe não era conveniente — sem depauperir as proprias subsistencias — deixar em pastio, terras que deveriam ser cultivadas, e nem mesmo possivel sempre, haver n'uma limitada localidade, sufficientes verduras para todo o anno; viu-se por isso obrigado a chamar do pasto livre, á vida de *estabulação* algum de seu gado, a seccar a herva produzindo fenos, e aproveitar as palhas que ficavam dos cereaes e outras colheitas, grangeando por este modo uma massa de forragem consideravel, com que mais abastadamente podesse alimenta-lo. Os animaes, obrigados pela necessidade a servirem-se dos alimentos assim transformados, se lhes foram depois habituando; e pelas successivas gerações o habito se radicou, se tornou uma nova natureza, e por ella um regimen, a principio puramente artificial, se constituiu para algumas especies domesticas tão natural, como para as especies bravias, o eram as verduras espontaneas. Considerado e tido como appropriado — tanto o regimen ao pasto verde, como o dito ao secco — a sua determinação para as differentes especies de gado, é todavia subordinada ao modo como este nos utilisa, á população e progresso da agricultura.

Assim está quasi geralmente ao verde, e em pastura, o gado meúdo que nos aproveita pelos productos lanosos, lacticinios e carnes. etc.; porque, sôbre ser um regimen conveniente a taes productos, é além disso o que lhe póde facultar as poucas relações que teem com a nossa sociedade, e sôbre tudo o que se offerece como meio de tirar partido dos retirados pastos dos montes ou incultas planicies, que por outro modo se perdessem. Tem-se mais ao penso sêcco o gado que nos utilisa por seus serviços — como cavallos muares e alguns bois — que, ou nos sirvam á sella ou carreto, precisam antes desenvolver fôrça do que carnes; pois é provado serem os alimentos sêccos mais eminentemente dynamicos; e afóra isto, é ainda evidente que os animaes em serviço, não poderiam estar de pasto permanente, nem tal se haveria em grandes povoados, como cidades, villas, etc., onde sempre e a mais de prompto se exigem seus serviços.

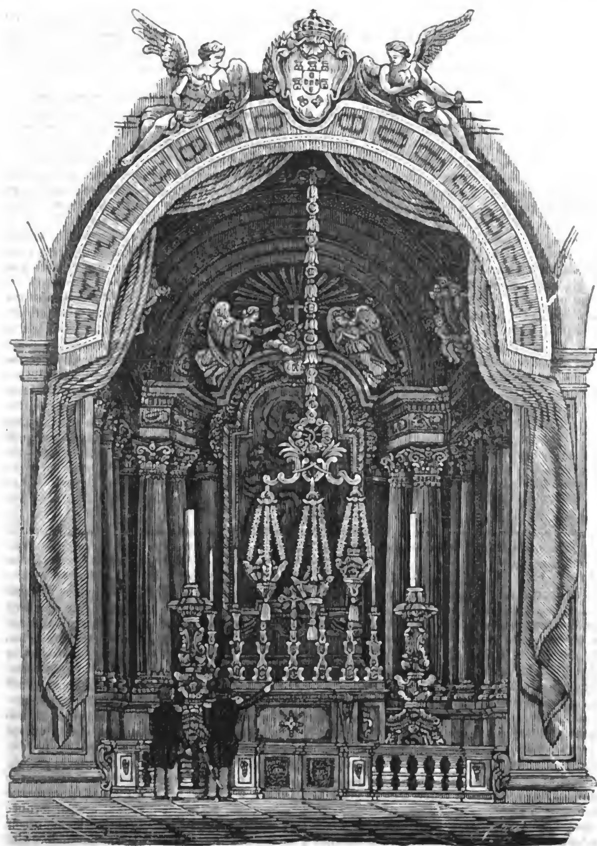
Onde o atraso da agricultura seja evidente, por conseguinte limitadissima a povoação, a vida pastoril, sendo unico recurso a fim de aproveitar as terras, que, por incultas, acaso se tornem perigosas determina necessariamente o regimen de verde e de pastura.

Já não succede assim nos paizes em que o progresso da agricultura sobresáe, crescida é então a povoação, e tambem o numero do gado; mas este, como a terra se cultiva, como não fica de pascigo permanente, em que livremente se possa apascentar, e se recolha por isso a estabulação — sustenta-se quasi todo o anno ao penso sêcco. E nem por tal se pensa peor, muito pelo contrário sendo sêccos alimentos, proventos de prados artificiaes — que alternam com outras culturas no systema agricola das affolhamentos — ha não só mais profusão delles, como mesmo se tornam mais substanciaes; e convertidos em copiosos extrumes — que, nos estabulos se aproveitam, e que perdidos seriam no aposento — dão assim meios de prolificar as terras, e por isso accrescer tanto as nossas como as suas subsistencias. É a prática da Inglaterra, onde os melhores cavallos se criam á mangedoura, e em estabulos se cevam bois, e se pensam vaccas, dando copioso leite, que anima o fabrico de queijo e manteiga. Dissemos que quasi, e não todo o anno, se teem ao sêcco, porque verde e outros alimentos frescos se lhe prestam; mas é isto mais para o gado de céva e lacticinios — a quem se dá, ou nos proprios estabulos, ou em pasturas nos prados cultivados — do que para outro gado, para quem fórma apenas uma adventicia e supplementar alimentação. O mesmo se segue em muitas partes da Allemanha, França e Belgica.

(Continúa.)



UM PROVINCIANO EM LISBOA.



Capella de S. João Baptista, em S. Roque.

A MAGNIFICA capella de S. João Baptista é um dos objectos de arte mais ricos e bem trabalhados que se admiram em Lisboa. Elrei D. João V a mandou executar em Roma pelos melhores artistas, que com effeito fizeram obra acabada, no seu genero. Não ha alli quo notar a elegancia da fábrica, que toda se recente do estylo pesado daquelle tempo, senão o primor dos differentes quadros todos de finissimo mosaico — a formosura da pedra — e a riqueza dos accessorios — distinguindo-se, sôbre todos, uns soberbos tocheiros de prata

dourada, do mais perfeito trabalho. A primeira exposição desta capella foi a 13 de janeiro de 1751; pelo terremoto, a egreja em que está collocada, S. Roque, soffreu bastante; entretanto a capella ficou incolume. A capella de S. João Baptista é considerada monumento nacional, e o estado consigna uma pequena verba para o seu guisamento especial. Pena é que uma tão formosa obra esteja como desterrada n'um templo, aliàs amplo e venerando, mas altamente improprio, em consequencia da pouca e má luz que de fóra recebe.

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Curso d'introducção á Historia Natural dos Tres Reinos.

21. *Satellites.*—Os planetas que tem satellites são a *terra*, cujo satellite é a *lua;* Jupiter, que tem 4; Saturno com 7; e Urano, ou Herschell, com 9.

22. *Annel de Saturno.*—Saturno é notavel entre os planetas, por estar cercado por um annel circular, largo, mas delgado, que gira do occidente para oriente, ao redor do centro do planeta. É dividido por uma larga banda escura em duas faxas, que cingem o corpo do planeta.

23. *Systema planetario.*—Resumamos em poucas palavras o quadro que nos offerecem os planetas, tendo o sol por centro dos seus movimentos, e constituindo com elle o nosso *systema planetario.*

O sol, origem da luz e do calor, existe fixo no centro d'este immenso systema, sujeito a um movimento de rotação sôbre o seu eixo d'occidente para o oriente. Ao redor delle caminham no seu movimento de translação os dezesete planetas, descrevendo ellipses, pouco differentes de circulos, e cujos planos passam todos pelo centro do sol. Collocados a distancias deseguaes, relativamente ao centro do systema, a rapidez com que se movem é tanto maior, quanto maior é a sua proximidade do sol. Assim Urano executa a sua *revolução sideral* em 84,08 annos, em quanto que a de *Mercurio* é representada por 0,24, referido á mesma unidade.

Todos os planetas tem um movimento de rotação em tôrno dos seus eixos, o qual coexiste com o de translação. Alguns planetas arrastam após de si, na sua marcha pelo espaço, alguns globos menores, que em tôrno dos primeiros effectuam tambem as suas revoluções, que estão sujeitas ás mesmas leis, e que offerecem circumstancias analogas ás que se observam nos planetas primarios.

24. *Cometas.*—A observação dos céus, leva-nos ainda a admittir outros corpos celestes além dos que temos enumerado—são os *cometas.* Constam, pela maior parte, d'uma esplendida, porém mal definida *nebulosidade*, que é mais brilhante na sua parte central, ou *nucleo*, o qual tem sempre a apparencia d'uma estrella, ou d'um planeta. Em alguns d'estes astros o nucleo falta completamente, sendo o cometa então constituido unicamente pela *nebulosidade.* Em outros a nebulosidade dá origem a grandes traços luminosos, que se estendem pelo céu, e se chamam *caudas.* A materia que as constitue é por tal fórma rara, ou transparente, que através dellas se vêem constantemente as estrellas.

Os cometas giram em tôrno do sol, em differentes sentidos, descrevendo ellipses extremamente alongadas, de modo que deixam de ser visiveis durante uma parte da sua revolução.

Os aspectos extraordinarios dos cometas, e seus movimentos rapidos, e apparentemente irregulares, a maneira inesperada por que elles apparecem nos céus, e as grandezas extraordinarias que ás vezes affectam, lhes tem valido em todos os tempos a admiração, e não poucas vezes o terror das pessoas pouco instruidas nos phenomenos do mundo. Em todas as edades a apparição d'estes astros tem significado, para as multidões, a predicção de acontecimentos extraordinarios cá na terra. Hoje, porém, graças á difusão das idéas scientificas, a superstição popular vae perdendo, pouco a pouco, mais este objecto de apprehensões, e de sinistros commentarios.

25. *Fôrça e movimento.*—Quando nós exercemos um esfôrço que tem por fim pôr qualquer corpo em movimento, dar-lhe uma nova direcção, ou reduzi-lo ao repouso, a consciencia immediata do esfôrço, que empregámos, convence-nos da relação necessaria, que no mundo material existe entre o effeito, e a *fôrça*, que o produz. Por uma inducção rigorosa, se vemos que um corpo cessa de se mover, ou parte do repouso em que existia, ou é desviado do seu movimento primitivo, temos direito a concluir, que estes *effeitos* foram tambem *causados* por *fôrças.*

(Continúa.)

Ensino das linguas.

(Continuado de pag. 11.)

Saber uma lingua, como já se disse na grammatica geral, é podêr falla-la e escrevê-la que os outros nos entendam, e entendê-la quando elles a fallem ou escrevam. Póde aprender-se a fallar essa lingua lendo e entendendo a que os outros nella escreveram, para exprimirmos os nossos pensamento por modo similhante. O pensamento dos auctores entende-se ao principio pela traducção; porque nas nossas relações com os outros homens não fazemos mais que traduzir. A mãe traduz para o menino o objecto em um nome, em que o menino depois traduz a sua idéa; os homens traduzem as palavras, acções e mesmo os mais leves gestos, uns dos outros, e assim se entendem, ou ás vezes enganam. Leitura e traducção devem começar ao mesmo tempo, assim como na lingua materna, a idéa, traducção tanto do objecto como do vocabulo, principiou com os primeiros sons que se articularam galrando. Ainda mais, a traducção inversa, que chamam versão, deve tambem acompanha-las; são tres irmãs emulas, mas amigas, tanto como dizem sê-lo as gemeas.

Mas lá ouço gritar os filhos da rotina:—Como é possivel que alguem possa aprender tudo ao mesmo tempo; ler, traduzir, escrever, e sôbre tudo versão?—Mestres! Se para guiar não quereis procurar o melhor caminho, o caminho da natureza; o caminho mais curto,

sois bem ingratos para com a vossa primeira instructora! Quem vos deu, não um sentido, mas cinco; não uma só faculdade intellectual, mas várias; aquelles para communicar-vos idéas; estas para elabora-las, e isto, quando as faculdades do vosso corpo eram tão debeis ainda, não receiou, que a multidão de sensações que ao mesmo tempo recebieis de tantos objectos, fôsse obstaculo a que recebesseis idéas das cousas do mundo, e podesseis combina-las; bem ao contrário, nesta multidão tumultuosa de relações, que tanto vos aterra, que vos parecerá tão nociva no meu methodo, collocou ella a causa que conserva o saber. É n'um terreno de alluvião, composto de montões confusos de toda a qualidade de fragmentos, que a árvore da memoria tem as suas raízes.

Outro objecto, que tambem é necessario ter em vista, é que todos os alumnos participem egualmente da mesma instrucção, e que o progresso de cada dia seja commum. Isto só é practicavel pela attenção a mais séria da parte dos alumnos. Para prender esta attenção seguir-se-ha, quanto podér ser, um systema que falle aos olhos, tanto como aos ouvidos, e sôbre tudo ao entendimento. Pelo soccorro da escripta em uma pedra, o alumno, obrigado a copiar, deve apresentar o seu caderno ao professor no fim da aula, ficando sujeito ás penas que se determinarem, conhecendo-se que não colheu, por negligencia, tudo o para que se lhe deu tempo sufficiente. Acabada, pois, a aula, cada estudante vem por sua ordem mostrar o caderno, sendo responsavel a responder no dia seguinte sôbre o que houver copiado. Pela bôa ordem nestes cadernos, e modo porque o alumno responder ao seu contheudo nas repetições, é possivel julgar da sua applicação e proveito, muito melhor que por outro qualquer methodo, porque nestes cadernos deve achar-se, quanto possivel, tudo o que fôr regra ou typo da lingua, isto é, a farinha sem o farello, o que só merece guardar-se na memoria.

Quando disse que leitura, traducção, etc., deviam começar ao mesmo tempo, não entendi que se fizesse ler ao discipulo uma pagina, e traduzi-la; que se lhe désse um periodo para verter, e se lhe dictasse materia para escrever; como póde fazer bem ou mal no fim do anno; isto seria absurdo. Leitura, traducção, versão e escripta tem, como tudo um princípio em que são menos complicadas, começam nos sons elementares e suas articulações, e formam-se progressivamente, vão sempre ajudando-se mutuamente, encostadas aos principios da grammatica geral.

(Continúa.)

Mnemonica.

II.

O nosso cerebro, como mostra a observação, é centro onde todos os outros orgãos concorrem; é o instrumento principal do sentir. Todos os sentidos, tocados pelos objectos externos, lhes communicam movimentos que para a alma, harmonia de todos os orgãos, se tornam sensações. O objecto que, fazendo vibrar o ether, affecta a retina, transmitte, pelos nervos opticos, ao cerebro, certo movimento que produz na alma a sensação da vista. Cada um dos outros sentidos tem tambem nervos proprios que vão dar ao cerebro movimentos, e por conseguinte novas sensações á alma. Neste jogo dos movimentos, distinguem-se tres castas de acção: acção dos objectos sôbre os orgãos exteriores, immediata ou não immediata; acção d'estes, por meio dos nervos, sôbre o cerebro; e finalmente acção do cerebro sôbre a alma. Os effeitos destas tres acções successivas, são: um contacto no orgão; uma pressão no cerebro; e uma sensação na alma. Assim que o contacto cessa, a pressão torna-se impressão; a sensação converte-se em idéa. Donde se vê que idéa e sensação não são senão modos de sentir; porque, se a alma, para sentir, empregar os orgãos externos, obterá sensações, se pelo contrário emprega o orgão interno, o que sente são idéas. A borboleta variegada, que de arbusto em arbusto illude o querer do menino que a persegue, desapparece-lhe por fim. Na lida d'este, houve contacto sempre, pressão, sensação; quando porém já não vê o insecto, ficam impressão e idéa em actividade. Se por outro modo, comtudo, houvesse cessado o contacto, por uma distração, um susto, por exemplo, então não teriam actividade, a impressão e idéa, senão quando depois ao menino lembrasse a borboleta.

Condillac diz, que todos os phenomenos da memoria dependem dos habitos contrahidos pelas partes moveis e flexiveis do cerebro, e é conduzido a esta conclusão, julgando, por analogia, do que se passa neste orgão interior, pelo que se observa em um externo: a mão de um piannista. Mas começando de mais longe, tomaremos o piannista antes de ser piannista, e mesmo antes de ser homem; iremos busca-lo menino ao colo da mãe. Já estende os bracinhos para apanhar o que se lhe apresenta; mas nos seus movimentos ha inda muita incerteza; é preciso que se fortifique gradualmente a mão, e que aprenda o seu officio. Pouco tempo depois, já passa as cousas de uma para a outra mão; já as volta de todos os lados, e as contempla; já a natureza lhe ensina a analyse. As pernas que tem de o equilibrar, e o corpo todo, que deve obedecer como instrumento á sua vontade, requer egualmente ensino, e depois do tempo necessario para elle, acha-se o homem no mundo, como o cordeirinho recem-nascido; move-se por uma vontade determinada pelo prazer e pela dôr, e usa das faculdades que lhe deu a natureza, para procurar o bem e fugir do mal. Os seus olhos nunca tinham visto; a impressão forte da luz devia ser-lhes incómmoda, foi necessario habituar-se a ella. O cordeirinho assim que nasce vê logo a mãe — anda, porque uma vontade lhe deu esse movimento. O homem vem ao mundo com olhos sem podêr ver, com ouvidos e outros sentidos sem conhecer-lhes o uso; braços e pernas sem podêr andar, nem mover-se; só gradualmente adquire fôrça; o que se segue, é que tem de aprender por experiencia, quando é que essa fôrça póde obedecer á sua vontade. Então anda e move-se como o cordeirinho, e sabe usar dos seus sentidos. Tem então ao seu dispor muito mais que outros animaes não tem; sentidos perfeitos, curiosos e avidos de analysar tudo; faculdades que são capazes de um desenvolvimento immenso; membros susceptiveis de todo o genero de exercicio; finalmente um orgão interior que lhe conserva toda a sciencia que vae adquirindo.

Orgãos são instrumentos; não são estes que se habituam ao trabalho; mas o artista que se habitua a

usar delles. Da parte da machina, só póde esperar-se que perca a fricção que se oppõe ao movimento facil; mas isto dentro de certos limites; porque, demasiado gasta pelo uso, tambem se desconjuncta. O menino põe-se mui cedo prompto no uso dos sentidos, ferramenta com que tem de construir a fábrica dos seus conhecimentos, e a julgarmos, como Condillac, do orgão interno pelo que se passa com os externos, seriamos antes levados a pensar que o cerebro, como instrumento da alma, se prepára para as suas funcções, ao mesmo tempo que os outros orgãos, visto que os movimentos que devem dispô-lo a trabalhar vem delles. E como os olhos, habituando-se em pouco tempo á luz, ficaram vendo, tambem o cerebro, habituado facilmente a mover as suas partes flexiveis, ficou logo apto para move-las sem custo. Mas aqui habito só quer dizer que os olhos, que não podiam supportar a luz, chegaram a podér fitar-se nos objectos, e a communicar ao cerebro movimentos para os quaes as suas partes moveis e flexiveis tiveram de fortificar-se, como a mão do menino para manear os objectos; mas não que o cerebro conserve, pelo repetir da impressão, a idéa. A idéa que fica ao menino quando desapparece a borboleta, póde explicar-se; porém não pelo habito, pois não é mais que a continuação da acção do cerebro na alma, devida ao movimento que primitivamente lhe veio do contacto do objecto com o orgão exterior. Quando, porém, depois de certo intervallo de tempo, a impressão se torna activa, como é que o cerebro adquire esse movimento? Em que consiste a idéa?...

Um miseravel, o infimo entre entre os homens da cidade, socio do cão que não tem dono, que percorre as ruas, esquadrinhando os logares mais immundos, apanha farrapos asquerosos, que um fabricante obscuro, por meio de certos processos, chega a pôr capazes de firmar o pensamento através dos seculos. Do homem a quem não acham serventia alguma os outros homens; do objecto que se deitou fóra porque já não a tinha, depende o pensamento mais sublime para que não morra! A esse homem, a esses trapos, de que gerações apartaram com tedio os olhos, que gerações não viram, devemos nós o progresso espantoso da nossa sciencia. A sciencia do mundo infantil, gravou-a Hermes no bronze e no marmore das suas columnas; o volume de toda a sciencia de hoje, que avulta já tanto na mente dos homens, conserva-se aos vindouros, no trapo escolhido na immundicie das ruas, e não se perde na memoria das gentes. Depende a memoria, em cada individuo, de circumstancias egualmente despresadas?

(Continúa.)

ROMANCE.

O homem põe e a mulher dispõe.

III.

VOAM os annos; Helena tem já visto cinco vezes abotoar as rosas do jardim. Montevrain, cada vez mais namorado, deseja, mas fallece-lhe o ânimo para dar um passo decisivo; receia-o tambem, porque lhe não basta que Helena se tornasse a mulher que imaginára; que lhe importa que ella seja um composto de todas as perfeições, se lhe não vota um affecto mais ardente, mais vivo do que a gratidão?

Montevrain bem conhece, que se o tempo tem passado para Helena, para elle tem corrido; cinco annos teem voado egualmente por cima da sua cabeça e da cabeça da sua pupilla; mas com a differença que esses cinco annos tem levado, um ao termo, outra ao começo da mais bella quadra da vida. A mulher de dezesete annos entra na estação dos amôres, o homem de trinta vae proximo a sair della.

No entretanto Montevrain, que não pouco affligia esta consideração, algumas vezes consultára o seu espelho, e recebia ordinariamente uma resposta tão favoravel, que o socegava, e lhe alentava os brios. E tambem porque não haviam de as suas feições conservar todo o viço e frescor da mocidade e da saude, se elle era tão feliz? As paixões más e a desgraça é que imprimem n'um rosto o sinete da velhice, cavando as faces e enrugando a testa. Se Montevrain não tivesse em seu porte certa gravidade, em suas maneiras certa sizudeza de um homem feito, certo que, sem perigo de passar por lisongeiro ou myope, se poderia questionar qual dos dois irmãos era mais velho, com quanto Agostinho tivesse apenas vinte e um annos.

O que mais contribuia para animar o nosso Montevrain, era a perfeita egualdade de maneiras que empregava Helena em todas as suas relações de sociedade e visinhança. Porque, apezar da sua tendencia para a vida solitaria, não tivera outro remedio, desde certo tempo, senão conviver mais e receber visitas; o seu tutor não quizera que ella houvesse motivo de lhe lançar em rosto a menor lacuna na sua educação, e no isolamento não póde fazer-se uma educação completa.

Entre as pessoas que frequentavam a casa de Helena, havia alguns rapazes: Helena, que era o objecto de todas as suas attenções, e o alvo de suas esperanças, parecia não fazer distincção de nenhum delles; sabía tão bem repartir com todos a sua amabilidade, o seu olhar, os seus obsequios, e até mesmo as suas críticas, que nenhum se poderia gabar de ser preferido, ou queixar-se de ser despresado.

Havia um, porém, que era excepção desta regra — é quasi escusado dizer o seu nome — que o leitor já o ha de ter adivinhado — era o pobre Agostinho, que parecia ter o *exclusivo* de ser motejado, increpado, mortificado por motivos tão plausiveis sempre como os que já mencionámos.

Montevrain, d'ôlho á mira, e sem perceber nada, tinha todas as razões de segurança imaginaveis, quando uma circumstancia, que, por pouco, lhe não foi fatal, veio ainda dissipar-lhe todas as dúvidas.

Era no fim do verão; fazia um calor d'abafar. Montevrain vinha de casa de um amigo que morava n'uma casa de campo nas margens do Sena, a uma legua de S. Germano. Derepente forma-se uma temerosa trovoada, e Montevrain n'um descampado, sem abrigo, apanhou uma corda d'agua, que o alagou durante meia hora. Quando chegou a casa estava alagado e tiritando. Despiu-se, vestiu-se com roupa bem quente, e sentou-se ao fogão; mas o tremor continuou. Deitou-se: a cabeça parecia-lhe que lhe ía pelos ares; sente que tem

um febrão desabalado. Chama-se o medico, e este capitula a molestia de uma grave affecção catharrosa.

Helena, muito afflicta e assustada, faz ao medico perguntas umas sôbre outras; este acaba a receita, e responde-lhe apenas com um menear de cabeça. Pouco faltou que a pobre da Helena não perdesse os sentidos.

No emtanto a infermidade não é incuravel; o doente é moço ainda, e a natureza póde muito; por mais fraco e incerto que seja o resultado de um curativo, não se deve perder nunca toda a esperança, principalmente se o tratamento é seguido com a maior cautela e perseverança.

Esta luz incerta de esperança foi bastante para reanimar as fôrças de Helena, que toma a energica resolução de ficar á cabeceira de Montevrain, de o velar noite e dia, sem um só instante de descanço, e de não consentir que lhe assista mais ninguem senão ella, em todos os desvelos aturados e minuciosos que o estado do doente exige.

Junto de um leito de dôr, um inimigo não é mais para recear do que um enfermeiro indifferente; assim pensava Helena — e a nós parece-nos que tinha muita razão.

Oito dias se passaram assim tristemente, e em todo este tempo a folgasã da Helena foi sempre a mais escrupulosa e resignada das enfermeiras. Montevrain devorado por uma febre ardentissima, ainda não podéra recobrar o juizo. Ao começar da nona noite da sua enfermidade, receitou-lhe o medico um novo remedio, derradeiro recurso que a sciencia lhe offerece; se a febre não cede até ao dia seguinte, então só resta pedir ao céu que suavise ao pobre moribundo as dôres da agonia.

O remedio receitado humedeceu os beiços do doente; os seus olhos, até alli pasmados e abertos, movem-se imperceptivelmente; a respiração torna-se mais egual; socega.

Helena ajoelha; e ora ....

....

No outro dia pela manhã orava ainda Helena, e dizia:

— Meu Deos! se o haveis de roubar a este mundo, oh! fazei que eu lhe não sobreviva! Conservae-lhe a vida, meu Deos, e se tanto fôr preciso, acceitae a minha em logar da sua!

Mas não fôra só Deos que a víra e ouvíra. Aos ouvidos do doente não tinham escapado uma só palavra da sua fervorosa súpplica, e os seus olhos contemplavam com extasi o anjo que rogava ao céu por elle.

— Helena, disse, a final, Montevrain com voz debil.

Helena voltou o rosto, e soltou um grito de alegria.

A febre cedêra; o delirio acabára; e Montevrain, por consequencia, estava livre de perigo.

A sua convalescença foi rapida; ainda não havia passado um mez, e já elle recuperára as fôrças, e a bôa côr habitual.

Sempre em todos os tempos o remedio mais efficaz foi a felicidade; e Montevrain já'gora não duvidava da sua bôa estrella.

Porque elle bem sabía, que lh'o contára a aia velha, até que ponto Helena levára a sua dedicação; e ainda lhe parecia rumorejar-lhe aos ouvidos, como um suave murmurio, aquella fervorosa prece que saudára as suas melhoras: — « Meu Deos! se o haveis de roubar a este mundo, oh! fazei que eu lhe não sobreviva! Conservae-lhe a vida, meu Deos, e se tanto é preciso, acceitae a minha em logar da sua. »

D'este modo Montevrain completamente restabelecido, resolveu não esperar mais, declarar-se com Helena, e atravessar arrojadamente o Rúbicon.

(Conclúe.)

POESIA

OFFERECIDA Á EX.^MA SR.^A D. M. A. C. M.

E vogava brandamente
Lindo barco na corrente,
E eu, triste trovador,
De máguas o peito arfando,
Ao som da lyra cantando,
Distrahia a minha dor.

E a lua, sôbre a vaga,
Que deslisa então na plaga,
Seus raios reflectia;
E do barco, inda vogando,
Ouvia, de quando em quando,
N'agua a próa que batia.

E a brisa que soprava,
No rosto que m'escaldava,
Docemente me batia;
E debalde o seu frescor,
Mitigava a minha dôr,
Meu soffrer, minha agonia.

Oh! amei, e com ternura,
Mulher que julgava pura;
Enganei-me, fui trahido;
Era falso o seu fallar,
Enganoso o seu olhar,
Tão meigo e tão fingido.

E o barco que vogava,
Além do Téjo chegava;
E eu, triste trovador,
De máguas o peito arfando,
Ao som da lyra cantando,
Espalhava a minha dôr.

Naufragio do navio de commercio La Floride.

Um naufragio horrivel, em que morreram mais de 200 pessoas, acaba de ter logar nas costas de Inglaterra. O navio *La Floride*, de 500 toneladas, tinha sido fretado em Anvers por uma companhia allemã, a fim de transportar, para os Estados-unidos, emigrados de Allemanha. Achavam-se a bordo 200 passageiros. A equipagem compunha-se de 20 marinheiros, quasi todos in-

glezes, commandados pelo capitão Whitmore. O navio deu á vela em uma terça-feira á noite. Conservou-se o tempo bom até á meia noite, mas a esta hora o vento saltou subitamente ao sudoéste, e começou a soprar com violencia. Ao mesmo tempo a neve caía tão expessa, que da pôpa não se via a prôa da *Floride*. O furor da tempestade crescia sempre. Na quarta-feira, ás tres da tarde, reconheceu-se que havia êrro na derrota, e pouco depois o navio deu á costa n'um logar chamado *the Longsands*. O choque foi de tal natureza, que o navio abriu. Houve então uma scena de confusão e desordem que não póde descrever-se. Os passageiros accumulavam-se em desordem no convés. O mar passou por cima do navio, entrou pelas escotilhas, afogando os doentes que não tinham podido deixar as camas, e levando comsigo os que estavam em cima, a quem faltára a resolução, ou a fôrça bastante, para se agarrar e resistir ao choque.

O capitão Whitmore, vendo que era impossivel salvar o navio, deu ordem para deitar lanchas ao mar. A primeira fez-se pedaços; na segunda, que ficou sôbre as aguas, precipitou-se o capitão immediatamente com sua mulher; mas trinta ou quarenta passageiros precipitaram-se ao mesmo tempo na lancha, que virou logo, afogando-se alli todos, sem que um só escapasse. No entanto caíra o mastro grande, levando comsigo as enxarcias; a equipagem agarrou-se a elle, e procurou salvar-se. Mais de cem emigrados ficavam á pôpa, quando a equipagem começava a affastar-se. Ouviu-se então um immenso clamor. A *Floride* ía para o fundo, levando comsigo todos quantos se achavam a bordo. Por algum tempo se viram ainda mulheres e creanças agarradas a barricas vasias e a pranchas, fluctuando sôbre a agua. Mas pouco a pouco desappareceram.

Passou-se a noite no meio desta espantosa catastrophe.

Quando o dia raiou, apenas havia seis homens agarrados ás enxarcias, que o mastro grande arrastára comsigo. Dos outros, uns se tinham affogado, outros estavam mortos de frio, e os seus cadaveres fluctuavam entre os seus companheiros aterrados.

A quinta-feira, e uma parte da sexta, passaram-se nesta terrivel situação. Na sexta á noite havia apenas quatro homens com vida. Os outros dois tinham tambem morrido de frio. Felizmente os quatro naufragos foram vistos por um cutter da alfandega, que os recolheu e levou para terra.

REVISTA DA SEMANA.

Não estava morta — não; mas dormia, esta bôa sociedade de Lisboa. Acordou agora, ahi a tendes — vêde que movimento por toda a parte! Queixavam-se os criticos de que a torrente das traducções se despenhava naquelle theatro novo, como as aguas d'uma catarata por entre alcantis desertos — agora ahi está a *Cruz* para fazer calar as linguas damnadas, que embirravam a considerar deserta a platéa, em que se reunem todas as noites quasi cincoenta pessoas, não contando os porteiros e os municipaes. Atreveram-se a julgar fossil a academia das sciencias, e ahi se falla já d'um jornal da academia, que ha de confundir os detractores, dando á luz os trabalhos ineditos dos antigos socios d'aquella antiga corporação. Queixavam-se da monotonia desta cidade, e ahi está para contenta-los a *phoca*, o *diaphorama* (que a *União* tornou immortaes na companhia de um mercador, e de um tendeiro abastado), ahi estão a *Cruz*, *I Masnadieri*, as duas *Marquezas*, o *Pharaó*, e a musica do Passeio, que não offende os ouvidos, desde que se fez a abençoada reforma do número dos musicos.

Quem negará agora que esta terra vae em progresso? Quem se atreverá a dizer mal d'um paiz que vae ter um jornal de sciencia, que tem dramas originaes, que tem phocas, que tem litteratos aos centos? Haverá por ventura quem ouse desdenhar d'uma cidade em que o pó não falta de verão, nem a lama durante o inverno, que tem luz em quanto é dia, e trévas em quanto é noite, excepto nas ruas perdidas da baixa, que o gaz desmoralisou, bem contra vontade d'alguem?

Tarellos sem sciencia, nem consciencia, não ralheis, que tudo vae bem; homens da lua, utopistas ridiculos, que pretendeis ver no progresso uma cousa, que vossos paes nunca viram, nem sequer imaginaram — porque não eram loucos como vós — mudae de rumo, se quereis que alguem vos dê consideração. Reparae bem no que vos digo. O mundo é torto — não queiraes emenda-lo. O fogo de rapaz passa com os annos — deixae que esfrie, esperae que se regelem em vós todos os sentimentos de dignidade, d'amôr de patria, de enthusiasmo por tudo o que é bem — suffocae bem a inspiração que Deos vos deu — curvae-vos diante das conveniencias — respeitae tudo quanto fôr velho, embora carunchoso, nojento e inutil — ide com todas as opiniões, poupae todas as susceptibilidades, defendei sempre o podêr, primeiro que tudo o governo estabelecido, e não vos impacienteis, que estes habilitações não falham, não as ha melhores para quem pretende elevar-se. Quando vos faltar a fôrça para resistir ás suggestões d'uma sociedade corrupta, quando nenhum abuso vos repugnar, quando o respeito das conveniencias se tiver tornado habito; sereis, é verdade, miseraveis, sevandijas, e abjectos; mas não importa — hão de dizer que sois prudentes, e entregar-vos-hão as redeas do estado. Governareis então, como governam os outros. . . . .
. . . . Mas a que veio cá tudo isto? Pobre revista! Já se queixaram de que Elle te fazia scientifica; o que dirão agora? Deixa-los dizer.

Muito se aprende quando a gente vae aos espectaculos públicos! Ora imaginem que eu fui ao *Gymnasio*. Fui com Elle. Todos sabem quem é Elle. Pois não sabem? Elle é o meu folhetinista, é a luz do pharol, e a lanterna do barão d'Alfenim. Estavamos a conversar socegadamente. Adiante de nós avultava uma especie de Han d'Islandia, encoberto por uma ampla sotaina de briche, em cujas algibeiras anda a fortuna da patria. De uma das algibeiras saía um papel, que já não podia accommodar-se lá dentro. Via-se apenas um U... não vi mais, mas creio que era periodico. Admiravamos o homunculo, que nos observava, por baixo dos aros dos seus oculos de gigantescas dimensões, e lamentavamos a sorte d'este paiz, que escolhe quasi sempre para as camaras os mais feios de seus habitantes. Ao pé de nós um homem gordo *fazia politica*, e com todo o desembaraço de um bataréo experimentado decidia *ex cathedra* quantas questões lhe propunha um

amigo seu, magro e delgado, que tinha largamente desenvolvida a bossa da estupidez.

Para escuta-lo, perdemos a conversação do Han d'Islandia, com um digno par de bôas dimensões; mas ganhámos, creio eu, ganhámos na troca, porque ficámos sabendo, que o podêr da Inglaterra está todo concentrado em *trezentas velhas de calções!* O genio poderoso, rival do maior publicista! E dizer que vegeta na milicia de 2.ª linha um homem de tamanha esphera, e quasi esphera no volume!

Ficámos estatuas. Nem eu fallava, nem Elle ousava dizer cousa alguma. Immoveis, escutavamos, com delicia, os rasgos d'eloquencia bombastica daquelle estadista de loja de drogas, e suspiravamos por um lapis e por um pedaço de papel, ainda que fôsse pardo, como a cara do illustre orador.

A *Vivandeira* interrompeu o discurso, obrigando-nos a descer da nossa região encantada. Pobre *Vivandeira!* Tão sentida, tão bella, e perdida por aquella mulher sem alma, que não soube comprehender-te! Os homens *das palmas* mandaram um destacamento forte para as fronteiras da platéa geral, e a *Vivandeira* foi applaudida. Valeu-nos o *Pharaó* — foi uma diversão. Não pensem que vamos de repente entrar no Salitre. O *Pharaó* estava tambem no *Gymnasio*, e teve a bondade de nos iniciar nos grandes mysterios da magica. Gostâmos de um rapaz assim. Amavel, lhano, sem pretenções de senhor, esqueceu-se de que era rei, para vir conversar comnosco, como poderia fazer qualquer homem de menor hierarchia. Saimos d'alli satisfeitos; mas Elle, o meu excellente companheiro, foi victima de uma perseguição atroz, de que não ha exemplo na historia dos folhetins. Lembram-se do que Elle disse? Sabem que mora defronte d'um chafariz, e que lhe apoquenta os ouvidos o guinchar barbaro d'uma philarmonica de calouros em musica. Pois saibam que os artistas embirraram com o que Elle disse, e imaginem que o meu amigo, quando estava já perto de casa, foi agarrado por dois desconhecidos, e conduzido violentamente á sala microscopica da sociedade. A vingança foi solemne. Dois ophickleides, um bombo, duas cornetas de chaves, uma trompa, uma banda inteira de musica marcial, lhe roncou aos ouvidos uma symphonia, inventada, creio eu, por Satanaz, para fazer desesperar os condemnados. Não o vi depois d'isto; mas consta-me que não ficou são. E é depois desta fatalidade que o senhor d'Alfenim se atreve a pedir para elle um conselho de disciplina? Caridade, barão, caridade!

Morreu a Açucena. Esta menina era filha do sr. Manoel Domingues, e neta do sr. Francisco Tavares, se me não engano. Morreu em Alfama no dia 17 do corrente.

A grande novidade da semana foi a representação, que teve logar no theatro do Salitre, em beneficio de uma victima dos ultimos acontecimentos. Concorreu gente de todas as côres politicas, de sorte que nenhum logar ficou vago. É uma bôa prova, de que nos vamos civilisando, esta tolerancia que leva os homens de todos os partidos a soccorrer a desgraça, qualquer que seja a opinião politica dos que precisam soccorros. Os curiosos, que representavam, entraram perfeitamente. Da sr.ª Emilia, o que se ha de dizer? Quem é que não sabe que ella é a melhor, e a mais bella, actriz do nosso theatro?

A sr.ª Emilia Candida, que tambem se prestou a entrar no *Casamento no reinado de Luiz XV*, teve um pequeno papel, que desempenhou bem. Já se sabe — tivemos o *Gomes Freire* do sr. Palmeirim, que felizmente tem muitas poesias, que valem mais do que esta.

Apezar de ser grande a concorrencia no theatro, não faltou gente ás lições do Gremio. Deos queira que a moda pegue! E deixem ralhar os pedantes. A verdadeira maioria, a maioria dos intelligentes, ha de fazer justiça aos que trabalham, ainda que a mediocridade se revolte, ainda que morram de raiva e de inveja os que não querem ver subir os moços, em quanto elles se revolvem desesperados na sua despresivel nullidade.

Na terça-feira 27 começa o curso do sr. Latino Coelho.

O sr. Pimentel, e Figueiredo começaram na noite de 19 de março. É d'esperar que todos se vão animando

Fr. Gerundio.

BIBLIOGRAPHIA.

Illustração Hespanhola.

UNICO REDACTOR E PROPRIETARIO

D. ANGEL FERNANDEZ DE LOS RIOS.

Historia da semana. *Successos contemporaneos* — Procissão dos deputados da assembléa constituinte em Roma. *Chronica scientifica* — Hydrotherapia, ou tratamento pela agua fria. *Litteratura amena* — Chateaubriand. *Gravuras* — Vista interior da camara dos deputados em França — Vista interior do senado — O tumulo de Chateaubriand — Vista interior do theatro da Cruz, na penultima scena do drama — TRAIDOR, INCONFESSO, E MARTIR. *Romance* — Azar e calumnia. *Edificios politicos* — O senado hespanhol — A camara dos deputados em França — Palacio Bourbon. *Chronica artistica e industrial* — Nova applicação da cortiça. *Theatros* — Theatro da Cruz — Circo do Pombo — Circo de Paul — Muzeu. *Caricaturas* — As sociedades da côrte — Figurino de 28 de fevereiro.

PREÇOS: — por um anno — 2$400; por seis mezes — 1$600; por tres mezes — 800.

Paga de porte 20 réis cada número.

Vende-se a 100 réis — avulso — na loja do sr. Lavado.

A democracia em França por Mr. Guizot.

É um opusculo importante, que merece ser lido, ainda mesmo por aquelles que, sem professarem as opiniões, respeitam comtudo o talento incontestavel do auctor.

Ha já duas traducções, ambas publicadas em Lisboa; a do sr. M. J. Cabral vende-se na loja do sr. Lavado — por 160 réis.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Considerações ácêrca da alimentação do nosso gado, e do regimen especial do verde para o cavallo.

(Continuado de pag. 16.)

Portugal, pouco povoado, e cuja agricultura é ainda, em muitas partes, de *pasto e lavor*, tem por isso a maioria do gado ao verde em pastura, conservando apenas ao sêcco alguns cavallos ou muares mais estimados, e os bois de carreto. Seja-nos permittido uma curta e succinta analyse da prática de sua alimentação, e vejamos o que sería talvez conveniente fazer para a melhorar como é mister.

«O gado lanigero, sobretudo aquelle que passa toda a vida n'um limitado raio de extensão, pasta com utilidade a curta e tonica verdura dos montes; e logo que se levantam as colheitas dos campos, voltam aos seus restolhos e á parra das vinhas, e por ahi se demoram até á chegada dos amanhos outonaes, passando por esta epocha para as visinhas charnecas, pobres, quasi sempre de bons pastos. Nunca se agasalham e acobertam — salvo nas provincias do norte — porque pouco teem a receiar do frio, apenas se amalham á noite em bardos, armados proximo, ou nos proprios logares em que se pastoream. Quasi o mesmo succede para o gado cabrum; mas este, summamente sobrio, e mais rijo ás inclemencias do tempo, vive mais aturadamente nas charnecas; tambem assim se está livre de seu damninho dente, que jámais poupa as tenras vergonteas e gomos das fructiferas arvores.

«O gado *bovino* é tambem sustentado ao pasto natural, e sem ser tão pingue que os ceve ou lhes chame abundante leite, ou fortaleça em correspondencia aos laboriosos serviços que se lhes exigem, admira-nos todavia o ver como no Riba-Téjo puxam a pesada charrua, alimentando-se no tempo das lavras, do verde e escaço pasto de algumas courellas, ou por entre os olivaes em que ameijoam, e onde ás vezes se lhe deitam, como por favor, alguns montes de palha, que, por o modo como é dada, mais estragam do que aproveitam. Pelo verão colhem nas alamedas á beira Téjo as verduras que ahi existem, extinctas as quaes passam ao bem parar das charnecas.

«Os cavallos do labuto rural — *gradage* e *debulha* é ainda ao magro pasto dos pousios e restolhos que se sustentam. Expostos a todas as intemperies desfaz-se-lhe a sua natural nobreza, pondo-os por isso inaccessiveis aos regalos urbanos e militares, só fruidos pelos que vem do estrangeiro. Ha todavia a esperar do gôsto e empenho que alguns lavradores vão tomando pelas raças cavallares, que muito as melhorem, livrando-nos assim de mais esse pesado e estranho tributo.»

Já dissemos ter ao penso sêcco apenas alguns cavallos de mais estima, muares e bois de carreto. A base d'este penso é a palha-trigo, e ás vezes se lhe accrescenta uma ração de grão, cevada ou milho. Pensos colhidos em vinhas ou em terras de lavra deixados em pousio, se prestam como accessorios; mas a maioria d'estes são de má qualidade, não só por muito çujos de ruins e grosseiras hervas, como pela pouca industria e cuidado que ha na sua colheita.

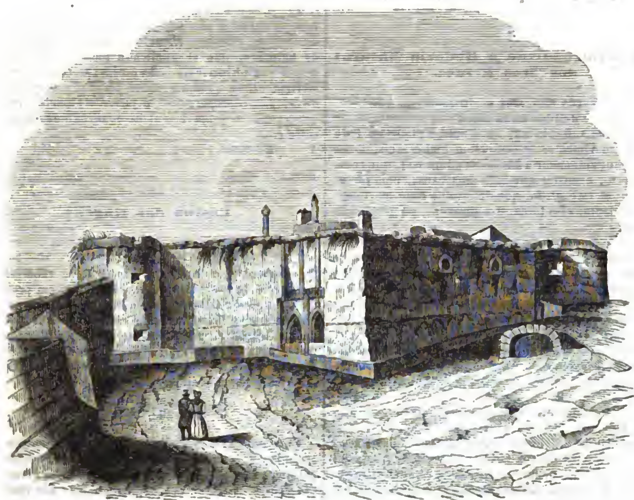
Tal é, pois, em geral o modo como a maior parte do nosso gado se sustenta, releva todavia que ponderemos, ser isto mais attinente ao das provincias meridionaes. Nas do norte ha maior solicitude e desvelo; ahi as excellentes hervages dos *Lameiros* e os prados de *Serradella*, em verde ou sêcco, dão meios de nutrir e cevar o melhor gado que se sacrifica nos nossos matadouros. Tambem em todos os tempos teem sido as provincias mais abastadas em gados, e especialmente o Minho em gado vacum. No tempo de Duarte Nunes de Leão [1] constava haver só nesta provincia quatrocentas mil cabeças de gado vaccum, e de ovelhas, cabras e porcos um milhão. Hoje é ainda a de mais copioso armentio, e d'onde se exporta algum, porque é a provincia mais populosa e mais agricola, e já indicámos que esta circumstancia se acompanha com augmento de gado, e muita melhoria em suas qualidades.

O que convem fazer a beneficio da alimentação de nosso gado, muito se poderia dizer, mas limitâmo'-nos aqui só a indicações, reservando para outra occasião os precisos desenvolvimentos.

[1] Descripção de Portugal em 1610.



Um beijo, senhora!
Qu' importa um beijo?
(Poesia inedita — A Ella.)



Villa Viçosa.

Villa Viçosa é uma formosa e bem situada povoação, na nossa provincia do Alemtéjo, a quatro leguas de Elvas, e a oito, pouco mais ou menos, de Evora.

A data da sua fundação foi objecto dos eruditissimos trabalhos de alguns escriptores nossos — e alguns asseveravam que remontava ao anno 350 antes de Christo, concluindo-se que os carthaginezes a haviam edificado. André de Rezende, aliàs o mais sabio e sincero dos nossos archeologos, dá conta de todos os argumentos, que se apresentam pró e contra aquella opinião. O que, porém, não admitte dúvida é que Villa Viçosa recebeu foral de D. Affonso III, a 5 de junho de 1270. No reinado de D. Affonso V foi esta villa erigida em marquezado, a favor de D. Fernando, filho segundo do primeiro duque de Bragança, e seu successor nos seus estados. Desde então continuou nesta familia; e quando D. João foi elevado ao throno, em 1640, passaram todos os seus bens a constituir a casa chamada do Infantado, ou de Bragança, que pertence aos primogenitos da coróa, que usam tambem do titulo de duques de Bragança.

Havia em Villa Viçosa, antes da extincção total das ordens religiosas, sete conventos. O de Nossa Senhora da Graça, dos eremitas de Santo Agostinho, fundado em 1267, reedificado pelo famoso condestavel D. Nuno Alvares Pereira — é aqui que existem os mausoléus dos primeiros duques de Bragança; o de Nossa Senhora do Amparo; S. João Evangelista; Nossa Senhora da Esperança; Chagas; Santa Cruz; e Santo Antonio dos Capuchos.

A fortificação de Villa Viçosa mereceu muita attenção nos primeiros tempos da monarchia; sendo D. Diniz quem mandou levantar o seu castello, obra que se conserva ainda no estado em que a estampa a representa. Mais recentemente foi accrescentada a primitiva fortificação, com várias obras de defeza, que hoje se acham, como se acha tudo na nossa terra — em ruïnas.

O palacio ducal é a cousa de mais valia que existe em Villa Viçosa, com quanto toda a villa não seja das mais pobres em antigualhas.

Proximo della — nos seus deliciosos arredores — deu-se, em 1665, a formidavel batalha de Montes-Claros, entre portuguezes e castelhanos, commandando aquelles o justamente célebre marquez de Marialva, que saíu victorioso, ficando, do inimigo, tres a quatro mil homens no campo, e seis mil prisioneiros.

Sem que possa dizer-se que Villa Viçosa é uma povoação pobre e insignificante, é comtudo certo que não ha alli, nem grandes, nem pequenas manufacturas, e, por consequencia, o seu movimento industrial e commercial é quasi nullo — reduzido quasi a permutações de cereaes, de que o seu termo abunda.

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Curso d'introducção á Historia Natural dos Tres Reinos.

26. *Gravitação universal.*—Dissemos já que todos os planetas e satellites estão sujeitos a movimentos de translação em volta do sol, ou d'outros planetas. Para que estes movimentos se conservem inalteraveis, satisfazendo constantemente á *harmonia* admiravel, que reina no universo, é mister que haja uma causa, uma *fórça*, que produza este *effeito*, que determine estes movimentos. Essa causa, essa fórça, é a attracção, ou *gravitação universal*.

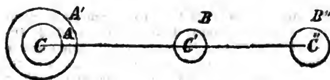
27. *Lei da attracção universal.*—As investigações de Newton descobriram a lei segundo a qual se exerce a *gravitação universal*. O enunciado desta lei, quando considerâmos a attracção entre os planetas e o sol é que a attracção se exerce na razão directa das massas, e na *inversa dos quadrados das distancias do centro de cada planeta ao do sol*.

Assim como o sol attrae os planetas que lhe giram ao redor, obrigando-os a conservarem-se nas suas orbitas, tambem os planetas attraem, segundo a mesma lei, a massa do sol.

Os movimentos dos satellites regulam-se por esta mesma lei.

A theoria da gravitação universal tem sido generalisada a todos os corpos celestes, devendo a sua lei enunciar-se d'este modo:—*Os corpos celestes attraem-se na razão directa das suas massas, e na inversa dos quadrados das suas distancias.*

28. *Explicação da lei.*—É tal a importancia do enunciado, que vimos de exprimir, que será conveniente illucida-lo. Quando dizêmos que *dois corpos se attraem na razão directa das suas massas*, queremos exprimir, que *a attracção augmenta proporcionalmente com ellas.* Supponhâmos que o corpo A, cujo centro é C,



exerce a attracção sôbre o corpo B, cujo centro é C', segundo a *recta* CC', que une os dois centros, e façâmos invariavel a distancia entre os dois corpos. A attracção de A para B terá um determinado valor. Agora em vez do corpo A substituamos á mesma distancia de B uma outra massa A', que seja, por exemplo, o dôbro de A. A attracção de A' sôbre B será tambem o dôbro da que exercitava A sôbre o mesmo corpo.

Attraírem-se os corpos na razão inversa dos quadrados das distancias, significa que a attração menor quanto maior fôr o quadrado da distancia que separa os dois corpos.

No exemplo figurado a attracção de A sôbre B é, por exemplo, como um. Variemos a distancia e ponhamos B a duas vezes a distancia primitiva de A.

A attracção de A sôbre B'' será como $\frac{1}{4}$, porque 4 : 1 é a razão entre os quadrados das distancias consideradas.

29. *Enunciado mais geral da lei.*—A lei que vímos de explicar não subsiste unicamente para os grandes corpos celestes. É, pelo contrário, uma lei geral da natureza, que se applica a todos os corpos. Por isso a sua última expressão é esta:—*Cada porção de materia attrae qualquer outra porção, com uma fórça directamente proporcional á massa da parte attraente, e inversamente proporcional ao quadrado das distancias entre ellas.*

(Continúa.)

Ensino das linguas.

(Continuado de pag. 19.)

A GRAMMATICA especial da lingua deve achar-se em uma serie de quadros que se distribuem em programmas, durante o tempo provavel em que o estudante deva chegar a ler soffrivelmente; o resto do anno lectivo será de applicação do adquirido em regras, e conseguintemente para augmento dos cabedaes na lingua. Aqui temos, portanto, no primeiro anno lectivo, ainda uma parte theorica e outra prática.

PRIMEIRO QUADRO.

Uma comparação dos sons das duas linguas, e suas articulações; formação das syllabas; composição das palavras, comparação das desinencias mais geraes das differentes partes da oração, egualmente nas duas linguas; observações sôbre palavras similhantes.

Supponho que os alumnos são numerados e collocados na aula, segundo a ordem dessa numeração; assim, destinando a cada um uma pagina de livro de leitura, cujo número é o do mesmo alumno, será seu exercicio e prática, relativa a este quadro, pôr em papel os sons, palavras, significados, partes da oração, etc. que, segundo o quadro explicado, houver nella reconhecido.

Por este exercicio já alguma materia da linguagem, que estuda, se irá, por assim dizer, pegando ao systema geral que lhe serve de base.

Além d'isto será obrigação de cada alumno, em quanto durar a instructura d'este quadro, apresentar cada dia, tirados da pagina do seu número, no livro de leitura portugueza adoptado no collegio, 20 vocabulos de que terá procurado a significação no diccionario de versão, devendo tomar bem cuidado em copiar a orthographia exacta, e conservar com aceio o caderno particular que deve ter para estes significados, e outros exercicios.

SEGUNDO QUADRO.

O verbo substantivo depois do seu auxiliar; idéa dos verbos adjectivos.

Pelo quadro anterior já o alumno tem conhecimento dos pronomes pessoaes, e uma idéa de algumas desinencias e fórmas mais geraes do verbo; agora convem-lhe estudar mais profundamente esta parte da oração, e primeiro que as outras, por ser o verbo substantivo o fulcro da balança em que pesam de um e outro lado

as duas idêas principaes do juizo, em que se exprime a fórma mais simples do pensar.

O exercicio que compete a este quadro é escrever os dois verbos, pondo-lhe por sujeito nas terceiras pessoas do singular, um substantivo qualquer dos que já se escreveram no exemplo do primeiro quadro, e por attributo, com o verbo *ser*, um adjectivo tirado do mesmo exercicio do primeiro quadro. Com o verbo *ter* podem vir dois substantivos — por exemplo: — *O homem tem razão; — O animal tem fome*, etc

TERCEIRO QUADRO.

Primeira parte. — Artigos, substantivos e adjectivos. As regras de genero e número para estas partes da oração.

Para exercicio desta parte do quadro, convem que o alumno, mudando o genero e número dos substantivos do último exercicio, lhes junte adjectivos, segundo as regras de concordancia.

Segunda parte. — Preposições e adverbio.

Junte-se, para exercicio d'este quadro, aos exercicios anteriores, circumstancias com várias relações para emprêgo da preposição e do adverbio, que tambem se substituirá por um substantivo e uma preposição.

(Continúa.)

Arte typographica em Portugal.

II.

Elementos d'uma officina typographica.
Typos. — Papel.

SERIA mais logico talvez continuar na enumeração das causas que concorrem mais principalmente para o atrasamento da arte typographica, entre nós; mas, por este meio, não chegariamos com tanta precisão ao resultado que pretendemos obter, e por consequencia passaremos a analysar cada um dos elementos que entram na organisação d'uma officina typographica, nos tres grandes ramos, ou divisões: material — machinas e apparelhos — pessoal. Passando ao material, fallaremos em primeiro logar de

Typos. — Os bons e variados typos são a primeira necessidade de uma bôa typographia. Para o typo se considerar perfeito, é preciso que nelle se encontrem as seguintes condições: a elegancia e correcção do desenho; a bôa composição do metal; a nitidez do *ôlho*; e a recta justificação. Poucos ignoram que o typo é fundido sôbre matrizes, ordinariamente, de cobre, em que está cravada a letra que se pretende reproduzir; mas para este trabalho é indispensavel o punção, que apresenta o *ôlho* do typo, tal qual apparece depois de fundido, gravado em aço finamente temperado. Todo este processo, maiormente o da gravura dos punções e cravação das respectivas matrizes, exige um número de bons gravadores puncionistas, que não temos, e o emprêgo de um capital, que em Portugal não é muito facil de arranjar — além do que isto elevaria o preço de cada *fundição*, de um typo qualquer, a uma somma enorme; e no nosso paiz, onde o consumo é tão limitado, havia de acontecer das duas uma, ou o valor de cada libra de typo, havia de regular-se pelo consumo, e pelo capital empregado, e então ficava muito além das fôrças dos consumidores, ou então deviamos unicamente limitar-nos a dois ou tres differentes corpos sómente. Mas isto não era possivel, no actual estado da arte; as exigencias dos editores crescem de ponto; e nestas circumstancias, e para satisfazer regularmente ás nossas necessidades, teve, a unica fundição bem montada que ha em Portugal — a da imprensa nacional — de importar matrizes de França, daquelles corpos mais regulares e usados. Comtudo, esta providencia, que remedêa os inconvenientes apontados, traz um outro, que não é de menos gravidade: como tivemos occasião de observar muitas vezes — as matrizes nem sempre vem em estado de se fazer obra por ellas; e por mais que o operario portuguez trabalhe, é muitas vezes impossivel que o typo sáia depois com aquella egualdade de justificação, que o constitue verdadeiramente perfeito. Entretanto, na quasi impossibilidade de se fazerem os punções em Portugal, e de todo o processo ser vigiado por artistas tão habeis, como os que dirigem similhantes trabalhos na imprensa nacional — o remedio a este inconveniente só póde existir nas seguranças do contracto, quando se façam taes acquisições de matrizes; sendo condição primeira *sine qua non* a nitidez, e regular justificação da matriz.

Muito se tem dito, em quanto á composição do metal que serve á fundição dos nossos typos; mas é evidente, e póde facilmente verificar-se, que a composição é egual á que se usa lá fóra, e a este respeito não julgâmos que haja nada a desejar; é necessario, porém, notar que nos referimos sempre á fundição da imprensa nacional. A justificação tambem, segundo um melhoramento modernamente introduzido, é feita com rigorosa exactidão, por meio do typometro, instrumento convenientemente graduado. Finalmente, resumindo, a nossa fundição, depois dos melhoramentos incontestaveis que tem recebido, e de que ainda é susceptivel, póde regularmente supprir a todo o consumo do paiz, que tem chegado a 12,000 libras annualmente, e que póde facilmente duplicar. Sendo certo que nunca será possivel exigir em Portugal aquella immensa riqueza e variedade de corpos de que abundam as fundições estrangeiras, senão a *perfeição absoluta* dos corpos que existem, e que de futuro se fundirem — julgâmos escusado enumerar os motivos.

Papel. — Que diremos do papel; quando tantos clamores se levantam de toda a parte? clamores que, pelo menos indicam a grande necessidade de perfeição neste precioso artefacto. E, de feito, o papel é essencial para uma aceiada edição — por mais elegantes que sejam os typos, por mais aprimorada que seja a impressão, por mais superior que seja a tinta nella empregada, se o papel não fôr bom, tudo ficará perdido — e a edição será tudo, menos uma edição nitida. Não precisâmos apontar factos de que todos tem tão pleno e inteiro conhecimento. Em Portugal póde dizer-se absolutamente que só ha uma fábrica que manufacture papel proprio para imprimir; havendo aliás muitas no reino, que o fazem excellente, com quanto mais usado para outros misteres.

(Continúa.)

ROMANCE.

O homem põe e a mulher dispõe.

IV.

Montevrain saiu esta manhã com a velha aia de Helena. Como se viu livre da vigilancia do medico, que abdicou definitivamente o seu podèr dictatorial, quiz experimentar as fôrças, no magnifico terrasso da quinta, que era o seu passeio favorito.

Helena ficou em casa, e sobe e desce, e passa d'um quarto para o outro, e do páteo para o jardim: anda n'um burburinho com ar de muito azafamada. É que escolhêra aquelle dia para festejar — com uma festasinha familiar — as melhoras de Montevrain. A reunião não deve de ser numerosa; compõe-se apenas de tres pessoas: Montevrain, heroe da solemnidade; Helena que a ha de dirigir; e Agostinho, a quem sua prima mandára na véspera recado, com grande instancia.

Os preparativos de Helena estão terminados; um saboroso almoço, que ella preparou por suas proprias mãos, está já posto em uma mesa lindamente ornada de flores, n'uma casa de jantar, cujas cortinas imterceptavam os raios do sol, deixando comtudo penetrar os effluvios aromaticos do jardim.

Já acabou de vestir-se — e com effeito não póde exceder-se o seu trajar em elegancia e simplicidade: vestido de musselina branca, uma fita azul na cintura, uma rosa ennastrada no cabello.

São dez horas; se Agostinho não falta deve de estar proximo; entretanto passou-se um quarto de hora, meia hora, e nada de novo; Helena está derramada, e, de impaciente, bate no sobrado com o mimoso pésinho.

A final ouve-se um certo arruido. — Era Montevrain que voltava — e Agostinho nada.

Acabam de dar onze horas; Montevrain não póde comsigo de fraco; Helena decide que é tempo de ir para a mesa; então abraça o seu tutor, expressando-lhe qual o pezar, que sente, por não ser completa a surpreza que lhe preparára. Comtudo não parece estar zangada, tenta mesmo, com os seus gracejos de encantar, fazer esquecer a ausencia de Agostinho; parece estar possuida de louca alegria, d'onde póde concluir-se que interiormente está desesperada.

O que é facil de conhecer pela viva vermelhidão de que se lhe tingiram as faces, quando no fim do almoço, viu apparecer o Agostinho, que, a fallar a verdade, não parece muito confuso, para um criminoso apanhado em flagrante delicto.

Agostinho tenta explicar a sua extraordinaria demora; Helena, ainda mais furiosa pela sua tranquillidade, não lhe dá tempo a isso; insiste, interrompe-o; impacienta-se, ralha; desata em fortissimos remoques; até que Agostinho se viu obrigado a retirar-se, dizendo, com ar de muito magoado:

— Não precisava, prima, desta última prova para saber até que ponto lhe sou odioso.

Lagrimas como punhos rebentaram dos olhos de Helena.

— Ah! meu bom amigo, disse ella para Montevrain, que seria de mim, se não fôra a sua affeição.

E retira-se ao seu quarto, para chorar á sua vontade.

— Mais uma prova do sentimento que a domina, pensou Montevrain comsigo. Se não sentisse por mim senão simples amizade, não havia de agora tratar o pobre do Agostinho tão mal, por uma cousa realmente insignificante! Nada — não devo demorar-me em esclarecê-la sôbre o estado do seu coração; é tarefa esta facil, agradavel, e que concluirei com alegria, porque fazendo a minha felicidade, tenho a convicção íntima de que tambem asseguro a sua.

Á tarde, Montevrain e a sua pupilla, foram dar uma volta ao jardim, e aquelle, aproveitando a occasião, entrou n'um caramanchão, sentou-se e pediu a Helena que se sentasse tambem ao pé delle.

Qualquer que fôsse a sua convicção íntima, a commoção que não podéra inteiramente dominar, traía-se-lhe no transtornado das feições e no trémulo da voz.

— Ora diga-me, querida Helena, já lhe aconteceu pensar na diversa natureza de affeições, de que o nosso coração é susceptivel.

— A pergunta é bem extraordinaria, meu bom amigo.

— Desejo, Helena, que me responda com toda a franqueza.

— Como assim o quer o meu bom amigo, direi que é objecto esse de reflexões, que muitas vezes se apresentam ao meu espirito. Já tenho scismado como um só coração basta para amar várias pessoas; como duas affeições, e mais, podiam reunir-se n'uma só alma, sem misturar-se ou prejudicar-se. Ninguem estima sua mãe da mesma maneira que estima seu filho; o sentimento que inspira uma irmã ou um irmão é muito diverso do que se experimenta por um amigo; e comtudo ama-se ao mesmo tempo o amigo, a irmã, o filho e a mãe; por cada um delles estamos sempre promptos a fazer toda a especie de sacrificios. Oh! que é uma grande felicidade dar-nos o céu este podêr de multiplicar a nossa existencia com os nossos affectos!

— É verdade, Helena; mas de todos os sentimentos, que constituem essa felicidade, esqueceu-lhe o mais vivo, o que a nenhum se assimelha, aquelle cuja fôrça e podèr não podem todos juntos egualar. Apenas elle entra em nosso coração, cessámos de ter vontade propria; todos os nossos pensamentos, todas as nossas acções se referem a um unico ser; não vivemos outra vida senão a do objecto do nosso culto; alegrâmo-nos com as suas alegrias; soffremos com as suas dôres; alenta-nos — enthusiasma-nos a sua presença; e, longe delle, punge-nos a saudade; não ha sacrificio que não sejâmos capazes de fazer por elle — e que não seja muito áquem da nossa coragem. Oh! Helena, não será a felicidade suprema deixar-se possuir a gente por uma destas irresistiveis sympathias, empenhar-se n'uma destas uniões santas, puras, contra as quaes o proprio tempo nada póde?

— E esse sentimento que acaba de descrever com tanto enthusiasmo, quando não encontra no objecto que o inspira senão a indifferença e o odio, não pensa, bom amigo, que então se deve considerar tal sentimento como a mais horrivel das desgraças?

Montevrain olhou para a sua pupilla espantado; é que em quanto fallava, ella tinha os olhos arrasados de lagrimas.

— Parece estar muito commovida, Helena?

— Não é nada, meu bom amigo; é uma fraqueza que saberei vencer.

— Mas, com effeito, não sei que pense; como entristeceu de repente, Helena! sendo ordinariamente tão alegre e folgasã!

— É que ás vezes tambem ha vontade de chorar, e disfarça-se essa vontade com uma gargalhada.

— Que ouço, Helena! é possivel que precisasse de recorrer a esse meio!

— Algumas . . . . muitas . . . . muitas vezes para meu descanço.

— Não sei se estou em mim! Está-me dizendo cousas que eu nunca suspeitei . . . . e essa observação tão verdadeira, mas tão pungente, que fez ind'agora, confesso que estava bem longe de a ouvir da sua bôcca.

— Porque, meu amigo?

— Porque é consequencia de uma hypothese inadmissivel. É muito formosa, é muito nova, Helena; socegue que o seu coração não é daquelles feitos para conhecer os tormentos d'um amor desdenhado . . . .

Helena levou a mão ao coração, que batia com violencia.

Montevrain continuou:

— E se amasse . . . .

Helena fez-se pallida.

— Meu Deos, que tem, menina? perguntou-lhe Montevrain, já devéras assustado.

— Nada . . . . nada . . . . respondeu a custo a Helena.

E como se não podesse conter o que ía lá dentro no seu coração, exclamou:

— Olhe, meu bom amigo, é impossivel — não quero — não devo engana-lo por mais tempo; suffoca-me este segredo; podia matar-me; creio que me fallecеriam as fôrças se não buscasse os seus conselhos; já não espero consolações senão da sua indulgencia.

— Falle, querida Helena, disse Montevrain, que não podia disfarçar uma perturbação bem natural em momento tão decisivo.

— Pois bem! tornou Helena, abaixando os olhos . . . amo . . . com todas as fôrças da minh' alma . . . .

Os olhos de Montevrain brilharam de alegria e de felicidade.

— Mas, proseguiu a pupilla, não vá julgar que o soffrer me abateu ao ponto de não tentar a lucta; este amor, hei de combatê-lo, hei de vencê-lo: ha de ajudar-me, meu bom amigo — conto com a sua protecção.

— E porque o ha de combater? perguntou Montevrain, cada vez mais admirado.

— Porque? respondeu Helena, olhando para o seu tutor, não menos admirada — porque? porque é um tormento horrivel; porque é uma vergonha ter amor por aquelle que me detesta.

— Que a detesta! bradou Montevrain.

Helena inclinou a cabeça para o peito, como para que o seu tutor lhe não visse a vermelhidão das faces.

— É possivel que nutra similhante idéa? continuou Montevrain, cuja voz tomava uma inflexão cada vez mais apaixonada. Abhorrecê-la! aquelle que ama! Pois tão mal leu na sua alma! Mas Helena é a sua vida, o seu pensamento unico, a sua felicidade! . . .

— Impossivel! acudiu esta — oh! para que é alimentar-me de mentidas illusões; não consegue illudir-me; ha cousas em que não póde haver enganos; e eu tenho a convicção de que não é sómente a indifferença, senão odio por mim o que existe no coração de Agostinho.

— De Agostinho! . . .

E Montevrain, ao soltar este grito, erguêra-se d'um pulo, como se o picára uma serpente; depois recaiu desanimado na cadeira, e escondeu o rosto entre as mãos, sem proferir palavra.

No mesmo instante um mancebo cae aos pés de Helena, trava-lhe das mãos e cobre-lh'as de beijos; era Agostinho. Levára-o o acaso ao pé do caramanchão; a curiosidade prendêra-o. Agora conhece que o acaso não é uma divindade vendada, e a curiosidade não lhe parece merecer o nome de vicio.

— Oh! minha prima, como eu era injusto! cuidei que todos os seus ralhos eram outras tantas provas de aversão; isso affligia-me, e ahi está porque eu me amuava.

— E eu dizia comigo: «Se elle me estimasse, não se amuaria;» e o despeito tornava-me ainda mais rabujenta.

— Agora póde zangar-se, póde ralhar á sua vontade: nem por isso serei menos feliz; nem por isso a amarei menos.

— Mas agora que sei que me estima, como quer que eu ralhe e me zangue? Entretanto, creio que, apezar de tudo, a sua demora hoje é indisculpavel.

— Prima, não tem razão — eu não fui culpado de tal demora — bem sabe que nós não podêmos impôr preceitos aos nossos professores, depois de haver tirado o ponto, e carecendo-se de certas espheras brancas!

— Pois quê o meu primo, será . . . .

— Advogado, approvado hoje mesmo, esta manhã, ás onze horas . . . . era tambem uma surpreza que eu preparava a meu irmão, e que condizia muito bem com esta festasinha. Se tivesse paciencia para me attender. . . . Mas, em que estás tu ahi a scismar, meu irmão? Parece que não fazes caso do que nós estamos a dizer.

Montevrain ergueu a cabeça, dissimulando um sorriso, de violento esforço que fazia sôbre si mesmo:

— Reflectia, meus ricos, que são muito moços, realmente; entretanto, como tenho que fazer uma viagem, e viagem que póde durar alguns annos — é do meu dever não partir sem assegurar a sua sorte.

Quinze dias depois celebravam-se as nupcias de Agostinho e de Helena.

No dia seguinte, partia Montevrain n'uma carruagem de posta em direcção á Italia.

É de crer que encontrou o que desejava no ardente clima daquelle delicioso paiz; porque regressou no fim de dezoito mezes . . . . e não vinha só.

Devemos accrescentar, que o nosso Montevrain parece viver feliz com sua esposa, apezar de não ter sido por elle educada.

POESIA.

Ao partir.

Voga, voga, baixel, fende as ondas,
Conduzido nas azas do vento,
Em quanto eu nesta lyra de dôr
Faço ouvir um saudoso lamento:

Um lamento profundo de mágoa,
Um gemido que o peito m'anceia,
Um suspiro ao deixar tuas praias,
Magestosa e soberba Ullyssea . . .

Gratos sonhos de glória e d'amôr,
Com que outr'ora tão crente sonhei,
Já não devo pensar mais em vós,
Que é mister esquecer-vos, bem sei.

Esperança, futuro e prazer,
Tudo em mim neste dia findou,
Negra sorte meus sonhos desfez,
Tristes lagrimas só me deixou.

Nesta lyra sagrada á saudade
Maguadas canções pulsarei,
Ao 'scutar da rolinha o carpir
Eu com ella tambem carpirei.

Em meu longo e penoso destêrro
Minha vida que triste vae ser!
Lá tão longe das margens do Téjo
Que saudades eu hei de soffrer! . . .

Voga, voga, baixel, fende as ondas,
Conduzido nas azas do vento,
Em quanto eu nesta lyra de dôr
Faço ouvir um saudoso lamento:

Voga, voga, que a brisa da noite
Brandamente nas vélas murmura;
Voga, voga, que ao longe a cidade
Já s'esconde n'um véu de negrura.

Minha vista procura anciosa
Vê-la ainda, ainda uma vez . . . .
Ai debalde! que o manto da noite
S'estendeu com fatal rapidez.

Tudo trevas . . . . e lucto . . . . e silencio . . . .
E minh' alma d'angustia a soffrer!
Mais não posso . . . . meu extremo gemido
Vem dos labios á flôr fenecer . . . .

E. A. M.

REVISTA DA SEMANA.

A MYTHOLOGIA era uma grande cousa.

Tudo o que ella contém, desde os trabalhos de Hercules até á conspiração democratica dos titães, que se dispunham a passear o throno de Jupiter, entre appupos e gritarias, pelas ruas do Olympo (se é que as lá havia), tudo representa visivelmente uma idéa — ainda mais — é a prophecia infallivel de um facto.

Se não vejamos.

A sociedade de Lisboa (porque a das provincias não temos a honra, o que lamentâmos, de a conhecer) foi prophetisada, sem tirar nem pôr, no *mytho* (como agora dizem os litteratos) do supplicio das danaides.

«Que despreposito!» Dirão em côro os que não vêem como a gente sensata, que tudo se liga neste mundo.

Ninguem diria, por certo, ha cem annos, que um corpo negro, sujo por natureza, e que tinha apenas uma recepção honrada em casa dos ferreiros — sería indispensavel para navegar: ninguem pensaria que um folhetim substitue optimamente um cavallo, como o provou *ex cathedra* o eximio folhetinista do *Estandarte;* ninguem ousaria imaginar, que a parca havia torcido atrapalhadamente o fio vital do sr. Marianno para completar a revolução de fevereiro, para ser o sayão feroz e implacavel que havia de queimar em estatua o pobre Guizot, exul e desventurado, expremendo-lhe a *Democracia em França*, até ao arrôjo de fazer jorrar parvoices estremes das paginas bem compostas do ministro-historiador.

E tudo isto se realisou.

Agora volto ao assumpto.

Lisboa é um supplicio das danaides. É o tonel que se enche e vasa periodica e monotonamente. É o rochedo de Sysipho, rolando eternamente sôbre a encosta ingreme do Tenaro.

Sempre as mesmas cousas — e, o que é peor ainda, as mesmas pessoas.

E se Lisboa é um circulo, para que é um tratado semanal para o descrever? Muito mais laconica é a Geometria de Euclides; muito mais a definição *bicuda* de certa personagem.

Lisboa é um circulo. A sociedade um circulo; aquella em que vivo especialmente, outro mais pequeno; — até eu me declararia tal, se não quizesse que me applicassem com desaire o epitheto de redondo.

Em quanto a mim, parece-me que vejo realisada a pintura gigantesca e ideal da *Divina Comedia*. É perfeitamente o amphitheatro tenebroso do Dante. São os circulos embocetados da *Taboa de Cébes*. É um inferninho completo, mas monotono e acanhado.

Houve — e creio que ainda ha — um litterato, que escreveu um romance, cujo titulo não digo — se me apertam muito direi que é a *Açucena!* Esta *Açucena*, que não era nenhuma flôr pallida, mas uma rapariga formosa e até angelical, se acreditarmos o auctor, viveu algum tempo na obscuridade e na virtude! Viveu como vivem as açucenas, não *l'espace d'un matin*, mas o tempo sufficiente para nos entontecer a cabeça a nós, leitores desprevenidos e innocentes, que tivemos a complacencia de lhe assistirmos ao enterro.

Ora a *Açucena* não existia realmente. Era o typo ideal das costureiras — pudica como Diana — casta como Penélope — vaporosa e phantastica como as virgens mythologicas da Scandinavia; era a ELLA, permitta-se-nos a profanação daquelles amores platonicos, que devoram o auctor, com grave detrimento na statistica dos futuros matrimonios. O romance saiu aos pedaços. Começára a acção em 181 · ; mas o auctor, por descuido, foi-a trazendo para a actualidade, e apezar de contar a móça os seus 20 annos apenas, o poeta, por um descuido de chronologia, chegou-o, sem cerimonia, para o anno da graça em que estâmos. E como era preciso acabar o romance, porque o redactor do jornal instava por elle — o meu *alchimista* litterario — disse comsigo: — A pequena, pelos meus calculos, deve morrer daqui a 15 dias (porque elle é inexoravel — é o primeiro a matar as suas proprias creações) — hoje são

tantos! Bom. — E matou-a exactamente quinze dias depois da apparição do último capitulo.

O caso era novo! Mas taes razões lhe assistiriam, que o negocio não podesse andar de outra maneira.

Já havia *trovas propheticas* (as do Bandarra); havia *almanak prophetico;* houve tambem *romance prophetico;* e eu agora digo, com a consciencia da verdade, que ha de haver tambem *revista prophetica.*

Émile Souvestre descreveu a sociedade no anno 3000. Era difficil, para quem vivia no turbilhão de París, onde a vida se renova incessantemente. Charles Fourier prophetisou a cosinha do seculo proximo. Já era mais facil. Fourier era um gastronomo contrariado, e o apetite que trasborda é o melhor telescopio para descobrir e phantasiar iguarias delicadas.

E para mim era facilimo fazer uma *Revista de Lisboa*, que servisse, sem renovação, como o *Lunario Perpetuo*.

Os chronistas e revisteiros se tivessem consciencia (porque sciencia é raro o que a possue), deveriam resumir-se a duas ou tres phrases banaes, decretadas na assembléa do *caraco*. Devem ser — e com mais verdade talvez — como aquelle epilogo sacramental de quasi todas as partes de guarda: — *Fez-se o serviço, conforme as ordens, sem novidade.*

Ora eu lhes explico o que é Lisboa, e o que eu faço como folhetinista.

Já os leitores sabem que assisto n'um sitio encantador e impagavel. Esta manhã levantei-me quando o sino das minhas freiras chamava os fieis a repetir a saudação da tarde. Um pedante diria, talvez sem saber que era uma tolice, que o sol tocára então o *zenith*.

Nada, não quero palavrões assustadores.

Embirro com a astronomia, depois que os astronomos se lembraram um bello dia de começar a descobrir planetas com tanta facilidade, como qualquer de nós a colher as papoulas, que esmaltam um campo de cevada.

Havia, como os leitores sabem, phylarmonicas de todas as invocações, mas com o intuito generoso de divulgar as voluptuosidades musicaes de Bellini, e Donizetti, ou as convulsões harmonicas do *maestro* Verdi. Ó podêr da civilisação! Ó requinte do heroismo! — A dez passos da minha pousada installou-se uma *soi disant* phylarmonica, com o fim ostensivo e jurado de esboracar quantas membranas tem, por desventura, o ouvido humano! É um Odeon de quaresma; é um cilicio musical, esta philarmonica penitenciaria. Nem *trappistas* a consentiriam, se um geral reformador lh'a impozesse como correcção aos impetos da carne.

Gela-se a contricção nos seios da alma.

Os *fás* são como o estridor do trovão subterraneo a presagiar o terremoto; os *sis* são guinchos de coruja a esvoaçar em tôrno das ruinas; os *dós* simelham uivos fabulosos de lobis-homens; os *lás* são como o clangor lugubre e burlesco do funil de folha, que serve de bosina nos prestitos da *serração da velha*.

E todos estes sons destacados .... vagarosos .... incansaveis .... pungentes.

Mal haja o inventor da trompa e o introductor das phylarmonicas em Portugal.

É o meu primeiro martyrio.

Paciencia, já que a nossa Carta *garantiu* (com um gallicismo, como disse o senhor d'Alfenim) todas as liberdades, excepto a de não ouvir os encontrões desharmonicos de uma trompa desafinada

Sáio a passear, e sempre a mesma monotonia — sempre as mesmas carruagens — as mesmas damas — correndo incansaveis de loja em loja, da modista para o retrozeiro, do retrozeiro para o capellista — sempre os mesmos janotas, os mesmos papalvos, com o mesmo sorriso alvar, que lhes crystalisou nos labios, a dizerem as mesmas amabilidades, o mesmo *como está?* aristocratico. A comedia é immutavel. Á noite os camarotes de S. Carlos enchem-se com a mesma gente, que sae d'alli abhorrecida para começar de novo, no dia seguinte, a caminhar, como o *Ashaverus*, do Loreto para o Chiado, e do Chiado para a rua do Ouro.

Não quero ir a S. Carlos — vou para o theatro d'ouro, e vejo a *Cruz*.

A *Cruz* é um drama como todos os dramas, que ha mezes a esta parte se representam na bocêta dramatica de Pandora, que chamam theatro do Rocio. Toda a farragem da arte é alli amplamente prodigalisada. Documentos importantes, que os tabelliães tiveram a cautela de expedir em duplicado — subterraneos onde a virtude experimenta as provações da adversidade; plebeus que amam apaixonadamente filhas de nobres, e que, como depois se sabe, com grande satisfação do espectador, não são filhos de qualquer *João Fernandes*, mas prole occulta de figurões d'alto cothurno; e para coroar a obra vem a loucura, por aquelle princípio velho nos theatros, de que a mulher contrariada perde logo o juizo. A *Cruz* faz o seu effeito no 4.° acto; mas a peça tem ainda outro acto, para consolação dos espectadores, que não gostariam de se retirar muito cedo. Agora serio — o drama não é mal escripto; por muitas vezes o dialogo é natural e bem travado; algumas peripecias, posto que já encanecidas nas lides scenicas, agradam á maioria dos espectadores, que são, por fim de contas, os que tecem essa corôa de um dia, com que os auctores cingem orgulhosos a fronte. Ha, porém, uma só objecção a essas ovações instantaneas da platéa. Um drama nem sempre caminha á immortalidade com o passaporte que lhe faculta o favor caprichoso das turbas, n'um dia de beneficio. O direito a ser gravado na historia litteraria, compra-se por mais valiosa moeda. Dessa é que julgâmos que o drama carece. A *Cruz*, que é hoje um drama *bonito* — que denuncia mesmo uma certa vocação dramatica — nem por isso deixará de dormir em breve o somno da innocencia ao lado do *Magriço* e do *Alcaide de Faro*, a que é sem dúvida superior, se attendermos a que a ausencia dos cavallos e das danças pyrrhicas não obstou a uma bôa recepção da parte do público.

ELLE.

BIBLIOGRAPHIA.

Revista Militar.

PUBLICOU-SE o n.° 3. Contém: *Ensino de recrutas*, por J. M. Fradesso da Silveira. *Tabellas synopticas das evoluções de brigada*. MARINHA — *Sôbre a velocidade util no barlaventear*, por

Mattos Corrêa. *Propriedades da cavallaria* (continuação). *Reflexões sôbre a proposta de lei de promoções e recompensas*, por Chelmicki. *Reflexões sôbre o mesmo assumpto*, por Paulino de Sá Carneiro. *Historia da Campanha de* 1762. *Variedades. Eschola Veterinaria. Bibliographia. Chronica interna. Chronica externa. Boletim official.*

Este número contém 5 folhas.

Publica-se mensalmente.

PREÇOS: — Em Lisboa — por anno, 1$440; por seis mezes, 800 réis. No Ultramar — por anno, 1$920; por seis mezes. 1$000 réis.

Subscreve-se em *Lisboa* na loja do sr. Lavado, rua Augusta, n.º 8; *Porto* — nas lojas dos srs. Moré, e Novaes. *Provincias* — em casa dos correspondentes da Revista Popular.

O escriptorio é na rua de S. Bento, n.º 114.

O Cancioneiro.

O sr. José Freire de Serpa Pimentel começou a publicar o seu Cancioneiro. Consta-nos que é uma preciosa collecção de poesias. Brevemente daremos aos nossos assignantes mais circumstanciada noticia sôbre esta obra.

Illustração Hespanhola.

UNICO REDACTOR E PROPRIETARIO

D. ANGEL FERNANDEZ DE LOS RIOS.

Chegou o n.º 3, com artigos e estampas de muito interesse.

Vende-se avulso, por 100 réis, na loja do sr. Lavado.

Livros de Missa.

O sr. João Paulo Martins Lavado acaba de receber um precioso sortimento de livros de missa, de preços diversos, desde 960 até 6$400 réis. São quasi todos de muito bom gôsto.

Escusado é recommendar um livreiro, que tem sabido grangear as sympathias de todos, pelas suas excellentes maneiras, e pela pontualidade, zêlo e honradez com que desempenha as commissões de que é encarregado.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Considerações ácêrca da alimentação do nosso gado, e do regimen especial do verde para o cavallo.

(Continuado de pag. 21.)

Ha dois, n'um só Portugal, diz Brotero, o Portugal montuoso, e o planicie. O *primeiro* temos que é util dedicar-se como pela maior parte está, ao apascento de nosso gado lanar, visto, em todas as estações e sem dependencia de cobertos, podêr por ahi viver com mais salubridade, do que em sitios baixos e humidos onde se gera a terrivel *amarilha* que os dizima aos centos. De inverno pastariam nas serras do meio-dia, Ossa, Monchique, etc. onde quasi nunca neva, e se ostenta a vegetação como se fôra a sua primavera. De verão nas serras do norte — como do Gerez, Estrella, Marão, etc. quando degelando os cimos nevados, as torrentes infiltram a terra, que se veste d'uma tonica e substancial verdura. Os proprietarios d'estes rebanhos — como já o aconselhára o ex.^mo^ visconde de Villarinho de S. Romão — poderiam combinar entre si esta *transhumancia* em que muito ganhariam, tanto no que respeita á alimentação e salubridade do gado (visto n'um limitado logar não ter este meios de sobrada alimentação annual), como talvez no melhoramento das mesmas lãs, porque assim se conserva uma temperatura mais uniforme, e é de suppôr, que as vicissitudes de emperatura contribuam bastante a ruindade dos véllos, por modificarem directamente a vida da pelle que os produz.

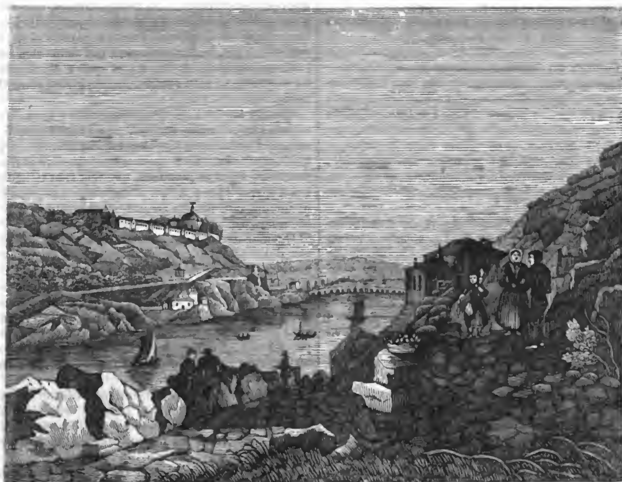
Nas planicies ha em muitos pontos pastos naturaes que, por sua uberdade, se devem conservar em todo e qualquer progresso a que attinja a nossa agricultura, porque similhantes e existentes nas nações onde este progresso é evidente, ainda se conservam; fallâmos dos pingues pastos que apparecem nos *mouxões*, *lesirias* e outros logares immediatos a rios inundantes, ou em planicies visinhas ás vertentes de montes, cujo sólo, quasi sempre humido, se cobre de copiosa e elevada pastura. Alguns melhoramentos, attinentes as ubstituição d'umas especies por outras mais forrajosas, bastaria, para se haver uma ucharia passigosa, sôbre maneira adequada á ceva do gado vaccum, e mesmo á producção de leite; e nos que menos humidos fôssem, á cria de cavallos de mais avultada corpulencia. Assim se pratica na Normandia, onde taes pastos se olham como um maná, pelo muito lucro que dão, e onde se criam os grandes cavallos normandos, depois de feita a ceva de algumas manadas de gado grosso.

Em partes onde estas circumstancias se não deem, nada póde tirar o logar aos prados artificiaes, especialmente aos de *esparceto* que entre nós muito produzem, e á cultura intercalar de raizes forrajosas. De feito, se a folha deixada de pousio se convertesse em forrajosa, se por entre os grandes olivaes que quasi nunca se semêam, se cultivasse o esparceto que, sem perigar as oliveiras dá, ainda que assombrado por ellas, copiosos productos — como resulta das observações do sr. Holtreman — ¿Não se haveria assim com que sustentar ao estabulo, ou depois de alguns córtes no pasto, gado vaccum que nos prestaria sufficiente carne e manteiga; e com os fenos pensar o gado do serviço rural que, adquirindo mais fôrça, sería muito mais expedito nos trabalhos? — Cremos que isto é assaz obvio, e apezar do podêr excepcional de algumas localidades, e em despeito do que um de nossos escriptores avançou sôbre a despensabilidade de taes prados — por se não consumirem os proventos dos que temos naturaes — estamos cada vez mais persuadidos que é esta uma riqueza, que não devemos por mais tempo despresar.

(Continúa.)



Um beijo, senhor!
Que importa um beijo?



O Douro.

Ora serpeando entre viçosas campinas, ora rugindo entre fragosas penedias, o Douro atravessa e fertilisa uma parte importante do nosso Portugal — a mais rica, talvez, senão nos fructos da terra, de que Deos nos depára egual cópia por todo elle, ao menos em ser a mais bem cultivada, e povoada de habitantes — que os não ha, nem mais activos, nem mais industriosos.

E o Douro apresenta um caracter puramente especial. Se não é tão farto e rico de aguas como o magestoso Téjo, a sua corrente é mais poderosa — é a mais valente de quantos rios ha por esse Portugal; se as suas margens não são tão deliciosas como as do Lima, se não teve a fortuna de inspirar tantos vates como o Mondego, o Douro tem mais do que tudo isso, banhando orgulhoso a mais industrial — a mais senhoril das cidades do norte do reino — a heroica cidade do Porto — e fertilisando e enriquecendo tão importantes provincias.

Ha pontos, porém, em que elle não cede a nenhum na formosura das paizagens e pontos de vista, não sendo das menos lindas a que representa a nossa estampa — nos arrabaldes do Porto.

Muitas circumstancias concorrem para a celebridade d'este rio, já famoso nos versos dos poetas romanos: nas abençoadas terras que elle banha crescem aquellas ricas vinhas, que nos dão o licor precioso a que chamâmos — e chamam todos — *o vinho do Porto*. Estas vinhas — que não diremos se bem, se mal fadadas — tem sido a origem principal da abastança de toda a provincia — e se o commercio dos vinhos está actualmente em tal decadencia, se o lavrador amaldiçôa hoje aquella producção, que n'outro tempo o enriqueceria, a causa não é difficil de saber-se. Procure-se na continuidade das nossas luctas civis; na falta absoluta de bôas communicações; no odioso dos monopolios; no desgoverno geral de todas as nossas cousas.

Importante pelas riquezas naturaes e agricolas, de quão grande interesse historico não é todo aquelle torrão? Alli foi o berço da monarchia — alli a origem da antiga, da verdadeira nobreza, no rigor da palavra; não fallâmos dessa nobreza enxertada, bastarda, que parece nos veiu em castigo de peccados — senão naquella que sabe, por feitos generosos, justificar o nome de que usa. Alli se pelejaram rijas batalhas contra os *infieis*; e nessas luctas que deshonram uma nação, e que a cobrem de luto e de miseria, quanto sangue não tem regado os seus campos!

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Curso d'introducção á Historia Natural dos Tres Reinos.

30. *Como se produzem os movimentos curvilineos.*— Um movimento que se effectua, segundo uma linha curva, diz-se *curvilineo*. Tal é o d'uma pedra que se arremessa ao ar com certa inclinação. Um tal movimento é sempre o resultado d'uma fôrça de *impulsão*, que tende a fazer mover o corpo n'uma direcção unica, e d'uma *fôrça attractiva*, que o actua constantemente, obrigando-o a affastar-se a cada momento da *linha recta*. Assim é produzido o movimento *circular* de um *pendulo ordinario*.

31. *Applicação ao movimento dos corpos celestes.*— Logo as orbitas dos planetas e demais corpos celestes, porque são ellipticas, não podem ser o resultado da attracção universal, se não o effeito desta fôrça, combinada com uma fôrça de impulsão primitivamente applicada aos corpos celestes.

32. *A terra considerada como um planeta.*— Entre os planetas que já enumerámos devemos contar tambem a *Terra*.

33. *Difficuldade apparente de contar a Terra no número dos planetas.*— Ás pessoas que são absolutamente alheias ás noções da *cosmographia*, parecerá indubitavelmente estranho classificar a terra entre os corpos celestes. E, de feito, nada é apparentemente tão dessimilhante como a extensão, que nos parece vastissima, da *Terra*, comparada com a dos astros, que são como pontos brilhantes na immensidade do firmamento. Em quanto vemos que os corpos celestes mudam de situação nas horas differentes do dia, ou da noite, ou nas várias estações do anno, não temos uma sensação, que nos accuse o movimento da *Terra*.

Estas objecções, porém, que, durante muitos seculos estorvaram o progresso da verdade no conhecimento do systema do mundo, tem sido destruidas completamente, e a *Terra* é hoje reputada um planeta similhante a *Venus*, ou a *Mercurio*.

34. *Figura da Terra.*— A primeira noção que formâmos da Terra, é a d'uma superficie *chata*, de extensão indefinida em todas as direcções, a contar da posição que occupâmos, e acima da qual existe o ar e o céu; e por baixo até uma profundidade indefinida— *a materia solida*. Esta noção que parece originar-se no testimunho dos sentidos, é o resultado d'uma interpretação falsa que lhes damos. Quando vemos o sol esconder-se no poente, e levantar-se de novo no oriente, se não podêmos duvidar de que seja o mesmo sol, que tornâmos a ver depois d'uma ausencia temporaria, como acreditaremos, que o sol caminha para apparecernos, através da massa da Terra? Como se explicará em hypothese similhante o nascimento e o occaso da lua e dos outros corpos celestes, sem admittir a idéa repugnante de que elles atravessem a massa da terra? A conclusão é, pois, que a terra não póde extender-se indefinidamente em superficie, ou em profundidade. É, pois, um corpo limitado por todos os lados, e a sua fórma é *globosa*, aproximadamente *spherica*.

35. *Provas da sphericidade da Terra.*— Se, pelo auxilio da simples visão, pretendermos reconhecer approximadamente a figura da terra, não será nos logares accidentados, que de taes observações poderemos colher um resultado vantajoso. As desegualdades, que alteram a superficie do terreno, posto que sejam insignificantes em relação ás dimensões do nosso planeta são, relativamente a nós, sufficientes para nos induzirem em erros consideraveis. É nos mares que a fórma *convexa* da superficie terrestre se denuncia á mais ligeira observação.

Quando em uma navegação perdemos a terra de vista, notâmos que a parte do mar, visivel para nós, é definida, e limitada por um circulo, cujo centro é o ponto que occupâmos. Esta apparencia repete-se constantemente em todas as paragens, que tem sido visitadas pelos homens. Ora a figura d'um corpo que, observado de qualquer modo, apparece sempre circular, não póde ser senão a d'uma *sphera*— d'um *globo*.

Quando de uma costa se observa um navio, que se vae della affastando successivamente, ha um momento em que o navio começa a esconder-se em parte ao observador, e vae depois desapparecendo, pouco e pouco, até que nos ultimos instantes, apenas se divisam as extremidades dos mastros. Se o observador, pelo contrário, voga para a terra, os cumes elevados, depois a parte superior dos edificios elevados, logo as casas de menor altura, e finalmente as praias, se vão tornando successivamente visiveis.

Se alguma dúvida restasse, depois d'estes factos, sôbre a convexidade da terra, bastaria reflectir sôbre as *circum-navegações*, executadas em differentes sentidos, para nos convencer da figura arredondada ou *spherica*, que limita o nosso planeta.

36. *A terra existe sem apoio e isolada no espaço.*— Do que vimos de expôr, segue-se tambem que a terra está suspensa nos espaços, sem um apoio material que a sustenha.

37. *Influencia das montanhas sôbre a figura da Terra.*— As mais altas elevações, ou os valles de maior profundidade não obstam a que a terra se repute um corpo spherico. Se compararmos a altura das mais elevadas montanhas do globo com o *diametro* da terra, acharemos que a maxima relação será a de 1 : 1650. O que tem feito concluir que as montanhas e os valles da terra são asperezas menos pronunciadas do que as pequenas rugas que alteram a superficie d'uma laranja. Logo, guardadas as proporções devidas, a superficie do nosso globo é muito mais lisa e unida, do que a do fructo que citâmos.

38. *Movimentos da Terra.*— A Terra obedece, como todos os planetas, a dois movimentos, um de *rotação*, outro de *translação*.

39. *Movimento de rotação da Terra.*— A Terra gyra sôbre o seu eixo de rotação em 24 horas, do occidente para o oriente. Para explicar o nascimento e o occaso dos astros, a successão do dia e da noite, não podêmos admittir mais de duas hypotheses; ou a Terra gyra em 24 horas no sentido opposto ao do movimento diurno; ou o sol, a lua, e todos os astros que brilham no céu, gyram ao redor de nós, no mesmo tempo, do oriente para o occidente. A primeira tem por si a auctoridade dos sentidos e as apparencias. Mas as apparencias enganam muitas vezes, e os sentidos accusam, em certas

circumstancias, phenomenos que realmente não existem. Quando navegâmos n'um barco impellido pela corrente d'um rio, se fechâmos os olhos, nada nos denuncía a nossa contínua mudança de posição, por mais que caminhe o barco, e por multiplicadas que sejam as sinuosidades do rio em que vogâmos. Se durante o curso desta navegação observâmos os objectos que se levantam sôbre as margens, vê-los-hemos como que fugir em sentido opposto ao nosso rumo, e julgaremos falsamente, que o barco está immovel. D'um modo similhante poderá a terra mover-se, e não termos a consciencia do seu movimento, porque comnosco se movem simultaneamente os objectos que nos cercam.

A segunda hypothese, que nós enunciámos, tem contra si gravissimas objecções. Se é a terra que se move em tôrno de seu eixo, os pontos mais remotos do centro percorrerão apenas 377 leguas por hora. Se como o testimunho dos sentidos no-lo accusa, é o sol, por exemplo, que gyra em redor da terra, o movimento diurno exigirá que aquelle astro descreva 8.901200 leguas por hora!

Calculando agora similhantemente a velocidade das estrellas, que estão milhões de vezes mais distantes da terra do que o sol, o resultado será necessariamente incompativel com os mais prodigiosos esforços da imaginação.

A existencia dos movimentos de rotação, observados em todos os planetas, é uma razão poderosa para admittir um movimento analogo na terra — e para fazer considerar o movimento diurno, como uma simples apparencia do firmamento.

(Continúa.)

Ensino das linguas.

(Continuado de pag. 27.)

QUARTO QUADRO.

Dos pronomes, suas differentes especies e funcções, com particularidade o relativo, como sujeito da proposição incidente.

Exercite-se o alumno, com os dados que tem no seu caderno de exercicios, a formar pequenas expressões em que figurem os varios pronomes, que aprende por este quadro, e a completar a idéa dos substantivos por meio de proposições incidentes. Não esquecendo, tanto neste como em todos os exercicios dos differentes quadros, marcar como primeira parte delles o que notar na sua pagina do livro de leitura, com applicação dos principios que já conhece; assim como na do livro portuguez o que, segundo os mesmos principios, podér verter na lingua que aprende.

QUINTO QUADRO.

Conjuncção — qual a sua funcção, e relações diversas que exprimem.

Exercicio de periodos compostos, empregando várias proposições em que entrem os dados dos outros exercicios, e ligados pelas conjuncções que se aprenderem.

DECURIAS.

Haverá tres decurias: 1.ª com o fim de exercitar na leitura; 2.ª — regras; 3.ª verbos irregulares.

Serão decuriões os discipulos que tiverem informações de melhor comportamento e applicação nas outras aulas, e nestas maior adiantamento; este póde conhecer-se nas primeiras repetições.

Depois dos cinco quadros, e de ter passado pelas decurias, o discipulo já deve ter conhecimento bastante da lingua para estudar sósinho uma lição de tradução, fazer a versão de um paragrapho, etc.; pelo que, em logar dos exercicios que tem feito até aqui, dar-se-lhe-hão tarefas de traducção e versão em outros livros, e proporcionadas ao tempo que tiver, durante a semana, as quaes apresentará no sabbado; porque na aula, em todo o resto do anno lectivo, será uma leitura, traducção e analyse avulso, e uma pequena idéa da theoria e estudo de composição, que formará o derradeiro quadro do primeiro anno lectivo.

Pelo que havemos dito do nosso methodo se vê que o alumno, com as palavras que se acham na pagina, que segundo o seu número lhe destinou a sorte, aprende a fazer, por assim dizer, em miniatura, o que se faz em grande com a massa total das palavras da lingua que estuda; portanto, como ao princípio disse, o primeiro anno habilita-o a podêr depois pelo uso simplesmente do diccionario, traduzindo alternadamente uma lingua na outra, adquirir os conhecimentos necessarios para entender os auctores; póde fallar e escrever a lingua, talvez melhor que ninguem por outro qualquer methodo, no mesmo tempo, e, como elle, fóra do paiz. Não a pronuncía, nem era possivel pronuncia-la bem em tão curto espaço de tempo, já porque lhe falta o trato com os naturaes, já porque rarissimos estrangeiros possuem o dom de arremedar perfeitamente, e sem affectação, os sons d'uma lingua estranha. A imitação póde ser verdadeira, e não affectada, quando vem naturalmente do tempo, sem que o individuo pense em modificar os movimentos do orgão, que o ouvido habituado se encarrega de guiar, para o que se requer gôsto e disposição do lado do mesmo individuo. Não é em uma hora, ou hora e meia, que um alumno tem de lição por dia, e que apenas chega ás vezes para theorias, que elle adquiriria do mestre o perfeito accento da lingua em questão; não é em um anno, nem em seis, que elle o obterá, indo habitar no paiz em que ella se falla, se elle não tem a requerida disposição. Com um mestre, com um só homem, fóra do dito paiz, o mais que póde conseguir é um maximo em que apparecerá sempre o cunho da lingua materna, isto é, um accento estranho, o que será defeito, se é defeito ter o filho uma das feições da mãe.

A distribuição do tempo em cada lição depende das materias do programma. O methodo que seguimos foi, como promettemos, puramente analytico, decompozemos para tornar a compôr. Separámos, na pagina do alumno, as differentes especies de palavras que sabiamos pela grammatica geral deverem alli existir, assim como a costureira de Condillac, que descose o vestido que quer imitar, conhece pelo geral de outros, as partes que compõe aquelle; mas precisa ver que fórma tem cada uma em particular. Decompozemos ainda estas palavras nos seus elementos, ou sons articulados,

que pronunciámos cada um de per si e sôlto, para depois tornar a pronuncia-los seguidos e juntos, e aprender a ler todos e quaesquer vocabulos. Os periodos e orações que desmanchámos para ver-lhes as peças em separado, examinamo-los outra vez em corpo inteiro, para formar outros á sua imitação. Nenhum methodo póde ser mais analytico.

(Continúa.)

Mnemonica.

III.

Os homens, contemplando o mundo externo, formaram uma linguagem; porque os seus sentidos e faculdades, estabelecendo certas relações do mundo para o homem, deviam tambem determinar outras do homem para o homem. Apparece a sciencia — conserva-se na memoria de cada um, e communica-se de homem para homem, por meio dessa linguagem. Do homem para a posteridade, isto é, do homem morto para o que ainda não existe, só poderia conservar-se e communicar-se o saber por um milagre — escrevendo. Assim, quando morre o pobresinho, os farrapos da sua camisa, que já não vestem o homem que é pó, vem a concorrer para adôrno do espirito, conservando, de raça para raça, o pensamento. O papel conserva as idéas, que pelo orgão da imprensa se transmittem á posteridade; a memoria conserva as que nos são communicadas pelos nossos orgãos; de modo que a imprensa tem toda a analogia com o cerebro. Na imprensa os typos combinados formam palavras que o papel conserva; no cerebro, as partes moveis, por combinações diversas, como as dos dedos do piannista, que produz accordes, produzem idéas que a memoria conserva.

Idéa não é mais que o effeito da acção de uma certa combinação das partes moveis do cerebro na alma; combinação occasionada pelo ministerio dos sentidos na presença do objecto da mesma idéa: originae no cerebro uma tal combinação, tereis essa idéa; collocae diante de um pianista a mão sôbre a mesa, como quem quer medir um palmo, perguntae-lhe que som lhe vem ao pensamento? — incontestavelmente, o de uma oitava.

A idéa é com effeito imagem; mas é morta — quando collocâmos o polegar e o minimo sôbre as oitavas, no teclado, o piannista que nos vê, recebe logo idéa dos sons que vamos produzir, antes que façamos vibrar as cordas; mas essa fórma, ou imagem, pois que é permittido assim chamar-lhe, é mui diversa do seu original, que se apresenta quando apoiamos sôbre as teclas. Entretanto como é que o orgão da vista despertou uma idéa de sons?

O systema do universo tem leis, todos os phenomenos do mundo externo dependem dessas leis, e seguem outras suas; o mundo das idéas, o nosso mundo interno, é tambem sujeito a leis, que lhe são proprias e determinadas pelas externas: a lei, na linguagem, é subordinada á lei nas idéas. Cinco fórmas diversas de sensações recebe a alma pelos sentidos; são estas as vogaes com que pronuncía em si as idéas. Articulam-se estas vogaes pela relação de espaço, tempo, quantidade, fórma, etc.; e todas as relações geraes, debaixo das quaes se encara a sensação, tornam-se outras tantas articulações das ditas vogaes, consoantes d'esse alphabeto intellectual, com que se pensa. Cinco vogaes temos tambem na lingua, que se articulam, segundo os differentes orgãos, e por varios modos, é assim que a sensação da vista, em relação ao espaço, póde dar idéa de distancia, figura, movimento, etc., bem como a vogal, *a* em relação aos labios, se combina com um *b*, *p*, *m*, etc. De modo que, no alphabeto desta linguagem interior, os sentidos formam vogaes — as cathegorias, consoantes — as idéas tornam-se palavras, que a alma pronuncía, e cujas syllabas são relações de cathegorias e sensações, como na linguagem vocal a syllaba é uma combinação de vogal e consoantes, ou uma relação da voz com um certo orgão que a fere. Assim o universo falla ao homem por meio de sensações ligadas entre si; a alma recebe essas sensações, e reconhecendo os differentes modos por que são prêsas umas ás outras, procura combinar as syllabas dessa linguagem — pensa. Quando o homem quer communicar a outro o seu pensamento, falla-lhe aos sentidos, emprega tambem as relações, estende os braços para o objecto que deseja. Um som mais ou menos agudo, póde egualmente representar a sensação; porém a relação só póde indicar-se articulando: é por isso que as vogaes são proprias para interjeições, e as consoantes para as palavras imitativas. Mas voltando ao nosso objecto, quando as palavras de uma lingua são conhecidas, como o são as que nos dicta o mundo externo, uma syllaba inicial que se pronuncie, chama sempre ao pensamento outra ou outras, que completam certa palavra, que póde ser vária, segundo os individuos. É assim que a mão posta sôbre a mesa, como para medir um palmo, recordou ao piannista a oitava; porque essa posição é como a syllaba inicial da palavra intellectual, de que é parte essa oitava; é syllaba composta de uma vogal, sensação visual, em relação ao meio de obter o som, que é uma articulação para a alma; a segunda syllaba é a idéa da oitava, que é sensação auricular em relação ao tempo e ao número, duas outras articulações mentaes. Vemos, pois, como a sensação da vista póde dispertar uma idéa de som; e fazendo esta indagação, tivemos occasião de comprovar o que, por modo differente, chegou a conhecer Condillac, isto é, que se pensa por meio de uma linguagem, e que a arte de pensar se reduziria a bem formar esta linguagem. Condillac entende, comtudo, por essa linguagem, a vocal, que não é propriamente senão o reflexo do discurso interno. Quando se pensa procura-se juntar a uma syllaba interna e dada, outras que formem uma palavra, sôbre que se funde o juizo intimo. Este juizo conduz a outros, estes reproduzem-se ainda segundo outras relações, e assim se vae pensando, sendo as leis d'este pensar subordinadas talvez ás de uma grammatica que conviria muito podêr descobrir para obter uma bôa logica.

(Continúa.)

Recordações de viagem.

I.

Nos fins de dezembro de 1843, a charrua P*** R*** demandava em pleno oceano a Africa Oriental.

Para um homem, que se sentia com vocação para as letras, era uma próa abhorrecivel, a que marcava a agulha. Se fôsse a India! . . . Se fôsse a Africa, illustrada pelos D. João primeiros, e pelos Duartes de Menezes! . . . Os meus dezesete annos sabiam por que feitos o nome portuguez ainda soava com respeito nos palmares da India, e nos areaes da Africa.

Angola era a colonia, que consubstanciava a degeneração portugueza; Angola não era a glória, era a infamia; não eram os louros da victoria, eram as especulações da usura: covil de piratas do sangue humano, vendida a esse horrivel trafico, que é a deshonra da humanidade moderna.

Abandonar a patria, é uma das sensações mais penosas, que o homem póde soffrer: quando se leva uma saudade, ou uma esperança, ainda os olhos podem chorar, ainda o coração póde palpitar desaffrontado no peito. Eu possuía apenas de meu essa reacção apaixonada e legitima contra uma sociedade sem fé em si mesma: estava nessa situação pungente, em que a dúvida da propria capacidade, quasi que nos tira o direito de pedir contas aos outros da opinião vaga e irreflectida, que condemna o individuo.

Aos dez dias de viagem, renasceu-me a coragem — a energia de minha vontade venceu as incertezas do meu espirito. Que me perdôem a demasiada fidelidade, revelando as impressões que recebia nesse momento!

Quando alongava os olhos pela vastidão do mar, e demandava no céu a estrella que marcava o meu destino, sentia-me inspirado. Então comprehendi, que se podesse dizer, como André Chenier caminhando para o cadafalso: *Et pourtant j'avais quelque chose là!*

Não me fallem na pobre poesia da terra: nem a flôr, nem o rio, nem a montanha, nem a campina, nem o proprio deserto talvez — chegam áquella magestade: a espiritualidade do homem revela-se alli: o seu olhar não vê a terra, e a sua sciencia póde até marcar, no infinito das estrellas, a passagem para outro hemispherio: está sósinho, luctando com os elementos, e vence-os: o mar parece applacar-se ao som da sua voz; o vento parece fugir despeitado de não podêr varrer os mastaréus do seu navio: quando a vaga se eleva como uma montanha, a um volver do leme, o navio passa sôbre ella, que se curva temerosa, e vem despedaçar-se, na sua raiva impotente, d'um e d'outro lado do seu vigoroso costado.

Mas a vida interior do navio é positivamente o desmentido a este arrojo sôbre-humano; não é a classe illustrada, que comprehende a poesia da situação, é o marinheiro rude e grosseiro: é poeta em toda a grandiosa accepção do termo.

N'uma noite estrellada e bonançosa, quando a brisa sopra tímida no arvoredo, quando o mar resplandece em uma ardentia brilhante, quando o céu limpido e puro não consente que uma nuvem embuce as faces á mais imperceptivel estrella — a próa e a pôpa apresentam um aspecto differente.

À pôpa falla-se na *prima-dona*, no novo ministro da marinha, que paga em dia; desfia-se a vida intima de alguma mulher menos orthodoxa nos seus costumes; está-se a cem leguas d'esse oceano, que adormece na sua grandeza — d'esse firmamento, que sorri á alma no seu maravilhoso silencio; está-se em pleno botequim mal creado — na botica d'um bairro de senhoras visinhas, aonde se devassa inclusivamente a mysteriosa alcova e a mal guarnecida dispensa. À próa, ou se canta uma canção melancholica, até ao pranto, ou se recordam as viagens passadas, em contos cheios de vivacidade pittoresca, ou se consolam as mágoas da ausencia, contando os dias que ainda faltam para se ver a velhinha da mãe e a saudosa amante.

Chamavam-me republicano por me ir collocar por ant'-avante do traquete, a ouvi-los, a elles: pudéra! se eram mais homens do que aquelles cabides de dragonas impostoras — se tinham mais alma — se eram mais poetas!

O marinheiro é evidentemente um ente excepcional — operario obscuro d'uma grande obra — victima apontada ao desenvolvimento dessa tarefa mysteriosa que se denomina civilisação.

O marinheiro não tem nação, é cosmopolita na traducção mais litteral da palavra. Differe só pela lingua, mas a intelligencia, o coração e os habitos vasaram-se nos mesmos moldes: ha como uma modificação *oceanica* na sua existencia, que lhe concede os mesmos desejos e as mesmas esperanças; que os associa, de instincto, no mesmo pensamento, que os conduz inevitavelmente ao mesmo tumulo.

A mais bella descripção do typo, que temos visto na litteratura moderna, é no *Piloto* de Cooper. Alexandre Dumas fez um bello romance no *Capitão Paulo*, mas estragou aquella sublime individualidade. Fez, permitta-se-nos a expressão, um caracter excepcional n'um typo excepcional. Fazer orphão um marinheiro, não é exaggerar a orphandade real, que o rouba a todos os gosos da familia, a todas as delicias da vida, que o condemna a amar o céo e o oceano — o infinito e a immensidade?

Quanto é mais bello *o piloto* no cannal de Inglaterra, triste e sombrio, encostado melancholicamente ao cata-vento, com o porta-voz alçado na mão, como para dominar nos seus brados energicos a voz tremenda da tempestade, do que o *Capitão Paulo* melodramatico, cingindo o capacete do combate, e preparando-se para a abordagem?

O marinheiro é assim: confia em si, e confia em Deos; julga-se grande, quando se compara aos outros homens; reconhece-se pequeno, quando se contempla a sós com a magestade da creação.

O marinheiro portuguez é talvez mais poetico por ser ignorante. Não me accusem de paradoxo. Um livro levanos ao centro das cidades, põe-nos de face com a vida, subordina a nossa intelligencia á acção d'um pensamento estranho, affasta a nossa attenção do grandioso espectaculo que nos cérca. O marinheiro tem a poesia dos tempos primitivos, essa ignorancia da humanidade no berço. O seu livro é a natureza. A sua religião é vaga e grandiosa — o seu espirito abraça todo o mysterio da nossa dualidade moral, sentindo-se senhor e escravo, dominante e dominado. Quando os seus braços robustos tentam puchar a véla, que se debate furiosa aos impulsos do vento, elle bem sabe que póde, n'um mais forte sacão, despedaçar-se no convés, ou affundar-se nas ondas, mas tem a um tempo o orgulho de affrontar o perigo, e de subordinar a tormenta aos impetos calculados da sua vontade.

E como não ha de elle crer na Providencia — nos

felizes acasos do destino — elle, que a cada instante vê passar-lhe a morte ante os olhos, morte tremenda, morte que nem lhe dá tempo a dizer um último adeos á vida!

Nem uma cruz sôbre a campa — nem uma flôr sôbre o tumulo — nem uma lagrima que cáia sôbre as cinzas esquecidas do desditoso!

Que importa esse dito sublime de heroico orgulho: *O oceano é o unico tumulo digno d'um almirante hollandez!* — ?

Não! — as palavras do pobre marinheiro não as recolhe a historia, não as ouve o companheiro, não se gravam no coração do amigo — expiram no murmurio das vagas, no rugir do vento, nas pompas solemnes da tempestade!

(Continúa.) ROCHESTER.

POESIA.

MEDITAÇÃO.

NO ALBUM DA EX.ma SR.a D. A. S.

OH! Christo! Banha-te a fronte,
De sangue em ondas um mar!
De teus olhos viva fonte,
Vê-se o pranto rebentar!
Eu gemo tambem comtigo!
Eu tenho por inimigo,
Tambem o mundo cruel!
Sinto arder-me n'uma frágua!
Abraza-me a sede d'agua
Devoro a taça do fel!

A fronte me pende triste,
Dos braços da minha cruz!
Mas a fé! Comtigo existe!
Ainda te invoco, Jesus!
Quebra da terra as cadêas,
E minha alma que incendêas
Deixa-a — deixa-a revoar!
Deixa-a desprender da vida,
Vagar nos astros perdida,
Até os céus encontrar!

Nos duros, agros caminhos
Da minha tribulação!
Cingi a fronte d'espinhos,
Rojei a face no chão!
Meu peito já mal respira!
Quebrada me foi a lyra,
Por satanico poder!
Murcha a corôa de poeta!
Ficou-me a dôr do propheta!
E o exilio! P'ra morrer!

Morte! Vem! apaga a calma
Em que me sinto abrazar!
Ergue-te aos céus, ó minha alma
E deixa-me o corpo ficar,
Tributo rendido á terra!
Um templo que não encerra
Imagem para adorar!
Pó e cinza derramada!
E qual lampada apagada,
Esquecida — e sem altar!

Oh! Christo! Na senda agreste
Tambem sinto os pés cortar!
Negro manto que me veste
Quiz-me a turba retalhar!
Tambem tenho o meu Calvario!
E apodrecido sudario
Me deve, triste, involver!
Nos trances da desventura,
Pelas ruas d'amargura,
Não pôde o rosto esconder!

Não pôde! Que a turba insana
Pelas praças me apupou!
Soltou-me o grito de 'Hossana,'
Escarneceu-me — e passou!
E passou! Ebria, damnada,
Com a face condemnada
A sorrir ao crime e á dôr!
A bradar-me desabrida:
Tua missão é mentida!
É falsa a voz do Senhor!

A turba é impia! descrida!
É só dos bardos a fé!
Nunca o phantasma da vida
Ás turbas surgiu de pé!
Nunca, banhadas em pranto
Ergueram aos céus um canto
Implorando-lhe o perdão!
O seu canto cá no mundo
É um grito furibundo
De blasfema maldição!

Oh! Christo! se tu soffreste
Muito mais que a minha dôr,
Quando o teu calix bebeste
De venenoso amargor:
Eu sou fraco — tu és forte!
Abre-me as portas da morte,
Que não posso já viver!
Quero-me então, confundido,
Ser como um astro perdido,
Que os homens não possam ver!

A. E. Zaluar.

AVE-MARIA.

Ave-Maria
Que neste dia
De pranto e dôr,
Oh! casto lyrio,
Viste o martyrio
Do Salvador.

Chêa de graça
Viste-lhe a taça
Beber de fel.
Mãe sem confôrto,
Do filho morto
Viste o painel.

Deos é comtigo
No eterno abrigo
Da salvação,
Virgem celeste
Que aqui soffreste
Cruel paixão.

Tu és bemdita
Lá na infinita
Mansão do céu;
Oh! mãe piedosa,
Mystica rosa,
Astro sem véu.

Entre as mulheres
Tu, Virgem, queres
De um Deos ser mãe,
De um Deos que expira,
Dos máus á ira,
Por nosso bem.

Bento é o fructo
Por quem de lucto
Sião gemeu,
Que a dura pena
Já Deos condemna
No seio teu.

Santa Maria,
Sê nossa guia,
Mystica flôr,
Leva estes prantos
Aos sacrosantos
Pés do Senhor.

Oh! mãe do Christo
Nos trances visto
Por ti na cruz,
Por essas dôres
Nossos clamores
A Deos conduz.

Roga, intercede
Por nós, e pede
Pede ao Senhor,
Pede — que as preces
Que tu lhe offereces
Tem mais valor.

Nós peccadores
Por quem de dores
Morreu na cruz,
Como atrever-nos
Dos céus eternos
A olhar a luz?

Tu só lhe implora
Pede-lhe agora
Hoje e na hora
Da extrema dôr,
Quando o abandono
D'este vão somno
Nos leve ao throno
Do Salvador.

A. de S.

CORRESPONDENCIA.

Recebemos a carta da muito amavel *Sarah Williams*. Estavamos longe de suppôr que tambem lá tinha chegado a mania de fazer folhetins; comtudo não podêmos duvidar, em vista da sua franca declaração. Agora ficâmos sciente, e posto que Fr. Gerundio e Elle não possam prometter-lhe tudo o que exige, conte a nossa bôa amiga com o respeito e deferencia, que se devem sempre tributar a um dama de noventa annos.

BIBLIOGRAPHIA.

—

Illustração Hespanhola.

UNICO REDACTOR E PROPRIETARIO

D. ANGEL FERNANDEZ DE LOS RIOS.

Chegou o n.º 4. — Contém artigos litterarios e scientificos de muitissimo interesse. Vem rico em gravuras. Traz os retratos de Napier, Concha, e Hahnemann — A allegoria da primavera — Um sonho — Os caminhos de ferro — A saída das tropas de S. Petersburgo. *Caricaturas* — Conhecimento das pessoas pela cabeça e pelos pés.

PREÇOS: — Por anno — 2$400; por semestre — 1$600; por trimestre — 800 réis.

Paga de porte 20 réis cada número.

Vende-se avulso, por 100 *réis, na loja do sr. Lavado.*

CONHECIMENTOS UTEIS.

—

Tinta para as pennas d'aço.

O professor Rungf procurou, por muito tempo, um liquido negro, que não formasse deposito, que não adherisse muito ao papel, que não fôsse atacado pelos acidos, e, sôbre tudo, que não tivesse acção sôbre as pennas d'aço.

Depois de muitos ensaios achou uma composição d'este genero, perfeitamente simples, que consiste sómente em *páu de campeche*, *chromato de potassa* e *agua* — não contém vinagre, nem gomma, nem capa-rosa, nem galha. O seu preço é mui diminuto, porque, para obtê-la, basta empregar 375 canadas d'agua, para um arratel de *chromato amarello de potassa*.

Prepara-se a decocção de campeche na proporção de 20 para 60, isto é, faz-se ferver o páu em quantidade d'agua sufficiente para que, com 20 arrateis de madeira, se obtenham 60 canadas de decocção. A esta se ajunta, depois do resfriamento, o chromato, e agita-se com vigor. A tinta fica feita, e póde ser immediatamente empregada.

A addição de gomma, em qualquer quantidade, só póde fazer mal.

Admira, por certo, que uma tão pequena quantidade de sal de chromio converta em tinta uma tal quantidade de decocção; mas o facto é real, e até é preciso que não se empregue mais chromato, porque o excesso d'este corpo produziria effeito destruidor reagindo sôbre a materia colorante. Pelo contrário, nesta proporção, forma-se com a materia colorante do campeche um preto azulado, que não está suspenso, como o galhato d'oxido de ferro na tinta ordinaria, mas dissolvido, e por conseguinte em estado de não podêr formar deposito.

Este liquido possue ainda outras propriedades. Um papel, em que se escreveu com esta tinta, póde ser lavado com uma esponja, e mesmo mergulhado n'agua por 24 horas, sem que a tinta desappareça, e até sem que seja por algum modo atacada.

Os acidos diluidos em agua não a destroem, nem lhe mudam a côr, em quanto a tinta ordinaria desapparece, em quanto se torna vermelha a que se prepara com campeche e caparosa.

As pennas d'aço, novas, tem um inducto de materia gorda, que se oppõe a que a tinta pegue, de modo que é preciso molha-las com saliva, e lava-las depois em muita agua, quando se quer que desde o princípio tomem toda a tinta. Com cinza fervida n'agua consegue-se ainda melhor o mesmo resultado. Para usar da nova tinta é indispensavel recorrer a esta operação.

O professor Rungf serve-se, ha dois annos, desta tinta, e as pennas d'aço ainda por ella não foram atacadas. A tinta que descobriu, oppõe-se á formação da ferrugem, de maneira que, depois de terem servido muito tempo, as pennas só tem a avaria que resulta do attrito sôbre o papel.

Não é preciso, como se propoz, recorrer ás pennas de latão, ou d'iridium, para escrever documentos, etc. que exigem letra identica do princípio ao fim. Com a sua tinta, affirma o professor Rungf, que a penna d'aço satisfaz perfeitamente.

ADVERTENCIA.

Com este número se distribue a *Collecção de Poesias*, que a empreza da Revista Popular offerece aos seus assignantes. É um volume de 128 paginas, de que se fez uma larga tiragem, a fim de satisfazer aos nossos assignantes e ás pessoas que, não o sendo, quizerem possuir esta bella *Collecção*, comprando o volume avulso por 240 réis.

Os assignantes d'anno, que tiverem pago as suas assignaturas, recebem já a *Collecção*.

Os assignantes de semestre receberão o mesmo brinde, quando tiverem pago o segundo semestre.

Os assignantes, que pagam no acto da entrega, receberão tambem as *Collecções*, se assignarem para o anno seguinte, pagando immediatamente a importancia total da assignatura.

As pessoas que assignarem *por um anno*, até o fim de maio, receberão a *Collecção* respectiva, logo que tenham satisfeito a importancia total da assignatura.

N. B. — A poesia *Ao Sol*, que faz parte da *Collecção*, é traduzida de Turquèty, o que não se notou por esquecimento.

PREÇOS D'ESTE SEMANARIO

Anno — 960; semestre — 480; avulso — 20 réis.



O conde Rossi.

O conde Rossi é uma daquellas celebridades contemporaneas, cujo caracter não póde ser sincera e lealmente avaliado, debaixo da influencia das paixões politicas, que agitam a Europa, em tão tormentosa quadra, como a que vae passando; limitar-nos-hemos, pois, aos seguintes apontamentos biographicos.

Peregrino Luiz Eduardo Rossi nasceu em Carrara, de uma familia distincta, a 13 de julho de 1787. Como fôsse dotado de grande capacidade e applicação, destinaram-no para a carreira do fôro, distinguindo-se ao ponto de conseguir ser nomeado professor de direito penal na universidade de Bolonha — cadeira que regeu alguns annos. Em 1816 estabeleceu-se em Genebra, tendo-lhe sido, pelo governo daquella republica, egualmente confiado o ensino do direito romano e do direito penal. Além do curso a que era obrigado, estabeleceu cursos extraordinarios de direito, de historia e de economia politica, em que alcançou larga e brilhante reputação de profundo pensador e escriptor elegante. Concorreu na redacção da *Bibliotheca Universal*, e com Sismendi e Bello fundou os *Annaes da Legislação, da Jurisprudencia e da Econcmia Politica*, publicação consciençiosa e redigida com muita intelligencia. Em 1829 imprimiu o seu *Tratado de Direito Penal*, que prova a extensão dos seus conhecimentos historico-juridicos. Por tres vezes o escolheu o conselho de Genebra deputado á Dieta (1830), e por esta foi nomeado relator da commissão do novo pacto federal. Como não conseguisse que approvassem o trabalho, que naquella conformidade concluíra, e a repetidas instancias de varios amigos, partiu para París, influindo mr. Guizot para elle ser apresentado, como realmente o foi, na cadeira de economia politica, do collegio de França, em 1833. Pouco depois, por determinação do Governo, passou a reger a de direito constitucional na Eschola de Direito em París. Este facto excitou, pela sua extranheza, as exprobações de quasi toda a imprensa periodica em França; entretanto, os mesmos que guerrearam tão ar-

dentemente aquella nomeação, tiveram depois de confessar a superioridade de talento e do ensino do conde Rossi.

Em 1834 naturalisou-se francez, e em 1836 foi, por unanimidade, admittido membro da academia das sciencias moraes e politicas, sendo, posteriormente, elevado á dignidade de par de França. Por morte do senhor de Latour-Maubourg foi substitui-lo, na qualidade de embaixador, em Roma; e nesta situação se achava quando tiveram logar os notaveis acontecimentos que se seguiram á inauguração do pontificado de Pio IX. Foi eleito deputado pela cidade de Bolonha; e poucos mezes depois encarregado por S. S. da organisação de um novo ministerio, do qual effectivamente fez parte, como encarregado da pasta dos negocios estrangeiros. Quando, nesta qualidade, ía assistir á abertura da camara dos deputados de Roma (1848), quasi ao entrar no palacio das sessões, caiu morto aos golpes de um transteverino, chamado Jargo.

O conde Rossi era um severo doutrinario, amante da liberdade legal e do bem-estar dos povos.

Além das obras citadas escreveu *Curso de Economia Politica*, trabalho que mereceu, e ainda merece, a acceitação dos entendidos.

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Ensino das linguas.

(Continuado da pag. 36.)

Se ao ensino, considerado como sciencia, se houvera dado toda a importancia que merece, estudando-o com especialidade, teria florescido como todos os ramos dessa arvore fecunda. Ensinar é transmittir o saber, sustento intellectual do homem. Para conduzir generos alimentares á região em que reside a intelligencia, temos a considerar primeiramente a fórma dos mesmos, isto é, a disciplina que se ensina; depois os meios de conducção, estradas, methodo segundo a accepção mais ordinaria; e as mãos porque passam os objectos antes de chegar ao seu deposito, faculdades da alma, que se empregam para receber os conhecimentos; finalmente o mesmo deposito em que tem de guardar-se, a memoria que, tanto como as outras faculdades, demanda cuidados no ensino. Algumas grammaticas tenho visto, antigas já, cujas regras são postas em verso a favor da memoria; para mencionar a de um portuguez, citarei a do padre Manoel Alvares, que é estimada, como me dizem em Italia, tem todas as regras em versos latinos

Quem nos offerece um producto de paiz estranho indique o processo que o torna proprio para alimento, a fim de que não succeda cosinhar-se o grão de Moka como humilde legume, e ficar perdido. O amigo que nos ensina a sua casa, desejando que o visitemos, dá o número da sua porta; esse número é firmado na memoria por essa mnemonica instinctiva que todos possuem: 24 são duas duzias; 20 um vintem, etc. O que o amigo, pelo interesse de nos vermos, faz, para atinarmos quando quizermos com a sua casa, porque o não faria o mestre amigo, para que o discipulo encontre, quando convier, os conhecimentos que lhe communica? O interesse maior do mestre é que o discipulo depare sempre na memoria com a porta d'esses conhecimentos.

No plano que projectei de ensino das linguas, tive todas estas cousas em vista. O tempo não era de mais, tratei de o aproveitar quanto possivel. Poupando ao alumno o estudo de uma multiplicidade de definições da mesma cousa, mais tempo lhe deixo para o da lingua. Em vez de lhe pôr nas mãos um compendio, que vae introduzindo a martello para a memoria, apresento-lhe a arte aos olhos e ao ouvido; fallo-lhe ao entendimento por dois orgãos a um tempo; e prendendo-lhe assim dois sentidos em vez de um só, obtenho, não sómente maior attenção, como tambem mais firmeza para a memoria, além da que necessariamente ha de receber da fórma mnemonica que devem ter os quadros de que fallei — quadros que o mestre vae cada anno reformando e corregindo, segundo a melhor disposição que o seu estudo assiduo lhe houver indicado. Assim tenho sempre nestes quadros uma porta aberta ao aperfeiçoamento do methodo, fundado sempre nos mesmos principios, e na regra inviolavel de que cousa alguma entre para a memoria sem passar pelo entendimento. Vem agora a proposito tocar n'um prejuizo de que, infelizmente todos nós somos victimas: acredita-se que as creanças tem muito bôa memoria, e é verdade; mas confunde-se a accepção do vocabulo. Devemos distinguir: ha memoria local, memoria de sons, etc.; uma creança não lhe escapa o que vê, nem o que ouve, por conseguinte tem muito bôa memoria; se o levarem ao paiz em que se falla a lingua que querem fazer-lhe aprender, falla-la-ha consideravelmente mais cedo que se fôra crescido; o que tambem succederá se lhe derem, sem manda-lo ao paiz, um aio inseparavel, ou uma *Bonna*, que lhe fallem de contínuo na mesma lingua. Entretanto não será o mesmo pô-lo em uma eschola. Na eschola não ha familia, ha camaradas; mas os brinquedos não são permittidos; no menino tudo tende a essa liberdade, alli tudo apresenta o aspecto da sujeição. Querem ensinar-lhe uma lingua com que não póde expressar a unica cousa que sente; que interesse póde convida-lo a que aprenda? O homem que mais admiro é o que ensina a ler as creancinhas; a cousa que mais admiro é que as criancinhas o aprendam. Mas porque o mestre de primeiras letras fez um milagre, e a creança lê, segue-se, por ventura, que possa egualmente aprender linguas na eschola? — Eu entendo que só o poderá conseguir pelo melhor dos methodos, e no minimo tempo que fixei para o meu; quando o seu intendimento, sufficientemente desenvolvido, se ache possuido da habilitação que se exige para o primeiro anno d'este curso.

SEGUNDO ANNO.

Os trabalhos do anno precedente eram em cada dia uma parte theorica seguida de outra prática, neste succede o inverso. A prática, que constitue o essencial do trabalho diario d'este anno, tem comtudo de fornecer uma theoria que me parece de summo interesse, e conducente á formação do estylo.

Os alumnos trazem para esta aula dois livros; obras originaes em cada uma das linguas, e do estylo mais caracteristico em ambas.

Começa-se pelo livro estrangeiro. Cada estudante lê um periodo e traduz as palavras ao proprio, e no logar que occupam no mesmo periodo. Se este assim traduzido ficar em bôa linguagem, o estudante seguinte passa a outro periodo; se não, desta traducção, que chamaremos *media*, passar-se-ha para outra, que deve ser a clara. E assim vae correndo a traducção ate haver materia em que o professor faça escolha de um ou mais periodos, que julgar convenientes para estudo. Estes, escriptos de per si na pedra, com as duas traducções *media* e *clara*, serão analysados debaixo de todos os pontos de vista conducentes a fazer sentir: o pensamento do auctor, e sua decomposição; a inteireza do periodo, e suas differentes partes; a fôrça de cada palavra, e sua collocação como parte do discurso, etc.; grammatica, e comparação das duas traducção com o original.

O habito de taes analyses, feitas em periodos bem salientes, dará necessariamente um conhecimento perfeito, quanto possivel, do caracter das duas linguas. Os alumnos copiam da pedra para os seus cadernos os periodos analysados e as regras ou observações que produziram. Na repetição semanal devem apparecer estes resultados debaixo de uma fórma systematica.

Para o estudo de versão emprega-se uma traducção *media* de periodos originaes da lingoa materna, que se passa, palavra por palavra, para a estranha. Quem está muito lido nas duas linguas, se não faz mental e distinctamente estas operações, é que longo (como o é sempre) o uso já lhe tem ensinado a tal modo de dizer em uma, qual outro corresponde na outra. O nosso methodo deve encurtar muito caminho. Os exercicios de versão podem fazer-se, escrevendo-se na pedra um paragrapho, que os alumnos traduzirão, cada qual ardozia, em linguagem media e em seguida na que aprendem.

A passagem da fórma *media* para a *clara*, na traducção do livro estrangeiro, e a da linguagem vulgar para a mesma fórma *media*, quando se quer traduzir para a estranha o original da materna, faz-se pela mudança nas fórmas grammaticaes com que nas duas linguas se exprime o pensamento. Esta mudança que é propriamente uma traducção dessas fórmas, depende do estudo philosophico e comparativo de ambas as ditas linguas, que já se vê, se vae sempre fazendo nos periodos escolhidos. A collecção d'estes periodos em cada semana e mez, e em todo o anno, constitue nos cadernos do alumno, juntamente com a theoria resultante, a materia sôbre que póde ser perguntado, assim nas repetições, como no exame annual. O exame prático póde consistir de dois paragraphos, que se lhe dêem, um para traduzir o outro, para ser enterrogado de repente por occasião do mesmo exame annual, para facilidade do que podem dar-se-lhe mensalmente exercicios analogos, pelos quaes, e pelo do dito exame, será mais justo o juizo que se houver de fazer de qualquer alumno para decidir se deve ser approvado ou não.

Na exposição que tenho feito d'este methodo, sôbre tudo na parte que diz respeito ao primeiro anno, não sei se terei sido entendido; faltarão talvez detalhes; faltará talvez tambem clareza. O systema das concepções do nosso espirito, essa linguagem que a natureza falla e este sente, só podemos fazê-la sentir aos outros, traduzindo-a pela materia na linguagem dos sons. O pensamento perde então, como sempre perde, o original que se traduz. Comtudo póde o original ser tão bom, que ainda na má traducção, não obstante as perdas, transluza a sua bondade. Os principios do methodo pareceram-me optimos, na esperança que fôssem utilisados apresentei-os. A fórma é ainda susceptivel de muito aperfeiçoamento — o talento lh'o dará. Estude quem ensina, que o ensino, como já vimos, é sciencia. Seja o mestre um nauta intelligente. Os astros, o céu, o mar, a sonda, os rumos do vento, as correntes das aguas — consulte tudo, estude tudo durante a sua derrota. Tem de luctar com elementos varios — idades diversas, paixões nascentes; guiar-se pelos astros de intelligencias ainda mui pouco elevadas no horisonte da vida. Navega em um mar pouco profundo, tome a sonda, prosiga acautelado; preveja com suas manobras os casos mais desfavoraveis. Se o methodo procurar moldar-se á intelligencia mais limitada, e outras circumstancias desfavoraveis do anno, é claro que o proveito será mais dos alumnos todos. E para que este, sendo de todos, seja ainda o maximo, recommendarei mais uma vez a mnemonica. Como, porém, o arco se não sustem sem a pedra do feixo, que por ser a última collocada, nem por isso deixa de ser essencialissima, em abono da applicação daquella sciencia aos methodos de ensino, citaria neste logar a cartilha mnemonica, que inventou o sr. D.or A. F. de Castilho, que é de um effeito prodigioso para ensinar a ler em brevissimo tempo e com facilidade summa.

M. Dalhunty

ROMANCE.

Margarida.

I.

Querem que lhes conte uma historia? dizia uma mulher já bem velha, a duas creanças assentadas ao pé della, e junto d'uma larga chaminé, onde ardiam ainda alguns boccados de lenha.

As creanças responderam com um *sim* indifferente áquella proposição, que ordinariamente recebiam tão alegres. A bôa mulher, essa, espertou o lume, e começou o conto do *Petit Poucet*.

Era, pelo menos, a centessima vez que ella o contava, e por isso talvez o seu auditorio não lhe prestava tanta attenção. Devo comtudo confessar que havia um motivo mais forte para excitar a distracção das duas creanças; é que no dia seguinte era *dia de anno bom*. Ora em Vienna d'Austria, onde se passa esta historia, é costume dar neste dia o que se chama *estréas*. Eisaqui unicamente porque as duas creanças, que pensavam nos *presentes*, que esperavam receber, não podiam prestar senão uma pequena attenção ás aventuras de *Petit Poucet* e de seus irmãos. O rapaz, que teria uns dez annos, ambicionava um uniforme completo de caçador hungaro, similhante ao que víra na loja de um mercador de bijouterias — e pensava quanto não ficaria pimpão com o tal uniforme. Margarida, sua irmã

mais velha, que não tinha inclinações tão belicosas, não sabia se desejasse uma caixa com tremzinho de cosinha, de estanho; ou uma boneca com olhos de esmalte; mas, a fallar a verdade, não desgostaria que lhe dessem uma e outra cousa.

Já vê o leitor que a bôa velha perdia inteiramente o seu tempo a contar historias que ninguem ouvia. O Leopoldinho, com os ageis dedinhos fazia da mesa tambor, e Margarida que não pensava n'outra cousa senão nos lindos vestidos que havia de fazer á sua boneca, e nos jantarinhos que devia de cosinhar, não despregava comtudo os olhos d'uma enorme trouxa que estava em cima d'um grande armario, em que ella cria escondidas as *estréas* do dia seguinte.

A bôa mulher, observando que as duas creanças não a escutavam, parou com o conto logo.

Esta suspensão, que, ainda na véspera, excitaria violentas reclamações, não produziu naquelle momento effeito algum sôbre Leopoldo e sua irmã.

— São horas, meus filhos, disse então a velha Martha; resem as suas orações, e vão-se deitar.

— Sim, avósinha

E as duas creanças ajoelharam para resar. Mas, como historiador veridico, devemos dizer, que em logar de pedirem a Deos que os fizesse sabios e virtuosos, substituiram-lhe em voz baixa esta fórmula algum tanto egoista: «Meu Deos permittí-nos que ámanhã tenhamos bôas *estréas*.» Depois do que, abraçaram sua avó, e foram deitar-se.

Assim que os julgou adormecidos, a velha mulher abriu um armario gothico, que era o movel mais importante do aposento, e tirou delle um objecto embrulhado em panno verde; depois, collocando-o em cima da mesa, caiu de joelhos diante do retrato d'um homem magnificamente vestido, e decorado com várias ordens; e levantando a voz para aquella imagem, disse com voz cortada de soluços:

— Perdoae-me, meu nobre amo, perdoae-me se falto á promessa, que vos fiz, de guardar para vossos filhos este último vestigio da vossa opulencia; este objecto, que os vossos antepassados conservaram tão religiosamente, e que não devia sair da familia; mas é por causa de vossos filhos que eu me separo delle; não tenho meios alguns para os sustentar — e, ai de mim — a miseria já me vae paralisando as fôrças e o ânimo.

Neste ponto suffocaram-na as lagrimas de tal maneira, que se viu obrigada a parar; finalmente, asserenando um pouco, continuou, sempre com os olhos fitos no retrato:

— Oh! haveis de perdoar-me, não é assim, meu amo! Perdoar-me-heis; se vou empenhar esta reliquia veneranda para comprar um boccado de pão, é porque o não tenho para dar ámanhã a vossos filhos.

E levantou-se, saiu do aposento, subiu ao andar superior, e entrou em casa d'um de seus visinhos, que chamavam no bairro o *tio Frantz*.

— Olá, sr.ª Martha, disse este, vendo-a entrar, como vae isso hoje?

— Mal! respondeu seccamente a velha, muito mal!

— Pois quê, sempre, sempre mortificada, disse o tio Frantz. Então que temos de novo agora?

— Que temos? que sou a mulher mais desgraçada do mundo...

— Porque?

— Porque ámanhã é dia de anno bom, e — é a primeira vez que isto me acontece — não posso dar nada aos meus queridos amos.

— Então é isso que a afflige, sr.ª Martha?

— Não é só isso, não! é peior ainda: ámanhã, sr. Frantz, não tenho mesmo pão para lhe dar?

— Essa noticia é realmente triste. Entretanto, visinha, permitta-me uma observação; a sua conducta em relação a essas creanças espanta-me sôbre-maneira.

— Porque?

— Porque é extraordinaria.

— Extraordinaria? mas em que é extraordinaria?

— Porque, continuou Frantz, não percebo como não sendo vocemecê rica — perdôe-me, mas eu não a quero offender, sr. Martha — não percebo, repito, o motivo porque ha dez annos protege com os seus braços, e sustenta com o seu proprio pão, como se foram seus filhos, creanças que lhe não são nada absolutamente. Ainda concedo que vocemecê por compaixão os tomasse á sua conta, porque eram infelizes, nem tinham quem lhes valesse; mas depois porque os não metteu nos engeitados? Concedo tambem que repartisse com elles do seu pão; mas que os rodeie de luxo, que só é dado á opulencia ostentar; que se prive do necessario para que elles tenham o superfluo; que andem vestidos de sedas, e vocemecê de burel; que comam manjares delicados, em quanto apenas tem um boccado de pão negro; finalmente, para que nada lhes falte, trabalhar a sr.ª Martha toda a noite, em quanto elles sonham nas *prendas* em que vão gastar o que ganha tão difficultosamente, isso é que me revolta, e revoltará sempre; porque, torno a repetir, elles, que eu saiba, não lhe são nada.

Esta apostrophe era muito grosseira na realidade. Entretanto Martha, apezar da sua affeição, ergueu-se, e, com voz solemne, retruquiu:

— Não me são nada? oh! que não sabe o que diz. Pois não me são nada os filhos de um homem que salvou a minha familia dos horrores da miseria! Não me são nada... os descendentes d'uma raça que sempre foi o abrigo da minha; e acha o tio Frantz a minha conducta extraordinaria, e aconselha-me que os metta nos engeitados! Hei de ser grata aos beneficios do pae, abandonando os filhos á caridade pública? Oh! estou certa que não sente o que está dizendo, sr. Frantz — no meu logar havia de fazer o mesmo; e Deos me livre de pensar o contrário. Mas não fallemos mais nisso. Tenho tanto direito de sustentar os filhos de meu amo, como o sr. Frantz tem de deixar que andem á esmolla os de sua desgraçada irmã.

— Sr.ª Martha, eu sou pobre, muito pobre, replicou Frantz — e isto dizia-o em quanto deitava um pouco de vinho n'um copo de prata.

— Pois sim — pois sim! melhor é não tocar nesse ponto, e vamos tratar do negocio que aqui me trouxe, disse Martha.

— Ah! é verdade! que pretende por cá? disse Frantz, apagando a luz, assim que viu que a sua visinha trazia uma véla acceza.

— É um pequeno obsequio que venho pedir-lhe.

— Ah! ah! e o avarento Frantz fez uma horrivel careta.

— Como todos sabem que o senhor, apezar de não ser rico, tem alguns florins velhos...

— Ah! dizem isso todos, continuou Frantz, encantado da fama que lhe annunciava a Martha; mas sem querer confessar, receiando que lhe pedisse alguns emprestados — e neste proposito acudiu:

— Pois enganam-se, minha rica; não tenho um ceitil.

— Então peior para mim, disse a velha mulher... e peior para vocemecê tambem.

— Como, para mim tambem?... Que quer dizer com isso?

— Que perde uma bella occasião.

— Máu! pensou Frantz — que diacho quererá ella dizer? Então ameigando um pouco a voz, continuou, com um agradavel sorriso:

— Para a obsequiar, visinha, talvez se podesse ahi arranjar algum dinheiro até ámanhã.

— Ámanhã já era muito tarde; quero-o esta noite, ou irei ter com o Bernardo, ourives.

— Então é objecto de valor, disse Frantz comsigo. Não, não hei de perder a occasião.

— Mas, sr.ª Martha, se eu visse o que era, talvez esta mesma noite podesse concluir-se o negocio. É algum objecto que me pretende vender?

— Sim, disse a velha, mas com dinheiro á vista, e debaixo de certas condições. Se quer chegar a minha casa eu lh'o mostrarei.

— Pois vamos.

(Continúa.)

POESIA.

Anninhas.

(TOADA POPULAR DO RIBA-TÉJO.)

ANNINHAS, anninhas,
Toma bem cautela;
Tua mãe não brinca
Tenho medo della.
Tenho medo della,
Mais sim, ou mais ai.
Toma bem cautela,
Ó meu zigue-zai.

Anninhas, Anninhas,
Isto assim não dura;
Anda fazer queixa
Ao teu padre-cura.
Ao teu padre-cura,
Mais sim, ou mais ai,
Anda fazer queixa,
Ó meu zigue-zai.

Ó meu zigue-zigue,
Fujâmos da aldeia,
Ha sesões na terra
Podes ficar feia.
Podes ficar feia,
Mais sim, ou mais ai;
Fujâmos da aldeia,
Ó meu zigue-zai.

Só fujo comtigo
Depois de casada;
Na terra em que vivo
Sou bem reputada.
Sou bem reputada,
Mais sim, ou mais ai:
Fugirei casada,
Ó meu zigue-zai.

Ficavas mais livre
Fugindo solteira:
Cantavas da festa
Não sendo festeira.
Não sendo festeira,
Mais sim, ou mais ai;
Gosavas solteira,
Ó meu zigue-zai.

Quem dá taes conselhos
Não ama devéras:
Só forja mentiras,
Só sonha chimeras.
Só sonha chimeras,
Mais sim, ou mais ai;
Não ama devéras,
Ó meu zigue-zai.

Anninhas, Anninhas,
Quem ama não foge:
Dá-me cá um beijo,
Casemos já hoje.
Casemos já hoje,
Mais sim, ou mais ai.
Quem ama não foge,
Ó meu zigue-zai.

Anninhas, Anninhas,
Toma bem cautela;
Tua mãe não brinca,
Não no saiba ella.
Não no saiba ella,
Mais sim, ou mais ai;
Toma bem cautela,
Ó meu zigue-zai.

L. A. PALMEIRIM.

Número dos Christãos.

No primeiro seculo contava-se apenas 500,000 christãos; no segundo — 2 milhões; no terceiro — 5; no quarto — 10; no quinto — 15; no sexto — 20; no setimo — 25; no oitavo — 30; no nono — 40; no decimo — 50; no undecimo — 70; no duodecimo — 80; no decimo-terceiro — 75; no decimo-quarto — 80; no decimo-quinto — 100; no decimo-sexto — 125; no decimo-setimo — 185; no decimo-oitavo — 250; finalmente, no decimo-nono calculam-se no número de 260 milhões.

(Semanario Pittoresco Hespanhol.)

Producção annual media da prata em toda a superficie do globo.

		Arrateis
America	Mexico	982,000
	Buenos-Ayres (Republica de)	600,000
	Perú e Bolivia	335,000
	Chili	82,500
	Estados-Unidos da America do Norte	206,650
		2:206,150
Azia (Russia d')		45,000
Europa	Hespanha (1840)	80,000
	Hungria, Transylvania, Banat, e Bukovine	42,000
	Saxe (1841)	33,122
	Hartz (1838)	23,660
	Norwega (Kongsberg, Sala)	15,800
	Bohemia (1842)	11,930
	Prussia (1841)	11,738
	Inglaterra (1835)	10,650
	Alzan, Holzappel, etc., perto do Rheno	4,000
	França (1841)	3,830
	Suecia	3,400
	Saboya e Piemonte	1,200
	Salzsburg	400
	Diversos	400
	Total	2:493,280

Ou 77,915 arrobas de prata, o que corresponde proximamente a uma sphera massiça de 5 varas e meia de diametro.

REVISTA DA SEMANA.

Ha um anno, a critica não existia. Os auctores extasiavam-se diante das proprias obras; o público nos theatros batia as palmas, com uma innocencia admiravel; e os periodicos transcreviam com extrema docilidade os elogios, que os proprios auctores escreviam, com toda a modestia de um deputado, que profere hoje um discurso semsabôr, e ámanhã, no artigo de fundo, falla *sinceramente* da eloquencia, força, e deducção logica do seu arrasoado, embora rico de disparates e banalidades

As columnas da *Revista Universal*, para onde todos os homens serios remettem ainda os seus artigos, registava cuidadosamente o apparecimento de cada novo trabalho, começando sempre a noticia por um daquelles *narizes de cera*, de que o collega sabe servir-se tanto a proposito, com termos tão constantes nos seus escriptos, como as palavras consagradas aos decretos — *serviu muito a meu contento* — que se escrevem sempre, faça-se justiça, ainda mesmo quando o ministro é um parvo, que apenas serve para andar recostado n'uma traquitana d'aluguer, com o inseparavel correio, na rectaguarda, a galopar sem descanço sôbre o dorso d'uma perúa.

O homem que uma vez tinha adquirido reputação, repousava á sombra da sua glória, pavoneava-se nos salões, ou antes nas salinhas, porque em Portugal não ha salões, e querido das damas, respeitado e invejado pelas multidões, chegava a reputar-se homem de genio, olhava com desdem para os *incognitos*, que menos favorecidos pelo acaso, e mais modestos, trabalhavam em silencio, e esperava impaciente a hora afortunada do seu triumpho.

Esta bôa época passou. Hoje a critica existe, e fustiga sem piedade o ridiculo dos trabalhos que apparecem, qualquer que seja o auctor, qualquer que seja a sombra em que esses trabalhos procurem protecção. E, como nunca, é hoje a critica necessaria. O numero dos poetas, e dos prosadores, cresce todos os dias — as columnas dos jornaes estão cheias d'artigos *originaes* em toda a extensão da palavra — o theatro recebe tudo quanto se apresenta — o público applaude tudo o que se representa — em quanto as *coteries* dos auctores batem as palmas, e os chamam fóra, para que recebam a corôa do triumpho — embora seja corôa de um dia, que o bom senso lhes retire no dia seguinte.

Os poetas, e os prosadores, elogiam-se mutuamente, lêem uns aos outros as suas obras, nos corredores dos theatros, nas ruas, nas salas, nos botequins, e no cacifo do Marrare, que felizmente se fechou; e formam uma legião valente e numerosa de Chateaubriands, de Lamartines, de Hugos, e de Byrons em miniatura. A adulação que um homem só, do alto da sua *Revista*, fazia a todos, para que o saudassem — protector — passou a ser um habito geral, e animou a miuçalha a apparecer em campo, e a pedir tambem para si um logar neste grande banquete de fraternidade litteraria. O theatro e a imprensa, como duas mulheres corruptas, receberam a visita dos intrusos, para quem está por certo reservada a immortalidade nas tendas, e nos confeiteiros, cujo numero augmenta tambem com o dos litteratos e o dos folhetinistas.

Foi nestas circumstancias que a critica se inaugurou nas columnas do *Pharol*, despedindo raios fulminantes contra os dulcamaras litterarios, que tinham vindo para a imprensa fazer decocções, e linimentos de litteratura insulsa e caricata. A multidão horrorisou-se, os assignantes fugiram arripiados, e os auctores acolheram-se á sombra protectora do *Jardim Litterario*, e do *Baratissimo*. Mas debalde se escondem — aquelle clarão do *Pharol*, fatal para elles, vae descobri-los, vae alumiar o antro em que se escondem, e revela ao público espantado os alinhaves grosseiros da litteratura pirata e tacanha.

Desorientados, perdidos, incapazes de reparar pelo estudo as faltas a que os arrastaram a ignorancia e o atrevimento, macaquearam tambem a critica, e deitaram-se a fazer folhetins, cuidando achar nelles as ultimas taboas de salvação. Quizeram *fazer* espirito, e alagaram as columnas soffredoras dos jornaes, com um diluvio de parvoices, que desacreditariam para sempre o folhetim, se o folhetim não fosse uma necessidade da época, que tem de ser satisfeita, apesar do grasnar das rãs.

Mas ha inda a meu ver peior canalha
Que sem nada compôr, descompõe tudo.

Os menos habeis, censores ineditos, que nunca po-

deram dar, para a imprensa, original que enchesse um componedor, lançaram-se tambem neste caminho da crítica, que lhes pareceu facil, e cheios de si começaram a pronunciar com toda a sobranceria da ignorancia, o seu juïzo, que ninguem perguntava, sôbre obras e auctores. A crítica de sala, de botequim, e até de escada, inaugurou-se atrevida, e a anarchia entrou, e reina, e reinará, em quanto o açoute não começar a fustiga-los tão rijo, que se lhes acabe para sempre a sêde de fallar, que é a perdição desta nossa gente, em obras esteril, mas fecunda em palavrões e sentenças.

Um jornal que ahi se públíca perguntou aos criticos pelos seus diplomas — nós não queremos vê-los. Venham os escriptos, arrisquem-se tambem, exponham-se á correcção, e não faltará quem lh'a dê. Diplomas e titulos — podem guarda-los, que hoje no mercado valem tanto como as quinzenas. Temos doutores de sobra — queremos mais sciencia e menos pergaminhos.

O folhetim em Portugal não é ainda o verdadeiro folhetim, porque a sociedade está pouco educada, porque a capital é uma aldêa, porque tem de conter-se entre limites tão proximos, que apenas póde a custo mover os braços. Mas para a crítica litteraria, ainda as forças lhe chegam. Não gostam dos jornaes, não gostam dos livros, não gostam dos dramas, sorriem-se com uma sufficiencia ridicula do que apparece em público; pois bem, façam jornaes, façam dramas, façam livros, e justiça será feita. A crítica não lhes agrada — façam crítica tambem; mas por amór de Deos, façam crítica, não façam semsaborias, digam verdades, não amontoem phrases triviaes, não façam babeis de sandices.

E a *Revista da Semana*, pergunta agora algum leitor impaciente, que não acha o titulo deste artigo em harmonia com o que temos dito. A *Revista da Semana* é pobre. O que havemos de nós dizer depois do que escreveu o chronista da *Época*, o barão d'Alfenim, o rei dos chronistas? O que havemos de nós dizer, que não tivemos paciencia, como elle, para ouvir todos os sermões da quaresma? É preciso confessar que ninguem faz chronica tão conscienciosa. O barão d'Alfenim desce ás vezes a uma linguagem pouco propria de um barão; quando faz crítica — *guarda debaixo!* — porque atira com rochedos que esmagam; mas no fim de tudo é o unico que faz chronica, porque estabeleceu um grande redenho de relações com todos os priores, pregadores, coadjutores, sachristães, e até mesmo, segundo dizem, com os cabos de vigia dos bairros desta cidade, opulenta em cabos, e em regedores.

O barão d'Alfenim faz época na *Época*, e posto que seja muitas vezes parcial, representa um papel distincto n'esta cruzada, que hoje principia contra os rabiscadores e os caturras, que vieram, talvez, como praga, annunciar a chegada da cholera. Deos a affaste e a elles tambem.

Mas o barão d'Alfenim, como chronista, crêmos nós, tem *entrada franca* no templo, vae para os logares *reservados*, tem como se diz as *suas entradas*. Nós não as temos. Graças á protecção d'um soldado conhecido, entrámos na capella mór d'uma grande egreja, e dispunhamo'-nos para ouvir um sermão de lagrimas, quando os irmãos *monopolistas* vieram, com a polidez de um municipal, apresentar-nos um mandado cruel de despejo. Acceitámos — não sem murmurar — a intimação, e persuadidos em fim de que a casa de Deos não é para todos, tivemos de nos retirar. Tentámos a entrada no corpo da egreja; mas estava tudo cheio, e voltámos para casa desanimados.

Chegando a casa achámos os jornaes, démos logo com uns versos:

> Se eu tivesse sôbre os ventos
> O dominio que Deos tem,
> Dava-te *um vento* tão meigo
> Como o riso do meu bem.

Acabámos de ler a quadra, fecharam-se os olhos, e seguiu-se um somno profundo entrecortado de sonhos horriveis, horripilantes, algidos, como diria o auctor da Duqueza de Florença.

. . . .

A noite de nove d'Abril, foi noite de festa para o povo de Lisboa. Em quanto a multidão, lá fóra, na na Praça de D. Pedro, contemplava os lampiões novos, os arcos illuminados, as estrellas, e as letras de fogo que derramavam o seu clarão sôbre as ruïnas do Carmo — representavam-se no theatro os *Mysterios de Paris*. Em quanto lá fóra o burguez innocente propunha que se aquecessem os tubos, para tornar mais intensa a luz fraca do gaz; em quanto o janota, com ar de pedagogo, explicava ás turbas que o gaz vinha accêso do gazometro até aos bicos — o espectador pacifico inebriava-se de gôso ouvindo as tolices da sr.ª Barbara e do sr. Matta, encarregados de assassinar os papeis de M. e Mme *Pipelet*.

Lá fóra um folhetinista embryonario palpava os tubos para ver se o gaz vinha quente. No theatro o espectador enthusiasta, punha-se em pé para dar palmas ao sr. Theodorico, que fazia tinir os pintos, ao saír da casa mysteriosa de Jacques Ferrand.

Os *Mysterios de Paris*, no drama, não são como os *mysterios* do romance. O caracter, que apparece vigorosamente traçado, é incontestavelmente o de Jacques Ferrand. O sr. Epiphanio soube comprehende-lo.

A sr.ª Talassi *(condessa de Mac-Gregor)* vestida de homem, é um ente repugnante. Em conversação com *Jacques Ferrand* arrasta demasiadamente as palavras, exaggera a *intenção* com que deve pronuncia-las. No último momento, quando diz a sua filha: *Tua mãe morreu — e morreu muito desgraçada;* proferiu estas palavras com tanto sentimento, com tão profunda mágoa, que, sem offensa, receâmos que não torne a pronuncia-las tão bem.

A *marqueza de Harville* (sr.ª Carolina Emilia) tem um papel pouco importante. É verdade que no fim vem de caleche, o que não deixa de fazer algum effeito.

A sr.ª Soller não foi mal no papel de *Flor de María;* mas, apezar do diploma que lhe passou o barão d'Alfenim, duvidâmos um pouco da sua grande intelligencia.

A sr.ª Delphina é a *Rigolette* do romance. Vae bem no seu pequeno papel.

O *Facadas* (Chourineur) entrou bem. Poucas vezes o sr. Assis falla tão naturalmente. Quasi sempre repete os papeis, como um rapaz de eschola repete o cathecismo.

O sr. Rosa *(Morel)* é incontestavelmente um bom artista. É pena que não possa encarregar-se de grandes papeis. Não se cega com ambição de fazer effeito, e por isso mesmo agrada sempre.

O *principe Rodolpho* (sr. Tasso) só uma vez nos desagradou muito; foi quando formou aquelle grupo, em casa do lapidario, que sería bom no fim de uma dança, mas é detestavel depois d'um mandado de despejo.

A sr. Radicci entra sempre bem nos papeis de regateira, por isso não admira que se distinguisse na desordem da taberna; mas póde ter a certeza de que não percebeu o papel, apezar de ser tão pequeno.

O Sr. Theodorico *(Mestre-eschola)* com a sua camisola de rancheiro, aspira sempre ás honras de truão. Chocarreiro sem chiste, faz quanto póde para provocar a gargalhada estupida da platéa, e sacrifica o merito incontestavel que possue, a essa gloriola de *fazer rir*. Os parvos applaudem — os innocentes imitam — e o gôsto corrompe-se pelos esforços combinados da platéa e do actor.

O *Mestre-eschola* não morre cego, mas arranca os olhos a *Jacques Ferrand*, para lhe roubar o thesouro, que elle tem escondido no bosque. O *Cambado* é rapaz de bons sentimentos. A *Coruja* não apparece, nem faz falta, porque ha lá muitas, a quem só falta o nome. *Flor de Maria* vae de caleche para os seus estados, e o espectador, ás duas e meia da madrugada, retira-se a pé para casa, com dóres no pescoço, se teve a infelicidade de querer olhar para algum camarote.

Á última hora. — Consta-nos, ainda que um pouco tarde, que houve crise ministerial no theatro *Agrião*. O sr. Tasso ficou ministro das finanças. Dizem que o sr. Epiphanio fica com a pasta da instrucção pública.

Outra novidade. — Recebemos um bilhete de visita do nosso estimavel barão d'Alfenim.

Fr. Gerundio.

BIBLIOGRAPHIA.

Publicou-se, e julgâmos digno da attenção dos homens da arte, um opusculo pathologico da *Hyperemia Maligna*, accompanhado de cinco observações e quatro estampas, pelo sr. *João Gregorio Rodrigues*, cirurgião formado pela Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa, offerecido ao ill.^{mo} sr. Dr. Bernardino A. Gomes

Relatorio.

Recebemos o Relatorio, que apresentou o sr. José de Torres á sociedade dos Amigos das Letras e das Artes em S. Miguel. Por falta d'espaço não dâmos notícia neste número dessa bem organisada sociedade.

Semanario Pittoresco Hespanhol.

Publicou-se o n.° 13 com seis estampas: *Jerusalem — O Jordão — Vista de Nazareth — O mar morto — Jericó — e Interior da capella da Natividade, em Belem.*

Vende-se por 70 réis cada número na loja do sr. Lavado — rua augusta, n.° 8.

Illustração Hespanhola.

UNICO REDACTOR E PROPRIETARIO

D. ANGEL FERNANDEZ DE LOS RIOS.

Chegou o n.° 5. — Contém: Historia da Semana — *Seur verse*, por A. Karr; Vida de Jesus Christo; Uma tarde em Magdalena; Theatros; Prensas mechanicas; *Estampas* — Garibaldi, general romano; Vista de Belem; Muralhas de Jerusalem; S. Lucas e S Marcos; Machina em que se imprime a *Illustração*.

Vende-se avulso, por 100 *réis, na loja do sr. Lavado.*

El Frontero

REVISTA LITTERARIA DE HESPANHA E PORTUGAL

Recebemos o primeiro número do *Frontero*. Contém os seguintes artigos: *Estudos biographicos* — Camões; *Paginas d'um diario; Historia de Portugal* — D. João I; *Linguagem das Flôres; Chronicas Hespanholas;* La corona de fuego; Sentenças, maximas e pensamentos moraes; *Estudos Historicos* — Hespanha e Portugal; Anecdotas; *Estudos Litterarios* — Differentes generos de litteratura: *Conhecimentos uteis; Poesias,* etc. etc.

Publica-se em Badajoz.



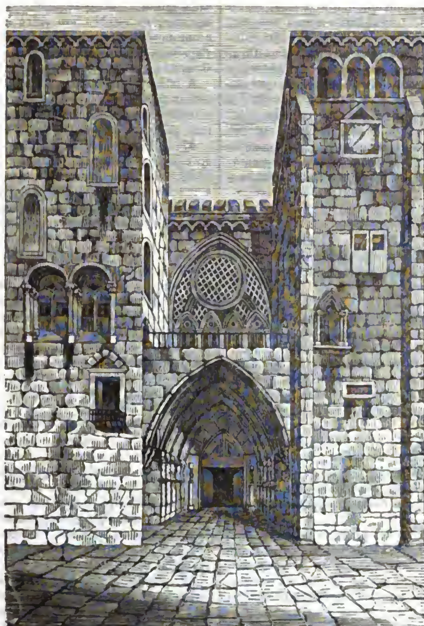
UMA ACTRIZ QUE VICENTE CORRADINI ACABA DE ESCRIPTURAR PARA O THEATRO DE S. CARLOS.

ADVERTENCIA.

Os senhores assignantes do *Semanario Pittoresco Hespanhol*, a quem pertencer a *Collecção de Poesias*, que esta empreza publicou, tenham a bondade de a requisitar na loja do sr. Lavado, rua Augusta, n.° 8.

AVISO.

Na loja do sr. Lavado compram-se alguns exemplares do n.° 1 do 1.° volume da *Revista Popular* (1.ª ou 2.ª edição). Paga-se a 40 r.s cada exemplar.



Sé d'Evora.

A SÉ d'Evora é um dos mais venerandos templos que existem no reino, assim pela antiguidade de sua fundação, como por ser um bello specimen de architectura dos primeiros tempos da monarchia, com quanto não haja memorias que indiquem ao certo qual foi o edificador desta famosa cathedral — nem o architecto que deu a traça. Como na sé de Lisboa, não ha alli a admirar os brincados lavores, nem as fórmas elegantes, que distinguem a Batalha, Santa Maria d'Oliveira, os Jeronymos, monumentos de uma civilisação mais adiantada.

A sé d'Evora é grave e singela e robusta como devia de ser robusta e grave e singela a fé dos batalhadores de Affonso ou de Sancho I. É pena, porém, que a capella-mór não concorra para a harmonia geral do templo.

Como estivesse arruinada a antiga capella-mór, o cabido e sede vacante pediu e obteve d'elrei D. João V licença para applicar os rendimentos daquella mitra á reedificação da dita capella. Foi feita totalmente de novo, segundo o risco de João Frederico Ludovice, architecto das obras de Mafra. É fábrica sumptuosa, rica de bons e preciosos marmores, larga, optimamente illuminada; mas, repetimos, em completa desharmonia com o todo do templo.

A sé d'Evora é de tres naves; o corpo da egreja mede cento noventa e tres palmos de comprimento, e oitenta e nove de largura, rematando as naves n'um cruzeiro de trinta e um palmos de largura, sôbre cento cincoenta e sete e meio de comprimento. Sôbre o cruzeiro, aguentado nos arcos e botaréus das naves ha um pequeno zimborio, que é uma torre ponteaguda, com oito grandes janellas abertas em volta, mas que actualmente estão tapadas de pedra e cal, sem uso, nem serventia. Do pavimento do cruzeiro ás mesmas janellas ha cento e quinze palmos de elevação. Quatorze grossos pilares de alvenaria sustentam as abobadas das naves; e sôbre o entablamento geral, na elevação de quarenta e oito palmos do pavimento, corre uma galeria, que tem

noventa e oito janellas, ou frestas ogivaes, no que se parece com a sé de Lisboa, que tambem possue egual galeria, com a differença, porém, que nesta as janellas, ou frestas, são em fórma de *ferradura*, estylo arabe, ou, digamos assim, musarabe. Logo á entrada da porta principal fica o côro, a trinta e quatro palmos de altura, com sessenta e um de comprido e trinta e um de largo: as suas paredes são forradas de madeira, em que podem admirar-se muitos primores de obra de talha. A claustra é junto do corpo da egreja, treze palmos inferior ao pavimento geral — é obra do bispo D. Pedro IV, segundo resam antigas memorias. Vejam-se os nossos n.ºs 21 e 48 do 1.° volume, em que apresentámos curiosas noticias a respeito da cidade d'Evora e das suas antiguidades.

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Curso d'introducção á Historia Natural dos Tres Reinos.

40. *Pólos da terra.* — Os dois pontos em que a superficie terrestre sería atravessada pelo eixo de rotação, se elle fôsse material, dizem-se *pólos*. Tem, para differençarem-se, os nomes de *pólo norte* ou *boreal*, e *pólo sul* ou *austral*.

41. *Pólos celestes.* — Os pontos que o eixo da terra, prolongado, marca na abobada celeste, chamam-se pólos celestes. O pólo celeste norte acha-se na proximidade d'um grupo d'estrellas, conhecido pelo nome de *Ursa menor*, e junto d'uma dellas, que se chama por isso *Estrella polar*.

42. *Meredianos.* — Todos os circulos da terra, que passam simultaneamente pelos dois pólos, tem o nome de *Meridianos*. E este nome vem-lhe de ser meio-dia, ou meia-noite para todos os pontos de um tal circulo, quando no seu plano existe a recta que une os centros do Sol e da terra.

43. *Equador.* — É o circulo maximo (que passa pelo centro da terra), que tem todos os seus pontos equidistantes dos pólos. Divide, pois, a superficie da terra em duas partes eguaes. Chama-se tambem linha *equinoxial*, ou simplesmente a *linha*.

44. *Achatamento da Terra.* — O diametro do equador é maior que o eixo da terra. A differença avalia-se em 6 a 7 leguas; e produz um achatamento na terra junto dos pólos — donde se segue que a figura do nosso planeta não é a d'uma sphera perfeita, mas a que os geometras denominam *ellipsoide*. Esta fórma poderá ser comparada com propriedade á que offerece ordinariamente uma laranja.

45. *Parallelos terrestres.* — Os circulos menores, que se traçam na superficie terrestre parallelamente ao equador, dizem-se *parallelos*.

46. *Latitude e longitude.* — Para determinar a posição de qualquer logar sôbre o globo, referimo-la aos *meridianos* ou *parallelos*, servindo-nos de dois elementos, que são — a *latitude* e a *longitude*. Chama-se latitude o arço do meridiano, comprehendido entre o lógar que queremos determinar e o equador. Exprime-se em gráus, minutos e segundos, suppondo o meridiano dividido em 360 gráus, cada gráu em 60 minutos, e cada minuto em 60 segundos. Longitude é o arco do equador, comprehendido entre o merediano do logar, e um meredíano fixo, que serve de origem á contagem. Exprime-se tambem em gráus, minutos e segundos, suppondo o equador dividido como os meredianos.

A latitude póde ser norte ou sul. A longitude póde contar-se desde 0° até 360°, ou de 0° até 180°, para o oriente e para o occidente. Neste último caso a longitude póde ser *oriental* ou *occidentál*.

47. *Circulos polares.* — São dois circulos parallelos ao equador, e distante delle 23° 30'.

48. *Horisonte sensivel.* — A parte plana da terra, ou a porção dos mares, que são visiveis para nós d'uma estação qualquer, tem tão pequena extensão que, apezar da curvatura da terra, podêmos considera-los como planos. Prolongando mentalmente esta pequena face plana, em que pousâmos na terra, o plano indefinido que d'ahi resultar, será o nosso horisonte sensivel. É elle, como a palavra indica, o que limita a nossa vista, o que determina a parte da superficie terrestre, ou toda a região do céu, que é visivel para nós n'um dado logar.

49. *Horisonte racional.* — Um circulo que passar pelo cento da terra, e que fôr parallelo ao horisonte sensivel. Daqui é facil concluir que cada ponto da terra tem um horisonte diverso, e que qualquer horisonte racional divide a terra e os céus em duas partes eguaes.

50. *Zenith e Nadir.* — Chama-se *Zenith* ao ponto mais elevado da sphera celeste, ou aquelle que nos corresponde directamente por cima das nossas cabeças. Tirando por este ponto, e pelo centro da terra, uma linha, esta irá, prolongada, tocar o céu n'um ponto opposto ao primeiro, e que tem o nome de *Nadir*.

51. *Nascimento e occaso dos astros.* — Os astros *nascem* ou *põem-se*, para nós, em relação ao nosso horisonte racional. No primeiro o horisonte passa abaixo, e no segundo, acima delles.

52. *Estrellas visiveis e invisiveis para nós.* — Do que levamos dito segue-se que ha estrellas que nunca vimos do *hemispherio* que habitamos, em quanto que outras são perpetuamente visiveis para nós. Entre estas últimas nota-se a estrella polar, a qual deixa de ser vista pelos habitantes do hemispherio austral.

53. *Movimento de translacção da terra.* — A terra move-se em redor do sol, do occidente para o oriente. Este movimento é o que se chama *revolução annua*.

54. *Orbita da terra.* — O caminho descripto pela terra, ou sua orbita, é uma curva fechada, como as dos outros planetas; é uma ellipse. A orbita da terra tem o nome especial de *ecliptica*.

O sol está fixo n'um dos pontos do eixo maior da ellipse. Este ponto diz-se *focco*.

55. *Obliquidade da ecliptica.* — O plano da orbita é inclinado sôbre o do equador, em um angulo de 23° 30'. É este angulo, ou melhor, aquella inclinação, que se chama *obliquidade da ecliptica*.

56. *Anno solar.* — A revolução da terra, em tôrno do sol, effectua-se no periodo de 365 dias, 5 horas, 48' e 48''. Este periodo chama-se *anno solar*.

57. *Effeitos immediatos dos dois movimentos da terra.* — Dos dois movimentos que reconhecemos do nosso globo, resulta a desegualdade dos dias e das noites,

para differentes logares, os tempos diversos, e a successão periodica e inalteravel das estações do anno.

58. *Relação dos dias e das noites nas regiões que nós habitâmos.* — A grandeza do dia e da noite varía consideravelmente, segundo as diversas latitudes, e as differentes quadras do anno. Vejamos qual é a relação destas grandezas nas regiões que nós habitamos. Achamo-nos entre o equador e o pólo norte; o nosso Zenith Z cairá, pois, entre o pólo P, e o ponto E do equador. Supponhamos que o sol, no seu movimento apparente ao redor de nós, chegou ao equador, e que nelle se conserva passageiramente. Este astro descreverá um *circulo diurno*, que será dividido em duas partes pelo nosso horisonte. Logo, durante 24 horas da rotação da terra, teremos o sol sôbre o nosso horisonte 12 horas, e outras 12 abaixo delle. O que quer dizer litteralmente, que teremos então um dia egual á noite. Mas o sol caminhando (hypotheticamente) na ecliptica, que é, como sabemos, inclinada ao equador, sairá d'este circulo, avançando, por exemplo, para o norte, e affastando-se successivamente do equador, tocará um circulo TT', chamado *tropico de cancer*, o qual se acha distante do equador uma quantidade egual á obliquidade da ecliptica. É evidente que neste caso o *circulo diurno* do sol será dividido desegualmente pelo horisonte, de modo que o dia é o maximo, e maior do que a noite correspondente. Diz-se que o sol chega ao solsticio do verão, quando tem tocado o tropico de cancer, e neste momento começa para nós a estação daquelle nome. Quando o sol, declinando para o sul, tiver tocado o tropico de *Capricornio* succederá o *solsticio do inverno*, começará esta estação do anno, sendo o dia o minimo e a noite a maxima para nós.

59. *Dias e noites no equador.* — Para um observador collocado em qualquer ponto do equador, o circulo diurno do sol, é sempre dividido em duas partes eguaes pelo horisonte. Logo, no equador os dias são constantemente eguaes ás noites.

60. *Dias e noites nos pólos.* — As regiões polares tem por horisonte o equador, e por zenith e nadir os pólos celestes. Como durante 6 mezes o sol se acha d'um lado do equador, e 6 mezes do outro, é claro que cada pólo terá uma noite e um dia d'uma egual duração.

A noite não é, porém, rigorosamente de 6 mezes, mas sim mais curta, o que é devido á *aurora* e *crepusculo* durarem naquellas regiões 52 dias cada um.

(Continúa.)

Arte typographica em Portugal.

III.

Papel. — *Tinta.*

Para que o papel satisfaça a todas as condições que requer uma bôa impressão, é necessario que reuna a sufficiente corpo, a necessaria alvura, e uma superficie egual e assetinada — o que hoje se consegue optimamente por meio de cylindros, que existem em todas as fábricas bem montadas. As edições com estampas, ou, como se diz vulgarmente, *illustradas*, e os jornaes a grandes tiragens, exigem qualidades especiaes no papel, que no nosso faltam quasi absolutamente, acontecendo que não temos papel proprio para uma edição verdadeiramente nítida, e se o quizermos havemos de importa-lo do estrangeiro, com grande dispendio e difficuldades.

O papel foi exclusivamente de *fórma* até 1799, em que Luiz Robert, empregado n'uma fábrica de papel em Essom (França) concebeu um systema mechanico para a fabricação d'este precioso artefacto. A machina com que elle pretendia obter este fim, posto que ainda muito imperfeita, era, pouco mais ou menos, o que hoje são. Robert cedeu-a a Leger Didot; este partiu para Londres, a fim de procurar quem lhe construisse, com perfeição e segurança, uma machina por aquelle modêlo. Depois de muitas vicissitudes, a podêr de esforços e perseverança, conseguiu montar uma machina similhante em S. Neot's, em 1803, executada pelo habil e intelligente mr. Bryan Doukin. Em França a primeira machina d'este genero foi fabricada por mr. Calla, em París, faltando-lhe ainda um melhoramento importante — os cylindros de *enxugo*. Ainda em 1827 existiam em França sómente quatro fábricas por este systema; em 1834 havia já dôze; e em 1847 existiam duzentas e trinta.

Em Portugal, pelo systema de machina, ha apenas a, aliàs magnifica, fábrica d'Abelheira, propriedade do sr. conde do Tojal, que é um estabelecimento grandioso, e perfeitamente montado, em posição, pela bondade e cópia de aguas, largamente adequada ao fim para que se destina. Abstendo, porém, de declamações vãs, que nada, e a ninguem aproveitam, podêmos avançar afoutamente, que o nosso papel não corresponde ainda, nem na perfeição, nem nos preços, ás necessidade do nosso consumo, que se vae tornando cada vez mais consideravel. O remedio a este inconveniente, que é um dos mais poderosos obstaculos, que se oppõe ao progresso da arte typographica, só o podêmos esperar do tempo, que de certo ha de indicar aos nossos fabricantes os seus verdadeiros interesses, que para serem reaes é preciso que estejam em perfeita harmonia com os interesses dos consumidores.

Tinta. — De todos os ramos da arte typographica, é aquelle em que estamos mais atrasados. Cada officina manipula a tinta sufficiente para o seu uso; e, de ordinario, o individuo encarregado d'este fabríco é absolutamente leigo na materia — a falta de um centro de ensino prático — a pessima qualidade do pó que em geral aqui se emprega — finalmente, a imperfeição dos processos seguidos, fazem com que a tinta appareça, quasi sempre, má, senão pessima — ha algumas, pequenas excepções, que comtudo não destroem o facto enunciado, facto que todos, infelizmente, tem tantas occasiões de observar. Nós cremos que é possivel fazer, entre nós, bôa tinta, como se faz lá fóra — não falta habilidade aos nossos artistas, e sobram-nos neste caso os meios — a fundação de um pequeno estabelecimento para o fabrico da tinta de impressão, com machinas e apparelhos proprios, e dirigido por artista cuidadoso e intel-

ligente, que estudasse com attenção os processos mais seguidos e approvados lá fóra, sería de grande, de immensa utilidade para a arte; e sem demandar o emprêgo de um grande capital, estamos em que daria ao especulador, ou especuladores d'este ramo, muito arrezoados interesses.

(Continúa.)

ROMANCE.

Margarida.

II.

O TIO Frantz envergou então um amplo capote muito usado; já se vê que adoptára esta cautela para se não constipar em casa da visinha, onde sabia que se não accendia lume depois dos meninos deitados; e, finalmente, havendo previamente apagado o fogão, seguiu Martha ao andar inferior.

Dissemos no princípio desta historia, que Margarida não despregára os olhos, em toda a noite, da célebre trouxa que estava em cima do armario; como suspeitava que alli é que estavam as *prendas*, que devia receber no dia seguinte, e ardia por saber o que era, delineára examina-la logo que sua avó saísse, como costumava. E neste proposito, assim que Martha a deitou, fez que dormiu, e espreitou o momento em que podesse satisfazer a sua curiosidade. A sorte pareceu favorecer os seus intentos, e mal sentiu sair Martha, Margarida levantou-se, pé ante pé, e foi direita ao armario; poz algumas cadeiras em cima umas das outras para chegar acima, subiu, depois de ver que estavam seguras, agarrou na abençoada trouxa, abriu-a precipitadamente; mas o que havia de achar... estrígas de linho e de lã.

Despeitada e quasi colerica, tornou a atar a trouxa, pô-la no seu logar, e desceu murmurando:

— Não se dá cousa similhante; se são estas as *prendas*, muito tenho que rir... ah! ah!... Ainda se fossem fitas de côres bonitas e alegres!...

Quando Margarida arrumava a última cadeira, ouviu metter a chave na fechadura; era sua avó que voltava; para que a não apanhasse em *flagrante*, apenas teve tempo de se esconder no armario; assim, immovel, sem se bulir, e sem respirar quasi, pôde ver e ouvir o seguinte dialogo.

A velha Martha entrou seguida do tio Frantz, que foi sem mais cerimonias repoltrear-se na grande cadeira de couro.

— Ora pois, sr.ª Martha, disse elle — acabemos com isto — vamos a ver a tal cousa que me quer mostrar.

E porque a pobre mulher hesitasse, como anniquilada pelas tristes reflexões que lhe acudiam ao espirito, accrescentou com modos bem grosseiros:

— Vamos! que espera?

Martha, então, descobriu o objecto que tirára do armario, e que estava cuidadosamente embrulhado n'um panno.

— Que é isto? disse Frantz, espantado, quando viu que era um medalhão. Ah! sr.ª Martha, vocemecê creio que quer mangar comigo?

— Examine-o bem, disse tranquillamente esta.

O avarento virou-o e revirou-o entre as mãos, e examinando attentamente, viu que o medalhão, além do seu valor como antiguidade, tinha outro ainda mais precioso, porque era moldurado em marfim, com largas placas de ouro, cujos quilates teve o cuidado de verificar com o annel, que sempre trazia no dedo, e que lhe servia de pedra de toque.

— Ah! ah! disse a velha com ar alegre, já vê que isso tem algum valor.

— Não é muito, não. Mas, sr.ª Martha, como é que lhe veiu á mão esta joia?... nunca lh'a tinha visto.

— Tenho-a, respondeu ella, desde que o barão de Renfeld, injustamente compromettido n'uma conspiração, se viu obrigado a fugir para o estrangeiro, deixando-me seus dois filhos, que acreditam ser eu sua avó. Tinha jurado nunca me separar d'este objecto, que é uma reliquia de familia, porque sóbe aos primeiros ascendentes do barão; mas hoje não tenho outro remedio — que em casa não ha pão para lhes dar ámanhã. Seu pae, proscripto em paiz estranho, desgraçado de certo, morto talvez, ha muito que me não manda esses mesmos fracos meios com que até agora nos temos sustentado. Se fôsse n'outro tempo — então outro gallo me cantára — que com a minha agulha e a minha roca, eu podia muito bem ganhar para comer, e para estas infelizes creanças; mas agora estou velha; e tenho a vista tão cançada, que não posso mesmo contar com o producto do meu trabalho. Finalmente, repito-lhe, sr. Frantz, esse medalhão é a minha última esperança, e vocemecê fará uma obra de caridade se m'o comprar.

— Não ha dúvida, sr.ª Martha, não ha dúvida, isto algum valor tem... Aqui temos um brazão d'armas, disse, apontando para um escudo em esmalte, que havia na moldura do medalhão.

— São as do barão, disse Martha, ou, pelo menos, as dos seus avós.

— É pena que o ouro, tornou Frantz, não seja do mais puro; tem muita liga. Entretanto — para a obsequiar — offereço-lhe trinta florins

— Sr. Frantz, disse a velha, eu creio que o senhor é homem de bem, e, por consequencia, que não ha de enganar uma pobre mulher, e duas desgraçadas creanças, que apenas possuem isto para a subsistencia de alguns dias, se Deos lhe não acudir. Offerece-me 30 florins, não é verdade? É porque o medalhão não vale mais; acceito.

— De certo... de certo... repetiu Frantz, córando um pouco á qualificação de honrado, que tinha a consciencia de não merecer, principalmente n'uma occasião em que especulava vergonhosamente com a miseria do pobre, porque o medalhão valia dez vezes mais do que promettêra.

— Ora pois, disse Martha, devo dizer-lhe que só faço negocio com uma condição — é que prometterá não o vender no praso de um anno.

— E porque?

— Porque espero podêr desempenha-lo, e entregar aos dois orfãos a unica herança que lhe deixou a sua familia.

— Oh! então o caso é differente; porque neste espaço de tempo podia eu ter precisão do dinheiro, e ver-me obrigado a vendê-lo. Tal convenção é de muito

prejuizo para mim. Comtudo ficarei com elle com essa condição; mas previno, que não dou já senão 25 florins... E está decidido — quer assim, ou não quer?

— Vinte e cinco florins! que remedio; mas vocemecê promette-me que o não vende?

— Juro-lh'o pelo santo do meu nome.

— Bem, póde levar o medalhão. Eu vou a sua casa buscar o dinheiro, porque o preciso esta noite mesmo.

— Está prompto quando quizer.

E concluido o negocio, saíram ambos outra vez.

Assim que Margarida se viu só, saíu do esconderijo, dizendo comsigo:

— Pobre pae! pobre Martha!

E voltou para o seu quarto, e metteu-se na cama; mas por muito tempo não póde pregar ôlho. Já não eram, porém, as prendas do dia seguinte, o que lhe importava: mais serios pensamentos lhe agitavam o espirito, e só muito pela noite velha é que adormeceu.

(Continúa.)

Recordações de viagem.

I.

(Continuação.)

A vida a bordo é phisicamente e socialmente insupportavel.

Nunca poude acostumar-me á idéa de que era justo a um cabo-da-guarda ir-me acordar ás quatro horas da manhã, para eu passear outras quatro em cima do tombadilho.

Odiei sinceramente as esplendidas descripções do nascer do sol. Cheguei mesmo a duvidar de que os auctores podessem ter-lhe achado a poesia maravilhosa que affectam em sonoros periodos, e em rasgados pontos de admiração.

Effectivamente, de ter curiosidade de presencear aquelle espectaculo, voluntaria, espontaneamente, a ser obrigado a assistir a elle, pelas leis immutaveis do serviço militar, ha uma distancia consideravel.

Ouviram já fallar, meus leitores, n'um codigo *draconianno*, que denominam *Regimento Provisional?* Pois bem! se elle fôsse executado á letra, é de crer que nenhum official de marinha, ou marinheiro, morresse d'outra sorte, senão fuzilado, ou enforcado no lais da verga. Já se vê que, como elle é litteralmente inapplicavel, um commandante é, por fôrça de necessidade, arbitrario como um *pachá* de sete caudas, e omnipotente como um artigo de guerra.

É por esse vago de direitos e deveres, é por essa acção illimitada concedida ao podêr militar, que o servilismo e a brutalidade reinam a bordo sem discussão. Um official tem sempre o sorriso lythographado nos labios a qualquer dito insignificante do commandante; tem sempre a mão prompta e severa a qualquer leve descuido do marinheiro. Indemnisa-se da perda da sua dignidade, abatendo a dignidade dos outros. Eu, ignorante de todas as artes do mar, que apenas saía dos exercicios idêaes daquella corveta inoffensiva, era-me licito deshonrar as barbas d'um velho marinheiro, encanecido no serviço e nas práticas nauticas, se por ventura elle se sorrisse a algum destempêro, que necessariamente havia de fazer.

Aprendi então a conhecer toda a escravidão que pésa sôbre os mais appreciaveis servidores do estado.

Não ha lei que os salve, nem principio que os proteja. Tudo depende da bôa ou má indole dos seus superiores. Infeúdados ao navio, como os antigos servos á gleba, comem por mão dos seus senhores, e podem ser extorquidos por elles, porque não ha fôrça alguma moderadora, que os auxilie e os resguarde.

Precisará a disciplina de matar no homem toda a nobreza de sentimentos, toda a energia das paixões, todas as aspirações do coração? Será licito que em nome dessa deusa mentirosa, tornem um ente racional uma machina de serviços, afogando-lhe todos os instinctos elevados?

Não ha natureza alguma, por mais heroica, por mais superior, que resista á acção corrosiva daquelles barbaros costumes. Não se lhe falla em nome da patria, em nome da religião, em nome da liberdade — tudo se lhe exige pelas prescripções d'um codigo mysterioso, que elles nunca leram, que nem mesmo lhes é apresentado, senão quando as chibatas dos guardiões e contra-mestres retalham as costas d'um seu companheiro. De instrucção não fallâmos, porque é cousa prohibida a bordo d'um navio. A letra-redonda é um sacrilegio, e um motivo de terror. Poderia — quem sabe? — destruir todas as commodidades daquelle insoffrivel despotismo.

A hierarchia maritima é constituida d'este modo: pagens, que são creanças até doze annos, cujo serviço ordinario é varrer o navio: primeiros e segundos grumetes, incluidos debaixo do titulo commum de moços; primeiros e segundos marinheiros.

O soffrimento é maior ou menor, conforme os gráus desta escala. O pagem é ô *arre-burrinho* de toda a guarnição. Não lhe faltam nem termos affrontosos, nem correcções repetidas. Anda sempre *corrido em arvore sécca*, segundo a technologia da manobra.

O moço não come no rancho com o chapéu na cabeça. O marinheiro sim: esse, tem o direito de lhe chamar por *tu*, e recebe em resposta um respeitoso *vocemecê*. Todo o pungente drama da sua situação está definido no conciso aphorismo, que me repetia um dia um velho marinheiro, por alcunha o *Menino Diabo*: «O moço quando descança, desfia estopa.» Ora, é necessario dizer, que desfiar estopa é das mais improbas tarefas, a que se póde condemnar a intelligencia d'um homem. Descascar camarão é quasi um emprêgo suave, se lh'o compararmos.

O marinheiro é fatalista. É por essa tendencia invencivel do seu espirito, que resiste aos tratos brutaes a que o condemnam. Toma tudo aquillo como as variações da atmosphera. Examina a phisionomia do official de quarto, como olha as nuvens que giram pelo céu: se lhe annuncía aguaceiro, prepara-se para os tormentos, com a mesma coragem negligente, com que tem d'ahi a pouco de alar os cabos, e de ferrar ou rinzar as vélas.

Eu não não sei em qual das semsaborias semanaes, a que me obriga a minha condição de *folhetinista*, me extasiei perante o *Fado*. O *Fado* é uma canção essencialmente maritima. É melancholica como a sua alma; é afinada n'uma toada monotona, como a sua existen-

cia. O *Fado*, na sua origem, talvez fôsse algum refrão arabe, conservado na memoria do povo, pela fôrça irresistivel da tradição. Depois, pela similhança da crença, e dos destinos, fez-se maritimo, foi casar-se com o rugido das vagas do oceano, como havia acordado o silencio magestoso do deserto. E tanto é assim, que o *Fado*, sem atraiçoar o seu rithmo elementar, varía de provincia a provincia, e no campo chega mesmo a ter movimentos de enthusiasmo e de alegria. Mas o *Fado*, que responde á philosophia poetica do seu nome, ao sentimento profundamente resignado da sua harmonia musical, só se póde comprehender e sentir bem na noite tormentosa, em pleno aguaceiro, quando o navio, como um cavallo resentido pela espora, salta impetuoso sôbre as ondas, e as desfaz em espuma d'um e d'outro lado da sua próa implacavel. É então que a cantiga popular, que serve de mofa a elegantes semsabores, e que torna desdenhoso o labio menos aristocratico de qualquer dama recem-vinda das galhofas patriarchaes da provincia, é sublime de expressão intima, e de paixão comprimida. É um hymno de fundas mágoas, repassado de lagrimas e de vigilias anciosas, dourado por um raio de esperança no futuro, por uma aspiração de fé naquelle destino aventuroso, pela resignação aos decretos insondaveis da Providencia!

É por elle, e com elle, que o marinheiro resiste á crucificação calculada da sua alma, nas barbaras prescripções d'um codigo estupido, e nas usanças consagradas d'uma tyrannia, que se compraz em lhe abater todos os seus brios d'homem, todos os seus direitos de cidadão.

(Continúa.) ROCHESTER.

A repartição do Correio.

Não se passa um dia, sem que venha alguma queixa contra os correios. Os jornaes chegam sujos, e muitas vezes rasgados. Os exemplares, que vão para algumas terras, não chegam lá todos. Por maior que seja o rigor e a exactidão dos empregados do escriptorio d'onde se expede o jornal para os correios, ha sempre faltas, que prejudicam os assignantes, e desacreditam as emprezas dos jornaes. Temos tido contemplação até agora. Se continuar este escandalo, ver-nos-hemos obrigados a proceder de outro modo. — É para isto que se gasta tanto dinheiro com certas repartições?

POESIA.

O Engeitado.

POBRE nasci, pobre vivo,
Triste, não tenho ninguem,
Nem de pae o braço altivo,
Nem doces mimos de mãe;
Sou o mesquinho engeitado,
Pelo homem despresado,
Da mulher abandonado,
Dos miserrimos além.

A nudez, o frio, a fome
Meu pobre berço embalaram;
Ao fraco infante sem nome
Que dôres crucificaram!
Nunca uma lagrima, um pranto,
Nunca da meiguice o encanto
No infeliz, que soffre tanto,
Duros mortaes derramaram.

Nunca provei as ternuras
D'um osculo maternal;
Nem imaginei doçuras
Da amizade fraternal;
Não concebe a minha mente
As idéas de — parente,
— De familia — de ascendente,
— De berço, ou terra natal.

Mas cresci, medrei; no mundo
Véla eterna a Providencia;
O seu instincto profundo
Falla em minha consciencia.
Quem dá vida á flôr do prado?
Movimento ao mar salgado?
Sustento ao pobre engeitado?
É de Deos a omnipotencia.

Que por mim passem altivos,
Ricos de sua vaidade,
Esses, que olhando-me esquivos
Riem da minha orfandade.
Que importa a minha pobreza!
Compensou-me a natureza,
Dando-lhe a elles — riqueza,
Dando-me a mim — liberdade.

Eu sou livre; não me prendem
Laços alguns, cá na terra;
Eu sou livre; se me offendem,
Ninguem meu furor encerra.
Eu sou livre como o vento,
Livre como o entendimento,
Mais livre que o pensamento,
Mais que a corage na guerra.

Eu sou livre; — só no mundo
Póde prender-me um condão:
Só o amor póde bem fundo
Afferrar minha isempção.
Toda a passada tristura,
Da vida toda a negrura,
Torna-se então em doçura
Neste virgem coração.

Porque é livre o meu amor,
Por isso termos não tem;
Apez vida de amargor,
Quanto não vale este bem!
Oh! eu amo, e sou amado.
Que importa ser engeitado!
Sou livre, e sou adorado;
Oh! não me chore ninguem.

J. F. DE SERPA PIMENTEL.

REVISTA DA SEMANA.

As novidades da semana são muitas e eu tenho só uma columna e 8 linhas para conta-las. Falla-se em mercês, em ponto, em beneficios, nas lições do *Gremio*, e nos *desastres*. Temos barões novos e conselheiros; mas não ha meio de saber quem são. Muitos receberam já parabens, outros negam, e a verdade não se sabe, porque as mercês são feitas mysteriosamente, dadas e recebidas a furto, se acaso, muitas vezes, não é por furto que alguem as alcança. Um certo conselheiro de nova data — que parava de bôcca aberta, para que lhe dessem parabens, diante de todos os seus conhecidos, quando obteve a carta de conselho — indignou-se altamente no dia em que lhe fallaram dos novos titulos e mercês, e consta-nos que, irritado por terem posto ao seu lado alguns homens de menos serviços, vae pedir á Soberana o titulo de conde, servindo ao mesmo tempo de empenho para que se conceda o de barão a certo brigadeiro, que não briga, que tem desejo de apresentar no paço a sua cara e feia metade. Valha a verdade.

No meio de tudo isto, em quanto as terras do Roboredo, da Azambuja, de Freixo d'espada á cinta, se preparam para ter condes e barões, que mandem lá fazer castellos, agitam-se os credores do estado, e pedem misericordia porque ouviram fallar em ponto. A inquietação cresce todos os dias — toda a gente falla em finanças. A sciencia do Banco popularisa-se.

É curioso ouvir todos os projectos que por ahi apparecem. Em cada praça nasce um salvaterio, em cada botica discute-se um plano, e no fim do mez, apezar dos planos, os soldos não se pagam, e os rebatedores offerecem menos dez por cento. Que bella situação!

Um d'estes desesperados, que roem as unhas, no fim do magro jantar, porque já não possuem dez réis para cigarros, propunha-me ha poucos dias um plano. Em poucas palavras reduzia-se a cobrir o *deficit*, fazendo todos os annos um certo número de barões, de conselheiros, etc., e obrigando-os a pagar logo os direitos de mercê. Era, na opinião do auctor do projecto, um meio delicado para obter dos homens ricos uma contribuição para as despezas do estado. Assim como este, apparecem todos os dias milhares de projectos.

Os *beneficios* (no theatro, entende-se) succedem-se agora rapidamente. Dos camarotes 94 e 71 choveram corôas e flores, e sonetos, em todas as noites de beneficio da semana passada. É uma satisfação para um actor receber a corôa de triumpho das gordas mãos do seu gallego!

Os beneficios do sr Fiori e do sr. Vienna estiveram pouco concorridos, porque as noites estavam pessimas. O sr. Vienna inventou a *Paquita*, e teve a feliz lembrança de mostrar ao público os *ratinhos* a beijarem-se em scena.

Apezar da chuva da segunda-feira, foi ao *Gremio* muita gente, para ouvir o sr. Julio Pimentel, e todos se retiraram satisfeitos, porque o digno professor tem a habilidade de pôr a sciencia ao alcance de todas as intelligencias. O homem menos illustrado sae d'alli sabendo como uma terra se analysa, e quaes os elementos de que precisa para as diversas culturas. A *Epoca* vae publicar as lições, que estimaremos muito ver espalhadas pelo paiz, para que os lavradores se convençam de que os ensaios empyricos são mais dispendiosos, incertos e difficeis, do que os processos que a sciencia guia.

O sr. Lopes de Mendonça, teve a lembrança infeliz de ir ler um folhetim, em vez de fazer um discurso ácêrca da influencia da litteratura do seculo XVIII, sôbre a do seculo XIX. Foi um verdadeiro *desastre*, como diz o barão d'Alfenim.

Fr. Gerundio.

BIBLIOGRAPHIA.

O Bibliophilo.

Conteudo: — Juizo das obras que para este fim sejam remettidas á redacção; biographia e necrologia dos homens distinctos nas letras patrias; artigos de historia bibliographica, principalmente portugueza; publicação de ineditos; com um boletim de todas as obras publicadas no imperio do Brasil, e das mais notaveis dos outros paizes.

Convindo aos interessados, annunciará todas as publicações litterarias ou artisticas, nacionaes ou estrangeiras, as vendas e leilões de livrarias, etc.

Constará de tres folhas de impressão em pandecta, 8.° francez, elegantemente impresso, e sairá no dia 10 de cada mez.

Por assignatura, paga adiantadamente aos trimestres, semestres e anno, 120 réis cada número — avulso 160 réis.

Assigna-se nas lojas dos srs. Bertrands, aos Martyres, n.° 45, e do sr. Lavado, rua Augusta, n.° 8.

Esta nova publicação, da qual se encarrega pessoa multissimo capaz de a tornar excellente, merece a protecção do público. É um primeiro ensaio de bibliographia que se deve animar.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Considerações ácêrca da alimentação do nosso gado, e do regimen especial do verde para o cavallo.

(Continuado de pag. 32.)

Quanto ás charnecas, que no Alemtéjo, pela pouca divisão da propriedade, chegam a 10 leguas de extensão, já que se não respeitam os annosos sobreiros, que a machada do carvoeiro victima aos centenares, desejára-mos muito que, as susceptiveis de cultura, se roteassem, como, felizmente, pela Extremadura vae succedendo; e as outras que pouco promettessem, se melhorassem, como o indicou o sr. Vandelli [1], lançando-lhe algumas sementes forrajosas mais convenientes á natureza do seu sólo. Isto mais aproveitaria do que as perigosas queimadas. Em todo o caso convem ainda tirar dellas algum partido no apascento do gado cabrum; e nas que fôrem mais pascigosas, e não humidas, lançar-lhe por algum tempo o gado lanar. Por seu pasto ser rasteiro pouco póde prestar ao gado vaccum, que mui difficilmente o aprehenderia.

Fiquemos por aqui nestas considerações, e oxalá que ellas

---

[1] Memoria ácêrca dos jardins botanicos e cultura das charnecas inserta no Diccionario Glossologico de Historia Natural, pag. 298.

movam a attenção dos que nisto vão interessados. Desçâmos agora ao objecto especial d'este artigo, que é o

REGIMEN DO CAVALLO POSTO AO VERDE [1].

Diz-se que o cavallo está posto ao verde, quando o pensamos com forragens neste estado, isto temporariamente, porque para os cavallos o penso secco é o alimento ordinario. Já se vê, pois, que o regimen que consideramos é essa prática de, cada anno, por tempo da primavera, prestar-se aos cavallos de mais estima, e do exército, as verduras de alguns ferrejaes. É, menos com intensão de simples sustento, de que com o fim de os anafar e refrescar, e até ás vezes de prevenir ou curar alguns achaques, que se estabelece tal regimen. Satisfaz, pois, como hygienico e therapeutico; e por isso muitos veterinarios o hão comparado ao regimen diathetico das aguas mineraes e leites, prescripto na medecina humana.

EPOCHA OU TEMPO DO VERDE.

Entre nós começa em março ou abril, mas nos paizes ao norte, as hervas sendo menos temporãs, principia mais tarde. Passa-se de ordinario a este regimen quando as hervas vão attingindo a florescencia, porque dispondo-se á granação, preparam e teem então maior cópia de succos alibilis e substanciosos. Antes d'esta época, por demasiadamente tenras, a muita agua de vegetação, relaxaria, sobremaneira; depois della, as hervas menos sapidas e duras já, desagradariam a ponto de se tornarem indigestas. Os proprios cavallos testemunham por seus actos o tempo appropriado, pois chegando este, repugnam o penso sêcco, e toda a apetencia é para as verduras, o que manifestam aboccando-as por os caminhos onde acaso as encontrem. A repugnancia ao penso sêcco é tanto mais notavel, quanto este, composto de forragens velhas, ás vezes deterioradas, é por isso desgostoso, e até irritante; sendo o penso verde o unico então que, sôbre mais saboroso, é o mais conveniente para moderar — por refrigeração — qualquer quentura morbida, ou a excitação vernal, proveniente, além d'outras circumstancias do ambiente, talvez com especialidade do estado electrico do ar, mais notavel nesta phase do anno, pelo facto da maior e mais activa vegetação que, segundo Pouillet, é uma das fontes da electricidade atmospherica. A aquosidade das verduras, é um temperante natural e appropriadissimo para corregir a caleficiencia desta e outras que taes circumstancias.

EFFEITOS DO VERDE.

O verde que costuma dar se ao cavallo, é, ou de *cerada* ou *anaphe* e ás vezes hervas dos prados, caso abundem. Qualquer delles origina certos effeitos, que alguns veterinarios teem classificado em *immediatos* e *consecutivos*.

Os immediatos, assim ditos, por serem os primeiros que se exibem, são de alta importancia, pois de sua appreciação resulta o conhecimento da conveniencia, ou inconveniencia de tal regimen. Vejamos quaes elles sejam.

Se o verde convem: 1.º — Um effeito purgativo se manifesta, passado o 3.º ou 4.º dia; e seja elle proveniente da extranheza do alimento ou de sua qualidade aquosa, que perturbe ou relaxe as vias digéstivas, o que se deseja é que familiarisada, ou rehabilitada a tonicidade gastro-enterica, nunca este effeito degenere em diarrhea, e por isso, não transcenda de 6 ou 7 dias depois do seu apparecimento. 2.º — Observa-se mais vivacidade e alegria no animal que mostra desejos de movimento, e se é novo ou fogoso, em liberdade, salta e brinca com expansão. 3.º — As urinas jorram copiosas e com muito sedimento; parece que a agua do verde, como que permeando o corpo, acarreta para fóra, e por esta via, as impurezas que o compruscavam 4.º — O pello que antes era sem brilho, torna-se nedio e luzedio, a pelle se amacia e sólta mais — talvez pela hydratação de seu tecido — cobrindo-se pela maior transpiração, d'uma poeira unctuosa, que, é conveniente limpar. 5.º — O pulso é mais forte e cheio, póde vir a *plethora*, o que indica a sangria, a fim de obviar a alguns accidentes, sem que por esta occurrencia se possa dizer, que o verde deixe de convir.

Se o verde não convem — outros são os effeitos immediatos: 1.º — A purgação ordinaria passa a diarrhea, por isso excede o tempo competente, augmentando cada vez mais; e as dejeções fecaes, variando de côr, são muitas vezes nimiamente fétidas, observando-se-lhes fibras de hervas indigestas. 2.º — Por este evidente estado pathologico, o animal cáe em debilidade e tristeza, come pouco e com muita demora, percebendo-se quando mastiga, uma especie de arrôto azedo. 3.º — A pelle em vez de macia e sôlta torna-se aspera, sêcca e adherente, e os pellos picados ou ouriçados. 4.º — O ventre é como que empanturrado, e as mucosas oraes estão flacidas e pallidas. 5.º — Os extremos locomotores e penis se infiltram de serosidade, por isso incham e engrossam.

Bem determinado este quadro de effeitos, elles são para nós como um monitor barometrico, que nos avisam da bonança ou tempestade que se dará no organismo do animal posto a este regimen. Em menos de 7 a 8 dias se póde vir no conhecimento de sua conveniencia ou inconveniencia, e logo que por alguns effeitos se perceba que não convem, é hygienico não esperar pela verificação dos outros, mas passa-lo immediatamente ao penso sêcco e restaurante, ao qual se associará, quando se julgar mister, alguns tónicos, a fim de rehabilitar as fôrças abatidas.

(Continúa.)

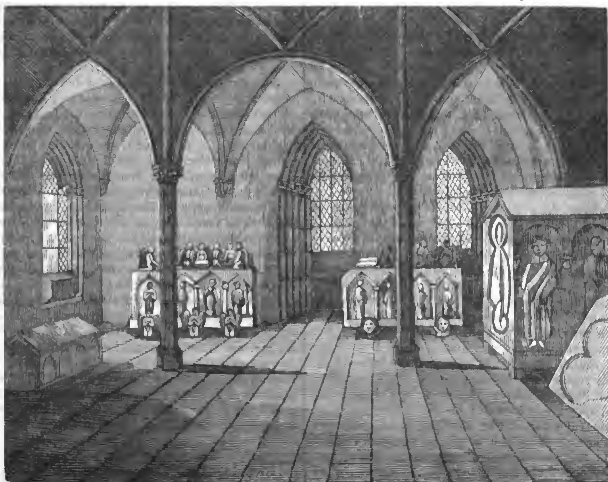
[1] O que se disser a respeito do cavallo póde entender-se para os outros solipedes domesticos, aos quaes se applica o mesmo regimen, como os muares e jumentos.



DOIS JANOTAS.

ADVERTENCIA.

Os senhores que não pagaram ainda a importancia das suas assignaturas, queiram satisfazer immediatamente aos correspondentes, na loja do sr. Lavado, rua Augusta, n.º 8, ou no escriptorio, rua de S. Bento, n.º 114.



Tumulos de D. Ignez de Castro e de D. Pedro I.

(NO MOSTEIRO DE ALCOBAÇA.)

Não ha em toda a nossa historia, aliàs tão rica de gloriosos feitos, tradição mais poetica que a tão sabida e popular dos amores de D. Ignez de Castro com o principe, depois rei D. Pedro I, e o tragico fim daquella tão infeliz, quão formosa dama. O nosso Camões immortalisou-os na sua magnifica epopéa nacional — os Luziadas.

Se não soubessemos que andam na mente de todos as formosas e sentidas estancias, em que o principe dos poetas refere caso tão atroz, não resistiriamos á tentação, que nos veiu, de as trasladar todas para aqui.

O desespêro do principe, quando soube da cruel morte da sua amante, abona muito o seu caracter, e a intensidade da paixão em que ardia pela formosissima Ignez; este ardor nunca se desmentiu, e achou desafogo n'uma vingança terrivel, celebrada nestes versos:

Não correu muito tempo que a vingança
Não visse Pedro das mortaes feridas;
Que em tomando do reino a governança,
A tomou dos fugidos homicidas.
De outro Pedro cruïssimo os alcança;
Que ambos imigos das humanas vidas,
O concerto fizeram duro e injusto,
Que com Lepido e Antonio fez Augusto.

As magnificas exequias ordenadas por D. Pedro, logo depois da sua exaltação ao throno, em honra da sua amante, provam que lhe corria nas veias o brioso sangue de tão famosos reis-cavalleiros; até na campa não quiz ficar inteiramente separado daquella que em vida tanto amára, como refere o ingenuo chronista Fernam Lopes, nas palavras: *Semelhavelmente mandou elRei fazer outro tal mujmento e tam bem obrado pera si, e fezeo poer açerca do seu della, pera quando se aqueeçesse de morrer o deitarem em elle;* e, com effeito, os seus tumulos, que a nossa estampa fielmente representa, não estão separados grande espaço.

Além das recordações historicas que excitam, tem elles um verdadeiro interesse artistico; não se sabe quem désse a traça de tão bellos monumentos; é certo, porém, que foram feitos em vida de D. Pedro I, como se deprehende das palavras do chronista; são, pois, formosos especimens de verdadeira arte nacional.

INSTRUCÇÃO POPULAR.

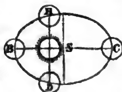
Curso d'introducção á Historia Natural dos Tres Reinos.

61. *Zonas.* — O globo terrestre divide-se n'um certo número de *zonas*, ou bandas, que ficam comprehendidas entre dois dos circulos principaes, que se traçam parallelamente ao equador.

Ha cinco zonas — uma *torrida*, duas *temperadas*, e duas *glaciaes*. A primeira é comprehendida entre os dois tropicos, estende-se, pois, em ambos os hemispherios. As temperadas, limitadas pelos tropicos e os circulos polares. As glaciaes vão desde estes circulos até aos pólos.

62. *Estações do anno.* — É da inclinação do eixo terrestre sôbre o plano da ecliptica, que dependem as differentes quadras do anno, a que se chama *estações*.

Quando a terra está na posição B, e que tem chegado ao *solsticio do inverno*, o sol descreve por cima do nosso horisonte uma pequena parte do seu circulo diurno, e envia os seus raios, ás regiões que habitamos, em uma direcção extremamente obliqua, que lhes affrouxa a intensidade calorifica. Nesta situação, porém, a terra está no seu *perihelio*, ou á minima distancia do sol; mas esta proximidade não é bastante para compensar, ou para vencer a obliquidade dos raios solares, e a pequena demora que o sol tem sôbre o nosso horisonte. A terra, continuando a mover-se, vae-se aproximando da posição *equinoxial* D; quando alli chega os dias tem crescido até se egualarem neste ponto com a noite; a presença do sol, sôbre o horisonte, é pois mais prolongada, e a obliquidade dos seus raios, menor para as nossas regiões. Neste momento começa a primeira estação do anno — *a primavera*. Chegada ao ponto C, a terra está no seu *aphélio*, ou á maxima distancia do sol. O dia attinge aqui para nós a maior duração, e os raios solares approximam-se o mais possivel da posição vertical. Tem então logar o solsticio do verão, e começa a estação d'este nome, que dura em quanto a terra não toca o ponto H, onde os dias tornam a egualar-se com as noites, dando-se então alli o equinoxio do outono. Começa a estação assim chamada, que dura até que a terra occupe de novo a posição primitiva B, para renovar com uma ordem imperturbavel o circulo providencial das estações.



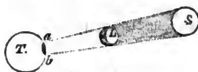
63. *Duração das estações.* — As estações tem durações desegaues, o que é devido a que os arcos, que lhes correspondem na orbita, são deseguaes, e deseguaes tambem as velocidades, ou gráus de rapidez com que a terra se move nos differentes arcos da ecliptica.

64. *Hypothese da coincidencia dos planos do equador e da ecliptica.* — Se esta coincidencia tivesse logar, a distribuição da luz e do calor sería tal, que uma grande parte do globo terrestre ficaria completamente inhabitavel. Os polos teriam o disco solar constantemente no horisonte, e as regiões que habitamos estariam n'um equinoxio perpetuo, e apenas receberiam raios luminosos tão obliquamente dirigidos, como os que nos esclarecem nos primeiros dias da primavera.

65. *Eclipses.* — Em geral tem logar um *eclipse*, ou é um astro *eclipsado*, quando entre elle e o observador se interpõem um outro corpo celeste, que intercepta os raios luminosos que o primeiro emitte. Ha eclipses do sol, da lua, e das estrellas.

66. *Eclipse do sol.* — Como a lua se move a uma pequena distancia de nós, em relação á que nos separa do sol, deve em certos instantes acontecer, que a lua passe sôbre este astro, produzindo uma occultação *(eclipse do sol)*, phenomeno, em que uma porção maior ou menor do disco solar, ou ainda a sua totalidade se immerge na sombra, e desapparece pela sobreposição do disco lunar, que se projecta sôbre o primeiro como uma mancha negra de fórma circular, produzindo uma diminuição temporaria na luz do dia, ou mesmo uma obscuridade verdadeiramente nocturna, de modo que as estrellas se tornam visiveis como de noite.

67. *Eclipse.* — No caso em que o disco do sol se obscurece completamente, tem logar o *eclipse total*. Os eclipses totaes são raros, duram apenas alguns minutos, e são visiveis simultaneamente n'um pequeno número de pontos da superficie da terra. A duração é curta, porque, em virtude dos movimentos rapidos da terra e da lua, as posições que convem ao eclipse total são puramente passageiras. O eclipse é apenas visivel para um pequeno número de pontos da terra, porque a sombra que a lua L projecta sôbre a terra, envolve nas trevas a pequena porção *a b* da sua superficie.



68. *Eclipse annular.* — Quando as situações da terra e da lua em relação ao sol, são taes que o disco da segunda se projecta sôbre o do sol, deixando ao redor da parte obscurecida um annel luminoso, diz-se que o eclipse é *annular*.

69. *Eclipse parcial.* — Se a lua se projecta sôbre o sol, produzindo no seu disco uma chanfradura negra, terminada por um arco de circulo, e que lhe dá o aspecto d'uma phase, verifica-se um *eclipse parcial*.

70. *Eclipse da lua.* — Os eclipses da lua só tem logar quando a terra intercepta os raios solares, que se dirigem para o seu satellite. Os eclipses da lua podem ser totaes ou parciaes. São visiveis simultaneamente, isto é, no mesmo instante, em todos os pontos situados n'um mesmo hemispherio terrestre.

71. *Novo argumento da sphericidade da terra, deduzido dos eclipses da lua.* — Os eclipses da lua offerecem-nos uma prova incontroversa da fórma spherica da terra, porque a sombra que esta projecta sôbre o seu satellite, é sempre terminada por um arco de circulo.

Sabendo-se que a terra não volta constantemente para a lua os mesmos pontos da superficie, na occasião dos eclipses, por isso que não são elles todos visiveis dos mesmos logares, segue-se que a sombra circular é projectada em posições diversas da terra em relação ao seu

satellite, o que leva a julgar, com todo o fundamento, que a figura daquelle planeta é a de um corpo arredondado.

(Continúa.)

ROMANCE.

Margarida.

III.

Graças a Deos, que nunca abandona aquelles que tem fé na sua infinita bondade, passou-se o inverno menos miseravelmente do que Martha e as duas creanças poderiam esperar. O dinheiro emprestado pelo tio Frantz tinha levado uma tal ou qual apparencia de bem-estar áquella pobre casa; a velha Martha deitára-se a fiar; neste trabalho alguns vintens ganhava, e com quanto tal ganho fôsse bem modico, nem por isso era menos proveitoso auxilio para prover, naquella desvalida familia, ás primeiras necessidades da vida.

Margarida, desde o dia em que ouvíra a conversa da sua velha aia com o *agiota*, andava muito séria, e quasi triste; agora é que elle desejára ter alguns annos mais para podêr ajudar a Martha; mas que havia de ella fazer com treze annos? Nada. A incapacidade que lhe provinha da pouca edade fazia desesperar a pobre menina. Um dia que estava assentada ao pé da chaminé, e olhava distraída para Martha, que fiava, cantando uma velha balada para se distrair, pareceu-lhe que aquelle trabalho não devia de apresentar sérias difficuldades; e desde logo lhe occorreu uma idéa ao espirito — a de aprender a fiar. Para a pôr em execução, resolveu não largar Martha, quando esta trabalhava, e assim que a deixasse sósinha, pegar da roca, e procurar fazer o mesmo que ella fazia. Mal adoptou este expediente pô-lo logo em execução; pedia a Martha que lhe contasse historias, durante todo o tempo que fiava, e justificando por este modo a sua inacção, Margarida não perdia sequer um movimento da fiandeira. Nas primeiras vezes que trabalhou com a roca não podia ser mais desastrada e infeliz; de fórma que, desanimada, esteve quasi não quasi a abandonar a sua idéa; mas um ensaio mais satisfatorio veiu alentar os seus esforços, continuando sempre a observar escrupulosamente Martha, em quanto esta trabalhava. Finalmente — é verdade que ao cabo de um longo mez — já Margarida se servia da roca com mais habilidade ainda do que a sua velha aia, porque tinha em seu favor uma excellente vista, em quanto a pobre mulher cada vez a tinha mais cançada.

Margarida póde convencer-se, a final, da sua proficiencia; tinha na sua mão o meio tão desejado por ella havia um mez; podia agora com o seu trabalho ajudar a bôa mulher, que tanto lhe queria e a seu irmão, e que tanto se cançava para os sustentar, apezar da sua edade avançada e das suas enfermidades.

— Agora, dizia comsigo a innocente menina, já a minha pobre Martha não terá necessidade de se fatigar continuamente; eu posso ajuda-la, substitui-la mesmo; ociosa de mais tenho eu sido: para ella o descanço; para mim o trabalho, que chegou a minha vez.

Mas Deos havia disposto as cousas d'outro modo, e aquella habilidade, que creára para pagar uma dívida de gratidão, tinha de ser unicamente util a Margarida.

Um dia queixou-se a velha Martha de que tinha muito frio, e como Margarida lhe pedisse que se deixasse ficar de cama, recusou-se aquella, pretextando que promettèra ao fabricante levar-lhe fiado todo o linho que lhe entregára; e como lhe restasse ainda uma porção por fiar, instava em terminar este trabalho, para não faltar á sua palavra; e depois, dizia a bôa mulher:

— Se eu não o concluir esta noite, ámanhã não temos dinheiro para nos sustentarmos.

— Isso é o mesmo, avósinha, respondeu Margarida; vocemecê está doente; deite-se e socegue, que ámanhã acabará o seu trabalho, se já estiver bôa.

Emfim tanto fez, que a Martha, que se sentia abrasada da febre, annuiu e deitou-se. Assim que Margarida viu que ella adormecèra, foi deitar o irmão, passou para outro quarto, assentou-se ao pé da luz, e continuou o trabalho que a velha deixára por acabar. A roca estava tão formidavelmente carregada de linho, que a pobre menina não teve mais remedio senão perder a noite; os olhos, inchados do somno, cerravam-se-lhe a cada momento; mas lembrando-se de tantas e tantas noites, que sua aia passára assim talvez, por sua causa, para lhe satisfazer caprichos de creança, Margarida tomava ânimo, e trabalhava com mais fervor, conseguindo a podêr de esforços ter o linho todo fiado pelo meio da noite.

Nunca Margarida dormíra tão serenamente; nunca tivera tão bellos sonhos, como naquellas horas que se seguiram á sua piedosa vigilia.

No dia seguinte, pela manhãsinha, Martha, apezar de muito doente, levantou-se, e indo buscar a sua roca ficou espantadissima quando viu que nada lhe restava a fazer.

— Jesus, Maria, José! disse, benzendo-se, que quer isto dizer? quem fez este milagre?

— Eu, respondeu uma voz doce.

— Martha voltou-se, e viu Margarida, que se levantára ao mesmo tempo, e que a seguíra.

— Sim, fui eu, avósinha, continuou a ingenua menina; vae em um mez que eu aprendo a fiar. Queria fazer-lhe esta surpreza; offereceu-se-me hontem occasião, e eu aproveitei-a.

— Mas tu trabalhaste esta noite, minha filha?

— Sim, avósinha; não disse vocemecê hontem, que era necessario que a obra estivesse prompta esta manhã?

— Sim, mas eu não queria que tu te estafasses, que perdesses a noite; olha que podias adoecer, filha...

— E vocemecê não estava hontem doente? entretanto queria trabalhar. Ainda esta manhã parecia soffrer, e levantou-se para concluir o seu trabalho. Era, pois, indispensavel que elle se fizesse; e bem vê, avósinha, que neste caso tive razão.

Martha abraçou ternamente Margarida, e lhe disse:

— És um anjo; foi Deos que te inspirou. Mas não basta isso, filha, é necessario que vás agora mesmo levar a obra ao fabricante, para elle t'a pagar; eu por mim não posso lá ir, porque estou muito fraca, e pa-

rece-me que não tenho remedio senão ir deitar-me outra vez.

Margarida saíu para fazer o que a velha aia lhe dissera. Quando voltou estava esta ainda de cama.

— Avósinha, avósinha, disse a Margarida, muito alegre, aqui está um florim, e mais obra para arranjar... Mas que tem? está tão pallida? está de certo muito doente? Eu vou chamar já o medico.

Martha quiz responder-lhe, mas violenta tosse lh'o impediu.

Margarida, muito afflicta, desceu rapidamente a escada, atravessou a rua, foi a casa de um medico que morava na casa defronte, e conduziu-o ao pé do leito da sua Martha, que ardia em febre.

O medico examinou a doente, escreveu uma receita, explicou a Margarida como devia de tratar a pobre mulher, e saíu, promettendo voltar no dia seguinte.

Com effeito visitou-a quinze dias; no decimo-sexto era inutil já a sua visita.

Martha estava morta!

(Continúa.)

POESIA.

O Poço de Dona Sancha.

(TRADIÇÃO POPULAR DO MINHO.)

I.

Oh! que formosa galé
Vem pelo Minho a vogar!...
Que remeiros tão airosos,
Que nella vem a remar!

Os remeiros remam certos,
Remam certos sem parar,
Cortam nas aguas do rio,
Que são de prata a saltar!

Em pé, na poupa dourada,
Vem um mancebo a cantar.
Os olhos traz n'um castello,
Que aqui fica á beira mar.

O mancebo é primoroso,
Tem um rosto d'encantar,
Os cabellos da cabeça
Nos hombros lhe vem pousar.

Os cabellos são castanhos;
É de lucto o seu trajar;
Negra a pluma do seu gorro,
Com que o vento anda a folgar.

Nos cunhos da sua espada
Traz uma cruz singular,
Cosida de finas joias,
Que a vista fazem cegar.

Traz um rico talabarte
Que é de seda verde-mar,
Recamado d'esmeraldas
Em que s'espelha o luar.

Rendas que traz ao pescoço
A Flandres as foi comprar:
As luvas são de polvilhos
Perfumadas com ambar.

O mancebo vem cantando..
E que triste é seu cantar!
As coplas que elle dizia,
São coplas d'infeitiçar.

«Já são passadas tres noites
«Sem que te eu possa fallar,
«Ao balcão do teu castello
«Vem, ó Sancha, sem tardar.

«Tres noites já são passadas...
«Oh! que mofino penar!
«Morro á beira d'esses muros,
«Se te não chego a fallar.»

Calou-se aqui o mancebo...
Vae agora a soluçar;
Os olhos, turvos do pranto,
Mal póde ao longe deitar!

A galé vogava certa...
Ía ás rochas a abicar...
Quando os remeiros pararam,
Que alli costumam parar.

Ha luzes lá no castello
Pelos balcões a cruzar...
Mas Dona Sancha esqueceu-se
De quem a estava a aguardar!!

II.

A Dona Sancha era filha
D'um fidalgo de solar...
Capitão-mór de Caminha,
Que é praça de beira-mar.

Quer-lhe o pae mais do que á vida,
Só traz nella o seu cuidar,
É bem que procure noivo...
Chega o tempo de a casar.

Andam sete cavalleiros,
Todos sete a porfiar:
Oh! quem fôra o mais ditoso
Quem lhe soubera agradar!...

A seu pae, como discreto,
Alli tocava estremar:
Cáe a sorte no mais rico,
No senhor de Bacellar.

Os feudos que lhe pagavam
No seu castello solar . . .
Mal haja a negra cobiça
Que assim o pae fez cegar!

Chora a filha noite e dia,
Que é sem fim o seu penar,
Quiz dizer ao pae . . . não poude.
Não lhe chegou a fallar.

Foram tantos os suspiros . . .
Nem palavra soube dar;
Mas deu a mão de casada
Ao senhor de Bacellar.

Dona Sancha, Dona Sancha!
Como te has de desculpar
Com teu lindo namorado,
Que por ti anda a penar?

Ha tres noites, que lhe foges,
Que a galé passa a vogar,
Sem que ao balcão do costume
Tu lhe venhas a fallar.

Dona Sancha! que fizeste?
Para teu pae acatar,
Mataste o moço mais lindo . . .
Que o triste se vae finar . . .

As trovas que te cantava
Não n'as tornas a escutar:
Has de ouvir-lhe a voz sumida,
Quando falsa te chamar;

Has de ouvi-lo sôbre as rochas
Da praia nua a chorar,
Misturando os seus lamentos
Co' os roucos gritos do mar.

Porque não lhe déste aviso
Para te vir resgatar?
A sua espada briosa
Não teme a de Bacellar.

Dona Sancha! tu casaste
Para a teu pae agradar,
Ou . . . captivou-te a riqueza
Que agora vaes desfructar?

Deixa o leito do noivado,
Vem ao balcão espreitar . . .
Que o trovador sem ventura
Anda no rio a vogar.

III.

Já é dada a meia noite;
Vae-se mettendo o luar;
Pelos balcões do castello
Nem uma luz a cruzar.

Quando lá por um postigo,
Que deitava para o mar,
Surde no escuro uma dama
Para a galé a acenar!

Era a dama — a Dona Sancha.
É de lucto o seu trajar:
Seus cabellos derrubados
Mostram signaes de pezar.

O mancebo, ao divisa-la,
Manda aos remeiros remar;
A galé já vae direita
Para o postigo a aproar.

«Bem hajas tu, Dona Sancha,
«Que um triste vens consolar,»
Brada o moço «Ai, Dona Sancha,
«Tres noites sem te avistar!»

Oh! que sorriso tão brando
Tem elle no seu fallar!
Ella — responde-lhe em vozes
Cortadas de soluçar:

— «Pois melhor não me avistáras,
«Que más novas te vou dar:
«Foge, foge . . . não mereço . .
«Tens razão de te queixar.»

— «Tu que dizes, Dona Sancha,
«Tu que estás a delirar?
«Quebraste-me a lealdade,
«Por outro me vaes trocar?»

— «Troquei-te já, sou casada . . .
«Obrigaram-me a casar . . .»
— «Cal'-te, cal'-te, não me enganas,
«Não me podes enganar.»

— «Foi meu pae...» — «Ah! Sancha, Sancha
«Mentes? . . . dize . . . é por folgar . . .»
— «Mal peccado! ai sou casada
Co' o senhor de Bacellar.»

— «Agora sei que é verdade
«Que és Dona de Bacellar,
«Elle . . . tem seus poderios,
«Eu só tinha . . . o meu trovar.

«Mas tenho á cinta uma espada
«Para o traidor degolar,
«Tenho um peito, ardendo em zêlos,
«Para depois a cravar.

«Adeos, Sancha! nestas aguas
«Amanhã verás boiar
«O meu corpo, já sem vida,
«E o corpo de Bacellar.

«Adeos, Sancha! á meia noite
«Has de ao postigo chegar,
«Vem carpir o tempo antigo,
«Por minha alma vem resar.

« Adeos, Sancha! não te esqueças
« D'este adeos que te vou dar . . . »
Não poude mais, suffocado,
Volta a galé para o mar

A galé cortava as ondas,
Os remos vão a remar;
A triste da Dona Sancha
Rompeu agora a clamar:

« Não me fujas, não . . . sou tua . . .
« Comtigo me vou casar:
« Nosso leito do noivado
« Seja nas vagas do mar! »

Na galé, que voga ao longe,
Os seus olhos a alongar,
Do postigo se debruça . . .
Vê-la se deita a afogar!

Veio o corpo á tona d'agua,
Logo tornou a afundar . . .
Naquelle poço medonho
Quem na soubera topar!

A. P. da Cunha.

Macrobia.

Em 12 de abril morreu, em Alvaiazere, Maria dos Santos, viuva, do logar do Pé da Serra, freguezia de Santa Maria Magdalena de Alvaiazere, que nascêra em 1748, casou em 1772, e falleceu de 101 annos, sem ter tido molestias graves Poucos mezes antes de morrer ainda fiava, e não usava d'oculos. Deixou bisnetos.

Em Alvaiazere ainda hoje vive, e promette duração, uma velha de 107 annos, muito bem disposta, e de posse de todas as suas faculdades intellectuaes.

Dizem-nos tambem, que o *tio Braz*, um dos pharoleiros de S. João da Barra, tem mais de um seculo. Faz ainda todo o serviço, e vae a pé a grandes distancias.

REVISTA DA SEMANA.

Em má hora me lembrei eu de dizer que a lição do sr. Lopes de Mendonça tinha sido um verdadeiro *desastre*. Ainda me lembro — foi n'uma sexta-feira. O illustre folhetinista engendrava a sua *Revista de Lisboa*, quando a nossa pobre *Revista* caiu nas suas mãos. Ler — adiar uma objurgatoria aos *fosseis* — e escrever contra mim *muita cousa feia* — foi tudo obra de um instante. O patriarcha dos folhetinistas, irritado, fulminou o pobre frade, e no auge da sua cholera, chegou a crer, que este ninguem, que *teve a ventura de tirar uma sorte em preto no banquete social*, tinha a louca pretenção de encravar a roda do progresso! Faltou-lhe aquelle sangue-frio, com que costuma responder aos ataques virulentos e injustos do Braz Tisana.

Descance. Se eu tivesse fôrça para encravar a roda do progresso, toda a empregaria em auxilia-lo, em pugnar a seu lado pela liberdade do pensamento e da palavra. Se um pedante, se um homem destes que servem só de tropeço, se tivesse apresentado para fazer um curso de litteratura, e fôsse infeliz na primeira lição, regosijar-me-ía quando visse sair o público descontente, e reunir-se uma commissão para lhe fechar as portas do *Gremio*.

A sua lição foi infeliz; o público saíu descontente; uma commissão *revolucionaria* reuniu-se para adverti-lo; e eu não bati as palmas, não fiquei satisfeito, considerei o acontecido como *um desastre*, porque o sr. Mendonça é um moço de talento, que está no principio da sua carreira, e que ha de ir longe, se não der aos seus trabalhos uma direcção falsa. Tenha paciencia — digo-lhe ainda outra vez — a sua lição foi um *desastre* para si, para o *Gremio*, para os seus amigos; mas um *desastre* não é a morte. Os que lamentaram o seu *desastre*, os que censuraram as imprudencias da sua primeira lição, foram os primeiros, na terça-feira, a felicita-lo, porque na segunda lição se rehabilitou completamente, e mereceu os applausos de quantos o ouviram.

O que eu não posso desculpar-lhe é o ar de desprêso com que trata o unico barão folhetinista que ha em Portugal. O collega não faz bem. O barão d'Alfenim luctou com o *Pharol;* e desde já lhe prophetiso, que ha de obrigar o folhetim da *Revolução*, que se refugia quasi todas as semanas em S. Carlos, ou no baile da *Peninsula*, a entrar tambem neste *commérage* litterario, estabelecido prudentemente para deleite dos assignantes e do *Cavaco* supremo do *Gremio*.

Além do *cancan* que o collega da *Revolução* promoveu, tivemos mais cousas notaveis na semana. Appareceu o retrato d'*Ella* no *Jardim Litterario* n.º 16, que *continúa a publicar-se*, como diz o espirituoso auctor dos prognosticos do *Interesse Publico*.

Ella não é a Julia do Rousseau; não é a Ghita do Cooper; não é a Genevra do Byron, pallida e triste, a sonhar com outro mundo melhor. Não é a Beatriz, a quem o Dante chamou *vida da sua vida, essencia do seu pensamento*. Não é voluptuosa e altiva como a Gulbeyaz de Don Juan — nem ardente como Lolah — nem branca e rosada como a bella Katinka, cujos pés delicados *apenas faziam caricias á terra*. Não é a Leonora do Tasso, formosa, mas severa. Não se parece, de nenhum modo, com alguma dessas bellezas, reflexos fugitivos dos versos do Byron. O auctor de Child Harold nunca sonhou uma belleza como *Ella*, a *Ella* do *Estandarte*, que o sr. Amorim retratou.

É um retrato de sublime inspiração.

Ella — é alta — com os pés toca no mar; com a fronte chega ao céu. Na cabeça tem nuvens por toucado; o vestido é de vapores; na cara tem o sol; e nos labios a côr da aurora.

Ella nasceu no calix d'um jasmim — balouçou-se no seio d'uma rosa — lavou a cara n'uma lagrima d'abril — depois cresceu, cresceu, topou com as nuvens, foi o Ethna, o Vesuvio, o Eurota, o Danubio, foi . . . foi, no fim de tudo, um raio que estalou! . . . um raio que estalou!!!

Hoje — *Ella* —

É um anjo, que se veste
Com uma nuvem celeste,
Que lhe deu o Creador!

É *corôa* se eu sou poeta,
É *livro* se eu sou propheta — (Pois não foste?)
Louros se sou trovador — (Quem falla é o sr. Amorim)

Aqui está *Ella* — quem é que não a reconhece? — *Ella* é como a serra de Cintra — com os pés toca no mar; com a fronte chega ao céu!

O illustre folhetinista deve estar satisfeito. Para as bellezas do Byron appareceu o buril do Mote, e o pincel do Corbeaux. Para a *Ella* do sr. C··· appareceram os versos do sr. Amorim... Feliz folhetinista, se *Esta*, *Aquella*, *Uma*, e *Outra*, tiverem eguaes cautores! *Ella* é alta e magra: *Uma* deve ser baixa e gorda; *Aquella* usa cabelleira; *Outra* tem pés d'ingleza e nariz de papagaio. Em pouco tempo temos um museu riquissimo; e as bellas do sr. C···, se os retratos continuarem a ser tão favorecidos, serão das taes que o anjo da guarda abandona, porque não julga necessario ficar ao pé dellas — tão bem defendidas estão por si mesmas!

Temos ainda mais novidades. Ha ahi um folhetim — especie d'estalagem em que se accommodam muitos hospedes. Um d'estes, que não se chama Epaminondas, nem Romualdo, descobriu uma conspiração tenebrosa. Sonhou e disse que tres jornaes se acham ligados: — *Pharol*, *Epoca* e *Revista Popular* — e que todos dirigiram tiros contra elle, porque um braço poderoso os guiava, obrigando-os a dar bordoada de *cégo*. Não sabiamos isto, e apresso-me em o communicar aos meus dignos collegas da *liga*. É uma cousa curiosa, este triumvirato, que se põe em campo para fustigar um Marianno! Socegue, socegue — a *liga* não existe, nem é precisa. O que haviamos de nós fazer com as nossas fouces, n'um quintal esteril, em que apenas se acha alguma ortiga, ou algum *cardo* em dia de festa? As planicies da *União* não convidam a passeio — são muito aridas.

A chronica da *Revista Militar* n.° 4 veio alentada. O chronista irritou-se, e exclamou indignado: «Independencia italiana, nome vão e ôco! Para haver uma «Italia, é mister que haja italianos: que é delles? O «sentimento de nacionalidade não se importa. Os gritadores das praças públicas não affrontam as balas «austriacas; querem a independencia! — e essa miseravel republica romana, para a ter, engaja gregos, «como a florentina fórma uma legião polaca. O rei de «Napoles tem suissos. Onde estão os italianos?!»

Assim, collega, assim. O mesmo enthusiasmo para tudo. Venham as questões do dia — deixem-se por ora de outra cousa. O exército ha de tomar amor ao jornal, se vir que elle advoga os seus verdadeiros interesses — que elle pugna para que se lhe dê o que de direito lhe pertence. Menos artigos, daquelles que os officiaes não leem, por ora — mais artigos d'interesse actual. Quando se trata de organisar o exército, a *Revista Militar* deve pôr-se em campo, e expôr francamente as bôas idéas, sem medo, sem contemplações, porque a dignidade do escriptor não póde sujeitar-se inteiramente ás prescripções da disciplina.

Vae ahi grande grita contra o *Pharol* por ter apeado a estampa. Já uma dama se me queixou amargamente da falta daquelle fanal. Se eu soubesse — teria pedido, e conseguido talvez, que se declarasse eterna a estampa. Fallam nas cousas tão tarde!

O que não admitte defeza é a nova administração do *Pharol*. Porque são tão compridas as semanas d'este *semanario*? Encommendou-lhe por ventura algum ministro da fazenda, que fizesse as semanas maiores para podêr pagar menos mezes em cada anno?

No theatro de D. Maria II continuam os mysterios; a gente do Gymnasio continúa a ir para a California; em S. Carlos desenvolve-se a longa serie dos *beneficios*; mas a grande novidade da semana theatral foi incontestavelmente o beneficio da actriz Emilia das Neves e Sousa. O Gentil Bernardo é uma comedia semsabôr e detestavel; foi uma escolha desgraçada. A sr.ª Emilia entrou bem, porque entra sempre bem, porque é uma actriz de grande talento, porque tem muitos recursos. Ninguem mais se distinguiu. Nem a peça os ajudava, nem os actores do Gymnasio estão á sua vontade em S. Carlos. O público teve só, para consolar-se — e não foi pouco — o prazer de ouvir e ver o *gentil* Bernardo. Na realidade não se póde ser mais gentil, nem mais tentador.

Fr. Gerundio.

BIBLIOGRAPHIA.

Cholera Morbus.

O artigo — *Cholera* — da Cyclopedia Britannica, traduzido do inglez pelo sr. João Felix Pereira, vende-se por 240 réis na loja do sr. Lavado.

Tractado Juridico de Prazos

SEGUNDO A LEGISLAÇÃO VIGENTE Á MORTE D'ELREI D. JOÃO IV.

Não é um tratado *ex-professo* sôbre esta difficil materia, onde se achem desenvolvidas e resolvidas as mui graves e embaraçadas questões que occupam e embaraçam os tribunaes; mas é um compendio claro e methodico onde se acha toda a legislação que regula o assumpto, um como cathecismo de prazos, mui recommendavel, por isso mesmo que apresenta em synopse e em breve quadro a natureza dos differentes prazos, modo de succeder em cada um delles, etc. etc.

Tem como em appendix os decretos de 13 d'agosto de 1832, 22 de junho de 1846 e 13 de julho de 1848, sôbre os bens da corôa, sua remissão e venda.

Illustração Hespanhola.

Recebemos os n.ºs 6 e 7. Ambos trazem estampas e artigos de muito interesse. Entre ellas vem uma da prisão do conde do Montemolin, e outra da batalha entre os austriacos e piemontezes.

Vende-se avulso, por 100 réis, na loja do sr. Lavado.

Semanario Pittoresco Hespanhol.

D'este bello jornal, que já conta 14 annos de existencia, acaba de chegar o 15.° número.

Vende-se e assigna-se na loja do sr. Lavado, rua Augusta.

Declaro que nenhuns compromissos me ligam actualmente á redacção do *Frontero*, revista litteraria publicada em Badajoz — nem tão pouco intendi na dos primeiros números, que individamente apparecem, na parte portugueza, authorisados com o meu nome. Tive a honra de ser convidado pelo sr. D. Benitto Vicetto y Perez (cuja amizade muito me lisonjeia) para a collaboração daquella folha — ao que annuí, mediante determinadas condições, que se não cumpriram, sem dúvida por motivos estranhos á vontade do sr. Perez — cessando, por consequencia, qualquer responsabilidade que por aquelle facto me poderia caber.

Lisboa, 18 d'abril de 1849.

Francisco Pereira d'Almeida.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Entre as muitas producções dos nossos dominios ultramarinos, que são consideradas como fontes de prosperidade, e objectos interessantissimos para o commercio, tem distincto logar as preciosas madeiras de que abunda o torrão africano, proprias para obras tanto de marceneria, como de carpinteria e construcções navaes, além dos lenhos proprios para tinturaria. Parecendo-nos que uma publicação d'este genero não deixaria de interessar os nossos compatriotas que se dedicam ao commercio, resolvemo-nos a apresentar uma descripção d'estes objectos, e das suas applicações, segundo as qualidades que possuem.

Lenhos, e qualidades das obras para que são applicaveis.

CABO-VERDE.

Coqueiro — É bôa madeira para tráves.

Figueira brava — É bôa madeira para construir embarcações.

Zimbrão — É bôa madeira para construir embarcações pequenas.

GUINÉ.

Sibe — É bôa madeira para umbreiras de portas.

Tarafe, *Mangue* — É bôa madeira para carpinteria de casas.

Mogno, *Sangue*, *Perguiça* — É bôa madeira para construcção de moveis.

ILHAS DE S. THOMÉ E PRINCIPE.

Azeitona — Por este nome é conhecida esta arvore nas ilhas de S. Thomé e Principe, e no commercio; é madeira solida e duravel, de poros fechados: serve para esteios e forquilhas de casas: incorruptivel, e só o deixa de ser aquella parte, que fica abaixo da superficie da terra, pois que com facilidade se corrompe: a parte que fica acima da superficie da terra, dura seculo, e mais: a côr é rôxa; e é mui pesada. A arvore é alta e direita, e tem os galhos na parte superior; o diametro das maiores é de 5 a 8 pés; o seu cumprimento, até ao principio da rama, é de 60 a 70 pés. Serve na construcção naval para cavilhames, e é necessario sangrar bem os furos para lhe entrar o prego, aliás racha, ou dobra a ponta do prego. Cria-se nos logares montuosos, e em abundancia.

Massimana ou Captivo de Azeitona — Por estes dois nomes é conhecida esta arvore nas ilhas do Principe, e na de S. Thomé, denominam-na *Zamumú*. É madeira duravel, e de uso na construcção de casas e embarcações; cria-se nos Picos com abundancia, e cresce até 40 pés de altura e 2 de diametro.

Ribeira — Esta madeira é solida e duravel, ainda que porosa, mas pesada; serve para solletas, vigas, barrotes, e caibros mestres de casas: na construcção naval serve para quilhas, sôbre-quilhas, dormentes e escôas, e taboado abaixo do lume d'agua, porque abre as costuras estando exposta ao sol; as mangas ou ramas servem para braços e aposturas; a côr é similhante á do carvalho, e, como este, conserva o prego, melhor do que a Socopira, que o gasta; como ella, nasce geralmente ao pé das ribeiras; é daqui que proveio o denominarem-na páu Ribeira: só abunda em logar apaúlado, por isso que não vegeta em terrenos cultivados; cresce consideravelmente, mui direita, e a sua grossura chega a 10 pés de diametro; só apparece na ilha do Principe.

(Continúa.)



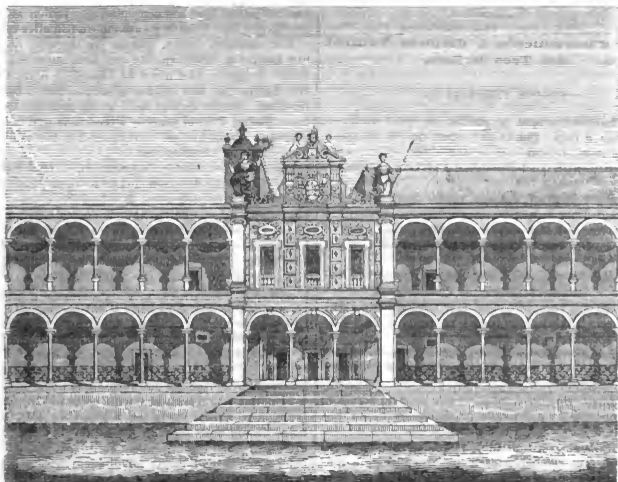
AGIOTAGEM NAS RUAS DE LISBOA.

ADVERTENCIA.

Tendo-se terminado a distribuição do *Livro de Poesias*, roga a empreza aos senhores correspondentes e assignantes, que, sem demora, enviem para o escriptorio da direcção d'este jornal as quantias que tiverem em seu podêr.

Com este número se distribue, *gratis*, o indice do 1.º volume, aos senhores a quem pertence.

A demora na remessa d'este número para as provincias não deve ser attribuida á direcção da *Revista Popular*.



EVORA — Antigo collegio do Espirito Santo.

Quando o cardeal D. Henrique, depois rei de Portugal, era arcebispo d'Evora, erigiu e fundou, sob a invocação do Espirito Santo, um collegio para ensino da mocidade, que depois entregou á direcção dos padres da companhia.

A creação d'um estabelecimento daquella natureza n'uma cidade opulenta como é Evora, julgou-se naquella epocha tão necessaria e proveitosa, e com tão geral applauso foi recebida, que logo, no primeiro anno lectivo, mais de 300 estudantes frequentaram as aulas.

O cardeal fundador entretanto não perdia de vista a sua fundação querida; e, além da livraria, que doou ao collegio do Espirito Santo, e que ficou fazendo parte integrante do mencionado collegio, por ordem e a expensas suas a enriqueceram grande cópia de livros, que expressamente mandára comprar em Flandres.

Não contente com isto projectou erigir uma universidade, e, como naquelle tempo se costumava, solicitou do pontifice romano a approvação dos respectivos estatutos.

Esta idéa do cardeal D. Henrique, como se devia de esperar, encontrou a mais vigorosa e violenta opposição da parte da antiga universidade de Coimbra; mas, apezar de tudo, logrou elle sair com o seu intento por diante, sendo confirmada a fundação da universidade d'Evora, por bulla de Paulo IV, de 18 de setembro de 1558.

Desde então, para accommodar novas aulas e os numerosos escholares que as frequentavam, se accrescentaram muitas obras ao primitivo edificio, de modo que, ainda actualmente, é um dos maiores que existem no reino.

A extincção dos jesuitas, que foi, como todos sabem, acompanhada de uma proscripção, algumas vezes irreflexa, de tudo quanto existia daquella, aliàs temivel, associação, acabou com aquella universidade, que tão bem fadada nascêra e prosperára.

Correram muitos annos sem que ninguem se lembrasse de dar uma util applicação áquelle immenso e magnifico edificio, até que em 1836, o sr. Antonio José d'Avila, governador civil d'Evora, fundou nelle a casapia, que é um excellente e bem dirigido estabelecimento, que sustenta actualmente, entre alumnos e empregados, mais de 600 individuos.

É tão amplo, porém, o edificio, que além das accommodações necessarias para um estabelecimento daquella ordem, ainda lá se alojaram desafogadamente as differentes repartições públicas, etc. etc.

A nossa estampa — que não duvidâmos apresentar como um dos melhores trabalhos do nosso gravador — representa a fachada da antiga sala dos actos, no chamado pateo da universidade, e as suas galerias lateraes, obra de formosa e regular architectura.

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Curso d'introducção á Historia Natural dos Tres Reinos.

CORPOS TERRESTRES.

72. *Phenomenos que se passam no nosso globo.*— Terminada a noção rapida que vimos de dar do *systema do mundo*, voltemos as nossas observações para o que se passa mais perto de nós, no planeta em que vivemos.

73. *Differentes estados dos corpos terrestres.*— A primeira distincção que temos a fazer nos corpos, é a que se refere aos seus estados de aggregação, que conhecemos pelos nomes de *estado solido*, *liquido*, e *gazoso* ou *aeriforme*.

74. *Algumas propriedades notaveis dos corpos.*— Antes de nos determos, porém, na definição dos estados de aggregação, cumpre-nos estudar ligeiramente algumas propriedades mui importantes, como a *divisibilidade*, a *porosidade*, etc.

75. *Divisibilidade.*— É, segundo exprime o termo, a propriedade que tem a materia de podêr dividir-se successivamente.

76. *Limite da divisibilidade.*— A sciencia admitte, que a materia se não divide indifinidamente, ou que chegados a certo ponto não devemos conceber divididos os fragmentos resultantes das divisões anteriores. Os fragmentos pequenissimos, imperceptiveis, e que servem de limite á divisibilidade, chamam-se *atomos*, *moleculas*.

77. *Constituição physica dos corpos.*— Em harmonia com esta doutrina, suppõe-se que os corpos são constituidos pela reunião dos atomos, ou das moleculas, que se acham separadas entre si por certos intervallos, maiores ou menores, a que os physicos dão o nome de *póros*.

78. *Porosidade.*— É porque suppomos que todos os corpos são formados de moleculas separadas pelos póros, que a *porosidade* se diz uma propriedade geral da materia. Póde ella, pois, definir-se *a propriedade em virtude da qual os corpos não teem as suas moleculas em um contacto perfeito, senão separadas umas das outras pelos póros.*

79. *Massa.*—*Volume.*— Suppondo que muitos corpos de diversas naturezas se reduzem ao mesmo *volume*, é claro, á vista do que deixamos dito, que a quantidade de materia contida em cada um d'esses volumes eguaes, ha de ser diversa, segundo fôr diversa a sua porosidade. A relação entre as idéas de *massa* e de *volume* depende, pois, da porosidade.

Chama-se *massa* a *quantidade* de materia contida n'um corpo.

Explicação dos differentes estados de aggregação.— Agora, sabida a constituição physica dos corpos, ser-nos-ha mais facil conceber os differentes estados d'aggregação. Em cada um delles as moleculas acham-se diversamente ligadas entre si. Nos solidos a fôrça que as reune, ou pela qual ellas se attraem mutuamente, está no maximo gráu de intensidade. Por isso vemos que estes corpos tem geralmente uma figura determinada, e conservam-na sem se derramarem, o que não succede nos liquidos, em que a extrema mobilidade das moleculas lhes não consente outra fórma, além daquella que lhes fornece o vaso em que se elles contém.

Estes últimos corpos, quando em repouso, são sempre limitados superiormente por uma superficie *horisontal*, a que se dá o nome de superficie livre. Os gazes, finalmente, tem as suas moleculas menos coherentes ainda do que os liquidos; a sua mobilidade é extraordinaria, e d'ahi procede a tendencia que tem estes corpos a expandirem-se uniformemente por todo o espaço com que communicam.

Exemplos dos estados d'aggregação.— Os solidos são tão profusamente disseminados na natureza, que parece superfluo o exemplifica-los. Dos liquidos é um exemplo commum a *agua*, que tão abundantemente rega o nosso globo, já constituindo as grandes massas *aquosas*, a que chamamos *mares*, já caindo da atmosphera, debaixo da fórma de *chuva*, já, finalmente, affluindo pelos rios a confundir-se no vasto reservatorio do *oceano*. O ar que respiramos, e cujos effeitos, sentidos a cada passo, nos denunciam a presença d'um corpo, póde apontar-se como um dos *gazes* que a natureza espalhou com mais profusão no planeta em que vivemos.

Passagem successiva d'um corpo pelos tres estados.— O mesmo corpo póde, pela influencia de certas causas, passar successivamente pelos tres estados d'aggregação. A agua que vemos commummente no estado liquido, apresenta-se muitas vezes sob a fórma de gêlo, ou debaixo de um novo aspecto, e gosando de propriedades diversas, quando transformada em *vapor*. Estes tres estados são constantemente simultaneos no nosso globo. O gêlo, pela applicação d'um calor sufficientemente intimo, póde transformar-se em agua, e esta póde ainda, pelo emprêgo do mesmo agente, reduzir-se ao estado *aeriforme*— ao *vapor*.

Divisão natural do globo terrestre.— Em harmonia com esta distincção dos estados dos corpos, póde a totalidade da terra ser dividida em tres partes: Uma *solida*— é a *terra* propriamente dita; outra *liquida*— são os grandes reservatorios que communicam todos entre si, formando uma unica massa, que circumda os *continentes* e as *ilhas*, e ás vezes penetra no seu interior, dando origem aos *mares interiores*, ou *mediterraneos*, aos *golfos*, etc.; esta parte do globo tem o nome geral de *oceano*; uma porção *gazosa*— que envolve symetricamente o globo que resulta da reunião da terra e dos *mares*: esta última parte é a *atmosphera*.

Atmosphera.— Tratemos primeiro da atmosphera, e ulteriormente indagaremos a composição da parte solida, e os phenomenos que nella tem logar.

Fórma da atmosphera.— A atmosphera circumda uniformemente o globo terrestre; adapta-se á configuração geral d'este globo, e deve por isso ser como elle aproximadamente *spherica*.

Limite da atmosphera.— Sendo a atmosphera composta de corpos no estado gazoso, ou aeriforme, e tendendo taes corpos a expandirem-se indefinidamente, pareceria á primeira vista não ser possivel assignar limites a este *envolucro* da terra. E de feito, notamos que as moleculas do ar, sendo dotadas d'uma poderosa *elasticidade*, tendem a affastar-se successivamente, e a encherem um espaço cada vez maior. Apezar d'isto,

porém, como o ar é *pesado*, e a gravitação, propriedade geral da materia, actua sôbre elle como sôbre todos os outros corpos, haverá um *limite*, em que o *pêso do ar* contrabalançará a sua tendencia repulsiva, obrigando-o a conter-se n'um espaço comparativamente pequeno ao redor da terra. Onde este equilibrio se realisar, alli será o limite da *atmosphera*.

Importancia da atmosphera na economia da natureza. — A atmosphera é uma parte do globo terrestre, onde se passam phenomenos curiosissimos e importantes. É nella que os animaes e as plantas vão haurir os principios indispensaveis á vida; é ella, que por intermedio da respiração entretem e vivifica innumeraveis seres dos que se chamam, na linguagem da sciencia, *seres organisados*, dos quaes posteriormente havemos de tratar. É ella tambem que nos ministra um principio indispensavel á combustão de todos os corpos.

Constituição da atmosphera. — O ar que respiramos não é, como os antigos suppozeram, um corpo que conste d'uma só qualidade de materia: não é um corpo *simples*, senão uma substancia *composta*.

Os progressos modernos da sciencia conseguiram descobrir nelle dois corpos distinctos, ambos gazosos, ambos sem cheiro, sem sabor, ambos invisiveis; mas gosando d'outras propriedades em que se differençam profundamente: um delles o *oxygenio*, o outro o *azote*. É ao primeiro que a atmosphera deve as suas propriedades vivificantes; é posto com elle em contacto, que o sangue (o fluido nutritivo dos animaes) retoma as propriedades que perdêra depois de haver, pela circulação, actuado sôbre os tecidos vivos. O azote é, pelo contrario, um gaz irrespiravel, porque os animaes, mergulhados n'uma atmosphera privada d'oxygenio, perecem necessariamente. O azote parece ser, porém, destinado a enfraquecer a acção excessivamente vivificante do oxygenio, que, no estado de pureza, excita mais fortemente os animaes, compromettendo-lhes a existencia.

Além d'estes dois corpos, a analyse do *ar* dá ainda uma pequena quantidade d'um outro gaz, que se chama *acido carbonico*, que resulta da combinação do oxygenio com um outro corpo simples — o *carbone*. O acido carbonico varía de proporção, segundo circumstancias mudaveis, que não é preciso aqui enumerar.

A agua em vapor existe sempre na atmosphera n'uma quantidade maior, ou menor; é a ella que se devem diversos phenomenos, que se passam na atmosphera, conhecidos pelo nome de *meteoros aquosos*.

(Continúa.)

ROMANCE.

Margarida.

IV.

Em quanto durára a doença da bôa Martha, Margarida a tratára com o maior carinho; fôra para ella um anjo velando-a continuamente á cabeceira. A sua physionomia serena dissimulava a dolorosa inquietação que a anceava; e nem uma lagrima sequer trahíra a sua commoção; oh! que ella bem sabia que manifestar a sua dôr sería augmentar a da moribunda, e até ao último momento nunca o seu olhar desmentiu as palavras de esperança que continuamente lhe dirigia.

Uma noite que Margarida estava, como de seu costume, assentada á cabeceira da doente, a fiar, porque lhe era mister ganhar de noite o que se gastava de dia, ouviu que a chamava a sua velha aia.

— Que quer, avósinha? respondeu.

Martha estendeu a mão, e entregou-lhe uma pasta, que parecia conter papeis.

— Aqui tens, continuou ella, esta pasta, em que acharás os papeis que pertenciam á tua familia. Depois os lerás, e saberás então muitas cousas que ignoras, e que poderão ser-te uteis... Depois, filha, como sinto aproximar-se-me a última hora, devo revelar-te um segredo. Eu não sou tua avó... mas amo-te, como ella te amava...

— Já sabia esse segredo, respondeu Margarida, lavada em lagrimas; e repetiu-lhe a conversação que ouvíra na véspera do dia de anno bom.

Quando terminou, travou-lhe a velha Martha das mãos, e disse-lhe:

— Vão ser bem desgraçados, meus pobres filhos — sósinhos no mundo, sem recursos — sim, sem recursos, que eu nada lhes deixo, nada, senão uma horrorosa miseria. Este pensamento cruel angustia-me na última hora. Mas tanto pedirei a Deos, que elle os ha de ajudar. Espera, Margarida; ora, minha pobre filha, e cuida no teu irmão.

Na manhã seguinte entregava Martha a alma ao Creador. Os visinhos que ouviram os gritos que soltavam as duas creanças, acudiram, e conseguiram arrancalos de ao pé do leito d'agonia.

Algum tempo depois encontraremos Margarida, mas ai! quão mudada e differente da alegre menina, que de bom grado passára toda a vida a ouvir *historias*, e que não dormia oito noites a fio antes do dia de anno bom. Bem creança entrára no agro caminho da vida, e todas as circumstancias obrigavam a pensar que ella o trilharia largo tempo, sustentando-se do seu trabalho, e consolando seu irmão, debil creatura, que emagrecia a olhos vistos, naquella vida miseravel, a que não estava habituado, porque o tempo em que Martha vivia, era quadra de opulencia, comparada á existencia presente. Comtudo Margarida luctava corajosamente contra o seu máu destino; e confiava na infinita bondade de Deos, que a não abandonaria. Trabalho não lhe faltava, e o proprietario da casa em que morava cedeu-lhe, em quanto ella não o podesse alugar, um quarto pequeno, humido e escuro, em que nunca penetrava o sol; entretanto para lá foi com seu irmão, não possuindo já para mobilar aquelle miseravel alvergue mais que dois leitos, porque todos os demais moveis vendêra para acudir ás despezas occasionadas pela doença de Martha, e pelo seu funeral. No momento a que nos referimos, Margarida tinha apenas com que viver por oito dias.

Aterrada de tão horrorosa posição, e recordando-se de que Martha, entregando-lhe os titulos da familia, lhe dissera, que podiam talvez ser-lhe uteis, Margarida abriu a pasta e revolveu todos os papeis que ella continha; entre elles encontrou uma carta dirigida a seu pae;

mas esta carta estava fechada cuidadosamente. Comparando o sobrescripto com outras cartas da baroneza de Remfeld, póde Margarida convencer-se que era da mesma letra, e que a carta fechada devia de ser de sua mãe; hesitou algum tempo antes de a abrir; mas como a pobre menina julgava que seu pae morrêra, rasgou o sobrescripto, e começou a ler a carta; mal acabára, caía sem sentidos no chão.

Em quanto subsistiam as circumstancias politicas que ameaçavam a sua liberdade e a sua vida, o pae de Margarida escrevêra á baroneza de Remfeld, sua mulher, para lhe perguntar onde paravam certos papeis, cujo contheudo podia provar aos seus inimigos que estava innocente. Esta prova preciosa em vão a procurára por toda a parte sem podêr encontra-la. A baroneza respondeu ao seu esposo que, por cautela, os escondêra no velho e enorme medalhão de familia; e que os encontraria n'um pequeno vão que havia neste, por detraz do escudo de armas. O barão esperára aquella resposta muitos dias; mas sua esposa estava então em França, e apezar de todos os esforços, a sua carta chegou tardissimo; o barão víra-se obrigado a fugir antes de a ter recebido. Era aquella mesma carta, a que Margarida acabava de ler; encontrára-a Martha, por occasião da morte da baroneza, e a fiel creada entendêra, que a devia juntar aos outros papeis da familia.

Quando tornou a si, releu Margarida a carta de sua mãe, e chorou amargamente, lembrando-se de que se não fôra uma demora fatal, seu pae viviria ainda rico, poderoso e honrado. «Ai! triste de mim — de que me póde isto servir agora?» Mas subito acudiu-lhe ao espirito uma idéa, e concebeu o pensamento mais sublime que póde fazer palpitar um nobre coração.. Seu pae morrêra, ao menos ella assim o acreditava; mas o seu nome existia ainda manchado por uma accusação gravissima, qual a do crime de alta traição, e Margarida comprehendeu, que podia e devia rehabilitar a memoria e o nome de seu pae tão injustamente deshonrado. Para consegui-lo, era necessario, em primeiro logar, desempenhar o medalhão, que estava em casa do tio Frantz, tirar os papeis em que sua mãe fallava, e ir arrojar-se aos pés do imperador, dizendo-lhe: «Senhor, em nome da justiça, venho pedir a V. M. a revogação da sentença que deslustrou o nome de meus antepassados, manchando o de meu pae; porque essa sentença era injusta; o barão de Remfeld nunca faltou aos seus deveres, e eu, sua filha, aqui trago as provas do que digo.» Este plano, com quanto fôsse verdadeiramente heroico, parecia impossivel de realisar-se, porque era necessario, primeiro que tudo, ter vinte e cinco florins para desempenhar o medalhão. Margarida lembrou-lhe ir pedir ao tio Frantz, que lhe entregasse o precioso documento que, para elle, nenhum valor, nem utilidade tinha; mas ella conhecia o avarento, que de certo só consentiria em tal restituição por um preço exorbitante. O unico meio que lhe restava, pois, era juntar a somma emprestada por Frantz, e ir exigir-lhe o medalhão; e tambem não restavam mais que tres mezes, porque o velho avarento a prevenira de que, acabado o anno, aquelle penhor ficaria sendo sua propriedade.

Foi então que começou para Margarida a vida mais miseravel que póde imaginar-se. Passava as noites a trabalhar, dormia apenas algumas horas, privando-se quasi de sustento, e rogando constantemente a Deos, que lhe continuasse a saude e o trabalho. Os seus desejos, ao menos por aquelle lado, foram satisfeitos; o fabricante, para quem trabalhava, nunca lhe faltava com obra; e apezar das suas continuadas vigilias, as fôrças não a tinham abandonado, sustentadas por um pensamento de amôr filial. Uma noite veiu Frantz ter com ella, e dizer-lhe que se dentro de oito dias lhe não levasse a quantia que emprestára, que não devia contar com similhante objecto. Quando elle saíu, abriu Margarida a gaveta em que guardava o dinheiro que ia juntando; contou-o a tremer; mas, oh! Deos de misericordia! tinha já vinte florins, e com o que o fabricante devia dar-lhe na manhã seguinte, pela obra da ultima quinzena, ficava completa a quantia exigida por Frantz.

(Continúa.)

Recordações de viagem.

II.

Qualquer que seja a oppressão exercida sôbre o marinheiro, o marinheiro é um ente feliz, comparado com o degradado.

Eram quasi duzentos degradados os que levavamos comnosco. Homens, mulheres e algumas creanças, que na edade da innocencia, íam partilhar o destino de seus paes. Os degradados do sexo masculino dormiam n'uma prisão especial. Imaginem um espaço de quinze pés de comprido e dez de largo, se tanto, no terceiro pavimento, aonde a luz penetrava apenas por um estreito parallelogrammo gradeado, e farão uma idéa do supplicio inaudito, a que se condemnam creaturas humanas. Não ha distincção, nem graduação de crimes. Alli tanto soffre o assassino como o ladrão, o homicida com circumstancias attenuantes, como o salteador mais endurecido no crime. Ha uma perfeita egualdade de castigo e de reprovação. A punição social não reconhece differenças, nem estabelece compensações. Justiça iniqua, que se pinta cega, não por ser imparcial, mas porque é implacavel.

Hoje são quasi uma moda consagrada na litteratura os protestos contra a organisação social. As paixões, descriptas, immortalisadas! nas obras primas da antiguidade, e do genio moderno, já não offerecem alimento ás imaginações. Sabe-se d'antemão, quando a heroina morre, ou quando se casa: definem-se mathematicamente todas as estações do sentimento. Sonha-se com um novo mundo; leva-se a analyse ás miserias sociaes; o talento como que phantasia uma sociedade ideal, aonde haja espaço para as suas inspirações, aonde bata desaffrontado o coração da humanidade.

Não tomem como declamação obrigada estas linhas que ahi vão. Já George Sand disse n'alguma parte, que todos, mais ou menos, escrevem o seu *Manfredo*, ou o seu *D. João*, com os pés cosidos a um bom fogo. Mas quando um homem se vê de repente face a face com essas classes condemnadas, quando avalia, uma por uma, as penosas sensações que ellas soffrem, quando contempla a intensidade do seu martyrio, então comprehende que são pallidas todas as descripções, em

presença da realidade. Era necessario ver aquelles rostos pallidos, aquelles vestidos desfeitos, aquelle andar vacillante, aquella humildade temerosa, aquelles olhos supplicantes, para sentir que a sociedade tem direito de punir, mas não de atormentar; que uma vez que a lei respeitou a vida do condemnado, a missão social é apenas a de traduzir fielmente as prescripções da lei.

Victor Hugo escreveu um livro, que eu supponho o mais bem pensado como idéa, o mais bem escripto como arte — *Claude Gueux*. Se esse livro é verdadeiro em França, em Portugal não admitte a mais leve discussão. Privaram-me de instrucção, de meios de trabalho, de principios de moralidade, de affectos de familia, tenho fome, e roubo — de quem é a culpa?

E que direito ha, não só de me punirem, mas de me olharem como uma cousa, como um fardo, como uma verba inutil, de me conservarem annos e annos dentro d'uma cadêa, atado ás demoras d'um processo, para depois me transportarem, sem a mais leve consideração, exaggerando cuidadosamente os meus tormentos e a minha agonia?

Interrogações pungentes, que não tem resposta. Esses *parias* da sociedade perderam todos os direitos, toda a vigilancia social: apenas lhe concedem o sustento indispensavel para não morrerem de fome: no mais, são absolutamente considerados como rêzes que vão para o matadouro. Por isso, se vos perguntarem — O que é o degredo? — respondei ousadamente: — É o assassinato!

Durante a viagem, morreram-nos vinte e sete, julgo eu. Esse sangue cae sôbre a cabeça dos que governam. Se os não amontoassem como lastro, se partissem da hypothese que eram homens, dotados de pensamento, e de vida, de certo a sua passagem seria feita por outro modo. E se houve apenas essa especie de desconto de dôze por cento, é que o commandante lhes minorou a sua sorte, mandando-os respirar, de vez em quando, ar livre sôbre a coberta — alegrando-lhe a vista com a luz, deixando fortalecer aquelles pulmões, extenuados pela absorpção d'uma atmosphera mephytica e suffocante.

Mas houve neste impulso philantropico, considerações de hygiene, positivamente calculadas em beneficio da tripulação. Temia-se uma epidemia, se durasse por mais tempo aquella inconcebivel situação. Expozeram-se os fardos ao ar livre — livrou-se o navio daquelle perigo eminente.

Havia um degradado, que conservava, no seio daquella multidão, um silencio cheio de dignidade, e como de desdem a tudo quanto o rodeava. Era uma testa larga e espaçosa, sulcada de rugas, não de velhice, mas dessas que a meditação abre nas cabeças soberanas: eram uns olhos rasgados á flôr do rosto, cheios de fogo e de vivacidade; era uma physionomia devastada pela energia das paixões, que se assemelha a esses terrenos recem-revolvidos pelas correntes de lava, que o volcão vomita, nas convulsões da natureza.

Tería trinta e dois annos, talvez: parecia ter mais dez. Era calvo; a barba era quasi branca — mas sentia-se ainda naquella pallidez cadaverica uma fôrça occulta. A arvore havia sido fulminada pelo raio, mas as raízes ainda estavam seguras á terra, e desafiavam o sôpro da tormenta.

Eu já lêra Byron. Aquella individualidade representava-me o *Giaour* ou o *Lara*, existencias revoltadas no seu orgulho contra as torpezas sociaes. Via-o com admiração; examinava-o com curiosidade. Mais d'uma vez um sorriso imperceptivel lhe descerrava os labios, quando os meus olhos procuravam naquelle rosto o problema do seu destino.

Sería um sorriso de agradecimento, ou um movimento de desdem? Esta dúvida offendia o meu orgulho. Mais d'uma vez tentei fallar-lhe; mas quando o via, com a fronte erguida, respirando largamente a brisa do mar, com os olhos fitos no horisonte, entregue á amargura dos seus pensamentos — a minha resolução desvanecia-se. Respeitava aquelle homem que parecia querer devorar o espaço para minorar uma dor atroz e immensa.

N'uma noite — dessas formosas noites que só se gosam ao sul do equador — quando o navio parece uma creança, que as ondas embalam suavemente, quando a lua transforma o mar n'um cinto rutilante de estrellas, quando o céu parece um vêu transparente, que deixa perceber ao olhar cubiçoso do homem todos os thesouros do infinito, eu vi o degradado em cima da tolda, gosando com avidez daquelle sublime espectaculo.

Fui collocar-me perto delle, sem ser visto. Escutava-lhe o arfar anceado da respiração; via as contracções do seu peito; examinava cuidadosamente todas as transformações da sua physionomia.

Estava mais socegado do que o costume. Dir-se-ia que a sua alma reflectia a mansidão daquella natureza abençoada. Encostou-se no fim ao parapeito, e deu um suspiro — suspiro de mágoa íntima, mais de amizade do que de desespêro, que significava mais a recordação encantada d'um affecto, do que a expressão sentida d'uma agonia.

Conheci que era uma daquellas horas em que a alma se inunda de sentimento, em que as expansões são uma necessidade, e a palavra um allivio. É quando o homem falla com as flôres, se está na terra, com as ondas, se navega no mar, com as estrellas se olha para o céu. Bati-lhe no hombro, voltou-se — pude finalmente conversar com elle.

(Continúa.) ROCHESTER.

POESIA.

N'um Album.

(DA EX.ᴹᴬ SR.ᴬ D. MARIA CANDIDA CARVALHO E VASCONCELLOS.)

ESTUDA bem este livro,
Estuda-o, gentil donzella,
Não deixes uma só folha
Sem saber o que revela.

Tens aqui muito conselho,
Tens um cento de louvores,
Tens protestos d'amizade,
Tens encobertos amores.

Cautela pois, innocente,
Não vás tudo acreditar,
Áspides contam as flores,
Conta penhascos o mar.

Quantas promessas ardentes
Não faz aqui fria mão?!
Quantos votos lisongeiros
Não faz mudo coração?!

Este livro é, como a vida,
Todo amargas illusões,
Em cada folha um engano,
Em cada engano lições!

Aqui ha phrases mentidas,
Ha vãos sonhos de poetas,
Ha lisonjas estudadas,
Ha confissões indiscretas.

Aqui tambem d'etiqueta
Has de ouvir ditos banaes,
Mil sentenças, mil avisos,
Que deixam tedio e não mais.

Sob apparencias formosas
Acharás cousas funestas,
Como occultos soffrimentos
Por entre os risos das festas.

Cautela pois, innocente,
Não vás tudo acreditar,
Áspides contam as flores,
Conta penhascos o mar.

Estuda, estuda este livro
Que é thesouro d'experiencia,
Mas cuidado, não a compres
Só á custa da innocencia!

Cuidado sim, que da vida
Elle é symbolo fiel,
E na taça da existencia
Ha mais veneno que mel.

Medita, pois, este livro,
Estuda-o, gentil donzella,
Não lhe deixes uma folha
Sem saber o que revela.

A. Lima.

O Amor contrariado.

É grato ao coração ver um sorriso
Suave despontar nos labios puros
Da mulher que se adora; é como um balsamo
Que lenitivo dá ás dôres d'alma;
É a linguagem celestial dos anjos,
Que a uma donzella tão sómente é dado
Neste mundo expressar; é como o aroma
Rescendente da flor; é como o canto
De phylomela, tão mimoso e bello,
Que uma suave embriaguez derrama
Em nossos peitos affanosos, tristes.
O proscripto, que errante no deserto,
Os dias vê correr amargurados,
Não ouvindo sequer a voz de um homem
Que a linguagem da patria lhe recorde,
Mas rudes sons d'incomprehensiveis falas,
E de repente o campanario avista
Da aldêa em que nasceu, e lhe ouve os sinos,
D'esperança o coração lhe bate ancioso
Ao aspecto da irmã, que terna o abraça;
Assim, Elvira, assim me consolaste,
Quando um sorriso me volveste um dia
Ao meu sentido olhar, tão melancholico!
Estavamos n'um baile, e tu vestida
D'azul celeste, e tanta graça tinhas,
Que todos te julgavam a mais bella!
Ia a contar-te as mágoas que hei soffrido,
Nascidas todas do infortunio nosso:
Ía a dizer-te o que de ha muito sabes,
Que o meu destino só de ti depende;
E ouvir dos labios teus dizer-me *Eu te amo*,
E juramentos fervidos trocarmos!
Uma idéa, porém, sinistra, horrenda,
Veiu antepôr-se a tudo recordando...
Não sei que leis, não sei que vãos caprichos
D'este mundo fallaz, injusto e barbaro,
E dissipar minha illusão tão grata!
Elvira, oh! minha Elvira, eu muito te amo;
Se o mundo nos separa, o amor nos une!

J. Osorio.

Applicação da mechanica á arte de calcular.

No Instituto de França apresentaram, ha pouco, MM. Maurel, e Jayet, uma machina, que faz as operações arithmeticas com uma rapidez prodigiosa.

É uma pequena caixa. No alto estão dispostos os algarismos, por sua ordem, tendo cada um a sua haste metalica. Em uma das faces ha tres quadrantes, divididos em nove partes, que correspondem no primeiro da direita aos nove algarismos da casa das unidades, no do meio a dezenas, e no da esquerda a centenas. Um ponteiro, em cada quadrante, indica qualquer dos algarismos, quando se lhe dá movimento por meio de um botão, que serve só para isso.

Supponhâmos que se quer multiplicar 45 por 325. Escreve-se o número, tirando os números 4 e 5 de cima, e collocando-os convenientemente. Depois dirige-se o ponteiro do quadrante das unidades para o 5, o das dezenas para o 2, e o das centenas para o 3. Apenas se acaba de mover o último ponteiro, apparece em uma abertura, para isso destinada, o número que se procurava.

Depois do relatorio feito por M. Binet á academia das sciencias, não se póde duvidar da exactidão dos resultados, verdadeiramente espantosos, que se obtem com a nova machina.

Desta maneira o trabalho fastidioso das operações arithmeticas, fica só para os que nelle acham prazer.

REVISTA DA SEMANA.

Os bailes, que tinham ído acabar devidamente a estação á Bôa-morte, resuscitaram ao vigesimo dia, para se irem ostentar entre pompas militares no quartel do Carmo. Nos dias 29 e 30 d'abril os salões d'este vasto edificio militar abriram-se — relaxada por algumas horas a severidade da disciplina — a todo o fiel christão, que quiz ir parodiar as polkas e as walsas do Club e da Peninsula. Esteve delicioso o divertimento no genero do festim militar, e do baile plebeu. O honrado commandante da guarda municipal quiz banquetear os soldados, e consta-nos que não foram dos menos originaes os brindes que se propozeram naquelle jantar marcial. Um foi — *Ás senhoras do nosso commandante* — que a não interpretar-se pela rudeza natural e simples de homens mais habituadas a fadigas da guerra, que a donaires de salas, irrogaria a censura de polygamo ao nobre commandante, que, como todos sabem, é tão celibatario como S. Jeronymo. Outra foi — *Á saude do imperador!* — E outra, finalmente — *Ao nosso capitão, que tem a honra de nos commandar!* — A alegria reinou sem alteração; o concurso do sexo amavel (porque nem só a aristocracia tem jus a este epitheto) foi numeroso; houve danças continuadas, marcas, enganos, encontrões, como vae sempre de uso em bailes populares, e acabou tudo n'uma tranquillidade exemplar. Poucas vezes, em reuniões taes, ha tanto socêgo e tanta ordem.

Afóra a desordem entre a *Patria* e o sr. Mendonça, a semana tem corrido esteril. O theatro de S. Carlos continúa a ser a última estação do abhorrecimento diurno. Ouvimos um piannista novo, e vamos fazendo as nossas despedidas ao *Macbeth*. A *ordem da noite* obrigada é a *Paquita*, obra mirifica que deveria valer ao sr. Vienna um donativo dos *dilettanti*. Napoleão dava armas e vaquetas de honra. Os bolivariânos offereceram ao célebre Bolivar uma durindana que se póde dizer que choveu do céu, porque a fabricaram com o ferro de um aerolithe. Porque não daremos ao sr. Vienna uma saia de honra (o que não sería talvez difficil de encontrar nas modistas), uma touca, um schall de cachemira? E não façam admiração d'isto, que um dançarino, em quanto na scena, participa antes dos dotes de uma mulher degenerada, do que das qualidades de um varão. Mas a *Paquita* não a póde rastear uma descripção. Sempre aconselhariamos, para aquelle trance provocador dos *beijos*, alguma leitura, as *Armas da Castidade*, por exemplo, como para rebater os impetos mal contidos na fragilidade do barro. Pelo lado professoral a palma é da sr.ª King, cujo rosto os espectadores esquecem de bom grado para attentar-lhe nas extremidades, que realisam (perdoe-se-nos o simile) o mytho do Pegaso. Naquelles instantes a vida da Therpsicore britannica concentra-se nos musculos das pernas; e para os espectadores, é como se alli andasse a pular decapitada. Tal é o encanto dos movimentos! Mas a belleza ideal, o enlevo da sylphide, o meneio da palma vergando, a suavidade do zephyro, transparecem na figura delicada e esvelta da sr.ª Rugali. É ponto de dúvida para nós — se a sr.ª Rugali é mais eloquente olhandó, do que movendo ligeiramente os pés. Que pena, quando a vemos, candida, quasi pensativa, no meio do turbilhão, cruzar por entre a manada eterna das consocias; lembra-nos sempre um lyrio solitario, a erguer a pallida corolla entre fustes quebrados, e troços de velhas estatuas, nas archeologicas planicies de Helcopolis. É uma celebreira! E o folhetinista do *Estandarte* não viu mais do que isto? Eu vejo só um lyrio. Elle n'uma noite, e n'um baile, viu mais do que Humboldt em 20 annos de custosas viagens por todo o mundo. Viu uma flora inteira, vecejando mimosa na estufa sêcca de um salão, ao baço relampaguear de trintas vélas de stearina.

Mais uma novidade, mas esta é de fóra, porque d'este genero não as ha em Portugal. Os nossos livreiros não querem ser editores, e riem-se, com certo ar de piedade, dos que se resolvem a emprehender publicações, visto que não ha livreiros que comprem originaes. Os leitores da *Revista* hão de talvez ter ouvido fallar do famoso assassino *William Blom Fields Rush*, que matou Isaac Jermy, primeiro magistrado em Norwich. Rush é um homem d'intelligencia superior, que teve a habilidade e a coragem de se defender durante sete audiencias, e que teria alcançado o perdão, se a sua amante e confidente, o não tivesse trahido, indo depôr contra elle. Rush tem quatro filhos, que ficam pobres se o célebre assassino se não resolve a escrever as suas *Memorias*, confessando todos os crimes que tem commettido. É tal a confiança que os livreiros tem no effeito que estas *Memorias* devem produzir, que lhe offereceram já por ellas uma renda consideravel, de que seus filhos hão de gosar.

Elle.

BIBLIOGRAPHIA.

Compendio de Historia de Portugal

PELO SR. JOÃO FELIX PEREIRA

APPROVADO PELO CONSELHO SUPERIOR D'INSTRUCÇÃO PÚBLICA.

Sae ás folhas — 20 réis cada uma. Assigna-se e vende-se na loja do sr. Lavado.

Illustração Hespanhola.

Chegou a Lisboa o n.º 8, com diversas estampas e artigos curiosos. Traz o figurino das modas de senhoras, em 13 d'abril. *Vende-se avulso, por 100 réis, na loja do sr. Lavado.*

CONHECIMENTOS UTEIS.

Considerações ácêrca da alimentação do nosso gado, e do regimen especial do verde para o cavallo.

(Continuado de pag. 56.)

Effeitos consecutivos e favoraveis do verde. — Importa classifica-los em *hygienicos*, quando o verde conserva a saude que existe e a torna menos atacavel as circumstancias pathogenicas

da estação; e simultaneamente *therapeuticos* quando quiçá desfazem e combatem certos vicios morbosos.

Effeitos hygienicos. — Se os effeitos immediatos indicam a continuação do regimen, observa-se: 1.° — um progressivo desenvolvimento de carnes e gordura, que torna rotundas e bellas as fórmas do cavallo; 2.° — um maior vigor, se bem que as mais das vezes ephemero, que o leva a esses repentes impetuosos e nobre soberba, que fórma o seu caracter. 3.° — Mais facilidade nas digestões — especialmente para aquelle em que era trabalhosa ao penso sêcco — isto porque as hervas verdes se digerem melhor do que as forragens sêccas.

Estes effeitos são tanto mais palpaveis e evidentes, quanto o cavallo esteja em circumstancias oppostas; isto é, quando seja magro e fraco, por excessivos trabalhos, como nos serviços de posta e campanha, ou desgostosos e escandecidos por um penso sêcco deteriorado.

Tem sido objecto de controversia, a questão, se este regimen temporario é para o cavallo substancial e dynamico, ou se é antes debilitante.

Em presença dos resultados já expostos, deporiamos pela primeira propriedade, por quanto são evidentes os signaes de vigor, e bôa refeição de carnes. Porém as circumstancias em que está o animal posto a este regimen, a respeito das em que existia antes, e bem assim a natureza do verde, induz-nos a necessarias correcções, que podem levar-nos talvez á crença opposta. De feito, o cavallo antes d'este regimen, sendo victima de aturados e mais fatigantes trabalhos, posto ao verde conservamo-lo em mais descanço e repouso. Quem não dirá então que o vigor que ostenta, é antes o resultado do descanço, do que effeito da qualidade dynamica de tal penso? É certo que entre os meios de restaurar as fôrças abatidas pela fadiga, se conta o repouso e descanço regrado. O rotundo das fórmas, filho da repleção de carnes e gordura, muito abona a sua faculdade substancial; que depende não só dos principios plasticos ou azotados, que Payen tem observado nos contentos de novos e tenros vegetaes — e neste caso estão provavelmente as verduras que empregamos — como dos principios assucarados, e outros não menos alibilis; e assim como tambem da mais facil digestão, que permitte aproveitar-se quasi a totalidade de taes principios, embora diluídos pela agua de vegetação; e ainda do mesmo repouso, que torna menos notaveis as perdas organicas. Mas tudo isto não abona faculdades dynamicas em taes alimentos — antes pelo contrário a agua de vegetação, permeando os tecidos, afrouxa a fibra dos musculos, atenúa a sua energia — ou querendo theorisar, por ser conductora do fluido galvanico, enfraquece, porque derrama a corrente electro-motriz, que, segundo alguns physiologistas, os nervos determinam nos musculos.

Seja como fôr, o que prova ser o verde, embora substancial, não correspondentemente tão dynamico, é o facto de que sugeitando os animaes em tal regimen, aos mesmos trabalhos em que dantes estavam, basta um exercicio um pouco mais activo, para os cobrir de suor e fadiga, caindo n'um estado de magreza mais notavel do que aquelle que o bom uso do verde fizera desapparecer, prestado em descanço. Mas porque o penso do verde não é tão roburante como o sêcco, será por ventura hygienico dar de mão ao seu uso? É certo que não; pois ainda que os não fortaleça tanto, nutre-os comtudo ao ponto de anafar, e os refresca; e essa refrigeração é um beneficio hygienico a solicitar, em tempos onde a excitação das estações e a escandecencia do penso sêcco, põem em perigo a saude dos herbivoros em questão.

Quando se queira, porém, em tempo do verde colhêr os serviços que se obtinham antes de posto ao regimen, é justo então que com aquelle penso que corrige os effeitos da estação, se preste algum penso mais roburante, que repare e conserve as fôrças precisas; isto é, que se lhes associe como mais competente algum grão, penso que quasi nunca rejeitam. Esta prática, indicada por Cretté de Palluel para os cavallos de posta, foi applicada em grande por Godine aos cavallos do exército em campanha, e surtiu maravilhosamente, como era de esperar. Alguns particulares conheço eu em Lisboa, que em tempo de verde não levantam completamente a ração de grão a seus cavallos, e que mui bem se dão com tal prática.

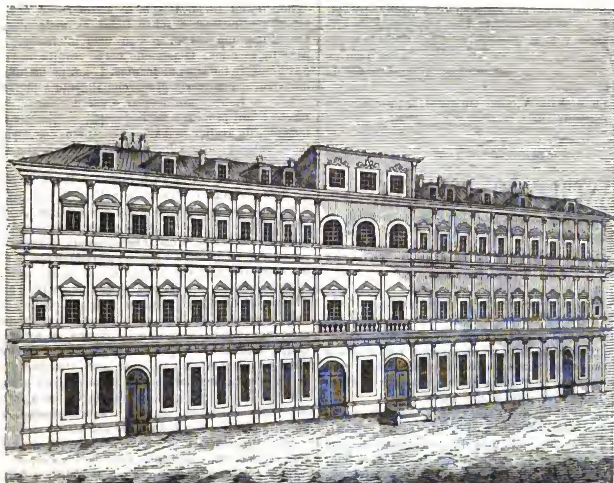
(Continúa.)



SUBORDINAÇÃO.



INSUBORDINAÇÃO.



VILLA VIÇOSA — Palacio dos duques de Bragança.

As nossas antigas historias referem largamente as grandezas e primores da casa de Bragança; e, na verdade, com quanto seja certo, que se devem suppôr um tanto exaggeradas similhantes narrações, fica ainda indubitavel que esta familia era uma das mais poderosas — senão a mais poderosa do reino — sendo esta circumstancia, e as relações de estreito parentesco que existiam entre os duques de Bragança e as principaes casas reinantes da Europa, as que mais concorreram para o facto da eleição de D. João, para rei de Portugal, depois da célebre revolução de 1640.

Entretanto, apezar de tão poderosos, como dissemos, os paços dos duques de Bragança foram até ao tempo de D. Jaime, unico do nome, dentro do castello, n'umas simples casas construidas pelo grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

Foi D. Jaime que começou as obras do novo palacio, e deu principio á casa de campo e formosa tapada.

D. Theodosio I, seu filho, e ainda mais seu neto, D. João I, não só concluiram, como augmentaram muito os paços. D. Theodosio II, porém, os reedificou com maior sumptuosidade, e por occasião do seu consorcio com Dª Anna de Velasco, filha de D. João de Velasco, condestavel de Castella e Leão, ostentou um luxo, que maravilhou quantos presenciaram similhante acto.

No reinado de D. João V foram reformados novamente estes paços, e adereçados com a magnificencia, que aquelle monarcha usava em suas cousas, para a celebração das nupcias do principe D. José, depois rei, segundo d'este nome.

Este edificio está situado em uma espaçosa praça, formando um dos lados desta: a capella real, a egreja de Nossa Senhora da Graça, a residencia do deão da real capella, e um convento de freiras, guarnecem os outros lados.

É de regular architectura, e os finos marmores, empregados em toda a sua construcção, foram extrahidos na serra d'Ossa.

Uma das peças principaes que ha a admirar nesta residencia ducal, é uma grande sala, em que se encontram os retratos de todos os duques de Bragança, pintados a oleo, em corpo inteiro. Foi obra mandada fazer por D. João V, e executados os retratos por Quillard, francez, que, como muitos estrangeiros, estava ao serviço do nosso monarcha, e que, segundo affiança Wolkmar Machado, era homem de bastante merecimento artistico.

Havia tambem alli uma casa a que se chamava *armaria*, e que era um verdadeiro arsenal, em que se encontravam as armas mais antigas e raras em todo o genero, conforme aos usos da guerra, naquelles mais remotos tempos; infelizmente desmantelou-se a *arma-*

ria, perdendo-se grande parte dos objectos nella contidos.

Os jardins do palacio, que eram ricos e espaçosos, estão maltratados, como é de suppor; a tapada, porém, ainda é digna de admiração. Tem tres leguas de circumferencia — é bem povoada de caça de toda a especie — e no seu largo recinto, além de um enorme lago, existem algumas ermidinhas, bonitas casas de campo, etc. etc.

A respeito de Villa Viçosa, em geral, veja-se o nosso n.° 4 do corrente anno.

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Curso d'introducção á Historia Natural dos Tres Reinos.

80. *Exemplos de novas fôrças da natureza.* — *Gravidade.* — Além da gravitação *universal*, de que havemos tratado, ainda a natureza nos offerece outros exemplos de fôrças, que estão perennemente em acção, e que regulam a materia em todos os phenomenos, que nella observamos. A *gravidade* é uma das que se revelam, por assim dizer, espontaneamente.

É um facto geralmente observado, que todos os corpos terrestres abandonados a si mesmos *caem*, gravitam para a terra, segundo uma direcção constante para cada logar. A quéda dos corpos é um movimento; tem, pois, por causa uma fôrça. Esta fôrça é a attracção terrestre — a *gravidade*. Se quizermos que o corpo não cáia, dar-lhe-hemos um *apoio*, em que assente, ou o suspenderemos por um fio. A applicação de qualquer d'estes meios equivale á applicação de uma nova fôrça, que neutralisa a primeira.

81. *Lei da gravidade.* — Esta fôrça segue nos seus effeitos a lei geral da attracção; está sempre na razão directa das massas, e inversa dos quadrados das distancias.

82. *Direcção da gravidade.* — A gravidade obra sempre na direcção do raio da terra, isto é, segundo a linha, que une o centro do nosso globo, e o centro de *gravidade* dos corpos attraídos. No mesmo logar da terra todas as direcções da gravidade são parallelas entre si.

83. *Linha vertical.* — *Linha de prumo.* — A linha, que representa a direcção da gravidade diz-se *vertical*. Determina-se practicamente servindo-nos de um *prumo*, que se compõem de um pequeno pêso, suspenso por um fio. A direcção que este toma, abandonado o corpo á gravidade, chama-se *linha de prumo*, e marca a *vertical*.

84. *Linha horisontal.* — *Plano horisontal.* — Toda a linha que está de esquadria com a vertical, chama-se horisontal. O plano em que só se podem traçar linhas horisontaes, diz-se tambem *horisontal*. Este plano é representado pela *superficie livre* das aguas tranquillas.

85 *Pêso dos corpos.* — Se a tendencia que um corpo tem para o centro da terra, fôr neutralisada por um apoio, a gravidade, continuando a actuar sem interrupção, premirá, exercerá uma *pressão* sôbre a superficie resistente, que sustentar o corpo. É esta pressão que chamâmos *pêso*.

86. *Pêsos variaveis com as massas.* — A gravidade actúa continuamente sôbre todas as moleculas, que constituem um corpo, e com uma intensidade egual para todas ellas. O pêso do corpo resulta da reunião dos pêsos de todas as moleculas. Logo, no mesmo logar da terra, o pêso varía proporcionalmente á massa.

87. *A relação das massas egual á relação dos pêsos.* — D'ahi provém o methodo, que seguimos constantemente, de avaliar as massas pelos pêsos correspondentes; avaliação, que effectuamos por intermedio de um *apparelho* chamado *balança*.

88. *Idéa elementar da balança.* — Consta a balança de uma alavanca representada pelo travessão, que tem um ponto de apoio intermedio aos extremos, onde se suspendem os *pratos* ou *conchas*, nos quaes depomos as massas, cuja relação queremos avaliar. A razão deduzida para os pesos dá-nos immediatamente o *número* de vezes que uma das massas é contida na outra.

89. *Cohesão.* — Sabemos já que os corpos resultam da reunião de um certo número de moleculas, de atomos, separados pelos poros. Como se equilibram, porém, os atomos, sem que os corpos se separem no grande número de fragmentos que contém? É que uma fôrça os mantem em equibrio; uma attracção contínua se exerce de uns para outros atomos. Esta attracção, que não tem logar, como a *planetaria*, ou a *terrestre*, a grandes distancias, senão a distancias *insensiveis*, toma o nome de *cohesão* ou *fôrça attractiva molecular*.

90. *Differentes gráus da cohesão.* — A cohesão varía, segundo os differentes estados dos corpos. A dos solidos é mais intensa que a dos liquidos, a dos liquidos mais forte que a dos gazes. Ainda no mesmo estado de aggregação são consideraveis as differenças. O ferro e a cêra o exemplificam. Os liquidos viscosos, como o azeite, são sempre mais coherentes do que a agua.

Adhesão. — É a *adhesão* tambem como as anteriores uma *fôrça da natureza*. É a fôrça, que reune pelas suas superficies dois corpos independentes entre si. Duas laminas de vidro que se levam a um intimo contacto por uma pressão conveniente, permanecem unidas. Os corpos *molhados* por certos liquidos attestam, que a adhesão se exerce tambem entre corpos de diverso estado de aggregação. Algumas experiencias provam ainda a adhesão entre solidos e gazes.

NOÇÕES GERAES SOBRE OS AGENTES IMPONDERAVEIS.

Agentes imponderaveis. — Além dos phenomenos geraes, de que hemos tratado, e que tem todos logar nos corpos ponderaveis, ha outros, que se não podem explicar sem admittir a existencia de certas causas, a que a sciencia dá o nome de agentes *imponderaveis*. São elles o *calorico*, a *luz*, a *electricidade*, e o *magnetismo*.

CALORICO.

O que seja o calorico. — Dá-se este nome a um agente imponderavel, incoercivel, que os *physicos* reputam um

fluido extremamente subtil, o qual produz todos os phenomenos que attribuimos ao *calor*.

Effeitos do calorico. — Podem reduzir-se aqui aos seguintes: I. Dilatação ou augmento de volume; II. Passagem dos corpos de uns a outros estados de aggregação; III. As sensações que conhecemos familiarmente pelos nomes de *calor* e de *frio*.

Dilatação. — É um facto de todos conhecido, que um corpo, que se expõe ao fogo augmenta de volume, sem que a massa cresça, o que suppõem necessariamente, que as distancias entre as moleculas se alargaram — que os poros se engrandeceram. Nos solidos é a dilatação menos facil de constatar; apparelhos proprios, e experiencias accuradas estabelecem, porém, com certeza este facto. Nos liquidos a dilatação manifesta-se com mais evidencia. Ponhamos ao fogo um vaso, que contenha agua; vê-la-hemos tornar-se, primeiro mais *quente*, depois augmentar de volume; depois observaremos certos movimentos interiores, que vão crescendo em intensidade até que a agua *ferve*, e trasborda, exhalando *vapôr* em grande abundancia. Se a agua continúa a soffrer a acção do fóco calorifico, vê-la-hemos por fim transformar-se totalmente n'um corpo gazoso, subir, esparzir-se em vapores pela atmosphera.

Os liquidos dilatam-se com mais facilidade do que os solidos; mas os gazes são ainda mais dilataveis do que os liquidos. Experiencias mui simples, que pela estreiteza dos limites do *Curso* deixâmos de mencionar, comprovam sobejamente o que acabâmos de expender.

(Continúa.)

ROMANCE.

Margarida.

V.

(Conclusão).

O TEMPO da provança não acabára, porém, que a desgraça não havia ainda abandonado a heroica donzella, que, ha tanto tempo, vencia as maiores difficuldades, com uma fôrça poderosa que encontrára no seu coração: o amôr filial. De bem pouca duração foi a alegria de Margarida. Leopoldo, que tinha sido obrigado a vegetar na miseria em que vivia sua irmã, era dotado de uma constituição mui debil para se poder sujeitar a privações a que não estava costumado; e nessa mesma noite caíu de cama. No seguinte dia o seu estado assumíra um caracter mais serio; e sua irmã viu que era necessario procurar um medico. No fim de poucos dias — e mais Leopoldo, cada vez ía a peior — não lhe restava um ceitil das suas economias. Por pouco que não endoudeceu. Mas Deus a inspirou de novo.

E desta vez não se tractava sómente do nome de seu pae, que era necessario rehabilitar, mas de seu irmão tambem, que ahi tinha diante dos olhos, moribundo n'uma cama miseravel; e para o salvar era-lhe indispensavel a todo o custo o medalhão; precisava-o ainda que fôsse por cinco minutos, o tempo sufficiente para tirar os papeis a que a carta se referia. Correu, pois, a casa do tio Frantz.

— É vocemecê, menina, disse-lhe este; que quer por cá? Vem trazer-me os taes 25 florins?

— Não, respondeu Margarida; mas esta noite mesmo lh'os darei, se me fizer o favor que lhe vou pedir.

— Diga, depois veremos.

— Olhe, tornou tranquillamente Margarida; eu preciso que vocemecê me confie o meu penhor por um instante; depende disto a minha vida, mas não me pergunte o segredo que lh'o não digo.

— Menina, acudiu o agiota, isso lá é um tanto duro; levar o penhor, e o dinheiro... para quê...

— Confie em mim, sr. Frantz, e conte que não ha de ficar mal. Então faz-me este obsequio?

Margarida disse estas palavras com tanta meiguice, que o velho usurario, depois de muito hesitar, resolveu entregar-lhe o penhor — o tio Frantz conhecia o coração humano, e bem sabia que aquella presença de espirito não era capaz de conservar em sua presença quem quer que o pertendesse roubar.

Margarida agarrou no penhor precioso, fechou-se no seu quarto, e abraçou seu irmão enfermo, exclamando:

— Graças a Deus, estás salvo! salvo!

Tremula de alegria, agarrou no medalhão, procurou no escudete, que escondia o vão onde estavam os papeis; mas elle tinha um segredo; este segredo não o revelava a carta de sua mãe, e a pobre menina, por mais que fizesse, não o adivinhava. Tendo-o em vão tentado durante um quarto de hora, a final com a ponta de uma faca fez saltar o escudete. Varios papeis caíram então no chão. Margarida, tão desorientada ficou, que mesmo sem os examinar tractou de saír immediatamente.

— Onde vaes! lho disse seu irmão com uma voz muito fraca.

— Vou fallar ao imperador! respondeu ella, abrindo a porta; mas ao saír deu, cara a cara, com o tio Frantz.

— Ladra! bradou elle agarrando-a pelo braço, e empurrando-a para dentro do quarto; ladra!

Margarida soltou um grito e caíu.

Frantz fechou a porta sobre si, metteu a chave na algibeira, e desceu precipitadamente a escada na intenção de procurar um magistrado.

O velho, depois de entregar o penhor a Margarida, entrára a scismar no negocio, que na realidade era bem extraordinario, e a final decidiu-se a ír espreitar o que a donzella fazia com o medalhão; neste acto, digno dos seus ignobeis sentimentos, é que elle surprehendêra Margarida, fazendo saltar com a ponta da faca o escudete de segredo, e foi então que se persuadiu que o fim era unicamente rouba-lo.

Esta idéa por tal maneira lhe transtornou a cabeça, que quando saíu a porta ía como doudo, e foi esbarrar ao meio da rua, com um homem que passava, e por pouco que o não atirou ao chão.

— Bruto, você não vê, disse o tal homem.

— Não reparei, desculpe, respondeu Frantz, querendo continuar seu caminho.

— Alguem podia toma-lo por um ladrão, ao vê-lo com esse modo atrapalhado e célebre, disse o desconhecido, que o não largava.

— E que tem com isso, tornou Frantz desesperado porque o outro o demorava.

— Que tenho? essa é boa! eu sou official de policia, e se me canta muito fóra do côro, filo-o, entende?

— É official de policia? inda bem! homem! á procura disso ía eu para prender uma rapariga que surprehendi em flagrante delicto de roubo. E em nome da lei, exijo que me acompanhe!

— Uma rapariga... roubo... em fim eu o acompanho, em nome da lei; mas veja lá o que faz, olhe que com cousas de justiça não se brinca! tome sentido! disse severamente o individuo a quem o avarento se dirigíra.

Cinco minutos depois, o official de policia e o *agiota* entravam no aposento em que Margarida se achava.

— Aqui está a desavergonhada, disse Frantz, levantando a mão para ella; mas o official o suspendeu, e disse-lhe seccamente:

— Faça o seu depoimento.

Frantz contou o que tinha visto. Depois d'este acabar foi interrogada tambem Margarida. Ella explicou, chorando, todas as circumstancias que justificavam, á primeira vista, a horrivel accusação do avarento.

— Eu sabia, disse ao official de policia, que neste medalhão existiam papeis, que podiam ajudar-me a salvar meu irmão, e que restituiriam consideração ao nome de meu pae; quiz possui-los... A prova de que eu não minto, senhor, ei-la aqui... O que eu lhe peço de joelhos, e por túdo quanto ha, é que os faça entregar na propria mão do imperador...

— Estão entregues, minha menina, disse este que se fizera passar por agente de segurança pública, e que acabára de examinar as cartas encontradas no medalhão.

— Sire! pois que! será possivel!... Oh! mil perdões... disse Frantz atterrado, e caindo aos pés do imperador.

— Levante-se, disse José II, porque era este principe, que passeando incognito segundo o seu costume pelas ruas de Vienna, encontrára naquella tarde o tio Frantz; levante-se, repetiu, e para a outra vez seja menos prompto em accusar; porque, se alguem ha aqui que o mereça não é de certo esta pobre menina. Creio que me percebe!

— Senhor, saiba V. M.... ha de perdoar... balbuciou o avarento todo tremulo, porque comprehendêra a allusão feita ao seu *honesto* modo de vida. — Posso retirar-me?

— Sim, retire-se, respondeu o principe; mas lembre-se sempre que, se ha certas acções que as leis humanas não punem como deviam, nem por isso essas acções escapam á justiça de Deus! Sáia.

Antes de obedecer, Frantz, pelo sim pelo não, ía agarrar no seu penhor.

— Não lhe toque, disse immediatamente o imperador... Aqui tem um *vale* de 25 florins sobre o meu bolsinho particular.

Frantz recebeu o bilhete e saíu.

— Agora, minha filha, disse José II a Margarida, resta-me remediar, quanto em mim couber, as desgraças que causou o fatal erro, que fez condemnar o barão de Remfeld, seu pae. Se me tivessem sido entregues a tempo estes papeis, prova da sua innocencia, de certo que não seria elle o desterrado, senão os seus cobardes accusadores. Devo-lhe, pois, uma reparação estrondosa. Vou desde já communicar as minhas ordens a todos os meus embaixadores, a fim de que elles tratem de indagar, em todos os reinos da Europa, se seu pae é vivo, e onde existe — se fôr vivo, como espero e desejo, em pouco tempo lhe provarei que procuro — e hei de fazer sempre justiça. A menina, porém, em todo o caso, fica a meu cargo; e se acaso a filha do barão de Remfeld for orfã, conte que no seu soberano encontra um segundo pae.

— Oh! senhor, tanta bondade, disse Margarida, beijando a mão do imperador.

— Levante-se, Margarida, e fique neste aposento; d'aqui a uma hora virá o meu medico ver seu irmão, e se elle poder ser transportado sem risco, esta mesma noite a seguirá ao meu palacio, onde lhe offereço um asylo.

Dalli a uma hora, com effeito, chegavam Margarida e seu irmão a um pequeno aposento do palacio imperial, e tinham para os acompanhar uma aia, que o proprio imperador escolhêra.

Não era bem passado um mez, participava o embaixador d'Austria, junto da côrte de Hespanha, que encontrára o barão de Remfeld, na occasião em que este ía a embarcar para as Indias, e que lhe proporcionára todos os meios de regressar á sua patria.

Quinze dias depois, Margarida e Leopoldo, já inteiramente restabelecido, tinham a satisfação de abraçar seu pae.

A innocencia do barão foi solemnemente apregoada, com grande despêro dos seus inimigos. E o imperador, para tornar mais extraordinaria a sua reparação, conferiu ao barão um cargo, que o elevava ás mais altas dignidades do imperio.

Recordações de viagem.

II.

(Continuação.)

Há sempre uma grande hesitação, quando pela primeira vez se tem de fallar a um desconhecido; mas ha situações, em que o coração brada mais alto do que as conveniencias sociaes.

E depois, a solidão no soffrimento é o mais horrivel de todos os supplicios. As torturas de Prometheu não são desmedidamente intensas, por sentirmos as garras do açor afiadas no rochedo, é porque o grito da dôr morre sósinho nos echos do Caucaso; é que as lagrimas do desgraçado resvalam no sólo, sem lhe abrandarem a dureza. O estoicismo é uma aberração do orgulho. O proprio Catão, o austero patricio da liberdade romana, fez da sua morte um espectaculo, e disfarçou as saudades da vida nas pompas d'um suicidio calculado. O martyrio dos christãos resumia uma ambiciosa esperança. Entregavam-se ás feras as carnes palpitantes, mas cria-se fervorosamente na vida eterna. Era o sublime egoismo da immortalidade triumphando do instincto da conservação.

Ficámos por um momento sem nos fallar-mos. Depois começámos como se estivessemos em pleno bai-

le, nesse dialogo entrecortado da contradança, que não affirma, nem conclue; especie de imposto que o homem de espirito paga aos habitos ridiculos do mundo.

— Está linda a noite, não é verdade? disse eu.

— Está linda devéras! respondeu laconicamente o degradado.

— Como é que estaes acordado a horas tão adiantadas... quando não é por obrigação?

— Não vim ler no céu, redarguiu elle com um sorriso amargo, a estrella do meu destino. Estou julgado já neste mundo. Para os homens sou um assassino; para a justiça, um criminoso; só Deos sabe que não sou mais do que um desgraçado!

— E de quantos annos é a vossa sentença?

— Por toda a vida. E que não o fôsse!... A minha hora está proxima; esta vigilia é uma despedida; digo adeos á natureza, como quem espera adormecer, em breve, no seu seio de mãe!

— Sois tão moço ainda! repetti eu com angustia.

— Não avalieis a vida pela duração: ha dias que resumem annos; ha momentos que abbreviam o tempo, e que nos aproximam fatalmente do tumulo! Vivi esses dias, soffri a influencia d'esses momentos! respondeu melancholicamente o degradado.

— Perdoae a minha curiosidade — qual é o vosso crime?

— Assassinei minha mulher; assassinei meu irmão, respondeu elle, quasi com orgulho.

Affastei-me com repulsão instinctiva. O degradado percebêra o meu movimento. Vi-o de novo sorrir amargamente.

— Parece-vos um crime horrivel, não é assim, pobre mancebo? continuou elle com accento quasi paternal. Não sejaes tão cego como a justiça dos homens, que avalia os crimes pela significação das palavras, que ignora que ha vinganças legitimas, e que ha nodoas, que só se podem lavar com sangue. Que farieis vós, continuou o degradado, exaltando-se, se visseis a mulher que amaveis como a Deos — se visseis aquella por quem darieis o vosso sangue até á última gôta, a vossa vida até ao derradeiro suspiro, nos braços d'outro, dando-lhe os beijos que já vos tinham feito estremecer, cravando nelle aquelles olhos, que tantas vezes vos haviam olhado com amor?

«Quando a mulher já se não ama, póde-se-lhe perdoar: póde a piedade do coração affrontar esse mundo, que simula a virtude pela maledicencia; mas quando se ama!... oh! quando se ama! matar é prestar apenas a última homenagem ao amor esquecido!

— E não é mais dôce perdoar?

— São palavras banaes essas, são phrases ditas no repouso da vida, quando o sangue adormece nas veias, quando a alma se revê na magestade da creação, orgulhosa de se sentir soberana, e devorada pelas tristezas infinitas do ideal. Ha situações, em que perdoar é um ferrete de ignominia; em que é fôrça ser cruel, para não ser cobarde — usar da morte, para não deshonrar a vida!

Fiquei subjugado pela intonação irresistivel daquella voz. Comprehendi, a meu despeito, a verdade pungente daquelles aphorismos sociaes. Perdi as primeiras repugnancias que haviam feito desfalecer a minha curiosidade.

— Quando se falla como me fallastes, não se fica em meia-confidencia. Contae-me a vossa historia!

O degradado parou um momento. Escutou o sussurro das aguas que vinham beijar o navio: olhou ainda uma vez o céu; e depois, travando-me do braço, começou:

— «Era exactamente n'uma noite como esta. Não havia, nem nuvens no céu, nem rumor na terra. Chegára a Lisboa d'uma longa viagem. Eu era piloto.

«Casára dois annos antes. Casára por amor; amava como sabem amar os marinheiros, que no meio da tormenta, só se lembram de Deos, e daquella que lhes prendeu as affeições.

«Os grandes sentimentos não se partilham, nem se distraem. Quando um homem se entrega ás paixões da vida social, o amor póde ser apenas, para elle um episodio. Quando se vive no seio do oceano, quando se passam as longas noites da bonança, ou da tempestade, sósinho e solitario, velando pelos outros, ou dominando os elementos para os salvar, o amor é toda a vida, absorve todos os pensamentos, attrae a si todas as faculdades do homem. Eu amava assim: Maria era não só a companheira que recebêra das mãos do padre, era o meu idolo, era o meu culto, era a minha unica adoração. Via-a em sonhos; via a sua imagem no céu; sorria-me o seu rosto do meio das aguas.

«Admira-vos este enthusiasmo, que eu banhei de sangue? É que a não vistes, com a pallidez das madonas, com os seus olhos negros e fendidos, com os formosos cabellos, desprendidos pelas costas, embriagar-me a alma n'um beijo convulso e frememte, e debruçar-se com os seios palpitantes, estreitando-me nos braços; e eu, soberbo da minha fôrça, e da sua belleza, esquecer-me de tudo, para a amar, e para a abençoar!

«Tinha um irmão mais novo do que eu: era militar Quando me foi mister partir, disse-lhe: — Ahi te entrego minha mulher; consola-a da minha ausencia; sei que se ha de lembrar de mim; é pura como os anjos, e os anjos não mentem! Ahi t'a deixo, irmão: entrego á tua guarda a minha felicidade na terra!

«Cheguei: não m'esperavam tão cedo. Fôra muito rapida a viagem. Estremecia de impaciencia no escaler que me levava para terra. Batti á porta. Ouvi uma voz estranha perguntar quem era. Disse o meu nome. Abriram-me: entrei.

«Corri como um louco ao quarto de minha mulher. Estava fechada por dentro. Parei fulminado. Escutei. Ouvi fallar duas vozes. Senti o som abafado d'um beijo, e os gemidos d'um pranto que se tenta disfarçar. Lancei d'um sacão a porta dentro. Vi um vulto de joelhos, e Maria, semi-nua, mais bella do que nunca, apagando as lagrimas dos olhos, com a mão trémula e convulsa, e apertando com a outra um masso de cartas.

«Oh! podia perdoar-lhe tudo: eu sei que ha organisações rebeldes, que se infamam contra os impulsos do coração; mas esperar-me com lagrimas de pezar; mas, n'um anno de ausencia, ter perdido todas as recordações do meu amor, toda a memoria dos seus juramentos!...

«Lancei mão das cartas: era meu o seu segredo. O seu destino pertencia-me. Não podiam convencer-me nem protestos, nem lagrimas. Ia saber tudo. Nem palavras meigas, nem olhares de seducção me haviam de enfraquecer a vontade.

(Continúa.) ROCHESTER.

POESIA.

Esquecer-te!

Em vão pedes, debalde me ordenas
Que te risque do meu coração;
Vivem annos meus ais, minhas penas,
Meus affectos d'um dia não são.

Esquecer-te! — que dizes, que pensas?
Como posso teus votos cumprir
S'inda lucto co' as fragoas immensas,
D'um amor que s'enrosca ao porvir?

Esquecer-te! — e p'ra sempre! — e tu creste
Que meu peito podia domar,
Que um sentir d'uma origem celeste
Só co' um sôpro fizesse apagar!

Vejo agora que nunca dest' alma
Nem sonhaste sequer a extensão...
Tão depressa alto mar não se acalma,
Não se abafa tão cedo o volcão!

Esquecer-te! — jámais! — sepulta-lo
Esse amor inda vivo, sem dó,
Arrancar, destruir sem abalo,
Essa esp'rança lança-la no pó!

Ir banir-te, expulsar-te do peito
Quando sinto que vivo de ti,
Quando tudo m'ensina o preceito
De te amar como quando te vi!

Esquecer-te! — acreditas que o possa!
Dessas almas de limo não sou.
Quanto sinto co' o tempo se engrossa,
Mão de ferro cá dentro o gravou.

Pede á lyra d'um bardo saudosa
Que se esqueça de triste gemer,
Pede ao peito de virge' amorosa
Que se esqueça d'arfar, de bater!

Que se esqueça do chão que matisa
Pede á tenra florinha do val,
Que dos beijos se esqueça da brisa
Pede, pede ao viçoso rosal.

Pede ao ao rio que olvide os salgueiros,
Que se esqueça das praias ao mar,
Dize á relva que olvide os outeiros,
Pede ás aves se esqueçam do ar.

Esquecer-te! — se em tudo se imprime
Tua imagem, transumpto do céu,
Se me segue, qual sombra do crime
Sempre em busca dos passos do réu.

Esquecer-te! — jámais! — de minh' alma
Não sonhaste sequer a extensão...
Tão depressa alto mar não se acalma,
Não se abafa tão cedo o volcão!

A. Lima.

REVISTA DA SEMANA.

O dia 27 d'abril foi dia de festa para a alta sociedade de Madrid, ou antes para as duzentas e cincoenta pessoas, que poderam assistir á primeira representação no theatro real, que excede, segundo dizem, não em grandeza, mas em belleza, todos os theatros dos outros soberanos da Europa. A côrte partiu para Aranjuez no dia 30; as funcções acabaram, e toda a gente trata de ir para o campo descançar das fadigas dos bailes e dos saráus, que não foram poucos neste inverno.

Nesta quadra difficil, em que o sr. Lopes de Mendonça deixa a pasta folhetinal, em que todos os folhetinistas de Lisboa suspiram por Cintra e Pedrouços, o sr. *D. Ramon de Navarrete* estabeleceu a sua *Revista de Madrid*, nas columnas da *Illustração*, diz adeos á multidão que deixa o passeio prosaico de Atocha, para ir povoar as margens pittorescas do Téjo, e sauda com dois sarcasmos os homeopatas, que applicam *os globulos e as millionessimas partes* a todos os sãos e doentes, *desde los niños hasta las cotorras*.

O *Propheta* de Meyerbeer, que o público esperava com impaciencia, não foi recebido em Paris com o enthusiasmo que a peça merece, se acreditarmos no que diz o espirituoso *Nicolas*. O povo francez, diz elle, não póde agora pensar nas prégações dos anabaptistas, em Luthero, e nas dissidencias da sua egreja. O povo francez, republicano, sabe que acaba, como Caïn, de vender uma republica — não está em paz com a sua consciencia — tem diante de si o flagello da cholera, cujas victimas augmentam em número — como póde, nestas circumstancias, divertir-se?

O *libretto* de Scribe não concorda com as tradições; parece que tem grandes defeitos. A musica dizem que arrebata. Esta *California harmonica*, como lhe chamam, é mais uma prova do talento prodigioso do auctor do *Roberto*.

Rossini, se é verdade o que se lê na *Semaine*, perdeu a razão. Consta que a causa da sua alienação foi o susto que teve, quando alguns insurgentes, em Bolonha, o quizeram fuzilar, por motivos politicos.

Com o titulo de *Chateaubriand propheta* appareceu em França um opusculo d'este célebre escriptor, que dizia em 1834: «A Europa corre para a democracia.»

. . . .

«O desenvolvimento material da sociedade ha de trazer comsigo o desenvolvimento dos espiritos. Quando o vapor se aperfeiçoar, quando, unido aos telegraphos e aos caminhos de ferro, tiver feito desapparecer as distancias, não só as mercadorias, mas tambem as idéas, hão de viajar, com a rapidez do raio, de um extremo ao outro extremo do mundo. Quando as barreiras fiscaes e commerciaes tiverem sido abolidas entre os diversos estados, como já o estão entre as provincias do mesmo estado . . . .
. . . . Havia uma só monarchia na Europa — a monarchia franceza. Todas eram filhas della — todas se irão com ella. Os reis até aqui, sem que o soubessem, viviam detraz desta monarchia de mil annos, ao abrigo d'uma raça incorporada, por assim dizer, com os seculos.»

Quem tem lido as *Memorias posthumas*, espanta-se

menos, mas não deixa de admirar o homem, que escrevia ha quinze annos: *As sociedades todas abandonam a monarchia*.

Resolver-se-ha por este modo o grande problema social?

Na batalha de Novara morreu, com a patente de capitão, o general que em 1847 tinha commandado na Suissa os sete cantões catholicos. M. de Salis, pobre e expatriado, não teve dúvida em servir outro paiz, e morreu como um bravo. Foi ferido tres vezes. Primeiramente levou uma cutilada na cabeça — foi a terra, mas ergueu-se logo. Pouco depois recebeu uma bala no peito — tornou a cair, mas ergueu-se de novo, e poz-se á frente da sua companhia, não lhe falecendo a coragem, apezar da perda do sangue, que corria abundante das duas feridas. Da terceira vez caíu para se não levantar mais — uma bala na cabeça, e outra no peito, terminaram a existencia de um dos officiaes mais valentes, e mais desgraçados, da nossa epocha.

A liberdade é uma palavra, que tem diversas significações. «As revoluções que temos feito, diziam ha poucos dias alguns estudantes de Paris, em um hotel da rua de S. Jacques, são perfeitamente inuteis. De que nos serve a liberdade, se nos hão de prohibir os mais innocentes divertimentos?» A causa destas queixas era a seguinte: Reunidos com algumas raparigas, e depois d'um almoço copioso, discutiram diversos planos de divertimentos, e assentaram a final em descer cada um da janella até á rua, dentro d'um chapéu de chuva. Em descer e subir muitas vezes, levando para segurança este maravilhoso guarda-quédas, tinham gasto já uma bóa hora, com grande satisfação do público, que se amontoava para ver o espectaculo, quando alguns agentes de policia (vulgò — desmancha-prazeres), e uns poucos de burguezes prudentes, se lembraram de intervir prohibindo o divertimento, que poderia produzir algum accidente funesto. Pouco faltou para que desta prohibição resultasse uma revolta.

Já que a *Revista* vae tão noticiosa, não quero deixar de dizer duas palavras sôbre um facto notavel. Existe em Fanington, no Devonshire, uma rapariga em extasi ha mais de 15 annos (vae á conta do *Medical Times*). Não vê, não ouve, e, segundo diz a mãe, *não come ha onze annos!* Os portuguezes não se hão de espantar de certo quando lerem estas linhas. Estão muito habituados á *pasmaceira*, e creio que alguns se habituaram já ao jejum perpetuo, que lhes impõe a extrema *regularidade* e *promptidão* dos pagamentos.

Está aberto o concurso para o logar de ajudante do professor da eschola d'ensino mutuo de Coimbra. É um logar que convida, por isso damos noticia delle aos nossos leitores. O ordenado annual é 66$666 réis. Mensalmente ganha o professor 4$973 réis liquidos de decima e dos cinco por cento addicionaes, sendo um quarto em notas. Supponde que rebate a 60, como é natural, terá vencimento diario liquido 87 réis! É sem dúvida uma excellente posição.

Lê-se no jornal de *Pharmacia e sciencias accessorias*. O consumo do opio em Inglaterra augmenta consideravelmente. No mez de maio de 1847 tinham sido importados para Inglaterra 3,083 arrateis; em maio de 1848 foram importados 7,029 arrateis. A importancia total em 1847 foi de 24,929 arrateis. Attribue-se este excessivo consumo a que os membros das sociedades de temperança, renunciando ao uso das bebidas fermentadas, se teem dado em excesso ao do opio.

Ha dez contos de réis para acabar o *arco* da rua Augusta. Estou satisfeitissimo com esta decisão. Consta-me que as viuvas, e os empregados do estado, tambem estão muito contentes — não admira.

Tenho a honra de communicar aos leitores da *Revista*, que a palavra *epigramma* foi banida do parlamento. Está salva a patria — a palavra *epigramma* realmente era uma palavra muito feia!

Temos um novo cometa, descoberto por M. Goujon no dia 15 de abril ás nove da noite. O seu nucleo é muito brilhante — acompanha-o, e envolve-o circularmente, uma larga nebulosidade, sem apparencia de cauda.

Continuam as queixas contra os correios. Ha quem diga que, n'algumas terras, os correios emprestam os jornaes aos seus amigos, demorando a entrega aos assignantes. Em quanto o abuso continuar, hão de continuar as queixas.

Fr. Gerundio.

BIBLIOGRAPHIA.

Tractado de Chimica

POR J. M. DE OLIVEIRA PIMENTEL

LENTE DA ESCHOLA POLYTECHNICA.

Publicou-se a 6.ª folha. Entre diversas noções interessantes que contém, encontra-se um excellente artigo sôbre o *carvão*.

Solaos

POR J. FREIRE DE SERPA.

Está saindo á luz esta obra, que constituirá o 1.º volume das obras poeticas do auctor. Constará de todas as suas composições neste genero (solaos), umas já impressas, outras ineditas. Este primeiro volume tem sido impresso, e vae-se distribuindo pelos assignantes ás folhas, que tambem se vendem separadamente. Estão já á venda as tres primeiras folhas, que contém os seguintes solaos: *Cindasunda ou O Brasão de Coimbra — O Penedo da Saudade — Bernardim Ribeiro — Ignez de Castro ou A Fonte dos Amores — San Thiago e Belzebut.*

Assigna-se e vende-se em Lisboa, na loja da Viuva Henriques, rua Augusta, n.º 1.

Cada folha avulsa — 50 réis, e por assignatura — 40.

Odio velho não cança

ROMANCE ORIGINAL

ESCRIPTO POR

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA.

Esta obra, que se publicou na *Epoca*, sae agora correcta, augmentada e enriquecida de notas historicas, em dois volumes de mais de duzentas paginas cada um, com o formato dos tomos da collecção do sr. A. Garrett.

O preço para os senhores assignantes da *Epoca* é de 720 réis; e para todas as outras pessoas, 960 réis. Os senhores assignantes da *Epoca*, que desejarem a obra, farão a bonra de dirigir ao auctor uma nota do seu nome, localidade onde residem, e número de exemplares, que querem, a fim de serem promptamente satisfeitos.

Illustração Hespanhola.

CHEGOU a Lisboa o n.º 9 e o n.º 10 d'este jornal. Vende-se, e recebem-se assignaturas, na loja do sr. Lavado.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Lenhos, e qualidades das obras para que são applicaveis.

(Continuado de pag. 61.)

Sacopira. — O nome desta arvore é bem conhecido no commercio; na ilha do Principe chamam-lhe *Uba*, e na de S. Thomé *Muandi* — encontra-se em toda a qualidade de terreno; porém com abundancia só nos logares cultivados. A arvore é esgalhuda, bem como o carvalho, e muitas ha que principiam a esgalhar-se aos 8 e 10 pés; a sua altura até aos galhos não excede a 60 pés, e a grossura não passa de 10 pés de diametro. A melhor é a que se tira da que já está sêca, porque consumida toda a parte branca que a circula, o resto fica incorruptivel, bem que lhe acouteça o mesmo que á *azeitona* communicando com a terra; esta madeira é solida, de poros fechados, similhante á do Brazil, e propria para construcção naval, principalmente para liames, roda de prôa, cadaste, gio, grinalda, bossardas, curvas do alto, abertona, vãos, latas, trincanizes, maós de cinta, braçolas, mesas, etc.; recebe bem o prego, porém tem a propriedade de comer o ferro, e por isso só se deve empregar a pregadura de cobre Tambem serve para esteios e vigas na construcção de casas. Ha duas qualidades desta madeira, a primeira, e a melhor, é côr de castanho; a segunda côr, pouco mais escura que o carvalho, e menos solida que a da primeira qualidade, e susceptivel de ser atacada pelo bicho denominado *Gusano*: a da primeira qualidade é muito revesada, e por isso ás vezes quebra os melhores machados.

Mastro. — Assim denominam na ilha do Principe (onde unicamente existe) esta arvore, pela razão de se servirem della para mastros de embarcações, cria-se nos logares incultos, chega á altura de mais de 100 pés, e 6 de diametro, e cresce mui direita; é madeira duravel, com tanto que não receba humidade permanente, por isso exposta ao tempo dura mais; serve na construcção de casas, para solletas, esteios, vigas, caibros, barrotes e taboados; e na construção naval para taboado em geral, e mastros, mas não são de muita dura por se arruinarem nos logares dos calcezes.

Gogó. — Esta madeira, pela sua flexibilidade, assimelha-se ao Cedro, até mesmo na côr; com a differença de não ser aromatica, nem tão resinosa como o Cedro propriamente dito, nasce com abundancia só nas matas virgens, cresce mui direita, e chega á altura de 80 pés, sem esgalhar, e o seu diametro a 10 pés; é mui duravel, e serve para taboado do soalho e portas de casas, é tambem bôa para moveis, e na construcção naval serve para taboado; a experiencia tem feito ver que é de muita dura em embarcações miudas, e recebe bem o prego.

Espinho. — Tanto na ilha do Principe, como na de S. Thomé, chamam a esta arvore *Páu Espinho*, porque desde a parte do tronco, que fica na superficie da terra, até á última extremidade dos seus ramos, tudo é cheio de bolões, e no meio d'estes uma púa; e póde-se com razão dizer, que é o Espinheiro de Portugal, de que se fazem leitos e outras obras de marceneria. As taboas desta madeira são empregadas tanto na construcção de casas, como na de embarcações; encontra-se com abundancia em toda a qualidade de terreno, porém o que é creado nos Picos facilita mais a extracção das taboas, que são tiradas á fôrça de cunhas, e alcançam-se algumas de 30 pés de comprimento e 18 pollegadas de largura. Esta arvore cresce até 60 e tantos pés de altura, e a sua grossura não passa de 6 pés de diametro.

Amoreira — É conhecida no commercio por esta denominação; ha pouca na ilha do Principe, e de má qualidade, porém na ilha de S. Thomé encontra-se em todo o terreno abundancia della, e da melhor qualidade; o seu taboado tem quasi as mesmas applicações que o Gogó.

(Continúa.)



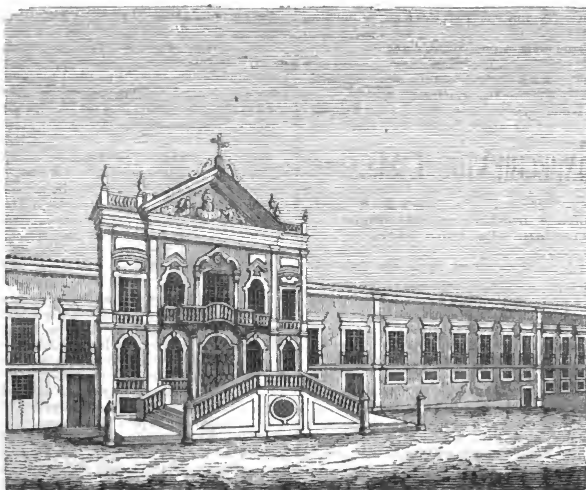
Depois de muito trabalho Vicente Corradini chega a encontrar uma dançarina, capaz de substituir dignamente a sr.ª King.

ADVERTENCIA.

A empreza da REVISTA POPULAR adverte os senhores correspondentes, e os senhores assignantes, que conservam em seu podêr o dinheiro das assignaturas, ou do *Almanak*, de que devem sem demora remetter esse dinheiro *ao sr. Joaquim Henriques Fradesso da Silveira — Director da Revista Popular* — rua de S. Bento n.º 114.

ERRATA CONSIDERAVEL.

No artigo sôbre o Collegio do Espirito Santo, em Evora, 2.ª columna, linha 17, onde diz — 600 individuos — deve lerse — 200 individuos.



Paço da Bemposta.

Este edificio, pomposamente designado com o titulo de *paço*, está situado n'um terreiro, que poucos conhecem hoje pelo seu verdadeiro nome, que é — campo de Santa Barbara — chamando-lhe vulgarmente a Bemposta, junto ao campo de Sant' Anna.

Foi começado pela rainha D. Catharina, viuva de Carlos II d'Inglaterra; sendo certo que esta princeza regressou d'Inglaterra pelos annos de 1693, e na hypothese de que as obras principiassem nesse ou no seguinte anno, é de suppôr que se concluisse antes de 1705, anno em que consta ter a mesma senhora fallecido.

Não existem memorias de quem fôra o architecto, que dirigíra, ou deleneára a obra — e, fallando com franqueza, nada perdemos nisso; porque não ha alli a admirar, nem regularidade e elegancia de architectura, nem preciosidade de materiaes empregados, nem bôa disposição, ou magnificencia interior dos aposentos. Tudo é monstruoso; tudo é de pessimo gôsto; tudo é de pessima execução.

Entretanto, além de outros principes, ahi residiu algum tempo D. João VI, e ahi falleceu; é este facto, talvez, o unico que liga, ainda que fraco, algum interesse áquelle edificio — que, se não fôr de outra maneira aproveitado, em breve será um montão de ruinas.

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Curso d'introducção á Historia Natural dos Tres Reinos.

96. *Passagem de um corpo pelos diversos estados de aggregação.* — A agua offerece exemplos frequentes d'estes phenomenos. O *gélo* derrete-se, *funde-se*, passa ao estado liquido pela applicação do calorico. Realisa-se neste caso a *fusão*, ou *liquefacção*. O estado em que as moleculas ficam quando o corpo se liquefaz, é apenas o de um *equilibrio passageiro* — *instavel*; o liquido tende a passar para o terceiro estado — a *vaporisar-se*. Tem então logar a *vaporisação*. No momento em que nesta transformação a producção dos vapores é mais rapida, mais intensa, e acompanhada de movimentos irregulares e impetuosos no interior da massa liquida,

chega-se ao ponto de *fervura*, ou, como se diz em phrase technica, de *ebullição*. O ponto de ebullição varía para os differentes liquidos.

97. *Evaporação*. — Devemos distinguir a *vaporisação* da *evaporação;* porque esta se effeitua n'alguns liquidos, sem o auxilio de um augmento de calorico, e como que *espontaneamente*. Abandonemos, durante algum tempo, um vaso destapado, que contenha agua, e perceberemos que ella irá, pouco e pouco, desapparecendo. Tem-se dado a esta evaporação *lenta* o epitheto de *espontanea*, o que é por certo improprio, porque a tansformação do liquido em vapor é devida a uma certa causa, o *calorico*.

98. *Fôrça repulsiva do calorico*. — A dilatação produzida nos corpos pelo calorico, induz a crer que nelle reside uma fôrça *repulsiva*, a qual, combinada com a cohesão, dá origem aos estados diversos de aggregação, em que os corpos se acham.

99. *Thermometro*. — Para avaliar as differentes intensidades do calorico, *que os corpos podem manifestar;* para reconhecer a sua *temperatura*, emprega-se um instrumento a que dão o nome de *thermometro*, que quer dizer *medida do calor*. Consiste em um tubo de vidro, fechado hermeticamente, e terminado inferiormente por uma pequena sphera. No seu interior, em um canal cylindrico de mui pequeno calibre, contém-se um liquido, que em virtude das variações de temperatura, se dilata, ou se contrae. O liquido mais geralmente usado é o *mercurio*. O instrumento é munido de uma escala, dividida em *gráus*, pela qual se determina a altura a que o mercurio sobe. No thermometro chamado *centigrado*, o *zero*, a origem da contagem na escala, corresponde á temperatura do *gelo fundente*, e a divisão, em que demarcam 100 gráus, á da ebullição ordinaria da agua.

100. *Equilibrio das temperaturas*.— Se muitos corpos, a differentes temperaturas, estiverem situados em presença uns dos outros, passado algum tempo gosarão de uma temperatura uniforme, pelo aquecimento de uns e pelo *resfriamento* dos outros. É isto o que se exprime dizendo, que o calorico tende a equilibrar-se — a produzir o *equilibrio* das *temperaturas*.

101. *Calor*. — *Frio*. — Partindo do facto antecedente é facil explicar as sensações que denominamos de *calor* e *frio*. E, de feito, na primeira nada mais ha do que uma absorpção de calor, ou uma transmissão d'este fluido dos corpos ambientes para nós; em quanto que na segunda os corpos que dissemos frios, tendendo a constituir-se comnosco em equilibrio de temperatura, nos roubam parte do calorico que produzimos. É um êrro o acreditar, que esta última sensação se origine n'alguma propriedade inherente aos corpos, que no'-la produzem.

102. *Origens do calorico*.— As origens do calorico podem reduzir-se ás seguintes: o sol (e talvez mais alguns corpos celestes dos que nos enviam luz); o fóco calorifico, que as observações demonstram existir no seio do nosso globo; as acções mecanicas, taes como a *percussão*, a *fricção*, etc.; as acções *chymicas*, de que em breve fallaremos, que fazem elevar, ou descer a temperatura; a electricidade; a faculdade que tem os animaes de o produzirem.

LUZ.

103. *Luz*. — De todos os nossos sentidos é a vista o que nos adquire a maior somma de noções sôbre o mundo exterior. Exerce-se sempre á distancia pelo intermedio d'um agente imponderavel — a *luz*.

104. *Origens da luz*. — A luz emana primitivamente de certos corpos que são *luminosos por si mesmos*, taes como o sol, as chammas, o ferro em *braza*, certos animaes que se dizem *phosphorescentes*, etc.

105. *Emissão da luz*. — A luz emittida pelos corpos luminosos tende a espalhar-se, a propagar-se em todas as direcções.

106. *Raio de luz*. — *Feixe luminoso*. — Na hypothese de que a luz seja uma substancia material, cujas moléculas se destacam continuamente do corpo luminoso, tem-se chamado *raio de luz* á successão dessas moleculas na mesma direcção. Quando se consideram muitos raios contiguos e dirigidos no mesmo sentido a reunião de todos elles chama-se *feixe luminoso*.

107. *Propagação da luz em linha recta*. — No vacuo, isto é, n'um espaço destituido de materia, a luz propaga-se em linha recta. O mesmo acontece quando a luz atravessa um *meio*, um *ambiente*, se este é transparente e homogeneo. Se o meio, porém, varía em densidade durante o trajecto da luz, o raio luminoso affastar-se-ha da linha recta, experimentando mudanças graduaes ou repentinas na sua direcção.

108. *Corpos transparentes e opacos*. — No vacuo a luz propaga-se indefinidamente em todas as direcções; mas encontrando no seu trajecto algum corpo ponderavel, é necessario que este seja transparente, para que a propagação da luz não seja interrompida. Se o corpo é *opaco*, a luz será interceptada. Entre estes dois estados extremos, a *transparencia* e a *opacidade*, ha uma variedade immensa de gradações, que se encontram nos corpos da natureza.

109. *Corpos illuminados*. — Quando a luz incide nos corpos não luminosos, torna-os visiveis — *illumina-os*. Os corpos ficam então *illuminados* ou luminosos por luz estranha. Ficam visiveis porque transmittem, *reflectem*, por todos os seus pontos, e em differentes direcções, parte da luz que receberam.

(Continúa.)

ROMANCE.

Dois irmãos.

Em um logar dos arredores de París, vivia, no tempo de Luiz XIV, uma pequena familia de cultivadores, cujas terras ficavam perto do parque real de Rainey. Vindo um dia o joven delphim passear, com seu mestre, e com algumas pessoas da sua comitiva, aproveitou alguns instantes, em que o deixaram só, para sair do parque, e correr ao acaso pelas visinhanças. Naturalmente atrevido, viu um cavallo que pastava, soltou-o, e montou-se. Mas o animal ainda novo, e pouco habituado a soffrer cavalleiro, partiu a galope, e teria de certo deitado a terra a creança, se o chefe da fa-

milia, que morava perto, não tivesse feito parar o cavallo, o que lhe valeu uma bôa ferida. É facil imaginar com que reconhecimento foi recebido o lavrador. O preceptor prometteu contar ao rei o que elle fizera; e cumpriu religiosamente a sua palavra. A culpa — tão francamente confessada pelos negligentes, que tinham compromettido a vida do delphim — foi perdoada facilmente, e deu-se ordem logo para que Pieron se apresentasse em palacio no dia seguinte.

— Fizeste o teu dever, disse-lhe o rei, assim que o viu; é justo que eu cumpra agora o meu. Dize o que desejas, e serás satisfeito.

— Senhor, respondeu Pieron, desejo que os meus filhos sejam felizes.

— Não posso fazê-los felizes; mas concorrerei para que o sejam. Vae consulta-los, e dize depois o que queres a mr. Fenelon.

Pieron entrou em casa muito contente, contou aos filhos o que lhe acontecêra, e resolveu ir com elles, no dia seguinte, pedir conselho a Fenelon.

O mestre recebeu-os com a benevolencia, que o caracterisava, e depois de ter escutado aquella bôa gente, disse-lhes:

— Meus filhos, aconselho-vos que aproveiteis a protecção do rei; não para mudar da posição actual, mas sómente para melhora-la. Recebestes a educação que convinha á vossa posição de lavradores — se quizerdes mudar, tentando elevar-vos acima dessa posição humilde, mas pacífica e segura, não fareis bem. Sois felizes no presente, tendes segurança no futuro; que mais quereis?

O filho mais novo de Pieron reconheceu que era exacto o que dizia Fenelon, e declarou-se resolvido a seguir os seus conselhos. O mais velho hesitou, e ficou embaraçado.

— Quero antes figurar no mundo, ter um emprêgo público, e ser rico.

Fenelon sorriu tristemente:

— Meu amigo, largas a vida, que melhor conheces, para seguir a que não conheces; vaes deixar o certo pelo duvidoso, o socêgo pelo tumulto; mas emfim, como assim o queres, assim o terás, visto que o rei te protege.

João Pieron abraçou seu pae e seu irmão, e nesse mesmo dia tomou posse de um logar público. Ao princípio achou difficuldades, depois tornou-se habil, e mereceu que lhe augmentassem o vencimento.

Quiz mostrar a seu irmão que era feliz, e foi visita-lo; mas escolheu, para levar, o melhor do seu fato, e apresentou-se como um *lord* em casa do irmão, que andava nos campos a lavrar, sempre activo, porque era já casado e tinha filhos a sustentar.

Tinham passado seis annos quando João fez a sua segunda visita; mas dessa vez foi em carroagem. Riu-se de seu irmão que vinha do campo, fez caras a tudo, nada lhe agradou, as cadeiras pareciam-lhe duras, os temperos achou-os grosseiros, tudo emfim mereceu um risinho d'escarneo, e de sobrancería, que é muito frequente em certos individuos, que saem do nada, e ficam sendo sempre *nada*, por mais elevada que seja a sua posição na sociedade.

Dez annos depois tinham as cousas mudado muito. Eram horas de cêa — a gente do trabalho estava em baixo deitada, quando bateu á porta um miseravel, coberto de farrapos, a pedir hospitalidade — era João, o soberbo, que vinha agora humilhar-se diante daquelles que despresára.

Abraçou-se ao irmão, de quem d'antes se ria, e contou-lhe que desgraças o traziam naquelle estado á porta de que saíra tão cheio d'esperança.

Animado pela protecção do rei e dos ministros, tinha dado largas á sua ambição. A sociedade mais distincta acolhia o protegido, e fabricava a têa em que havia de prender-se. A dissipação e o jogo fizeram delle um homem venal. As suas faltas, por algum tempo occultas, tornaram-se públicas — foi demittido; e abandonado por todos teve de esconder-se entre os devassos. Assim passou alguns annos, vagabundo, miseravel, dormindo á noite na rua, escondendo-se de dia nas tabernas, e no lupanar. Tinha vergonha de apparecer diante de seu irmão, de que fizera escarneo, porque vivia honestamente, e não tinha ambições.

Um bom conselho resolveu-o a final a tomar o partido, que por tanto tempo regeitára. O honrado lavrador não lhe dirigiu uma só palavra d'exprobação. Bem vindo seja o que se arrepende! disse a bôa gente da herdade, e o filho prodigo, entrando na casa d'onde nunca devêra ter saído, achou a paz, que o mundo lhe roubára.

Alguns annos depois o *ambicioso* aconselhava aos filhos de seu irmão, que nunca trocassem a vida pura dos campos, pela vida agitada e devassa das cidades.

POESIA.

O meu resentimento.

Que lugubre idéa minha alma atormenta,
Presagio funesto de um triste porvir;
O fogo sagrado que ainda a alimenta
Já sinto que em breve se vae extinguir!

Tu fôste a culpada, tu, sim, minha Elvira;
Que um golpe tremendo podeste vibrar!
Se o crime era amar-te, cantar-te na lyra,
Porque me roubaste teu candido olhar?...

Ingrata! E podeste mostrar-te inconstante?
Ou antes pretendes meu odio affrontar?
Tu julgas-me indigno de ser teu amante?
Ou pensas que eu seja capaz d'enganar?

As leis que te imponho reputas severas?
Duvidas curvar-te diante de mim?
Não sabes que amadas são sempre devéras
Aquellas que humildes se rendem assim?

Bem sei que és formosa; mas foge á vaidade:
Que o tempo inimigo é do brilho e frescor!...
Errada andarias perdendo a amizade
Daquelle que ao ver-te se abrasa d'amor!

E as leis não são duras, que eu quero dictar-te,
São filhas da estima, dos zêlos tambem:
Só peço me attendas, sem d'isto vexar-te,
E os olhos não volvas, fingida, a ninguem!

Se eu fôsse qual pensas capaz d'illudir-te,
Curvára-me, astuto, co' o fim de vencer;
Mas eu que te adoro, não quero induzir-te
N'um êrro funesto, que te ía perder!

Ao homem foi dada a mulher por esposa,
Humilde, subjeita, sendo elle o senhor;
Mas ella co' as graças que a tornam donosa,
Domina inspirando-lhe um fervido amor!

Modera esse orgulho, sê meiga, oh donzella;
De quem te idolatra não fujas assim:
Submissa te rende, que ficas mais bella,
E quando nos virmos vem logo p'ra mim!

Eu sei que me estimas, por isso me esqueço
D'injustas offensas, que eu nunca mer'ci:
De tantos extremos em premio te peço
Me dês n'um sorriso signal se eu venci!...

J. Osorio.

California.

M. Eduard Suwerkrop antigo consul dinamarquez nas ilhas Sandwich, chegou a S. Braz no dia 1.º de março, e percorreu em 16 dias as 990 milhas que separam esta povoação de Vera Cruz. Na epocha em que deixou S. Francisco, a temperatura estava mais benigna, e os mineiros dispunham-se para continuar os seus trabalhos. M. Suwerkrop confirmou tudo quanto se disse ácêrca da riqueza daquelle paiz. O ouro que se recolhêra até então montava já a quatro milhões de dollars. D'esta somma, 1.500,000 tinham legalmente embarcado em S. Francisco, pagando direitos; 700,000 dollars [1] tinham sido exportados clandestinamente. O resto achava-se dividido entre os habitantes.

O navio *Lexington*, que deixou S. Francisco em 25 de janeiro, levou a bordo 400,000 dollars. Quasi todo o ouro em pó tem embarcado para Mazatlan e Valparaizo; nesta terra é trocado por dinheiro e mercadorias, que dão entrada depois na California.

O maior pedaço d'ouro, que M. Suwerkrop viu na California, pesava 14 onças.

O jornal de S. Francisco, intitulado *Alta California*, publicou em janeiro diversos artigos curiosos, ácêrca da temperatura do inverno naquelle paiz. Entre outros acham-se os seguintes:

«Viajantes, que chegaram ha pouco do norte, confirmam que a estação tem sido este anno muito rigorosa. As communicações entre o forte do Sacramento e os districtos das minas estão inteiramente interrompidas. Ha seis a oito polegadas de neve sôbre a terra. Os rios elevam-se. O Sacramento cresceu quinze pés em tres dias.

«Até 25 de janeiro houve uma serie de borrascas do sul, acompanhadas de chuva. Os navios garravam no porto, mas felizmente não temos desgraças a lamentar. As terras baixas estão submersas. Muitos carros, carregados de mercadorias e provisões, que íam para as minas, não podem proseguir, e só na primavera acharão o caminho desempedido. Alguem, vindo das minas, tem sido obrigado a atravessar a nado perto de meia milha. A neve, nos *placers*, tem variado de um a tres pés d'espessura.»

Houve um conflicto de pequena importancia entre os brancos e os indios do paiz. Esta querella serviu de pretexto ao redactor da *Alta California*, para dirigir conselhos severos aos brancos, que provocam e irritam os naturaes do paiz.

A California não está, como alguem pensa, nas mãos dos malfeitores e dos aventureiros. Formou-se uma especie de *governo provisorio;* e nas povoações ha juizes ou alcaides, que recebem o seu mandato do povo. Bastantes assassinos já foram julgados e condemnados á morte. Nestes tribunaes improvisados observam-se todas as fórmulas ordinarias da justiça. Os indiciados comparecem diante do jury, e quando este acha que se deve proseguir, são julgados, e condemnados ou perdoados por outro jury.

Os commandantes das fôrças navaes, e de terra, dos Estados-Unidos, fazem todos os esforços para manter a ordem, e tornar as leis respeitaveis. Tres homens, convencidos de assassinos, foram enforcados diante da multidão. Na última hora, confessaram o crime e fizeram-se catholicos.

As propriedades, em S. Francisco, valem mais dez por cento; nas ilhas Sandwich perderam quarenta por cento do seu valor. Estas ilhas estão quasi despovoadas; e, acabada a estação da pesca das balêas, é natural que os brancos as abandonem, e se dirijam todos para a California.

O commandante da estação naval, no Oceano Pacifico, publicou uma notícia, que causou espanto geral. Um individuo, em dois dias, obteve ouro no valor de 70,000 cruzados!

Para organisar um pouco melhor o governo do povo que habita hoje a California, tinham-se convocado os *meetings*, a fim de se reunirem em S. José.

Ao futuro congresso dos Estados Unidos pertence a organisação definitiva da administração na California. Ha grandes projectos a respeito de estradas. Foi submettido á *commissão dos trabalhos publicos* um bill relativo ao caminho de ferro de Galveston para a California. Falla-se tambem d'uma linha, que partirá do Missouri, atravessando as terras d'oeste, e as montanhas rochosas, até chegar ao Oceano. Uma nova companhia americana pretende fazer a juncção dos dois mares, por um canal sôbre o isthmo de Tehuantepec.

Desde o principio de dezembro, até á data das últimas noticias, tinham partido dos portos dos Estados Unidos, do Athlantico, 178 navios carregados, levando a seu bordo 11,160 emigrados. Destes, 141 navios, e 8,484 emigrados seguiram o caminho do cabo de Horn.

[1] Um dollar tem o valor de 948 réis.

Palavra de honra.

Na batalha de Waterloo, quasi no fim do dia, foi obrigado um regimento francez a depôr as armas. Um offi-

cial, por nome Bonnardin, foi, como os outros, despojado de tudo o que tinha.

Entre as diversas cousas, que lhe tiraram, achava-se uma cruz, que recebêra do imperador em Wagran. Levaram-lh'a, sem que désse por isso, porque estava ferido, e sem sentidos; porém apenas voltou a si, pediu a um official inglez que a procurasse, e tal foi a súpplica, que o official lhe assegurou, dando a sua palavra de honra, que faria todas as diligencias para encontra-la.

Bonnardin foi desterrado, e em 1830, quando voltou para França, tratou de requerer a reforma. Como esta lhe não fôsse logo concedida, fez diligencias para entrar em um corpo, o que só obteve em 1843. Pouco tempo depois de começar o seu serviço recebeu de Londres uma carta, que dizia o seguinte:

«Sr. Bonnardin. — Tenho comprado e lido, todos os annos, o *Annuario militar* de França, procurando sempre o nome de Bonnardin. Sereis vós o Bonnardin a quem um official inglez fez uma promessa solemne em Waterloo? Se por ventura sois vós, senhor, mandae-me provas d'isso, para que eu possa cumprir a promessa feita ha vinte e tres annos. Se não sois a pessoa que procuro, continuarei a ler o *Annuario.*»

O official respondeu logo, e pouco depois recebeu, pela embaixada ingleza, a cruz que lhe dera o imperador.

Novo cometa.

M. Graham descobriu em 14 d'abril, ás 10 horas e 15 minutos, tempo medio, um cometa telescopico, cuja posição determinou cuidadosamente.

O cometa é visivel com um oculo ordinario; o nucleo é assaz brilhante, porém mal definido; a nebulosidade é muito diffusa.

Quintas do marquez de Pombal em Oeiras.

(COMMUNICADO.)

Entre as digressões, que na estação dos banhos, costumo fazer todos os annos aos sitios notaveis dos arredores de Lisboa, nunca ficam esquecidas as quintas do marquez de Pombal, em Oeiras. O rio que as atravessa, as annosas e altissimas arvores que o bordam, as cascatas, as estatuas que as adornam, tudo é bello, tudo me parece encantador, mesmo no estado de abandono e de ruina em que aquelles predios se acham. A cascata da Taveira, porém, é sempre o ponto em que me demoro mais tempo, não só pela sua incomparavel belleza, como tambem pela doce melancholia que me excita, principalmente quando alli estou desacompanhado. Um dos meus intretenimentos favoritos é ler e copiar os versos que me impressionam, escriptos a lapis, assim nas estatuas, como nos vasos de marmore, que em profusão ha nas duas quintas. Mais feliz, e talvez melhor de contentar, do que os dois visitantes de que trata o n.º 31 da *Revista Popular* do anno proximo passado, encontrei alli, quasi nos fins de setembro do mesmo anno, as quadras que vou transcrever, achando-se a primeira na base da estatua de Camões (na cascata dos poetas), e outras, pela maior parte, nas estatuas da cascata da Taveira.

Sim, querida, egregias testimunhas
Eu tomo desta jura que te faço:
Abonem que sou teu até á morte
Virgilio, Homero, o grão Camões e Tasso.

Uma alma me deu de fogo
Para amar-te a natureza,
Uma alma digna de ti,
Anjo de graça e pureza!

—

E hei de viver em sustos
O resto da minha vida,
Ou posso contar comtigo,
Mimosa prenda querida?

—

Eu amo um anjo na terra,
Typo de graça e candura,
Que o céu formou para dar-me
Bens do inefavel doçura.

—

Para mim dura a alegria
Um só instante, e não mais:
Do terrivel desengano
Vejo evidentes signaes.

—

Promessas na tua bôcca
São ardis de profissão,
Que attrahem para cravares
Mil punhaes no coração...

—

Momentos que valem vidas
Eu comtigo já gosei:
Tu os esqueceste, ingrata,
Nunca mais feliz serei...

—

Infeliz de quem se fia
Do teu olhar na doçura:
Bebe a morte a longos tragos
Pela taça da ternura.

—

Tive uma esp'rança e perdi-a,
Era enganosa illusão;
Desde então ficou sem vida
O meu pobre coração.

—

Que peito de ferro ou bronze
Escutar pod'ria em vão,
Neste romantico sitio,
Do amor a ardente expressão?

Quantos protestos ardentes,
Quantas juras singulares,
Falsarios labios tem feito
Nestes solemnes logares!

—

Quantas vezes neste sitio
Teus olhos me tem pintado
A ventura, que me foge
Como a esperança no desgraçado!

—

Amar-te com vivo extremo,
Suspirar, morrer por ti,
Tal é a minha existencia
Desde o instante em que te vi.

—

Se ha pouco trahindo as juras,
Infiel me abandonaste,
E depois arrependida
Para meus braços tornaste:

—

Ah! permitta o céu piedoso,
Que da negra ingratidão
Não torne o lethal veneno
A manchar teu coração!

—

O meu intimo segredo
Só comigo ha de morrer:
Qual é, e em que consiste,
Ninguem o ha de saber.

—

Dos quadros da natureza,
Um dos mais encantadores,
É o sitio que abrilhantam
Os meus unicos amores.

—

Neste sitio delicioso,
Tão sósinho e retirado,
Quizera passar comtigo
Toda a vida, oh bem amado!

—

Sós no mundo! Que importava,
Se amor nos dourava o ser?
Vida assim, aos proprios anjos
Inveja faria ter!

Quantas vezes neste sitio
Comtigo me tenho achado,
Sem que alguem de nossos laços
Tenha sequer suspeitado!

• • *B.*

A têa d'aranha convertida em seda.

A sociedade das artes de Londres deu uma medalha de ouro a M. Rolt, em premio dos trabalhos que fez sôbre a têa d'aranha dos jardins.

O fio das aranhas não é tão fino como o da seda, e é cinco vezes mais fraca.

A aranha produz duas vezes por anno um fio de setecentos e cincoenta pés; d'uma só vez o bicho de seda produz fio de dezenove mil pés. De sorte que, sendo precisos tres mil e quinhentos bichos para produzir um arratel de seda, seriam precisas vinte e duas mil aranhas para obter o mesmo producto.

Não é possivel crear as aranhas em communidade, porque se devoram umas ás outras. M. Rolt tem um systema engenhoso para a creação d'estes insectos, em alvéolos separados. A producção da seda d'aranha sae muito mais cara do que a da seda ordinaria.

Viagem rapida.

Lê-se na *Semaine*: — Um negociante americano, que vae para a ilha de Ceylão, deixou New-York no dia 4 d'abril, e chegou a Liverpool na manhã de 19. Depois de ter terminado alguns negocios em Liverpool, e em Londres, embarcou em Southampton no dia 20, no barco *Ripon*, que se dirige para Alexandria, e leva o correio da India. Este americano deverá ter a sua viagem terminada no dia 15 de junho. Terá feito, pois, a sua viagem dos Estados Unidos á China, percorrendo uma distancia de 15,000 milhas em setenta e dois dias. Dois mezes e alguns dias terão sido sufficientes para atravessar o oceano indico, o mar athlantico, o mediterraneo, o mar negro e o mar da China; terá visitado a Inglaterra, Gibraltar, e Malta na Europa; Alexandria e Suez na Africa; Aden, Ceylão, Penang, Singapura, e Hong-Kong na Asia.

O Macbeth no Porto.

Na segunda-feira hão de partir para o Porto a sr.ª Gresti, e os srs. Fiori, Benedetti, Volpini, e Celestino. Tencionam representar — *Os Lombardos*, *Attila*, *Masnadieri*, *Macbeth*, e talvez a *Lucrecia*. A sr.ª King e o sr. Vienna tambem foram escripturados. A abertura do theatro será feita com o *Attila*. O *Macbeth* fechará a epocha theatral, que deve durar dois mezes.

Os partidos *Belloni* e *Dabedeille* vão por certo reconciliar-se, e, unidos em um só, applaudir com enthusiasmo o magnifico *spartito* de Verdi, que tantas saudades nos deixa.

O sr. Fiori vae adquirir mais uma corôa, em quanto nós esperâmos com impaciencia pelo *Tasso*, e pelo *Propheta*, que mestre Corradini, ou alguem por elle, nos dará na epocha seguinte.

A despedida que o público fez á companhia, na noite de segunda-feira, que se julgava ser a última desta epocha, mostra que elle sabe perfeitamente apreciar o merito da companhia, que vae fazer as dilicias dos *dilletanti* do Porto.

O auctor da carta, que se vae ler, poupou ao nosso chronista o trabalho de fazer a sua *Revista da Semana*. Não quizemos supprimir cousa alguma na carta; mas pedimos ao nosso *incognito* correspondente, que tenha a bondade de nos declarar o seu nome, se quizer continuar a honrar este jornal com as suas cartas, o que muito estimaremos.

Carta de Lisboa para Freixo d'espada á cinta.

Meu querido Anastacio:

Já foste janota e és lavrador. Lembras te com saudade dos teus tempos, e queres que te eu conte o que fazem os janotas d'agora, e o que se passa nesta insipida capital, porque suspiras. Cumpro as tuas ordens; mas sempre te digo que melhor farias imitando aquelle celebre imperador da China — o illustre Chen-Nong — rival d'Esculapio, que inventou os arados, e que, depois dos trabalhos do campo, passava as horas de folga, entretido em ocio honesto com as musas, fazendo canções em louvor da agricultura.

Fou-hi domesticou as galinhas. Porque não te divertes em domesticar algum outro animal rebelde — o gafanhoto por exemplo?

Gastarias melhor o tempo em qualquer d'esses prazeres. Mas tu não queres, e eu sou docil — satisfaço ao teu desejo.

Pouco te direi dos theatros. O que posso dizer-te sabes tu pelo *Espectador*, visto que fazes parte dos seus 25 assignantes. O theatro italiano fechou-se. Os *Sete peccados mortaes* foram á scena, no Rocio, em beneficio do Epiphanio. No Gymnasio ha duas peças novas. Em um dos intervalos tem o Braz Martins recitado *A minha patria*, poesia do Francisco Palha, que o nosso público estima tanto, como as damas estimam o auctor.

O baile da *Thalia*, que annunciei na minha última carta, esteve extraordinariamente concorrido. Appareceram quatro senhoras (!) e vinte homens. As damas resignaram-se, e dançaram, walsaram, polkaram até á uma da noite. Estiveram presentes o *Rochester*, e o folhetinista do *Estandarte*, que teve o desgôsto de não encontrar lá a sua *Ella*. Esquecia-me dizer-te que havia lá dentro um presunto de fiambre.

Teus pena talvez de não ter assistido a este baile, em que os cavalheiros fizeram *quartos*, em quanto as damas estiveram sempre em actividade? Pois eu troco de bom grado as nossas posições, e dou-te os prazeres todos da cidade, se me dás o socêgo do campo, apezar do prosaico *clach*, *clach* das rãs, de que te queixas com tanto amargôr.

A imprensa continúa no seu caminho. A crítica é sempre uma insolencia — a polemica converteu-se em pugilato. As rãs d'aqui, peores cem vezes do que essas, que perturbam o teu somno, com o seu coaxar impertinente, continuam a encommodar-nos.

O Lopes de Mendonça (Rochester) conseguiu emfim a popularidade, a que aspirava desde os dez annos. Deu-lh'a a *commissão dos cursos* do Gremio — commissão cahotica — que disse e contradisse, levando o Gremio a uma situação pouco agradavel.

Na sexta-feira reuniu-se a Assembléa geral. Presidiu o Rodrigo, que tem paixão por estas cousas, e fallaram diversos. O nosso Tullio participou á assembléa,

que tinha marcado com *unhadas* as proposições dignas de censura, nas lições do Mendonça — eram paginas cheias de *unhadas!* O Rebello da Silva respondeu ao Tullio, e depois de ter fallado nos Larragas, e nos Loyolas, que entram sempre nos seus discursos, desde os tempos da Philomatica, jogou dois epigrammas ao Tullio, e chamou áquelles risquinhos, que o illustre barão tinha feito no papel — um *calvario d'unhadas!* O calvario é mais um estribilho obrigado, como os limbos, o Golgotha, os Loyolas, os Larragas e os Sosias.

O Rebello, como sabes, não tem os dotes de que precisa um bom orador; mas tem muito talento; sabe mais do que a maior parte dos nossos rapazes; tem grande fluidez, e uma extraordinaria felicidade, quando se aproveita dos *á parte* e dos *incidentes*. A sua eloquencia admira, mas não commove. As imagens succedem-se rapidamente, muitas vezes felizes, algumas vezes improprias e desgraçadas, como aquella imagem, que tu conheces, das montanhas que se elevam e saltam, como saltam os carneiros. A sua voz, pouco agradavel, enfraquece com facilidade. As suas maneiras, a sua agitação, o movimento continuado, *da direita para a esquerda, e da esquerda para a direita*, desagradam a toda a gente, e diminuem o effeito que produziriam, muitas vezes, a vehemencia e a logica dos seus argumentos.

No meio do seu discurso proferiu uma inexactidão. — Nego, disse dalli alguem. — O que? perguntou o Rebello, — *Nego*, respondeu a mesma voz. Tres vezes se repetiu a pergunta, e tres vezes a resposta. Á terceira vez vinham as syllabas separadas, para que o orador as percebesse completamente. Toda a gente esperava que dalli sahisse alguma cousa — havia uma *intenção* naquella pergunta. Sabes o que aconteceu? — Nega, disse o Rebello, pois acceito a sua negativa. Lembra-me aquelle caso do hespanhol, que dizia para um homem parado á porta: — Deixe-me passar senão . . . — Senão o que? — Voltu para traz.

A verdade é que o Rebello estava em bôa posição, para combater perfeitamente o longo discurso do Rego, que disse muita cousa, em que não tinha razão.

O Dr. Figueiredo, irascivel como sempre, incapaz de estar quieto, erguia-se de vez em quando, como o espectro do Banco; mas a assembléa não tinha remorsos, e aproveitava o tempo, rindo das facecias do Tullio e do Rodrigo.

Foi o Palmeirim, Junior, quem tomou a iniciativa, perguntando as razões em que se fundára a commissão para fechar o curso do Mendonça. Pouco affeito ás práticas parlamentares, o Palmeirim *dá por páus e por pedras*, o que não obsta a que todos o estimem como excellente moço, nem a que o considerem como homem de talento e de habilidade aproveitavel.

N'um momento de irritação comparou com um burro aos couces os adversarios do Mendonça. O divino Garrett deu um pulo na cadeira, e o Mendonça que estava lá fóra, segundo dizem, a ler o jornal dos Debates, esteve disposto a entrar na sala, para declarar que rejeitava as honras de *leão moribundo*.

O Antonio Augusto, com aquella facilidade de expressão, que toda a gente conhece, censurou a commissão, no que fez muito bem, e defendendo o Mendonça, não póde deixar de lhe chamar *pardal litterario!* no que fez muito mal.

O Assumpção pediu que se tratasse sem demora da ordem da noite. Vamos tratar da ordem da noite (vulgò, ordem do dia), respondeu o Rodrigo. É mais curial, replicou o Assumpção.

O Antonio da Cunha fez uma proposta ás nove da noite, que foi approvada ás onze e meia, depois d'uma discussão inutil. A approvação da proposta satisfez extremamente o auctor, que está costumado a ver rejeitadas todas as propostas, que se lembra de fazer na camara, a qual foi por elle comparada com um esquadrão de cavallaria. Na quarta-feira, em virtude da resolução, que se tomou, ha de ser nomeada uma commissão, que se encarregará de dizer á assembléa o que é heretico e politico nas lições do Mendonça.

O Sampaio (da *Revolução*) fallou pouco, mas disse verdades, e indignou-se, com muita razão, contra os que negam em público o que affirmam em particular.

Não te direi cousa alguma ácêrca da questão das *insinuações* — não sei, nem quero saber, se o governo teve alguma influencia neste negocio — são cousas muito pequenas e muito repugnantes; não quero fallar dellas.

Está a chegar a Mossamedes a primeira colonia dos portuguezes, que residiam em Pernambuco — compõe-se de 200 colonos. Mossamedes é excellente ponto para uma fundação similhante; ares puros, bôas aguas, terras fertilissimas, sertão opulento, communicações faceis, e gentio docil, activo e industrioso. É uma bôa nova esta para Portugal. Se a tentativa fôr coroada de bom resultado, 200,000 portuguezes, que opulentavam um paiz que os repelle, irão levar ás nossas Africas os braços, os capitaes, a vida, finalmente, de que precisam. — Esta é a nossa verdadeira California!

A musa continúa desvairada. Ha poetas *que tem n'alma um camartello*. Ha vates desesperados, que só acreditam

> No amor de sua mãe,
> E na amizade d'um cão.

o que não admira, porque

> O verso que exprime a dór
> É doudo descabellado

e ao poeta, que assim canta,

> Ainda lhe falta despreso
> P'ra tanta confeitaria.

Cães, camartellos, confeitarias, Ellas, Estas, Aquellas; ninharias rimadas com recheio de sandices — aqui está a que se reduzem as obras dos nossos vates d'agua morna, que, nas horas da mais doce illusão, se julgam *fadados por Deos poetas*. Pobres sendeiros!

Não quero abusar mais da tua paciencia. Lembra-te de mim, e acceita o meu conselho — não troques as bellas de Freixo, com o seu *quê* de hespanholas, pelas *Ellas* insipidas que o *Estandarte* cantou.

O Incognito.

Agradecimento.

O sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos teve a bondade de offerecer, ao director da *Revista Popular*,

uma collecção de desenhos, que estavam destinados para a *Illustração*. Dando esta bôa noticia aos nossos leitores, aproveitâmos a occasião para agradecer ao proprietario da *Illustração* a franqueza, e bôa vontade, com que nos auxilia.

CORRESPONDENCIA.

Pelo correio de quarta-feira recebemos de Coimbra uma carta anonima de pessoa que dá conselhos razoaveis á redacção do *Almanak Popular*.

Quando publicámos o primeiro Almanak, seguimos o exemplo, que nos davam todos os Almanaks estrangeiros, e supprimimos diversas cousas que se encontram nas Folhinhas, e que se não acham em nenhum Almanak — nem mesmo no Almanak Civil, que se publicava entre nós, no fim do seculo passado.

O Almanak foi bem recebido apezar dessas faltas, e d'outras que o público desculpou generosamente.

O Almanak de 1850 vae entrar no prelo brevemente, e a empreza só póde responder á carta, que acaba de receber, asseverando, que na redacção deste livro se attendeu a todas as exigencias justas, de maneira que o povo, no anno seguinte, encontrará junto ao calendario tudo quanto lhe interessa saber sôbre jejuns, festas, factos historicos, etc.

Por esta occasião a empreza declara, que receberá com agradecimentos quaesquer conselhos, esclarecimentos, noticias locaes, dados statisticos, etc. dando assim mais uma prova de que deseja fazer do Almanak um livro util para todos.

BIBLIOGRAPHIA.

Bibliophilo.

Publicou-se o n.º 1, que nos agradou muito Por falta de espaço não fallâmos delle mais extensamente.

Illustração Hespanhola.

Chegou a Lisboa o n.º 11. — Vende-se e assigna-se na loja do sr. Lavado. — Contém artigos de muito interesse, e nove estampas.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Considerações ácêrca da alimentação do nosso gado, e do regimen especial do verde para o cavallo.

(Continuado de pag. 72.)

Effeitos therapeuticos — Constam do desapparecimento ou minoração de certos achaques, que por este regimen se alcançam, e são mais particularmente:

Umas vezes tumores humorosos, que não interessem a substancia dos ossos, como engrossamentos e enfartes articulares e tendinosos, os quaes desapparecem ou diminuem talvez pela hydratação geral, que por assim dizer os dissolve; ajudada pela actividade das secreções, e especialmente das evacuações ourinarias e cutaneas, que eliminam as materias de sua formação. Outras vezes são faltas de aprumos nos extremos, que um trabalho prematuro, ou ferradura antecipada, e o pessimo costume de pear, teem motivado nos poldros. É de crer que seja a maior flexibilidade em que se acham os tecidos, que deixa vir estas partes ao seu natural, onde mais solidamente se fixam pela applicação *mediata do cauterio actual* ao longo dos membros [1].

As sarnas chronicas, e muito melhor as recentes, e outras affecções cutaneas, com especialidade as *pedicu'ares*, empregando-lhe o tratamento respectivo, alcançam mais notaveis melhoras em tempo d'este regimen. É de presumir que seja a modificação especial, que o orgão cutaneo experimenta por esta occasião, e a substituição do pelame, o que contribue para a realisação de tão saudaveis effeitos.

As *polmoeiras* quando recentes e fracas — por este regimen se dissipam ás vezes totalmente, e quando antigas se paliam bastante [2]. Isto, porque torna a respiração mais livre, o folego maior, e por isso mais regulares os movimentos dos flancos ou vasios, effeitos que resultam em grande parte das copiosas evacuações, liquiscencia sanguinea, assim como da pouca demora d'este penso no estomago e intestinos [3].

Ha cavallos d'uma indisposição geral, que é certamente pathologica, ou para lá caminha, que consta d'uma escandecencia geral, mais notavel nos orgãos gastro-intestinaes, de ordinario effeito d'uma viciosa e ruim alimentação, e que é caracterisada pela seccura da pelle, adherencia desta ás subjacencias, pouca amplitude do ventre, calor e seccura da bôcca, excrementos duros e sêccos, e de côr queimada, aspecto triste e abatido, um todo esgazelado, e uma appetencia manifesta para o verde, que só com este penso muito melhoram. É na verdade á refrigeração geral e á hydratação de todos os tecidos por tal penso, que se devem attribuir tão salutares effeitos.

INDICAÇÕES E CONTRA INDICAÇÕES DO VERDE.

Pela qualidade dos effeitos, que o verde póde produzir em respeito ás diversas circumstancias em que os animaes estejam, se deduzem facilmente os casos de indicação ou contra-indicação. *O verde é indicado aos potros*, porque além de bem os nutrir, desenvolve-os sôbre-maneira, e o crescimento é muito mais notavel, se ha cuidado em dar-lhes algum grão. Este presta a materia phosphatica para o crescimento dos ossos, que são quem determinam a altura e esboçam as fórmas; em quanto o verde favorece pela hydratação a estensibilidade dos tecidos, que tomam maior area, e por seus principios plasticos dá a substancia das carnes, que aformosêa e arredonda as fórmas assim desenvolvidas. E isto o que justifica a sentença — que corre entre os nossos curiosos de cavallos, e os officiaes de cavallaria — de ser mister passar o potro por dois ou tres verdes, para completamente se desenvolver e aformosear.

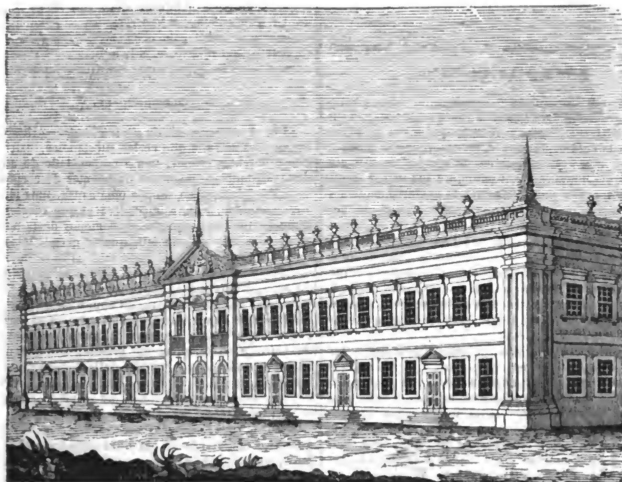
(Continúa.)

[1] Esta cauterisação consiste em correr o cauterio em brasa sôbre o couro de toucinho, applicado nas partes a que se quer communicar o calorico. Vale a pena para os potros de esperanças, pois assim não ficam as indeleveis manchas que deixa a cauterisação immediata, e que muito os deprecia.

[2] Aproveita-se este effeito do verde, para encobrir a polmoeira, e vender os cavallos sem obstaculo — fraude que muitas vezes dá logar a contestações judiciarias.

[3] E sabido que a dilatação do estomago e intestinos pelos alimentos sêccos (com especialidade palha e sêmeas), comprimindo o diaphragma, e por conseguinte o polmão, encurta o folego, e aggrava por isso a polmoeira. O verde, por que se digere com facilidade, não traz estes inconvenientes. Tambem para reconhecer uma polmoeira abafada pelo verde basta apenas dar-lhes alguma porção de palha, e pôr o cavallo em exercicio.

Com este número se distribue, gratis, um supplemento burlesco.



COIMBRA — O Museu de Historia Natural.

Depois da extincção dos jesuitas o vasto collegio, que estes possuiam em Coimbra, foi destinado a diversos estabelecimentos da mais reconhecida utilidade. Eregiu-se em seu recinto um hospital, que foi entregue á disposição da faculdade de medecina: estabeleceu-se nelle tambem o collegio das artes, hoje lyceo nacional; e contiguo á egreja, que foi elevada a cathedral, construiu-se um bello edificio de gôsto moderno, destinado para museu de historia natural, e tambem para nelle se estabelecerem as aulas de sciencias naturaes, e um gabinete de physica. Este edificio, que a nossa estampa representa, foi levantado no reinado d'el-rei D. José; consta de duas fachadas; a principal, com 334 pés de comprimento e 47 de altura, tem 29 janellas no pavimento nobre, coroadas por uma balaustrada de cantaria, guarnecida de várias pyramides, e tem 20 janellas e 9 portas no pavimento inferior. A frente lateral conta 9 janellas em cada pavimento. São as janellas excessivamente grandes, comparadas com a elevação do edificio; defeito assaz notavel, que a prejudica á vista, e que não póde encontrar desculpa, ainda na vantagem que resulta ás salas de receberem maior porção de luz; por quanto todas as conveniencias se podiam combinar com os preceitos de architectura. A collecção dos productos naturaes, que ahi se acha reunida, é mesquinha para um paiz que, como o nosso, possue colonias em tão longinquas quão diversas regiões. Esta pobreza, que egualmente abrange o museu de Lisboa, lança uma sombra de culpavel descuido em todos os governos, que, de ha annos, teem presidido aos destinos de Portugal. O mesmo dizemos do jardim botanico; comtudo, apezar de um tanto decaido do tempo de Brotero, ainda hoje encerra uma bôa collecção de plantas indigenas e exoticas.

A esta descripção, feita por um distincto escriptor contemporaneo, nada temos a accrescentar, senão, que a insufficiencia que elle nota no jardim botanico e no museu, e que, com razão, attribue a descuido dos governos — se tem estendido a todo o ensino universitario, sendo tão geraes os clamores, que a mesma universidade tenciona, segundo nos tem constado, propôr um vasto plano de reforma. Bem vinda seja tal reforma, que de certo collocará a universidade de Coimbra na situação que lhe compete, como um dos principaes, se não o principal, e mais bem dotado de todos os estabelecimentos scientificos do paiz.

INSTRUCÇÃO POPULAR.

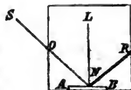
Curso d'introducção á Historia Natural dos Tres Reinos.

110. *Velocidade da luz.* — Experiencias feitas, á superficie da terra, parecem indicar que a sua propagação é instantanea; porque o tempo que ella gasta a percorrer as maiores distancias de que podemos dispôr é insensivel, inapreciavel. Comtudo a luz não se transmitte instantaneamente. Recorrendo modernamente aos phenomenos astronomicos, substituindo a distancias pequenas, as que podêmos considerar nos espaços celestes, tem sido possivel avaliar o tempo que a luz gasta em transmittir-se d'um a outro ponto. É pelos eclipses dos satellites de Jupiter, que se tem determinado, que a luz percorre 70,000 leguas por segundo, isto é, que tem uma velocidade expressa por aquelle número. A descoberta foi devida a Roemer, astronomo dinamarquez, em 1675.

111. *Intensidade da luz.* — Todos sabem que a luz que cae sôbre um corpo, *enfraquece* á medida que o affastâmos daquelle que a emitte. Reflectindo que a luz está sugeita a uma *irradiação* symetrica, spherica em tôrno do corpo luminoso, considerado como centro, é facil concluir por simples inducções geometricas, que a sua *intensidade* decresce como o quadrado da distancia, ou é inversamente *proporcional* a este quadrado. Experiencias apropriadas confirmam plenamente esta última proposição.

112. *Reflexão da luz.* — *Refracção.* — A luz emittida de um corpo luminoso continúa, como já dissemos, a mover-se indefinidamente em linha recta, quando se propaga no vacuo, ou n'um meio uniforme. Mas o caso é outro na natureza. A luz vem sempre a encontrar no seu trajecto corpos que a modificam diversamente. Estes corpos ou a *absorvem*, ou lhe *mudam a direcção.* No primeiro caso a luz desapparece, como quando incide sôbre um corpo *negro*. No segundo caso observa-se que a luz se desvia, como que para affastar-se do corpo chocado, e diz-se ter logar a *reflexão*, ou a luz penetra no corpo, que é nesta hypothese transparente, affasta-se da direcção que trazia, e diz-se haver *refracção*.

113. *Lei de reflexão.* — Se fizermos penetrar por um pequeno orificio, em uma *camara obscura*, um feixe mui tenue de luz solar, de modo que venha incidir sôbre uma *superficie especular plana*, notaremos que a luz *directa*, seguindo uma direcção rectilinea, mudará de caminho apenas tocar um ponto do *espelho*, e a luz já reflectida, seguirá de novo um caminho rectilineo, que será determinado pela união do ponto em que ella toca o espelho e o ponto da *camara escura*, onde a luz vae incidir depois da *reflexão*. Suppondo agora que no ponto da incidencia no espelho se levanta uma perpendicular, ou uma recta que esteja com elle de *esquadria*, a observação mostrar-nos-ha o seguinte: — 1.° que o raio reflexo, a *perpendicular* ou *normal*, e o raio *directo* existem no mesmo *plano*; 2.° — que o angulo formado pelo raio directo com a normal é egual ao que faz esta mesma linha com o raio reflectido. É o que representa a figura, onde A B é o espelho, S N o raio directo que entra pelo orificio O, N R o raio reflexo, e N L a normal. — É no exposto que consiste a lei de reflexão.



ELECTRICIDADE.

114. *Primeira noção da electricidade.* — Desde muitos seculos se sabe que certas substancias, esfregadas com differentes estofos, tem a propriedade de attrair a curtas distancias, pequenos fragmentos de corpos solidos. Este phenomeno suppõe uma causa, uma fôrça. É a *electricidade*, agente imponderavel que recebeu este nome particular porque os phenomenos desta natureza se descobriram no *alambre*, que os gregos chamavam ἤλεκτρον (electron).

115. *Primeira experiencia sôbre a electricidade.* — Se esfregarmos um cylindro de vidro, ou um páu de lacre com um panno de lã, ou com uma pelle de gato, veremos que os corpos esfregados attraem os corpos ligeiros collocados a pequena distancia. Se o cylindro de vidro é sufficientemente grande, não será difficil ouvir, quando approximâmos delle o dedo, um certo estrondo, que será acompanhado, posto na obscuridade, por uma faisca. O vidro, ou o lacre, chamam-se neste caso *electrisados*.

116. *Corpos idio-electricos, e anelectricos.* — Os corpos parecem dividir-se em duas grandes cathegorias, em quanto á aptidão, maior ou menor, que manifestam para se carregarem de electricidade. Aquelles, que como a *resina*, o *vidro*, o *alambre*, são susceptiveis de adquirir a electricidade pela fricção, chamam-se *idio-electricos*; os outros, taes como os metaes, não tomam a electricidade por aquelle meio, e dizem-se *anelectricos*.

117. *Fluido electrico.* — Assim como os phenomenos do calor, e os da visão, se attribuem a fluidos imponderaveis, uma justa analogia induziu a reputar causados os phenomenos da electricidade por um fluido especial, cuja natureza íntima desconhecemos, e a que damos o nome de *fluido electrico*.

118. *Conductibilidade do fluido electrico.* — A differença entre os corpos idio-electricos e anelectricos, explicam-se pela differente conductibilidade que os corpos tem para o fluido electrico. Os anelectricos são corpos *bons conductores*; e os idio-electricos, pelo contrário, *máus conductores*.

119. *Attracções e repulsões electricas.* — Se tomarmos duas bolas de sabugueiro, suspensas por fios, e tocarmos em ambas com um cylindro de resina, que houvermos esfregado com um pedaço de lã, veremos depois que, approximando-as, ellas se repellirão. O mesmo succederá se houvermos tocado com um cylindro de vidro esfregado previamente com o mesmo estofo. Mas se uma fôr tocada por um cylindro; a outra por outro — observaremos que ellas se attrairão, quando as approximarmos entre si.

120. *Fluido vitreo, e fluido resinoso.* — Os factos indicados levam a crer que dois fluidos differentes se po-

dem accumular pelo attrito, segundo a natureza dos corpos que empregâmos. O fluido desenvolvido, pelo methodo referido, no vidro, chama-se *vitreo;* o que apparece na resina, *resinoso*. Estas expressões, porém, são com mais propriedade substituidas pelas de *fluido positivo* e *fluido negativo*.

(Continúa.)

Arte typographica em Portugal.

IV.

Prelos manuaes, prelos mechanicos, etc.

Um bom prelo é essencial para uma impressão aceada qualquer — embora o papel seja optimo — tenha todas as qualidades requeridas — embora a tinta seja perfeita, os typos formosos e elegantes; se o prelo fôr máu pouco poderão aproveitar estas vantagens, e a impressão sairá sempre má. Os prelos manuaes podem ser de páu ou de ferro; nos primeiros tempos da arte os prelos eram todos de páu, e a sua construcção egual, pouco mais ou menos, á dos que ainda hoje existem em muitas officinas. Esta especie de prensas não póde de modo algum satisfazer a todas as exigencias d'uma bôa edição; a machina não tem a firmeza necessaria, e o *quadro*, ordinariamente de madeira, tambem pouco tempo conserva aquella egualdade de superficie, que se requer. Como, porém, os proprietarios das pequenas typographias não podem, em geral, empregar os capitaes necessarios para a compra de prelos de ferro, procuraram dar ás antigas prensas de páu algumas das vantagens das de ferro, sem augmentar consideravelmente o seu custo. Vimos uma destas prensas construida com a perfeição possivel, pelo distincto artista, o sr. Jeronymo Pinto Ferreira; neste prelo, que hoje possue o sr. José Baptista Morando, as peças principaes são de ferro. Póde imprimir uma folha de grande formato, e o seu trabalho é regular e aceado. Mas as prensas incontestavelmente mais perfeitas são as de ferro — aperfeiçoadas, ou, como se costuma dizer, inventadas por Stanhope; d'este systema são todas as que existem na imprensa nacional, mais ou menos perfeitas, segundo a data da sua construcção, as que existem na officina do *Panorama*, e as que se tem construido, e está acabando para a imprensa da universidade, o habil machinista mr. Lemoinne. Parece-nos escusado descrever as differentes peças de um prélo, o que daria a este artigo umas dimensões, que elle não póde nem deve ter.

Resta-nos fallar dos prelos mechanicos: assim como a industria teve as machinas de vapor e os caminhos de ferro, a typographia procurou acompanhar tambem aquella rapidez de producção e locomoção; os prelos mechanicos são os caminhos de ferro da typographia. Por muitos annos a rotina impediu a sua propagação; mas o genio triumphou de todos os obstaculos, e hoje existem em toda a parte; em Lisboa ha tres; dois movidos por uma pequena machina de vapor, e pertencem á imprensa nacional, e o outro, movido a braços por meio do *volante*, e pertence á typographia da *Revolução de Setembro*. Em Inglaterra, como em França e na Belgica, são tão conhecidas as vantagens de similhantes prelos, que, quasi tem sido desterrados os de antiga construcção, ou se empregam unicamente na tiragem de edições de luxo, de que ordinariamente se imprimem poucos exemplares. E, com effeito, deve attribuir-se a esta grande invenção o immenso progresso que a arte typographica ha feito nestes ultimos annos.

A officina do *Times*, jornal inglez, uma das mais consideraveis que existem no mundo, trabalha com prelos mechanicos de trabalho accelerado; por este systema conseguiram extraír 4,200 folhas daquelle jornal por hora. Não contentes ainda com este resultado os directores daquelle immenso estabelecimento fixaram um premio a quem lhes apresentasse uma machina que ainda fizesse mais rapido trabalho; e com effeito hoje tem montadas na sua typographia, machinas que imprimem 200,000 folhas em 24 horas!! Accrescendo, que é admiravel a nitidez dos jornaes inglezes, e principalmente do *London Illustrated News*, nitidez tanto mais difficil de alcançar quando se sabe que o typo é minutissimo.

Os prelos mechanicos regulares não attingem aquella prodigiosa rapidez; o que existe na imprensa nacional, construido nas officinas de mr. Gaveaux, de París, tira regularmente 800 folhas por hora.

As *ballas*, que até agora empregavam os impressores, foram substituidas pelos rôllos, cuja adopção data lá fóra de muitos annos, mas que entre nós começaram a usar-se desde que se organisou a officina do antigo *Panorama*, adoptando-se em seguida na imprensa nacional, com grande vantagem do trabalho e da arte.

(Continúa.)

ROMANCE.

A trança do Mandarim.

CONTO CHINEZ.

O MANDARIM Tchi-Kao governava o districto de Siu, um dos mais importantes do imperio chinez.

Devia este cargo elevado á habilidade que tinha desenvolvido, como general, na última guerra contra os tartaros occidentaes — e ao abdomen.

Tchi-Kao nunca tinha perdido uma batalha. Assim que o inimigo se aproximava, levantava o campo pela alta noite, e ía tomar novas posições, o mais longe possivel. D'este modo conseguíra podêr todos os dias mandar ao imperador os mais satisfactorios boletins da sua saude e da do seu exército. O chefe tartaro, convencido de que aquella manobra era resultado de plano, e receando cair n'alguma emboscada, não se atreveu a internar-se muito no imperio, e depois de haver roubado, incendiado e saqueado várias provincias, offereceu um tratado de paz. Tchi-Kao dignou-se de acceitar as propostas do inimigo, e voltou á côrte com a reputação de general consummado. Era o primeiro general chinez, que descobríra o segredo de não ser nunca derrotado.

Eu não quero de modo algum censurar estas apre-

ciações inteiramente chinezas, ou criticar as sábias retiradas do valoroso Tchi-Kao. Demais, ainda mesmo que me tentasse a contestar o seu genio militar, ver-me-ía obrigado a reconhecer, com os historiadores chinezes, unanimes neste ponto, que o general fôra naturalmente predestinado pelo prodigioso desenvolvimento do seu abdomen, para occupar as mais altas dignidades do imperio.

« Grande barriga, grandes dignidades » é um proverbio chinez. Assistia, pois, a Tchi-Kao todo o direito de usar do seu bonet com botão encarnado, como mandarim de 1.ª classe, e administrar o bello districto de Siu.

Tchi-Kao tinha quarenta annos, olhos vivos, e as mais felizes disposições em relação ao bello sexo. Neste terreno, que não é talvez menos perigoso, renunciára elle ao seu famoso systema de retiradas; tinha-se feito quasi um conquistador. Outros tempos, outros costumes!

Os seus subditos, esses andavam satisfeitissimos com o seu governo. Não se passava dia algum que não abençoassem o imperador, por have-los mimoseado com um mandarim tão gordo e possuindo as qualidades pacificas e bonancheironas d'um general chinez.

Nunca a provincia fôra tão livre, nem tão feliz, como no tempo daquella dictadura militar. Extraordinario paîz, que nada tem de commum com os outros paîzes!

De tempos a tempos, manifestava-se Tchi-Kao aos seus administrados por meio de proclamações em papel de côr, que eram lidas nas praças com signaes do mais profundo respeito. Umas vezes eram exhortações para se conformar em mais fielmente ás prescripções do Livro dos Ritos, ou commentarios desenvolvendo alguma prudente maxima de Koung-Tseu, Meng-Tseu, ou outros philosophos; outras vezes eram o annúncio de uma festa, a transmissão d'uma ordem imperial, ou a creação de algum novo deus. O secretario de Tchi-Kao, doutor da academia de Pekim, era especialmente o encarregado de redigir aquella prosa official, que costumava sempre ornar com as citações mais felizes, e as mais sabias allegorias. Tudo caminhava deliciosamente. O secretario escrevia, o povo admirava, e o general, muito querido no seu districto, não emagrecia.

Um dia viram os socegados habitantes de Siu, affixado em todas as portas da cidade, e nas muralhas dos pagodes, um edital vermelho, em estylo menos academico do que o costume, e que pela sua natureza prendia mais fortemente a attenção das turbas.

O edital era concebido nestes termos:

« Tchi-Kao, mandarim de 1.ª classe, sempre victorioso, espada do celeste imperio, braço direito do filho do céu [1].

« A todos os que o presente lerem, *tchin tchin* [2], e prosperidade durante dez mil annos.

« Considerando que o cabello é o mais bello ornamento do homem;

« Considerando que, em contrário ás recommendações formaes do Livro dos Ritos, e ás tradições dos antepassados, a maior parte dos habitantes do districto de Siu, despresam o seu cabello, e não dão á *trança* nacional o devido desenvolvimento;

« Considerando que uma negligencia tão culpavel poderia compromettêr o patriotismo dos habitantes e deshonrar o districto aos olhos dos outros districtos;

« Querendo todavia proceder a esta reforma por meios suasorios, como bom pae, e não pelo rigor;

ORDENO:

« 1.º — Ao habitante do districto de Siu, que ao expirar da terceira lua, se conhecer que possue a trança mais comprida, e o cabello mais luzidio, será concedido comer arroz e beber chá á mesa do general Tchi-Kao, e além d'isto se lhe darão cem taéis, em recompensa:

« 2.º — O concurso terá logar no pateo do palacio do mandarim. O proprio Tchi-Kao será o juiz. Tende confiança na sua justiça.

« 3.º — Um premio arrezoado será tambem concedido aos bigodes, em favor dos velhos.

« Mando, pois, que este edital, assignado e sellado por mim, seja fielmente executado.

« Segunda lua, primeiro dia, dia feliz.

« *Tchi-Kao.* »

Julgue-se do effeito produzido por este edital. Tchi-Kao não tinha, como outros mandarins, a mania dos decretos; poucas vezes os fazia, e só, como neste caso, que era com effeito de bastante gravidade!

Os moradores de Siu leram, pois, muito attentamente o decreto.

« De feito, diziam uns, Tchi-Kao tem razão; não convem que os nossos visinhos de Yao nos despresem; e por isso é necessario que lhes não sejâmos inferiores n'um cabello sequer! Vae nisto a consideração e a felicidade do nosso districto. Que glória para nós se se espalhar por todo o imperio a reputação das nossas compridas tranças! O filho do céu ficará satisfeito, e Siu tornar-se-ha paradeiro das mais bellas mulheres. Os nossos barcos de flores em nada serão inferiores aos da famosa Sou-Tchou. »

Taes eram os commentarios que se ouviam em tôrno de cada um dos editaes vermelhos, que, segundo o uso, foram admirados em toda a cidade.

Nunca as periphrases do secretario de Tchi-Kao tinham obtido um similhante triumpho.

O letrado quasi que tinha inveja; mas tambem que eloquencia naquelle artigo 1.º — uma recompensa de cem taéis: que fortuna! — Comer, face a face, com Tchi-Kao; que honra! O proprio Koung-Tseu, o grande philosopho, nunca tinha dito melhor.

O novo decreto teve, pois, as honras do dia; não se fallava em outra cousa nas ruas, nas praças, nos pagodes; e os homens, quando se retiraram para casa, communicaram esta grande notícia ás senhoras, que ficaram maravilhadas da engenhosa idéa do mandarim.

Mas como descrever a alegria, o enthusiasmo dos barbeiros! O decreto de Tchi-Kao era para elles uma fortuna, e elevava-os consideravelmente na opinião pública. Trataram, pois, de tirar cópias, e de colloca-las no logar mais visivel das suas lojas; alguns até tiveram a lembrança de collocar no altar dos deoses domesticos a prosa admiravel de Tchi-Kao. E que cousas que elles diziam do sabio general!

— Que excellente mandarim que nós temos! dizia um.

[1] Nome que se costuma dar ao imperador da China.
[2] Especie de cumprimento.

— Não ha outro como Tchi-Kao.

— Venceu os tartaros!

— Protege os barbeiros!

— Ha quarenta annos que exerço o meu mester, acudiu gravemente o decano dos barbeiros, e nunca vi um decreto assim. Sois mais feliz que os vossos velhos collegas. Se Tchi-Kao viesse mais cedo!...

— É uma reforma completa!

— É mais do que isso; é uma revolução.

— Uma revolução que nos faz ricos a todos!

— E que ha de aproveitar a todo o mundo, accrescentou um philosopho barbeiro; porque se basêa sôbre as nossas velhas tradições, e sôbre os verdadeiros principios. E depois o que ha de mais nobre no homem? A cabeça. E que sería a cabeça sem o cabello?

— Tchi-Kao é benemerito da patria.

— E dos barbeiros! Viva Tchi-Kao!

(Continúa.)

Recordações de viagem.

II.

(Continuação.)

«Maria caiu a meus pés, supplicante e anciosa: as longas tranças do seu cabello negro, enquadravam-lhe o semblante, e bebiam-lhe as lagrimas: os seus labios, gelados pelas agonias do terror, apenas se podiam abrir, para me dizer, com voz quasi extincta: — Perdão! Perdão!

«E era bella ainda, era bella descórada e semimorta, era bella como uma destas Magdalenas de Rubens, em que a energia do sentimento moral, mal póde disfarçar as inexplicaveis seducções da belleza physica.

«Quando me vi alli, cingido pelos braços della, banhado pelas suas lagrimas, escutando o arfar do seu seio, quasi descoberto, sentindo a impressão dos seus labios nos meus vestidos, estive a ponto de perdoar-lhe.

«Tive tambem, por momentos, todo o egoismo calculado dessa sociedade infame. Era minha ainda! Podia endoudecer com ella, nos extasis do goso material, como se endoudece nas caricias venaes da mulher vendida! Mas o seu amor? Como podia eu, estremecendo de paixão, cerrar aquelles labios, se me bradassem: Eu te amo? — Era uma horrivel comedia toda a nossa existencia futura! Era mister dizer adeos para sempre ás candidas illusões dos affectos generosos...

«E depois, quando vi o seu complice, pallido como um sudario, rojar-se tambem a pedir-me perdão, tive um accesso de colera infinita. Não vi, não senti, não ouvi mais nada. As idéas vacillaram-me na cabeça, como os clarões expirantes d'uma lampada. Tive apenas o pensamento da minha deshonra, e o desejo insaciavel de me vingar.

«Um quarto d'hora depois, o pavimento estava alagado de sangue, e dois vultos jaziam alli prostrados, estremecendo nos derradeiros arrancos da morte.»...

. . . .

O degradado cessou de fallar. Dir-se-ía que aquella scena, por uma horrivel allucinação da sua phantasia exacerbada, se lhe figurava de novo ante os olhos. Estava pallido como um moribundo. O olhar fito e pasmado, não se animava já aos encantos daquella natureza, allumiada de luz, e palpitante de poesia. Encostou-se á amurada desfallecido. Caíu nessa prostração moral, em que o sentimento da vida exterior desapparece de todo. Vivia-lhe, pungente e dolorosa, toda a memoria do passado. E era tudo quanto possuia o desgraçado! Via o tumulo perto de si; e quem sabe se tambem a sinistra idéa do nada!

Arrependi-me de haver cedido á curiosidade. Que direito tinha eu tido para revolver tantas dôres, para pôr aquella alma face a face com as agonias do seu infortunio?

III.

As viagens, antes de 1830, offereciam um grande attractivo á imaginação. Havia corsarios e piratas. Hoje o pobre oceano vê-se impunemente passeado pelos navios de commercio, e um homem póde perder a perspectiva de ser captivo.

Era o que desolava evidentemente uma passageira que levavamos. Aquella belleza de sessenta annos sorria-lhe a esperança de figurar de sultana valida n'algum harem de Marrocos.

Sente-se muito no mar a falta da mulher, é verdade. A brutalidade da disciplina nem é compensada pelo fervor dos affectos. Mas quando por *specimen* dessa bella obra da creação, temos de saudar diariamente uma phisionomia encarquilhada, e uns olhos aonde já morre todo o lume do sentimento, consolâmo'-nos com a nossa sorte, e supportâmos resignadamente a ausencia do bello sexo.

E durou setenta e tantos dias a viagem até Benguella. Supportamos longas e insupportaveis calmarias. Chegou até a não haver que fumar.

O cigarro é a maior e a mais appreciada distracção a bordo. Basta dizer que serve d'antidoto contra essa molestia terrivel, que se chama *spleen*.

Quem não sentiu, em certos momentos, quasi a necessidade da morte; quem não conheceu as melancholias infinitas que nos roubam a consciencia de tudo o que se passa em tôrno de nós, e em nós mesmos; quem se não viu devorado pela saciedade de ser e de sentir, não sabe o que é soffrer. É no mar, é no silencio da noite, quando os olhos vêem o céu confundido com o horisonte, quando apenas, de espaço a espaço, se ouve o brado de *álerta!* que nos acommette com mais fôrça essa vaga tristeza, mysterio profundo da nossa natureza moral, que se não explica, nem se define, que apenas se avalia n'alguns trechos de Byron, n'algumas paginas calorosas de George Sand, n'algumas interjeições eloquentes do *Werther* de Goethe, nas interrogações pungentes dos personagens de Shakspeare, nas dúvidas fataes do *Obermann* de Sénancour, na prosa encantada do *René* de Chateaubriand.

Quantas vezes nos acommette o *spleen*, no meio de um baile, no centro da mais luzida e deliciosa sociedade. Quantas vezes se diz, vendo aquelles grupos animados pela embriaguez do prazer, enlevados na contemplação mutua: «Daqui a cincoenta annos quasi todos dormirão o somno eterno!» E fica-se entregue á

mais pungente abstracção: esquece-se tudo o que nos cerca, vôa o pensamento a essas regiões desconhecidas, onde adormece a nossa vida presente!

Quando se está no mar, é muito mais frequente esta estação dolorosa do espirito. E será talvez uma blasphemia poetica, mas nessas occasiões o cigarro é essencial.

As vantagens do cigarro, a bordo, merecem uma dissertação especial.

(Continúa.) ROCHESTER.

Sociedade Promotora da Industria Nacional.

Programma para a exposição dos productos de industria nacional, que a Sociedade Promotora tenciona apresentar ao público no corrente anno de 1849, *e no local que opportunamente será designado.*

1.° A sociedade Promotora da Industria Nacional convida todos os fabricantes, artistas, proprietarios d'officinas, laboratorios, agricultores de qualquer materia prima, e curiosos de ambos os sexos, tanto da capital como das provincias, nacionaes ou estrangeiros estabelecidos em Portugal, a concorrerem com os productos da sua industria e engenho á exposição que a sociedade pretende apresentar.

2.° A exposição dos artigos de industria, fabricados no paiz, que a sociedade podér obter, será aberta ao público no dia 1.° de outubro proximo, e continuará em todos os dias successivos até ao dia 31 do mesmo mez.

3.° Os fabricantes e artistas, que quizerem concorrer com os productos de sua industria, o farão mandando-os ao local que convenientemente lhes fôr designado, todos os dias não santificados, desde o 1.° até 25 de setembro proximo, das 10 horas da manhã até ás 5 da tarde.

4.° Os apresentantes de quaesquer productos destinados á exposição, receberão, no acto da entrega, um recibo assignado pelo ajudante do secretario, e rubricado por um dos secretarios do conselho administrativo da sociedade, no qual será designado o objecto recebido, de quem recebido, e quaesquer outras clarezas que o apresentante exigir.

5.° Será permittido aos proprietarios de quaesquer productos apresentados, ou a pessoas que para isso elles queiram nomear, o fazer durante a exposição quaesquer explicações que julgarem convenientes, relativas aos respectivos productos; podendo para isso os mesmos proprietarios ou as referidas pessoas, permanecer junto dos objectos que lhe dizem respeito, ou vir quando quizerem ao local da exposição para fazer aquellas explicações.

6.° Se os apresentantes de productos para a exposição julgarem conveniente fazer quaesquer declarações ou observações relativas aos productos da sua industria, mesmo os não apresentados, mas que fabriquem, ou possam fabricar, apresentando-as por escripto, ou fazendo-as verbalmente no acto da entrega, em que se designem seus usos, utilidades e preços (se lhes convier), e mesmo se podem ou não ser vendidos; estas se farão egualmente patentes no decurso da exposição e no relatorio, que desta se publicar.

7.° Os fabricantes ou artistas, que não quizerem que os seus nomes sejam publicados, poderão guardar o anonymo.

Lisboa. — Sociedade Promotora da Industria Nacional, 13 de maio de 1849. — O 1.° vice-secretario, *José Pedro Collares Junior.*

REVISTA DA SEMANA.

O RIDICULO mata o progresso. Ahi vae uma prova palpitante d'interesse e d'actualidade.

Ha em Lisboa um empregado, que tem invencivel repugnancia para as obrigações do seu cargo, e uma tendencia decidida, irresistivel, da fôrça de 50 cavallos, para a creação dos bois e das vaccas. Este pobre homem, em vez de fumar, e compôr charadas, como alguns fazem, pensava horas e horas nos seus estimaveis *ruminantes*, e ruminava lá comsigo um plano de educação, que levaria o boi mais bravo a ler, escrever o seu nome, e praticar correntemente as quatro operações fundamentaes da arithmetica.

Fixadas as idéas sôbre o systema, que devia seguir, resolveu-se o bom do empregado a vender uma quinzena, e com o producto em notas comprou uma vitella, que levou para casa. Oppoz-se a familia á creação; mas o inoffensivo empregado teimou, e fôrça foi que todos cedessem. Creou-se a vitella ao pé da alcova, como poderia crear-se um pequeno, entre mimos e caricias. O nosso amador passava horas a contempla-la, e a ensinar-lhe o alphabeto, de que ella repetia apenas a letra *U*. O facto divulgou-se, desgraçadamente. A vitella era já vacca — toda a visinhança sabia do caso — todos riam a bandeiras despregadas, como faz sempre a gente ignorante, quando o que vê está fóra do alcance das intelligencias vulgares. O riso tornou-se provocador — os insultos foram ferir directamente o coração do naturalista — chamaram-lhe o *Vaquinhas* — e ninguem d'ahí por diante deu outro nome ao desgraçado.

Não teve mais um instante de socêgo. Era o *Vaquinhas* na mesa da secretaria; era o *Vaquinhas* no quartel da companhia; era o *Vaquinhas* na fórma, em casa, no passeio, na cama, no theatro, em toda a parte. O *ridiculo* suffocou todos os seus planos. Interrompeu as lições — nunca mais disse á vacca, que differença havia entre letras *labiaes* e *gutturaes* — abandonou a idéa de lhe ensinar a escrever *amor*, sôbre arêa, com a patinha delicada. Concebeu um plano sanguinario, horrendo, horripilante!... Foi-se á vacca, e matou-a. Esteve quasi — vae não vae — a suicidar-se; mas a vingança? Quem havia de vingar a vacca? Quem havia d'afogar em sangue aquella alcunha detestavel do *Vaquinhas?* O nosso heroe conservou a vida, e passa agora o tempo a scismar *na morte da bezerra* e na sua futura vingança.

Ora aqui está como o *ridiculo* mata o progresso. Quem sabe onde o *Vaquinhas* chegaria se o não obrigam a assassinar a formosa descendente da raça selvagem dos *urus?*

O *Vaquinhas* é como os poetas. Quem sabe onde elles chegariam, se a crítica não pozesse embargos á passagem d'esses milheiros de *huris*, com olhos verdes, azues, amarellos, com cabellos de todas as côres, com sorrisos estranhos, inexplicaveis, inconcebiveis?

O *Vaquinhas* matou a vitella — os poetas mataram as *huris*.

O que ninguem póde matar é a mais bella, a mais poetica das nossas tradições. Façam o que quizerem, el-rei D. Sebastião ha de ser sempre querido e esperado. Na semana passada foram duas damas, segundo se conta, ouvir missa á egreja de Jesus. Estava ao pé dellas um homem, para quem ambas olharam com espanto — era o retrato d'el-rei D. Sebastião. Ambas concordavam na similhança, quando o individuo se aproximou, e lhes disse: — *Não me conheceis?* O reconhecimento foi prompto, como era de esperar, e o sr. rei D. Sebastião, acompanhando-as, estabeleceu a sua residencia na rua da Procissão. Contou-lhes como se refugiára no céu, e como ha vinte annos, saudoso do throno, descêra para a terra, embarcado em uma nuvem. Contou-lhes o que tinha soffrido nestes vinte annos, as campanhas em que entrára como simples soldado, levando comsigo a victoria, porque era invulneravel. Na Asseiceira e no Porto, el-rei D. Sebastião combatia por nós, pugnava pela liberdade d'este povo, que não trocára pelas delicias do céu. O praso da expiação estava determinado. O principe, que os fanaticos esperavam em dia de nevoa, podia emfim empunhar o sceptro, e regenerar o paiz, que só nelle depositava a última esperança de salvação.

El-rei D. Sebastião recebeu visitas de muita gente. Dois marquezes e um conde beijaram a mão a S. M. Fez despachos, deu titulos, abriu generosamente o cofre das graças, e continuaria a cuidar na organisação do exército e da armada sabastianista, se a policia não se lembrasse de intervir, menos-prezando por este modo a auctoridade suprema do monarcha. À vista dos municipaes, S. M., segundo dizem, subiu ao telhado, chamou uma nuvem que passava, e embarcando promptamente, como pessoa affeita a taes viagens, dirigiu-se para o céu, d'onde virá, tarde ou cedo, para nos salvar das garras do orçamento.

Os boatos que circulam a respeito d'el-rei D. Sebastião, distraem, por alguns momentos, a sociedade de Lisboa, que tem á noite, para divertir-se, os concertos de M. Pfeifer, o *Diabo a quatro*, e outras bruxarias mais.

Continúa o público a queixar-se, com muita razão, do preço dos sorvetes. Neve em rama a 45 réis — sorvetes a 100 réis — é uma agiotagem atrevida, que se não deve soffrer. — Os jornaes politicos já fallaram d'isto.

A *Revista* admitte hoje outra vez as charadas nas suas columnas. Fizemos toda a deligencia para excluilas; mas tantas, e taes, tem sido as reclamações, que somos obrigados a ceder, promettendo ordenar os artigos de maneira que ninguem seja prejudicado, por esta disposição.

No domingo começa a feira das Amoreiras. O barão d'Alfenim, que não perde arrayal, nos contará o que achar digno de chegar ao conhecimento dos nossos leitores.

Fr. Gerundio.

BIBLIOGRAPHIA.

Nem tudo o que luz é ouro

PROVERBIO — PELO SR. JOÃO DE ANDRADE CORVO.

Esta obra vende-se pelo preço de 160 réis — Recebem-se assignaturas no escriptorio da *Epoca*, rua dos Calafates, n.º 28, 1.º andar.

O proverbio do sr. Corvo é uma destas composições em que á crítica delicada e espirituosa se une a elegancia de expressão e o primor da linguagem. Estimaremos muito que os nossos assignantes auxiliem a publicação de um livro que lhes ha de por certo agradar.

A Dynastia de Bragança.

APONTAMENTOS PARA A HISTORIA DE PORTUGAL NO PERIODO DECORRIDO DE 1640, ATÉ OS NOSSOS DIAS.

Vae publicar-se brevemente esta obra que, depois de completa, formará um arrezoado volume, e distribuir-se-ha ás folhas de 8 paginas em 4.º portuguez.

Preço, cada folha — 20 réis.

Assigna-se nas lojas dos srs. Lavado, rua Augusta, n.º 8 — e Antonio Maria Pereira, dita rua, n.º 188.

Bibliophilo.

Organisar um repertorio de todas as publicações é o trabalho mais fastidioso e difficil, que póde fazer um jornalista. É preciso ter muita paciencia, para fazer obra completa, consciencioso e util. A redacção do *Bibliophilo* encarregou-se dessa tarefa, e teve a fortuna de publicar um folheto, que tem merecido os louvores de toda a imprensa, e de todos os que alguma cousa sabem de bibliographia.

Este periodico interessa tanto aos homens de sciencia, como ás pessoas que apenas querem ler para divertir-se. Alli se acham classificadas as obras de maneira que é facil saber, em um instante, quaes são as publicações, feitas em qualquer mez, sôbre os diversos ramos dos conhecimentos humanos.

Preço — Anno, ou 12 números — 1$440; semestre — 720; trimestre — 360; avulso — 160 réis.

Nas lojas dos srs. Bertrands, e Lavado.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Lenhos, e qualidades das obras para que são applicaveis.

(Continuado de pag. 80.)

Candeia. — Assim se denomina esta arvore na ilha do Principe, e na de S. Thomé chamam-lhe *Unquené*. Nasce em toda a qualidade de terreno, tem pouca applicação, e rara é a vez que se fazem taboas della, porque não facilita o trabalho, e só serve para construir pequenas canoas. Cresce direita até 80 pés de altura, e a grossura chega a 20 pés de circumferencia.

Gamella. — É o nome que na ilha do Principe dão á madeira desta arvore, e na de S. Thomé chamam-lhe *páu cadella*. O seu taboado é applicado para forro de casas, e da camara dos navios. É muito sugeita a corromper-se, apanhando qualquer humidade; vegeta nos logares pantanosos e incultos, cresce muito direita até uma altura de mais de 100 pés; e o seu diametro chega a 4 pés. Esta arvore produz todos os annos, em

janeiro, umas vages cota-milhosas, de que algumas pessoas fazem colxões, e tambem usam do cotão para torcidas.

Montepasso. — Assim se denomina na ilha do Principe, onde nasce em toda a parte, e na de S. Thomé, que é onde abunda denominam-na *Obá*, serve para construcção de casas; extraem-se grandes pranchões de 45 pés de comprimento, e 3 de largura, com que de ordinario se fazem as pontes na ilha do Principe, e dura mais de 16 annos. Esta arvore produz uma fructa com figura de queijo flamengo, e simillhante, no gôsto, ao genipapo do Brazil.

Popó. — É o nome pelo qual é conhecida na ilha do Principe, e em S. Thomé *Nespra*. Nasce só nos picos com abundancia, e serve só para construcção de casas; cresce até 60 pés de altura, e 8 de diametro.

Uurú. — Só apparece com abundancia nos picos da ilha do Principe. O taboado tem o mesmo uso que o do páu Gamella, e é tambem sugeita á mesma corrupção. A sua altura é de mais de 60 pés, e tem de grossura 5 pés de diametro.

Puriri. — Esta arvore só vegeta nas montanhas da ilha do Principe, e parece ser a que em S. Thomé se chama *Bungá*, porém esta vegeta tambem nos logares cultivados, e em abundancia, em quanto que na primeira ilha ha falta della pelo muito uso que della fazem para construcção de casas e de canoas, cresce a mais de 100 pés de altura, e 8 de diametro.

Batedeira. — Encontra-se com abundancia nos serros das duas ilhas, é de pouca altura, porém grossa, a maior chega a 6 pés de diametros; emprega-se unicamente na construcção de casas.

Mangue Praia. — É bem conhecida em S. Thomé, onde unicamente se encontra, vegeta bastante nas partes situadas proximamente ao mar, cresce a pouca altura, e a grossura não passa de 2 pés.

Possó-fede. — É a denominação desta arvore na ilha do Principe, e em S. Thomé *Páu fede;* encontra-se unicamente nos logares cultivados, onde ha bastante, e de extraordinario comprimento pois excede a 100 pés, e tem mais de 4 de diametro: serve sómente para taboado para casas.

Antonio Liguê. — Assim se denomina esta arvore na ilha do Principe, e em S Thomé *Unhe bobó*, só cresce nos terrenos incultos, porém com abundancia; serve para casas, e principalmente para ripas; o comprimento chega a 100 pés, e a grossura a 3 de diametro, e cresce muito direita.

Marmello. — É o nome pelo qual é conhecida na ilha do Principe, e em S. Thomé *Moindo*, e só nos terrenos incultos se encontra abundancia della; as suas taboas e caibros só servem para construcção de casas, o comprimento não passa de 50 pés, e a grossura de 6 de diametro.

(Continúa.)

CHARADA.

Primeira — tudo o que existe — 1
Segunda — as damas enfeito — 2
E o todo é qualquer dama.
No meu humilde conceito.

J. B. Pacheco Pereira.

AVISO.

Pelos seguintes correios serão remettidas as contas correntes aos senhores commissarios e correspondentes, que ainda não remetteram para a direcção da *Revista* a importancia das assignaturas que tem recebido.

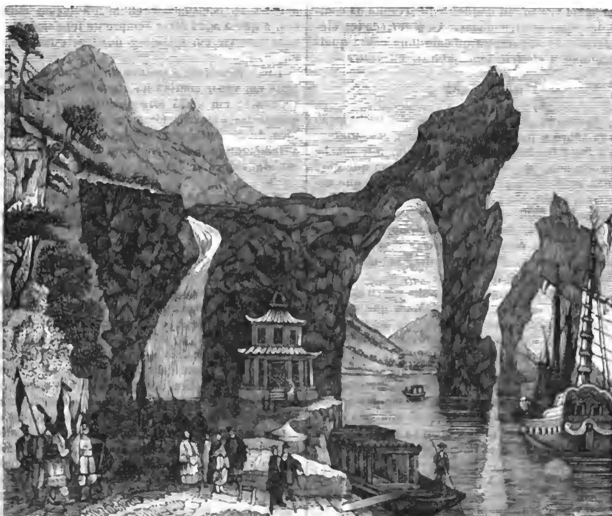
Do n.° 15 em diante suspender-se-ha a remessa aos senhores assignantes, que até á publicação d'esse número não tiverem satisfeito a importancia dos seus debitos.

Por esta occasião a empreza da *Revista* agradece a todos os seus correspondentes e commissarios o interesse que tem tomado pela conservação e melhoramentos d'este jornal, correspondendo em tudo aos desejos e ás esperanças da empreza.





ALGUMAS PESSOAS QUE SE DIRIGEM PARA A FEIRA DAS AMOREIRAS.



Thong-Thing-Chan.

No meio do Thai-hou, que é um dos maiores lagos da China, erguem-se duas montanhas do mesmo nome. Distinguem-se uma da outra pelos vocabulos Leste e Oeste, que indicam a sua posição relativa. A nossa estampa representa a de Leste, de que apresentaremos esta breve descripção, extraída da excellente publicação hespanhola o *Semanario Pintoresco*.

Esta montanha está situada no meio do lago Thai-hou ao sudoeste da povoação de Ouhien (lat. 31°, 23′ 25″—long. 118°, 8′, 55″). O imperador Kien-Long, visitando as provincias do meio dia, em o decimo sexto anno do seu reinado (1751), compoz uma peça em verso, que tem por objecto a descripção dos dezeseis pontos de vista que ella offerece.

Segundo a historia da povoação de Koug-Sou, tem oitô leguas de circumferencia, e é um pouco menor que a montanha Thong-Thing-Chan de Oeste, porém tem muitos pontos de similhança com esta, pela altura dos seus alcantis, pela profundeza dos seus precipicios, e pelas suas producções naturaes: segundo refere na historia da povoação de Hou-hien, Sou-Tcheou-fou, o general Mo-li viveu nesta montanha pelos annos de 581 a 618, e deu-lhe o seu nome; com effeito alguns auctores lhe chamam a montanha de Mo-li; tambem se distingue pelo nome de Siu-Mou.

A parte oriental chama-se Ouchan, ou Montanha do guerreiro; tem legua e meia de circumferencia. Chamavam-lhe antigamente Montanha dos Tigres, porque el-rei de Ou, costumava ir alli caça-los frequentes vezes. Na dynastia dos Thang (618 a 804) foi quando esta montanha recebeu o nome pelo qual ainda hoje se conhece.

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Curso d'introducção á Historia Natural dos Tres Reinos.

121. *Antagonismo dos dois fluidos electricos.*— É claro, em face do que havemos dito, que os *fluidos do mesmo nome se repellem, e que se attraem os de nomes contrarios*,

122. *Fluido neutro.* — Para explicar o desenvolvimento de qualquer dos fluidos nos corpos da natureza, admitte-se que todos elles estão constantemente carregados de *fluido neutro*, ou daquelle que resulta da combinação das duas electricidades. As propriedades electricas tornam-se apparentes quando uma causa qualquer decompõe a *electricidade natural*, ou *neutra*.

MAGNETISMO.

123. *Primeira idéa do magnetismo.* — A attracção exercitada sôbre o ferro, por algumas poucas substancias, é o facto fundamental desta theoria, que recebe na sciencia o nome de *magnetismo*. A materia que gosa em summo gráu da propriedade indicada, é a que antigamente era conhecida pelo nome de μαγνὴς (magnés), e que chamámos hoje *magnete* ou *iman*.

124. *Natureza do iman.* — É o iman um corpo composto, resultado da reunião em certas proporções do ferro com o oxigenio. É como se diz, segundo a *nomenclatura chimica*, um *oxido de ferro*.

125. *Acção do iman.* — Collocando um fragmento de iman sôbre limalha de ferro, notâmos que a limalha adhere por muitos pontos á superficie do magnete. e as particulas de ferro adherem ainda umas ás outras ao redor do magnete.

126. *Pólos magneticos.* — A experiencia ensina, que a fôrça attractiva não é egual em todos os pontos do magnete. Os pontos em que a potencia magnetica mais se desenvolve dizem-se *pólos*. Qualquer que seja o número de fragmentos em que o iman se reparta, cada um delles offerecerá, sem excepção, duas extremidades *polares*.

127. *Magnetisação.* — A propriedade attractiva do magnete póde communicar-se ao aço, empregando certos processos que constituem a *magnetisação*.

128. *Agulha magnetica.* — É por aquelles processos que se podem fabricar imans artificiaes, que consistem pela maior parte em agulhas d'aço, que funccionam como verdadeiros magnetes, e que recebem o nome de *agulhas magneticas*.

129. *Propriedades das agulhas magneticas.* — Se se suspende, por um meio qualquer, uma agulha de modo que possa mover-se livremente no sentido horisontal, notar-se-ha que depois d'um certo número d'oscilações se fixará n'uma posição tal, que se della a affastermos a agulha voltará a occupa-la de novo.

130. *Meridiano magnetico.* — O plano *vertical* que se imaginar passando pela linha que une os dois pólos na posição mencionada é o *meridiano magnetico*, que faz com o *meridiano terrestre* no mesmo ponto da terra um angulo que se chama a *declinação da agulha*.

131. *Attracções e repulsões magneticas.* — Approximando duas agulhas magneticas, livremente suspensas, pelos pólos que se dirigem no mesmo sentido, observa-se uma repulsão: se se approximam pelos pólos contrarios haverá uma attracção.

132. *Denominação dos pólos d'agulhas.* — O pólo da agulha que se dirige para o norte chama-se *pólo austral*; e *pólo boreal* aquelle que está situado d'uma maneira diversa.

133. *Bussola.* — O instrumento que se chama *bussola*, tão util e preciso na navegação, não é fundamentalmente mais do que uma agulha magnetica.

PHENOMENOS METEOROLOGICOS.

134. *Meteoros aquosos.* — Dá a sciencia este nome a todos os phenomenos ou manifestações atmosphericas, a que a agua serve sempre de fundamento. A agua póde intervir em qualquer dos tres estados de aggregação.

135. *Humidade e seccura do ar.* — A quantidade de agua em vapor contida na atmosphera varía consideravelmente: em geral esta quantidade será tanto maior quanto mais elevada fôr a temperatura. Um metro cubico de ar dissolve cinco grammas e 0,66 de vapor á temperatura *zero*, ao passo que a quantidade dissolvida subirá a 31gr.93, quando a temperatura fôr de 30°.

Não é a quantidade absoluta de vapor que se contém na atmosphera, que determina a *seccura* ou a *humidade*. Nos dias amenos do estio o ar parece-nos mais sêcco do que nos dias nebulosos do inverno; comtudo a quantidade de vapor é muito maior no primeiro do que no segundo caso. A humidade e a seccura determinam-se *meteorologicamente* pela quantidade de vapor que o ar contém, e a maxima que póde conter á mesma temperatura. A esta relação chama-se *estado hygrometrico*.

136. *Hygrometros* — São instrumentos destinados a avaliar a quantidade d'agua em vapor, existente na atmosphera. Um dos mais simples e vulgares é o *hygrometro* de *Saussure*, chamado tambem de *cabello*, porque é sôbre as propriedades *hygroscopicas* d'este corpo que se funda a sua construcção. O cabello, contraindo-se ou dilatando-se, faz mover um ponteiro, que marca sôbre um arco de circulo graduado o desvio que a agulha experimenta.

137. *Orvalho.* — Quando o ar está muito humido, o vapor, posto em contacto com corpos frios, passa ao estado liquido.

As gotas d'agua que pela manhã vemos empanarem a face interior dos vidros das janellas são devidas ao vapor que se condensa, tocando a superficie fria. O orvalho tem uma explicação similhante.

A agua em vapor depondo-se sôbre a relva, sôbre as flôres, sôbre as folhas das plantas, resfria e condensa-se.

138. *Nuvens.* — *Nevoeiros.* — A agua nestes meteoros existe no estado particular a que dão o nome de *vesicular*. Julga-se ser então composta de pequenas *spheras*, de pequenas vesiculas. A sua formação é sempre devida ao abaixamento de temperatura do ar humido. As nuvens tomam, como é sabido, aspectos tão caprichosos e variaveis, que a sua classificação é impossivel. Tem-se comtudo distinguido 4 fórmas particulares, que os meteorologistas designam pelos nomes de *stratus*, *cirrus*, *cumulus e nimbus*.

139. *Ventos.* — Os ventos são correntes aerias devidas a que o equilibrio se rompe na massa da atmosphera, em virtude de differenças constantes ou accidentaes na temperatura. A direcção e a *velocidade* dos ventos variam consideravelmente, e são elementos que devem determinar-se na apreciação do clima d'um paiz.

Ha ventos *geraes*, *periodicos* e *variaveis*.

É *geral* o vento *leste* que reina nas regiões equatoriaes. Sopra do mesmo lado constantemente.

São *periodicos* os ventos de *monsão*, que sopram no

mar das Indias, ora d'um lado, ora de outro, segundo as estações.

São *variaveis* os ventos, que reinam sem direcção, nem duração fixa, como por exemplo os do clima em que vivemos.

140. *Chuva.* — Quando o vapor vesicular se transforma em gotas d'agua, estas, caindo da atmosphera, produzem a *chuva*. Avalia-se a quantidade de agua que cae sôbre a terra, por meio d'um apparelho chamado *pluviometro*.

141. *Phenomenos electricos da atmosphera.* — Os raios, o trovão que os acompanha, e a luz que chamâmos *relampago*, são phenomenos meteorologicos, cuja explicação é fundada sôbre as theorias da electricidade. A mais completa analogia existe entre estas manifestações terriveis, e o que se passa nos phenomenos electricos, que podêmos determinar á nossa vontade. É tambem á mesma theoria, que se refere a *saraiva*, que costuma sobrevir quando as nuvens estão carregadas de *electricidade*.

142. *Physica.* — Todos os phenomenos de que acabâmos de tratar, exceptuados os que se estudam na *cosmographia*, pertencem a uma sciencia a que se chama *physica*. Póde esta sciencia definir-se *o estudo das propriedades geraes da materia*, e dos phenomenos que provêm dos 4 *agentes imponderaveis*.

Devemos porém notar, que a physica só estuda os phenomenos que não alteram a natureza dos corpos; considera-os nas suas *acções physicas*, excluindo uma outra serie de phenomenos, e que dizem respeito á composição dos corpos, e que se passam debaixo do influxo d'uma fôrça particular de que adiante fallaremos.

Todos os phenomenos que se passam na atmosphera, a que chamam *meteoros*, taes como os ventos, as nuvens, as chuvas, etc. entram no dominio d'uma sciencia especial — a *meteorologia*.

143. *Constituição chimica dos corpos.* — Pouca reflexão basta para reconhecer que os corpos não são todos constituidos por uma e unica qualidade de materia. Todos sabem que não existe identidade de natureza entre o ferro, o cobre, o marmore, a madeira, etc. Não é possivel hoje extrair do cobre, do ferro, do ouro nenhuma outra substancia de differentes propriedades. Se, porém, submettermos a um calor conveniente um fragmento de marmore, contido n'um destes vasos, que os chimicos chamam *retortas*, desenvolver-se-ha um gaz particular (o acido carbonico), e ficará um residuo de cal. O marmore é pois *composto* de differentes substancias, contém differentes *especies* de materia.

144. *Corpos simples e compostos.* — Os corpos podem, pois, dividir-se em dois grupos — os *corpos simples* ou *elementos*, e os *corpos compostos*, que são formados dos primeiros.

145. *Combinação chimica.* — Quando dois corpos de diversa natureza estão em presença, em circumstancias favoraveis, observa-se que produzem, pela sua união, uma substancia nova, cujas propriedades differem profundamente das que apresentavam os componentes. O *enxofre* e o *mercurio* dão, pela sua união intima, uma substancia d'um encarnado vivo, empregado na pintura, e conhecido pelo nome de *vermelhão*. O acto da formação d'um composto similhante é uma *combinação*.

(*Continúa.*)

ROMANCE.

A trança do Mandarim.

(Continuado da pag. 93.)

Mas o enthusiasmo não se limitou a palavras. Decidiu-se, por acclamação, que a corporação dos barbeiros se apresentasse naquella mesma noite, levando a respectiva bandeira á frente, e com uma formosa illuminação de lanternas, no palacio do mandarim, para lhe fazer os devidos cumprimentos, e offerecer diversos presentes, e, entre outros, uma grande navalha de cabo de marfim, cuja inscripção consistia na data do immortal decreto. Um veterano nas lides academicas, que, por infelicidade de certo, ficára mal em quantos concursos se mettia, e que, desenganado de fazer fortuna pelas letras, entrára na veneravel corporação, foi o encarregado de redigir o papel, que devia ser lido pelo syndico, em nome de todos.

Com effeito, naquella noite viu Siu uma festa tão magnifica, como o mais magnifico funeral.

A numerosa corporação (haviam-se convidado á pressa todos os *collegas* do districto) rompeu a marcha, precedida das bandeiras, e d'uma orchestra terrivel, horripilante, para um europeu — magestosa, deliciosa mesmo, para ouvidos chinezes. Várias tranças, admiravelmente penteadas e perfumadas, iam atadas com fitas a altissimos bambous, que levavam alçados os principaes barbeiros da cidade. Seguiam-se depois os presentes n'um rico andor com elegante docel de seda, e alumiado de riquissimas lanternas. O prestito caminhava na maior ordem; e acompanhado de grande multidão de curiosos, chegou á porta do palacio do mandarim.

Tchi-Kao não tinha sido prevenido daquella alegre e ruidosa demonstração; era uma surpreza que lhe preparavam. Estava ainda á mesa, e acabava apenas de jantar, quando os criados o foram prevenir. O valente general preferira que o não encommodassem a similhante hora; comtudo ordenou que mandassem entrar a deputação, e elle proprio levantou-se, e foi até o vestibulo, com o cachimbo na mão, como quem não estava para muitas demoras.

Depois de um largo murmurio de *tchin tchin*, e de uma pantomima, das mais respeitosas, começou o syndico dos barbeiros a leitura da *mensagem*. O auctor havia-se esmerado; a *mensagem* era escripta em alentados versos, e n'uma rhyma muito harmoniosa — diz a tradição chineza, note-se bem — e não admira — a respeitavel classe dos barbeiros conta em seu gremio um número consideravel de *excellentes* poetas.

Infelizmente, não nos foram conservados pela historia esses versos magnificos; porque Tchi-Kao, tão famoso estrategico, que tinha provado ser nas suas gloriosas campanhas, como pouco amante da litteratura, interrompeu a leitura no ponto mais pathetico, e dirigindo-se á deputação, disse, já se sabe em prosa:

— Meus bons amigos, muito folgo que vos apraza o decreto. O meu secretario me lerá esses versos. Quanto á vossa navalha, acceito-a de bom grado; e se cortar

melhor que as minhas, prometto que me hei de servir della. Entretanto, voltae tranquillamente para casa; não vá a vossa alegria perturbar o socêgo público. O meu dever é velar pelos interesses de todos, e estas demonstrações, sempre um pouco irregulares, não são necessarias. A intenção é bôa, mas assim perdeis o tempo, que é tão precioso. Ide barbear, meus amigos; haveis de ter muito que fazer; e eu estimo muito.

Depois desta breve alocução, em que o mandarim provou ter mais juizo que eloquencia, retiraram-se os barbeiros, gritando ainda:

— Viva Tchi-Kao, o victorioso!

O general, esse, tornou a accender o cachimbo, que por mais infelicidade se apagára, e voltou para os seus aposentos, onde em breve uma chicara de optimo chá lhe fez esquecer as suas fadigas oratorias. É que tambem nunca fallára tanto depois de jantar.

Como promettêra, deu a poesia dos barbeiros ao secretario A-Tchi, que, de inveja talvez, a metteu para a pasta sem a ver. Com effeito, que pessimo dia era aquelle para o bom do secretario — um decreto sem ser feito por elle — e versos que elle não se julgava capaz de fazer. Que humilhação para o grande engenho chinez!

Logo no dia seguinte áquelle em que se affixára o edital, cada um tratou de se habilitar a ganhar o premio dos cem taeis. Os *janotas* de Siu, mancebos a quem se não referia a allusão do decreto, e que sempre haviam dado a maior attenção ao cabello, tinham naturalmente grande vantagem sôbre os outros; com as tranças elegantemente descaídas pelas costas abaixo, appareciam todos soberbos nos passeios e logares públicos, e o seu porte arrogante, muitos o tomavam como uma especie de desafio.

Mas as ambições nascentes nem por isso eram menos violentas, e as tranças, despresadas até então, as tranças do *dia seguinte* aspiravam egualmente a descer o mais baixo possivel. As lojas dos barbeiros estavam sempre atulhadas. Fazia-se empenho para apanhar os primeiros logares; nas ruas onde os havia era um concurso numeroso; os barbeiros não tinham mãos a medir: e olhem que cada vez havia maior número delles, porque o officio tornára-se dos melhores; no fim do primeiro mez, finalmente, podia-se affirmar com exactidão, que metade da cidade barbeava a outra metade.

Mas a navalha só não bastava; eram necessarias essencias, pomadas, unguentos, para apressar o crescimento dos cabellos, e dar-lhe grande lustro. Appareceram então pelas esquinas cartazes grandes, pequenos, encarnados, pretos, azues, ornados de vinhetas, etc. annunciando a descoberta e as maravilhosas virtudes d'uma nova pomada: — Comprem o meu unguento que é o melhor, dizia o barbeiro Ayo. — Experimentem a minha pomada d'urso, dizia outro. — Não creiam nessas bugigangas, accrescentava ainda outro, são armadilhas ao dinheiro; não ha nada melhor do que a minha essencia de dragão; é a de que usa Tchi-Kao. — A agua de Sou-Tchou é ainda digna da sua merecida reputação; quem a pretender deve declara-lo quanto antes, porque vae faltando, em consequencia de haver muitas encommendas della para a côrte imperial e celestial. — Última perfeição! maravilhoso invento! pomada *brilhante* para fazer crescer o cabello em poucas horas, etc. etc. Emfim era uma alluvião de prospectos e de cartazes de toda a especie, e um cheiro de pomada por toda a cidade, que tresandava.

(Continúa.)

O Spleen e a Medicina.

(DIALOGISMO.)

. . . .

«A TUA sciencia, doutor, é um empirismo ridiculo — o teu saber serve apenas para conheceres a impotencia dos teus remedios, e a insufficiencia dos teus conselhos! Olha-me; vês-me gordo como um conego, forte como um marinheiro, com a physionomia despreoccupada, e quasi risonha — adivinhas por acaso o que sinto cá por dentro? As luctas penosas, as dúvidas crueis, que me transformam n'uma especie de cadaver ambulante, para quem o mundo real é apenas uma miseravel comedia, cujo desenlace a imaginação adivinha? Viste n'outro dia aquelle rosto angelico, pallido como uma madona de marmore, de labios descórados, com o seu pescoço de cysne debruçado sôbre o tronco, como a haste do lyrio inclinada ao sôpro do vento, e disseste comtigo: — São os derradeiros fulgores da vida! — És um imbecil! Aquelle homem cria na vida, cria na felicidade, cria nos prestigios do mundo; sonhava com o amor da mulher; tumultuava-lhe a cabeça em pensamentos de ambição; innundava-se-lhe o coração de sentimento e d'affecto — abandonava a existencia, cheio de crença e d'esperança, rasgavam-se-lhe as nuvens do céu, e via apparecer-lhe a imagem consoladora d'um côro d'anjos e seraphins! E todavia — elle está pthysico, e morre; eu estou robusto, e vivo: elle crê, e eu duvido; elle espera, e eu resigno-me; elle vê o céu, e eu vejo o nada; elle despede-se da vida n'um suspiro d'amor e de saudade, e eu hei de descer ao tumulo com um brado de maldição e de blasphemia! — Doutor, apalpa-me o pulso, e vê como elle bate descuidoso das amarguras do meu cerebro! Vê como o sangue mente ao coração! Sou eu que estou pthysico, pthysica moral que se não attenua, nem se remedeia!»

O doutor ouviu em silencio esta apostrophe solemne. Estendeu-se gravemente na poltrona, aspirou com delicias um rôlo de primoroso havana, affagou com contentamento o seu dilatado *abdomen*, e proferiu apenas uma palavra breve, mas ironica como o riso estridente de Mephisetophles soando aos ouvidos maravilhados de Fausto:

— Casa!

Tive tentações de o esganar.

— Doutor maldito, bradei eu com desespêro, julgas acaso que te interrogo, que te peço um allivio, que espero de ti esses serviços venaes com que dominas a pobre humanidade?

O doutor teve o bom senso de não responder. Abriu desenfastiadamente a bôcca, espreguiçou-se na poltrona, e sacudiu pacificamente a cinza do charuto, que caíra sôbre a sua casaca preta.

Eu tornára a mim. Desci da exaltação ao abatimento. Amuei como uma creança de oito annos, e accendi um cigarro para disfarçar o meu despeito. O cigarro dá ás

vezes uma certa gravidade aos padecimento d'alma. Fumando é impossivel fazer caretas, salvo se é máu o tabaco. O cigarro, como diz George Sand, ajuda a digestão do espirito.

— Para que exiges tu da vida mais do que ella póde dar? disse o doutor depois de um prolongado silencio. Para que sonhas tu com affectos que não existem, para que consomes a alma nas tristezas infinitas do ideal? Olha bem! Ha dois typos que te devem fazer esquecer esses tresloucados pensamentos — o Fausto e D. João. O homem que, pela sciencia, chega ao desespêro; o homem que, pelo prazer, se vê face a face com a saciedade! Vive como os outros: acceita o teu destino, e quando morreres, consente até que um padre te prepare para esse dia do juizo final, que inspirou a imaginação sombria de Miguel Angelo!

Dei uma gargalhada, metade de colera, metade de desdem.

— Queres, animal semsabôr, que eu me resigne ás delicias do *pot-au-feu?* Sabes acaso o que é ser artista? Diz a Khean, estudando o papel de Ricardo III — repetindo aquelle dito sublime: «O meu reino! o meu reino por um cavallo!» que discuta gravemente com o *maitre-d'hotel* os intermedios d'um jantar:

«Queres que te diga? Admiro profundamente as virtudes d'uma dona de casa, que sabe aonde se vende a manteiga mais barata, o retroz mais lustroso, que embala suavemente os seus pequenos, e que vem esperar de castiçal na mão *o seu homem*, honesto mercador que se divertiu todo o dia a medir varas de fazenda, e que sae da botica de jogar o gamão, e de comprar chá de marcella, para alguma colica imprevista! Ata-me a esse symbolo do casamento, e verás se não me suicido no fim de dois mezes! Olha bem: o casamento é um programma virtuoso, mas é estupido como a musica d'um *divertissiment* improvisado: a felicidade não está no fundo d'um cesto de costura!

— Aonde a queres tu então encontrar, se todas as ambições, se todas as vaidades, se todos os sentimentos não bastam a satisfazer o teu orgulho insaciavel?

«Gostas da poesia? Ahi vou repetir uns versos de Alfred de Musset, e oxalá te produzam o effeito d'um xarope de dormideiras!

Tout nous vient de l'orgueil, même la patience:
L'orgueil, c'est la pudeur des femmes, la constance
Du soldat dans le rang, du martyr sur la croix.
L'orgueil, c'est la vertu, l'honneur et le génie;
C'est ce qui reste encor d'un peu beau dans la vie
La probité du pauvre et la grandeur des rois;

— Bôa consolação na verdade! É uma ventosa sarjada, que não minora a agonia do doente! Soffro, que me importa saber o como, e o porque? Peço que me salves, e tu vens repetir-me os logares communs d'uma intelligencia exacerbada? Respondo-te com este trecho *melancoliquement bête*, como já disse George Sand:

Le bonheur et le malheur
Nous viennent du même auteur,
Voilà la ressemblance;
Le bonheur nous rend heureux
Et le malheur malheureux
Voilà la différence.

«É d'uma grande consolação este aphorismo philosophico! É um *recipé*, que vale menos do que todos os teus *recipès*, e nisto faço-lhe o elogio mais funebre, que me podia fornecer o genio das hyperboles contemporaneas!

(Continúa.) ROCHESTER.

POESIA.

(N'UM ALBUM.)

Se eu gósto de ver a aurora
D'além os montes surgindo,
O céu e a terra tingindo
Com a sua rubra côr,
Aos viventes dirigindo
Um doce, meigo sorriso;
É porque a imagem diviso
De teu sorriso de amor.

Se das estrellas eu amo
A serena, branda luz,
Que tão limpida reluz
Pelas noites de verão;
E que aos humanos conduz
Doce raio de ternura;
É porque a tua brandura
Eu vejo nesse clarão.

E se folgo ver da noite
Esse meigo astro de prata,
Que tão bello se retrata
Na agua mansa d'um ribeiro;
Aquelle rosto que mata
Co' a sua rara lindeza;
É porque finge a belleza
De teu semblante fagueiro.

Se prazer meu peito sente
Quando o sol vejo surgir,
E pela terra espargir
Fulgurantes raios de ouro,
É porque vejo luzir
A imagem no céu de anil
De teu semblante gentil,
Que vale o melhor thesouro.

Se dos montes, valles, gósto
Os echos todos chamar,
Com elles todos fallar
Dos meus affectos maiores;
É porque julgo escutar
A tua voz, que me diz,
Que sempre serei feliz
Com os teus puros amores.

Se me deleita o perfume,
Que na quadra mais formosa
Exhala o jasmim e a rosa;
É porque penso que aspiro

Da tua bócca mimosa
O halito puro e fragrante,
Que lanças em teu amante,
Apoz um doce suspiro.

E se me enleva tambem
Estar á beira do mar,
As ondas todas mirar;
É porque se me afigura
Em cada uma divisar
A tua imagem singela,
E formosa como a estrella
Que lá no céu mais fulgura.

Os encantos, pois, que off'rece
Da aurora o doce sorrir;
Das estrellas o luzir;
Os echos; a meiga lua;
O sol; a vaga a fugir;
E das flóres o perfume,
Tudo, tudo emfim resume
Encantos, belleza tua.

M. A. L.

Cholera.

M. Pauwels apresentou recentemente á academia um livro sôbre a *cholera*, de que fez uma resumida analyse, nos termos seguintes:

«Depois de ter demonstrado que existia um *miasma*, a que chamei *cholerico;* depois de ter estudado a sua origem, natureza, e propriedades, procurei reconhecer a influencia d'este miasma sôbre a organisação. Apoiado sôbre factos observados nos hospitaes de París, e em outras localidades, reconheci, por uma inducção logica, que o *miasma cholerico* opera uma alteração profunda no sangue de cada individuo; que esta alteração, resultante de certas propriedades chimicas do miasma, se traduz pela neutralisação, mais ou menos absoluta, das partes alcalinas, ou ammoniacaes do sangue; que, desta neutralisação d'um principio essencial, resultam consequentemente todos os symptomas que a medicina tem reconhecido nesta epidemia.»

Daqui conclúe, que o principio ammoniacal empregado por aspiração, ou por outros meios, deve ser considerado como o melhor e o mais efficaz dos antidotos.

Envenenamento pelo fumo do tabaco.

Um rapaz de dezesete annos, das visinhanças de París, tinha ido — ha pouco tempo — visitar um tio, que era carreiro d'uma quinta, onde tinha por quarto um casebre estreito e pouco arejado. Deitou-se o sobrinho ás oito da noite, e adormeceu profundamente. Pouco depois entrou o tio, com dois companheiros, e demoraram-se todos, fumando sempre, até á meia noite.

A esta hora a atmosphera estava toldada de fumo. Os dois companheiros retiraram-se, e o carreiro foi-se deitar. Ao entrar na cama achou frio o corpo do sobrinho. Grita — acode gente, e fazem-se durante quatro horas os maiores esforços para reanimar o moribundo. Emfim, chega um medico; por suas diligencias o doente sae do lethargo, mas, poucas horas depois, uma congestão cerebral terminava a existencia do pobre mancebo.

Novo photometro.

M. Bunsen é o inventor d'um novo photometro (instrumento que serve para avaliar a intensidade de qualquer luz) em que se encontram qualidades excellentes. Segundo dizem, é instrumento commodo para comparar o valor de dois gazes, para experimentar duas alampadas, etc.

Este instrumento reduz-se a um alvo de papel, empregnado em toda a sua extensão, excepto no centro, por uma solução de *spermaceti* em *naphta* rectificado. Collocando uma véla, por exemplo, detraz d'este alvo, a luz é transmittida de maneira, que facilmente se percebe qual é a parte não impregnada. Collocando, adiante do alvo, outra luz, e affastando ou approximando a primeira, haverá uma posição em que toda a superficie do alvo se figurará *uniforme*. Substituindo outros fócos ao primeiro, obter-se-ha a *uniformidade* em diversas distancias — as intensidades estarão entre si como os quadrados destas distancias.

Affirma-se que este photometro é superior aos antigos, porque dá resultados mais exactos, e com bastante facilidade.

Consumo do chá na Inglaterra.

O chá foi introduzido na Inglaterra em 1666. Produz hoje para o thesouro britannico 4.000,000 de libras sterlinas, incluindo os direitos do assucar com que o adoçam. O consumo annual corresponde a dois arrateis por cabeça.

REVISTA DA SEMANA.

A multidão apinha-se nas ruas da feira. Clero, nobreza, e povo, passeiam socegadamente, divertem-se em ver bonecos d'Allemanha, fabricados na rua das Taipas, e saboream queijadas de Cintra, que nunca passaram pela Charneca, nem pela estrada de Oeiras.

Ha grupos. A aristocracia reune-se nas barracas melhores, e acceita os cumprimentos — um pouco livres — da eterna Francisca, e da pallida Julia. A burguezia, que leva creanças, compra tambores, anneis e bonecos, e vae para casa carregada de *bonitos*. Os devotos de Baccho devoram pescadinhas, e *perdem o equilibrio das idéas*, como diz com muita graça o sr. Amorim, depois de copiosas libações do mais detestavel *mata-ratos*. Tudo faz bulha. Ouvem-se diversas orchestras. Além sôa o pandeiro — aqui o realejo — mais longe a viola — para este lado canta-se o *pirolito* — as rebecas desafinam — os cegos grazinam — os rapazes guincham — os homens das bilhas apregoam *agua fresca* com uma entonação endiabrada — os pregoeiros vendem a *California* — os poetas tapam os ouvidos — e o auctor do

poema, que ouve os seus versos estropiados, chama de parte o vendilhão, e reprehende-o severamente, em quanto um garóto azougado lhe vae sacando da algibeira o lenço domingueiro. Tudo se agita, ha um clamor geral, um motim que ensurdece. No meio de tudo isto (disparate dos disparates!) ouve-se a musica do 16 a tocar o Macbeth! Pobre Verdi!..

O Macbeth fez *fiasco* na feira. *É o funeral de el-rei D. Affonso Henriques*, dizia com certo ar de sufficiencia um entendedor d'arrayal. *É gravesinha, mas não é bonita*, dizia um avaliador mais modesto, com certas demonstrações de que não estava satisfeito.

Em um grupo, mais perto da musica, explicava alguem o que era a musica livre e a musica obrigada. «Quando elles fazem muita bulha, dizia o *sentencioso*, cada um toca o que quer. Quando a musica é *brandinha*, a culpa não é delles, é do mestre que os obriga a tocar pelos papeis.

Além da feira, e do amúo ministerial, poucos mais acontecimentos notaveis occorreram na semana. O Epaminondas conseguiu emfim o diploma de continuo. O Romualdo enterrou-se no quintal da *União*. O Braz Tizana revelou um segredo de familia, e recobrou o *espirito* com os *ares de trovoada*. O Ashaverus, de partida para Coimbra, prepara um folhetim monstro, que ha de fazer na China um motim espantoso. O doutor X analysa a *Hyperemia*, tarefa que eu para mim não quero, porque me causou nojo a leitura do tal opusculo. O *Esculapio* dá no *Observador*. O *Observador* dá no *Esculapio*. O barão d'Alfenim dá nos homens da neve. O *Pharol* dá em todos, e do alto do seu throno distribue diplomas, que os collegas acceitam murmurando. Entretanto o folhetinista do *Estandarte* rega as suas flôres. O Rochester amarra os janotas no pelourinho da *Revolução* — e a *Revista Universal* dorme a somno sôlto entre um annuncio do Plantier, e uma receita para matar percevejos.

Os redactores escrevem ... escrevem ... escrevem. Os compositores compõem; os impressores fazem gemer os prelos; os correios transportam as producções com uma velocidade *admiravel*; os assignantes de provincia (com honrosas excepções) instruem-se e pagam... Admiravel podêr da imprensa!

O auctor do *vinagre aromatico*, aconselha o seu vinagre para todos os males da alma e do corpo. O auctor de um remedio contra as scrofulas, offerece-se para ser procurador de causas perdidas. A camara municipal manda regar as ruas por onde passam os camaristas em dias de vento. Mr. de Vitry imagina todas as tentações possiveis para convidar os freguezes, e, cançado de os chamar em prosa, vae dizer com Fattet

Jam licet venias, marite,
Uxor in thalamo est tibi,
Ore floridulo nitens.

O traductor de *Jerôme Paturot* obriga V. Hugo a dizer uma sandice na primeira scena do primeiro acto de Hernani.

Diz D. Carlos:

Et reçoit tous les soirs, malgré les envieux
Le jeune amant sans barbe, à la barbe du vieux.

O traductor escreve o seguinte:

Recebe das invejas em despeito
O moço imberbe d'alvejantes barbas.

Victor Hugo, apezar dos 117,000 votos dos seus compatriotas, não resiste de certo á notícia d'esta estropiação escandalosa, que só tem rival na seguinte epigraphe:

Le excex de modestie et un excex de orguil.
(Chenier.)

Os barbeiros e cabelleireiros modestos, que não inventaram a pomada d'urso, pedem aos seus freguezes chronistas, que os recommendem nas suas revistas. O barão d'Alfenim recommenda a casa d'Araujo e Comp.ª, e eu, para que se faça justiça, peço para a casa de Pires e Comp.ª seis mil e quinhentos freguezes, desejando que outros tantos possua na sua clientela o *afilhado do barão* de Alfenim.

Annuncia-se um novo jornal — *O Globo* — que promette fazer toda a diligencia para alcançar notícias das várias partes do mundo. Importa em seis mil réis annuaes. A empreza fará bem se apresentar como prospecto o primeiro número do seu periodico. Quasi toda a gente desconfia dos prospectos, e tem muita razão.

Acabâmos esta revista com uma declaração. O individuo a que allude a anecdota referida na chronica última, segundo nos informa um amigo, é intelligente e assiduo empregado. Seja-lhe feita justiça. A creação das vitellas nada tem com a redacção das portarias.

Fr. Gerundio.

BIBLIOGRAPHIA.

Diccionario italiano e portuguez.

É reconhecida a falta de um diccionario daquella lingua; porque apenas possuiamos o do sr. Costa e Sá, que infelizmente é já bastante raro. A empreza pretende remediar esta lacuna, publicando um novo diccionario, cuja confecção é de esperar seja confiada a pessoa intelligente. Sáe ás folhas — assigna-se nas lojas do costume.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Considerações ácérca da alimentação do nosso gado, e do regimen especial do verde para o cavallo.

(Continuado de pag. 88.)

É conveniente este regimen a cavallos arruinados por prematuros serviços, e que ainda novos se teem tornado *marasmodicos*; assim como a todos que emagrecem sem causa apparente. Reclamam-no os que estão nos casos pathologicos que já apontamos e os que sem estarem doentes, ou estando em convalescença, tem o habito contrahido de muitos annos; finalmente todos aquelles em que os effeitos immediatos assegurem seu bom emprego, a fim de quando mais não seja alcançar-se uma salutar refrigeração. O verde é *contra-indicado* nos velhos cavallos, peculiarmente quando tenham estado quasi ao uso exclusivo de sêcco, desde a juventude. E na verdade produzindo um effeito relaxante geral, que embora contenda pouco com a fibra dos novos cavallos, pois esta em breve adquire a tensão e energia perdida — ataca com-

tudo e mui notavelmente a dos velhos, que subsistindo debil e atonica, dá margem á manifestação de enfartes e depositos serosos, constituindo hydropesias de consideração, e quasi constantemente uma sollura de ventre, que é difficil deter, e que muito os extenua e enfraquece. Todavia ha alguns factos, que mostram convir-lhes, sôbre tudo se estão já n'um grande habito d'este regimen; mas então, para assegurar bons effeitos e principalmente para evitar a diarrhea e grande prostração, convem dar-lhe o verde, por algum tempo, de mistura com a palha, e nunca levantar-se completamente a ração do grão. Se o verde convem pouco aos cavallos idosos, pelo facto da debilidade de seu organismo; é claro que não convirá áquelles ainda que novos, mas que estejam em eguaes circumstancias, por effeito de algumas molestias. Assim é repugnante sempre ás hydropesias e ás doenças chronicas asthenicas, por isso aggrava muitas vezes o mormo, lamparões e velhas ulceras. — Dizemos muitas vezes, e não sempre, porque ha factos de curas espontaneas de mormo chronico, corrysas renitentes e lamparões; abandonando estes animaes ao verde em prado. Estas molestias originadas ou aggravadas pelas cavallariças humidas e sombrias, pelo uso de máus alimentos e excessivos trabalhos, circumstancias assaz insalubres; é de presumir que desappareçam pelo melhor penso, respiração de ar mais saudavel, e pela liberdade e influencia vitalisadora da luz [1], circumstancias altamente animadoras e hygienicas — inteiramente oppostas ás que tinham motivado taes molestias — e que elles sobejamente fruem, soltos nos prados.

CASOS MORBIDOS QUE PODEM DAR-SE QUANDO MESMO ESTEJA INDICADO O REGIMEN.

São congestões sanguineas no cerebro, polmão, e os tecidos vivos do pé, etc., originando *vertigens essenciaes, pneumonitis, podo-phleugmatitis (aguamentos)* etc.; isto peculiarmente em cavallos que, já de si sanguineos, teem — pelo muito que hão comido, e descanço em que estão — tomado sangue em demasia. A plethóra é então uma perigosa predisposição, a que basta o progressivo calor da estação ou movimentos mais esforçados — que perturbem e precepitem o curso do sangue — para a realisar e converter em taes achaques. Logo que o exame do pulso e a evidente replecão das veias apparentes, denunciem aquella predisposição, convem dar menos de comer, e sangrar: evitam-se assim males, para os quaes a therapeutica nem sempre é infallivel recurso. Se por desattenção a estes perceitos prophylaticos, os primeiros symptomas se manifestarem, a sangria e a dieta são ainda as principaes indicações, mas torna-se logo indispensavel a presença do Veterinario.

(Continúa.)

ANECDOTA.

Certo general, inventor de novas figuras geometricas, como o circulo bicudo e o quadrado oblongo, estava ha poucos dias em uma reunião, e ouviu que alguns officiaes subalternos se queixavam da irregularidade dos pagamentos. «Não sei porque se queixam, disse o illustre general (que tem uma avultada gratificação), eu intendo que um alferes póde vestir-se, e sustentar-se decentemente com oito mil réis mensaes.»

O distincto official, um pouco esquecido do tempo em que foi subalterno, julga que o dinheiro é algum circulo, que se prolonga por meio de bicos.

Á vista d'isto não admira que um patriarcha dissesse, ainda não ha muitos annos, que o soldado, com dois vintens, podia todos os dias comer galinha.

1 «Este estimulante natural, diz Grognier, é mais do que «hygienico, é um remedio nas doenças atonicas, tendo sua sede «no systema lymphatico; é o que explica a cura espontanea de «cavallos *mormosos, laparosos* e *arestinados*, que se teem aban-«donado á natureza, pelo estio, em cerrados pascigosos.»

Para estes effeitos cremos provavel, que, não só entre á contribuição a sua propriedade excitante — que torna mais activa a vida como que amortecida nestes individuos — mas tambem sua acção chimica, que torne o sangue mais globoloso, vermelho e excitante, e substitua a preponderancia lymphatica — em que aquellas molestias assentam — pela sanguinea e nervosa com que são quasi incompativeis. Por quanto a luz, cujo podêr chimico redotor é incontestavel na respiração dos vegetaes, póde, como crê Buchardat, produzir o mesmo na dos animaes, determinando ahi a reducção do ferro oxidado que vem dos alimentos, em ferro simples, para — combinando-se com principios organicos — formar a *hematina*, que caracterisa o globolo sanguineo-vermelho, e originar por isto uma maior cópia destes, á qual anda ligada a energia de constituição e actividade vital, como resulta das investigações de Andral e Delafond.

ANNUNCIO QUE SE ACHA NA ESQUINA D'UMA RUA DO BAIRRO ALTO.

O Cucinheiro doda mancio o campo de Santana o Pedo chafaris enPresta dinheiro Sobre ourro o Prata Por Preço munto comodo.

CHARADA.

Isto é um charadista — 1
A quem sirvo de limpeza: — 2
Isto seja quem as damas
Trata mal e com rudeza

ENIGMA.

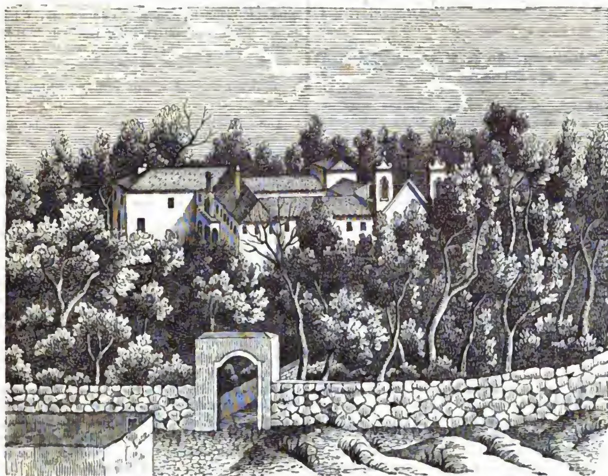


EXPLICAÇÃO DO NUMERO ANTECEDENTE:

Charada — Serpente.

AVISO.

Tendo entrado no prelo a primeira folha do *Almanak Popular para* 1850, contendo o calendario (com indicação dos dias *de jejuns, procissões,* etc.), pede a empreza aos senhores correspondentes, e a todas as pessoas que quizerem mandar alguns artigos, ou documentos interessantes, para o *Almanak*, que tenham a bondade de os enviar com a maior brevidade ao sr. Joaquim Henriques Fradesso da Silveira — rua de S. Bento, n.º 114.



Borba.

A MEIO quarto de legua da villa de Borba (a Cintra do Alemtéjo), para o meio dia, e nos limites da freguezia de Nossa Senhora do Sobral, existe o convento, outr'ora de religiosos capuchos da extincta provincia da Piedade, chamado o convento de Nossa Senhora da Consolação, do Valle.

Foi o edificio fundado no anno de 1505, pelo serenissimo duque de Bragança, D. Jayme. O mesmo senhor mandou correr um extenso muro, ficando-lhe dentro o antigo bosque, assim como jardins e horta. O convento fica no meio da cêrca, com entrada espaçosa e livre, acompanhada de paredes e arvores para a parte do poente; o bosque fica ao meio dia e nascente (como mostra a estampa), e a horta e jardins do lado opposto. De suas janellas e varandas se gosam lindas vistas, e um vasto panorama.

O bosque é muito grande, e tão povoado de diversas e antigas arvores, que se não é por suas largas e numerosas ruas, não ha podèr rompê-lo. A maior parte é composta de folhado, freixos, medronheiros, mosqueiros, carvalhos e immensidade de loureiros, afóra a muita diversidade d'outras arvores, creadas todas onde nascem, sem outro beneficio, nem alguma ordem. Em parte onde a espessura do arvoredo não é tanta, e deixa penetrar os raios do sol, a terra se reveste de odoriferas flores, sendo em maior abundancia as violetas.

Uma cousa tem este bosque digna de reparo, e é, que com ser muito denso e sombrio, não se cria dentro delle animal algum venenoso ou peçonhento. É grande o número e variedade de passarinhos, que em todo o anno alli permanecem.

Este bosque tem 4 ermidas: 1.ª — a da Conceição; 2.ª — a da Senhora voltando com S. José, e o Menino, do Egypto; 3.ª — a do Calvario; 4.ª — entre arvores tão antigas, que parece tiveram principio com o mundo, e tão altas que affrontam as nuvens, é a de S. Jeronymo.

Tem 4 fontes — a de Santo Antonio, tão copiosa, que não basta a horta para receber as suas aguas, por isso vae fazer fartas outras hortas e terras distantes; a de S. Francisco; a do Sacramento, ou S. Pascoal; e a de S. Pedro; estas duas últimas já estão na horta. Nesta casa viveram e morreram grandes homens em letras e virtudes.

A descripção que os nossos leitores acabam de ver, e o desenho, de que se serviram os gravadores, foram offerecidos ao director da *Revista* pelo ill.mo sr. José Casimiro Fragoso Serrano. Agradecemos sinceramente esta offerta. Pena é que os nossos assignantes de provincia, vendo os esforços que fazemos para apresentar vistas de Portugal, não queiram auxiliar-nos com alguns desenhos, e com algumas notícias interessantes, que se não acham nos livros.

A preguiça, incontestavelmente, é o vicio dos portuguezes,

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Curso d'Introducção á Historia Natural dos Tres Reinos.

146. *Affinidade.*—A combinação suppõem uma união intima entre as moleculas dos componentes; esta união é indespensavelmente devida a uma fôrça. Os chimicos chamam-lhe *affinidade*. Destingue-se esta fôrça da *cohesão* (que tambem, como já se disse, se exerce entre moleculas) em obrar sempre sôbre moleculas *heterogeneas*, ou dessimilhantes, dando origem a corpos que differem essencialmente dos seus componentes — em quanto a cohesão reune moleculas *homogeneas* simples, ou já compostas pela acção da affinidade. A cohesão aggrega as moleculas simples do ouro, ou as compostas do marmore; a affinidade une os atomos da *cal* com as do *acido carbonico*, para dar origem ás moleculas compostas do marmore.

147. *Moleculas integrantes — moleculas constituintes.* — As moleculas são *integrantes* ou *constituintes*. As do enxofre e do mercurio, em relação ao vermelhão, são constituintes; as do vermelhão, que a cohesão reune para dar origem ás massas diversas desta substancia, são integrantes.

148. *Decomposição.*—Assim como, pela combinação, dois ou mais elementos podem originar um corpo composto, assim o processo inverso, ou a *decomposição*, resolve a substancia composta nos seus componentes. Para operar a *decomposição* é necessario vencer a affinidade.

149. *Corpos simples.* — Reduzem-se hoje todos os corpos a combinações várias, mais ou menos complicadas, entre 61 substancias simples, ou *elementos*. Dividem-se estes, para facilidade do estudo, em duas grandes classes — os *metaes* e os *metalloides*.

150. *Metalloides.* — Os metalloides são os seguintes: — *oxigenio, hydrogenio, silicium, boro, carbone, phosphoro, enxofre, selenium, chloro, bromio, iodo, azote* e *fluor*.

151. *Metaes.* — São hoje em número de 48; são corpos dotados d'um brilho particular, que se chama *metalico;* são bons conductores do calorico e da electricidade. Os seus nomes são, por ordem alphabetica, os seguintes: — *aluminium, antimonio, arsenico, barium, bismutho, cadmium, calcium, cerium, chromio, chumbo, cobalto, columbium* ou *tantalo, cobre, didymium, erbium, estanho, ferro, glucinium, iridium, lantanium, lithium, magnesium, manganezio, mercurio, molybdeno, nickel, niobium, osmium, ouro, palladium, pelopium, platina, potassium, prata, rhodium, ruthenium, sodium, strontium, tellurio, thorium, titano, tunsgsteno, uranium, vanadium, yttrium, zinco, zirconium.*

152. *Chimica.* — A parte da philosophia natural que estuda os phenomenos immensos e variados, em que a affinidade representa o principal papel, é a *chimica*. Esta sciencia, conhecida imperfeitamente desde a mais remota antiguidade, cultivada na edade media debaixo do nome célebre de *alchimia*, tomou um logar distincto entre os conhecimentos humanos. Desde os fins do seculo XVIII até agora não tem cessado de alargar o seu dominio, e de enriquecer-se todos os dias com descobertas importantes, e hoje com razão é considerada como uma sciencia preciosa, pela luz com que illumina uma infinidade de questões da natureza, e pelos soccorros quasi inexhauriveis que presta a todas as industrias.

ESTUDO ESPECIAL DOS CORPOS TERRESTRES.

153 Postos os preliminares que acabo de expôr, estabeleçâmos uma nova divisão entre os corpos que se acham no nosso globo,

154. *Corpos organisados e corpos inorganicos.* — Nenhuma distincção entre os corpos é tão conhecida de todos, como a de *corpos organisados* e *inorganicos*. As differenças, de feito, são tão visiveis, tão pronunciadas, que a confusão entre uns e outros é geralmente impossivel. Os primeiros manifestam esta serie de phenomenos mais ou menos complicados, que se traduzem no seu complexo pela palavra *vida*. Nascem sempre estes corpos de outros já existentes e que se lhes assimelham; reproduzem-se, perpetuam-se por *geração*, e sem experimentarem modificações essenciaes na sua natureza. Crescem interiormente em virtude da *nutrição*, que consiste na *assimilação* de novas moleculas, que vão substituir em parte as que previamente existiam. Durante este crescimento conservam sempre uma fórma determinada e fixa para cada *especie*, e deixam de crescer tocando um certo limite, que não é nunca ultrapassado. Os movimentos de *composição* e *decomposição*, que constituem a vida, operam-se n'um tempo lilitado, que expira com a *morte do ser*.

Os corpos brutos não tem vida, e por conseguinte não morrem; formam-se e crescem por *justaposição;* não tem uma fórma necessariamente ligada com a sua existencia, que póde estender-se indefinidamente, até que uma acção chimica lhes desaggregue as moleculas, ou as obrigue a entrar em novas combinações; o seu crescimento não tem, finalmente, limites fixos e impossiveis de exceder.

155. *Animaes, vegetaes e mineraes.* — O grupo dos corpos organicos ou organisados, comprehende todos os habitantes da terra — os *animaes* e *vegetaes*. O outro grupo contém os corpos que constituem propriamente o nosso globo, e a que chamamos *mineraes*.

156. *Divisão da historia natural.* — A historia natural divide-se, em relação a estas tres cathegorias de seres, em tres ramos ou sciencias distinctas, que são: *Zoologia*, para os animaes; a *Botanica*, para os vegetaes; a *Mineralogia*, para os mineraes.

157. *A terra considerada sob diversos pontos de vista.* — Agora procedamos a historiar ligeiramente o que se passa no globo terrestre, considerado debaixo de differentes relações.

158. *Sciencia da terra.* — Póde ella estudar-se: 1.° — em quanto á descripção geral da sua superficie, á destribuição das terras e aguas á altura ou relevo dos continentes e das ilhas, relativamente ao nivel dos mares. A sciencia que a estuda d'este modo, diz-se *Geographia physica;* 2.° — em relação á distribuição do calor nos diversos logares do globo, como sendo influenciada pela posição e relevo das terras a respeito das aguas, aos phenomenos physicos que nella tem logar, etc. — a solução de todos os problemas que da-

qui nascem pertence á *physica do globo;* 3.°—em quanto á *structura* daquella parte do globo, que é accessivel ás observações; comprehendendo neste estudo a historia de todas as modificações que elle tem experimentado, e de que existem monumentos apreciaveis: sob este aspecto a sciencia da terra toma o nome de *Geologia.*

(Continúa.)

ROMANCE.

A trança do Mandarim.

(Continuado de pag. 100.)

Tchi-Kao, recolhido no seu palacio, pouco lhe importava o movimento que ía por todo o districto; de vez em quando traziam-lhe os mandarins inferiores os cartazes mais recentes, e elle ria a bom rir, quando os lia.

—Por Koung-Tseu, dizia elle lá comsigo, sempre fiz um famoso decreto! o concurso ha de ser soberbo. Olá, A-Tchi, acudia, dirigindo-se ao seu secretario, de que pomada usaes? Parece-me que tendes o cabello do mesmo tamanho. Pois olhae que o dia não vem muito longe!

—Grande Tchi-Kao, respondia A-Tchi, permitta-me que diga a V. Ex.ª, que o não percebo.

—Tem pouco que perceber: cem taéis pela melhor trança. Os barbeiros perceberam-o logo. E comtudo entre elles ha poetas, mestre A-Tchi. A proposito, que taes achaes os versos d'outro dia? Já os lestes?

—Sediços cumprimentos, excellencia; cheiram um pouco a pomada e a sabão.

—Vejo que não engraçaes muito com os barbeiros; pois isso é máu, querido doutor; bem sabeis que lhes entregâmos as cabeças todos os dias.

A fallarmos a verdade não era A-Tchi o unico que não comprehendia o pensamento politico que inspirára o decreto do mandarim. Muitas pessoas desinteressadas, ou porque não tivessem ambições, ou porque a natureza se lhes mostrasse rebelde a todas as pomadas, imaginavam que Tchi-Kao quizera rir á custa dos seus governados; algumas atreviam-se já, pela bôcca pequena, a dizer que Tchi-Kao estava um pouco amalucado. Com effeito, pela bagatella de cem taéis trazer n'um burburinho tanta cabeça!

É pois necessario que eu revele o segredo.

O general, bem máu grado meu o digo—era calvo! Na guerra contra os tartaros não perdêra um unico soldado—já sabemos o motivo—mas caíra-lhe todo o cabello durante as suas trabalhosas marchas por meio dos gelos. Chang, seu fiel creado, era o unico que sabia d'este segredo, que aos olhos do mundo dissimulava uma trança postiça de comprimento razoavel, que trazia pregada no seu barrete de mandarim, que nunca, sob pretexto algum, tirava.

Mas nestes ultimos tempos (uma desgraça nunca vem só) namorára-se o general d'uma menina de bôa familia, que residia n'um districto muito arredado, e com quem desejava casar. O prestigio das suas gloriosas campanhas, a sua dignidade de mandarim, o seu ventre respeitavel, permittiam-lhe apresentar-se vantajosamente aos paes da tal menina. Todavia imaginava elle, que o seu triumpho seria ainda mais completo, se a tantas qualidades eminentes reunisse o merito d'uma trança *irreprehensivel.* Chang corrêra todas as lojas de cabeleireiros; mas não encontrára cousa que lhe parecesse digna do general. A final, Tchi-Kao, desesperado, pensou:

Para que hei de eu estafar o pobre Chang, e mortificar-me tanto. Quero possuir, antes de quatro mezes, o mais bello cabello do meu districto. E hei de consegui-lo.

Em resultado appareceu o célebre decreto.

Entretanto o termo fatal aproximava-se. A concurrencia dos barbeiros e das pomadas, bem longe de ser menor, cada vez era mais espantosa, nos ultimos dias principalmente. Os numerosos aspirantes aos cem taéis já não saíam com as tranças caídas, traziam-nas enroladas em roda da cabeça para que os seus rivaes não adivinhassem d'antemão qual sería o resultado, que tão ardentemente se esperava. Quando alguem via uma trança brilhante ficava aterrado; mas um raio de esperança lhe illuminava então o rosto, se reparava para a sua. Era tempo que passassem as taes tres luas, que o desgraçado districto já não podia esperar mais!

A final, no dia fixado, apresentou-se a multidão no pateo do palacio em que morava o mandarim. As tranças desenrolam-se e caem pelas costas dos numerosos concurrentes. Ao primeiro aspecto um brado de admiração e de inveja percorreu a turba. Entre mil candidatos, havia uns vinte que se avantajavam tanto a todos, que os outros, dando ao demo o decreto e as pomadas, e os barbeiros e Tchi-Kao, saíram precipitadamente cheios de vergonha e de desespêro, jurando—é verdade que um tanto tarde—que não os apanhariam n'oútra arriosca.

Então Tchi-Kao desceu gravemente as escadas do seu palacio, e tractou de começar a revista, seguido pelo secretario A-Tchi, e por Chang. O seu porte era verdadeiramente digno da occasião—resplandecente de justiça e de bondade! Era um juiz que ía lavrar uma sentença!

Tchi-Kao mandou alinhar a sua gente, depois aproximando-se do grupo procedeu lentamente ao respectivo, minucioso exame.

Era na realidade um bello espectaculo! Todas aquellas cabeças rapadas, e de fresco escanhoadas, humidas ainda da agua e do sabão; e em cada cabeça, descendo da nuca até ao chão, uma trança comprida, farta, luzidia, enfeitada no fim com um lacinho de seda! Tchi-Kao não cabia em si de satisfeito; Chang aspirava os voluptuosos aromas de tantas pomadas; o proprio A-Tchi, o classico A-Tchi não podia dissimular a sua prudente admiração.

—Pelo meu sabre de dois fios, disse Tchi-Kao, muito desejava ver os tartaros cara a cara com estas nobres tranças!

—Oh! oh! exclamou Chang, corri todas as lojas, e duvido muito que se encontrem á venda tranças de similhante dimensão.

—A natureza, acudiu A-Tchi, póde mais do que a arte!

—Os candidatos, immoveis no seu logar, escutavam com impaciencia as bravatas do general, as comparações do criado, e os axiomas do secretario. Apenas respiravam, porque, de vinte que eram, só um é que havia de levar os cem taéis.

Depois de maduro exame foram despedidos dez candidatos, e depois mais cinco.

Os vencidos retiravam-se soltando gritos de desespêro; tambem quanto tempo, quantas pomadas perdidas! Alguns mesmo chegaram ao excesso de agarrar freneticamente nas tranças, brandindo as como um protesto energico contra a sentença do mandarim.

A escolha cada vez se tornava mais difficil. Tchi-Kao hesitou muito tempo... Emfim foram postas fóra do concurso mais tres; já não restavam senão duas!

Tchi-Kao retirou-se á parte com Chang e A-Tchi, em conferencia particular.

—Aquella da direita, disse o mandarim, parece-me mais comprida um quasi nada!

—Mas que brilho e que regularidade na da esquerda! respondeu A-Tchi.

Chang votou tambem pela da esquerda.

—Então está decidido, exclamou o mandarim:—À da esquerda os cem taéis! A-Tchi tomae-lhe o nome, e convidae-o a jantar esta tarde comigo, em cumprimento do que se disse no decreto.

(Conclue.)

O Spleen e a Medicina.

(Continuado de pag. 101.)

«Tambem já fui assim, meu Byron em formato 32, disse o doutor com ironia. Já cri, já desejei, já tive devorado o coração por esses sonhos tão formosos e tão amargos ao mesmo tempo, já amaldiçoei a vida, já descri da humanidade! Hoje acho delicioso um charuto d'Havana, admiro profundamente a intelligencia d'esse cosinheiro, que escreveu um tratado em dois volumes sôbre *Les Entrées chaudes*, extasio-me diante do aroma do café de *Moka*, olho com delicias as labaredas d'um ponche de *Champagne*, e não maldigo a minha sorte quando vejo pendurado na armação do leito um barrete de dormir que me salva a cabeça durante a noite d'algum golpe d'ar inesperado!

E o doutor assobiou, com uma impertinencia inqualificavel, o velho refrão da modinha: *Souviens-tu, Marie, de nôtre enfance aux champs!*

Era abusar realmente do meu ataque de *spleen*. Estirei-me no sophá, soluceei n'um pranto sem lagrimas, entregue a um desses vagos desesperos, que nos tyrannisam a imaginação e nos absorvem as faculdades.

O doutor teve dó de mim.

—Vamos, não sejas creança! Falla comigo: se estás hoje n'um d'esses dias fataes, em que os sentimentos trasbordam do coração, em que a alma tem necessidade de se vasar no seio d'um amigo, conta-me o que soffres, blasphema, disparata, endoidece!

—Doutor, tu és o meu pesadêlo, o meu Mephistopheles, o meu Cabrion, e todavia está escripto no céu, que não posso passar sem ti.

«Podes-me chamar louco, podes exaggerar o teu scepticismo, até duvidar de que soffro; mas que queres?—Já não ha podêr que me sustenha, nem reflexão que me possa salvar!

—Enganas-te, respondeu o doutor solemnemente, não duvido do que sentes, acredito que soffres. Sei que em certas quadras da vida o desalento acommette o coração do homem, que elle pergunta ancioso a Deos, á sociedade, á natureza, á mulher, o problema do seu destino, e que não ouvindo resposta á sua pungente interrogação, vê desfallecida toda a esperança, e desbotadas todas as illusões!

—Então bem, se é assim, ouve o testamento d'um desgraçado, que morreu na aurora da vida, aos vinte e sete annos, devorado pelas agonias do ideal!

E eu li as linhas que transcrevo fielmente:

«Não pensem mal ás vezes dos homens de talento, que afogam a actividade do pensamento em vicios repugnantes. A devassidão é o esquecimento. As recordações são, em certas circumstancias, o mais horrivel de todos os supplicios.

«Quando uma alma se desfolha das illusões, quando chega a descrer da immortalidade, quando antevê, nas suas meditações pungentes, a sinistra idéa do nada, quando já não ha laço que a prenda á terra, nem esperança que a approxime do céu, procura antes de tudo um allivio ao fogo devorador que a consome. É como se explica o mysterio dessas existencias tão nobres, tão altivas, lançadas no lodo das paixões abjectas, como a flôr perfumada e mimosa no rio revolvido pela tempestade.

«O talento é quasi sempre uma tremenda cruz, que a Providencia impõe ao individuo. Feliz de quem a póde levar com coragem ao termo fatal, sem que os labios blasphemem, sem que o coração amaldiçõe.

«Não é só a miseria que faz desfallecer as mais robustas vocações: ha bastante vigor moral n'algumas almas predestinadas para lhe resistir. É a aspiração contínua para um ideal que se não realisa. É essa lucta entre a ambição fervorosa dos desejos, e as concisas proporções do mundo positivo.

«Nessas estações de agonia íntima, em que a alma do artista não vê espaço que lhe baste, nem glória que a satisfaça, nem amor que a contente, nem affectos que a consolem; é que o espirito lança esses hymnos de dúvida, banhados com as lagrimas do coração, palpitando debaixo das amarguras sinistras do scepticismo. É quando Byron escreve o Manfredo; é quando Goethe concebe o Fausto—é quando Shakspeare medita o Hamlet, é quando Lamartine canta os *Novissima verba*.

«E como ha de resistir a alma a esses horriveis exames de consciencia? Não queiram medir o artista pelo burguez; não assimelhem o oceano a um riacho, nem os Alpes a uma colina.

«Ás vezes essa actividade febril busca uma acção legitima e gloriosa, que a distrae se não a preenche completamente. Byron foi expirar nas praias da Grecia, desfraldando ao vento das batalhas o heroico estandarte da emancipação helenica.

«E quando não é assim? Quando o talento não tem nem uma tribuna, nem uma imprensa, nem um campo de batalha, nem os applausos das turbas?

«Bocage suicidou-se no vicio: embriagava-se—esquecia-se. Raphael, o mimoso artista, de olhos gentís e rosto d'anjo, refrescava a fronte escaldada nos labios impuros da Fornarina.

«O talento não se reduz ás regras impertinentes da etiqueta social. Que admiração é que uma cabeça vazia saiba de cór os preceitos da civilidade?

«A mediocridade póde ser exemplar. O sangue não lhe ferve nas vêas, nem o fogo do pensamento lhe calcina o cerebro. Compraz-se na monotonia d'uma vida facil. Toma modestamente o seu logar no banquete social, e refaz-se nas felicidades mesquinhas d'uma existencia obscura.

«O artista é o Prometheu da mythologia. Roe-lhe as entranhas o infinito do desejo. Olha para o céu, porque a terra não lhe basta: e quando descrê delle, quando não aguarda mais do que a paz horrivel do tumulo, então tenta ver se applaca os impulsos irreflectidos da sua intelligencia exacerbada.

«A inveja acha exaggerada a admiração pelo talento. É que não sabe que para os labios devorados pela sede, a glória nada é mais do que a esponja molhada em fel, que foi humedecer a bôcca do Christo.

«É por isso que o artista raras vezes resiste á analyse meticulosa das exigencias sociaes. A arte não é uma collecção de preceitos. As regras materialisam o talento. A intermittencia é o simptoma fatal dessas febres. Quereis desculpar Byron enchendo de vinho um craneo, para exultar n'uma saude sacrilega? Lêde o *Corsario*, o *Giaour*, e o *D. Juan*. Ouvide a *Norma*, e o *Pirata*, e dizei-me se culpaes Bellini de procurar o seu ideal, voando de mulher em mulher, como a abelha de flôr em flôr. Estremecestes de enthusiasmo á canção do salgueiro cantada pela saudosa Malibum? Depois de a verdes com os cabellos caídos, com as lagrimas nos olhos, estorcendo-se de angustia, anciosa, palpitante, perdoae-lhe o escandalo dos seus amores, que a conduziram, ainda na aurora da vida, a um tumulo prematuro!

«Quando Hercules lançou sôbre os hombros a tunica ensanguentada de Nessus, só pôde achar allivio entregando a uma fogueira o seu corpo, devorado por incriveis soffrimentos.

«É um mytho sublime esta pagina da antiguidade. É ella que explica aquella strophe escripta por Byron no 1.° canto de D. Juan: *Dae-me vinho do Rheno e soda!*

«Estas oberrações implacaveis buscam um refrigerio qualquer. N'uns é o estudo, n'outros é a glória, n'alguns é o suicidio, em muitos os desvarios da dissipação!

«Feliz daquelle que se resigna, que toma a vida como ella é, que adormece sôbre a superficie das ondas, e se deixa levar por ellas, até que sôe a hora do esquecimento.»

(Continúa.) ROCHESTER.

Monte Pio Geral.

ESTA associação, cujo fim principal é podêr cada um dos socios legar a sua familia uma pensão, que a deixe ao abrigo da miseria, acha-se estabelecida desde o anno de 1840, tendo sempre satisfeito pontual e integralmente a todos os seus encargos.

A sociedade admitte em seu gremio, sem distincção de sexo, nem de classe, todas as pessoas de moralidade conhecida, que se quizerem inscrever desde a quantia de 50$000 réis, á de 800$000 réis.

No escriptorio do mesmo estabelecimento, rua do Ouro n.° 290, se franqueiam, a quem o desejar, as contas que demonstram o seu estado de prosperidade.

As pessoas que pretenderem subscrever, podem enviar suas propostas ao referido escriptorio; e as residentes nas provincias, que precisarem de quaesquer esclarecimentos, devem dirigir a sua correspondencia, franca de porte — *Á Direcção do Monte Pio Geral, rua do Ouro, n.° 290, Lisboa* — por quem serão promptamente satisfeitas.

REVISTA DA SEMANA.

A LITTERATURA portugueza tem *hypcremia maligna*. Com este achaque foi á scena, coxeando muito, o *Ermitão da Serra de Cintra*. Se não acode o auctor do *opusculo pathologico*, mal estão os dramas do theatro novo. A linguagem do drama é desegual e impura. O enredo, que poderia ter interesse, foi pessimamente aproveitado. Não ha mola que não seja devassa. Não ha um só lance dramatico, que tenha merecimento e novidade. Não ha pensamento que salve o drama, occultando por algum modo os seus inumeraveis defeitos. O *Ermitão da Serra de Cintra* é um epigramma ao bom gôsto e ás verdadeiras regras da arte dramatica.

Appellem, se acham injusta a sentença. Venha o drama para a imprensa, se querem abrir uma discussão larga ácerca do seu merecimento. A meu ver o *Ermitão da Serra* é mais uma semsaboria para o repertorio, que já conta bastantes. Escrevo sinceramente o que entendo. Não conheço o auctor. Não quero deprimir, como alguem diz. Não quero suffocar o alento aos genios que nascem. Não pretendo impôr uma dictadura. Se o *Ermitão* é obra de um Byron, esquecerei o *Ermitão*, quando o Byron apparecer, e reclamar justamente o seu logar entre os genios.

Deram palmas, chamaram tres vezes o auctor, estavam no seu direito. Agora nós. Se a imprensa não disser a verdade, sem contemplações, quem a dirá nesta epocha, em que as platéas são platéas de *compadres* na primeira representação de cada drama?

Deixemos o *Ermitão* nos poeticos arredores do terreiro de Monserrate; deixemos o sr. Assis a erguer as sobrancelhas; esqueçâmos as badaladas impertinentes, que incommodam o público em todos os actos; deixemos a sr.ª Soller com a sua ridicula *ingenuidade;* deixemos a sr.ª Julia, que nos fez lembrar não sei de que farça, em que alguem entrava, como ella movendo os braços, e dizendo: *Estes bosques, estes prados, estes verdes com que eu fui creado;* — deixemos tudo isto, esqueçamo'-nos do trovão e dos raios que serpeam nos céus, e entremos nesta academia de artistas, reunidos por amor da arte, e para fins philantropicos.

Na noite de 31 de maio houve concerto na Academia Melpomenense.

Desde a symphonia da opera *Os Mosqueteiros*, até á symphonia da *Rainha de Chipre*, isto é, do principio ao fim do concerto, tudo foi magnifico.

A ex.ma sr.ª D. Ephigenia Maria da Silva tocou *di-*

vinamente uma phantasia sôbre themas da *Semiramis.* A ex.ᵐᵃ sr.ª D. Mathilde Morley cantou, com expressão superior a todo o elogio, a cavatina da opera *I due Foscari*. Com outra eschola, mas excellentemente, cantou a ex.ᵐᵃ sr.ª D. Candida Costa uma cavatina da opera *Lucia*. Dos cavalheiros só um cantou — foi o sr. Guilherme Morley. Tem uma bella voz.

A orchestra tocou quatro symphonias. Escusado é dizer que a execução foi excellente — todos são mestres.

O sr. Croner tocou umas variações de flauta, sôbre motivos de *Anna Bolena* e *Lucia*.

O sr. Carrero tocou umas variações de violino, sôbre a 4.ª corda.

O sr. Cossoul tocou uma phantasia de harpa, sôbre themas de *Macbeth*.

O sr. Augusto Neuparth executou no fagote o *Carnaval de Veneza*, musica de *Neukirchner*.

Uma companhia escolhida, de entendedores e amadores conscienciosos, escutou com prazer, e applaudiu com enthusiasmo, estes quatro cavalheiros.

A decente e regular organisação da Academia, e a musica excellente que lá se ouve, tornam esta associação digna da concorrencia e do generoso auxilio do público.

A côrte de Madrid teve no dia 17 p. p. uma festa barbara, que reuniu mais de 20,000 pessoas na praça de touros, e na rua de Alcalá. Vieram de Aranjuez SS. MM., para assistir ao combate de morte entre um touro de Sevilha, e um tigre real de Bengala. O tigre foi vencido. Moribundo já, e despresado pelo seu adversario, foi abandonado ao furor de uma matilha de cães. Parece impossivel que se faça uma cousa destas n'um paiz civilisado, na presença da gente mais civilisada d'esse paiz, em maio de 1849!... Não creio agora tanto no adiantamento dos hespanhoes.

Admiro menos, á vista d'isto, o suplicio horroroso, de que foi victima, ha pouco, na China, uma adultera que envenenou o marido. Cortaram-lhe a pelle da testa, e com ella lhe taparam os olhos. Depois amputaram-lhe os peitos, e foram, a pouco e pouco, cortando-lhe a carne, para que ficassem os ossos descubertos. Depois desconjuntaram os braços e as pernas. No fim d'isto cravaram-lhe uma faca no coração.

Os membros mutilados foram sepultados tres dias depois, segundo as leis. É prohibida qualquer inscripção sôbre o tumulo.

O imperador da Russia, intervindo na guerra da Hungria, publicou um manifesto, de que os nossos leitores já devem ter conhecimento. Não nos pertence fazer reflexões sôbre elle. Por esta occasião, alguns jornaes publicaram o testamento de Pedro Grande, para demonstrar a harmonia que ha entre os principios que elle estabeleceu, e o actual procedimento da Russia.

O testamento é do theor seguinte:

«Em nome da Santissima e Indivisivel Trindade, nós, Pedro Grande, a todos os nossos descendentes e successores, no throno e no governo da nação russa.

«O *Todo Poderoso*, de quem recebemos a vida e o throno, depois de nos haver revelado os seus designios, e de ter sido o nosso apoio, nos permitte que consideremos a Russia como destinada a estabelecer o seu dominio sôbre toda a Europa. Esta idéa tem por base um facto — é a impotencia e declinação visivel das nações desta parte do mundo.

«Daqui resulta que um povo póde facilmente, e sem dúvida, conquista-las, logo que tenha adquirido pleno podêr. Considero a invasão dos paizes d'oeste e de l'este, feita por nós, como decreto da Providencia, que já uma vez regenerou o imperio romano, pela invasão dos barbaros.

«A emigração dos homens do pólo é como a inundação do Nilo, que em certos tempos enriquece com as suas aguas as terras aridas do Egypto. Achei a Russia como um pequeno riacho; deixo-a agora rio grande e caudaloso. Os nossos successores farão d'ella um grande mar para fertilisar a Europa toda, se conhecerem o meio de dirigir as ondas. Deixo, pois, as instrucções seguintes, que recommendo á sua constante meditação:

«1.ª — Conservar a nação russa em estado perpetuo de guerra, para que tenha sempre bons soldados. Só devem descançar, quando as finanças o exigirem. Para o recrutamento escolhei o momento favoravel do ataque: fareis assim com que a paz auxilie os vossos projectos de guerra; fareis com que a guerra auxilie os projectos de paz — tudo em favor do progresso e da prosperidade da Russia.

«2.ª — Das nações instruidas da Europa, mandae vir, por todos os meios, officiaes em tempo de guerra, e sabios em tempo de paz, para que, dos outros paizes, a Russia tire todas as vantagens possiveis.

«3.ª — Tende cuidado em confundir sempre os negocios todos da Europa, e particularmente os d'Allemanha, que por ser o paiz mais proximo, é o que merece mais a vossa attenção.

«4.ª — Tratae de dividir a Polonia, mantendo no seio della desordens e rivalidades continuas. Comprae as potencias com ouro; e tratae de corromper a dieta, conservando sempre a influencia sôbre a eleição dos reis. Formae partido vosso; se as potencias visinhas se oppozerem, destruireis os obstaculos semeando a divisão e a desordem nos seus paizes.

«5.ª — Tirae o que fôr possivel á Suecia; para isto, separae-a da Dinamarca; a esta tirae tambem quanto puderdes; e excitae-as uma contra a outra, mantendo as rivalidades.

«6.ª — Tratae de casar os principes russos com as princezas allemãs, multiplicae estas allianças de familia, unindo os interesses, e pelo augmento da nossa influencia ligae a Allemanha á nossa causa.

«7.ª — Procurae a alliança da Inglaterra para o desenvolvimento da nossa marinha, para a troca das nossas madeiras, e d'outras producções, pelo seu ouro. Creae continuas relações com os seus negociantes e maritimos, para que os russos adquiram a experiencia do commercio e da navegação.

«8.ª — Procurae sempre augmentar os vossos dominios nas margens do Baltico, e pelo sul nas do Mar Negro.

«9.ª — Aproximae-vos, quanto possivel, de Constantinopla e da India. Quem governa este paiz (lembraevos bem) é o verdadeiro senhor do universo. Promovei guerras continuas, ora com a Persia, ora com a Turquia. Estabelecei estaleiros nos portos do Mar Negro. Pouco a pouco alcançae o dominio neste mar, e no Baltico. É cousa necessaria para que vão a effeito os nossos projectos. Apressae a quéda da Persia. Tratae de abrir caminho pelo golpho. Restabelecei, quanto

possivel, pela Syria, o antigo commercio do Levante, e por alli avançae para a India. Em lá chegando, não precisareis já do ouro inglez.

«10.ª — Procurae cuidadosamente a alliança da Austria. É preciso fingir que vos agrada a sua idéa de dominar na Allemanha; ao mesmo tempo excitareis, occultamente, o ciume dos outros principes, de sorte que cada um delles se disponha a reclamar o auxilio da Russia. A todos elles tratareis de impôr uma especie de protecção, que vos procurará o caminho do futuro dominio.

«11.ª — Fazei com que a causa d'Austria tenha interesse em expellir os turcos da Europa, e neutralisaelhe o ciume, offerecendo-lhe uma parte da vossa conquista, de que mais tarde lançareis mão.

«12.ª — Antes de tudo isto, reunireis em tórno de vós todos os gregos scismaticos, que se acham disseminados pela Polonia e pela Hungria. Servir-lhes-heis de centro e d'apoio; estabelecei sôbre elles dominio universal, por uma especie de autocracia sacerdotal. Assim ganhareis muitos amigos entre os nossos inimigos.

«13.ª — Desmembrada a Suecia, vencida a Persia, subjugada a Polonia, conquistada a Turquia, unidos os nossos exercitos, o Mar Negro e o Baltico, guardados pelos nossos navios, preparae separadamente, e em segredo, primeiro a côrte de Versailles, depois a de Vienna, para que venham partilhar com a Russia o imperio do universo. Se uma acceita, lisongeae a sua ambição e o seu amor proprio, tratando sempre de empregar uma dellas em esmagar a outra. O resultado não póde ser duvidoso — a Russia ficará senhora do Oriente e d'uma grande parte da Europa.

«14.ª — Se — o que não é provavel — ambas recusarem o offerecimento da Russia, é preciso indispo-las uma com a outra — exgotar-se-hão assim as fôrças de ambas. Então a Russia, aproveitando-se d'este momento decisivo, inundará a Allemanha com as suas tropas, que terá previamente reunido. Ao mesmo tempo, duas esquadras com soldados deixarão o Baltico e o Mar Negro, e se dirigirão pelo Mediterraneo e pelo Oceano, ameaçando ao mesmo tempo a Allemanha e a França. Conquistados estes paizes, o resto ha de submetter-se.

«É assim que a Europa póde ser subjugada.»

— Ajude-nos Deos, e ninguem nos poderá resistir — diz o imperador Nicoláu no seu manifesto!

Recommendo esta coincidencia ao meu compadre do Quintal.

A companhia lyrica estreou-se no theatro de S. João com a opera *Attila*, na noite de quinta-feira 31 de maio; e o resultado foi, qual haviamos previsto — um completo triumpho para os artistas, e uma noite excellente para os *dilletanti* do Porto. A opera, em quanto á execução artistica, saíu melhor do que em Lisboa, e para o acreditar basta saber-se, que a parte d'Ezio foi desempenhada pelo sr. Fiori. O dueto dos dois baixos, no 1.° acto, que em S. Carlos passou sempre desapercebido, obteve no theatro de S. João as honras do *bis*: a cavatina do sr. Fiori, no 3.° acto, fez *fanatismo*; a cavatina da sr.ª Gresti, o dueto desta com o sr. Volpini, e em geral o desempenho da opera toda mereceu enthusiasticos applausos. No fim do espectaculo os artistas foram chamados fóra; e para a ovação ser geral e completa, até não escaparam de ser victoriados (cousa extraordinaria!) os srs. *Corradini* e *Lombardi*!!!

A sr.ª King e o sr. Vienna tambem teem sido devidamente apreciados.

Vão agora pôr em scena os *Lombardos*, para depois darem *Os Foscari*.

A feira das Amoreiras dura d'esta vez quinze dias. Lá andam os cegos a vender versos em louvor das queijadeiras. Diz o *poeta inspirado*, que as queijadeiras são bonitas. Ora por amor de Deos — se os cegos podessem ver as caras dellas, calavam-se logo, e abalavam d'alli para a feira da ladra, onde se encontram caras melhores. As queijadeiras da feira são tão bonitas como as coristas de S. Carlos.

A licença para se *prorogar a sessão* por mais oito dias foi pedida pelos feirantes, que dirigiram a Sua Magestade o seguinte requerimento. modêlo de orthographia, etc.:

Nós feirantes tendo soffrido muntisimos perjuizos pelo asperimo tempo que nos sobreveio e tendo munta fazenda impatada rasão por que imploramos a V. M.^{te} para que abra o seu benefico e rial coração concedendonos mais oito dias de licenca para vermos se podemos recoperar o perjuizo que nestes dois dias temos soffrido

Os Supp.^{es} pedem a V. M.^{te} a graça de lhe conceder a licenca pedida.

Lx.ª 3 de julho de 1849.

E. R. M.^{ce}

(Seguem-se as assignaturas.)

Está conforme

Fr. Gerundio.

P. S. — Não se admirem do que leram neste requerimento. Esta terra é a terra dos disparates. Ainda ha poucos dias, fallando-se das Sete-casas, um funccionario público de alta cathegoria perguntou ao encarregado de negocios de certa nação republicana: — «Em França tambem ha o direito *des sept maisons?*»

A redacção da *Revista* recebeu do Rio do Janeiro os n.ºs 8 a 14 da *Lysia Poetica*. Neste folheto acham-se muitas poesias, que foram aqui publicadas. Outras ha, compostas no Rio, de que iremos dando conhecimento aos nossos leitores. Ahi vae uma que, sem inconveniente, se póde pôr neste logar:

O Suspiro mensageiro.

Adeja, adeja suspiro
Sem detença ao meu amor;
Vae pintar-lhe minha magoa
Meu tormento e minha dôr!

Conta-lhe quanto por elle
Minh' alma vive em tristura;
Contempla Virginia o fructo
Do indifferença acerba e dura.

Mas se firme em ser ingrata
Não te quizer receber,
Volve ligeiro a meus lares,
Quero comtigo morrer ! ! !

Rio de Janeiro — 1848.

Casimiro Corrêa d'Almeida Portugal.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Lenhos, e qualidades das obras para que são applicaveis.

(Continuado de pag. 96.)

Unné bolina. — Assim se denomina na ilha do Principe, e em S. Thomé *Unhe branco.* Cria-se nos bosques, onde se encontra em abundancia, porém só serve para caibros de casas. A arvore é direita, porém de pouco comprimento e grossura.

Cinza. — Ha pouca desta madeira, e só se acha na ilha do Principe, onde lhe chamam — *páu Cinza ;* a arvore é comprida, e terá de grossura 4 pés de diametro, serve para caibros, e vigas de casa.

Bandeja. — É a sua denominação na ilha do Principe, e em S. Thomé *Páu Branco.* Nasce nos picos com abundancia, e tambem nos logares cultivados, serve para canôas, e algumas taboas para casas, tem as mesmas dimenções que o páu *Gamella*, com a differença de ser mais grossa.

Umbolô. — É indigena da ilha do Principe, onde se encontra exclusivamente nos picos, e em diminuta quantidade, tem as mesmas dimensões e serventias que o *Marmello.*

Mosquené. — Nasce nas brenhas em grande quantidade, e só serve para taboado para construcção de casas, em tudo o mais é como o *Marmello.*

Remo. — Na ilha do Principe dão-lhe este nome, pelo uso em que estão de fazerem remos da sua madeira; na de S. Thomé chamam-lhe *Untué do Bô ;* nasce no mesmo terreno que a antecedente, e serve para ripas e caibros, é muito direita e alta, e a sua grossura chega a ser de 2 pés de diametro.

Sangue. — Assim o denominam na ilha do Principe e em S. Thomé *Páo Caixão.* Servem-se delle para taboas ordinarias; é de pouca duração ; vegeta nos picos com abundancia ; tem de ordinario 6 pés de grossura, e mais de 80 de comprimento.

Bebe. — Só se encontra em S. Thomé, serve para caibros de casas, acha-se exclusivamente nos picos, e em bôa quantidade ; o seu comprimento não excede a 60 pés, e a grossura a 4.

Cata-Braba. — É assim denominada na ilha do Principe, e em S. Thomé *Páu Ama ;* serve para esteios na construcção de casas, e dá-se em todo o terreno, e cresce com abundancia; o comprimento chega a 30 pés, e a grossura a 2 pés de diametro.

Junta. — Esta arvore é conhecida na ilha do Principe por *Páu Junta*, e em S. Thomé por *Guegue falço*, a sua serventia é para taboado de casas ; cresce a mais de 100 pés de altura, e chega a 6 de diametro. As folhas destas arvores teem a virtude de curar as dôres siphiliticas.

Gofre. — Ha-o em ambas as ilhas, e só nasce nas brenhas, mas em abundancia ; é de natureza incorruptivel, e serve para taboado para casas ; cresce a mais de 100 pés de altura, e a grossura chega a 8 pés de diametro.

Marapião. — É o nome que lhe dão em S. Thomé, onde unicamente o ha ; nasce em toda a qualidade de terreno, porém com abundancia só nos logares incultos. O seu taboado é applicado á construcção de casas e de embarcações ; cresce a mais de 100 pés de comprimento, e 8 de diametro.

Laranja Mucabú. — É conhecida por este nome em S. Thomé, onde unicamente existe, só nasce nos logares cultivados, porém com abundancia, serve para construcção de casas ; cresce só até 15 pés de altura, e 8 de diametro.

Muindo. — Só o ha em S. Thomé, onde se encontra com abundancia nos picos, porém tambem se dá nos logares cultivados ; serve para caibros e taboas de casas, cresce a mais de 50 pés, e a 6 de diametro.

Meza. — Na ilha do principe chamam á madeira desta arvore *Páu Meza*, e na de S. Thomé *Belambô ;* é della que se extrae o excellente balsamo chamado de S. Thomé, só vegeta nos logares incultos, e encontra-se bastante em ambas as ilhas; exhala continuamente um agradavel aroma, e até as folhas da arvore são aromaticas ; serve para taboado para casas; cresce a mais de 120 pés de comprimento, e 10 polegadas de diametro.

Vermelho. — Esta arvore é conhecida por este nome em ambas as ilhas, e no commercio, porém só se encontra na ilha de S. Thomé ; é della que se fazem as taboas conhecidas por *Peralto*, e *Vermelho*, de que se servem para a construcção de casas ; cresce a mais de 100 pés de altura, e 8 de diametro na grossura, e não se encontra nos logares cultivados.

(Conclúe.)

CHARADA.

Sendo o rei da natureza } 1
Como Deos fui adorado ; }
O que eu posso, e o que valho } 3
Só o velho tem gosado. }

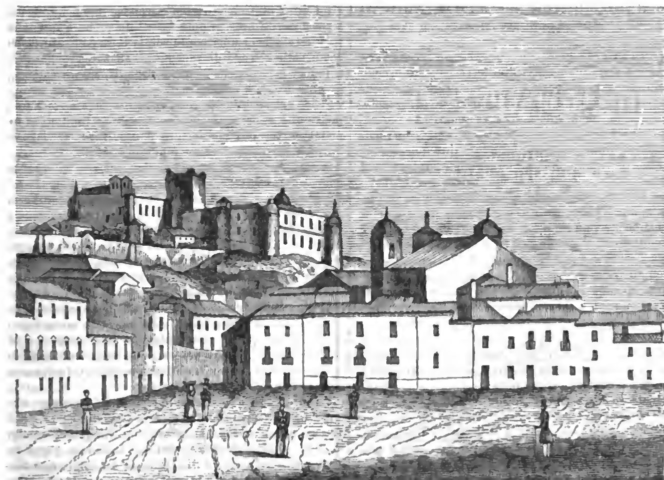
O terno amante
Nas maguas suas
Não busca as ruas,
A mim vem ter.
Só em mim acha
O que cogita,
O que medita,
O seu prazer.

EXPLICAÇÃO DO NÚMERO ANTECEDENTE :

Charada — Serpente.
Enigma — Revista Popular.



Vamos para casa, Nini. — Que tal está a chuva ! ! !



Extremoz.

É TÃO incerta a data da fundação, como a origem e etymologia do nome desta villa, querendo varios escriptores que se derive da grande cópia de tremoçoeiros, que os primeiros povoadores encontraram por aquelles sitios; e apresentam como prova desta opinião as armas da villa, em que, com effeito, se distingue um pé daquella planta. Á situação, porém, da praça, a poucas leguas da raia, parece dever attribuir-se o nome singular de Extremoz (quasi corrupção de *extremo.*)

O que não admitte dúvida, é que Extremoz já era povoação de alguma importancia, quando, em 1258, recebeu foral de D. Affonso III; este mesmo rei, conhecendo a vantagem de fortifica-la, mandou levantar o castello na eminencia em que hoje se acha. D. Manoel deu novo foral a Extremoz em 1512.

Extremoz, posteriormente fortificada á moderna, foi uma das praças de maior importancia nas guerras da independencia, que se seguiram á revolução de 1640.

Ahi perto deu-se, em 1665, a grande batalha de Montes Claros, em que os portuguezes, capitaneados pelo marquez de Marialva, e marechal de Schomberg, alcançaram uma assignalada victoria.

Extremoz pertence ao districto administrativo de Evora, donde dista 6 leguas NE, e no antigo regimen fez parte da sua commarca: a povoação, que, segundo a opinião do P.ᵉ Carvalho, na Chorographia Portugueza, é uma das mais sadias, frescas e agradaveis do Alémtéjo, divide-se em tres freguezias: a de Santo André, Santa Maria do Castello, e S. Thiago, que contam mil oitocentos vinte e tres fogos, e para cima de seis mil almas.

A industria de Extremoz reduz-se a mui pouco, sendo aliàs o seu territorio bastante fertil de toda a especie de producções; são geralmente estimadas as celebres bilhas feitas do barro de Extremoz.

Na torre de Menagem do seu castello falleceu a rainha Santa Isabel, esposa do nosso bom monarcha D. Diniz, que por algum tempo ahi estabelecêra seus paços.

Como muitas outras povoações, tem Extremoz logrado obter uma bem triste celebridade nas nossas desgraçadas guerras civís; e ainda na passada insurreição, começada em outubro de 1846, foi atacada pelas fôrças levantadas no Alémtejo, sem que estas conseguissem entra-la.

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Curso d'Introducção á Historia Natural dos Tres Reinos.

159. *Descripção geral da superficie da terra.* — Se lançarmos a vista para um globo terrestre, poderemos nelle colligir a similhança dos factos principaes, que nos offereceria a vista real do globo, se podessemos collocar-nos de modo que o observassemos. As regiões polares apparecer-nos-iam como duas zonas (ou mais propriamente duas *calottes*) de gelos, que augmentam no inverno, e diminuem consideravelmente no verão. A superficie unida e spheroidal dos mares, vê-la-iamos occupar os tres quartos do globo, e veriamos erguerem-se acima do seu nivel as superficies diversamente accidentadas, representando os continentes e as ilhas, cujos contornos e grandezas relativas tão facilmente avaliâmos á vista d'um *mappa mundi*. Veriamos as terras accumularem-se de preferencia no hemispherio boreal, em quanto os mares dominariam quasi exclusivamente no hemispherio meridional, e notariamos que os continentes se prolongam n'uma fórma ponteaguda para além da linha equinoxial. Notariamos a diversidade dos contornos que limitam os continentes e as ilhas, e destinguiriamos de uma parte as *peninsulas*, os *cabos*, as *pontas*; e da outra as *enseadas*, *bacias*, *golphos*, e *mares interiores* ou *mediterraneos*.

160. *Relevo das partes solidas do globo.* — Os continentes e as ilhas elevam-se a differentes alturas acima do nivel dos mares. Ha ilhas que existem á flôr, e constituem os *escolhos*, os *recifes*; outras erguem-se a alturas maiores ou menores, offerecendo differentes configurações, que podem ser *conicas*, *cylindricas*, *onduladas*, etc. O mesmo se observa nos continentes, que apresentam configurações variadas, e alturas differentes desde o nivel do mar até á maxima altura, hoje conhecida, a de 7,800 metros. Esta diversidade de alturas produz na superficie da terra esta apparencia singular, em que notamos as *planicies*, as *montanhas*, os *valles*.

161. *Montanhas.* — As *protuberancias*, ou eminencias, que alteram á vista a regularidade da superficie, que hypotheticamente attribuimos á terra, conhecem-se por várias denominações. Distinguem-se, pois, as *colinas*, os *outeiros*, as *montanhas*. A disposição destas diversas eminencias, é ás vezes n'um sentido longitudinal, segunda uma certa linha, em cuja direcção a superficie terrestre foi violentamente deslocada. As montanhas formam então uma *cadêa*, que consta geralmente d'uma *massa central*, que se ramifica para um e outro lado da direcção principal, em cadêas menos elevadas e transversaes, a que chamam *contrafortes*.

162. *Valles.* — Entre duas cadêas de montanhas, ou entre os ramos que nascem da mesma cadêa, ha sempre espaços mais ou menos amplos e profundos, que as distinguem e separam completamente. São os *valles*. Os geographos dividem-nos em *valles transversaes* — os que, perpendiculares á direcção da cadêa, existem entre as suas ramificações transversaes — e *valles longitudinaes*, quando separam duas cadêas distinctas.

A largura dos valles é em extremo variada. Em quanto alguns resultam do concurso das abas de duas cadêas proximas, com um declive moderado; outros dividem um massiço em grandes parcellas por fendas verticaes, tão profundas e escarpadas, como as que se notam na Azia central, que attingem ás vezes a cifra de 2,600 metros; tão estreitas, que a simples interposição de uma grande massa de rocha é sufficiente para estabelecer uma ponte solida e estavel. Muitas vezes o valle estreita de repente, as suas escarpadas caem a pique, a passagem torna-se difficil. Existe então um *desfiladeiro*, um *passo*.

163. *Desegualdade do fundo dos mares.* — Não se pense que as irregularidades do sólo se limitam ás que podemos ver nos continentes e nas ilhas. Os mesmos accidentes se repetem no fundo dos mares. O fundo é ás vezes proximo da superficie das aguas, e dá logar aos *bancos* e aos *baixos*; outras vezes existe a diversas profundezas, que denunciam a successão de protuberancias e de valles, á similhança dos que observamos na porção da superficie que o oceano não occulta. Segundo uma multidão de observações, que tem sido executadas em numerósissimas paragens dos mares, parece que a maxima profundidade media das aguas se póde avaliar em 4,800 metros.

164. *Influencia das irregularidádes da superficie terrestre sôbre os climas.* — É hoje um facto incontestavel na sciencia, que as circumstancias que definem o *clima* não são identicas nas mesmas latitudes, como deveria succeder se os *climas* dependessem exclusivamente de circumstancias astronomicas.

A razão é que a superficie terrestre é irregular e accidentada, constituida por partes heterogeneas, pelas terras, pelos mares. As terras tem differentes configurações, alturas diversas, posições variadas, o que modifica sensivelmente a distribuição do calor, que theoricamente se admittisse, no presupposto de ser homogenea a superficie do globo.

165. *Distribuição e movimento das aguas á superficie da terra.* — Um dos phenomenos que se ligam intimamente com os accidentes, que alteram a superficie terrestre, é o da distribuição e incessante movimento das aguas. Nada ha mais simples, mais grandioso, mais providencialmente decretado do que este mechanismo, porque as aguas se regulam na sua distribuição. O mar é como o vasto repositorio, donde emanam, e a que revertem, as aguas neste cyclo que perpetuamente descrevem. A evaporação é a causa que opéra para elevar lenta e imperceptivelmente as grandes massas de agua, que vão pairar na atmosphera. São estas aguas, caindo á superficie sob as fórmas de chuva, de neve, de saraiva, etc. etc., que descem depois ao longo dos declives das montanhas para engrossar as torrentes, que correm pelos valles transversaes; a reunião de muitos d'estes cursos de agua nos grandes valles dá origem aos rios caudaes, que depois de banharem os terrenos, por espaços mais ou menos longos e sinuosos, vão a final despejar-se nos mares, e completam assim o circulo que as aguas perennemente descrevem.

Os cursos de agua subordinam sempre as circumstancias do seu movimento ás propriedades dos valles, por onde caminham. Onde os valles são amplos, descem as aguas remansadas, alargam o seu alveo, e ás vezes formam lagos de maior ou menor extensão, se o valle estreita; se as suas paredes são erectas e escarpadas,

a agua move-se rapida e tumultuosa; e se os valles se quebram em escarpas abruptas, em inclinações rapidas, a agua precipitando-se originará as apparencias bellas e sublimes das *quédas*, *das catadupas*, das *cataratas*, de que ha exemplos tão nomeados pela magestade das descripções, e pela admiração dos viajantes.

166. *Distribuição subterranea das aguas.* — *Poços artesianos.* — As aguas, caíndo á superficie da terra, ficam ás vezes sôbre ella no estado solido, ou descem ao longo das encostas para produzirem as torrentes, os ribeiros, os rios, ou infiltram-se através das rochas, para correrem em canaes subterraneos. A existencia das correntes subterraneas é demonstrada a cada momento.

Sabe-se que, furando o terreno em certos pontos, e a profundidades variaveis, determina-se a ascensão das aguas subterraneas, que vem repuxar á superficie, dando origem ás fontes chamadas *artesianas* (porque o seu uso foi, ao principio, quasi exclusivo da provincia de Artois, na França).

A construcção destas fontes basea-se no facto de que a agua que se infiltra pelos terrenos, póde correr n'uma especie de canal, constituido por duas camadas impermeaveis, que a não deixam transudar para o exterior.

Se a camada tem uma certa curvatura, e se *afflora*, ou apparece á superficie, podendo receber as aguas pluviaes, as que resultam da fusão dos gelos, e ainda mesmo as dos rios e lagos; a agua, depois de percorrer o ramo descendente da camada, subirá, em virtude das leis do equilibrio e do movimento dos fluidos, a uma altura dependente da posição do affloramento. Se pela sonda conseguimos romper a camada impermeavel, e pôr a agua em communicação com a superficie, determinaremos um jacto perpetuo, ou intermittente, que constituirá um poço *artesiano*.

(Continúa.)

ROMANCE.

A trança do Mandarim.

(Conclusão)

Seguiu-se o concurso dos bigodes. Mas este não offereceu interesse algum. Um dos concorrentes, velho bonzo da seita de Fo, apresentou-se com tal superioridade, que todos os outros haviam immediatamente abalado. Tchi-Kao mandou-lhe dar, em recompensa, um taél, um cachimbo e um leque ornado com uma campainha, como tinha A-Tchi.

Á hora do costume o vencedor no concurso das tranças foi introduzido na sala de jantar do mandarim. Era um fabricante de queijos, que se chamava Ta-Tong, individuo muito pouco conhecido na cidade de Siu, mas cujo nome andava na bôcca de todos desde aquella manhã.

A mesa de Tchi-Kao era sumptuosamente servida. Não faltava alli nenhum dos *petiscos* tão apetecidos dos chinezes, até os celebrados ninhos de andorinhas, gelados, cremes, doces. De espaço a espaço enchiam os criados os copos de *sam-chou*. A timidez de Ta-Tong em breve desappareceu na presença das bôas maneiras do general, que não se cançava de referir as suas campanhas e as suas famosas victorias.

Pela sua parte o fabricante de queijos comia e bebia como quem nunca passára do vulgarissimo arroz e agua.

Quando terminou o jantar Tchi-Kao mandou entrar o cidadão queijeiro n'um gabinetesinho em que se encontrava já prompto o chá, e os cachimbos carregados; depois despediu os criados e fechou-se.

Depois de fumar um pedaço, o mandarim abriu um armario, donde tirou mysteriosamente duas bandejas de charão dourado, em que estavam varios utensilios, que fizeram estremecer Ta-Tong: — eram cachimbos para opio.

— Usaes d'isto? disse-lhe Tchi-Kao.

— Por meus avós, respondeu Ta-Tong, todo trémulo, eu sempre fui respeitador das leis, e por consequencia nunca os meus labios tocaram similhante cousa.

— Pois bem, haveis de tomar agora uma fumaça.

— Excellencia, vós quereis deitar-me a perder! O opio é prohibido debaixo das mais severas penas, e se o filho do céu soubesse...

— Bom Ta-Tong, acudiu o general, aprecio os vossos escrupulos; mas ainda aprecio mais o opio. Ora pois, amigo, tomae o vosso cachimbo.

Ta-Tong recebeu-o da mão do general, e começou a fumar.

Dalli a pouco começavam pelos effeitos daquelle poderoso narcotico.

Quando chegou ao último gráu de embrutecimento, e que a physionomia, em certa occasião reanimada por deliciosos extasis, se lhe arroxou de embriaguez, Tchi-Kao, levantando as mãos ao céu, exclamou no enthusiasmo de mal soffrida alegria:

— Finalmente! é minha! é minha!

E ao mesmo tempo, tirando da algibeira uma thesoura, cortou, ainda que com bastante difficuldade, a trança do desgraçado Ta-Tong, que sonhava naquella occasião com o seu triumpho.

— Que enfeite para a minha cabeça calva! que glória aos olhos da minha desposada! Oh! Tchi-Kao, podes gabar-te, de que não ha no celeste imperio quem possua melhores cabellos. Que me importavam as minhas victorias, o meu ventre, o meu botão encarnado, a admiração dos meus governados, o enthusiasmo dos barbeiros! Eu só pedia ao céu uma trança que fôsse digna de mim — e essa, ei-la!

Assim fallava Tchi-Kao no auge da sua alegria e orgulho.

Entretanto era necessario que desapparecessem immediatamente os vestigios daquelle crime.

O mandarim chamou o seu fiel Chang, confessou-lhe tudo, o pensamento que inspirára o decreto, a nuca deshonrada de Ta-Tong; e disse-lhe:

— Afreta um junco; leva esse pobre homem para cem leguas d'aqui; dá-lhe cem taéis, mil taéis, quantos elle quizer, com a condição de que não ha de pôr mais os pés no districto de Siu. Não percas tempo: conto comtigo. Vae e volta o mais breve que poderes. Hei de ser-te grato. Farei com que sáias mandarim!

Chang não disse uma palavra. Agarrou n'umas poucas de barrinhas de ouro, que lhe dera Tchi-Kao para

pagar as despezas da viagem, e comprar o silencio de Ta-Tong, foi fazer todos os preparativos necessarios, e nessa mesma noite partiu. O fabricante, ainda debaixo da influencia do opio, foi para bordo dentro d'um caixote grande, para não excitar desconfianças.

Mas deixemos o valente general em um delicioso *tête à tête* com a trança do desgraçado Ta-Tong, e analysemos a physionomia que apresentava a cidade de Siu no dia seguinte.

É preciso confessarmos que o descontentamento se tornára geral. Em primeiro logar eram os candidatos infelizes que gritavam, que aquillo tinha sido uma injustiça, um escandalo, um despotismo. Depois os barbeiros que estavam furiosos porque nenhum podia attribuir-se a glória de ter sequer uma vez escanhoado ou penteado o vencedor. Ta-Tong era um pobre homem que ninguem conhecia, e que depois confessou nunca haver-se servido d'outra pomada senão dos seus queijos. Que affronta para os barbeiros, e redactores de cartazes. Finalmente, como já ninguem tinha esperança de ganhar cem taéis, o povo, esse grande ingrato, esquecendo o seu inthusiasmo de tres mezes, criticava despiedadamente o decreto, achava-o absurdo, inepto, ridiculo. «Estamos adiantados! diziam, não era melhor consagrar aos nossos negocios o tempo que perdemos a tratar das nossas tranças! sem contar o dinheiro que nos saíu das algibeiras. Tchi-Káo zombou comnosco!» Outros mais indulgentes attribuiam o decreto á toleima do mandarim, e contentavam-se em dizer: «Que querem, se o nosso magistrado é um *cabelleira.*» Mal sabiam elles que se não enganavam.

De modo que, ó vaidade das cousas humanas e dos decretos! Tchi-Káo o grande general, ainda ha pouco, o idolo dos barbeiros e do povo, não era já senão um despota, um malvado, um estupido, um *cabelleira.*

Quem accreditar na popularidade veja-se neste espelho.

Mas não ficou aqui sómente o negocio.

No dia seguinte ao do concurso, em quanto o povo, reunido na praça de pagode, maldizia o seu mandarim, e que os agitadores (ha desta gente em toda a parte!), preparavam quasi uma revolta, sae subitamente d'uma rua visinha, que ia ter ao rio, um homem a gritar, e levando muitas vezes a mão a um penachinho de cabello que, de indignação, se lhe erguia na cabeça.

Cercou-o immediatamente a multidão, e elle referiu com ar de muito commovido o seu triumpho da vespera, o seu jantar com o mandarim e a indignissima emboscada em que caíra a sua trança. «Vingança, bradou elle, vingança contra o infame Tchi-Káo!»

Aos agitadores só faltava um pretexto plausivel, e alli tinham uma victima. Aproveitando pois a sensação produzida pela historia de Ta-Tong, foram arrastando o povo para o palacio do mandarim.

O fiel Chang preferira desembaraçar-se mais depressa do fabricante de queijos, do que das barrinhas de oiro. E por isso, deixára Ta-Tong no *junco*, e abalára sem que ninguem mais o visse. Aquelle tornando a si, dando pela falta da trança e descobrindo toda a horrivel verdade, voltára furioso para a cidade de Siu.

Tchi-Káo, confiado na fidelidade do criado, deixava levar-se das deliciosas esperanças da sua paixão, rindo interiormente da graciosa peça que pregára a Ta-Tong, quando o povo entrou tumultuariamente no pateo, arrombou as portas, desarmou as sentinellas, espalhou-se pelo palacio, e penetrou até aos aposentos do mandarim.

Este, atterrado, de tanto barulho, ainda tentou uma retirada, como no tempo das suas victorias contra os Tartaros; mas todas as saídas estavam tomadas, e mesmo antes de podêr defender-se, foi descuberto e preso pela gentalha furiosa, capitaneada por Ta-Tong, que era o mais assanhado de todos.

Ta-Tong dirigiu-se então ao gabinete em que se consumára o crime, abriu o armario do opio, onde teve a fortuna de encontrar a sua trança.

Do palacio espalhou-se o tumulto por toda a cidade, e desta por todo o districto. Foi necessario que o mandarim do districto proximo, prevenido á pressa, marchasse para Siu, a fim de restabelecer a ordem pública, e instaurar o processo regular contra o seu antigo collega, accusado de ter cortado a trança do chinez Ta-Tong, e de usar do opio.

. . . .

Quinze dias depois comparecia Tchi-Káo no tribunal superior de Pekin. Trazia o seu uniforme official, botão encarnado de mandarim de primeira classe, e uma pluma de pavão, orgulhosamente pregada no seu barrete de seda; no peito brilhavam-lhe as insignias da sua gerarchia militar, e da cinta pendia-lhe o sabre, d'um rico talim ornado de pedras preciosas.

Ao lado de Tchi-Káo estava A-Tchi, seu antigo secretario, e agora seu advogado. Na frente, no banco dos accusadores, Ta-Tong, e varios habitantes do districto de Siu. Aquelle trazia comsigo as peças de accusação, a trança que lhe fôra tão cruelmente roubada, e a thesoura instrumento do crime. Occupavam o banco dos juizes os mais altos dignatarios do imperio. Nunca se tinha visto audiencia tão solemne.

Os factos fallavam por si mesmo. O auto da accusação referia-os breve e muito claramente.

O interrogatorio e os depoimentos das testemunhas a confirmaram em todas as suas partes. O mandarim entretanto soube conservar-se n'um magestoso silencio, apesar dos gritos de Ta-Tong, e dos brados da multidão justamente indignada. Depois levantou-se A-Tchi, e, n'um discurso pathetico, referiu os serviços do general, as suas victorias sobre os Tartaros, a affeição popular que tão largos annos acompanhára o seu cliente; leu o agradecimento enthusiastico dos barbeiros de Siu, e passando aos cargos da accusação, explicou o crime por uma daquellas influencias fataes de que não são isentas as mais generosas almas. A defeza de A-Tchi durou pelo menos duas horas, e fez grande impressão no auditorio. Mas, os exforços do genio eram inuteis naquelle caso. Todas as vezes que a eloquencia de A-Tchi parecia commover os juizes, Ta-Tong, o inexoravel Ta-Tong, erguia ao ar a sua trança mutilada, e com este simples gesto destruía o effeito dos mais bellos periodos.

Pronunciou-se o julgamento. Tchi-Káo, declarado criminoso, foi condemnado a degradação immediata, e perda de todos os seus empregos.

Por uma segunda sentença, cousa que ninguem esperava, Ta-Tong, convencido de se haver embriagado com o opio, foi condemnado ao confisco da sua trança, e a ser calvo perpetuamente. Já não lhe restava senão fazer-se bonzo!

Alguns más linguas disseram que o presidente do tribunal, condemnado pela natureza ao uso d'uma trança postiça, não podéra resistir ao desejo de confiscar em seu proveito a trança do infeliz Ta-Tong.

As duas sentenças foram escrupulosamente executadas. Tchi-Káo, reduzido a um homem obscuro, emagreceu de desespero, e morreu pobre. Ta-Tong resignou-se e continuou a fabricar queijos; A-Tchi tornou aos seus trabalhos litterarios, e proseguiu redigindo proclamações e decretos por conta de outros mandarins: mas toda a sua vida foi inimigo acerrimo dos barbeiros. De Chang, o infiel criado, nunca mais se soube cousa alguma. Comtudo desde aquella época, o districto de Siu tornou-se célebre pela elegancia dos habitantes, superioridade das pomadas, e habilidade dos barbeiros. A posteridade, sempre mais justa, honrou a memoria de Tchi-Káo, e lastimou as suas desgraças, insculpindo-se em pranchas de marmore, que se collocaram no mais bello pagode, o famoso decreto. Deve-se a estas honras posthumas, unicas com que podem contar os grandes homens, ser ainda popular o nome de Tchi-Káo. A fama ha de enrouquecer, talvez, a referir as victorias do general; mas a tradição do mandarim e do decreto viverá, porque foi confiada á memoria infatigavel dos barbeiros.

O Spleen e a Medicina.

(Continuado de pag. 109.)

— E que prova tudo quanto esse homem escreveu? Que devemos ultrajar as nossas faculdades, corrompendo-as pelo abuso de gosos brutaes? Que a nossa intelligencia deve afogar-se no vicio, e depravar-se pela certeza de que luz rapida como o relampago, nos abysmos da vida?

«Oh! vergonha eterna aos covardes, que desfolham a sua coróa, e que a arremeçam no lodo das paixões abjectas! Quem é que póde sondar os profundos mysterios do futuro? Qual é o labio audaz que ousa affirmar que a morte é o nada, e que a vida é um sonho?

«E que seja! Quando se morre com a convicção de que se levou com coragem a cruz, que Deos nos impoz, o nosso nome sobrevive na memoria dos homens, e os cadaveres estremecem no tumulo, regados pelas lagrimas da amizade, ou bafejados pelos suspiros saudosos do amor!

— Cala-te! cala-te! bradei eu, e se nem isso tens de esperar? Quando a amizade é tão fragil como os botões mal desabrochados, que nascem ao romper d'alva, e que são varridos dalli a horas pelo sópro da tempestade? Se nunca sentiste palpitar junto ao teu coração, outro coração que te amasse?

«Olha bem! se te encontras só e isolado no mundo, se no silencio da tua alma não ha uma voz que te console, se te arremeçaram no vasto oceano da creação, para apenas sentires as faces crestadas pelos beijos vendidos?... Desappareces no repouso do sepulchro, e deixas o nada apoz ti!

— Bem sei! bem sei! disse o doutor com amargura, o amor é o que ha de melhor, mas é o que existe de mais raro na vida, talvez!

— Se o acreditas como eu, ouve o resto d'este testamento moral, redigido por um moribundo.

E eu continuei a ler.

«Amar? Podem acaso os sentimentos, as expansões affectuosas do coração contentar o artista, que já cerra os olhos a todas as illusões, que lhe douravam o horisonte da vida?

«E quem ha ahi que encontre um amor, sublime pelas suas aspirações, nobre pela sua devoção, exaltado pela energia dos seus desejos!

«A idealidade é uma mentida satisfação ao orgulho humano! Quanto duram esses relampagos apaixonados, essas emoções delirantes, que devoram a alma, que lhe rasgam, como por encanto, os cerrados véus do infinito?

«Não te eleves, que é mais horrivel a tua quéda! Vóas como os archanjos pelo espaço vedado ás ambições mesquinhas, olhas a terra pequena e acanhada como ella é, fitas o céu, immenso, infinito — mas tudo é um sonho!

«Quando depois te vês mordendo com os labios a poeira da estrada, quando te revolves, atomo imperceptivel, nos abysmos dessa creação, que tu ha pouco desdenhavas — és bastante fraco para não deixares a vida, e lendo, pagina por pagina, o livro sinistro do teu futuro, resignas-te a percorrer essa senda adivinhada pelos dons da tua intelligencia, e não acreditando na felicidade, recebes o teu mesquinho quinhão nos gosos miseraveis do mundo!

. . . .

«Amei aos doze annos! Amei como um louco, amei como um poeta!

«Essa affeição durou annos, e — louvado Deos! — não cheguei a avistar o oasis do meu deserto!

«Se chegasse a apertar essa mulher nos meus braços, que me daria ella que equivalesse aos sonhos fervidos do meu pensamento? Teria eu tido coragem para supportar a desgraça — vontade para me crear um nome — resignação para cuspir na sociedade o despréso immerecido que ella me lançou algum tempo?

«Fizeste bem, mulher: vendeste a belleza ás caricias estupidas d'um marido ridiculo! Satisfizeste a vaidade, contentaste a tua sede de gosar! E quando a mão palpitante d'esse homem te arrancou a tua coróa de virgem — eras mais vil do que a misera andeja, prostituida ao ouro das turbas. Cri-te como anjo, eras menos do que uma mulher!

. . . .

«A alma tem uma serie de phenomenos similhantes em tudo aos do corpo. A vida é para mim um pesadelo semsabor: se ainda me enthusiasmo ás idéas de glória, se ainda sinto o phrenezi de desejos calculadamente comprímidos, é como o ptysico, que sentindo d'hora a hora, de dia para dia, a sua respiração mais cançada, a sua febre mais intensa, a sua morte mais proxima — sorri ao scintilar trémulo das estrelllas, ás pallidas projecções da lua, aspira a bafagem embalsamada da primavera, adormece ao murmurar da brisa voluptuosa das noites meridionaes!

«Que vale mais um desengano? A vida bem sei que se resume n'um implacavel dilemma: ou acceitar as paixões, e morrer moço; ou affasta-las, e gosar apenas

o que ella tem de verdadeiro e de real — alguns prazeres ephemeros, algumas vaidades satisfeitas, e depois o adormecimento gradual de todas as faculdades, até se cair nesse abysmo, que se chama tumulo!........

....

« E todavia sinto que não morri de todo ao amor! Se elle não bastasse á minha felicidade, poderia talvez contentar uma alma menos exigente!

« Aquentar no peito uma flôr timida, para que não murche tão depressa — fazer reviver com algumas lagrimas de sympathia uma vida abandonada, não seria ainda uma missão capaz de me reconciliar com a existencia?

« E que importa?

« Quem poderia amar-me como eu quizera, e acceitar os clarões expirantes desta alma, que se aproxima rapidamente do aniquillamento?..................

....

« Horrorisa-me o futuro! Sinto já o peso da cruz — o despedaçar dos espinhos, as gôtas de sangue nas faces, os olhos cravados no chão, que os não poderei — ai de mim! — erguer para o céu!

« Quando expirarem estas luctas pungentes — quando a fôrça da necessidade me fizer acceitar o destino que a Providencia me creou, quando estas aspirações fervorosas serenarem, devoradas pela sua propria energia, então buscarei commoções nas finitas e fugitivas distracções da sociedade e do mundo.

« Hei de embriagar-me de todas as pequenas paixões que agitam a humanidade. Hei de — como elles — vender a alma a cada um dos prazeres abjectos da vida — serei rico, poderoso, avarento, soberbo, que sei eu? — mas hei de perder a dôr, que não é tambem um dos menores privilegios das vocações superiores!....

....

(Continúa.) ROCHESTER.

Ainda a questão do Correio.

FRAGMENTO D'UMA CARTA.

....

« V. deve fazer todas, todas, e todas as diligencias, que estão ao seu alcance, para que os correios assistentes, com especialidade o de Lisboa, não extraviem os numeros, o que acontece em quasi todos os correios (ainda mesmo depois do aviso, que já se fez na *Revista*). Eu vejo-me compromettido com os assignantes, estes desesperam, e quem perde é a direcção, porque não tem a terça parte dos assignantes que teria, se não fôsse este inconveniente; accrescendo que os assignantes actuaes, desgostando-se com isto, deixam de fazer novas assignaturas para o futuro.»

....

De várias terras recebemos queixas identicas. Se não ha outro recurso, pedimos a quem quer que seja, que nos tira as folhas, que nos avise de que deseja ler a *Revista*, porque lhe enviaremos exemplares *gratuitos*, evitando assim extravios, de que resulta perda maior.

Ao sr. inspector dos correios pedimos justiça. Queremos que se castiguem os empregados infieis, que assim compromettem o credito e os interesses d'este e dos outros periodicos de Portugal. A imprensa toda pedimos que nos ajude nesta questão.

REVISTA DA SEMANA.

COMEÇA o tempo em que Lisboa se torna insupportavel. Ao meio dia, sol d'Africa. De tarde, vento quente, como o *harmattan*, e desabrido, que alevanta nuvens de pó subtil, e afugenta o caminhante das ruas e praças macadamisadas.

O theatro normal, nesta epocha, é uma especie de *Sahara* — apenas, lá de longe em longe, alguma *tribu nomada* assenta por instantes o seu arraial n'um daquelles camarotes desertos. Alguns *beduinos* desgarrados, na platéa, dão palmas ou não dão, e quando a sede aperta dirigem-se pressurosos a uma dessas *oásis*, em que os esperam sorvetes, e garrafas d'innocente cerveja.

Começa a segunda estação dos *leões*. Em guerra aberta com os astronomos, o janota não conhece mais de tres estações. Para elle o anno principia com os bailes, e acaba com os banhos. É um drama em tres actos, que muitas vezes se decompõe em tres farças ridiculas, desempenhando o janota, em cada uma dellas, o triste papel de *homem das fatalidades*.

Entre a estação dos bailes, e a dos banhos, ha esta em que entrâmos. Metade é consagrada á pasmaceira de Lisboa; a outra metade aos passeios de Bemfica, e ás jornadas de Cintra.

Ainda ha pouco, theatro e bailes; agora, a vida socegada do campo, o descanço á sombra do castanheiro, o passeio hygienico de Seteais, ou Calhariz. Daqui a dois mezes a Junqueira e Pedrouços, o murmurio melancholico das aguas do Téjo, a meditação solemne, nas horas mortas, quando a lua reina nos céus e o silencio na terra.

Mais tarde virão outra vez os saráus e os bailes, a walsa e a polka, a atmosphera enebriante das salas do club, o ruido de mil pessoas que se agitam, de mil vozes que se confundem, as confidencias mysteriosas no gabinete de leitura, a raiva, o ciume, o desespêro, a impaciencia, o desejo frenetico, a paixão louca nascida hoje e ámanhã morta. Teremos outra vez os theatros; ouviremos Macbeth, e Torquato; *Ellas* e *Elles* voltarão aos seus logares, começarão de novo a cumprir a sua bôa e *janotica* missão.

Em má epocha vieram cá os piannistas. Melhor fortuna fariam no inverno. A gente que não sae de Lisboa, ou que ainda por aqui se demora algum tempo, resolve-se difficilmente a ir para o theatro. Quer antes ficar em casa, ou limitar-se ao passeio da tarde, que termina sempre, como deve ser, na casa do Marrare, ou em qualquer outra, que tenha sorvetes.

As salas do Gremio estão quasi desertas. Os folhetinistas preparam as malas, e vão deixar o terreno livre aos jornaes do verão, que apparecem todos os annos no tempo dos mosquitos.

Na imprensa ha poucas novidades. A *Epoca* publica um lindo proverbio do sr. Lopes de Mendonça, que tem por titulo — *Como se perde um noivo*. — O *Pharol* com-

tinúa a sua difficil missão, luctando com as victimas, que se revoltam contra elle. O barão d'Alfenim propõe, que o *Senado folhetinistico* mande arrastar n'um couro cru a maioria dos traductores (vidè trad. de Raphael, e de Jerôme Paturot), por entre as alas dos seus assignantes. «O *Pharol*, curador dos orphãos dementes traductores, e promotor de justiça, expedirá as ordens necessarias para o cumprimento deste *accordão*. O muito reverendo *Fr. Gerundio* assistirá com os soccorros espirituaes, áquelles que se souberem benzer.»

Appareceu mais um folhetinista no *Zacuto*.

O Braz Tisana continúa a aproveitar excellentemente a sua posição de *folhetinista politico*, fustigando sem piedade os ridiculos dos diversos partidos. Pena é que os *communicados* do *Periodico dos Pobres do Porto* estejam tão pouco em harmonia com os seus espirituosos folhetins.

Muito pobre de noticias iria esta *Revista*, se não tivessemos de relatar uma gentileza praticada pelo individuo, que tratou dos arranjos para a viagem da companhia lyrica, que está no Porto. Consta-nos que o sr. Lombardi teve o *cavalheirismo*, e a *delicadeza*, de fazer com que os principaes artistas, que daqui partiram, fôssem na segunda camara do vapor, mandando o sr. Celestino, nosso compatriota, e artista de bastante merito, *sôbre a tolda*, no logar em que costumam ir os cidadãos da Galiza, quando recolhem para a terra que os viu nascer! Se esta ridicularia tivesse chegado, em tempo, ao conhecimento dos *janotas* do Porto, talvez que, em logar da corôa com que brindaram o sr. Lombardi, na noite de 31 de maio, lhe houvessem offerecido outra de egual vulto, porém mais *aromatica*. Ora tratem lá com generosidade quem trata os artistas com tamanha descortezia. Sirva isto, ao menos, de lição aos enthusiastas, para que não tornem a *coroar* o digno socio do nosso estimavel Vicente.

Um amador de *bibliographia joco-seria* enviou os seguintes apontamentos, para a miscellanea. Apressâmonos em lhes dar a publicidade que merecem. Temos recebido outros muitos, que iremos successivamente inserindo, visto que são tantos os apaixonados desta innocente publicação.

«Certo capitão C...... que está em uma das nossas possessões, assevera que o marechal Saldanha escreveu em Vienna um *Tratado de zoologia comparada com os Santos Padres*.

«No mesmo sitio ha um commandante militar que diz que seu sogro se *neutralisou divinamarquez*, e deu a sua mulher um escripto de *adulação*: tem servido em differentes *contas-ingentes* (contingentes): e vive das terras *occultas* (incultas), que tem aforado.

«Um delegado do procurador regio, em Cabo-verde, tem ataques de defluxo com *roncos* e *impios*: omitte a sua opinião com inteireza: e regula-se pelas leis *regetaes*, sem ser homem *debuxado*.

«Um administrador de concelho no mesmo sitio, offereceu ao juiz de direito *o seu bom modo*.

«Quando por alli passou uma fragata sarda, que vinha do Rio de Janeiro, com o principe Adalberto da Prussia, o capitão do porto deu parte de que entrára uma fragata *sardinha* com um principe *plusio* que vinha *acolytho*.»

Appareceram em Lisboa 50 collecções completas da *Lysia Poetica*, que chegaram ha pouco do Rio de Janeiro. A seu tempo fallaremos. Cada luso é um vate naquellas regiões. Abençoado clima!

Concluiremos esta *Revista* com a seguinte proclamação, feita pelo regedor de parochia do logar de Fuzeta ao seu povo, e fielmente copiada:

Portuenses — O Direito pessoal (se me não engano) é o privativo e o superior a qualquer outro; temos o Devino, mas hum sem o outro, ambos a cabos se redusem; Fermando-nos n'estes principios; penço caminhar mos com solidez. — Portuences, attendei as occurrencias que desgraçadamente, teem tido lugar, e quebrantado a ordem social, desde 1820 athe agora. Lembraivos da admoestação que vos faço, e se meditardes como deveis, firme estou de que não ignorareis o estabelecido: Lusitanos hum igual a vós, vos chama amigavelmente á perfeita conciliação; sem ella nada somos; ella tudo pode. Minhas intensões são: paz, tranquilidade, e socego; e a Vossa polemica deve ser tão refinada que ajuizando bem, do preterito, prezente, e futuro, vos conformeis com as vecceitudes que em todas as epocas se teem aprezentado; Não penseis que em todas quantas teem decorrido, tem havido divergencia (salvo hum, ou outro accidente, mas esse, ou esses mesmos que se nos teem apresentado existem, existirão) em quanto não ajuizar-mos melhor do que acabo de referir-vos appresentado com os coloridos assas fortes, e muito conducentes. — Sigamos pois esta norma, e salutifera nos será. — Fuzeta 15 de Junho de 1846 — M. G.

FR. GERUNDIO.

BIBLIOGRAPHIA.

O Cavalleiro d'Harmental.

ESTE bello romance de mr. A. Dumas foi vertido em portuguez pelo sr. Miguel Antonio da Silva, traductor do Han d'Islandia, do Capitão Paulo, etc.

Acaba de sair á luz o 4.º volume da traducção.

Arte de Navegar.

PUBLICARAM-SE as Taboas de longitude para corregir os effeitos da parallaxe e refracção, nas distancias observadas entre o sol e a lua, ou da lua á estrella; obtendo-se a distancia verdadeira, pelo methodo mais abbreviado, que até ao presente se tem publicado, correcta dos erros contidos nas taboas de Turner, e em outras. Esta obra de *Isaac Heurtte*, foi traduzida do inglez pelo Sr. Manuel Coelho Cintra, natural de Pernambuco. Vende-se nas lojas do costume.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Considerações ácerca da alimentação do nosso gado, e do regimen especial do verde para o cavallo.

(Continuado de pag. 104.)

COM o uso do verde podem dar-se *indigestões tympanicas e colicas por embolamento*. As primeiras, sôbre os symptomas communs ás indigestões, como immenso desasocego, olhares repeti-

dos para os ilhaes, etc. — conhecem-se pela dilatação do ventre, que, se chega a ser excessiva, póde — empurrando o diafragma — opprimir o peito, e impedir assim a respiração com risco de asphyxia; e tambem — estorvando a circulação abdominal — fazer refluir o sangue á cabeça com perigo de apoplexia. Provém a tympanisação, na maioria dos casos, ou de se ter dado o verde rociado, ou em principio de fermentação (ardido). A fermentação produz-se então, ou continúa no apparelho digestivo, com notavel desenvolvimento de gazes, cuja tensão elastica determina o achaque em questão. No tratamento d'este, são indicações immediatas: parar a fermentação, sendo possivel, e não sendo, neutralisar e absorver os gazes, e ajudar a evacuação das materias indigestas. O veterinario e agricultor Robin, diz ter suspendido a fermentação das forragens verdes na panca dos ruminantes — acudindo logo aos primeiros symptomas — com a simples e mui economica administração de agua bem fria, a qual abaixa a temperatura que, em grán mais elevado é indispensavel para se dar aquelle phenomeno. Cremos não ser equivalente a pouca excitabilidade daquella viscera dos ruminantes — reduzida á funcção de simples deposito alimentar — com a susceptibilidade das visceras digestivas do cavallo; para que possamos fazer uma justa e congruente applicação do mesmo meio a este herbivoro, embora o dito veterinario pretenda estender-lhe a mesma salutar influencia. Todavia o que os factos tem mostrado, é ser possivel em principio, dissipar-se tal achaque com a applicação de compressas ensopadas ou affusões de agua bem fria sôbre o ventre, e ligeiros passeios. A agua fria obra pela impressão algida que produz, e talvez com accesso no sitio da fermentação que interrompe ou enfraquece; e os passeios — solicitando uma suave oscilação nas visceras entericas — facilitam o curso das materias nestas contidas, e a vasão pelo anus dos gazes represados. O meu collega e amigo o sr. Teixeira ex-facultativo veterinario do 3.º de cavallaria, colheu ahi alguns d'estes factos, com que teve a bondade de nos orientar.

Quando, porém, a tympanisação for notavel, e que vá em progressivo incremento, a indicação está na neutralisação e absorpção dos gazes que a determinam.

Desde Chabert (1790) e sobretudo depois das analyses dos chimicos Thenard e Lassaigne, que encontraram nestes gazes bastante acido carbonico e sulphydrico, o amoniaco se tem recommendado como especifico, como remedio heroico em taes casos; porque, combinando-se com elles, fórma o carbonato e sulphydrato de amoniaco, compostos ordinariamente não gazozos, e por isso incapazes de tympanisar. Por nossa parte os poucos casos que hemos tido, e os que sabemos do nosso collega e amigo o sr. Ferreira, ex-facultativo veterinario do 7.º de cavallaria, abonam sobremaneira a quasi infalibilidade de bons successos. Administra-se na dóze de meia onça, em uma ou duas libras de agua fria, podendo elevar-se a uma onça, que se fraccionará então em quatro dózes intervaladas por 6 a 10 minutos. Alguns veterinarios e agronomos teem aconselhado a *agua de cal, vinagre, agua de javelle*; só á falta de amonia, ou havendo-se mais de prompto qualquer daquellas substancias, é que indicariamos o seu emprego.

Obtido o desapparecimento dos gazes, o ventre abate; as visceras digestivas e os musculos abdominaes volvem ao seu estado ordinario; e então as contracções peristalticas e os esforços musculares — que eram impossiveis pela extrema dilatação — reassumem seu podêr, e podem determinar a expulsão de restos gazosos que tenham ficado, e até das materias estercoraceas e fermentescivéis. Se por ventura forem morosas estas evacuações, solicitam-se dando por último meia onça de ether sulphurico em uma libra de agua fria ou de infusão de tilia, e clisteis de cosimento de malvas, a que se junta azeite, e a cada um, uma onça de sal. O ether, por sua faculdade anodyna, calma as colicas que ainda existam, e determina, alem d'isso, o effeito carminativo desejado, em quanto os clisteis actuando nos grossos intestinos, promovem as suas contracções e os esforços para despejar o seu contendo. Os clisteis, aconselham-se ainda, e mui asisadamente, em todos os periodos do achaque; assim como tambem as sangrias quando a asphyxia ou a apoplexia estão imminentes.

(Continúa.)

Uma taboleta em Odivellas.

CUMIDAS. BUBIDAS. CAFE.
LICRES. gUILhERMEDE
pORCALHOTA.

CHARADA.

Tantos foram os preceitos que Moysés } 1
No Sinay recebeu de um Deos potente. }
Não sou crime, sou erro a que sujeita } 3
Vive do mundo toda a pobre gente. }

Nem o philosopho
Nem o christão
Ao podêr foge
Da illusão.

Eu que do mundo
Já nada quero,
Sem saber que
Ainda espero!

O tolo é certo
Virá um dia!
Mas onde existe?
Na campa fria!

EXPLICAÇÃO DO NÚMERO ANTECEDENTE:
Charada — Soledade.



EFFEITOS DO VENTO.



Nuvens.

A ESTAMPA, que vae hoje na frente da *Revista*, representa as tres classes de nuvens da classificação de Howard, admittida hoje por todos os homens de sciencia.

As nuvens mais altas, designadas na estampa por dois signaes, denominam-se *cirrus*. A altura em que ellas pairam ordinariamente, está entre 2,500 e 3,000 braças. Ha muitas razões para suppôr que estas nuvens são formadas de gêlo.

Segue-se a estas o grupo de nuvens, designado por tres signaes. Ás nuvens d'este grupo dá-se o nome de *cumulus*.

Perto do horisonte vê-se outro grupo, com apparencia muito diversa. Um signal só designa estas nuvens, a que Howard deu a denominação de *stratus*.

A grande massa negra, que apparece na esquerda da estampa, representa *nimbus*, a nuvem das tempestades, formada pela reunião de *cirrus*, *cumulus* e *stratus*.

Quando a atmosphera está pura, a primeira nuvem que apparece é *cirrus*, precursora quasi sempre das mudanças de tempo. No verão, *cirrus* annuncia chuva. No inverno prognostíca geada. O vento que a conduz é de ordinario o do sul. Muitas vezes reina o norte perto da terra, e *cirrus* apparece na atmosphera, conduzida pelo vento do sul. Algumas horas depois, a influencia d'este vento sente-se já nas regiões inferiores.

O grupo de *cumulus* deve a sua existencia ás correntes d'ar quente, que se elevam pelo aquecimento da terra. Com o ar que se eleva, porque se torna mais leve, vae o vapor d'agua. Este vapor, condensando-se, quando chega a alturas em que o ar é menos quente, porque está mais longe da terra, fórma as *cumulus*, ou nuvens de verão. Não ha nuvens que se prestem tanto como estas ás phantasias da imaginação. As tradições populares dos paízes montanhosos são ricas em acontecimentos extraordinarios, para que estas nuvens concorrem com uma parte, que não é pequena [1].

Ao *stratus* chamam tambem nuvem da noite, porque apparece como uma grande faixa horisontal ao principio da noite, e desapparece quando o sol nasce.

Combinadas entre si as tres classes de nuvens, formam: — *cirro-cumulus*, *cirro-stratus*, *strato-cumulus* e *cumulo-stratus*. É com a prática das observações meteorologicas que se consegue fazer a distincção prompta d'estes diversos grupos de nuvens.

Ha poucos estudos tão bellos como o da meteorologia. Nenhum tem sido tão despresado nesta terra, em que só trata delle, por extrema dedicação, o sr. Franzini, a quem devemos os unicos trabalhos, de que o Kaemtz se serviu na sua obra. Salvaram-nos estes trabalhos de um descredito, que só os homens de sciencia podem devidamente avaliar.

Um governo illustrado, que tenha amor á sciencia, e que deseje dar impulso á industria, applicando os principios scientificos, ha de necessariamente, em uma reforma sensata da instrucção pública, dar ao ensino da meteorologia a attenção que se lhe tem negado até hoje. A meteorologia exige trabalhos praticos, observações diarias e viagens. Não é em quatro ou seis lições de um curso como o da Eschola Polytechnica que se ha de conseguir a habilitação de individuos, que o governo encarregue d'estes trabalhos. Não é no gabinete que a meteorologia se estuda quando se pretende conhecer o clima d'um paiz, e d'esse conhecimento deduzir todas as consequencias, que a hygiene pública, a agricultura e as artes reclamam. Em quanto se não convencerem destas verdades; em quanto as sciencias experimentaes, por falta de recursos, forem estudadas

[1] Kaemtz.

nos livros, poderemos ter muito quem se distinga no exame do que é puramente especulativo; mas poucos serão os homens praticos, poucas as applicações, á industria, da sciencia ensinada nas aulas.

Tudo morre neste paiz, porque não ha emulação entre os homens que trabalham, porque não ha favor para os que se distinguem, porque, para a gente que estuda, ha o soberano desprêso dos que mandam, e a falta de recursos, que extingue as fôrças dos que mais coragem teriam, se o futuro não fôsse tão negro e o presente tão miseravel.

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Curso d'introducção á Historia Natural dos Tres Reinos.

ACÇÃO DOS AGENTES NATURAES SOBRE A CRUSTA DO GLOBO.

167. A constituição íntima do nosso globo, as revoluções que elle tem experimentado na immensa duração dos seculos, não podem estudar-se senão n'uma parte diminuta da terra. Se a superficie terrestre fôsse homogenea, lisa; se as protuberancias e os valles, os deslocamentos e as fracturas não houvessem alterado a fórma geometrica, que hypotheticamente se admittiu, o estudo da geologia sería, se não impossivel, limitado. São as desegualdades da superficie que facilitam as investigações do geologo. Mas as maiores profundidades, as maximas elevações, são apenas fracções pouco consideraveis do raio da terra; e a parte do globo accessivel ás observações é pequena e limitada. É o que os geologos chamam a crusta do globo.

168. *Estado actual da terra.* — Os que passam sem reflectir um momento sôbre os phenomenos que cada dia se repetem na terra, pensam que uma estabilidade absoluta, um equilibrio que poucas vezes, e momentaneamente, se rompe, caracterisam os fundamentos do sólo que pisâmos. Embora a tradição e a sciencia nos fallem de passadas revoluções, de antigos cataclysmos, a primeira inspiração parece denunciar-nos, que as causas de agitação cessaram de operar sôbre o globo. Uma observação mais detida nos convencerá, porém, de que na terra como no universo inteiro, o movimento é a lei suprema da materia, e o repouso absoluto uma abstracção apenas.

169. *Acção dos agentes naturaes.* — O que acabamos de expender póde facilmente comprovar-se estudando os effeitos, que sôbre a crusta da terra exercem certos agentes geraes, como o ar, a agua, o calor, a electricidade, etc.

170. *Acção atmospherica.* — Não ha uma rocha, que no seu exterior não offereça uma apparencia diversa da que observamos interiormente, partindo-a. É porque a sua exposição ao ar determina uma certa desaggregação nas suas particulas; alteração esta, que frequentes vezes se passa ao alcance da vista, como succede nas pedreiras dos marmores e outras, e nas pedras empregadas nas edificações.

A facilidade, com que os effeitos atmosphericos se manifestam nas rochas, depende de serem ellas mais ou menos susceptiveis de absorver a humidade, e de a perder alternativamente. Se a agua imbebida na rocha se solidifica, haverá uma dilatação que forçará a rocha a fender-se em todos os sentidos. Se o gêlo depois, pela elevação de temperatura, se liquefaz, os fragmentos deixarão de ser por elle cimentados, e a rocha se desaggregará, desfeita em grãos, lascas, etc.

171. *Acção dos ventos.* — Os ventos actuam mediata, ou immediatamente sôbre as rochas. É mediata a sua acção, quando transportam certos productos volcanicos, como as cinzas, que vão modificar as superficies, em que se esparzem; ou quando communicam ás vagas um impulso energico e destruidor. Immediatamente, os ventos podem actuar sôbre as massas já desaggregadas pela continuada acção da atmosphera.

É, porém, sôbre os depositos de arêas finas, e essencialmente moveis, que os ventos exercitam uma acção apreciavel. Os desertos da Africa e da Arabia estão constantemente mudando de relevo, porque os ventos ora accumulam as arêas em collinas elevadas, ora as vem destruir, disseminando-lhe os materiaes.

Nas côstas arenosas dos nossos mares é vulgar a formação de grandes rugas ou eminencias de arêa, que se deslocam ao soprar dos ventos, avançando para o interior das terras, e condemnando-as, por esta invasão, a uma perpétua esterilidade. É nisto que consiste o phenomeno das *dunas*, contra o qual é preciso premunir-se a tempo, procurando conter e ligar as arêas, por meio de plantações convenientes.

172. *Acção das aguas sôbre as rochas.* — É a agua um dos agentes que mais figuram nas modificações que a terra soffre perpetuamente á sua superficie.

O seu podêr revela-se por effeitos variados e por diversas circumstancias. Ora é pela fôrça *dissolvente* que ella ataca os materiaes do globo; ora diluindo-os e arrastando-os no seu movimento; ora pelo seu pêso; outras vezes, finalmente, pela fôrça de transporte, que depende da sua velocidade.

173. *Acção dissolvente das aguas.* — As aguas podem atacar as rochas, exercendo sôbre ellas uma acção chimica, dissolvendo-as. Esta acção póde ter logar immediatamente, como quando a agua passa sôbre depositos de gesso, ou por intermedio do acido carbonico, que contenham. Carregadas assim de acido carbonico ellas influem sôbre as rochas calcareas que existem no seio do globo, vindo depois, quando brotam á superficie, formar depositos de *tufo*, ou sôbre as altas montanhas, principalmente na occasião de se fundirem as neves.

174. *Stalactites e stalagmites.* — Ha varios phenomenos que dependem da posição das substancias contidas em dissolução nas aguas. Entre elles citaremos as *stalactites*. É a stalactite uma massa conica, mais ou menos alongada, ás vezes *cheia*, outras *ôca*, e cuja superficie é quasi sempre ondulada e tuberculosa. Forma-se na parte superior das cavidades subterraneas, pela infiltração das aguas que contém materia calcarea em dissolução. As primeiras gotas que pendem da abobada, deixam pela evaporação um residuo de materia solida, que toma a fórma de um annel, e que augmenta successivamente pela deposição de novas gotas. O pro-

cesso, simples como acabo de o descrever, continúa em acção, e findo um certo tempo, a stalactite está constituida.

Mas entretanto que esta se fórma, as gotas que caem no sólo, originam, pela evaporação, um outro deposito, que cresce no sentido vertical. É a *stalagmite*. Acontece por vezes que as stalactites vão reunir-se ás stalagmites, produzindo columnas que parecem expressamente destinadas a sustentar a abobada.

Estes depositos stalactiticos effectuam-se ainda sôbre as paredes das grutas, produzindo o aspecto agradavel de festões, de cortinados, e de outros objectos de decoração.

(Continúa.)

NÃO HA MAL QUE SE NÃO CURE

PROVERBIO EM UM ACTO.

PERSONAGENS

D. Emilia de Mello	22	annos.
José da Silva e Mello, seu marido	28	»
Jeronymo d'Almeida	28	»
D. Joanna Gonçalves	30	»
Chrispinianno Gonçalves	40	»
Criados, etc.		

A scena passa-se em Lisboa, em casa de José da Silva e Mello; na actualidade.

Sala interior, singelamente mobilada, portas ao lado, para um corredor, e ao fundo, para um jardim — duas janellas de peito para o mesmo jardim.

SCENA I.

D. EMILIA E D. JOANNA.

D. Emilia — *(sentada, e tendo um livro aberto na mão.)* Não sei que sinto, minha bôa amiga; ando sempre com uma melancholia... ignoro a que deva attribuí-la!

D. Joanna — Como não terás tu melancholias, se estás sempre a ler esse chorão do Lamartine, e outros que taes: Deos me livre; é um escriptor terrivel — eu, por mim, não posso gostar delle: tenho um odio entranhado a todos os escriptores sentimentaes...

D. Emilia — Não digo que não tenhas razão nesse juizo que fórmas da litteratura... mas, pela minha parte, affianço-te, que não são essas leituras, não... é quê... *(hesitando)* olha, tenho medo, quasi, de consultar o meu coração... não me dê elle resposta que venha perturbar o meu socêgo, e o de mais alguem...

D. Joanna — *(rindo)* Ah! ah! ora esta!... não querem ver que te namoraste d'algum anjo, como a pobre daquella princeza do Romanceiro do nosso Garrett... pois, sempre te digo, que por muito rica que seja a tua imaginação, não poderás crear um ente mais puro e digno do teu amor, do que teu marido...

D. Emilia — Joanna, bem vês...

D. Joanna — Não tenhas ciumes, minha riquinha; eu sou casada, e tenho a mania de querer ser fiel ao meu pobre Chrispinianno... Mas, continuando, o teu marido é instruido, delicado... e, de mais a mais, lindo moço... não sei que te falte para seres completamente feliz.

D. Emilia — Feliz... quem é que póde julgar-se absolutamente feliz cá neste mundo... eu já não creio que haja felicidade possivel! entretanto não deixo de conformar-me...

D. Joanna — Eras injusta se o não fizesses. O sr. Mello é um excellente rapaz...

D. Emilia — Muito digno...

D. Joanna — Um esposo terno, assiduo... não podias realmente ser mais venturosa...

D. Emilia — Talvez...

D. Joanna — Não creio...

D. Emilia — *(deixa cair a cabeça e fica um momento pensativa; depois ergue-se, limpa a furto uma lagrima simulando alegria)* Olha, Joanna, invejo-te o genio; sempre folgazã, sempre satisfeita.

D. Joanna — Então, achas que o não estou... *(com intenção)* Não sou ambiciosa como a senhora... que quero eu mais? que posso mais desejar? graças a Deos temos com que passar soffrivelmente... e meu marido é o melhor de todos os homens; é o modêlo dos maridos... dos bons, já se sabe... vês! tem só dois defeitos!... ou manias, que é o mesmo!

D. Emilia — Quaes?

D. Joanna — A primeira mania é a mania politica; sabes lá! é assignante effectivo, e pagante, de todos os periodicos politicos: lê todos, do titulo aos annuncios, e todos os dias: — a segunda mania, essa, custa-lhe muito cara ao meu Chrispinianno — bem tenho batalhado com elle para que se emende — é uma tendencia pronunciada, decedida, fatal para demandas; uma demanda é o seu elemento... que lhe hei de eu fazer?...

D. Emilia — Que semsaboria... um marido sempre a fazer politica e a imaginar demandas!...

D. Joanna — Parece-te que é semsaboria?... Ora deixa-te disso; e eu digo-te que são os melhores maridos estes... andam sempre tão entertidos!... e depois Chrispinianno é muito meu amigo; lá nisso nunca lhe conheci differença... não ha vontade que me não faça, divertimento que me não proporcione, pensamento que me não adivinhe...

SCENA II.

D. EMILIA, D. JOANNA, CHRISPINIANNO.

Chrispinianno — *(fóra, gritando)* Joanninha... estás ahi... inda bem, que venho a abafar de cançaço e de satisfação... *(vem á frente da scena, esfregando muito as mãos)* Custou-me a encontrar-te; procurei-te por toda a parte... *(reparando em D. Emilia, que se tem já sentado)* Oh! minha senhora, por quem é; queira perdoar!... não tinha reparado em v. ex.ª... esta cabeça... mas v. ex.ª bem sabe que eu não sei faltar aos meus deveres, e que... involuntariamente...

D. Emilia — *(cumprimentando-o)* Essa é bôa, sr. Chrispinianno, sem incommodo . . .

D. Joanna — *(impaciente)* Mas que terás tu, que vens tão azafamado em minha procura . . .

Chrispinianno — Oh! se soubesses . . . venho satisfeitissimo, não adivinhas porquê, aposto? . . .

D. Joanna — Não . . . como queres que adivinhe? . . .

Chrispinianno — Affianço-te que has de admirar a extensão dos meus conhecimentos, quando souberes. . .

D. Joanna — O quê? . . .

Chrispinianno — Bagatella, bagatella . . . *(muito alegre)* ganhei uma demanda! . . .

D. Joanna — Mas que tenho a admirar nisso . . . não é a primeira . . . e não será a última, não é assim, riquinho? *(batendo-lhe no hombro)*.

Chrispinianno — É verdade! é verdade! . . . mas o resultado desta enche-me de ufania — foi disputada, renhida, foi uma lucta egual, mas terrivel, com aquelle nosso visinho clerigo . . . ou que diacho é . . . maganão tambem; e sabe da cousa como um homem! . . . mas venci-o, levei-o á parede . . . É verdade que gastei sessenta moeditas . . . em metal sonante . . . mas que importa, venci-o, venci o teimoso clerigo! . . . Á vista da minha breve e franca exposição, que te parece agora, Joanninha? . . .

D. Joanna — Que me ha de parecer . . . parece-me alguma cousa caro. *(a D. Emilia)* Vês, Emilia, ahi o tens como se quer! . . .

D. Emilia — *(levantando-se e dirigindo-se a Chrispinianno)* Mas então, sr. Chrispinianno, de certo o objecto dessa demanda deve ser digno . . . dos seus heroicos esforços . . . não é verdade? . . .

Chrispinianno — Á primeira vista, não, minha senhora . . . são apenas alguns palmos de um quintal, que o clerigo . . injusta . . . não digo bem . . . injustissimamente pretendia usurpar-me.!

D. Emilia — *(rindo)* ah! ah! *(torna a sentar-se, e continúa a leitura que encetára)*.

Chrispinianno — Mas venci-o . . . *(á parte a D. Joanna)* Ó Joanninha, sabes se já veiu algum periodico?

D. Joanna — *(o mesmo)* Porque? nem ao menos hoje, que passâmos o dia em casa do teu amigo? . . .

Chrispinianno — Então que queres? em que havia de eu matar o tempo . . . por isso preveni os distribuidores para que viessem aqui todos hoje . . . e já me vão tardando . . .

SCENA III.

OS MESMOS, JOSÉ DA SILVA E MELLO.

Mello — *(entrando pela porta do fundo, e dirigindo-se a D. Joanna e Chrispinianno)* Oh! que prazer! já tinha perdido a esperança de os ver nesta sua casa. Fui esta manhã á praça do commercio, e estava bem longe de os encontrar . . . *(reparando em D. Emilia)* Emilia! . . . *(dirige-se a ella, pegá-lhe na mão e beija-a)* como vaes do teu incómmodo desta manhã? . . .

D. Emilia — *(commovida)* Não tenho nada já . . . sinto-me muito melhor . . .

Mello — Ainda bem; mas dizes isso d'uma maneira . . . olha, não se me dava de apostar que dizes exactamente o contrário do que sentes . . . ora confessa . . .

D. Emilia — Não, juro-te . . .

Mello — Não jures . . . o que te peço, porém — e é bem pouco — é que . . . ao menos hoje . . . te finjas alegre; se não podes mais! . . . tem paciencia . . . guarda essas tristezas para quando estivermos sós . . . *(sentido)* eu já estou costumado . . .

D. Emilia — Senhor . . .

Mello — *(á parte)* Que indifferença! ha neste proceder de Emilia um mysterio que eu não sei descobrir! ella, tão meiga nos primeiros mezes do nosso casamento! . . . dar-se-ha caso? . . . oh! não, não é possivel . . . *(alto a D. Emilia)* Ora, vamos! socega *(alto a D. Joanna, a D. Emilia e a Chrispinianno)* Sabem que temos mais uma visita hoje, que me é muito grata — e espero tambem que seja agradavel a todos — é um dos meus melhores amigos — Jeronymo d'Almeida . . .

D. Emilia — *(vivamente)* Jeronymo d'Almeida, o teu amigo, que mora a S. Francisco . . . vem . . . hoje . . .

Mello — *(reparando na perturbação de D. Emilia)* Tal e qual!. mas que interesse que tu tomas . . . *(continuando)* veiu comigo; está no jardim; eu disse-lhe que lá o iriamos buscar . . . e tambem parece-me que não nos póde ser desagradavel . . . ir tomar o fresco um boccado . . .

Chrispinianno — Apoio a idéa inteiramente; *(á parte)* de caminho vou ver se já veiu algum distribuidor!

Mello — Então, se não acham inconveniente . . .

D. Emilia — Eu estou prompta.

D. Joanna — E eu egualmente.

Mello — Então vamos, vamos; amigo Chrispinianno dá o braço á minha Emilia, eu conduzirei tua mulher . . . *(saem todos)*.

(Continúa.)

O Spleen e a Medicina.

(Conclusão.)

— É edificante esse trecho, disse o doutor, voltando outra vez ao seu natural sarcastico; mas o que queres tu? A minha theoria do amôr é positiva e trivial, mas é verdadeira. O homem é uma garrafa de vinho de *Champagne* — o amor é a porção d'acido carbonico que ella contém dentro em si. Quando a rôlha salta aos doze annos, perde a esperança de que possas outra vez ver ferver o licor na taça do banquete. Pobre rapaz! fez bem em morrer — a religião do sentimento estava perdida para elle; só lhe restava cair na idolatria morta dessas paixões bastardas, que se compram á custa de todas as illusões grandiosas do coração. A sua alma era um deserto: a garrafa estava vasia!

— Prevines maravilhosamente a minha narração, disse eu com despeito. Pouco mais ou menos o que tu disseste, repete-o elle nas linhas seguintes.

E continuei a leitura:

«Dizem por ahi, como um elogio ás minhas qualidades: — Já não é doido!

«Quereis saber o que isto significa? É que me suppõem mais experiente na sciencia da vida: é que já perdi as minhas expansões de franqueza, a minha confiança illimitada nos homens, o enthusiasmo exaltado com que acolhia todas as idéas grandes, nobres e generosas, é que me vou tornando um homem social, como elles o intendem — meio hypocrisia, e meio calculo!

«Oh! sociedade, tu és assim! Applaudes como um progresso a lenta decomposição do homem moral! Comtanto que se rojem aos teus preconceitos, que acceitem as tuas despresiveis conveniencias, que te adulem nas tuas miseraveis vaidades, que te não incommodem por uma superioridade, que te tyrannisa, e te rala d'inveja, és capaz de coroar rei o cynismo mais impudente, o vicio mais descarado, o crime mais atrozmente commettido!

«Quizera ser o que eu era, quando me cobrias de calumnias, quando te envergonhavas de me apertar a mão, quando tinhas pejo da pobreza dos meus vestidos.

«Tenho dó de ti! Desdenho até de te esmagar na minha colera, de te escarrar nas faces o meu desprêso! És como a Oola, e Ooliba da pungente parabola de Ezechiel! Prostitues-te na casa e no mar, no campo e na praça, no palacio e na choupana!

«Adoraste Talleyrand — esse monumento da immoralidade faustuosa! Lambes o pó ao Talleyrand da nossa sociedade, que as leis deviam marcar com o ferro em braza do forçado!

«Não te agradeço se me consentes tomar um logar no teu banquete privilegiado! Arrependo-me, porque senti nas faces o teu beijo fementido; porque me caíu no coração a baba venenosa com que manchas tudo o que é nobre e illustre, grande pelo genio, ou grande pela vontade!

«Recebes-me, porque vês em mim uma fôrça; se caísse, havias, como o abutre, cevar a tua raiva nas carnes ensanguentadas do cadaver! . . . .
. . . .

«Porque vives tu ainda? Porque não cortas de um golpe os laços que te prendem a este inconcebivel supplicio de Tantalo?

«E desconheces porventura que a natureza nos concedeu o horror da morte?

«Porque é que tu, tendo uma bella flor perfumada nas mãos, a desfolhas, folha por folha, petala por petala, para descobrires os mysterios do seu aroma?

«Nunca foste a um baile? Não viste ahi a mulher preparada para agradar — de sorriso nos labios, de coróa no cabello, de ramalhete nas mãos, tentadora, provocante, ensaiada no seu papel?

«Não observaste a riqueza daquelles adornos, a voluptuosa cadencia daquellas danças, a venalidade sobejamente calculada daquellas phrases — os prestigios que te convidam, e que tu despresas, as magnificencias que te embriagam e que tu medes severamente, porque tens a convicção de que é uma comedia o que se representa diante dos teus olhos?

«E ficas até ao fim. Ficas, quando as luzes se apagam, quando as flores se desfolham, quando as faces impallidecem, quando as coróas se murcham, quando os cabellos se soltam, quando os vestidos se amarrotam, quando os sorrisos se tornam em bocejos, quando a palavra se reduz a um epigramma, quando os baços clarões do dia que começa, destroem todas aquellas pompas, manifestam o vasio daquella vida facticia!

«É assim a vida! Ninguem aprende na experiencia. Embora te bradem: — Não corras, que te despenhas no abysmo. — Só te lembras do aviso, quando tumultuas enraivecido dentro delle!
. . . .

«Morrer? E o que é a vida, senão a aproximação gradual da morte? O abhorrecimento não é o desespêro. A desesperança vem pouco e pouco, não rebenta em terrivel explosão. Se assim fôsse, o suicidio seria a morte natural da humanidade! . . . .
. . . .

«Amemos! Adormecer nos braços d'uma mulher — sentir que aquelle seio palpita por nós — que aquelles labios buscam casar-se n'um beijo fremente com os nossos labios — sentir que somos para ella o fim e a esperança da vida, não é uma compensação a todos os tormentos?

«E que vale a glória se ninguem a partilha? E que é o artista sem uma inspiração que o illumine? E de que servem as palmas se ellas não fazem estremecer de enthusiasmo um coração que as entenda? . . . .
. . . .

«Palpitará alguma cousa debaixo do colete dessas bonecas espartilhadas? Ter-lhe-ía Deos concedido uma intelligencia para adivinhar no desdem d'um homem, a repressão dos sentimentos que elle guarda como um thesouro?
. . . .

«Porque me concedeu Deos esta fatal desconfiança? Porque tento eu — orgulhoso animal! — merecer mais do que o resto dos viventes? Porque não acceito a mulher como a sociedade a fez? . . . .
. . . .

O manuscripto estava despedaçado neste sitio. Parei de ler. O doutor entretanto tinha deixado apagar o charuto, quando o quiz reanimar já era tarde.

— Maldita seja a tua leitura, que me fez perder um dos mais apreciaveis prazeres, que um animal racional póde gosar!

E o doutor atirou para longe o charuto, com um gesto de desespêro comico.

— Eis-ahi como é o homem; eis-ahi como tu lavraste a sentença da sociedade! Como o carro do idolo da India, esmaga os fanaticos prostrados, e continúa implacavel na sua marcha, com as rodas banhadas no sangue das victimas!

A minha exclamação não teve effeito. O doutor adormecêra serenamente sôbre o sophá. Emfim, fui respirar o ar da noite, e como procurar no repouso da natureza um balsamo a esta horrivel tempestade da minha alma.

Rochester.

POESIA.

A Serrana.

(N'UM BAILE DE MASCARAS.)

Serrana gentil, como airosa sobraças
A tua mantilha de seda e veludo!
Quem és que dest'arte possues tantas graças?
Quem és? . . . o teu nome? . . . declara-me tudo.

Serrana gentil, não me faças soffrer;
D'amar-te e seguir-te quem ha que me véde?
Eu amo-te, adoro-te sem te conhecer,
Que a mascara o rosto de ver-te m'impede.

Debalde t'escondes o lindo semblante;
Descubro, sem ver-te, que és muito formosa;
Debalde t'escondes, que a vista d'amante
Penetra o tecido da masc'ra dolosa.

Um som de teus labios, tão meigo e sonoro,
Já fez na minh' alma profunda impressão;
Tens d'anjo o fallar, é um anjo que imploro:
—Descobre o teu rosto, celeste visão!

Concede-me um languido olhar de ternura,
Que em laços fagueiros as almas enleia:
Um meigo sorriso d'amor e candura,
Que a mágoa desfaça que o peito m'anceia ..

Dizer-me não queres nem mesmo o teu nome?
Recusas-me tudo, serrana insensivel?
A dor que meu peito tyranna consome,
Contemplas sem pena, sem dó, impassivel?

Esperas com isto de mim evadir-te?
Esperas, occulta, tornar-te esquecida?
Esperas debalde—que eu hei de seguir-te,
Ou queiras ou não, ou na morte ou na vida!...

Serrana gentil, como airosa sobraças
A tua mantilha de seda e veludo!
Quem és que dest'arte possues tantas graças?
Quem és?... o teu nome?... saber hei de tudo...

E. A. Colaço Mimoso.

VIAGENS.

Pulo-Pinang e Batukawan'n.

Pulo-Pinang é uma ilha dos inglezes situada a 5° e 20' de latitude norte, e a 9° de longitude l'este, na costa d'oeste de Sumatra e Manilha.

A posição desta ilha, muito favoravel ao commercio dos inglezes com os chins, determinou a companhia das Indias a offerecer interesses e protecção a um missionario catholico, que construiu uma igreja e um seminario, reunindo na ilha alguns proselitos malaios, e siameses. Foram estes os primeiros habitantes de Pulo-Pinang.

George-Town é o nome que os inglezes dão á cidade. Os malaios, os chinezes, e os francezes, chamam-lhe *Tangeon*, ou *Tandjonc* (cabo). Para entrar em *Tandjonc* não é preciso passaporte. Ninguem pergunta, ao que desembarca, quem é, nem o que pretende; mas apenas salta em terra persegue-o logo uma multidão de individuos officiosos, que se offerecem para lhe servirem de guias. Estes guias fallam todas as linguas. Se não respondeis, quando vos fallam em lingua de malabar, achareis logo quem vos falle em francez, em hespanhol, e até mesmo em portuguez, o que não é muito commum nos outros paizes.

Tangeon é uma bonita cidade, que tem quasi uma milha de comprimento. As ruas não são macadamisadas, nem calçadas; mas tem escoadoiros dos lados por onde se somem as immundicies, de maneira que faz gosto vêr o aceio dos caminhos, ainda mesmo nos bairros mais pobres.

As diversas familias, que hoje formam a povoação de Pulo-Pinang, seguem livremente o culto que mais lhes agrada. Todos os cultos são igualmente protegidos pelo governo. Muitos chins se tem convertido, fazendo-se catholicos—não consta que algum se tenha feito protestante. É sobre tudo em cousas de religião, que brilha a originalidade dos chins. A ultima vez que eu estive no seu pagode, diz Guerand, foi, creio eu, a 29 de janeiro de 1838—encontrei lá um padre ignorante, pelo qual tive noticia do *sacrificio dos papeis*, que naquella noite se havia de executar. Os chins fazem frequentes sacrificios, umas vezes aos idolos, outras vezes ao seu deos, ou ao demonio, que, mais que todos, merece a attenção dos devotos.

Consiste o sacrificio dos papeis em queimar, diante da imagem de uma divindade barriguda, todos os papeis pintados ou dourados, que arrancam das paredes, de cima das portas e das janellas, para substituirem por outros na vespera do anno novo. As festas do anno duram tres dias na primeira lua, e tres na segunda. É indisivel o luxo que se apresenta então nas procissões, no vestuario, e na mesa.

A policia permittiu, quando eu lá estive, que tocassem pelas ruas, e fizessem a festa em grande. Não se podia dormir com a bulha dos foguetes, das bombas, de toda a qualidade de fogo, e de folía. Esteve a cidade quasi toda illuminada, por meio de vélas, que ardiam dentro de monstros extravagantes, todos feitos de papel pintado. Tres vezes appareceu procissão solemne nas ruas da cidade, acompanhada sempre de instrumentos de pancada. Em fim, aconteceu o que acontece quasi sempre nas festas chinezas, jogou-se muito, e bastantes ficaram arruinados, depois daquelle excellente divertimento.

A primeira procissão, que não foi a mais bonita, teve por objecto levar ao cemiterio uma boa refeição para os mortos. A segunda, que foi a dos enfermos, teve logar em 8 de fevereiro. Faltam termos para exprimir a pompa, e o luxo, do cortejo. Em todas as ruas havia fogo de artificio; iam em triumpho muitas raparigas, ricamente enfeitadas. Uma dellas, na extremidade de um madeiro vermelho, parecia uma ave, balouçando-se sobre um ramo. Outra ia em pé sobre o pedestal collocado em uma altissima liteira. Tres, sobre uma banca, iam de um modo, que difficilmente se concebe. A primeira estava de costas, com as pernas para o ar. A segunda ia na posição vertical, com a cabeça para baixo, segurando-se unicamente com as mãos aos çapatos da primeira. A terceira, finalmente, estava em pé sobre os pés da segunda. A julgar pela bulha, deviam lá estar todos os padres e musicos da China. Muitas toxas e monstros inflammados cercavam a multidão. A traz d'isto marchavam impavidos, no meio das bombas, e dos buscapés, alguns milhares de chinezes, a pé, e alguns em palanquins.

Muitos escriptores teem dito, fallando dos hebreus e dos musulmanos, que a circumcisão era uma precaução hygienica, e que Mahomet fez bem quando prohibiu o uso da carne de porco, e das bebidas fermentadas. O grande numero de christãos estabelecidos na India e na Turquia, prôva que lá se póde viver sem a

circumcisão, e usando indistinctamente de todas as bebidas, e de todas as carnes. Os musulmanos privados da liberdade de saborear os licôres, embriagam-se com opio, que fumam deitados, ao pé da luz de uma pequena lampada.

. . . .

A ilha de *Batukawan'n*, que, pela sua pequenhez, não vem nas cartas, está situada a 21 milhas de Pulo-Pinang, e tem 10 a 12 milhas quadradas de superficie. Quando os européos começaram a fazer plantações nesta ilha, era ella, já de ha muito, habitada pelos chins, e pelos malaios. Uma pequena cidade, e um pagode, tinham já sido construidos pelos chins, que viviam, uns do producto da pesca, outros da cultura da canna do assucar, ou mesmo da fabricação do assucar. Os malaios piratiavam, ou viviam de fructos, e de arroz, em quasi completa ociosidade.

Em 1828 M. Antony Mac-Intyre, estimavel negociante de Pulo-Pinang, viu-se obrigado a quebrar. Pagou aos seus crédores, e só lhe ficaram, de sóbras, a sua probidade, a confiança dos homens honrados, e o seu amor pelo trabalho. Pediu á companhia uma concessão de terreno, reuniu uma sociedade de chinezes, fez construcções em *Batukawan'n*, e foi para lá estabelecer-se como agricultor, levando comsigo a sua numerosa familia.

O padre *Boucho*, missionario, amigo de M Antony, fazendo repetidas viagens d'exploração, ganhou proselytos entre os malaios e os chins de Batuka. Em paga dos serviços que tem feito, polindo povoações selvagens, o padre Boucho tem obtido concessões de terrenos, em que já plantou mais de oito mil muscadeiras. Arroteando terras, que eram virgens, e dando o exemplo salutar do trabalho, o missionario tem conseguido organisar para as missões de Siam, um capital, de que ellas podem tirar incalculaveis vantagens. O padre Boucho encontrou, nestes paízes, indigenas que eram ladrões, que viviam em desordem continua. Hoje os roubos são raros, ha policia activa e vigilante, ha uma povoação feliz.

As producções de Batukawan'n são: assucar, anil, fructos e legumes de todas as especies. Abunda o peixe, e o marisco. Dos quadrupedes, encontram-se lá: o bufalo domestico, o javalí, o cabrito, o viado, e o tigre. Este é o que mais temem os habitantes. Ha poucos annos existia na ilha um tigre, que já tinha devorado quatorze pessoas. Os indigenas, de noite, levam archotes, quando vão pelo campo, para que os tigres não os persigam. De dia, levam cães na frente. Logo que os cães param, é certo que o tigre não está longe. O melhor partido nestas circumstancias é voltar para traz, fazendo pouca bulha com os pés.

KONSTKI — Piannista polaco.

D'um excellente artigo da *Epoca* extraímos o seguinte:

. . . .

« Konstki sente, e canta o que sente. Listz assimelha-se a Goethe, cuja individualidade olympica era toda intelligencia. Konstki tem mais de humano, e recorda a resignada e doce expressão de Schiller. Um manifesta a arte pela fôrça e pela mente: o outro exprime-a pelo amor e pela graça. A differença entre os dois é immensa e infinita — como a que vae de Miguel Angelo a Rafael, de Jupiter ao Apollo grego. Com Listz a imaginação deslembra-se, e cega-se como a vista do que treme á beira dos espantosos precipicios. Com a musica de Konstki o coração recorda, a alma suspira, e o sentimento córa ou sorri em toda a ingenuidade. »

. . . .

« M. Konstki tem uma reputação que está mesmo acima da inveja. O seu nome, objecto de admiração para os que amam ou sabem a arte, não precisa de elogios para sobresair. Fallando como fallâmos não fazemos senão descrever as nossas sensações. Recommendarmos que o ouçam não é obsequio a elle, é proporcionar aos amadores de musica momentos que talvez não tornem mais a gosar. Raras vezes é dado unir tanto enlevo a tanto fogo, tanta magestade a egual graça. Oxalá que o acolhimento que receber em Portugal seja digno do seu talento e das antigas memorias de um povo que foi tão nobre pelas artes como pelas armas. »

BIBLIOGRAPHIA.

Ensaios Poeticos

PELO SR. F. G. DE AMORIM.

Temos a satisfação de annunciar, que o sr. F. G. de Amorim vae publicar as suas poesias, em um volume, que sairá ás folhas, contendo as melhores poesias, já publicadas no *Jardim Litterario*, e outras ainda ineditas.

Recebem-se assignaturas na loja do sr. Lavado, e no escriptorio do *Jardim Litterario*.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Lenhos, e qualidades das obras para que são applicaveis.

(Conclusão).

ANGOLA.

Espinho — Acha-se nas margens do Rio Coanza, e no districto de Libongo; é madeira eterna, que nenhum verme se atreve a atacar, e muito estimada para construcção de embarcações, porque em logar de comer o ferro das cavilhas e pregos, como faz a Sucupira do Brazil, tem a propriedade de o conservar.

Tacúla — Acha-se nos mesmos locaes que o Espinho, e tem o mesmo prestimo para construcções navaes, e pela sua linda côr encarnada é muito apreciada para construcção de moveis para ornamento de casas.

Pau. — Acha-se em Matamba no districto de Icollo e Bengo, é madeira amarella, muito rija, e linda, serve para moveis, molduras, embutidos, etc

N. B. — Em Angola acham-se mais algumas qualidades de madeira, com diversos prestimos, e cujos nomes são: *Maçaruba*, *Mugiuge*, *Silveira*, etc.

LENHOS PROPRIOS PARA TINTURARIA QUE SE ACHAM NAS ILHAS DE S. THOMÉ E PRINCIPE.

Alcaçuz — dá tinta côr de cana.
Guigó — dá tinta côr de camurça.
Gogó — dá tinta côr de tijolo.
Nêspera — dá tinta côr de canella.
Ocó — dá tinta côr de mel.
Sangue — dá tinta côr de ganga.
Vermelho — dá tinta côr de sarro de vinho.

Tambem fornece á tinturaria — o Almagre, Urucú, que lá chamam Jericbó, Ocre rôxo, côr de ouro, Gridelim, côr de canna e amarello.

Temos tratado das vantagens que ao commercio portuguez resultaria, se emprehendesse o trafico das diversas e preciosas madeiras para construcção naval e civil, e obras de marcenaria, como tambem dos diversos lenhos para tinturaria, que existem nas ilhas de S. Thomé e do Principe; e persuadidos como estamos, de que as viagens para aquellas ilhas lhe fornecerão bons e seguros interesses, lembrar-lhe-hemos que ellas estão situadas apenas a 800 leguas de Lisboa (viagem de um mez para a ida, e mez e meio para a volta), e que, por consequencia, em pouco tempo poderão trazer á metropole as porções que pedirem dos mais ricos productos da America, e dessas riquezas do Oriente, para obter as quaes se dobra ainda hoje o cabo da Bôa Esperança, além de muitas outras riquezas africanas, de que o seu sólo abunda, e das quaes daremos aqui em resumo alguns nomes, começando por indicar as que fornecem artigos de exportação para os mercados da Europa.

Palmeira de Dendem — cujo fructo é similhante a uma pinha, dá o azeite conhecido pelo nome de Palma, do qual se fabrica (misturando-lhe cinzas) o excellente sabão chamado de S. Thomé, cuja exportação era prohibida no tempo de D. João III, que tem a propriedade de fazer as mãos brancas, e egualmente o panno de linho. Esta mesma arvore dá uma qualidade de lã, que se assimelha com o que em Portugal se chama *isca de solla*, e serve para os mesmos usos.

Balsamo do nome da ilha, que se diz ser o *Tolu* de que tratam alguns livros.

Lã vegetal — a arvore que a dá denomina-se na ilha — *Upá*, e na ilha do Principe, *Gamella*, em consequencia do seu tronco servir para aquelle effeito.

Seda vegetal, conhecida no paiz debaixo do nome de *Oca*.

Algodão branco — é egual ao de Pernambuco, na côr e na felpa.

Gofé — cuja madeira é mais leve que cortiça.

Copé — de cujas folhas se extrahe verniz.

Café ou *Coffæa arabica* — este arbusto não tem degenerado, pois o café tem o mesmo aroma e gôsto que o de Moka, e assim é reputado nos mercados da Europa.

Algodão côr de ganga — foi transportado de Benim.

Cacáo. — *Urucú*. — *Herva doce*. — *Alfazema*. — *Canhamo*.

Pimenta redonda da India — (Piper nigrum).

Gingibre dourado — é egual em tudo áquelle que os nossos tintureiros recebem das Indias.

A canella de Ceilão, *Laurus cinamomum*, que mesmo sem cultura cresce por toda a parte bravia, etc.

PERGUNTA ENIGMATICA.

Quem é que se assenta, sem escrupulo, põe o chapéu na cabeça, e volta as costas a um principe, ou d'um rei, por mais poderoso que seja.

CHARADA.

A primeira, entre os lusos, } 1
Foi varão assignalado;
A segunda, entre os lusos, } 1
Fez um feito mui fallado.

A terceira, sempre triste, } 1
Infunde sempre tristeza;
A quarta promove ao homem } 1
O sustento e a riqueza.



Prestam na guerra,
E prestam na paz,
Valentes soldados
Qué não ficam atraz.

EXPLICAÇÃO DO NÚMERO ANTECEDENTE:

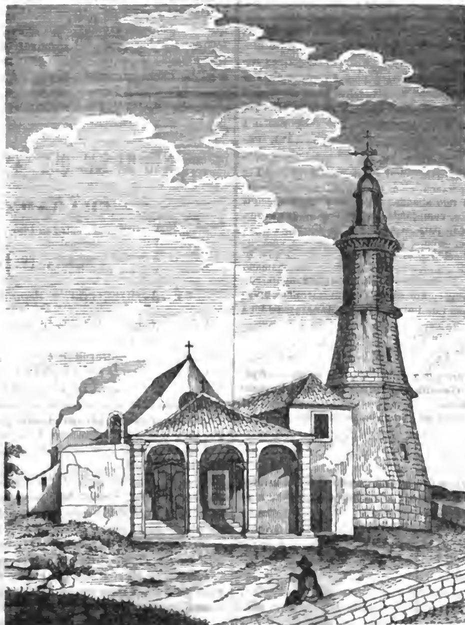
Charada — Desengano.

EXPLICAÇÃO DO SUPPLEMENTO AO N.º 11:

Pergunta enigmatica — Lacre.
Charada — Belda.



OS PARTIDOS ENCONTRAM-SE . . .



Pharol de Nossa Senhora da Guia.

O PHAROL de Nossa Senhora da Guia está estabelecido ao pé de Cascaes, na latitude de 38° 41′ 0″ e na longitude de 9° 27′ e 12″ a oeste de Greenwich. Tem 16 lumes, e avista-se na distancia de 12 milhas. Foi levantado em 1761, e reformado ultimamente.

No primeiro volume d'este jornal dissemos o que entendiamos ácêrca dos pharoes de Portugal. Repetiriamos hoje o que então dissemos, se d'ahi podesse resultar alguma vantagem. Não o fazemos, porque perdemos a fé. Os nossos leitores acharão no primeiro volume, e no relatorio do sr. Fradesso da Silveira (publicado na *Revista Universal*) uma noticia sufficientemente desenvolvida, ácêrca do estado em que se acham os nossos pharoes.

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Curso d'introducção á Historia Natural dos Tres Reinos.

175. *Acção erosiva das aguas.* — A agua, penetrando nas camadas argilosas, amollece-as a tal ponto, que ellas não podem já manter-se com as inclinações que tinham, desabam pelo seu proprio pêso, causando desarranjos profundos na disposição das massas mineraes. Citam-se immensas catastrophes devidas a esta acção particular das aguas. Entre ellas mencionaremos a destruição da cidade de Pleurs, na Valtelina, em 1618, e a da grande parte de Salzburgo em 1669. É a esta acção que devemos referir egualmente o que se passa nas

cataratas que se precipitam passando sôbre rochas talhadas a pique. É em virtude della, que a célebre cascata de Niagara tem retrogradado sensivelmente desde o estabelecimento dos europeus no Novo-Mundo.

176. *Acção do pêso e das vagas.* — Immensos exemplos attestam o podêr destruidor que o pêso communica ás aguas. As inundações, a que differentes paizes estão expostos pela sua situação inferior aos mares, aos lagos, aos rios, compensam a efficacia da acção devida ao pêso. Reunida á acção das vagas, tem uma energia sufficiente para modificar profundamente os contornos das partes solidas do globo, como o demonstram, entre outras, as modificações experimentadas pela costa, que se estende desde as bôccas do Escalda até ao canal de Jutland.

177. *Acção das aguas correntes.* — *Transporte dos detrictos.* — A agua correndo com declives mais ou menos consideraveis, adquire, pelo movimento, uma nova fôrça, com que desaggrega as rochas, que se encontram no seu trajecto.

Os detritos que resultam desta desaggregação são arrastados pela corrente, até que chegam a depositar-se nos logares, em que, por várias circumstancias a fôrça de transporte diminue.

178. *Deposição dos detritos.* — Os fragmentos arrancados pela acção das aguas ás montanhas por onde passam, são transportados a distancias, variaveis com as circumstancias da corrente. Á medida que a rapidez do movimento diminue, os mais volumosos vão successivamente caindo no fundo do valle, depois os de menores dimensões, depois as arêas, e finalmente os sedimentos mais finos, que podem ser arrastados através de grandes espaços. Rolando incessantemente, durante o transporte, os diversos fragmentos se combatem muitas vezes, se roçam mutuamente, perdendo as arestas e as pontas, e arredondando-se, formando o que se chama *calháus rolados.* A observação confirma o que a theoria póde prevêr. A parte inferior das terras, nos logares onde o alveo se alisou, onde o valle, alargando-se, encurtou a velocidade ás aguas, se acha coberto de calháus, mais ou menos volumosos. Os *cascalhos*, as arêas, os sedimentos lodosos, são conduzidos a maiores distancias para se deporem no fundo dos lagos, ou dos mares, ou para formarem depositos consideraveis nas margens dos rios, e principalmente nas suas embocaduras.

179. *Depositos chimicos e mechanicos.* — Pelo que acabamos de expôr percebe-se que a agua exerce sôbre a crusta da terra uma tripla influencia: 1.° — desaggregando as rochas, e concorrendo poderosamente para a formação dos detritos; 2.° — transportando-as a distancias maiores ou menores dos logares onde existiam; 3.° — depondo-os em fórma de sedimentos, quando cessam as circumstancias, que favoreciam a suspensão. Á acção *denudante* da agua succede uma acção *sedimentar;* á destruição a reconstrucção. Em meio d'este movimento continuado em que se revolvem os materiaes da crusta do globo, ha uma compensação rigorosa entre os depositos antigos que se alteram, e aquelles que de novo se originam.

Se o deposito resulta de detritos que se achavam apenas em suspensão, diz-se *mechanico.*

Se ao contrário a materia das rochas preexistentes é levada n'uma verdadeira *dissolução* nas aguas, se chega a precipitar-se produz um deposito *chimico.* Os tufos calcareos, de que já fallamos — os depositos siliciosos, como os que são devidos aos *geysers* da Islandia, ou ás aguas das *furnas* da ilha de S. Miguel — as stalactites, que acima descrevemos, são exemplos que attestam a frequencia dos depositos *chimicos*, e a importancia que tem a acção dissolvente das aguas nas modificações que o globo continuamente soffre.

(Continúa.)

NÃO HA MAL QUE SE NÃO CURE

PROVERBIO EM UM ACTO.

SCENA IV.

UM DISTRIBUIDOR, *e depois* UM CRIADO.

DISTRIBUIDOR — *(batendo á porta da direita)* O sr. Chrispinianno Gonçalves . . . *(pausa)* o sr Chrispinianno Gonçalves . . . *(torna a bater)*.

CRIADO — *(correndo da porta da esquerda)* Quem é? Quem procura você? *(abre a porta)*.

DISTRIBUIDOR — *(entrando de chapéu na cabeça e grande pasta debaixo do braço)* Quem procuro? essa é bôa! Procuro o sr. Chrispinianno Gonçalves.

CRIADO — Não conheço! Meu amo; chama-se José da Silva e Mello . . .

DISTRIBUIDOR — Mello! *(largando a pasta em cima de uma cadeira, e pondo uns grandes oculos, pega n'uma folha de papel muito suja)* Mello! Vamos a ver se está na minha relação . . . *(lê — alto)* Não . . . nada . . . não é Mello, é Chrispinianno Gonçalves . . . era impossivel que eu me enganasse.

CRIADO — Mas já lhe disse que não sabia quem era esse senhor; cá na propriedade não ha nenhum com esse nome . . .

DISTRIBUIDOR — Isso é que é um transtórno diabolico . . . queria entregar o jornal . . . então diz vocemecê que . . .

CRIADO — *(impaciente)* Digo que não sei quem é esse sujeito . . . e que meu amo não lê jornaes . . .

DISTRIBUIDOR — Mas o sr. Chrispinianno . . .

CRIADO — *(pensando)* Dar-se-ha caso que seja um amigo de meu amo, que ahi vem jantar hoje? Só se é esse . . .

DISTRIBUIDOR — Ha de ser . . . ha de ser . . . Olhe, *(entregando-lhe um jornal)* aqui tem a folha . . . póde entregar-lh'a . . .

SCENA V.

OS MESMOS E CHRISPINIANNO.

CHRISPINIANNO — *(entrando)* É vocemecê... inda bem; já cuidava que não vinha.

DISTRIBUIDOR — *(tirando o chapéu e os oculos)* Não vir . . . pois não havia de vir! . . . Vossinhoria está na minha relação . . . ora . . . a proposito, se vossinhoria tiver aquella cousita que lhe pedi; bem vê que . . . quem

tem familia, e tantos filhos, como eu *(exaggerado)* Ah! muito póde a necessidade... Se fôsse n'outro tempo... então não precisava pedir, como agora... e andar calcurriando por essas ruas, a aturar um e outro... todo o santissimo dia... emfim, demos graças a Deos...

Chrispinianno — Está bom... faço idéa... adeos, que não posso demorar-me...

Distribuidor — *(pegando na pasta, e pondo o chapéu)* Com sua licença *(vae a retirar-se)*. Sou um criado de vossinhoria... ámanhã entrego a folha lá em casa?... *(sae)*.

Chrispinianno — Sim...

Distribuidor — *(apparecendo outra vez á entrada da porta)* Então, eu espero da caridade de vossinhoria... bem sabe, bem póde avaliar... quem não tem posses... *(desapparece)*.

Chrispinianno — Sim... sim... não me esqueço...

Distribuidor — *(vendo-se-lhe sómente a cabeça)* E se podér ser algum fatinho... usado, já se sabe... tudo serve... quem tem filhos...

Chrispinianno — Basta, deixe-me...

Distribuidor — Perdôe vossinhoria *(sae)*.

SCENA VI.

CHRISPINIANNO *só.*

Que sécca de distribuidores; safa... é uma praga de nova especie... uma especie de cholera-morbus... *(pausa)* Oh! que bello dia que eu passo hoje... com muita economia... e divertido... *(olhando risonho para o jornal que tem na mão)* Isto deve vir interessantissimo... estou ancioso por saber como se vão resolvendo certas difficuldades politicas... Ah! se não fôsse a politica... eu sei... morria... talvez *(pausa)*, morrer... não digo tanto... mas havia de passar muito peior... de certo... *(chega á janella do fundo)* Ahi vem o dono da casa com o seu amigo — aqui para nós — não engraço muito com o tal sr. Jeronymo... parece-me que é folgasão de mais... já indagora ia azoando, porque me persuadi que se ria de mim, e estive, vae não vae, a perguntar-lh'o; mas pensei que isso podia ter sérias consequencias — palavrinha puxa palavrinha... elle parece-me desembaraçado de mais... eu... lá de lingua não trabalho mal tambem... nada, nada; foi melhor assim...

SCENA VII.

O MESMO, *depois* JERONYMO D'ALMEIDA, E JOSÉ DA SILVA E MELLO.

Chrispinianno — Elles ahi vem... vou retirando em bôa ordem...

Jeronymo — Ó sr. Chrispinianno, por aqui... cuidei que estava no jardim... *(reparando no jornal que este tem na mão)* Viva... já deve estar satisfeito, ah! ah!

Chrispinianno — *(á parte)* Ahi principia elle com as costumadas mangações... este homem andaria comigo na eschola; trata-me com uma familiaridade... *(alto)* Com licença meus senhores... até logo *(sae pela porta do lado.)*

SCENA VIII.

OS MESMOS, *menos* CHRISPINIANNO.

Jeronymo — Excellente homem, em toda a extensão da palavra... vejam com que interêsse lê todos esses periodicos; e o que eu admiro mais é a bôa-fé com que acredita tudo que elles contam em letra redonda..... Olha, por aquelle não vem mal ao mundo, não...

Mello — Aquelle é feliz ao menos...

Jeronymo — A seu modo é, não ha dúvida... E tu não o és tambem... para que invejas a felicidade *sui generis* do pobre do Chrispinianno?...

Mello — Eu...

Jeronymo — Ora vamos, amigo Mello, não tens razão de queixa... tua mulher é das mais galantes, espirituosas e instruidas mulheres que eu conheço... tem todo o fogo de uma andaluza... a apreciavel languidez de uma portugueza... a vivacidade de uma franceza...

Mello — É verdade...

Jeronymo — É justiça... tu bem sabes que eu não exaggero... depois ama-te...

Mello — Ama-me... assim o acreditei algum tempo... foi uma deliciosa illusão que se dissipou para minha desgraça... agora conheço-lhe um modo... uma indifferença que me mata... se eu não posso costumar-me a similhante modo! não posso; não tenho presença d'espirito para tanto...

Jeronymo — Mas que pensas tu, o que imaginas que seja?...

Mello — Não sei... receio explica-lo *(travando da mão a Jeronymo)* Olha, Jeronymo... descobri ind'agora uma cousa terrivel — oh! que não sei como não estalei de dôr...

Jeronymo — Que foi, homem?...

Mello — Sim, Jeronymo: — Ha muitos dias que eu nutro suspeitas, que uma serie de factos parece continuamente confirmar. Não tens reparado nas maneiras indefinidas de minha mulher... não a viste... no jardim... responder com palavras de um sentido vago ás perguntas que eu lhe fazia... abaixar os olhos quando a encarava fito... Oh! meu Deos, aquelle amor que Emilia me votava, esse amor em que eu fazia consistir toda a minha felicidade... esse amor já não existe para mim no seu coração...

Jeronymo — Ora, serio, tu não estás bom de cabeça! então querias que fôsse eterno em tua mulher o fogo, a ardencia dos primeiros amores... querias um impossivel, amigo... no casamento podem-se encontrar as alegrias intimas e a solida felicidade — a que dura sempre — e que consiste na mutua correspondencia de dois entes que se amaram... mas o tal maganão do deos alado, esse abala logo pela janella fóra... e eu acho isso razoavel... ha tempo para tudo; tudo tem a sua occasião propria!

Mello — *(pensativo)* Assim será... mas eu porora ainda não me converti a essa religião... Inda não pára aqui...

Jeronymo — O que é mais?...

Mello — *(com vivacidade)* Tu és meu amigo!

Jeronymo — Tenho-o provado, e se fôr necessario não me pouparei...

Mello — Obrigado, obrigado... olha... *(hesitando)* não posso; não devo dizer-t'o... é uma idéa extravagante talvez...

Jeronimo — Tu assustas-me!

Mello — Emfim... oh! mas peço-te já perdão... não te offendas... podes crer que tenho plena confiança em ti...

Jeronimo — Acaba...

Mello — Pois bem: sabe que em quanto Emilia parecia desviar de mim os olhos, os erguia para alguem; em quanto parecia não me ouvir... prestava a maior attenção ás palavras d'esse alguem; vi tudo; antes não queria ver!...

Jeronimo — Mas não percebo; esse alguem...

Mello — Esse alguem *(com explosão)* esse alguem eras tu...

Jeronymo — *(soltando a mão da do Mello, e recuando dois passos)* Que dizes; pois tu acreditas similhante cousa? vê bem — és o defensor nato de tua esposa — e calumnia-la...

Mello — Não a calumnio...

Jeronymo — Então...

Mello — Não a calumnio, repito: Emilia, eu bem o sei, não é capaz de faltar ao minimo dos seus deveres; mas o seu coração *(com sentimento)*, mas o seu coração, esse, por um mysterio incomprehensivel, póde deixar de pertencer-me..., tenho um presentimento de que não me pertence já... não me hei de entregar ao desespêro?... se era a minha unica, a minha mais preciosa joia...

Jeronymo — Tem juizo, homem; isso póde, e ha de ser uma suspeita sem fundamento... em quanto á minha lealdade...

Mello — Não me falles nisso... tu és o melhor, o unico, talvez, dos meus amigos..

Jeronymo — E involuntariamente uma das causas dessa afflicção que te punge...

Mello — É verdade...

Jeronymo — Ora pois, Antonio, confias em mim?

Mello — Absolutamente.... *(aperta-lhe affectuosamente a mão)*.

Jeronymo — Socega; isto não ha de ser nada.

Mello — Não ha de ser nada?

Jeronymo — Não — affianço-t'o eu — e que seja alguma cousa! lembras-te daquelle velho proverbio — *não ha mal que se não cure?*...

Mello — Mas Emilia está de perfeita saude, parece-me...

Jeronymo — Tambem ha enfermidades de espirito... *(pausa)* Acredita, Emilia nunca deixou de te amar...

Mello — Como! será possivel!

Jeronymo — É certo!

Mello — Mas eu não acredito...

Jeronymo — *(interrompendo-o)* Has de acreditar... confia em mim, e deixa o caso por minha conta... Mas vê lá; pensa bem; concedes-me ou não plenos poderes?...

Mello — Todos; e se fores bem succedido, ser-te-hei devedor de mais que a vida... vou dar uma volta, respirar... *(tirando o relogio)* São duas horas... tenho tempo *(dirigindo-se a Jeronymo)* Adeos... *(retira-se pela porta da direita)*.

(Continúa.)

Recordações de viagem.

III.

(Continuado de pag. 94.)

O aspecto da Costa d'Africa é devéras desencantador. Apenas se avista terra, immediatamente se conhecem as differenças que a separam da terra do nosso nascimento. Não se sente o ar embalsamado pela emanação das flores.

O primeiro homem que descobriu ao mundo a lei da harmonia, devia maravilhar-se da sua propria inspiração. Effectivamente, ha aproximações profundas em todos os mysterios da natureza. Quem não conhece que a harmonia dos sons corresponde d'um certo modo á harmonia das côres, e que a maior, a mais sublime de todas as harmonias, é a harmonia do perfume?

Quem passeou por um jardim, n'uma manhã serena e fresca, antes que os primeiros raios do sol viessem absorver cubiçosos os prantos da aurora, não lhe parece ouvir sair das corollas das flores uma voz, que, n'uma lingua ignorada, celebra a felicidade de existir?

A Costa d'Africa é regada pelo sangue, pelo suor e pelas lagrimas de populações barbaras. É uma terra esteril, porque é uma terra escrava. Alli, a civilisação só se denuncia debaixo do seu aspecto abjecto e immundo: são as paixões da avidez e do lucro que dominam a parte civilisada dos seus habitadores. Nem lirios, nem rosas desabrocham as petalas aos raios daquelle sol. A terra, que pouco se eleva ao nivel do mar, é monotona e triste. Ou são vastos areaes, cobertos d'arvores selvagens, ou montanhas açafroadas, que d'espaço a espaço deixam escapar do seu seio porções de vegetação d'um verde carregado, que não deleita a vista, nem abre a alma á esperança.

Aos dezesete annos, o desejo do extraordinario é a unica crença, que predomina no individuo. Sentia-me orgulhoso de ter atravessado tão vastos mares, de haver percorrido tantas leguas, e este pensamento dava-me aquelle contentamento pueril, que ás vezes se reproduz em muitas phazes da vida.

Tinham-me dado tres conselhos, que formam toda a hygiene do europeu naquellas regiões: — *Livra-te do sol, do sereno e da saia.*

O último conselho é quasi inutil para um homem de bom gôsto. A saia alli não passa d'um mytho atrevido da imaginação. A mulher, como a Europa a concebe, não existe. Alguns ricos vestidos ambulantes, carregados de quanta pedraria custosa a puerilidade humana tem dado valor; eis os unicos documentos de que vive alli um sexo, a que se conveio dar o nome de bello.

Loanda seria effectivamente uma linda e formosa cidade, se Portugal tivesse tido um governo. O porto é magnifico, e a situação pintoresca. Defronte da cidade ergue-se uma lingua d'arêa, apenas separada da terra firme por um braço de mar, que se denomina Ilha de Loanda.

A cidade baixa é toda edificada sôbre arêa. Quando vem o cacimbo o sólo fica encharcado, e depois os grandes calores desenvolvem as exhalações morbidas, que acommettem os europeus, e não poucas vezes os naturaes. A cidade alta é calçada, e tem alguns edificios solidos, quasi todos fundados pelos jezuitas.

Que admira que todos os habitantes se entreguem ás especulações menos honestas, aos calculos mais sordidos de interesse? Não ha um monumento d'arte, uma recordação de glória, uma aspiração de grandeza, um pensamento de idealidade. Tudo revela a sede do gôso, a commoção puramente brutal dos sentidos.

Quem nos diz que este amor desenfreado do luxo, que estas preoccupações contínuas de riqueza, que esta actividade espantosa do trabalho, que esta industria, que se desenvolve de dia para dia, fatalmente, desmedidamente, não accusam no genero humano a ausencia de esperanças soberanas, a perda dessas aspirações grandiosas, que são a prova mais solemne da sua immortalidade?

Mas em Loanda não ha mesmo uma sombra d'esse desenvolvimento material, ao menos enobrecido pelo suor do trabalho. As orgias mais repugnantes, e o jogo, são o seu habitual passatempo.

Os sentimentos mais elevados do coração vão-se perdendo, porque o trafico abjecto, que é o principal elemento daquella prosperidade, cala tudo quanto ha de nobre e illustre na realeza do homem sôbre a terra.

Ha entre os negros uma raça privilegiada, que se tem subtraido á escravidão, e aonde só os criminosos e malfeitores são vendidos — são os cabindas. É uma raça preta intelligente, activa e industriosa. São elles, que, pela paior parte, exercem todas as penosas funcções da vida commercial em Loanda. São moços de fretes, remam nas lanchas, e apenas alcançam um pequeno peculio de fazendas, vão outra vez para a sua terra. São sobrios, robustos, e de bôa indole. Dão-se a si o orgulhoso titulo de *Brancos de Cabinda*, porque julgam um privilegio da côr branca o não podêr ser escrava.

É tal a avareza e a má fé dos commerciantes de carne humana, que mais d'um navio de escravatura tem roubado as tripulações das lanchas, compostas de cabindas, depois de estes haverem conduzido a bordo o número de escravos necessarios á carregação. Alli nem mesmo acontece haver a honestidade commercial, honestidade que sobrevive muitas vezes, menos como um principio de honra, do que como um elemento indispensavel ao ominoso trato, em que elles se empregam.

Esta raça poderia ser de um auxilio inapreciavel, caso que se tratasse seriamente da civilisação da colonia. Os vicios e a indolencia corrompem todo o esfôrço desinteressado, e qualquer homem de energia ou de bôas idéas, arrisca-se a depravar-se com os outros, ou a ser victima d'alguma cilada ignobil, para que aliàs não ha nem remorso, nem hesitação.

IV.

Poucos dias depois da minha chegada fui andar no cruzeiro, n'uma lancha aposturada, e levada ás honras de cuter. Chamava-se *Principe Real*, e o nome, demasiadamente aristocratico, não era um bom agouro para quem não sympathisa com nenhuma especie de realeza, improvisada pelas vaidades e preconceitos humanos.

Não me foi possivel escapar então ao sol ou ao sereno. Nove homens da tripulação adoeceram em frequentes viagens. A maior parte delles morreram da terrivel molestia, que se denomina *carneirada*. A minha mocidade, e a minha excellente constituição resistiram á epidemia, que foi terrivel no anno de 1844. Apenas estive oito dias com febre, que os medicos teimaram em ser do paiz, e que eu ainda affirmo pertencer ao genero das que costuma haver na Europa.

Quatro dias depois, e tendo-me dado o hospital quinze dias de convalescença, mandaram-me para uma lancha, sem toldo, com um guarda-marinha, e ahi assisti, como testimunha, a todos os horrores do trafico da escravatura. Apresámos um brigue, e pela descripção que vamos fazer d'este facto, poderão julgar âté que ponto de crueldade póde attingir o desejo desenfreado da riqueza.

(Continúa.) ROCHESTER.

POESIA.

A Alchaxofra.

..... il fut heureux tou denuo!
P. Flaugergues

Em vez das graças que ostenta
No jardim, no campo, a flor,
Em vez d'aroma e de côr,
Deu-te Deos, ó alcachofra,
Vasta sciencia d'amor.

Tua sorte não deplores,
Não te julgues infeliz;
Que importa cheiro e matiz
Se a existencia é tão curta,
Tão curta que se maldiz?

Dura a florinha um momento,
E que breve que não é!
E tu das chammas até
Sais illeza, como illeza
Do martyrio surge a fé!

Reinem as rosas embora
Nos vergeis e nos salões;
Tu feliz nas predicções,
Reinas dentro de mil peitos,
Sabes ler nos corações.

Confidente das donzellas,
Que te dão cultos reaes,
Quantos prantos, quantos ais
N'um momento não transformas
Em mil risos festivaes!

Quantos segredos não sabes,
Que não sabe mais ninguem,
Segredos que todos têm,
Mas que apenas se revelam
A quem os guarda tão bem!

Que flor, qual é que logra
Tão ditosa condição?
Serão mais bellas, serão;
Mas qual dellas tem um culto
D'amorosa devoção?

Não chores, pois, teu destino;
Se tu não tens, como a flor,
Nem doce aroma, nem côr,
Deu-te Deos, ó alcachofra,
Vasta sciencia d'amor.

A. Lima.

Statistica.

A população de Paris é sustentada por 600 padeiros, 400 carniceiros, e 1,720 casas de pasto de todas as classes. É vestida por 5,800 alfaiates e costureiras. Tem 3,010 çapateiros, 1,918 chapelleiros, 3,182 vendedores de vinho, licôr, cerveja, etc., 36,600 casas, e 22 theatros. Por estes numeros se póde fazer idéa da grandeza e importancia daquella capital.

Carta de Lisboa para Freixo d'espada á cinta.

Meu amigo: — Não fazes idéa do estado em que se acha Lisboa. É cousa singular, e muito para ser vista, a anciedade com que esta nossa gente espera pelas noticias que traz o paquete. O que se passa no interior do paiz occupa apenas uma parte pequenissima do tempo, que se consagra actualmente ás questões de politica. Ao ver tantos homens, e mulheres tambem, descuidados de tudo o mais, para só cuidarem nas novas que hão de vir de fóra, alguem pensará que todas essas cabeças comprehendem a importancia da questão de vida ou morte, que hoje se ventila na Europa.

A sociedade está na crise solemne d'uma grande transformação. Qual dos principios triumphará? Qual será a solução do terrivel dilemma, de que já se não póde fugir? Ninguem o sabe — nem o pensador profundo, que conhece a historia dos povos — nem o politico de botequim, que só descobre neste grande movimento uma insurreição, que as bayonetas hão de terminar.

Os nossos jornaes politicos, na presença desta crise, discutem *urbanamente* as qualidades moraes d'este ou daquelle ministro. Os periodicos litterarios, affastados, por lei, do exame dessas grandes questões de que depende a sorte dos povos, deixam Paris em sitio, e os francezes ás portas de Roma, e divertem-se com a analyse d'algum melodrama insipido, ou com o estudo *consciencioso* desta sociedade, que se agita entre os limites do caes das columnas e da praça de D. Pedro. Exgotam a paciencia dos leitores, offerecendo-lhes, em cada número, o espectaculo de uma lucta esteril, de que ninguem gosta, e obrigando-os a fazer uma excursão hebdomadaria, desde as steppes do *Baratissimo* até ás cumiadas vicejantes, que o *Pharol* alumia, com o seu clarão avermelhado. E em quanto os pios leitores sonham com duelos, com espancamentos, com punhaes, e com sangue derramado por causa dos folhetins, os folhetinistas jantam juntos, ou ceiam, e preparam as armas para um novo combate na seguinte semana.

Uns, com instinctos de vacca logomeira, que anda de terra em terra, em busca de pasto melhor, carregam as chronicas de uma bagagem pesada de citações *a martello*, e de epigrammas em quarta edição. Outros, menos *eruditos*, ou menos amigos d'impôr, dão ao seu público uma ração mensal de semsaboria. Não cito nomes, porque não quero offender os donos de casa [1].

Saberás que morreu a *Epoca*, e o seu esposo barão d'Alfenim, victimas de uma enfermidade, a que se chama vulgarmente pthysica de cofre. O D.^r^ *X*, facultativo assistente, ficou tão consternado, que brevemente os seguirá.

O Fr. Gerundio, que confessou o barão d'Alfenim, retira-se para Cintra, e diz-se que vae fazer companhia ao Eremita de Milides. O Garrett, desertor das fileiras jornalisticas, assistiu ao entêrro da *Epoca*, talvez por gratidão ao amor que esta dama lhe mostrou sempre, despojando-se até das suas gravuras para lhe dar gôsto.

O barão d'Alfenim deixou saudades a todos os que tiveram o prazer de conhecê-lo, e tambem as levou de todos, menos do *Pharol*. Com o Braz Tisana, que forneceu os medicamentos para os illustres conjuges, póde Fr. Gerundio reconcilia-lo, apezar do rancor que o barão teve sempre ás *boticadas;* mas com o *Pharol* não quiz o barão, de nenhum modo, fazer as pazes, apezar dos esforços do monge d'Alcobaça. *Mouro te achei, e mouro te deixei*, exclamou o barão na hora extrema, e ouviu-se em voz sumida o nome terrivel do visconde de Brolingbrok: «É menos um em campo — é um caçador de menos para atirar aos solecismos, que saltam *da moita brava da* Liga.»

Mais alguns jornaes se acham moribundos — parece que a maior parte não poderá chegar ao fim do estio. Pena é que se não sustentem.

Occupados em questões pueris os nossos jornalistas não fazem caso d'algumas cousas d'interesse, que deviam merecer a sua attenção. A *exposição de industria nacional*, que é em toda a parte uma *california* para os jornalistas, e uma festa para os artistas, e para todos os bons patriotas, foi apenas annunciada, e acompanhada de mui poucas reflexões. Como querem animar as artes e promover o progresso da industria, se não fallam, se não excitam a curiosidade de toda a gente, se não chamam a attenção de todos para as cousas desta ordem. É dever seu, e muito mais neste paiz. Lá fóra ha outros estimulos, e este não falta. Quaes são os outros aqui? Porque não se offerece a imprensa litteraria para publicar tudo o que disser respeito á *exposição;* porque não annuncia desde já, que a todas as descobertas se dará a maxima publicidade — e não só ás descobertas, mas aos melhoramentos, e mesmo ás introducções de industrias estrangeiras? Os jornaes que tem gravuras devem publicar os desenhos de machinas e apparelhos. Devem ajudar, por todos os modos, essa *sociedade promotora*, que vegeta esquecida, abandonada pelo governo, nas peores casas d'um convento convertido hoje em quartel de soldados.

Meu amigo — tudo aqui leva uma direcção falsa — tudo é miseria. Bem diz o Garrett: «Com serem espantosas, são nada as miserias do thesouro, comparadas com a penuria e abjecção d'um paiz, que não póde fazer vinte legoas d'estrada, que não tem postas, que não tem um canal, que não fez navegavel um só de seus rios, que não possue duas braças de carril de

[1] Agradecemos a contemplação.

ferro, que não tem um bacco de vapor para larga navegação.

Não conheço pessoalmente os jornalistas que hoje figuram. Velho, e cansado já de soffrer, vejo com satisfação que alguns homem de talento tem coragem para trabalhar; lastimo os erros que elles commettem, e desejo bem ser util a esta mocidade, que entra, sem ter quem a guie, n'um caminho difficil, em que o seu valor ha de ser mais que muitas vezes submettido a provas terriveis. Esqueço-me ás vezes da minha edade, e quando te escrevo procuro satisfazer o teu desejo, dando-te novas agradaveis, e desenhando, como posso, o ridiculo, que não falta nesta bôa terra. Hoje não me sinto com fôrças para escrever cousa que possa divertir-te. Vejo a náu quasi perdida, e não tenho fé nos pilotos. Recolho-me para lamentar as desgraças, que por ahi vão, e para pedir a Deus que nos salve a todos do naufragio.

O Incognito.

Pedem-nos a publicação da seguinte

CORRESPONDENCIA.

Sr. Redactor:

Permitti, que eu tome na vossa folha um pequeno espaço, para um acto de gratidão: da-lo á primeira de todas as virtudes, não é perdê-lo. Intendimento superior, vós comprehendeis, que os interesses materiaes e intellectuaes, que a vossa folha se encarrega de promover, não são os unicos de que depende a felicidade pública. Tanto, pelo menos, como esses, contribuem para ella o desempenho dos deveres moraes, e os affectos nobres.

Arrojou-me a adversidade (se por ventura o era!) para esta ilha, com tudo o que eu mais amava: cheio de bôa fé, e com a minha illimitada benevolencia, mas sob os mais ruins auspicios, desembarquei nella; vinha precisado de amar, e não vi a quem; de trabalhar, e não achei em que. Adiante de mim tinha vindo a mentira preparar me o ruim gasalhado: anoitecense-me de todo o coração, e esmoreci: era mais um desencantamento, depois de tantos: era a última folha verde das minhas esperanças a cair. Onde cuidára que viria renascer entre irmãos, para uns a outros nos amarmos muito, dei com a peor das soldões, que tal é sempre a que se encontra entre homens, e que fallam a nossa lingua. Perdôe Deos a quem, sem nenhuma razão para me querer mal, me calculou, urdiu e teceu essa teia de dias perdidos, e noites veladas. Por mim lho-quizéra eu tambem perdoar; mas nesses maleficios tão gratuitos havia um quinhão, e largo, para estes, que eu amava mais que a mim proprio: e ainda por cima se veiu ao cabo a estranhar-me, que eu não agradecesse o haver-se especulado com a nossa fome e ignominia; e por que arranquei as azas do visco, com que me tinham querido prender, declararam-me guerra peor que de morte, que assim se póde qualificar a da calumnia. Emfim, perdôe-lhe Deos, já que em mim a natureza humana não póde tanto: mas n'um dia de festa para o coração, como este hoje o é para mim, devo dar de mão a todas essas coisas feias e desconsoladas, ou antes hei-de agradecer, a quem por isso mesmo, que então me fez curtir tamanhas penas d'alma, concorreu, ainda que sem o querer, para dar mais realce ás delicias que hoje disfructo. São os jejuns do coração, os que fazem as paschoas do amor

Passados aquelles primeiros tempos, em que me parecia ter naufragado para aqui, como para uma praia, ou erma, ou inimiga, começaram de me alvorecer dias mais claros. As falsas idéas, que de mim se tinham mandado adiante, foram-se desvanecendo. Conheceu-se, e reconheceu-se, que eu não viera para a terra alheia, para genero algum de malevolencia, quanto mais para a peor e mais perigosa de todas as guerras, a dos guelphos e gebilinos do seculo XIX; que pelo contrário, toda a minha precisão era a poesia e o amor, corporificados no trabalho, que illustra e civilisa. Então, os amigos começaram a um e um a apparecer-me, e (posso dizê-lo, sem que m'o hajam a vaidade) tudo quanto por ahi havia de melhor, em intendimento e vontade, e não era pouco, se me foi uuindo em espirito e trato. Resuscitei no meu cemiterio, e vi-o cidade: na terra do desterro aspirei a peito cheio ares de patria: tornei a achar no interior a alma, e nella a esperança, que murcha e não sécca. Reaccendi a alampada da minha fé social; e tal, e tanta, encontrei em tôrno de mim, a bôa gente desejosa, como eu, das coisas do porvir, e da felicitação do mundo pelo trabalho, que, sem sabermos como, nos vimos de repente sociedade, poderosa, activa, descrente em impossiveis, e por isso mesmo capaz dos maiores milagres. Se tal sociedade os tem feito, muito mundo o sabe já hoje: — se para o provar não bastassem as obras, — os odios dos ruins o demonstrariam.

Quando para solicitar do governo a approvação desta mesma sociedade, e do parlamento um pouco de chão, em que ella deitasse raizes, me pareceu conveniente ir eu a Lisboa, e fui, não levei unicamente saudades de mulher e filhos: S. Miguel toda, era já familia minha; todos aqui nos queriamos já muito, porque emfim chegáramos a conhecer-nos de parte a parte, desfeitas as preoccupações e aleives, que, tambem de parte a parte, se haviam arteiramente disseminado. Lá, nem o trafego dos negocios, nem as multiplices occupações do espirito, nem o brilho de tamanha cidade, nem o affecto que expiram de si os sitios conhecidos da nossa puericia e adolescencia, nem os emboras e cortejos da imprensa obsequiosa, nem mesmo os testimunhos tão solemnes de apreço, que á-porfia me davam todos esses mancebos, esperanças e já ornamentos da litteratura e poesia nacional, nada me pôde entibiar as saudades da minha ilha, d'este benigno e pacifico torrão, em que eu fizera mais e melhor que nascer, pois renascêra nelle. Mais que nenhuma outra coisa estes tres mezes de ausencia me descobriram quanto lhe eu queria. Oh! se de mim dependesse o tão facil melhoramento dos seus destinos!... a voz e a penna, essas sim, que as empreguei eu incessante em lhe advogar os interesses da fortuna e do credito; em quanto, por ventura ou por desgraça, filhos seus, deslembrados do sólo com quem nascimento e uso os travaram em parentesco, empregavam a occultas todos os empenhos e valimentos para lhe empecer (e Deos sabe se em parte o não conseguiam), era eu, estranho e obscuro, quem, servindo á verdade e á justiça, lhe pagava, como podia, a minha divida de gratidão.

Ao regressar, os dias me pareciam não acabar nunca, e os sonhos das noites me vinham todos povoados de innumeraveis e cordeaes abraços, de emboras, perguntas e respostas de bons amigos, de caricias domesticas, d'escholas verejantes, de salas de industria, da musica do trabalho, de toda a poesia das esperanças. Se metade disso, que eu vim gosando, embalado pelas ondas, por baixo da immensidade do céu, e não me affastando d'uma patria, senão para me aproximar a outra; se a metade d'esses sonhos se realisar. S. Miguel, dentro em poucos annos, será visitada de toda a parte com admiração e encantamento; que para tudo, mesmo para a realisação das mais altas utopias de bem, são a sua terra, os seus haveres, e as almas dos seus moradores. Nem lisongeio, sr. redactor, nem cuido que o bem querer me desvaire; as provas do futuro, que antevejo, já todos as palpâmos no passado, e sôbre tudo no presente.

Apoz dez dias, levados no ocio, a sós com a minha alma, nestas suaves cogitações, imaginae, sr. redactor, qual não seria o meu enlevo, quando ao aportarmos aqui, pelo sol d'uma formosa tarde, que é tambem esperança, me vi de repente cercado de saudações e festejos, entre os braços de tudo o que mais amo, recebido em verdadeira ovação de amisade, conduzido pelo braço de minha esposa, entre os meus filhos e os meus consocios, ao som do hymno da industria, ao estrepito de foguetes, por baixo de flores e através do nosso bom povo, apinhado pelas ruas, até dentro de minha casa.

Eis-aqui, sr. redactor, o que, eu para desafôgo de tantos affectos accumulados no peito, carecia de escrever Agradecer!... como hei-de eu agradecer o que apenas cabe em expressão? A benevolencia d'uma grande cidade como póde retribui-la quem por uma parte só possue os bons desejos, e por outra se sente confundido e anniquilado com a grandeza mesma do obsequio?

Sr. redactor, se eu não tivesse já antes consagrado a esta generosa terra tudo quanto em mim ha de amor e querer, agora lh'o consagrára para todo o sempre, e ficaria ainda empenhado.

Sr. redactor, o dia 25 de maio de 1849, foi o mais bello dos meus quarenta e nove annos; egual ou superior a este só poderá alvorecer para mim, quando eu a vir tão próspera, quanto ella o merece e o póde ser.

Vosso, etc.

Antonio Feliciano de Castilho.

Ponta Delgada, 25 de maio, á meia noite.

BIBLIOGRAPHIA.

Chirurgomicroscopiatromachia

OU DUELO

ENTRE UM ESTUDANTE DA ESCHOLA MEDICO-CIRURGICA DE LISBOA — E UM DOUTOR EM MICROSCOPIA DA FACULDADE DE MEDICINA DE COIMBRA.

POR

JOÃO FELIX PEREIRA

ALUMNO DO 4.° ANNO DA ESCHOLA MEDICO-CIRURGICA DE LISBOA.

Este tragico acontecimento teve a seguinte origem: Um doutor de Coimbra, formado em microscopia, teve o *desfaçamento* de desafiar os estudantes da eschola medico cirurgica de Lisboa. Um de nós, que tinha fama de valente, decidiu-se a desaffrontar, com seu valor, a honra offendida de todos os estudantes da dita eschola. Esperou pelas ferias da paschoa, e indo então a Coimbra, acompanhado de quasi todos os seus condiscipulos, teve um renhido duelo com o microscopita no dia 11 de abril do corrente anno — venceu-o, e trouxe o microscopio para a eschola de Lisboa. Tudo isto por causa do grão.

É um folheto de 48 paginas de 8.° — Preço 120 réis.

Vende-se sómente na loja do sr. Lavado, rua Augusta, n.° 8.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Bomba de guarda-quédas.

Acabam de inventar em Liége as bombas de *guarda-quédas*, que servem para esclarecer o campo dos inimigos.

São bombas de madeira, que conteem guarda-quédas. Apenas a bomba rebenta, abre-se o guarda-quédas, e abrasa-se uma caixa interior, que produz clarão muito intenso. O apparelho fica por algum tempo suspenso, e depois desce lentamente.

Falta da quina no Perú.

Se é verdadeira a noticia, que voga, vae escacear a quina na Europa, porque o Perú não póde já abastecer o mercado. Os jornaes, dando este aviso, começam a propôr que se transporte para a Europa, e se trate diligentemente de aclimatar, a arvore que dá este producto importante.

ANECDOTA.

O general Bugeaud, que morreu da *cholera*, ha poucos dias, em França, contava do modo seguinte o que passára com Mr. Dufaure, em certa negociação: «Mr. Dufaure pediu-me a lua, e dei-lh'a. Pouco depois pediu-me o sol — lá era mais difficil, mas emfim tambem lh'o dei. Lembrou-se de pedir as estrellas. Dei-lhe as estrellas tambem, com algum sacrificio. Não contente com isto, pediu-me o *Padre Eterno*. Era demais — disse-lhe que o fôsse elle buscar.»

CHARADA.

Bocage o evaporou na lida insana
Do tropel das paixões que o arrastava [1]. } 1
A coma de Tritão, a barba esquálida
Jámais o conheceu — Camões cantava [2]. } 2

Posto por signal [3] meu vulto horrendo
Alembra aos d'Israel estrago ingente:
Do rei dos animaes affronto as iras
Lá nos sertões da zona ardente.

Sou nos céus da eternidade o symb'lo,
Das furias no inferno adorno a fronte;
Sou demonio fallaz [4], sou monstro horrivel,
Minha sanha cruel provou Lacoonte [5].

E como um louco [6],
P'ra ser fallado,
Ephesio templo
Quiz abrazado:

Um charadista [7],
P'ra ganhar fama,
Me comparou
A qualquer dama.

Albino.

1 Bocage — Soneto á hora da morte.
2 Lusiadas — V. 1, est. 17.
3 Biblia — L. dos Numeros, cap. XXI — 8 e 9.
4 Genesis — 111.
5 Virg. — L. 2.°
6 Herostrato.
7 Vidè *Revista Popular*, n.° 12, pag. 96.

EXPLICAÇÃO DO NÚMERO ANTECEDENTE:

Pergunta enigmatica — Cocheiro.
Charada — Sapadores.

AVISO.

Ao senhor assignante da *Revista*, que enviou á direcção uma carta, cujo conteúdo se refere á 1.ª estampa do n.° 14, pedimos que tenha a bondade de passar pelo escriptorio d'este jornal, para ser encarregado de ir ás provincias tirar as principaes vistas de monumentos, paizagens, etc. vencendo o ordenado que a direcção lhe arbitrar.

P. S. O senhor assignante póde ser que *léa com oculos*, como diz na sua carta, mas de certo escreve sem elles. Antes da sua carta cuidavamos que s. ex.ª não tinha tempo para tratar de objectos de tão pequeno valor. *Agora*... custa a crer.



Antonio Vieira.

A BIOGRAPHIA de Antonio Vieira não cabe nas columnas de um jornal, que nasce hoje — que ámanhã ninguem lerá talvez! Não emprehenderemos, pois, a biographia de tão grande homem, que nem a occasião é favoravel, nem as fôrças nos sobram para tanto. Que não tome alguem estes mal ordenados apontamentos como uma biographia de Vieira, que o não são, já o declarâmos francamente.

Antonio Vieira nasceu em Lisboa, a 6 de fevereiro de 1608; seus paes Christovão Vieira Ravasco, e D. Maria d'Azevedo, eram de nobre extracção; mas possuiam poucos meios de fortuna. Foi provavelmente este o motivo, que os obrigou a buscar terras de Santa Cruz, levando comsigo Antonio Vieira, que então contava sete para oito annos. Na Bahia de todos os Santos, onde seus paes haviam fixado residencia, frequentou Antonio Vieira as aulas dos jesuitas, as mais regularmente organisadas, se não as unicas que existiam naquella cidade.

Os panegyristas d'este grande escriptor não se cançam de exaltar o seu talento, que em tão tenra edade já se mostrava, nos effeitos, admiravel; aos professores espantava-os a rapidez de concepção, a facilidade, a penetração, a perspicacia do discipulo. É possivel que haja exaggeração neste juizo de panegyristas; mas os factos justificam-no — basta a consideração seguinte:

A Companhia de Jesus, nas suas largas tentativas de reorganisação do podêr theocratico, procurava reunir em o seu gremio o talento e o saber para o *explorar* em seu unico proveito; e Vieira já em 1623 pertencia á Companhia de Jesus! Sería elle *invito padre* arrancado do seio da sua familia? teriam parte nesta sua resolução as exhortações d'algum membro daquella temivel associação? É o que não está averiguado; mas nós, que temos lido attentamente as historias e leis desta ordem, não deixâmos de nos inclinar a esta opinião.

Com a sua entrada na Companhia começou para Vieira

uma quadra de triumphos; André de Barros narra miudamente o prodigioso desenvolvimento litterario de Antonio Vieira; segundo aquelle biographo, até os proprios compendios de phylosophia e de theologia, de que se servia nas aulas, eram de redacção sua. Foi tambem no tempo do noviciado, que compoz as *Cartas Annuaes* da Bahia, em latim, e fartos commentarios aos livros de *Josué* e dos *Canticos*, obras que, pelo menos, revelam a sua vasta erudição.

Com effeito desta, digâmo-lo assim, ambição de mostrar o profundo conhecimento que tinha da litteratura antiga, sagrada e profana, quando não existissem aquellas obras, para no'-lo provar bastavam os quinze volumes do seu aliàs rico sermonario.

Quando a Companhia tratava de remunerar os talentos de tão distincto homem, chegou ao Brazil a notícia da revolução de 1640, que pozéra no throno portuguez o filho de D. Theodosio, duque de Bragança.

Esta notícia surprehendeu os animos dos jezuitas, que a não esperavam, nem tal, nem tão cedo.

Todos sabem que a Companhia tem sido, e com bons fundamentos, accusada como cumplice no resultado da fatal jornada de Alcacer; as desordens que se lhe seguiram, sob a regencia do cardeal, que era um verdadeiro jezuita, e a decidida protecção dada pela Companhia ás pretenções e ambição de Philippe II, são factos que ninguem, de bôa fé, contestará.

Como conjurar a tempestade? No throno ahi tinham o descendente daquella, que, pretendendo a corôa, fôra sacrificada á ambição da Companhia; era, pois, uma verdadeira crise; mas tambem não era a primeira.

D. Jorge de Mascarenhas, então governador do Brazil, desejando mandar á côrte um individuo solemnemente acreditado, que apresentasse ao novo rei o tributo de homenagem daquella vasta e rica provincia, determinou para este fim enviar seu irmão D. Fernando, que acompanhavam Antonio Vieira e Simão de Vasconcellos, ambos jezuitas; a razão é obvia: a Companhia, avaliando devidamente a sagacidade daquelle, encarregava-o de, na côrte, advogar os seus interesses, tão séria e profundamente ameaçados.

Com effeito — ainda no mesmo anno (1641) chegou a embaixada á côrte, e com ella o P.^e Antonio Vieira. Pouco depois a sua influencia no espirito de D. João IV era incontestavel; concorreria para este favor tão rapido e extraordinario unicamente o talento innegavel de Vieira, ou conspirariam para elle certos manejos da Companhia de Jezus? A resposta a esta pergunta pertence á historia politica e social daquella epocha, que é de esperar seja convenientemente estudada n'uma obra, cuja publicação talvez não tarde muito — *A Historia da Dynastia de Bragança.*

Foi na capella real que Vieira prégou pela primeira vez na côrte; e com tal primor se saíu, que encheu todos da mais profunda admiração; e de feito não era para menos a sua luxuaria e vigorosa linguagem, a sua eloquencia brilhante, deslumbradora, e, por vezes, persuasiva, a sua logica cerrada, e, até certo ponto, severa.

Não é este o logar proprio para apontar as excellencias do estylo de Vieira, que todavia, no nosso intender, com quanto seja um grande mestre da lingua, está longe, e muito longe, daquella magestosa simplicidade, daquella uncção que respiram muitas das paginas da *Historia de S. Domingos.* E assim o intendeu o sabio bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo, collocando-o em terceiro logar no número dos escriptores que mais tem opulentado a bôa linguagem portugueza.

(Conclue.)

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Curso d'introducção á Historia Natural dos Tres Reinos.

180. *Horisontalidade dos depositos.* — *Stratificação.* — A natureza da acção sedimentar fórça os detritos, quando se precipitam, a disporem-se horisontalmente no fundo das aguas, onde o deposito se fórma. Ainda quando o fundo é inclinado, os movimentos oscilatorios que animam as aguas, obrigam os mais pequenos fragmentos a deporem-se nas lacunas deixadas pelo deposito anterior, por fórma que se os leitos começaram com certo declive, se vão successivamente aproximando da situação horisontal. As observações colligidas nos lagos que por qualquer causa tem seccado, ou nos depositos que os rios produziram nas inundações periodicas, tem demonstrado sempre a existencia de camadas de diversas qualidades, que se alternam separadas por planos horisontaes. Um dos exemplos que se citam vulgarmente, é o do Lago Superior na America.

É esta disposição que os depositos affectam, esta separação mais ou menos profunda por planos primitivamente horisontaes, que os geologos chamam stratificação. Por isso se diz que as rochas aquosas são *stratificadas.*

181. *Consolidação dos stratos.* — Os depositos sedimentares, que são ao princípio incoherentes e desaggregados, consolidam-se, mais ou menos, por várias circumstancias, como a pressão, como a exposição ao ar, e a deposição de certas substancias que as aguas trazem dissolvidas. Em quanto a esta última causa, cumpre observar, que a precipitação das materias calcareas e siliciosas, disseminando as particulas desta natureza entre sedimentos já depostos, os reune de tal modo, que as proprias substancias arenosas adquirem a solidez necessaria para serem empregadas nas construcções. Taes effeitos tem sido por mais d'uma vez observados nas arêas do Lago Superior, nas Antilhas, na Nova Hollanda, e n'alguns pontos da Europa.

182. *Restos organicos.* — Estes depositos contém frequentemente restos de todos os seres organicos que vivem actualmente no globo. É vulgar o acharem-se nas *alluviões* produzidos pelos ricos despojos de conchas fluviaes, cujas especies existem ainda hoje nos logares onde os depositos se formam, bem como os restos de conchas terrestres, taes como os do genero *helix*, que são arrastados pelas aguas e sepultados nos sedimentos. Há alli ramos e troncos de arvores, massas de vegetaes, mais ou menos alterados, ossadas de animaes terrestres ou aquaticos, etc.

Os depositos formados no seio dos mares offerecem circumstancias analogas, com a differença, porém, de que, além dos restos de animaes fluviateis ou terrestres, apresentam despojos de animaes de todas as especies que vivem nos mares.

183. *Acção ignea.* — O outro agente que modifica profundamente a crusta do globo é o *fogo*. É á sua influencia, *á acção ignea*, que são devidos os *volcões*, os *tremores de terra*, as *sublevações*, e as *depressões* rapidas, ou lentas dos terrenos.

184. *Volcões.* — Quando por effeito desta acção, a que os geologos dão o de nome *ignea* ou *plutonica*, a crusta do globo é profundamente fracturada, estabelece-se uma communicação entre o interior do globo, e a sua superficie, e começam a revolver-se e a projectar-se differentes especies de substancias. Estas substancias podem ser gazes de várias qualidades, aguas quentes ou frias, e carregadas de diversas materias; ou, como acontece muitas vezes, podem ser materias incandescentes, scoriaceas, ou rochas no estado de fusão, que umas vezes são arremeçadas ao longe, ou correm com maior ou menor impetuosidade pelos declives do terreno, ou ficam situados junto da abertura por onde irrompem. Muitas destas *erupções* são puramente passageiras, e, depois de um periodo, mais ou menos longo de actividade volcanica, cerram-se as fendas do terreno, e a tranquillidade restitue-se. Tal foi o caso do *Monte-Nuovo*, formado em 1538 por uma sublevação do terreno, no fundo da bahia de Báia, e na costa de Napoles. N'outras circumstancias, ao contrário, a communicação do interior para o exterior conserva-se permanente, dando logar á evolução de materias gazosas, á projecção das escorias e das cinzas volcanicas, e á ascensão dessas materias fundidas, a que chamam *lavas*. Esta communicação permanente entre o seio da terra e a sua superficie, é o que se chama na accepção a mais ampla — *um volcão*.

185. — *Fórma ordinaria dos volcões.* — *Crateras.* — Os volcões tem ordinariamente a fórma de uma pyramide conica truncada, e offerecem na direcção do eixo uma depressão que se continúa com a configuração afunilada até uma profundidade maior ou menor. É este ducto interior que se chama *cratera*. Por vezes as materias que o volcão expelle nas suas erupções não transitam unicamente por esta abertura central, mas rompem e fracturam o terreno em várias direções, produzindo crateras secundarias, que se ligam com a primeira. Estas erupções das lavas, que se não effectuam pela cratera central, dão ordinariamente logar a outros pequenos cones volcanicos, que cercam por todos os lados o volcão principal. O Etna está rodeado de sessenta a setenta cones, que resultaram evidentemente das erupções lateraes, de que fallámos.

186. *Calor central.* — *Causa dos phenomenos volcanicos.* — Em face da identidade que apresentam por toda a parte os phenomenos volcanicos, seja que os estudemos nos seus exemplos actuaes, seja que os vamos observar nos volcões extinctos, em que abundam algumas regiões da terra — não é possivel recusar-se a admittir uma causa geral que os produziria. Esta causa tem sido chamada pelos geologos a *acção plutonica*, e posto que desconhecida na sua essencia, e no modo porque opéra, algumas observações tem conduzido a pensar, que se acha intimamente ligada com o calor *central*, com este *fóco*, que já dissemos existir no íntimo do nosso planeta.

É um facto geral o augmento gradual da temperatura das rochas, á medida que se desce no interior da crusta terrestre. O augmento é de 1°, proximamente, por cada 30 metros. Induzindo racionalmente desta progressão observada em todas as minas profundas, em todas as sondagens, podemos conjecturar que á distancia de tres kilómetros, a agua só poderá existir no estado de vapor, e que a uma profundeza de menos de 10 leguas as rochas mais refractarias se terão liquefeito, podendo d'este modo, por intermedio das crateras volcanicas, ser produzidos todos os phenomenos que se passam nos volcões.

(Continúa.)

Arte typographica em Portugal.

V.

Pessoal.

Da bôa divisão provém necessariamente a perfeição e rapidez do trabalho; é um axioma economico, nesta bemaventurada terra das reputações *panicas*, paraizo terreal, terra da promissão da mediocridade e do orgulho infatuado e ignorante, raramente praticado, e, o que é mais, pouco conhecido, e peior avaliado talvez.

Basta que nos refirâmos á typographia — ramo de industria, em que não estamos tão atrasados, comparativamente com outros, para se conhecer que não exaggerâmos. Lá fóra ha compositores, compaginadores, correctores, revisores, largamente habilitados; aqui o compositor accumula muitas vezes estas tão diversas e distinctas funcções, com grave prejuizo seu e do trabalho, cuja perfeição é incontestavelmente sacrificada a este mal intendido *principio* de economia — se o é — o que duvidâmos, porque nos não consta que em Portugal se faça alguma cousa por principios.

No estabelecimento, a que tantas vezes temos alludido, e cuja importancia no paiz é innegavel, não faltam artistas de distincto merecimento — nós o conhecemos por experiencia propria, e qualquer póde facilmente verifica-lo; mas aquelle systema — o da divisão do trabalho — nunca se experimentou sequer: como na mais insignificante typographia, os compositores, que constituem alli, e em toda a parte, a mais numerosa e importante parte do pessoal, são tambem os que compaginam, corrigem, e algumas vezes reveem as obras que compõem.

São tão obvios os inconvenientes d'este methodo, ainda para os leigos na materia, que julgâmos ocioso, senão inutil, aponta-los. Temos a convicção de que o digno chefe, que hoje administra a imprensa nacional, faria um grande e valioso serviço á arte, mandando ensaiar na *eschola* desta magnifica officina o systema, que não é novo, e já se acha adoptado ha muitos annos nas melhores typographias da Europa e America.

Além do melhoramento artistico, que desta medida resultaria, como pensâmos, tornaria ella facil a organisação de uma tabella de preços, com maxima vantagem do estabelecimento, dos operarios e dos auctores, além da maior perfeição e rapidez do trabalho.

Outro inconveniente que se nota no pessoal das nossas typographias, é, em geral, a pouca instrucção dos artistas. Um compositor não é — não deve ser um authomato; ha certos conhecimentos que não lhe podem ser estranhos; da propria lingua deve saber mais alguma cousa do que os simples rudimentos que se ensinam nas aulas. Podem prever-se os embaraços que desta falta provirão. Mas temos fé que esta pécha, que é commum a toda a especie de artistas nacionaes, com honrosissimas excepções, ha de desapparecer — e desapparecer breve, quando a instrucção nacional, organisada sôbre melhores bases, deixar de ser um monopolio escandaloso. Entre nós póde-se avaliar o que seremos, se se medir o que temos feito desde 1834, apezar da serie fatalissima das nossas desgraçadas guerras civís.

Tenham fé os artistas — todos os artistas — como nós temos, e mais não o somos; cream no futuro, que ha de ver o triumpho, mais ou menos remoto, mas infallivel, da nova civilisação.

(Continúa.)

NÃO HA MAL QUE SE NÃO CURE

PROVERBIO EM UM ACTO.

SCENA IX.

JERONYMO *só.*

Ora viva, sr. Jeronymo d'Almeida, fê-la bonita!... *(passeando pensativo)* Mettí-me em bôa! não ha dúvida! Como a hei de eu desilludir, a pobre rapariga — ella então... uma enthusiasta... do bello, segundo tenho percebido... *(batendo na testa)* Esta rebelde cabeça não me depara sequer um meio... um só... Emfim, vamos a ver; hei de pôr por obra todos os esforços imaginaveis para restituir ao meu amigo a tranquillidade que lhe falta — devo fazê-lo *(serio)* que me tem sido sempre leal e verdadeiro amigo, como ha poucos... *(sentando-se ao pé de uma pequena mesa, e mechendo em varios volumes)* Em primeiro logar vamos a examinar o calibre desta artilheria litteraria... *(pegando n'um livro — lê)* Raphael, de Lamartine... dito, Harmonias Poeticas, Atalá e René, de Chateaubriand... George Sand... etc. etc. etc. *(largando os livros)* Não tenho que ver mais; é tudo por este gôsto; faz-me lembrar o soneto famoso de Bocage, que não dizia senão «lagrimas, suspiros e tormentos.» Ora pois, é necessario que eu ordene o meu plano de batalha; e por consequencia, até chegar a occasião, pensaremos no negocio seriamente, que não é elle para menos... *(olhando para a porta da esquerda)* Ora esta! ahi vem o terrivel Chrispinianno — é a minha sombra, não me larga de certo hoje... que aziago dia para mim é este... será sexta-feira?...

SCENA VII.

JERONYMO *(sentado)* E CHRISPINIANNO.

CHRISPINIANNO — *(entrando muito risonho)* Oh! ainda bem que o encontrei, sr. Almeida... *(vendo os livros)* Estava lendo, não, meu rico amigo? então sem cerimonia, eu não quero incommoda-lo *(pegando n'um livro)* Oh! Raphael, do Lamartine, daquelle grande poeta que foi chefe do governo provisorio... conheço... conheço muito bem... Minha mulher assignou para isto; ella é muito curiosa; gosta tanto de ler!... pois admira... admira... Eu, porém, comecei a lê-lo... mas larguei-o em meio... *(muito risonho)* Ó sr. Almeida, fazia-me um effeito extravagante a tal leitura... Aposto que não adivinha?... pois tira-me a vontade de comer... e d'ahi, se eu vivesse do nosso magrissimo orçamento, não se me dava... talvez até me conviesse...

JERONYMO — Perdôe-me, se o interrompo; mas como disse que vinha procurar-me, ou que desejava fallarme...

CHRISPINIANNO — Ah! é verdade... já me esquecia. V. S.ª — tem tanta bondade! — ri-se por ver a influencia e attenção com que eu sigo a leitura dos jornaes politicos... Mas quando souber quanto é grave a situação, quando souber que é incontestavel agora... *(movimento de Jeronymo)* logo saberá... dê-me o gostinho de rir á sua custa um boccado *(rindo)* ah! ah!

JERONYMO — *(levantando-se e irado)* Que diz?...

CHRISPINIANNO — *(recuando)* Retiro a expressão... e as risadas tambem; *(á parte)* é o estylo parlamentar!...

JERONYMO — *(tornando a sentar-se)* Ah! mas então a final, que quer dizer, sr. Simão, sr. Sebastião... como é a sua graça?

CHRISPINIANNO — Chrispinianno Gonçalves, um seu criado — é um nome que inculca alguma cousa — não acha?

JERONYMO — *(ironico)* De certo! mas, sr. Chrispinianno Gonçalves, peço-lhe que não abuse da minha profunda ignorancia; explique-me... não percebi...

CHRISPINIANNO — *(á parte)* Faz-se de novas para não parecer derrotado. *(Alto)* Por quem é — pois v. s.ª não ha de saber... é possivel que v. s.ª, sendo tão atilado, ignore...

JERONYMO — Reconheço a sua delicadeza... todavia, queira perdoar-me, se insisto dizendo, que ainda não fui capaz de intender... será talvez culpa minha... será!...

CHRISPINIANNO — *(com satisfação interior)* Ora pois, não quero valer-me da minha posição: Ó sr. Jeronymo, pois não era v. s.ª quem teimava comigo, que os homens não tinham entrado...

JERONYMO — Eu!... não me lembra..

CHRISPINIANNO — E eu embirrava que sim... que o tinha lido...

JERONYMO — Mas que tinham entrado...

CHRISPINIANNO — Sim, que tinham entrado, e dizia bem...

JERONYMO — Quem? quem?

CHRISPINIANNO — Na Transylvania...

JERONYMO — Mas quem?...

CHRISPINIANNO — Quem, quem havia de ser!... os russos!... *(á parte)* é mais rude do que eu pensava; custou-lhe a perceber.

JERONYMO — Ah! *(tranquillo)* Não é noticia official. Ainda admitte suas dúvidas...

CHRISPINIANNO — Admitte dúvidas?... alto lá... isso não consinto eu que se diga... está provado, e mais que provado, e pelo santo principio das maiorias... eu

sou acerrimo defensor do principio das maiorias... e quando tres pharoes da imprensa dizem que sim... e dois que não, está provado que os que dizem que não, mentem... é a minha logica!

Jeronymo — *(indifferente)* Acho-a espirituosa!... o que lhe posso, porém, affiançar, sr. Simão...

Chrispinianno — Chrispinianno... Chrispinianno...

Jeronymo — Ah! sim, Chrispinianno.... posso-lhe affiançar que é cousa que pouco me importa *(péga n'outro livro, que começa a folhear com absoluta indifferença.)*

Chrispinianno — Ih! Jezus! *(pondo as mãos na cabeça)* que heresia!... quasi que desconfio da sua intelligencia, sr. Almeida... pois não lhe importa... E os destinos da Europa pendentes da espada do Cesar, e o testamento do grande Pedro... está o mundo perdido! agora é que eu acredito na nova invasão dos barbaros... Oh! que horror! que horror! *(pausa)* Não ha remedio — vou contar tudo á minha Joanna... *(olhando para Jeronymo com certo ar de dó)* que homem este... *(sae)*.

(Conclúe.)

POESIA.

A tempestade e a rocha.

Ruge embora, ó tempestade,
A terra vem açoitar,
Traz o terror á cidade,
Tolda de nuvens o ar,
Revolve os plainos d'areia,
Ao pobre nauta, que anceia,
Dá-lhe por campa esse mar.

Sacode... corta a florinha
Que sôbre a rocha nasceu...
Leva a planta innocentinha...
Leva-a nas azas... ao céu!...
Mas tu não vês que o rochedo
Te encara, e ouve sem medo...
Que nem ao menos tremeu?!

Firme... de pé... lá na praia
Do tempo ás iras sorri!...
Não se curva — embora cáia
Das nuvens um raio alli!...
Debalde a tumida vaga
O rochedo abraça... e alaga...
Vencer não... não póde ahi!

Qu'importa, negra tormenta,
Que a flor lhe venhas roubar...
Que a meiga flor que se ostenta
Sôbre a rochas... vás ceifar?!
Deos que alli creou a rosa
Não póde outra flor mimosa
Do mesmo modo crear?!

Que seja rosa — ou saudade...
Qu' importa o nome a ninguem?
Não crescem na soledade
Essas flores que a rocha tem?!
Uma ou outra... qualquer dellas...
Vae por ventura colhe las
Sôbre a triste rocha alguem?!

E mesmo a flor que arrancaste
Não rebenta?... Quem t'o diz?...
Comtigo fugiu a haste...
Mas lá ficou a raiz!...
O Deos que a rocha creára,
Que sôbre ella a flor plantára...
Rocha e flor casadas quiz!

Levaste-lhe a fragil planta...
As folhas... a raiz... não!
Bem vês tu que furia tanta
Contra a rocha foi em vão!...
Fica em pé... qual d'antes era!
Ou reinando a primavera,
Ou rugindo atroz tufão!...

Corre, pois, ó tempestade,
A terra vem açoitar,
Traz o terror á cidade,
Tolda de nuvens o ar,
Revolve os plainos d'areia...
Qu' importa? não te receia
A rocha que quebra o mar!...

F. Palha.

Endovelico, divindade celtica.

«Celtas somos nós, sem dúvida, além do genio por sangue» disse um illustre escriptor contemporaneo.

Poder-se-ha admittir esta opinião n'um sentido tão absoluto? Nós intendemos que não — entretanto é certo que esta questão, como travada na da origem da lingua portugueza, tem sido objecto de largas discussões, em que hão tomado parte os mais distinctos dos nossos escriptores; trata-la nas columnas de qualquer jornal é impossivel, e improprio; contentar-nos-hemos, pois, hoje, com fallar da famosa divindade celtica, que conhecemos pelo nome de *Endovelico*.

É já incontestavel, que os primitivos habitadores da peninsula, seguindo o polytheismo, contavam este entre o número dos seus deoses.

Mas esta divindade tão famosa, de que tanto se tem escripto — e tão pouco se sabe — presidia a paz ou a guerra?

A analyse philologica do vocabulo parece indicarnos, que Endovelico era a divindade superior, adorada pelos celtas. *Estes e os povos que lhe confinam ao norte*, diz Estrabão, *adoram o Deos sem nome no tempo da lua cheia*.

End — radical em todas as linguas primitivas, e ainda hoje nas linguas do norte, significa o Ente-Supremo, o ente por excellencia, talvez, entre os celtas, o ente sem nome a que se refere Estrabão. A radical *Vel* ou *Bel*, reunida a *End*, tem uma significação similhante, indica tambem uma divindade superior. Endovelico, denominação por que hoje distinguimos esta di-

vindade, com quanto conserve as duas radicaes celticas, está já de certo adulterado pelos romanos, cujo systema politico, como ninguem lido ignora, era substituir a todas as civilisações a sua civilisação, a todos os cultos o seu culto, a todas as nacionalidades uma unica nacionalidade — a nacionalidade romana. E não só o nome foi *romanisado*, mas ainda todas as inscripções e cippos apresentados pelos antiquarios Rezende, Cornide, etc., e que justificam a existencia deste deos famoso, são romanas: em caracteres celticos, ou mesmo phenicios, cujas relações com os antigos habitadores da peninsula ninguem duvída admittir—ou não existem, ou não se descobriram ainda, se é possivel encontra-las.

Não se tem verificado — que nós saibâmos — a existencia de altares e outros monumentos de religião, que podessem esclarecer-nos na historia escura daquelles escurissimos tempos. E não admira — todas as tradições religiosas dos primitivos povos eram tão simples, como era simples a sua civilisação. Todavia o sr. Garrett, quando no seu magnifico poema, Camões, descrevendo a serra de Cintra, em cujos contornos é mais que provavel que estanceassem celtas — disse:

Celtico dolmin recordando o culto
Do sanguento Endovelico, o terrivel
Irmunsulf dos feroses luzitanos

exprimiu uma dúvida, que não está só no ânimo do poeta, senão no de todos quantos se tem aventurado no enredado labyrintho de investigações archeologicas, que assim se póde chamar tudo que diz respeito aos tempos que precederam a conquista dos romanos.

E com effeito quem poderá afoitamente dizer, que muitos dos penedos solitarios e a pique, que se topam pela extensa serra de Cintra, não são aras, ou altares; isto é, monumentos religiosos dos celtas?

Como já dissemos, e repetimos, não é este o logar para tratar esta questão, aliàs muito curiosa — estas mal traçadas reflexões foram-nos suscitadas pela leitura do documento que abaixo transcrevemos, como nos foi remettido de Elvas, pelo digno correspondente da empreza.

CÓPIA DE UM ANTIGO MS., QUE EXISTE EM CERTA LIVRARIA EM ELVAS.

«Quando se fez a fortificação d'esta cidade, se achou «no fósso que se fez no Revelim, que fica em frente das «costas da Capella-mór da Igreja do Hospital de S. João «de Deos, huma pedra marmore, em que está esculpida «de meio-relevo, huma imagem ou figura de Cupido, «com arco, e setta, ao qual os Officiaes, que o desenterrárão, puzerão na face da parede do dito Revelim, que «olha para o Rocio do Calvario (*quondam* — Campo de «S. Sebastião), que parece ser figura de Endovelico, «que assim lhe chamárão os antigos, edificando-lhe «hum templo na Villa de Terena (que Julio Cezar des«truio), de pedras lavradas, a maior parte das quaes «foi levada para Villa Viçosa, para a obra da Igreja «dos Frades de Santo Agostinho, do que faz larga men«ção Manoel de Faria e Sousa no seu *Epitome das «Historias Portuguezas*.

«*N. B.* — O dito relevo está recostado sôbre huma «pelle de leão, e com a clava: he mais natural, que «seja Hercules?...» — Ou talvez queira indicar com aquelles emblemas da *fôrça*, a que tem (ou se attribue) ao amor, figurado em Cupido?...

VIAGENS.

S. Leonel — S. Isabel — O Ceborneo.

Estavamos resolvidos a embarcar em Tepic para Vera-Cruz, no principio d'abril, fugindo da febre amarella, ou *vomito*, que neste tempo começa a grassar, quando rebentou a revolução, de que *Sant'Anna* foi victima.

Algumas palavras sobre as causas desta revolução, que teve influencia na nossa viagem.

Em 1841, Sant'Anna, dictador pela convenção de Tucabaya, tinha nomeado governador de Sonora o general Urréa, compadre e protegido do D. José Maria Tornel, ministro da guerra. Esta nomeação impolitica devia causar, tres annos depois, a quéda do dictador. Urréa, homem ambicioso, turbulento e aváro, formára o plano, segundo se diz, de tornar Sonora independente, e de se fazer dictador, e tê-lo-ia talvez conseguido se não encontrasse os animos dos sonorenses inteiramente dispostos contra a sua authoridade. Obrigado a renunciar ao projecto que imaginára, tractou de se enriquecer á custa do povo.

Do seu despotismo nasceu a guerra civil, que destruiu a quarta parte da população da provincia. Entre as pessoas que mais perseguições soffreram achavam-se os chefes da casa poderosa Inigo & Comp.ª, de Guaymas; estes negociantes, fatigados de soffrer a tyrannia do general, resolveram-se a empregar todos os esforços para que elle fosse demittido do cargo, que tão indignamente exercia. Para este fim, em 1843, um delles, Fernando Cubillas, foi ao Mexico, e pediu a Sant'Anna a demissão do despota de Sonora. O dictador sabia que tinha de entrar em negociações com uma casa opulenta, habituada a pagar bem os favores que se lhe concediam; fez valer os serviços de Urréa; fallou da injustiça que faria quem destituisse do seu cargo um governador, só para satisfazer os caprichos d'algum descontente; e declarou, emfim, que só demittiria Urréa se D. Fernando se decidisse a dar-lhe mil onças de ouro, e outras mil ao ministro da guerra (ao todo vinte e nove contos de réis, proximamente).

D. Fernando não hesitou. A demissão de Urréa era questão de vida ou morte para a casa de Inigo. Cubillas pagou a somma pedida, e partiu, levando ao general Leon, então governador de Sinaloa, a ordem para marchar immediatamente em direcção a Hermosillo a fim de tomar posse do logar de Urréa. Infelizmente o decreto, que tão caro custára, era apenas um laço que Sant'Anna armára ao cofre de Inigo & Comp.ª

Em quanto D. Fernando caminhava por Mazatlan, um correio, por outra via, levava a contra-ordem ao governador de Sonora. Em consequencia disto o desembarque de Cubillas foi prohibido, e o supposto substituto de Urréa foi recebido como hospede.

A casa Inigo e Comp.ª, que não tinha conhecimento da contra-ordem, considerou a conducta de Urréa como acto de desobediencia, de sorte que os chefes resolveram ir outra vez ao Mexico pedir ao dictador que fulminasse o rebelde. Sant'Anna estava então em *Manga de Clavo* preparando tudo, segundo se dizia, para a sua coroação. Recebeu D. Fernando friamente, desculpou o governo, justificou Urréa, e fez diligencia para consolar, com promessas, os desterrados.

Os associados, julgando vêr nesta lingoagem a pudica expressão d'uma avareza, que não ousava declarar-se; partem, e voltam pouco depois carregados de ouro.

Á vista deste argumento mudou logo a lingoagem do dictador—prometteu justiça, e justiça completa, *porque o seu dever era trabalhar para que se respeitassem os direitos dos cidadãos*. Desta vez D. Fernando de Cubillas, não se fiando já em papeis, pediu que o decreto de demissão fosse levado a Sonora pelo general Paredes, acompanhado por oitocentas bayonetas. Sant'Anna sorriu quando fizeram esta exigencia. O general Paredes encommodava-o no Mexico, porque, mesmo desempregado e pobre, tinha popularidade, e tomava a iniciativa nas revoluções. O dictador aproveitou ávidamente esta occasião para o affastar da capital. A casa de Inigo encarregou-se das despezas, e Sant'Anna mandou saír o general com a força pedida.

Partiu a expedição, com effeito, mas não foi para fazer guerra a Urréa.

Paredes não era homem capaz de perder a primeira occasião de vingança que, havia dois annos, aguardava com impaciencia. Apenas se achou em caminho, escreveu á gente do seu partido, com lingoagem tão figurada que D. Fernando serviu de secretario, sem ter a menor desconfiança. Nós estavamos ao facto de tudo, porque a familia Cubillas, ligada comnosco, nos informava fielmente dos acontecimentos.

De repente, quando esperavamos vêr entrar a expedição em Sonora, appareceu D. Fernando só, desesperado, furioso. Paredes ficára em Lagos, e abandonando os interesses da casa de Inigo, para tractar só dos seus, tinha-se *pronunciado* contra Sant'Anna. Tal foi o encadeamento das circumstancias que derribaram a dictadura de Sant'Anna, para estabelecer a de Paredes. Urréa ficou governador de Sonora, de sorte que as victimas desta revolução foram realmente os membros da casa de Inigo, que hoje está fallida.

Dissemos acima que o *pronunciamento* de Paredes influíra na nossa viagem. Com effeito, não só retardou a época, mas até modificou a execução. Deviamos atravessar o Mexico a cavallo, porque até então tinham estado impraticaveis por seges os caminhos de Tepic a Guadalajara; mas o general *pronunciado* querendo ter facil retirada, se fosse necessario, tinha feito abrir um caminho através do Mochtitlte, e pelas planicies de Tetitlan, de sorte que, no mez de fevereiro de 1845, podêmos estrear a estrada em um carrinho que viéra da America do Norte.

(Continúa.)

Uma nova estreia dramatica.

No dia 24 de maio foi á scena no theatro da Academia Dramatica, em Coimbra, um novo drama original—*O Crime*—primeira composição do academico de direito, e membro do Instituto da mesma cidade, o sr. Arriaga. O drama tem muitas bellezas, e poucos defeitos. O público fez-lhe justiça, victoriando-o; justificando assim a dicisão do Instituto, que havia approvado e mandado representar a peça; depois de animada discussão. É a quarta peça original de membros e socios do Instituto, que este anno vae á scena. Bom é que aquella corporação litteraria vá assim fructificando, dando vida e coragem á emulação dos jovens poetas.

Beneficio phylantropico.

No dia 19 d'este mez deve ter logar, no theatro do Salitre, um beneficio a favor de tres chefes de familia desvalidos, em consequencia das últimas occurrencias politicas. Foi escolhido para formar parte do espectaculo, o excellente drama—*Adelaide*—desempenhado por curiosos, que se prestaram a obsequiar os beneficiados, e o papel da protagonista, pela sr.ª Emilia das Neves e Sousa.

Temos assistido a alguns ensaios do drama, e podêmos affiançar o seu bom desempenho: em quanto á sr.ª Emilia, que podêmos nós accrescentar, depois do que se tem dito?

Os dotes, eminentemente artisticos, que distinguem a sr.ª Emilia, e que a constituem, incontestavelmente, a nossa melhor—a nossa primeira actriz—ha poucos que não tenham tido occasião de os apreciar e admirar. Accresce que a sr.ª Emilia, concorrendo com o seu talento para enxugar as lagrimas do que precisa, como tem feito tantas vezes, dando uma elevada idéa do seu generoso ânimo, adquire assim mais um titulo á estima do público.

É de esperar, pois, que, por todos os motivos, a concurrencia seja numerosa e brilhante nesta noite.

BIBLIOGRAPHIA.

Conferencias de Nossa Senhora de París

PELO REVERENDO PADRE

DOMINGOS HENRIQUE LACORDAIRE

Saíu á luz o 1.º volume desta importantissima obra, que será publicada em pequenos volumes brochados, no formato da *Livraria Classica* do sr. Castilho, comprehendendo cada volume duas, tres, ou mais Conferencias: o seu preço será de 120 réis por volume para quem assignar, e de 200 réis avulso.

Assigna-se na loja do sr. Lavado, rua Augusta, n.º 8, onde deve ser dirigida toda a correspondencia—franca de porte.

O 2.º volume desta obra fica no prélo, e saírá á luz impreterivelmente até ao dia 15 de julho proximo.

NOTICIAS SCIENTIFICAS E INDUSTRIAES.

Gaz para a illuminação.

No dia 19 do passado fez-se em París uma experiencia extremamente interessante, na presença de muita gente. Tratava-se

de demonstrar que a decomposição, em vasos fechados, do bagaço da uva, produz carbureto de hydrogenio, cujas qualidades superiores o habilitam, ao que parece, para substituir com vantagem o gaz extrahido do carvão de pedra e da resina. Este gaz queimou-se em um bico, dando luz branca e muito brilhante. Segundo dizem, o gaz não tem cheiro; a chamma não produz fumo, ainda que seja muito elevada. Por este meio podem todos ter gaz em casa, por preço diminuto.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Considerações ácêrca da alimentação do nosso gado, e do regimen especial do verde para o cavallo.

(Continuado de pag. 120.)

As *indigestões por embolamentos* são bastante perigosas, e dão-se mais nos que tomam verde de anaphe quando duro e fibroso. As fibras indigestas se enrolam, formam pelotas, que obstam ao curso das materias intestinaes. Os symptomas muito mais assustadores, exhibem de sobejo a gravidade do mal, que, na phrase vulgar, póde fazer arrebentar o cavallo. Acompanha-se de frequente com tympanite; então a indicação está em desfazer esta pelo ammoniaco, e mais principalmente, em remover o obstaculo solicitando a expulsão da pelóta: por isso os purgantes são indicadissimos. Sabemos quem de alguns d'estes casos tem triumphado com o emprego d'uma garrafada de azeite, tendo em dissolução seis onças de sulfato de soda. Porém, tendo pouca fé no uso do azeite, como laxante, para os grandes herbivoros, julgamos mais conveniente em substitui-lo pelo oleo de linhaça, o qual as experiencias de Fauvet, veterinario italianno, recommendam como o mais prestante laxativo do cavallo. Eliminada a pelóta o animal está salvo, mas para que outra se não forme, convem mudar de verde. É escusado advertir que em todos os casos de indigestão, é mister o emprego da conveniente dieta, em quanto dura a pequena convalescença, a fim de evitar graves recaídas, e chegar mais brevemente ao restabelecimento do animal.

Já de mais hemos fallado sôbre os incidentes pathologicos, que podem vir com o mal regrado uso do verde, desçâmos agora ao exame da prática d'este regimen.

MANEIRA DE ESTABELECER O REGIMEN DO VERDE.

Consideraremos aqui certos actos preparativos, como o uso das sangrias cargas — os cuidados na transição de um para outro regimen — a qualidade do verde que se usa, e, finalmente, a prática de sua administração.

Sangria — É entre nós prática mui seguida, sangrarem-se os cavallos que se põem ao verde, umas vezes antes, outras logo nos primeiros dias d'este regimen. Não passa d'uma rotina, e sem solido fundamento; segue se porque os antigos a praticavam; e porque o Tratado de Alveitaria, de Rego, a aconselhá, dizendo, que a experiencia a confirma, e que é a experiencia, que *genuit artem*. Com o auctor da nossa Economia Domestica e Rural, responderemos, que a *experiencia falax judicium incertum*. E na verdade, em que consiste a experiencia? Tirar algum sangue a um animal são — quando felizmente o está — dando-lhe depois em abastança com que crear outro. Isto o que mostra, é que a sangria em muitos casos não prejudica, mas não prova que beneficie. Ha antes factos que a contestam, que mostram ser nociva feita inconsideradamente, como em geral se pratica. De feito, concebe-se que pondo a verde cavallos cançados de serviços, ou por qualquer outra causa extenuados, a sangria aggravará estes estados, lançando-os em maior atonia e prostração, o que sôbre protrahir seu restabelecimento, póde mesmo chegar a illudir ácêrca da conveniencia do regimen; pois sendo copiosa, como essa que se faz, a fim de tirar, como se diz, o sangue ruim, torna este mui soroso, e póde por isso gerar enfartes e engorgitamentos edematosos nos extremos locomotores, effeitos que attribuidos ao verde, conduzem necessariamente ao errado conceito da sua conveniencia, levando a suspender o regimen, quando talvez utilizasse. Temos, pois, que a sangria praticada antes do verde é sem fructo, embora nem sempre prejudique, unicamente aproveita aos que de tenros annos se teem posto neste habito. A sangria só deve fazer-se quando os casos a indiquem, isto é, quando apparece um estado plethorico, que ameaça congestões perigosas, a que são — como já vimos — mais accessiveis os cavallos bem refeitos e sanguineos. Mas então esta, pratica-se passados alguns dias, quando já se tem a segurança da conveniencia do regimen.

(Continúa.)

PERGUNTA ENIGMATICA.

Quem é que vae de Lisboa a Cintra sem dar um passo, e sem se mecher?

CHARADAS.

— 1.ª —

Ella não presta, — 1
Ella — contente, — 1
Ella — sem elle, — 1
Ella — é esta.

ALBINO.

— 2.ª —

Bem que o logar designe }
De uma letra valor me dão; } 1
Em um verbo portuguez }
No preterito me acharão. } 1

Sirvo ao varino,
Ao arabe, ao frade,
Dou-lhes conforto
Na tempestade.

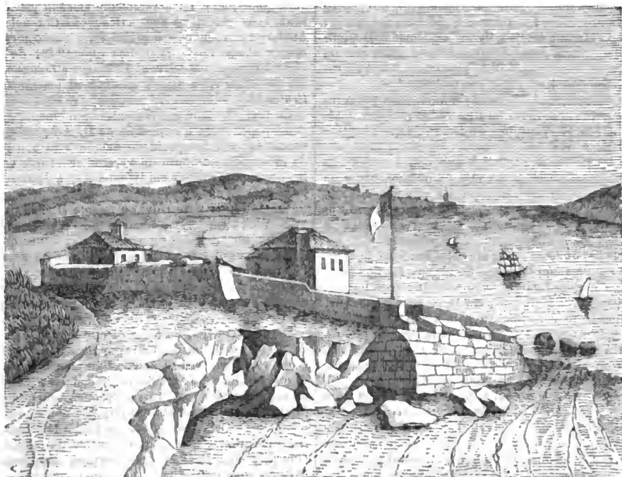
EXPLICAÇÃO DO NÚMERO ANTECEDENTE:

Charada — Serpente.

AVISO.

Pedimos aos senhores correspondentes e assignantes de provincia, a quem este jornal deve os maiores favores, que tenham a bondade de nos dar noticia de todos os phenomenos meteorologicos notaveis (ventos, chuvas, trovoadas, etc.), que observarem. Não sabemos se o governo tem exigido estes esclarecimentos das authoridades dos diversos districtos; em todo o caso esperâmos este obsequio de todos as pessoas, que tão efficazmente tem animado e protegido a *Revista Popular*.

Por esta occasião pedimos que nos desculpem a falta da segunda estampa, em alguns números — os nossos gravadores, obrigados agora a gravar as estampas do *Almanak*, não podem sempre dar promptas a tempo as estampas da *Revista*. Esta falta, porém, não se repetirá muitas vezes; os nossos leitores bem sabem quanto cuidado temos em cumprir as obrigações que nos impozemos.



Forte de Catalasete.

Por várias vezes se tem tentado fortificar regularmente a barra de Lisboa, e ultimamente um distincto official de marinha escreveu uma memoria, inserta nos *Annaes Maritimos e Coloniaes*, excellente publicação mensal que, infelizmente, deixou de continuar, na qual o seu auctor indicava os meios de prover com facilidade e economia á defensa da barra e porto desta grande capital.

Entretanto, apezar de não fazerem parte de um systema completo de fortificação, e em várias epochas levantadas, muitos torres e fortins, pela maior parte em estado de ruina, guarnecem as margens do Téjo desde a sua foz até á torre de Belem, e á chamada Torre-Velha, que hoje, com um edificio contiguo, serve provisoriamente de lazareto, desde que houve notícia da reapparição, na Europa, da terrivel epidemia, conhecida pelo nome de *cholera morbus*.

O forte de Catalasete é um delles; está situado perto da torre de S. Julião, e nada contém de notavel, desfructando-se, porém, daquella situação lindos pontos de vista.

Antonio Vieira.

(Conclusão.)

A influencia de Vieira no ânimo de João IV cresceu de tal modo, que em 1646 foi nomeado embaixador, ou antes commissario real extraordinario em París, para averiguar qual o proceder do respectivo ministro; esta commissão, na realidade repugnante e difficil, desempenhou-a elle com a circumspecção que o caso demandava: em 1647 passou, para o mesmo fim, a Amsterdam — e em 1650 a Roma.

É provavel que na capital do mundo christão se demorasse até ao principio do anno de 1652; sendo certo, que foi por esta occasião, que pediu e obteve do rei licença para fundar no Maranhão missões da sua ordem.

Chegou ao Maranhão a 22 de novembro de 1652 [1], mas tão sérias difficuldades se levantaram á realisação do seu proposito que Vieira, para acabar com ellas inteiramente, determinou de vir a Lisboa, não só com aquelle fim, senão com o de obter o acto da liberdade dos indios, que julgava indispensavel para o começo dos seus trabalhos apostolicos.

[1] Chronica da Companhia de Jesus da Missão do Maranhão, pelo P.e Domingos d'Araujo. — Ms. inéd. cap. 22, 23, 24.
Maranhão Conquistado a Jesus Christo e á corôa de Portugal — id. P.e André de Barros, Vida do P.e Antonio Vieira, etc.

Deve, porém, notar-se uma circumstancia que escapou a quasi todos os biographos: antes do P.^e Vieira solicitar a creação das missões no Maranhão, isto é, em 1647, quando se achava em Amsterdam, saíu em 10 de novembro a — «Lei porque S. M. mandou que os « indios do Maranhão sejam livres, e que não haja admi- « nistradores, nem administração nelles; antes possam « livremente servir e trabalhar com quem lhes bem es- « tiver, e melhor lhes pagar seu trabalho [1].»

Já se vê, pois, que Vieira não influiu, nem podia influir, na publicação desta lei illustrada, mas sim, e sómente, na de 17 d'outubro de 1653 — «que regula o « captiveiro e liberdade dos indios do Maranhão [2].»

Nove largos annos prestou Vieira nestas missões os mais relevantes serviços á causa da humanidade e da civilisação, discorrendo incançavel a converter á fé do christianismo os gentios que estanceavam pelo Maranhão, Seará, Pará e Amasonas; estes serviços ninguem de bôa fé póde contestar.

Entretanto, ou fôsse suscitado pelos inimigos da Companhia, ou pela imprudencia de alguns missionarios, houve um grande tumulto popular contra os religiosos da Companhia, no Maranhão, em 1661, movimento que, pouco depois se communicou com egual violencia ao Pará, sendo na capital desta provincia prêso o proprio Antonio Vieira. A perseguição contra os padres não cessou com a prisão de Vieira, superior das missões, antes continuou, e cada vez mais cruel.

Entretanto este conseguiu evadir-se, e partiu para a côrte, chegando a Lisboa em 1662. Governava então Portugal, na qualidade de regente, em a menoridade de D. Affonso, a rainha D. Maria Luiza de Gusmão; esta senhora, cujo ânimo varonil é tradicional, era nesta epocha inteiramente dominada pela influencia dos padres da Companhia; não lhes foi, pois, difficil obter para Vieira um completo desaggravo das affrontas que lhe haviam feito os populares do Maranhão; e com effeito ainda nesse mesmo anno (1662) regressou Vieira áquella capitania, indo com elle, provido no logar de governador, Rui Vaz de Sequeira.

Seria mui curioso examinar os capitulos de aggravos contra os padres da Companhia, apresentados pelos procuradores dos povos do Maranhão; fôssem, porém, de muita ou de pouca gravidade as accusações que se faziam aos missionarios, não é menos certo que os auctores do motim que os havia expulso, foram severamente castigados.

Em 12 de setembro de 1663 saíu a «provisão em fórma de lei, sôbre a liberdade dos indios do Maranhão, e fórma em que devem ser administrados no espiritual pelos religiosos da Companhia de Jesus, e os das mais religiões daquelle estado.» Esta provisão prohibe o P.^e Antonio Vieira de tornar ao estado do Maranhão!

Parece que depois desta notavel e extraordinaria providencia voltára para a côrte; e com effeito aqui o vemos pouco depois, influindo largamente na governação do estado, como é notorio de todas as historias e documentos daquelle tempo. Antonio Vieira não foi estranho — ou antes — foi um dos auctores do escandaloso auto da deposição do infeliz e imprudente D. Affonso VI, sendo de sua redacção o famoso *papel* apresentado nas côrtes de 1668, no qual se procura justificar uma resolução tão espantosa; é notavel que Vieira. neste *papel*, que foi severamente atacado por José de Seabra da Silva, na sua «Deducção Chronologica e Analytica» reconhecia o principio, a que o mesmo escriptor chama falsa, falsissima supposição, de que as *«côrtes formam um tribunal soberano, e reduzem a pessoa do mesmo rei á mesma condição de um simples particular!!»*

Os pretextos que se apresentavam no mencionado famoso *papel*, para a deposição de D. Affonso, eram os seguintes: «A incapacidade de el-rei para o governo da monarchia; o abuso do governo, com que em muitas acções degenerára em tyranno (!); a dissipação dos bens e da fazenda real!»

Em 1669, já governando o infante D. Pedro, achava-se Vieira em Roma, aonde o tinha mandado aquelle principe no proposito de resolver quaesquer dúvidas, que á sua exaltação ao throno podesse oppôr a santa sé. Foi nesta côrte que Vieira soube grangear os applausos de todos, prégando diante da célebre Christina, rainha de Suecia, os primorosos sermões das sete pedras de David.

Desde este anno, ou fôsse porque descaísse da graça de D. Pedro II, ou por outros motivos que se ignoram, é certo que não tornou mais a figurar activamente nos negocios politicos do estado, recolhendo-se aquelle grande espirito á vida particular; a primeira supposição tem fundamento n'uma carta escripta por Vieira, em 1669, á rainha D. Catharina, viuva de Carlos II d'Inglaterra, carta em que se queixa amargamente da falta de consideração que se tinha pelos serviços que havia prestado ao novo monarcha.

Em 1679 publicou-se em Lisboa o 1.° volume do seu *Sermonario* — e em 1681 estava Antonio Vieira na Bahia, onde determinára de passar o resto dos seus dias, occupando-se na revisão das suas obras, e na conclusão da *Clavis Prophetarum*, trabalho de uma erudição maravilhosa, cujo acabamento lhe era expressamente ordenado pelo geral da ordem a que pertencia. Poucos annos antes de entregar a alma ao Creador cegou quasi inteiramente; todavia não desistiu na sua tarefa de preparar todas as obras que escrevêra para o prelo, servindo-se então de um secretario.

A 18 de julho de 1697 falleceu Vieira, incontestavelmente uma das maiores capacidades que Portugal tem produzido, com grande consternação de quantos o conheciam, e do povo, que soube edificar com as virtudes evangelicas, de que nos últimos annos deu largas provas.

As honras funebres que se lhe fizeram foram dignas de tão grande homem, e da terra que tanto amára, e para cujo bem-estar e civilisação não pouco concorreu, apezar de tudo quanto tem dito os inimigos da Companhia de Jesus.

As obras de Vieira são um rico thesouro de estylo, e de bôa e valente linguagem portugueza; distinguindo-se, entre muitas outras de menor vulto e valia — o *Sermonario*, em 15 v. de 4.°, e as *Cartas*, em 4 v. de 4.°, sendo o último volume, de que nem todos tem seguro conhecimento, impresso em 1827. Alguns consideram estas últimas obras superiores a todo o *Sermonario*; e não ha dúvida, que se o não são no estylo e

[1] *Livro Grosso do Maranhão* — ms. ined. f. 20.
[2] Idem, fol. 22. v.

na opulencia da linguagem, merecem, sem controversia, a primazia na importancia politica—como curiosos documentos que são para a historia de uma das mais notaveis epochas da nossa existencia social.

NÃO HA MAL QUE SE NÃO CURE

PROVERBIO EM UM ACTO.

(Conclusão.)

SCENA XI.

JERONYMO, E D. EMILIA, *entrando pela porta do jardim, sem ver Jeronymo d'Almeida, que continúa sentado e folheando vários livros, que examina uns depois dos outros.*

D. EMILIA — Não posso estar mais tempo naquelle triste jardim — estou tão abhorrecida!... e depois a D. Joanna sempre contente — sempre risonha... coitada; mas affiige-me tanta alegria! e o Chrispinianno, que semsabor homem que é — sempre agarrado aos periodicos!... Meu marido, esse... *(voltando-se e vendo de repente Jeronymo)* Ah!...

JERONYMO — *(levanta-se e cortejo D. Emilia; dirigindo-se a esta)* Perdão... v. ex.ª não me esperava de certo aqui!... assustou-se...

D. EMILIA — *(perturbada)* É verdade .. não esperava... cuidei que tinha saído com meu marido... mas assustar-me, isso não...

JERONYMO — Pois eu peço novamente desculpa... se me atrevi a tanto — tambem estava abhorrecido do jardim... e vim aqui ver estes livros... são de v. ex.ª, não?

D. EMILIA — É verdade... são meus; e creio que não lhe desagradará a escolha... são dos melhores auctores... não acha?

JERONYMO — Sinto muito, minha senhora, mas ha de permittir-me que lhe diga francamente, que a minha opinião, a similhante respeito não é inteiramente conforme á de v. ex.ª — não digo bem — é diametralmente opposta á de v. ex.ª; mas já que tem tanta bondade, conversemos um pouco em litteratura: — eu, apezar da minha severa educação de provincianno, alguma cousa tenho visto... e assim aproveitarei esta occasião de admirar o talento, o espirito de v. ex.ª...

D. EMILIA — *(mirando-o todo)* Pois v. s.ª é provincianno?...

JERONYMO — Não pareço, talvez! Pois sou provinciano dos quatro costados; nasci em Ponte de Lima — sou minhoto, por consequencia; nada mais e nada menos...

D. EMILIA — *(á parte)* Provinciano!... e eu que cuidava que elle era de Lisboa!... *(alto)* Comtudo como tem residido muito tempo na côrte!...

JERONYMO — Não ha dúvida!

D. EMILIA — *(pensativa)* Ora diga-me — poder-me-ha explicar os motivos, porque lhe não agradou a minha pequena bibliotheca?...

JERONYMO — *(com fingido constrangimento)* A minha opinião tem muito pouco pêso neste caso; dispense-me, pois, v. ex.ª

D. EMILIA — *(á parte)* Não me enganei de certo — é impossivel que me enganasse no juizo que fiz d'este homem. *(Alto)* Não dispenso, não...

JERONYMO — V. ex.ª manda...

D. EMILIA — Não mando... peço... *(pausa)* Ora vamos, que pensa desta obra *(pegando n'um livro)*, é o Atalá de Chateaubriand; não acha delicioso e cheio de vigor e magestade o estylo d'este escriptor? — não lhe parecem maravilhosos de frescura e de sentimento os castos amores da formosa Atalá? — não se lhe espande a alma quando lê este livro?...

JERONYMO — Como v. ex.ª m'o ordena, direi francamente, em primeiro logar, que não li essa obra senão uma unica vez — e não gostei — não gósto de obras assim!

D. EMILIA — *(á parte)* E eu a imaginar que era poeta este rapaz. . é prosa, e que prosa! *(alto)* Pois não gósta, será possivel?

JERONYMO — É certo, minha senhora, não gósto... eu confesso-o. Não comprehendo — não posso comprehender tanta exaltação de sentimentos... oppõe-se-lhe os meus habitos — a minha educação... não sei que é... bebi com o leite a, quasi aversão, ou repugnancia, que tenho, por todos esses escriptores, que dizem cousas tão bonitas, mas que só existem na cabeça de quem as imaginou. A todo o ideal, que elles nos apresentam, ainda que se verificasse, preferiria de bom grado a bella vida de provincia... *(indifferente)* Prefiro tudo á leitura de similhantes obras; tinha menos repugnancia em ajudar á missa na capella da minha casa...

D. EMILIA — Pois ajudava á missa?

JERONYMO — E porque não, minha senhora; foi das primeiras cousas que soube, com o latim; é predicado essencial de uma bôa educação provinciana. Ainda hoje, se v. ex.ª quizesse, podia provar-lhe que me não esqueceu a mais pequena fórmula, por insignificante que seja!...

D. EMILIA — Oh! por Deos, dispense-me... *(á parte)* Ajudar á missa... elle...

JERONYMO — Será tambem esse o motivo porque não posso gostar daquella frugalidade exemplar dos dois amantes... lembram-me logo os succulentos jantares da minha casa — e eu então que como excellentemente! — pois ha nada melhor do que um bom prato de açorda ao almoço!...

D. EMILIA — *(recuando)* Açorda! pois gosta d'açorda?...

JERONYMO — Sim, minha senhora; é algum tanto antiquada a expressão e o manjar, talvez; mas é excellente! Ora pois, comparando e pensando bem, eu cada vez estou mais convencido de que a minha felicidade é, em todo o caso, superior — e muito — a essa dos dois amantes de Chateaubriand, que elle quer por fôrça que acreditemos felicissimos...

D. EMILIA — *(á parte)* É uma desillusão completa! *(alto)* Então não considera verdadeira felicidade senão acompanhada dos regalos que a nossa civilisação tem inventado...

JERONYMO — É exacto, não acredito — tenho essa

bôa fé — que possa haver felicidade perfeita, sem sufficientes garantias... para o estomago. Não acredito — tambem — eu sou muito franco — nessa exaltação de sentimentos que só tenho encontrado em heroes de romances... no mundo ideal dos poetas... Neste mundo — no mundo em que temos de viver — intendo que todos os sentimentos são — devem ser — subordinados a certos principios; e demais, na sociedade ha conveniencias a respeitar, e deveres a cumprir...

D. Emilia — Mas tambem não convem em que existe um sentimento superior a todos os sentimentos, a todas as conveniencias... a todos os deveres...

Jeronymo — Não posso convir, minha senhora...

D. Emilia — *(á parte)* Não ha dúvida — é um homem grosseiro — vulgar como quasi todos. *(Alto)* Mas, sr. Jeronymo d'Almeida, talvez, sendo tão severo, não queira admittir para si essa omnipotencia das conveniencias?

Jeronymo — Quero; porque não hei de querer? tanto assim, que, por simples conveniencia quasi, vou dar um dos passos mais importantes que um homem póde dar na sua vida... vou casar!...

D. Emilia — Casar!... pois o sr. casa?... que infeliz senhora!...

Jeronymo — Infeliz! v. ex.ª é muito injusta, perdôe-me!... pois a minha noiva é menina bem educada, de muito juizo... e acredita inteiramente o contrário!...

D. Emilia — Mas o senhor, pelo que diz, não a póde amar!...

Jeronymo — Não a posso amar?... ora essa!... amo... mas não a martyriso... não a afflijo com suppostos ciumes... não a mortifico com contínuas epistolas, sempre recheadas das mesmas expressões, extractadas do célebre secretario dos amantes; se nisto é que consiste o amor... então declaro que a odeio... mas não!... assim havemos de viver perfeitamente; o mais *(com intenção)* é incómmodo, e barbaro até...

D. Emilia — *(á parte)* Que namorado este!... *(ri)* ah! ah! ah!

Jeronymo — V. ex.ª ri-se?...

D. Emilia — Perdôe, foi porque estava imaginando o senhor a ajudar á missa na capella da sua casa — que galante que não havia de ser! ah! ah! ah!

SCENA XIII.

D. EMILIA, MELLO, E JERONYMO.

Mello — *(que tem escutado parte da scena anterior, entrando pela porta da esquerda)* É falso... é falso...

Jeronymo — *(á parte ao Mello)* Cala-te!...

D. Emilia — *(correndo para seu marido)* Oh! ainda bem que vieste... tardaste tanto! *(á parte)* O teu amigo... sabes lá o que eu imaginava do teu amigo!... tinha-o por poeta, por homem de pensamentos elevados, e sae-me um semsaborão de um provinciano como nunca vi!... se elle... *(rindo)* ah! ah! ah! é d'estes que ainda sabem ajudar á missa... e comem muito... e almoçam açorda...

Mello — *(o mesmo)* Que dizes, Emilia, Jeronymo de Almeida é homem de muito espirito; um talento superior.

Jeronymo — Não digas isso...

D. Emilia — Não é possivel, amiguinho, não é possivel...

Mello — Mas eu digo-te que não é o que suppões; pelo contrário... *(pausa)* Ah! agora me recordo... *(dirigindo-se a Jeronymo)* Generoso amigo, estou sentindo os effeitos da tua intervenção — acredita que nunca me esquecerei do que por mim fizeste hoje... *(a D. Emilia)* Eu te explico tudo *(falla-lhe em voz baixa)*.

D. Emilia — *(apertando affectuosamente a mão de seu marido)* Pois tu soffrias sem me dizer nada?

Mello — Soffria; oh! mas agora estou satisfeitissimo.

D. Emilia — *(a seu marido)* E eu!... *(a Jeronymo)* Sr. Jeronymo d'Almeida, agora, que a entendi, agradeço e acceito a lição que me deu; é um excellente medico; acredite, que estou perfeitamente curada!

Jeronymo — Oh! minha senhora...

SCENA XIV.

OS MESMOS, CHRISPINIANNO, D. JOANNA *e depois* UM CRIADO.

D. Joanna — *(a D. Emilia)* Pareces-me outra, Emilia, estás muito alegre, agora...

D. Emilia — Se eu sou tão feliz!...

D. Joanna — Sim?

D. Emilia — Logo t'o contarei, minha bôa amiga.

Chrispinianno — Saiba, sr. Jeronymo, que temos grandes notícias; as cousas, contra toda a espectativa, vão-se resolvendo pacificamente; e...

Um criado *(entrando)* O jantar está na mesa.

Chrispinianno — *(á parte)* Inda bem — cuidei que o não havia hoje. *(Alto)* Ó sr. Jeronymo, se lhe parece ficam as noticias para o caffé — olhe que são mais importantes do que a dos russos na Transylvania...

Jeronymo — *(sem lhe dar attenção — indifferente)* É melhor, é...

Mello — Meus amigos, o jantar espera por nós — e creio que todos quererão fazer-lhe as honras devidas.

Chrispinianno — Vamos a elle!

(Saem todos pela porta da esquerda).

Recordações de viagem.

IV.

(Continuação).

A lancha n.º 17 possuia ao todo onze homens de tripulação: oito marinheiros, um soldado do batalhão naval, o guarda-marinha e eu.

Por uma coincidencia admiravel, quatro dos marinheiros eram pretos. Partimos n'um domingo á noite: só no outro dia pela tarde é que chegámos ao ponto do nosso destino.

O presidio do Dande é um dos sitios mais pintorescos da Costa d'Africa. O oceano fórma alli uma enseada, abrigada dos ventos pelas montanhas, que abraçam aquella porção de mar.

N'um dos angulos, e mesmo á beira do rio, que entra na terra muitas leguas, eleva-se a fortaleza, e em tôrno a pequena povoação, que habita em choças infor-

mes, formadas de terra amassada com palha, e cobertas d'uma especie de colmo.

A enseada é espaçosa, e dobrada uma das pontas — ou a do Lifungo, ou a do Dande, descobre-se inteiramente toda a costa.

Vimos fundeado um brigue, com o panno estingado, e suspenso apenas por uma amarra. Era um dos mais lindos navios, que nos lembra ter visto banhar-se nas aguas do oceano.

À primeira vista, conhecia-se desde logo que pertencia a corso. O apparelho debruçava-se graciosamente para ré, e os mastros apresentavam uma guinda, só usada nos navios de guerra. Era uma linda e engraçada embarcação. A alcacha era preta, como o resto do navio.

Quando chegámos partiam muitas lanchas de bordo. Foi o momento, em que de certo perceberam que a nossa não pertencia ás que costumam usar os cabindas. Ouvimos um sussurro de vozes, sentimos o tinir da amarra, que largavam por mão, o panno cassou-se e offereceu-se á brisa que soprava, e vimo'-lo correr ao longo da costa, sereno e manso como uma gaivota, que sólta o vôo do meio das aguas, aonde pousava, para ir demandar outro ponto de descanço.

Armámos todos os nossos remos, e como estavamos a barlavento, fomos cortando-lhe a prôa, quanto podémos.

A lucta era desigual. A aragem apenas agitava as vélas ao nobre baixel, que se envergonhava de fugir. E era pena! Se refrescasse o vento sería baldado o nosso esfôrço. O brigue era um daquelles excellentes veleiros, como só se sabem fabricar em Baltimore. Fazia doze milhas por hora, picado com vento fresco.

A tripulação encostada á amurada, esperava com anciedade o resultado da manobra.

Íamo'-nos aproximando a olhos vistos; viram que não havia a appellar senão para a resistencia.

Fizemos-lhe a usada pergunta, quando estavamos perto:

— Que navio é esse?

Não tinham ânimo para nos responder. Debalde prégavam que era necessario o combate — haviam perdido a fôrça moral.

Este silencio, entretanto, tinha alguma cousa de solemne. Os marinheiros remavam com o olhar dirigido para as espingardas; o guarda-marinha e eu armavamos as pistolas, e empunhavamos o sabre d'abordagem.

Atracámos. Todas aquellas cabeças avidamente debruçadas, sumiram-se. N'um relance d'olhos saltámos para dentro. Fôra uma victoria sem combate. As physionomias pallidas dos commerciantes, os semblantes tostados e descuidosos dos marinheiros, destacavam maravilhosamente no centro do convés, litteralmente alastrado de negros. A carregação attingíra o número prodigioso de oitocentas vinte e oito cabeças — seiscentos homens, e duzentas vinte e oito mulheres, pouco mais ou menos.

Comprimiu-se-me o coração, quando vi creaturas humanas, menos commodamente situadas do que se fôssem animaes ferozes, ou fardos d'embarque. Para andar, haviamos de forçosamente molestar aquelles infelizes, pela maior parte magros e esqualidos.

Os mantimentos estavam ainda confusamente distribuidos no convés. As pipas d'agua, os *casangos* de farinha de mandioca, o peixe sêcco, que formam o unico alimento do escravo. Em compensação ouviam-se cacarejar as galinhas, e grasnar os patos nas capoeiras. O páu de carga erguia-se ainda victoriosamente como cumplice obrigado do horroroso trafico.

Mais de tresentos negros estavam encerrados dentro da coberta. O ar vinha-lhes por uma abertura quadrada, privada do xadrez, que lhes offerecia um pouco menos d'ar do que o necessario á vida.

Pediam agua. Haviam 48 horas que não comiam, nem bebiam. Mandámos-lh'a dar á discrição. Descemos-lhe baldes; mas era impossivel satisfazer a todos ao mesmo tempo. Houve um conflicto. D'ahi á pouco dez pretos eram lançados ao mar; haviam morrido suffocados no fluxo e refluxo da multidão anciosa e quasi delirante.

Lembra-me, quando era criança, ver quadros em que se pintam as almas no purgatorio, rodeadas de chammas, e erguendo as mãos supplicantes, para os livrarem daquelle supplicio inaudito.

Se os auctores d'esses quadros tivessem visto o que eu vi, seriam muito melhor inspirados.

Quando apparecia o marinheiro com a agua, levantavam-se aquelles infelizes, inteiramente nús, precipitavam-se para a bôcca da escotilha, e ahi, entre choros e gritos de dôr, estendiam os braços mirrados, para ver se lhes matavam a sede devoradora. Era um espectaculo horrivel!

Um dos carregadores, perguntando-lhe eu, se morriam muitos pela viagem, respondeu-me, erguendo philosophicamente os hombros:

— Duzentos ou trezentos, pouco mais ou menos, se dura a viagem vinte dias! Mas os que chegam vivos compensam excellentemente esta perda!»

É o bello ideal da agiotagem! Que um especulador na Europa, por uma empalmação habil de fundos, arriscados n'uma empreza em que elle não crê, reduza á miseria duzentas ou trezentas familias, não nos parece soffrer a pena da sua crueldade calculada, ter diante dos olhos as victimas da sua usura, abraçarem-lhe os joelhos, raladas d'angustias, amaldiçoarem-no n'um brado de agonia e de desespêro. O negreiro assiste ao espectaculo dos males que faz padecer, e entretanto acha perfeitamente natural sacrificar duzentas ou trezentas vidas a bem do seu negocio, como o agiota um certo número de acções beneficiarias aos concussionarios, que favorecem as suas detestaveis emprezas.

Para explicar que não havia um logar vago no navio, bastará dizer que assistimos á apparição mais burlescamente penosa, que é possivel imaginar:

D'um caldeirão de cobre, destinado á cosinha dos negros, vimos sair sete muleques, de dez a doze annos, lançados alli naturalmente para occuparem o logar dos que primeiro morressem.

E a hypothese era perfeitamente logica. Nos tres dias que durou a viagem até Loanda, morreram-nos vinte e sete negros, apezar de lhes darmos comida e agua com abundancia!

(Continúa.) ROCHESTER.

O Sr. Jacintho Augusto de Sant'-Anna e Vasconcellos acaba de chegar a Lisboa, depois d'um desterro de

nove annos, e escolheu a *Revista* para publicar a sua *Viagem*. Esta poesia, repassada de sentimento, é mais uma prova do talento do sr. Vasconcellos, já conhecido como collaborador da *Lysia Poetica*.

POESIA.

A minha viagem.

Voga brilhante galera,
Ergue a prôa sôbre o mar,
Qu' eu quero na primavera
Á minha terra chegar;
Desfralda as vélas tendidas
Ás rajadas desabridas
Do furioso vendaval,
Prosegue a tua carreira,
Que vaes á terra fagueira,
Á terra de Portugal!

Já mal vejo as penedias,
Os serros de Santa Cruz;
O pharol das serranias
Extincto quasi não luz;
O gigante corcovado
Mal se distingue toldado
Ao longe por denso véu;
Os montes vão-se sumindo,
E mil estrellas surgindo
No panorama do céu!

Que deserto, qu' escampado
Vejo eu em tôrno a mim?
Qu' abysmo é este cavado
Sob um tecto de setim?
E minha galera ufana,
Como uma bella sultana
Sorrindo com altivez,
Não teme o vento altanado,
Porque leva despregado
O pavilhão portuguez!

Galera como te elevas
Sôbre as colinas do mar!
Na desfilada te cevas
Da sede de navegar,
As ondas uma por uma
Desfazem-se em alva escuma,
O astro dos astros vêe
Desenrolando seus lumes,
Roça as vagas pelos cumes,
Vae fervendo mar além!...

Deos! o Deos que fez os mundos,
Que poz os astros no céu,
Que creou lagos profundos
Que o sentir d'alma nos deu;
O Deos que fez as montanhas,
Que deu ao mar negras sanhas,
Fê-lo de leite p'ra ti;
Minha Venus como és bella,
Como espaireces singela
Sulcando as ondas assi!

Da lua os raios de prata
Vem brincar n'um mar d'anil,
Onde o espaço retrata
Dos astros os fogos mil;
Vem susurrar branda aragem
Murmurios entre a cordagem
Da minha barca veloz,
Tenho aqui uns sons divinos
Lá dos anjos peregrinos,
Da celeuma tenho a voz!

Mas, galera, tu não vôas
Como costumas voar!
Quem póde nestas lagoas
Tua ufania quebrar?
Já sei: do mar nos imperios
Viste o eixo aos hemispherios
E o quizeste saudar:
Prosegue, galera inquieta,
Levas no bôjo um poeta,
Só Deos te póde parar!

Teu pavilhão que fluctua
Ovante, tendido ao ar,
Ao palor da meiga lua
Vae-se esculpindo no mar!
Aqui não tenho uma lyra,
Nem a virgem que suspira;
E se brame o vendaval,
Na alma levo a bonança,
Porque me alenta a esp'rança
De inda ver meu Portugal!

De ver-lhe as fontes tão bellas
E os altivos coruchéos,
De ver-lhe as castas donzellas
De ver-lhe as luzes dos céus,
Quero pairar-lhe na selva,
Ver-lhe o prado que se arrelva,
E no meu Téjo a correr
Fundir-me em meiga tristura,
Tanger ás bellas ventura,
Á patria uns hymnos tanger!

Ao longe, trajando lutos,
Vejo um ponto alvorecer,
Meus olhos ha pouco enxutos
Veiu o pranto humedecer!
Madeira!... pois que appar'ceste
Nas longes orlas de léste
P'ra que te affundas além?
E roubas ao exilado
Os lindos robles do prado
Onde deixou sua mãe?

Tuas sanhas tu acalmas,
O lago de puro azul,
Ao norte — que eu quero as palmas
Que não colhi lá no sul,
Quero uma luz ou estrella,

Da minha patria uma bella
Qu' alente o viço ao cantor,
Quero as fallas da verdade,
Quero matar a saudade
Com mil sorrisos de amor!

Quero viver... quero a vida,
Qu' eu ainda não vivi,
Quero a estrella promettida
Dos contos qu' infante ouvi;
Minha alma vae trasbordando
D'amor que fui abafando
Nas fragoas do coração!
À patria — os braços valentes,
Às damas — beijos ardentes,
A Deos — a pura canção!

Minha galera, sulcando
Assim as ondas do mar,
Vaes rangendo e oscillando,
Vaes graciosa a vogar,
Qual no lago prateado
Paira o cysne assetinado,
Vaes o teu rumo a seguir.
Àvante! ávante, galera!
Que eu quero na primavera
Ledos sorrisos sorrir!

Assim no meio dos mares,
Como é lindo ver o sol,
Rasgando as trevas nos ares
Trazer um rubro arrebol!
Estas ondas buliçosas,
Estas nuvens tão formosas
Correndo a mil pelos céus,
O astro no seu occaso,
Não podem ser mero acaso,
São maravilhas de Deos!

Porque me apraz ver soltadas
Estas vélas aos tufões?
Ouvir silvar as rajadas
E roncarem os trovões?
Porque folgo em ver erguida
Minha galera, e sumida
Das vagas entre o fervor?
Oh! não sei, mas a grandeza
Dos cantos da natureza
Embriaga o trovador!

No fundo do horisonte
Vejo uns ceruleos listrões,
Não sei se nuvens ou monte,
Se plainos ou torreões;
Já mais perto, as serranias
Vão-se abrindo, e penedias
Das aguas vejo surgir;
Mais além vejo umas flores,
Vejo relvas e verdores,
Vejo um jardim a florir!

Ó Téjo! ó veigas formosas!
Ó patria! ó meu Portugal!
Minhas lagrimas saudosas
Embebe no teu rosal,
Deixa ao pobre peregrino
A quem sorriu o destino
De alegria soluçar;
Deixa-o fartar seus desejos,
Deixa-o dar-te os cem mil beijos
Que te soube conservar!

Portugal! terra de flores
A ti meu viço e ardor,
A ti os castos amores,
A ti meu sangue e verdor,
A ti os carmes mais q'ridos,
A ti os ais mais sentidos,
A ti a espada, o fuzil,
— Que eu sou poeta soldado —
A ti o braço provado,
A ti o meigo arrabil!...

J. A. de Sant'-Anna e Vasconcellos.

Desarvoramento da última náu portugueza (1).

Um triste acontecimento está hoje sendo o objecto de todas as conversações e commentarios na capital. O desastre succedido, fóra da barra do Rio de Janeiro, á náu portugueza *Vasco da Gama*, a última saída dos nossos estaleiros, e, provavelmente, a última que delles saírá. Quiz a Providencia que este resto truncado da nossa afamada marinha, recordasse — ao menos no espantoso do desastre — aquellas nossas antigas náus que, se tanta glória alcançaram para a patria, tambem deram o nome a tantos baixios com seus desgraçadissimos naufragios.

Dos jornaes do Brazil e de Portugal, e mais ainda das cartas particulares que temos á vista, e a que damos inteiro credito, vamos colligir uma relação succinta d'este acontecimento, que tanto nos tem affligido.

Desaferrou de Lisboa a náu *Vasco da Gama*, commandante o capitão de mar e guerra, Pedro Alexandrino da Cunha, em o dia 8 de março de 1849, e tendo-se demorado alguns dias á vista da ilha da madeira, com a qual tinha de communicar, velejou em seguida para a costa do Brazil, e foi dar fundo entre as ilhas *Rosa* e *Santa Cruz*, fóra da barra do Rio de Janeiro, pela tarde do dia 2 de maio, havendo uma fraca aragem do SO. O dia seguinte esteve de calma, e o dia 4 amanheceu chuvoso e com pouco vento, que todavia refrescou para a tarde pelo NO, dando logar a entrarem algumas embarcações no porto; porém a náu não entrou, ou porque o commandante não intendeu que o vento fôsse sufficiente para demandar a barra, ou, como outros dizem, porque queria acabar de limpar e pintar o navio, para entrar arranjado no Rio de Janeiro. É de notar, porém, que o máu estado dos cabos e ferragens com que d'aqui partíra a *náu nova*, já durante a viagem lhe havia produzido algumas avarias, obrigando mesmo o commandante a navegar com pouco panno, e a demorar, por consequencia, a chegada. Finalmente, a fatalidade que pésa sôbre todas as nossas cousas, serviu-se maravilhosamente da nossa incuria para levar a última náu portugueza áquella paragem,

já meia-desmantelada, no momento em que devia rebentar um tufão, tão medonho, como não ha alli d'outro memoria de homem!

Durante a noite do mesmo dia 4, ficando a náu ancorada ainda, levantou-se uma trovoada do NO, e correndo o horisonte, rompeu, já pelas 2 horas do dia 5, com grande fôrça pelo SO, declarando-se um *pampeiro* formal. Então já não era tempo de velejar, ao brilho dos fuzis, porque a embarcação correria ainda maior perigo; fez-se o que devia fazer-se. Arrearam-se vergas superiores e mastaréus ao convés, largou-se segundo ferro para o fundo, e prepararam-se os dois restantes para último recurso. Não havia mais nada a tentar.

Mas o vento tinha uma fôrça espantosa! Lá por terra destelhava elle casas, arrancava arvores pela raiz! Só Deus podia vir em ajuda daquelles 700 homens, que a *Vasco da Gama* continha no seu bôjo.

Fôra terrivel, mas natural, que as amarras, rebentando, deixassem ir fazer-se pedaços sôbre os penedos da costa a atribulada náu portugueza; mais terrivel ainda, porém egualmente verosimil, que arfando desmedidamente, a náu se fôsse ao fundo *sôbre as amarras* (como costuma dizer-se); — mas segurar-se na mesma paragem, sem soffrer damno no casco — nem ao menos garrar — e perder todos os mastros reaes — fundeada! — é, quanto a nós, caso novo na historia de todas as marinhas do mundo!

Os cabrestos do gurupés estavam pódres, e por isso rebentaram com o arfar do navio; o *gurupés*, que é a chave da mastreação, rendeu immediatamente; o *traquete* desamparado, por consequencia, quebrou pela base, caíu sôbre o *mastro grande* e partiu, e este sôbre o da *mesena*, que baqueou tambem: mal comparado — como cartas enfileiradas de um baralho se precipitam umas sôbre outras, e caem por terra ao sôpro de um menino.

A náu appareceu, pois, rasa como uma prancha, aos olhos dos espectadores do Rio de Janeiro, em a manhã do dia 5.

E não pára aqui a má sina daquelles homens. O mar impedia a aproximação de qualquer barco que tentasse soccorrê-los. O vapor de guerra inglez *Hydra*, da fôrça de 220 cavallos, chegou á barra e voltou para dentro, porque viu que era impossivel romper a fôrça das vagas. Á barca, tambem de vapor, *Pernambucana*, succedeu o mesmo; e uma lancha da curveta portugueza *Iris*, onde ía o tenente Leitão, e que foi a primeira embarcação a aproximar-se da náu, ter-se-ía desfeito e perecido toda a gente, se não lhe acudíra o prompto soccorro daquelle vapor brazileiro. Finalmente saíu o vapor de guerra imperial *Affonso*, commandado pelo sr. Baptista Lisboa, a cujo bordo ía o nosso capitão de mar e guerra Soares Franco, com 60 marinheiros portuguezes, os quaes vendo a impossibilidade em que se achavam de reboear immediatamente para o porto a náu desmastreada, por andar o mar ainda muito revolto, deram fundo proximo della, a fim de prestarem fôrça moral áquella gente. Cumpre notar de passagem que, toda a tripulação da *Vasco da Gama* se portou com coragem, ficando feridos dois ou tres marinheiros, e o commandante — a quem uma carreta trilhou de tal fórma um pé, que foi conduzido em braços para a camara, depois de salvo o navio.

No dia 6, pela manhã, apezar de haver ainda muito vagalhão e vento, ancorou o *Affonso* pela prôa da náu, e começando logo a passar os cabos do reboque, conseguiu trazê-la para o porto, onde deu fundo ás 6 horas da tarde, em proximidade da ilha dos Ratos.

O vapor *Affonso* perdeu um escaler com que pretendêra soccorrer a náu, salvando-se porém a gente: um official brazileiro, e varios marinheiros da *Iris*.

Os mastros da náu caíram dentro do navio, e com o seu pêso abateram o tombadilho. Felizmente a artilharia (muito pesada para aquella embarcação) não rebentou os vergueiros e os viradores que a seguravam, aliàs a náu teria feito agua, e talvez se houvesse afundado.

O enthusiasmo dos portuguezes que vieram a bordo da náu, logo que ella ancorou, mal póde descrever-se. Calculam-se em mais de dez mil os visitantes, muitos dos quaes não poderam penetrar no navio. O patriotismo dos honrados commerciantes, que logo se prestaram a fazer a despeza do reparo da náu, e dos que promovem uma subscripção para se dar uma espada de honra ao commandante do vapor *Affonso* — é digno do maior louvor, e enche-nos de orgulho.

Omitto algumas circumstancias tanto do desarvoramento, como subsequentes, porque tornariam demasiado longo este artigo, e talvez fatigassem o leitor. Concluirei, pois, erguendo a minha humilde voz, para lembrar ao governo de S. M. F., que não devem ficar em esquecimento os generosos esforços do commandante e officiaes brazileiros, que se expozeram á morte para salvar os nossos compatriotas; do brioso capitão de mar e guerra Soares Franco, a quem, sôbre todos, se deve a promptidão dos arriscados soccorros, que elle ajudou pessoalmente a dirigir; dos officiaes e marinhagem da curveta *Iris*, do vapor inglez *Hydra*, do vapor brazileiro *Pernambucana*, e outros que tenham cooperado para aquella obra de humanidade; e, finalmente, dos negociantes e caixeiros portuguezes, que, com os seus cabedaes, fizeram desapparecer em um momento todas as difficuldades de restituir a nossa *ultima náu* ao estado em que se achava, antes do desastre.

As condecorações, as honras, os postos — mesmo as gratificações pecuniarias a quem não possa dar-se outro genero de recompensa — parecem-me muito bem cabidas neste caso; e que o governo deve abrir com liberalidade o cofre das graças para remunerar tão salientes serviços, tantas acções de coragem.

F. M. B.

BIBLIOGRAPHIA.

O Communismo — discurso proferido na Universidade de Coimbra por A. de Azevedo, no qual se expõe e combate essa doutrina. — Preço 100 réis.

Um Chinez em Paris buscando o Communismo — por Victor Hennequin. — Preço 40 réis.

Vendem-se — na rua Augusta, n.ºs 1, 2 e 3 — e na dos Capellistas, n.º 32 — *B.*

Collecção d'estampas.

Na loja do sr. J. P. Martins Lavado — rua Augusta, n.º 8 — se acha a collecção das estampas seguintes: 1.ª — *Os amores*

d'Ignez com o Principe D. Pedro; 2.ª — Casamento clandestino; 3.ª — Despedida; 4.ª — D. Ignez mostrando os filhos a el-rei; 5.ª — Morte de D. Ignez, e surpreza do principe; 6.ª — Coroação de D. Ignez.

Recommendâmos estas collecções de bellas estampas, que se vendem pelo modico preço de 960 réis cada uma collecção de seis.

ANECDOTA.

Euler era homem piedoso. Um de seus amigos, ministro em uma egreja de Berlin, disse-lhe um dia:

— A religião está perdida, a fé não tem base, nada commove os ouvintes, nem o espectaculo das maravilhas da creação. Imaginei representar tudo o que ella tem de bello, de grande e de poetico, reunindo o que disseram os phylosophos, os historiadores, e a biblia; pois bem! metade dos ouvintes adormeceu, e a outra metade partiu, sem querer ouvir-me!

— Pois em vez disso, respondeu Euler, em vez de procurar uma descripção do mundo nos phylosophos, nos poetas, nos historiadores, nos padres, ou na biblia, fallae do mundo dos astronomos. Dissestes-lhes que o sol é grande como o Peloponéso — dizei-lhe que é 4,500:000 vezes maior do que a terra Fallastes-lhes de spheras sôbrepostas; quebrae-as para que os cometas possam passar. Fallastes dos planetas como de pontos luminosos — dizei-lhe agora que são mundos, dizei-lhe que Saturno é 500 vezes maior do que a terra, que Jupiter é 1:500 vezes maior. Dizei-lhes que a luz percorre 80:000 leguas por segundo, e que apezar disso não vem, de nenhuma estrella, em menos de 4 annos; que ha algumas, de que só em 30 annos a luz aqui chega; que algumas ha, emfim, que poderiam desapparecer, sem que a falta se conhecesse antes de passarem milhares d'annos.

O prégador assim fez. Euler esperava por elle com impaciencia. Chega emfim, mas parece desesperado.

— Meu Deos! o que vos aconteceu? pergunta Euler.

— Applaudiram-me, esquecendo-se do respeito que se deve ao templo.

CHARADA.

Não me arreceava Leandro } 1
Se de Hero o lume ardia.
Quando o pharol o chamava } 2
Assim Leandro fazia.

Ave! estrella do céu,
Que assomas radiante,
Açucena d'Israel,
Pharol do navegante.

ALBINO.

EXPLICAÇÃO DO NÚMERO ANTECEDENTE:

Pergunta enigmatica — A estrada.
Charadas — 1.ª — Maria.
— 2.ª — Capuz.



TRABALHO PERDIDO.

ALMANAK POPULAR PARA 1850

PUBLICADO PELOS SENHORES

DR. FILIPPE FOLQUE — JOAQUIM HENRIQUES FRADESSO DA SILVEIRA — FRANCISCO PEREIRA D'ALMEIDA.

O ALMANAK POPULAR PARA 1850 ha de saír á luz no mez d'agosto de 1849, ou no princípio de setembro, tendo — pelos menos — dez folhas de impressão.

Conterá: — além do *Calendario* (enriquecido com um DIARIO HISTORICO, e com a indicação dos **JEJUNS, PROCISSÕES, NOVENAS,** etc.) muitos artigos interessantes de sciencia e industria, um romance, poesias, etc. — bôas gravuras, e mappas statisticos.

Os donos das lojas e fábricas, os proprietários de estabelecimentos, e os artistas em qualquer ramo de industria, que desejarem publicar annuncios neste livro, de que se tiram — ao menos — **DEZ MIL EXEMPLARES,** podem enviar os seus annuncios até ao dia 15 de agosto. Esta publicação não será comprehendida nas *dez folhas;* mas em paginas, que se accrescentarão ao volume do *ALMANAK.* — Preço de cada linha — 40 réis.

Recebem-se annuncios na *Loja do sr. Lavado*, e no *Escriptorio.*

A pedido d'alguns livreiros de diversas terras de Portugal, e do Brazil, estabelece a empreza a seguinte tabella INVARIAVEL de preços:

Preço de cada exemplar........... 160 réis.	Preço de 100 a 500 exemplares.... 140 réis.
» de 5 a 100 exemplares...... 144 »	» de 500 a 1:000 ditos....... 130 »

As encommendas devem ser dirigidas, em tempo, ao — *Sr. Joaquim Henriques Fradesso da Silveira — rua de S. Bento, n.° 114 — Lisboa.*

☞ *Os exemplares hão de ser pagos á vista.*

REVISTA POPULAR

SEMANARIO DE SCIENCIA, LITTERATURA E INDUSTRIA.

Anno — 960. Semestre — 480. Avulso — 20 réis. Franco de porte.

As pessoas que assignam por um anno recebem, *gratis*, UM VOLUME DE POESIAS.

São correspontentes da *Revista* os senhores, cujos nomes vão adiante indicados:

LISBOA — João Paulo Martins Lavado, rua Augusta n.° 8 — Antonio Maria Pereira, dita n.° 188 — J. P. Coimbra, rua do Arsenal — Silva, Alcantara — Maximo, Moeda — D. Maria do Carmo, Esperança — Vicente Tito, largo da Patriarchal Queimada.
ABRANTES — Diogo Emygdio d'Almeida.
ALBUFEIRA — José Diogo Barata.
BORBA — Antonio Joaquim Gião.
BRAGANÇA — Candido Augusto Pimentel.
BÉJA — João Raymundo Feyo.
BRAGA — Thomás Pinto d'Almeida Carvalhaes.
CAMPO-MAIOR — José Bernardo do Rego.
COIMBRA — Joaquim Maria Soares de Paula (loja).
ELVAS — Joaquim José da Guerra — João V. Nogueira (loja).
EVORA — José Heliodoro de Vargas — V. Joaquim da Gama (loja).
MAFRA — Marcos Dalhunty.
OLHÃO — Joaquim Manoel Guerreiro.
PORTO — José Baptista dos Santos — Cruz Coutinho (loja) — Ribeiro Novaes (loja).
PORTALEGRE — José Maria Alberto Cardoso.
SETUBAL — Daniel Broughton — Antonio José de Moura Palha (typographia).
TORRES-NOVAS — Francisco Xavier Rodrigues.
TAVIRA —
VIDIGUEIRA — Antonio Maria da Fonseca.
VISEU — Manoel Dias da Silva — Dionysio Loureiro (loja).
VIANNA DO CASTELLO — Manoel Maria Delduque da Costa — André Joaquim Pereira (typographia).
FUNCHAL — João Fradesso Bello.
FAYAL — F. P. Ribeiro.
ANGRA DO HEROISMO — José Bernardo Lopes.
S. MIGUEL — Francisco Joaquim Pereira de Macedo.
GÔA — Joaquim José Cecilia Kol.
LOANDA — Joaquim Cordeiro Feyo Junior.
RIO DE JANEIRO — Luiz Ernesto Martin.
PERNAMBUCO — Miguel José Alves.
MADRID — D. Angel Fernandez de los Rios (proprietario da *Illustração*).



Villa Franca de Xira.

Villa Franca, que chamâmos de Xirá para a distinguirmos de Villa Franca do Campo, é uma das mais opulentas povoações do ribatéjo, pela indústria e cabedaes de muitos dos seus habitantes, que são, pela maior parte, ricos lavradores.

A sua proximidade de Lisboa, a 5 leguas a leste, sôbre a margem do Téjo, faz com que sejam mui frequentes as relações de Villa Franca com a capital. Todos os dias sáe de Lisboa um vapor pertencente á Companhia da Navegação do Téjo e Sado, que á tarde volta de Villa Franca, estabelecendo assim communicações regulares entre aquella e esta grande povoação. O movimento de passageiros nesta carreira, aliás uma das mais importantes, foi, em 1845, de 40:000.

Não é Villa Franca de Xira illustre pelas antiguidades — não tem castello roqueiro — nem alcacer magestoso — nem muralhas em ruina — nem famosos templos — nem inscripções indecifraveis. A sua origem foi humilde; nasceu de uma colonia de estrangeiros, e principalmente, franceses, ou *francos*, de que lhe vem o nome provavelmente. Por muitos seculos esta colonia, que aliás havia de crescer e opulentar-se pela visinhança das fertilissimas insuas, a que chamâmos lesirias, e pela cópia dos seus gados, vem apenas mencionada na Geographia Historica de Portugal, de D. Luiz Caetano de Lima — e no Mappa de Portugal, de João Baptista de Castro, as duas obras mais exactas, ou, pela menos, mais copiosas de notícias do antigo Portugal.

Modernamente, porém, começou a ser considerado com a attenção que se deve á sua posição altamente propria para toda a especie de commercio, e hoje, fórma um concelho, que faz parte do districto de Lisboa.

A villa, segundo as estadisticas mais recentes, conta 1:017 fogos, ou almas 4:068; e o seu termo (Povos, Castanheira, Caxoeiras) 477 fogos, ou almas 1:908 — total — fogos 1:494, ou almas 5:976.

É notavel Villa Franca de Xira pela célebre reacção de 1823, que derrubou o systema proclamado com a constituição democratica de 1820, restaurando-se a monarchia absoluta, como existia, de facto e de direito, até áquella data.

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Curso d'introducção á Historia Natural dos Tres Reinos.

187. *Tremores de terra.* — Um outro phenomeno, que se liga intimamente com os que acabâmos de in-

dicar, é o dos *tremores de terra*. É elle tão commum, e tão frequentes vezes repetido, que poucas pessoas ha que lhe não hajam sentido os effeitos, desde o leve estremeção, que passa n'um instante, até á agitação energica, que derroca n'alguns minutos uma povoação inteira.

Ás vezes o tremor é precedido de certos signaes, que annunciam a sua apparição. São ás vezes estrondos subterraneos, que se escutam muito antes que o phenomeno se manifeste. Depois vem as commoções mais ou menos violentas, que apenas duram alguns segundos, ou se estendem a um intervallo mais consideravel de tempo. Ha até exemplos de ellas durarem muitos dias, muitos mezes, e, n'um pequeno número de casos, annos inteiros. Os que tem accuradamente estudado estes phenomenos, distinguem entre as oscilações, umas que são no sentido horisontal, outras verticaes, o que se manifesta por movimentos rapidos e alternados de sublevação e de depressão. Muitas vezes, porém, a direcção do tremor não é exactamente apreciavel, mas parece resultar de uma combinação confusa de todas as especies de abalos, que se exercem simultanea e ordinariamente com tal intensidade, que é certa em tal caso a devastação.

Quando o tremor é parcial, sente-se apenas n'um espaço mui circumscripto, como o da ilha de Ischia, em 1828. Outras vezes parece abraçar uma grande superficie, tornando-se sensivel a distancias immensas. Tal foi o celebrado terramoto, que destruiu Lisboa em 1775, que abrangeu um strato da terra, desde a Laponia até á Martinica. A comparação de factos similhantes tes induz-nos a crer, que os grandes tremores podem abalar a crusta do globo na direcção de um circulo maximo, de inclinação variavel a respeito do equador.

188. *Effeitos dos tremores de terra.* — Quando um tremor se exerce com grande intensidade, não se resumem os seus effeitos em ser uma população arrasada, e derrocados os seus mais solidos edificios. O proprio terreno experimenta notaveis modificações. O sólo fende-se, deixando entr' abertas grandes furnas, que separa uma direcção unica, ou se bifurcam e dividem em grande cópia de ramificações. N'alguns casos as fracturas do terreno partem todas de um ponto unico, donde irradiam, dividindo-o n'uma multidão de fragmentos irregulares. Tem-se visto as fendas do terreno permanecerem abertas durante um curto intervallo, e cerrarem-se pela aproximação das paredes, que se haviam deslocado. As correntes e os rios mudam de leito, inundam, irrompem, accumulam-se aqui, interceptadas pelos grandes pedregulhos que rolaram; abrem acolá novas passagens, e precipitando-se com um estrondo temeroso, rolam impetuosas, devastando quanto se lhes oppõe no transito; dando assim logar a que aos desastres do terramoto se accrescentem os damnos da inundação.

189. *Sublevações e depressões lentas do sólo.* — Não se pense, porém, que todas as deslocações do sólo se effectuam d'uma maneira tão apreciavel, e que deixam todas a sua historia bem viva na memoria dos homens, e attestada pelos lamentaveis monumentos, que nos legaram os terramotos de Lisboa, de Lima e da Calabria. Muitos paízes estão actualmente experimentando uma sublevação lenta, em relação ao nivel do mar. Observações colligidas n'um intervallo de tempo sufficiente, tem demonstrado, que alguns pontos das costas da Suecia tem soffrido uma elevação notavel sôbre as aguas. O mesmo se tem deduzido das observações emprehendidas nas costas da Finlandia.

Nas costas da Scania, pelo contrário, a submersão, mui lenta, tem-se tornado evidente, em face das experiencias começadas no tempo de Linnêo. As costas da Groënlandia, que ha quatro seculos tem continuamente rebaixado, sôbre um comprimento de mais de 200 leguas de norte a sul, ministram uma outra prova d'estes movimentos imperceptiveis, a que a crusta do globo está perpetuamente sujeita.

(Continúa.)

Recordações de viagem.

IV.

(Conclusão.)

A CONDUCÇÃO dos negros até ao ponto do embarque é ainda um dos martyrios mais horrorosos, que a cubiça póde exercer sôbre creaturas humanas. O Dande dista, pelo mar, vinte e uma milhas de Loanda. A distancia por terra deve ser muito maior. Os negros, depois de serem conduzidos ao barracão, presos e atados para não fugirem, esperam alli, sem se lhe dar alimento, a chegada do navio. Depois são conduzidos a bordo, em lanchas, e esta conducção leva muito tempo; feito o navio de vêla pela tarde, só no dia seguinte tratam de distribuir-lhe uma ração, calculada mathematicamente para não morrerem de fome.

Foi necessario, depois de postas sentinellas aos prisioneiros, partir para Loanda.

Foi longa a viagem, porque as aguas corriam ao norte, e o vento não era sufficiente para desvanecer a fôrça da corrente. Durou tres dias, e apezar de darmos aos negros alimento á discripção, vinte e sete não poderam resistir.

As mulheres sobretudo, ainda que separadas, por um resto de escrupulo, dos homens, atroavam os ares de gemidos. Algumas, depois de terem satisfeito a luxuria sanguinaria dos seus senhores, iam ser vendidas, e os incómmodos d'uma proxima prenhez aggravava ainda mais a agonia da sua sorte.

De noite, quando uma leve aragem refrescava a atmosphera abrasada, ouviam-se então os seus cantos, de certo sentidas endeixas á patria que abandonavam, aspirações fervorosas daquellas pobres almas, separadas de tudo quanto amavam na vida.

Não dormimos durante esses tres dias de trabalho incessante. Temiamos uma revolta a bordo, e a vigilancia nada mais era do que o instincto poderoso da conservação.

Vistos de perto, os negreiros são exactamente como os outros homens. Até vinha comnosco um bahianno, que exaggerava os ridiculos da sua terra, dominado por terrores pueris. Aquelles monstruosos preconceitos, elevados até ao ponto de idéas ligitimas, haviam prevertido a sua intelligencia e o seu coração, sem degradar de todo a sua dignidade d'homem.

Ha um facto que pinta salientemente a verdade da

nossa asserção. Convidaram-nos para jantar, e como nós recusassemos ser servidos primeiro, declarando francamente, que temiamos houvesse um pensamento reservado neste convite, tiveram comnosco explicações de resentimento.

Entretanto fizeram todos os esforços para corromper a nossa guarnição. Offereceram um conto de réis a cada marinheiro, para se fazerem de vêla, prendendo-nos a nós, mas acharam uma fidelidade inabalavel nos nossos subordinados. Fidelidade que, como todas as cousas da nossa terra, ainda não foi recompensada; o preço do navio, vendido por cinco contos e quinhentos mil réis, apezar de valer, talvez, quinze ou dezeseis contos de réis, foi absorvido pelo governo, e ainda se não lembraram de satisfazer aos apresadores a parte que competia a cada um delles. Procedimento perfeitamente logico, porque é uma consequencia do systema de fraude, que ha muito tempo tem estado em uso entre nós.

Narrâmos fielmente, sem nenhum esfôrço de imaginação. Odiâmos o que os francezes denominam em sua lingua pintoresca — *blâgue*. Toda a vez que as letras deixam de ser uma missão, para se tornarem uma industria, caímos no defeito, que lamentâmos nessas classes avidas, que subjugam hoje todos os esforços de emancipação, que tentam os proletarios.

Houve uma conspiração. Na terceira noite tudo estava preparado para nos assassinarem. E a não ser a nossa inalteravel energia, o sabermos resistir ao somno, promovido pela vigilia e pelo cançasso, de certo teriam conseguido os seus intentos. Vinte e oito homens, no meio daquella confusão, poderiam de certo inutilisar os esforços de onze, abatidos de fadiga, e enfraquecidos pelas exalações daquella atmosphera envenenada de miasmas.

Se já estivesse mais lido na historia da industria moderna, eu não me teria admirado de ver o homem reduzido á abjecção de negreiro. Philanthropos da Grã-Bretanha, serão os irlandezes mais felizes do que os negros? Essa raça, perseguida de terra em terra, obrigada a viver com os porcos em miseraveis choupanas, applacando a fome com batatas apodrecidas, poderá exultar com a liberdade mentirosa, com que douraes as suas agonias? A duqueza de Suntherland, expulsando das suas terras uma raça activa, nobre e generosa, para as fazer render melhor em pastagens, será menos criminosa aos olhos de Deos, do que o negreiro conduzindo milhares d'infelizes ao mercado do Brazil?

O eloquente Wilberforce poderia utilisar os seus talentos na defeza dos direitos opprimidos dos seus concidadãos. E quando o severo Simonde de Sismondi, que ninguem póde accusar do exaggerado nas suas opiniões, acaba um dos seus capitulos com o trecho que citâmos em seguida, ninguem poderá desconhecer que o direito de propriedade não é legitimo, todas as vezes que se eleva superior ás leis eternas da humanidade:

«Se elles suppõem que tresentos e quarenta mil bravos montanhezes, da raça gaëlica, podem ser substituidos, com proveito para elles, por quatro milhões de carneiros, esses montanhezes poderiam, com mais facilidade ainda, encontrar uteis substitutos para trinta ou quarenta, ou talvez para tresentos senhores, que cessaram de ser seus compatriotas.»

Não são esses apostolos interesseiros, que hão de curar este mal tremendo. A oppressão e o atheismo nunca poderão produzir senão a abjecção e a infamia. A liberdade, filha do pensamento, só poderá realisar-se pela devoção do pensamento. O trabalho civilisa, quando o trabalho é um direito retribuido. Na anarquia fraudulenta da sociedade actual, a industria accumula as fortunas, empobrecendo as populações, pelo salario, que é uma fórmula da escravidão antiga.

Sejam consequentes os sectarios da theoria de Malthus. A escravatura é uma das faces do seu systema; não derramem lagrimas fingidas sôbre os males que estão longe, quando o coração se lhes endurece perante a miseria, que veem de perto.

Dizeis que um proprietario póde expulsar do seu terreno trinta ou quarenta mil familias, vinculadas a elle pelo direito da tradição, com o pretexto de que querem augmentar os seus rendimentos, e negaes a um negociante que exporte d'uma terra algumas mil cabeças humanas para enriquecer um paīz distante, e desenvolver assim a sua propria prosperidade?

Nestas incoherencias, nestas tergiversações, sente-se que a fórmula social existente é um paradoxo economico, e uma blasphemia religiosa. Na heresia do passado, no socialismo do presente, reconhecei a necessidade de resolver o problema grandioso, que pende ha seculos sôbre a humanidade. Consciencias timoratas, sêde logicas se quereis ser justas. Sêde generosas se quereis amar a Deos: se lamentaes o espirito de cobiça, que rouba da patria, ha mais de dois seculos, milhões de habitantes, para serem transportados para nações estranhas, e allí terem de regar com o suor, e com as lagrimas o sólo do senhor; se estremeceis, quando vêdes que o azorrague lhes rasga as carnes, e que as bestas de carga são cem vezes mais felizes do que elles, lembrae-vos tambem que no seio da civilisação existem miserias tão pungentes como essas, e que a alguns passos da carruagem que vos transporta ao baile, existem milhares de infelizes, privados de ar e de luz, tiritando de frio, e gemendo de fome, e que se levados pelo desespêro, appellam para a revolta, vós applaudis o seu exterminio, e sorrídes de contentamento, quando ledes no boletim do general: — *Triumphou a ordem — debelou-se a anarquia!*

Lopes de Mendonça (Rochester).

POESIA.

(N'UM ALBUM.)

Tu sabes que nesta vida
Tive um sonho divinal!...
Que era a minha esp'rança qu'rida...
Mas acordei... por meu mal!

Acordei!... Par'ceu-me a terra
Deserto longo... sem fim!...
E era!... E é!... Não encerra
Uma flor sequer p'ra mim!

Essa unica . . . a primeira
Que foi minha . . . que eu amei . . .
Murchou-se! . . . Mas companheira
Nem lh'a quero . . . nem lh'a sei!

Acordado . . . á meiga estrella
Pedi um fulgor dos seus . . .
Por ser pallida como Ella,
Como Ella filha dos céus! . . .

Qu'ria ver se ainda havia
Luz para o meu coração . . .
Respondeu — que só fulgia
Para Deos! . . . aos homens . . . não!

Pedi então um gemido
Ás vivas ondas do mar . . .
Por ser triste, ser sentido,
Egual ao meu suspirar;

Por esse mar ser immenso
Qual foi — qual é — meu amor!
Respondeu-me — *É este o incenso*
Que mando aos pés do Senhor! . . .

Chorei! . . . O mundo era mudo . . .
Nem um echo respondeu! . . .
Ermo . . . sombrio tudo . . .
O mar . . . a terra . . . e o céu! !

Vê tu lá — se tens um sonho . . .
Cautela! . . . conserva-o bem! . . .
Que o acordar é medonho . . .
Com elle as lagrimas vem!

Dou-te este conselho, qu'rida,
Guarda o sonho divinal! . . .
Maldito quem nesta vida
Fôr acordar-te . . . por mal! . . .

F. Palha.

Chefes militares de Roma.

Os chefes militares, que defendem Roma, são — *Avezzani*, antigo negociante de New-York; os dois *Galletis*, um advogado, e o outro especieiro de Bolonha; *Mari*, poeta e medico; *Garibaldi*, maritimo genovez e guerrilheiro de Monte-vidèo; *Rosselli*, tenente no principio da revolução; *Melera*, fidalgo de Bolonha.

California.

É impossivel dizer qual é hoje o número dos habitantes da *California*, porque os emigrados, que veem aos milhares, espalham-se logo pelas florestas, n'um espaço, que tem cincoenta leguas de comprido sôbre vinte ou vinte cinco de largo. O preço da mão d'obra continúa a ser elevadissimo. Encontram-se, a cada passo, em S. Francisco, camisas novas, que apenas precisam ser lavadas; como, porém, se podem ter seis camisas novas por seis mil réis, e a lavagem d'uma só custa, pelo menos, mil e duzentos réis, acham todos, que é melhor comprar camisa nova, assim que se acha suja a que se traz vestida. Em que se especula agora muito é na compra e venda de terrenos, para a construcção de edificios; em S. Francisco um terreno de vinte palmos quadrados chega a valer trinta mil cruzados.

A madeira é excessivamente cara. Todas as casas de S. Francisco estão cheias, e oitenta casas de madeira, que se construiram agora, alugam-se por preços extraordinarios; uma cabana de quinze pés de largura, e oito de comprimento, aluga-se por trezentos mil réis mensaes. Trata-se de transformar os navios em hospedarias e casas de pasto. Os jornaes da California exprimem os desejos que todos teem de que cheguem casas de madeira já feitas, ou que alguns emprehendedores da America se resolvam a mandar para lá navios-hospedarias, que sirvam como meio de transporte, e para a residencia dos colonos.

Os jornaes da California, e várias correspondencias dos jornaes americanos, recommendam como excellente especulação, a remessa d'uma carregação de mulheres, visto que naquellas regiões ha cincoenta homens para uma mulher. Das mulheres dos indios, e mesmo das do paiz, nenhuma está livre. Os indigenas vendem as mulheres e as filhas por muito bom preço.

Asseguram os jornaes, que um navio com cento e cincoenta ou duzentas mulheres, poderá fazer negocio, e vender (!) tudo em vinte e quatro horas. Recommendam todos que não se dirijam agora por *Panamá*, e com razão, porque, no fim d'abril estavam em Panamá mais de duas mil pessoas, das quaes só poderão ir quinhentos ou seiscentas em cada mez.

Um jornal americano traz os preços correntes das mercadorias em S. Francisco, no fim de março. Os direitos vão comprehendidos nos preços. As fazendas de linho, algodão e seda, eram mediocremente procuradas, e tinham preços relativamente baixos. As de lã vendiam-se muito melhor; a jarda de panno superfino valia seis a oito mil réis, a de panno fino tres mil e duzentos. As garrafas de Champagne vendiam-se a vinte e dois mil réis a duzia. Uma duzia de garrafas de vinho do Porto, vendia-se por dezoito mil réis, e algumas a vinte e quatro mil réis, etc.

Para evitar conflictos, decidiu o governo provisorio, que o direito de explorar um terreno pertença ao primeiro que delle se apoderar; ninguem lhe póde contestar este direito, em quanto quizer usar delle.

VIAGENS.

S. Leonel — S. Isabel — O Ceboruco.

(Continuado de pag. 143.)

Aos 14 de fevereiro de 1845 partimos de Tepic. Á direita, ao sair do povoado, ficava o cemiterio com as suas muralhas negras e lugubres, e o convento da Cruz, em que se mostra uma cruz de relva sempre verde. A diante de nós via-se uma vasta planicie, cortada por

dois braços d'um rio, cujas aguas scintillavam, reflectindo os raios do sol; na frente o cone gigantesco de *San-Uan-Uey*, com o seu obelisco de granito; em tôrno desta montanha, que já vomitou chammas, descobrem-se monticulos conicos, vestigios d'antigas crateras.

A estrada passa em volta da base de *San-Uan-Uey*. Detraz desta montanha está o logar de *S. Leonel*. Vinte cabanas encostadas a uma eminencia volcanica, são banhadas na base por um riacho. As aguas d'este riacho, convenientemente aproveitadas, fertilisam campos de arroz e de milho. Demorámo'-nos em *S. Leonel* só o tempo necessario para almoçar, e tomar um guia, porque não ha estrada desde alli até *Galinda*. Conduziu-nos o guia até á cadêa de montanhas dos Cuartos, onde chegámos duas horas depois de ter deixado *S. Leonel*. Alli começava a estrada feita por Paredes. Devemos confessar ingenuamente, que a amostra de caminho, por onde transitámos, não faz honra aos engenheiros do Mexico. As mulas protestaram energicamente contra as pretenções da estrada, e tal foi a resistencia, que nos vimos obrigados a desmontar o carro, cujas differentes peças foram transportados ás costas de doze trabalhadores até o cume das montanha; alli montámos de novo o carro, e continuámos, não sem perigos, o nosso caminho.

A cadêa a que os Cuartos pertencem, é parte de um dos muitos botaréos que sustentam, do lado occidental, a aresta do *Novo Mundo*. Tem vinte e cinco leguas de extensão do nordéste ao sudoéste, desde a *Sierra-Madre* até ao *Oceano Pacifico*. A sua elevação média é de 2:400 metros acima do nivel do mar do sul. Nesta cadêa de montanhas se encontram grandes riquezas mineraes: ha ferro, cobre, prata, ouro, etc. Até hoje ainda alli só tem sido exploradas as minas d'ouro e de prata, que foram em grande parte abandonadas logo que augmentou o preço do mercurio.

O *Real de Arriba*, situado a alguma distancia de *Mascote*, perto do mar, mas na altura de 1:600 metros, é a mais consideravel das explorações actuaes.

Os Cuartos formam, pelas suas ramificações, diversos valles, onde muitos navios vão carregar madeiras proprias para a tinturaria. As aguas abundantes, que descem por estas montanhas, fertilisam as planicies, e tornam opulento o cantão de Jalisco.

Quatro horas gastámos em subir a montanha; a sombra das arvores, que se alongava para l'este, obrigou a caravana a viajar depressa, para não ser surprehendida pela noite em um desfiladeiro perigoso. Pelas clareiras da floresta viamos o globo do sol, que já quasi tocava no horisonte. Os papagaios, deixando os valles, onde passam o dia, subiam aos bandos, e procuravam abrigar-se. As pêgas soltavam guinchos agudos, os cães selvagens começavam a uivar, e preparavam-se para as suas caçadas nocturnas. Todo o rumor que annuncia o fim do dia naquellas latitudes, estimulava o postilhão, e communicava novo ardor aos arrieiros. As vozes e o estalido dos chicotes, despertavam os echos da floresta, repercutiam-se de rochedo em rochedo, e confundiam-se a final com o ruido das cascatas. Pouco depois já os raios do sol, muito frouxos, não podiam dissipar inteiramente as trevas do bosque. Cercava-nos então um crepusculo solemne e mysterioso; carvalhos e abetos, arvores e rochedos, tudo tinha alguma cousa de extravagante e phantastico. O carro voava entre espectros gigantes; a rapidez da carreira dava movimento e vida aos troncos, que o vento inclinava para nós; ora ameaçadores e soberbos, ora humildes e submissos. Emfim a luz reanimou-se um pouco, e podemos ainda descobrir a planicie de *Tetitlan*, o logar de *S. Isabel*, onde tencionavamos passar a noite, e o magnifico zimborio de *Ceboruco*, erguendo-se d'entre um grupo de columnas verdejantes, como a cabeça núa do abutre d'entre as azas abertas.

(Continúa.)

REVISTA DA SEMANA.

A IMPRENSA está melancholica. Valentes campeões desappareceram. A historia dos jornaes que morrem é uma tremenda lição para os que ficam.

Acabou a *Epocha*, apezar do seu plano gigantesco, e das influencias poderosas do *tabaco*. A estas horas o *Barão d'Alfenim*, chronista-mór da *Epoca*, estará revendo a memoria de mêstre Estevam, e escrevendo algum livro carregado d'erudição, ácêrca da origem da sé de Lisboa.

Morreu o *Zacuto*, apezar da sua *diabetis*, e dos seus 240 assignantes!

Desappareceu o *Baratissimo*, apezar do seu titulo seductor.

Acabou a *Liga*, e a sociedade d'economistas, que deu o ser a esta mimosa publicação.

Sumiu-se o *Espectador*, apezar da continuação dos espectaculos, que não são poucos, e hão de ser ainda mais, porque se espera um elephante, e algumas serpentes, que já se acham em Elvas.

Morreram, quasi desconhecidos, os *Besouros*, os *Tigres*, e outros muitos, de cujos titulos apenas tiveram noticia os impressores d'alguma typographia de cautelas, e o miserrimo distribuidor, victima obrigada de toda a bicharia litteraria.

Assim vae tudo. E o *Pharol*, de quem todos zombavam, acabando com os seus eclipses, ergue-se radiante e soberbo no meio da praça, para alumiar esta scena de destruição.

Até o *Epaminondas* nos deixa. Não pensem, porém, que a *União* acaba — podem estar descançados, a *União* não morre, é um periodico necessario e immortal. O *Epaminondas* deixa-nos, porque vae para S. Miguel, segundo nos dizem, para redigir a *Mentira*, seguindo politica em tudo opposta á da *Verdade*, que deixa de se publicar. Bemaventurada terra, que vaes possuir um *Epaminondas!*

Em compensação d'estes desastres vamos ter uma *Emancipação*, periodico politico do *terceiro partido*. O que saírá desta nova publicação? Teremos outro cahos como o *Lusitano*, periodico monstruoso e inconsequente antes da revolução de fevereiro, exaltado e louco, depois da inauguração da republica franceza? Teremos jornal como o *Tempo* e a *Carta?* Vê-lo-hemos em breve, se os assignantes concorrerem. Mas o público já desconfia da gente, que apparece na praça com a bandeira do *partido médio*. Quando olha para o *Estandarte*, lembra-se da *Carta* e do *Tempo*, e sabe onde param hoje os missionarios da moderação.

A torrente das traducções continúa escandalosa a

inundar as lojas dos livreiros. Os prospectos dos novos jornaes litterarios espalham-se profusamente. As redacções não se aterram com a morte dos outros jornaes, nem com a repugnancia dos assignantes, nem com a difficuldade do encargo. Alguns até chegam a confessar ingenuamente, que escrevem para se *acostumarem*, como se o público tivesse obrigação de pagar os seus ensaios, e as suas desastradas tentativas.

No meio desta alluvião de publicações, ha uma de que devemos fazer honrosa menção. Vamos ter emfim um *jornal d'industria*, e cremos que os artistas encontrarão nelle uma preciosa collecção de factos e de principios utilissimos.

Porque não fez a *Sociedade Promotora* o que devia fazer, tendo em si tantos membros poderosos? Porque não cuidou, em tempo, de melhorar a redacção dos seus *Annaes?*

A apparição do *Industriador* é uma censura á *Sociedade*, que tem por obrigação promover os melhoramentos da industria, e a instrucção dos artistas.

O estio poderá ser uma bella estação para os que tomam banhos, para os que bebem agua de *Entre os rios*, para os toureiros, para os vendilhões de caramello, para o Julião da neve, e para os fabricantes nómadas de capilé de cavallinho. Para nós seria uma quadra insupportavel, se não nos valesse aquelle abençoado castanheiro dos Pisões.

Nem se póde ir ao theatro. A sr.ª Josephina, debalde se cança em dar bofetadas no sr. Romão; nem por isso vae muita gente metter-se na bocêta suffocante do Gymnasio. Podem fazer o que quizerem no *theatro novo;* a multidão, que passeia, no largo, não entra, e prefere o exercicio hygienico, por sôbre as pedrinhas do sr. marechal Eusebio, ás bellezas do *Mercado de Londres*.

Está em scena, e é bem desempenhada, uma farça chistosa, que tem por titulo — *Entre a bigorna e o martello*. — É composição do sr. Paulo Midosi.

Foram bem aproveitados dois typos ridiculos da actualidade: o *folhetinista sem o ser*, e o *poeta das duzias*, como diz o povo na sua linguagem singela e expressiva. Não penseis que alli se exaggera. Acompanhae-me, e depressa encontraremos estes, e outros typos egualmente ridiculos do nosso microcosmo litterario. Aqui tendes um traductor, Raphael ou Frère Jacques, Jerôme Paturot, e Carotin — tudo lhe serve para a sua especulação. Começa por pedir a alguem que lhe faça um prospecto; estabelece o seu quartel-general á porta do Marrare, e ahi ataca os que passam, extorquindo com amabilidade as indispensaveis assignaturas. Vêde-o depois pressuroso, com o original de um lado, e o diccionario do outro, tendo ás suas ordens o galopim da imprensa, fallando em *breviario* e *pandecta*, diante da criada estupefacta, dando-se ares de auctor, censurando, modificando, mortificando, torturando o original, e fazendo jorrar sandices do mais bello escripto de Chateaubriand ou de Lamartine. O pensamento... que tem elle com o pensamento? Traduz litteralmente a phrase até que esbarra. Quando acha obstaculo dá um salto mortal, e opta entre uma sandice e uma amputação dolorosa. Se o auctor o soubesse... por certo que o estrangulava — e tinha razão. O innocente *mortier* tornou-se mortifero nas mãos do traductor, a *cornue* tornou-se cornuta, a *pente* tornou-se panta — transformou-se tudo!

Deixae-o. Novo Paturot anda em busca d'uma posição social. Começou litterato, acabará distribuidor.

Aqui tendes o sr. Sansão Carrasco. É auctor d'um drama estupendo, tenebroso, cheio de lances dramaticos, que tem por titulo — *O Inferno*. — Neste drama ha subterraneos e masmorras, morrem quatro homens, endoudecem tres mulheres; ha seducções, fugas, raptos, revelações extranhas e mysteriosas, peripecias quasi inconcebiveis. É um prodigio — um verdadeiro monstro. No meio do drama ha uma revolução, dão-se vivas á liberdade; o público extasia-se, enthusiasma-se torna-se frenetico, dá palmas, chama o auctor. Não critiqueis o drama, que é da posteridade. Shakspeare foi bom no seu tempo — d'ora em diante Sansão Carrasco. Os vindouros hão de repetir com fanatismo o nome de Sansão Carrasco, auctor do *Inferno*.

Narciso, que vêdes aqui, é poeta, vive em santa harmonia com as musas, que não são já recatadas e castas como dantes. Não toqueis nas suas poesias. O poeta é um ente d'organisação delicada e susceptivel Escutae-o. Está com a inspiração:

Dá borrifo salutar
A aurora á mimosa flor;
Balouçando-se no ar,
Ao rouxinol cantador
Convida um ramo a abrigar.

Não censureis um só d'estes versos. Deixae passar a torrente, se não quereis que vos chamem poço d'ignorancia, e abysmo d'estupidez.

Deixae o poeta livre, e *mancebo d'esperanças*, para quem a metrificação é um absurdo, e o senso commum uma impertinencia. Deixae o poeta acanhado, que trabalha um dia inteiro por achar uma consoante. Deixae-o cumprir a sua missão, já que Deos o fadou poeta. De qualquer delles se póde dizer:

.... sei que é um louco
Furioso, que á maneira de urso sôlto,
Com versos insoffriveis afugenta
Ignorantes e doutos, e se acaso
Acha alguem de bom geito, não o larga,
E com versos o mata, similhante
Á tenaz sanguesuga, que se cheia
De sangue não está, não larga a pelle.

Fr. Gerundio.

Dos *Pobres do Porto* extrahimos o seguinte:

«No dia 3 foi procurada a *linda* Emilia por s. ex.ª o commendador ex-Recta, commissionado por Epifanio I, para a engajar para o theatro d'Ouro: o embaixador extraordinario entabolou as negociações, offerecendo a esta bella actriz o ordenado de 25$000 réis mensaes!!! Este artigo, como era d'esperar, foi rejeitado *in limine*. Então o illustre embaixador principiou a expedir sôbre a pobre Emilia das Neves os raios da sua eloquencia, dizendo-lhe que — não precisando o theatro da sua acquisição, aquelle offerecimento nada mais era que um sentimento de beneficencia, que a sociedade Epifania queria ter para com ella!! — O resto foi neste gôsto: continuam as hostilidades.»

Braz Tizana.

COMMUNICADO.

Embebraram todos os folhetinistas de Lisboa, em chamar ao *Templo de Salomão*, que vae representar-se no theatro de D. Maria II, *drama original do sr. Mendes Leal*, quando elle nem é imitação daquelle senhor, mas sim *uma traducção* do supradito. O que, sôbre tudo, mais admira, é o illustre vate ter lido esta falsidade em tantos periodicos politicos e litterarios, e não se haver ainda lembrado de desmentir um tal boato.

¿Quererá o sr. Mendes Leal passar por auctor de uma peça franceza tão conhecida?!

Damos publicidade, como nos pedem, á seguinte carta em defeza das damas d'Angola. Por falta d'espaço não publicâmos immediatamente a resposta.

CORRESPONDENCIA.

Sr. Redactor: — Li no seu acreditado e interessantissimo jornal, debaixo do titulo *Recordações de Viagem*, algumas reflexões sôbre Angola e seus habitantes; quanto aos do genero masculino, elles por si agradeçam ao sr. Rochester a maneira decente com que são tratados; mas quanto aos do genero femenino, como parte muito de perto interessada, devo dizer que, ou o sr. Rochester nunca passou das cubatas da cidade baixa, ou então as febres da Costa d'Africa desorganisaram o cerebro do sr. Rochester, para avançar tanto quanto diz.

E para que o público, pouco conhecedor da materia de que se trata, fique certo da verdade das asserções do sr. Rochester, quando trata do sexo femenino d'Angola, devo declarar que na cidade de Loanda existem algumas familias, oriundas da Europa, com todos os usos e costumes de um paîz civilisado, e mesmo em algumas familias da classe mais elevada da cidade, mas oriundas da provincia, se encontram senhoras de uma educação, se não perfeita, pois os recursos do paîz o não permittem, ao menos muito decente.

Nada direi sôbre a descripção do paîz, que faz o sr. Rochester, comtudo parece-me que onze annos de residencia em quasi todos os pontos d'Angola me authorisam a suppôr, que o sr. Rochester descreve a Costa d'Africa de bordo do navio.

Rogo, sr. Redactor, o especial favor de inserir estas poucas linhas no seu jornal, o mais breve que lhe fôr possivel, no que muito obsequiará o

Seu constante leitor
Francisco de Salles Ferreira.

BIBLIOGRAPHIA.

O Espectro do Castello d'Estalens.

Vae reimprimir-se este romance, que se publicou em Lisboa no anno de 1841, traduzido pelo sr. L. J. de S

Não lhe teceremos elogios; a estracção que tiveram os 1:200 exemplares que delle se imprimiram, e o empenho com que depois tem sido procurado, demonstram que agradou. Vae, pois, publicar-se uma segunda edição, convenientemente correcta, e adornada com quatro estampas; conterá apenas dois volumes em 8.° portuguez, saindo todas as semanas uma caderneta de 32 paginas, em optimo papel e bom typo, pelo preço de 40 réis, que serão pagos no acto da entrega, assim como 30 réis por cada uma das referidas estampas. As pessoas, que se dignarem subscrever para esta nova publicação, podem dirigir-se ás lojas da Viuva Henriques, rua Augusta, n.° 1; J. P. M. Lavado, dita rua, n.° 8; A. M. Pereira, dita rua, n.° 188; e J. M. Martins, aos Paulistas, n.os 54 e 55.

Começará esta publicação no proximo mez de setembro.

Recommendâmos com muito gôsto a annunciada publicação, assim pela natureza do romance, que contém lições de moral a mais severa e pura, como pela traducção, que felizmente se distingue de tantas que por ahi correm para escandalo e vergonha dos pobres traductores, que saberão tudo, menos *traduzir*.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Considerações ácêrca da alimentação do nosso gado, e do regimen especial do verde para o cavallo.

(Continuado de pag. 144.)

Cargas — São unções medicamentosas, que se applicam aos *peitos* e *cabos* dos cavallos, a fim de os tornar mais seguros nos movimentos, e fortificar a energia muscular abatida pelo verde. Ha as de consistencia unguentaria, outras de lenimento, e de mui variavel composição. Muitas pessoas jactam-se de possuirem fórmulas excellentes para estas indicações; mas a que entre nós tem mais emprego é a chamada *carga de Rego*, que cada pharmaceutico prepara a seu modo, resultando d'ahi provar de diversa maneira; e succede que algumas irritam até inflammar; outras, quasi inertes, não satisfazem a indicação; e são todas mui caras. Temos aconselhado, a quem nos consulta em taes casos, o seguinte lenimento: Azeite — meio quartilho, essencia de therebentina — quatro onças, camphora — uma onça; que se póde repetir, se fôr mister, 8 a 10 dias depois, tendo o cuidado de passear o cavallo depois da applicação, a fim de derivar o desasocego em que ás vezes entra, por effeito do espirito de therebentina.

Será conveniente esta prática? Cremos que, sem ser absolutamente necessaria, não é digna de stygma, pois ha factos que muito a abonam. O verde, diminuindo a incitação nervosa e a energia muscular, expõe muitas vezes os cavallos a torpeçar e cair, e laxando mais os tecidos, facilita por qualquer esbarrão, desarranjos nas articulações, como esforços de ligamentos, incompletas, luxações, etc. Com a applicação da carga se estimula e levanta a acção nervosa e muscular, e os tecidos e fibras adquirem tal tensão e apêrto, que tornam menos imminentes aquelles accidentes. Conveem as cargas, menos aos cavallos novos, ou aos que não estão em serviço em tempo do verde, de que aos de mais edade e sujeitos a aturados serviços. A estes produz, não só aquelles effeitos, mas chegam-se a desfazer engorgitamentos que acaso appareçam nos extremos locomotores, os quaes embaraçam ás vezes tanto os movimentos, como a propria falta de energia muscular.

Transição do sêcco para o verde — Passa-se em geral immediatamente d'um para outro regimen; prática que não tem por si a bôa hygiene, e que nos pêsa ver implicitamente legalisada nos corpos de cavallaria, por falta de abono de outra qualquer forrage, assim que começa o verde. A bôa prática está em a principio misturar o verde ao sêcco, indo este progressivamente diminuindo de maneira que, ao terceiro ou quarto dia — e mais se fôr mister — o animal esteja só já a verde. É isto, sôbre hygienico, ainda economico: pois utilisa-se assim — em grande

numero de cavallos — bastante penso sêcco, que, se ficasse para mais tarde, se alteraria; e consegue-se, gastando menos verde em principio, prolongar, querendo, o tempo de sua administração.

Forragens que se empregam para verde — Entre nós são o ferrejo de cevada, a anaphe, e as hervas espontaneas dos prados e dos campos.

O ferrejo de cevada — é um dos que o cavallo mais prefere, e produz excellentes effeitos. Deve prestar-se-lhe antes da espiga completamente grada, mas já sufficientemente encanado, porque é então adocicado, e muito melhor para nutrir, e convenientemente aquoso para purgar com brandura e suavidade. Dado mui tenro, mesmo quando vae a encanar, sendo em demasia aquoso, relaxa excessivamente, e é pouco util. Todavia cremos louvavel a prática de o aproveitar neste estado, mistuтando-o com a palha (como tenho visto fazer na provincia) porque então, corrigem-se reciprocamente, o desgôsto da palha e os effeitos muito relaxantes do verde; e utilisando-se ambas as forragens, passa-se d'uma á outra por uma sabia transição, isto tudo sem perigar a nova colheita do mesmo verde, na epocha competente: por quanto arrebenta de novo, e com fôrça, chegando á altura exigida. Dado já muito espigado, é então, por mais duro e sêcco, não só pouco purgativo, mas pelos grãos quasi em leite, tão super-nutritivo, que produz sangue em demasia, e excita e esquenta o cavallo, vindo-lhe aguamentos e outras molestias por congestão. Além disso a pragana da espiga escoria a bôcca, e a inflamma, o mesmo fazem as folhas que, por mui rijas, cortam por seus lados a lingua, e ferem em outros pontos a mesma bôcca. O verde de cevada, em estado e epocha convenientes, é o melhor de todos os verdes, segura as carnes que cria, purga suavemente e em regra, e para os poldros prematuramente sujeitos ao penso sêcco, favorece a erupção dos dentes, que este lhes retardára, assim como accelera e facilita tambem a erupção da *gurma*.

(Continúa.)

ANECDOTA.

É BEM conhecida na historia a célebre batalha que Filippe II d'Hespanha ganhou, em 1557, contra os francezes em S. Quintino, e sabe-se que aquelle monarcha fez voto de erigir por esta causa um templo a S. Lourenço, em cujo dia alcançou tão assignalada victoria. Não só cumpriu o voto, mas continuamente visitava a obra, e presenceava os progressos do maravilhoso Escurial. Uma tarde, em que estava vendo trabalhar os operarios, aproximou-se delle um homem, que fixava a sua attenção naquella grande fábrica.

O rei, em traje desconhecido, perguntou-lhe:

— O que quereis, homem?

— Nada; venho ver este palacio.

— Pelo vosso porte pareceis-me militar.

— E nada menos que primeiro sargento.

— D'onde vindes?

— De Flandres.

— De Flandres? repetiu o monarcha, mirando o seu interlocutor dos bicos dos pés até á cabeça; e accrescentou: — E onde ides agora?

— A Madrid, respondeu o sargento, pedir ao rei uma dragona, que bem mereço.

— Assim será, porém creio que não a conseguireis, porque el-rei só cuida agora desta fábrica.

— Pois senhor, nesse caso, *mando-o passear*, e vou para Flandres.

O rei, ancioso por ver confundido o sargento, e por gosar d'uma scena divertida, offereceu-lhe uma recommendação para o capitão das guardas, assegurando-lhe que, com ella, o deixariam entrar no palacio, beijar os pés ao rei, e apresentar o seu memorial. O sargento, muito contente, acceitou a carta, e tres dias depois de chegar a Madrid, foi ao paço, com a carta, o memorial, e o seu grande uniforme: permittem-lhe a entrada, sóbe, prostra-se aos pés do rei; mas ao entregar o memorial reconheceu na physionomia de Filippe II o mesmo homem que havia visto no Escurial, e a quem dissera, que havia de *mandar passear* o rei. Difficil seria pintar a confusão, o terror e a agonia do sargento. O rei, sentado no throno, fingia ler attentamente o memorial, em quanto que, na realidade, observava com prazer o desasocêgo, a inquietação e os suspiros do sargento, que se fazia de mil côres. Emfim o rei, já satisfeito, franze o sobrôlho, e atira-lhe com o memorial, dizendo estas terriveis palavras — *Não tem logar a vossa pretenção.*

O sargento acobardado, sente ferver-lhe a coragem no peito, electrisa-se, e levantando-se com garbo, posto que sem faltar ao respeito, faz uma cortezia ao rei, e diz:

— Senhor! O dito, dito, e vou para Flandres.

Este rasgo de dignidade surprehendeu tanto o terrivel monarcha, que concedeu, não só uma, senão duas dragonas ao valoroso sargento.

PROGRAMMA PARA UM DIVERTIMENTO EM CINTRA, NA NOITE DE TERÇA-FEIRA 12 DO CORRENTE.

Ná Caza de Joaqvina Reles havara um Grande Adevertemento de Artistas Portogezes e estrangeiros A 9 horas da Noite. Comessara Com Qvantadoria entaLianna.

Artista Antonio de Almeida Sobre Acolvna Girante fará Amaior de filcotozas Sortes hinda não visto Nesta Villa

Ó Jóbe Americano Sobre Menzas e Cadeira e Garrafás disfilcoltozas Sortes das pirandas do Ingito

Artista espanholla dansara Balhes espanholes

V mesmo Artista Portogez izievtara Apostvras AsCade^{m}camas tiradas da Rial Cademia de peris

Si dansara Anova Polica com vm ovo e Cada Pé

Si dezievtara hotros Mais travalhos dando fim com o Brabeiro de Sebilha entrada As 8 horas Presos de 60 r^s Asentado e 40 r^s empe

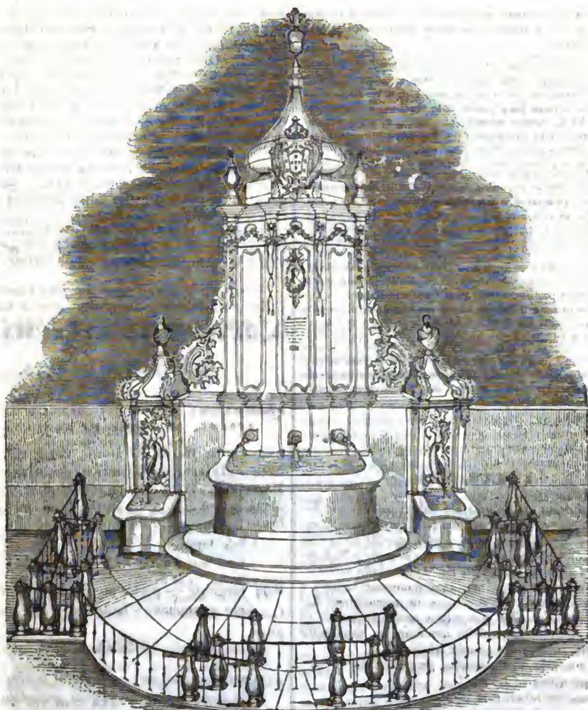
---

PERGUNTA ENIGMATICA.

Onde é que está o Papa ao sol posto?

EXPLICAÇÃO DO NÚMERO ANTECEDENTE:

Charada — Maria.



Principal fonte da villa de Borba.

A FUNDAÇÃO de Borba é attribuida aos gallos celtas; d'estes passou ao dominio dos arabes, e em 1217 a conquistou D. Affonso II, mandando-a povoar de novo; D. Diniz lhe deu foral, e fundou o castello que hoje tem. É tradição que tomára o nome de Borba d'um grande barbo, que appareceu em uma fonte, proxima á muralha do castello, o que parece confirmam as suas armas, que são — um barbo, um castello e uma sobreira.

Está esta villa situada em um ameno valle (entre as duas villas de Extremoz e Villa Viçosa, distante daquella, duas leguas — e desta, meia) e rodeada de tão grande número de quintas, hortas, olivaes e vinhas, que parece estar no meio d'um cerrado bosque, ou agradavel jard.m, tal é a cópia, e formosura do arvoredo. É tão abundante d'aguas, que, além do grande número de fontes que dentro e fóra tem, são raras as casas em que não haja um e mais poços.

É a villa dividida em duas freguezias, a de Nossa Senhora do Sobral, matriz, e a de S. Bartholomeu; possue um bem provido hospital, e misericordia com collegiada, um recolhimento e convento de freiras de Santa Clara.

A industria de Borba reduz-se a mui pouco, e o ge-

nero de maior exportação é o azeite de que, termo medio, colhe, uns annos por outros, dezoito mil alqueires; do vinho, que tambem é estimado em toda a provincia, colhe, cálculo aproximado, sessenta a oitenta mil almudes; a exportação e venda d'este genero fê-la outr'ora opulenta e afamada, sendo o que ao presente lhe dá o aspecto de pobreza, pelo diminuto preço porque se vende, que mal chega para o costeio, que demanda o fabrico e conservação das vinhas.

Proximo á villa está o convento do bosque, que em o n.º 14 da *Revista* apresentámos, e junto a este o outeiro da Bôa-vista, do qual se avistam — Evora-monte, o castello d'Extremoz, Veiros, Fronteira, Cabeço de Vide, Portalegre, Monforte, Villa Boim, Terrugem, Jerumenha e Villa Viçosa; e no reino d'Hespanha — Olivença, Villa Real e S. Jorge.

Diz-se que o terreno desta villa abunda em mineraes, e que no rocio de cima existe uma mina de prata; nesta convicção aforou a camara aquelle terreno ha annos a uma companhia, que até ao presente ainda não a explorou, bem como o outeiro da mina, aonde é tradição terem-se achado pedras de grande valor.

Em um espaçoso largo — o largo da fonte — está a fonte que a estampa representa; é toda de bello marmore branco, extrahido das abundantes pedreiras do termo desta villa (que tanto abunda em finissimos marmores branco e azul). São as suas principaes peças de pedras inteiriças, o que junto á sua fórma magestosa e elegante, e abundantissimas aguas, a tornam a principal do reino, como affirmam curiosos e viajantes; é tanta a agua que traz o cano, que não são sufficientes as bicas para a receberem; por uma vieira, a que sae daquellas, se precipita em um formoso lago quadrado, que fica annexo á mesma fonte; junto a este ainda existe o sitio d'alameda, que foi um lindo passeio, mas actualmente está completamente destruido.

Na cimalha da fonte, que olha para o lago, tem as armas da villa, e na da frente as armas reaes, no espelho principal a effigie de D. Maria I, e logo o distico em latim, que traduzido, diz:

«No tempo do reinado da nossa fidelissima rainha a senhora D. Maria I, com o nosso fidelissimo rei Pedro III, obtida a sua regia faculdade, debaixo do auspicio e patrocinio do ill.mo e ex.mo visconde da Lourinhã, vigilantissimo governador desta provincia, os senadores d'este concelho fizeram construir esta copiosa fonte e magnifica obra, na qual brilham e resplandecem a grandeza e beneficencia dos reis, o podêr e amor do protector, a actividade e zêlo dos decuriões, a utilidade e honra do povo, que por isso fez exarar, em perpétuo monumento de sua gratidão, esta memoria, no anno do Senhor — 1781.»

José Casimiro Fragoso Serrano.

Lei de hospitalidade entre os arabes.

Todos sabem que, entre os arabes, o facto de comer pão e sal, ou sómente sal com alguem, ou em sua casa, impõe sérias obrigações. Um homem de bôa familia, chamado Yakoub, filho de El-Lys Es-Suffar, por ser extravagante, tornou-se ladrão, e chegou uma noite a introduzir-se, por meio d'uma excavação subterranea, no palacio de Dirhem, governador de Sirtan. Reuniu o ouro, prata e joias, fez pacotes, e dispunha-se a partir com o seu fardo precioso, quando pisou uma cousa dura, que se esmigalhou debaixo dos pés. O ladrão estava ás escuras, e imaginando que sería algum brilhante, abaixou-se para apanhar, e tocou com a lingua em um dos pedaços que achou. Grande foi, porém, a sua desconsolação quando reconheceu, que o que elle julgava brilhante, era apenas um pedaço de sal mineral. Yacoub deliberou-se immediatamente a fugir; tinha comido sal naquella casa, devia sair della sem uma só dessas joias, para não offender a lei da hospitalidade. No dia seguinte, pela manhã, veiu o intendente fazer a sua visita, e achando tudo em malas, foi dar parte ao governador. Fez este publicar editaes, em que perdoava ao auctor da tentativa, e lhe promettia uma avultada recompensa se fizesse conhecer o seu nome. Yacoub apresentou-se sem hesitar, e não se arrependeu. Taes foram os beneficios do governador, que o antigo ladrão veiu a ser o fundador d'uma nova dynastia.

A OPPOSIÇÃO SYSTEMATICA

PROVERBIO EM UM ACTO.

PESSOAS

Augusto de Mello, 33 annos, deputado.
Affonso Domingues, 60 annos, negociante.
Marianna .... 40 annos, mulher de Affonso.
Julia .... 18 annos, filha de Affonso.
Simão Rodrigues... 35 annos, deputado.
Um Criado.

Sala elegante — porta ao fundo — uma a cada lado — sophás — fauteuils — um pianno.

SCENA I.

Affonso *em chambre — grandes oculos — recostado n'um fauteuil — lendo periodiços —* Marianna *abanando-se.*

Affonso — Então que horas são, Marianna?

Marianna — *(chegando ao relogio, infadada)* Ha tres horas que aqui estás como um pachá, e ainda agora te lembras do tempo — faltam dez minutos para o meio-dia.

Affonso — Safa! E que tal está a leitura! Malditos periodicos... Estes politicos moem-nos por todos os lados. Ora vê lá tu, Marianna. Antes da côrte ir para o Brazil a gente não sabía destas cousas. A côrte era feita para reinar: a gente cá se ía atamancando com o seu negocio. Pagava-se a decima, quando se não era compadre do super-intendente, e lia-se, quando muito, a falla do throno

de Inglaterra, ou o nome do último sultãosinho recemnascido, debaixo da epigraphe — *Constantinopla* — na Gazeta de Lisboa.

MARIANNA — E agora?

AFFONSO — Ora essa! Agora?... Ora anda cá, Marianna. Imagina tu que a cabeça começou de andar á roda a estes homens de Portugal, a andar, a andar, como um moinho... tu tens visto um moinho?

MARIANNA — Pelo que tu me estás moendo, basta ver-te.

AFFONSO — Bem. Veiu a de vinte. Abaixo com tudo. Pediram por emprestimo uns trastinhos velhos á França, outros á Inglaterra, e fizeram um tal mixtiforio, que nem o démo é capaz de se entender com tal meada... Liberdade, soberania do povo, egualdade, equilibrio de podéres, responsabilidade de ministros... oh! meu Deos, que barafunda!

MARIANNA — Mas a que proposito vem isso?

AFFONSO — Essa é bôa! Tu tens menos annos. Não conheceste o bom tempo. Pois no tempo do grande Pombal fallava-se lá em liberdade, e não se fez o Terreiro do Paço, o Collegio dos Nobres... Pois a senhora D. Maria I soffreria lá que se fallasse, em sua presença, em equilibrio de podêres!... Pois no tempo da inquisição lia-se lá Rousseau, nem essa canalha...

MARIANNA — Mas não sei o que possa ter com a senhora D. Maria I, nem com o sr. Rousseau, que eu não tenho o prazer de conhecer?

AFFONSO — Olha, és uma parvasinha. Tenho-te amor. Mas não posso perdoar-te, que nunca pensasses dois minutos sôbre a legitimidade...

MARIANNA — Do matrimonio, da fé conjugal, segundo a egreja...

AFFONSO — Qual fé, nem matrimonio. A legitimidade do podêr; mas escuta.

MARIANNA — Ora acaba...

AFFONSO — Veiu a de vinte, a Carta, e outra, e outra... E que nos veiu daqui? — Ficar eu elegivel para deputado.

MARIANNA — E então?.... é uma qualificação honrosa... aristocratica...

AFFONSO — Com duzentos mil réis de decima e impostos annexos... ora muito obrigado.

MARIANNA — Mas é o dever do bom cidadão E depois a consideração de homem honesto, influente, de *respeitabilidade*... Ah! diz o público: — Affonso Domingues é um caracter respeitavel... paga duzentos mil réis de decima...

AFFONSO — E tu honras-te com isso?

MARIANNA — Podéra! Fico sendo a esposa d'um homem honesto...

AFFONSO — Perante a lei do orçamento e o sr. recebedor...

MARIANNA — Mas attende ao negocio de tua filha...

AFFONSO — Escuta, mulher. Deixa uma vez, ao menos, o *pot-au-feu*, como diz na sua estouvada algaravia esse desenvolto Augusto, e desce ás cousas sérias.

MARIANNA — É exactamente onde eu quero chegar.

AFFONSO — Aonde?

MARIANNA — Ao negocio de nossa filha...

AFFONSO — Primeiro estou eu. Vieram — que digo eu? choveram as constituições... e nós é que ficámos a pedir chuva. Não só veiu a decima, mas foi-se a Junta do Commercio. Ah! minha Junta! Eu, Affonso Domingues, deputado da Real Junta do Commercio, Agricultura, Fábricas e Navegação!... Era melhor do que ser par... d'estes que andam em seges d'aluguel...

MARIANNA — Affonso, tu impacientas-me; acaba. *(Affonso toca a campainha).*

SCENA II.

OS MESMOS E UM CRIADO.

AFFONSO — *(despindo o chambre e concertando a gravata)* João, traze-me o sobretudo... A Junta do Commercio... a Intendencia da Policia... Olha, o chapéu de castor... Extinguiram as commendas, e bens da corôa... A bengala... D'antes arrematavam-se os dizimos... Olha, João, traze antes o pára-chuva... Hoje o que ha de fazer um negociante honrado?... Olha, João, leva as cartas ao correio... Pagar os taes duzentos mil réis de decimas para ser honesto... Olha não te esqueças de renovar a assignatura da *União*... e comprar acções das Obras Públicas para ser caurinado... Então, ficas ahi... O diabo leve as mexedellas politicas.

(O criado sae.)

SCENA III.

AFFONSO E MARIANNA.

MARIANNA — Hi, Jesus! é meio-dia... e o negocio sem resolver-se... então, Affonso?

AFFONSO — E para cumulo de infelicidade ser obrigado a ler esta papelada... *(revolve os jornaes).*

SCENA IV.

OS MESMOS E O CRIADO, *trazendo tudo, que entrega a Affonso, e depois sae.*

MARIANNA — É preciso tomar um expediente...

AFFONSO — Lá me ía esquecendo... ser homem de bem por duzentos mil réis, e ter precisão de saber se os russos passaram já o Wolga... Ah! *(Voltando os jornaes)* Cá está. *(Lê)* Escrevem de Cronstadt ao *Lloyd Austriaco*, o seguinte: «O pri-

meiro corpo do exército russo ás ordens do general...»

SCENA V.

OS MESMOS E AUGUSTO.

Augusto — *(Entrando arrebatadamente e estirando-se n'uma poltrona)* Não prosiga... ah! ah! ah! *(rindo)* É uma mentira formal... os hungaros acabam de derrotar os austriacos em Windi... gis... gis... diabo. Para estes nomes tudescos não tenho lingua.

Affonso — *(vestindo a sobrecasaca)* Então como é, como é?...

Augusto — Acabo de almoçar com o ministro da Russia, que me mostrou despachos officiaes... A Santa Alliança vê-se atrapalhada... Aquelles hungaros são a fortuna... só bôccas de fogo aprisionadas — seiscentas!...

Affonso — Hi!...

Marianna — Fia-te em periodicos... Quem frequenta os altos salões... quem vive com a diplomacia, zombetêa e ri desta gente ignorante, que engole as pilulas do *Pandora*... Se tu fôsses a casa do ministro da Russia... se andasses nos circulos aristocraticos...

Affonso — *(puxando pela casaca)* Malditos pannos!... o que eu queria era a Junta do Commercio.

Augusto — *(rindo)* Ah! ah! ah! A Junta do Commercio!... E o Tribunal da Inconfidencia... Queres ser almotacé do teu bairro... ah! ah! ah!

Marianna — Meu marido embirrou em agarrar pela cauda o *ancien régime*, que foge. É forte mania... querer á fôrça ser burguez... Era bem feito que o fôsse...

Augusto — Hei de convertê-lo. É preciso fazer como eu: ler a *Democracia Pacifica*, o *Povo Soberano*, votar pela eleição directa, e jantar com a embaixada ingleza.

Affonso — *(apressado)* Hi, Jesus! que horas que são!... E o meu negocio... *(vae a sair)*.

Augusto — Ha de ser progressista, mas progressista de salão...

Affonso — Ah! quem me déra a minha Junta do Commercio *(vae-se)*.

SCENA VI.

AUGUSTO E MARIANNA.

Augusto — Então, minha senhora, seu marido fez-se sabastianista da Junta do Commercio, e dos inauferiveis... ora o que são os genios...

Marianna — Pobre homem... tem lá aquellas scismas... Ora o que se lhe havia de metter nos cascos!...

Augusto — Que pena! Tão bom homem... e mesmo de muitas idéas...

Marianna — Quaes idéas... não tem nem sonhos dellas. Agora que a gente vae no progresso... que todos querem ser eleitores pela sua provincia... deputados... amigos do ministro inglez... e assignantes do *Times*... elle... sabe, sr. Augusto, ainda não poude, nem quiz, ser membro do commissão administrativa da Santa Casa, e ainda assigna para o *Pobres do Porto*. O *Pobres do Porto!* Por isso minha filha hade sair sem illustração...

Augusto — Visto isso é um milagre della, o ser tão espirituosa e instruida.

Marianna — Se não fôra eu... Outro dia quiz a pequena ler as obras de *Luiz Blanc*... e sabe o que lhe elle trouxe, o maniaco do pae... que nem pae della merecia ser... trouxe-lhe o *Regimento dos Almotacés*, e a *Perfeita Camponeza*.

Augusto — Oh! sacrilegio!... oh! profanação! oh! barbaridade!

Marianna — Nem a *Semaine* compra... dá-lhe o *Estandarte* para lhe ler á noite o *preço dos cereaes* e o *movimento da barra*, porque os artigos de polémica, esses lê elle com avidez... em sendo cousa que cheire aos bons costumes...

Augusto — Á Junta do Commercio, ás commendas extinctas...

Marianna — O seu idolo é a burguezia. É classe que detesto. Ver aquelle trajar, querendo similhar a elegancia... as maneiras grutescas...

Augusto — *De la gaucherie*...

Marianna — Ver aquelle afêrro ao balcão... É gente, que se houvesse segundo diluvio morriam agarrados ao covado e ao mostrador! Apre!

Augusto — Classe ambigua e damnosa ás verdadeiras liberdades. É a propriedade nova, logo illegitima.

Marianna — Se eu tivesse nascido della, não sei se poderia supportar a vida. Dou graças a Deos por me haver dado á luz na casa paterna de um honrado alferes de milicias.

Augusto — Eu tambem não lhe sou lá mui affeiçoado. Malditos, empataram-me sempre as vasas em todos os collegios eleitoraes.

Marianna — Não admitto senão duas classes.

Augusto — Sim. Aristocracia e plebe: é como eu...

Marianna — A alta nobreza e a democracia...

Augusto — As tradições e a realidade...

Marianna — A historia e o futuro...

Augusto — É verdade.

Marianna — Não sei se é por eu ser filha de um escrivão de almoxarife real e official de patente; Deos me perdôe... isto vem do sangue...

Augusto — Os nomes historicos não se apagam facilmente...

Marianna — Os nossos votos são mui razoaveis. Progresso e democracia em tudo. Nós só queremos os nossos brazões e a alta sociedade...

cil, e estou prompto a provar) sem estylo, sem colorido, sem opposição de caracteres, não passa de uma fabula irregular, desanimada, frouxa e desconnexa: não satisfaz nenhum dos preceitos, não realisa nenhuma das necessidades, que constituem o valor litterario d'uma peça de theatro. Ao meu drama procurei eu dar, a par da riqueza dos accessorios, um interesse, uma regularidade e uma serie de contrastes, que podessem completar aquella grande epopéa, que ficaria imperfeita e desconsolada se fôsse só muito para os olhos e pouco para o espirito. O auctor francez não soube, ou não quiz tirar partido daquellas grandes imagens biblicas, daquella poesia do oriente, vasta como os seus desertos, candente como o seu sol: eu procurei combinar sempre o esplendor das visualidades com o grandioso da phrase; busquei, porque assim diga, casar o sentimento da situação com a impressão da localidade. Se o consegui ou não, é cousa que, em poucos dias, o público julgará. Em todo o caso diligenciei substituir um *drama*, ao *libreto* que tinha visto. No melodrama francez ha apenas algumas intenções dramaticas, palidamente esboçadas: essas, confesso-o, aproveitei-as, mas aproveitei-as desinvolvendo-as e *creando* dellas lances e situações. O esculptor que d'um lenho tirou um crucifixo, não *creou* a imagem?

O melodrama francez é dividido em 13 quadros; o meu tem apenas 7. Perguntarei simplesmente: 7 quadros podem ser a traducção de 13? Póde um drama, contrahido a metade dos desinvolvimentos d'outro, conservar, já não digo a mesma structura, mas, pelo menos, o mesmo dialogo?

Responda o communicante.

Se a imputação que se me faz não implicasse uma accusação ao meu caracter, porque dizer que eu dou uma traducção como original, equivale a arguir a minha probidade litteraria, e a duvidar da minha bôa fé, de certo não entraria nestas explicações. Julgo-as, porém, necessarias para destruir pela base as prevenções que, sem razão nem exame, parece quererem inspirar-se contra uma obra que ainda não foi vista, e que, portanto, ainda não póde ser avaliada.

Quando escrevi o drama — *O Tributo das cem donzellas* — restituí a verdade historica ao facto que servia de fundamento á peça; fui minucioso no estudo dos costumes; alterei essencialmente a contextura, e creei um novo dialogo, isto é, fiz um novo poema. O meu drama foi visto em 46 representações successivas, e a traducção da peça franceza ahi corre impressa no *Archivo Theatral;* póde-se comparar: todavia chamei-lhe modestamente uma imitação; e, apezar disso, houve quem, nesse tempo, disputasse o meu trabalho, exactamente como agora m'o contestam no *Templo de Salomão* — antes da publicidade! Porque será isto?

Ora quando um homem dá provas, como aquella, da exiguidade das suas pretenções, tem o direito de ser acreditado. *O Dote de Suzana*, que era um *vaudeville*, transformei-o eu em drama regular, e chamei-lhe traducção. Quem faz por ahi outro tanto?

E, comtudo, dramas chamados originaes tenho eu visto na scena, que teem menos dos seus auctores, do que tinha de meu qualquer daquelles trabalhos. Eu proprio me tenho achado, por mais de uma vez, barbaramente saqueado, e nunca reclamei. Pois se é licito a qualquer coser um drama de retalhos alheios, porque se hão de lançar tão feias imputações a quem não faz mais do que aproveitar intenções?

Na minha opinião o estylo é tudo. A idêa dramatica mais elevada, mais feliz, passará vãmente, se a energia, se o vigor, se a propriedade, se a elegancia e verdade da phrase não a fizerem *sentir*. Que importa que eu vá pedir á chronica, ao romance, á tradição... ou a outro drama, a concepção da obra que eu faço minha pela execução? O que se deve avaliar é se esta é bôa ou má. Nisso está o principal. Se eu posso procurar a materia prima do meu trabalho na historia, ou na vida, sem que, por isso, me julguem expropriador, porque não hei de fazer o mesmo a obra analoga? Uma grande parte das composições dramaticas não seriam então originaes. Sophocles pleitearia contra Corneille. Homero demandaria Virgilio. O moderno theatro francez deveria largas indemnisações a Calderon, Lope de Vega e Thirso de Molina. O drama íntimo, as catastrophes de familia, que tem dado tão pungentes e formosas scenas e creações recentes, reverteriam para Kotzbue. Antony buscaria Werther. Shakspeare teria de restituir Othelo aos Annaes Venezianos. Se a individualidade do talento não fôsse quem imprimisse na individualidade da execução o cunho da respectiva originalidade, nada pertenceria a ninguem: sería necessario ir procurar a originalidade no primeiro homem, porque, se as bases de todo o drama são irremissivelmente os affectos humanos, é evidente que só o primeiro homem poderia ser verdadeiramente original.

Basta, Sr. Redactor. Esta carta vae já longa. Deos perdôe a quem me obriga, sem mais nem menos, a saír do meu silencio nestas cousas. Vejo muito por ahi, e calo-me. Para que hão de bulir comigo? Fazem mal. Talvez algum dia emprehenda um trabalho serio sôbre estas questões caturras das originalidades, que parecem escandalisar os pios ouvidos, e excitar a virtuosa indignação d'umas certas austeridades meticulosas.

Bem ou mal, tenho produzido bastante para não ter precisão de usurpar trabalhos alheios. O communicante devia ter reflectido que eu não sería tão mentecapto, que me attribuisse uma traducção. Por que? Para que? Que lucrava nisso? — Só descredito.

Algumas pessoas que viram o meu trabalho, e que conhecem o melodrama francez, podem tê-lo avaliado: a todas, porém, disse eu francamente o que nesta carta exponho.

Pergunta em último caso o communicante: — «Quererá o sr. Mendes Leal passar por auctor da peça franceza?» — O sr. Mendes Leal responde: — Não, senhor; nem disputa, nem inveja a peça franceza; mas reclama a pertinencia e propriedade do seu trabalho: não quer nem deseja ser auctor da peça franceza — Deos o defenda! — mas tem direito a sê-lo da portugueza.

Se o communicante quer avaliar as differenças, espere pelas representações do drama, ou procure-me, que não duvidarei mostrar ambas as composições, e coteja-las na sua presença. Se quer mais, solicite um jury litterario competente e consciencioso; sujeitar-me-hei a elle. Se quer ainda mais, discuta na imprensa, mas assigne o seu nome, para que eu saiba se é honra ou dezar tê-lo por contendor. Lançar insinuações malevolas do meio da obscuridade é a summa vileza: deixe esses meios tortuosos para quem não tiver outros recursos.

Se o communicante não teve outras auctoridades em que se fundasse para me attribuir suspeição, senão a similhança dos titulos, bem vê que essa pouco vale. Se tem outra, diga-a. Em todo o caso appareça. Não sei fallar senão frente a frente.

Eu estava calado; nem mesmo dava classificação ao meu drama. Visto que me contestam a filiação, adopto-o, e defendo a adopção. Resolve-me a consciencia do que fiz. Perdôo ao communicante o espirito hostil que ressuma do seu artigo, se elle é apenas leviano: despréso-o profundamente se a sua intenção é malefica.

Sou com toda a estima

De V.

Att.° V.or e Cr.°

José da Silva Mendes Leal, Junior.

NOTICIAS SCIENTIFICAS E INDUSTRIAES.

O sol, a electricidade e a combustão são tres origens de calor, e as mais poderosas que hoje se conhecem. Concentrar em um ponto a acção de todas ellas é o meio de conseguir uma temperatura elevadissima. Foi o que fez M. Desprete. Serviu-se de uma pilha de Bunzen (vidè 1.° vol. pag. 128) de 185 pares, de uma lente polyzonel poderosa, e de um maçarico de hydrogenio carbonado. O calor, que obteve, volatisou magnesia, e amolleceu o carvão!

Mr. Desprete vae continuar as suas experiencias, com aquella perseverança, de que tem dado tantas, e tão bôas provas. Se o carvão chega a fundir-se, temos na mão o fabrico dos diamantes, temos na Europa uma California, que não ha de alevantar poucas ambições.

BIBLIOGRAPHIA.

A Fonte

SEMANARIO DE RECREIO POPULAR.

Este semanario conterá alternativamente os seguintes artigos: Romances — Biographias — Variedades — Poesias — Charadas — Enigmas — e Caricaturas.

Publicar-se-ha todas as segundas-feiras: preço 10 réis, pagos no acto da entrega.

O seu formato será de 4 paginas *in folio*.

Assigna-se na rua Augusta, n.os 1, 2, 8, 37 — A, e 85. — Rua dos Capellistas, n.° 32 — B. — Rua do Arsenal, n.° 31. — Rua do Chiado, n.° 6. — Rua da Esperança, n.° 150. — Rua Nova da Palma, n.° 56. — Rua do Ouro, n.° 112. — Aos Paulistas, n.° 55. — E na loja do sr. Silva, em Alcantara.

A correspondencia deve ser dirigida, *franca de porte*, á rua do Arsenal, n.° 31, loja de livros do sr. Coimbra.

Illustração Hespanhola.

Chegou o n.° 20. Contém diversos artigos interessantes, e as seguintes estampas: — Retrato de mr. Cousin — Uniforme e aspecto dos soldados de Garibaldi — Palacio da Granja — Fontes da Granja — Plano de Roma — Campo de Waterloo — Monumento — Palos de Moguér — Sala de descanço de los baños de Capellanes — Alboroto en Moguér, etc.

Vende-se e assigna-se na loja do sr. Lavado, onde se acha tambem o *Semanario Pittoresco* (14.° volume).

ANECDOTAS.

Um inglez, tendo entrado um dia na egreja, antes de começar o officio divino, subiu para o pulpito, e exclamou:

— Meus queridos amigos, não ha bastantes sabios, nem senhores, nem judeus na inglaterra.

— Ha de mais, respondeu um dos circumstantes.

O inglez replicou:

«Se tivessemos bastantes sabios, não estariam tantos imbecís a governar;

«Se tivessemos bastantes senhores, não estaria por ahi tanto vadio a fazer de senhor;

«Se tivessemos bastantes judeus, não seriam tantos os christãos usurarios.»

Simplicidade d'um Capitão suisso.

Um capitão suisso mandára enterrar no campo de batalha, não só os mortos, mas tambem os moribundos. Representaram-lhe, que alguns ainda estavam vivos, e que era mister salvar essas vidas. — «Ora deixem-se de contos, replicou o capitão, se os acreditarmos, não ha nenhum morto.»

CHARADA.

A criança, o velho e o coxo
Faz a custo esta primeira: } 2
Tambem sirvo á mocidade
Para sua brincadeira.

Passageira sou ás vezes,
Outras vezes tão fatal, } 1
Que posso ferir de morte
A todo o ente mortal!

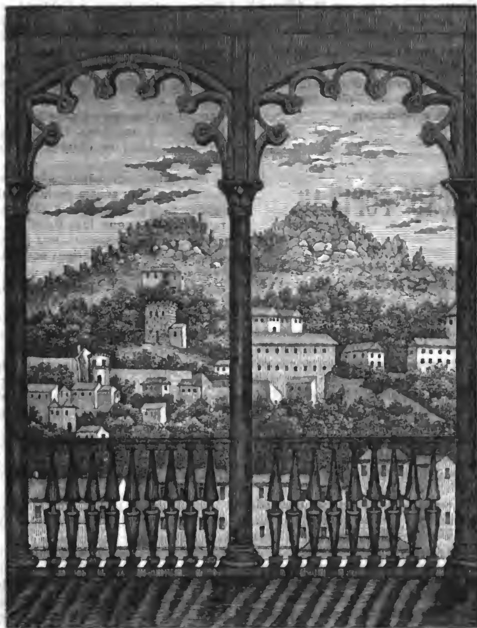
Sou preciso ás irmandades,
Nas egrejas me procura:
Vou a festas e a enterros,
Sem ser parocho, nem cura.

EXPLICAÇÃO DO NÚMERO ANTECEDENTE:

Pergunta enigmatica — À sombra.

PREÇOS D'ESTE SEMANARIO

Anno — 960; semestre — 480; avulso — 20 réis.



Uma janella do paço real de Cintra.

Sobre as ruinas do alcacer mourisco, edificou el-rei D. João I o paço real da villa de Cintra. Basta ver o palacio para conhecer que não foi um só o plano da sua edificação. E, de feito, este paço, que tinha sido, provavelmente, uma pequena Alhambra dos reis mouros de Lisboa, tem casas, como a do banho, que fizeram parte da primitiva construcção, e outras, quasi todas, d'estylos differentes, que mandaram construir D. João I, D. João II, D. Manoel, e D. José.

A *casa dos banhos*, reedificada depois do terremoto, e a *sala dos infantes*, perteneciam talvez ao edificio primitivo.

A *sala das pêgas* é obra d'el-rei D. João II. Conta-se que a rainha o surprehendêra no momento em que dava um beijo n'uma das suas damas. A rainha agastou-se, mas el-rei respondeu que era *por bem*, e mandou construir uma sala com grande número de pêgas pintadas no tecto, para que estes animaes falladores apregoassem a sua innocencia, mostrando a todos a legenda — *por bem*.

A sala chamada das *Armas*, ou dos *Cervos*, em que se acham os brasões de setenta e quatro familias, é obra d'el-rei D. Manoel. No meio do tecto estão as armas reaes, e ao redor destas as do principe e infante D. Luiz, D. Fernando, D. Affonso, D. Henrique, D. Duarte, D. Isabel e D. Brites.

El-rei D. José, depois do terramoto, mandou tambem fazer obras consideraveis no palacio. No seu reinado, sendo ministro o marquez de Pombal, veiu de Almeirim, para um dos camarins do palacio de Cintra, uma chaminé magnifica, guarnecida de marmore branco, com figuras em relevo. As pedras riquissimas desta

obra tinham sido enviadas pelo papa Leão X a el-rei D. Manoel, que as mandára collocar no palacio de Almeirim.

No palacio de Cintra nasceu e morreu D. Affonso V. Nelle foi acclamado el-rei D. João II. D. Sebastião deu em uma das salas a sua última audiencia. D. Affonso VI expirou tambem nestes paços, victima da crueldade de D. Pedro e da rainha sua espôsa.

A nossa estampa representa uma das janellas do paço de Cintra. Della se descobre a serra pittoresca que inspirou o Byron, Camões e Bernardim.

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Curso d'introducção á Historia Natural dos Tres Reinos.

189. *Divisão geral das rochas.* — É facil de concluir, em vista do que temos dito, que entre as rochas, que compõem a crusta do globo, umas são devidas á acção destruidora e productora das aguas, que acarretam os sedimentos, e os depõem com maior ou menor regularidade; em quanto que outras, formadas pela fusão no seio da terra, tem sido em epochas differentes arrojadas para a superficie, onde apparecem intercaladas com as de formação aquosa. Daqui vem, que as primeiras se dizem rochas *aquosas*, *stratificadas*, e ainda *sedimentares*, e as outras, na maior generalidade, *rochas igneas*.

190. *Divisão das rochas igneas.* — Posto que todas as rochas desta denominação tenham uma origem analoga, posto que todas ellas se differencem das sedimentares em não conterem *fosseis*, em offerecerem uma textura que denuncía a acção do fogo, os seus caracteres variam, porém, bastante, para que os geologos possam subdividi-las em novos grupos. Entre as rochas igneas ha umas que são productos dos volcões que ao presente se acham em actividade, ou que com taes productos tem uma perfeita analogia. Ha outras, cuja origem ignea é evidente, que differem consideravelmente dos productos dos volcões, e que os geologos, attendendo a muitas circumstancias, suppõem terem sido formadas a grandes profundidades no seio do globo, e debaixo de uma pressão immensa. Ha, finalmente, uma terceira cathegoria dellas, em que a stratificação, demonstra, sem controversia, haverem sido aquosas na sua origem, se bem que a ausencia dos fosseis, e um estado crystalino, mais ou menos perfeito, provam que ellas soffreram da parte do fogo, uma acção intensa e prolongada.

As primeiras tem o nome de *volcanicas*, que podem exemplificar-se nas scorias ordinarias do Etna, nas pedras pomes, que acompanham quasi sempre as erupções volcanicas, ou nos *basaltos*, que em certos paízes são tão communs, e de fórmas tão exquisitas, que chegam a dar-lhes um aspecto especial, ás vezes de muita curiosidade e belleza, como succede na célebre *Calçada dos Gigantes (Geant's Causeway)* na Irlanda; na *Calçada basaltica do Volant*, departamento de l'Ardèche, em França; e na poetica *Gruta dos Queijos (Kasengrotte)* sôbre as margens do Rheno, proximo a Bertrich-Baden, entre Trèves e Coblentz, e em muitos outros exemplos classicos na sciencia, onde a rocha volcanica apparece, ora em bellas columnas faceadas, que se alevantam verticalmente, já isoladas, já em robustos feixes columnares, ora em fieiras verticaes de uma multidão de globulos achatados, produzindo pela sua reunião o aspecto agradavel de columnas salomonicas, que em muitos casos sopesam uma abobada natural de vão amplo e magestoso, constituindo vastos salões subterraneos, como se observa na *Kasengrotte*, que ha pouco citámos.

As segundas chamam-se *plutonicas*, e contém muitas especies, que se acham profusamente disseminadas em muitas partes, rompendo e afflorando por de sôbre as rochas aquosas que lhes ficam em deredor. Sirva de exemplifica-las, o *granito*, esta pedra, cujo nome é vulgar, como de quem designa um material de tanto prestimo e estimação nas grandes construcções, e na decoração dos mais bellos monumentos da architectura classica, da meia edade, e dos tempos modernos; as *syénites*, frequentes no Egypto, e por isso aproveitadas na edificação de algumas das mais aprimoradas obras da architectura daquelle paíz. É delle que é fabricada a elegante e preciosa columna corinthia, que os archeologos, á falta de melhores averiguações, e de mais appropriado nome, tem chamado *Columna de Pompêo*. Estas rochas formam ás vezes, como que o esqueleto de grandes e ásperas serranias, em cujas cumiadas os granitos, projectados em fórmas extravagantes, apresentam muitos e variados aspectos, que enlevam e attraem aos que viajam nas regiões onde isto se manifesta.

Aquell'outras rochas, que são divididas em assentadas distinctas, e mui similhantes ás das rochas aquosas, distinguindo-se destas, porém, nos manifestos signaes que dão de haverem soffrido uma transformação crystalina por meio do fogo, tem-n'as os geologos denominado *metamorphicas*. Sôa quasi este nome como quem diz *metamorphoseadas*, transformadas, porque, de feito, experimentaram, sendo ao principio aquosas, uma acção ignea, que as modificou profundamente, apagando nellas todos ós vestigios de seres organisados, que mal poderam resistir a uma tão poderosa influencia, e imprimindo-lhe os caracteres, com que ficam as substancias mineraes, que ou se fundiram totalmente, ou ao menos deveram á acção intensa do calor um novo arranjo íntimo das suas moleculas, que se revela por um aspecto crystalino de maior ou menor perfeição. As pedras que se conhecem pelo nome de *schistos*, as ardesias folheadas, de que ha tantos exemplos em Portugal, são exemplos desta nova classe de rochas, cuja origem é, como se vê, dupla, ou em que se realisa a *formação primitiva*, pelas aguas, a *transformação posterior*, pelo fogo. Sirva ainda de enriquecer esta pequena lista, a bella substancia, a que chamam vulgarmente *marmore estatuario*, e a que na lingua technica conhecem pelo nome de *calcareo saccharoide*, ou *crystalino*, substancia tão justamente apreciada, quanto é indispensavel como materia prima de um dos mais formosos exercicios da imaginação — a statuaria.

(Continúa.)

A nova colonia de Mossamedes.

Ha poucas nações que tenham tão solidos elementos de verdadeira riqueza como Portugal; a sua lavoura, apezar de imperfeitissima, e limitada a um terço, talvez, do territorio, já provê, pouco mais ou menos, ás necessidades da população actual; o nosso commercio, com quanto assaz minguado pelos motivos que ninguem ignora, e principalmente pela separação do Brazil, que abalou profundamente toda a nossa economia, ainda avulta á somma de 24:000 contos annualmente, e vae, pouco a pouco, mas sensivelmente, progredindo. As nossas possessões, para que se vae hoje prestando alguma attenção, são tão ricas, tão importantes, tão vastas, como poucas nações as possuem.

Abram-se communicações internas faceis e rapidas; aperfeiçõe-se e alente-se a lavoura; honre-se o trabalho e a industria nacional; proteja-se a navegação, e os resultados serão ainda além das nossas esperanças.

Basta só considerar-se, que aproveitando-se convenientemente o fertil torrão, que a natureza nos dispensou, Portugal póde duplicar, triplicar a sua producção agricula, augmentar por consequencia a população, prover largamente a todas as subsistencias, e exportar para o estrangeiro grande somma de cereaes: calculemos esse excesso de producção em 600:000 moios — que não é excessivo — demos a cada moio o valor de 18$000 réis, termo médio, e teremos a enorme cifra de 10:800 contos! Somma que opulentará a lavoura, que lançará no nosso mercado os capitaes que lhe faltam, sendo este commercio ainda vantajoso para as demais nações, que, em todo o caso, hão de preferir fornecer-se nos nossos portos, dos cereaes que lhes faltarem, a í-los buscar a Odessa, quando é incontestavel que, principalmente, os nossos trigos não são inferiores aos da Russia.

As nossas possessões tambem, enriquecendo successivamente, podem restituir á metropole com a importancia commercial, a posição politica que nos convem manter.

Ninguem nos taxará de exaggerados quando dizemos, que o augmento e a bôa administração colonial das nossas provincias d'ultramar, desenvolvendo nellas os seus immensos recursos, constituirão Lisboa, como centro e interposto do seu commercio, o imporio do mundo!

Attendam os que tem pouca fé no futuro, que ellas produzem, em abundancia, e quasi espontaneamente: o café, o assucar, o algodão, a urzella, o tabaco, as madeiras, etc., e ahi se encontra o ouro, o cobre e o marfim, tão apreciados nos mercados da Europa — considerem que, só dos generos, chamados coloniaes, importámos de nações estranhas, em 1842, 800 contos; em 1843, 1:200 contos; que importámos de arroz 500 a 600 contos, annualmente; de madeiras, tão ricas nas nossas possessões, importámos, em 1842, 260 contos; em 1843, 400 contos. De algodão em rama anda por 200 a 300 contos a nossa importação!! Considerem tambem que em 1806 as nossas exportações, *só* para a India, chegaram á enorme somma de 1:622 contos!

Considerem tambem os inimigos da nossa industria fabril, que a exportação dos productos das nossas fabricas, em 1799, chegou a 5.632:300$000

Considerem, finalmente, esses que empregam os seus capitaes no *nefando trafico* da agiotagem, que alli tem um vasto mercado para as mais vantajosas especulações mercantís — sem o *risco* dos pontos, etc. Quando se desenganarão?

É certo, porém, que as nossas possessões ultramarinas não chegarão ao estado de prestarem a si, e á metropole, senão quando se houver tratado efficazmente de promover a sua colonisação, e desenvolver as suas riquezas naturaes, *unico* meio de acabar com o odioso commercio de carne humana.

É tal a defficiencia de dados estadisticos, e tem sido tão grande o nosso desleixo em estudar as questões, cuja resolução póde mais favoravelmente influir na nossa situação economica, que ainda mesmo os homens intendidos tem hesitado na adopção do systema, que convenha seguir, assim nas nossas relações commerciaes, como no modo mais facil e proficuo de promover a civilisação daquellas extensas provincias.

Convirá, em quanto a relações mercantís, adoptar o systema consagrado pelas modernas theorias economicas, isto é, abrir os seus portos ao commercio de todas as nações?

Convirá antes, sem os fechar inteiramente a essas nações, proteger efficazmente a navegação sob bandeira portugueza, tornando só largamente vantajosas as relações directas com a metropole?

Aquelle systema, aliàs mais liberal, tem contra si uma serie de factos da mais alta significação, e a consequencia provavel delle, sería que, abrindo novos mercados á industria e navegação estrangeiras, acabaria por arruinar inteiramente a industria e a navegação nacional, e, finalmente, roubaria á metropole todas as vantagens daquellas possessões, em quanto nos não roubasse as mesmas possessões pelo desapparecimento da unica influencia proficua em colonias. E não nos illudâmos; as estações navaes, aliàs uteis, não são sufficientes para segurar possessões, quando não houverem laços mais fortes que as liguem á metropole, e estes laços só podem existir na mutua dependencia, no mutuo interesse e vantagens de taes relações.

Parece-nos, pois, que, por ora, devemos aperfeiçoar, isto é, crear — que o não temos — um systema mercantil com as colonias, no sentido restrictivo.

A resolução do segundo problema depende, pelo menos, de tão largas meditações como a do primeiro, e da resolução de ambos, o futuro das nossas possessões.

Seja ella qual fôr, é innegavel que o que temos pretendido fazer até agora — colonisar com degradados — é um contrasenso, e um crime de lesa-humanidade.

Queremos civilisar povos barbaros com gente corrupta, que a sociedade condemna pelos seus crimes? Que lições de moral podem dar criminosos que saem das *escholas* das galés e Limoeiro?

Como se pretende rehabilitar a reputação sanitarie das nossas possessões, mandando para lá todos os annos levas de criminosos, mettidos no porão d'alguma velha charrua, e que chegam semi-mortos aos pontos a que se destinavam?

A honra nacional exige, e aos nossos interesses legitimos convem, que acabe tão grande abuso — que o é — e escandaloso.

Não trataremos, porém, agora de censurar o que se tem feito — que muito teriamos que dizer — senão do que deve fazer-se d'ora em diante.

(Conclue.)

A OPPOSIÇÃO SYSTEMATICA

PROVERBIO EM UM ACTO.

SCENA VII.

OS MESMOS, E UM CRIADO.

CRIADO — Está lá em baixo um homem, que não sei...

AUGUSTO — Pois v. ex.ª consente que este insolente annuncie algum cavalheiro d'este modo...

MARIANNA — É um criado novo. *(Ao criado)* Ha de ser o sr. Simão Rodrigues. Leva-o á sala de baixo, e diz-lhe que já lá vou.

(O criado retira-se).

SCENA VIII.

AUGUSTO E MARIANNA.

AUGUSTO — Estamos d'accôrdo. É preciso por uma vez chamar a plebe á dignidade e á vida de homens livres...

MARIANNA — Ahi está o que o sr. Affonso Domingues nega a pés juntos...

AUGUSTO — Deixa-lo. Será feito embaixador extraordinario a mr. Guizot.

MARIANNA — Deixa-lo! Isso era bom se as suas antipathias politicas não viessem transtornar os arranjos domesticos...

AUGUSTO — *(rindo)* O quê... aposto que não quer gaz em casa... por ser cousa cá do seculo?

MARIANNA — Gaz... o que elle não quer é fazer a Julia um casamento de distincção, uma união *comme il faut*, um consorcio de linhagem.

AUGUSTO — *(pensativo)* Então será votada ao minotauro burguez... querem que vá servir de costureira ao *bon homme Jacques*, como dizem os francezes. Ora esta!...

MARIANNA — Tenho-lhe representado que o noivo é...

AUGUSTO — Algum lapuz, que nunca na sua vida se sentou em cadeira de palhinha, senão na *Liga Promotora?*

MARIANNA — Um homem do mundo...

AUGUSTO — Quer dizer, talvez, um *homme de rien.*

MARIANNA — Um elegante... um *gentil-homem*, que almoça com o ministro da Russia...

AUGUSTO — Isso é algum commendador miguelista...

MARIANNA — Que é o deputado progressista mais *fashionable*... uma especie de Fitz-James...

AUGUSTO — Isso é impossivel *(com convicção).*

MARIANNA — Que se corresponde com lord Palmerston e com mr. Hume...

AUGUSTO — É o correspondente do *Times?*

MARIANNA — Que janta com o embaixador inglez...

AUGUSTO — É tal qual...

MARIANNA — Que toma café com... com o embaixador da Turquia... ou da Baviera... Ai! onde é que v. s.ª toma café?

AUGUSTO — Visto isso o tal... sou eu! *(com admiração).*

MARIANNA — Exactamente *(vae-se).*

SCENA IX.

AUGUSTO só.

Excellente! acho-me despachado noivo da sr.ª D. Julia, por bem curiosos plenipotenciarios. Sou noivo em nome do *bœuf gras* do embaixador da Russia. Noivo por graça do *corn-beef* de s. s.ª o plenipotenciario britannico. Noivo a favor do Moka do residente da Turquia, ou da Baviera... isso lá... como quizerem... as duas potencias que lá se avenham, sem complicar comtudo a politica continental. É a arte da cosinha das potencias do norte, que faz um congresso para me casar... É divertido. Sería bom accrescentar, que os charutos de s. ex.ª o embaixador da Hespanha, assignam tambem o protocolo por deferencia ás altas partes contractantes. É um casamento real... Compulsem os tratados de Utrecht e de París, não venha eu a accumular duas corôas. Ora eu, que não conheço o ministro da Russia... que tenho visto apenas nos bailes o ministro inglez, e que só conheço a Turquia pelo *Almanak de Gotha.* Esta familia é meio-aparvalhada. Emfim vão casar-me. É pena que estes senhores se deem ao incommodo de me casarem com a sr.ª D. Julia, filha da filha do alferes de milicias, e do antigo deputado da Junta do Commercio. Lá vae o brasão ser augmentado com dois covados em aspa. Se meu avô resuscitasse... Como hei de, porém, sair d'isto?... Vou desenganar Julia... a mãe... prégar a republica social ao velho — e estou salvo.

SCENA X.

JULIA E AUGUSTO.

AUGUSTO — Sr.ª D. Julia... *(fazendo uma profunda cortezia).*

JULIA — *(admirada)* Sr.ª D. Julia!... Que etiqueta! que frieza!...

AUGUSTO — Minha senhora, prézo-me de ser gentil-homem, e de tratar as damas como é devido.

JULIA — Quizera-o menos cortez, e mais sincero.

AUGUSTO — V. ex.ª bem sabe o meu officio. É doença de deputado...

JULIA — Isso é uma refinada hypocrisia, e um

insulto desfarçado sob as côres da amabilidade...

Augusto — Isto, minha senhora... chamam-se as conveniencias parlamentares.

Julia — Nunca o vi tão frivolo... tão urbano... mas, ao mesmo tempo, tão semsabor.

Augusto — Agradeço o juizo que v. ex.ª tem a bondade de fazer de mim.

Julia — Augusto, meu Augusto... bem sabes que a etiqueta fez-se para o salão... quando o amor reina, e reina só... para que é este apparato frio e monotono... este cerimonial, que gela o sentimento. Tu bem sabes... os momentos são curtos, em que podêmos estar a sós. Para que os esperdiçâmos em cumprimentos vãos? Queres que nos pareçâmos com estes viscondes de sessenta annos, e estas baronezas de cincoenta, que passam o tempo a trocar excellencias, pitadas, e finezas rançosas, para no fim concluirem, que o amor foge delles. Nós ainda temos o frescor da juventude... entreguemo'-nos ás emoções suaves... ás expansões do sentimento...

Augusto — É tarde, minha senhora...

Julia — Tarde! Meu Deos... que mysterio...

Augusto — É a cousa mais simples do mundo.

Julia — Como?

Augusto — V. ex.ª lembra-se que nos vimos o anno passado no baile da Peninsula... Que dia! que formoso dia! Nunca o hei de esquecer...

Julia — Nem eu! Ainda leio todos os dias aquellas linhas de enthusiasmo e de paixão, que tu traçaste no meu *souvenir*... oh! não hei de esquecê-lo, não...

Augusto — Nem eu, minha senhora. Foi exactamente nesse dia, que tomei assento na camara electiva, na qualidade de deputado pela provincia de Cabo-verde...

Julia — Perfido!

Augusto — Queira v. ex.ª ouvir. Que dia! Fui á camara. Sentei-me, como jurára, na opposição. Eu tinha sede de votar, de legislar, de contribuir para a ventura do meu paiz...

Julia — Que frieza!...

Augusto — Ardor, se v. ex.ª m'o permitte. Não só queria servir o meu paiz, mas a minha colonia favorita, os meus constituintes da Ilha Brava... que me pediram que advogasse o café... a urzella... e não sei que mais...

Julia — Que enfado!

Augusto — Ora peço-lhe que escute. Serei redundante, prolixo. É o meu vicio... São habitos de legislador. Sentei-me... regeitei, pedi a palavra, interrompi, e á saída senti-me outro homem: ser legislador... participar da soberania... Que nobre orgulho!...

Julia — Acabe, senhor.

Augusto — Se v. ex.ª tivesse escripto dez annos na imprensa periodica; se tivesse derramado em torrentes a palavra regeneradora... e que visse o seu paiz... stacionario, humilhado, escravo... e que, no fim de tanto tempo de adversidade, podesse entrar no parlamento... ter a humanidade por thema... o mundo por auditorio... o que faria?

Julia — Pedia o exilio para os homens ingratos...

Augusto — Eu pedi a demissão para os ministros. Que honra! ser o apostolo zeloso das multidões... quando as multidões pagam aos apostolos!...

Julia — Que frágua!...

Augusto — Á noite fui ao baile. Eu estava inebriado. Parecia-me ver em cada vulto um dos meus pretinhos da Ilha Brava, que me cobria de applausos... e me recommendava a legislação do café...

Julia — E depois?

Augusto — E depois... Ía a atravessar uma sala. Um amigo chamou-me... mostrou-me uma mulher... um anjo... tudo o que ha de mais encantador... de mais ideal...

Julia — E depois?

Augusto — Achei-me, sem o saber, ao pé dessa visão... julguei-me no paraiso... e...

Julia — E que fez?

Augusto — Tremi... e calei-me.

Julia — E que mais?

Augusto — Poupe-me o resto... poupe-m'o... Sei que no dia seguinte já não era só deputado por Cabo-verde... Era um homem que tinha, pela primeira vez, sentido uma paixão, como a não pintam romances... como ninguem sentiu!...

Julia — Agora o estou eu experimentando...

Augusto — Eu via quasi a patria pedir-me contas desta partilha, que eu, sem a consultar, fizera do meu coração...

Julia — E os negrinhos de Cabo-verde a amaldiçoarem-no, não é assim?

Augusto — Já me não lembravam... e até nas proprias costas do projecto do café, escrevi a norma da primeira carta. Perdôe v. ex.ª estas particularidades, que estruirão, sem dúvida, a belleza ideal do amor... mas é a pura verdade... e um deputado faz tudo pela lei e pela verdade...

Julia — Supponha que está contando esta aventura a um colono da Ilha Brava. *(Aparte)* E não podêr eu detesta-lo! Oh! desventuradas mulheres!

(Continúa.)

O primeiro rei de Fouta.

(TRADIÇÃO POPULAR DOS NEGROS DE SENEGAMBIA.)

Satigny era um grande conquistador, que gostava de percorrer os paizes visinhos do seu imperio, para os submetter ao seu dominio. Em uma de suas marchas, achou-se defronte d'umas colinas muito altas, que for-

mavam uma barreira insuperavel, em toda a extensão que a vista podia descobrir. Satigny não era homem capaz de recuar diante d'obstaculos como este, e em vez de ir caminhando á roda da montanha, como qualquer outro faria, tomou a resolução de combater essa massa inerte, empregando para este fim toda a sua audacia, e a bravura dos seus soldados. Formou, pois, a cavallaria, e deu uma carga. A montanha abriu-se.

Feito este trabalho quizeram os vencedores celebrar a victoria com um festim magnifico, e, sem a menor prevenção, consumiram quantos mantimentos levavam.

No dia seguinte não havia nada para comer. O paiz era deserto e virgem. Começavam as queixas. Mas Satigny tinha sempre recursos — mandou apanhar cuidadosamente os bagos d'arroz e de milho, que tinham caido pelo chão quando se preparára o festim; ordenou aos soldados que abrissem sulcos na terra; semeou o arroz e milho; mandou chamar os *marabouts*, e determinou-lhes que resassem durante duas horas. Terminada a oração mandou descobrir os regos, que tinham tapado com a terra, e o exército soltou um brado d'admiração e alegria; a terra avermelhada, e coberta de pedras, mudára de aspecto, tornára-se branca de leite, já não tinha pedras, nem calhaus, e exhalava um aroma delicioso. Começou de novo o festim; mas desta vez não tinham elles medo d'exgotar as provisões, porque a terra parecia estar toda convertida em um novo maná. O exército passou muitos dias neste logar de delicias: depois fez as suas provisões, e partiu, para ganhar novos louros, e assistir a outros milagres.

— E a agua? perguntei eu ao negro, que me servia de *ciceroni*.

O preto embaraçou-se um pouco, e depois replicou:

— Isto aconteceu no tempo da chuva.

Fiquei satisfeito.

Os Dois Foscari — Macbeth.

Sabemos, por cartas do Porto, que as operas que ultimamente teem subido á scena, no theatro lyrico daquella cidade, e que mais teem agradado, são: — *Os Dois Foscari* e *Macbeth*. A primeira das ditas operas já alli tinha sido ouvida, mas com uma instrumentação incompetente, e cantores de pouco merito para o cabal desempenho de tão bella producção; de sorte, que sem receio se póde affirmar, que só agora os portuenses podem dizer que ouviram *Os Dois Foscari;* porque os artistas, a quem ultimamente foi incumbida a sua execução, não só tinham fôrças para ella, mas á porfia se esmeraram em satisfazer ao que lhes cumpria. O sr. Fiori, com especialidade, no difficil papel de Doge, além de patentear os excellentes dotes que possue, como cantor, mostrou saber conhecer bem a fundo os differentes affectos do coração, e possuir-se delles, segundo as exigencias da scena. A sua aria final — *Questa e dunque l'iniqua mercede* — um dos melhores trechos da opera, dizem-nos, que é cantada com tanta proficiencia e sentimento, que lhe grangéa infinitos applausos todas as noites em que é ouvida. No *Macbeth*, o sr. Fiori não só tem agradado, mas tem enthusiasmado o público, e produzido nos *dilettanti* um verdadeiro *fanatismo*. Assim o esperavamos. Nós, que tantas vezes tivemos a fortuna de o ouvir em S. Carlos, sabemos com que magia a sua bella voz se insinua no coração; e com quanto acêrto sabe fallar aos sentidos, e exprimir as paixões, ainda as mais desencontradas. O sr. Fiori pertence ao pequeno e privilegiado número de cantores, que collocam muitas vezes o auditorio na dúvida de qual deva admirar mais — se o talento do *maestro*, que concebeu e produziu um conjuncto de bellezas d'harmonia — se o do artista que comprehende essas bellezas, e com maravilhosa perfeição as faz sentir ao público.

A companhia tem geralmente sido applaudida, e com justiça. Em breve a teremos de volta em Lisboa; e desde já emprasâmos a empreza de S. Carlos, para que na epocha que vae começar não deixe de nos fazer ouvir *Os Dois Foscari*, por isso que os primores desta opera ainda aqui não poderam ser devidamente apreciados.

Das provincias do norte, e especialmente do Minho, tem affluido gente immensa ao Porto para ouvir *Macbeth*: as hospedarias teem ultimamente estado quasi todas cheias, por causa desta especie de romaria.

REVISTA DA SEMANA.

O sol entra em Leo. Decreta a moda que os seus subditos deixem a capital; e os subditos obedientes mandam fazer o vestuario apropriado, apromptam as malas, alugam o jumentinho indocil, e partem. Para onde vão? Pouco importa. O caso todo é sair de Lisboa, ainda que seja para uma trapeira de Pedrouços, ou para uma sobre-loja de Bemfica. Embora o calor abraze, as moscas persigam, o pó revista os moveis todos d'uma camada esbranquiçada — é campo. O burguez abastado põe na cabeça o seu chapéu d'aba larga, e fôrro verde; compra um varapáu de vara e meia, e, em quanto dá o seu passeio hygienico, aspira com delicias as exhalações odoriferas do curral, e observa com pasmo os cabritinhos que saltam á beira da estrada. A dama, em uso d'aguas ferreas, passeia pelo caminho, e mastiga o pó do *mac-adam*, até que chega, no *Omnibus*, um sobrinho que vem a férias. É uma vida patriarchal, innocente e divertida como a dos nossos primeiros paes, que — aqui para nós — morriam de fastio naquella abençoada mansão do paraíso.

Não sejâmos rebeldes á moda, meus amaveis leitores. Vamos tambem para o campo. Cacilhas, Belem, Poço do Bispo, ou Cintra — temos por onde escolher. Agrada-vos Cintra; seduz-vos a idéa de visitar a Pena e o Castello dos Mouros; tentam-vos as queijadas das *pseudo-sapas* de S. Pedro; quereis sombra e fresquidão; desejaes beber agua na fonte dos passarinhos, e passar algum tempo a contemplar os cisnes na beira do lago. Talvez que nada d'isto vos leve a Cintra — padeceis, e ides procurar remedios para os vossos males, tomando banhos d'agua fria, e bebendo cincoenta copos d'agua, a exemplo do conde de S. e do M. de N. Pois bem, vamos para Cintra.

Ahi estão á porta os burrinhos impacientes. Não me digaes que os arrearam grotescamente, se não quereis que vos eu aponte egualmente o ridiculo dos vossas caçadeiras e dos vossos chapéus amarrotados.

Eis-nos a cavallo. O rapaz grita como um possesso, e distribue generosamente a costumada ração *de bicó* pela companhia asinina. Os jumentos briosos alevantam um choito capaz de desesperar o beato mais pacifico. Ainda mais um grito — e elles ahi vão a galope. Agora não corremos — voâmos. Parece que tudo foge de nós — arvores, casas e gente. Os rapazes da rua dizem que somos *inglezes;* a gente séria chama-nos *doidos* — e nós vamos sempre correndo.

Lá ficam atraz as portas de *S. Sebastião*, e o palacio de *Palhavã*, em que viveram os filhos de D. João V. Passâmos as *Laranjeiras*, deixâmos o principe da C··· envolvido em uma nuvem de pó, e galopâmos, quasi sem descanço, até chegar á *Porcalhota*. Apeêmo'-nos para que os burrinhos descancem. Falta-nos o estro de um vate portuense, cantor da phoca, para celebrarmos a resignação d'esta pobre raça, victima da humanidade, e principalmente dos inglezes, que montam, galopam, e chicoteiam sem dó, nem caridade.

Falta-nos o estro d'algum vate de *Jardim* para compôr um poema, desinquietando o *fallar dos salgueiraes, as selvas de jasmim, os bosques d'alecrim, e os montes de rosmaninho* da Lysia Poetica, para pedir aos inglezes que não batam nos burrinhos.

Montemos a cavallo, e partâmos.

O caminho está excellente; assim estivesse o que vae de Cintra para Collares, ou a calçada de Palmella. Em pouco tempo nos achâmos na *Ponte-pedrinha*. Além está *Queluz*, palacio de reis, fundado por D. Pedro II. Mais adiante encontra-se uma fonte singela; pouco depois descobre-se a serra magestosa, valhacouto dos mysteriosos amores de Diana com o seu Endymião.

Ao descer da calçada vê-se uma casa, que já foi fábrica de papel — porque razão, sendo hoje tamanho o consumo que se faz de papel d'imprimir, ha uma só fábrica que o fornece por um preço exorbitante? Esta gente, que é tão corajosa, quando se trata de formar companhias de dez mil contos, porque não terá ânimo, uma vez, para emprehender a formação d'um grande estabelecimento industrial? Os contos serão *contos*, ou serão realidades?

Chegâmos emfim ao Cacem. Parâmos — já se vê — ao pé da velha estalagem. Apezar de ser Cintra o logar em que a côrte se reune, e frequentada no verão por immensa gente de Lisboa, não haja medo de que aquella casa se alimpe, de que as paredes sejam caiadas. A casa do Cacem é taberna, e, se deixar de o ser, ha de vir outra taberna, tão suja como ella é hoje, tirar-lhe a freguezia. É cousa nossa.

O Cacem está a uma bôa legua de Cintra. Daqui ao Ramalhão não gastâmos uma hora.

Montemos de novo a cavallo, e partâmos para Cintra. O principe da C··· já lá vae adiante fazendo galopar o seu baio. Nós, que não somos principes, iremos agora devagar pela charneca.

Entrâmos no caminho do *Ramalhão*. À voz de *carocho* e *pechincha*, e talvez presentindo a proximidade da casa, os jumentos ganham ânimo, e tornam a levantar o maldito choito, que a principio nos encommodára. Passâmos pelo tumulo em que jazem dois irmãos rivaes. Um delles assassinou o rival, não sabendo que era seu irmão, e suicidou-se quando o reconheceu — se é verdadeira a tradição.

Finalmente chegâmos a S. Pedro.

Em frente está a quinta dos marquezes de Vianna; á direita, subindo, está a casa d'um barbeiro, que tem, em uma das meias-portas, a cortina verde pintada, e na outra um mostrador com relogios, porque o digno artista faz barbas e concerta relogios!

Para excitar o apetite bebâmos agua da Sabuga, e entremos, para descançar, na antiga e bella casa do Victor.

CORRESPONDENCIA.

Sr. Redactor:

Desde tempos immemoriaveis, anda em presença a lucta sôbre a preeminencia dos dois sexos. Eu, pela minha parte, declaro, que já passou a quadra dos Magriços, e que as senhoras tem bastante merito para poderem affrontar a crítica. Se a civilisação as vae emancipando de dia para dia, tambem, por um esfôrço parallelo, as affasta da inviolabilidade, que nada prova em seu favor.

Entretanto, o seu *constante leitor*, accusa-me de haver injuriado as senhoras decentes d'Angola. Rejeito a accusação. Quando fallava dos perigos da *saia*, referia-me apenas ás mulheres de commercio facil, que affirmo ainda serem de uma hediondez proverbial. Se ainda essas merecem ao seu correspondente alguns trechos de enthusiasmo lyrico, resta-me apenas admirar a profunda extensão da sua delicadeza.

Dos homens que se dedicam ao trafico, disse o que devia. Hoje não são só as leis eternas da humanidade, que se elevam contra esse horrivel preconceito, é tambem o mutuo accôrdo de todos os governos das nações civilisadas.

Posso assegurar ao seu correspondente, que o meu cerebro não se resentiu de modo algum, da permanencia de quatro mezes na Costa d'Africa: se em tão pouco tempo elle receou para mim esse perigo, muito mais o devo eu temer para elle, quando declara ter lá permanecido onze annos.

Quanto ao modo porque eu descrevo a Costa d'Africa, isso é uma questão de gôsto, que pouco importa; se o seu correspondente me quer refutar, é descrevê-la melhor, o que lhe não será difficil, e com mais enthusiasmo pelas suas bellezas.

Sou

Amigo e collega

Lopes de Mendonça (Rochester).

CONHECIMENTOS UTEIS.

Considerações ácêrca da alimentação do nosso gado, e do regimen especial do verde para o cavallo.

(Continuado de pag. 162.)

Verde de anaphe (trifolium melilotus sagetaeis. — Brot.) — Usa-se mais na Extremadura e Alemtéjo. Os cavallos o apreciam bastante, azafando-se com celeridade, mas nunca com a

firmeza de carnes, que dá o de cevada. Deve prestar-se em flor; pois, se é mais tenro, relaxa em demasia; e se se deixa endurecer, torna-se mui fibroso, capaz então de produzir os embolamentos de que fallámos.

Estas são as forragens, que, de proposito se semeam para verde dos cavallos; mas em certas circumstancias locaes, em que abundem outras hervas forrajosas, é com ellas que muitas vezes se pensam. Assim nas provincias do norte, tira-se partido das hervagens dos *lameiros*, as quaes, sem que compitam com a cevada, dão todavia um excellente verde. E na costa do Algarve, onde abundam os *morraçaes*, a *morraça (paspalum strictum.* — Brot.) é por certo um dos mais prestadios sustentos, que em verde se faculta ahi aos solipedes domesticos. N'outras partes, empregam as hervas espontaneas dos campos (a maior parte são graminias com algumas leguminosas e poucas cruciferas). Estas se pela mistura aprazem a estes animaes, não os refazem comtudo, tão substancialmente; e muitas vezes ha risco de os enfermarem, se acaso estão sujas de hervas irritantes ou venenosas. Os *cardos* macios e tenros são ainda por elles appetecidos, e um tanto amargosos, conveem, por esta qualidade tonica, aos que, nos primeiros tempos do regimen, exhibem alguma debilidade.

Em geral, pois, seja qual fôr o verde empregado, é conveniente limpa-lo de todas as hervas suspeitas, e presta-lo na mais propria sazão; para assim se haverem mais seguros e favoraveis resultados.

Práticas de dar o verde — Póde ser de tres maneiras, ao *prado*, á *cavallarice*, e em *alpendradas*.

Verde em prados — Deitam-se os cavallos á livre pastura, ou se praticam *cerrados* para ahi pastarem successivamente. Por qualquer dos modos, os animaes em prado — pela liberdade, influencia, da luz, ar puro e lavado, que gosam — parece que comem com mais appetite, e digerem com facilidade, logrando emfim mais alegria e saude, e sendo então muitos dos achados, mormente de molestias lymphaticas, mais dispostas a melhorarem.

Dado o verde em prado, é mister que este lhes seja appropriado, isto é, não mui humido, mas ubertoso em bôas hervas, embora rasteiras, e sempre limpo dos *phelandrios*, que por accidente padem entoxica-los, a despeito mesmo de seu instincto conservador. É louvavel a prática de os desferrar, especialmente se são novos; experimentam assim um bem-estar, que muito favorece os bons effeitos do regimen. Recolher-se-hão em dias e noites tempestuosos, permittindo a ameijôa só em bom tempo.

Esta prática de dar o verde, é — embora algumas bôas vantagens — coarctada por motivos de economia, e ás vezes mesmo de hygiene. Para o primeiro caso, diz-se, que ás sôltas, os cavallos não famintos, se deitam a correr pelos prados, espesinham os pastos; e defecando sôbre elles, enjoam-nos por este facto; de modo que assim se perde muita forragem e se inutilisam os extrumes. Assegura-se que, com uma extensão dada d'um bom prado, se tira com que ter ao verde em cavallariça, o dôbro de cavallos, que sustentaria em pasto. E tambem os fornecedores jámais permittem tal prática, a não ser por uma exhorbitancia, que, para a cavallaria do exército é superior a todo o abôno, o qual nunca excede a da forragem sêcca. Quanto á hygiene — se o verde em prado, convem a cavallos, que, por serem de meã estatura, e criados em campos, pastam sem difficuldade e constrangimento — não convirá por certo, aos de mais altura, e que, por creados á mangedoura, estão mais em habito de levantar a cabeça, e que por isso, constrangidamente se abaixam, tendo de pastar: nem convirá aos que por convalescentes e fracos appreciam mais o descanço e camas na cavallariça, nem aos de pelle fina e cauda curta, que são flagelados pelos insectos, sem meios de defeza Emfim no verde em prado, sôbre espesinharem mais do que convem, e estarem sugeitas ás vecissitudes atmosphericas, são ainda expostos a couces, mordeduras, e outros accidentes physicos, que os molestam; não se póde facilmente observar os effeitos do regimen, nem conhecer as indicações da sangria; e se esta se praticasse, havia a temer, ou que se soltasse, ou gerassem *trombus;* e nem é possivel estabelecer a transição d'um para outro regimen, que vimos quanto era altamente conveniente.

Taes são, pois, as vantagens e os inconvenientes d'este modo de dar o verde; por sua comparação parece, que estes teem mais pêso, o que nos levaria a confiar pouco em tal prática; porém ha localidades, em que podendo dispor-se de ubertosos pastos, e que são retiradas dos povoados, convem aproveitar por este modo seus proventos, mórmente para cavallos, a que dissemos estar mais indicada; mas é mister que estes não sejam em grandes manadas, a fim de melhor se poderem observar e vigiar, e por isso com Rodet, distincto veterinario militar, assentaremos, que, para o exército, é o que menos se deve empregar.

(Continúa.)

CHARADA.

Eu nem sempre significo
Uma mulher muito má;
A bordo sou um logar
Que por mais honra se dá. } 1

Sou da joven que é formosa
Delicado e tentador:
Tambem guardo muitas vezes
Ternos segredos d'amor! } 2

O meu *todo* acompanha
O sisudo namorado;
A espósa qu' atraiçôa,
E té mesmo o scelerado!

EXPLICAÇÃO DO NÚMERO ANTECEDENTE:

Charada — Andador.

AVISO.

Do n.º 26 em diante fica encarregado da redacção da parte poetica da *Revista* o ill.^mo^ sr. Augusto José Gonçalves Lima.

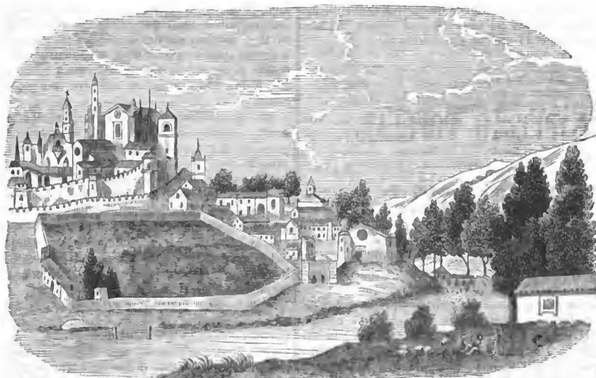
Os senhores assignantes, antigos ou novos, que subscreverem para o segundo semestre da *Revista Popular*, receberão *gratis* uma excellente *Collecção de Poesias* nacionaes.

Os senhores assignantes do primeiro semestre, que não quizerem soffrer interrupção na remessa desta folha, terão a bondade d'enviar aos senhores correspondentes, ou á direcção d'este jornal, a importancia das suas assignaturas do segundo semestre. Suspender-se-ha a remessa aos que não satisfizerem a esta condição.

PREÇOS D'ESTE SEMANARIO

Anno — 960; semestre — 480; avulso — 20 réis.

Os nomes dos senhores correspondentes acham-se publicados no n.º 19.



HESPANHA — Placencia.

No dilatado valle que formam os vertentes de alguns ramaes dos montes carpetanos, sôbre uma suave colina, banhada pelo rio Gerte, está edificada a cidade de Placencia, uma das mais principaes — a segunda — da Estremadura.

O arcebispo de Toledo D. Rodrigo Ximenes, no livro 7.º, cap. 28 da sua historia, tratando da fundação de Placencia pelo rei D. Affonso VIII, traz estas memoraveis palavras: — *Convertit manum ad novitatem operum et edificavit denuo civitatem gloriae statuit in praesidium patriae, et nomen ejus vocavit Placentiam. Convertit populos in urbem novam, et exaltavit ibi Thyaram pontificis, sacerdotio legis ordinavit eam et dilatavit terminos ensis suis.* — Estas palavras do famoso chronista, bem como os termos em que é concebida a carta de fundação, e privilegios (foral) fizeram acreditar a muitos, e entre elles, a Fr. Alonso Fernandez, nos seus annaes desta cidade, e a Tamayo de Salasar, que Placencia estava edificada nas ruinas da antiga Ambracia, cidade que fundaram os gregos, segundo o chronicon de F. Destron, os commentarios de P. Bivar, e outros auctores. As investigações modernas destruiram inteiramente supposições tão sem fundamento, sendo hoje indubitavel, que Placencia foi primitivamente edificada por D. Affonso VIII. O objecto principal, porém, desta fundação, foi torna-la um baluarte na fronteira de Castella, de que então era limite; e nesse proposito, e para aproveitar mais proveitosamente a sua importancia militar, mandou o augusto fundador levantar um alcacer, e cingi-la de fortes muralhas, com suas torres e barbacãs, que ainda hoje existem, como em nenhuma cidade de Hespanha.

A historia desta povoação é bastante rica de feitos heroicos; o desgraçado rei D. Henrique IV, acolheu-se á generosidade do conde e dos habitantes desta cidade, e alli residiu por espaço de quatro mezes, tratado com aquella dignidade e primor, proprio da sua alta jerarchia. É de certo por este facto, que Placencia tem os titulos de *muito nobre e muito leal*.

A situação da cidade é aprazivel e aformoseada pelos arvoredos que orlam as margens do Gerte. A cathedral é um bello edificio, de elegante architectura. As ruas, com quanto estreitas, são direitas e limpas, desembocando as principaes na praça maior.

Em toda a cidade existem sete praças menores, quasi todas com uma fonte — havendo nove em Placencia. Os edificios mais notaveis, além da cathedral, são sete parochias, quatro conventos de religiosas, tres de religiosos, o seminario, um hospicio, que foi collegio de jesuitas, tres hospitaes, dois palacios, o episcopal e os dos marquezes de Mirabel, e varias ermidas dentro e fóra da cidade, sendo mui bellas a da Saude, edificada sôbre a porta de Trujilo, onde se venera uma formosa e devóta imagem, debaixo daquella invocação, e a de N. S. do Porto, a meia legua da cidade, n'uma situação muito pintoresca. E o magnifico aqueducto, que a provê de bôa e abundante agua, levantado sôbre mais de oitenta arcos.

No palacio episcopal, que é vasto, porém de architectura irregular e moderna, encontra-se uma copiosa bibliotheca, a maior parte da qual pertencia tambem aos jesuitas.

Placencia tem seis portas e dois postigos — e para atravessar o Gerte ha tres pontes de pedra, que começam nas portas do Sol, Trujilo e Coria.

Esta cidade hoje acha-se em decadencia; mas anti-

gamente os seus procuradores tomavam assento nas côrtes de Castella, e os seus corregedores pertenciam á primeira grandeza.

Os seus mercados são os principaes da Estremadura, e os deliciosos fructos colhidos nos seus pintorescos arredores tem nomeada em toda a Hespanha.

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Curso d'introducção á Historia Natural dos Tres Reinos.

191. *Rochas sedimentaes.* — *Seus caracteres* — É facil descriminar estas rochas de todas as outras, quando se apresentam, como dizem os geologos, *in situ*, isto é, no logar aonde foram depositadas, porque os seus signaes caracteriscos são de commoda apreciação. Em primeiro logar são estas rochas divididas por camadas, quasi sempre distinctas, separadas por *planos de stratificação*, o que indica, que a sua formação foi lenta, que posteriormente uma causa qualquer as consolidou, e uma outra veiu fazê-las surgir do seio das aguas, para que podessem constituir os continentes, ou as ilhas, em que actualmente as observâmos. Nota-se nestas rochas a presença de numerosos restos de seres organisados, que viviam nas aguas, em que a sedimentação se effeituou, ou para alli foram trazidos dos païzes circumvisinhos, pelas correntes, similhantes ás que actualmente arrastam ao mar os despojos da devastação, que por vezes as aguas exercem nos païzes que atravessam. Constam aquelles restos, chamados *fosseis*, de esqueletos completos, ou incompletos de animaes quadrupedes, de reptís, de aves e de peixes; de conchas de molluscos, ou mariscos, como se diz trivialmente, transformadas pela maior parte em substancia mineral, de moldes interiores e exteriores, ou de impressões, que as conchas deixaram, quando sepultadas n'um sedimento ainda molle e compressivel; de restos de animaes inferiores na escala zoologica, taes como as incrinites, os ouriços do mar, muitos radiarios, polypos, etc., e, finalmente, de despojos petrificados de plantas antigas, ou de simples impressões, que os seus ramos debuxaram nos sedimentos ainda lodosos.

192. *Divisão das rochas aquosas, quanto á sua composição.* — Quem tomar varios exemplares de rochas sedimentares, e as confrontar, mesmo ligeiramente, ha de ver que todos elles se distinguem uns dos outros no seu aspecto, e nas suas propriedades. Não só variam estas, conservando-se a composição a mesma, mas a differença é consideravel, quando tem composições diversas. As rochas aquosas referem-se a tres grupos principaes, que contém a maioria das que constituem os depositos sedimentaes. São *calcareas*, *siliciosas*, ou *argillosas*.

As calcareas tem por base o *carbonato calcareo*, sal constituido pelo acido carbonico, e a cal. Ha dellas exemplos tão frequentes, que quasi todas as pedras, entre nós usadas nas construcções, pertencem a este grupo. A *cré* é uma outra variedade desta rocha. São mui faceis de reconhecer, porque, vertendo sôbre ellas uma gôta de um acido, se produz uma forte effervescencia, devida a que o acido carbonico se envolve e perde na atmosphera no estado gazoso. Estão ás vezes inquinadas por outros saes, que sendo em quantidade excessiva lhes alteram sensivelmente as propriedades, como acontece quando existe uma dóse consideravel de *carbonato de magnesia*, que transforma a rocha n'uma outra, a que dão o nome de *calcareo magnesiano*, ou *dolomia*.

São as *siliciosas* formadas principalmente de *silica*. A ella se referem as *arêas*, que tão copiosamente apparecem por todos os pontos da crusta terrestre; os *grés*, resultado da reunião de um grande número de grãos areosos, por uma pasta ou cimento, que póde ser da mesma natureza, ou de composição calcarea, ferruginosa, etc.; os *conglomerados*, ou rochas em que fragmentos arredondados, calhâus, ou seixos seliciosos se acham concatenados por um cimento commum, similhante ao dos grés. É a este grupo, que se referem tambem as *pedras molares*, de que se fabricam as mós dos moinhos.

A 3.ª classe contém as *argillosas*, que resultam da união da *alumina* (terra, ou oxydo, formado pela combinação do *aluminio* e do oxygenio) com uma certa proporção de *silica*. Reconhecem-se ordinariamente por um cheiro especial, como o que exhalam os barros vulgares. Várias são as rochas contidas nesta subdivisão. As terras, que commummente chamam *barrentas*, são um *specimen* das rochas argillosas, que são aliàs muito copiosas em certas localidades, e mui procuradas como materia prima das *artes ceramicas*, e para diversos outros mesteres nos usos industriaes.

(Continúa.)

A OPPOSIÇÃO SYSTEMATICA

PROVERBIO EM UM ACTO.

(Continuação da scena X.)

AUGUSTO — No dia seguinte devia eu fallar sôbre a *cultura* da urzella...

JULIA — E depois?

AUGUSTO — Era tal a turbação do ânimo, e o desequilibrio das minhas idéas, que, inspirado pela paixão que me consumia, fiz uma elegia pomposa a proposito, ou antes, a desproposito da urzella: trouxe para a discussão a Venus de Gnido... Heloisa... as meditações de Lamartine... e a Haidée de Byron. O presidente, com ar prosaico e pouco delicado, teve o arrôjo de chamar-me á ordem. Perdi a cabeça... saí impetuosamente, deixando os tachygraphos espantados, o discurso em meio...

JULIA — *(contrafazendo-se)* Que pena!

AUGUSTO — Era v. ex.ª que me fazia *manquer* a minha glória parlamentar...

JULIA — Não sabía que incorrèra nesse peccado de nova especie...

AUGUSTO — D'então para cá a minha vida tem sido balouçada pelas tempestades, da tribuna para v. ex.ª, e de v. ex.ª para a tribuna...

JULIA — Mas agora abjura os seus erros... e faz-se Gracho puro. Nos grandes homens o amor é um desvio... uma imperfeição...

AUGUSTO — Quanto eu a amava sabe-o v. ex.ª

JULIA — Se fôra uma verdade!

AUGUSTO — E ainda o duvída? Que sacrificios não fiz eu! Não procurei a amizade de seu pae, o meu antagonista politico, o defensor da legitimidade? Não estive a ponto de deshonrar o meu mandato, bandeando-me para o podêr, para agradar ao sr. Affonso? Não cheguei a romper com a opposição, porque a vi uma vez em Cintra dar o seu *album* a certo deputado, o mais imbecil dos poetas conhecidos? Diga-o, recorde-se.

JULIA — Desgraçadas mulheres! Que até lhe deitam á conta a volubilidade politica dos homens!

AUGUSTO — A taça estava cheia... trasbordava... Mais um desengano... mais um martyrio... e adeos amor para sempre...

JULIA — Se elle nunca nasceu...

AUGUSTO — Nunca... provera a Deos que tal fôra... não me veria n'um extremo desesperado. V. ex.ª, despresando todas as provas que eu dera da minha inabalavel fidelidade, sorriu ao desengraçado cortejo de Simão, d'esse deputado que a provincia vomitou a esta terra, para que viesse beber, pela primeira vez, agua por copos de vidro, e vestir paletot de inverno...

JULIA — É uma calumnia que lhe não perdôo.

AUGUSTO — E esses sorrisos... essas finezas!...

JULIA — Havia de reprehendê-lo?...

AUGUSTO — E a carta que elle trazia ha seis mezes no bolço para lhe entregar?...

JULIA — Não sou culpada de que elle faça declarações d'amor á algibeira da sobrecasaca... Talvez seja uso em Traz-os-montes.

AUGUSTO — E aquella polka insolentemente dançada... com toda a convicção de uma conquista?

JULIA — Bem sabe que o pobre homem se estendeu no meio do salão, e que eu fui a primeira a rir, em quanto meu pae pedia vinagre aromatico para ensopar-lhe as fontes...

AUGUSTO — E aquelle passeio a Cintra, em quanto eu fui ao Porto?

JULIA — Pois não soube a resposta que eu dei a uma estupida quadra, allusiva a mim, que elle escreveu na parede do Victor?... Pois foi curiosa!

AUGUSTO — Minha senhora, quando um homem, um deputado, se decidiu na camara a fazer opposição, e opposição ferrenha, julga que se bandeará em amor com estes contos, e desculpas inverosimeis...

JULIA — Augusto, meu Augusto, perdôo-te a tua leviandade... eu amo-te... não quero, nem sei disfarça-lo. Não queiras rasgar-me o coração com estas invectivas ferinas... amemo-nos como d'antes... perdôo-te.

AUGUSTO — Perdoar-me! a mim? Um fidalgo não se despreza impunemente. A mim? a quem se prefere o infimo dos lapuzes de S. Bento. A mim, que sei como se ata o laço a uma gravata, preferirem-me o almocreve de Traz-os-montes, que nunca passou de gibão e polainas! Sr.ª D. Julia... é impossivel...

JULIA — *(com ternura)* Queres que lhe faça uma desfeita? dize...

AUGUSTO — Já não ha reparação. A opposição inteira se envergonharia de me contar no seu gremio. Eu, o rival despresado d'um deputado ministerial...

JULIA — *(anciosa)* Farei o que quizeres... pede... manda... em nome do nosso amor... de...

AUGUSTO — Anteponho o meu orgulho de deputado ás instancias da amante; serei como Bruto... quero que o dever subjugue a natureza...

JULIA — *(com deliberação)* Tambem saberei ser mulher... Nem mais um rogo...

AUGUSTO — Era inutil. Perdi as illusões. Amava ha muito tempo. Era preciso chegar ao fim. Caso-me.

JULIA — Casa-se... podia tê-lo dito logo...

AUGUSTO — Sr.ª D. Julia, o amor é um vicio, um habito damnoso. É a quadra do vigor da edade, que se rouba á seriedade dos negocios. Aos 30 annos deve ter-se juizo. O amor é mui lindo nos livros... agradavel nos salões... incómmodo e feio na alma. Os romances aborrecem-me; os bailes, detesto-os... e a alma, essa não quero eu negra como um tição. Caso-me.

JULIA — Infeliz esposa!

AUGUSTO — É um contracto. Passar a vida n'um idyllio, em quanto a patria geme... não... isso não faço eu. E depois, hoje para casar não é o amor que se procura. O amor faz-se á vontade. Outro tanto não succede á casa, aos bens, á commodidade... porque no fim de tudo v. ex.ª ha de saber, que o amor sem inscripções de cinco por cento, sem predios urbanos, e sem acções do Banco... será o amor dos pastores de Virgilio... mas o de um homem bem-nascido... não. É um negocio de conveniencia. Caso-me.

JULIA — *(chorando)* Se eu fôsse assim egoista... prosaica...

AUGUSTO — Prosaico! Bem prosaico! Eu tambem fui poeta... tambem julguei que os amantes viviam de lagrimas e de alcorce... que voavam nos ares... e um dia achei-a a v. ex.ª voando, não nos ares, mas nos penhascos de Cintra com o deputado provinciano. E demais... preciso casar bem... porque não consta que Paulo e Virginia

nos viessem soccorrer a nós... que casamos... e que temos muito amor em casa... e nem real na algibeira.

JULIA — Cruel!

AUGUSTO — Já que assim são as mulheres, é preciso talhar o negocio á cautela. É necessario que haja bôa caução para as infidelidades..., e segurança prévia em caso de divorcio. Caso-me.

JULIA — Não posso... não posso mais *(cae no fauteuil).*

AUGUSTO — *(fazendo uma profunda cortezia)* Espero as ordens de v. ex.ª

(Julia levanta-se, sae por uma porta, e Augusto pela outra).

SCENA XI.

MARIANNA E SIMÃO RODRIGUES.

MARIANNA — Meu marido não sabe o que faz... Não respeita as conveniencias sociaes... parece que não vive com certa ordem de gente...

SIMÃO — Eu não tenho a honra de saber com quem elle vive... sei unicamente que, percebendo a inclinação que tenho por sua linda filha... me honra e felicita, tomando-me por genro...

MARIANNA — Sr. Simão, isto não é negocio de votação. O senhor quer propôr a lei, e que nós votemos em massa, como nas côrtes. Bem vê que entre gente de certa jerarchia... e depois, as conveniencias sociaes...

SIMÃO — Não sei quaes sejam neste caso...

MARIANNA — Não admira, veiu de Vinhaes... ou de Trancoso... d'onde veiu o sr. Simão?

SIMÃO — Eu, minha senhora, vim de Traz-os-montes, como procurador do povo...

MARIANNA — Pois então saiba — se o ignora — que minha filha... falla-se... já se tem espalhado a meia voz... é um caso de honra...

SIMÃO — Espalhado a meia-voz... caso de honra? Se v. ex.ª me explica... *(afflicto).*

MARIANNA — Falla-se, posto que não officialmente, que vae casar com Augusto de Mello, filho de Diogo de Mello, que foi senhor da casa de...

SIMÃO — Que ouço!...

MARIANNA — *(continuando)* Alcaide-mór de Tondella, desembargador da Casa da Supplicação...

SIMÃO — É sempre o meu implacavel adversario...

MARIANNA — *(continuando)* Commendador de tres commendas na ordem de Christo, e Santiago...

SIMÃO — E o maldito é tudo isto... e eu...

MARIANNA — *(continuando)* Que foi casado com D. Beatriz da Atouguia, filha de João...

SIMÃO — Por quem é, minha senhora; basta de ascendencias. Creio que sua filha não casa com uma arvore genealogica...

MARIANNA — Minha filha casa com egual. Na minha linhagem foi este sempre o uso. Nunca pude admittir casamentos deseguaes... são a ruina do matrimonio e o deslustre das familias. Estes senhores burguezes que nos levam tudo, deixem-nos isto ao menos.

SIMÃO — Nada mais razoavel. Mas attenda v. ex.ª, que a minha posição...

MARIANNA — Ora, deputado! isso é elle tambem!

SIMÃO — *(impaciente)* É cavalleiro da ordem da Conceição...

MARIANNA — *(com desdem)* Por um decreto, e elle nasceu commendador.

SIMÃO — É sobrinho de um secretario geral, que tem senhoria de juro?

MARIANNA — Senhoria? isso dá-se agora aos regedores...

SIMÃO — Sinto immenso desagradar a v. ex.ª; tenho, porém, a convicção de não ser indifferente á sr.ª D. Julia, e de ter por amigo honrado e caprichoso o sr. Affonso Domingues. V. ex.ª interessa-se por Augusto?

MARIANNA — Sou sempre advogada do merito... Sei que o querem deprimir... mas elle vencerá.

SIMÃO — Sempre appello para o podêr moderador, que ha de revogar a sentença.

(Continúa.)

POESIA.

Que vês além?

AO MEU AMIGO — A. A. SARMENTO.

> De l'avenir, toi qui sais le mystère,
> Enfant des mers, ne vois-tu rien là-bas?
> *Bouchard a Mr. de Lanat.*

Que vês tu? Que vês além?
Que vês tu no mar revôlto?
No vento, que ruje sôlto
Que açoutar as ondas vem?
Que vês no cimo do monte?
Que vês nas aguas da fonte?
Nas harmonias que tem
Dos astros serenos lumes,
De toda a terra os perfumes,
Que vês tu? Que vês além?

Que vês na terra e no céu?
Dentro em minha alma derrama,
Toda a luz da pura chamma
Qu' illumina o genio teu!
Tu tens crença, amor, ventura,
Os mimos da formosura!
E dos mysterios o véu,
Os anjos te vão rasgando,
Quando te dizem, passando,
Que vês na terra e no céu?

Vês a aurora? Vês a luz?
Vês a vida, a liberdade?
Vês dos povos a egualdade
Santificada na cruz?
Vês o céu abrir-se puro?
Rasgar-se o manto ao futuro,
Que nas trévas nem reluz?
Vês na geração nascida,
Outra crença e outra vida,
Vês a aurora? Vês a luz?

Que vês tu calado e só?
A tua fronte inda infante,
Triste nuvem, n'um instante,
Toldou de negrura e dó!
É que o porvir é sombrio,
Como a corrente d'um rio,
Involto no lodo e pó?
É que tu perdeste a esp'rança,
E te perguntam — criança,
Que vês tu calado e só?

Que estrella se te apagou,
Que te não surja mais bella,
Como os lyrios da capella
Com que a virgem se adornou?
Ergue a fronte, vive e canta!
A missão que tens é santa,
Foi ella que te inspirou!
Tu lês no livro vedado,
Não lhe escrevas descuidado,
Que estrella se te apagou!

Não queiras tambem, como eu,
Soffrer a dôr de Gilberto!
Pedir a fonte ao deserto!
Pedir os astros ao céu!
Pedir aos homens alento!
Comprar co' a vida o sustento!
Morrer como elle morreu!
As illusões mais douradas,
Vê-las aos pés esfolhadas,
Não queiras tambem como eu!

Responde, que vês além?
Vês trévas, ou vês aurora?
A virgem sorri-se, ou chora,
Que affagar teus sonhos vem?
Os seus passos são tardios?
Procura escusos desvios?
É verde a palma que tem?
Responde, falla, apparece,
Essas nuvens desvanece,
Responde, que vês além?

A. E. Zaluar.

Academia das Sciencias.

A academia das Sciencias vae abrir um *Curso elementar de Historia Natural*, que ha de principiar no 1.° d'outubro e acabar em maio ou junho do anno seguinte.

O curso será dividido nas seguintes partes: — 1.ª Noções elementares de physica e chimica. — 2.ª Noções elementares de geographia physica e de geologia. — 3.ª Mineralogia. — 4.ª Zoologia. — 5.ª Botanica.

Constará o curso de cem lições, a tres por semana.

REVISTA DA SEMANA.

Tem-se dito e escripto um milhão de vezes, que a posição do *revisteiro* é critica e difficil nesta epocha de poesia bucolica, sôbre tudo, em que a sociedade de Lisboa se dispersa para tomar banhos, e colher as florinhas do campo. Neste anno, porém, as difficuldades da situação diminuiram consideravelmente. Lisboa, a insipida, desta vez deixou de o ser. Os espectaculos, que eram poucos, augmentaram em número e explendor. A posição do folhetinista de Lisboa, póde-se dizer que é invejavel, quando os folhetinistas de París, cançados de explorar, apenas encontram para contar aos seus leitores, alguma nova intriguinha da liga monstruosa de Thiers com Falloux e Montalambert.

A Providencia dos chronistas lisbonenses acudiu-lhes desta vez, conduzindo a princeza Marianna dos Paizes-Baixos, ao lazzareto de Belem; trazendo a este porto um vapor egypcio, e multiplicando o número dos espectaculos.

O leitor lembra-se de que o conduzimos a casa do Victor. Estamos em Cintra; mas revistaremos Lisboa tambem, para satisfazer os exigentes, que são capazes de ralhar por tudo, e que, acostumados a encontrar n'um enigma as provas da incapacidade litteraria dos redactores, poderão accusar-nos de um tremendo abuso de confiança, se os levarmos á Pena, antes de lhes dizer o que vae por Lisboa, tão injustamente calumniada pelos folhetinistas.

Revistemos a correspondencia. A primeira carta é perfumada e elegante — vejâmos o que contém. É uma poesia — *Ainda um beijo* — dedicada ás damas. Ellas que lh'o agradeçam, meu vate. Dirija-se ao *Jardim* das ditas.

N. B. — Se lhe der na cabeça dedicar algum beijo ás *saloias*, queira consultar o sr. Silva Leal, que é pessoa competentissima.

Segunda carta: é assignada por um *Incognito*. Parece-me uma especie de resenha dos annuncios d'espectaculos. Vejâmos:

«Sr. Redactor: — Lisboa está muito divertida. Temos macacos da India na Rua Larga de S. Roque, na casa em que morou a phoca. Acham-se na companhia d'um elephante e duas giboias. Temos camellos no Rocio, que foram chamados para dar áquelle theatro todas as apparencias do deserto. No Campo de Santa Anna ha touros, e como estes já não attraem muita gente, ha tambem cavalhadas e torneios para divertir o público. O sr. Alpompé quer levar a palma da bravura e ferocidade.... do seu gado. Na quinta do Bacalhoeiro temos tambem o Hypodromo — corridas circienses de damas, jogos olympicos, corridas de beduinos e de cavallos barbaros.

«O *Amor da Patria* (circo estabelecido ao pé da Patriarchal) faz cabriolas e dá saltos mortaes.

«No Gymnasio representa-se agora *Á porta da rua*, e *Eva e Avó*, comedia em dois actos, composta por um dos pseudo-redactores do *Pharol*.

«José Osti estabeleceu o *Jardim de Venus* no Campo Grande.»

Adiante. Aqui temos um que se queixa d'um enigma. — Remettida a correspondencia para a columna dos disparates.

Cá vem outro queixar-se do sr. Mendes Leal, porque escreveu uma carta com que encheu tres columnas e meia do jornal. — É verdade que o sr. Mendes Leal fez uma carta extensa; mas diga-me, estimavel assignante, a *Revista* tem por ventura abusado alguma vez da paciencia dos seus assignantes, publicando o preço dos fundos, os nomes dos correspondentes, e um expediente extenso, como se tem feito, e se faz ainda, nos jornaes que Deos tem, e nos que vivem actualmente? Tenha paciencia. A direcção agradece a sua advertencia; mas crê que tem dado provas de que deseja sinceramente satisfazer o público. Quando quiz publicar os nomes dos seus correspondentes, e o prospecto do *Almanak*, fez um supplemento á folha Quem é que tem feito o mesmo?

Adiante. Esta traz noticias más. — «Despede-se um assignante, porque não gosta da explicação d'uma charada.» Dirija-se ao *Jardim Litterario*, que é eminente neste genero.

«Morreu um proprietario honestissimo, caridoso e bom como ha poucos — o sr. Antonio José dos Reis.

«Morreu J. M. Pires, cabelleireiro, a viuva annuncia que o seu estabelecimento continúa como d'antes, debaixo da direcção dos seus antigos e excellentes officiaes.

«Tem morrido muitas pessoas de repente.»

Vamos ver a última: «A princeza Marianna visitou o Passeio no dia 3, e o aqueducto no dia 4. Comprou tres exemplares do *Panorama de Lisboa*, desenhado pelo sr. Monteiro. As serêas, que não encontrou no Passeio, foi admira-las ao aqueducto, onde se acham mal feridas da última campanha.

«O Lopes de Mendonça teve mais uma decepção. Acreditava na poesia do Oriente, e deixou de crer quando visitou o vapor *Sharkey*. Diz o sobredito Lopes, que o vapor é um pouco mais sujo do que costumam ser os navios inglezes. O illustre folhetinista queria talvez dizer — os francezes. — Foi lapso.

«O *Braz Tisana* participa ao público, que o seu collega Martinho Alvellos Durão e Companhia prepara e vende na sua botica, aos Martyres, um xarope que cura a *phtysica tuberculosa*.

«O mesmo *Braz* diz, que o ex-presidente Polk, dos Estados-Unidos, morreu de uma desintheria chronica, tendo de edade 54 annos, 7 mezes e 13 dias.»

Vejâmos os jornaes. Está sôbre todos o *Correio das Damas*:

Ao sacro templo
De amor tyranno,
O Desengano
Levou-me um dia.

Basta — basta. Não quero ler mais. Já estou desenganado. E o patriarcha dos folhetinistas a affagar esta miuçalha das anacreonticas! Muito póde o amor da patria, e a fraternidade politica!

«Como Theseo, voltando victorioso da sua expedição aos infernos...» Vejo-me livre do *Correio*, e vou cair nas garras do *Esculapio*. Arreda, mensageiro da *cholera*. Longe vá o teu ruim agouro!

Não quero ler mais periodicos. Saudêmos de longe o respeitavel *Braz Tisana*, e vamos sair.

O passeio até á Regaleira é o primeiro que a todos lembra. A quinta da Regaleira pertenceu antigamente a um clerigo, que mandou pôr, na rua principal, as cruzes da Via-Sacra. Por essa rua se vae á fonte, que é a de melhor agua, que por estes arredores se encontra. A quinta pertence hoje á ex.ma baroneza da Regaleira. As melhores obras que nella se teem feito é a rua que fica por cima da estrada, e o caminho para a prêsa. A fonte está arranjada sem gôsto. Parece que naquella parede da frente quizeram fazer deposito de quantos pratos quebrados havia em casa. Está simples, e de bom gôsto, o pequeno largo, que assombra o castanheiro. Na estrada ha um banco, que fica tambem á sombra do castanheiro. Se a camara quizesse collocar naquelle sitio dois dos candieiros que hoje possue, sería alli o ponto de reunião de toda a gente, á noite, visto que o *peixe frito* [1] não chama grande concorrencia.

Ouve-se em Cintra, á gente do bom tom, o mesmo que se ouve em Lisboa: «Que monotonia! Que insipidez!» E de feito, para elles assim é. Está muita gente em Cintra, e parece que não é assim. Apenas ao domingo se nota algum movimento. Toda a gente vae á missa, e alguma vae de tarde a Seteaes. Os outros dias são o desespêro dos janotas, que morrem d'aborrecimento, se não podem deixar a solidão que os enfada, e partir para o Marrare, para a sua patria, para a *estufa-bilhar* em que as suas qualidades janoticas se desenvolveram e brilham.

No dia 3 deu o marquez de Vianna um jantar na sua quinta de S. Pedro. Eram de mesa 21 pessoas.

Acabará esta *revista* com a narração d'um facto, que merece logar distincto nos annaes folhetinisticos. Veiu a esta villa um certo inglez, magro, alto, filiforme, senhor d'uma bôa phtysica pulmonar, e de uma espôsa tão bôa como a phtysica. Ha poucos dias estava jantando o ditoso par, e queixou-se o marido de que o jantar não estava bem temperado. Irritou-se a espôsa com aquella censura, e, sem mais tir'te nem guar'te, atirou-lhe com um prato de batatas. Era uma lástima ver o pobre inglez. Corria-lhe das faces para a casaca, e da casaca para o chão um rio de molho, em quanto duas batatas mais brandas, apegadas aos cabellos, lhes davam uma apparencia extranha, caricata, que se não póde descrever.

O inglez perdeu aquella fleugma habitual, que caracterisa a gente do seu paiz, e, levantando-se furioso, descarregou sôbre a espôsa criminosa um diluvio de bofetões. Pouco a pouco faltaram-lhe as fôrças — encostou-se á parede — podia apenas respirar depois daquelle violentissimo esfôrço.

Seguindo todas as regras da bôa tactica, tinha a espôsa esperado por esta occasião para se vingar. Apenas o vio fraco e abatido, lançou mão d'um çapato, e com elle o fustigou até mais não podêr.

A este conflicto succedeu a reconciliação, como é d'uso em casos d'estes. A ordem restabeleceu-se, e o inglez continuou a usar do seu musgo com leite.

FR. GERUNDIO.

[1] O *peixe frito*, em Cintra, é a musica. Sirva d'explicação para os que não frequentam a villa das queijadas.

CORRESPONDENCIA.

Temos em nosso podêr, ha duas semanas, uma carta em resposta á do sr. Mendes Leal, relativamente ao *Templo de Salomão*. Por falta d'espaço não a publicámos até agora, e mesmo para satisfazer a algumas reclamações de diversos assignantes d'este semanario. O auctor da carta promette a analyse do drama; por ella esperâmos.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Considerações ácêrca da alimentação do nosso gado, e do regimen especial do verde para o cavallo.

(Continuado da pag. 178.)

Verde á cavallariça — Teem-se os cavallos nesta, como no penso sêcco, isto é, prêsos á mangedoura, na qual se deita a herva ou ferrejo serrotado. Esta prática de verde é mais usada do que a antecedente, e embora tenha alguns inconvenientes, attenuam-se estes facilmente, sendo quiçá compensados por bem valiosas vantagens. Assim, allega-se como anti-economica, no tocante á despeza da ceifa e transporte da forragem, cousa insignificante, fazendo ceifar pelo palefreneiro, e estabelecendo os ferrejaes e mais proximo do logar de consumo: — e tem-se como anti-hygienica, pela falta de liberdade, que não só lhes véda o arbitrio da escolha dos alimentos, nascendo d'ahi o menor appetite, e disposição ás indigestões, mas coarctando o exercicio e movimentos suaves, predispõe ás inchações das pernas e outras edemacias, fazendo os cair em maior fraqueza: — e ainda anti-hygienica, por se dar o verde murcho de mais, ou ardido, com perigo de saude, e se sujarem mais frequentemente as cavallariças em consequencia da purgação, cujo cheiro é mui tedioso. Ora estes inconvenientes desfazem-se em grande parte, permittindo o exercicio regular em quotidianos passeios, com os quaes desapparecem as ingorgitações e se abre o appetite; prestando-lhe a forragem ceifada de poucas horas; e em quanto passeiam, arejar e limpar bem as cavallariças, acceiando as mangedouras. Além disso o verde á cavallariça tem de seu lado a vantagem de podêr prestar-se ao cavallo, tanto quanto fôr mister, e farta-se aqui com muito menos do que comeria ou estragaria nos prados; de permittir a limpeza corporal, o que é summamente hygienico, pois vale tanto uma dóse de almofaça, como uma bôa ração; de poder-se mais exactamente conhecer os effeitos do verde, e regular e satisfazer ás suas indicações; de ser facil dar-se-lhe algum grão, se acaso se exigem trabalhos mais pesados, e tambem o de melhor estabelecer as transições; finalmente o de os subtrair melhor a todas as intemperies.

Como corollarios do que acabâmos de expôr, dão todos os tratados de hygiene veterinaria os seguintes preceitos, para bem sortir o verde á cavallariça.

1.° A cavallariça limpa todos os dias, e por mais de uma vez, bem arejada, deve conter um terço menos de cavallos, do que o ordinario

2.° Almofaçar estes todos os dias, e, sendo possivel, banha-los n'um rio.

3.° Dar-lhe passeios quotidianos, pelo menos de duas horas, e pela fresca.

4.° Regular do melhor modo a distribuição do penso; para o que se devem ter presentes as seguintes regras:

I. — Nunca fazer provisão de forragem ceifada, mas sim corta-la á medida que se precisar, quatro a cinco vezes por dia quando é de cevada, duas a tres quando de anaphe; porque esta, como leguminosa, leva mais tempo a murchar.

II. — Não a amontoar, ou deixar em molhos, porque assim póde arder, fermentando á custa da sua agua, ou da do orvalho, chuva, etc.; pelo contrário se estenderá o melhor possivel, virando-a e revolvendo-a por algumas vezes, a fim de se enxugar e murchar convenientemente.

Estes dois preceitos, são mui desattendidos, quer no exército, quer mesmo em casas particulares, pois ceifam quasi sempre a forragem de vespera, e conduzida em carros, fica de sôbre estes ou em outra qualquer parte amontoada.

III. — Dar o verde cinco a seis horas de ceifado, e se durante este tempo se houvesse murchado de mais, por se ter exposto ao sol, se borrifará ligeiramente por meio de um pequeno regador.

IV. — Presta-lo a pequenas porções, e serrotado, de modo que cada cavallo tenha diante si cousa de seis a oito arrateis; pois este animal repudia a herva que seu halito humedeceu.

V. — A ração ordinaria é por dia de oitenta a cem arrateis, e consumida 24 horas, por dôze a quinze comidas. No intervallo d'estas, é que se devem almofaçar, banhar e passear.

VI. — Finalmente, ainda que os cavallos postos a verde sejam pouco sequiosos, é todavia bôa prática o prestar-lhe agua branqueada com alguma sêmea fina, e levemente salgada, ou nitrada, conforme as circumstancias.

(Conclúe.)

DISPARATES.

Senhor Redactor.

Vio-se no ultimo Numero do seu Jornal a explicação que Vossa Senhoria deu ao enigma que havia publicado no Numero antecedente. Diz Vossa Senhoria que o Papa ao Sol posto estava á Sombra — esta sahida, confeço, S.r Redactor que fez rir á maior parte dos seus Assignantes — porque dizem elles que só havendo Sol, é que há Sombra, e que por isso não havendo Sol ao Sol posto, que tambem não há sombra, sendo por isso ridiculo o enigma. Dizem mais que se deixe Vossa Senhoria de inserir no seu Periodico bacatelas taes e tão mal arranjadas, porque escusa de estar dando uma prova de incapacidade litteraria, nada desculpavel. Dizem que ninguem pedio para que o seu Periodico fosse tão barato, e que por isso Vossa Senhoria tem obrigação de adornar as Columnas do seu Jornal com materias que illustrem: — que se deixe de comedias, e Sonetos, porque isto não lhe compete — Redija Vossa Senhoria artigos bons, tome por modelo, o Panorama, e então terá Vossa Senhoria as honras, que competem a quem sabe dirigir um Papel litterario. Por hoje não digo mais, do mais que poderia dizer, só lhe peço que, por seu proprio interesse, publique esta na sua integra com os Commentos, que lhe aprouverem, e com a explicação da razão em que se funda a explicação do enigma, porque emfim bom é apprender.

Se não apparecer publicada recorrerá a outra Imprensa o de

Vossa Senhoria

1.° d'Agosto de 1849.

Assignante

* * *

ANECDOTA.

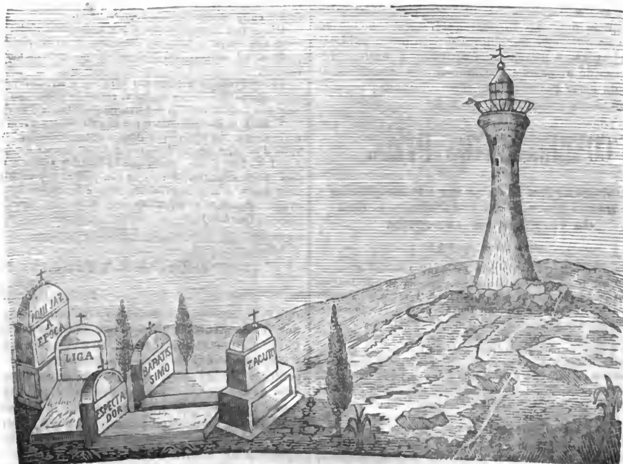
Perguntou um indiscreto a Talleirand, que saía do conselho:

— Então, principe, o que se passou no conselho?

— Passaram-se quatro horas, respondeu tranquillamente o diplomata.

EXPLICAÇÃO DO NÚMERO ANTECEDENTE:

Charada — Receio.



O PHAROL E O CEMITERIO.



— E eu que vinha comprar os números que me faltam!!

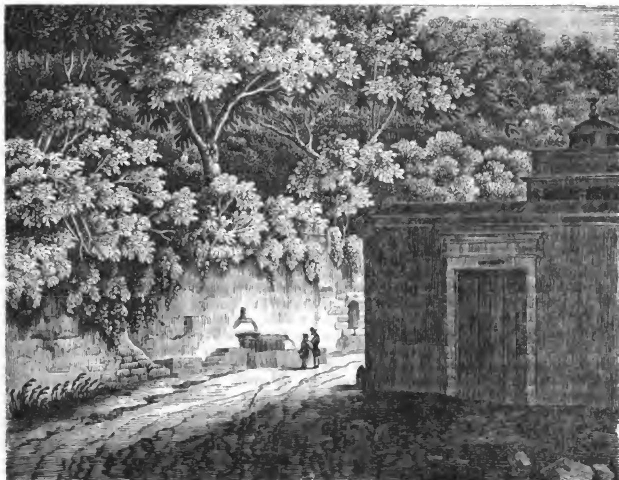
— Será isto um sonho!!? Eu que vinha dar um artigo para este jornal!!



— E nós que vinhamos pagar as nossas assignaturas!!!

ADVERTENCIA.

Os senhores assignantes do primeiro semestre, que não quizerem soffrer interrupção na remessa desta folha, terão a bondade d'enviar aos senhores correspondentes, ou á direcção d'este jornal, a importancia das suas assignaturas do segundo semestre. Suspender-se-ha a remessa aos que não satisfizerem a esta condição.



CINTRA — Os Pisões.

Um album pittoresco de Cintra, seria uma bôa obra a emprehender, se cá neste paiz, como em terras mais cultas, as bôas emprezas fôssem apreciadas.

Ao pobre sobram muitas vezes os desejos e o bom gôsto, mas faltam-lhe os meios.

Sobram aos ricos os meios, mas falta-lhes, geralmente, a instrucção.

Não temos um album de Cintra, e os inglezes já o possuem. O que fizeram extranhos não o fazemos nós por indolencia, por ignorancia, por máu gôsto.

Não se queixem da falta de artistas, porque os ha; quem fez o *Panorama de Lisboa*, por exemplo, póde muito bem copiar as vistas de Cintra. O que falta é que algum homem se resolva a comprar menos um eleitor, para ter mais uma obra d'arte.

A nossa estampa representa o sitio denominado dos *Pisões*. Na estrada de Cintra para Collares, é um dos melhores pontos. Pensará alguem que o nome do sitio vem de ter alli existido algum monumento dedicado aos *Pisões*, a esses mesmos a quem Horacio dirigiu a sua epistola — não é provavel. O mais notavel é que o nome do sitio e da fonte derive d'alguns pisões, que ahi se creassem n'outro tempo, auxiliados pela rega copiosa das aguas da serra [1].

[1] Vidè — *Cintra Pittoresca.*

A estrada neste ponto ainda é bôa, e póde-se considerar soffrivel até *Seteais*. D'ahi para diante é escabrosa, desegual, e de tão difficil transito, que a muitos repugna segui-la, e della fogem, se a necessidade os não leva a frequenta-la.

Parece que aquella estrada miseravel, nas visinhanças do paço, em que a côrte se reune durante o estio, está alli para exemplo do estado em que se acham os caminhos de Portugal; parece que as camaras assim a conservam de proposito para que o chefe do estado conheça praticamente as difficuldades do transito, e se lembre todos os dias das estradas, que o paîz inteiro reclama.

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Curso d'introducção á Historia Natural dos Tres Reinos.

193. *Edade das rochas aquosas.* — As rochas sedimentares são ainda susceptiveis de uma divisão, cujos

grupos representam outras tantas edades, ou *epochas geologicas*, em que se póde dividir a *historia physica da terra*, desde os mais remotos tempos, até aos nossos dias.

Nós vimos já, com vários exemplos citados, a possibilidade da producção de novas rochas, de qualquer natureza, devidas á acção das causas que perpetuamente agitam a superficie e o seio da crusta solida do globo. Estas observações são, porém, comparativamente modernas, e os primeiros sabios que prestaram alguma attenção aos factos geologicos acreditavam que a crusta do globo fôra produzida de um modo diverso do que hoje adopta, como provavel, a sciencia.

As primeiras hypotheses emittidas sôbre a origem, e progresso physico da terra, foram quasi inteiramente dictadas por um sentimento religioso, pela necessidade de subordinar as explicações physicas da geologia á palavra inviolavel, á letra rigorosa das divinas escripturas. No primeiro livro do *Pentateuco*, a que, por conter a historia da creação, deram os interpretes gregos o nome de *Genesis*, vem narrada a origem da terra, e circumscripta a sua formação aos seis dias chamados da *creação*. A tradição divina passou durante seculos, escudada pela auctoridade infallivel da egreja, e acreditou-se geralmente, que a fábrica inteira do universo nascêra do cahos, se ordenára sob o imperio das leis inexoraveis da materia, e tomára a sua fórma e harmonia permanente no curto periodo que assignavam os primeiros versetes daquelle livro de Moysés. Os sabios, forçados a inscreverem todas as peripecias e catastrophes do drama sublime da creação, dentro daquelles limites estreitissimos, crearam systemas, em que se explicava a formação da terra por um modo abrupto, instantaneo.

Muito longe nos levaria a narração de todos os systemas, mais ou menos extravagantes, que nos primeiros tempos da geologia se imaginaram, para dar conta da origem e formação do globo terrestre. Não o faremos por não ser este o logar opportuno. Baste-nos o saber, que a essas theorias exclusivas, que attribuiam todos os phenomenos geologicos á agua, ou ao fogo, subordinando a sciencia aos limites de tempo, que as letras divinas pareciam circumscrever, succedeu uma doutrina mais ampla, mais racional, e que traduz mais logicamente os factos observados.

Todas as rochas que compõem a crusta do globo se reputam hoje como pertencentes a periodos geologicos diversos. Não foi o oceano primitivo que depôz, n'uma epocha limitada, as substancias mineraes que continha em dissolução, e que, agglomeradas no seu leito, produziram as rochas, por uma acção primitiva e unica. Pelo contrário, as rochas, aquosas e igneas, tem sido formadas successivamente, com largos intervallos de tempo, e de modo tal, que é impossivel, á simples inspecção de certas accamadações, ou series de stratos, não concluir que uma larga serie de seculos não haja decorrido desde a deposição dos stratos mais inferiores, até á consolidação dos mais modernos.

As rochas sedimentares tem, pois, várias *edades*.

Estas edades não se podem avaliar absolutamente. Não é possivel, recopilando os dados mais minuciosos e exactos da geologia, assignar a uma rocha fossilifera um número exacto de seculos de existencia. Toda a determinação é *relativa*. A geologia só se propõe classificar taes rochas pela sua ordem successiva no tempo. A sciencia é sufficiente para dividir o tempo em relação á terra em um certo número de epochas. Qual seja a grandeza precisa de cada uma, ninguem o póde resolver.

A edade das rochas aquosas póde reconhecer-se por varios caracteres:

1.° É evidente, em face do que temos dito sôbre similhantes rochas, que de duas camadas contiguas na serie dos terrenos, a superior é mais nova que a outra em que repousa. O mesmo se póde dizer de duas series distinctas de camadas, de duas formações, de dois terrenos independentes, um dos quaes se sobrepõe ao segundo.

A *sobreposição* é pois um dos primeiros signaes chronologicos para as rochas sedimentares.

2.° Contendo as rochas aquosas vestigios ou restos, mais ou menos perfeitos e visiveis de corpos organisados, animaes e vegetaes, contemporaneos do terreno em que se encontram, é facil concluir, que se estes animaes ou plantas podem classificar-se segundo a sua successão e ordem chronologica, teremos um meio infallivel de assignar ás rochas, que os contém, as suas edades comparativas. Os restos de seres organisados, os *fosseis* poderão assim prestar o officio das medalhas, que nos ajudam a concordar e verificar a chronologia humana.

O estudo accurado da geologia, auxiliado d'este modo pela paleontologia, ou sciencia dos *fosseis*, tem ensinado, que em certos terrenos predominam certas fórmas de organisação, que foram proprias e exclusivas d'esses terrenos, e que se extinguiram para sempre quando terminou a epocha geologica a que taes terrenos se referem. A observação mostra mais, que outras formações superiores são caracterisadas por novos typos, novas fórmas organicas, que dominaram durante um novo periodo, e depois se perderam, cedendo o passo a novas creações tambem hoje perdidas.

Reflectindo nestes factos, summariamente apontados, é facil concluir, que o estudo e determinação dos *fosseis* é um dos recursos poderosos a que o geologo póde soccorrer-se para fixar e edade relativa das rochas sedimentares.

(Continúa.)

A nova colonia de Mossamedes.

(Conclusão.)

No nosso primeiro artigo pronunciámo'-nos pelo systema restrictivo, em quanto a relações mercantis com as nossas provincias do Ultramar; é certo, porém, que á creação de qualquer systema de commercio colonial, deve preceder; em primeiro logar, o conhecimento exacto, minucioso e severo de cada uma dessas possessões, e dos seus recursos naturaes; em segundo logar, um plano maduramente pensado para a civilisação e colonisação daquelles remotos paizes.

É indubitavel que a maxima difficuldade que se oppõe á realisação desta idéa generosa é a quasi impossibilidade de attrair áquellas terras braços robustos de colonos europeus, pela insalubridade, sem dúvida exag-

gerada, e muito, de algumas das nossas mais importantes possessões. Com effeito, tem-se dito tanto da mortifera influencia do clima, que apezar de todos os esforços dos escriptores mais recentes, que tem tentado louvavelmente destruir este prejuizo, que o é — e fatal — por muito tempo não será facil chamar para lá os braços que, emigrando da mãe patria, vão em paiz estranho desenvolver todos os germens da riqueza, que podia ser a nossa.

Seja-nos licito emittir a nossa opinião a similhante respeito — o estudo consciencioso das obras que temos sôbre possessões ultramarinas, e as informações que havemos tomado de quem por lá viveu largos annos, auctorisam-nos a formar um juizo muito differente do que até aqui se tem feito, a respeito da insanidade das nossas terras de Africa. Temos a convicção — e felizmente não somos só nós — de que essa insanidade, que, repetimos, tem sido largamente exaggerada, ou não existe em muitos pontos, ou é em grande parte remediavel.

Por consequencia achâmos, que debaixo d'este ponto de vista a civilisação e colonisação póde emprehender-se por meio de colonias de europeus, comtanto que não sejam *degradados*. Esta colonisação, porém, não póde emprehender-se só e exclusivamente com brancos; se a raça europea, pela sua superioridade intellectual, e pela sua actividade e industria, póde fazer surgir da terra riquezas que ella tem escondidas no seu seio, ha de carecer dos braços indigenas; e por isso, attrair, ligar aos nossos interesses, civilisar, instruir os indigenas, é um dos primeiros passos para a prosperidade das nossas possessões, e esses fins não podem conseguir-se sem o estabelecimento immediato de numerosas e bem regidas missões no interior; este meio é de provada efficacia, e o mais poderoso e unico adoptavel em terras de Africa.

Admittida a possibilidade de colonisar *primitivamente* com europeus, ficava aos nossos governos, que tem o dever restricto de velar pelos interesses de toda a monarchia, promover todos os meios conducentes a este fim Uma circumstancia importante veiu applanar este caminho; não queremos rasgar feridas que ainda sangram, fallando da perseguição inaudita e atroz, em muitos casos, movida contra os portuguezes residentes no imperio do Brazil — seria uma historia longa — mas é certo que essas gravissimas desintelligencias, que devem ser tão fataes para ambos os paizes, que *a cegueira ou a ignorancia* procura desunir, quando a natureza os ligou com tão fortes vinculos, ameaçando profundamente o nosso commercio e navegação, e por consequencia a nossa situação economica, habilitam-nos por outro lado a encetar energicamente a verdadeira colonisação das nossas colonias com *brancos*; nem ha que hesitar agora — a hesitação seria um êrro.

As últimas noticias trouxeram-nos a agradavel noticia de que, em consequencia das louvaveis providencias do governo portuguez, depois das sanguinolentas perturbações de Pernambuco, perto de *duzentos* colonos, entre elles trinta a quarenta chefes de familias, operarios, lavradores, se haviam voluntariamente offerecido a ir residir em um ponto dado das nossas possessões d'Africa, garantindo-se-lhe certas vantagens; com effeito esses colonos, transportados na galera *Tentativa Feliz*, e escoltados pelo brigue de guerra *Douro*, segundo nos informam, chegaram felizmente a Mossamedes, onde já se achavam muitas familias de commerciantes e lavradores opulentos, que chegaram directamente do Brazil, e outras mesmo da capital da provincia — Loanda.

Estas circumstancias são já de muito feliz agouro: em quanto, porém, a Mossamedes, intendemos que é o ponto mais proprio e mais bem escolhido que dar-se póde; e para que nos não accusem de exaggerados, copiaremos para aqui a passagem seguinte, de um livro que, pela curiosidade e variedade de noticias que contém, devia andar na mão de todos [1]:

«Esta bahia, diz o capitão-tenente P. A. da Cunha, hoje commandante da náu *Vasco da Gama*, no relatorio impresso naquelle livro, olha ao O. e tem a margem do Sul mais extensa que a do Norte, e mais alta, sendo formada de barreiras de grés, coroadas por uma camada de pedra mui rija propria para edificar. Do extremo oriental das barreiras péga um extenso areal, que limita a bahia até á ponta do Norte. Da costa do Sul da bahia sáe um baixo que corre N. NE. até quasi meia distancia da ponta do Norte, e que é muito perigoso, por isso que nem sempre rebenta. Na parte do Norte da bahia desemboca um rio, a que o gentio dá o nome de Bélo, que só traz agua no tempo das grandes chuvas, mas onde sempre se acha cavando no alveo. Este rio, a tres dias de marcha por o interior, traz agua todo o anno; porém, daqui para baixo, todo se infiltra pelo terreno, ou se evapora, a menos que não haja grandes chuvas. Estas circumstancias se dão em muitos rios desta costa. Mui perto da bahia se divide este rio em dois braços, dos quaes, um se dirige á bahia, como fica dito, e o outro se dirige á costa, a pouca distancia da ponta do Norte da bahia, a um sitio chamado *Loguengo*: as margens d'este rio estão *bem guarnecidas de bôa madeira, e o terreno por onde passa é de bôa qualidade e susceptivel de muita cultura*, havendo actualmente alguns arimos onde o gentio (as mulheres) cultiva milho, feijão, abobora e mandioca, em mui pouca quantidade, e apenas sufficiente para seu consumo. Ha no fundo da bahia, a cousa de cem passos da praia, uma nascente de mui bôa agua, entre uns juncaes, que alli abundam, e este logar é tanto ou mais facil do que em Benguella para fazer aguada para os navios. O gentio serve-se da que procura em cacimbas no alveo do rio, naturalmente por ser esta, que é muito melhor, um pouco distante da Libata, ou povoação de Sobeta Mossungo, que está assente a uma milha da praia da bahia, e ao NE. — Para o lado da ponta do Norte *ha lagôas* de agua salgada, que *produzem muito bom sal*, de que comprei uma porção ao gentio, para supprimento do navio, e do qual apresentei amostras ao contratador d'este genero em Loanda. Possue este povo bastante gado vaccum, do qual me venderam o necessario para fornecimento da corveta, durante os trinta dias que alli me demorei. É, porém, no vasto territorio dos lubaes, povos essencialmente pastores, e mui proximos da bahia, onde a *quantidade do gado é incalculavel*, e capaz de supprir as exigencias da mais vasta especulação, a quererem aquelles povos vendê-lo, como é provavel, mas não certo; pois que muitos povos d'estes sertões repugnam vender em

[1] Estatistica de Lopes Lima.

grandes quantidades o gado que possuem, porque parece que o tem na mesma conta, que os nossos bens vinculados, e que se mede a importancia e consideração do individuo pelo número de cabeças que possue. A urzella cobre os arredores em quantidade inexgotavel e de superior qualidade.... O peixe abunda na bahia em tão grande quantidade, que em todo o tempo que alli me demorei pescava diariamente em hora e meia até duas horas da manhã 10 a 15 arrobas, pela maior parte de muito bom pargo, que de muito me servia para sustento da guarnição.... Esta bahia de Mossamedes dá muito melhor abrigo aos navios, que a de Benguella; tem um desembarque sempre seguro, mesmo nas maiores calemas; está muito mais proxima dos ricos sertões de lubaes, Quilengues, Jau, Huila, e Caconda, do que aquella; e é *muito mais sádia*, provado pelo perfeito estado de saude da minha guarnição, apezar do contínuo trabalho de faxinas em terra, e aguada, que necessariamente os trazia expostos á intensidade do sol no zenith, e a frequentemente se molharem.»

É escusado accrescentar cousa alguma a esta descripção feita por homem, que ninguem negará que é competente; já se vê, pois, que todas as circumstancias concorrem para tornar este estabelecimento importantissimo — accrescendo, que o *Sertão* visinho a Mossamedes é riquissimo de producções de toda a especie, e povoado de gentio, mais brando, mais tratavel, mais susceptivel de educação do que o de outra qualquer parte da provincia.

É indispensavel, porém, que o governo, prestando a mais séria attenção a este negocio, não falte com os necessarios meios; a quantia votada em côrtes (18 contos de réis), é insufficientissima; é preciso que o Thesouro faça um sacrificio; que proteja seriamente o estabelecimento dos colonos, attraindo assim novos colonos áquelle ou a outros pontos; que crie novas missões no interior, para a civilisação dos indigenas, e para os chamar ás proximidades dos nossos estabelecimentos na Costa; é preciso que dê as mais explicitas instrucções ás respectivas auctoridades, para que não haja desleixo da parte de algumas; é preciso, finalmente, animar a navegação nacional, e apontar-lhe aquelle caminho.

Portugal cobriu-se de glória com as suas importantissimas descobertas e admiraveis conquistas: a sciencia e audacia dos seus navegadores, e a espada dos seus capitães, são talvez quem lhe conserva o logar vantajoso que ainda occupa entre as nações. As descobertas já não são possiveis para nós; as outras nações andaram muito, em quanto nós dormiamos sôbre os louros dos nossos guerreiros; as conquistas são egualmente impossiveis; mas, já que nos faltam estes dois objectos em que outr'ora desenvolvemos a nossa actividade, tomemos outro rumo — a mão que manejava a espada e a lança, dirija o arado e a charrua; os capitães que, nas pôpas dos alterosos galeões, mandavam ás procellas, e ao brado da sua voz poderosa e energica destruíam as náus de Cambaya, e castigavam a insolencia dos piratas da Hollanda, dirigindo os modestos *mercantes* — vão desenvolver a essas terras, que o genio dos nossos avós nos legou, o commercio, a riqueza, e a vida. Glorificámo'-nos pelas armas; glorifiquemo'-nos pelo trabalho! E o trabalho é o pensamento, e a base da civilisação nova.

Neste artigo tivemos unicamente por objecto chamar a attenção do governo, de todos os que présam as nossas cousas, para objecto de tão grande transcendencia. Oxalá que aproveite!

A OPPOSIÇÃO SYSTEMATICA

PROVERBIO EM UM ACTO.

SCENA XII.

OS DITOS, E AFFONSO, *entrando á pressa.*

AFFONSO — Alviçaras, alviçaras, meu pae da patria! *(com jubilo)*.

SIMÃO — Então sempre lhe pagaram as letras? Já era tempo...

AFFONSO — Quaes letras... O Jellachich acaba de dar uma sóva naquella manada de hungaros!

SIMÃO — Viva a ordem! *(abraçando-o)*.

AFFONSO — Os russos... *(cançado)* os russos... ai que bisarma!... são 300:000 homens!

SIMÃO — Adeos xifarotes da democracia... adeos *fraternidade*...

AFFONSO — E é só o primeiro corpo. Confirma-se a noticia — entraram na Transylvania! Parabens, parabens.

SIMÃO — Os bons principios triumpham sempre... As hydras vão levando cresta...

AFFONSO — Se o Luiz Philippe torna a cima, e o russo mette pé cá na Allemanha, então, creio-o firmemente, ainda havemos de ter Junta do Commercio...

SIMÃO — E companhia do Grão-Pará... porque então volta o Brazil para nós...

MARIANNA — Não cantem victoria antes de tempo.

AFFONSO — Tens-te feito uma digna proselyta dos *sans-culottes*, républicos, ou vermelhos, como por ahi dizem...

MARIANNA — Qual é a mulher d'espirito que não ama o progresso e não odeia a burguezia. Por ella tem vindo todo o mal ao mundo...

SIMÃO — É, minha senhora, o grande elemento constitucional, o penhor seguro da ordem...

MARIANNA — Se tal é, agradeço-lhe a ordem... ordem com vivas, e com ursos e lapuzes que não sabem entrar n'um salão, e dão *vossemecê* a torto e a direito..

AFFONSO — Eis o fructo das prégações do sr. Augusto. Desejaria que entendesses bem, que não quero que a minha casa seja o primeiro phalansterio de Portugal...

MARIANNA — Augusto, sempre Augusto... É um

cavalheiro nobilissimo e desinteressado, que se fez democrata a bem da humanidade...

Affonso — Agradeço-lhe, pela parte que me toca... mas detesto-o. V. s.ª sabe lá, sr. Simão... não levou o arrôjo a dizer-me que isto de realeza era um contracto!

Simão — Oh! sacrilegio constitucional! Atacar a inviolabilidade do throno!

Affonso — E que o rei era o povo...

Simão — Hi! Jesus!...

Affonso — E até me disse, que a minha herdade do Alemtéjo era da humanidade... Da humanidade! Que tenho eu com a humanidade! A herdade que me custou vinte contos... e que só em amanhos anda por um conto e seiscentos...

Simão — Socialismo! socialismo! Querem que nós, os proprietarios de 1:000 geiras, façamos ainda em cima um requerimento humilde, pedindo meia geira para semear um faval...

Marianna — Adão não fez testamento...

Simão — Mas fê-lo meu pae, no tempo em que se deitavam girandolas quando o rei saía...

Affonso — Havia de ser galante, que o sr. Augusto, socialista, ou vermelho, viesse arrancar-me a fortuna para a repartir pela familia humana... e minha filha, para não sei que...

Simão — *(rindo)* Era bem para ver... A courella de tal ao senhor de *Inski*, nobre polaco, democratisado, e emigrado em Veneza...

Affonso — E o meu bacello... ao criado de M. de Lamartine...

Simão — *(rindo)* E a Quinta-Nova á lavandeira de Ledru-Rollin...

Affonso — *(com humor)* E até metade do meu chinó ao guarda portão do signor Kossuth... se m'o não levassem todo.

Simão — Eis a vontade do sr. Augusto, e da sua plebe...

Affonso — Se Augusto fôsse meu filho, desherdava-o.

SCENA XIII.

OS MESMO E AUGUSTO.

Augusto — É inutil. Como sou vermelho estou desherdado por convicção. Os meus antepassados legaram-me uma soffrivel fortuna; e eu que não era ainda socialista, tive o instincto milagroso de que a propriedade era o roubo. Segui á risca o preceito do evangelho — vendi os meus bens, e reparti-os pelos pobres.

Marianna — É o talento que se revéla... é a nobreza genuina, esta que os burguezes villões nunca souberam...

Augusto — Mas para que o sr. Affonso, não podendo desherdar-me, me não confisque, voltei a traz para buscar esta bengala... bem vê que é elegante *(meneando-a)*.

Affonso — Sempre esperei que o sr. deputado tivesse a delicadeza de me não vir prégar o socialismo em casa. Ai, minha pobre filha com taes doutrinas! Que perversão! Daqui a pouco prégavam-lhe a promiscuidade...

Augusto — Retiro-me... ahi ficará o sr. Simão, para lhe ensinar o absolutismo, o orçamento, as operações mixtas, e a regra de juros... E para fazer de sua filha uma freirinha de Odivellas...

Affonso — É a minha soberana vontade.

Augusto — Ah! já reconhece a soberania do povo... se os russos foram derrotados...

Affonso — *(affanoso)* Derrotados!

Augusto — Com a bagatella de 5:000 homens fóra de combate... e a tomada de Buda...

Affonso — É uma falsidade.

Augusto — Pergunte-o ao embaixador inglez, que acaba de presentear-me com esta notícia, e com um macaco de Gibraltar... são muito lindos estes monos...

Simão — Mas conte lá, collega...

Augusto — Nada... vou com pressa... Ai os meus constituintes da Ilha Brava... ai o café... ai a cultura da urzella... Á camara... á camara! *(sae precipitadamente)*.

SCENA XIV.

OS DITOS *menos* AUGUSTO.

Marianna — Ahi tens as tuas notícias... Não se porfia assim com um homem da moda... Se tu não queres ser vermelho, e almoçar com o ministro inglez...

Affonso — Nada tenho com isso... o que sei é que o tal sr. Robespierre será d'ora em diante recebido nesta casa com o mais profundo desagrado... e que o sr. Simão Rodrigues será d'hoje ávante...

Marianna — O que será elle?

Affonso — Genro de Affonso Domingues, negociante matriculado desta praça, e antigo deputado...

Simão — Pois o senhor tambem já foi deputado?

Affonso — Da Real Junta do Commercio *(fazendo uma venia)*.

Simão — Meu sogro!
Affonso — Meu filho adoptivo! } *(abraçando-se)*.

Marianna — Que vergonha para uma familia de qualidade! Que scena tão burlesca... se a sabem é uma anecdota galante para folhetins e conversações! *(vão-se)*.

SCENA XV.

JULIA *só*.

Ultrajou-me... esse que fôra o meu primeiro amado... Quem diria que uma tal atrocidade se

havia de commetter... Ama-se, recresce o amor da parte da mulher... chega ao cumulo... e o homem então diz: «Estou abhorrecido — caso-me.» Casa-se, mas com outra; casa-se para adquirir fortuna; casa-se para comprar o direito de zombar da nossa credulidade a seu sabor; casa-se para se vingar das mulheres! Não poderei resistir a tão amargo trance... mas antes quero tambem vingar-me delle!... Resolvi: caso com Simão; caso com esse homem feio... acanhado... sem maneiras... sem nascimento... «Olha, Julia, é tal o vigor da opposição que faço a Simão, que para o contrariar, deixaria que me cortassem uma perna...» Pois bem, para vingar-me, basta-me Simão. Irei para Traz-os-montes, onde não ha bailes, nem theatros, nem modistas... nem mesmo pomada para os labios... Mas depois... *(sae).*

SCENA XVI.

CARLOS, *saindo de uma porta interior, e* AUGUSTO *da outra.*

SIMÃO — Venci o casamento!

AUGUSTO — Ainda não sei como escapei ao matrimonio!

SIMÃO — Ah! sr. Augusto! *(com espanto).*

AUGUSTO — Não se admire... *(resoluto, e começando a procurar).*

SIMÃO — Perdeu alguma cousa?

AUGUSTO — Se dá licença, saltou-me a carteira, foi quando ha pouco puxei do lenço... *(apanhando-a)* Ah! ella cá está.

SIMÃO — Agora já póde retirar-se.

AUGUSTO — Posso... mas com a carteira. Como aqui se advoga o devorismo, podia por cá perder-se... e ficar eu sem ter hoje com que ir ao *Matta*, e depois ao theatro.

SIMÃO — Isso é uma pessoalidade!

AUGUSTO — Será... mas além disso tenho aqui dentro os apontamentos, que tirei hontem na camara quando o senhor rosnou...

SIMÃO — Isso é um insulto.

AUGUSTO — Ah! já percebe? Reservo-os para logo... hão de ser o seu sudario... o menor que lhe hei de notar será a pronúncia gallega...

SIMÃO — A pronúncia! o que eu tenho de mais puro e oratorio...

AUGUSTO — E a intonação... hei de compara-lo a um realejo...

SIMÃO — Sr. Augusto *(formalisado).*

AUGUSTO — Hei de chamar-lhe nora parlamentar.

SIMÃO — É demais...

AUGUSTO — Lá ha de ser peior... Faço hoje rir o proprio presidente...

SIMÃO — E eu chamo-o á ordem...

AUGUSTO — E eu chamo-lhe boleguim e apagador...

SIMÃO — Ora, sr. Augusto...

AUGUSTO — Agora sou implacavel... jurei-lhe o odio de uma opposição cruel: se o senhor fôr para a opposição, offereço-me, quando mais não seja, para correio dos ministros; se o senhor votar milhões, eu não voto nada; se quizer economia, eu quero desperdicio; se fôr socialista, faço-me cosaco...

SIMÃO — Vae já passando as raias...

AUGUSTO — Amanhã no jornal chamo-lhe *Pandora*, e Demosthenes de Trancoso...

SIMÃO — *(resoluto)* Bem... ceve o seu furor; faça opposição ferrenha; esmague-me com o pêso da sua indignação...

AUGUSTO — Hei de fazer uma *émeute* na camara.

SIMÃO — Vá... vá fazê-la... Faça-me favor de annunciar á mesa... que não posso comparecer.

AUGUSTO — Não comparece!... e a questão dos vinhos?...

SIMÃO — Estudo-a hoje á mesa com meu futuro sogro.

AUGUSTO — Com seu sogro! *(admirado).*

SIMÃO — É verdade; antes de encerradas as côrtes... estou casado...

AUGUSTO — Casado! *(sempre com espanto).*

SIMÃO — Em quanto o presidente o estiver chamando á ordem, estou eu *aqui* tranquillamente, dispondo, com meu sogro, os arranjos do casamento.

AUGUSTO — Aqui? nesta casa?

SIMÃO — Pois onde quer v. s.ª que seja, se a noiva é a sr.ª D. Julia.

AUGUSTO — Isso é uma mentira!

SIMÃO — Não, senhor, é uma vingança *(sae).*

(Conclúe.)

POESIA.

(N'UM ALBUM.)

Um livro inda em branco!... que idéas desperta
Fagueiras, na mente crestada, e sem flor!
Que fonte suave na plaga deserta!
Dos tempos passados a historia compôr!

Nos tempos passados, as folhas da vida
Tambem tive em branco. — Que dôce não é
Sonha-las escriptas na letra querida,
Que agora a noss' alma procura e não lê!

Não é essas folhas, de vida tão cheias,
Tão cheias d'encanto, quaes rosas d'abril;
Não lê, não soletra, de mil epopéas
Os cantos que a mente sonhára infantil.

Sonhára-os a mente... Foi sonho e mais nada,
Que o sôpro do mundo, passando, levou;
Qual pallido lyrio, do vento á rajada,
Balouça, sossobra, definha, e seccou.

Um livro inda em branco! memoria perdida
Dos sonhos d'infancia, que ingenua inda crê
Nas pranchas caducas do livro da vida,
Zombar da tormenta, sorrir-lhe de pé

Mas lá vem dos tempos as vozes malditas
Dizer que eram sonhos, chimera, illusão.
E vemos da vida nas folhas escriptas
Saudades sómente dos sonhos em vão.

A. de Serpa.

VIAGENS.

As ilhas Mascarenhas.

Nas primeiras viagens á India, descobriram os portuguezes as *ilhas Mascarenhas*, a l'este das *ilhas do Almirante*. A descoberta, despresada por nós, foi aproveitada pelos francezes, que desembarcaram nestas ilhas em 19 de novembro de 1742, e tomaram posse no 1.° de novembro de 1756, em nome do rei e da companhia das Indias. São estas ilhas as que hoje se conhecem pelo nome de *Sèchelles*.

Foram as Sèchelles abandonadas tambem pelos francezes até 1768, epocha em que o bravo capitão Marion Dufrène, que foi depois devorado pelos antropophagos da nova Zelandia, mandou levantar a planta do archipelago. O engenheiro Barré, descobrindo os cocos da ilha de Palma (Praslin), mostrou a necessidade d'uma nova expedição, que chegou ás ilhas em 13 de junho de 1769.

Deixou a expedição estas ilhas em 14 de julho, e no mez d'agosto do anno seguinte, um tal Brayer, da ilha de França, desembarcou negros e operarios na ilha principal (Mahé) para fundar um estabelecimento. Favoreceu-o a admistração franceza, até que reconheceu nelle uma ambição desmedida, e excessiva má fé. Foi então obrigado, não só a suspender a sua protecção, mas tambem a prendê-lo como pirata, no anno de 1772. Nessa epocha emigraram da ilha de França para as ilhas Mascarenhas mais de trinta colonos. Em 1778 a colonia achava-se crescida, e o administrador da ilha de França estabeleceu em Mahé um destacamento. Em 1789 o governo prometteu concessões aos que emigrassem para a nova colonia, e reuniu ao dominio a pequena ilha de Sant' Anna.

Existia então nesta ilha uma só casa — a do primeiro colono, que se estabelecêra no archipelago. Este homem, que se chamava *Hougard*, servia como marinheiro em um navio que arribou ás ilhas. Pediu que o depozessem na ilha de Sant' Anna, e, como lhe dessem negros, armas, e instrumentos de lavoura, fundou, em pouco tempo, um bello estabelecimento. As suas terras, as mais ricas das ilhas, eram cultivadas, em 1802, por mais de duzentos negros!

A população do archipelago, em 1789, era de 20 brancos, 9 negros livres, e 221 escravos. Esta pequena colonia enviou, em 1791, uma petição á assembléa legislativa, para que lhe concedesse as mesmas garantias e vantagens das outras colonias. Os 20 colonos receberam com prazer um plano d'organisação provisoria; mas o espirito revolucionario apoderou-se delles, quizeram mostrar que conheciam os direitos do homem, formaram uma assembléa colonial, uma municipalidade, um juizo de paz, e — para que nada faltasse — não lhes esqueceu a guarda nacional! O número, porém, era tal, que n'um só recaíram os logares, um pouco incompativeis, de presidente d'assembléa, governador civil, e juiz de paz. A guarda nacional, composta de 5 homens, nomeou commandante geral; e o representante dos administradores da ilha de França, podêr executivo, conservou apenas da sua authoridade, o direito de sancção.

Pouco durou esta parodia de governo constitucional. Uma esquadra ingleza, que por alli passou, obrigou a assembléa a fazer um tratado, e a entregar o podêr soberano ao governador. A colonia prosperou então rapidamente. As escunas do archipelago, em virtude do tratado, poderam navegar no mar das Indias, o commercio tornou-se mais extenso, e a população augmentou. Pouco tempo depois já lá se achavam perto de 80 familias, e 2:000 negros.

Em 24 d'abril de 1811 as Sèchelles passaram a ser inglezas, como a ilha de França e a ilha Bourbon, em 1810. Desde então até agora tem sempre prosperado. Contam-se hoje no archipelago mais de 7:000 almas.

(Continúa.)

CONHECIMENTOS UTEIS.

Considerações ácêrca da alimentação do nosso gado, e do regimen especial do verde para o cavallo.

(Conclusão.)

Verde em alpendradas — É um processo mixto, que consiste em estabelecer, n'um parque escaçamente pascigoso, mas acercado de bons ferrejaes, uma alpendrada ou coberto, dentro do qual se colloca uma mangedoura, onde se deita verde, o qual os cavallos que em plena liberdade vagueiam pelo parque, vão espontaneamente ahi comer. Esta prática, junta ás vantagens do verde em liberdade, as do prestado em cavallariça, sem carregar com nenhuns de seus inconvenientes; por quanto, soltos no parque, ahi pastam as poucas hervas, fruindo todos os beneficios da liberdade, sem soffrerem as vicissitudes do tempo, pois em horas de mais calor recolhem ao coberto, que é assas ventilado, e o mesmo fazem em noites frias, encontrando nas mangedouras as verduras supplementares. Todavia é pouco generalisada tal prática, menos talvez pelo unico inconveniente, que Rodet lhe aponta — de os cavallos timidos e fracos serem acossados pelos mais fortes, que os não deixam comer sufficientemente — do que por não estar antes em habito, e se reputar dispendiosa, talvez sem fundamento. Nós julgâmos, que assim como se aconselha para os bons effeitos do leite e aguas ferreas, na medicina humana, tomar estas cousas, aspirando a alacrida-

de que inspira o campo; assim o verde dado quasi nas mesmas intenções diatheticas ao cavallo, provaria melhor se se completasse a imitação, pela adopção da prática das alpendradas.

Duração do regimen do verde — É regulado por um mez, pouco mais ou menos, nos regimentos de cavallaria. Muitas pessoas, para o não perderem, dão-no em quanto o teem. Nem um, nem outro modo de proceder é hygienico — por quanto haverá circumstancias individuaes, que exijam umas mais, outras menos tempo de regimen, e são essas circumstancias, como o habito, á fadiga, a edade, o temperamento, estados morbidos, etc., a que deve attender-se na determinação do tempo ou dura do regimen. Em geral, até que se tenha alcançado o effeito desejado, como o restabelecimento da saude, e refeição das carnes, se deve continuar com o penso verde, cessando logo que isto se tenha attingido, a fim de evitar o habito á herva fresca, que nasce pela diuturnidade, e que faz repugnar depois a forragem sêcca, a ponto de emagrecerem, faltos d'uma sufficiente nutrição. Tem-se arbitrado a menor duração a 15 ou 20 dias, e a maior a 30 ou 40.

Precauções a tomar depois do verde — Estando a terminar este, é conveniente passar para o sêcco, tambem por uma justa transição, diminuindo successivamente o verde, e fazendo crescer o sêcco, até este constituir o total penso. Tirados do verde, é com precaução que sujeitaremos os cavallos a seus trabalhos ordinarios. Não nos devemos fiar nos movimentos impetuosos e turbulentos que ostentam, para desde logo exigir trabalhos mais pesados; pois, como já o dissemos, este vigor é ephemero, e por isso jámais assenta n'uma fôrça real. Se assim se deixa de proceder, não admira que appareçam aguamentos, achaques do peito, manqueiras, que os põe por muito tempo inhabeis para qualquer serviço, tornando-se mais sendeiros do que o estavam antes de postos ao regimen.

Terminaremos com isto as considerações que julgámos importante produzir ácêrca do regimen verde do cavallo. Occasiões teremos de, pela imprensa, aconselharmos outras mais medidas hygienicas, tanto a respeito d'este, como de outro gado, pois é a sua hygiene uma das partes, entre nós, mais despresada, sendo aliàs de tão facil applicação, nada dispendiosa, em comparação dos gastos, que, por sua imprevidencia, acarreta o tratamento das enfermidades; gastos muito maiores, quando entregues a charlatães, que os arruinam, ou absorvem n'uma stulta polypharmacia, um valor superior ao do animal.

S. B. Lima.

ANECDOTAS.

No prato da carne vieram em um dia para a mesa dois cabellos. Um sugeito, que os viu, disse para a criada: — É melhor servir os cabellos á parte, porque nem todos gostam d'este tempêro.

Um individuo, de curta intelligencia, achou uma inscripção em letras de bronze sôbre certo monumento antigo. Desejoso de saber o que significava a inscripção, tirou as letras, metteu-as n'um cesto, e mandou-as a um archeologo seu conhecido.

DISPARATES.

Sobrescripto.

S. N. R.

Illmo Snr Dr N......

Medico dos Partidos das Camaras Municipaes das V.^as de......

do Cirurgião das Freg.^as da Saude Publica

C..... 3/9 1848 Illmo Snr

Pello oVicio q̃ Recebi, p.^a bem dasaude publica; de q̃ me acho en Carregado das Freg.^as q̃ Vem a ser; .... e .... e ...., preciso de V.^a S.^a saber se ha novid.^e ePidemica em .... e o m.^mo tempo se ha ePidemia de Bexigas q^r em Meninos, como em adultos para assim faser o meo Mapa Nozologxlico Etiologico, e Patologico, isto espero de V S^a a mor determinação Ficando de V S^a am^o Vr^or

O Cirurgião em Carregado da Saude Publicas destas Freg.^as

N...

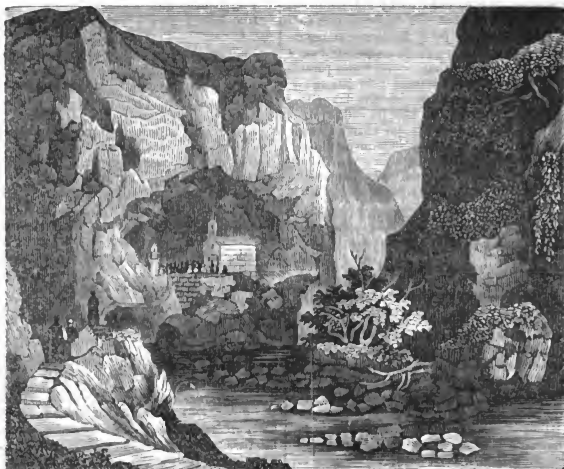
Os senhores assignantes do primeiro semestre, que não quizerem soffrer interrupção na remessa d'esta folha, terão a bondade d'enviar aos senhores correspondentes, ou á direcção d'este jornal, a importancia das suas assignaturas do segundo semestre. Suspender-se-ha a remessa aos que não satisfizerem a esta condição.



MUITO PÓDE QUEM AMA!!

Do n.° 26 em diante fica encarregado da redacção da parte poetica da *Revista* o ill.^mo sr. Augusto José Gonçalves Lima.

Os senhores assignantes, antigos ou novos, que subscreverem para o segundo semestre da *Revista Popular*, receberão *gratis* uma excellente *Collecção de Poesias* nacionaes.



SECILIA — MALTA — A Gruta de S. Paulo.

(FRAGMENTO.)

. . . .

PARTINDO de Marsala, amigos viajeiros, se quizerdes recorrer as costas orientaes da Secilia, tocareis de passagem na ilha de Malta, que seus orgulhosos moradores chamam a *Flor do Mundo*, quando é apenas um esteril penhasco, que foi, em tempos muito remotos, covil de piratas e de miseraveis pescadores. Os cavalleiros da inclita ordem de S. João de Jerusalem, durante a sua larga denominação na ilha, a fortificaram e embelezaram, construindo novos e magestosos palacios, fundando hospitaes, edificando egrejas, e estabelecendo um immenso arsenal.

A Grã-Bretanha, a quem hoje pertence, tem outhorgado a Malta isempções e privilegios, que lhe dão muita valia, e não pouca importancia politica e commercial, entre as ilhas do Mediterraneo. A sua situação topographica entre a Európa e a Africa, e os seus maravilhosos portos, que a põe a abrigo de todos os ventos, tem-na constituido grande deposito dos ricos productos commerciaes do Oriente. Vereis em Valeta, capital da ilha, o magnifico palacio dos grãos-mestres da ordem, habitado hoje pelo governador inglez. Existem, porém, naquella magnifica residencia, os retratos dos mais illustres cavalleiros jerusalemitanos que governaram em Malta. Vereis alli o retrato do grão-mestre Pinto, tão celebrado pela sua severidade e desmedido orgulho; o de Rohan, a quem os maltezes deram merecidamente o titulo de *Principe sabio e benefico*; o de Hompesch, último grão-mestre da ordem, desterrado por Napoleão, quando os francezes occupavam a ilha, no anno de 1792. Os habitantes de Valeta vos designarão o nobre palacio do sr. Parisi, onde esteve hospedado o grande capitão do nosso seculo, e o porto de S. Paulo, onde se apresentou ameaçadora, e com bandeiras despregadas, a esquadra franceza. Vereis, finalmente, em Valeta, a egreja de S. João, e o seu pantheon subterraneo, que encerra, em urnas de marmore branco, as cinzas dos mais esclarecidos varões e esforçados campeões da ordem, que se distinguiram por suas virtudes civis, ou por suas proezas militares.

Malta e os ilhotes de Gozo e Comino, que formam como um grupo no meio do mar, tem cento e setenta mil habitantes, dos quaes trinta e dois mil residem em Valeta, cidade principal. Cêrca de nove mil almas contém a povoação de *Notarel*, antiga capital de Malta. O resto dos habitantes está distribuido entre outras pequenas cidades e aldêas.

Na *Notarel*, ha junto á sua cathedral a muito famosa gruta de S. Paulo, em cujo centro se encontra a estatua daquelle apostolo das gentes, corroida pelos annos e pela devoção dos fieis, que lhe tem arrancado alguns fragmentos dos pés e das mãos!

Os maltezes, que se distinguem entre os povos da Europa e Africa, pela sua estupidez e grosseira superstição, acreditam que as pedras desta gruta tem a milagrosa virtude de sarar ou curar toda a especie de enfermidades, e que não podem exgotar-se porque apenas se vão arrancado umas, faz S. Paulo nascer immediatamente outras em seu logar. Estas pedras tem a apparencia de pequenas conchas, e são muito parecidas com a fórma da lingua humana; pelo que se conhece, que formam parte de antigo deposito das ondas.

A vista da gruta collocada ao lado da cathedral, é de agradavel e formosa perspectiva, que chama a attenção do viajante e do poeta, que se sinta inspirado por sublimes pensamentos religiosos.

S. Costanzo.

ARTE TYPOGRAPHICA.

A Imprensa Nacional de Lisboa.

Por vezes, referindo-nos a este utilissimo estabelecimento, havemos feito justiça á sua administração, que incontestavelmente merece os encomios de todos os homens illustrados, pelos serviços e esforços que tem empregado em pró da arte.

A Imprensa Nacional, comprehendendo todas as officinas proprias para a impressão typographica, chalcographica e lythographica, é, no seu genero, como temos dito sempre, e repetimos, um estabelecimento completo, e unico no paîz.

A Imprensa Nacional de Lisboa tem á sua disposição os meios artisticos sufficientes para acompanhar, sem grande desvantagem, guardadas as devidas proporções, os paîzes mais adiantados na arte typographica; e se os seus productos parecem, em parte, desmentir esta asserção, devemos attribuir a sua imperfeição relativa ás causas que temos apontado nos nossos artigos sôbre arte typographica, que não á Imprensa Nacional; sendo comtudo certo, que algumas edições tem saído dos seus prélos, entre as quaes contâmos a *Historia de Portugal*, do sr. A. Herculano; a *Virgem da Polonia*, do sr. conselheiro Bastos; e a *Historia do Cêrco do Porto*, do sr. Luz — que muito honram este estabelecimento, e que podem affoutamente soffrer comparação, não diremos já com as edições *nítidas* de Parîs e Bruxellas, mas indubitavelmente com as *bôas* edições publicadas nesta última cidade.

Para que os nossos leitores, uma grande parte dos quaes não leu talvez o bem elaborado relatorio do ill.^mo sr. Marecos, actual e digno administrador da Imprensa Nacional, possam avaliar a sua importancia e utilidade, apresentaremos os seguintes dados estadisticos, sufficientes, em nosso entender, para dar uma idéa geral, assim de uma, como da outra.

A Imprensa Nacional de Lisboa, além de muitos apparelhos, machinas, etc. de menor valia, possue actualmente:

Dezenove prélos manuaes, todos de ferro, pelo systema de parafuso, ou *Stanhope*.

Um prélo grande columbiano de *Gaveaux*.

Um dito, pequeno.

Um grande e bello prélo mechanico, de *Gaveaux* (que tira e retira 800 a 900 folhas por hora), movido por uma machina de vapor da fôrça de tres cavallos.

Um pequeno dito.

Um *mouton* para a reproducção de vinhetas e ornatos.

Um laminador, e uma serra mechanica de *Laurent y Deberny*.

Apparelhos galvano-plasticos para a reproducção de vinhetas.

Apparelhos de stereotypia.

Uma grande collecção de moldes, matrizes de todos os corpos, e punções.

Uma machina para moer a tinta.

Quatro bons prélos lythographicos.

Dois torculos para a impressão chalcographica.

Chapas dos Breviarios e Missaes Romanos, algumas originaes do célebre gravador *F. Bartollozi*.

Uma prensa para lustrar o papel antes de impresso.

Um prensa hydraulica para o assetinamento do papel impresso.

Uma prensa manual para o mesmo fim.

Tres ditas supplementares.

E os seguintes empregados e operarios:

Administrador geral	1	
Empregador da contadoria	4	
	—	5
Alçadores		5
Um director da officina typographica	1	
Compositores	41	
Impressores	16	
Ajudantes dos ditos	16	
Carpinteiro	1	
Serventes	2	
Serralheiros	2	
	—	79
Puncionistas	3	
Fiel do armazem dos typos	1	
Fundidores	9	
Aprendizes	2	
	—	15
Director da lythographia	1	
Lythographos	3	
Desenhadores effectivos	2	
Servente	1	
	—	7
Mestre da fábrica das cartas	1	
Pintores, bornidores, etc.	4	
Serventes empregados na prensa hydraulica	2	
	—	7
Fieis, etc.		6
Mestre da eschola de typographia		1
Aprendizes		6
		—
Total		131

2 commissarios de venda, em Lisboa — 3 revisores, etc. etc.

As *folhas* semanaes andam, termo medio, por 400 a 500 mil réis.

Ha, além d'isto, um excellente monte-pio, de que fazem parte todos os empregados e operarios, que já conta tres e meio annos de existencia, tendo distribui-

do: em 1846 — soccorros pecuniarios, e de botica e cirurgião — 114$209; em 1847, idem — 288$895; em 1848, idem 498$678 réis.

O muito que a actual administração tem feito, conservando em excellente pé, apezar das desfavoraveis circumstancias do paiz, o estabelecimento a seu cargo, estabelecimento que vive *unicamente* dos seus proprios recursos, faz com que todos concebâmos as mais lisongeiras esperanças, em relação ao futuro delle, que importa o aperfeiçoamento da arte entre nós.

E, com effeito, consta-nos que o sr. Marecos tenciona empregar todos os esforços para melhorar a composição do metal de que se fundem os typos, em que, todavia, temos a convicção profunda de que pouco haverá a fazer — e a tinta, que, pela sua má qualidade, torna, neste ponto, muito inferiores as nossas ás edições francezas, inglezas e allemãs, e mesmo hespanholas.

Pela nossa especial posição conhecemos e sabemos avaliar devidamente o zêlo que anima o sr. Marecos, e os esforços que emprega constantemente por melhorar assim os recursos artisticos da Imprensa Nacional, como a situação dos operarios que nella trabalham; e por isso atrevemo'-nos tambem a indicar os artigos, sôbre arte typographica, publicados no presente volume, convencidos de que nelles se encontram algumas idéas, e se propõe alguns meios, cuja efficacia não seria talvez inutil experimentar.

A OPPOSIÇÃO SYSTEMATICA

PROVERBIO EM UM ACTO.

(Conclusão)

SCENA XVII.

AUGUSTO *só*.

Ora esta é galante... Quer a mãe casar-me — e eu desengano a filha. Quando estava mui bem descançado, pensando ficar celibatario por mais alguns annos, apparece-me este homem, e despede-se com um triumpho!.., Nada... pois então sou eu quem casa. Estou resolvido... Eu não sou dos mais devotos de S. Gonçalo... Sempre entendi, como dizia Fontenelle, que pois o sacramento acaba tudo, é preciso espaça-lo para bem longe... Mas Julia é formosa, elegante, espirituosa e rica... será um casamento mixto... agora é o tempo das cousas mixtas... operações mixtas, commissões mixtas, governos mixtos... Algum amôr, muito orgulho, muita opposição... deve ser um consorcio excellente... que sáia fóra do cummum... excentrico. Vingo a opposição progressista d'este lapuz de Simão... prego uma peça ao pae de Julia... tapo a bôcca aos meus credores... faço-me serio. Que vantagens... Mas o diabo é que Julia está como uma vibora.

SCENA XVIII.

AUGUSTO E UM CRIADO.

CRIADO — Está por aqui o sr. Augusto?

AUGUSTO — O que me queres tu?

CRIADO — Veio aqui um moço com esta cartinha...

AUGUSTO — Deixa ver.

CRIADO — E recommendou-me que a entregasse já, já.

AUGUSTO — A quem?

CRIADO — Ao senhor deputado, e que vem da rua de... *(entregando-lh'a)*.

AUGUSTO — Já sei, já sei. *(Á parte)* É para Simão... é da velha pensionista que o persegue por causa da renda vitalicia. *(Lê)* «Peço-lhe, em nome da nossa amizade, o obsequio de vir tomar hoje comigo um chavena de chá. Conversaremos então á nossa vontade. Estou muito queixosa da sua ausencia,» etc. *(Ao criado)* Podes retirar-te.

SCENA XIX.

AUGUSTO *só*.

Ó feliz achado! A Providencia protege a causa do povo e dos seus representantes. Ah! Simão, vaes cair parlamentarmente. Está decidido: a velha e innocente pensionista vae ser por mim improvisada em Aspazia do meu rival. Perdão, minha senhora, se offendo idealmente a sua pudicicia. Tenha paciencia. Os fins justificam os meios.

SCENA XX.

JULIA E AUGUSTO.

JULIA — *(Recuando)* Não sabia que se demorára aqui... *(querendo-se ir)*.

AUGUSTO — Não se retire... escute... venho salva-la...

JULIA — Salvar-me? Julga-se com direito a escarnecer-me?

AUGUSTO — Ouve-me, Julia... *(com emoção)*.

JULIA — As nossas relações cessaram... d'hoje em diante... *(com mágua)*.

AUGUSTO — Faremos pazes mais duraveis que as de Octaviano...

JULIA — Uma barreira immensa nos separa...

AUGUSTO — Nada de metaphoras. Eram apenas uns arrufos... uma experiencia... agora sou teu, Julia.

JULIA — *(com indifferença)* Peço-lhe que me trate

como se fôsse hoje a nossa primeira entrevista... e a última...

Augusto — A última?... se assim fôsse, o sangue de um suicidio caíria todo sôbre a tua bella cabeça!

Julia — *(querendo ir-se)* Senhor... *(Irresoluta)* É tarde.

Augusto — Porque?

Julia — Acabo de consentir n'um casamento...

Augusto — Como?

Julia — Com um homem que me era indifferente.

Augusto — Com Simão? É impossivel.

Julia — Tambem eu dizia o mesmo; sempre me tinha parecido um homem abhorrecivel... Hoje achei-o supportavel... ámanhã talvez o ache sympathico... Caso d'aqui a um mez... tenho tempo de lhe crear amor...

Augusto — Um mez! um mez agora é bastante para crear amor a um exército do norte, com parques e ambulancias...

Julia — Aprenderei a ama-lo. Quero experimentar um homem singelo, provinciano, que não sabe galanteios de côrte...

Augusto — Experimentar!... pois se tu casas com elle...

Julia — Queria dizer — ligar-me a elle.

Augusto — Ah! é só ligação... salva a liberdade de consciencia...

Julia — Quero ama-lo até... E d'ahi, elle não é antipathico... tem muito bom coração... tratar-me-ha com affagos... viveremos na provincia como dois amantes de ecloga.

Augusto — Ó minha Julia... um amante de ecloga em Traz-os-montes, bebendo vinho verde! Tu já não és a Julia tão romanesca que eu conheci...

Julia — Foi no tempo das illusões.

Augusto — Pois tu queres ter por amiga a mulher de um regedor d'aldêa... por visitas, quatro eleitores de tamancos? ó minha Julia...

Julia — Está decidido.

Augusto — Queres que os teus filhos tenham um sangue peão... tu, que te comprazias na minha ascendencia... na minha parentela toda de sangue azul?

Julia — Não posso retroceder...

Augusto — Queres ser a espôsa do burguez de Trancoso... de um burguez?! Tu sabes o que é um burguez? Um burguez não tem coração, não lê versos, não diz senão tolices... é uma machina de eleições indirectas. Tu queres casar com uma machina?...

Julia — *(Quasi commovida)* Dei o *sim*.

Augusto — Tu queres que a lei santissima da emancipação da mulher se não promulgue em vida tua?

Julia — Ah! sacrifico tudo...

Augusto — Pois bem! Ahi tens o diploma da moralidade do teu futuro espôso *(dá-lhe a carta que o criado trouxera)*.

Julia — *(lendo)* Ah!

Augusto — Convidado a tomar chá!... elle que o detesta. Um provinciano nunca toma chá sem grande interesse.

Julia — Não sei decidir-me...

Augusto — Pensas que alguem gaste uma folhinha de papel almiscarado para convidar a uma semsaboria?...

Julia — Mas é só para tomar chá.

Augusto — Bem, Julia. Casa com um burguez, que recebe convites para chás. Se fôsse ao menos um homem bem nascido...

Julia — É uma indignidade... tomar chá nas vesperas do casamento!

Augusto — E com uma mulher... e quem sabe se formosa!

Julia — Não casarei... serei freira... recolhida... quero fugir do mundo.

Augusto — Freira, não; já não é bom tom. Fujâmos do mundo ambos; o céu predestinou-nos para nos amarmos.

Julia — O destino é irresistivel *(abraça-o)*.

Augusto — Ah! aquella noite da *Peninsula* era fatidica.

Julia — E aquelles versos tambem.

Augusto — O casamento é semsabor, bem o sei; mas nós amamo'-nos, e o que havemos de fazer agora? arrulhar eternamente? não... que a mulher siga o homem...

Julia — Mas minha mãe...

Augusto — Quer casar-nos...

Julia — E meu pae...

Augusto — Ah! teu pae... prometto-lhe a Junta do Commercio.

SCENA XXI.

OS MESMOS, MARIANNA E AFFONSO.

Affonso — *(sem ver a Julia e Augusto)* Nos meus decretos não consulto a opinião pública. O meu governo é o absolutismo extreme; em minha casa é o mesmo.

Marianna — Mas, senhor, sua filha é de sangue esclarecido.

Affonso — Ora, bugiarias. Eu não sou mais que um burguez.

Marianna — O que dirá o público? Que casamento! Nunca mais nos admittem na alta sociedade.

Affonso — Iremos ás philarmonicas... ao Salitre...

Marianna — Mas a opinião pública?

Affonso — Ah! bom marquez de Pombal... se tu fôsses vivo, já eu não tinha objecções destas; bem basta o desaforo de querer sindicar os

negocios do estado... ainda em cima prohibir-me que case minha filha com quem me aprouver!

Marianna — *(Vendo Julia e Augusto)* Veja, senhor, alli está o amor!

Affonso — *(olhando e cholerico)* Que deshonra!

Marianna — Alli está a escolha de sua filha.

Affonso — Não é della... é sua.

Julia — É minha, meu pae; Simão é um insipido.

Affonso — Não ha atrevimento comparavel!... Pois o matrimonio é negocio de acepipes? *(A Marianna)* Alli tem, senhora fidalga, os costumes modernos; aquillo é que é a opinião pública?

(Durante algum tempo Augusto escreve á pressa.)

Marianna — Aquillo chama-se, entre nós, nobreza de sentimentos... fidalguia... cada um com seu egual.

Julia — Meu pae, Simão atraiçoava-me *(dá-lhe a carta, que Affonso lê)*.

SCENA XXII.

OS DITOS E SIMÃO.

Simão — Sr. Affonso, não tardei... estou ancioso...

Affonso — *(olhando para elle com admiração)* Ancioso... e recebe cartas destas.?...

Simão — Cartas! *(espantado)*.

Affonso — Leia.

Marianna — É uma indignidade *(com nobreza)*.

Julia — Nunca suppuz tal.

Marianna — Se quem tal fizesse fôsse ao menos homem de berço conhecido... *(com desdem)*.

Simão — O meu berço é conhecido: fui baptisado em Mirandella, na freguezia de...

Affonso — Não tem dúvida; mas toma chá em tempo de calma.

Simão — Eu só com agua, e é para molhar um biscoitinho.

Affonso — Pois eu não estou resolvido a dar minha filha a homens, que vão á noite a casa de senhoras, molhar biscoitinhos em chá.

Simão — Mas, senhor... é um engano.

Augusto — *(baixo a Simão)* Jurei vingar-me.

Simão — Mas, quando se é deputado...

Augusto — *(o mesmo)* Aquella emenda que o senhor fez regeitar...

Simão — Eu me explico...

Augusto — *(o mesmo)* Aquellas accumulações, que me cortou quando foi da commissão do orçamento...

Affonso — Isto não admitte réplica... as provas são claras.

Simão — Mas um homem ha de ser privado de... de casar, por tomar chá!... pois o chá faz mal aos noivos?

Marianna — São cousas... meu marido tem lá aquella scisma; está no seu direito.

Affonso — Aqui não ha votações... nem sobornos... nem tranquibernias. Isto aqui não é a maioria, é a minha casa; e, abaixo do legitimo soberano, aqui mando eu.

Simão — Mas já divulguei...

Marianna — Pois fez uma sandice.

Julia — É, como se diz, um casamento *manqué* *(com desprêso)*.

Augusto — Em S. Bento vencem os ministeriaes, aqui triumpha a opposição.

Affonso — Está decidido. *(A Marianna)* Tu querias casar Julia com a democracia; eu com os doutrinarios; esperemos agora que o tempo a case com o *antigo regimen*.

Julia — Papá, a culpa é sua. Acostumou-me a estas idéas. Tenha paciencia; agora hei de casar. Augusto é o meu noivo.

Marianna — Sim, Augusto, filho de um desembargador do Paço.

Affonso — *(commovido e aproximando-se a Augusto)* Desembargador do paço! isso é antigo regimen. *(A Augusto)* Pois seu pae era desembargador do Paço?

Marianna — E commendador de tres commendas...

Affonso — De tres commendas! E eu que fui doudo por arremata-las.

Augusto — *(apresentando um papel)* Amanhã apresento na camara este projecto.

Affonso — *(com jubilo)* Ah! é a restauração da Junta do Commercio!

Augusto — Depois d'amanhã resuscito os bens da corôa.

Affonso — Então é cá dos meus.

Augusto — Daqui a tres dias reclamo os dizimos.

Affonso — Por ora basta... não vae a matar. Um abraço... *(abraçando-o)* É meu genro.

Augusto — A republica acaba de morrer em França: Luiz Napoleão metralhou os vermelhos.

Affonso — Oh! S. Luiz, ouviste os meus rogos. Quem lh'o disse, porém?

Augusto — Acabo de ver a parte telegraphica nas mãos do ministro da Russia.

Marianna — Eu sempre o disse... eis as vantagens de ter um genro, que janta com o corpo diplomatico.

Affonso — *(a Julia)* Julia, é teu.

Augusto — É minha! Não fazia tenção de casar. Em quanto a republica dorme tenho tempo para ser marido e realista. É uma democracia que baquêa a tempo.

Marianna — *(com ironia)* Sr. Simão, caíu diante da maioria.

Augusto — *(batendo no hombro a Simão)* Eis o que se chama fazer até ao fim — OPPOSIÇÃO SYSTEMATICA. —

POESIA.

Nem de rójo pelas fragoas,
Nem morto de cruas maguas
Eu pedí!
Desafio a propria sorte,
Que me diga se da morte
Eu tremí!

Nem toda a fôrça da terra,
Nem tempestade — nem guerra
Me curvou!
Nem das lavas a corrente,
É de furia mais ardente
Do que eu sou!

Eu nunca dobrei a fronte!
Nunca vi curvar um monte!
Nem o mar,
No seu clamor infinito,
De medo soltar um grito
E parar!

A. E. Zaluar.

VIAGENS.

As ilhas Mascarenhas.

(Conclusão.)

Mahé, a mais consideravel destas ilhas, é um grupo de montanhas escarpadas, de norte a sul, elevando-se a perto de 800 toezas para cima do nivel do mar. A l'este é a costa cercada de recifes, com algumas cortaduras; entre a cadêa dos recifes e a terra, as pirogas de cabotagem seguem um canal pouco profundo, mas extremamente commodo, o que facilita as communicações entre quaesquer pontos da ilha. Os recifes ficam ao lume d'agua no prêamar; as sinuosidades da costa, que nem sempre é arida, formam muitas bahias commodas e profundas.

O *Estabelecimento* ou *Porto Victoria* (nome que tem officialmente desde 1840) está construido no fundo da bahia oriental, e fica situada em um valle, entre duas colinas. Compõe-se o *Estabelecimento* de pequenas casas dispersas, entre as quaes serpêa, sôbre um leito de calháus, o mais limpido dos riachos. Algumas d'estas casinhas são bem edificadas; outras, arranjadas commodamente no interior, não tem de rustico senão as exterioridades, prova da indifferença dos proprietarios por todo o luxo inutil. Quasi todas as casas tem jardim, em que abundam os coqueiros e as bananeiras.

O *Estabelecimento* é um mercado permanente aonde toda a gente se vae fornecer. No meio do mercado está a casa do commandante, a secretaria, a prisão e o bilhar.

Os habitantes das ilhas Mascarenhas (Sèchelles) são quasi todos oriundos de Maurice ou de Bourbon. A hospitalidade e o amor de familia notam-se neste povo, a par do desleixo, da ignorancia e da falta absoluta de patriotismo. Na sociedade só existe uma divisão — a da côr. Quasi todos as colonos são parentes, ou alliados uns dos outros; as familias são unidas e numerosas; e como a longevidade é commum, acontece muitas vezes acharem-se reunidas á mesa quatro gerações, formando uma reunião de 60 pessoas. Os homens gostam muito das cartas e do bilhar; as mulheres são apaixonadas pela dança; são bellas, graciosas e amaveis. Apezar d'isto, a relaxação dos costumes, torna muitas vezes desgraçados os casamentos. As mulheres sechellezas são industriosas e economicas. Com as folhas do coqueiro fazem leques e chapéus, similhantes aos de palha d'Italia, que vendem nas colonias visinhas, e mesmo na India.

Quasi todos os colonos navegaram já como corsarios, ou como negociantes. Reconhece-se logo que foram marinheiros, na franqueza e cordialidade da hospedagem. É em barcos elegantes que se fazem as visitas ás casas de campo, quasi todas situadas á borda do mar. O extrangeiro não póde deixar de se surprehender, quando no fim d'um baile ouve dizer: *Está prompto o escaler do sr. F.*, assim como na Europa se diz: *Aqui está a sege do sr. F.* Mas o espanto passa quando se observa a escabrosidade dos caminhos, e todos preferem recolher-se para casa, á luz dos archotes, dentro de um barquinho bem commodo, por sôbre as aguas tranquillas, que cercam a ilha, a encerrar-se em uma maca, que dois negros conduzem por estradas pessimas.

Os colonos, catholicos nominaes, não professam culto algum publicamente, porque não teem egrejas, nem padres. Pela maior parte, nascem, vivem e morrem sem sacramentos. Em 1840 esteve lá mr. Banks, celebrou o officio divino, e prégou um sermão, na presença de um auditorio numeroso.

Em 1840 estabeleceu-se em Mahé uma imprensa, começando desde então a publicar-se um semanario — *O Folhetim de Sèchelles* — de que mr. Mamin foi, ao mesmo tempo, no principio, redactor, compositor, impressor e editor! O primeiro livro que se publicou foi o *Almanak*, que contém uma noticia sôbre o archipelago.

Formou-se tambem na ilha um instituto litterario, uma commissão da historia natural, *uma loja maçonica*, uma eschola gratuita, e tres escholas particulares.

A occupação principal dos habitantes é a agricultura. Cultivam arroz, café, tabaco, algodão e cócos, de que extraem o oleo. Os productos exportados para a India, trocam-se por mercadorias, que depois se vendem a retalho nas lojas que pertencem aos principaes habitantes. O uso do dinheiro é rarissimo nestes povos. Satisfeitos com a sua posição, não pensam em arranjar capital para saírem das ilhas. Quando precisam d'alguma cousa passam letras sôbre a proxima colheita, e com essas se effectua a maior parte das transacções.

Ha em Mahé um estabelecimento consideravel. A proximidade das madeiras, e a sua excellente qualidade, tornam estes trabalhos menos dispendiosos em Mahé do que em qualquer outra parte do Oceano Indico. A construcção e reparo dos navios, é um dos melhores ramos de commercio d'este pequeno paiz.

Em tórno de Mahé, e nas dependencias da colonia, ha as seguintes ilhas:

Sant'Anna — habitada por 250 pessoas. *Ilha dos Veados* — habitada por 30 pessoas. As ilhas: *Sécca, Media, Pequena, Grande* — cultivada por 20 pessoas. *Anonima de Sueste, Thereza*, etc. — desertas.

Mantimentos para um anno

FORNECIDOS AO CAPELLÃO DO PAÇO, THOMÉ RODRIGUES, E SEU MOÇO, PELO ALMOXARIFE DE CINTRA, NO TEMPO D'EL-REI D. JOÃO II.

83 alqueires de trigo a 30 réis	2$490
48 almudes de vinho a 40 réis	1$920
18 arrobas de carne a 80 réis	1$440
48 pescadas a 130 réis a duzia	520
10 covados de Bustol para se vestir	2$000
6 varas de Galles, idem	600
Em dinheiro, a 100 réis por mez	1$200
Somma	10$170

O esculptor hespanhol — Alvares.

Dom José Alvares e Cubero, restaurador do bom nome dos artistas hespanhoes dos seculos XVI e XVII, nasceu na villa de Priego a 22 d'abril de 1768.

Filho de um canteiro, não só se manifestou habil no officio de seu pae, desde os mais tenros annos, mas tambem demonstrou, que havia nascido para mais alguma cousa, quando se principiou o famoso retabulo do convento de Paular, em que espontaneamente se revelou o genio de Alvares.

Cursou os primeiros estudos em Cordova, passou depois a Madrid, tendo que dedicar-se ao humilde trabalho e condição de canteiro para se sustentar na córte; porém, ao mesmo tempo frequentava a academia de S. Fernando, na qual, aos dois annos de estudo, se avantajou a todos os seus condiscipulos. Em 1799, no curso que se abriu na academia, obteve o primeiro premio. Sabedor o rei do merito de Alvares, mandou que fôsse para París, na qualidade de pensionista do estado, e nesta cidade, em 1802 teve a honra de alcançar o primeiro premio do Instituto de França: uma exposição celebrada pela mesma corporação, na qual Alvares apresentára uma formosa estatua de Ganimedes, valeulhe um terceiro prémio, e a glória de ser coroado por mão de Napoleão.

Em Roma, para onde seguiu depois, emprehendeu um grupo colossal de Numantinas; porém a exigencia de que reconhecesse José Napoleão como rei de Hespanha, e a sua negativa, levaram-o a uma prisão no castello de Sant'Angelo; depois de sair de lá fez uns baixos relevos para o palacio Quirinal, que lhe grangearam grande reputação.

A academia de S. Lucas de Roma, abriu-lhe em 1841 as portas; a de S. Fernando de Madrid o admittiu em seu seio; a de Carrára premiou os seus talentos, inscrevendo-o no número de seus membros, bem como o Instituto de França; a Academia de Napoles o nomeou seu socio; a de Anvers a honrou com egual titulo, assim como muitas outras corporações. Alvares, quando soube da defeza heroica de Saragoça contra os exercitos de Napoleão, concebeu o pensamento de legar á sua patria um testimunho de gratidão e lealdade, consagrando todos os seus esforços e genio ao magnifico grupo, que existe no museu de Madrid. Muitas propostas se fizeram a Alvares, de varios paízes, para comprar-lhe esta obra; mas todas despresou, preferindo antes ver-se mesquinhamente tratado pelo governo hespanhol, do que ir a sua obra enriquecer um museu estrangeiro.

Por último, quando orçava pelos seus 59 annos, entregou a alma ao Creador, em Madrid — 1827, sendo enterrado no cemiterio extra-muros da porta de Fuencarral. Tal foi em resumo a brilhante carreira que percorreu o que, começando por simples canteiro em Priego, acabou por conquistar um dos primeiros logares entre os artistas da Europa.

BIBLIOGRAPHIA.

Trovas e Cantares de um Codice do XIV seculo

OU ANTES MUI PROVAVELMENTE *O LIVRO DAS CANTIGAS* DO CONDE DE BARCELLOS. — MADRID. — M DCCC XLIX. — 8.º

(Com dois fac-similes)

Mais um serviço prestantissimo acaba de fazer á litteratura nacional o sr. F. A. de Varnhagen, na publicação d'este inedito precioso.

Com effeito a origem da nossa lingua, tem sido encarada por tão differentes modos, e estudada com tão particular desvelo por tantos escriptores distinctos, assim nacionaes como estranhos, que a impressão d'um livro, incontestavelmente dos primeiros monumentos da litteratura portugueza, não póde deixar de considerar-se como tal.

No *Cancioneiro do Collegio dos Nobres*, impresso em 1823, por lord Stuart, já vem uma uma grande parte, a maxima parte, das trovas novamente publicadas pelo sr. Varnhagen; mas a presente edição tem sôbre a outra largas vantagens, não só porque se tornaram agora muito mais intelligiveis, como porque contém bastantes trovas ineditas, estando umas e outras em melhor ordem dispostas.

A edição é precedida de uma pequena introducção, tão bem escripta, como tudo que sae da penna do sr. Varnhagen, em que este illustre escriptor contemporaneo, trata curiosamente os seguintes pontos: Qual é o verdadeiro titulo e o auctor d'este livro. Noticias do codice e desta edição. Apreciação destas poesias. Sua linguagem.

Depois de haver quasi levado á evidencia, por uma serie de raciocinios e conjecturas deduzidas da leitura attenta e meditada do proprio manuscripto, que o auctor das Trovas é o conde de Barcellos; depois de ha-

ver mostrado a sua importancia litteraria; o sr. Varnhagen, na última parte da sua introducção, toca de leve a questão da origem da nossa lingua; os argumentos do sr. Varnhagen são de muito pêso, e no nosso entender merecem a séria attenção dos que se dedicam a similhantes estudos; tornando o livro, debaixo d'este ponto de vista, duplicadamente curioso e interessante.

Não recommendâmos esta nova publicação. O sr. Varnhagen é uma reputação litteraria feita, e que nada tem de *panico;* foi creada á fôrça de talento, de trabalho e de estudo. Folgando por ter esta occasião de lhe manifestarmos tudo o que sentimos a seu respeito, chamâmos unicamente a attenção dos que presam as nossas cousas, em favor de uma publicação, a tantos respeitos, curiosa e notavel.

Vende-se esta obra na livraria dos sr.ª Bertrands & Filhos — por 800 réis.

CORRESPONDENCIA.

Temos em nosso podêr uma carta do ill.mo sr. Francisco de Salles Ferreira, em que declara que está perfeitamente d'accôrdo com as idéas do sr. Lopes de Mendonça. Não publicâmos a carta, por falta d'espaço. Por esta occasião agradecemos ao sr. Ferreira os offerecimentos que nos fez por occasião da sua partida para a Costa d'Africa.

NOTICIAS SCIENTIFICAS E INDUSTRIAES.

VETERINARIA.

Noticia de dois processos

QUE ENSINAM O MODO DE MAIS CONVENIENTEMENTE SE ADMINISTRAREM AS *BEBERAGENS* AO GADO *LANIGERO E VACCUM.*

A não ser em Lisboa, e naquelles pontos do reino onde se acham estacionados os diversos regimentos de cavallaria, as práticas racionaes que aconselha a medicina dos animaes domesticos são inteiramente desconhecidas, pela notavel mingua de veterinarios que as executem, e em seu logar seguidos e adoptados com enthusiasmo os damnosos conselhos d'uma infinidade de curandeiros, que tão escandalosamente abusam da céga credulidade dos povos, credulidade, que tem a astucia de saber conservar com o vigoroso adjutorio que lhes prestam as suas mentirosas suggestões, e a inqualificavel incuria dos nossos governos, por todas as cousas que respiram veterinaria.

Quando o veterinario se propõe combater algum dos variados padecimentos, que são susceptiveis d'experimentar os *ruminantes domesticos*, tem sempre em vista a structura particular do apparelho estomacal d'estes preciosos animaes.

Com effeito, sendo este apparelho composto de quatro estomagos, a saber, o *ruminador*, o *barrete*, o *folhoso* e o *coalho* ou *coagulador*, não lhe é indifferente empregar medicamentos sob o estado solido ou liquido, nem que estes cáiam indistinctamente no primeiro ou terceiro estomagos, etc.

É hoje geralmente acceito, em *pharmacologia veterinaria*, o principio que diz — que quando houvermos d'administrar a s ruminantes, ao boi, carneiro, por exemplo, algum medicamento, anteponhâmos á sua fórma solida a liquida.

O fundamento d'este preceito é tirado da propria ruminação.

Como estes animaes gosam da singular faculdade de fazer subir á bôcca para serem mais perfeitamente mastigados os alimentos grosseiros accumulados no rumidor pela primeira deglutição, é evidente, que a substancia medicamentosa solida, que por ventura tiver entrado no primeiro estomago, ha de necessariamente voltar tambem á bôcca no acto da ruminação, para soffrer o mesmo processo mastigatorio; ora, como neste caso venha ser demasiadamente impregnada de saliva, intimamente misturada com as materias alimentares, e a mór parte lançada fóra pelo animal, sôbre tudo se o seu sabor lhe é ingrato ao paladar, como é frequentemente, só vem a restar uma pequena porção, que já alterada, sendo depois absorvida, não só não preenche a indicação que se deseja, mas póde gravemente contraria-la: daqui resulta a necessidade de se applicarem os medicamentos liquidos, que não sendo rumiados, descem logo pela goteira esophagica, ou de communicação, no coalho, onde são, ou nos intestinos, facilmente absorvidos, e lá vão ao logar do mal produzir o seu effeito salutar.

Ha circumstancias morbidas, em que convem que o agente medicamentoso dirija a sua acção curativa de preferencia sôbre o rumidor, como no caso de *meteorisação;* ha outras, onde se torna indispensavel, que essa mesma acção se faça sentir no quarto estomago, como na maioria de todas as mais doenças.

É sôbre a eleição, que o veterinario deve fazer d'um ou d'outro reservatorio digestivo, para applicar com vantagem os meios therapeuticos, que assenta a doutrina dos dois processos, que vamos demonstrar.

Em quasi todos os bellos tratados sôbre as doenças dos animaes domesticos, que tem sido publicados em França, desde o do immortal Bourgelat, até hoje, veem descriptos dois processos, que ensinam a melhor maneira de dar as beberagens ao gado ovelhum e bovino, os quaes, sendo exactamente observados e bem comprehendidos, não haja medo, que o animal corra risco no acto de beber o remedio.

(Conclúe.)

DISPARATES.

Copia.

ORDEM.

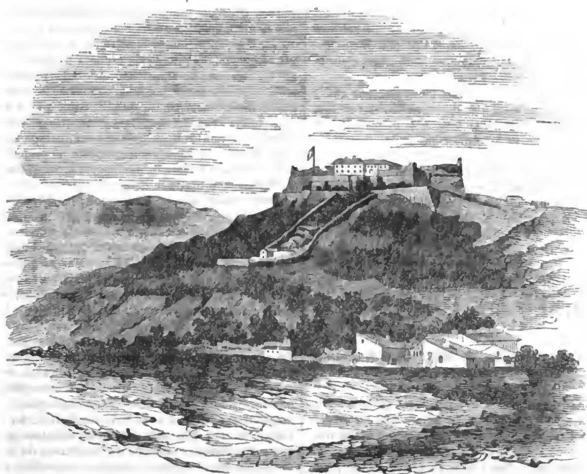
O Coronel Commandante do Batalhão, conhecedor das necessidades do Corpo humano, manda fazer publico o seguinte

1.° O Inimigo acha-se na outra banda, alem ao Sul do Tejo, com intentos de lançar fogo á Cidade por 4 angulos.

2.° Ao maior, menor, ou mais pequeno signal de alarme todos os voluntarios correrão ao quartel, e no caso de serem surprehendidos correrão da mesma maneira.

Está conforme.

No seguinte número, satisfazendo aos razoaveis desejos de muitos dos nossos assignantes, assim da capital, como das provincias, começaremos a publicação de alguns artigos sobre a história do nosso paiz, debaixo do titulo de — ESTUDOS HISTORICOS. —



SETUBAL — O castello de S. Filippe.

A VILLA de Setubal é uma das mais consideraveis e opulentas povoações de Portugal.

Edificada em uma situação amena, rodeada de quintas e viçosos pomares, dominada pelas magestosas serras de Palmella e Arrabida, banhada pelo Sado, que alli fórma um excellente porto para navios de todo o lote, povoada de gente industriosa e activa, Setubal não podia deixar de alcançar, como de feito alcançou, a larga importancia commercial e maritima que hoje tem.

Quando hajam de emprehender-se seriamente os trabalhos das estradas, não deve deixar de proceder-se, em primeiro logar, á construcção, ou melhoramento da antiga estrada, que, partindo de Setubal, se dirige, por Alcacer do Sal, a Béja e a outras povoações de egual importancia no Alemtéjo; se ao mesmo tempo, o que, segundo opinião de engenheiros e peritos, é facil e muito praticavel, se unisse, por meio de um canal, o Téjo ao Sado, o commercio e, por consequencia, a riqueza de Setubal cresceriam de ponto, duplicariam, triplicariam, talvez.

Ainda assim, isolada quasi da capital, apezar da pequena distancia que a separa della, com caminhos difficeis para o alto Alemtéjo, sem um bom vapor sequer, que torne rapidas, seguras e regulares, como muito lhe convem, as suas communicações com Alcacer do Sal, o porto de Setubal é um dos mas frequentados do reino, pelos navios de todas as nações, principalmente das do norte, sendo objectos principaes da sua consideravel exportação, as fructas deliciosas, e o vinho magnifico, em que abunda o seu termo, e o sal, cuja producção foi, em 1848, de 240:000 moios; além dos trigos e outros cereaes, que vindo do Alemtéjo são, pela barra de Setubal, exportados para a capital, e para as provincias do norte, principalmente.

Não será desagradavel aos nossos leitores a seguinte curiosissima nota dos navios entrados no porto de Setubal, e do sal exportado nos annos de 1825 a 1830:

	NAVIOS		
Annos	*Nacionaes*	*Estrangeiros*	*Moios de sal exportação*
1825	334	288	117:013
1826	315	315	124:338
1827	281	246	90:445
1828	194	238	91:461
1829	273	302	125:660
1830	223	271	114:325

É egualmente certo, que este movimento e exportação, com quanto se não conheça exactamente pela falta de estadisticas regulares, não tem diminuido, antes tem consideravelmente augmentado.

Não é Setubal tão rica em antiguidades como se poderia esperar da sua proximidade do sitio de Troya,

onde, como não sería difficil provar, existiu uma colonia phenicia, e da grande attenção e favor de que sempre goson desde os primeiros tempos da monarchia.

Entre os seus mais notaveis edificios, merece um logar distincto a egreja e convento de Jesus, de religiosas de Santa Clara, fundado em 1490 por Justa Rodrigues (ama d'el-rei D. Manoel), pelo risco e desenho do architecto italiano Botaca.

A barra de Setubal é um tanto perigosa, por causa de alguns bancos de arêa que lhe obstruem a entrada, e defendida pela torre do Outão, e pelo castello de S. Filippe, que a nossa estampa representa.

A população de Setubal anda por 16:000 almas; as ruas são soffrivelmente calçadas, e illuminadas de noite. O bello campo do Bomfim, em cujo centro ha uma elegante fonte, e que é muito frequentado dos habitantes, tem proporções para ser um lindo logradouro, ou passeio público.

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Curso d'introducção á Historia Natural dos Tres Reinos.

3.° Quando seguimos o mesmo strato de um terreno, em toda a sua extensão superficial, não é raro encontrar nos limites d'esse strato uma composição uniforme, ou, como se diz, um caracter mineralogico ou lithologico constante. Ora é uma camada calcarea, que offerece a mesma physionomia durante um espaço consideravel; ora é um strato silicioso, um grés, um conglomerado, que conserva, n'uma larga superficie, as mesmas feições predominantes, que lhe dão um caracter de evidente identidade. Penetrando agora no intimo do globo, ou observando a successão dos stratos nas escarpas e córtes natural ou artificialmente produzidos, acha-se sempre que as camadas variam de natureza, apresentam caracteres lithologicos inteiramente dissemilhantes.

Donde fica evidente, que se este caracter é universal, a natureza das rochas póde auxiliar-nos na determinação da sua edade relativa. Infelizmente, porém, não é tal a sua generalidade, que elle só baste a estabelecer seguramente as bases de uma exacta chronologia das rochas. Porque muitas vezes os stratos, estendendo-se, vão perdendo e modificando successivamente os seus caracteres mineralogicos, de modo que a rocha que começou sendo calcarea, póde ao cabo de algumas leguas degenerar visivelmente, e passar por innumeraveis transições até converter-se n'um grés, ou n'um conglomerado.

Este caracter, todavia, não é de insignificante utilidade na geologia, porque, aonde as provas e os documentos são por vezes tão vagos e fugitivos, é mister que reunâmos todos os dados que possam esclarecer-nos sôbre a difficil chronologia dos terrenos sedimentares.

194. *Divisão chronologica dos terrenos sedimentares.* — A geologia, que ainda ha um seculo era uma sciencia informe e indigesta — levantada hoje á dignidade e desenvolvimento que lhe cumpria — tem podido distribuir chronologicamente os terrenos aquosos do modo que vamos expôr.

Tres divisões fundamentaes se estabelecem nos terrenos, e chamam-se estes, em conformidade com ellas: 1.° — Terreno primario fossilifero, a que alguns geologistas, especialmente os da eschola franceza, dão o nome de terrenos de transição. 2.° — Terrenos secundarios, caracterisados por uma organisação animal e vegetal, muito mais rica e desenvolvida que a dos depositos inferiores. 3.° — Terrenos terciarios, que se representam produzidos n'uma epocha geologica mais proxima de nós, ou mais correctamente no periodo que decorre desde a formação das camadas secundarias mais modernas, até á edade actual do globo.

195. *Subdivisão dos tres grupos fossiliferos.* — A analyse da sciencia não se contentou em distribuir os terrenos, e consequentemente a historia physica do globo em tres edades differentes. Os periodos ficavam mui longos, e as divisões primitivas assaz largas, para que podessem conter uma grande multiplicidade de *formações* distinctas, que era preciso discriminar, e nomear convenientemente em cada um dos grupos. Os geologos procederam ainda á sua subdivisão.

196. *Subdivisão do grupo primario.* — Na parte inferior, que se póde reputar como o limite dos tempos obscuros, como a primeira epocha historica, em que as sombras da edade divina do globo começam a dissipar-se, estão assentes os *terrenos cambrianos*, cujo typo principal se encontra no paiz de Galles, na Grã-Bretanha, e tem por base um grés schistoso particular, contendo algumas conchas de molluscos da familia dos *brachyopodes*, e alguns *zoophytos*, denotando assim que a organisação animal estava alli como que n'uma phase inicial de desenvolvimento.

Segue-se depois o *systema siluriano*, nome que lhe foi dado pelo geologo inglez Murchison, em razão de serem estes terrenos mais frequentes e mais convenientemente estudados no tracto da Grã-Bretanha, onde esteve outr'ora assentado o reino britannico dos siluros. Este systema é, como o antecedente, caracterisado por fosseis pouco numerosos, cujas especies estão hoje completamente extinctas, posto que algumas dellas pertencentes a generos, que ainda se acham actualmente representados.

197. *Subdivisão do grupo secundario.* — Immediato ás rochas silurianas apparece o *grés vermelho antigo.* Esta formação que attinge ás vezes uma espessura consideravel, como a de 10:000 pés, no paiz de Galles, consiste em conglomerados quartzosos que passam inferiormente a misturas de grés e de marne, em marnes argilosos, intermeados de calcareos concrecionados, e em grés micaceo, todas estas rochas córadas de verde, ou de um vermelho mais ou menos carregado. Além de molluscos caracteristicos, encontram-se alguns restos de peixes dos generos *onchus*, *cephalaspis* e *gyrolepis*.

Segue-se o *terreno carbonifero*, o mais precioso, talvez, de todos elles, pelo excellente combustivel que ministra á industria moderna; terreno que se acha quasi accumulado em certos paizes do mundo, falhando total, ou quasi totalmente, em innumeraveis regiões, onde a sua apparição fôra um incitamento ao accrescimo da producção. Este terreno, que muitas vezes aprofunda a uma grande distancia na crusta do globo, e

que os geologos e mineiros tem cuidadosamente estudado, como um dos mais bellos recursos industriaes d'algumas nações felizes, requereria um longo capitulo para uma devida descripção. Notemos de passagem, que a sua composição é de leitos de grés schutosos, argilla de caracter especial, accamadações de calcareos, e por vezes de stratos de ferro carbonatado, tudo intercalado com os stratos do combustivel, que umas vezes são delgados como filetes, outras de um metro, e mais, de espessura; ás vezes estendendo-se em grandes bacias como as de Newcastle, em Inglaterra, a de Anzin, em França, ou a de Mons, na Belgica, outras vezes circumscripto a curtas superficies. Este terreno é caracterisado pela natureza dos seus fosseis, egualmente copiosos em fórmas do reino animal, que abundantes em despojos de uma flora antiga e completamente extincta. Os seus *fetos* luxuriantes, as suas formosas *segillarias*, as suas bellas *lycopodiaceas*, dão a este terreno um aspecto caracteristico, que o distingue facilmente daquelles com quem confina.

O terceiro grupo secundario é o *novo grés vermelho*, com a formação a que os allemães dão o nome de *Muschelkalk*, ou calcareo *conchifero*, e o *calcareo magnesiano*, ou *zechstein*, da Thuringia. Foi n'uns grés quartzosos, que pertencem a estes terrenos, que em Hildeburghausen se descobriram os rastos de um animal problematico. Eram estes rastos as impressões visiveis das extremidades inferiores de um animal, as quaes deveriam ter uma conformação mui parecida á da mão, cujo pollegar fôsse bem distincto dos outros dedos. O professor Kaup suppoz, que seriam os vestigios de um d'estes quadrupedes, de que hoje se acha o typo nos animaes da Nova-Hollanda, taes como o *kanguroo*. Se as conclusões do sabio allemão, corroboradas pelos raciocinios do Dr. Buckland, podessem representar a verdade, sería este o primeiro monumento da apparição dos mammiferos na serie dos terrenos.

(Continúa.)

A Peccadora é uma das melhores, e a mais moderna das composições de *Paulo Féval*. Não é um romance pequeno, que se possa acabar em vinte e seis números; por isso a empreza, que deseja em tudo satisfazer os senhores assignantes, e mostrar-se grata ao acolhimento benevolo, que o público tem feito á *Revista*, compromette-se a publicar em separado — no mesmo formato, para que se possa encadernar com o jornal — a parte que não couber nos vinte e seis números, que faltam para acabar o segundo volume, offerecendo estas folhas de um romance de muitissimo interesse ás pessoas que, tendo comprado o segundo volume, assignarem para o terceiro, pagando adiantada a importancia das suas assignaturas. Estas folhas vender-se-hão tambem avulsas.

ROMANCE.

Peccadora.

Se ha hi alguem isempto do peccado, que lhe atire a primeira pedra

I.

SÓ POR SÓ.

Havia perto de dezoito mezes, que Robertina casára com o sr. barão Armando d'Osser. Tinha sido este um casamento por inclinação.

Ella tinha vinte e um annos. Para o mundo, que a via passar feliz era uma mulher admiravelmente bella; era um anjo, para o pequeno número daquelles que podiam ler no fundo do seu coração.

Robertina era um prodigio de graça, por assim dizer, viril, e de deliciosos attractivos; de nobreza orgulhosa, e de rara ternura. Bellissimos cabellos, louros, assetinados, brilhantes, coroavam-lhe a fronte pura e melancholica, indo cair depois em trémulos anneis sôbre o artistico profil dos seus hombros.

O seu olhar era delicioso, e quando o acompanhava de um sorriso, fazia estremecer de ternura; mas os seus grandes olhos, d'um azul-escuro, irradiados de luz, pareciam esconder, apezar da sua meiga expressão de bondade suave e tranquilla, *o quer que é* de robusto, de firme e de energico. Na sua bôcca breve e mimosa, naquelles labios finos e apertados, que um sorriso abria por vezes, como os bafejos da brisa abrem a rosa, havia um latente caracter de vontade poderosa e indomavel.

Era alta, flexivel, elegante, e todo o seu corpo parecia modelado pela mão de um artista de genio. Ou se movesse, ou se conservasse immovel, fazia-se em tôrno della como uma aureola de graciosa perfeição.

Porque, o que dominava em Robertina era a bondade, a doçura e a graça. Aquella vontade energica em que fallámos não se mostrava nas tranquillas horas da vida ordinaria, conservava-se occulta debaixo daquella resignação indulgente que é tanto d'encantar na mulher: como outr'ora em dias de galas, os cavalleiros escondiam, debaixo de macias télas de veludo, o rijo arnez de aço.

O sr. barão Armando d'Osser, seu marido, era um homem de trinta annos, filho dos favores imperiaes, e agora tornado á vida privada pela restauração dos Bourbons.

Ia a cerrar-se o anno de 1816.

Na pessoa do sr. barão d'Osser não havia cousa que fôsse precisamente notavel. Era um excellente cavalheiro, algum tanto gordo, algum tanto pesado, algum tanto insignificante. Mas tudo isto modestamente, de maneira que podia representar soffrivelmente o seu papel em todas as circumstancias, sem comtudo se destacar muito energicamente do vulgar.

Tinha o rosto cheio e pallido; o cabello preto e annellado. As suas feições, que podiam dizer-se delicadas, tinham aquelle caracter elegante mas trivial, que o

mundo chama *distincção*, pelo mais escandaloso de todos os abusos de palavras. O seu olhar mostrava bondade; o seu sorrir era como um sorrir de mulher; e comtudo faltava-lhe no todo da physionomia certa viveza que agrada.

N'uma sala não deixava o barão de fazer um effeito invejavel. E como era bem feito e rico, e como sabía a fundo certas niquices mundanas, e não lhe fallecia coragem, passava, antes do seu consorcio, por um perfeito cavalheiro.

O seu casamento, mesmo, que o havia exposto á crítica de muitos, grangeára-lhe, por outro lado, certa reputação romanesca.

Este casamento com effeito tinha sido um casamento desegual.

Armando, filho de um antigo *substituto* da Eschola de Brienne, muito estimado do imperador, e admittido até á sua intimidade, soubera aproveitar-se das *legitimas consequencias!* Em uma edade em que tantos outros vegetam nos degráus mais inferiores da escala administrativa, conseguíra elle ser nomeado de golpe para um dos primeiros empregos da Moeda. Senhor de uma fortuna consideravel, fructo das liberalidades de Napoleão, em favor do velho substituto; enfeitado com um titulo sonoro; e por estas circumstancias destinado a exercer os mais elevados cargos na administração, Armando podia naturalmente aspirar a um *partido* mais brilhante.

Pelos ultimos dias de 1813, Nedermann, famoso constructor de harpas, apresentou no mundo artistico uma joven harpista de grande talento; chamava-se Robertina Roberts, ingleza de nascimento, e viera a París com sua mãe, que era pobre e muito doente.

Mistress Roberts morreu pouco depois, deixando sua filha orfã e absolutamente só no mundo.

A harpa era então o que hoje é o pianno. A moda adoptára este bello instrumento.

Robertina tinha um pouco mais de dezesete annos. Era linda, como mais tarde foi formosa — linda e de um tal frescor, que fazia desesperar os fazedores de metaphoras, que por mais que folheassem o diccionario da Fabula, e o jardim da memoria, todo semeado de flores academicas, não davam com uma deosa, ou com uma rosa que se lhe podesse comparar. Além d'isto Robertina tinha um talento de primeira ordem.

O seu successo, pois, foi rapido e estrondoso. A voga tomou-a nos braços logo, levantando, ao mesmo tempo, as suas cem mil vozes para exaltar em París o nome da joven *virtuosa*. Eclipsava mademoiselle Gavaudan; fazia empallidecer o astro de Gorat: era um enthusiasmo sincero por ella. Duquezas e princezas do imperio disputavam acaloradamente a sua companhia, e não a tinha quem a desejava.

Era festejada, querida, adulada. París sempre tem algum idolo, em tôrno do qual arde, e arde rapido... o inconstante incenso da moda!

Robertina passava, modesta e serena, como se todo aquelle estrondo não fôsse a sua nomeada.

Não que ella não tinha nem orgulho, nem falsa modestia! assim a sua razão juvenil soube resistir á admiração embriagante do mundo.

Naquelle tempo estava o barão d'Osser em todo o esplendor da sua precoce privança. Na côrte de Maria Luiza fazia uma bella figura, e occupava um logar distincto entre os *maravilhosos civis*, a quem pertenciam os passeios em París, quando as brilhantes dragonas do estado-maior imperial estavam nas fronteiras.

Robertina agradou-lhe. Começou cavalheiramente a sitiar a sua virtude, e foi recebido com frieza e desdem. Cousa extraordinaria: uma artista!...

Armando não gostou d'este primeiro ensaio. E para se vingar, talvez, namorou-se devéras, e mudou de tom. Mudou com effeito tão bem, que no fim de tres mezes pediu formalmente a Robertina a sua mão.

Foi ainda repellido, mas não com desdem já; porque Robertina, sósinha no mundo, e rodeada de myriades de adoradores, cujas lisongeiras homenagens lhe pareciam um insulto, ouvíra com alegria intima a expressão de um amor honesto. E como o barão era bello, brilhante mesmo, na accepção frivola da palavra, Robertina deixou-se tomar de amor por elle.

E com effeito não era isto muito facil. Robertina era em tudo superior ao sr. d'Osser. O seu espirito penetrante, delicado, sincero, o seu coração elevado e nobre, não tinham nenhuma analogia com o espirito frivolo e o coração *burguez* do joven barão. Mas quando o amor falla, desapparecem todas as distancias moraes. Robertina desde então teve como um véu sôbre a intelligencia; via o seu amante através da sua virginal e poetica ternura; e pareceu-lhe bom, bello, admiravel; soube transformar, com aquella delicadeza de coração de mulher que sabe amar, cada um dos seus defeitos em qualidades, cada uma das suas fraquezas em heroicas seducções.

Porque a mulher, por insignificante que seja o papel que a sua alma nisto represente, tem o dom prodigioso de mentir a si mesma, á face da evidencia, e sabe encontrar, no fundo do seu amor, subtilezas paradoxaes que levariam á parede o mais cerrado logico.

Robertina amou pois, e admirou, por isso mesmo que amava. Mas comtudo não quiz casar.

Porque? — A venda que tinha nos olhos, escondendo-lhe a sua superioridade moral, dava todas as vantagens ao barão. Este era rico — tinha mais de cem mil libras de renda; estava n'uma posição elevada; aspirava a um futuro magnifico.

E elle ama-la-ía tanto, que tudo despresasse pelo amor d'uma mulher, que nada lhe levava em compensação, nada de positivo, pelo menos: nem influencia, nem familia, nem fortuna?!

Quem era Robertina? — Uma destas creaturas que hoje, por capricho, se applaudem, que ámanhã, tambem por capricho, se despresam; uma destas mulheres, que os nossos costumes barbaros collocam n'uma posição falsa e duvidosa; uma destas mulheres a quem o codigo *severo* dos nossos salões, nem sequer reservou um pequeno logar na gerarchia mundana; uma destas mulheres que não são nada, que a nada pertencem; uma destas mulheres, a quem, pelo prazer que nos fazem sentir, se deve, não a amizade nem o amor, mas um pouco de dinheiro, alguns *bravos*, algumas corôas. Não devia uma mulher nestas circumstancias acceitar ávidamente a mão que se lhe offerecia? Não devia ella ter ardentes desejos de conquistar foros de mulher, ella que até então, qual decoração viva, passára por entre a multidão curiosa das festas, sem ser da festa mais do que a sua harpa, ou do que a orchestra que a acompanhava?

Robertina era generosa; devia adivinhar que as attenções de que era objecto, eram attenções puramente especiaes, e que entre ella e aquella gente que lhe gritava *bravo*, havia um abysmo tão profundo como o que separa o comediante assalariado, do espectador que paga...

Esta recusa irritou o barão. O seu desejo estimulado tomou o caracter de uma verdadeira paixão. Retirou-se, pois, do mundo, e tractou de empregar todos os meios, a fim de vencer a obstinação de Robertina.

Ao mesmo tempo sentiu nascer-lhe no peito um ciume vago, sem objecto certo, mas que crescia rapido, e que todos os dias tomava mais consistencia no seu espirito. Que razão poderia ter Robertina para recusar a sua mão, senão um outro amor?

E d'ahi — pensou uma vez Armando, pois sabia já avaliar a generosidade do caracter de Robertina — talvez que ella tivesse receio de si mesma, e temesse as consequencias d'um casamento tão fóra das idéas communs. O mundo reserva pungentes epigrammas para estas uniões, que chama excentricas! Casar com uma *virtuosa!* Não é habilitar-se a tanta cousa, contrair um casamento de similhante natureza? Todos se compadecem d'antemão; os amigos do desgraçado encolhem os hombros; e cada um tracta de ser implacavel com os seus futuros infortunios!

No dia em que Armando concebeu esta idéa, correu a casa de Robertina, e jurou-lhe que não temia o mundo, que fazia consistir a sua gloria em offerecer-lhe a fortuna, etc., etc.

Robertina ficou devéras commovida; mas insistiu na sua recusa.

Foi necessario um anno inteiro para vencer a sua repugnancia.

O dia em que ella finalmente consentiu foi um bello dia para Armando, um dia todo de reconhecimento e de ventura.

No dia seguinte perguntava a si mesmo Armando porque tardára ella tanto? E o ciume tornava a apresentar-se-lhe ao espirito como a unica explicação plausivel.

O casamento não se effectuou immediatamente; Robertina não possuia os necessarios papeis. Já ós pedíra de Londres, mas ainda não recebêra de lá cousa alguma.

O barão já estava resolvido a emprehender aquella viagem, quando o imperador voltou da ilha d'Elba. Desde então a guerra interrompeu as communicações, e na impossibilidade material em que estava de alcançar os documentos necessarios, obteve Armando, cujo credito remontára ao apogéo, que a auctoridade civil se contentasse com a certidão d'obito de mistress Roberts, e de um attestado de notoriedade, assignado pelos primeiros protectores da donzella.

O casamento celebrou-se a final. Robertina teve uma familia, porque Florencia d'Osser, irmã de Armando, menina generosa e franca, logo lhe dedicou o segundo logar no seu coração.

Desde então Robertina rodeava seu marido de tantos carinhos e amor, que faziam calar — se não acabaram inteiramente com o ciume que lhe despontára vagamente no coração.

(Continúa.)

POESIA.

Adeus a Coimbra.

(AO MEU AMIGO S. A. CAEIRO FERREIRA.)

Adieu, vallons! adieu, bocages!
. . . .
Bois touffus, tranquille sejour,
Sejour des heureux et des sages,
Je vous ai quitté sans retour!

LAMARTINE.

Sôa a hora da partida,
Hora solemne e fatal,
Tão desejada e temida
Como não ha outra egual;
Coimbra, já vou deixar-te,
Vou p'ra sempre abandonar-te,
Linda flor de Portugal!

Risonha terra, formosa,
Eden mimoso, gentil,
Onde os prados são de rosa,
Onde as aguas são d'anil;
Risonha terra... é forçoso
Dar-te o adeus doloroso
Entre gemidos aos mil.

É forçoso... a cada instante
Se encurta o prazo fatal...
Mais uma hora... e já distante
Esta collina, este val!
Maior que a dita de ver-vos
Ai! a mágua de perder-vos
Quanto não é por meu mal?!

Chega sim, chega o momento
De dizer-te o extremo adeus...
Negro, cruel pensamento
Que abysma todos os meus!
Coimbra, a patria me chama,
Mas que é a patria a quem ama
Estes montes, estes céus?

Não foi nos campos viçosos
Do Mondego, que nasci...
Mas, ó terra dos meus gosos,
Mais te devo, aqui — vivi! —
Vivi, sim, e vou deixar-te,
Tenho a patria n'outra parte,
Mas a alma... tenho-a aqui!

Amenos prados, fagueiros,
Chorosa fonte d'Ignez,
Cedros, e verdes salgueiros,
Que me ouvistes tanta vez!
Vou perder-vos! ai! quem ha-de
Matar-me a longa saudade
Em tão longa viuvez?

Tempos de doce memoria,
Que eu nunca mais gosarei,
Sonhos d'amor e de glória,

Que eu aqui alimentei,
Como allivio ao meu tormento,
Gravae-vos no pensamento,
Ó sonhos que eu tanto amei!

Aqui passei da existencia
A mais florida estação
Sem as lições da exp'riencia
Que envenena o coração;
Tive aqui por doce abrigo
Em cada peito um amigo,
Em cada amigo um irmão!

Aqui vivi rodeado
De virtude, paz, amor,
Vendo o mundo refalsado
Por um prisma seductor;
Aqui sonhei doces sonhos
Longe dos dias medonhos
D'um futuro assustador.

Aqui meus dias correram
De ventura e de prazer.
As musas aqui me deram
Seu mel primeiro a beber:
Aqui tudo me foi caro,
Porém tudo o tempo avaro
Me faz agora perder!

Adeus, pois, doirados dias
De fraternal união,
Adeus, puras alegrias,
Horas de meiga expansão,
Adeus, montes, valles, tectos,
Adeus, ó nobres affectos,
Adeus, viva inspiração!

Adeus, ó terra bemdita,
Adeus, rio, fontes, céus,
Por quem meu peito palpita,
Por quem são os votos meus:
Adeus tambem, mocidade,
Innocencia, liberdade,
Que tudo encerra este adeus!

A. Lima.

Maio 16 — 1849.

Tremores de terra em Lisboa.

Os dos annos de 370 e 377 antes de Christo, foram muito violentos.

Os de 1009, 1117, 1146, e 1290, foram fortissimos.

O de 24 d'agosto de 1356 durou um quarto de hora, com seus intervallos, fez cair muitas casas, e foi seguido por muitos outros abalos, durante um anno.

O do 1.° de janeiro de 1531 foi um dos mais terriveis, causou immensos prejuizos, e foi seguido por outros abalos durante oito dias.

O de 27 de julho de 1575, posto que violento, não causou desgraças.

O de 28 de julho de 1597 destruiu tres ruas do monte de Santa Catharina, e dividiu esta montanha ao meio.

O de 22 de julho de 1598 foi tão violento, que deitou a terra as pessoas que se achavam em pé.

O de 27 d'outubro de 1699 durou tres dias, com alguns intervalos, e foi mui violento.

O de 12 d'outubro de 1724 foi forte, mas não deu logar a resultados funestos.

O, para sempre memoravel, do 1.° de novembro de 1755, derribou metade da cidade, e foi seguido de abalos violentos nos oito dias seguintes.

Os de 30 d'abril de 1761, de 10 e 17 da janeiro de 1796, e de 6 de junho de 1807, foram mui fortes; porém pouco mal produziram.

NOTICIAS SCIENTIFICAS E INDUSTRIAES.

VETERINARIA.

Noticia de dois processos

QUE ENSINAM O MODO DE MAIS CONVENIENTEMENTE SE ADMINISTRAREM AS *BEBERAGENS* AO GADO *LANIGERO E VACCUM.*

(Conclusão.)

1.° *Processo* (Carneiro). — O pastor péga no carneiro por um dos membros posteriores, volta-o com o ventre para cima, obriga-o depois a assentar-se sôbre os quadris, de modo que as pernas dianteiras fiquem levantadas, e o corpo cáia quasi perpendicularmente entre as côxas; levanta-lhe a cabeça, segurando-a com as mãos pelos chifres, ou por o queixo inferior, se é desprovido delles. Posto o animal nesta posição, a pessoa encarregada de lhe dar a beberagem, desvia um dos cantos da bôcca com um ou dois dedos, e com um vaso em fórma de caneca ou de bule, verte o liquido na bôcca, á medida que o animal bebe.

Tal é o processo descripto por Bourgelat.

Só é estilo o seu emprego para o caso de meteorisações essencines, vulgó, embuchamento, empache do estomago, etc., quando tenham a sua sede no rumidor.

A posição que a rez affecta neste processo, facilitando a descida do rumidor para a bacia, faz com que o esophago seja tirado para baixo, ao passo que a cabeça, obrigada a manter-se n'uma certa elevação o empucha para cima: d'aqui resulta, que o *infundibulum*, que naturalmente fórma a inserção daquelle conducto no rumidor, engrandece, e que o liquido vertido a grandes jactos na bôcca, desce por seu proprio pêso nesta viscera.

2.° *Processo.* — A pessoa incumbida de ministrar a beberagem ao carneiro, encosta o quarto trazeiro d'este contra o canto de dois muros, paredes, etc., situa-o entre as pernas e o mantem nesta posição unindo as côxas; passa-lhe depois a mão esquerda por debaixo do queixo inferior para lhe levantar a cabeça um pouco para cima da sua posição normal; separa um dos cantos da bôcca com o mesmo bico do vaso, de modo que forme uma especie de *funil*, e verte a beberagem com a mão direita na bôcca do animal.

Quando se quizer que a beberagem vá directamente ao folhoso, coagulador e intestino, como no *entre-folho, gafeira, amarilha*, etc., deve preferir-se este processo ao primeiro.

A posição que então adquire o animal, juntamente com a cautela que deve haver, em que o liquido seja lançado muito de vagar, e em pequena quantidade de cada vez, faz com que a mór parte, transpondo o primeiro e segundo estomagos, chegue áquelles orgãos, onde se pretende que exerça a sua benefica acção.

Fazem-se sempre necessarios dois homens para administrar as beberagens ao boi, quer se ponha em prática o primeiro ou o segundo processos.

Um dos dois homens colloca-se entre a cabeça e espadua do animal, segura vigorosamente o chifre direito, se está posto á direita, com a mão direita, e passando a outra mão por entre as duas *pontas*, introduz os dedos indicador e medio nos orificios nazaes. Depois empucha a cabeça para baixo ou para cima, segundo se usa do 1.° ou 2.° processos, elevando ao mesmo tempo, e em ambos os casos o focinho, e para conservar a cabeça nesta posição, apoia a face lateral da nuca contra o seu ventre. Assim posicionada a cabeça, o outro homem, situado do lado opposto, mette o bico do vaso a'um dos cantos da bôcca, e entorna o liquido que o animal engole facilmente.

1.° *Processo.* — Se a indicação exige que a beberagem vá logo direitamente no rumidor, como no caso de embuchamento, por exemplo, o homem que estiver agarrando o chifre, empurrará a cabeça para diante, e depois para baixo, a fim de estender o esophago, e fazer, como bem diz o sabio Girard, aproximar os labios da goteira esophagica, e dilatar o infundibulum. A beberagem deverá ser vertida o mais rapidamente possivel, para que o animal, engolindo-a a grandes tragos, vá ella, favorecida pela sua gravidade specifica, e por a energica contracção do esophago, cair immediatamente no rumidor sem enfiar por a dita goteira.

2.° *Processo.* — Como o emprêgo deste processo só tem logar quando se quer que a bebida vá, ou amollecer as substancias duras que estão reprêzas nas pregas do folhoso, isto é, no entre-folho, ou ser absorvida por a superficie mucosa do congulador ou do intestino, como na *baceira*, *hematuria*, *mal dos bosques*, etc., é bastante que a pessoa que segura a cabeça a eleve, e a outra que tem de dar a beberagem, entorne esta na bôcca compassadamente. O animal a deglutirá a pequenos goles, e o liquido, introduzindo-se na goteira esophagica, chegará ao ponto desejado.

Devemos agora advertir, que, ou se faça uso do 1.° ou do 2.° processos, tanto para o carneiro como para o boi, é sempre conveniente, se o animal tosse, ou se agita muito no acto de tomar a bebida, deixar-lhe livre a cabeça, e suspender a administração da beberagem para assim evitar a passagem desta na laringe e todo o accesso de suffocação.

N'outra occasião mencionaremos o modo de mais commodamente se ministrarem as beberagens aos suinos e cães.

José Maria Teixeira,
Lente Substituto da Eschola Veterinaria.

BIBLIOGRAPHIA.

Compendio de Historia Universal

POR JOSÉ DA MOTTA PESSOA DE AMORIM.

Esta obra é dividida pelo modo seguinte:

HISTORIA ANTIGA.

Desde a criação do mundo até ao anno 500 da era christã, epocha da quéda do imperio romano no Occidente.

Primeira parte — Historia Sagrada (Antigo Testamento, Novo Testamento), Historia dos judeus, e Historia ecclesiastica.
Segunda parte — Historia profana ou civil.

HISTORIA DA IDADE MEDIA.

Desde o anno 500 até 1400, epocha em que Constantinopla foi tomada por Mahomet II.

Primeira parte — Historia ecclesiastica.
Segunda parte — Historia profana ou civil.

HISTORIA MODERNA.

De 1400 em diante.

Primeira parte — Historia ecclesiastica.
Segunda parte — Historia profana ou civil.

Toda a historia é dividida em periodos de cem annos, pelo methodo synchronistico.

A Historia ecclesiastica conterá todos os factos notaveis que teem relação com o christianismo, todos os concilios ecumenicos ou geraes, muitos dos outros, onde foram celebrados, para que fim, e por quem convocados.

A Historia profana comprehenderá a historia de todos os povos — republicas, imperios e monarchias.

O primeiro tomo vende-se por 300 réis em quasi todos os livreiros; e do segundo já saíram cinco folhas, que se vendem a 20 réis cada uma, na rua Augusta, n.os 1 e 8.

CHARADA.

Tão galante achei o dito } 1
Que não me pude conter: }
Vejetando entre os abrolhos, }
Quem me havia de dizer, } 2
Q'um logar em armas regias }
Eu por fim viria a ter! }

A soberba Inglaterra
Tres reis contou d'este nome;
E um delles (diz a historia)
Não tinha coração d'home'.

DISPARATES.

Tendo chegado certo conde a uma terra da provincia, foi visita-lo um antigo criado seu. Depois dos primeiros cumprimentos, o criado despediu-se, pedindo ao conde, que dispozesse das suas *iniquidades*.

Recebemos d'Elvas o seguinte aviso interessante, que fielmente transcrevemos. O auctor chegará brevemente a Lisboa.

RETRATOS AO NATURAL

COLORIDOS A FOGO.

ACABA de chegar aesta Povoaçaó o Senhor *Schmidlt*, de naçaó soiço, Profeçor fotografico iventor e autor dascores ao natural enaó comonicadas ate hoie apeçoa alguma queten feito en o estrangeiro milhares de retratos en seu trazito a gosto dos entreçantes.

O dito profeçor ofreçe aeste respetavel publico amaioar perfeiçaó en seus trabalhos, enpocos segundos feitos a sonbra.

Preço dos retratos do tamanho menor por huma peçoa so 1=400 res; e de duaso tres peçoas 1=800 res; e notamanho maior por uma peçoa 1=700 res; de grupos de familia de dos peçoas 2=000 res; de tres a seis peçoas 2=600: tanben faço retratos para medalhas e para alfineites do peito do tamanho de huma moeda de

seis vintens o preço 1=500 res athe de 1=800 res segundo o tamano de cada hum. Adevirto que asmulduras eosvidros saô pagosapartes segundo afinura que oentreçante en giza a sin sera o seu preço. As peçoas que tenhaô a gosto de serem retratadas en sua caza tendo hun bon lucal claro avizaraô hun dia antes; epatendo hun bon lucal claro avizaraô hun dia antes; epagaraô por cada retrato 400 res mais, por o en comado de hir a sua caza com as maquinas.

Tan ben da liçoes aos Senhores criozos desta arte eleva por os encinas 4 moedas de ouro.

Emora

Seadverte que vai de paço a Lisboa. Estara dias

AOS SENHORES ASSIGNANTES.

A EMPREZA da *Revista Popular*, por occasião de encetar o segundo semestre do segundo anno desta publicação, agradece o favor, extraordinario, com que ella tem sido recebida, favor que a habilita a proseguir regularmente, como até aqui, no começado empenho.

A empreza ha sempre feito os mais energicos exforços a fim de que a *Revista* corresponda aos fins para que foi creada; e lisongea-se de o haver conseguido, tanto quanto o permittem as circumstancias absolutamente particulares do nosso paiz e da nossa imprensa litteraria. Entretanto a empreza, cuja pontualidade o público conhece, e tem sabido avaliar, continuará diligentemente a empregar todos os meios possiveis para successivamente melhorar a *Revista*, tornando-a cada vez mais util e digna.

AVISO.

Com este número acaba o primeiro semestre do segundo anno da *Revista*.

A distribuição do n.º 27 ha-de começar no dia 14 de setembro.

A empreza do *Almanak Popular* tem feito todas as diligencias para que o *Almanak* se ache á venda neste dia, em Lisboa, e nas casas dos seus correspondentes das provincias.

O commissario da empreza do *Almanak*, em Lisboa, é o sr. João Paulo Martins Lavado, que está authorisado para dar commissões por sua conta aos diversos livreiros.

PREÇOS DO ALMANAK

Preço de cada exemplar	160 réis.
» de 5 a 100 exemplares	144 »
» de 100 a 500 ditos	140 »
» de 500 a 1:000 ditos	130 »

PREÇOS DA REVISTA

Anno — 960; Semestre — 480; Avulso — 20 réis.

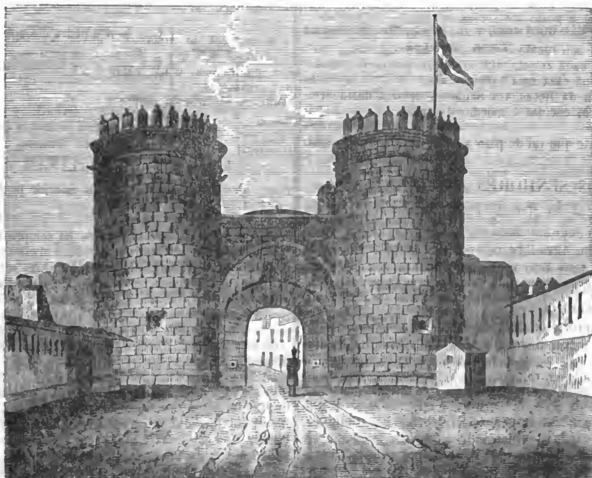
O primeiro volume da *Revista* acha-se á venda, em brochura, na loja do sr. Lavado, *em Lisboa*, na rua Augusta, n.º 8; no *Porto*, nas lojas dos sr.ˢ Cruz Coutinho e Novaes; em *Vianna do Minho*, na typographia do sr. André J. Pereira; em *Coimbra*, na loja do sr. Soares de Paula, livreiro da universidade; em *Evora*, na loja do sr. Vicente Joaquim da Gama, director do collegio de S. Paulo.

Por falta de espaço foi forçoso retirar do presente numero o artigo historico; no seguinte satisfaremos aos justos desejos dos nossos assignantes.

NO CAMPO.



Olha, amorinhos — que vista! que valles! que planicies!



BADAJOZ.

A EXTREMADURA *(extrema ora)* hespanhola, que o Téjo e o Guadiana dividem em tres partes, foi no tempo dos romanos a provincia mais opulenta, e, por ventura, mais importante de toda a peninsula iberica: era então Merida, *Emerita Augusta*, a sua capital. Hoje, por diversas causas, que seria enfadonho, e, talvez, difficil mesmo apontar, é a mais pobre de todas as provincias d'Hespanha, segundo a opinião dos que melhor tem estudado a historia e a economia das duas nações peninsulares.

Badajoz, praça de guerra muito celebrada modernamente pelo famoso sitio que nella sustentou brilhantemente contra os exercitos alliados, o general francez Philippon, é a povoação principal da Extremadura hespanhola, senão a mais importante, militarmente considerada.

Badajoz é uma cidade cuja fundação se não soube, ou se não póde ainda exactamente fixar; é certo, porém, que no tempo dos romanos rivalisava em riqueza com *Emerita Augusta*, merecendo, como municipio, os fóros de cidade, e o titulo honroso de *Pax Augusta*; no tempo dos arabes parece não ter sido menos considerada; estes ultimos distinguiam-na pelo nome de *Bedelaix* (paîz, terra salubre).

Entretanto, apezar de tão remota ancianidade, e ao contrário de Merida, que tem conservado largas feições caracteristicas da sua antiga opulencia, não existem em Badajoz monumentos consideraveis que a attestem.

Em compensação, porém, possue uma magnifica ponte de 28 arcos, que rivalisa com o melhor que, neste genero, nos deixaram os romanos. Foi mandada construir por Filippe II, e mede, em comprimento, 1874 pés, e em largura, 23.

A cathedral tambem é um formoso edificio, onde o observador e o viajante encontrarão, para admirar, as melhores pinturas de Mateo Ceseso, e de Morales, natural de Badajoz.

Tirado daqui, não se encontra nesta cidade cousa notavel que ver; accrescendo que o seu aspecto tem muito do caracter peculiar do habitante da Extremadura; é grave, severo, melancholico mesmo.

A tres leguas de distancia, na nossa provincia do Alemtéjo, está assentada a forte praça d'Elvas. Badajoz e Elvas são, pois, como duas sentinellas avançadas das duas nações peninsulares; firmes e caladas, negras e tristes como deve de ser a imagem dos odios mal extinctos, que até hoje as tem desastradamente isolado uma da outra.

A nossa estampa representa uma das portas da praça

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Curso d'introducção á Historia Natural dos Tres Reinos.

Oolithe e lias. — Ao grupo do *novo grés vermelho* succede na ordem chronologica o terreno chamado *oolithico*, a que se liga o *lias*, ou terreno *liasico*. Reputam-se estes dois terrenos como similhantes, e referem-se um ao outro pela quasi identidade de composição, que nelles se observa, e pela circumstancia de lhes serem communs alguns fosseis caracteristicos.

Lias. — É o *lias* caracterisado em Inglaterra (aonde primeiro lhe deram a denominação), em França, e na Allemanha por uma alternação de leitos delgados de calcareo, cuja côr predominante é azul, e de stratos, ou zonas argilosas de uma côr mui escura, alternação que dá a estes terrenos, vistos de longe, uma apparencia particular, por onde muitas vezes se podem reconhecer. Muitas vezes, como o notou Élie de Beaumont, nas montanhas dos Vosges, e no Luxemburg, o *lias* degenera em rocha siliciosa, transformação que egualmente se observa no Hartz, e n'alguns outros pontos da Allemanha, onde o *lias* assume uma natureza particular, e fornece uma pedra de construcção, que os allemães chamam *quadersandstein*.

É este terreno abundante de conchas fosseis, taes como as *gryphites*, *ammonites*, *belemnites*, e *nautilus*. Tem-se encontrado neste terreno copiosos restos de peixes, que segundo a opinião mais auctorisada, pertencem todos a generos extinctos. Os generos *epidotus*, *acrodus*, e *hibodus*, acham-se representados nestes terrenos por abundantes despojos, que consistem, ou em grandes espinhas osseas, chamados *ichtyodorulites*, ou por dentes, ou, finalmente, por outros restos, mais ou menos mutilados de antigos esqueletos.

O que, porém, caracterisa o *lias* de um modo verdadeiramente singular são os restos de reptis collossaes, cujas fórmas extravagantes se differençam profundamente das que hoje dominam na organisação desta classe de animaes. Os generos mais notaveis d'estes reptis monstruosos são o *ichtyosaurus* e o *plesiosaurus*.

O *ichtyosaurus*, ou *peixe-lagarto*, foi, por assim dizer, reconstruido de restos mutilados e incompletos, por M. Conybeare, que, seguindo as indicações da sciencia creada por Cuvier, chegou a podêr apresentar o desenho do esqueleto inteiro d'este genero completamente perdido. O comprimento do animal deveria, segundo razoaveis conjecturas, medir cêrca de 80 pés; e um fragmento do *plesiosaurus*, que se conserva hoje no museu britannico, apresenta ainda perto de 11 pés de largo, o que leva a concluir, que o animal inteiro devia exceder a extensão que a natureza ordinariamente concede aos animaes mais corpulentos da *fauna* actual.

Grupo oolithico. — Foi este terreno primeiramente examinado em Inglaterra, onde a estructura que caracterisa os calcareos, de que consta, deu origem ao nome por que é hoje conhecido [1].

A oolithe não apresenta em toda a sua espessura a mesma composição, os mesmos caracteres lithologicos. É por isso que os geologos inglezes, geralmente a dividem, em relação á Inglaterra, do modo seguinte:

Oolithe:
- Superior:
  - Contendo a pedra e a arêa de Portland,
  - E a argilla de Kimmeridge.
- Média:
  - Comprehendendo o calcareo corallino,
  - E a argila d'Oxford.
- Inferior:
  - Onde existem as rochas que em Inglaterra denominam *Cornbrash* e *Forest-marble*;
  - Grande oolithe,
  - E a oolithe inferior propriamente dicta.

É de notar que neste terreno ha sempre a alternação das rochas calcareas com rochas argilosas; assim, a pedra de Portland, tão empregada nas velhas construcções d'Inglaterra, e ainda usada nos edificios modernos, repousa sôbre a argilla de Kimmeridge, a oolithe média apoia-se sôbre a argilla de Oxford, e a oolithe inferior fica sobreposta ao terreno *liasico* de que fallámos ha pouco, e que se póde reputar como tendo uma composição calcareo-argilosa.

Acham-se na oolithe *ammonites*, e *belemnites* de different dimensões, assim como *coraes*, que se referem particularmente ás accumdações calcareas daquella formação. Um dos calcareos da oolithe, o *calcareo coralino*, que os inglezes conhecem pelo nome de *Coral-Rag* é assim denominado porque consta, em parte, de bancos extensos de coraes petrificados, pertencentes aos generos *Cariophyllia*, *Agaricia* e *Astrea*, attingindo pela sua accumulação, massas que chegam a alcançar espessura de quinze pés.

Muitos são os fosseis caracteristicos da oolithe, cuja enumeração aqui não damos, por no-lo impedir a estreiteza dos limites desta obra.

Na successão dos terrenos secundarios, segue-se á oolithe superior o grupo denominado *wealdiano*. É este terreno composto de tres grupos distinctos, cuja possança, ou espessura total, anda em certos logares por 800 e tantos pés. São estes grupos os seguintes:

1.° A argilla wealdiana, contendo stratos delgados de arêa e de calcareo conchifero.

2.° A arêa de Hastings, em que se observam algumas argillas e grés calcareos.

3.° Os stratos de Purbeck, que consistem em leitos alternados de calcareo e de marne.

Deu-se em Inglaterra o nome de terreno *wealdiano* a toda esta reunião de stratos, porque as diversas partes dos condados de Kent, de Surrey e de Sussex, onde este terreno póde ser estudado, são conhecidas pelo nome geral de *Weald*.

São estes depositos notaveis por uma circumstancia, e é a de serem todos de origem de agua dôce, em quanto que a oolithe que lhes serve de base, e o terreno *cretaceo*, que lhe está sobreposto, foram evidente-

[1] O calcareo diz-se oolithico quando resulta de uma aggregação de pequenos globulos, que tem uma fórma e uma structura similhante á que offerecem os ovos dos peixes; o que se exprime por aquella denominação (das raizes gregas ωος, ovo, λιθος, pedra).

mente depositadas no oceano, que, como é facil de concluir, tem por muitas vezes mudado de leito, e apresentado a descoberto, em diversos periodos, regiões que n'outras eras se achavam sepultadas debaixo das suas aguas.

Todos os fosseis que nestes depositos se encontram, attestam que os terrenos *wealdianos*, foram formados n'um lago de agua doce, ou n'um *estuario*, que communicava com o mar. Consistem principalmente estes fosseis a molluscos dos generos *Melanopsis*, *Paludina*, *Neritina*, *Cyclas*, *Unio*, etc., cujos individuos se acham por tal fórma agglomerados nos depositos, que superficies inteiras de stratos marnosos, ou de argila, apparecem revestidas d'um recamo de valvas de *Cyclas*, e que alguns leitos de calcareo são quasi exclusivamente formados de restos de *Paludinas*.

O que prova, assim como muitos outros factos similhantes, que se poderiam citar, que a formação das rochas sedimentares não foi, por assim dizer, subitanea, antes pelo contrario se effectuou n'um periodo tão largo quanto o que deveria de correr entre a apparição dos innumeros molluscos que constituem os stratos inferiores, até á morte e fossilisação dos que apparecem hoje nos leitos mais superficiaes da formação.

Para completar na ordem ascendente a grande divisão dos terrenos secundarios, falta-nos descrever rapidamente o grupo *cretaceo*, ou da cré, que repousa immediatamente sôbre o terreno de Weald.

(Continúa.)

ESTUDOS HISTORICOS.

Das côrtes em Portugal.

A HISTORIA — de qualquer maneira que se considere — é e será sempre uma das mais uteis lições que se póde propôr á curiosidade e ao estudo. Isto está dito até á saciedade — é inutil querer demonstrar uma cousa, que todos sabem e sentem.

Mas a historia de um grande povo é duplicadamente util; porque no estudo e indagação escrupulosa e severa das causas da sua importancia e grandeza, e nas que originaram a sua decadencia ou anniquilação devem de encontrar as novas sociedades grandes exemplos a seguir, maiores escolhos a evitar.

O povo portuguez, que, apezar da sua actual decadencia, é um daquelles, cuja independencia politica está mais seguramente garantida, merece incontestavelmente a qualificação de grande; e merece-a pelas suas gloriosas tradições, pela perfeição innegavel de algumas das suas primivas instituições, pela rapidez com que soube engrandecer-se e opulentar-se, pela fatalidade mesmo da sua quéda. Não receâmos ser taxados de vaidade nacional, que é sempre muito mal entendida, quanto mais em materias d'historia.

Com effeito, o povo portuguez — este povo de tres milhões — disputou tenazmente, conquistou, palmo a palmo, a sua independencia, e tem sabido conserva-la apezar de tudo, e a despeito de todos os seus inimigos; e póde afoutamente dizer-se, que não ha aqui geira de terra, que não tenha sido abundantemente regada com o mais generoso sangue derramado nas batalhas da liberdade.

Eram portuguezes os soldados de D. João I e D. Affonso V, que conquistaram Ceuta, Alcacer-Seguer, Arzilla e Tanger, garantindo por este modo a Hespanha e a Europa de uma nova invasão dos indomaveis filhos do Atlas.

Era portuguez o celebrado infante D. Henrique, fundador da eschola de astronomia, cosmographia e nautica de Sagres, e primeiro auctor dos descobrimentos que illustraram o nome de Portugal.

Era portuguez o valoroso Bartholomeu Dias, descobridor do Cabo das Tormentas, ou da Bôa-Esperança.

Eram portuguezes Vasco da Gama e Pedro Alvares Cabral — aquelle abriu um novo caminho para a India, modificou a situação economica da Europa, alargou a esphera dos conhecimentos humanos, concorrendo assim para os admiraveis progressos da civilisação; este descobriu a terra de *Vera-Cruz*, que hoje constitue um dos mais florescentes estados da America.

Era portuguez o conquistador de Góa e Malaca, de Ormuz e Achem, Affonso d'Albuquerque, um dos maiores capitães que tem admirado o mundo.

Portuguezes eram — e de portuguezes se presavam — os celebrados e infelizes Côrte-Reaes.

Era portuguez o illustre Fernam de Magalhães, por ventura o mais perito e intrepido navegador do seu seculo.

Era tambem portuguez D. João de Castro, o vencedor de Diu, o caracter mais puro e austero daquella epocha já de corrupção e de decadencia.

Eram tambem portuguezes tantos e tantos d'esses ousados capitães, que illustrando a sua patria, eternisaram a sua fama.

Por esses mares, por essas terras remotissimas, nessas innumeras ilhas que povoam o Atlantico e o mar da India, em todas as partes do mundo, finalmente, se hão-de encontrar — e se encontram, numerosos e gloriosissimos padrões, assim do valor dos filhos de Portugal, como da sciencia, perseverança e audacia dos seus nautas.

Povo tão pequeno, e que mais — e que tanto tenha feito a beneficio da humanidade e da sciencia, em balde se procurará nos annaes das sociedades antigas ou modernas.

Não póde, pois, deixar de ser altamente curioso o estudo de tudo quanto disser respeito a este povo célebre, e á sua historia.

Nós tentâmos escrever algumas idéas sôbre as antigas côrtes de Portugal; não temos a injustificavel vaidade de acreditar que fizemos obra nova e perfeita — mas acreditâmos, que não será inteiramente inutil o nosso trabalho.

Com effeito a historia de Portugal não é tão conhecida dos proprios nacionaes, como devêra sê-lo; é uma vergonha, que reflecte nos nossos governos, que tão abandonada tem deixado correr a instrucção geral, a primaria — e popular — mas é tambem uma verdade, que ninguem de bôa-fé póde contestar. Deve comtudo confessar-se, que não tem concorrido pouco para esse inexacto conhecimento da historia patria, ainda entre aquelles, de quem, pela posição que occupam na

sociedade, se devêra esperar mais illustração, a falta de um compendio que satisfaça a todas as indicações da sciencia.

Os nossos livros historicos modernos, sem fallar na *Historia de Portugal* do sr. A. Herculano, magnifico monumento do talento e saber de tão conhecido escriptor (e este, pela vastidão do seu plano, não o contâmos para aqui) são, em geral, simples *chronicas*, pallido reflexo dos chronicões da edade-média, que nem ao menos tem aquelle *sabôr* antigo, que nestes se encontra, escriptos sem crítica, e muitas vezes, o que é peior, sem senso commum; são mais a biographia de cada um dos monarchas, do que a historia de um povo, de que a historia de uma nação. As fontes primitivas, que se devem buscar e *succar*, se se quizer avaliar o modo de ser d'esse povo — como são, por exemplo, as leis — que significam, que reflectem sempre as várias modificações porque elle tem passado nas differentes phases da sua existencia social, foram quasi inteiramente despresadas, ou desconhecidas para os auctores daquelles livros.

Nem que estivessemos habilitados com os estudos prévios, necessarios e indispensaveis, poderiamos supprir nas columnas d'este jornal similhante falta. Lembrámo'-nos, porém, que poderiamos, satisfazendo á parte historica delle, desbravar o caminho a quem quer que no futuro emprehender este trabalho, escrevendo alguns apontamentos sôbre os mais curiosos pontos da nossa historia.

(Continúa.)

ROMANCE.

Peccadora.

Se ha hi alguem isempto do peccado, que lhe atire a primeira pedra.

I.

(Continuação.)

Uma noite de novembro, do anno a que nos referimos, estavam o senhor e a senhora de Osser reunidos n'um lindo aposento, mobilado segundo o gosto dos ultimos annos do imperio, a que os amigos da casa davam o nome de templosinho, ou sala azul.

Para quem não ignorar as tendencias mythologicas da moda, naquella época, ha-de parecer logico e proprio este nome de templosinho, applicado a um *gabinete*: esta denominação motivava, com effeito, certas bonitas phrases como a 'divindade deste templo' etc.

E de resto, era um delicioso retiro, apezar da rigidez depravada das decorações, aquelle templo; via-se alli resplandecer o gosto delicado de Robertina. Era alli que a gentil senhora estava á sua vontade. N'um sophá via-se um bordado por concluir. A sua harpa, escondida no vão de uma janella, levantando a extremidade da cortina, mostrava o elegante contorno do seu triangulo doirado.

Por cima do fogão, em cuja pedra se viam alguns destes objectos curiosos, ordinariamente japonezes, estavam os retratos do barão e da baroneza, pintados por Isabey, Vandick da miniatura, semi-escondidos pelas folhas e flôres de dois arbustos-giestas, viçosos e frescos no seu jardim de porcellana.

De cada lado das paredes pendiam bellos quadros. Aqui um *esbocetto* de Prud'hon; alli uma daquellas deliciosas paizagens de Demarne; além ainda outra paizagem de Michalon-l'Épique.

A sala azul não fazia parte integrante do palacio de Osser; occupava todo o primeiro andar do kiosco, levantado no centro de um bello jardim, que se communicava com o principal corpo do edificio por uma galeria de vidraças, toda cheia de flôres.

A fachada principal do palacio d'Osser deitava para a rua Chauchat, e o muro do jardim acompanhava uma parte da rua de Provença.

Era uma fria noite de novembro. O vento soprava furiosamente, sacudindo lá fóra os ramos despidos das arvores, e fustigando os caixilhos das vidraças. Áquelle aposento interior não chegava o arruido de París; a tempestade alli reassumíra aquelle caracter grave e terrivel, que geralmente perde passando pelo tumultuar de uma grande cidade. Quem ouvisse sómente aquella harmonia magestosa, julgar-se-ía n'algum arruinado castello da Bretanha, açoutado pelo vento, a sentir gyrar alegremente o catavento, que range e verga, mas insulta e despresa o esfôrço do vendaval.

Robertina e seu marido estavam assentados um defronte do outro, aos dois lados do fogão, onde estalava um excellente brazeiro. Entre elles erguia-se uma mesasinha sôbre a qual se viam, dispostos com uma symetria que ainda não fôra alterada, alguns pratos de *dessert*. Como fazia muito frio Robertina resolvêra naquelle dia jantar na sua *bergère* (cadeira-de-braços) a abrigo de tepidas almofadas de veludo.

Os dois esposos haviam acabado de jantar sós por sós. Eram ambos moços e formosos. Quem estivesse desprevenido, consideraria o seu notavel isolamento voluntario, como reflexo daquella felicidade pura e socegada dos primeiros dias de uma união desejada.

E, todavia, não era assim. Na physionomia de Armando notaria qualquer bom observador um tal ou qual vestigio daquelle enojo incuravel das pessoas ociosas e muito felizes. A expressão do seu olhar era affectuosa, mas distrahida.

Robertina, durante o jantar, ultrapassára mesmo as raias da sua doce alegria habitual. Ria ás gargalhadas, sem que a conversação désse logar a similhante hilaridade. Outras vezes, sem motivo apparente, gelava-se-lhe o sorriso nos labios, e uma pallidez passageira tingia-lhe o rosto.

Naquelle momento, uma preoccupação penosa e forte parecia absorvê-la inteiramente. Tinha as mãos cruzadas sôbre os joelhos, e os seus bellos olhos muito abertos, mas como pasmados.

Armando acabava de abrir uma carta, que lia attentamente.

A baroneza ergueu uma das mãos, e passou-a lentamente pela testa. Um leve tremor agitou-lhe as palpebras, e uma lagrima deslisou-lhe pela face.

Foi obra d'um segundo.

Quando Armando fechou a carta, Robertina sorria angelicamente.

—Pessimo tempo para a minha pobre Florencia! disse o barão; tinha feito melhor se esperasse alguns dias para emprehender viagem.

—Minha bôa cunhada! replicou a baroneza; tomára já vê-la!

Armando empurrou a mesa, e chegou a sua cadeira da de sua mulher.

—Muito folgo que se estimem assim ambas, disse, beijando a mão de Robertina.

O vento soprava cada vez mais violento lá fóra. Os vidros tremiam ao choque repetido da saraiva. O barão estremecia de satisfação aos vãos esforços da tempestade.

—Olha, Robertina, continuou elle com um meigo sorriso—é a última noite que passâmos sósinhos... Amanhã estará Florencia entre nós.

Robertina não respondeu. Sorria tambem; mas com aquelle sorriso machinal, como *estereotypado*, que se conserva em tôrno da bôcca muito tempo depois de se ter desvanecido o pensamento que o fez despontar.

Armando, pela primeira vez, julgou perceber nella *o quer que é* de extraordinario, e sentiu renascer-lhe no peito vaga inquietação.

Soaram então na pendula sete horas. À primeira pancada, Robertina estremeceu violentamente, e fez-se pallida como uma defuncta.

—Que tens? disse Armando, seriamente assustado.

Robertina fez um esforço para sorrir ainda. Mas não pôde. As suas feições tinham uma expressão de afflicção intima.

—Não sei... murmurou ella... estou muito incommodada... permitte-me que me retire para o meu quarto...

—Eu te acompanharei, acudiu Armando, procurando segura-la.

Robertina desprendeu-se dos braços de seu marido, carregou levemente as arqueadas sobrancelhas, e disse:

—Tenha compaixão de mim... já lhe disse que estou muito incommodada... tudo me afflige... quero estar só!

Armando recuou, surpreso e triste. Robertina atravessou o gabinete, andando a custo, e saíu.

Era uma mulher tão egual de coração; um caracter tão superior aos vãos accessos dos caprichos femenís, que Armando, ao principio, não julgou dever assignar outra causa ao padecimento de Robertina, senão aquelle incidente.

Ficou sósinho no gabinete azul, descontente e afflicto. O fragor da tempestade, que rugia furiosa, longe de produzir nelle uma reacção saudavel, entristecia-o ainda mais.

Aquelle amor, que esfriára no ocio, revivia violento. E ao mesmo tempo, no íntimo do coração, começavam vagas aspirações de ciume a tortura-lo surdamente.

Mas de que havia elle ter ciume?

Quem sabe?... Armando não tinha outro motivo senão a larga resistencia de Robertina; mas todos sabem que é qualidade essencial do ciume não ter razão.

Entretanto, durante uma hora, pôde conter-se. Depois saíu do templosinho, e dirigiu-se para o quarto de sua mulher. Queria vê-la, fallar-lhe... A chave estava na fechadura. Não se via luz no aposento.

Armando travou da chave, e fê-la girar; mas tão perturbado estava, que em logar de abrir, fechou a porta a duas voltas.

Escutou. Robertina parecia não ter dado fé daquelle motim.

—Dorme... pensou o barão.

E não se atreveu a abrir a porta.

Robertina, ordinariamente, não tinha vontade propria, mas quando por acaso assim o resolvia, então revestia-se de uma firmeza tranquilla, e não sabia ceder.

Armando, cada vez mais descontente, porque a consciencia, que tinha do seu absurdo ciume, o envergonhava, affastou-se; e querendo repellir importunos e tenazes pensamentos, mandou pôr a carruagem, sem mesmo saber para onde se dirigiria.

Já depois de se haver assentado nas almofadas do seu magnifico trem veiu o lacaio receber as suas ordens.

—À ópera! disse elle.

Quando pronunciava esta palavra, uma mulher de mantilha escura, virando com rapidez a esquina da rua de Provença, tomou pelo passeio entre a carruagem e a porta do palacio; e vendo que o lacaio lhe obstruía o caminho por aquelle lado, recuou precipitadamente, e foi dar volta por fóra da carruagem.

Armando vira esta mulher.

Soltou um grande grito, e inclinou-se para fóra da vidraça.

A mulher ía então do lado opposto. Armando atirou-se para este lado tambem.

O trem estremeceu.

—Pára! pára! bradou o barão com voz tão commovida, que lacaio e cocheiro desceram, assustados, dos seus assentos.

A mulher entretanto corria como desesperada, fugindo ao longo das casas.

Armando saltou como doudo para fóra da carruagem. Tinha as feições transtornadas.

Encostou-se um instante á porta do palacio, segurando o peito com as duas mãos, como se quizesse evitar que o coração lhe fugisse delle.

Depois, respirando longamente, e empurrando os criados, que pretendiam segura-lo, correu, debaixo d'uma torrente de chuva e graniso, em seguimento da mulher da mantilha preta.

II.

PASSAGEM S. ROQUE.

Armando reconhecêra Robertina naquella mulher.

Tinha d'isto toda a certeza; affirma-lo-ía debaixo de juramento.

Foi, pelo menos, a impressão primeira que lhe fez pular o coração no peito, e que o atirou meio-doudo fóra da carruagem.

Esta idéa, formulada uma vez no seu espirito, não podia facilmente desvanecer-se, porque não reflectia. Tinha a cabeça pelos ares; e a sua perturbação, augmentada pelo esfôrço violentissimo que fazia, tocava as raias do delirio.

De resto, nem tanto era preciso para excitar o ciume d'Armando. O barão era cioso por natureza; e se desde o seu casamento, este sentimento estava como adormecido no seu peito, não era por inteira e illimitada confiança que tivesse na virtude de Robertina.

A confiança de Armando era muito *modesta*. Robertina vivia n'uma esphera superior. Elle via-a debaixo, e não a comprehendia.

Havia ainda outra razão.

Armando, já depois de casado, corrêra um grave perigo. A sua liberdade, a sua vida, talvez, haviam sido seriamente ameaçadas, e o ciume, quando não é motivado, falla alto no excesso do ocio.

No tempo do imperio, a fortuna de Armando tinha sido tão rapida, e digâmo-lo assim, tão pouco justificada, que até os leaes da côrte imperial se atreveram a murmurar baixinho delle. Por mais fortes razões, os da restauração deviam considerar aquelle mancebo que tinham encontrado de posse do logar de um veterano d'administração, como um prodigio de favoritismo, e por uma deducção rigorosa, como um capacho do imperador.

Ora, depois dos cem dias, passára-se na Moeda um caso bastante extraordinario, com que os jornaes fizeram muita bulha, e que deu muito que fazer á policia. Os cunhos com a effigie do imperador, que haviam servido durante os cem dias, desappareceram mysteriosamente, sem que se podesse accusar desta subtracção senão um membro, ou os membros da antiga administração da Moeda. Feito de ladrão vulgar não podia ser, porque nos armazães do ouro e da prata não se encontrára a mais pequena falta.

Que fim se pretenderia com esta subtracção?

Não devia estranhar-se que um governo recentemente restabelecido visse neste facto symptomas de conspiração, ou pelo menos o indicio de esperanças e de reservados pensamentos politicos. Era facil de adivinhar que aquelles cunhos roubados, funccionariam á menor tentativa da revolução comprimida, mas não vencida. Era um meio que o derrotado bonapartismo punha de reserva para os futuros combates, e uma vingança preparada para o futuro.

Os membros da administração, que se haviam conservado nos seus logares, estavam naturalmente a coberto de qualquer suspeita. Restavam os dimittidos — os descontentes. Entre estes, o de mais elevada cathegoria, e, ao mesmo tempo, o mais moço, aquelle que mais devia sentir a falta do regimen imperial, era, sem contradição, o barão d'Osser. Com effeito, este individuo fôra, em toda a extensão da palavra, uma creatura do imperador: sôbre elle recaíram todas as suspeitas.

Armando tinha casado havia seis mezes apenas. — Levava a desgraça do seu monarcha com paciencia. Entretanto, no palacio d'Osser, havia um mysteriosinho, que não o era de certo d'amor. Uma casinha escura, especie de vão, onde se guardavam as ferramentas do jardim, que a ninguem encommodava, e em que ninguem tão pouco pensára, tinha soffrido uma modificação consideravel.

Havia-se mandado tapar a entrada do tal quartosinho, que dava para um corredor do palacio.

Alguns dias depois daquella tarefa, desappareceu de casa, sem pedir os seus salarios, um criado d'Armando, que se chamava Germano Barroux.

(Continúa.)

O porte das cartas na Inglaterra.

Há dez annos propoz M. Rowland-Hill, que se estabelecesse um porte egual e diminuto para todas as cartas. Assim se fez, e, como se previra, o resultado foi espantoso.

Na semana, que acabou em 24 de novembro de 1839, entraram na caixa do correio 1,585:973 cartas.

No anno seguinte, mesmo mez e semana, 3,456:115.

Em 1845, idem, idem, 5,666:759.

Em 1849, idem, idem, 6,849,126.

Esta differença prova incontestavelmente, que a elevação do porte era prejudicial á circulação natural das idéas.

POESIA.

A minha lyra.

> Ritornare alla gioja mi sento,
> Quando un sogno di pace rammento.
> G. Rossetti.

I.

Se não fôra o refrigerio,
Que a minha lyra me traz,
Quando das trevas no imperio,
Se tolda todo o hemispherio,
E me cerca de mysterio
Essa tristeza tenaz . . .
Ai! de mim'o que seria,
Se não fôra a poesia,
Que me dá conforto e paz!

Ave de branca plumagem,
Vens-me na mente pousar;
Do céu me trazes mensagem,
E com mystica linguagem
Me ensinas a ter coragem
Para as máguas arrostar.
Amenisas-me a saudade,
Nos ermos da soledade
Vens-me flores desfolhar.

Bem hajas, ó poesia,
Que assim me rasgas o véu
Que a minh' alma ennegrecia.
Teu brando fulgor me guia,
Como o astro que allumia
Ao navegante o escarcéu.
Bem hajas, ó minha lyra,
Comigo canta e delira . .
Subâmos ambos ao céu!

II.

A que asylo me transportas,
A que estranha região? . . .
Abres-me rubidas portas,
E de estrellas semi-mortas
Só vejo o casto clarão! . . .

Candidas nuvens se estendem
Em tapetes de vapor . . .

Magos perfumes se accendem,
E pelo espaço recendem
Como suspiros d'amor.

Arrobada em melodia,
D'aqui se escuta uma voz . . .
D'onde vem esta harmonia?
Um anjo nos fallaria? . . .
Não, ó lyra. Estamos sós.

Que phantastica morada!
É dos sonhos o paiz? . . .
É reino de occulta fada? . . .
É gruta aeria, incantada,
Onde vagueiam hourís?

Ao eden me transportaste,
Ó lyra, que Deos me deu,
E se o eden me amostraste,
Agora os véus lhe rasgaste . . .
Vejo um mundo que *é só meu*.

III.

Entre inefaveis delicias,
Minha mãe eu vejo aqui,
Que, trasbordando em caricias,
Desvaira, soluça e ri.
— Oh! filho, me diz, que adoro,
Por quem sempre ao céu imploro,
Vem pôr termo á minha dôr:
Vem consolar-me a existencia,
Que definha nesta ausencia,
Como á sêde murcha a flor.

Vejo meu pae. . . Como é nobre
Do seu rosto a pallidez!
Pensa em mim. . . Lá me descobre . . .
Vou abraça-lo outra vez!
E, fartando o meu desejo,
Vou depôr-lhe um terno beijo.
Respeitoso, em cada cã;
Vou. . . Oh! Deus! mas que diviso?
Esta face, este sorriso . . .
Não me engano. . . É minha irmã!

Tenho a meu lado um amigo,
Que se ufana em ser leal,
Que, *livre*, carpiu comigo
Os grilhões de Portugal.
Irmãos n'alma, irmãos na crença,
Na amplidão dos céus immensa
Vimos fito o rei da luz.
Juntos, a lua cantâmos,
Juntos, na serra, adorâmos
Entre as penhas, uma cruz.

Ai! só *a* não vejo. . . É *ella!*
Não me cega uma illusão:
Este anceio m'o revela,
Esta ignota pulsação . . .
Já me inlevo nos seus olhos,
Que da vida entre os abrolhos
Me vertem meigo frescor;
Já deliro e, sem conselho,
A seus pés dobro o joelho,
Fico . . . idolatra d'amor.

IV.

Oh! bem haja a poesia,
Que me trouxe a um mundo tal,
Em que descubro á porfia
Ora o seio maternal,
Que, em pequeno, me acolhia;
Ora o pae, que me carpia;
Minha irmã, que me sorria;
Um amigo — uma harmonia;
Os olhos, em que me eu via,
Como em espelho virginal . . .
Oh! bem haja a poesia
Que me trouxe a mundo tal!

. . . . . 1847.

A. P. da Cunha.

NOTICIAS SCIENTIFICAS E INDUSTRIAES.

A exposição dos productos da industria nacional ha-de ter logar na sala do risco (no arsenal de marinha), onde desde já se recebem os objectos destinados á mesma exposição.

A Sociedade Promotora promette uma medalha d'ouro ao inventor d'alguma machina, ou qualquer outro objecto, cuja reconhecida utilidade seja extremamente sensivel á navegação, á agricultura, ou á industria em geral.

Tambem se distribuirão 12 medalhas de prata pelos inventores, ou aperfeiçoadores de machinas, instrumentos, productos e processos, de que resultem interesses visiveis para a industria em geral.

Consta-nos que muitos artistas e fabricantes estão trabalhando activamente para a exposição, que começará em outubro. Bom será que os agricultores se não esqueçam da exposição. Porque não hão-de apparecer os vinhos, por exemplo, assim como apparecem os productos das outras industrias?

CORRESPONDENCIA.

Sr. Redactor.

Fazer a todos conhecidos os talentos ignorados, a que o nosso tão bello paiz tem dado o ser; animar esses talentos publicando os seus nomes pela imprensa, é um dos mais sagrados e mais sublimes deveres do jornalista: — e o bem reconhecido amor da patria e das suas cousas, que apparece em todas as columnas da *Revista Popular*, é um motivo mais para me animar a fazer conhecer a V. um dos maiores talentos, que nesta cidade tenho conhecido; admiro-me sómente de que reconhecendo toda ella a grande habilidade de um de seus filhos, seja eu, de longes terras, mas portuguezas, o primeiro que lance mão da penna para dar ás columnas de um jornal o nome de *João Fernandes Henriques Ferreira das Neves*.

Este joven, que ainda não conta tres lustros completos, tem sido um portento na arte de gravar em ma-

deira; sem mestre, e o que mais é, sr. Redactor, sem meios, nem protecções; admira como conseguiu fazer obras, que se bem que não são um primor d'arte, podem comtudo chamar-se bem acabadas, attendendo ás circumstancias, que acima deixo apontadas.

Não são isto palavras, sr. Redactor; eu documento. Inclusas encontrará V. duas gravuras, uma do *Magazin Pittoresque*, outra da *Illustração Franceza*, que provam sufficientemente quanto tenho avançado.

Desejo que V. dê á estampa o nome d'este joven, que tanto se distingue em tão precoce edade, como tambem o do digno bacharel em medicina, o sr. *José Antonio de Sousa Doria*, que de ha pouco tempo para cá o tem protegido, mandando-lhe dar mestre de desenho, e tudo o mais que aqui se póde aprender naquelle genero.

Se a um cantinho do seu interessante jornal couber este meu fraco tributo ao genio, muito obsequiará V. aquelle que tem a honra de ser, etc.

J. A. B. A.

Coimbra 27 d'agosto de 1849.

BIBLIOGRAPHIA.

O Industriador

JORNAL PRÁTICO DE SCIENCIA E INDUSTRIA.

É TÃO reconhecida a utilidade desta publicação, que não podemos deixar de noticia-la áquelles que se interessam pela educação dos que se dedicam á industria.

Acham-se já publicados dois números d'este interessante periodico, que se publica mensalmente.

O n.° 1 traz um artigo importante sôbre o estado da nossa agricultura, o começo de uma descripção mui singela e intelligivel das machinas de vapor, adaptada á capacidade de leitores operarios; um outro, conscienciosamente redigido, sôbre a douradura galvanica; um sôbre ligas metalicas, e varios outros artigos, ou notas, de verdadeiro interesse para os que dirigem fábricas, ou exercem a industria em todas as proporções.

No n.° 2 apparece o principio de um pequeno resumo de geometria prática elementar, cuja falta se faz todos os dias sentir aos que não podem, pela sua educação deficiente, consultar os livros onde a sciencia vem exposta e adequada a fins industriaes. Segue-se um artigo em que se demonstra a necessidade de aprender por principios as artes agronomicas, e se dá a classificação, que se póde adoptar no ensino completo da profissão agricola. Vem depois a continuação das machinas de vapor, e da memoria sôbre a galvanoplastica; o seguimento de um artigo sôbre a arte de tornear, começado no n.° 1; o principio de um trabalho sôbre as noções theorico-práticas da relojoaria; e varios outros apontamentos industriaes interessantes.

Esta publicação, cuja extracção tem já crescido além das esperanças dos seus redactores, sae nitidamente dos prelos da Imprensa Nacional, e vem illustrada com bem executadas gravuras, para completa intelligencia do texto.

Recommendâmos o *Industriador* ao público, como um periodico que a todos interessa, e que devem possuir todos os que se dedicam a algum dos numerosos ramos da industria nacional, que todos acharão no *Industriador* artigos que os possam illustrar e dirigir no melhor desempenho dos seus mesteres.

Assigna-se para o *Industriador*, que contém, pelo menos, DUAS FOLHAS DE IMPRESSÃO, com as condições seguintes:

Por um anno	1$440 réis.
Por seis mezes	720 »
Avulso	160 »

Paga-se no acto da entrega.

As subscripções fazem-se na loja do sr. Lavado, e nas mais do costume.

CHARADA.

VINGADO foi teu rapto, ó bella Helena. } 1
Tantos annos depois de f'rina guerra,
Quando alcançou por mim grego ardiloso } 3
A cinzas reduzir de heroes a terra.

Oh! deixa que eu viva
Em doce illusão!...
Não venhas trazer-me
Acerba afflicção!

Quando tua luz
A mente esclarece,
Logo a esp'rança
Desmaia e fenece.

Torna-se a vida,
Á tua chegada,
Em arido êrmo,
Que nos guia ao nada.

Cruel! se me roubas
Esp'rança e *saudade*...
Deixa-me sequer
A doce amizade!

J. A. Pestana.

NO CAMPO.



UM POETA.

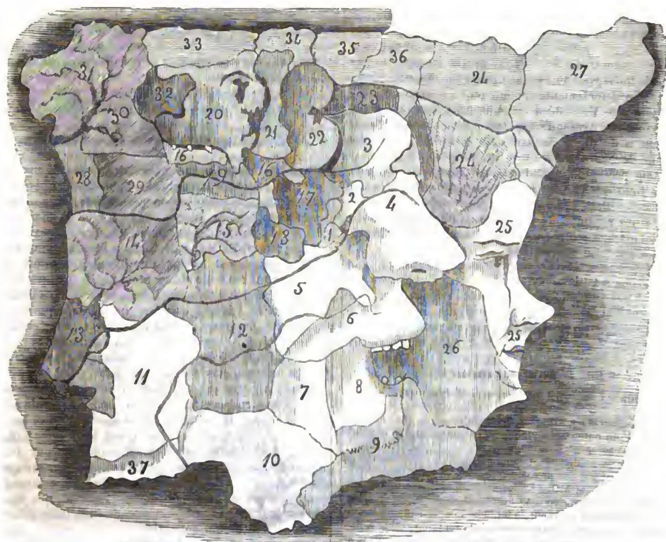
AVISO.

Na proxima seguinte semana começará a distribuição do ALMANAK POPULAR de 1850.

ILLUSTRAÇÃO HESPANHOLA

AVISO AOS SENHORES ASSIGNANTES.

CONSTANDO á direcção da *Revista Popular*, que alguns dos senhores assignantes da *Illustração* se queixam, com muita razão, de que recebem tarde os números d'este jornal, vê-se a mesma direcção obrigada a declarar, que a distribuição desta folha começa logo que chega do correio, tendo com elle a maior attenção, tanto os empregados do escriptorio da *Revista*, como o sr. Lavado, commissario da empreza. É d'esperar que estas faltas se não repitam, porque o sr. *Fernandes de los Rios* tem sempre muito cuidado em sustentar o credito das suas excellentes publicações.



1 — Madrid.
2 — Guadalaxara.
3 — Soria.
4 — Cuenca.
5 — Toledo.
6 — Mancha.
7 — Cordova.
8 — Jaen.
9 — Granada.
10 — Sevilha.
11 — Alemtéjo.
12 — Extremadura de Hespanha.
13 — Extremadura de Portugal.
14 — Beira.
15 — Salamanca.
16 — Valhadolid.
17 — Segovia.
18 — Avila.
19 — Zamora.
20 — Leon.
21 — Palmira.
22 — Burgos.
23 — Brioja.
24 — Azagra.
25 — Valencia.
26 — Murcia.
27 — Catalunha.
28 — Entre-Douro-e-Minho.
29 — Traz-os-Montes.
30, 31 } Galiza.
32 — Ponferrada.
33 — Asturias.
34 — Baston de Laredo.
35 — Provincias Vascongadas.
36 — Navarra.
37 — Algarve.

N. B. — Por falta d'espaço não vae neste número o artigo de mnemonica, a que esta estampa pertence. Irá no número seguinte.

INSTRUCÇÃO POPULAR.

ZOOLOGIA — Raças humanas.

Não é cousa facil fazer uma classificação rigorosa dos diversos grupos da familia humana; comtudo é possivel, tomando por base as tradições historicas e religiosas, determinar aproximadamente cinco raças, que são as seguintes: caucasica, mongolica, ethiope, malaia e americana.

Raça caucasica. — As nações que pertencem a esta raça occupam toda a Europa, menos a Laponia, a Finlandia, e uma porção da Russia; a Asia occidental, a Turquia, a Arabia, a Persia, a Tartaria, o Afghanis-

tan e o Indostão, a Africa septentrional e oriental, a Barbaria, o Egypto, a Nubia e a Abyssinia.

Estas nações, ao que parece, descendem d'uma tribu, que habitou primitivamente o Caucaso, e que por emigrações successivas veiu a espalhar-se pela Europa, Azia e Africa. A influencia dos climas, e outras causas locaes, explicam as differenças que ha entre as nações da mesma raça, mas não poderam destruir ainda os caracteres primitivos dessa raça.

Entre as linguas-mães da Europa e da Azia occidental acham-se analogias de construcção grammatical, e similhanças de vocabulario, que authorisam a hypothese de que todas tiveram a mesma origem.

A raça caucasica tem a pelle branca, que se tisna mais ou menos pela acção do calor e da luz. Os cabellos dos individuos desta raça são compridos, a barba abundante, o craneo volumoso, o nariz arqueado e saliente, labios mediocremente desenvolvidos, barba proeminente e arredondada.

Raça mongolica. — Os caracteres desta raça são : côr amarellada da pelle, face achatada, maçãs do rosto salientes, nariz pequeno, largo e chato, cabellos pretos e poucos, palpebras fendidas obliquamente, intervalo dos olhos consideravel, craneo spherico ou pyramidal.

As nações desta raça occupam a Azia septentrional e oriental, o norte da Europa, e o norte da America.

Admitte-se que esta raça diriva de tribus nomadas, que partiram do centro da Azia, e se espalharam pelo norte, pelo occidente, e pelo oriente, em diversas epochas. Pertencem os chins a esta raça.

Raça ethiope — Pelle negra, ou parda quasi negra, cabellos curtos e encarapinhados, craneo estreito alongado de diante para traz, maxillas salientes, dentes obliquos, labios espessos, barba reintrante. O negro de Senegambia, de Guiné, de Soudan e do Congo, tem todos os caracteres d'este typo.

Apezar d'algumas differenças notaveis podem-se tambem incluir na mesma raça os Hottentotes, ficando assim n'um grupo todos os negros d'Africa.

A esta raça ethiope se juntam tambem os negros da Oceania, que se distinguem dos negros d'Africa, porque teem os cabellos maiores, e pela desproporção entre as extremidades e o tronco. São d'estes, os pretos da nova Hollanda, e os que se encontram geralmente em Sumatra, nas Philippinas e nas Molucas.

Raça malaia — Confundiram-se, em principio da classificação, todos os povos da Oceania n'um grupo. A raça a que se chama malaia é caracterisada pela côr escura da pelle, e pela abundancia dos cabellos negros, encaracolados e grossos. O craneo é estreito e o nariz grosso. Os naturaes de Otaiti teem os caracteres, que distinguem este grupo. Estão no mesmo caso os habitantes de Java e de Madagascar.

Raça americana — Reuniram-se em um grupo todas as nações americanas, posto que entre ellas se encontrem analogias de pequena importancia, e grandes differenças. A côr cobreada da pelle, d cabello negro e comprido, a barba rara, o nariz proeminente, a cara triangular, o craneo alongado, e a região occipital deprimida, são os caracteres mais geraes da raça americana.

Posto que se tenha querido explicar a formação dos povos da America por emigrações dos povos do antigo continente, a lingua que elles fallam, differente das linguas do antigo continente, authorisa a reunião dos povos americanos em uma só raça.

A separação natural da America, em duas partes muito distinctas, deu logar á subdivisão em nações da America septentrional, comprehendendo a gente do Mexico, da California, etc., e nações da America meridional, comprehendendo os povos do Perú, os chiquitos, os caraïbas, etc.

Redondeza da terra. — Antipodas.

Acêrca da fórma do globo terrestre houve na antiguidade mui excentricas opiniões, algumas das quaes, todavia, foram professadas por philosophos, cujo nome a posteridade sempre saudou com respeito. Homero considerava a terra como um plano circular; Anaximenes e Xenophanes diziam, que tinha a figura d'uma montanha, cuja base se extendia ao infinito; e que os astros gyravam em roda da montanha; Heraclides davalhe a fórma d'um barco; Leucippo a d'um tambor; Anaximandro pensava que era similhante a um cylindro. Houve finalmente quem lhe désse a fórma cubica, e a fórma hemispherica. Tão estranhos absurdos provinham da imperfeição das sciencias cosmographicas daquelles tempos, ou da direcção dellas.

Talvez alguem julgue desacertado, escrever-se um artigo em pleno seculo dezenove, para se ensinar ao público, que a terra tem a fórma spherica ou redonda. Na verdade todos sabem dizer, que a terra é uma bola, e que ha antipodas; mas quantos haverá, que nesta doutrina mais nada saibam; nem um só dos argumentos que affiançam a veracidade de seu dito? São estes argumentos ou provas de tão importante verdade, que vamos apresentar concisamente, mas com sufficiente clareza para de todos serem entendidos.

Quando estamos no meio d'uma vasta planicie, em qualquer logar da superficie do globo, e lançâmos a vista em roda de nós, parece que occupâmos o centro d'um circulo, que tem por circumferencia uma linha em que o céu encontra a terra. Á medida que caminhâmos em qualquer direcção, descobrimos uma porção nova de terreno da parte para onde caminhâmos, e do lado opposto deixâmos de ver uma porção egual; mas sempre parece que o logar que occupâmos é o centro d'um circulo terminado pelo encontro do céu com os limites do horisonte. Similhantes apparencias nunca poderiam verificar-se a não ser convexa a superficie da terra.

Quando collocados em uma praia, em que a vista possa alongar-se por um largo horisonte, assistimos á partida d'um navio, e continuâmos a observa-lo sôbre as ondas, notâmos, que passado certo tempo, lhe não vimos o casco, e que progredindo elle em sua derrota, na mesma direcção, os mastros se nos vão escondendo, até que a final a embarcação desapparece de todo do nosso horisonte. Phenomenos inversos presenceâmos, quando o navio voga directamente para o logar em que nos achâmos. O que primeiro vemos nos confins do horisonte são as extremidades dos mastros, e é á medida que a embarcação se aproxima, que vamos vendo de cima para baixo todas as outras partes. Os mesmos phenomenos se offerecem á contemplação do navegador,

quando se affasta, e se aproxima das costas. No primeiro caso são as partes mais baixas dos edificios, as que primeiro se lhe furtam á vista; no segundo caso apparecem primeiro as partes mais elevadas.

Observações terrestres da mesma ordem das que acabâmos de citar, fornecem resultados analogos; e umas e outras provam a convexidade da superficie em que são feitas.

Outra prova é dada pelas numerosas viagens, que se hão feito em roda do mundo, depois que João Sebastião de Elcano, que acompanhára a infausta expedição do portuguez Fernão de Magalhães, arribára á Hespanha em 1521, tendo ido pelo occidente, e vindo pelo oriente. Com effeito, grande número de navegadores tem descoberto, em suas longinquas viagens, outro céu com outras estrellas, vendo a parte opposta da sphera celeste; e isto em qualquer direcção que levem a sua derrota. Accessiveis estão ao nauta todos os pontos da terra, se exceptuarmos as regiões visinhas dos pólos, onde as circumstancias climatericas não consentem organisações humanas.

É fundados na consciencíosa idéa da sphericidade da terra, que os navegantes ousam sulcar a vasta extensão dos mares. É nessa mesma idéa que elles baseam os calculos, que lhes fazem cada dia saber o logar em que se acham, quando, nas solidões do oceano, nenhuma outra cousa os póde dirigir senão a presença dos astros. E tão certa é a sphericidade do nosso planeta, que tomando esta por base de seus calculos, não se enganam em suas mais delicadas determ nações.

Estabeleçâmos agora a hypothese de ser a terra plana, e vejamos as consequencias deduzidas della, concernentes aos phenomenos celestes, as quaes não exprimindo estes phenomenos que observâmos, indicarão o absurdo da hypothese. Pelo contrário, as consequencias tiradas da hypothese da sphericidade da terra, sendo a expressão exacta daquelles phenomenos, demonstram a realidade desta outra hypothese.

Supponhâmos, pois, que a terra é plana em direcção da linha norte-sul. Em qualquer ponto desta linha que um observador se achasse, as duas linhas representadas pelo raio visual dirigido ao pólo, e pela vertical offerecer-lhe-íam sempre o mesmo angulo, porque as verticaes do observador seriam parallelas, se elle caminhasse n'uma superficie horisontal, e parallelos são os raios dirigidos ao pólo, attenta a infinita distancia d'este, como provaremos no artigo seguinte. Tambem os circulos descriptos pelas estrellas, nesta hypothese, conservariam constantemente a mesma inclinação sôbre o horisonte, pelas mesmas razões; pois estando esses circulos a uma distancia infinita, os dois raios que a estrella nos envia quando occupa os dois pontos do meridiano superior e inferior, formam sempre o mesmo angulo. Mas nada d'isto é o que se observa.

Á medida que vamos caminhando para o norte, o pólo se vae elevando sôbre o nosso horisonte, e tambem os circulos que as estrellas descrevem. Demais, avançando para o norte, observâmos que estrellas, que no logar de nossa partida mergulhavam no horisonte, agora se conservam sempre sôbre elle; isto para o lado do norte. Para o lado do sul notâmos, que se não veem agora estrellas, que no logar d'onde partimos, ainda viamos descrever parte de suas orbitas sôbre o nosso horisonte. Todos estes phenomenos são perfeitamente explicaveis na supposição da sphericidade da terra.

Outra ordem de observações astronomicas se tem feito para prevenir a objecção de que as observações precedentes só provam a redondeza da terra no sentido norte-sul, mas que podia ella não ser assim no sentido leste-oeste. Observado de differentes logares do globo um phenomeno celeste instantaneo, contam a mesma hora os habitantes do mesmo meridiano; mas os que tem meridianos diversos, contam mais ou menos horas, segundo estão mais para o oriente, ou mais para o occidente, uns a respeito dos outros. Isto importa a idéa de que o sol nasce mais cedo para os povos que habitam ao oriente, porque se nascesse ao mesmo tempo para todos, todos contariam a mesma hora na occasião do phenomeno celeste; e assim devia ser se ella não fôra curva de oriente para occidente, porque o sol principiaria ao mesmo tempo a allumiar todos os povos que habitam nessa direcção. De tudo isto se infere a curvatura da terra de oriente para occidente.

Outro argumento da redondeza da terra é a grandeza dos dias e das noites nas regiões proximas dos pólos. A grandeza dos dias e das noites depende das relações, que o horisonte guarda com os circulos descriptos pelo sol, e estas relações seriam constantemente as mesmas, na hypothese da terra plana.

Finalmente nos eclipses de lua achâmos uma confirmação de todos os argumentos que acabâmos de adduzir. Em todas as posições possiveis a sombra projectada pela terra sôbre o disco da lua, apresenta a fórma circular.

Nestas avaliações da spheridade da terra podêmos fazer abstracção das desegualdades de sua superficie. Ainda que á primeira vista parece que as grandes montanhas do globo destroem similhante sphericidade, deve advertir-se, que o Dewalagire, que é a mais alta montanha que se conhece, e que se eleva oito mil metros acima do nivel dos mares, está para a grande massa do orbe terrestre, como uma elevação de meia linha para uma sphera de quatro pés de diametro. Diz Biot, que as desegualdades da casca d'uma laranja são mais perceptiveis.

As difficuldades que temos de conceber a sphericidade da terra, nascem da falsa idéa que temos do pêso. Pergunta a ignorancia: — Como póde a terra assim desamparada, sustentar-se no espaço sem cair; e como póde haver antipodas, isto é, gente que anda lá por baixo da bola com os pés voltados para nós, á maneira d'uma aranha pelo tecto d'uma casa? — similhante gente necessariamente havia de separar-se da terra e cair; razão tinham Santo Agostinho e Lactancio Firmiano para não admittir a existencia de homens que andassem de cabeça para baixo. Mas note-se que ha na terra uma fôrça incognita, mas cujos effeitos vemos, e cujas leis calculâmos: esta fôrça, chamada gravidade, retem tudo que se acha na superficie da terra, e attrahe para seu centro os corpos que estão proximos della. A acção de cair consiste, pois, em se dirigir para esta superficie ou para este centro. Não nos affligamos com a quéda da gente, que anda com os pés voltados para os nossos; se caírem, será para o lado da terra, porque aqui está a fôrça, que os attrahe, e a este acto de cair elles chamarão, assim como nós chamâmos, ir para baixo: os antipodas veem, como nós,

a terra debaixo de seus pés, e os astros gyrarem sôbre suas cabeças. As mesmas dúvidas que podêmos ter ácêrca dos antipodas, estes as podem conceber a nosso respeito. Demais, para tranquillisar seu pasmo, bastava virar os olhos para o céu, e ver tantos globos suspensos nos espaços, sem perigo de cair.

Mas talvez fôsse justo e prudente adoptar com Homero, para não cairmos nos abysmos junctamente com a terra, que esta se sustenta sôbre uma columnata guardada pelo gigante Atlas, ou perfilhar o sentimento dos antigos scandinavios, que a faziam descançar sôbre nove pilares; ou opinar com os adoradores de Brama, que a punham sôbre o dôrso de quatro elephantes, já se vê, de fôrças espantosas. Estes differentes pedestaes, columnata, pilares, elephantes, teriam o condão de não cair, com tanto que não deixassem cair a terra!

João Felix Pereira

Lente de geographia, chronologia e historia no Lyceo Nacional de Lisboa.

ESTUDOS HISTORICOS.

Das côrtes em Portugal.

O costume — elevado á cathegoria de direito — de convocar a grandes assembleas os representantes das differentes jerarchias sociaes para ahi advogarem os interesses de cada uma, em particular, e os da communidade, em geral, é antiquissimo, ou antes acha-se consagrado e estabelecido ainda nas primitivas sociedades. Poderiamos facilmente prova-lo se o nosso objecto fosse tratar na generalidade da origem dos parlamentos, ou côrtes.

Entre as nações modernas póde Portugal disputar a primazia na consagração deste direito; com effeito, no paiz que se diz classico da liberdade, a Inglaterra, a primeira reunião geral dos *Communs* que houve foi no reinado de Henrique III, no anno de 1264, como quer o sabio auctor do Atlas Chronologico e Synchronico da Historia Universal, em 1265, como intendem outros, ou, finalmente, em 1266 como affirma Hume, na sua Historia dos Plantagenetes. A *Magna Charta*, tão fallada, e tão apregoada dos escriptores inglezes, só a obteve o povo inglez do rei João Sem Terra em 1215; sendo certo que, não fallando nas côrtes de Lamego, cuja existencia tem sido largamente contestada, já em 1211 se havia, em Coimbra, celebrado uma curia-solemne de prelados e nobres, e que as Leis de D. Affonso foram confeccionadas com a annuencia e concurso dos representantes áquella curia.

Os primeiros estados-geraes, ou parlamento que se reuniu em França foi convocado, como ninguem lido ignora, por Filippe-Augusto, em 1303, no proposito de accommodar a pendencia que se levantára entre elle e o Summo Pontifice Bonifacio VIII.

Na Alemanha, a primeira dieta em que as cidades do imperio appareceram representadas, constituindo o terceiro collegio, ou terceiro braço, foi a de Spira, em 1309, convocada pelo imperador Henrique VII, quando em Portugal reinava D. Diniz, o famoso rei-lavrador.

A celebre dieta de Francfort, em que se declarou que o poder dimanava de Deus, e não do Papa, essa foi muito posteriormente celebrada; isto é, vinte e sete annos depois, em 1338.

Está pois demonstrada, da maneira que era possivel, a prioridade desta instituição em Portugal.

Quaesquer investigações ainda que imperfeitas, sejam, sobre a origem, formação e influencia de uma instituição por varios motivos respeitavel, e que foi tantos seculos eminentemente nacional, não podem deixar de trazer muita luz ao campo ainda bem pouco desbravado da historia dos costumes e instituições patrias.

No proposito, que temos indicado claramente, dividiremos este pequeno trabalho — que não merece elle o nome de memoria, nem tão pouco o de dissertação — em tres partes, ou capitulos distinctos.

I. Das Côrtes — sua convocação, e noticia succinta das que se celebraram em Portugal, pelos differentes reinados.

II. Dos elementos. que entravam na organisação e composição destas assembleas politicas: — os tres braços — clero, nobreza, povo.

III. Da sua influencia sobre a sociedade portugueza, em geral.

(Continúa.)

ROMANCE.

Peccadora.

Se ha hi alguem isempto do peccado, que lhe atire a primeira pedra.

II.

(Continuação.)

Uma bella manhã, um commissario de policia, com a escolta de numerosos *cabos*, invadiu o palacio, com grande terror de Robertina. Fazia-se ao barão a honra de começar por elle a larga serie de visitas domiciliarias, a fim de encontrar os famosos cunhos. A visita não teve resultado algum; mas o commissario reparou que o porte d'Armando estava bem longe de ter aquella serenidade de quem se reputa innocente. Assim, depois da visita a casa das outras pessoas suspeitas, a policia voltou ao palacio d'Osser.

Desta vez a baroneza não se assustou. Armando, mesmo, apresentou-se com um ar digno, e desdenhoso um tanto. Fez pessoalmente as honras da casa aos aguazis; e em quanto lhe mostrava cada quarto, e lhe entregava a chave de cada movel, conservára-se-lhe prêso nos labios um sorrisinho provocante e de escarneo.

O facto é que não apparecia cousa alguma absolutamente.

Os aguazis, estafados e desesperados, já ordenavam a retirada para nunca mais voltar, talvez, quando o commissario percebeu, no fundo do corredor escuro, vestigios de trabalho recente na parede.

Era a pequena porta.

O commissario deu então as suas ordens em voz baixa.

Instantes depois voltava um dos agentes com dois trabalhadores, que se atiraram, sem cerimonia, com os picões á parede.

Á vista d'estes preparativos, o barão perdeu aquelle modo d'escarneo que até alli conservára. Algumas gôtas de suor brilharam-lhe na fronte, e a bôcca semi-abriu-se-lhe como se quizesse fallar. Mas não se lhe soltou da garganta som algum.

O commissario, que o examinava sorrateiramente, sorriu-se áquelles symptomas evidentes de criminalidade. Agora tinha elle a certeza de que além da porta encontraria os celebrados cunhos.

Os trabalhadores proseguiam na obra. O tabique demoliu-se; um agente saltou logo pela abertura. Armando encostou-se á parede do corredor e cerrou os olhos.

— Então! então! bradou o commissario.

O aguazil voltou com as mãos vazias.

— Não ha nada, disse elle.

Armando reabriu os olhos, e respirou longamente. Depois fictou-os estupefacto no agente. Era difficil decidir quem tinha um ar mais *pasmado*, se elle, se o proprio commissario.

Este último não teve mais remedio senão retirar-se, mas sempre rosnando muita grosseria.

Por esta occasião travou-se larga polemica entre os raros jornaes, que então representavam uma especie de opposição, e as folhas do ministerio. Os primeiros acudiam timidamente por aquelle cidadão pacifico e honrado, cujo domicilio fôra assim violado duas vezes, sem pretexto justificavel. Os outros insistiam sôbre a gravidade do facto, e perguntavam, exaggerando a circumstancia do desvão tapado, para que servia aquella porta mysteriosa tapada como os carceres de Anna Radcliffe, n'um bello e novo palacio da calçada d'Antin.

O barão d'Osser deixava-os fallar uns e outros; sempre agradam estas polemicas suscitadas pelo nosso nome — dá-lhe isto uma certa importancia; e tanto mais lhe agradava este estrondo, quanto era certo que já lhe passára o medo.

Dissemos — já lhe passára o medo — porque o senhor barão tinha realmente tido muito medo, visto que fôra elle, em pessoa, que escondêra, depois dos *cem-dias*, naquelle vão, os famosos cunhos que tanto tinham dado que fazer á policia.

Mas os cunhos já lá não estavam, nem tinham ficado vestigios delles. O seu papel *de victima*, podia agora representá-lo sem perigo algum.

Comtudo, como é que os cunhos haviam desapparecido?

A esta pergunta é que o proprio Armando não sabia responder.

Este negocio, que lhe causára mortal inquietação, chegára pouco a pouco a servir-lhe de honesto passatempo, e dava um tal ou qual movimento á sua forçada ociosidade. Mas como elle estava agora abafado, e Armando, restituido a uma plena segurança, retraía-se sôbre si mesmo, e ía encontrar a um cantinho do coração o germen d'um impertinente ciume.

O barão estimava sua mulher, mas não estimava a *mulher*. Como qualquer D. João vulgar, julgava ter direito para não se fiar muito na virtude femenina. Era, em tudo, um homem do *meio*, tão longe de ser idiota como de ter grande espirito: esta gente duvida...

Esta tarde, avistando de improviso Robertina sósinha na rua, tinha-lhe reapparecido aquella desconfiança, que, todavia, nenhum facto até alli justificára. Feriu-o no coração isto — teve como uma vertigem.

Chovia a cantaros: os lampiões balouçavam-se ao vento, suspensos nas suas cordas tendidas pela humidade; as enxorradas alagavam a calçada, e corriam a sumir-se ruidosamente naquelles canos engradados, que n'outro tempo havia no centro de todas as encruzilhadas. Era uma daquellas detestaveis noites de hinverno, em que as ruas de París se transformam em lagos de lama, que atravessa, de longe a longe, algum corajoso trapeiro, percorridas em todos os sentidos por myriades de carruagens, cujos trens fumegantes fazem espadanar a agua, e acabam cruelmente com o temerario peão, que contou com o seu pára-chuva.

Via-se ao longe a linha espelhenta dos passeios desertos. O gaiato de París, mesmo — esse terrivel inconveniente da via-pública — largára o seu dominio invadido pelo vendaval, e recolhêra á espelunca paterna.

Era naquella noite que o sr. barão d'Osser encontrava sua mulher — a pé — na rua!... Realmente, o facto era inverosimil; mas o espirito de Armando não estava n'um estado perfeitamente normal para a avaliar.

E depois elle julgava ter visto...

E não reflectiu. E seguíra um impulso inteiramente machinal.

A mulher que elle seguia dava realmente, na figura, alguns ares de Robertina. Era môça, e elegante ao último ponto. Na rapidez do seu andar apenas tocava a calçada com os delicados pésinhos; resguardavam-na da chuva apenas as dobras ligeiras d'uma manta de seda preta.

Armando não reconhecia a manta, mas a mulher...

E bem lhe custava não a perder de vista; porque parecia que ella zombava dos obstaculos que lhe entravavam o passo a cada instante. Evitava as carruagens, saltava as enxorradas, cortava a violencia das rajadas de vento, que soprava furioso aos angulos das ruas, sem mais esforço apparente, que se o seu pé pisasse a aréa de uma rua das Tulherias, ou o tapete d'uma sala.

No *boulevard* sómente é que parou alguns segundos, como quem procurava uma sege, ou cousa que o valesse, sem gente. Mas isto é muito raro, em noites de temporal; quando faz bello sol, e ninguem pensa sequer em metter-se na caixa immunda de um *fiacre* de cem annos, então sim, vereis estender-se pelo *boulevard* fóra uma extensa linha de rocins ociosos — raça melancholica, e faminta de cevada, que tanta admiração causa aos viajantes estrangeiros.

A dama continuou o seu caminho, assim que viu que não havia seges por aquelles sitios. Atravessou rapidamente o *boulevard*, e depois de haver seguido por algum tempo o passeio opposto, virou repentinamente para a rua Michodière.

O barão, alagado de chuva e de suor, continuou a segui-la. Á luz dos reverberos e dos armazens brilhantes do *boulevard* elegante, a dama que julgava ser Robertina apparecêra-lhe mais distinctamente. Via-a fugir diante de si, e podia ver, senão certas feições do corpo, que escondiam as dobras ensopadas da manta

de seda, ao menos as particularidades do seu andar e do seu porte.

Cada vez mais se persuadia de que era a sr.ª baroneza d'Osser.

Onde iria ella, Deos de misericordia!... Que frenetica paixão, ou que ferrea necessidade não era licito neste caso suppôr?...

Armando não estava em estado de reflectir, como já dissemos; mas no cerebro, escaldado pela febre, accumulava-se-lhe confusamente um chaos de idéas. Sentia a cada instante perder-se no fio dos seus pensamentos, depois illuminava-o uma claridade subita; o sentimento da desgraça presente apossava-se-lhe d'alma. Soffria horrivelmente. Depois, ainda duvidava, ou antes a febre mudava de natureza; já não era a dôr, senão pungente inquietação, curiosidade ardente.

Porque, sempre, acudia-lhe ao pensamento: — onde irá ella?

A supposta Robertina já passára a praça Gaillon, e acabava de tomar pela rua-nova de S. Roque. Ahi não havia o luxo de reverberos dos *boulevards*. A rua estreita, por cujo centro corria lamacenta enxorrada, estava muito proxima de completa obscuridade. As lojas, pequenas e mal illuminadas, pouca luz derramavam cá para fóra. Só de longe a longe podia o barão ver as fórmas elegantes de Robertina — ou da imagem de Robertina — que passava rapidamente debaixo de um lampião, cuja luz affumada, coadjuvada dignamente pelo reflector oxidado, tombava sôbre a calçada uma zona vacillante de duvidosa claridade.

Armando ía já estafado; a sua commoção esmagava-o. A cada instante, com o lenço ensopado, limpava o suor que lhe escorria das fontes.

Quantas vezes, do palacio d'Osser á rua S. Roque, não desejou apressar o passo, agarrar Robertina, e gosar a sua vergonha! Quantas vezes não tentou embaraçar-lhe o caminho, collocar-se entre ella e o precipicio, e offerecer-lhe um refugio no perdão!...

Mas quando lhe occorria este bello pensamento de clemencia, parecia-lhe ouvir como um rir de escarneo soar-lhe na consciencia. Ouvia resmungar em tôrno delle os ditos epigrammaticos dos seus amigos, que repetiam em côro aquella phrase de máu agouro:

— Casou com uma *virtuosa!* ..

Era fatal. Não tinha a esperar perdão do mundo; pois bem! tambem não lhe perdoaria a ella.

A dois terços da rua de S. Roque, perdeu subitamente de vista Robertina, que acabava de entrar na egreja, pela porta que dava para a sachristia. Eram então mais de oito horas da noite; mas como chegára o advento costumavam as egrejas conservar-se abertas até mais tarde.

Armando apressou o passo, e em dois pulos galgou a pequena escada de S. Roque. Tinham acabado os laudes. Não havia na vasta nave mais do que alguns raros fieis que acabavam as suas orações; mas a atmosphera ainda estava tépida da presença da multidão. Armando, cujo sangue lhe escaldava nas veias, ficou como suffocado pelo pesado calor da egreja; e ao principio não viu mais que aquelles cem mil lumes, que o deslumbramento nos põe ante os olhos.

Quando póde ver realmente, distinguiu algumas mulheres ajoelhadas em differentes pontos. Qual dellas seria Robertina?

Ignorava-o. O sachrista acabára de apagar as vélas que decoravam o altar-mór. Só allumiavam a egreja algumas alampadas penduradas do tecto.

E comtudo, apezar de tantos obstaculos, no rosto de Armando desenhára-lhe uma singular expressão de esperança e de satisfação.

É que com effeito, elle sabia que Robertina, apezar da sua origem ingleza, era catholica, e levava a piedade a um ponto, que elle por vezes taxára de exaggerado. O barão escarnecia da devoção de sua mulher com todo o espirito que tinha, ou imaginava ter; e Robertina, desde certo tempo, punha o maior cuidado em evitar conversações sôbre materias religiosas.

Não seria possivel que ella se occultasse de seu marido para cumprir os deveres christãos?

Quem não sabe o ardor com que o naufrago trava da fragil prancha, que o seu proprio pêso vae submergir nas ondas? A mão de um homem que se afoga segurar-se-ía a uma hervinha — a um cabello. Armando julgou-se salvo.

Mirou attento cada um dos confessinarios, convencido de que a sombra de um delles occultava Robertina a seus olhos.

E de bom grado beijára o pó daquelles abençoados confessionarios, que eram agora a sua salvação e a sua esperança.

Começou, pois, a tornear a nave, espreitando por toda a parte, julgando encontrar Robertina a cada canto.

Mas em parte alguma a encontrava; e á medida que proseguia nas suas infructuosas indagações, ía-se-lhe gelando no coração a esperança; porque a inflexivel razão dizia-lhe que ninguem escolhe uma noite de temporal desfeito para, a pé, e atravessando as lamas de París, ir confessar-se como ás escondidas.

Entretanto não parou. Visitou o penultimo confessionario, depois o último. — Nada!

A angustia apertava-lhe o coração.

O sino, indicando que se íam fechar as portas, começou de correr naquelle momento. Armando que estava encostado á armação do côro, julgou ouvir atraz de si um profundo suspiro. Voltou-se rapido.

Era uma mulher que apertava o rosto entre as mãos, e chorava.

O barão não a podia, daquella posição, ver distinctamente. Ía já procurar outra, quando a mulher se ergueu repentinamente, e dirigiu-se a largos passos para a porta que dava para a pequena passagem S. Roque.

Armando conheceu-a immediatamente. Era a mulher da manta preta. — Era sua mulher!...

E correu furioso sôbre seus passos. No momento em que elle chegava ao adro da egreja, viu que Robertina entrava n'uma das ruas da passagem. Em tres pernadas alcançou a tal rua, e ouviu, sôbre a sua esquerda, fechar-se uma porta nas trévas.

Não havia que duvidar; Robertina estava alli...

O barão teve de appelar então para todo o seu sangue-frio. Aproximou-se, pé ante pé, da porta, e não ouviu senão um som cavo e regular, similhante ás pancadas de um pesado martello de forja, batendo a intervallos eguaes e lentos, sôbre uma barra de ferro candente.

Mais nada!

Recuou. Os seus olhos, habituados á obscuridade, descobriram claridade através das fendas da porta.

Armando era, em quanto a coragem, o mesmo que em quanto ao mais, um homem vulgar — muito longe do heroismo certamente, mas a abrigo de toda a suspeita de cobardia. Sua mulher estava alli, além daquella porta. Bater, era annunciar-se e dar o alarma...

Ora, elle desejava *surprehender*...

Recuou, neste proposito, até á parede opposta; depois, atirou-se com toda a sua fôrça sôbre a velha porta. Esta abriu-se.

Armando, no espaço d'um quarto de segundo, viu tres homens a trabalhar em tôrno de uma especie de machina, cujas fórmas não teve tempo para bem distinguir. Não estava mulher alguma no negro aposento.

Isto foi o que elle apenas viu; porque as luzes apagaram-se logo; quatro braços vigorosos o agarraram nas trévas. Mão mysteriosa veiu apertar-lhe a bôcca; e sentiu as pontas geladas de dois punhaes, um sôbre o peito, outro sôbre a garganta, em quanto uma voz desconhecida dizia:

— Talvez venham mais... toma sentido, Larigo!...

(Continúa.)

POESIA.

A uma joven poetisa.

(NO ALBUM DA EX.^{MA} SR.^A D. MARIA CANDIDA CARVALHO E VASCONCELLOS.)

Para ti son la risa y los festines.
J. ZORRILLA

TAMBEM tu, ó virgem bella,
N'uma harmonia singela
Podes tua alma exhalar?
Tambem tu sentido canto,
Tão sentido como o pranto,
Sabes do peito arrancar?

Tambem tens uma aurea lyra,
Que tão cadente suspira
Tristes queixas, doces ais?
Tambem gemes, tambem choras,
Tambem tu a morte imploras
N'alguns momentos fataes?

Tu que ainda da desgraça
Não libaste a negra taça,
Já te sentes sem valor?
Tu na aurora da existencia,
Sob as azas da innocencia,
Tambem tu cantas a dôr?

Da vida nos mil caminhos
Não achaste inda os espinhos
Onde rasgâmos o pé...
E já não tens uma crença
Nem restos da esp'rança immensa,
Nem um vislumbre de fé?

Tu, innocente, formosa,
Singela, candida rosa,
Fechada em casto botão,
Tu queixando-te da sorte,
Qual se frio, irado o norte
Te desfolhasse no chão?!

Ah! donzella, a tua lyra
De falsa musa se inspira
Nas lamentosas canções;
Tuas dores, tuas mágoas,
Fugitivas, como as aguas,
São apenas illusões!

Que soffres? no mar da vida
Não viste inda embravecida
Negra furia, o vendaval;
Longe, longe das tormentas,
Essa vida que lamentas
É banquete festival.

Onde vives, onde assomas,
Puro ambiente d'aromas
Tu respiras como a flor;
Em vão buscas no horisonte
Negra nuvem, negro monte
Que do céu te roube a côr.

Não, donzella, não padeces,
Sem motivos entristeces,
Tu blasphemas sem razão;
No teu semblante sereno
Não ha signaes do veneno
Que lavra no coração!

Tens na vida lympha pura
Onde os limos não mistura
Doida corrente veloz;
Que conheces da desdita?
Viste-lhe a face maldita?
Já sequer lh'ouviste a voz?

Sim, donzella, o que exp'rimentas
Dista muito das tormentas
D'este mundo, torvo mar;
Que importam penas ligeiras
Se dias, noites inteiras
Aqui se véla a chorar?

Deixa pois, ó virgem, deixa
Essa lyra que se queixa
Em sentidos, longos ais;
Tu, virgem, nunca soffreste,
E a poesia celeste
É dos tormentos reaes.

A. LIMA.

Academia Real das Sciencias.

CONSTA-NOS que a Academia nomeou para lentes do Curso d'Introducção os sr.^s Dr. Francisco Antonio Pereira da Costa, e Dr. Guilherme José Antonio Dias Pegado, lentes da Eschola Polytechnica. Esta nomeação faz honra á Academia.

NOTICIAS SCIENTIFICAS E INDUSTRIAES.

O sr. Albino de Figueiredo, com alguns alumnos, está fazendo — para estudo — um projecto de caminho de ferro para Cintra.

O que vae passar de projecto, e tornar-se real, segundo dizem, é a estrada de Cintra para Collares. Folgâmos com isto, porque realmente é uma vergonha ter naquelle estado uma estrada de tamanha importancia para o nosso commercio de fructa e vinho. Já se reuniu, para levar a effeito o plano, uma commissão de proprietarios. Dizem-nos que o sr. José Jacintho Tavares, prior de Santa Isabel, está muito interessado e trabalha diligentemente para que a commissão chegue a conseguir os seus fins.

BIBLIOGRAPHIA.

PROSPECTO.

A Cholera-morbus.

É uma memoria que tem por fim: — 1.° Pintar ao vivo o caracter assolador da *cholera-morbus*, mostrando philosophicamente todas as phases da sua degeneração. — 2.° Provar a possibilidade de que Portugal venha ainda a ser, pela segunda vez, prêsa d'este flagello horroroso, vistos os estragos que elle está fazendo nos mais paizes. — 3.° Mostrar a necessidade de propagar esta Obra, que o seu auctor com toda a nacionalidade e philantropia dedicou á Nação Portugueza. — 4.° O seu auctor demonstra, por factos e documentos officiaes, depois de bem fundada comparação, a excellencia do systema homœopathico sôbre o da medicina até hoje seguida em Portugal e outras nações. — 5.° Finalmente, o auctor da memoria apresenta os meios de prevenir e curar a *cholera-morbus* em termos tão explicitos e tão intelligiveis quanto concisos; de sorte que, ter um volume desta memoria, equivale a possuir um thesouro de medicina popular; sendo, talvez, o seu mais saliente merito o pôr no alcance dos conhecimentos — ainda os mais vulgares — os meios de prevenir e tratar um flagello tão assustador, que basta proferir o nome por que é conhecido, para dispertar em nosso pensamento as mais sinistras lembranças, de que a historia das desgraças humanas nos dá noticia!

Assigna-se na rua Augusta n.os 1, 2 e 8. — Preço 10 réis cada folha.

CHARADA.

De quantas irmãs tenho sou segunda; — 1
Mas não... jámais serei senão terceira. — 1
Negou-me a natureza uns bellos olhos, } 2
Cedendo a minha irmã belleza inteira. }

Viva sympathia,
Um amôr sem par...
Gerou em minh' alma
O teu meigo olhar.

Será indelevel
A minha ternura;
Sim... juro adorar-te
Té á sepultura.

E quando no tumulo
Eu dormir um dia
O somno da morte
Sôb a lousa fria,

Ouvirão meu pó
Gemer e carpir...
Se o nome de E.....
Alguem lá proferir!...

EXPLICAÇÃO DAS CHARADAS

Do n.° 26 — Ricardo.
Do n.° 27 — Desengano.

AVISO.

Publicou-se o ALMANAK POPULAR para 1850.

Acha-se á venda no *Escriptorio da Revista*, rua de S. Bento, n.° 114, e na loja do Sr. Lavado.

Preço geral — 160 réis.

Todos os exemplares devem ser rubricados pelo director da Revista Popular.

NO CAMPO.



— Trepa, mano Braz, tu não vês alli uma lebre?
— Onde, mano? onde?... Que sol!



Barba-rôxa.

O POBRE barqueiro, que chegou a ser rei de Argel e de Tunes, era filho d'um renegado albanez, e da viuva d'um sacerdote grego. De quatro irmãos, que eram, só um seguiu a vida do mar. Chamava-se Horruc, e foi depois conhecido em todo o mundo pelo nome de *Barba-rôxa*. Obrigado pela miseria, ou porque se sentia com ânimo para outras emprezas, deixou a ilha de Metelin, sua patria, e partiu para Constantinopla. Prisioneiro em uma refrega entre os cavalleiros de Rhodes e os turcos, foi obrigado a servir n'um escaler, com uma cadêa ao pé. Como era ruivo chamavam-lhe todos *Barba-rôxa*. Depois de ter estado prêso dois annos, cortou a cadêa, e desertou. Como lhe faltassem os recursos em Constantinopla foi servir em um bergantim corsario de Constantinopla. O bergantim pertencia a dois marinheiros que nelle navegavam. Pela morte de um, ficou socio do outro; matou-o quando estava dormindo, deitou o corpo ao mar, dirigiu-se para a Barbaria, entrou em Metelina, nomeou um de seus irmãos capitão do bergantim, e levou outro comsigo n'uma galera. Passando por Nigroponto tomou uma galeota dos turcos, fez uma bôa prêsa depois na Sicilia, e com grandes presentes ganhou a sympathia do rei de Tunes. Navegou algum tempo por conta d'este rei. Depois foi para Argel, que se preparava então contra os hespanhoes, e alli, estando á ceia, mandou matar o chefe dos argelinos, e fez-se rei, sem que ninguem se oppozesse á sua elevação. Senhor de um sceptro, Barbarôxa não ficou satisfeito, declarou guerra ao rei de Tunes, e, conquistando a cidade, reuniu mais uma corôa. Em Tremecen fez o que fizera em Argel. Reinava lá a desordem. Horruc entrou com a sua gente na cidade, poz fóra das portas o rei Buchemu, nomeou outro, e poucas horas depois mandou-o matar, fazendo com que o acclamassem tambem rei de Tremecen. Tornando a Argel, e temendo alguma conjuração, chamou a sua casa 70 cavalleiros, e homens ricos da cidade, matou-os, roubou-os, e roubou muitas casas, dizendo que o havia feito para que não fôssem traidores, como já o tinham sido aos seus legitimos reis. O rei de Tre-

mecen foi pedir auxilio a D. Carlos, que estava em Oran, deixou 32 meninos nobres em refens, e marchou com 300 hespanhoes contra Barba-rôxa. Vendo-se este em situação desesperada, escapou-se secretamente, levando comsigo as suas riquezas. Logo que os hespanhoes o souberam, correram depoz elle, e foram encontra-lo a trinta leguas de Tremecen. Barba-rôxa atirava moedas de prata e ouro, atirava joias, que elles apanhavam, sem que por isso deixassem de o perseguir. A final, tendo-se refugiado em um curral, foram dar com elle, e o mataram, levando a cabeça e o fato para Oran. Assim acabou Horruc Barba-rôxa, no anno de 1518.

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Mnemonica.[1]

IV.

(Continuado da pag. 36.)

Pretende-se que ha vinte e quatro seculos, abatendo uma casa, sepultára repentinamente debaixo de suas ruinas um banquete esplendido, e que, dos numerosos convidados que lá se achavam só Semondes, o poeta, escapou por milagre. Tratando-se depois de distinguir os corpos, já se vê mui desfigurados, recorreu-se, como era natural, ao vate salvo, o qual, recordando a ordem dos logares, ajudado, como devia sê-lo, e muito, por circumstancias e mais incidentes que presenceára, conseguiu mais do que o intento, sentindo a possibililidade de uma arte, allivio extraordinario da memoria. A um desastre deve, pois, a sua origem a mnemonica. Saíndo do entulho donde tiravam cadaveres, nasceu, por assim dizer, com mortos: agouro sinistro de que tantos seculos lhe não seriam de vida, e que nem sequer lhe daria acceitação cançar-se, por mais que fizesse, de merecê-la. Foi conhecida pelos romanos no tempo de Cicero, porém já depois de Quintiliano torn ou a cair em abandono; apparecendo e desapparecendo como phantasma, tem occupado, com longos intervallos, epochas brevissimas, se bem que de não vulgar espanto. Na sociedade civil encontra-se um homem a quem fez a desgraça, não só vencer o tedio, como ainda mais, lançar com uma certa avidez a mão ao trapo, na immundicie: a sociedade que estuda, quando se não torne tão philosophica que se não enoje á vista de relações que, parecendo-lhe pueris, ainda não são das peores, nunca chegará a manufacturar o *papel*, em que só póde conservar-se facil e commodamente essa sciencia, que á custa de trabalho adquire no estudo.

As relações, quaesquer que sejam, entre o conhecido e o desconhecido, que não passam ás vezes de simples associações, constituem o principio, talvez mais geral, da mnemonica. Ora como o habito póde formar associações, concluiu-se que nesse sómente consistia a essencia da memoria, e procurou-se, como em outro logar já disse, gravar nella como na pedra grava a agua.

[1] Veja-se a primeira estampa do n.º 28.

Entretanto aquelle principio geral para ser desenvolvido com todos os seus detalhes, demandava maior espaço do que aquelle a que tenho de restringir-me, e que devo quanto possivel aproveitar; por isso, limitarme-hei a comprova-lo sómente com um exemplo — applicação novissima a uma parte do estudo de geographia.

A muitas pessoas tenho ouvido assimilhar a peninsula italica a uma bota; comtudo, considerando-a em relação á Europa toda, mais lhe convem a figura que lhe dá Camões:

> Da terra um braço vem ao mar, que cheio
> D'esfôrço, nações várias sujeitou,
> Braço forte de gente sublimada
> Não menos nos engenhos, que na espada.
> *(Cant. 3.º, est. 14.)*

A peninsula iberica no mesmo cant. 3.º, est 17, vem designada como cabeça da Europa.

> Eis-aqui se descobre a nobre Hespanha
> Como cabeça alli da Europa toda;

Muito mais natural é descobrir entre as figuras extremamente variadas de uma carta geographica, uma ou outra que se assimilha por acaso a algum objecto conhecido, do que ver nas constellações as imagens que se lhe attribuem; entretanto é innegavel, que essas constellações são um excellente artificio, e para astronomos um poderoso argumento em favor da mnemonica.

Supponhâmos por um momento, que dentro do contôrno da Europa sem nada o alterar, se podesse desenhar uma figura de homem ou mulher, cuja cabeça occupasse a Hespanha, um braço a Italia, e outro por ventura a Inglaterra, distribuídos todos os outros membros ou vestidos, de modo, que todo esse contôrno ficasse cheio. É claro que um tal desenho muito ajudaria a imaginação, e tornaria por conseguinte mui facil á memoria conservar os confins e figura dos paízes. A posição respectiva dos reinos, provincias, etc. podia-se então referir commodamente ás differentes partes daquelle desenho, e a estas, as cidades, villas, etc., como as estrellas se referem ás várias partes de uma constellação. O grande poeta, fallando do seu Portugal, fez isto mesmo:

> Eis-aqui, quasi cume da cabeça
> Da Europa toda, o reino Luzitano;
> Onde a terra se acaba e o mar começa,
> E onde Phebo repousa no oceano.
> *(Cant. 3.º, est. 20.)*

Ora um tal desenho não só é possivel para a Europa, e cada uma das outras partes do mundo, senão que já está executado para mnemonisar as provincias de cada paíz. Pela occasião da estada de SS. MM. e AA. na villa de Mafra, e da visita que SS. AA. RR. os senhores principe D. Pedro e Infante D. Luiz se dignaram fazer ao Real Collegio Militar, tive a honra de apresentar-lhes cartas geographicas coloridas segundo este systema.

Quando em uma carta geographica cada paíz se dis-

tingue por uma côr differente já desapparece uma grande parte da confusão, que produzem tantos nomes sem ordem, tantos traços em várias direcções, linhas formando toda a qualidade de curvaturas, etc. Mas esta vantagem tão consideravel que apresenta o colorido, torna-se immensa se as côres não forem escolha do acaso. Um principio deve regular este trabalho, e é que, cada provincia se pinte de uma côr mais ou menos adoçada e carregada em partes, de modo que a totalidade das côres de um paiz offereça á vista, quanto possivel, visto que os contornos se não alteram, uma figura conhecida, cujas partes sejam bem distinctas, e apresentem as mesmas provincias.

Pois que temos fallado da peninsula, direi as côres que dei ás provincias das duas monarchias que a compõe, servindo-me de uma carta de Charle, de 1836.

Alemtéjo, Algarve, Sevilha, Cordova, Jaen, Mancha, Toledo, Cuenca, Guadalaxara e Soria, todas côr de carne, e distinctas umas das outras por linhas vermelhas, ou sombras leves; as duas últimas provincias que mencionei devem ser assombreadas de uma côr escura para o lado occidental, e a de Toledo, de vermelho mais vivo para o oriente. As provincias de Entre-Douro-e-Minho, Extremadura portugueza e hespanhola, Avila, Segovia, Valhadolid, Burgos, Palencia, Leon, Zamora, côr de castanha, e todas mais carregadas para o lado do occidente. Ponferrada, Brioja, escuro, como tambem Carrion e os territorios que na provincia de Leon pertencem a Valhadolid. Beira, Traz-os-montes, Salamanca e Galiza, verde. Asturias, Baston de Laredo, Provincias, Vascongadas, Navarra, Catalunha e Aragão na parte que fica ao norte do Ebro, azul celeste; a parte desta última provincia que fica ao sul do mesmo rio, loura. Granada, Murcia e Valença, côr de carne; porém antes trigueira, sendo Murcia mais carregada de vermelho para o lado do oriente. Proximo á capital Valencia, desenhe-se um ôlho proporcionado ao nariz que se formar com a ponta no cabo de S. Martinho, e junto a Alicante desenhe-se em harmonia com o resto, uma bôcca. Sôbre o Téjo um territoriosinho pertencente ao districto de Madrid, faça-se negro. Estas côres todas formarão uma apparencia mui aproximada de duas cabeças humanas em perfil, olhando para o oriente, e outra de animal, tambem em perfil, que olha para o lado opposto. A cabeça do meio parece a de uma velha, tendo a bôcca aberta; nesta, para maior illusão, se podem desenhar uns dentes, o que tambem fiz na do animal, cuja orelha formada de tres porções, cae junto ao ôlho da velha, do qual é palpebra Guadalaxara; as duas Extremaduras formam o resto do cabello, etc.

Todos conhecem o perfil humano, ora olhando este para o oriente, se lhes fôr perguntado, quaes os confins e posições respectivas das differentes partes do rosto, não só relativamente aos pontos cardeaes, como tambem a respeito umas das outras, ninguem ficará que não responda: O nariz confina pelo occidente com a face, tem para o sul o labio superior, e ao norte a testa. A madeixa confina pelo oriente com a face, etc. A tudo isto chamo eu, e ninguem m'o contesta, o conhecido: passemos ao desconhecido.

A face é Toledo, o labio superior prolongado por baixo da face é a Mancha; a queixada inferior é de duas partes: a da barba é Jaen, a outra é Cordova, etc. Se a posição e confins respectivos das partes do rosto eram conhecidos, não o são menos agora os das provincias que representam. Mas dir-me-hão — Ha difficuldade em reter que tal parte da cabeça representa tal provincia — não tanto como parece — porque assim como buscâmos a relação do todo o desconhecido ao familiar, assim procuraremos tambem as relações entre os nomes geographicos dessas partes, e os anatomicos que muito bem conhecemos. Que relação póde haver entre testa e Soria? Soria assimilha-se em orthographia ao imperfeito do verbo sorrir; portanto, se a testa sorria, foi quando a velha que representa o perfil era menina e moça. A palpebra é Guadalaxara, que póde mudar-se em *guarda a cara*; com effeito a palpebra guarda o ôlho, este a cara, logo a *palpebra guarda a cara*. A madeixa é a Extremadura Hespanhola; as que se perdem com a edade não são, já se vê, de *extrema dura*, etc. As relações que apparecem não podem ser sempre tão sérias, como exigiria talvez a severidade dos homens de letras e de sciencia; por isso, como disse, e ainda repito, a mnemonica é como o *papel*, que para formar-se, até mesmo o do mais bello assetinado, foi necessario que alguem vencesse o nojo aos trapos sujos.

Devo notar a respeito das provincias que disse se tingissem de verde, que esta côr, visto terem ellas várias ramificações de montanhas, lhes dá a apparencia de folhas de parra, ou de outra qualquer planta, com os seus veios.

Temos alphabetos figurados para facilitar ás crianças o aprender a ler; aqui lhes offereço eu tambem cartas geographicas figuradas, e espero mais do seu effeito, do que de qualquer outro artificio até hoje inventado, como aquelle que lhes dá para brinquedo as mesmas cartas recortadas em differentes figuras arbitrarias, que elles tem de combinar.

O abbade Gaultier aconselha desenhar as cartas. Para um discipulo chegar, como já vi, a desenhar de côr, sôbre uma pedra, as differentes partes do mundo com seus principaes rios, montanhas, cidades, divisão de paizes, etc., e mostrar que sabe bem, tem que trabalhar muitissimo. É evidente, que o meu methodo de illuminar as cartas o alliviaria do maior pêso d'esse trabalho, reduzindo-lhe o seu estudo, simplesmente, a desenhar de memoria figuras conhecidas.

Marcos Dalhuntt,
Lente do Collegio Militar.

ROMANCE.

Peccadora.

Se ha hi alguem isempto do peccado, que lhe atire a primeira pedra.

III.

O SR. CHOSE.

Qualquer outro tão corajoso — mais corajoso que o sr. barão d'Osser — ficaria egualmente aterrado, em frente de um perigo tão proximo e tão imprevisto.

Um golpe de vista rapido mostrára-lhe tres homens n'uma vasta quadra, quasi nua, e de miseravel aspecto, illuminada com uma unica luz. Agora rodeavam-o profundas trévas. Musculos d'aço roxeavam-lhe os braços, e as pontas de dois punhaes ameaçavam-lhe o peito e a garganta.

E comtudo o seu primeiro pensamento não foi de medo; durante o espaço que teve para reflectir depois da sua repentina entrada, uma só palavra lhe apontou aos labios — Robertina!

A commoção, elevada a uma certa altura, ou antes, a paixão, póde apossar-se a tal ponto das naturezas, ainda as menos ethereas, que chegue a fazê-las esquecer de si mesmas para concentrar energicamente n'uma idéa fixa todas as suas faculdades.

O barão não fez um unico esfôrço para se desprender; não lhe sobreveiu mesmo aquelle estremecer repentino e involuntario, que não podem reprimir ainda os mais fortes em occasiões de crise suprema.

É preciso, porém, confessar que a *crise* não durou muito. Antes que os punhaes lhe começassem de cortar as carnes, isto é, antes de ser volvida a decima parte d'um segundo, ergueu-se uma voz na escuridade.

— Larga o rastilho, Larigo!... tracta de fechar a porta... Vinha só... não tem figura de *policia*, este. Não lhe façaes mal, sem que vo'-lo diga, sr. Chose!... Eu cá vou accender a luz... e affianço-vos que haveis de rir!

O som desta voz era familiar ao barão, mas, na confusão de idéas que lhe acudiam ao cerebro em fogo, não podia lembrar-lhe o nome do homem a quem aquella voz pertencia.

O individuo que amordaçava a bócca do barão, pareceu hesitar.

— Tu conhece-lo? perguntou.

— Sim, sim, respondeu a voz, rindo; e tambem vós o conheceis... senão fôsse elle não ganhavamos nós o pão de cada dia... Anda! Larigo, já cá achei um fosforo... fecha agora a porta!

O proprietario da voz compassiva largou o barão, que ficou seguro sómente pelo sr. Chose; mas este tal era muito capaz de o segurar e bem — sósinho.

Ouviu-se o estrondo da porta que se fechava, e ao mesmo tempo o clarão da luz, novamente accêsa, veiu illuminar todos os objectos que rodeavam o sr. barão d'Osser.

Viu então — e não lhe custou a distingui-lo — um apparelho completo para a fabricação de moeda falsa. Talvez agradasse uma descripção neste logar. É cousa curiosa e pouco conhecida um fábrica de moeda-falsa; mas para isso é preciso consciencia, e, realmente, nós não nos reconhecemos com direito de empregar o nosso tempo em ensinar aos homens de bôa vontade, a arte engenhosa de cunhar, com vil estanho, bellas e brilhantes peças de cinco francos.

O barão que, até certo ponto, era do *officio*, percebeu, logo á primeira vista, todos os detalhes daquella indústria illicita. Apinhados em uma mesa estavam várias laminas de metal preparadas para o cunho; porque os nossos homens não eram d'esses pobres artistas, que entornam uma colher de chumbo no molde grosseiro de enxofre ou de gesso. Nada! batiam moeda, em toda a extensão da palavra, nem mais nem menos que o rei de França, ou o principe de Monaco. A unica differença era que, como a installação de um *balancé*, tem inconvenientes graves, e custa cara, haviam-lhe substituido o pesado martello, que antigamente se usava em todas as casas da Moeda.

O barão viu isto, e viu tambem os tres homens, em cujo podêr se achava.

O unico que chamou naquelle momento a sua attenção foi o proprietario da voz misericordiosa, que se tinha erguido nas trévas para o salvar. Nesse reconheceu o barão, Germano Barroux, seu antigo criado.

Germano era um mocetão de bello humor, que pegou da luz, e a chegou perto da cara do barão.

— Não, não... acudiu, rindo a bom rir... não é *policia*, este!... É um digno senhor, que bem de incommodos tem tido por nossa causa... Respondo por elle, sr. Chose... É manso como um cordeirinho... E como a porta está fechada, podeis larga-lo.

O sr. Chose não julgou conveniente restituir a liberdade ao seu captivo.

— Não duvido, disse elle; mas como lhe chamas tu, a este senhor?

— Ora! replicou Germano — é aquelle cujo palacio Larigo tão aceadamente escalou...

Larigo aproximou-se, e depois de ter examinado Armando escrupulosamente, murmurou:

— Diabos me levem se o conheço... tambem tenho escalado tantos palacios!

— Para palmar os cunhos com a effigie do outro, concluiu Germano; é o nosso bemfeitor, o sr. barão d'Osser todo inteiro!

O sr. Chose retirou logo a mão que apertava a boca d'Armando, e cortejou-o quasi polidamente.

— Sr. barão, disse — considerar-me-ía o homem mais desgraçado do mundo, se o tivesse morto... Queira ter a bondade de se assentar. Ha muito que eu desejava travar relações com o sr. barão.

Estas palavras foram proferidas com um ar serio, modesto, pausado, perfeitamente em harmonia com o exterior do homem, que se intitulava sr. Chose, mas que contrastava extraordinariamente com a apparencia miseravel daquelle aposento baixo, escuro, immundo, affumado, em que se passava tal scena, não contrastando menos com a insolencia de Germano, e o esfarrapado trajar de Larigo.

Larigo, para que o leitor não julgue que está n'alguma caverna de opera-comica, era um antigo forçado das galés, fugido, portador d'uma physionomia patibular.

Com quanto estejamos perfeitamente informados de todas as circumstancias que tem relação com esta historia, por vezes nos tem acudido o desejo de acreditar que só o acaso levára o sr. Chose, que era na verdade um homem delicado, ao covil de fabricantes de moeda falsa. Para nos persuadirmos do contrario só bastava a evidencia.

O sr. Chose era um homem de cincoenta annos feitos, meio calvo, de vigorosas proporções, vestido decentemente: casaca azul desabotoada, calças pretas, gravata branca. Tinha uma larga testa sem rugas, olhos azues que sorriam francamente, faces cheias, e un camente um certo arzinho de escarneo na ruga tangente aos cantos da bocca. Este todo era verdadeiramente honesto, e agradavel. À primeira vista logo reconhecerieis neste digno sujeito um homem *pacato*, probo, sin-

cero, alegre de humor, mas receando o estrondo, sem lhe fallecer espirito, oh não! tendo mesmo mais espirito que muitos dos vossos amigos que o querem ter; mas escondendo-o aquelle como outros o mostram por toda a parte...

E dirieis comvosco: — Eisaqui um bom provinciano, — provinciano, porque tinha argolas nas orelhas, e qualquer observador de algum merecimento considèra este ornamento como o symptoma mais decidido do provincialismo — um notavel de Pontoise ou de Fécamp, homem que dispõe de onze votos no seu collegio, um philosopho normando ou picardo, que os ratoneiros seguem pela pista por causa do respectivo grilhão, uma boa alma finalmente, que segundo a sublime phrase popular, não seria capaz de *fazer mal a uma criança!*

Era isto, era isto exactamente. Comtudo, suppondo que o provinciano é sempre rediculo, como querem os parisienses, o sr. Chose era uma brilhante excepção desta regra. Não havia nelle cousa que fizesse rir. Pelo contrario a sua pessoa tinha um certo caracter de bonhomia muito apreciavel.

Ao primeiro aspecto este homem era a encarnação mais feliz possivel do elemento burguez; a sua rotundidade não desagradava; nem tão pouco o tal ou qual indifferentismo de todas as suas acções; e todas estas qualidades eram recobertas de um certo verniz de benevolencia, de affabilidade, e do verdadeiro conhecimento do mundo.

Ao segundo exame a impressão não mudava, modificava-se sómente. Entrevia-se naquella bonhomia caracteristica do sr. Chose uma superior intelligencia, e muitos o tomariam por alguma das nossas glorias contemporaneas, por um estadista, inventor, ou poeta...

Poucas pessoas emprehendem terceiro exame que pertence exclusivamente aos myopes e aos observadores teimosos. Este terceiro exame surprehendia o sr. Chose na occasião em que o provinciano começava tambem as suas pequenas observações.

Ora quem observa descobre-se. O espirito, se é licito empregar uma comparação épica, contido em traçados limites, solta-se repentinamente, e ostenta-se, tal qual é, exteriormente.

Em rigor o sr. Chose podia sustentar este terceiro exame. Entretanto o aspecto, que então apresentava, poderia no animo de algumas pessoas, comprometter todo o effeito do primeiro.

Dos olhos do provinciano pareceram, no espaço de um segundo schispear raios penetrantes, subtis, cautelosos. A profundaram-se-lhe as rugas dos cantos da bocca; e o todo da sua physionomia tomou, em uma palavra, a expressão pronunciada da falsidade má e fria.

Isto foi obra de um segundo. O sr. Chose era muito breve nas suas observações. Apenas haveria tempo de se lhe notar essa mudança, e já tal mudança desapparecêra. Os olhos retomaram-lhe a usual expressão de franqueza, e as rugas da bocca, que pareciam evitar que a physionomia do sr. Chose tivesse um caracter bonacheirão e sem-sabor, voltaram ao estado normal, que indicava talvez o modesto scepticismo do provinciano.

Depois de haver cortejado o barão, foi a um canto da casa buscar um dos raros mochos que havia em toda ella, e offereceu-o ao seu hospede com a maior cortesia.

Armando assentou-se sem dizer palavra. Estava muito pallido; tremiam-lhe os labios; olhava fito e como pasmado.

— Robertina! Robertina! disse a meia voz.

Germano Barroux desatou a rir. O sr. Chose, que todavia não podéra conter um gesto de escarneo, impoz severamente silencio ao ex-lacaio, e sentou-se n'uma velha cadeira, em frente de Armando.

— Vamos, rapazes, vamos! disse aos seus dois ajudantes; trabalhar! O sr. barão dá licença; não é verdade sr. barão?

Armando ergueu para elle os olhos, instinctivamente. Era evidente que a sua intelligencia fôra fortemente abalada; não tinha a consciencia do que se passava em torno de si.

— O sr. barão dá licença, tornou o provinciano, com uma polidez izenta de toda a affectação. Podem continuar!

Germano e Larigo voltaram ambos para ao pé da machina, e em breve começaram de ouvir-se as pancadas periodicas do massisso martelo.

O sr. Chose chegou a cadeira para o banco de Armando.

— Tenho a pedir-lhe mil desculpas, sr. barão, de o receber assim sem mais ceremonia; mas a sua visita foi uma surpreza... não tivemos tempo... É necessario, que v. ex.ª saiba, continuou com um agradavel sorriso, que ha de haver alguns mezes que me occupo da pessoa de v. ex.ª de uma maneira muito especial.

O sr. Chose parou como se esperasse alguma resposta. Armando conservou-se alguns segundos immovel. Depois, restituido um pouco á consciencia da sua posição, levantou-se repentinamente.

— Vi-a! murmurou mirando desesperado a meia obscuridade do aposento. Vi-a entrar o limiar desta porta... ella está aqui!

Armando quiz dirigir-se para a porta. O provinciano travou-lhe da mão com toda a civilidade, e lhe disse:

— Por quem é, sr. barão, queira sentar-se.

Armando olhou pela primeira vez para aquelle homem com attenção. O sr. Chose era-lhe absolutamente desconhecido.

— Pertendem que eu esteja aqui contra minha vontade? acudiu o barão, que recuperára alguma firmeza ante a percepção clara de um perigo material.

O provinciano piscou os olhos.

— Sr. barão, respondeu com um modo risonho; permitta-me que lhe observe que tambem v. ex.ª cá entrou contra nossa vontade.

— Contra a vossa vontade? repetiu o barão cujas idéas vacillavam ainda; é verdade... procurava-a... Ah! sr.! dizei-me se a vistes?

— Se eu soubesse de quem o sr. barão falla!?...

— Sou um louco! interrompeu Armando; não! não é possivel! não póde estar aqui... Que vinha ella cá fazer?

O provinciano fez uma pequena visagem, na qual havia realmente grande falsidade.

— Não sei, sr. respondeu seccamente.

— Foi uma fatalidade que me trouxe á vossa residencia, proseguiu Armando — perdi os seus vestigios. Não me demoreis, deixae-me saír!

— Larigo! disse o sr. Chose, vae alli para ao pé do sr.... é um excesso de precaução, accrescentou com

o ar mais natural do mundo, pois que tenho a força sufficiente para o conservar nesse logar tanto tempo quanto quizer. Entretanto cautella e caldo de gallinha nunca fez mal... Ora pois, sr. barão, tenha a condescendencia de ceder aos meus rogos.

Para talvez lhes dar mais authoridade, levou a mão ao hombro de Armando, como se costuma fazer a um amigo intimo, quando se entende dever empregar doce violencia, e sentou-o no banco, sem que o barão o repellisse.

—Meu rico senhor, continuou o sr. Chose, em qualquer outra circunstancia o menor desejo manifestado por v. ex.ª seria para mim uma ordem; mas eu entendo que é absolutamente necessaria uma breve explicação entre nós, digo breve, porque v. ex.ª não tem de certo mais pressa do que eu, que daqui a pouco hei de ir a uma entrevista deliciosa...

O provinciano pronunciou estas ultimas palavras accentuando cada uma levemente.

Armando não reparou para o lado comico da aventura. A phrase do provinciano feriu-o no coração. Uma entrevista!... áquella hora, em que Robertina...

Fez-se pallido, muito pallido, e perguntou com voz profunda:

—Que querem de mim?

—Toca a trabalhar, Larigo, disse o sr. Chose;—sua ex.ª attende agora á razão.

Larigo que obedecêra á primeira ordem do provinciano, obedeceu igualmente á segunda, e voltou para o apparelho em que trabalhava Germano Barroux. O barão seguiu maquinalmente com os olhos aquelle direcção, e estremeceu, porque, no cahos de idéas que se lhe agglomeravam no cerebro, esquecêra inteiramente o logar em que estava.

—É cousa bem triste! accudiu o provinciano encolhendo os hombros,—e bem triste, sr. barão, lhe ha de parecer aquelle martello, mesmo por que tambem sabe do *officio*... mas que quer v. ex.ª, isto tudo é provisorio... absolutamente provisorio... ainda não montamos as nossas officinas... entra em nossa casa quem quer... é verdade que não é tão facil sair, e temos alli uma maquinasita que havia de dar bem que fazer á policia, se a policia se mettesse comnosco... é a nossa fortaleza: para o mais faltam-nos fundos... Talvez v. ex.ª não accredite na difficuldade que ha de arranjar capitaes para uma empresa como a nossa... A usura devora-nos, e por causa dos juros exorbitantes que pagamos a agiotas sem vergonha, não nos fica cada peça de cinco francos (800 rs.) por menos de trinta soldos (240)!... se nós podessemos espalhar prospectos!...

—Por amor de Deus, dizei-me o que quereis de mim?

—Peço-lhe haja de me desculpar, sr. barão... e sinceramente lhe agradeço ter-me advertido, porque o tempo vôa, e a exactidão deve ser a primeira virtude dos Celadons da minha edade... Ah! meu rico senhor como é feliz em ser moço; as mulheres... mas não se enfade; já vamos ao negocio; aos nossos negocios, querido sr. barão, porque é extraordinaria a multiplicidade de relações que o accaso tem estabelecido *a priori* entre nós.

—Não vos percebo, disse Armando.

—Espero em Deus que o sr. barão, ou hoje ou mais tarde, me ha de comprehender perfeitamente... Entretanto tenho a satisfação de prevenir v. ex.ª de que me deve a liberdade, e talvez a vida...

O barão fez um gesto de desprezo e de incredulidade.

—Anda cá, Larigo, disse o provinciano.—Vê este honrado collega, sr. barão?... Não é formoso, isso é verdade, mas tem dezenove annos de gallés. Lembrase, sr. barão, de certa visita domiciliaria que a policia effectuou em sua casa?... v. ex.ª ha de confessar que não estava muito contente!... e quando se foi dar com um certo desvão, accredito que desejaria estar sumido cem pés abaixo do chão... Uma boa fada passára por ahi, e limpára tudo. A policia não encontrou cousa alguma...

Travou da mão negra e calosa de Larigo.

—Salve, guapo moço! lhe disse elle,—sr. barão tenho a honra de lhe apresentar a fada que fez o milagre...

—Mas a porta estava murada, replicou Armando.

—V. ex.ª bem sabe que as fadas não entram pelas portas; Larigo é como as fadas... Larigo! traze-me um desses cunhos.

O obediente Larigo trouxe-lhe immediatamente um cunho com a effigie do imperador. Armando examinou-o.

—É verdade, mas que quereis concluir d'ahi?

O sr. Chose saccou da algibeira um volumoso relogio, cuja caixa de oiro lhe occupava hermeticamente a palma da mão.

—Como o tempo vôa! já ha de estar á minha espera!... Figure v. ex.ª...

—Senhor, acudiu Armando cheio de angustia e de chólera—espero que me restituaes á liberdade; os minutos parecem-me horas... e eu procuro...

Não continuou a phrase, mas bateu furioso com o pé na casa.

—Ah!... tornou o provinciano—procura?

Os olhos illuminaram-se-lhe de um rapido e singular clarão. As rugas da bocca aprofundaram-se-lhe n'um ironico sorriso.

—Assim vae o mundo,—accrescentou com um modo indifferente—o que uns perdem, acham os outros...

O barão fez-se vermelho até as alvas dos olhos, e ergueu-se d'um pulo.

Mas o provinciano já tivera tempo de compôr o rosto, e de dar-lhe aquella expressão de franqueza que lhe era habitual.

—Meu rico, sr. barão continuou o sr. Chose, os dois rapazes que salvaram a preciosa vida de v. ex.ª reunem-se a mim para lhe perguntar em quanto avalia esse serviço, já se vê em moeda sonante e com curso legal.

(Continúa.)

Tempestade.

No dia 20, de tarde, houve em Extremoz uma grande tempestade, que fez lembrar a de 21 de junho, salvo o furacão. A pedra tambem não foi tanta, mas a azeitona soffreu estrago.

POESIA.

O Tasso no hospital dos doudos.

> Suonano i gran palagi e i tetti adorni
> Di canto; io sol di pianto il carcer tetro
> Fo risuonar.
>
> TORQUATO TASSO.

Estas arcadas são negras,
É humido este lagedo,
São sinistras estas pedras,
Estas paredes põem medo;
Estas prisões são soturnas,
São medonhas como as furnas
Escondidas sob o chão,
Nenhum bem aqui me affaga,
Tudo aqui a mente esmaga,
Tudo opprime o coração!

Nem da noite a meiga brisa,
Nem um lampejo da lua,
Nem raio do sol deslisa
Nesta caverna tão nua:
Lá dessas grades do fundo
Vem-me n'um chóro profundo
Gargalhadas infernaes,
Surgem lá rostos desfeitos,
Que em visagens, que em tregeitos
Da loucura dão signaes.

Santo Deus! Que sina a minha!
Onde estou ninguem m'o disse,
Mas um poeta adivinha,
É nas covas da doudice.
Vivo nesta horrivel casa
Onde a mente se me abrasa
Té o martyrio tocar;
Onde a razão se intibia,
Onde triste, dia a dia,
Vejo as fórças acabar.

Onde a nudez mais pungente
Me torna vil a pobreza,
Onde ninguem se consente
Que me affague na tristeza;
Onde a sede me devora,
Onde debalde s'implora
Uma palavra d'amor;
Onde longe em longe a fome
Vem augmentar este horror.

Eu doudo! Dizei-o montes
De Solima encantadora,
Fallae, vastos horisontes
Dessa Azia abrasadora.
Dize-o tu, ó Godofredo,
Ou tu, valente Tancredo,
Que eu em versos exaltei;
Dizei, Armida formosa,
Dizei, Clorinda famosa,
Dizei todos, que eu cantei.

Eu doudo! Erguei-vos juntos
Defendei vosso cantor,
Fallae, ó santos assumptos,
Que eu cantei com tanto amor.
Falla tambem, aguia d'Est,
Que por mim teu vôo ergueste
Inda dos mundos além[1];
Fallae, sepulchro de Christo,
Falle o canto nunca visto,
Falla tu, *Jerusalem*.

Tasso, Tasso, que fizeste
Para tal condemnação?
À c'rôa os olhos ergueste
Sem t'importar o brazão.
Fóste amar uma princeza
Não tendo tanto riqueza,
Não tendo nobreza egual;
Teu amor é o teu crime,
É o grilhão que te opprime
Nesta masmorra fatal.

Sou doudo por ter amado
A bella irmã d'um reinante,
Sou doudo por ter logrado
Da princeza amor constante.
Doudo, sim, doudo por ella,
Por ella, que é minha estrella,
Por ella, por mais ninguem;
Por ella, que é minha vida,
Por Leonor, a mais qu'rida
Das damas, que o mundo tem

Por ella, que viu o pobre
Só das musas bemfadado,
E desceu do solio nobre
Deu amor ao desgraçado.
Por ella, tão extremosa,
Que regeita desdenhosa
D'altos principes a mão,
Para não ir n'outros braços
Partir nossos doces laços,
Dar a outro o coração.

Eis o crime, o crime horrendo,
Que me deu prisão tão dura,
Onde entre doudos gemendo
Vou correndo á sepultura.
Eu amei e fui amado,
Era assás. Sou desgraçado,
Não nasci para o prazer,
No livro do sêllo eterno
Stava escripto este inferno,
Na desgraça hei-de morrer.

Não importa, é minha herança
Soffrer sempre e não gosar,
Se a Affonso cabe a vingança,
Ao Tasso cabe o chorar.
Se a elle um peito de pedra,

[1] Così verrà, che vole
L'Aquila Estense oltra la vie del sole.
(*Jerusal.* — can. X.)

Se a elle a pagina negra,
Se a elle a c'rôa ducal,
Ao Tasso cabe a poesia,
Cabe a fonte da harmonia,
Cabe a c'rôa, que mais val.

Eu não troco a sorte avara,
Que é meu mesquinho condão,
Por teu sceptro de Ferrara
Manchado d'ingratidão.
Se não morres, é que eu pobre
Dei a penna á casa nobre,
Em cantos a celebrei;
Eu não morro porque o céu
Eternos versos me deu
Com que os Cruzados cantei.

A. X. R. Cordeiro.

NOTICIAS SCIENTIFICAS E INDUSTRIAES.

Novo cometa.

Mr. Schweizer, astronomo do observatorio de Moscow, descobriu um novo cometa telescopico nos confins da constellação *Corona Borealis et Bootes*. No dia 17 d'abril, ás 9 horas e 30 minutos, tempo medio de Moscow, tinha este cometa 227° d'ascenção recta, 29° 43′ de declinação septentrional. O cometa approxima-se do sol, é um corpo nebuloso, redondo, com o diametro de 15′, e tem no centro um nucleo luminoso, de brilho inferior ao das estrellas, e invisivel a ôlho nú.

Novo meio para extinguir os incendios.

Um inglez — mr. Philips — acaba de inventar uma machina para a extincção dos incendios. É um apparelho dentro do qual se acha uma garrafa d'acido sulfurico (oleo vitriolo), e em tôrno della uma mistura de carvão, gesso e nitro. Na parte superior do apparelho ha um tubo, uma especie de mangueira. Na occasião do incendio dirige-se para o fogo a abertura da mangueira, e quebra-se a garrafa do acido. Pela acção d'este sôbre a mistura desenvolve-se uma grande quantidade de vapor, que extingue o fogo com uma rapidez maravilhosa.

A experiencia foi feita em Londres com feliz resultado. Recommendâmos á Camara Municipal, que mande vir uma das machinas de mr. Philips, e que verifique esta descoberta importante sôbre tudo nesta cidade, em que os incendios, infelizmente, são tão frequentes.

Observatorio physico.

Acha-se concluida a construcção d'um observatorio physico em S. Petersburgo. Foi confiada a mr. Kupffer a direcção d'este estabelecimento.

ANECDOTAS.

Um saloio patéta foi pedir a um pelotiqueiro que lhe lesse a *buena dicha*. O pelotiqueiro deitou as cartas, e disse-lhe com ar mysterioso:

— Vieste ao mundo no dia em que nasceste; nasceste nú e sem camisa, com as mãos nas algibeiras, como um bom proprietario; é prova de que has-de ser muito feliz.

O saloio pagou bem, e retirou-se muito contente.

O desesperado.

Um homem, cujos negocios corriam mal, dizia um dia, para exprimir a constancia do seu infortunio:

— Sou por tal modo infeliz, que não sei já o que hei-de fazer; aposto que os homens deixam de ter cabeça, se eu me lembrar de ser chapelleiro!

CHARADA ANACHREONTICA.

Quando, ó Phebo, assomas radioso
Involto em côr purpurea no oriente,
Assim te faz, ufana e jubilosa,
Natura encantadora, ó luz nascente. } 3

Assim faça tambem quem quizer ver
Seu nome pela fama eternisado:
Enxugue da miseria o triste pranto,
Soccorra generoso ao desgraçado. } 1

Escondido entre arbustos,
Passeando eu vi um dia,
Em tua angustia submersa,
A formosa e bella Armia.

Ao céu volvendo seus olhos
Cheios de pranto e de amor,
Par'cia ao céu invocar
Lenitivo á sua dôr.

Não prof'ria uma palavra
Que me désse a intender
A causa do seu penar,
Do seu triste padecer...

De repente voz maviosa
Do terno peito saíu —
Ai!... então gritou a virgem
Ai!... o echo repetiu.

Curva logo a meiga fronte,
A nivea dextra estendeu;
Pousou sôbre o coração
A tenra flor que colheu.

Era a flor de um rôxo-escuro,
Pé mirrhado a sustentava;
No meio de suas petalas
Um verde tufo avultava.

Não foi preciso ouvir mais...
Esta flor me revelou
De sua dôr o motivo,
A causa porque chorou...

Doloroso sentimento!
Filho és da dura ausencia...
És de amor inseparavel,
És veneno da existencia!

J. A. Pestana.

DISPARATES.

Sobrescripto.

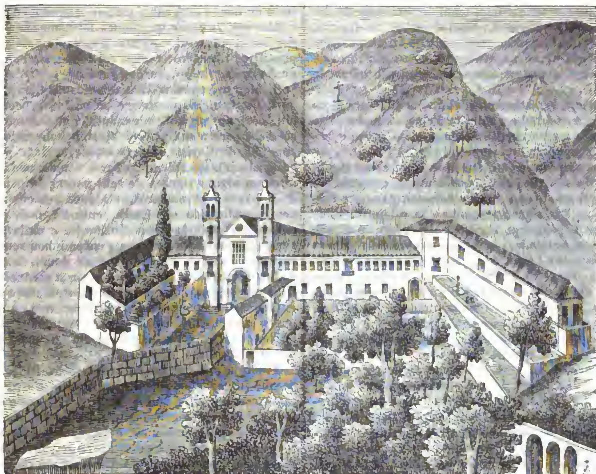
Illmo Snr.

Domingos, vulgarmente Filho do Snr. Ignacio, Dignissimo Escrivão do Juizo de Direito do Concelho de Cascais. Q.^m D.^s G.^e

Villa de Cascais.

EXPLICAÇÃO DO NÚMERO ANTECEDENTE:

Charada — Emilia.



O convento de S. Paulo.

A serra d'Ossa tão nomeada em Portugal e seus dominios, tão conhecida pelas grandezas que em si occulta, está situada, quasi no centro da provincia d'entre o Téjo e Guadiana, no arcebispado d'Evora, e no termo da villa do Redondo; dista cinco leguas d'Evora, duas d'Extremoz, duas de Borba, e uma do Redondo. Tem seu principio nas visinhanças da villa de Terena, entre o nascente e sul, dilata-se para a villa d'Evora-Monte, para o occidente e norte: o seu comprimento mede a distancia de quasi seis leguas; a sua largura occupa no mais grosso della duas leguas: comprehende no seu ambito, muitos e elevados outeiros, e mui altas serras; a de S. Gens se levanta sôbre todas.

Desta última serra, em dias claros, se divisa quasi toda a provincia do Alemtéjo, e grande parte da Extremadura Hespanhola: tambem se vê em distancia de mais de vinte e trinta leguas os castellos de Palmella e de Cezimbra — as serras d'Arrabida e de Monte Junto.

É tradição que na serra de S. Gens, nos seculos do gentilismo, estava collocado o sumptuoso templo consagrado á deosa Venus. Tambem consta da mesma tradição, e dos escriptos dos historiadores portuguezes, que neste sitio, por ser logar inexpugnavel, se costumava alojar e fortificar, com o seu poderoso exército, o grande Viriato Luzitano; e que delle desceu algumas vezes para presentar batalha aos exércitos romanos, cujas aguias abateu, conseguindo sempre dellas repetidos triumphos, gloriosas palmas e copiosos despojos, com os quaes se enriquecia a si, e aos seus valerosos soldados.

No mais alto terreno permanece ainda hoje uma torre, que chamam da Vigia, porque servia d'atalaia, primeiro a um e outro Viriato, e depois a Sertorio, seu imitador nas acções e victorias, contra os mesmos romanos.

Junto a esta atalaia existe uma ermida de S. Gens, bispo de Lisboa, de quem a serra tomou o nome.

A esta serra, como a mais principal, se juntam e cercam outras, senão eguaes em altura, eguaes na grandeza do terreno, e no frondoso dos mattos silvestres, cada uma das quaes tem seu nome particular, como a de *Pero Crespo*, *Cabeça d'Aguia*, *Malhada Alta*, *Castello Velho* (onde os antigos lusitanos levantaram um castello, que bastava o sitio para o fazer mais inexpugnavel e forte que o de Milão), *Monte Virgem*, *S. Cornelio*, a das *Cortes*, e por última a da *Cartuxeira*, mais aspera de todas pelas suas penedias. Além destas, e montes menos consideraveis, ha nestas serranias muitos valles: os mais célebres são *Valle d'Infante*, *Valle d'Abrahão*, do *Conego* e do *Pereiro*. Não é comtudo desagradavel e triste este conjuncto de serras, como outros; porque se bem conste de tantas, tão grandes e elevadas, ha entre umas e outras dilatados campos

povoados de quintas e arvoredos, muitas fontes e ribeiras, e só a granja ou herdade das *Cortes*, consta, ter tantas fontes, como dias o anno.

É este sitio abastadissimo, tanto de variedade de flores, e hervas medicinaes, como de saborosos fructos, que suas quintas produzem, sendo os d'espinho em maior quantidade, e na vista e gôsto os melhores do reino; delles abunda sôbre todas a grande cêrca do convento.

Nesta montanha estão fundadas a villa de Evora Monte, Terena, Alandroal e a aldêa de Pomares, assim como a antiquissima villa do Canal, da qual só existe o pelourinho, como padrão do que foi.

A etymologia da serra d'Ossa não vem, como alguns querem, d'ossos, nem tão pouco d'ursos, corrupto em ossa do hespanhol, mas sim de *hessenos*, *hesseos* e *hossios*, que na sua rigorosa significação valem o mesmo que santos e primeiros christãos da egreja, pois que antes de ser habitada por estes, sempre foi nomeada pelo da *Serra de Venus*, e depois dos mesmos a terem povoado no anno 36 de Christo, tomou então o nome de *Serra dos Essenos*, ou *Ossios;* o qual, com pouca corrupção, se veio depois a mudar no de *Serra d'Ossa*, por que ha tantos seculos é conhecida.

Confirma-se a probabilidade desta opinião com um fundamento assás evidente e solido: é que a serra d'Ossa só tem e conserva este nome desde o principio e annos da lei da graça, até agora; pois que não se achará auctor algum, que antes lhe désse em seus escriptos o nome que hoje tem de serra d'Ossa, senão o que antes tinha de serra ou monte de Venus.

Esta verdade se conserva ainda mais constante nas nossas tradições, porque todos os escriptores antigos, que trataram das guerras entre luzitanos e romanos, concordam, que nesta Luzitania havia um monte ou serra chamado de Venus, na qual se tinha levantado um templo áquella deosa, sem apontarem em que sitio ficava, proseguem louvando o esfôrço e valor com que aquelle illustre capitão Viriato, segundo, accommetteu, desbaratou e venceu em varios conflictos o formidavel podêr das armas romanas, contando entre as suas principaes victorias uma que alcançou estando fortificado com o seu exército no monte de Venus, d'onde desceu com elle, e saíu ao pretor Cayo Plausio, que venceu e desbaratou na mais sanguinolenta batalha daquelles seculos, na qual, abatido o urgulho e elevadissimo vôo das aguias Romanas, apenas pôde escapar Cayo Plausio, não com menos affronta e ignominia, do que com medo e temor do valoroso Viriato; pois que como muitos dos do seu desbaratado exército temiam que elle ficasse não só senhor da Hespanha, mas que, imitando o famoso Annibal, passaria á Italia, e pozesse em contingencia a conservação do mesmo imperio: e se presume que com este justo receio (ainda muito mais, que com as feridas que nesta batalha recebeu) Lucio Silo Sabino, soldado romano, acabou a vida, mandando, pouco antes de expirar, se escrevesse no seu sepulchro um largo discurso, que mais parecia narração, do que epitaphio, porque nelle se refere todo o successo desta batalha e triumpho de Viriato nos campos d'Evora; e tambem o temor, com que morria, da total destruição da sua Roma, pois que ordena, que seu corpo seja levado a Italia, sua patria, se acaso esta ficasse livre do podêr luzitano. Este sepulchro e o seu marmore foram achados no logar de S. Bento dos Pomares, que fica proximo a Evora.

Por todo o exposto se vê, que nos antigos seculos a serra ou monte de Venus, porque sempre foi conhecida, é esta — d'*Ossa* = e que nunca foi nomeada por *Serra dos Ossos*, ou dos *Ursos*, mas depois de habitada pelos primitivos Christãos, *Ossios*, foi conhecida com o nome de *Serra dos Ossios*, ou dos *Santos*.

S. Manços, um dos 72 discipulos de Christo, fugindo á perseguição que se moveu na Judea, em companhia d'alguns proselitos luzitanos, que voltavam de Jerusalem para a sua patria, aportou e desembarcou no anno 35 de Christo, em Ossebona, cidade populosa, edificada junto á cidade de Faro, como ainda hoje manifestam alguns signaes de seus nobres edificios. Tendo-lhe seus companheiros, e alguns hebreus alli residentes, affirmado ser Evora, então, a mais principal entre todas as cidades da Luzitania, e nella residir a sinagoga maior, para a mesma encaminhou seus passos, para aos hebreus incredulos e aos doutos mais versados nas escripturas, prégar e ensinar a verdadeira doutrina evangelica, como primeiro apostolo nesta parte do mundo. Com sua prégação, exemplar vida, e milagres feitos em presença dos eborenses, muitos d'estes deixaram os falsos erros, e receberam das mãos do mesmo apostolo-bispo o baptismo.

Tendo já um grande número de convertidos, elegeu os que julgou mais scientes, para ministros, coadjutores e companheiros na prégação; porém aos que achou inclinados ao retiro, mandou, no anno 36, para os desertos do monte de Venus, e depois de ter arreigada a nova doutrina em milhares d'eborenses, marchou a predicar pelo resto do reino. Achando-se em Coimbra, recebe a noticia da persegnição feita em Evora, aos novos christãos, corre a conforta-los, mas fugindo grande número da cidade, elle manda pela segunda vez que vão habitar a serra, como 56 annos antes tinha feito.

Havendo o santo padecido martyrio, no reinado de Domiciano, no anno de 91, aquelles solitarios, apezar das perseguições, continuaram a viver, ora mais, ora menos por aquelles desertos, em suas covas e grutas, como eremitas.

Nos principios dos reis de Portugal, quando passada a maior parte da perdição d'Hespanha, achando-se o reino quasi livre do jugo agareno, em tempo de D. Affonso Henriques, pelo anno de 1182, D. Fernão d'Annes, illustre capitão da milicia d'Evora, depois d'um assalto, que os mouros deram á cidade, e pela noticia da vida daquelles solitarios deixou as grandezas, e se recolheu áquelles desertos, persuadiu aos seus habitadores, que se aggregassem e vivessem mais perto uns dos outros, em modo de communidade, no que elles concordaram, escolhendo o sitio da Valladeira, fabricando alli seu oratorio e cellas pequenas, tendo um sacerdote, que, com licença do bispo, lhes dizia missa.

Desde o anno de 1182 até ao de 1376 sempre estes eremitas existiram nesta casa, com a differença de viverem de quatro em quatro pelas serras, e na Valladeira oito. Em tempo de D. João I, crescendo o número d'eremitas, foi preciso ampliarem a casa, e para isso escolheram sitio mais alto, onde edificaram convento, cujas obras ainda continuavam no anno de 1434, no reinado de D. Duarte, sendo um dos fundadores do mesmo o eremita Gonçalo Vasques, que fez doação de

tudo quanto possuia. Neste convento viveram até ao tempo de Gregorio XIII, que foi o que approvou a religião de S. Paulo, 1.° eremita, para observancia de votos, cerimonias, clausura, e obrigação de côro, e como se viram com religião approvada, trataram de fundar mais sumptuoso convento, e mais ampla architectura, como fizeram.

Na melhor parte, mais fresca, aprazivel e vistosa desta serra, está fundado o convento que a estampa representa, quasi em meia ladeira, no baixo da serra de S. Cornelio Tem este a face para a parte d'Evora, ao occidente, summamente alegre, não só com a dilatadissima vista dos espaçosos campos, que lhe ficam fronteiros, como com a frescura de seus jardins, horta e pomares.

A egreja é bastante grande, d'um lado tem um como convento, que era o noviciado principal, e ao outro o convento; d'este lado corre o dormitorio maior, para o meio-dia, e fenece terreo, principiando o fundamento em duas abobadas, e continuando em uma; as paredes d'este edificio são, no interior, revestidas dos mais lindos e bem executados azulejos desta provincia. Tem o convento muitas fontes pelos dormitorios, claustros e officinas, repartidas por canos, vindo a agua d'uma grande nascente na ladeira da serra, a qual depois de servir de recreio e utilidade (e ao presente de prejuizo) sae aos jardins, e por um leão de pedra, a maior parte se lança em um formoso lago de 63 palmos de comprido e 40 de largo. Tem casas e adegas subterraneas, tão frescas, que n'uma, para a qual se desce por mais de 40 degráus, nasce uma fonte d'agua frigidissima.

Este edificio, um dos melhores da provincia, pelo bem acabado, e sitio que occupa, caminha a passos accelerados, para a sua total ruina.

Borba — setembro de 1849.

José Casimiro Fragoso Serrano.

INSTRUCÇÃO POPULAR.

A terra é um espheroide achatado nos polos.

No artigo inserto em o numero 28 ficou demonstrada a convexidade da superficie da terra em todos os sentidos; e frequentes vezes lhe chamâmos espherica: mas este termo não deve ser tomado na accepção rigorosamente geometrica. A terra não é uma esphera geometrica, é um ellipsoide ou espheroide achatado nos polos; mas nem é um sólido de revolução. É o que passâmos a provar no presente artigo.

Enviado a Cayena perto do equador, em 1672, pela academia das sciencias de Paris para certas observações astronomicas, Richer observou que seu relogio se atrazava todos os dias, posto que désse ao pendulo o mesmo comprimento que em França; e para acertar aquelle, teve de encurtar este.

Todos sabem que o pendulo é um apparelho composto d'um corpo solido suspenso em uma das extremidades de um fio inflexivel, preso este fio pela outra extremidade a um ponto fixo. A velocidade das oscillações do pendulo está na razão directa da força de gravidade. Assim, a velocidade das oscillações no cimo das montanhas é menor, porque menor é a força de gravidade, e a força de gravidade é menor aqui, por estar d'aqui mais afastado o foco de attracção, que o centro da terra.

A experiencia de Richer provava que a gravidade era menor em Cayenna do que em Paris; porque quando o pendulo, que regula o relogio, se desvia da situação vertical, a força que o reconduz a este ponto, é a gravidade; e esta reconducção é mais ou menos rapida segundo é maior ou menor a gravidade. O pendulo não permitte que a agulha do relogio marque cada segundo no mostrador, senão depois de cada oscillação, ou cada reconducção do pendulo á vertical. Assim, se a agulha marca menor numero de segundos durante uma revolução das estrellas, é porque o pendulo gasta mais tempo a caminhar para a vertical, e a força que o conduz, a gravidade, é menor.

Esta experiencia coincidiu com os raciocinios dos geometras, que principiavam a considerar a terra como achatada nos polos, o que dava a razão de ser aqui maior o peso ou a força que attrahe para o centro, porque sendo menos curva no polo a superficie do globo, esta se acha aqui mais proxima do centro.

Antes da experiencia do pendulo feita por Richer, tinha Huyghens annunciado a priori o mesmo phenomeno, e tinha reconhecido por causa de sua existencia, a rotação da terra sobre o seu eixo, e o seu achatamento nos polos.

Considerando que os corpos que gyram em torno d'um eixo, adquirem uma força centrifuga que tende continuamente a affasta-los deste centro ou deste eixo, como se vê na pedra lançada por uma funda, inferiu d'aqui o celebre geometra hollandez, que tendo de obedecer a esta força ao mesmo tempo que á acção da gravidade o fluido espalhado em grande parte da superficie da terra, não podia esta ter uma forma perfeitamente espherica. Elle pensou pois que a convexidade do nosso planeta devia ir diminuindo do equador para os pólos, de maneira que o eixo de rotação fosse mais curto do que os diametros do equador. Esta consequencia, tirada da força centrifuga, por Huyghens, é sensivel aos olhos de todos, fazendo gyrar rapidamente em tôrno de um eixo duas laminas de curvadas em circulo, ou uma bexiga cheia de agua, que tomam a forma de um espheroide achatado nos logares contiguos ao eixo.

O immortal Newton, a quem suas profundas meditações sobre as tres leis de Kepler, concernentes aos movimentos dos planetas, tinham por este tempo conduzido á descoberta da gravitação universal, chegou ás mesmas consequencias por meio da applicação de sua nova theoria.

Desde então, a theoria da diminuição da gravidade nas regiões equatoriaes tem sido confirmada por grande numero de observações feitas sobre o pendulo nas differentes latitudes. O eixo da terra é tres leguas e meia mais curto do que o diametro do equador equatorial.

A theoria do achatamento podia tambem verificar-se por meio de medidas feitas sobre a superficie do globo;

por onde se havia de observar, que os graus de latitude não são eguaes em toda a extensão do meridiano, mas que são maiores ou que contêm maior numero de medidas itenerarias na parte achatada do meridiano, isto é, para o lado dos polos; e que são menores na parte mais convexa deste mesmo meridiano, isto é, para o lado do equador.

Estas consequencias que se derivam das primeiras noções da geometria elementar, foram todavia desconhecidas de homens, como Cassini, que, deixando-se convencer de que os gráus nos polos eram menores, tirou deste paralogismo a legitima consequencia, isto é, que a terra era alongada no sentido dos polos, ou em outros termos, que o ellipsoide terrestre fazia sua rotação em tôrno de seu grande eixo. E por espaço de quarenta annos, durou em França tamanho escandalo scientifico.

Mas a academia das sciencias, tomando em consideração as objecções que alguns geometras renovavam de tempos a tempos contra um systema, que não podiam conciliar com as leis de hydrostatica, e notando que as medidas de graus seguidos do meridiano não podiam decidir a controversia por suas differenças extremamente pequenas, determinou mandar medir um grau perto do equador, e outro perto do circulo polar.

E Bouguer partiu para o Peru em 1735, e em 1736 Maupertuis dirigiu-se á Laponia. O primeiro, tendo que vencer muitas difficuldades durante a viagem, só voltou a França sete annos depois da partida: o segundo só esteve ausente seis mezes. Os resultados destas bellas expedições, comparados, já entre si, já com a medida do grau obtida em França por Picard, pozeram fóra de toda a duvida o achatamento da terra nos polos, sem todavia concordarem na quantidade do achatamento. O grau medido no circulo polar excedia o do equador em 669 toesas; e o de França, menor que o do circulo polar, era maior que o do equador 307 toesas.

Cassini depois de ter examinado todas as suas antigas medidas, teve a nobre coragem de declarar publicamente que tinha commettido alguns erros, e que seus novos trabalhos concorriam a provar que a terra era um espheroide achatado nos polos.

Um litterato distincto, Bernardin de Saint-Pierre, ousou sustentar que o globo era allongado no sentido dos polos. Este erro, filho de uma ignorancia crassa dos rudimentos da geometria, só deve ser consignado neste logar como prova das numerosas faltas que commettemos, todas as vezes que nos deixamos persuadir, de que basta uma imaginação viva e um estilo brilhante e animado, para prescindirmos de estudar as ideas geraes das sciencias, de que queremos fallar. Foi por isso que outro litterato egualmente eximio, la Fontaine, descobriu que a cigarra se nutre de mosca, e de vermes. Mas no objecto em questão, atrever-se a contradizer Newton e todas as academias, sem ao menos ter os dotes necessarios para estudar o assumpto, é um desatino, que nem o mesmo genio póde desculpar.

Mas entremos no nosso objecto. Não bastava á scientifica audacia dos geometras, o ter fixado, d'um modo geral, a figura do nosso globo; quizeram ainda descobrir a exacta quantidade d'aquelle achatamento, cuja realidade fôra confirmada depois de tantos trabalhos. N'esta investigação, porém, quanto maior quantidade de materias se accumulava, mais difficultosa a discussão se tornava. Os graus successivamente medidos em diversas partes do mundo, davam quantidades mui differentes para o achatamento.

Reconhecida a impossibilidade de referir a uma curva regular os graus medidos, várias opiniões se suscitaram entre os sabios. Começou-se por taxar de pouco segura a operação de Maupertuis na Laponia, já porque o arco medido era muito pouco extenso, já porque em duas obras diversas aquelle astronomo apresentava uma differença de trinta e tantas toesas no comprimento do grau.

Duvidou-se da possibilidade de medir um grau do meridiano com perfeita exactidão. Os erros, inseparaveis da natureza dos instrumentos empregados então, podiam elevar-se a 3″ ou 4″ para o arco celeste, ou a 50 toesas para o grau terrestre. A attracção das montanhas que desarranjava o fio de prumo por onde se determina a vertical, era a origem de duvidas muito sérias. Este effeito da gravitação, que é uma prova sensivel da theoria geral de Newton, podia desarranjar as medições alias feitas com o maior cuidado; porque uma desviação do fio vertical de só 15″ nas duas extremidades do arco medido, produziria um erro de 500 toesas, isto é, d'uma quantidade maior que a differença presumida dos dous graus extremos no equador e no polo. É muito possivel que esta attracção podesse influir na medição feita por Lacaille no cabo de Boa-esperança, porque este astronomo não fez nenhuma experiencia para determinar o effeito das montanhas da Africa austral sobre o fio de prumo de que elle se servia.

Emfim uma idea simples e decisiva se apresentou a alguns espiritos superiores, já cançados pela interminavel disputa do achatamento da terra. Pensaram que a curvatura do espheroide terrestre poderia ser sujeita a algumas irregularidades ligeiras. Porque razão a natureza, que não se apraz com as figuras geometricas, havia de dar á terra a figura d'um ellipsoide perfeitamente regular? Foi Buffon um dos primeiros que professou esta opinião.

Taes eram as incertezas dos astronomos e dos geometras relativamente á figura da terra, quando um grande projecto deu logar a uma nova medição do arco do meridiano que atravessa a França. A convenção nacional ordenou a fixação d'um systema de pesos e medidas uniforme e estavel. Os sabios proposeram, que se tomasse a base d'este systema na propria natureza, e que se considerasse como unidade primitiva do metro a decima millionessima parte do quarto do meridiano terrestre, isto é, do espaço do equador ao polo. Diziam, que uma metrologia fundada em tal base pertenceria a todas as nações, a todos os seculos. Mas como se havia de conhecer como precisão o comprimento d'um quarto do meridiano? Podiam otel-o das medidas antiguas; mas d'um lado, estas eram contradictorias; e do outro, pensou-se que o novo systema metrologico teria maior autenticidade, se fosse baseado em operações conduzidas com uma precisão até então desconhecida, e dirigidas pelos astronomos mais habeis. E Delambre e Méchain foram encarregados de medir o arco do meridiano interceptado pelos parallelos de Dunkerque e Barcelona. Cuidados minuciosos preveniram ou rectificaram até os menores erros. Esta importantissima empresa começou em 1792 e concluiu-se em 1798.

Ficou provado que os graus do meridiano vão diminuindo para o meio-dia e crescendo para o norte. Mas as differenças dos graus terrestres não estão submettidas a uma regra mathematica, vigorosa e constante. Um meridiano não é uma ellipse regular; é provavel que a mesma terra não seja um sólido de revolução, isto é circumscripto pela revolução d'uma mesma ellipse em roda de seu pequeno eixo. Todavia estas irregularidades, que parecem extremamente pequenas em comparação com a massa da terra, podem sem inconveniente ser desprezadas.

João Felix Pereira
Lente de geographia, chronologia e historia no Lyceo Nacional de Lisboa.

ESTUDOS HISTORICOS.

Das côrtes em Portugal.

I.

Sua convocação e noticia succinta das que se celebraram nos differentes reinados.

A convocação das côrtes não era determinada por lei alguma, dependia unicamente do arbitrio do monarcha, que mandava proceder á sua reunião, segundo a urgencia das circumstancias, e o bem público o exigia. Comtudo este arbitrio só foi consagrado como lei no tempo do sr. D. João IV, que em carta ao senado de Lisboa, diz: « *Que se convocassem, sempre que fôsse necessaria a sua convocação para os interesses publicos.* »

Nas côrtes de Torres Novas do anno de 1438, na menoridade do sr. D. Affonso V, se determinou que á sua convocação se procedesse todos os annos, estabelecendo-se nessas mesmas côrtes os elementos de que deviam de compôr-se. D. João III deliberou que a sua reunião tivesse logar de dez em dez annos; é certo, porém, que nem uma nem outra resolução foi rigorosamente observada, como melhor se verá quando se indicarem os annos em que houve côrtes.

Ordinariamente o rei mandava expedir carta convocatoria ás camaras das cidades e villas, que tinham assento em côrtes, explicando-se nestas cartas régias o motivo da reunião das côrtes geraes; o local em que haviam de celebrar-se, e quando; a ordem da eleição dos procuradores. Pela mesma occasião se expediam cartas convocatorias aos arcebispos e bispos com diocese, aos priores-móres de S. Thiago e Aviz, ao de Christo, ao D. Abbade d'Alcobaça, ao D. Prior de Santa Cruz, aos abbades de Bustello e Pendurada da congregação de S. Bento. Com egual formulario se expediam aos grandes e titulos, senhores de terras com jurisdicção, alcaides-móres, e pessoas que tinham o titulo do conselho, etc.

O formulario destas cartas se póde colligir da introducção ás côrtes de Elvas, do anno 1361 (era 1399), que diz assim: « Nós Dom Pedro o primeiro pella graça de Deos Rey de Portugal e do Algarve, filho do mui nobre Rey Dom Affonsso o quarto *Consyrando serviço de Deos pool e melhoramento das gemtes dos nossos regnos fezemos* cortes no dito logo (Elvas) nas quaes forom juntos os *Ifantes* nossos filhos *e muytos Prelados Ricos Homens Priores Abades e fidalgos no nosso Senhorio* E outro ssi *muytos boos cidadaãos* das cidades e villas da nossa terra os quaes nos mandamos viir a nós *pera nos dizerem agravamentos* alguũs que *nos hera dicto* que os nossos Poboos recebiam dos nossos ofeciaes por lhis fazermos mercees naquillo que com razom lhas devessemos fazer e correger-lhis esses agravamentos com direito e aguisado. » etc.

Os municipios, logo que eram recebidas as cartas convocatorias, mandavam lançar pregão, para que todos viessem votar na eleição dos respectivos procuradores.

A eleição dos procuradores era directa, e ha exemplo de se proceder neste caso por escrutinio de listas *assignadas* com o nome do eleitor. Tambem era necessario, para votar, que se dessem no individuo certas qualidades; regularmente eram eleitores os vereadores, almotacés e os filhos d'estes, todos os mais *officiaes* do rei e dos municipios, e os mechanicos, que pertenciam á casa dos Vinte-e-quatro, na terra em que os havia; não eram elegiveis os julgadores presentes [1]; e os juizes de fóra, *salvo* consentindo o rei [2]; não eram tambem elegiveis os que não possuiam bens de raiz, morigeração e regular procedimento. Quasi sempre os procuradores eram as pessoas mais notaveis das terras, pela sua consideração, influencia ou riquezas, e estas condições recommendavam-se, *exigiam-se* nas cartas convocatorias; na de 26 de novembro de 1667 e de 7 de outubro de 1673, declaram-se explicitamente as qualidades que deviam acompanhar os procuradores ás côrtes; e na provisão do desembargo do paço, de 28 de julho de 1682, se chegou a prohibir a eleição pelo concelho do Porto, de pessoas que não fôssem *nobres*. Por outras provisões tambem foram excluidos os *christãos novos*, e officiaes de justiça e fazenda, e, finalmente, foram privados d'este direito os que seguiram a parcialidade do prior do Crato, como se vê da carta convocatoria de 8 de janeiro de 1581, que se acha no cartorio da camara de Lisboa.

Mais tarde se mostrará como, nesta instituição, se procurou gradualmente neutralisar a benefica influencia do elemento popular.

(Continúa.)

ROMANCE.

Peccadora.

Se ha hi alguem isempto do peccado, que lhe atire a primeira pedra.

IV.

A MANTA PRETA.

O barão tivera occasião de socegar um pouco. Alem disso a colera modificava-lhe a angustia.

Ha neste caír n'uma emboscada, e ahi deixar o que

[1] Carta Regia de 10 d'outubro de 1697, prohibindo a eleição dos ministros.

[2] Arch. Nac. Mac. 11 das Côrtes, Doc. 17.

se possue, o quer que é de profundamente irritante, em que o pezar de perder entra bastante, mas ainda mais o despeito do amor proprio ferido. Armando já não sentia tanto a sua dór, e folgou de ter uma occasião de descarregar toda a colera que lhe minava surdamente o coração. Naquelle covil, e em frente de tão perigosos aventureiros, soube servir-se da linguagem que convem a um homem.

— Sr., disse ao provinciano, empraso-vos para que me deixeis sair!... Permittiu o accaso que um roubo commettido por vós em meu prejuizo, viesse a ser-me util; não tenho duvida em o confessar, e se vos tivesseis apresentado em minha casa, talvez que antes de saber do mister que exerceis, vos houvesse soccorrido...

— Que bondade! interrompeu o sr. Chose com um ar modesto.

— Mas, proseguiu Armando, não dou esmola que me pedem ameaçando-me... Nada tendes a esperar de mim!

Isto era realmente muito bem dito, e muito bem pensado. O barão acabava de fallar como se estivesse na sua sala, tendo a possibilidade de mandar pôr fóra pelos seus lacaios qualquer importuno. E é preciso confessarmos, que, tirando a colera bem natural que resumbrava destas palavras de Armando, o ar composto, modesto e pacifico do provinciano parecia indicar mesmo este expediente. O sr. Chose escutava-o com um modo humilde; e o seu sorriso parecia sollicitar perdão.

— É o menos que se póde dar, confesso accudiu elle; andem, andem rapazes! continuou dirigindo-se aos seus dois ajudantes que pareciam muito attentos; em logar de escutarem o que o sr. barão tem a honra de me dizer, é melhor que adiantem a obra!... Ora, pois, tornemos ao nosso negocio, meu rico sr. barão, nada podemos esperar da sua generosidade?

— Nem um obolo! disse Armando levantando-se.

— Diacho! v. ex.ª vae de novo incommodar o nosso Larigo! Larigo põe-te ahi ao pé do sr. barão. Querido sr. já lhe não peço que se assente; era muito abusar. Quer retirar-se, acho muito natural... mas ha uma pequena difficuldade: negar-se v. ex.ª a reconhecer-me por seu crédor; olhe, que é uma ingratidão... não quer dar-nos uma esmola; isso dá idea de um coração de pedra... Negar-es-ha tambem a pagar o prejuizo que nos causou arrombando-nos a porta?

Armando apresentou a bolsa, e disse:

— Acabemos com isto.

— Segura na bolsa do sr. barão, Larigo, proseguiu o provinciano; é para beberes uma pinga. Quanto ao prejuizo, vamos a ver... eu não queria carregar muito... mas em fim creio que pedindo dez mil escudos...

— Dez mil escudos! trinta mil francos por umas taboas carunchosas!

— V. ex.ª diga o que quizer. É verdade que estamos aqui provisoriamente; mas entretanto essa porta tinha um tal ou qual merecimento. Queira ter o encommodo de ver.

O barão seguiu involuntariamente o gesto do sr. Chose que designava o ponto por onde Armando entrára poucos minutos antes. Não viu a porta, senão um grande e grosso colxão.

— E novinho em folha! acudiu o provinciano, com a intonação de um mercador gabando a sua fazenda.

— É bello e bom... E o caso é que serve... Por exemplo supponhâmos... isto é por fallar, nada mais... mas supponhâmos que lhe dava vontade de gritar por soccorro, que sei eu!... Receiaria muito que os seus gritos se não ouvissem lá fóra...

Até então Armando não imaginára que pertendessem aquelles homens recorrer á violencia. Mas correndo os olhos, da porta para o sr. Chose viu Larigo que abria lentamente uma comprida navalha de molla.

— Querem assassinar-me? perguntou já com a voz alguma cousa alterada.

O sr. Chose inclinou-se, e respondeu:

— Meu querido sr. barão; a pergunta não deixa de ser indiscreta, e eu tomo a confiança de informa-lo de que ainda não temos resolução tomada a similhante respeito... Mas por quem é, acabemos com estas etiquetas!... Já tive a honra de lhe observar que não posso demorar-me, porque tenho reservado esta noite para uma entrevista bem agradavel...

— Os sobrôlhos encresparam-se ao barão. A ausencia de Robertina nenhuma relação tinha, de certo, com a entrevista do sr. Chose; e comtudo esta entrevista, obstinadamente allegada, correspondia mysteriosamente ao pensamento que o agitava.

Empurrou com o pé o banco que estava entre elle e a porta, e disse:

— Prometto tudo que quizerem; mas deixem-me sair!

— Por Deus, sr. barão, não augmente o nosso prejuizo, disse o provinciano levantando o banco; de resto eu já vejo que nos havemos de entender facilmente; e já, talvez, commetti um erro não pedindo mais do que trinta mil francos... Mas emfim o que está dito, está dicto; eu, em materia de negocio, sou de uma lealdade a toda a prova!...

Assim dizendo, remechia as profundas algibeiras da sua formidavel casaca azul, e saccava dellas uma carteira, arredondada pela quantidade de papelada que continha.

— Peço-lhe, sr. barão, que se não impaciente; agora resta apenas satisfazer uma pequena formalidade... V. ex.ª ha de, se assim lhe convem, ter o encommodo de assignar uma obrigação de trinta mil francos.

— Não o espere!... disse Armando a quem aquelle sangue frio desesperava e confundia.

— Ora!... não só o espero, querido sr. barão, conto com isso... Eu apenas procurava, para maior legalidade, uma folha de papel sellado... Não a acho na minha carteira, infelizmente, e é provavel que os armazens já estejam fechados a esta hora.

— Eu não assigno cousa alguma! exclamou o barão.

— Ha de assignar, sr. barão... Olhe, cá dei com uma folha de papel inteirinha.

— Dou-vos a minha palavra de honra de que não assigno!

— Honra!... repetiu o sr. Chose, quem sabe, o que será feito da sua honra neste momento... sr. barão!...

Armando, por um impulso irresistivel atirou-se ao provinciano, furioso; mas realmente o provinciano era homem difficil de apanhar desprevenido. Os musculos vigorosos deste roxeavam-lhe os braços com um aper-

to regular a inflexivel, como a pressão de um tôrno. Tentou desembaraçar-se. Trabalho perdido. O tôrno ainda mais o foi apertando.

Cançado de cólera e de dôr, cessou de agitar-se.

— Quando tinha a edade de v. ex.ª, disse tranquillamente o sr. Chose, que sustentára aquella lucta sem exforço algum apparente — passava por muito forte ... hoje vou já para velho ... Conversemos, pois ... Já vê que está inteiramente em meu poder ...

O provinciano interrompeu-se subitamente, e approximou a sua cara da do barão, que continuava a segurar pelos braços. Os olhos illuminaram-se-lhe então de uma luz terrivel.

— Sabe que mais! proseguiu com voz secca e stridente que contrastava extraordinariamente com a doçura da sua habitual intonação; sabe que mais; tinha vontade de o matar, barão d'Osser! entende-me! ...

E cravou as unhas nos braços de Armando, que se fez muito pallido, e cerrou os olhos, atterrado.

— Não me conhece, tornou o provinciano, mais baixo ainda, e com voz mais ameaçadora; oh! conheço-o eu, e odeio-o, sr. barão ... e segundo esse codigo da honra que ainda agora invocava, tenho o direito — o direito, percebe-me? — o direito de o matar sem piedade e sem remorso.

— Explicae-vos! ... balbuciou Armando.

As feições contraídas do provinciano dilataram-se n'um sorriso indifferente. As chammas dos olhos apagaram-se-lhe.

— Meu querido, sr. barão, respondeu o sr. Chose, retomando aquelle modo cortez que lhe conhecemos. — Agora não tenho tempo ... Depois, depois lh'o explicarei ... entretanto, quererá fazer-me o favor de assignar a obrigação?

Armando abaixou a cabeça. O sr. Chose immediatamente lhe largou os braços, e disse:

— Ora graças a Deus! aqui está papel e lapis ... Penna não temos; passa-se sem ella ...

Armando, sem responder uma palavra, assentou-se e começou a escrever sobre o joelho.

Larigo e Germano, que continuavam a trabalhar activamente, deitavam de vez em quando uma olhadella de revéz para o barão, de quem sorrateiramente escarneciam.

Em quanto este escrevia, fallava o sr. Chose.

— Querido sr. barão, se não tivesse tido o gosto de encontrar hoje v. ex.ª havia de procura-lo ámanhã ... Não se queixe v. ex.ª do accaso ... Ou mais cedo ou mais tarde era mister que nos encontrassemos face a face ... e eu atrevo-me a esperar que não será a ultima esta nossa entrevista.

O lapis d'Armando estremeceu sobre o papel.

— Queira fazer o obsequio de escrever intelligivelmente, proseguiu o imperturbavel sr. Chose ... ás vezes uma carta mal redigida póde ser origem fecunda de chicanas ... Meu querido sr. barão, eu sinto sinceramente o desgosto que lhe causo, e que bem vejo nos suspiros frequentes e significativos que exala ... Se tivesse tempo, porem, havia de provar-lhe até á evidencia que trinta mil francos são bem pouca cousa para saldar a nossa conta, e que ainda lhe fico sendo crédor de uma grossa quantia.

— Nada de caçoadas ao menos! disse o barão que parou de escrever.

— Já acabou? perguntou meigamente o provinciano; não? Oh! meu querido assim chegarei muito tarde ... Em quanto ao que v. ex.ª disse, declaro que não ha aqui mangação, ou cousa que o valha ... Comtudo, para que nos não retiremos sem que nos comprehendâmos; repito-lhe sr. barão, que é meu devedor, abstraindo mesmo desse serviço equivoco, — já vê que dou ás cousas o seu proprio nome — o serviço equivoco repito, que prestei a v. ex.ª livrando-o destes cunhos que poderiam fazer-lhe a cabeça.

— Em que nome hei de passar o recibo? accudiu o barão.

— Em que nome? ... É verdade ... Mas ... olhe, não ponha nome algum, querido sr. ... ía eu dizendo que v. ex.ª é meu devedor ... e se lhe tómo á conta estes dez mil escudos é porque o meu negocio não vae caminhando muito bem, e porque eu sou ... o que eu sou pouco importa ... mas se eu fosse homem honrado, tenho a honra de lhe assegurar positivamente que não saíria vivo desta casa.

— Mas, que póde haver de commum entre nós? perguntou o barão, victima de tão solemne mystificação.

— De commum sr. barão? ... repetiu o provinciano ... v. ex.ª disse commum?

E apontou-lhe aos labios um risinho secco e breve.

— Na realidade, sr. barão, o que eu posso responder, é que não podia v. ex.ª empregar uma expressão mais propria e feliz!

(Continúa.)

POESIA.

O castello de Monçaraz.

> .... sus hijos empeñan
> La gloria que sabe su nombre adquirir
> B. de Castro.

Salvè, antigo monumento,
Vetusto padrão da historia,
Salvè, illustre descendente
Dos nossos tempos de glória!

Sôbre negra, alpestre penha,
Que a fronte c'rôa da serra,
Ergues-te, altivo castello,
Como atalaia de guerra.

Cobre-te um manto de rochas
Vasto dorso collossal,
Um diadema de nuvens
Te cinge a fronte real.

Assentado em nobre throno
D'alcantilado granito
Dominas por vasto imperio
Um horisonte infinito.

És o senhor d'estes plainos
Cuja extensão mal se alcança,
Soldado e rei, que uma torre
Tens por sceptro, e tens por lança.

Castello, rei dos castellos,
Gigante d'antigas eras,
Mudo espectro do passado,
Entre nós porque inda esperas?

Como um guerreiro esforçado
Que surgiu da sepultura,
Porque conservas ainda
Essa tão rija armadura?

Não vês o musgo, que ousado
Todo o corpo te invadiu?
Que as cicatrizes da guerra
Já de todo t'encobriu?

Não vês... que digo? — não sentes
Esse vandalico alvião,
Que te arranca das entranhas
Em cada pedra um brazão?

Não vês que a tua presença
Vil desprêso inspira só?
Não vês, gigante, que humilhas
Estes atomos de pó?

Entraste em vinte batalhas,
Como um bravo campeão,
Viste a espada de Nun'Alv'res,
Viste as hostes de Leão.

Tens um nome em cada pedra,
Em cada nome uma glória,
Cada ruïna das tuas
É uma folha da historia!

Mas que importa? os luzos d'hoje
Os mesmos lusos não são...
Soldado velho da patria,
Quebra-te a espada... o alvião!

A. Lima.

NOTICIAS SCIENTIFICAS E INDUSTRIAES.

Retratos photographicos coloridos a fogo.

Pedem-nos a publicação do seguinte:

Está para chegar a Lisboa o sr. Schmidli, natural da Suissa, professor de photographia, que tira retratos á sombra, em poucos segundos, dando-lhes todas as côres naturaes.

Tira retratos de todas as dimensões por preços muito commodos.

Dá lições de photographia — não faz segredo do seu novo methodo — e vende machinas completas para daguerreotypar.

BIBLIOGRAPHIA.

Fernanda — romance de A. Dumas — vertido em linguagem por Miguel Antonio da Silva. As assignaturas para a publicação desta obra recebem-se na loja do sr. Lavado — rua Augusta, n.º 8.

CHARADA.

Um homem — 1
Posso matar; — 2
Na fabula
Tenho logar.

EXPLICAÇÃO DO NÚMERO ANTECEDENTE:
Charada — Emilia.

A CALIFORNIA.



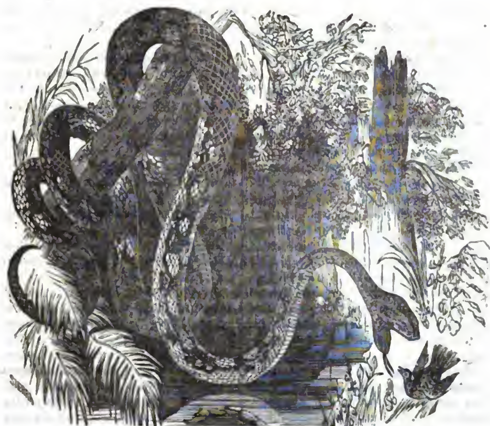
Coronel passando revista ao seu regimento.



Bagatella — bagatella — é uma mina de prata!



O governador da California vê-se obrigado a engraixar as botas, por falta de criados.



O Boá.

O *BOÁ CONSTRICTOR*, que a nossa estampa representa, pertence á ordem das serpentes. Este enorme reptil, que chega a ter quarenta pés de comprimento, occupa as regiões quentes e humidas da America do Sul. Não é venenoso, mas torna-se temivel pela sua fôrça prodigiosa, e extrema agilidade. Escondido entre a herva, ou pendurado pela cauda a uma arvore, espera o *boá* as suas victimas; apenas se aproxima uma cabra, ou um veado, por exemplo, a serpente salta sôbre elle, enrosca-se-lhe á roda do corpo, e o constringe, de maneira que o animal fica suffocado. Feita esta primeira operação, a serpente se entretem em engulir lentamente a sua prêsa, dilatando em extremo as maxillas, cuja organisação é para este effeito apropriada. Affirmam que esta deglutição, algumas vezes, dura muitos dias. Depois da refeição o *boá* fica immovel n'algum logar affastado, e exala vapores fetidos.

É facil mata-los quando se acham neste estado de repouso. A sua carne, de que se nutrem alguns indios, dizem qne não é inteiramente desagradavel.

Por muito tempo houve confusão na historia destas grandes serpentes, que confundiam com as *pythons*. As *pythons* são, por assim dizer, as representantes dos *boás* no antigo continente; mas, posto que cheguem a ter o mesmo comprimento, não são em tudo eguaes aos *boás*, que habitam exclusivamente o novo mundo. Ao genero das *pythons* pertence o chamado *boá divino*, objecto de culto religioso para os negros de Moçambique.

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Nullidade do globo terrestre em relação a outros objectos da creação.

O GLOBO terrestre, apezar da immensa extensão que lhe observâmos, mais de treze milhões de leguas quadradas de superficie, não é, em relação ás estrellas, senão um ponto imperceptivel no espaço. Parece incrivel similhante proposição, mas ella exprime uma verdade que se funda em provas mathematicas.

Notando-se os dois angulos formados, um pelo raio visual dirigido a uma estrella circumpolar, quando esta se acha no meridiano superior e pela vertical; outro pelo raio visual dirigido á mesma estrella, quando esta chega ao meridiano inferior e pela mesma vertical — a differença d'estes dous angulos dá um terceiro, que representa a maior excursão da estrella, e que é formado por duas linhas dirigidas do logar em que está o observador aos dois pontos do meridiano, que a estrella occupa quando por elle passa. Ora parece que este angulo devia variar, quando o observador mudasse de logar, porque á proporção que se aproxima ou se affasta da base ou vertice d'um triangulo, assim o an-

gulo cresce ou diminue. Não se nota, porém, nenhuma variação, qualquer que seja o logar da observação; é de todo indifferente que esta se faça no norte da Russia, ou no cabo da Bôa-esperança.

Daqui infere-se com toda a certeza, que as dimensões da terra, posto que immensas relativamente a nós, não são sensiveis quando se comparam com as distancias a que as estrellas se acham.

Chegâmos á mesma conclusão, quando observâmos as parallaxes dos astros.

Os astronomos dão o nome de parallaxe ao angulo com que um observador, collocado n'um astro, veria o raio terrestre, isto é, ao angulo formado por dois raios visuaes dirigidos d'um astro ás duas extremidades do raio terrestre. Mas as estrellas não tem parallaxe; quer dizer, mil e trinta leguas, valor linear do raio da terra, não é base sufficiente para que as duas linhas dirigidas d'uma estrella possam formar um angulo; as duas linhas são parallelas. Mil e trinta leguas é, pois, uma quantidade inteiramente imperceptivel, comparada com a distancia d'estes astros. Concebe-se agora porque o telescopio de Herschell, que aproxima os objectos seis mil vezes, não é capaz de augmentar sensivelmente o volume das estrellas, pelo contrário o diminue, por não deixar manifestar-se o phenomeno chamado irradiação.

Se excita a nossa admiração, que mais de mil leguas sejam uma quantidade sem valor, quando attendemos ás distancias que nos separam das estrellas, cheios de pasmo ficaremos, e um sentimento inexplicavel e profundo havemos de experimentar, quando tivermos por uma verdade incontestavel, que nem cincoenta milhões de leguas valem cousa alguma relativamente a essas distancias immensas. É o que vamos succintamente provar.

Quando se obteve com exactidão a parallaxe do sol, conheceu-se o diametro da ecliptica, e este serviu de unidade para medir com precisão as distancias dos planetas ao sol. Chama-se parallaxe annual ou do orbe terrestre o angulo com que d'um astro se veria o diametro da ecliptica. Ora esta linha de cincoenta milhões de leguas é insufficiente para servir de base a um angulo, formado por duas linhas que dos extremos d'esse diametro vão encontrar uma estrella! Quando observâmos uma estrella, e a tornâmos a observar, achando-se então distante a terra 180° de longitude, isto é, quando fazemos duas observações da mesma estrella, com seis mezes de intervallo, nas extremidades do diametro da ecliptica, achâmos parallelos os dois raios visuaes.

Alguns astronomos, como Bradley e Brinckley, concedem 1″ de parallaxe annual a sirius e wega da lyra; mas esta opinião é summamente contestada. Vejâmos, porém, quaes são as espantosas consequencias desta hypothese, que ainda pecca por deficiente. Quão prodigiosas não serão as consequencias da realidade, que não temos meio de obter!

Com effeito uma estrella com 1″ de parallaxe, que seria a mais proxima do habitante da terra, estaria mais longe duzentas mil vezes do que o sol, o qual dista de nós 24 a 25 milhões de leguas; quer dizer, tal estrella estaria a uma distancia de 5,000,000,000,000 de leguas. Sua grandeza seria um milhão de vezes maior do que o sol, o qual é um milhão de vezes maior do que a terra, que tem uma superficie de mais de treze milhões de leguas quadradas; isto é, um tal astro apresentaria uma superficie de 13,000,000,000,000,000,000 de leguas quadradas! A luz, que anda 50,000 leguas por segundo, gastaria quasi tres annos e meio em chegar á terra!!

Bem se vê que todas estas proposições, se bem que façam pasmar, são muito abaixo da expressão da realidade, porque nenhuma estrella tem 1″ de parallaxe. E se pensarmos, como é muito provavel que existam, em estrellas mil vezes mais distantes, ficaremos por certo assombrados á vista de taes maravilhas. Só a luz levará tres mil annos a fazer o seu trajecto.

Qualquer phenomeno, acontecido nestes astros, que possa ser observado por nós, sómente o será depois de decorridos milhares de annos. Póde ser que todos os dias estejâmos vendo estrellas, que já se achem fóra do alcance do nosso orgão visual; e se a creação do universo não tem, como cremos, longa data, provavelmente existem estrellas, cuja luz ainda não chegou a nós!!!

Que pasmosas distancias, que assombrosas massas, que espantosas velocidades, que circumstancias tão capazes de fazer desvairar a nossa intelligencia!! A imaginação humana perde-se em sua contemplação. Desta arte a habitação do homem, a terra, que á primeira vista nos parecia ser um dos objectos principaes das attenções de seu Creador, está mathematicamente reduzida ao estado de completa nullidade, quando comparada com outros objectos da creação. E o homem, esse ente que se ensoberbecia com a idéa de que o brilhante espectaculo dos céus havia sido creado para elle só o contemplar, como ha-de alimentar ainda em seu peito o menor sentimento de orgulho, á vista de tão irrefragaveis verdades?

João Felix Pereira

Lente de geographia, chronologia e historia no Lyceo Nacional de Lisboa.

ROMANCE.

Peccadora.

Se ha hi alguem isempto de peccado, que lhe atire a primeira pedra.

IV.

(Continuação.)

Armando olhou-o fito, procurando ler-lhe na physionomia a explicação daquellas extravagantes palavras, cujo alcance receava vagamente adivinhar. Mas a physionomia do sr. Chose nada podia explicar-lhe nesta occasião, em que entalava uns formidaveis oculos no avultado nariz para minuciosamente examinar a obrigação supradita.

Entretanto o aspecto do seu semblante podia servir de balsamo á ferida que as suas palavras tinham aberto. Não era feio aquelle homem, mas era daquelles que os maridos não receam ao pé de suas mulheres.

No momento em que esta consoladora reflexão refres-

cava o ânimo do barão, pareceu que o provinciano tomára a seu cargo desmenti-la solemnemente.

O recibo estava regular. O sr. Chose dobrou-o com methodo, e encaixou-o na immensa carteira, em quanto mettia os oculos na respectiva caixa.

Depois chamou aos labios um dos seus mais amaveis sorrisos, e disse, consultando o volumoso relogio:

— Peço-lhe mil perdões, sr. barão, de não podêr continuar.... mas v. ex.ª bem sabe, que a condescendencia das mulheres tem limites, e eu sentiria muito que se não podesse desculpar a minha inexactidão... Larigo, alumia o sr. barão!

O provinciano inclinou-se tres vezes, e virou costas. Larigo travou da véla, e Germano disse com um modo familiar:

— Adeus, sr. barão!... os meus respeitosos cumprimentos á senhora!...

Armando achou-se, quasi sem saber como, na passagem de S. Roque, a vinte passos da porta da egreja.

Deixou-se cair sôbre um marco, e perto de cinco minutos esteve completamente absorvido. No fim d'estes, a primeira idéa que lhe acudiu ao cerebro foi penetrar novamente naquella casa, e correr todos os andares, porque tinha a certeza de que para lá tinha entrado Robertina.

Mas era já passada uma bôa hora.

E depois sería com effeito Robertina?

Contemplando aquella casa escura, pequena, miseravel, quasi duvidava. Robertina, tão gentil mulher, tão distincta, tão delicada nos seus caprichos, havia de ir secretamente a similhante pardieiro? era uma cousa impossivel!

Armando vira-a — mas agora negava esse testimunho — ou antes, queria duvidar, procurando a todo o custo uma esperança em que repousasse a alma.

Outras vezes desapparecia-lhe aquella dúvida. Armando receáva então em toda a angustia da evidencia; mas nestes mesmos momentos, quando as meias-palavras, e as reticencias do *fazedor* de moeda falsa lhe acudiam á memoria, não o excitava o ciume contra este homem. Pelo contrário, o sentimento que elle lhe inspirava era o de um profundo rancor. Não podia sequer imaginar quo similhante individuo podesse ser seu rival.

E de resto, suppondo mesmo que Robertina fôsse criminosa, sería loucura attribuir-lhe a escolha de um tal complice!

A vida de Armando deslisára-se até então sem que uma grande dôr a atravessasse. Não sabia soffrer. A tortura moral, e o cansaço physico daquella noite tinham-o quebrado de fôrças inteiramente.

Levantou-se do marco, sem mesmo saber o que fizesse. A idéa que um momento tivera de penetrar novamente naquella casa, cedeu ante a reflexão. Demais todos os andares pareciam devoluto, nem se via uma luz sequer.

Desceu então a passagem para o lado da rua de Santo Honorato.

O vento continuava de soprar com violencia; mas limpára o horisonte dás grossas nuvens que o entenebreciam. A lua, proxima ao seu apogeo, brilhava com aquella luz que lhe é particular nos entre-actos da tempestade, e a sua pallida claridade tombava sôbre os tectos, que a chuva transformára em outros tantos espelhos, e sôbre as pedras da calçada, que ao longe se assimilhavam a pedaços de chrystal.

E agora não era o silencio e a solidão. As carruagens giravam ainda, cortando a lama liquida e aspergindo os passeios a cada volta das rodas; mas os peões tambem agora pejavam boa parte do caminho; atravessando intrepidamente nas esquinas o caminhar dos bolieiros furiosos. Estes praguejavam, cruzando as suas vozes roucas com os mil pregões agudos e discordes dos vendilhões da noite. Aos cantos da rua arremedava o realejo o ultimo romance de Garat, em voga, ou a cabaleta nova de Mademoiselle Gavaudan. Ao realejo correspondia a chilrante sanfôna do Saboyanno.

Depois eram as innumeraveis vozes da multidão, tristes, alegres, melodiosas, roucas, que riam, que murmuravam, que descompunham.

Tudo isto sussurrando, acotovelando-se sobre os passeios estreitissimos, ao longo dos esplendidos armazens, cuja illuminação empallidecia ante os raios da lua.

Paris saíra da sua concha. — É que tem um instincto maravilhoso para aproveitar a mais pequena aberta. Passa entre duas tempestades, e não se molha. Á primeira pinga d'agua ve-la-heis desapparecer. Onde está ella? E porque teme tanto a chuva, quando tão folgadamente passeia n'um occeano de lama?... Rasgam-se as nuvens, deixando apparecer um cantinho da lua, ou um raio de sol, eisahi logo Paris, correndo ainda, apertando-se, rindo, cantando, tagarellando cada vez mais.

A Armando, incommodava-o aquelle arruido e movimento. Victima de uma especie de deslumbramento moral não sabia onde dirigir-se no tumultuar das ruas. Acotovelavam-no pela direita e pela esquerda; e elle não sentia nada.

O seu caminhar era tão lento, como incerto. Todos lhe tomavam a dianteira no passeio, e muitos voltavam-se para o examinar, julgando que elle ía embriagado.

Comtudo ao chegar ao angulo da rua dos *Prondeurs*; impellido pelo choque violento de um caminhante empurrou involuntariamente uma senhora que caminhava rapidamente pelo mesmo passeio. Armando, por um instincto de cortezia, ergueu os olhos para ella afim de desculpar-se. A senhora não lhe dava attenção, corria, voava.

O barão soltou um grito, e parou. — Aquella mulher, levava uma manta preta; era aquella que elle seguíra desde a rua Chauchat até S. Roque. — Era Robertina.

A presença de espirito abandonou-o. Quando pertendeu seguir os passos da tal senhora, já ella ía muito longe. Entretanto não a perdeu de vista. Via-a sumir-se por entre a multidão, depois enterpôr-se esta entre Robertina e Armando, e então a avistava novamente, caminhando pressurosa e apressada.

Robertina foi desembocar á praça do *Palais-Royal*. Como o tempo espraiára momentaneamente, estava a praça cheia de vehiculos de toda a especie. A dama subiu para o primeiro fiacre, e disse ao bolieiro uma palavra O fiacre partiu.

O barão chegou muito tarde para se lhe agarrar á trazeira. E demais, talvez mesmo não pensasse neste meio heroico, que não deixa de ter seus perigos.

Achou mais simples alugar outro fiacre. Isto era um erro. É impossivel seguir um fiacre em similhantes cir-

cumstancias, quando não ha signal algum que o distinga dos outros.

— Segue aquelle fiacre! disse Armando ao bolieiro, indicando-lhe o de sua mulher.

O bolieiro olhou ficto para Armando. Este levava o fato todo muito sujo de lama, e ensopado da chuva. O que nós vamos dizer não prova que o homem do povo não tem generosos instinctos. O bolieiro julgou que fallava com algum pobre diabo, e levou seu tempo a arranjar-se.

— Vâmos, tractante! bradou Armando.

O bolieiro respondeu.

— Já vamos, patrão!

E continuou a envergar o capote azul de dois cabeções.

— Dez luizes se alcanças aquelle fiacre!... disse o barão desesperado.

— Dez què?... acudiu o bolieiro; a quem apezar da sua corpolencia, e do capote, não pesava agora o pé uma onça. — Ah! patrãosinho, isto é outro cantar. Vamos já, n'um pulo!

A sege de Robertina viràra a esquina do café da regencia. — Armando sentiu um terrivel estremeção, seguido de muitos outros. Era o fiacre que abalava com toda a força da sua *maquina*.

Mas dez luizes era de mais! Por dez francos atrever-se-ía o bolieiro a metter as suas *feras* a grande trote; por dez luizes arrojou-se a galopar com ellas, e, esta louca ambição perdeu-o.

Ao principio foi esmagando aqui e alli algum cão distrahido, depois espalhou pela calçada o taboleiro d'um vendilhão ambulante, e depois, finalmente, a parelha começou n'uma andadura tão desordenada que dos dois passeios da rua Richelieu se ergueu um clamor immenso.

O bolieiro cada vez mais se electrisava. Os cavallos tomaram o freio... nas *gengivas*, porque já não tinham dentes. Houve um momento em que Armando julgou que alcançaria a seje em que ia Robertina.

Mas não foi esse o desfeixo daquella carreira tão briosamente começada; porque os dois rocins foram de focinhos á lama ao pé da Salla Montansier.

Armando saltou para fóra do fiacre, maldizendo a sua estrella. Entretanto o bolieiro agarrou-o pela sobrecasaca, accusando-o de ter assassinado os seus cavallos, com que ganhava o pão de cada dia para sustentar a sua numerosa familia! Amontoaram-se logo muitos curiosos. O bolieiro que começára fallando dos seus tres innocentes filhos, foi subindo gradualmente até á duzia. Era de fazer chorar as pedras! e Armando que entregára a bolsa a Larigo!...

Não sabemos se o leitor se apiedará deste barão, mas realmente elle era bem digno de dó. Os ternos curiosos, com effeito, consultaram-se seriamente sobre a questão de saber se era ou não necessario fazer uma assuada áquelle homem mal trajado e que traiçoeiramente promettia dez luizes a um desgraçado pae de doze creanças de mama! Vinte annos antes não escapára Armando á *lanterna*.

Deu o seu relogio e competente cadèa, perdeu meia hora, e teve afinal licença de se retirar, perseguido pelas rizadas do público, e as calúmnias do bolieiro infeliz, que comtudo levantou as *féras*, e foi a grande trote vender o relogio.

Os curiosos, esses continuaram o seu caminho com a consciencia da virtude.

Eram onze horas da noite quando o sr. barão d'Osser bateu á porta do seu palacio.

Robertina, se com effeito era aquella que elle víra, devia de ter chegado muito antes; não lhe restava agora meio algum de esclarecer as suas dúvidas.

Passou deante do cubiculo do porteiro, contendo a custo a pergunta que lhe acudia aos labios, e subiu rapidamente o primeiro lance de escada.

— Como está a sr.ª baroneza? perguntou balbuciante á criada particular de Robertina.

— Pois a senhora estava incommodada? disse aquella; não me chamou em toda a noite!?

Armando despediu-a com um gesto, e murmurou com voz cortada.

— Não a chamou em toda a noite!...

Sentia que as suas duvidas se desfaziam, ante a terrivel evidencia; e entretanto tentava duvidar ainda.

Com passos incertos dirigiu-se ao quarto de sua mulher. Travou da aldrava. A porta resistiu.

Recordou-se então de a ter fechado á chave, duas horas antes.

— Já tinha saído!... disse comsigo, e ainda não veiu!...

O suor escorria-lhe da fronte, abundante e gelado. Hesitou alguns minutos, depois o seu semblante assumiu o caracter indifferente e severo de um juiz.

Entrou...

Robertina estava deitada no seu leito, e dormia profundamente. Armando, abafando um grito de surpreza e de alegria, sentiu como um balsamo delicioso caír-lhe sobre a ferida do coração. A chave que a accusava, absolvia-a agora, e a sua innocencia estava provada sem réplica.

E comtudo Armando quiz accumular outras provas ainda, desejava depois da sua angustia repousar n'uma completa segurança. Mirou escrupulosamente todos os recantos do quarto.

Não viu nada, absolutamente nada, nem sapatos molhados, nem vestido, nem manta; nem um vestigio sequer! Pelo contrario, ao pé do leito, em cima d'uma cadeira, estava o fato que Robertina tinha vestido ao jantar, e as lindas chinellas da espirituosa mulher conservavam sobre o tapete uma posição que indicava terem caído de pésinho friorento, já meio mettido debaixo da roupa.

Armando ajoelhou então em frente do leito, implorando do fundo do coração o seu perdão, e beijou a fronte risonha de Robertina.

De certo a linda mulher não sentiu aquelle beijo, porque a sua respiração continuou de ser egual e pura como a de um infante...

V.

FLORENCIA.

Quando o sr. barão d'Osser accordou no dia seguinte julgou que tinha sido victima de um pezadèlo horrivel. Os acontecimentos da noite precedente, inverosimeis de si mesmo, e que o acaso tinha como encadeado, representaram-se-lhe ao espirito mais confusos e mais inverosimeis. Custou-lhe muito a recapitular tu-

do o que se passára, o que víra, ou o que julgára ver — o seu caminhar furioso atraz d'uma desconhecida; as angustias do seu ciume; S. Roque; a passagem, e aquella ratoeira em que elle mesmo se fôra metter.

Armando hesitava se, antes de encetar aquella serie de acções e de acontecimentos, tão fóra do seu caracter e vida habitual, não havia nelle o quer que é de anormal: a febre, a embriaguez...

Mas não. — Tinha sido um encadeamento de circumstancias extraordinarias, impossiveis de prever de certo, mas um encadeamento logico, de alguma maneira, uma especie de escada muito a pino. Dado o primeiro passo era impossivel aguentar-se qualquer que não fosse parar lá abaixo.

O primeiro passo fôra aquella suspeita miseravel, concebida sem motivo nem desculpa, e que o preoccupára a ponto de tomar uma mulher — a primeira que lhe caíra debaixo dos olhos — pela sua Robertina.

Em summa Armando não se fartava de lamentar-se. Tinha a convicção do crime, e não especulava com o castigo. De resto, entre elle e as phantasticas torturas da noite da vespera, havia uma doce e radeante imagem; a imagem de Robertina adormecida.

Armando víra tanta candura serena na sua bella fronte, tão pura placidez no sorriso dos seus labios, tanta tranquillidade e innocencia, e altiva confiança no seu somno! As suas suspeitas agora que a via onde ella devia de estar, pareciam-lhe tão falhas de fundamento, tão estolidas, tão infames quasi!

E agradecia-lhe do fundo do coração não haver realisado o seu terror indigno.

Oh! como Robertina lhe parecia linda, e mais linda agora que lhe devia tanta felicidade!

E á vista desta felicidade intima que valia o resto? O que era o soffrer da vespera ao pé do repousar de hoje? — E os seus dez mil escudos?...

Miseria — pura miseria! — Armando não era avarento. E se o fosse, a sua tão legitima alegria tornára-o indulgente e liberal........................

....

Eram passados dois dias depois da scena da passagem S. Roque. Florencia d'Osser estava em Paris havia algumas horas, e não saíra ainda, desde a sua chegada, do aposento da baroneza, sua irmã.

Robertina, com quanto não estivesse seriamente doente, ficára de cama aquelle dia, — e era esta uma das razões que tornava mais pungentes os remorsos de Armando. Porque suspeitar, é offender; e não nos devemos arrepender duplicadamente da offensa feita a pessôa que amámos, e que padece?

Por isso Armando, naquelles dois dias, prodigalisára a Robertina os mais assiduos disvellos, e o carinho mais terno. Pagára com amor a divida do seu injustificavel ciume.

Robertina recebia estes testemunhos com gratidão, e parecia considerar-se por elles bem feliz.

(Continúa.)

Trabalhos de alguns escriptores durante o seu captiveiro.

Grotius escreveu na prisão o seu *Commentario sôbre S. Matheus.*

Buchanam produziu, na torre de um mosteiro de Portugal, a sua excellente *Paraphrase dos Psalmos de David.*

Pelisson, em quanto esteve encarcerado, proseguiu com ardor os seus estudos de grego, de philosophia e de theologia, e fez differentes obras.

Cervantes escreveu no captiveiro uma grande parte do *Don Quijote.*

Boecio, achava-se prêso, quando compoz a sua bella obra sôbre as *Delicias da Philosophia.*

Luiz XII, quando duque de Orleans, permaneceu muito tempo encerrado na torre de Bourges; alli se dedicou a differentes estudos, devendo a esta circumstancia ser um monarcha illustrado em um seculo barbaro.

Margarida, mulher de Henrique IV, compoz, em quanto esteve prêsa no Louvre, uma apologia muito judiciosa da sua conducta.

Carlos I, rei de Inglaterra, escreveu, em quanto prêso, uma obra notavel intitulada — *O retrato de um rei*, que ordenou entregassem a seu filho.

Howel compoz a maior parte das suas obras nas prisões de Heet.

Quevedo e Fr. Luiz de Leão, acabaram tambem muito notaveis trabalhos em quanto estiveram presos.

O sabio Selden, prêso por haver combatido os dizimos ecclesiasticos e as prerogativas da nobreza, preparou as suas melhores obras durante a sua detenção.

O cardeal Polignac, em eguaes circumstancias, fez o seu *Anti-Lucrecio.*

J. B. Rousseau, compoz no desterro a *Ode ao conde de Luc*, obra admiravel no genero lyrico.

Voltaire, traçou e concluiu em grande parte a *Henriada*, em quanto esteve encerrado na Bastilha.

Finalmente, José Basilio da Gama, bem conhecido poeta portuguez, achando-se prêso como suspeito de jezuita, escreveu á filha do marquez de Pombal uma célebre ode, que lhe valeu a liberdade e protecção do grande ministro.

POESIA.

O Outono.

> C'est la saison ou tout tombe
> Aux coups redoublés des vents;
> Un vent qui vient de la tombe
> Moissonne aussi les vivants.
>
> Lamartine.

O que escuto eu pela terra,
Que diz este suspirar?
Porque nos cumes da serra
Vejo as nuvens a pairar?
Taes vozes são o lamento
Que acompanha o passamento
Dos que a vida vão perder?
Essas nuvens que baixando
Vão as encostas toldando
São um sudario a descer?

Porque se queixam as aguas,
Porque chora o mar tambem,
Quando os ventos lá das fraguas
Encrespar-lhe a face vem?
Porque os seus hymnos d'outr'ora
Calam as aves agora,
Que é feito do seu trinar?
Porque os canticos do mundo
Neste lamento profundo
Vê o mundo transformar?

Oh! bem sei, toda a alegria,
Todo o cantico cessou,
Porque á terra se annuncia
Que já o outono chegou.
Já ao longe no horisonte
Lhe surge a livida fronte.
Já o pregôa o bulcão;
Já as folhas dos pomares
Remoinham pelos ares,
Já alcatifam o chão.

Já a voluvel andorinha
Troca os ninhos pelo mar;
Já co' os filhos se encaminha
Outros céus a demandar.
Vôa a ligeira c'ravana,
Procura a terra africana,
As margens do Senegal,
Outros ninhos, outro abrigo,
Outro sólo mais amigo,
Outro calor mais vital.

Já o sol menos aquece,
Já dura menos tambem,
Mal no oriente apparece
Passa o dia, a noite vem.
Já o pobre descontente
A fome e o frio presente
Que em breve tem de soffrer;
Já aos bosques despojados
Vão os velhos encostados
Buscar troncos p'ra accender.

Já não verdejam arbustos
Dês que a seiva lhes faltou,
Troncos novos são adustos
Dês que o sul os açoutou.
Toda a selva empallidece,
Toda aos golpes estremece
D'um insensivel azar;
Tudo cae, só o cypreste
É que a verdura inda veste
Sôbre as campas a chorar.

«Tudo cae ao duro imperio
«Da quadra dos vendavaes;
«A aragem do cemiterio
«Tambem dizima os mortaes [1].
Esta horrivel prophecia
Gravaste-a n'uma *harmonia*,
Tu, cantor do Jocelyn;

[1] Lamartine — vidè a epigraphe.

Quando a vida é defecada,
Quando da febre minada,
Morre co' as folhas tambem.

O que escuto eu pela terra,
Que diz este suspirar?
Porque nos cumes da serra
Vejo as nuvens a pairar?
O que escuto? É o lamento,
Que acompanha o passamento
Dos que a vida vão perder;
Essas nuvens, que baixando
Vejo as encostas toldando
São um sudario a descer.

E eu amo a quadra do outono,
É esta a minha estação;
Fôsse o meu extremo somno
Quando as folhas vão ao chão.
Quando as avisinhas calam,
E as harmonias não fallam,
Quizera tambem calar,
Sou na terra ave p'regrina,
Quizera ter esta sina,
Com estas folhas tombar.

Eu só amo a primavera
Pelos tempos de rapaz,
Por saudades que ella gera,
Por lembranças que ella traz.
Mas não amo os seus verdores,
Suas festas, seus amores,
Suas scenas, seu prazer,
Que eu tenho a esp'rança perdida
Nestes desertos da vida,
Que eu nasci para soffrer.

Eu não amo o frio inverno
Porque em dezembro nasci,
Tem-me a terra sido inferno,
A ventura inda a não vi.
Eu bemdigo o estio ardente
Porque o pobre então contente
Mais agasalho encontrou,
Por mais nada, é dos ditosos,
Mas eu nunca tive gosos,
Eu dos felizes não sou.

Não amo as trevas nocturnas,
Nem da manhã o arrebol;
Das phases todas diurnas
Eu só amo o pôr do sol.
É inverno a noite fria,
O quente estio é o dia,
É primavera a manhã;
Por isso a noite aborreço,
Não dou aos dias apreço,
Não amo a aurora louçã.

Amo-te, hora do sol posto,
A ti sim, a outra não,
Tens tristezas no teu rosto,
Fallas meiga ao coração.
Só a ti, melancholia,

D'esse crepusc'lo do dia,
Que faz o outono lembrar;
Só a ti, hora tão minha,
Da noite triste visinha,
Só a ti é que hei-de amar.

Só a ti, e á quadra triste
Em que reina o vendaval
A que a selva não resiste,
Em que tudo é sepulchral.
Fôsse o meu extremo somno
Nos breves dias do outono,
Quando as aves mudas são.
Tambem sou ave p'regrina,
Quizera ter esta sina,
Calar meus cantos então.

A. X. R. CORDEIRO.

Viagem aerostatica de Mr. Arban.

A VIAGEM, que um atrevido aeronauta, mr. Arban, acaba de fazer, atravessando em algumas horas as cento e quarenta leguas que separam Marselha de Turim, é uma das mais espantosas que até hoje se tem feito. Extrahimos o seguinte relatorio do correio de Marselha.

«Tendo saído no domingo 2 de setembro, ás seis horas e meia da tarde, do Castello das Flores, atravessei ás oito horas o bosque do Esterel, e pelas experiencias, que fiz, vim no conhecimento de que estava na altura de quatro mil metros (1818 braças proximamente). Fazia já frio, mas a atmosphera estava sêcca. O thermometro centigrado marcava 4° abaixo de zero.

«O vento soprava de sudoeste, e impellia-me para Nice. Achei-me perto de duas horas envolvido em nuvens espessas. A pelle em que me envolvia não bastava para me abafar. Sentia frio, sôbre tudo nos pés. Decidime, comtudo, a continuar a minha viagem, e resolvime a passar os Alpes, porque a provisão de lastro que levava era sufficiente para me elevar acima dos sêrros mais elevados. O frio augmentava sempre, o vento tornava-se regular, a lua esclarecia o espaço. Achavame ao pé dos Alpes; as massas de gêlo, as cascatas, e os rios, brilhando todos, reflectiam o clarão da lua, em quanto os golphos e os rochedos formavam as sombras d'este quadro gigantesco.

«O vento contrariava a regularidade da minha digressão; via-me obrigado a subir e a descer continuamente para passar além dos sêrros, que se apresentavam diante de mim. Eram onze da noite quando cheguei ao cume dos Alpes; o horisonte achava-se livre; o balão corria regularmente — cuidei em cear.

«Estava na altura de 4:600 metros; era indispensavel ganhar o Piemonte; diante de mim só via o chaos; era impossivel descer nestes logares. Depois de ter ceado, lembrei-me de deitar a garrafa vasia para cima do gêlo, como signal que désse a conhecer a passagem de alguem por aquelles desertos, quando algum viajante se lembrasse de subir ao cume da serra.

«Á uma e meia da manhã achei-me por cima do monte Viso, que já conhecia, porque o havia explorado na minha primeira viagem ao Piemonte. É alli que nasce o Pó. Reconheci a posição, e descobri magnificas planicies. Antes de me haver certificado d'isto, por um effeito maravilhoso da miragem, estive quasi acreditando que me achava no meio do mar. As estrellas e a bussola ajudavam-me. O monte Branco, que descobri depois, deu-me a certeza de que me achava perto de Turim.

«Ás duas e tres quartos o monte Viso já ficava para traz — achava-me evidentemente nos arredores de Turim. Decidi-me a descer, o que effectuei sem difficuldade, ficando-me ainda bastante lastro para subir, sendo preciso. Quando puz pé em terra achei-me junto de uma immensa granja. Os cães receberam-me mal; mas os seus latidos acordaram a gente de trabalho, que ficou mais surprehendida que aterrada de me ver.

«Passei o resto da noite na granja, e pela manhã fui a casa do *maire*, que me passou attestado de que havia chegado, etc. Cheguei a Turim ás nove horas. Escrevi á minha familia, para que ella e os meus amigos ficassem descançados — assisti, ás onze da manhã, na egreja da Madre de Deos, ao officio funebre de Carlos Alberto. Depois da cerimonia houve revista da Guarda Nacional. Á noite fui ao theatro de Angennes, a cento e quarenta leguas do sitio d'onde partíra na véspera.

O retrato typographico de Pio IX.

RECEBEMOS ha muito — e a multiplicidade de objectos de que nos vemos obrigados a tratar, junta á falta de espaço, nos tem privado do gôsto de recommendar á attenção das pessoas curiosas, que sabem apreciar o verdadeiro merecimento — o *Retrato typographico de Pio IX, acompanhado de um quadro chronologico dos Papas, Anti-Papas e Escriptores christãos.*

Este trabalho, além de estar bem coordenado, servindo como de pequena historia do *Papado*, tem a circumstancia singular de conter o retrato d'este último pontifice, executado unicamente com o auxilio de lima, de canivete e mais utensís de que se servem ordinariamente os compositores typographos.

O sr. Antonio Sierra y Oliveres, distincto artista, auctor d'este curiosissimo *mappa*, é digno pois da maior contemplação, pelo zêlo e efficacia com que se dedica ao aperfeiçoamento da sua tão util arte. Accresce que, segundo nos informam, é o primeiro trabalho d'este genero publicado em Hespanha. — O sr. Oliveres reside actualmente em Madrid.

Melhoramentos municipaes.

HA um largo em Lisboa — o da Patriarchal queimada — de que se póde fazer um bello passeio, ou antes um mercado, que serviria de muito para os moradores d'alguns bairros, que ficam longe da Praça da Figueira. A camara, no arranjo d'este mercado, não gastaria muito, e satisfaria aos desejos de muitissima gente, que contribue com o seu dinheiro para os melhoramentos da cidade. Para ruinas, por estes sitios, basta, e são de sobra, as do edificio da Eschola Polytechnica. Aos collegas da imprensa litteraria e politica pedimos que instem para que este melhoramento se realise.

NOTICIAS SCIENTIFICAS E INDUSTRIAES.

Exposição dos productos da industria nacional.

A pedido de algumas pessoas, que não poderam concluir a tempo os seus artefactos para a exposição, fica transferida a abertura desta para 15 d'outubro, e a recepção dos productos se effectuará até 10 do mesmo mez.

Os inventores, ou introductores, dos diversos artefactos, que desejarem publicar alguma noticia sôbre elles na *Revista Popular*, podem entregar quaesquer esclarecimentos para este fim no escriptorio da redacção (rua de S. Bento, n.° 114).

A *Revista Popular* publicará gravuras de quaesquer machinas, apparelhos, ou utensilios importantes, inventados, ou melhorados, de que lhe enviarem os desenhos convenientemente reduzidos.

Para facilitar a publicação de tudo o que fôr d'interesse real para a industria d'este paiz, será feita a gravura, dos desenhos recebidos, por conta da empreza da *Revista*.

A melhor maneira de se administrar as beberagens ás especiês suina e canina.

Administração das beberagens aos suinos.

Nem sempre é das cousas mais faceis e seguras ministrar remedios aos porcos, pelo facto de oppôrem muitas vezes grande resistencia a serem agarrados, e porque sendo-o, grunhem e mordem desesperadamente.

É verdade que entre nós, apesar de serem bastante numerosos e até frequentes os casos morbidos, que reclamam para estes animaes o uso de medicamentos, cujo effeito tem de manifestar-se em todo o corpo, como na *lepra, garrotilho, pneumonia, etc.* molestias, que pelo seu caracter grave demandam a applicação interior e prompta de varios agentes therapeuticos, são não obstante isso tratados por os nossos porqueiros do mesmo modo como o costumam ser simplices achaques externos, a inchação proveniente de pancadas, certas pizaduras, por exemplo, isto é, com remedios meramente locaes.

Tambem não sabemos a que attribuir esta e outras damnosas costumeiras; e o respeito que ainda hoje merecem aos nossos proprietarios de gados as praticas absurdas legadas por ousados charlatães, e a pouca ou nenhuma importancia que em nossa terra se liga ao gado miudo, deixando que todos os annos pereçam centenares de cabeças que lá fóra, onde se provê cuidadosamente á sua conservação, constituem uma das perennes fontes da riqueza agricola; senão ao pertinaz e insensato despreso com que sempre ha sido considerada pelos nossos governos a medicina veterinaria, unica, que só póde derramar por si a de seus adeptos luminosos e uteis principios na cura das doenças dos animaes domesticos.

Processo. — Quando houver necessidade de dar beberagens aos suinos, bastam só duas pessoas para que tal operação se execute sem temor de que estes fiquem maltratados se correrem perigo os animaes em questão.

Uma dellas pega com uma de suas mãos, ou por meio d'um laço, n'um dos membros posteriores do porco, e communica-lhe um empuxão tal que o obrigue a deitar-se sobre um dos dois lados do corpo, a outra segura-lhe incontinente na cabeça agarrando-a por as orelhas, e para mais segurança individual carregará com um de seus joelhos sobre o pescoço do bruto, principalmente se este for de grande corpolencia; isto determinado, a pessoa que o lança no chão, ata-lhe as quatro patas, e depois de bem manietado, passa um nó corredio, que será feito com uma corda forte, por a parte a mais dianteira tanto do queixo inferior como do superior, de modo que estes fiquem um pouco affastados um do outro; em seguimento arrastal-o-hão para um local ou plano inclinado, que deve ser d'ante mão escolhido, e ahi elevar-lhe-hão a cabeça desviando-a ligeiramente para o lado opposto áquelle em que está deitado.

Assim preso e posicionado o animal a mesma pessoa que formou o nó, segura este com uma das mãos, e com a outra introduz o bico do vaso onde está o liquido por um dos cantos da bocca na qual o verte para ser deglutido.

(Continúa.)

BIBLIOGRAPHIA.

Conferencias no Templo de Nossa Senhora de Paris, pelo reverendo padre Lacordaire.

Temos recebido os primeiros volumes. Estas *Conferencias*, destinadas a um paiz *onde a ignorancia religiosa caminha a par da cultura do espirito*, são escriptas por um homem, cujo nome se acha ligado a uma das partes mais importantes da historia moderna do povo francez.

A traducção das *Conferencias*, bella excepção entre as traducções que por ahi correm, é limpa e digna de ser lida. O público tem sabido apreciar devidamente esta obra, que merece todo o favor e protecção dos nossos assignantes.

Assigna-se para as *Conferencias* na loja do sr. Lavado — rua Augusta, n.° 8.

CHARADA.

Symboliso um sacramento — 2
Um heroe faço lembrar — 1
As harmonias, que exhalo,
São harmonias sem par.

EXPLICAÇÃO DO NÚMERO ANTECEDENTE:

Charada — Satyro.

N. B. — A explicação da charada do n.° 29 é *Saudade*, e não *Emilia*, como por engano saiu em alguns exemplares do número antecedente.

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Curso d'introducção á Historia Natural dos Tres Reinos.

(Continuado de pag. 213.)

O grupo *cretaceo* tem sido assim chamado, porque é em parte constituido por uma variedade de calcareo, que todos conhecem vulgarmente pelo nome de *cré*.

É a cré uma variedade de calcareo branco, cuja textura particular lhe dá os caracteres de uma rocha terrosa, desaggregada, que se esbroa e desfaz com facilidade pela fricção, ou deixa facilmente um traço pulverulento, quando com aquella substancia se risca sôbre um corpo qualquer.

Além da cré ha no grupo cretaceo depositos de outras rochas associadas á primeira. São as arêas, os marnes, as argillas, que constituem uma formação subordinada á cré, e que recebem na geologia a denominação de *grés verde*, porque algumas das arêas que entram na sua composição se distinguem particularmente por uma côr verde assaz pronunciada.

As camadas de cré são muitas vezes alternadas com outras camadas de *silice*, ou pederneira, que se apresentam frequentes vezes interrompidas, e dando logar a *rins*, ou nódulos siliciosos, intermeados na substancia calcarea.

Entre as conchas fosseis, que caracterisam o grupo cretaceo, notam-se as *Terebratulas*, as *Belemnites*, as *Ammonites*, as *Turrilites*. A estes restos animaes andam associados no grupo cretaceo alguns despojos de peixes, e de crustaceos; não se encontram, porém, nunca ossadas de animaes terrestres, nem conchas terrestres ou fluviaes, nem vestigios de plantas, a não serem alguns troços de páu; circumstancias que induzem a crer que o grupo cretaceo foi formado n'um mar mui profundo, e assaz longe dos continentes para que os despojos dos animaes e das plantas podessem depositar-se no sedimento que então se formava, e que depois, pela sua solidificação, deu origem ao terreno em questão.

198. *Subdivisão do grupo terciario.* — Depois da cré seguem-se as camadas mais modernas, que compõem os *terrenos terciarios*. Tem estes terrenos sido divididos pelos geologos em quatro grupos, cujo caracter distinctivo se tem ido buscar á maior ou menor quantidade de conchas fosseis especificamente eguaes ás que hoje habitam os mares, em latitudes proximas ás dos terrenos em questão. O grupo mais antigo chamam-lhe os geologos *Eocéne*; ao immediato *Miocéne*; ao terceiro *Pliocéne*; e ao quarto, áquelle que estabelece a transição entre a historia antiga e a historia contemporanea do nosso globo — *Pleistocéne*.

199. *Formações recentes.* — Assim se chamam aquellas que são coevas com a existencia da especie humana na terra. São os depositos devidos á acção dos agentes naturaes, que modificam perpetuamente a superficie e a crusta do globo, e dos quaes já tivemos occasião de fallar.

Ha certos caracteres pelos quaes se podem distinguir as formações recentes das terciarias com quem confinam. Reconhecem-se pelas ossadas humanas que contém, já no estado de fossilisação, e que alli tem sido depositadas por causas naturaes, e não pela inhumação ordinaria; ou pelos objectos da industria, que se encontram ás vezes no interior das camadas, sem que se possa accusar a mão de homem, de alli as haver escondido ou soterrado, ou finalmente pela confrontação de uma localidade em duas epochas historicas mais ou menos affastadas, de que possuamos documentos de que se não possa duvidar.

Estes caracteres distinctivos das formações recentes tem sido observados em varios pontos de globo. Em Pouzzoles, junto a Napoles, nas cercanias de Stockolmo, na Guadalupe, tem-se verificado a existencia de terrenos, onde se realisam as condições caracteristicas que enumerámos.

NOÇÕES DE MINERALOGIA.

200. *Mineraes.* — Para completar as noções que acabamos de dar sôbre a composição do globo terrestre, é conveniente, que deixando de considerar, como precedentemente fizemos, as grandes massas mineraes, as rochas, desçamos ao estudo dos *mineraes* tomados individual ou collectivamente, estudando-os nas propriedades que os caracterisam particularmente.

Todas as substancias que compõem a crusta do globo recebem a denominação commum de *mineraes*. Taes são o calcareo, o granito, o carvão fossil, etc.

201. *Divisão dos mineraes.* — Entre os corpos que constituem a crusta terrestre ha uns que provém das alterações que certos corpos organisados, ou organicos soffreram em consequencia de haverem sido sepultados por longos tempos no seio da terra. São os *fosseis*, a que pertence um mineral profusamente espalhado na terra, o *carvão de pedra*, a *linhite*, o *páu fossil*, etc. Outros, porém, não apresentam vestigios alguns de organisação, e foram produzidos exclusivamente debaixo do influxo das fôrças geraes da natureza. Taes são o marmore, o crystal de rocha, o diamante, etc.

202. *Fórmas dos mineraes.* — Quem olha para as grandes massas, que constituem os terrenos que observamos, suppõem que ha uma indifferença completa na fórma dos mineraes, e que nenhuma lei regula expressamente nestes corpos a figura, que é sempre tão definida, tão harmonica, tão invariavel nas producções dos outros dois reinos da natureza, especialmente no animal. Parece que nenhuma condição de fórma se liga com a existencia do mineral, sendo que a fractura operada n'um mineral não altera em nada as propriedades desta cathegoria de corpos. O observador não deixa, porem, de convencer-se bem depressa, que ha nos mineraes fórmas tão regulares, tão harmonicas, como as que nos offerecem os individuos dos outros dois reinos naturaes.

Quando nos laboratorios se evaporam os liquidos, que continham em dissolução algumas substancias, quando, por exemplo, se sécca uma dissolução de pedra hume (alumen) e que as particulas, que estavam separadas e dissolvidas na agua, se reunem e aggregam para reproduzir o corpo solido, nota-se que este adopta uma fórma regular, limitada por um certo número de faces planas, que se encontram por arestas rectilineas, e por *angulos solidos*, ou pontas mui vivas e agudas.

(Continúa.)

ROMANCE.

Peccadora.

Se ha hi alguem iemplo de peccado,
que lhe atire a primeira pedra.

V.

(Continuação)

Eram tres horas da tarde. Armando havia-se retirado já para o seu escriptorio. Florencia e Robertina conversavam sósinhas. A cadeira de Florencia estava encostada ao leito; a cabeça de Robertina, chegada para as rendas da extremidade exterior do travesseiro, misturava os seus abundantes cabellos louros com os caracoes castanhos-claros, macios e assetinados, que brincavam, incessantemente agitados, em tórno das faces, admiraveis de frescura, de Florencia. Robertina segurava entre as suas as mãos daquella.

Era um grupo delicioso, repassado de íntima e suave poesia. Seria difficil dizer qual das duas era mais formosa — mais linda. Qualquer artista hesitaria na escolha. Um poeta, curvando-se ante as juvenís seducções da menina d'Osser, daria talvez a preferencia ás graças intelligentes e nobres que coroavam a fronte de Robertina.

Florencia tinha dezenove annos; mas a baroneza e ella pareciam ter a mesma edade. A donzella dava muitos ares de seu irmão; era exactamente o mesmo profil; sendo comtudo exempta daquella *tinta* commum, que desmerecia a formosura, aliàs notavel, do barão. Havia no semblante de Florencia uma tal graça de expressão, uma tal mobilidade espirituosa e viva que estabelecia larga distincção entre a sua physionomia e a d'Armando, não excluindo, porém, a doçura, que resulta quasi sempre da regularidade das linhas. Tinha lindos olhos pardos, não muito grandes, mas cortados voluptuariamente, e orlados de uma larga franja sedada. Um sorriso malicioso, e de sincera alegria, volteava-lhe suavemente em tórno dos labios de fino coral, e não era possivel exceder-se a graça infinita de movimentos do seu cólo de neve, direito e nervoso, apezar do arredondado das fórmas.

Os seus olhos brilhantes talvez soubessem velar-se d'amor, mas pareciam ser feitos unicamente para sorrir. Não se lhe conhecia vestigio de languidez na serena indifferença. Dir-se-ía que a formosa donzella dormia ainda o somno da ignorancia infantil, e que o sópro das paixões, com as suas tumultuarias alegrias, e desgostos pungentes, adoraveis e temerosas tempestades, não lhe perturbára ainda a tranquillidade magestosa da alma.

Haviam de pensar o mesmo todos; mas estes risonhos semblantes de virgem enganam ás vezes...

Em todo o caso, debaixo do ponto de vista *sentimental*, Florencia e Robertina eram o dia e a noite. Egualmente formosas ambas, com quanto em Robertina houvesse um não sei quê de mais harmonioso e delicado, eram o contraste mais singular uma e outra, logo que se lhe podesse ler nas feições o livro d'alma.

Não que não se désse em ambas, com quanto em gráu differente, nobreza, intelligencia e bondade, mas porque uma tinha padecido já, amado, temido, desejado, chorado, e a outra, confiada e alegre, apontava ao liminar da vida, sem ver no seu rosado futuro mais que alegrias e triumphos.

E tambem — porque era um coração vulgar, sujeito ás idéas e desejos communs, em quanto a primeira, segundo as condições da sua natureza superior, exaggerava, pelo contacto com a sua sensibilidade immensa, prazeres e dores, e cançava-se, por uma especie de cioso pudor, a recalcar no fundo do coração a expansão de qualquer d'estes sentimentos.

Florencia tinha sido educada em um dos principaes collegios de París. Tinha recebido ahi aquella educação elegante, digna, soberba, moral com fasto, um pouco severa, um pouco guindada, assimilhando-se muito á inflexibilidade das linhas architectonicas do tempo — educação que produziu mais de uma Corinna em caricatura, mas que tem desenvolvido mais d'uma mulher realmente distincta. Florencia tinha os dotes particulares para aproveitar aquelle ensino pomposo, emphatico, quasi theatral, inspirado todo pelas creações pedantescas de m.^me de Genlis. Naturalmente alegre, *ladina* e viva, Florencia carecia de um freio, e não lhe faltou elle, certo. Ornaram-lhe o espirito de maximas á Campan, de frivolidades solemnes, de versos philosophicos; fizeram-a representar, em costume de jardineira, em dramasinhos *innocentes*, n'uma palavra, saturaram-na tão liberalmente de semsaborias, que a pobre da menina perdeu toda aquella vida e seiva, que, segundo dizem, não é condição favoravel para entrar no grande mundo.

Entretanto, apezar de sujeita á influencia daquella atmosphera de affectação, foi-se-lhe desenvolvendo um rancor profundo a essa mesma affectação.

Quando saíra do collegio, passára Florencia algum tempo em casa de seu irmão, e desde logo travou com Robertina sincera e terna amizade; depois partíra para Tours, aonde residia a irmã de seu pae.

Nisto se resumia toda a historia de Florencia — salvo o pequeno episodio de amor, que entra em a historia de todas as raparigas, e que é tão velho como a odysséa.

O heroe do romancesinho de Florencia chamava-se Luciano de Pons. Era um galante mancebo, doudo de amores, o que, aqui para nós, não é das cousas menos difficeis, principalmente tratando-se de uma menina distincta e rica como era a irmã do barão d'Osser

Tinha sido admittido em casa do barão, onde as excellentes maneiras de Robertina lhe serviam de compensação á systematica indifferença de Armando. Usando do seu direito fizera o sr. Luciano uma viagem a Tours, que coincidia com a de Florencia, e depois regressára a París, dando-se a mesma coincidencia, sem que isto deva extranhar-se.

Havia perto de uma hora, que Robertina e Florencia estavam sós. E bem de cousas tinham ainda que dizer, porque a baroneza, ainda suppondo que tivesse motivo de triste preoccupação, esquecia tudo ao pé de sua irmã, e não resistia ao contacto daquella alegria espontanea — tornava-se alegre tambem.

Proseguiam a conversação encetada.

— Olha, Florencia, disse a baroneza, obras prudentemente conservando-te livre... porque julgo que continúas na tua isempção, não é verdade?...

— Aposto que meu irmão ha-de querer casar-me? replicou Florencia, em logar de responder á pergunta de sua cunhada.

— Não ha dúvida, que é isso que elle pretende, disse Robertina.

E semi-cerrou os olhos, e poz-se a olhar muito ficto para Florencia.

— Meu irmão tem tanta bondade! proseguiu esta; e sabes o nome de meu marido?

— Se sei!... é ainda o major Vernier.

— O Armando é um phenix a respeito de constancia; dou-te os parabens, querida irmã... mas eu é que não gósto de militares.

— Oh! acudiu Robertina; será porque te mettem medo os bigodes?...

— Não, isso não... pelo contrário... mas eu imagino um militar d'um modo muito differente...

— Podes dizer-m'o?...

— Porque não?... Um militar, segundo a minha opinião, é um rapagão alto, direito, semsabór, desvanecido todo quando falla a uma mulher de menos de trinta annos — e se a sua janella fôr em frente da tua, ha-de cumprimentar-te, levando a mão ao peito.

— Ah! Florencia! disse Robertina rindo; nem todos os militares são assim.

— Concordo perfeitamente, minha querida; tambem ha alguns que nos atiram da rua com beijinhos, pondo os olhos em alvo, convenho...

— Má! interrompeu a baroneza, levando a mão fina e alvissima á bócca rosada da virgem; tu bem sabes que o major é um homem serio, bem educado...

— Assim m'o tem repetido, e a minha opinião nesse ponto pouco importa... mas não sabes, Robertina, o major já me fez uma declaração de amor!

— E então?...

— Ora! como havia de ser, continuou Florencia, com uma especie de terror comico, a declaração do major está toda impressa na *Clara d'Alba*, de m.^me Cottin... sempre me fazia chorar este romance, querida amiguinha!

— Florencia, devias ter mais humanidade com as feridas que abrem os teus olhos formosissimos...

— Olha, essa phrase tambem vinha na declaração do major! acudiu Florencia... pois tu já leste a *Clara d'Alba?*...

Interrompeu-se, porém, como se receasse ter escandalisado a baroneza, e accrescentou, mas já n'outro tom:

— Ah! como são bellos, minha irmã, os heroes de m.^me Cottin!

— Pobre major! exclamou a baroneza; que desgraça para elle não se parecer com Maleck-Adhel.

Florencia olhou para Robertina muito ficto, crispando suavemente a curva graciosa das suas escuras sobrancelhas.

— Serás acaso do partido de Vernier?

— Eu, querida filha, respondeu a baroneza, agarrando-lhe na cabeça e dando-lhe um beijo na testa — eu sou do partido da tua felicidade... Escuta-me, Florencia, continuou, assumindo um modo grave: — Amo Armando com todas as véras d'alma, bem o sabes... e devo-lhe gratidão por me ter feito feliz, como actualmente sou; nem ha cousa que eu não faça pelo amor delle... mas tambem te amo, querida irmã, e sei que Armando tem por ti o amor de um pae... Entre tu e elle não ha escolher... Armando quer a tua felicidade; talvez se engane nos meios de t'a obter, e estamos a tempo de tudo remediar.

— Tens muita bondade, minha irmã, disse a donzella, marejando-lhe as lagrimas nos olhos; — eu t'o agradeço; e bem sabes que te amo...

— Ouve ainda, tornou Robertina; eu não tinha acabado... o major Vernier é o melhor amigo de teu irmão, que ha muito nutre a esperança de lhe offerecer a tua mão... O major é homem de bem e leal, e digno a todos os respeitos do amor de uma mulher... Todo o meu empenho, confesso-t'o, é que se realisem os desejos de Armando, e se tu podesses amar o major...

— Mas isso é impossivel, minha irmã! acudiu Florencia.

— Então amas o sr. Luciano de Pons? disse Robertina em voz baixa.

Florencia córou. Houve mesmo um momento em que olhou com ar severo para a baroneza. Depois, e subitamente, encostou a cabeça ao seio de Robertina, balbuciando:

— Não sei, querida irmã..., nem eu sei!...

Fez-se um breve silencio antes de ella erguer a cabeça. Quando a ergueu os seus olhos encontraram o olhar doce e meigo de Robertina.

— Não estás zangada comigo? perguntou a donzella.

Robertina sorriu-se, e disse:

— Pobre major! pobre major! em quanto os seus inimigos se reduziam ao teu rancoroso desdem pelos *D. Juan* da guarnição, e á sua declaração duvidosamente original, ainda tive alguma esperança... mas agora...

— Olha, Robertina, se me persegues assim, interrompeu Florencia, confusa, acabarei por odia-los a ambos.

— Deos me livre, minha irmã!... mas tu não has-de exaggerar a tua crueldade ao ponto de prohibir que lamente o pobre do major, eu que sei o que elle perde, perdendo-te!... Em compensação seja-me permittido julgar digna de inveja a sorte do sr. de Pons.

— Não, Robertina, disse a donzella batendo o pé no macio tapete; não, não... e demais eu não quero casar-me!

E pretendeu affastar a cadeira, mas a baroneza segurou-a brandamente.

— Tu ama-lo muito?...

— Oh! minha irmã, minha irmã! acudiu Florencia; não tens dó de mim!...

A baroneza desatou a rir.

— Com effeito, Florencia, já não tens aquelle bom genio d'outro tempo... Se fosses homem e eu tambem, já me terias obrigado a desembainhar a espada... Perdôa-me, querida amiga; não me verás gracejar assim muitas vezes, e se estou tão alegre, deves attribui-lo á satisfação de te abraçar... Fallemos serio agora... Conheço o senhor de Pons, e acho muito acertada a tua escolha.

— Obrigada, minha irmã, replicou Florencia com um resto de máu humor; mas é muito fallar *na minha escolha.*

Com quanto esta accentuasse as últimas palavras, a baroneza dissimulou, fingindo não as ter ouvido.

(Continúa.)



PORTO — Casa de Carlos Alberto.

CARLOS ALBERTO.

Toda a imprensa, sem distincção alguma de côres ou de politica, ha prestado dignamente á memoria d'este principe famoso, justos tributos de homenagem e de saudade.

Cabe-nos hoje a nossa vez.

Com quanto tardios, não são, nem menos sinceros, nem menos ardentes os nossos votos pelo repouso eterno, na glória, de um monarcha, que por muitos actos do seu reinado soubera conciliar o respeito e amor dos seus subditos, como depois, vencido em Novára, soube grangear a veneração e as sympathias de toda a Europa.

Carlos Alberto nasceu a 28 de dezembro de 1798, e entregou o espirito ao Creador na nossa heroica cidade do Porto, que escolhêra depois dos ultimos desastres da Italia, a 28 de julho de 1849. Neste largo periodo desenvolveu-se uma das existencias mais uteis e mais gloriosamente terminadas.

Unico successor da familia de Saboya, assumiu Carlos Alberto (Carignan) o titulo de principe real, na epocha em que Victor Manoel subiu ao throno de seus paes.

Fazia-se então sentir no Piemonte a necessidade de uma reforma radical; procurava-se libertar a desgraçada Lombardia do barbaro jugo dos austriacos; lançavam-se, finalmente, os primeiros lineamentos para essa tão desejada e tão malfadada união da Italia, pensamento gigante das grandes intelligencias daquella peninsula.

A revolução, porém, que se tramava occultamente, carecia de um chefe, que désse unidade aos movimentos dos iniciados na conspiração, e que, pela sua posição e influencia, alentasse os esforços, e arrojasse ao campo as populações enervadas por effeito da dominação estrangeira, e da imperfeição e insufficiencia das instituições por que então se regia toda a Italia.

O principe de Carignan parecia reunir em si todos os requisitos necessarios para similhante fim, e por ventura as suas ligações secretas com os mais intelligentes dos compromettidos na conspiração, garantiam a sua inteira adhesão e lealdade aos principios que elles pretendiam proclamar. Por outro lado havia quem desconfiasse das intenções do principe, manifestando claramente os seus receios, e dando, como motivo principal da approvação de Carlos Alberto aos planos revolucionarios, a exaltação e enthusiasmo que havia excitado no ânimo ardente do principe a febre das novas idéas, e não a convicção profunda que tivesse de que ellas poderiam remir a Italia.

O que é certo é que a 7 de março de 1821 retirára o principe de Carignan a palavra que dera aos principaes auctores da conspiração: em consequencia desta



PORTO — Casa de Carlos Alberto.

determinação inesperada, os que dirigiam o movimento tentaram suspender ou addiar para occasião mais opportuna a execução dos seus projectos: era tarde. A guarnição de Fossano abraçára já a causa da *federação italiana*, marchando immediatamente sôbre Alexandria. No dia 10 começou a insurreição na cidadella desta praça. O conde de Palma, á frente do regimento de Genova, proclama a constituição aos brados de *Viva o rei!* áquelle se reunem depois o cavalheiro Baronis e o conde Bianco, seguidos dos dragões, e setecentos a oitocentos paizanos.

Victor Manoel, hesitando entre as medidas de rigor, que pareciam aconselhar as circumstancias, e a natural bonhomia do seu caracter, que lhe inspirava a resolução de ceder aos votos dos conjurados, continuava na sua capital, rodeado da côrte aterrada, sem que a crise se resolvesse de um ou de outro modo. Mas de repente tres tiros de canhão annunciam ao povo que a cidadella de Turim arvorára o estandarte tricolor, o estandarte da Italia.

A este feito seguiu-se a abdicação de Victor Manoel, em favor de Carlos Felix, duque de Genova, então residente em Modena — a nomeação do principe de Carignan para regente do reino, e a demissão de todos os ministros.

Pouco depois foi solemnemente proclamada a constituição hespanhola de 1812, a que Carlos Alberto prestou juramento de fidelidade: como entretanto entendesse que devia de participar os acontecimentos que haviam determinado a abdicação de seu pae, o rei Victor Manuel, e providencias subsequentes, escreveu-lhe neste sentido: a desapprovação formal do novo monarcha lançou Carlos Alberto na mais dolorosa perplexidade: é que havia neste principe duas entidades que é necessario considerar séria e profundamente se se pretende julga-lo sem favor, e com justiça. Carlos Alberto amava sinceramente os principios liberaes; mas poucas, raras vezes teve a energia sufficiente e indispensavel para subtrair-se ás influencias e tradições de familia: é assim que póde e deve explicar-se a incoherencia de alguns dos seus actos; aconteceu, porém, ao principe de Carignan, o que sempre acontece áquelles que sacrificam as mais generosas aspirações aos calculos mesquinhos de conveniencia; sem ceder inteiramente a taes influencias, engeitou a corôa de reformador, que lhe garantia a sua incontestavel popularidade na Italia — assim foi apenas um dos seus martyres.

A declaração de Carlos Felix era concebida em termos mui explicitos: «Declaramos que longe de con-«sentirmos em qualquer alteração na fórma do governo «preexistente ao acto da abdicação de meu muito pre-«sado irmão, consideraremos como rebeldes todos aquel-«les d'entre os nossos subditos, que ousem, ou ousaram, «proclamar uma constituição, ou fazer qualquer outra

«innovação contrária á plenitude da auctoridade real.» Este documento foi seguido de outro, nomeando o general de La Tour commandante em chefe do exército, que devia organisar-se e marchar contra os *rebeldes*. A guerra civil, era, pois inevitavel, e aos perigos desta accresciam os de uma guerra estrangeira. Com effeito em Milão, as noticias do Piemonte incutiram tal terror nos austriacos, que se ordenou immediatamente a formação de um corpo de exército nas fronteiras; o imperador da Russia mandou pôr em campo um exército de 100:000 homens, e, finalmente, a confederação helvetica foi convidada por estas potencias a premunir-se contra os effeitos das doutrinas revolucionarias.

Carlos Alberto, nesta difficil situação, resignou a auctoridade de regente, e retirou-se, com alguns regimentos de artilheria e cavallaria, para o quartel general do conde La Tour, obedecendo, por este modo, ás ordens do soberano. Sem haver desembainhado a espada contra os seus compatriotas terminou aquella campanha fatalmente para os liberaes, retirando-se depois o principe para Florença, onde residiu algum tempo, e daqui para París. Nesta capital preparava-se a expedição contra a Hespanha; Carlos Alberto pediu e obteve licença para encorporar-se nesta expedição, e no sitio de Trocadero soube distinguir-se pela sua presença de espirito e bravura singular.

Por morte de Victor Manoel foi chamado ao throno dos seus antepassados, sendo saudada a sua exaltação com a mais viva e espontanea alegria, pois que, apezar de tudo, Carlos Alberto não deixára de ser um principe eminentemente popular. O seu reinado, sem satisfazer, comtudo, os ardentes desejos dos liberaes, foi uma serie de beneficios e de reformas uteis. Carlos Alberto, porém, não conquistára a immensa popularidade de que gosou nos ultimos dias do seu reinado, se a exaltação de Pio IX ao solio pontificio não dera um fim á sua ambição mal contida, e lhe não revelára o seu futuro. A voz poderosa de Pio IX proclama, em nome da egreja, principios de liberdade e fraternidade. Toda a Italia estremece; a Lombardia e a generosa Veneza arvoram o pendão da independencia, e a marcha dos acontecimentos parecia augurar a proxima reconstituição da peninsula italica.

O mais pertence á historia do dia; a batalha de Goito, a tomada de Pesquiera, os combates de Somma Campagna; a retirada do exército italiano; Milão exposta á crueldade dos austriacos, e o armisticio, que terminou a primeira parte desta fatal campanha; a batalha de Novára, finalmente, quo inutilisando d'um golpe todas as operações, adiou para longe — para muito longe, talvez — o futuro da Italia.

Carlos Alberto soube ser grande na grandeza mesmo daquelle desastre; *Lasciatemi morire*, disse elle ao general romano Durando, que pouco depois caía perigosamente ferido; e quando assim fallava as balas sybilavam em tórno do generoso monarcha, que alli acabára se o não arrastassem para fóra do campo.

Carlos Alberto jogára a corôa naquella batalha; na impossibilidade de a podêr jámais suster com honra, preferiu abdicar, como de feito abdicou, e condemnar-se a um voluntario ostracismo, abandonando a Italia, e adoptando o titulo singelo de Conde de Barge.

O Porto foi pelo valoroso rei-soldado a escolhida para sua residencia. Coube á cidade dos grandes sacrificios recolher em seu seio, e receber o último suspiro daquelle que tantos fizera em prol da Italia, sua patria. E o Porto mostrou-se nestas circumstancias digno da sua reputação, e da terra que representava: o dia 28 de julho de 1849, em que Carlos Alberto expirou, foi um dia de verdadeira consternação naquella cidade.

As poucas linhas que aqui se leem não são — nem podem ser — uma biographia completa; mas, como já dissemos, tenue demonstração de saudade e veneração pela memoria de um rei, que póde collocar-se entre o pequeno número daquelles que devéras amaram e foram amados dos seus subditos.

O Scepticismo e o Pyrrhonismo.

Scepticismo é um systema de philosophia (se este nome se lhe póde dar) que nada affirma. Pyrrhonismo é um systema de philosophia que tudo nega. O scepticismo suspende o juizo sôbre todos os objectos. O pyrrhonismo affirma positivamente a incerteza universal. Um e outro systema encerra em sua propria natureza o principio da sua destruição; porque ambos são mais ou menos dogmaticos. A razão não póde combater a razão, senão empregando o raciocinio, suppõe principios e suppõe a certeza das regras da logica.

O *sceptico*, se quizer ser consequente, deve ao menos reconhecer o facto primitivo da consciencia; porque o proprio acto da suspensão do juizo sôbre todos os objectos é inintelligivel sem a distincção do *eu* que suspende o juizo, e dos objectos, a cujo respeito o suspende.

O *pyrrhonico* ainda é mais contradictorio comsigo mesmo; porque pretende destruir a razão com raciocinios: affirma com certeza, que nada ha certo: esta dúvida absoluta e universal envolve necessariamente o dogmatismo.

Se nos é permittido neste logar indicar as differentes paixões, que tem dado origem a esta estranha philosophia, diremos com o grande philosopho, que nos subministrou este artigo, que o empenho de abalar as verdades da fé, exaggerando os fóros da razão, ou de firmar o imperio das primeiras, calumniando a segunda — o egoismo sensual, que concentra o espirito na materia; ou o egoismo contemplativo, que se esvaece em sonhos mysticos — o orgulho do saber; ou a vaidade de affirmar paradoxos; e, finalmente, a reacção contra o despotismo da philosophia dogmatica, tem sido quasi sempre as verdadeiras origens do scepticismo e do pyrrhonismo, nas differentes epochas da sua existencia ou renovação.

(S. Luiz — *Synonimos*, *v*. 1.°, *pg*. 13.)

POESIA.

A chegada.

Mal nas orlas do horisonte
Tua galera appar'ceu,
A triste crestada fronte
O lyrio do prado ergueu;

Cantou a róla chorosa,
Deu mais perfumes a rosa,
E perdeu-se a mariposa
Por entre as nuvens do céu!

Teu meigo rosto de fada
No Téjo se retratou,
E da sombra namorada
Ligeira vaga parou!
Oh! que linda que não era
Na pópa dessa galera
Gentil flôr da primavera
Que no mar desabrochou!

Eras mais linda que a lua
Em noite amena d'abril,
Mais que a estrella que fluctua,
Que fluctua em céus d'anil,
Tão bella que não te eguala
Por dias de festa e gala,
A mais vistosa zagalla
Que se escolher d'entre mil!

Trazias a côr do rosto
Como a dá linda romã,
Como as tintas do sol posto,
Como o albor da manhã;
Teus olhos brotavam lumes,
E os anjos tinham ciumes,
Porque exhalavas perfumes
Como a rosa a mais louçã!

As fadas nunca tiveram
Tanto podêr, tal condão,
Que as fadas nunca poderam
Fazer do gêlo um volcão,
Tornar o vicio em virtude,
Nem da lyra tosca e rude
Afinar meigo alaúde
Pelos sons do coração!

E amei-te, como a bonina
O rócio que a vem regar,
Como a lympha crystalina
A conchinha a scintillar,
Como a brisa a flor dourada,
Como o nauta ama a rajada,
Como o soldado ama a espada,
Como o lago ama o luar!

Sant'Anna e Vasconcellos.

N'um album.

(DO SR. A. X. R. CORDEIRO.)

Tu que nas horas meigas do crepusculo
Vês n'um céu, que roxêa o fim do dia,
Levantar-se da purpura do horisonte
A pensativa imagem da Poesia;

Tu que lês com teus olhos distrahidos
Na pagina sem fim da immensidade,
Que escutas nos lamentos do oceano
O longo respirar da eternidade;

Tu que sentes gemer em cada folha
Um accento da lyra do Senhor,
Tu que descobres na mudez dos astros
Os mysterios da mão do Creador;

Fita ás vezes no azul do firmamento
Da rainha da noite o rosto baço,
E talvez, apezar da negra sorte,
Nosso pensar se encontrará no espaço!

L. Corrêa Caldeira.

N'outro.

A UMA SENHORA.

Senhora, o livro da vida
Tem folhas de várias côres,
Umas compostas d'espinhos,
Compostas outras de flores.

Tambem vejo neste livro
Em cada folha uma côr,
Mas não vejo a côr do luto,
Não vejo o emblema da dôr.

Falta, pois, a mais sentida,
Falta a imagem verdadeira,
Falta o symbolo eloquente
De tanta existencia inteira!

É, senhora, que este livro
Da virtude e formosura
Pertencendo á innocencia
Tambem pertence á ventura.

A. Lima.

NOTICIAS SCIENTIFICAS E INDUSTRIAES.

Aviso ás pessoas que levarem obras á exposição pública da industria nacional.

A empreza do *Industriador* obriga-se a descrever, e mandar gravar quaesquer machinas, ou apparelhos de invenção ou aperfeiçoamento de origem nacional; e bem assim a tratar com toda a especialidade, de quaesquer artefactos que alli se apresentem. Tanto a descripção como a gravura serão feitas sem dispendio dos interessados, aos quaes todavia se pede queiram enviar os necessarios esclarecimentos aos redactores do *Industriador*, rua Augusta n.° 8, a fim de poderem desempenhar este compromisso.

A empreza da *Revista Popular* faz egual offerecimento. Quaesquer esclarecimentos devem ser dirigidos á rua Augusta n.° 8, ou á rua de S. Bento, n.° 114.

N. B. — A exposição fica transferida para o dia 29.

A melhor maneira de se administrar as beberagens ás especies suina e canina.

(Conclusão.)

O porco grita quasi sempre; durante esta operação expulsa mesmo uma porção de liquido para fóra da bôcca, e se o forçam a engulir, uma grande parte cae para a larynge, e produz a tosse e a suffocação.

Convem, pois, que o licor seja entornado paulatinamente, se suspenda a administração na occasião dos gritos, e que, no caso do animal ser muito bravio, se solicite a cooperação d'uma terceira pessoa.

Viborg, professor na eschola veterinaria de Stuttgard, na Allemanha, com o fim de facilitar a administração das beberagens e dos electuarios, vulgò *juncadas*, confeccionou um instrumento a que chamou *mordaça*, especie de *boccado* de madeira furado no centro, que se colloca entre os queixos. Mette-se o bico do vaso no buraco que tem a mordaça, e verte-se o liquido dentro da bôcca, que facilmente chega até proximo da larynge. Este instrumento sería de immensa commodidade para ministrar as beberagens, se não tivesse o inconveniente de limitar o movimento das maxillas, e de impedir a deglutição; todavia não haverá grande risco no seu emprêgo, uma vez que o bico do vaso fôr longo, e que o liquido seja deitado muito devagar.

Administração das beberagens aos cães.

Estes animaes, naturalmente doceis e intelligentes, prestam-se a tudo quanto delles exigem seus donos.

É por isso que d'ordinario é sufficiente, como vamos ver, uma só pessoa, ao passo que nem sempre bastavam duas para as fazer tomar aos porcos, cuja irascibilidade e condição estupida tornam estes seres tão estranhos aos cuidados do homem.

Processo. — Se o cão fôr de talhe medio, a pessoa destinada a dar-lhe a beberagem, arruma-lhe o quarto trazeiro contra o canto de duas paredes, colloca a cabeça entre as suas pernas, e passando a mão esquerda por debaixo do queixo inferior, o conserva nesta posição com firmeza e moderadamente elevada. Pegando com a outra mão no vaso, separa com o bico do mesmo o canto da bôcca, e verte o liquido nesta cavidade á medida que o animal bebe.

Se o cão tosse no acto de tomar a bebida, é preciso cessar logo a administração, até que elle deixe de tossir.

Com este simples processo a maior parte dos cães tomam, sem muito custo, as beberagens; porém ha alguns que se defendem corajosamente, entregando-se a movimentos desordenados, e procurando morder as pessoas que os sujeitam.

Neste caso é conveniente, para os grandes cães, introduzir-se-lhes na bôcca um pequeno bastão de madeira, do volume d'uma canna ordinaria, que deverá assentar no espaço que fica entre o primeiro dente molar e a prêsa, atarem-se-lhes os queixos com um bom cordel, prenderem-se-lhes as patas e deita-los sôbre uma mesa. Situados desta maneira, desvia-se-lhes um dos cantos da bôcca, depois de erguida a cabeça convenientemente, e faz-se chegar a beberagem até onde se deseja.

Em quanto aos cães pequenos, se são mansos, põem-se entre as pernas, e dá-se-lhe a bebida do modo como acima ficou dito; se ao contrario forem inquietos, muito vivos, e recusarem engulir o liquido, empregando para isso esforços desconcertados, é muito difficil, para não dizer impossivel, agarra-los e abrir-lhes a bôcca.

Neste caso convem associar o medicamento ás bebidas de que elles são mais apaixonados, como o leite, o caldo, a agua assucarada, etc., do que constrange-los a beber, recorrendo á fôrça.

Se ainda este último recurso fôsse infructuoso, então era mais prudente substituir as beberagens pelos clisteis, na agua dos quaes se fazem dissolver as substancias medicamentosas, mas para isto se praticar é indispensavel o previo consentimento ou prescripção do veterinario.

José Maria Teixeira.
Lente substituto da Eschola Veterinaria.

BIBLIOGRAPHIA.

O Industriador.

Publicou-se o n.º 3.

Já dissemos qual é a nossa opinião ácêrca d'este jornal. O n.º 3 veiu confirmar a idéa em que estavamos. A Sociedade Promotora deve lançar mão d'este jornal, se os seus redactores o consentirem, e extinguir os Annaes. Os artistas devem todos ajudar a empreza, assignando para um jornal, que, sôbre ser utilissimo, é extremamente barato.

Assigna-se na loja do sr. Lavado.

Preço — por anno — 1$440.

CHARADA.

Quantos heroes d'este nome } 2
A lusa historia não tem!
Quantos gôsos, quantas dores } 2
Não mostro e vejo tambem!

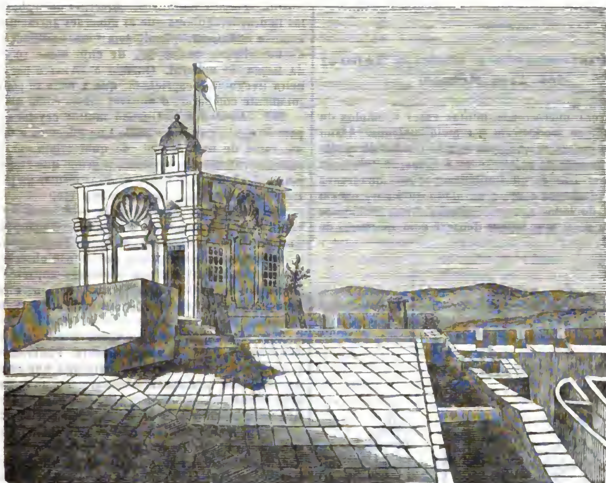
Broncos penedos
Já fiz mover,
Tal é a fôrça
Do meu podêr!

ENIGMA.

Sá de Miranda } Henrique 100 Portugal.
Affonso d'Albuquerque
Vasco da Gama

EXPLICAÇÃO DO NÚMERO ANTECEDENTE:

Charada — Pianno.



ELVAS — Casa do governador do forte de Santa Luzia.

Já no nosso n.º 50 do primeiro volume, tivemos occasião de fallar na notavel praça de Elvas, e no forte de Santa Luzia, que constitue uma das partes mais importantes da sua admiravel fortificação. Apresentando, agora, o desenho da elegante casa em que ordinariamente reside o governador do mencionado forte, repetiremos por ventura algumas das cousas que alli dissemos, em falta de noticias mais recentes que não podémos obter.

«O forte de Santa Luzia dista da praça 240 braças; é edificado sôbre um outeiro, que dominava parte da praça. O polygono da fortificação deste forte é proximamente um quadrado de 78 braças do lado exterior, pouco mais ou menos, fortificado segundo o primeiro systema de Vauban, tendo revelins nas suas frentes voltadas para o E. e para o S., tudo cercado de estrada coberta e de esplanada, que em parte é cortada, terminada por muros de alvenaria, e guarnecida exteriormente de tres linhas de fossos, muitos delles abertos em pedreira.»

As cazernas e armazens do forte são todos á prova de bomba, e podem servir de abrigo á guarnição, que, segundo o plano primitivo, deve orçar por 300 a 400 homens, e ás munições de guerra e de bócca. No reducto principal existem duas cisternas, que, completamente cheias, podem abastecer com abundancia toda a guarnição, ainda mesmo no estado completo, durante dois a tres mezes.

O forte de Santa Luzia comprehende quatro baluartes, que se denominam, começando pelo que fica virado ao NE., e continuando para a direita — *Santo Antonio, Santa Isabel, S. Pedro, e Nossa Senhora da Conceição.*

Como se acha mui perto da praça, a sua guarnição póde ser frequentes vezes, e até diariamente, rendida, tornando-se por este modo mais facil, energica e duradoura a resistencia.

Não sabemos ao certo em que anno começaram as obras para a edificação do forte de Santa Luzia; sendo comtudo incontestavel, que em 1658 já estavam concluidos os seus quatro baluartes.

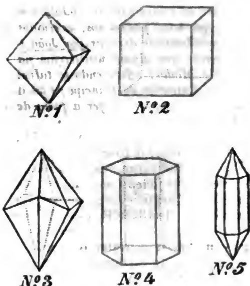
Foi o illustre general portuguez Mathias d'Albuquerque, que primeiro reconheceu a importancia daquella posição, mandando-a, em 1641, segurar com uma meia-lua, ou revelim, ordenando ao mesmo tempo que se levantassem eguaes obras para proteger cada uma das portas da praça.

Ignorâmos em que estado se acham hoje assim o forte de Santa Luzia, como o da Graça, e demais fortificações, sendo comtudo para desejar, que o nosso proverbial desleixo não prejudique o estado desta, a primeira, a mais regular, e a mais forte das nossas praças de guerra.

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Curso d'introducção á Historia Natural dos Tres Reinos.

A natureza offerece-nos muitas vezes exemplos de fórmas, que se produziram por meio analogos. Assim não é raro encontrar exemplares mui nitidos de *spath-fluor*, ou *fluoreto de calcio*, com a fórma de *cubos*, ou d'octaedros, isto é, ou limitados por seis quadrados perfeitos, dispostos como n'um dado de jogar, ou em triangulos de lados eguaes, segundo o representam as figuras 1 e 2. É mui vulgar deparar com *specimens* de



uma variedade de calcareo, a que chamam *spatho de Islandia*, com a fórma de *pyramides* ou de *prismas*, representados nas fig. 3 e 4. O *quartzo hyalino* ou o *crystal de rocha* apparece debaixo da fórma de um prisma de seis faces, terminado superior e inferiormente por duas partes pyramidaes egualmente de seis faces, segundo denota a fig. 5.

203. *Crystal.* — Os mineraes que assumem fórmas regulares, como as que acabâmos de mencionar, chamam-se *crystaes*. As figuras geometricas que os representam tem o nome de *fórmas crystalinas*.

204. *Diversidade de fórmas crystalinas* — São tão numerosas as fórmas que a natureza nos offerece nos diversos mineraes, que quasi que ha para cada um delles uma, ou mais fórmas particulares, e que se distinguem perfeitamente de uma para outra especie mineral. O ouro, por exemplo, offerece-nos certas fórmas de doze faces planas, a que chamam dodecaédros, a prata apparece ás vezes em cubos, o calcareo em pyramides, e em certas fórmas, contidas em seis faces alongadas, e que chamam *rhomboedros*, etc.

205. *Fórmas não crystalinas.* — São, porém, mais frequentes os mineraes sem fórma regular, do que os que apparecem regularmente limitados por faces planas. As fórmas irregulares recebem diversas denominações, segundo a similhança que apresentam com algum objecto conhecido.

206. *Fórmas imitativas. Mineraes amorphos.* — Estas figuras irregulares que os mineraes apresentam chamam-se *imitativas*, quando tem uma similhança com a de um objecto conhecido, de cujo nome se deduz o da fórma do mineral. Quando a fórma é por tal maneira irregular e caprichosa, que a nada se póde absolutamente comparar, o mineral diz-se então *amorpho*.

207. *Dendrites.* — Quando muitos crystaes se grupam irregularmente de modo que affectam a fórma de um ramo de uma arvore, do qual sáiam em diversos sentidos ramusculos e folhas, o grupo que resulta chama-se *dendrite*. São vulgares estas fórmas na prata nativa, apparecem ás vezes no cobre, etc.

208. *Configurações coralloides.* — Se muitos crystaes capillares, extremamente pequenos, se agrupam como que ao redor de diversos eixos, de modo que venham a produzir ramificações, em que se não observam pontas de crystaes, como nos dendrites, apparece a configuração, que os mineralogistas chamam *coralloide*, pela similhança que tem com os coraes e polypeiros do oceano.

209. *Stalactites.* — Da origem destas configurações mineraes já fallámos anteriormente. Poderemos aqui, porém, accrescentar, que as particulas que constituem as stalactites, se dispõem circularmente ao redor de um eixo rectilineo, e se succedem por anneis continuos, que vão diminuindo de diametro desde o tecto da gruta, ou desde a abobada, em que começam, até á sua terminação, que é sempre pyramidal.

210. *Mineraes reniformes.* — A fórma globular, ou spheroidal é frequente em muitas substancias mineraes. Se o mineral resulta da reunião de muitos globulos imperfeitos, que mutuamente se interceptam, de modo que a superficie convexa, mas polida, tome o aspecto d'uma porção de rin, a configuração chama-se *reniforme*.

A hematite, um dos mineraes mais vulgares, donde se extrahe o ferro, apresenta o aspecto reniforme, que é poderosamente auxiliado pela cór sanguinea, que esta substancia ordinariamente affecta.

211. *Pseudomorphoses.* — Muitas vezes uma substancia mineral soffre uma decomposição intima, de que resulta transmudar-se n'uma outra substancia mui diversa da primeira. Se o mineral que soffre modificação na sua composição chymica estava debaixo de uma fórma regular, geometrica, que lhe pertence, segundo as leis que regulam o mundo mineral, acontece que a nova substancia conserva a fórma primitiva, donde vem a resultar achar-se um mineral com uma figura, que propriamente lhe não pertence, senão por adopção por emprestimo. Esta figura é como que *falsa*, e por isso os mineralogistas chamam a este phenomeno uma *pseudomorphose*, o que quer dizer litteralmente, *falsa fórma*. Um crystal de carbonato de chumbo, ou cerusa, póde pela sua exposição por um tempo sufficiente n'uma atmosphera de hydrogenio sulfurado, ou gaz sulfydrico, transformar-se n'um crystal de sulfureto de chumbo, com uma fórma alhêa ás que esta especie mineral apresenta ordinariamente.

(Continúa.)

ESTUDOS HISTORICOS.

Das côrtes em Portugal.

I.

Sua convocação e noticia succinta das que se celebraram nos differentes reinados.

(Continuado de pag. 239.)

A CELEBRAÇÃO dos côrtes foi sempre, como já dissemos, irregular, porque a sua convocação dependia do arbitrio do monarcha, que, neste caso, era unicamente determinado ou fixado pela urgencia das circumstancias e públicas necessidades.

No governo do conde D. Henrique, anteriormente á constituição de Portugal, como estado independente, parece haver-se celebrado côrtes entre os annos 1095 a 1103; nós, porém, inclinâmo'-nos á opinião de que taes côrtes se não fizeram, ou, pelo menos, tiveram outro caracter muito differente do que depois tomaram. Com effeito, admittida a existencia de similhante assembléa politica ou *curia* naquella epocha, será muito difficil explicar sequer com sufficiencia o motivo porque uma instituição, cuja importancia e utilidade tem sido sempre aproveitada, e já então devia reconhecer-se fôra despresada, no largo espaço de tempo que medêa daquelle último anno (1103) até ao de 1211, em que se celebraram as primeiras côrtes portuguezas, cuja existencia não tem sido, nem póde razoavelmente ser contestada.

Já se vê, que reconhecemos como suppostas as celebradas côrtes de Lamego, sem que todavia possâmos, nem mesmo intendâmos que seja util demorarmo'-nos na discussão de um ponto historico, que ha sido tão largamente discutido, e provada até á saciedade a *impostura* do unico documento que poderia allegar-se para provar a realidade dessa tão famigerada assembléa de Santa Maria de Almacave.

Affonso I e Sancho I, distrahidos nas porfiadas guerras contra os infieis, com quem andaram quasi constantemente travados, mal podiam prover a outros cuidados, além dos da guerra, e da repovoação d'este territorio, talado pelos terriveis effeitos de successivas algaras e invasões.

As leis e posturas de Affonso II, porém, foram *consultadas* e publicadas nas nossas primeiras côrtes, nas de 1211 (E. de 1249) como se vê no preambulo das mencionadas leis e posturas:

«No anno primeyro que reynou o Mui Nobre Rey de Portugal Dom Afonso o Segundo Filho do Muito Alto Rey Dom Sancho, e da Rainha Dona Doce e Neto do Gram Rey Dom Afonso davam dito em Coimbra fez cortes em as quaaes com conselho de Dom Pedro Eleyto de Bragaa, e de todos os Bispos do Reyno e dos homẽs de Religiom e dos Ricos Homẽs, e dos seus Vassalos estabeleceo, etc.»

No governo do seu successor, o infeliz D. Sancho II, consta terem-se celebrado côrtes no anno de 1228 (E. de 1266); esta reunião, porém, não foi conhecida pelo incançavel João Pedro Ribeiro, que a não apontou em a sua Memoria, impressa no tomo 2.º das de Litteratura da Academia Real das Sciencias.

Em o tempo de D. Affonso III foram já mais frequentes as convocações de côrtes, celebrando-se as primeiras, em 1251, as de Leiria em 1254 (E. 1292); as de 1261 (E. 1299); e as de Santarem de 1263 (E. 1311) com o pretexto da *correcção dos costumes, e entrega dos bens pertencentes ás egrejas, por occasião da bulla de Gregorio X em resultado da queixa dos bispos do reino, segundo a carta do mesmo rei de 18 de dezembro de 1311.*

D. Diniz não foi menos solicito em promover a reunião destas assembléas nacionaes; além das côrtes da Guarda, cuja data é incerta, e que podem talvez suppôr-se em 1273, celebraram-se em seu tempo as de 1285 (E. 1323) em Lisboa, nas quaes *se requereu pelos donatarios e concelhos se procedesse a inquirições sôbre as honras e devaços do reino*; as de 1289 (E. 1327), tambem celebradas em Lisboa; as de 1301 (E. 1339); as de Guimarães, de 1308 (E. 1346), *em que se limitaram novamente as comedorias dos fidalgos nas egrejas e mosteiros de que eram padroeiros, excluidos os illegitimos, etc. — mandando-se devaçar por João Cesar, das fidalguias e honras que alguns usurpavam na comarca d'entre Douro e Minho; offerecendo-se talvez nellas o donativo para o casamento do principe*; e as de Lisboa, de 1323 (E. 1361), *para correger a falta de administração de justiça*, etc.

No reinado de seu successor D. Affonso IV, celebraram-se côrtes; na cidade d'Evora, no anno de 1325 (E. 1363), em que se publicaram leis sôbre os direitos dos padroeiros, trajes dos judeus, mouros e christãos, e se mandou proceder a inquirições sôbre honras e coutos; no Porto, em o anno de 1328 (E. 1366); em Santarem, no anno de 1331 (E. 1369); na mesma villa, em 1334 (E. 1372), em que se consultaram várias leis, e se approvou o projecto de casamento do principe D. Pedro, depois rei de Portugal, e primeiro do nome, com a filha de D João Manoel, a infanta D. Constança; em Coimbra, no anno de 1335 (E. 1373), mandando-se nestas côrtes, que se conservasse á egreja do Porto jurisdicção sôbre a abertura e execução dos testamentos, independente dos ministros e officiaes regios; em Santarem, no anno de 1340 (E. 1378), em que se propozeram várias queixas contra os delictos commettidos pelos clerigos; e em Lisboa, no anno de 1352 (E. 1390).

(Continúa.)

POESIA.

O Chorão.

> J'aime son feuillage éploré.
> La paleur m'en est douce et chere,
> Et son ombre sera legere
> A la terre où je dormirai!
>
> A. de Musset.

Amo o cedro, o roble agreste,
Amo o gigante cypreste,
Que me falla ao coração;

Mas inda mais, porque chóro,
Inda mais — de tal não córo —
Amo o funebre chorão.

Triste chorão pensativo,
Só tu não te ergues altivo
Olhando ufano p'ra os céus;
Envolto em lugubre manto,
Só tu, imagem do pranto,
Procuras os mausoléus.

Amo-te as verdes madeixas
No desalinho em que as deixas
Da terra varrendo a flor,
Como amo a virgem chorosa
Que a negra trança formosa
Arrasta e pisa na dór.

Debruçado sôbre as aguas,
A quem revelas as máguas,
Tu pareces meditar,
Meditar como o proscripto
No longo espaço infinito
Que lhe rouba o patrio lar...

Escutando os ais da brisa
Nos prados, que Deus matisa,
Vives triste, mudo, só;
Beijando co' a face a terra
Das illusões, que ella encerra,
Pareces mostrar o pó!

Não vês na vida uma festa,
Antes dadiva funesta,
Que nos cumpre receber,
Cadêa d'immensas dóres,
Que apenas douram fulgores
D'algum rapido prazer.

Entendes bem a existencia...
Pégo de rija inclemencia,
Que temos d'atravessar;
Bem a entendes — tens motivo
De ser triste, pensativo,
De gemer e de chorar...

Feliz, feliz de quem chora,
Fuja o dia ou rompa a aurora,
Dês que nasce até morrer;
Feliz, feliz, que na terra
Não prova as fezes, que encerra
Cada taça de prazer!

Dos felizes d'este mundo,
Não te importe o rir jucundo,
Não n'o creias, que é fallaz;
No regato cristalino
Tambem se occulta ferino
O crocodilo voraz.

Sim feliz; tu sempre choras,
Tu comtigo não devoras
As lagrimas, dom do céu;
Feliz, sim, que não careces
D'occultar quanto padeces
Em risonho, falso véu!

Gemer, gemer sem ter pejo,
Chorar se temos desejo
Não podemos sempre nós;
Seja qual fôr o desgôsto
Se transparece no rosto
É como a sombra veloz.

Quantas vezes no meu canto
Não disfarço amargo pranto
Que dos olhos quer saír!
Quantos duros soffrimentos,
Quantos espinhos cruentos
Não escondo n'um sorrir!

Chorar, chorar, como choras
Sem temer sitio nem horas,
Quem me dera tal condão!
Pareça ou não desatino,
Oh! que invejo o teu destino
Triste, funebre chorão!

A. Lima.

No album d'uma Senhora.

Desabrocha em prado ameno
Purpurea rosa d'amor,
Se vegeta ao ar sereno
Alento cobra e vigor;
Mas se ruge a tempestade
A pobre de dór transida
Desfolhada perde a vida
Purpurea rosa d'amor.

Se da rocha alcantilada
Purpurea rosa d'amor
Na grutinha recatada
Da lympha gosa o frescor;
Um tremor da terra ardente
Abre os seios do rochedo,
Que esmaga sob um penedo
Purpurea rosa d'amor.

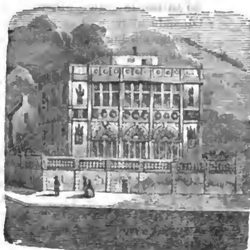
Se a vaga mansa receia
Purpurea rosa d'amor
Arrancar da branca aréa
Onde o acaso a foi depôr;
Logo rijo furacão
A mansa vaga encapella,
E voraz sorve a procella
Purpurea rosa d'amor.

Comparo-a assim, senhora,
Purpurea rosa d'amor
Recendendo aroma agora
Que prestes lh'o sorve a dór;
Com a differença, que a rosa
Batida da tempestade,
Não sente, não tem saudade,
Purpurea rosa d'amor.

A. J. de Sousa Almada.

PARÍS.

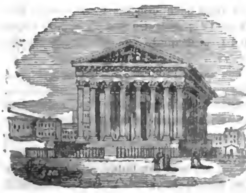

Arco de triumpho (a Estrella).

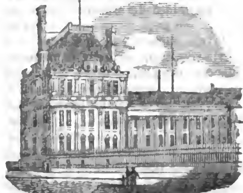

Casa de Francisco I.

Quando o velho imperio de Carlos Magno se dividiu em reinos, em provincias, em baronias inumeraveis, havia no meio d'este cháos uma pequena cidade, cujo passado não deixava de ser glorioso, posto que muito inferior ao futuro que Deus lhe destinára. A cidade de *Parisii* tinha luctado contra a invasão estrangeira, e resistido corajosamente aos romanos. Conquistada pelos francos, foi capital no tempo de Clovis; mas perdeu esta preponderancia, quando começaram as guerras e as discordias entre os seus successores. Em quanto Lyão, Arles, etc., se tornavam capitaes de reinos poderosos, París conservava-se sob a dominação de um conde, muito menos poderoso que os seus visinhos da Borgonha, de Champagne, da Bretanha, e de Flandres; mas este conde, Roberto *o forte*, era homem de coragem e talento. — Auxiliado pelo seu povo, que, no abatimento e na desgraça, tinha conservado o amor da independencia, luctou contra os barbaros normandos, que assolavam a patria — venceu-os, e morreu no meio da sua glória. Seu filho, Eudes, foi digno delle; e quando os normandos quizeram destruir a cidade, Eudes, em um sitio memoravel, ensinou á França que esses barbaros não eram invenciveis. Quando os senhores indignados deposeram o fraco successor de Carlos Magno, foi Eudes o escolhido pelos barões francezes: Eudes foi rei; e París tornou a ser capital. Esta soberania era muito precaria: só metade da França a reconhecia; a outra metade repelliu-a, e tomou Carlos *o simples*, pará chefe. Depois da morte de Eudes, Roberto, seu filho, herdou o condado, mas ficou sem a corôa. — Carlos *o simples*, desde então, governou sôbre a França. Mas o conde tornou-se mais poderoso que o rei. Em quanto a corôa passava da cabeça de Carlos, captivo em Peronna, para a do duque de Borgonha, París augmentava em silencio as suas fôrças. Hugo Capeto, filho do conde, sentindo-se emfim com fôrças para tomar o sceptro, fez-se rei de França, e París, desde esse tempo ficou sendo a capital. — Mas que reino, e que cidade! A capital era um bairro; e o reino tinha apenas algumas leguas de extensão!


O Pantheon.

O podêr dos antigos condes de París, elevados á dignidade de reis de França, não podia conter-se por muito tempo nestes limites. Uma serie de principes, dotados de qualidades diversas, mas de incontestaveis talentos, engrossou pouco a pouco a pequena herança. Desde Philippe Augusto e Luiz IX, até Philippe *o Bello* e Carlos V — desde Luiz XI e Francisco I até Henrique IV e Luiz XIV, por guerras, por tratados, por compras, por allianças, o dominio real estendeu-se pelas provincias, destruiu uma a uma as suzeranias feudaes, e avançando sempre, conquistou emfim a França dos nossos dias. París, capital do reino, reinou desde os Alpes até os Pyrenéus, desde o medi-


Magdalena.


Tulherias.

terraneo até o oceano. — Em quanto os reis restabeleciam, pelas armas e pela politica, a unidade franceza, que o feudalismo dividíra, os burguezes resuscitavam a liberdade. Ao lado do podêr real, organisava-se o podêr do povo.

(Continúa.)

ROMANCE.

Peccadora.

Se ha hi alguem isempto de peccado, que lhe atire a primeira pedra.

V.

(Continuação.)

— Luciano tem um nobre coração, continuou a baroneza, e mais de uma vez tenho obrigado Armando a convir que, posta de parte a sua predilecção pelo major, a escolha do sr. Pons reunia todas as condições que póde e deve exigir como teu tutor.

— Pois fizeste isso! exclamou Florencia; mas tambem não devo espantar-me!... Oh! se ouvisses como elle falla de ti... parece que adivinhava que era teu devedor. É uma admiração, um enthusiasmo por ti, que não fazes idéa... e olha, ás vezes, se eu o amasse, como dizes, havia de ter ciumes, minha irmã!

— Então não queres dizer-me que o amas, Florencia?

— É que eu trato-o tão cruelmente algumas vezes! e depois não creio que se tracte assim a pessoa que se ama... Entretanto... quero abrir-te o meu coração, Robertina... Sim, creio... creio que o amo.

Disfizera-se o encanto. Depois de soltar aquella difficil palavra, ora córando, ora interrompendo-se, ora balbuciando, Florencia fez a sua confissão geral; disse quanto tinha no coração. E é muito para ver, certo, o coração de uma virgem...

Dirigida por precioso pudor, procurou Florencia por todos os modos attenuar o que na sua narração podia dar a intender um amor serio. Referindo as mil occasiões em que encontrára Luciano, que ha dez annos a seguia por toda a parte, cançava-se por persuadir sua cunhada, que tudo tinha sido obra de mero acaso, e mesmo convencê-la de que a abhorrecia tanta assiduidade da parte de Luciano.

— Encontrava-o por toda a parte — sempre! dizia ella, tentando dar á voz a intonação do despeito; sempre!... Se ia á missa, não podia levantar os olhos, que o não visse encostado á têa... Se ia ao passeio, lá o via seguir-me de longe, e parecia-me ouvir-lhe formidaveis suspiros cada vez que passava ao pé delle. Nos bailes... bem sabes que ahi não lhe podia eu escapar... Elle era admittido em toda a parte... e tratado com muita distincção!... Via-me obrigada a dançar com elle, ou a não dançar... Eu sou douda pela dança!... e depois, Robertina, tu tambem tinhas a tua parte em tudo isto...

— Eu! acudiu a baroneza.

— Sim, tu... Lucianno é um rapaz de espirito... creio que soube, ou adivinhou, quanto te eu amava. Todas as vezes que dançava comigo não fallava senão em ti...

— Com effeito, é um meio engenhoso esse, disse Robertina — quer levar-te pelo teu bom coração.

Florencia proseguiu, já mais animada. Depois, por um trabalho mysterioso, e quasi inapercebidamente, a sinceridade do seu amor acabou com o que havia de ephemero naquelle seu aliàs apreciavel pudôr. Á medida que fallava, a sua exaltação ia subindo gradualmente. Chegou ao ponto que, em lugar de procurar desculpas para a sua fraqueza, as foi buscar ás suas crueldades para com Luciano. Já até mesmo se arrependia dos seus caprichos, dos seus desdens, dos seus amuos.

E quando deu fé desta alteração, calou-se repentinamente, fez-se muito vermelha, e sorriu, abaixando os olhos.

A baroneza apertou-a ao seio, e beijou-lhe a graciosa cabeça.

— Nós trabalharemos ambas, disse — Armando ama-nos, e não será capaz de resistir-nos.

Florencia agradeceu-lhe affectuosamente estas delicadas palavras, e pagou liberalmente as suas caricias.

Depois cessou a conversação, como acontece sempre quando se tem dito tudo quanto se podia dizer sôbre um objecto de interesse palpitante. Florencia encostou-se na sua cadeira, e poz-se a scismar profundamente. Robertina, por sua parte, entregou o espirito a voluntaria meditação.

Mas Florencia sorria ao seu delicioso scismar, em quanto a baroneza parecia combater penosas reflexões. O rosto delicioso que a animação da conversa rosára, tornára-se-lhe de novo pallido. Tinha os olhos cerrados; e o todo das suas feições exprimia tristeza profunda, bem que resignada.

Fez-se um breve silencio no aposento.

A final Florencia soltou um gemidosinho repentino, que fez estremecer a baroneza, e a acordou de golpe.

— Sempre sou uma estouvada! disse a menina d'Osser; esqueceu-me perguntar-te o que significam esses artigos de jornaes, que não cessam de fallar em meu irmão, uns para o accusar, outros para o defender!...

Robertina referiu-lhe, em poucas palavras, as visitas domiciliarias feitas ao palacio, e o motivo ou pretexto que as provocára.

— Não me tinha ninguem dito isso! replicou Florencia muito admirada.

— Armando não queria affligir-te, respondeu a baroneza; e depois, graças a Deos, isso já lá vae ha muito tempo.

— Não é possivel que isso fôsse ha muito tempo, acudiu a menina d'Osser, porque esta manhã é que eu o soube... E os jornaes não fallam em cousas que já se esqueceram!

— Eu não leio os jornaes, minha irmã.

— Eu tambem nunca os leio.

Antes de acabar a phrase de Florencia, notaremos de passagem, que os jornaes de 1816 não tinham nem sombras sequer do mais insignificante *folhetim*.

— Eu tambem nunca os leio, disse Florencia; mas vi o desta manhã, e vou dizer como. A nossa sege chegou a Dourdan ao mesmo tempo que a diligencia de Orleans, e o correio de Paris... Tinha algum apetite;

desci, pois, com a Joanna, minha creada particular, e fomos sentar-nos á mesa redonda... É cousa muito curiosa a mesa redonda d'um estalagem! mas não é d'isto que se trata; toda a gente que vinha na diligencia atirou-se aos jornaes de París.

— «Olé! disse um sujeito gordo; ainda se falla no negocio do barão d'Osser!...»

— Faze idéa como eu ficaria, Robertina.

— «E que se diz ahi? retrucou outro viajante.

— «Naturalmente ha-de ser o costume, pouco mais ou menos: o *Jornal do Commercio*, que é uma indignidade, uma infamia... que se deviam deixar emfim de perseguir um pacifico subdito do rei... Ah! cá está uma novidade; parece que pilharam os famosos cunhos com a effigie do... outro, n'um covil de fabricantes de moeda-falsa.»

— Desejava bem ver esse artigo, acudiu Robertina neste ponto: e meu marido, felizmente, recebe o *Jornal do Commercio*.

A baroneza estendeu o braço, e puxou pelo cordão da campainha, que pendia da columna do leito.

— O jornal não diz mais nada, replicou Florencia; accrescenta sómente que o senhor d'Osser está agora a abrigo das violencias do podêr.

— Josepha, disse Robertina á sua aia, que naquelle momento apontava ao limiar da porta: Josepha, dize ao senhor barão, que tenha a bondade de me fallar, e que traga o jornal desta manhã.

Armando chegou quasi immediatamente, muito risonho; Robertina repetiu-lhe o que Florencia lhe contára.

Armando não abríra ainda o jornal, cuja cinta rasgou precipitadamente. Percebia-se-lhe nas feições alguma alteração

— Peço-te que lêas alto, disse Robertina.

Como estivesse perturbado custou-lhe ao barão encontrar o artigo. A final achou-o, e começou a leitura com a voz um tanto trémula.

O artigo era o que, em substancia, já ouvimos da bôcca da menina d'Osser.

Esquecêra-lhe comtudo uma circumstancia; isto é, que a prêsa dos cunhos não se levára a effeito sem resistencia, e que alguns agentes de policia, bem como dois dos traficantes, haviam succumbido na lucta.

O outro criminoso conseguíra escapulir-se.

— Que pena! exclamaram as duas senhoras ao mesmo tempo.

Armando, pelo contrário, respirou longamente, como se lhe alliviassem o peito de um enorme pêso. A sua physionomia assumiu a habitual serenidade. E com effeito a prisão dos tres homens da passagem S. Roque, teria sido para elle um acontecimento terrivel.

— Ao menos, disse Robertina, estão acabadas por em quanto as nossas tribulações, Armando... Por minha parte estou alegrissima...

O barão beijou-lhe a mão, e abriu a bôcca como para responder-lhe. Mas a Josepha apontou de novo á porta e disse:

— Um folheto para o sr. barão.

Armando recebeu-o logo. Na cinta vinha escripto o seu nome á penna.

Cuidou ao princípio que era a *Miverva*, ou as *Cartas Normandas*, publicações periodicas, que, principalmente a ultima, faziam uma opposição terrivel para aquella epocha, e a que se não arriscavam os jornaes quotidianos d'então.

Mas não era a *Minerva*, nem as *Cartas Normandas*, nem mesmo o *Anão mulato*, ou o *Homem escuro*, pamphletos mais populares do tempo!

Era um pamphleto d'outro genero, um pamphleto realista — o *Raio* — que desagradava aos proprios realistas moderados, excitando com o seu estylo energumenico os odios e as vinganças dos ultra-realistas.

O senhor d'Osser virou o folheto de todos os lados, e hesitou um momento, como se receasse algum perigo entre as folhas daquelle papel inimigo.

E, com effeito, o *Raio* tinha sido um dos mais exaltados contra elle, por occasião das visitas domiciliarias. Para que l'ho mandariam agora?

Lentamente rasgou a cinta em que vinha embrulhado, e abriu o pequeno volume. Na primeira pagina começava um artigo, que alguem marcára com uma cruz de lapis vermelho.

Os olhos de Armando caíram naturalmente sôbre aquelle artigo. Apenas lêra as primeiras linhas mudou de côr. Os sobr'olhos crisparam-se-lhe violentamente, e dirigiu-se para a porta amarrotando entre os dedos a brochura mysteriosa.

— Que é? perguntou Robertina assustada.

— Nada, respondeu Armando.

Florencia e Robertina olharam uma para a outra pasmadas.

Armando saíu, e ao primeiro criado que encontrou disse:

— Manda já, já apparelhar a carruagem.

VI.

ESCRIPTORIO DO *RAIO*.

Eis, em resumo, o contheúdo no artigo da publicação — o *Raio*:

«O *Raio* saírá hoje com a demora de algumas horas na sua distribuição, porque, no momento de entrar no prélo, nos sobrevieram curiosos esclarecimentos sôbre a *diligencia* feita na passagem S. Roque, que os jornaes quotidianos referiram de uma maneira menos exacta.

«Não houve lucta, como affirma o *Jornal do Commercio*, mas sim um verdadeiro assassinato. Os *falsificadores* haviam collocado por detrás do apparelho uma machina infernal, composta de onze espingardas, a que largaram fogo mal chegou a policia.

«Um só dos malfeitores escapou.

«Ha motivos para suppôr que este era o principal criminoso, e o exame da machina, que pouco estrago soffreu pela explosão, faz crer que era destinada a exterminar d'um golpe os complices do chefe da quadrilha, e a fôrça armada. Com effeito tres das espingardas estão perfuradas na culatra, e a morte de dois falsificadores não podia ter outra origem, visto que a fôrça pública não chegou a fazer fogo.

«É uma combinação diabolica, e aliàs muito conforme com os principios de *certa gente*.

«Por esta occasião responderemos ao ridiculo artigo do *Jornal do Commercio* desta manhã.

«Este *papel*, cujos sentimentos malevolentes, para não dizer *suspeitos*, procura esconder fazendo largos protestos de lealdade aos nossos principes, torna ainda

ao negocio de *certo* alto funccionario da Moeda, a quem a opinião pública imputou com fundamento um facto da mais triste gravidade. O *jornal* citado, não se atrevendo a censurar francamente o governo de S. M., lamenta em termos hypocritas a sorte do sr. barão de *** victima — forte desgraça! — de uma ou algumas visitas domiciliarias.

«São bem desastrados amigos estes, que vem lembrar um negocio já meio esquecido, e lançar de novo á discussão um nome gravemente compromettido, na occasião em que perfidos instigadores trabalham por levantar o meio-dia da França, e quando se estão descobrindo uma a uma as tramas tenebrosas de uma conspiração dirigida contra o proprio throno.

«Duvidâmos muito que o sr. barão de *** désse o seu assentimento ao artigo do *Jornal do Commercio.* O sr. barão de *** deve saber, que ha certas cousas em que é melhor não mecher. Sabe tambem que o favor extraordinario, e mediocremente justificado, de que gosava no tempo de Napoleão o constituem, naturalmente, por assim dizer, em um estado de legitima suspeição.

. . . .

«O acto do corpo de delicto pára em podêr da policia. Como se apanharam em uma fábrica de moeda-falsa do bairro de Santo Honorato os objectos fraudulentamente subtrahidos á Moeda, depois da quéda do usurpador, conclue-se que o sr. barão de ***, *fiel subdito de S. M.*, foi inutil e violentamente vexado. É um bello argumento este.

«Porque os objectos de que se trata não estavam no *célebre vão*, segue-se que não podiam estar n'outra parte....

. . . .

«Em summa, ficâmos esperando, e talvez nos não enganemos prophetisando, que não tardará muito que se não saiba *mais alguma cousa* d'este tenebroso negocio. Veremos então se se trata sómente d'um crime de moeda falsa, ou se este roubo extraordinario tem relação com attentados, que mãos perversas dirigem e preparam nas trévas....»

(Continúa.)

NOTICIAS SCIENTIFICAS E INDUSTRIAES.

Fabrico das aguas gazosas. — Os vasos syphoides.

São geralmente reconhecidos os inconvenientes de engarrafar os liquidos gazosos em garrafas de vidro, não só porque ha risco de ruptura, como tambem porque no momento em que se tira a rolha d'uma garrafa, de agua de Seltz, por exemplo, uma parte sae pela expansão do gaz, e o resto do liquido fica muito fraco.

Os vasos syphoides foram introduzidos para obviar estes inconvenientes. O mechanismo d'estes vasos comprehende-se facilmente.

Uma botija de grés, resistente, envernisada por dentro e por fóra, tem na parte superior uma tuboladura á qual se adapta um apparelho de fechadura permanente, feito d'estanho, como um tubo que mergulha até ao fundo do vaso. Uma alavanca ou uma chave de parafuso, dá movimento ao obturdor, que sustem o liquido. Enche-se o vaso, abrindo, e pondo em communicação com elle, a torneira do cylindro saturado. O ar sae por uma pequena abertura situada em logar conveniente. Quando se quer tirar do vaso uma porção d'agua gazosa, carrega-se na alavanca, ou se dá volta á chave; o gaz, exercendo pressão sôbre o liquido, faz sair a quantidade que se deseja, e o apparelho fica sempre fechado de maneira, que o resto do liquido nada perde da sua fôrça. O apparelho da fechadura permanente substitue as rolhas e o arame, de que se usa geralmente.

A

B

CHARADA.

Tenho na pequenez minha lindeza, }1
Se pequeno não sou não sou formoso; }1
Retrato no meu rosto a negra nuvem }2
As estrellas e o astro luminoso. }2

S'irado rujo,
O meu furor
Os céus e terra
Enche d'horror.

EXPLICAÇÃO DO NÚMERO ANTECEDENTE:

Charada — Melodia.
Enigma — Homens illustres enriquecem uma nação.

PARÍS.

Terminando esta obra immensa, París annulára-se. O seu triumpho era o triumpho do principio, do povo, da nação toda. D'alli por diante, París, o coração da França, ficou sendo a officina nacional, a propriedade de todos, o resumo d'esse grande paîz.

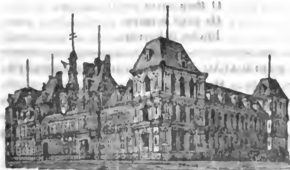
Façâmos um pequeno estudo sôbre essa capital, que, por tantos titulos, merece a nossa attenção.

A velha cidade de París fez-se pouco a pouco, quasi ao acaso. Aos lados da vereda, traçada no campo pelo caminheiro, foram construindo habitações, e a cidade cresceu, seguindo a direcção indicada por essas estradas apparentemente irregulares. Por instincto, o povo de París adivinhára o verdadeiro plano, e construindo a cidade, ao acaso, tinha acertado em tudo, como se nas suas construcções o dirigissem alguns habeis engenheiros. Hoje a cidade de París tem trinta mil casas, e o redenho de ruas é da extensão de cento e vinte e cinco leguas. Se fôsse possivel dispô-las todas, umas em seguimento das outras, a rua começada em París iria acabar no centro da Suissa.



Luiz Napoleão.

Nas ruas de París ha duzentas quarenta mil e novecentas braças de passeios; por baixo dellas existem trinta e duas leguas de cannos, que servem para a limpeza, e cincoenta e sete mil e quinhentas braças de cannos, que conduzem agua a mil e oitocentas fontes, aos diversos estabelecimentos particulares ou públicos.



Hotel de ville.

A cidade é toda illuminada pelo gaz, distribuido por cento e cincoenta leguas de tubos.

É nesta cidade que vive e se agita uma população de um conto e cem mil almas, trabalhadora, activa, industriosa. É por estas duas mil duzentas e quatorze ruas públicas — sempre cheias de gente a pé — que correm de dia e de noite sessenta e duas mil carruagens, carros, cabriolets, etc., cento e quarenta mil cavallos, e perto de cem mil cães!

Ainda não ha muito foi París o theatro d'acontecimentos, cuja importancia é reconhecida por todos os nossos leitores.

Capital d'um paîz grande, coração d'um grande povo, forte e laborioso só por si París figura na Europa como uma potencia de segunda ordem.

A capital da França é o grande deposito em que se reunem todos os productos do paiz; — é como uma grande exposição permanente, em que os povos encontram os mais bellos productos, que a arte — até hoje — tem podido obter.

As nações menos adiantadas tomam a França por modelo, e a vão imitando, mais ou menos perfeitamente, conforme os recursos de que podem dispôr.



Luxembourg.

Em fevereiro de 1848 inaugurou-se a republica franceza, de que é hoje presidente o principe Luiz Napoleão Buonaparte.



Palacio do Instituto.



Camara dos Deputados.

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Curso d'introducção á Historia Natural dos Tres Reinos.

212. *Fórmas organicas petrificadas.* — *Substancias organicas mineralisadas.* — Os mineraes são susceptiveis de assumir figuras proprias dos corpos organisados. São estas figuras que caracterisam o que já conhecemos pelo nome de *fosseis*. Podem elles provir de dois modos diversos. Ou a materia mineral vae substituir integralmente o espaço deixado pela destruição de um corpo organisado, ou as particulas mineraes vão pouco e pouco occupando o logar abandonado pelas partes organicas, que se desprendem do animal, ou do vegetal, depois de sepultado no interior dos stratos terrestres. No primeiro caso apenas a fórma do ente vivo se conserva na apparencia do mineral. No segundo a organisação se revéla ainda nas suas menores particularidades.

São vulgarissimas as conchas fosseis, onde a substancia mineral occupa totalmente o logar da materia organica. Taes conchas resultam da injecção ou deposito de uma porção de calcareo, de argilla, etc. n'um molde que a natureza preparou, pela destruição do mollusco, e com que opperou á maneira do artista que fabríca figuras de metal fundido, injectando-o nos moldes a que deu a configuração appropriada.

A natureza apresenta-nos tambem fórmas organicas intimamente reproduzidas n'uma substancia mineral. Nos depositos de carvão de pedra não é raro deparar com troços de arvores fosseis, onde os tecidos mais delicados se podem observar tão integros, como se os seguissemos n'um tronco recente.

Esta circumstancia de serem algumas fórmas organicas apenas representadas exteriormente nos mineraes, em quanto que as particularidades da organisação são observaveis em outras, dá logar á destruição que se faz entre os *petrificados*, e as *substancias organicas mineralisadas*.

213. *Structura dos mineraes.* — *Crivagem.* — Os mineraes resultam da aggregação de particulas mui pequenas e invisiveis, que se grupam n'uma certa ordem para produzir os crystaes. É este arranjo das particulas que se chama *structura*. Tem esta uma relação determinada com a fórma crystalina, de modo que do arranjo por que as particulas se dispõem, depende a figura que o mineral apresenta exteriormente.

Acontece que, quebrando, ou separando em dois ou mais fragmentos, um crystal, por exemplo, de *spath-fluor*, que tem uma fórma cubica, os fragmentos apparecem separados por faces planas, lisas e brilhantes, o que indica que na direcção d'esses planos se achavam dispostas as particulas com uma regularidade tal, que permittiu a separação, ficando os fragmentos regulares e bem definidos, o que nos indica, que naquella direcção apparece a *structura* chamada *regular*. O processo que se emprega para destacar assim os fragmentos regulares d'um crystal, nas direcções em que tal divisão é possivel, diz-se *crivagem*. *Crivando* os angulos solidos do crystal cubico do *spath-fluor*, appareceerão substituidos por triangulos, e aprofundando cada vez mais a crivagem, chegâmos a transformar o cubo primitivo n'uma fórma de oito faces, que tem com a primeira relações geometricas importantes, que aqui não podemos explicar.

A crivagem é pois uma operação em que *lapidamos*, por assim dizer, um crystal, e tiramos delle um outro, que nelle se continha á maneira de um caroço, ou de um *nucleo*.

214. *Structura irregular.* — *Fractura.* — Nem todos os crystaes se prestam facilmente á divisão da crivagem. O crystal de rocha, recebendo uma compressão violenta, espedaça-se em fragmentos irregulares ordinariamente. As particulas separam-se, pois, em direcções, segundo as quaes se achavam dispostas *irregularmente*. A *fractura* manifesta, pois, nos mineraes, a structura irregular, que não obedece, como a primeira, a leis fixas e harmonicas, nem tem, como ella, relações immediatas com a fórma exterior do mineral.

(Continúa.)

A terra gyra sôbre si mesma.

Quando somos transportados em uma embarcação, ou em uma sege, e olhâmos pára os objectos immoveis, que existem aos lados do caminho por onde transitâmos, estes objectos parecem mover-se em sentido contrário, e a velocidade de seu movimento está na razão inversa da distancia a que se acham de nós. Se a experiencia nos não ensinasse que a mobilidade está na embarcação e na sege, e não nos objectos, se de quando em quando certos abalos não viessem perturbar nosso repouso apparente, pensariamos que a mobilidade residia nos objectos. A experiencia, porém, nos falta, para nos fazer conhecer, se effectivamente os astros gyram em roda de nós, como a nossos olhos parece. É certo que um espectador, collocado no sol, considerar-se-ía em repouso, e veria a terra gyrar em tôrno de si. As apparencias serão, pois, as mesmas para nós, ou gyrem os astros em roda da terra, ou esta gyre sôbre seu eixo em sentido contrário, isto é, aquelles do oriente para o occidente, esta do occidente para o oriente. Estas reflexões só por si já abalam o antigo systema do mundo, que colloca a terra immovel no centro da creação; mas outras considerações de maior pêso vem fazê-lo rejeitar completamente.

Admittindo-se a rotação da terra sôbre o seu eixo, é consequencia necessaria, que cada ponto do equador se move com a velocidade de mais de duzentas braças por segundo; velocidade consideravel. O som não chega a ter cento e sessenta braças de velocidade por segundo, e a bala de artilheria, ao sair da peça, tem apenas o duplo daquella velocidade. Tão rapido movimento da terra, parece, á primeira vista, que não consentiria nenhuma cousa sôbre sua superficie; mas está demonstrado, que para que os objectos situados na superficie da terra, homens, animaes, etc. fôssem lançados pelos ares, á maneira da arêa humida que se prende á circumferencia d'uma roda de sege em movimento, era preciso que a rotação do globo terrestre excedesse ainda dezesete vezes a que tem: isto no equador, nos outros parallelos mais sería ainda necessario.

Se nos espantâmos com a consideração de tamanha

velocidade, o nosso espanto não terá limites, quando, admittindo a immobilidade da terra, por consequencia a rotação do céu, formos obrigados a admittir velocidades immensamente mais consideraveis. Com effeito, o sol, nesta supposição, teria de andar mil e oitocentas leguas por segundo. E isto ainda não é nada, quando comparâmos esta velocidade com a das estrellas. Uma estrella equatorial, que tivesse 1'' de parallaxe, percorreria trezentos e sessenta milhões de leguas por segundo! E que havemos de dizer daquellas, que estando provavelmente mil vezes mais affastadas, haviam de ter uma velocidade proporcional a essa distancia?! O espirito perde-se na contemplação de cousas tão extraordinarias, mas esta não sería a razão de não admitti-las, se a primeira hypothese não offerecesse maior somma de probabilidades.

Quando com a mão fazemos circular um projectil posto em uma funda, experimentâmos o esfôrço que o projectil faz para se escapar; o que elle consegue, se a acção da mão deixa de exercer-se. Aquelle esfôrço do projectil chama-se fôrça centrifuga, e a acção da mão, que o não deixa escapar, é a fôrça centripeta.

Está demonstrado pelo cálculo, que a fôrça centrifuga é na razão directa das massas e das velocidades. Na hypothese da immobilidade da terra, esta sería representada pela mão, e os astros pelo projectil. Ora nesta hypothese sería mister, que a terra, este atomo de materia, fôsse capaz de exercer uma acção tal, que contivesse em sua orbita o sol, um milhão de vezes mais volumoso do que ella, e as innumeraveis estrellas situadas a distancias, que a imaginação não póde conceber, dotadas de velocidades prodigiosissimas e muito deseguaes, e volumes taes, que se alguma tivesse 1'' de parallaxe, não caberia no espaço que nos separa do sol, vinte e quatro milhões de leguas; sería mister que sua acção, em vez de enfraquecer com a distancia, crescesse e se proporcionasse de modo que produzisse um movimento constante e uniforme! E como os centros das circumferencias descriptas estão situados sôbre o eixo indefinido da terra, este eixo, linha ficticia, sem materia e sem limites, gosaria da estupenda e inconceptivel faculdade de neutralisar todas as fôrças centrifugas!! O movimento do céu repugna, pois, ás leis da mechanica.

(Continúa.)

João Felix Pereira

Lente de geographia, chronologia e historia no Lyceu Nacional de Lisboa.

ROMANCE.

Peccadora.

Se ha hi alguem isempto de peccado, que lhe atire a primeira pedra.

VI.

(Continuação.)

Este artigo era um tiro de espingarda atirado á queima-roupa, por detraz de um muro.

Por muito violenta que fôsse então — que seja nos nossos dias, e que deva sê-lo em todos os tempos — a polemica de certos orgãos representantes das opiniões exaggeradas, este artigo ultrapassava realmente todos os limites. Encoberto com o véu hypocrita de uma accusação positiva, e uma ameaça terrivel.

Parecia, além d'isto, revelar, da parte do seu auctor, certo conhecimento mysterioso do negocio, que alcançava muito mais do que o público sabía.

Sempre é bom notar que então, não sómente o governo, mas o povo, estavam empregnados do espirito de reacção furiosa. Tambem, com quanto os estrangeiros já não occupassem París, os seus batalhões não haviam ainda passado as fronteiras!

O artigo era fundado sôbre um facto positivo, de que pretendêra tirar seu auctor illusões desleaes: em Grenoble começavam aquellas scenas de sangue, cujo mysterio esteve a ponto de revelar-se, mas que o acaso, ou poderosos interesses, tem sempre velado das mais densas trevas.

O perigo era grande, e o golpe cruelissimo. Aquella complicidade com os conspiradores do Meio-dia, de que se fallava vagamente, era a morte talvez.

E tudo isto para responder a algumas linhas do *Jornal do Commercio*, que simplesmente se limitára á exposição d'um facto. Se o seguíra de algumas reflexões, estas exprimiam timidamente uma *sombra* de censura, e mais nada, porque o *Jornal do Commercio*, unico orgão d'uma opposição ainda balbuciante, não atacava o podêr senão por meio de apologos, e com infinitas precauções oratorias.

A opposição manietada — os odios, as saudades do passado, os votos hostis ao ramo mais velho dos Bourbons, refugiavam-se nestas pequenas brochuras de que havemos fallado, e algumas adquiriram invejavel celebridade.

O *Raio*, e as *Cartas Campestres*, n'um estylo muito mais moderado, eram a artilheria ligeira com que o podêr combatia aquelles atiradores do liberalismo nascente.

Este golpe feriu o barão d'Osser ao vivo. Havia muito que elle estava habituado aos ataques da imprensa, que não se descuidára de censurar a sua rapida elevação, no tempo do antigo governo, e de fazer sentir a disproporção que existia entre a sua elevada jerarchia administrativa, e a sua grande mocidade. Confessemo-lo, o barão acceitára com bastante philosophia aquelle papel de victima que lhe faziam representar, e que podia dar uma certa côr de heroismo ao seu caracter, porque todas aquellas aggressões mostravam nelle uma dedicação immensa á causa do grande homem desthronado. Todos gostâmos que os outros fallem de nós, ainda mesmo que nisso corrâmos algum perigo. E não ha nada que tanto satisfaça os espiritos vulgares como esta reputação occasional.

Mas aqui não se dava esse caso. O ferro penetrára fundo. Era caso de vida ou de morte.

Armando não fez plano. Por um movimento natural a todo o homem que não é cobarde, virou-se contra a mão que lhe despedíra o golpe, e procurou o seu inimigo.

Poucos minutos depois chegava ao escriptorio da administração do *Raio*.

Seriam quatro horas da tarde, pouco mais ou menos.

Quando Armando entrou no escriptorio, estava na casa da redacção um unico homem.

Era um figurão alto e muito pallido. Alguns raros cabellos, repuxados da nuca, compunham-lhe de certo modo o craneo. Era alguma cousa curto de vista, e de uma das casas da sobrecasaca pendia-lhe a condecoração da flor de lyz, na extremidade de uma enorme fita de setim branco.

Este senhor, que está agora inteiramente calvo, usou até 1833 a condecoração de julho.

Fallaremos do seu passado, porque as quinze ou dezeseis vezes que *modificou as suas opiniões politicas* lhe valeram uns mil escudos de renda, com que póde passar commodamente ao estado de mumia.

Chamava-se Selon... Era um homem de grande *esphera*. Tinha insultado o abbade Maury, e Mirabeau; entoára louvores á *montanha*, e versificára uma pequena cantiga burlesca sôbre a morte de Robespierre. Adorára o Directorio, e guerreára o general Bonaparte; tecêra inumeraveis elogios ao primeiro consul, e depois ao imperador. Em 1814 compozera em tres noites o famoso anagramma:

« *Napoleon*, empereur des Français.
« *Le Pape serf a sacré un noir démon.* »

Anagramma d'uma precisão milagrosa, e que até á consummação dos seculos fará a admiração dos espertos neste *utilissimo* ramo da litteratura; durante os cem dias rythmára deliciosos epigrammas a Luiz XVIII; e agora era redactor do *Raio*, em cuja situação inventára o *Urso da Corsega*.

Tal era o sr Selon; é preciso comtudo convir que não era um homem original!

Armando encontrou-o, em pé, em frente da mesa do escriptorio, a desenhar n'um quarto de papel a proxima caricatura do *Raio*. É balda de todos os srs. Selons andarem *sempre presos a mais de uma amarra*.

—Senhor, disse-lhe Armando com aquella tranquillidade exaggerada daquelles que estão prestes a desabafar toda a sua cholera—venho...

O sr. Selon não o deixou continuar. D'um golpe de vista por cima do duplo círculo dos seus oculos, lêra nas feições do barão o objecto da sua visita.

Ora o sr. Selon estava sósinho no escriptorio do *Raio*.

Sósinho. Ha sugeitos que tem concorrido devéras para o progresso, dotando estes últimos seis annos de invenções, que pertencem aos tempos historicos. Citaremos, por exemplo, os chapéus de mola, e os *guardas-de-corpo* de um jornal.

O *guarda-de-corpo* é manifestamente contemporaneo da primeira publicação periodica, fundada com o unico fim de insultar, assim os amigos, como os inimigos do podêr.

O *Raio* tinha tambem o seu *guarda de corpo*, que era, como costuma ser sempre, ou um sabujo esfaimado do governo, ou um orgão epileptico da opposição. Tinha o seu *guarda-de-corpo* em tudo similhante aos dos nossos jornaes satyricos. Este movel indispensavel não mudou de fórma.

Mas o do *Raio* jantava ás quatro horas. O sr. Selon estava sósinho.

Ora o sr. Selon, segundo o louvavel costume, só tinha de valente a penna.

O caso era perigoso.

—Senhor, acudiu Selon, sinto muito não podêr responder-lhe... o nosso escriptorio fecha ás quatro horas... e é-me impossivel...

—É necessario que me responda! replicou o barão.

—É necessario!... com effeito, a expressão é um tanto arriscada...

Armando avançou para o sr. Selon, que empurrou a cadeira, e deu volta em roda da mesa, sem comtudo parecer fugir.

—Sei, proseguiu elle, tentando tornar agradavel o seu sorriso forçado, ou creio adivinhar o que aqui o conduz... com quanto não tenha a honra de o conhecer, é provavel que esteja escandalisado com algumas das nossas... galanterias.

—Galanterias! atreve-se a dar similhante nome a infamias taes!...

—Oh! oh!... a expressão é alguma cousa forte!!

—Que nome hei-de dar-lhe, quando se póde comparar com uma punhalada dada traçoeiramente.

O semblante do sr. Selon empallideceu, e assumiu a expressão de grave receio. O último número do *Raio* atacava seriamente várias pessoas. O sr. Selon não sabía se fallava a um *pimpão* do Loire, ou algum outro descontente d'especie tão temerosa. Daria naquelle momento de bôa vontade a condecoração realista, com a competente fita, para ter ao pé de si os bigodes formidaveis, e o chicote protector do campeão assalariado do *Raio*.

Porque, na opinião do sr. Selon, o negocio ía tomando uma apparencia feissima.

O barão tirava então da algibeira o folheto citado.

—Quero saber—e immediatamente—o nome do auctor d'este artigo!

Armando pozera a brochura aberta em cima da mesa, e com o dedo indicava a primeira pagina.

O sr. Selon, que de nenhum modo estava resolvido a perder a sua posição intrincheirada, inclinou-se, ou antes, alongou-se por cima da mesa, para examinar o papel que lhe apresentavam.

—Ah! ah! exclamou o miseravel, menos assustado, logo que conheceu o artigo; ah! ah!... supponho que tenho a honra de fallar ao sr. barão d'Osser?... Ora esta! e eu que não conheci... Creio que não é indifferente lembrar-lhe, sr. barão, que, em 1814, fui eu quem inseriu no *Jornal do Imperio* um artigo em que calorosamente felicitava a administração da moeda pela excellente acquisição que fizera na pessoa de v. ex.ª...

—Basta, retrocou Armando com severidade; eu não lhe pergunto ao senhor por essas cousas... Nem agora se trata...

—Não ha dúvida!... comtudo devo accrescentar, que o artigo não estava mal tocadinho, e fez sua sensação... direi mais, tapou a bôcca aos invejosos, que pretendiam... mas, como v. ex.ª muito bem disse, não se trata agora disso... Procura-me v. ex.ª por causa desta pequena nota, que não hesitarei em qualificar de imprudente... pois, sr. barão, posso affiançar, que esse artigo não pertence á nossa redacção.

—Nem por isso eu exijo menos...

—Dê-me licença, sr. barão! é uma historia muito comprida, e que nenhum interesse tenho em esconder... Queira fazer-me a honra de se assentar um instante!

— Estou muito bem, disse Armando.

— Como v. ex.ª quizer... Seja-me permittido, de passagem, felicitar v. ex.ª por me haver encontrado sózinho... na nossa redacção ha alguns rapazes, insoffridos, que tomam qualquer palhinha no ar...

— Ao menos haviam de responder-me mais depressa!

— Sim, murmurou o sr. Selon, olhando tristemente para o logar devoluto do custóde da honra do *Raio*; mas haviam de responder-lhe d'outra maneira!... Eu lhe conto o negocio, continuou, cortejando o barão. Esta manhã — estava o jornal a entrar no prélo — apparece-nos no escriptorio um sugeito, que nenhum de nós conhecia; perguntou pelo redactor em chefe, e mostrou-lhe certo artigo do *Jornal do Commercio*, que atacava directamente a policia e a administração, servindo-se do nome de v. ex.ª como de uma arma... estas cousas, sr. barão, permitta-me que lhe diga, são bastante perigosas, e...

— Continúe...

— Muito bem... Depois de haver mostrado o supradito artigo, o tal individuo, de quem nenhum de nós sabe o nome, saccou da algibeira um pequeno manuscripto, contendo a resposta ao ataque da folha liberal. O caso urgia... O nosso redactor em chefe agradeceu-lhe o artigo, e mandou-o compôr immediatamente sem o ler...

— E é só isso o que me queria dizer! acudiu Armando com voz ameaçadora.

— Pessoalmente, nada mais posso dizer, sr. barão, respondeu o publicista omnicolor... mas o tal sugeito, que teve o incómmodo de escrever o seu nome na cinta do periodico, a fim de que fôsse o *Raio* enviado a v. ex.ª, deixou uma carta com a sua direcção...

— E essa carta? tornou Armando.

— Dizendo, proseguiu o sr. Selon, que se poz a revolver a papelada, que atulhava a mesa — dizendo, que a mandassemos entregar esta manhã, se v. ex.ª não viesse em pessoa busca-la hoje.

O sr. Selon apresentou ao barão, devéras espantado com aquelle desfeixo, a carta que acabava de achar.

— Eu, proseguiu o redactor, é que sou um doudo em não ter logo conhecido v. ex.ª... mas vem ao nosso escriptorio tantas pessoas *feridas* no dia em que despedimos o *Raio!*

Armando não prestou attenção ao espirito do sr. Selon. Acabava de abrir a carta, que continha unicamente o seguinte:

« Hoje, desde as quatro horas da tarde até ás seis, e ámanhã ás mesmas horas, esperarei o sr. barão d'Osser no *Palai-Royal*, galeria de Valois. »

O auctor do artigo.

O barão consultou o relogio:

— Já lá deve estar! bradou, correndo para a porta.

O sr. Selon esfregou então as mãos muito satisfeito; e disse comsigo:

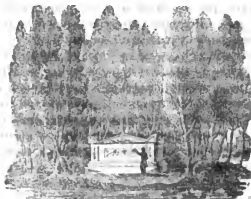
— Bóa viagem!

Depois accrescentou, pegando na bengala e no chapéu:

— Diabos me levem se ficar para esperar os outros! Nada! safei-me soffrivelmente d'esta; não quero mais; mas, com effeito, este barão feito á pressa sempre é muito incivil; nem sequer teve a delicadeza de me agradecer o artigo do *Jornal do Imperio*, a respeito da sua nomeação!... e o caso é que fez seu barulho o tal artigo!...

(Continúa.)

POESIA.



A voz dos finados.

> Quand la cloche des ténèbres
> Balance ses glas funèbres,
> La nuit, a travers les bois,
> A chaque vent qui s'eleve,
> A chaque flot sur la greve,
> Je dis : N'es tu pas leur voix?
>
> LAMARTINE.

CALAM as aves nos bosques,
Deslisa em silencio o rio,
E, qual lampada funerea,
N'um templo immenso vasio,
Dormita o sol entre nuvens
No horisonte sombrio.

Encobre um véu de tristeza
A cidade, o monte, o prado;
Tudo é mudo; apenas se ouve
Grave, lugubre, pausado
Gemer no alto das torres
Augusto bronze sagrado.



Silencio! — não ouvís em cada nota
Dos funebres signais
Um intimo lamento, um ai immenso,
Composto de mil ais?

Cada dobre, que ouvís, não vos semelha
Um lugubre gemido,
Que o echo das montanhas balbucia
Lacrimoso e sentido?

A cada voz, que sólta o bronze augusto,
Solemne e maguado,
Não adeja nas azas do nordeste
Um soluço cortado?

Em cada som daquelles não rebôa
Um arranco profundo,
Um brado agonisante, o adeus supremo
D'uma existencia ao mundo?

Silencio! — não ouvís em cada nota
Dos funebres signais
Um íntimo lamento, um ai immenso,
Composto de mil ais?



Ouvistes . . . é dos finados
A rouca, funerea voz,
Que nos diz — «O pó dos vivos,
Busca o pó de teus avós.»

Eia . . . que os mortos vos chamam.
Vivos, segui-me o exemplo,
Que o bronze triste e solemne
A todos vos chama ao templo.

Arrebatados na vida
Pelo tufão do presente
Ide sagrar ao passado
Um curto instante sómente.

Deixae da festa os sorrisos,
De gala despí as vestes,
Trocae o culto das rosas
Pelo culto dos cyprestes.

Tange o sino; é dos finados
A rouca, funerea voz;
Pó animado dos vivos,
Busca o pó de teus avós!



Segui, segui a voz que vem das campas,
Correi, vivos, correi,
E a divida sagrada, que vos lembra,
Solvei todos, solvei.

Os templos enlutados vos esperam,
Ide carpir, orar,
Que o tributo das preces e do pranto
É facil de pagar!

Novembro 2 de 1849.

A. Lima.

De algumas sociedades instituidas em Portugal.

No anno de 1721 se instituiu uma academia, com o titulo de *Problematica*, na villa de Setubal.

No anno de 1721, na villa de Santarem, se fundou uma academia com o titulo de *Academia dos Laureados*.

Na villa de Guimarães, no anno de 1724, foi instituida uma academia com o titulo de *Vimaranense*.

No anno de 1760, na villa de Santarem, se erigiu uma sociedade denominada das *Bellas Letras*, pela occasião do casamento da princeza D. Maria, que ao diante foi rainha, primeira do nome, em Portugal.

Na villa de Abrantes fundou-se a sociedade litteraria *Tubeciana*, a qual tinha por objecto promover o augmento e progresso das sciencias e das artes. Os seus estatutos se imprimiram, e mereceram a real approvação em 31 de julho de 1802.

Rossi e Gregorio XVI.

Já em o n.° 6 d'este volume fallámos do conde Rossi; agora accrescentaremos algumas palavras áquelles apontamentos biographicos — na parte em que foram mais omissos — isto é, collocando Rossi em face do último pontifice; ao pé do actual todos conhecem a sua historia.

Nascido nos estados da egreja, e destinado á carreira do fôro, obteve Rossi uma cadeira de jurysprudencia na universidade de Bolonha; prestou ahi o costumado juramento de professor e defensor, e professou e defendeu o famoso principio da infallibilidade do Papa, tanto em materia de disciplina como de dogma; porém, obrigado a emigrar, alguns annos depois, foi acolhido em Genebra, e ahi lhe confiaram uma cadeira de Direito. O romano, tornado suisso, de tal maneira abraçou o calvinismo, que a santa sé resolveu censurar as suas doutrinas. O juiz encarregado desta missão foi um monge de S. Romualdo, chamado frei Annibal della Genga, que concluiu o seu exame com uma sentença condemnatoria, fulminando o herege. O romano-suisso passou a París e fez-se francez; foi lente na eschola de direito, conde e par de França.

¿Agora quereis saber as posições que occupavam em Roma os dois homens de que tratámos, por meiados do anno 1845?

Eu vo-lo digo:

Rossi, era o embaixador de S. M. Christianissima junto á santa sé; o frei Annibal della Genga, sentava-se na cadeira de S. Pedro com o nome de Gregorio XVI!

Como, voltando a ser romano, o ministro Rossi acabou ás mãos de assassinos a sua carreira, em um tumulto popular, ninguem deixará de lembrar-se.

REVISTA DOS ESPECTACULOS.

No anniversario d'El-rei teve logar a abertura do theatro novo, que o sr. Batalha fez construir em 200 dias. O theatro tem muita cousa bôa, e alguns defeitos, que no futuro se poderão talvez remedear. Em um dos seguintes numeros fallaremos mais extensamente sôbre este objecto. O drama *Adriana Lecouvreur* agradou. Não aconteceu o mesmo á segunda peça, que teve má estrêa no theatro de D. Fernando. O público não gostou, e com muita razão, da *Mulher de perna de páu*. A sr.ª Anna Cardoso é uma actriz detestavel, pela physionomia, pela voz, e pelas maneiras que adoptou. Dos outros novos actores, alguns ha, como os srs. Pinto e

Macedo, que hão-de vir a ser bons, quando tiverem mais alguma prática e muito estudo.

No theatro de D. Maria II foi á scena a *Mendiga*, drama em 4 actos e prologo, do sr. Braz Martins. É escusado dizer que o público applaudiu, e quiz ver o sr. Braz, que teve um verdadeiro triumpho. É de crer, apezar dos applausos, que a *Mendiga* não continuará a incommodar o respeitavel. *A exposição dos actores dramaticos*, actualmente, não é mais que uma prova da affeição dos seus amigos, e da curiosidade daquelles que os não conhecem.

Depois da exposição do sr. Braz Martins, apresentaram-se em scena os coripheus e as coriphêas, destacados do rebanho de mestre Vicente. A sr.ª *Jesualdi*, em trajes de homem, foi exposta ás observações do público, que applaudiu com enthusiasmo, e soube apreciar, o *salvaterio* descoberto pelo sr. Epiphanio.

Na noite de 24 d'outubro abriu-se a nova epocha theatral em S. Carlos com a opera *Attila*, cujo merito já muitos dos nossos leitores sobejamente conhecem. O sr. Fiori encarregou-se da parte de *Ezio*, desempenhada na epocha preterita pelo sr. Ribas; e o sr. Baldanza substituiu o sr. Volpini no papel de *Foresto*.

Não exaggerámos, dizendo que aos verdadeiros entendedores satisfez mais desta vez o desempenho daquella excellente composição, do que de todas as outras em que tem ído á scena. O dueto dos baixos no 1.º acto, e a aria d'*Ezio* no 3.º, pareceram-nos cousas inteiramente novas; tal foi a maneira brilhante por que o sr. Fiori se houve, e especialmente o mimo com que cantou os adagios das duas referidas peças. A sr.ª Gresti continuou a merecer os applausos do público. O sr. Baldanza satisfez. O sr. Benedetti, em quem reconhecemos mui bôas qualidades artisticas, sería bom todavia, que não esforçasse, em certas occasiões, a voz de maneira que a torna desagradavel ao ouvido; e sobretudo que se abstivesse de exaggerar os gestos e a acção, a ponto de fazer assimilhar a pessoa do altivo rei dos hunos, ao de um doudo furioso, em quem assentaria bem um *colete de fôrça*.

Em 29 d'outubro deu-se a *Alzira*, opera em 2 actos e um prologo escripta por Verdi, anteriormente a *Macbeth*, *Masnadieri* e *Batalha de Legnano*. É fóra de toda a dúvida, que não póde a *Alzira* competir, nem soffrer confrontação, com qualquer das citadas operas; mas apezar de quantos defeitos possam notar-se-lhe, e mesmo do pouco exito que tem tido em outros theatros onde tem subido á scena, é justo confessar, que nem por isso ella deixa de conter alguns trechos, não só de merecimento, mas agradaveis. Citaremos entre elles a simphonia, a cavatina do sr. Fiori — *Eterna la memoria* — e o final do 1.º acto; a aria do sr. Baldanza, no 2.º acto — *Irua lungi ancor dovrei* — e o dueto da sr.ª Gresti e Fiori — *Il pianto... l'angoscia... di lena mi priva* — que foi executado com a maior expressão e valentia. O desempenho da opera foi geralmente satisfatorio: o sr. Baldanza cantou bem a sua aria do 2.º acto, que é de bastante fôrça, e está perfeitamente adaptada ao seu genero de voz. A scena final em que *Gusmão* (o sr. Fiori), governador hespanhol do Peru morre assassinado ás mãos de *Zamoro* (o sr. Baldanza) chefe de uma das tribus peruvianas, foi desempenhada por aquelle eximio artista com todo o primor e sentimento de que é capaz: ninguem diria com maior naturalidade, nem com mais paixão aquelle

Vivete insieme giorni d'amore...
E benedite chi perdonò.

mas (francamente o dizemos) parece-nos que o effeito sería muito melhor, se a scena se não prolongasse tanto. Ha situações dramaticas, que logo que ultrapassam certos limites de duração, degeneram, fazem perder a illusão, e inspiram no espectador um certo cançaço, que o reduz á indifferença: a situação a que nos referimos pertence a esse número, e julgâmos que, com bastante vantagem, poderia encurtar-se. O terceto e bailado do 2.º acto, composição do sr. Vienna, são simples, mas engraçados, e não desdizem do bom gôsto que caracterisa o auctor do *Sonho d'Achmet*, e da *Branca flor*. A acção passa-se no Peru, durante as guerras que os hespanhoes tiveram naquelle paiz: a falta d'espaço não nos permitte fazer uma discripção do enredo, que todavia nada tem d'extraordinario. Uma parte do vestuario é novo, e, com pequenas excepções, parece-nos apropriado: o scenario é antigo, e á excepção da última vista da sala e galeria do palacio do governador, nada vimos que mereça mencionar-se.

Consta-nos que o sr. Corradini, apezar das difficuldades com que tem tido a luctar, não tem poupado esforços para completar a companhia; o que já teria feito, se tão tarde lhe não fôsse dada a empreza. Sabemos que diligencêa activamente escripturar uma bôa 1.ª dama, por isso que aquella com quem contava, e que existia em Napoles, já se acha escripturada para outro theatro; o tenor Liverani já se escripturou para S. Carlos, bem como o 1.º baixo buffo Rocco, o qual deverá chegar a Lisboa dentro em poucos dias, e se estreará, segundo somos informados, com a opera — *D. Bucefalo* — expressamente escripta para elle pelo *maestro* Cagnoni.

O lustre do theatro illuminou-se a gaz, pela primeira vez, em a noite de 29, e produz um bello effeito.

Ensaia-se a opera *Macbeth*, que será, provavelmente, a primeira que agora veremos em scena.

Não terminaremos este artigo sem felicitarmos o sr. Corradini pela bôa acquisição que fez, escripturando a excellente banda de musica do regimento d'infanteria n.º 16: estamos convencidos, de que não havemos de soffrer agora a especie de *charivari* com que repetidas vezes nos mimoseava a banda marcial escripturada na epocha que findou.

Continúa a ser admirada, em S. Francisco, a magnifica collecção d'animaes ferozes, pertencente a mr. Charles. Um dos oito leões veio morrer a Lisboa. Não faz falta.

NOTICIAS SCIENTIFICAS E INDUSTRIAES.

Conversações pelo telegrapho electrico.

No 1.º volume d'este semanario descrevemos os telegraphos electricos. As suas applicações multiplicam-se,

porque estes instrumentos tornam rapidas e seguras as communicações, qualquer que seja a hora e o estado da atmosphera. No serviço d'estes telegraphos trata-se agora d'introduzir um novo invento, pelo qual a communicação electro-magnetica vae ficar ao alcance dos particulares. Este melhoramento é de extraordinario interesse para o commercio. A invenção é parte ingleza e parte americana. Podem-se transmittir duzentas letras por minutos. O governo francez deu aos inventores o direito de transmittir as mensagens do telegrapho electrico entre a França e a Inglaterra.

Exposição dos productos da industria nacional.

A NATUREZA d'este jornal obriga-nos a dar uma noticia succinta sôbre a Exposição, que começou em 29 d'outubro. Aos periodicos industriaes pertence o exame severo e minucioso dos productos, que se acham expostos, e cremos que o farão, porque é natural que os artistas e fabricantes tenham fornecido ás redacções todos os esclarecimentos, sem os quaes é impossivel escrever extensamente sôbre objectos desta ordem.

A fábrica do sr. Collares é a que apresenta maior somma de machinas, todas ellas importantes e bem acabadas. É um estabelecimento que faz honra ao paíz. Quarenta e nove objectos mandou o sr. Collares para a exposição, sendo, entre todos, notaveis: — uma machina de vapor da fôrça de 6 cavallos, e duas bellas machinas de distillação, uma das quaes não depende da agua. Além destas, o sr. Collares apresentou duas machinas de cortar palha, tres para debulhar milho, uma machina para traçar cevada, milho e fava, para ração de cavalgaduras, diversas bombas aspirantes e prementes, fogões, leitos, etc. Será muito conveniente que estes, e todos os objectos expostos, tenham bilhete com os seus nomes, e mesmo com os preços, quando seja possivel, porque nisso interessam muito os fabricantes e o público.

À entrada da sala da exposição (casa do risco, no arsenal da marinha) do lado direito, estão as machinas do sr. Collares; á esquerda acha-se logo na primeira banca uma collecção de productos chimicos.

Tres fábricas mandaram productos chimicos para a exposição, só com o fim, suppomos nós, de mostrar, que aquelles productos já se fabricam no paíz. Com outro fim de certo não foi, porque nenhuma das substancias apresentadas merece realmente as honras da exposição.

Da fábrica do sr. Fonseca (em Alcantara) vieram os oleos de ricino, d'amendoas, e de nozes, purificados, os pós de Joannes e o mercurio doce.

Da fábrica do sr. conde de Farrobo (na Verdelha) vieram os sulfatos de potassa, soda, ferro, e cobre, a barrilha, o chlorureto de cal, e os acidos chlorhydrico (muriatico), sulfurico (oleo de vitriolo), nitrico (agua forte), e o acido oxalico.

O laboratorio da Margueira, pertencente aos srs. Serzedellos, e dirigido actualmente pelo sr. José Alexandre Rodrigues, habil preparador de chimica na Eschola Polytechnica, mandou para a exposição uma collecção de productos, de que damos em seguida a relação:

Oleo de sabina — dito de arruda — acido phosphorico vitreo — acido borico fundido — chloroformio — collodio — nitrato de baryta — cobre ammoniacal — nitrato de cobre — nitrato de prata crist. — nitrato fundido branco — sulfato de chumbo — algodão polvora — agua-forte de 40° — dito de 43° — solimão — nitrato de chumbo — nitrato de cobre liquido — nitrato de ferro liquido — ammonia 24° — nitrato de zinco — chlorureto de cal — bicarbonato de soda — acido tartarico — sal de La Rochelle — sulfato de zinco — dito de soda — cremor branco — dito pardo — salitre refinado — carbonato de soda crist. — tartaro emetico — vermelhão — sal de tartaro — terra folliada em pó — terra folliada crist. — turbith mineral — nitrato de stronciana.

Adiante dos productos chimicos, vê-se um modelo, que arremeda o pharol de *aspecto duplo*, inventado por Bordier-Marcet em 1807. — Para que deixaram alli aquelle modelo? — Que melhoramento artistico indica elle; que aperfeiçoamento industrial representa? — Porque motivo o conservam na sala, ainda mesmo quando não ha exposição? É uma chronica singular, a daquelle modelo, que faria rir muita gente, se tivessemos a imprudencia de intentar a narração. A Eschola Naval não deve consentir aquelle pharol por mais tempo na sala do risco. É uma sala onde entram estrangeiros, que, pela inspecção do modelo, não hão-de por certo fazer muito bom conceito dos nossos conhecimentos pharologicos.

Mais para adiante, como para nos consolar, acham-se os magnificos tapetes da fábrica do sr. Daupias. A industria portugueza, neste ramo, tem dado passos gigantescos. É com justa razão que os productos daquella fábrica excitam a admiração de todos os que entram na sala. *(Continúa.)*

BIBLIOGRAPHIA.

CEM TRATADOS.

ESTA obra, redigida por alguns amigos das sciencias e das letras, e confiada á direcção do sr. Joaquim Henriques Fradesso da Silveira, tem por por objecto tornar a sciencia accessivel a todas as intelligencias. É uma publicação no genero da *Instruction pour le peuple* dos francezes, e da *Information for the people* dos inglezes, que poderá servir para o ensino nas escholas primarias. As pessoas que não podem frequentar as aulas, nem ler os grandes livros, em que a sciencia se acha tratada com todo o desenvolvimento, acharão nesta obra, de facil estudo, os elementos de que precisam para complemento de sua instrucção. A empreza da *Revista Popular* espera que estes livrinhos de sciencia hão-de ser bem recebidos, e começará a sua publicação em fevereiro do anno proximo.

PREÇO DE CADA VOLUME, broxado, de 120 paginas, pelo menos, em formato 32.................. 100 réis.

Recebem-se assignaturas no escriptorio da *Revista Popular*, *rua de S. Bento n.° 114*, na loja do sr. João Paulo Martins Lavado, na *rua Augusta n.° 8*, e nas casas de todos os senhores correspondentes da empreza da *Revista* e do *Almanak Popular*. — Tambem se assigna de qualquer ponto da provincia, mandando carta *franca de porte* dirigida á empreza da *Revista Popular*, ou ao sr. Lavado.

A importancia dos exemplares deve ser paga á vista ás pessoas que os entregarem aos senhores assignantes.

EXPLICAÇÃO DO NÚMERO ANTECEDENTE:

Charada — Pélago.

ROMANCE.

—

Peccadora.

Se ha hi alguem iempte de peccado, que lhe atire a primeira pedra.

VII.

NO *PALAIS ROYAL.*

O *Palais Royal*, no começo da restauração, é cousa tão geralmente conhecida, que nos dispensa de mais minuciosa descripção. Lembraremos sómente que as galerias de marmore, e o jardim, onde se havia aberto um lago, eram — entre outras cousas — um centro ruidoso de calorosa politica, em que cada opinião tinha o seu cenaculo. O café Valois, Lemblin, Corazza, Rotonda, e Mil-columnas recebiam a multidão dos estadistas da praça pública. Cada um daquelles estabelecimentos tinha o seu orador e chronista. Atacava-se alli e defendia-se o governo com um ardor extraordinario, de que nenhum logar público, hoje, póde dar a mais pequena idéa.

Os jornaes não podiam desabafar; a voz do povo tinha, pois, de substitui-los.

Presentemente era necessario que o povo fôsse muito garrulo para se não contentar com as cem tubas que supprem a sua voz.

Eram 5 horas da tarde. O *Palais Royal* accendêra já aquellas myriades de candieiros, que lhe tinham creado a reputação do logar mais bem illuminado do mundo. Começavam a povoar-se os cafés; enchiam-se, aquelles grandes receptaculos de vergonha e de prostituição, que formavam como dois bastiões nas extremidades das galerias; e o café dos *cegos* preludiava os seus concertos equivocos.

As galerias mesmo animavam-se. As de madeira offereciam já aquelle estranho espectaculo de galanterias em acção, que certas gravuras da epocha nos representam com aspecto tão caricato. As de marmore reboavam com as discussões politicas, e os bulhentos arengadores de café crusavam ahi em todos os sentidos o fogo cerrado de uma logica absurda.

Havia cinco minutos que Armando entrára na galeria de Valois, que já tinha percorrido toda uma vez. Durante o seu trajecto, caminhára sempre com a cabeça erguida, e olhando fito para quem passava.

E — aqui para nós — isto de olhar fito para quem passava não era das cousas mais seguras no *Palais Royal*. Os liberaes eram suspeitos; e os ultras despropositavam pela mais pequena cousa. Naquella galeria de Valois, havia sobretudo, em certa mesa do café do mesmo nome, um realista que passava por um dos mais terriveis duellistas daquelle tempo fertil em pimpões. Era um homem alto, bem parecido, muito direito, e tratando com uma *roda* de individuos, que depois vieram a ser grandes personagens. Chamavam-lhe o *Soberbo*, e, de feito, merecia a todos os respeitos esta alcunha heroica.

Naquella epocha era muito celebrado.

Alguns annos depois a sua reputação mudou de aspecto, sem comtudo diminuir, conservando sempre como theatro o jardim e as galerias do *Palais Royal*.

Por muitos annos se divertiu em aterrar as creanças e mangar com provincianos; e então se appellidava romanticamente — *o homem das grandes barbas*.

Muitas vezes o haveis de ter encontrado, e repararieis nos miseraveis andrajos com que se cubria, através dos quaes transparecia o orgulho cynico da sua miseria. Este homem era o *Soberbo* de 1816.

Chamava-se Chodruc-Duclos...

Quando o barão ía a começar segundo gyro pela galeria, sentiu baterem-lhe no braço familiarmente.

Voltou-se, e deu, cara a cara, com o sr. Chose, que, nas suas maneiras de provincianno, parecia um modelo de sinceridade; já se sabe, continuava a usar a immensa casaca azul, e argolas nas orelhas.

Armando não podéra esquecer o homem da passagem S. Roque, mas não pensava então nelle.

O provinciano tirou o chapéu, cortejou-o, e disse com aquella singular cortezia, que lhe era propria:

— Como tem passado v. ex.ª?

Armando, que não era dos menos sujeitos a grande irritabilidade de nervos, teve um accesso de cólera ao aspecto daquelle homem.

— Atrevido... maroto!... exclamou.

— Creio que v. ex.ª, continuou o provinciano, ha-de conhecer-me perfeitamente?

— Conheço, sim, senhor, respondeu o barão, impaciente; e, quando quizer, mande a minha casa, e receberá o total da obrigação, assignada por mim, a seu favor, em circumstancias... Mas isto não vem ao caso! estou prompto a pagar, como já disse; mas não me demore, que tenho pressa.

— Tambem eu, replicou o sr. Chose.

Armando tentou retirar-se; o sr. Chose o segurou.

— Não me demore, já lhe disse! bradou o barão, desesperado de tanta ousadia.

O provinciano poz-se a olha-lo com ar de muito admirado.

— Ah! querido sr. barão, nós não nos entendemos de certo... Será possivel que v. ex.ª aqui viesse por accaso, e não recebesse a carta que tive a honra de lhe escrever?

— Eu não recebi carta alguma...

— Nem mesmo o *Raio*...

Armando recuou bons tres passos, e exclamou stupefacto:

— Seria o senhor!...

— Chut... acodiu o provinciano com modo velhaco; acha que o artigo não está de todo máu para um homem que não costuma entreter-se com essas ninharias?...

— Seria o senhor! repetiu Armando, tremendo-lhe a voz do cholera.

— Chut! já lhe disse, sr. barão; no *Palais Royal* todos são muito curiosos.. Olhe, se lhe parece, vâmos para o jardim: ahi conversaremos mais á vontade... Eu encaminharei v. ex.ª

O provinciano seguiu ávante, e parou perto do lago, no angulo de uma das grades, que torneavam os talhões de relva.

Armando tambem parou.

— Sr. Chose, disse este ultimo, que forcejava por conter-se; vejo-me obrigado a pedir-lhe uma satisfação, quando antes devia entrega-lo á justiça... Deixe-se de disfarces, e diga-me qual é o fim daquelle infame artigo?

— Querido senhor, interrompeu o provinciano, tomo

a liberdade de o prevenir que se affastou do seu programma um pouco... para que ha-de qualificar de infame aquelle artigo?

— Porque .. bradou o barão.

— Dê-me licença... acudiu o sr. Chose: desta maneira de certo não acabâmos hoje... eu por mim entendo que o artigo está soffrivelmente acabado... Mas, a proposito, quererá ter a bondade de me dizer — perdoe-me a indiscripção — como vae sua ex.ª a sr.ª baroneza d'Osser?

O nome de Robertina na bôcca daquelle homem produziu em Armando o effeito de uma provocação.

— Tome cuidado, não se atreva...

— E para que, meu rico amigo? tornou o sr. Chose, com a sua bonhomia inalteravel; n'outro dia havia perdido sua esposa, e isso parecia affligi-lo muito... como tenho muito interesse por tudo quanto lhe respeita, desejava saber...

— Basta, basta... eu já disse, e repito, que não me posso demorar, acabemos com isto.

— Muito bem, replicou o sr. Chose, procurando em torno de si uma cadeira; eu tambem tenho alguma pressa... não que se tracte d'alguma entrevista amorosa, como no outro dia, mas porque...

Depois d'alguma hesitação, proseguiu:

— Ah! sr. barão, muito feliz é em ser moço e sadio!... eu, não posso comigo de cançado da vida... Agora mesmo, sinto que não poderei prolongar tanto quanto desejára esta nossa *conferencia*... Vâmos ao caso... Ha de v. ex.ª já saber que o nosso provisorio estabelecimento da rua de S. Roque foi destruido... A policia invadiu a casa... V. ex.ª lembra-se de certo *morrão* que segurava o pobre do Larigo, quando foi a nossa casa naquella noite!... era para communicar o fogo a uma machinasita de minha invenção... e o caso é que fez um effeito admiravel...

— E os seus cumplices?... murmurou o barão.

— Desfiz-me dos meus collaboradores, respondeu o provinciano com um ar simples e satisfeito; a machinasita foi arranjada com esse sentido... v. ex.ª não approva esta medida?... accrescentou, vendo que o barão recuára horrorisado... Pois sinto muito, porque, ou me accredite ou não, prézo bastante o seu voto... mas para que havemos de insistir em similhantes bagatellas... O lado sério de todo este negocio é que estou sem pão. Agora sou um homem sem profissão alguma... um vadío... Ora um vadío precisa de um rendimento qualquer, e, como sabe, apenas possuo os tristes trinta mil francos que v. ex.ª me deve...

O barão fez um gesto negativo.

— Meu querido senhor, continuou o provinciano, com intonação de superioridade benevolente, é inutil discutir a palavra... Já não tenho, repito, mais do que trinta mil francos. E não é muito.

— E o que pretende...

— Queira permittir-me... Que hei-de eu fazer com mil e quinhentos francos de rendimento!... Sou economico, e, por consequencia, incapaz de tocar no capital... Fui um pedaço d'asno. Devia ter pedido mais no outro dia.

— Como!...

— Tenha a bondade de me ouvir... O homem prudente quando faz uma tolice procura remedia-la... Fiz este raciocinio: — O sr. barão estava em meu podêr na casa da passagem S. Roque. A falta consistiu em lhe abrir a porta... Pois bem! é necessario que o sr. barão venha de novo ao meu podêr... e conte, que desta ha-de ficar a porta bem fechada.

Naquellas palavras comprehendia-se uma tão positiva ameaça, que Armando involuntariamente olhou em tôrno de si receoso, como se esperasse que uma esquadra de beleguins o filasse alli mesmo.

O sr. Chose sorriu-se bondosamente.

— V. ex.ª engana-se no sentido que dá ás minhas palavras... fallo em porta unicamente por metaphora. Não se trata de chave, nem de fechadura, e nem por isso ficará menos seguro... V. ex.ª é rico, e muito rico... Em consciencia não é razoavel que fique quite pela ninharia de dez mil escudos!...

— Mas o senhor bem sabe que eu nada lhe devo! disse Armando.

— Nada?... repetiu o provinciano com inflexão de voz extraordinaria; se deve! barão, se deve!... Comtudo, estabeleçâmos isso ao menos em hypothese. Imaginei um plano que desejo concertar com v. ex.ª... Mas não aqui... Ha dez minutos que procuro uma cadeira, sem a achar; nem aqui estâmos á vontade... V. ex.ª quer fazer-me o obsequio de me acompanhar ao café das *Fontes?*

Armando tentou negar-se.

(Continúa.)

POESIA.

A minha sina.

.... n'osent approcher d'elle
Car le baril de poudre a peur de l'étincelle.
V. Hugo.

Vi-a a primeira vez sentada e triste
Na capella sombria; os olhos prêsos
Sôbre as lages do chão, em que brilhava
Um só raio do sol, que em facha d'ouro
Descia da janella ao pavimento.

Quão bella estava assim! — No lindo rosto
Vaga expressão de languida saudade,
Como a face da lua em céu d'amores
Em noite suavissima, se lia.
Oh! quem a visse com os olhos baixos,
E a tez mimosa, e o formoso corpo,
Sob a imagem da virgem pensativa;
Quem a visse co' as côres desbotadas,
Qual delicada flor, que um sol d'estio
Foi murchar entre a relva da campina;
Havia de dizê-la estatua d'anjo,
Que chorou largo tempo, debruçada
Sôbre o marmor' de gothico moimento,
E que a um sôpro de Deos compadecido,
Tomou vida, e s'ergueu entre os ornatos,
Entre os bellos florões florão mais bello.

Porque a vi eu então? — Não sei que fado
Minha vida arrojou d'encontro á sua,
Ou que brisa infernal soprar-me veio
As quentes cinzas de meu seio ardente!

Estava immovel ante aquelles olhos;
Via arquejar aquelle niveo seio,
Por cujas pulsações eu dera ufano
Os céus, o espaço, o paraiso e o mundo,
Se regêra de Deos o sceptro immenso!
Através das pestanas, qu' encobriam
O brilho de seus olhos, via ás vezes
Faiscar as centelhas d'esse fogo,
Que me abrasou em rapido momento
No peito o coração, e a vida inteira.

E o livro do passado percorria,
Bebendo o fel de suas negras folhas,
Que a mão dessa mulher lá tinha escripto
Desdem em cada uma, inferno em todas!
Onde estava meu odio, que nutrira
Por tanto tempo o gêlo de seu peito?
Onde estavam meus fervidos desejos
De atroz vingança, d'immortal desprêso?

Debalde os procurei; desprêso e odio,
Fundidos a seus pés pelos seus olhos
Com o debil calor de frôxa esp'rança,
Fugiram-me do seio, em que fervia
De renascido amor a lava ardente!

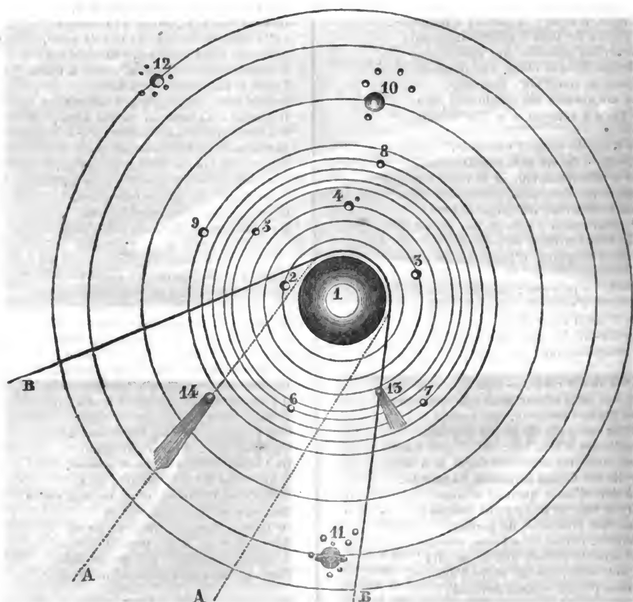
Amei-a desde então. — Sem luz, sem tino,
Sem um Deos adorar mais que seus olhos,
Qual gigante serpente, que rasteja
Sempre imbebida de mortal peçonha,
Arrastei-me a seus pés; beijei seus traços
Sôbre o pó dos salões. — Segui meu fado,
Envolto em dó, no turbilhão do mundo:
Borboleta d'amor queimei as azas
Entre o fogo voraz de meus desejos;
E fui cair prostrado, de joelhos,
Exhausto, delirante, e louco, e cego,
Ante aquella mulher que despresára!
Fui ante ella rojar-me ebrio d'amores,
De meu proprio veneno devorado!

Vi-a depois, á sombra do arvoredo,
Desfolhar distrahida a flor dos prados;
Ouvi gemer as amarellas folhas
Pela escura soidão das alamedas;
Vi-a passar ao longo dessas ruas,
Em que do vento a voz semelha o pranto
Das esquecidas nimphas, qu' ora dormem
N'algum canto sombrio da floresta
Junto do lago, envolvidas d'era,
Tomando n'agua verde, e verdes limos,
D'ha muitos annos o seu banho eterno:
Vi-a escutar o murmurar da fonte,
Em que, á sombra dos velhos castanheiros,
Chora o gamo com lagrimas de pedra
Entre os lebreus seus annos d'agonia;
Senti-a junto a mim; guiei seus passos
Pelos humidos trilhos da espessura;
Vaguei com ella pela ermas ruas,
Em que gemia a viração do estio;
Vi-lhe á luz do luar os olhos lindos
Procurarem os meus!
Oh! se eu podera
Parar do tempo a movediça roda!
Se podéra estender um tal momento
Por toda a duração da eternidade,
Quizera alli ficar, gosar p'ra sempre
Co' a belleza do céu, no véu da noite,
A do seu rosto entre um véu d'amores!
E quando, á voz de Deos, viesse a morte
Cortar o fio da existencia nossa,
Fundir com ella o gêlo á sepultura;
Ir buscar inda amor ao mesmo nada;
E através das regiões sombrias,
Aonde rolam silenciosos mundos,
Gosar o nectar de seus labios bellos,
Consumir a seus pés minha alma inteira,
E no delirio da paixão que nutro,
De sob o carro das remotas éras
Ver renascer as flores de meus dias!

Tenho-a visto depois, ora risonha
A pisar desdenhosa as vastas salas,
Ora amorosa e terna, debruçada
Na corrente de languida ternura;
Ora, c'um sôpro só de seus caprichos,
A chaga envenenar de meus ciumes,
Ora rompendo as tenebrosas nuvens
Do seio meu, c'um raio carinhoso
D'apaixonada luz dos olhos lindos;
Tenho-a visto passar, agora ingrata,
Como o genio do mal, beber sorrindo,
Ebria de gôso, o pranto distilado
Da tormenta voraz de meus amores,
E logo anjo do céu, candida fada,
Meigo sonho d'amor co' as brancas vestes
Reanimar as desbotadas flores
De minhas illusões; abrir as portas
Aos olhos meus d'um paraiso inteiro,
E depois d'esmagar todo um passado,
Fazer-me inda uma vez crer no futuro!

Mulher! — Eis-me outra vez arrebatado
No rapido tufão de meu delirio;
No encapelado mar da vida minha,
Na tormenta infernal de teus desejos,
És tu a minha estrella! surge embora
Envôlta em rôxo véu d'acre saudade;
Surge através das procellosas vagas
De tuas affeições, mas surge sempre!
Mostra-me o brilho teu mesmo encuberto
No lacrimoso véu de minhas maguas!
Mesmo, máu grado teu, hei-de seguir-te!
Hei-de a sina infernal cumprir por fôrça!
Embora o seio meu sinta esmagado,
E rôto o coração, e murcha a esp'rança,
Embora consumido, exhausto e frio,
Devore o teu desdem minha alma inteira,
Has-de encontrar-me sempre em teu caminho!
Abriste aos passos meus as aureas portas
Dos encantados céus de teus amores,
Quero ainda seguir-te; abre-me embora
De par em par o tormentoso inferno!

L. Corrêa Caldeira.



1 o Sol, 2 Mercurio, 3 Venus, 4 Terra, 5 Marte, 6 Vesta, 7 Juno, 8 Ceres, 9 Pallas, 10 Jupiter, 11 Saturno, 12 Uranus.

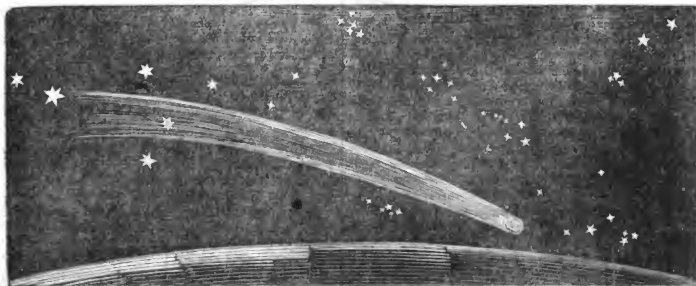
A FIG. 1.ª representa o nosso systema planetario. Os circulos, que se acham em volta do globo do sol (1) figuram, ainda que imperfeitamente, as orbitas dos planetas, isto é, as linhas que elles percorrem movendo-se em tôrno do sol. Se os planetas, gyrando no espaço, podessem deixar rasto, que indicasse a sua passagem por diversos pontos, até que chegam ao da partida, esses rastos teriam a figura das orbitas, que na estampa se acham traçadas em redor do globo do sol.

Além dos planetas, que a figura representa, ha outros ainda, modernamente descobertos, cujas orbitas se não acham nesta figura, nem são necessarias para o fim a que nos dirigimos fazendo com que os nossos leitores se recordem d'algumas noções, que tenham adquirido, ácêrca do systema do mundo.

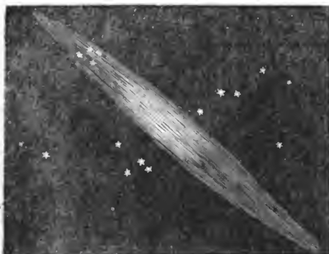
Em tôrno d'alguns d'esses planetas, que ahi estão numerados, ha outros pequenos globos, que gyram á roda dos seus astros, como estes gyram á roda do sol, sendo ao mesmo tempo arrastados com os outros no movimento geral de todo o systema planetario. A terra (4) tem um, que é a lua; quatro gyram em tôrno de Jupiter (10), seis em roda de Uranus (12), sete ao redor de Saturno (11).

Para que se faça idéa da extensão do nosso systema diremos que o sol está a 34 milhões e 500:000 leguas da terra, e que é 1:400 vezes mais volumoso de que o nosso planeta. A lua está a 85:000 leguas da terra — se o sol se collocasse no ponto em que a terra se acha, não só occuparia a orbita da lua, mas ainda occuparia logar no espaço até á distancia de 85:000 leguas para fóra desta orbita.

Uranus, que é o planeta mais distante do sol, está a 662 milhões de leguas de distancia, e completa a sua revolução em tôrno delle, no espaço de 84 annos e 29 dias. As dimensões enormes desta orbita, que a imaginação só a custo concebe, são apenas um ponto no espaço quando se comparam com as distancias em que se acham as estrellas.



O Cometa de 1843.



O Cometa de 1819.



O Cometa de 1821.

Cada uma destas estrellas deve ser centro d'um systema planetario, mais ou menos similhante ao nosso. Para os habitantes de cada uma das terras, que gyram em volta destas estrellas, deve ser tão questionavel a nossa existencia, como a sua o é para nós.

Além dos astros, que vemos sempre fazendo parte do nosso systema planetario, ha outros, que por vezes nos visitam, a que se dá o nome de *cometas*.

Por muito tempo os tiveram em conta de mensageiros de más novas. Seneca foi o primeiro que se elevou a cima dos prejuizos populares. Tycho-Brahé em 1570 demonstrou, por observações exactas, que estes astros se movem além da orbita da lua, o que prova que não são meteoros. Newton, emfim, demonstrou que os cometas não são astros perdidos no espaço, que descrevam orbitas caprichosas, mas verdadeiros planetas, pertencentes ao systema solar, que descrevem em tôrno do centro, curvas (ellypses ou parabolas) muito alongadas. As linhas AA e BB representam porções destas curvas, que o leitor deve imaginar continuadas até que as extremidades se juntem, e se forme um circuito completo. O ponto em que um cometa se acha mais proximo do sol, chama-se *perihelio*. Dá-se o nome de *aphélio* ao ponto em que mais se affasta.

Os *aphélios* dos cometas estão, em geral, muito mais longe do sol, do que o planeta Uranus.

O cometa de 1680 foi o primeiro que confirmou a theoria de Newton, que elle concebêra, sem auxilio de experiencia, por um grande esfôrço de genio. Halley, consultando antigas observações ácêrca de tres cometas, que haviam apparecido em 1522, 1607 e 1682, e suppondo que seria o mesmo cometa, apparecendo em periodos de 75 annos, prophetisou o apparecimento do mesmo cometa, que de feito se tornou visivel 75 annos depois. Hoje, depois dos trabalhos de Pontécoulant, determina-se não só o anno, mas o dia, e a hora aproximada, em que deve apparecer no céu qualquer cometa conhecido.

Pouco se sabe ácêrca da substancia dos cometas. Nas suas menores distancias á terra, estes astros estão ainda tão affastados, é tão rapido o seu movimento nas visinhanças do sol, a luz que derramam é ás vezes tão pouco intensa, que a sciencia poucas experiencias positivas possue sôbre este objecto. Em geral, um cometa tem o aspecto d'um grande rasto luminoso, formado por uma substancia tenuissima. O rasto termina muitas vezes em globo mais brilhante, a que se chama cabeça. Com ser mais espessa que a cauda, ainda através della se descobrem as estrellas, com bom telescopio. Alguns porém teem apresentado nucleo solido no centro, o que indica que a sua constituição é d'algum modo similhante á dos planetas. Nada é tão variado como as figuras dos cometas. Umas vezes a cauda divide-se, como aconteceu no cometa de 1821; outras vezes, como no de 1819, a cauda apparece no centro da nebulosidade. A cauda não é attributo indispensavel dos cometas; os de 1585 e de 1765 não tinham vestigios della. Cassini refere que o de 1682 era tão redondo e brilhante como Jupiter.

(Continúa.)

Curso de physica e chimica.

Professor — o sr. P.^e José Ilsley.
Preparador — o ex.^mo barão d'Alcochete.

Na segunda-feira 5 de novembro teve logar a abertura d'este curso, no palacio do sr. Daupias. O sr. Ilsley leu uma lição, bem redigida, sôbre a electricidade. Comprehendendo a natureza d'este curso, affastou-se das questões elevadas da sciencia, deu ás doutrinas a fórma popular, de que precisam, para que todos as entendam, e acompanhou a exposição com experiencias que agradaram muito. A luz electrica no vacuo, e os quadros de Franklin fizeram excellente effeito. Concorreram muitas senhoras, e é d'esperar que muito mais gente concorra, d'aqui por diante, por ser commoda a hora do curso (seis e meia da tarde), por ser o producto dos bilhetes destinado para beneficio de um asylo d'infancia, e porque as sciencias physicas, quando tratadas singelamente, attrahem sempre a attenção da gente que deseja instruir-se.

As experiencias, sôbre tudo, tornam este curso recommendavel. O sr. barão d'Alcochete é um habil preparador.

Preço de cada bilhete — 480 réis. Bilhetes para tres lições — 1$200 réis = no palacio da rua Formosa.

Curso d'introducção á Historia Natural na Academia das Sciencias

PELO SR. DR. FRANCISCO ANTONIO PEREIRA DA COSTA LENTE DA ESCHOLA POLYTECHNICA.

Assistimos a uma das lições do sr. Dr. Costa. É muito para sentir que seja frequentada, por tão poucos ouvintes, uma aula em que se póde aprender tanta cousa util. O sr. Costa expõe com muita clareza, e é de crer que os seus ouvintes tirem grande vantagem da frequencia d'este curso. A Academia das Sciencias fez um serviço ao paiz, mandando abrir aquella aula, e nós entendemos que é dever da imprensa, que a tem censurado justa e severamente pelas suas faltas, levar-lhe em conta esta bôa resolução, e concorrer, para que seja proficua, recommendando aquellas lições.

A Semana-santa dos chins.

Os habitantes da China tambem teem a sua semana-santa, que tem logar no mez de junho, e dura dez dias.

O primeiro dia chama-se Kay-Yat. Neste dia, consagrado ás aves, não se come carne, e escondem-se as vassouras e as campaînhas.

O segundo dia, Kou-Yat, é o dia dos cães. Os chins teem os cães em tal veneração, que empregam operarios na construcção de tumulos, em que guardam os cadaveres d'estes animaes. Julgam que um cão livrou certo sabio da morte, devorando o assassino; e, por uma singular inconsequencia comem a carne dos cães.

O terceiro dia, a que chamam Chen-Yat, é o dia dos porcos, em commemoração de um d'estes animaes que salvou do fogo um manuscripto precioso. Neste dia não se come carne de porco. O mesmo chinez que explicou a solemnidade do terceiro dia, contou uma fabula absurda ácêrca de certo macaco, que, segundo elle disse, descobríra na China um manuscripto quasi destruido. Tendo este manuscripto ido parar ás mãos de um europeu, delle se extrahiram as 24 letras do nosso alphabeto. Este conto absurdo dá idéa da excessiva vaidade dos chins, e de quanto despresam os europeus. Muitos chinezes estão persuadidos de que os macacos, por capricho só, não fallam como os homens.

O quarto dia, Yaong-Yat (dia das ovelhas), é consagrado a Pun-Koon-Venga, pastor que viveu pobre, nutrindo-se de legumes, e que ensinou as vantagens de tosquiar as ovelhas. No templo, que lhe foi dedicado, só recebem, como offrenda, fructas legumes e vinho.

O quinto dia, tem o nome de New-Yat (dia das vaccas), porque um d'estes animaes amamentou uma creança, que depois foi mandarim e lhe consagrou um templo.

O sexto dia, Ma-Yat é o dia dos cavallos. Instituiu-se esta festa para que o povo tivesse em consideração um tão util quadrupede.

O setimo dia é consagrado ao homem: chama-se Yen-Yat. Pon-Tso, que ensinou os chins a se servirem do arroz, do trigo e da carne, é a divindade do dia: tem um templo. Consistem as offrendas, que se lhe fazem, em vinho e legumes.

O oitavo dia, Ko-Yat (dia do grão); o nono, Mo-Yat (dia do linho); e o decimo, Yo-Yat (dia das favas e das ervilhas), são todos consagrados a Pon-Tso, que é o protector de quasi todas as descobertas uteis. Pon-Tso, segundo dizem, viveu tanto como Mathusalem, e era tão sabio como Salomão.

REVISTA DOS ESPECTACULOS.

A direcção do theatro de D. Maria II, cedendo ás repetidas instancias do público, dá mais quatro repre-

sentações do *Templo de Salomão*. Consta que brevemente irá á scena o *Judeu Errante* — drama de grande espectaculo — que deve attrahir a Lisboa toda a povoação das provincias. O theatro normal mudou de caracter, e perdendo a sua natureza de eschola dramatica, especula agora com a exhibição dos camellos, e especulará d'aqui a pouco com as pantheras de Java, ou com os ursos de mr. Charles.

No theatro de D. Fernando continúa a *Adriana*, e a *Mulher de perna de páu*. Ensaia-se a comedia — *Bruto solta Cezar*.

Tivemos novamente o *Macbeth*, em S. Carlos, na noite de domingo. Apezar de ter ido esta opera trinta e sete vezes á scena, na epocha passada, o theatro teve uma enchente real, e por aqui se póde avaliar, quanto ganhariam as emprezas, se em vez de consumirem tempo e dinheiro em fazer subir á scena composições mediocres, e que baquêam logo á segunda ou terceira recita, só apresentassem ao público espectaculos de tanto merito como aquelle que citámos.

O público applaudiu a cavatina da sr.ª Gresti, e o dueto desta com o sr. Fiori no 1.º acto; a scena e aria do sr. Fiori no 3.º acto, e a aria do sr. Baldanza no 4.º O bailado do 3.º acto achámo-lo este anno mais apropriado do que no anno passado, honra seja feita ao sr. Vienna, que o ensaiou.

Na segunda feira teve logar o beneficio do sr. Kontski: cantou-se o Attila, e os intervallos foram preenchidos com uma simphonia composta pelo beneficiado, e executada pela orchestra; e com tres phantasias, uma sôbre motivos do *Roberto do Diabo*, outra do *Ernani*, e outra, finalmente, do *Attila*, e por elle executadas no pianno. A 2.ª e 3.ª foram as que mais agradaram, e especialmente a última, que grangeou ao distincto professor, assim pela bôa escolha dos motivos, como pela clareza e brilhantismo da execução, mui justos e prolongados applausos. A simphonia foi recebida friamente. Por nossa parte declarâmos unicamente, que não nos agradou: mas a muitos entendedores ouvimos dizer, que a dita simphonia — *principia mal e acaba peior*. — ¿Não estaria o sr. Konstki nos seus momentos de feliz inspiração quando a compoz? ou será porque a simples condição de conhecer a fundo os recursos de um instrumento, e a arte de escrever para elle, brilhante e magistralmente, não é habilitação bastante para obter vantajosos resultados, escrevendo para uma orchestra?

Ensaia-se a opera *I Due Foscari*.

O sr. Corradini partiu ha dias de Lisboa, com o fim de completar as companhias de canto e de baile.

NOTICIAS SCIENTIFICAS E INDUSTRIAES.

Exposição dos productos da industria nacional.

São breves as considerações que temos de fazer ácêrca da Exposição; mas, ainda assim, não é possivel comprehendê-las em dois ou tres artigos. Continuaremos no caminho em que entrámos, fazendo a indicação dos objectos apresentados, acompanhada apenas de algumas reflexões. Para que os nossos leitores julguem a exposição, e mesmo para que nós possâmos julga-la conscienciosamente, é necessaria a enumeração dos objectos expostos, e dos que se vão apresentando de dia para dia. D'aqui até ao fim da exposição, as columnas da *Revista* estão ás ordens dos que quizerem fazer qualquer reclamação, ou auxiliar a redacção com alguns esclarecimentos, que ella sempre, e mui sinceramente, agradecerá.

Uma bôa parte da sala está occupada com productos da fábrica do sr. Daupias. Os tapetes, as mantas, os chailes, da fábrica do Calvario, são realmente admiraveis, e enchem de satisfação os que presam devéras os progressos da industria do nosso paiz.

Na distribuição dos objectos não houve, nem podia haver, classificação. É por isso que se encontra, com espanto, entre os tapetes, e os moveis dourados, uma collecção de dentaduras fabricadas pelo *incansavel* dentista mr. de Vitry.

Depois dessa collecção, que não ousâmos classificar, estão os moveis de cedro dourado, que são realmente admiraveis. Agrada-nos sôbre tudo a cadeira moderna, e confessâmos ingenuamente, que neste ramo não julgavamos que a nossa industria se achasse tão adiantada.

Os ensaios de daguerreotypo feitos pelo sr. conde de Farrobo formam uma bôa collecção, logo a diante d'estes moveis. O sr. conde copiou diversos quadros, e tirou os retratos a muitas pessoas da sua familia. Depois dos retratos estão os bordados — começa a repartição em que só as damas julgam, e quasi sempre sem piedade. Em quanto o *leão* contempla um tilbury; em quanto o burguez admira o panno de linho, e a chita de ramagens com fundo amarello, em quanto o *bon-vivant* olha para o *Cognac* e para o *moscatel sêcco*, com certo ar de cubiça; a dama critica as obras de *petit-point*, e observa o matiz ou a missanga do quadro, producto do trabalho de muitos mezes, e victima d'uma analyse de poucos minutos. Se não é heresia grossa, deixemnos dizer que nos agradaram muito os bordados de fio d'escomilha preta sôbre seda branca. A caçada dos tigres, e a partida do andaluz, tambem nos parecem bordados bonitos e muito bem feitos. O *Correio das Damas*, e o *Jardim* (se não seccou) dirão o que entendem, porque são juizes competentes.

Seguem-se as estampas do sr. João Pedro Monteiro, que são já conhecidas de muitos dos nossos leitores. A elegancia e o bem acabado dos desenhos do sr. Monteiro tornam recommendaveis as estampas que alli estão expostas, e que fazem parte d'uma riquissima collecção de paizagens e monumentos da nossa terra. Além d'estes está tambem o Panorama de Lisboa, de que já neste volume fallámos.

(Continúa.)

CHARADA.

Mais pouco não póde ser; — 2
Faço o corpo padecer: — 1
Fiado no meu saber
Chego ás vezes a morrer!

SCIENCIA AO ALCANCE DE TODAS AS CLASSES E DE TODAS AS INTELLIGENCIAS.

CEM TRATADOS

COMPENDIOS PARA USO DAS ESCHOLAS PRIMARIAS

PEQUENOS LIVROS DE INSTRUCÇÃO POPULAR

SOBRE

Sciencias mathematicas, Sciencias physicas, Sciencias naturaes, Geographia, Historia, Statistica, Religião, Moral, etc.

PUBLICADOS SOB A DIRECÇÃO DO SENHOR

JOAQUIM HENRIQUES FRADESSO DA SILVEIRA.

A redacção d'estes CEM TRATADOS é confiada ás pessoas competentes em cada um dos differentes ramos. A publicação desta obra ha-de começar em fevereiro de 1850.

A empreza da *Revista* agradece o excellente acolhimento, que teve o prospecto publicado no número anterior deste jornal, e fará por corresponder ás esperanças do público, empregando todos os meios para que estes livrinhos sejam lidos com avidez e proveito, por todas as pessoas que desejam adquirir em pouco tempo uma instrucção regular, ou que pretendam transmittir aos seus filhos uma certa somma d'idéas exactas, que sirvam de base á sua futura educação.

Nesta terra, em que tanta gente faz versos, e traduz romances, intenta a empreza da *Revista* uma obra atrevida, publicando pequenos livros de sciencia popular, que hão-de encontrar menos sympathias do que os Mysterios de Londres, de Bruxellas, de Paris, e do Limoeiro. Apezar d'isto, a empreza confia tanto na utilidade desta publicação, e no bom senso dos seus assignantes, que não tem dúvida em começar uma obra, que já lhe dá esperanças, á vista do acolhimento que teve o seu primeiro prospecto.

O plano da obra é facil de perceber. Queremos publicar livros sôbre todos os conhecimentos humanos, d'alguma importancia. Começaremos por tratados de arithmetica, algebra e geometria, escriptos singelamente, de maneira que os entendam as creanças. Passaremos depois á mechanica, á astronomia, á chimica, á physica, á botanica, á historia, á geographia, etc.

Cada livrinho de 120 paginas, pelo menos, custará — 100 réis.

Uma edição, tão barata como esta, ha-de ser necessariamente impressa em papel menos fino, e assim se venderão todos os exemplares avulsos, ou para os senhores assignantes, que concorrerem depois de haver principiado o anno de 1850.

Para os senhores assignantes, que assignarem até ao fim de dezembro do corrente anno — *e pagarem adiantados os primeiros* 3 *volumes* (300 réis) — se tirará uma edição em papel de melhor qualidade, sendo os volumes broxados com capas de diversas côres. Os senhores assignantes serão servidos pela ordem d'inscripção.

Os nossos correspondentes de provincias e ultramar, a quem a *Revista* e o *Almanak* devem tão bons serviços, terão a bondade de indicar nas relações a qualidade das assignaturas, na certeza de que a assignatura para a edição superior exige o pagamento adiantado dos 3 primeiros volumes.

Conservando o mesmo preço, para uma edição muito mais dispendiosa, dâmos uma prova de reconhecimento ás pessoas que primeiro concorrerem para esta publicação.

Aos senhores correspondentes de provincia remetteremos em breve os prospectos, contando desde já com a sua benevolencia, e com o zêlo de que deram tamanhas provas quando emprehendemos a publicação do *Almanak*. Para esta empreza, ainda mais util, pedimos a sua protecção — e contâmos com ella.

Recebem-se assignaturas, em Lisboa, na loja do sr. Lavado — rua Augusta, n.º 8.

CURSO D'INTRODUCÇÃO Á HISTORIA NATURAL DOS TRES REINOS

PARA USO DOS ALUMNOS DA ESCHOLA POLYTECHNICA

PELO SENHOR — **JOSÉ MARIA LATINO COELHO.**

Publicou-se a 4.ª folha. Vende-se esta obra a 40 réis cada folha, na loja do sr. Lavado.



A ilha de Santa Catharina.

A PROVINCIA de Santa Catharina comprehende uma ilha, e uma consideravel porção de territorio, que faz parte do continente. A ilha, habitada primitivamente pelos indios Patos, e Carijos, depois pelos bugres — raça feroz e indomavel, que ainda hoje erra pelas florestas do interior — e ultimamente pelas colonias do Brazil e dos Açores, é um dos melhores logares da terra, pela salubridade da sua atmosphera, e pela riqueza do seu terreno. Nos sitios, em que é mais extensa, terá esta ilha, quando muito, duas leguas de largura e nove de comprimento. É montanhosa, abundante em aguas, e coberta de vastas florestas e pastagens O clima temperado desta ilha permitte a cultura de quasi todas as arvores fructiferas da Europa.

«Pelo anno de 1815 [1] descobriram-se nas montanhas de Santa Catharina aguas thermaes mui efficazes. Fundou-se alli um estabelecimento, e um destacamento de tropa foi enviado para protegê-lo. A visinhança d'estes soldados desagradou aos bugres, que resolveram destrui-los. Com a sagacidade atroz, que entre todos os selvagens se observa, quando se trata d'uma guerra de ciladas, elles derribaram arvores e construiram tranqueiras, que deviam tolher o passo aos soldados, no caso que intentassem fugir para as florestas: então, escolhida a hora, avançaram em silencio, e puzeram fogo ao posto, por meio d'azagaias inflammadas, que arremeçam com admiravel habilidade sôbre os tectos de palmeira, e que produzem sem demora o incendio. Os soldados, que occupavam o posto, foram degolados com incrivel barbaridade, e, como tinham previsto os selvagens, mui poucos conseguiram evadir-se. Este acontecimento por algum tempo lançou a consternação entre os habitantes de Santa Catharina. O ataque dos bugres não ficou sem represalias, e o estabelecimento, que elles haviam destruido, foi restaurado com outras disposições.

«As armas de que fazem uso os bugres são arco, frecha e dardo. A estas armas ajuntam uma clava, de feição mui differente da dos Tupis. Talvez se deva considerar como uma especie d'arma defensiva essa tosca máscara, fabricada de cortiça, com que occultam o rosto. Quando pelejam em campo, mostram maravilhosa destreza, grande perseverança, sôbre tudo no seu ataque. Divididos por esquadras, ou espalhados em exploradores, conseguem occultar-se inteiramente entre o capim, onde, se é preciso, se demoram por espaço de tres dias. Apparece de repente o inimigo, erguem-se, numerosas frechas fendem o ar, e de novo se mergulham neste oceano verdejante, que os esconde áquelles que podem inspirar-lhes receio. Se corpo a corpo acommettem, a ferida, que com a clava fazem, é sempre perpendicular: ambos os braços ao mesmo

[1] Ferdinand Denis.

tempo se alçam, e basta não poucas vezes um só golpe para dar a morte. Os bugres, que se encontram principalmente no Rio Grande, em S. Paulo, Santa Catharina, Minas, e mesmo em Matto Grosso, formam hoje uma nação guerreira, tão celebre no sul, como os botocudos o são ainda na costa oriental. Os indios, que tem sido possivel civilisar, são excellentes canoeiros. Os bugres de Santa Catharina não persistirão muito tempo na vida selvagem, porque a civilisação os cerca por toda a parte.

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Curso d'introducção á Historia Natural dos Tres Reinos.

215. *Propriedades opticas dos mineraes.* — A este grupo pertencem todas as propriedades que dependem immediatamente da luz. São ellas de summa importancia no estudo profundo da mineralogia; como o seu conhecimento depende, porém, de noções mui extensas de optica, e por consequencia de uma instrucção previamente adquirida nas sciencias mathematicas, vem a sair fóra dos limites da instrucção elementar, o que nos força a cita-las simplesmente para que os nossos leitores não ignorem a existencia de propriedades, a que se referem alguns dos phenomenos mais interessantes que nos offerece o reino mineral.

216. *Côres dos mineraes.* — Estudando os mineraes em relação á luz, é a *côr* a primeira qualidade que se nos apresenta. São mui variadas as côres naquelle reino da natureza, e a belleza de algumas dellas póde competir sem desaire com as mais finas tintas de que a natureza ornou os orgãos vegetaes, e com as mais formosas cambiantes com que aprimorou a cobertura exterior de innumeraveis animaes. Quem ha que não conheça que a côr é um elemento que favorece a valia e estimação em que temos certas *gemmas*, ou pedras preciosas? Quem ha que não tenha comparado os marmores, cujos veios entrelaçados n'um redenho caprichoso e phantastico, nos provam o quanto as côres diversamente combinadas contribuem a tornar preciosos aquelles bellos materiaes de decoração architectonica, e de luxo elegante? Todas as côres tem sua belleza e sua estimação; a rôxa nas *amethystas*, rubra nas *cornolinas*, variegada em zonas concentricas n'algumas variedades de *calcedonia;* amarella n'alguns diamantes, e nos *chrysolytos orientaes;* verde n'algumas variedades preciosas de esmeraldas, e nas *malachites*, etc.

As côres tem sido divididas em *proprias* e *accidentaes:* as primeiras dependentes da natureza do mineral, e do arranjo intimo das suas moleculas, taes como as do euxofre, as de certos compostos que elle fórma, a que os chymicos chamam *sulfuretos*, e nas combinações naturaes em que o oxygenio apparece com diversos elementos, formando o que em linguagem technica se appellidam *oxydos;* as outras produzidas em substancias naturalmente brancas, ou incolôres, pela sua mistura com materias extranhas dotadas de diversas côres.

Ás vezes as côres são apenas superficiaes, o que é devido a uma especie de pellicula extranha de que as substancias se revestem, como acontece ao ferro oligisto da ilha de Elba, cujo aspecto se torna summamente agradavel pelas côres moveis, pelo *iris* que apparece á sua superficie, quando o mineral é observado em differentes posições.

A *irisação* interior, ou a apparição de muitas côres simultaneas, que se destacam do intimo de certos mineraes, e se deslocam a cada momento, quando elles mudam de posição relativamente á luz, é um phenomeno que dá ás *opálas* uma das qualidades, que as fazem procuradas como pedras de ornamentação, e que torna extremamente notaveis nas collecções mineralogicas, as *labradorites*, ou pedras da Terra de Labrador, as quaes os mineralogistas incluem no genero dos *feldspathos*.

217. *Brilho dos mineraes.* — Depois da observação das côres segue-se immediatamente a do brilho, que concorre com aquella propriedade para accrescentar o valor e merecimento de certos mineraes. É inutil definir o brilho, porque delle formam todos uma perfeita idéa. Baste dizer-se, que quando a luz incide e se reflecte sôbre um corpo polido, a reflexão communica ao ôlho duas impressões differentes; uma que nos torna visivel o objecto, e nos delinea as suas fórmas; a outra que nós traduzimos em linguagem, dizendo que o corpo *brilha* com maior ou menor intensidade. O brilho de certas substancias chega a ser tão caracteristico, que por elle podêmos discriminar differentes objectos que apparecem com a mesma côr, e com uma fórma identica.

Além de que o brilho se distingue em differentes corpos pelo seu gráu, ou intensidade, ainda se differença pela sua qualidade. Os mineralogistas comparam o brilho dos mineraes com o que caracterisa algumas substancias mui conhecidas, e destas deduzem o nome com que designam a qualidade delle. Assim temos o brilho *adamantino*, particular aos diamantes, e por comparação tambem assim denominado n'alguns outros mineraes; o brilho *metalico;* o *vitreo;* o *resinoso;* o *gorduroso;* o *nacarado*, representado na madreperola, como typo; o *setoso*, assim denominado por ser caracteristico da seda, etc.

218. *Propriedades opticas, que dependem da refracção.* — A luz atravessando os mineraes dá logar a uma multiplicidade de phenomenos curiosos, e de grande utilidade na sciencia, os quaes aqui não podemos explicar, contentando-nos apenas de menciona-los.

D'estes phenomenos o mais simples é o da *transparencia* nos seus diversos gráus. Tudo o que no n.º 108 dissemos, com relação aos corpos em geral, é exactamente applicavel aos mineraes.

Depois vem a *refracção simples*, de que já demos uma idéa mui elementar; a *refracção dobrada*, e os phenomenos da *polarisação* da *luz* o *polychroismo*, o *asterismo*, os *circulos parhelicos*, e as *coróas*, em cujo estudo, por complicado e um pouco difficil, remetteremos os que forem curiosos destas cousas para os tratados de mineralogia, em que estas doutrinas vem expostas com clareza e precisão.

219. *Phosphorescencia.* — É aqui o logar de mencionar esta singular propriedade dos mineraes, porque, ainda que ligada com os phenomenos da electricidade,

as suas manifestações são todas luminosas, e como taes do dominio especial da *optica*.

Apparece a phosphorescencia, quando certos mineraes, depois de submettidos a processos particulares, luzem na escuridão com maior ou menor intensidade.

Póde desenvolver-se a phosphorescencia nos mineraes, esfregando-os, percutindo-os, ou apertando-os, elevando-lhes a temperatura, ou expondo-os durante um certo tempo á acção dos raios solares.

A *blenda* (sulfureto de zinco) phosphorece ao mais ligeiro attrito; o *spath-fluor (fluorina, fluoreto de calcium)* phosphorece ás vezes á temperatura ordinaria, outras vezes porém, requer uma temperatura que póde variar desde o simples calor da mão, até ao da agua a ferver.

(Continúa.)

ESTUDOS HISTORICOS.

Das côrtes em Portugal.

I.

Sua convocação e noticia succinta das que se celebraram nos differentes reinados.

(Continuado de pag. 261.)

No governo do celebrado D. Pedro, o *cru*, apenas se reuniram côrtes uma vez em Elvas, no anno de 1361, (E. 1399); nellas se publicaram vários artigos, a que depois se deu o nome de *concordia* com o clero. As *actas* destas côrtes foram já impressas nas *Memorias para a historia e theoria das côrtes geraes*, pelo sr. visconde de Santarem; e são um dos mais curiosos monumentos da nossa historia social e politica.

O seguinte reinado, porém, tão fertil de perturbações, viu nascer uteis providencias a beneficio da agricultura e do commercio. D. Fernando é um daquelles principes cuja memoria tem sido mais ultrajada: sem negar os grandes erros que lhe fizeram commetter a sua excessiva sensibilidade, e fataes relações com a ambiciosa Leonor Telles, que não podem nem devem elles attribuir-se a impulsos da sua indole aliàs generosa, poucos promoveram tanto o bem-estar e a felicidade dos seus subditos, pelo desenvolvimento da verdadeira riqueza nacional — a agricultura e o commercio. Em seu tempo fizeram-se côrtes em Coimbra no anno de 1369 ou 1370? (E. 1407 ou 1408); em Lisboa, no anno de 1372 (E. 1409); em a cidade do Porto no anno de 1373 (E. 1410); no mesmo anno em Leiria; em Atouguia no anno de 1376 (E. 1413) nas quaes *se regulou especialmente a jurisdicção dos donatarios, e em que se concederam varios privilegios, e se deram providencias a bem da navegação e do commercio maritimo d'estes reinos.*

O sabio João Pedro Ribeiro dá como duvidosas as côrtes de Santarem, que aponta Fr. Manoel dos Santos, na *Monarchia Luzitana*, celebradas, segundo a opinião d'este escriptor, cuja critica não é comtudo das mais severas e escrupulosas, no anno de 1375.

D. João, acclamado rei pelas côrtes de Coimbra do anno de 1385 (E. 1423), soube aproveitar largamente todos os recursos desta importante instituição. Nunca foram os povos tantas vezes chamados a côrtes; porque, além da primeira convocação em 1385, fizeram-se neste reinado côrtes trinta e seis vezes; não enumeraremos todas, senão aquellas em que se tratarem objectos de maior importancia; isto é, as do Porto, no anno de 1387 (E. 1425) *em que se concedeu aos clerigos de Elvas, a requerimento do concelho da mesma villa, isempção de redizima dos seus beneficios, que antes pagavam;* as de Coimbra, no anno de 1387 (E. 1425), *em que se lançaram sizas geraes por um anno para as despezas da guerra;* as do mesmo anno, *em que os povos se obrigaram a pagar dobradas sizas, por um anno, para as despezas da guerra, e se concederam varios privilegios aos habitantes de Coimbra, e se requereu contra a devassidão dos costumes das pessoas ecclesiasticas;* as de 1391 (E. 1429), *em que foi jurado o infante D. Affonso, requerendo-se nellas que se fundassem estalagens em todo o reino;* mandou-se outrosim nestas côrtes, que *os escrivães seculares escrevessem nas audiencias ecclesiasticas, que tivessem logar em a cidade de Coimbra;* e as de Evora, no anno de 1408 (E. 1446) *sôbre o estabelecimento de casa aos infantes, e reparo das fortalezas do reino, applicando-se para pagamento da despeza necessaria o terço das sizas.*

Quasi todas as convocações tinham por objecto principal a imposição dos tributos, que era sempre *consultada* nestas reuniões, que, todavia, os procuradores dos concelhos aproveitavam ordinariamente para interpôr os seus *aggravos* contra a nobreza e o clero.

Seu successor, o infeliz e sabio rei D. Duarte, mandou-as convocar para Leiria, em 1434, continuadas em Santarem, por conselho do conde de Arrayolos. Deliberou-se, que se não carregassem no porto mercadorias de menos valor que trezentas corôas de ouro; para Evora, em 1435; para a mesma cidade, em 1436, com o fim especial de regular o tributo de *pedido e meio* para as despezas da expedição a Africa; e para Leiria, em 1438, as últimas do seu reinado, a que presidiu o doutor João Docem, convocadas para tratar a gravissima questão — se devia ou não entregar-se a praça de Ceuta, para resgate do infante D. Fernando, prisioneiro dos mouros naquella desastrada facção.

(Continúa.)

ROMANCE.

Peccadora.

Se ha hi alguem isempto de peccado
que lhe atire a primeira pedra.

VII.

(Continuação.)

— Querido amigo, disse o provinciano — sinto muito encommoda-lo; mas não é, certo, capricho meu... Te-

nho necessidade absoluta de me sentar... Até lá irei começando a minha explicação... O artigo do *Raio*, proseguiu, dirigindo-se, seguido pelo barão, para as galerias de madeira — o artigo do *Raio*, repito, é a vanguarda do meu pequeno exército... Já o atacou, meu querido amigo, e a auctoridade está prevenida... De modo que, se me visse obrigado a pôr no campo o corpo principal, já achava o caminho applanado de ambos os lados... Tem a bondade de entrar, sr. barão!

Chegavam á porta do café. Armando entrou primeiro. O sr. Chose conduziu-o á segunda divisão da grande sala, e assentou-se, com as costas para a parede, á mesa mais longe do mostrador.

Os jogadores e freguezes ergueram a cabeça para examinar os recemchegados, e ouviram-se as seguintes palavras correr de mesa em mesa:

— Olhem, é o da *casaca azul!*...

— E vem com outro!...

— Hoje não tem elle de fazer a sua conta.

Não estava ninguem no segundo compartimento da sala, que era separado do primeiro por um arco. O sr. Chose antes de sentar-se, correspondeu ao cumprimento do servente da casa, inclinando a cabeça familiarmente.

— Sou como de casa, disse para o barão; ah! ah! aqui sempre a gente está melhor... tornando ao nosso negocio, o meu corpo de batalha consiste em uma carta que v. ex.ª teve a bondade de me escrever ha alguns dias.

— Eu! bradou o barão.

— Sim, senhor; v. ex.ª mesmo... Eu lh'a mostro.

E o provinciano saccou da algibeira a volumosa carteira, e tirou della um papel dobrado em fórma de carta. Abriu-a, ergueu-a acima da cabeça, tomando a precaução de a conservar fóra do alcance do barão.

A claridade de um reverbero proximo illuminou o papel, e Armando póde ler:

«Meu querido senhor:

«Tómo a liberdade de lhe enviar, por mão de pessoa segura, e dedicada á causa que servimos, os cunhos em que temos conversado. Espero que lhes dará, com urgencia, o uso que convem ao nosso fim.

«Acredite que sou, etc.

Barão Armando d'Osser.»

— Mas eu nunca escrevi similhante cousa! disse Armando, que julgava tudo aquillo um sonho; de certo o senhor contrafez a minha letra!...

— Admiravelmente, como vê, respondeu o sr. Chose; ah! meu rico barão, é imprudencia assignar certo papel escripto a lapis... E por pouco que o possuidor d'esse papel saiba da arte caligraphica, bem vê que...

O semblante de Armando tingiu-se de pallidez. — O malvado tinha agora sôbre elle direito de vida e de morte. Com effeito aquella carta, cuja falsidade, em outras circumstancias se podia facilmente provar, serviria contra elle, perante a justiça, como uma prova positiva. Não era elle considerado em estado de suspeição permanente? e de que carecia a policia senão de um indicio?

Aquella parte da sala, em que se achavam, estava completamente deserta. Acudiu-lhe o temerario pensamento de se atirar áquelle miseravel, que o assassinava sorrindo-se. Mas o sr. Chose já mettêra a carta na carteira, e esta na algibeira da casaca.

Armando recalcou no peito a cólera, e tentou fingir-se tranquillo.

— Essa carta é falsa, disse, e similhante arma póde matar quem della se serve...

— Como a minha machinasita, acudiu o provinciano; estou costumado a servir-me destas armas, barão, e demais, não se me dá de arriscar a minha liberdade contra a cabeça de v. ex.ª

Armando olhou-o fito. A physionomia do sr. Chose tomára uma apparencia de inanição e somnolencia, que contrastava com a energia das suas palavras. Mas este mesmo contraste fazia conhecer, que não era possivel dobrar similhante homem.

Armando abaixou os olhos, e perguntou:

— Que valor fixa a essa carta?

— Barão, replicou o provinciano com voz cava e transtornada; eu não disse ainda que a queria vender...

— Pois então, acudiu Armando, quer ter-me sempre em seu podêr!... encostar o joelho ao meu peito, sem nunca o retirar!

— Exactissimamente... murmurou o provinciano, fazendo um grande esfôrço.

O barão ergueu-se para elle; as palpebras do sr. Chose semicerraram-se, oscilando lentamente.

— Pense bem no que diz! bradou o barão, que tinha o cerebro escaldado de desespero.

— Olhe, balbuciou o sr. Chose, v. ex.ª é para mim, como aquella galinha que punha ovos de ouro, ah! ah!

— Pense bem no que diz!... repetiu o barão com voz profunda.

— Tenho pensado, respondeu o sr. Chose, cujo sorriso se lhe tornou immovel — tenho-o em meu podêr, e não o largo!...

Dizendo isto, fechou os olhos, e um bocêgo longamente comprimido descerrou-lhe as maxillas desmesuradamente.

Aquella suprema tranquillidade em similhante momento, levou a cólera de Armando além de todos os limites. Dirigido unicamente pelo odio immenso que lhe inspirava aquelle homem, atirou-se a elle, e travou-o pelo pescoço.

O sr. Chose não gritou, nem se buliu. Nenhum dos jogadores deu fé desta scena calada.

Armando apertou, apertou como homem fóra de si. Depois, quando a razão póde superar o furor que o animava, largou-o.

O sr. Chose caíu ao comprido sôbre o banco, hirto, immovel como um cadaver.

Armando recuou aterrado.

— Matei-o! disse.

Agitado por este pensamento, atravessou o café a passos largos, e saíu.

VIII.

O CASACA-AZUL E O GELOZIA.

Depois da fuga precipitada do sr. barão d'Osser, ficou o provinciano estendido na banqueta, immovel e como morto.

Ao cabo de alguns minutos, um moço que o viu naquelle estado, chegou-se a elle, e sentou-o commodamente, encostado á parede.

O proveito e a gloria d'um café são estes freguezes. Os consumidores de passagem esses são puros e simples emprasadores, e não merecem o nome honroso de *clientes* do estabelecimento.

Porque esta velha palavra latina *cliente*, girando em torno do eixo da sua significação primitiva, chegou ao ponto de exprimir o contrario daquelle sentido em que foi primitivamente empregada. É inquestionavel que Cezar, Catão, e Lucullo eram patronos dos plebeus que talhavam o cabedal das suas sandalias. Nos nossos dias Lucullo, Cezar, ou Catão seriam os clientes dos seus çapateiros.

O freguez d'um café tem direito a toda a especie de attenções. Guarda-se-lhe, em quanto é possivel, o seu cantinho favorito, e o cabide em que costuma pendurar o chapéu; os serventes reservam para elle os mais amaveis dos seus sorrisos.

Segundo a tradição o freguez não falla. Previnem-se as suas ordens. Certos estabelecimentos não mudam nunca de serventes, porque um novato não faça ao freguez a grave injuria de lhe perguntar o que quer.

É uma affronta esta que elle não soffreria. — Qualquer cousinha póde ferir a sua susceptibilidade.

Ia ao café Lemblin um sugeito que se assentava todos os dias, ás tres horas em ponto, e isto desde vinte e quatro annos, á mèsinha que estava em frente do mostrador. Arrecadavam-lhe o chapéu e a bengala; davam-lhe um capilé gelado, e a *Gazeta dos Tribunaes*, dobrada de maneira que elle visse logo as causas de policia correccional.

Aconteceu um dia chegar elle á hora costumada, o servente recebê-lo com o habitual sorriso, e a dona da casa dirigir-lhe um gracioso cumprimento. Serviram-lhe o seu capilé, e deram-lhe, segundo o costume, a *Gazeta dos Tribunaes*.

Mas a *Gazeta dos Tribunaes* acabava de augmentar o seu formato quatro dedos em todos os sentidos. O homem julgou ser victima de alguma mystificação solemne, saíu e não voltou lá mais.

É principalmente nos cafés do *Palais Royal*, e contornos, que se vae tornando vulgar este genero mysterioso, taciturno, exigente, que quer uniformidade primeiro que tudo, e considera o seu cantinho como propriedade legitima. Tem mais defeitos que boas qualidades, mas constitue em beneficio do estabelecimento uma renda determinada. Faz parte do capital. Vende-se com as cafeteiras e com o resto.

Por isso se procura cuidadosamente transformar em *freguez* aquelle consumidor nomade, cujas maneiras graves e ar pausado, parecem revelar a massa de que se fazem os clientes.

O sr. Chose possuia, em alto gráu, esta invejavel bòa feição. A unica cousa que fazia recear que elle um bello dia abalasse para a provincia, sua patria, eram as argolas das orelhas.

Mas, na dúvida, um café não se abstem de empregar os convenientes esforços; pelo contrario, duplica de caricias e de seducções.

Demais, o sr. Chose era um freguez pouco exigente, mas muito exquisito. Uma ou duas vezes por semana viam-no chegar, cambaleando como um homem embriagado, ou prestes a caír de somno. Era raro quando os moços tinham tempo de o conduzir ao seu logar, onde elle recaía logo n'um completo entorpecimento.

Este entorpecimento, ou antes este somno profundo, tenaz, e insensivel a toda a bulha, durava hora e meia, pelo menos, e o mais duas horas.... Alguns minutos antes do seu acordar, que se revelava por estremecimentos nervosos, punham diante delle uma chavena de café.

Quando acordava, bebia a sua chavena, pagava e saía.

Nunca o tinham visto fallar a pessoa alguma. Chamavam-lhe o *Casaca-azul*, porque é necessario que cada um tenha um nome que o distinga. Os jogadores de bilhar ou de dominó traziam muitas vezes os seus amigos para o verem a dormir.

Armando saíra pelas seis horas e meia.

Ao bater das sete horas occupára a mesa que ficava em frente daquella em que dormia o *Casaca-azul* um freguez de *raça legitima*: cabellos grisalhos, alguma cousa empoados, casaca preta, muito suja, e no fio já, calções curtos côr de noz, e meias de algodão raiado de azul e branco.

Os frequentadores do café tambem ignoravam o nome daquelle personagem; e era mais mysterioso ainda que o *Casaca-azul*, porque da cara não se lhe via senão a bócca sumida, enrugada, e a barba côr de pergaminho.

O resto ficava escondido com uma pala verde, combinada com um systema completo de oculos dobrados.

Este arranjo grangeára-lhe a alcunha do *Gelozia*. Vinha todas as noites, sem excepção, ás sete horas em ponto. Bebia sua meia chavena de café, espassando os golos com tal artificio, que lhe durava este exercicio até darem nove horas. Será bom previnir o leitor de que, durante aquelle tempo, lia o *Gelozia* as quatro paginas da *Estrella*, jornal da tarde.

É provavel que o *Gelozia* e o *Casaca-azul* se tivessem já encontrado no café.

Mas não se tinham prestado attenção. O *Gelozia*, immovel sempre em quanto durava a sua estação de duas horas, que repartia exactamente para a *Estrella*, e para a chavena de café, não olhava nunca para ninguem. O *Casaca-azul* esse dormia.

Ou se tivessem já encontrado ou não, ambos emparelhavam perfeitamente um com o outro. Immoveis, cada um no seu canto, e symetricamente dispostos, contribuiam não pouco para o pittoresco da casa.

Ás sete horas e meia um moço notou no *Casaca-azul* symptomas de acordar proximo. Correu immediatamente ao balcão, e trouxe a chavena de café.

Alguns minutos depois, espreguiçou-se lentamente o sr. Chose, e esfregou os olhos.

(Continúa.)

POESIA.

A Manhã.

Como é bello esse vasto horisonte!
Como a terra se ostenta gentil!
Como é bella a montanha azulada
Namorando a corrente d'anil!

Como é bello esse campo esmaltado
De florinhas e fresco verdor!
Como é bella a aurora que surge
Acordando na selva o cantor!

Triste o mocho sinistro já foge,
Deslumbrado co' o brilho da luz,
Surge a vida, as sombras s'extinguem,
Mil encantos renascem a flux.

Já não brilham no espaço infinito
Mil estrellas de meigo pallor,
Da rainha formosa das noites
Resta apenas um debil fulgor.

Preguiçosas, no humido leito
Onde as brisas as vão acordar,
Vão as ondas, a custo impellidas,
Sobre as rochas gemendo expirar.

Os cabeços das altas montanhas
Pouco a pouco eu já vejo luzir,
Vejo as limpidas agoas da fonte
Cristalinos espelhos fingir.

Mas lá surge o monarcha dos astros,
Ninguem póde seu brilho fictar,
Cheio das galas do rico oriente
Vem o pranto da aurora enxugar.

Salve, ó astro brilhante do dia,
Maravilha d'um Deos creador,
Salvè, immenso farol do universo,
Salvè, imagem fiel do Senhor!

Pela Ex.ma Sr.a D....

A Noite.

Siempre te amé!
B. de Castro.

Minh' alma é como a flor singela e triste
Que a noite vem abrir,
Fechada á luz do sol, a noite apenas
Alegre a vê sorrir.

Minha lyra só geme quando pía
Sinistra ave agoureira,
Quando assoma gentil, desponta, alveja
A lua aventureira.

A lua! ella me entende, e me consola,
Com ella sei gemer;
O sol é dos felizes, e eu com elles
Nunca soube viver.

Gósto de ver sidereo, immenso manto
Cobrindo todo o céu,
Como a pedra funerea d'um sepulchro
Envolta em negro véu.

A terra toda em trevas mais me agrada,
E solitaria, e muda;
És do silencio e paz; por isso, ó noite,
Minh' alma te sauda.

Mal se apaga nos céus a tocha d'oiro
Que nutre a luz do dia,
Resurge na min' alma astro luzente,
O astro da alegria.

Apraz-me vèr brilhar nitidos lumes,
Disco argenteo a surgir,
Ouvir a viração gemer nos troncos,
As agoas vèr luzir;

Gósto de vèr aladas lentejoulas
Doirando a fôfa relva,
Desfazer-se na praia a onda em per'las,
Ouvir cantar na selva.

Minh' alma é como a flor singela e triste,
Que a noite vem abrir,
Fechada á luz do sol, a noite apenas
Alegre a vê sorrir!

A. Lima.

REVISTA DOS ESPECTACULOS.

Com grande espanto do público, a crítica louca, descabellada, furiosa, extravagante, assentou o seu arraial nas columnas da *Emancipação*, a par da crítica severa, minuciosa, rabugenta, que trovejou sem piedade contra os musculos da pobre *Adriana Lecouvreur*. A victima foi essa *Alzira* de Verdi, composição inferior ás outras do mesmo auctor, mas que não é tão má como a pintam. Tambem foram victimas os srs. Baldanza, Gresti e Fiori, que só teem, para tamanho castigo, a culpa de haverem já sido vistos e ouvidos na epocha passada. Não disputâmos a competencia do juiz; mas protestâmos contra a sentença. Negar ao sr. Baldanza todos os requisitos a que deve satisfazer um bom cantor; principiar a analyse d'uma cantora, pela descripção dos seus pés, e continuar esta analyse a ponto de tocar em indecencia; dizer que o sr. Fiori tem uma voz pequena e cançada, tudo isto não depõe muito a favor do gósto artistico do novo folhetinista. Perdôe-nos o estimavel H. — quem ouviu o sr. Baldanza no *Othello*, na *Gemma*, e n'outras operas; quem tem escutado a sr.a Gresti em tantas peças, onde tem manifestado a belleza e frescura da sua voz; quem, finalmente, tem admirado o canto vigoroso, expressivo e insinuante do sr. Fiori, não póde deixar de suppôr, que o sr. H. — se tem realmente habilitações para ser crítico, neste genero — estava, quando escreveu o seu folhetim, com um ataque de máu humor, de que foram victimas, por um acaso infeliz, os pés da sr.a Gresti e o magnifico abdomen do sr. Baldanza, assim como o poderiam ter sido, na censura de um *pas-de-deux*, os falsetes do sr. Vienna, ou a voz pouco extensa da sr.a King.

Na quarta-feira subiu novamente á scena a opera *I Due Foscari*, na qual todos os artistas entraram muito bem, distinguindo-se com especialidade o sr. Fiori, que no fim da sua bellissima aria foi por tres vezes enthusiasticamente applaudido.

O 1.° baixo *Rocco* chegou no último paquete vindo de Londres, e na proxima segunda-feira sairá do lazzareto, onde se acha em quarentena. Segundo as informações que temos, é um mancebo de 24 annos, e excellente artista no seu genero.

Por uma carta recebida de Bolonha, consta-nos, que foi já escripturada para S. Carlos, pelo sr. Lodi, a 1.ª dama absoluta *Capuani*. Espera-se em poucos dias tambem o 1.° tenor *Liverani*.

Na segunda-feira 19 ha-de ter logar o último concerto do sr. Kontski, e o seu beneficio. O sr. Kontski ha-de executar, além de duas phantasias, um dueto a dois piannos com o sr. J. G. Daddi.

A sociedade do theatro D. Maria II acaba de praticar um acto, pelo qual merece os maiores elogios. Na noite de 6 do corrente, sendo grande a affluencia de gente a comprar bilhete, porque se representava o *Templo de Salomão*, roubaram ao bilheteiro um sacco que continha 275$000 mil réis. A sociedade reuniu-se logo em assembléa geral, e decidiu unanimemente, que na noite de 24 de novembro se désse uma récita em beneficio do sr. Peixoto da Costa, bilheteiro e camaroteiro do theatro. A proposta foi feita pelo sr. Theodorico, socio e thesoureiro do theatro.

No theatro do *Gymnasio* debutou a sr.ª Emilia Letroublon, na peça que se intitula *De como se transforma um Calouro*. Tem bôa voz, e bôa presença. Cremos que se póde ter esperança no futuro desta actriz. A noite do seu debute foi a do beneficio do sr. A. J. Pereira. O theatro esteve completamente cheio.

NOTICIAS SCIENTIFICAS E INDUSTRIAES.

Exposição dos productos da industria nacional. [1]

A MULTIDÃO, que se extasia a contemplar pueirilidades, passa com indifferença pelo que ha de mais importante na sala da Exposição. Os productos das fábricas de estamparia, de fiação e de tecidos, que apenas merecem a attenção de poucas pessoas, são provas valiosas dos esforços, que tem feito a nossa industria, para se libertar do jugo estrangeiro. À vista d'esses productos, não se póde negar que temos caminhado muito, apezar da incuria dos governos, e dos abalos violentos da guerra civil. Compare-se o que alli está hoje exposto, com o que estava nas exposições de 1838, de 1840, de 1844, e não se dirá que somos exaggerados, quando affirmâmos que a nossa industria, em poucos annos, se tem espantosamente desenvolvido. Percorrâmos a serie dos productos expostos.

Os primeiros que se nos offerecem são os productos da *fábrica d'estamparia dos srs. Rodrigues, Barros, e Comp.ª*, estabelecida na ribeira d'Alcantara. A estampagem, nesta fábrica, é feita com cylindros movidos por vapor. Queixa-se muita gente da falta de gôsto nos padrões das chitas, e da pouca variedade das côres. Em objectos desta natureza não se deve julgar pelas primeiras impressões. Duas razões bem fortes concorrem para que estas duas faltas se tornem perfeitamente desculpaveis. Por um lado é preciso saber que os padrões daquellas chitas estão em harmonia com o gôsto da maioria dos consumidores. Por outro lado é preciso, antes de censurar, ver se a fábrica póde, sem grave prejuizo, empregar os capitaes, que exigem os outros padrões, sendo certo, que para cada uma das côres é necessario usar d'um novo cylindro. O gôsto dos consumidores, e as fôrças desta industria, exigem que ella, por agora, se conserve como está. Nas circumstancias em que hoje se acha póde produzir até 700 peças por dia, e tem consumidores para todas. Tê-los-hia para 200 peças diversas, d'outros padrões, e por conseguinte mais caras? É de crer que não. O tecido destas fazendas é excellente, e as côres são fixas, o que é de immensa vantagem, e lhes assegura sempre o consumo.

Depois dos productos da fábrica de Alcantara acham-se os tecidos da fábrica dos srs. Salazar Leal e Comp.ª, nos Olivaes, e logo a diante os da fábrica de Rio de Mouro, pertencente ao sr. Filippe José da Luz. Neste estabelecimento a chita é estampada á mão. No seu genero é uma fábrica excellente. Consta-nos que exporta muito para Hespanha.

A fábrica de Lafaurie, em Alemquer, mandou para a Exposição cobertores de lã, cobrejões de lã e linho, cassinetas de lã, cassinetas de lã e algodão, barretes de lã com felpa, barretes dobrados catalães, chailes de lã, etc. — bella collecção de productos, que faz honra a quem dirige esta fábrica.

A sr.ª D. Maria Augusta de Gouvêa, com fábrica de tecidos na rua da Rosa das Partilhas, n.° 52, 1.° andar, expoz algumas côlxas. Seguem-se os pannos dos srs. Aniceto Ventura Robrigues, com fábrica no Campo Grande, e os dos srs. Larchers, com fábrica em Portalegre. As casimiras do Campo Grande merecem elogio. Os pannos dos srs. Larchers podem competir com os estrangeiros. Se os preços forem favoraveis, cremos que toda a gente deve preferir este producto da nossa industria, aos que importâmos de paizes estranhos. Os chailes da mesma fábrica tambem são dignos de menção. Consta-nos que esta fábrica está excellentemente organisada. Um dos filhos do sr. Larcher está em França estudando a *chimica industrial*, com o fim, segundo se diz, de vir um dia a encarregar-se da direcção da fábrica, na parte que só um bom chimico póde dirigir habilmente.

Os srs. Manoel Joaquim Martins, José da Costa, Joaquim da Silva, Jacintho da Silva Pereira, e Joaquim José Vaqueira, mandaram, do Porto, cotins, fazendas d'algodão e lã, riscados escocezes, cortes de colletes, etc. É pena que o Porto, tão industrioso e tão adiantado, não enviasse mais productos para esta exposição.

Da fábrica de fiação do rio Visella veio trama e têa. Esta fábrica abastece agora o mercado d'um genero, que d'antes s'importava em grande quantidade.

A fábrica da *Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense*, em que se empregam hoje, proximamente, mil

[1] Os esclarecimentos, que tiveram a bondade de nos enviar ácêrca d'algumas obras, como as dos srs. Sesinando, Godinho, José Caetano, etc., hão-de ser aproveitados convenientemente. Agradecemos sinceramente estes esclarecimentos, e agradeceremos qualquer auxilio d'este genero, em que interessâmos nós, o público, e principalmente os que mandam objectos para a Exposição.

pessoas, foi, ainda não ha muitos annos, uma pequena fábrica na rua dos Jasmins. D'alli passou para S. Sebastião, de lá para Xabregas, e de Xabregas para Santo Amaro, onde se acha hoje, n'um grande edificio, construido apropriadamente, e que é apenas a sexta parte do edificio que ha-de conter todas as officinas. Esta fábrica mandou para a Exposição panno cru, fazendas de algodão, camisolas de malha, baetilhas, etc. O fabrico do panno cru é d'uma importancia extraordinaria. A fábrica de Santo Amaro foi a unica que enviou para a sala um grande livro d'amostras.

A *Companhia Nacional de Torres Novas* expoz lonas, brins, calhamassos e grosserias. A qualidade d'estes productos não deixa nada a desejar. Pena é que a producção seja ainda em pequena escala, sendo tão grande o consumo que fazem os navios mercantes, os barcos, etc., o que nos obriga a importar os brins e a lona da Russia, assim como as grosserias e o calhamasso de Hamburgo.

A *Nova Empreza Fabril de Lisboa*, com depósito na travessa de S. Nicolau, n.º 20, tem na Exposição mantas, cobertores, fazendas de lã para forros, cotins, etc.

A fábrica de fiação e tecidos do sr. José Antonio Machado, na travessa da Nazareth, fabrica cotins para calças, cobertores, tecidos para forros, etc.

(Continúa.)

Segunda exposição industrial michaelense.

Com a maior satisfação lêmos no *Agricultor Michaelense* o programma desta exposição. Tendo recebido o *Agricultor* á ultima hora, reservâmos para o número seguinte a publicação do programma, a que toda a imprensa portugueza deve dar a maior publicidade. A exposição ha de começar a franquear-se ao público no dia de Natal, e se conservará aberta até 6 de janeiro do anno proximo.

Sociedade Archeologica de Setubal.

Tendo apparecido muitas moedas antigas, no sitio de Troia, ao pé de Setubal, installou-se nesta villa uma Sociedade Archeologica. No dia 9, teve logar a inauguração solemne desta Sociedade, a que assistiu, como presidente, o sr. duque de Palmella. Diz-se que S. M. El-Rei ficará sendo protector desta tão patriotica instituição.

Curso de physica e chimica.

EM BENEFICIO DAS IRMÃS DA CARIDADE E DE UM ASYLO DE INFANCIA.

Professor — o sr. P.e José Ilsley.
Preparador — o ex.mo barão d'Alcochete.

Assistimos á 2.ª e 3.ª lição d'este curso, que já recommendámos no número anterior d'este jornal. Concorreram bastantes senhoras, entre as quaes se contavam a sr.ª duqueza da Terceira, a sr.ª Marqueza de Fronteira, a sr.ª Roma, a sr.ª D. Miquelina Pereira Pinto, etc. O objecto d'este curso merece tanto a approvação de toda a gente, e as experiencias, que se fazem durante as lições, são por tal modo interessantes, que não podêmos deixar de o recommendar novamente aos nossos leitores.

Preço de cada lição ...... 480 réis.
Por tres lições .... 1$200 réis.

As pessoas que se encarregaram de annunciar a existencia d'este curso, fizeram mal em mandar os seus avisos para o *Diario do Governo*, que os publicou entre os annuncios. Toda a imprensa teria publicado estes avisos, *n'outro logar*, e *gratuitamente*, se os tivessem enviado para as redacções.

A 4.ª lição foi transferida para quinta-feira, á uma hora da tarde. Muita gente faltou, porque não soube da mudança.

BIBLIOGRAPHIA.

O JUDEO ERRANTE

ROMANCE

DE

EUGENIO SUE.

Vae publicar-se uma nova traducção e edição d'este magnifico e o mais popular romance de Eugenio Sue, nitidamente impresso na **IMPRENSA NACIONAL**, em formato de 8.º francez, e illustrada de excellentes estampas, tiradas fóra do texto com o maior esmero e cuidado. Assigna-se em todas as lojas do costume. As primeiras folhas acham-se já no prélo, e publicar-se-hão immediatamente.

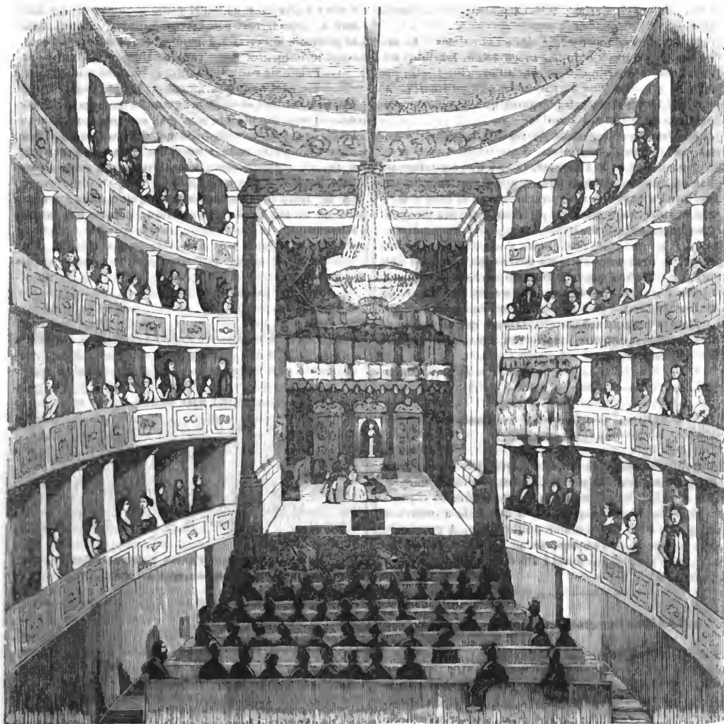
PREÇO — cada folha ... 10 réis,
cada estampa 30 réis.

Recommendâmos com muito gosto aos nossos assignantes a nova edição daquella bella obra, e desde já os previnimos de que aquelles que desejem subscrever para a presente edição, devem assignar nos prospectos impressos na mesma **IMPRENSA NACIONAL**, o que podem fazer em mão dos distribuidores d'este semanario, aliàs correm risco de serem enganados pelo espirito de especulação pouco honesta que tem innundado a capital de prospectos, annunciando a mesma obra, e promettendo volumes a 80 réis, etc., etc.

A Condessa de Rudolstadt.

Publicaram-se as primeiras folhas da *Condessa de Rudolstadt*, romance de George Sand, traduzido em vulgar pelo sr. Luiz Joaquim de Sampayo, redactor do antigo *Recopilador*. Este romance é a continuação da *Consuelo*, que o mesmo senhor traduziu. A publicação do *Condessa* é uma bôa nova para todos os que lêram, como nós, com interesse, aquelle bello romance. Assigna-se para esta obra na rua da Flôr da Murta n.º 21, e nas lojas do costume. Preço de cada folha 30 réis.

EXPLICAÇÃO DO NÚMERO ANTECEDENTE:
Charada — Nadador.



O theatro de D. Fernando.

O THEATRO de D. Fernando, edificado no local da antiga egreja de Santa Justa, abriu-se ao público no dia 29 do proximo findo mez de outubro.

O architecto que delineou e dirigiu a obra foi o sr. Arnould Bertin, engenheiro francez.

Este novo theatro tem defeitos, nem podia deixar de os ter, e muito consideraveis, attendendo á estreiteza do terreno, que apenas media 67 palmos de comprimento sôbre 63 de largura; merece, pois, muito elogio o sr. Bertin pelos que soube habilmente evitar.

A fachada para o largo de Santa Justa, não tem em geral agradado; nota-se principalmente o triste effeito que fazem as meias janellas de volta redonda, que dão logo uma idéa daquellas *bóccas de forno* do sumptuoso mausoléu, que vulgarmente se conhece pelo nome de Theatro de D. Maria II.

A sala do espectaculo é formosa de simplicidade e elegancia; tem a fórma elyptica, medindo 38 palmos de largura sôbre 52 de comprimento, a contar das pilastras do proscenio; acha-se dividida em quatro ordens de camarotes, sendo 54 públicos, 3 para SS. MM. e 2 pertencentes ao proprietario; tem mais, na ordem

inferior, uma galeria de cada lado, e na superior, em frente do arco do proscenio, um chamado amphitheatro; a sala póde conter 636 pessoas — 324 nos camarotes; 52 nas galerias; 224 na platéa; 36 no amphitheatro.

A abertura do proscenio é de 28 palmos. A *caixa* mede 57 palmos de fundo sôbre 48 de largura, e 65 de altura, até ao logar em que estão suspensos os pannos.

A platéa tem tres entradas, uma ao centro, com uma pequena escada para cada lado (e sería para desejar que se lhe tivesse dado mais alguma largura), e duas lateraes, junto da orchestra.

Os corredores das differentes ordens vem todos acabar em uma salazinha, optimamente ventilada. As escadas e demais serventias estão lançadas com a maior elegancia e segurança, e perfeitamente illuminadas a gaz, como todo o theatro.

A sala do espectaculo, que a nossa estampa representa, é egualmente illuminada a gaz, com um bello lustre; o tecto é pintado de azul-perola e branco, com filetes de ouro, pendendo o lustre de um rico florão. Os camarotes são forrados de carmezim. As decorações, e pintura correspondentes, foram dirigidas e executadas, simultaneamente, pelos distinctos artistas Rambois, Cinati, Rusconi e Ignacio Caetano.

O sr. Francisco Rodrigues Batalha fez um assignalado serviço á capital e ás letras, construindo este formoso theatro, que provavelmente servirá de refugio á arte dramatica, quando o *Theatro Normal de D. Maria II*, edificado á custa da nação, e em que se despendeu a enorme somma de 300 contos de réis, se houver inteiramente convertido em *hyppodromo*, ou *menagerie* de algum futuro mr. Charles, ou Laribeau.

INSTRUCÇÃO POPULAR.

A terra gyra sôbre si mesma.

(Continuado de pag. 269.)

ESTÁ demonstrado que as estrellas, os planetas, o sol e a lua, se acham a distancias deseguaes da terra, e todavia estes astros participam do movimento geral. Eis mais uma prova da rotação do nosso globo. Estas apparencias são perfeitamente explicaveis na hypothese do movimento rotatorio da terra; e para poderem sê-lo na hypothese contrária, sería preciso que estes astros tivessem velocidades respectivas taes, que estando em proporção com suas distancias, se apresentassem com a uniformidade explicada pela primeira hypothese. Esta harmonia parece ainda mais impossivel de admittir, quando nos referimos aos cometas, que gyram em todas as direcções, e com todas as velocidades, e que estão comtudo sujeitos á lei geral de revolução em vinte e quatro horas em roda da terra, revolução que é apenas alterada pela pequena quantidade devida a seu movimento proprio. E ainda se esta uniformidade de relações, tão constante no meio de tantas variações regulares, offerecesse alguns minutos de differença ... mas a egualdade é perfeita, ou, como diz certo astronomo, o movimento diurno é o unico exemplo de uniformidade que ha no mundo. E como havemos de acreditar que o globo terrestre, este ponto insensivel de materia, seja unico immovel no meio de todos os corpos celestes, tão immensos e tão rapidamente animados?

Quando dois corpos descrevem ao mesmo tempo duas circumferencias desegualmente affastadas do eixo de rotação, o que percorre a circumferencia mais affastada, e por consequencia a maior, move-se com mais velocidade do que o outro. Supponhamos que do alto de uma torre abandonâmos um peso á acção da gravidade. Como a parte mais elevada da torre, estando mais affastada do eixo de rotação do que a base, descreve no mesmo tempo uma curva maior do que ella, é por isso dotada de mais velocidade; e sendo esta communicada ao peso que se deixa cair, este não segue a direcção do fio de prumo, mas desvia-se para o oriente. Esta experiencia é muito delicada, porque o grave apenas soffre uma desviação de tres linhas, lançado d'uma altura de duzentos pés.

Dissemos n'outro logar, que as oscillações do mesmo pendulo vão sendo mais lentas á medida que vamos caminhando com elle para a linha equinoxial, o que prova que os corpos vão perdendo de seu pêso. Esta diminuição de pêso não póde ser attribuida sómente á maior distancia no equador ao fóco da attracção, porque pelo cálculo se demonstra, que se esta causa unicamente actuasse, o pendulo que dá os segundos no pólo, devia encurtar-se só linha e meia para da-los no equador; mas este encurtamento não basta, é mister que tenha duas linhas e meia de menos de comprimento. É, pois, preciso procurar outra causa para explicar aquella differença. É no movimento rotatorio do globo terrestre, que vamos effectivamente encontra-la. Se a terra se revolve sôbre o seu eixo, a fôrça centrifuga nos diversos logares está na razão directa do comprimento do raio dos circulos parallelos d'esses logares. Aquelle raio, que é o maior possivel no equador, é nullo no pólo; logo nulla é no pólo a fôrça centrifuga, e a maior possivel no equador. A lenteza das oscillações do pendulo no equador depende, pois, da maior distancia ao centro da attracção e da maior fôrça centrifuga. O resultado observado é a somma dos effeitos devidos a estas duas cousas, e o cálculo sabe apreciar o valor de cada uma. A figura espheroidal faz diminuir no equador $\frac{1}{589}$ do pêso dos corpos no pólo; sommada esta fracção com $\frac{1}{289}$ que resulta da fôrça centrifuga, achamos $\frac{1}{194}$, quer dizer que debaixo da influencia destas duas causas, um pêso de 195 arrateis no pólo, terá 194 no equador.

Os ventos geraes ou alisados constituem um phenomeno, cuja existencia é devida á rotação do nosso planeta. Estas immensas correntes da atmosphera, tão importantes para a navegação, dependem da desegualdade nas temperaturas das differentes latitudes produzidas pela desegualdade da acção solar e por esta lei geral dos fluidos elasticos: o calor augmenta consideravelmente seu volume, diminuindo seu pêso especifico. Estas causas combinadas com o movimento rotatorio da terra, dão uma explicação satisfatoria da existencia daquella casta de ventos. O sol acha-se sempre no zenith d'um dos pontos da zona torrida. Para todos os pontos desta zona,

o sol se eleva todos os dias muito sôbre o horisonte, e aqui sustenta uma temperatura muito mais forte do que nas outras regiões. O calor da superficie terrestre se transmitte ao ar que sôbre ella repousa. Este ar se dilata, e faz-se especificamente mais leve que o das outras regiões do globo. Seguindo as leis da hydrostatica, este ar rarefeito se affasta da superficie da terra; é substituido pelo ar mais frio, e conseguintemente mais pesado, que penetra dos dois lados nas regiões intertropicaes, passando em contacto com a superficie. Quando o ar deslocado chega além de seu nivel natural, não sendo retido por pressões lateraes sufficientes, se derrama d'uma e d'outra parte para os pólos da terra, gerando correntes superiores de direcção opposta ás primeiras. O ar das correntes superiores arrefece progressivamente, e é reconduzido para baixo, a fim de substituir o que penetrou nas regiões intertropicaes. D'aqui resulta uma circulação contínua. Em virtude da rotação do globo, a velocidade dessa rotação nos differentes pontos de sua superficie augmenta d'um modo proporcional aos raios dos circulos de latitude, de maneira que no equador esta velocidade é a maior possivel. O ar, no estado de repouso, deve participar do movimento rotatorio do logar em que elle se acha. Quando, porém, elle é impellido do pólo para o equador, passa successivamente d'uma latitude, em que a velocidade de rotação é menor para outra em que a velocidade é maior; então não gyra tão depressa como a superficie sôbre que se acha agora. Desta sorte as correntes de ar que se dirigem dos pólos para o equador, seguindo a superficie terrestre, parecem gyrar no sentido contrario do globo, ou do oriente para o occidente. E eis-ahi porque estas correntes, que sem a rotação do globo, não produziriam senão ventos de norte e de sul, tem ainda uma direcção para o occidente, o que produz os ventos permanentes de nordeste e de sueste, chamados ventos alisados ou geraes.

João Felix Pereira

Lente de geographia, chronologia e historia no Lyceo Nacional de Lisboa.

ROMANCE.

Peccadora.

Se ha hi alguem isempto de peccado, que lhe atire a primeira pedra.

VIII.

(Continuação.)

Acabára o effeito daquelle entorpecimento singular, e o sr. Chose pôde beber a sua chavena de café.

Em quanto o engulia a pequenos golos, conservára aquelle olhar vago e ficto de quem tem de pouco tempo dormido largo somno. Mas antes de acabar a chavena, crisparam-se-lhe os sobr'olhos, e um leve estremecimento lhe percorreu os beiços.

É que só então lhe acudíra á memoria a scena recente do *Palais Royal*, com todas as suas consequencias.

— Sonhei-o! disse comsigo primeiro.

Ergueu as duas mãos á altura do pescoço, e sentiu uma dôr muito intensa no sitio que o barão apertára freneticamente.

— Imprudente! murmurou o sr. Chose, fazendo-se muito pallido; imprudente!... E merecia bem que me elle torcesse o pescoço como a um pombo!... Oh! oh! sr. barão, é um triste jogador; ganhei-lhe esta partida... Deixe estar que não me hei-de entregar assim outra vez!... Já esta noite vou envergar um arnez á prova!...

Como para mais isoladamente reflectir encostou a cabeça ás mãos.

— Sim, sim, proseguiu — não ha dúvida... accuso este homem, impillo-o, desespero-o; por fôrça que elle ha-de obrar como desesperado... É-me necessaria uma garantia segura, senão, de um momento para outro, cáio-lhe nas unhas; nada!... A sua mania é matar-me como um cão, onde quer que me encontre... e o caso é que entende soffrivelmente o seu papel!... Demais, não é elle o mais perigoso .. Pelejo contra dois... Preciso de um escudo... talvez me conviesse a mulher; mas ella é muito fina... e se não me acautelar, pósso muito bem um dia ir parar á cadêa... Deos me livre... Imaginar um tão bello futuro, e ficar peior que nunca!

Passou então a mão pela testa. A sua physionomia, ordinariamente tão risonha e serena, mudára de aspecto. Profundas rugas lhe surcavam a testa. O seu olhar revelava agora uma firmeza indomavel, e uma extraordinaria finura.

Certo, que aquelles que então o examinavam, nem por sombras o compararíam ao pobre homem da pala verde, nem mesmo a algum dos outros freguezes.

Mas elle, com as mãos, estabelecia como um véu entre a sua meditação e público; ninguem lhe podia ver o pupilla ardente de intelligencia, de audacia e de vontade.

Proseguia no seu trabalho mental.

— Tenho cá uma idéa — é soberba... serve para parar os golpes delle, o que não é o mais difficil; e os della que não costuma usar de violencia, e que é capaz de me deitar a perder com uma palavra!... Mas preciso de um homem... de um homem em quem possa depositar inteira confiança... Aqui é que está o busilis!... Qualquer pessoa honesta me repellirá, mal eu comece parte da minha confissão... nas mãos de um tratante não metto eu a minha vida!...

Naquella occasião ouviu-se um som argentino no logar do *Gelozia*. Todos viraram ao mesmo tempo a cabeça; porque, se não mentia a tradicção dos jogadores de *dominó*, nunca nenhum arruido similhante partíra do cantinho, que o *Gelozia* occupava.

Julgou-se ao princípio que elle fizera o primeiro acto de bisarria em favor do servente, atirando para cima da banca com uma moeda de prata.

Qual. — Era apenas um dos vidros do seu systema de oculos, que, perdendo o apoio do arco, que se dessoldára, havia caído na pedra.

O *Gelozia* largou os dedos amarellados em perseguição do vidro, e filou-o no momento mesmo em que ía irremediavelmente cair no chão.

Depois limpou-o cuidadosamente com a ponta do lenço de algodão, e ergueu-o á altura da pala, naturalmente para examinar se soffrêra alguma avaria.

— Eu conheço aquella mão! disse comsigo o sr. Chose. Onde diabo a veria eu?...

Fez-se largo rumor no café. Todas as physionomias assumiram o caracter de profunda curiosidade.

O *Gelozia*, depois de verificar que o seu vidro estava intacto, desprendeu lentamente, e com a maior precaução, a pala verde de seda, descobrindo por este modo — cousa que ninguem naquelle café se podia gabar de ter visto — a testa cortida como uma maçã reineta, e a linha desegual, recortada, despovoada, da raiz dos cabellos. Dir-se-ía que aquelle pobre homem trazia na cabeça uma fita de pelles pardacentas, em que o dentinho roedor dos ratos exercesse energicamente as suas funcções.

— Eu tambem conheço aquella testa, disse comsigo o sr. Chose.

O *Gelozia*, insensivel á attenção de que era objecto, collocou a palla na mesa, e poz-se a desatar com dobradas precauções as fitas do seu systema completo de oculos.

Poderam então ver-se-lhe as sobrancelhas rareadas, presidindo a uns olhos profundos, embaciados, sumidos em suas orbitas extraordinariamente cavadas.

O *Gelozia* fazia lembrar a petrificação de uma coruja.

Um estremecimento de subita alegria illuminou o rosto do sr. Chose, que se levantou de golpe, e foi assentar-se em um banco, do outro lado da mesa do *Gelozia*.

Os espectadores romperam n'uma estrondosa gargalhada, quando viram aproximar-se os dois excentricos freguezes.

— Bôas noites, amigo Popelin! disse o *Casaca-azul*

O *Gelozia* não respondeu, nem sequer abriu os olhos; mas foi collocando logo a sua pala verde.

— Olhem, o homem chama-se Popelin! diziam a meia voz os jogadores de *dominó;* como se chamará o outro?

Uns apostavam que o *Gelozia* havia de revelar o nome do *Casaca-azul*, outros apostavam que não.

Mas todos estes ditinhos eram em voz baixa; como deve de ser entre jogadores de *dominó*, que tem a peito a prosperidade do seu botequim, e que sabem todo o respeito que se deve a dois freguezes de tal lote.

Entretanto o *Gelozia*, que abrigára já os olhos de ave nocturna, com a pala verde, tentou provavelmente examinar o seu interlocutor, porque o viram inclinar-se para traz um pouco.

— Não me conheces, Popelin? disse o sr. Chose.

O *Gelozia*, porém, que tinha os amarellados dedos occupados em segurar os oculos, não respondeu palavra.

— O Popelin não conhece o *Casaca-azul*, disse um faceto.

— O Popelin é muito soberbo, accrescentou outro.

— Envergonha-me aquella acanhez, disse um terceiro.

Todos os jogadores de *dominó* são extremamente engraçados.

Naquelle momento o sr. Chose atirou para cima da mesa com uma peça de cinco francos, e bradou:

— Eh! patrão — tome lá; eu pago por este senhor.

Um medonho sorriso entre-abriu a bôcca escamosa do *Gelozia*.

— O *Casaca-azul* é generoso, heim! acudiram os espirituosos jogadores.

— E o Popelin sabe agradecer-lh'o.

O servente trouxe a demasia. Depois o *Casaca-azul* levantou-se; o *Gelozia* fez o mesmo, e os dois figurões saíram de braço-dado.

Então os jogadores olharam uns para os outros. Já não riam. O que se apresentava de mysterioso naquelle acontecimento, escondia o que nelle havia de comico.

Quem eram aquelles dois homens, ambos extraordinarios, e que de tão extraordinaria maneira se haviam conhecido? — Era esta uma pergunta a que nenhum sabía responder. — Antes do fim da noite tinham perdido o seu aspecto caricato assim o *Gelozia* como o *Casaca-azul;* escudava-os agora o prestigio do mysterio.

Entretanto haviam Popelin e o sr. Chose atravessado o largo, e enfiavam pela rua Montesquieu.

— Tu ainda és tão pouco fallador como n'outro tempo, disse o sr. Chose.

— Sou! respondeu Popelin.

— E creio que tambem não és mais rico?

— Não! murmurou o *Gelozia*.

— Sê menos laconico, Popelin!... Olha, tal como me vês, daria dez luizes por te encontrar...

— Póde darm'os, acudiu Popelin.

— Devagar! e porque diacho me não respondeste no botequim?

— Vem na *Estrella* a sua historia de Brest com o guarda...

— E tu acreditavas?...

— Sim, disse Popelin, lá está escripto. Um guarda... com muitos golpes na cara... Divertiu-me muito.

— Obrigado! resmungou o sr. Chose. Havia de que! Quanto a mim, isso pouco me divertiu... Ouviste fallar, continuou em voz alta, ouviste fallar das desgraças que me aconteceram em Calais?...

— Li-o nesse tempo na *Estrella*, replicou Popelin.

— Oh! homem! creio que fazes um consumo immenso de jornaes.

— Leio a *Estrella*... todos os dias... de fio a pavio...

— E que fazes tu para viver, Popelin?...

— Eu!... respondeu o *Gelozia;* eu não vivo...

— Pois bem; mas não sei que se vegete *gratis*... Que fazes tu?

— Vendo pennas aparadas... e obreias...

— E não procuras tirar partido da tua formosa letra?...

— Ah! disse Popelin, que pareceu entristecer-se com aquellas palavras; não me falle nisso, patrão!... O officio está perdido!... até as costureiras já escrevem soffrivelmente! Eu era amanuense público... e ainda tenho um estabelecimentosinho defronte da porta de Santo Eustaquio... mas freguezes... esses, foram-se!

O *Gelozia* tornára-se decididamente mais communicativo. A primeira palavra custára-lhe muito a pronunciar, a segunda um pouco menos, as outras passaram sem esfôrço.

Desta vez viu-se o sr. Chose obrigado a interrompe-lo:

— Pobre rapaz! disse, tens saudades daquella tua bôa cadeira de couro, e, emfim, de todas aquellas tuas commodidades d'outro tempo.

Popelin, por um movimento involuntario, arredou-se do seu companheiro, e poz-se a olhar para elle com desconfiança, por baixo da pala verde.

— Patrão, eu estimava-o muito; vivia bem em sua

casa... mas não tenho saudades d'esse tempo... porque me préso de homem de bem!

Apezar do seu exterior pobrissimo, e ao mesmo tempo ridiculo, o *Gelozia* pronunciára com sentimento de verdadeira dignidade estas últimas palavras.

— Bem sei; Popelin, bem sei; se eu tivesse seguido os teus conselhos, não verias o meu nome nos jornaes... e por eu saber que és homem honrado, é que tinha tanto desejo de te encontrar!... Peço-te um agasalho na tua loja por esta noite.

— Em pé, talvez lá caibam duas pessoas, mas deitadas...

— Nós não nos deitâmos, Popelin.

— Eu não posso perder noites.

— Mas has-de perder esta, para ganhar dez luizes.

Popelin arredou-se de novo, como para examinar a cara do sr. Chose.

— Duzentos francos pelo trabalho de uma noite!

— Sim, duzentos francos, Popelin!

— Eu... eu... sou um homem honrado, balbuciou o amanuense público, sentido de ter de rejeitar tão bôa pechinxa.

— És homem honrado; hei-de apregoa-lo por toda a parte!... fiel como aço, calado como uma pedra. Entre mil havia de escolher-te a ti!

— Sim, patrão... fico-lhe muito obrigado... mas se é de alguma assignatura que se trata...

— Qual historia! quero apenas que tu me escrevas um testamento, e que recebas um depósito, mais nada!

— Ah!... mas eu não tenho os requisitos da lei?...

— É o mesmo! constituo-te meu notario! e podes estar descançado; o testamento a que me refiro, não ha-de peccar por vicio de fórma...

(Continúa.)

POESIA.

N'um album.

(DA EX.ma SR.a ....)

NA fronte do nobre, valente soldado
Coberta dos loiros, que ceifa o valor,
Faltava uma rosa colhida no prado,
No prado formoso das rosas d'amor.

Faltava, não falta; na c'rôa virente
Lá vejo entre-aberto virgineo botão,
Que ao viço das palmas da espada valente
Dá novo realce na doce união.

Feliz o guerreiro, que soube colhe-la!
Ditosa a florinha que a espada lhe ornou!
Ditosa mil vezes, que a rosa tão bella,
Córada entre os loiros, mais bella ficou.

E fostes, senhora, vós fostes a rosa
Que altivo o soldado valente colheu...
Felizes, contentes, na terra espinhosa
Não tendes um ermo, surri-vos um céu!

À sombra da glória, n'um mar de ventura,
Tranquillos, ufanos, risonhos correis;
Que estrella mais bella, que dita mais pura
Desfructam nos paços princezas ou reis?

Volvestes os olhos... que viste? — uma espada
Vencida, humilhada cair-vos aos pés,
Espada de tantas victorias c'roada
Que a todos honravam colhidas por dez!

Soltastes um riso... que vistes? — vencido
Quem antes vencido não foi por ninguem,
Prostrado de fraco, por terra caído
Quem nunca tremêra d'obuses aos cem.

Victoria, victoria d'um preço infinito!
Que immensos triumphos, senhora, não val!
Victoria, conquista d'um nome bemdito
Coberto das glórias da terra natal!

Ditosa, senhora, mil vezes ditosa
A flor que o soldado valente ceifou,
Ditoso o soldado, que as graças da rosa,
Que os mimos só della soberbo logrou!

Feliz do guerreiro que o pó da batalha
Já tem quem na fronte lhe possa limpar,
Quem possa entre nuvens de fera metralha
As vozes d'um anjo fazer-lhe escutar!

Ditoso, ditoso, que a dextra do forte
Tambem outra dextra precisa cingir,
Casada até hoje co' o ferro da morte,
Cançada da glória, deseja sentir!

Ditosa, ditoso... n'um mar de ventura
Tranquillos, ufanos, risonhos correi,
Que eu victima triste da sorte mais dura
Não posso cantar-vos — saudar-vos mal sei!

Agosto 1 de 1849.

A. LIMA.

REVISTA DOS ESPECTACULOS.

TIVEMOS *I Due Foscari* em S. Carlos, na quarta-feira 14 do corrente. A musica é simples e severa, como a tragedia de Byron. É uma das peças mais philosophicas que Verdi tem escripto.

I Due Foscari já é conhecida no repertorio do theatro, mas desta vez a execução artistica foi muito superior.

A sr.a Gresti (Lucrecia Contarini) cantou, com bastante felicidade, a interessante parte que lhe coube; e se mostrasse maior fôrça de sentimento, e mais íntima commoção em certos trechos, como, por exemplo, na aria do 3.° acto — *Più non vive!... l'innocente* — estamos certos, que deixaria completamente satisfeitos, ainda os mais exigentes.

A maneira porque o sr. Baldanza (Jacopo Foscari) desempenhou o seu papel, foi o mais completo desmen-

tido ao parecer daquelles, que negam ao dito senhor os principaes dotes artisticos. Na sua aria do 1.º acto, e, sôbre tudo, na scena do carcere — *Non maledirmi, o prode* — nada deixou a desejar.

¿O que diremos do sr. Fiori? — Que como actor, e como cantor, foi, na parte do Doge, superior a todo o elogio. Com que mimo cantou o bello romance

O vechio cor, che batti!

Com que sublime intelligencia, na sua aria final, nos faz vibrar as cordas d'alma, quando exprime os sentimentos de mágua, despreso e despeito, que o assoberbam, ao ver-se victima do odio e intriga, que lhe roubam o filho e o throno! E no dueto com a sr.ª Gresti, como elle nos mostra ao vivo a dôr de um pae, que apezar de ser senhor d'um throno, não póde reclamar justiça, nem pedir perdão para seu filho, triste victima de um êrro! O sr. Fiori no *Macbeth*, é admiravel; mas nos *Due Foscari*, parece-nos que não póde ser excedido.

O sr. Celestino (Loredano) houve-se perfeitamente. Este nosso compatriota tem bôas disposições artisticas, conhece a scena, applica-se, e não deve haver receio de lhe confiar alguns papeis mais importantes.

Os coros foram geralmente bem desempenhados; assim como tambem foi excellente o quarteto final do 2.º acto, entre a sr.ª Gresti, Fiori, Baldanza e Celestino.

Folgâmos de ter occasião de tributar justos louvores ao merito dos differentes artistas que mencionámos; e commetteriamos uma omissão imperdoavel se não dirigissemos tambem ao sr. Schira os merecidos encomios pelo bem ensaiado da opera.

O sr. Apparicio, por doença do sr. Baldanza, tem ultimamente substituido este no *Macbeth*. Ouvimos?!... não dizemos bem: — vimos aquelle senhor na citada opera; e por ora, nada mais diremos aos nossos leitores, senão que (segundo affirmam os cartazes) o sr. Antonio Apparicio é 1.º *tenor comprimario do theatro de S. Carlos!!!*

Ensaia-se a opera *Norma*, que será desempenhada pela sr.ª Gresti, Persoli, Benedetti, Baldanza e Bruni.

A empreza faria muito melhor em nos dar outra peça em logar desta, que além de ter sido cantada por differentes vezes em S. Carlos por artistas de grande merito; tem tambem contra si a desvantagem de ser já muito ouvida.

Na segunda-feira teve logar o *último* concerto e beneficio do sr. Kontski (segundo disseram os annuncios); o theatro esteve bastante concorrido, e tanto o beneficiado, como o sr. Daddi, que com elle tocou um dueto sôbre motivos da *Norma*, foram applaudidos.

Na terça-feira foi á scena, pela primeira vez, no theatro de D. Fernando, o *Castello de Montlouvier*, drama om 5 actos, de Rosier, traduzido pelo sr. J. B. Ferreira. Agradou muito. A epocha é a do reinado de Carlos VII.

Personagens e artistas: — Guilherme de Flavy, capitão dos exércitos d'el-rei, e governador de Compiagne — *Macedo;* D'Orbendas, seu barbeiro — *Vianna;* Melchior, criado de Flavy — *Nicola;* Bruno, criado D'Orbendas — *Rodrigues;* Martigney, official francez — *Vieira;* um enviado — *Fernandes;* um cavalheiro — *Cruz;* um sicario — *Feliciano;* a viscondessa — *Emilia das Neves e Sousa;* Maria, menina de 16 annos — *Maria Amalia;* Martha, mulher de 40 annos — *Ludovina;* a abbadeça de Santa Thereza — *Anna Cardoso;* uma senhora da abbadia — *Maria Candida;* officiaes francezes, gentis-homens da casa de Flavy, etc.

Bruto sólta Cezar é uma comedia engraçada.

NOTICIAS SCIENTIFICAS E INDUSTRIAES.

Exposição dos productos da industria nacional.

Na enumeração dos objectos expostos, seguimos a ordem dos nossos apontamentos. Terminada esta revista da Exposição, reuniremos os elementos que nos fornecerem, classificaremós os objectos expostos, e começaremos uma pequena serie de artigos, sobre o estado das artes e das manufacturas em Portugal. Com a Exposição de 1849 começou uma nova era para a nossa industria. A Sociedade Promotora tem vida, os artistas trabalham com enthusiasmo, e a imprensa, comprehendendo emfim a sua missão, dá uma lição severa aos governos, que, desprezando as mais altas questões de administração, só tractam desse mexerico miseravel, a que elles chamam politica.

Vimos com muita satisfação as obras de cotelaria, que expoz o sr. Antonio Polycarpo. As navalhas, as facas, as tesouras, os instrumentos de cirurgia, merecem os louvores de todos os que examinaram com interesse aquelles productos da nossa industria.

Os pentes de marfim e tartaruga, e outras obras de penteeiro e de torneiro, que apresentou o sr. Francisco Baptista Móra, são bem acabadas, e acreditam o seu estabelecimento. D'este genero temos outras fabricas bem estabelecidas, que não mandaram productos para a Exposição. Como se explica esta repugnancia dos nossos artistas?

O fabríco dos chapéus tem progredido em poucos annos. Neste ramo a Exposição actual é muito superior á de 1844. Os chapéus das fabricas dos srs. Sotero (aos Martyres), Roxo (rua de S. José n.º 170), Hirsch (largo das Duas Igrejas), e Charles (idem), são excellentes.

O sr. A. J. S., com fabrica de chapéus de sol, e obras de torneiro, na rua nova do Almada n.ºs 72 e 73, expoz uma bella collecção de chapéus, de qualidades e dimensões diversas.

As encadernações do sr. Portugal não são muito más. As do sr. Martins distinguem-se pelo mal acabado, e pelo máu gôsto. A nossa industria neste ramo não póde ser representada por aquellas obras. Temos em Lisboa quem faça encadernações, que se pódem collocar, sem receio, a par das melhores encadernações estrangeiras.

Ao pé das encadernações estão alguns frascos de chumbo de caça que parece bom. Mais adiante acha-se uma collecção de botões de diversas qualidades, fabricados em Lisboa. São bem feitos.

O torno fabricado na fabrica Phenix é solido e bem acabado. Tem, sobre os outros, a vantagem de podér servir para tornear, com perfeição, diversas qualidades de roscas, o que se consegue com elle, porque tem um systema de rodas dentadas ao lado da arvore do torno. Da fabrica Phenix veiu tambem, por intervenção da empreza do *Industriador*, uma charrua, que é tão bôa como as charruas inglezas. Na Exposição ha poucos instrumentos agricolas, o que é muito para sentir, visto que os mais modernos já são fabricados em Portugal.

O torno, que mandou o sr. Manoel Coelho Lobão, não tem nenhuma qualidade porque se torne recommendavel. É um torno de curioso, demasiadamente grosseiro para obras delicadas, e muito improprio para tornear objectos de maiores dimenções. A innovação, que ha na *marcha*, não tem nenhuma vantagem, porque torna a construcção mais complicada, sem que por isso fique o trabalho mais facil. O que ha de bem acabado neste torno é o banco. Tal como é, dizem que só deve, ao sr. Lobão, os cuidados da limpeza, e as honras da Exposição. Sentiremos muito que o boato seja verdadeiro, e, crendo que o não é, escrevemos esta linhas para que o sr. Lobão, respondendo a ellas, destrua os effeitos do que póde ser, e provavelmente é, uma calumnia.

O salvador d'incendios, inventado pelo sr. José Verissimo Maximo da Cruz, primeiro tenente da armada, parece-nos bom á primeira vista. N'outro logar fallaremos d'elle, collocando o desenho, se fôr possivel, ao pé da descripção.

A machina electrico-magnetica do sr. José Mauricio Vieira, preparador de physica da escóla polytechnica. é a primeira que apparece d'este genero, fabricada em Portugal. Não sendo muito forte, porque o iman o não é, tem comtudo a necessaria força para os usos ordinarios, decompõe a agua, e serve como as de Clark. Na machina do sr. Vieira, em logar da capsula de mercurio, ha uma móla que satisfaz aos mesmos fins, e não tem o inconveniente, que sempre se nota, do disperdicio de mercurio, e do estrago que provém da acção d'este corpo sobre as peças metallicas, de que a machina se compõe. O sr. José Mauricio é um dos discipulos que fazem honra ao genio artistico de Gaspar José Marques.

O sr. Joaquim Anthero Vieira expoz um modêlo de machinas de vapór, que funcciona bem, apezar de ser executada em ponto muito pequeno. É um trabalho digno de elogio.

A mesa feita pelo sr Francisco Moreira Vidal, com loja na rua nova do Almada, é muito bonita, e está perfeitamente acabada.

O sr. Ignacio Caetano, de quem já fallámos no n.º 35 desta *Revista*, mandou os seguintes objectos para a Exposição:

Uma mesa de meio de sala, que foi entalhada em madeira de cedro e nogueira, depois gessada, e insculpida no gesso, para receber o dourado.

Uma cadeira de braços no gôsto do ornato da mesa, dourada pelo mesmo processo.

Um tremó e uma cadeira, com ornatos no gôsto do tempo de Luiz XIV, ambos entalhados em cedro e nogueira, e dourados pelo mesmo systema.

Um baixo relevo, feito em madeira d'espeque, que representa um camarim do palacio, que o infante D. Henrique mandou construir em Sagres, no Algarve, onde se estabeleceu no anno de 1438 a famosa eschola de cosmographia, o observatorio astronomico, e as officinas de construcção naval. No camarim, que o baixo-relevo representa, está o infante despedindo-se de João Gonçalves Zarco, e de Tristão Vaz Teixeira, que vão buscar novas terras em novos climas. Pelas duas janellas que tem o camarim no alto da parede, observam-se no mar duas galés.

Este baixo-relevo está em uma moldura tambem de espeque, toda lavrada no gôsto de seculo XVI.

O exame d'este baixo-relevo traz á nossa memoria um facto, que não deixa de ser curioso. Em 24 de março de 1844 pediu o sr. abbade de Castro a S. M. a Rainha, que houvesse por bem mandar inaugurar uma estatua ao sr. infante D. Henrique. Em 13 de maio do mesmo anno foi nomeada uma commissão para se levar a effeito este patriotico pedido, e por portaria de 7 de fevereiro de 1845, expedida pelo ministerio da marinha, S. M. a Rainha houve por bem approvar o parecer da commissão, e ordenou que a estatua do infante D. Henrique fôsse collocada na praça de Belem (hoje de D. Fernando). Depois d'isto já passaram cinco annos — e as ordens de S. M. ainda não foram cumpridas.....

(Continúa.)

Exposição universal.

No anno de 1851 ha-de haver na Inglaterra uma *Exposição*, a que todas as nações devem concorrer. Esta Exposição comprehenderá quatro classes d'objectos: as materias brutas; as machinas e as invenções mechanicas; os productos de manufacturas; a esculptura e a arte plastica em geral. Uma commissão real, presidida pelo principe Alberto, dirigirá a Exposição, escolherá o jury, e disporá dos premios. Haverá um premio de 2:000 libras sterlinas, e quatro de 1:000 libras. As medalhas, em cada uma das quatro secções da Exposição, serão distribuidas pela rainha.

A Sociedade das artes vae levantar fundos para o estabelecimento permanente desta Exposição.

A SEGUNDA camara de Berlin approvou, na sessão de 18 do passado, um projecto de lei, pelo qual se determina que os artistas, para exercerem qualquer profissão, sejam examinados por uma commissão propria, e inscriptos nas respectivas corporações. A commissão está encarregada d'organisar um projecto de lei ácêrca da industria do paiz.

Telegraphia electrica.

Os proprietarios do *New-York Sun* tem o prazer de annunciar aos seus leitores, e ao público em geral, que conseguiram finalmente ultimar as negociações pendentes ha algum tempo para a construcção immediata de novas linhas telegraphicas electricas entre New-York, Boston, Washington e todos os logares intermedios, com o fim de transmittir noticias exclusivamente para esta folha. O remate ou termo destas linhas, nesta ci-

dade, será no edificio do *Sun*, e o instrumento estará collocado no gabinete do *Sun*, ficando assim habilitados os nossos redactores para a todas as horas, e *debaixo do nosso proprio tecto*, communicarem immediatamente com todas as cidades por onde passam as linhas, e apresentarem aos nossos leitores *as últimas noticias*, sem a excessiva despeza, trabalhos e vexações a que hoje estamos constantemente sujeitos.

O custo desta empreza, segundo o orçamento feito, não descerá muito de *cento vinte e cinco mil pésos* (duzentos e cincoenta contos!). Parece ser uma somma grande para um jornal de dois vintens, e só para o fim de trazer noticias ás suas columnas; temos, porém, a convicção de que ulteriormente será amplamente compensada esta despeza. Até hoje ainda não foi de mais nenhum dos desembolços que temos feito. *Milhares e milhares de pésos* temos gasto em proprios por terra e mar, e nenhum meio possivel temos poupado para satisfazer a nossos leitores, dando-lhes noticias que só o *Sun* podia ter. Todos os nossos esforços foram devidamente apreciadas pelo público, e o *New-York Sun* attingiu a uma circulação sem exemplo nos annaes do jornalismo. Tirando um número de exemplares maior do que todas as edições juntas dos outros jornaes da manhã desta cidade, e augmentando todos os dias esse número, já era tempo de fazer justiça aos nossos assignantes e a nós mesmos, tornando o telegrapho electrico parte do nosso estabelecimento. É o que fizemos; e dentro de tres mezes poderemos apresentar aos nossos duzentos mil leitores as últimas noticias de todas as partes do mundo, trazidas pela electricidade ao nosso gabinete editorial. *(Sun.)*

Terra cultivada em diversos paizes.

Na Belgica, de 100 partes de terra,	48 estão cultivadas.
Na Dinamarca, idem	40 idem.
Na Prussia, idem	40 idem.
Na Italia, idem	30 idem.
Em Portugal, idem	30 idem.
Na Allemanha, idem	27 idem.
Na Hespanha, idem	27 idem.
Na Suissa, idem	25 idem.
Na Hollanda, idem	20 idem.
Na Austria, idem	20 idem.
Na Russia, idem	19 idem.
Na Polonia, idem	19 idem.
Na Suecia, idem	14 idem.
Na Noruega, idem	14 idem.
Nos outros païzes — menos.	

Exposição philantropica.

Logo que finde a Exposição da Industria Nacional, se abrirá de novo por mais quatro dias, pagando cada concurrente 40 réis de entrada, que serão applicados em beneficio do Asylo de Mendicidade, e casas d'asylo da infancia desvalida. Algumas senhoras da alta sociedade se encarregarão da cobrança desta collecta, e sabemos que durante as horas da exposição, bandas militares de differentes corpos tocarão escolhidas peças de musica, para tornar mais agradavel a visita á Exposição.

Nos quatro dias, 25, 26, 27 e 28 do corrente mez, todas as pessoas que visitarem a Exposição receberão um bilhete, que dará direito aos premios de uma muito variada loteria, cuja extracção terá logar no dia 28, último da Exposição, ás 3 horas da tarde.

Curso de physica e chimica.

EM BENEFICIO DAS IRMÃS DA CARIDADE E DE UM ASYLO DE INFANCIA.

Na segunda-feira 26 do corrente, ás 2 horas da tarde, terá logar a 5.ª lição d'este interessante curso — na rua Formosa, n.º 20. = Preço de cada lição — 480; por tres lições — 1$200 réis.

BIBLIOGRAPHIA.

Os Mysterios da Torre de S. João

OU

OS CAVALLEIROS DO TEMPLO.

Este excellente romance, composto por *Lewis*, e que se vae agora traduzir do francez, é o melhor de quantos se tem escripto sôbre os templarios. A extincção desta ordem, a quem os reis e o papa declararam guerra d'exterminio, vem desenhada com toda a naturalidade e bom gôsto. O romance de *Ivanhoé*, por Walter Scott, foi um dos que mais largamente tratou dos enredos, crimes e perversidades desta associação gigantesca que fez estremecer os reis; porém, *Os Mysterios da Torre de S. João*, escriptos d'uma maneira que arrebata o leitor, tratam da sua destruição e da perseguição cruel que lhes moveu Filippe o Bello. — Lido uma vez o primeiro volume, asseverâmos que ninguem deixará de querer saber o desenredo, pela engenhosa maneira com que é traçado. — Publicar-se-ha uma folha por semana, contendo 16 paginas em 8.º portuguez, bom typo, e excellente papel. Cada volume será ornado d'uma estampa primorosamente desenhada. Preço 20 réis a folha, e 40 réis cada estampa, pagos no acto da recepção nas lojas do costume.

Almanak Familiar para 1850.

Saiu á luz este Almanak, redigido pelo sr. P.º Vicente Ferreira. É um livrinho interessante, que merece a protecção do publico. Vende-se em todas as lojas do costume por 100 réis.

Almanak Popular para 1850.

Este Almanak, que publicámos em setembro do corrente anno, contém, além do calendario, com indicação dos jejuns, novenas etc., muitos artigos de interesse geral, e dados statisticos de muita importancia. Vende-se na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8. — Preço 160 réis.

CHARADA.

Conta, — 1
Mez, — 2
Nas damas
Me vês.



Kant.

A philosophia critica, fundada nos principios da sciencia, nas grandes descobertas da physica e da astronomia, deve ao genio de Kant a maior parte das suas conquistas.

Manoel Kant nasceu em Koenigsberg a 22 de abril de 1724. Filho d'um pobre artista recebeu os principios da sua educação no collegio do Dr. Schulze. Ligado desde creança com Rünken, que foi depois um dos mais celebres professores de Leyde, estudava com elle os classicos, e adquiria os elementos substanciaes d'uma profunda instrucção. Aos dezeseis annos entrou na universidade, e pouco depois, animado pela leitura dos principios de Newton, publicou a sua *theoria da electricidade*.

Aos vinte e um annos saiu da universidade. Só, sem apoio, teve de luctar com a indigencia. Orgulhoso, como todos os homens de genio, não querendo dever nada ao favor dos outros, procurou a subsistencia empregando os recursos do seu engenho. Naquelle tempo, como hoje, era difficil, com estes recursos, conquistar uma posição social; mas Kant não tinha só o talento e o saber, tinha tambem pertinacia para luctar, para destruir as difficuldades, para combater esta eterna reacção da materia contra o espirito, espectaculo que se repete em todos os seculos, ainda mesmo neste em que estamos, apezar de tudo quanto se diz do progresso.

Kant começou a dar lições e a ganhar creditos. Aos trinta annos publicou um opusculo intitulado *Historia natural do céu, ou mechanica celeste*, que foi recebido com enthusiasmo no mundo scientifico. Apezar d'isto, a sua posição social era ainda precaria. Requereu o logar de professor n'uma eschola de latim em Koenigsberg; mas foi supplantado por um desconhecido a quem as protecções ajudaram, como ajudam hoje, e hão-de sempre ajudar as nullidades. Kant não perdeu a coragem, acceitou os meios que um amigo seu lhe offerecia, e formou-se em philosophia, apresentando por essa occasião uma these notavel, com o titulo de *Principiorum primorum cognitionis metaphysicæ delucidatio*.

Em 1766 foi nomeado sub-bibliothecario em Koenigsberg. Pouco depois publicou a *Antropologia* e os *Tres Criticos*, obra admiravel pela elevação do pensamento, pelo rigor da logica, e pela elegancia do estylo.

Professor exacto e consciencioso, era exemplar e regularissimo no cumprimento dos seus deveres. As suas lições, que versavam sôbre a logica, a metaphysica, a moral, a geographia, a physica, etc., expostas com clareza e eloquencia, eram escutadas attentamente por muitos ouvintes. Em 1794 acabou as suas lições particulares, e começou as lições públicas, que duraram até 1797.

Pensador profundo, sabio d'admiravel modestia, e cidadão honrado, mereceu a amisade dos bons, e a inveja dos máus. Morreu em 1803, depois de ter aberto a estrada que os philosophos allemães tem seguido depois no estudo da natureza.

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Alguns apontamentos relativos ao estado spheroidal dos corpos; prova do fogo; o homem incombustivel etc., etc.

POR MR. BOUTIGNY.

(Relatorio lido na academia das sciencias de Paris.)

Como a religião de Zoroastro soffresse numerosas defecções, pelo seculo III da nossa era, convocou-se um concilio de magos para propôr os meios de remoçar a fé vacillante dos sectarios. O que ahi se fez nenhum interesse tem para nós. Diremos sómente que oitenta mil dos dissidentes se conservaram indifferentes, ou persistiram na sua incredulidade.

No anno 241 Sapor ou Chapour ordenou aos magos que fizessem quanto estivesse ao seu alcance para os persuadir, e reduzir á fé dos seus antepassados. Foi então que um dos sacerdotes do culto dominante, por nome *Adurabad Mabrasphand*, se sujeitou á prova do fogo... «Propoz que se derramasse sobre o seu corpo, a nú, dezoito libras de cobre fundido, ao saír da fornalha, ardente, com a condição que, se não ficasse ferido, os incredulos se renderiam a tão grande prodigio.» Diz-se que se procedeu á prova do fogo, com tal resultado que todos se converteram.

O historiador accrescenta, com ar de dúvida, aliàs bem cabida em similhante materia: «Já se vê que a religião de Zoroastro tem tambem os seus milagres, e as suas lendas. [1]»

Ora aquella prova do fogo a que *Adurabad Mabrasphand* se sujeitou, é apenas uma experiencia extremamente facil e simples, que será tudo, menos milagrosa.

Demorar-me-hei aqui um momento, porque me parece que vejo apontar o sorriso da incredulidade aos labios daquelles que fazem a honra de me ouvir; este sorriso desalenta o homem que não é sincero; mas reanima o ardôr daquelle que não pretende enganar ninguem, e faz todos os esforços possiveis por se não enganar a si mesmo. Tenham a bondade de permittir-me que os socegue; o pouco que tenho a referir é inverosimil, mas verdadeiro, e basta. Posto isto, continúo.

Sabe-se que os sectarios de Zoroastro adoravam o fogo, que consideravam como principio de todas as cousas.

É áquelle philosopho que se attribue a judiciosa maxima: na dúvida abstem-te.

Zoroastro, segundo muitos pensadores, é um dos maiores moralistas da antiguidade. Segundo Voltaire, é apenas um charlatão que faria triste figura «em presença dos philosophos menos profundos dos nossos dias, que não são os menos sensatos, diz elle. [2]»

Mas o philosopho francez cita, a proposito de Zoroastro, um facto que referirei aqui, porque tem relação intima com o objecto que me proponho. «O principe dos magos mandou conduzir á sua presença o menino (Zoroastro), e quiz esquarteja-lo, mas a mão seccou-lhe immediatamente. *Lançaram-o ao fogo, que, para elle, se converteu em agoa de rozas.* [1]»

Como é facil de se suppôr, o illustre ecceptica considera este facto como archi-fabuloso. Eu, porém, prestando o devido acatamento á sua memoria, considero-o senão como verdadeiro, ao menos como verosimil e possivel. Refiro-me unicamente ao fogo.

Em França, na Italia, em Inglaterra, sempre que tenho tido occasião de fallar dos corpos no estado spheroïdal, encontrei pessoas que me fizessem a seguinte pergunta: Não haverá alguma relação entre estes phenomenos e o que apresentam os operarios, que correm descalços por cima das gotteiras, ainda incandescentes do metal em fusão que por ellas passou, e que mettem a mão no chumbo fundidò, etc.? Respondi a todos: Sim, creio que ha uma relação intima entre esses factos e o estado spheroïdal. Depois, fazia-lhes eu tambem esta pergunta. Já tendes visto o que me referis? E a resposta era invariavelmente negativa.

Confesso que estes *dizem*, e os casos maravilhosos que lêra em diversas obras sobre a próva do fogo, e os homens incombustiveis, acreditados sem reserva por uns, negados obstinadamente por outros, haviam profundamente excitado a minha curiosidade, e feito nascer em mim o ardente desejo de verificar todos aquelles phenomenos, e recorda-los á memoria dos contemporaneos, porque tudo isto é tão antigo como o mundo. *Nil sub sole novum.*

(Continúa.)

[1] Diccionario historico e bibliographico, tomo XXVII, pagina 417.
[2] Diccionario philosophico, tomo XIV, pagina 180.

[1] Diccionario philosophico, tomo XIV, pagina 179.

ROMANCE.

Peccadora.

Se ha hi alguem isempto de peccado, que lhe atire a primeira pedra.

IX.

EM CASO DE DESGRAÇA.

Popelin (Gustavo Adolpho) nascêra em Santo Omer, pelos annos de 1760. Ainda muito moço haviam-n'o empregado no escriptorio de um tabellião, na qualidade de praticante. Dez annos fôra praticante, doze escrevente de notario, quinze escrevente ou caixeiro de negociante, e cinco amanuense público.

O Popelin, nestas diversas occupações, seccára, emagrecêra, fossilisára-se a ponto, que podia viver cincoenta annos mais, sem que se lhe notasse differença consideravel.

De resto era bom homem, quando a sua curta intelligencia lhe permittia distinguir o bem do mal.

Como quasi todas as victimas da rotina e da fórma, o Popelin era exaggeradamente fiel ao que uma vez promettia, e calado como um mudo do serralho.

Homem como este, é que convinha ao sr. Chose.

O Popelin sabía pequena parte dos seus segredos, e a virtude do pobre homem, sufficiente para o preservar do crime, não chegava ao ponto de repellir o criminoso. Severo comsigo, poucas vezes se mettia em julgar os outros.

Ganhava muito pouco, e era apaixonado da *Estrella* e do café. Offereciam-lhe dez luizes — quatrocentas e cincoenta meias chavenas, e outros tantos números da *Estrella!*

Para ganhar dez luizes não era elle capaz de fazer cousa que a lei reprovasse formalmente, mas é que a sua intelligencia moral pouca luz lhe derramava na consciencia acanhada. E depois o Popelin pensava tão raras vezes!

Entretanto como conhecia o sr. Chose conservava-se receoso e álerta.

Popelin morava n'uma lojasinha pegada a umas paredes velhas, e em frente da porta principal da egreja de Santo Eustaquio. Já alguem tinha visto tres pessoas na loja de Popelin; mas estes haviam de ter suado para entrar. O certo é que dois homens não cabiam lá muito á sua vontade!

A mobilia consistia em tres taboas estendidas em cima de dois cavalletes. Era a sua mesa. Dois moxos, e um colxão. Á noite estendia o colxão em cima da mesa, que lhe servia de leito, o que prova evidentemente que o sr. Popelin gosava de tantas commodidades como póde gosar um cafre, ou um esquimáu.

Quando o provinciano e elle chegaram a Santo Eustaquio, o pobre escrevente apontou para a sua lojasita, e disse:

— Ahi está; não é grande, não!...

— É excellente, meu amigo... e sabes que mais, a posição não podia ser mais bem escolhida; é bonito sitio!

Popelin sorriu modestamente, e respondeu:

— A egreja, d'este lado, se entende, não é feia. Do outro mette medo, de escura que é...

O pobre homem era talhado para admirar o modesto e branco portal com as suas columnas pagãs, e triangulo isosceles do seu pequeno frontão. O resto do edificio, essa arrojada e extravagante maravilha do estylo catholico, não prestava, na opinião do Popelin, mettia medo, de escura...

— Emfim, eu cá me vou remediando, continuou; se fôsse mercieiro, ou estanqueiro, havia de ter uma casa melhor do que esta.

— Deixa estar, *rapaz*, deixa estar! disse o sr. Chose; ando a imaginar um negocio... se me sair bem, estabeleço-te uma loja de mercieria...

— Se eu fôsse mercieiro! exclamou o *Gelozia* com voz trémula, e endireitando-se de orgulho; mercieiro... oh! então assignava para a *Estrella!*

— Fazias bem, homem; anda lá, abre a baiúca.

Popelin inclinou a cabeça. Aquella palavra *baiúca* fizera o effeito de uma tijella de agua gelada caindo de chofre sôbre a sua esperança enthusiastica.

O estabelecimento, que elle imaginára, com portas para duas ruas, muitos barris de manteiga, saccas de feijão, queijos framengos, etc., tudo desappareceu como um sonho. Abriu a porta da casita, e recolheu-se para entrar o sr. Chose.

Este sentou-se em um dos moxos. Depois de se accender o candieiro, o sr. Chose tirou da algibeira a volumosa carteira nossa conhecida, escolheu um papel dobrado em fórma de carta, e perguntou para o Popelin:

— Estás prompto?

O *Gelozia* aparava a penna com uma tal ou qual hesitação.

— Patrão, disse a final, bem sabe que eu não lhe quero mal... não quero mal a ninguem; mas, como veio... creio que me intende?... como veio, digo... sempre era bom... desejava saber ao certo aquillo de que se trata.

— É a tua mania, Popelin! exclamou o sr. Chose; se ella não fôsse, eras um homem perfeito... Não comprehender o que se te dicta, ainda vá; mas não perceberes o que se te diz... é demais. Olha, o programma do que tens a fazer é este: — tens que copiar esta carta... has-de escrever um duplicado do meu testamento, em quanto eu vou minutando o original. Depois conservarás em deposito estes originaes, isto é, o original da carta e o do meu testamento.

— Fico sciente! murmurou o *Gelozia*.

— Mas percebeste-me?

— Nem por isso.

O provinciano repetiu-lhe duas ou tres vezes, com a maior paciencia, o que elle chamava o seu programma. Á terceira vez acudiu o Popelin:

— Basta, basta, patrão! eu não sou ahi nenhum pateta, para me repetirem o mesmo recado quatro vezes! Não é mais nada?

— Ainda has-de tomar de cór umas instrucções, que te hei-de deixar escriptas.

— De cór, repetiu o *Gelozia;* isso agora é mais serio; demais, não sou muito forte em decorar!

— São pequenas as instrucções... e depois veremos como isso ha-de ser; agora toca a trabalhar.

O sr. Chose apresentou-lhe a carta que tirára da carteira, e o Popelin copiou:

«Meu querido senhor:

«Tómo a liberdade de lhe enviar, por mão de pessoa segura, e dedicada á causa que servimos, os cunhos em que temos conversado. Espero que lhes dará, com urgencia, o uso que convem ao nosso fim.

«Acredite que sou, etc.

Barão Armando d'Osser.»

Durante esta operação coordenava o sr. Chose as suas idéas.

— Barão d'Osser... disse Popelin, não conheço... ponto final... está prompto, patrão.

O sr. Chose, agarrou em um caderno de papel, e molhou, por sua vez, a penna na tinta.

— Bem, replicou — agora nós ambos; com attenção... que é o meu testamento. Escreve:

«Nada possuo neste mundo, nem legalmente posso possuir; porque a justiça humana, com razão ou sem ella, condemnou-me a morte civil...»

— Isso é que não admitte dúvida! acudiu o *Gelozia;* e sendo assim, que diacho quer testar?

O provinciano fez um gesto de impaciencia:

— Continúa.

«Consequentemente, não julguei dar a este papel, que *é o meu testamento* (sublinha, Popelin) a fórma usa-

da e sacramental. Mas nem por isso deixa de ser a expressão da minha última vontade, e, para um christão, terá a fôrça de um acto feito a sangue-frio, reflectidamente, e em presença da morte...»

— Dar-se-ha caso que queira suicidar-se, patrão? tornou Popelin.

— Talvez, respondeu o sr. Chose; não te dê cuidado isso.

Popelin ergueu a pala verde para o ver melhor.

— Se se matar hei-de sabê-lo pela *Estrella*.

O provinciano continuou a dictar:

«... Em presença da morte, sim; porque á hora em que isto escrevo, a minha vida é ameaçada.

«Além d'isto estou á mercê de uma mulher, que sabe o meu segredo, e que póde, com uma só palavra, abrir novamente para mim as portas da prisão.

«Essa mulher tem grande interesse em me perder...»

— Agora principia á linha, Popelin, disse o provinciano, cessando o dictado — faze a melhor letra que poderes... O meu testamento é a minha historia... e a minha historia é um romance...

— Nunca li romances, disse o Popelin.

— Attenção!...

«Meu pae era tabellião em Gravelines, e ganhava honradamente a sua vida, sem se lhe dar muito do futuro. Nascêra de paes pouco abastados; a sua mocidade fôra pobre e laboriosa: Dizia: — Meu filho ha-de ser como eu. Os que não tem rendas, estão a abrigo de banca-rota. Os ricos, esses é que podem perder as suas fortunas... etc.

«Meu pae era muito apaixonado de proverbios.

«Recebi uma educação tal e qual. Meu pae ensinou-me a escrever, e escrevo bem; minha mãe, que era uma santa mulher, forcejou por me fazer bom. — Se eu fôsse rico, valeria tanto como outro, porque cada uma das más acções que praticava tinha um fim util: e que me lembre nunca fiz mal gratuitamente.

«Neste mesmo momento, em que estou forjando uma arma terrivel, que só póde ferir depois da minha morte, tenho a consciencia que me não excita um sentimento vão de vingança. Despréso a vingança; porque de nada serve em these; e muito mais depois da morte. O homem que se deixa arrastar por similhante sentimento é tão louco como o heroe namorado da sua glória, e tão estupido como o usurario, que morre de fome rodeado de ouro...

«O meu fim é outro. A arma que estou forjando é defensiva. Desgraçado daquelle que a arrostar, que lhe atravessará o coração!...

«Preciso de uma salva-guarda; escolho a ameaça. A ameaça, para valer alguma cousa, deve esconder a sua fôrça — a fôrça que terrifica e paralysa.

«Assim entendo o meu testamento, por um lado, e a carta pelo outro.

«Se eu morrer — sem ser de morte natural — ou se novamente fôr prêso — são duas victimas que faço.

«Declaro, porém, que não espero desta vingança necessaria a menor consolação, em caso de desgraça...

«Minha mãe queria que eu fôsse um homem de bem. Mas era pobre, e ardia em desejos de enriquecer. Foi o que me perdeu. Desde então considerei o mundo como uma arena em que devia combater, para ganhar a victoria e vestir os despojos do vencido.

«Passei a minha adolescencia no escriptorio de meu pae. Quando elle morreu fiquei sem recursos alguns, e com a obrigação de sustentar minha mãe. Não perdi o ânimo. Trabalhei com alma; e minha mãe morreu feliz, nos meus braços, alimentando a lisongeira idéa de que eu havia de ser homem bonrado e justo, porque fôra bom filho.

«Parecia ter razão. A minha reputação de trabalhador e intelligente proporcionou-me a vantagem de haver quem me emprestasse dinheiro a modico juro. Pude estabelecer-me, e fundar em Calais um escriptoriosito, que, com o tempo, veio a attingir uma tal ou qual importancia. Sou um dos raros specimens dessa raça, hoje disimada, dos banqueiros, agentes, que exercem, simultaneamente, e sem caracter algum legal, as funcções de cambista, depositario, advogado e tabellião.

«Era uma profissão rendosa. Em pouco tempo estabeleci bellas relações e grangeei muito credito em todo o departamento. Deveria ter-me contentado com aquella fortuna modesta, e talvez eu o estivesse, porque muitos annos de trabalho tinham-me tornado melhor, se o acaso me não houvesse excitado ambiciosos desejos.

«Era nos primeiros annos do imperio. O excesso de trabalho exercêra sôbre o meu cerebro uma influencia fatal. E o meu facultativo, para reduzir de um golpe uma affecção nervosa, que complicava a minha enfermidade, e que lhe estorvava qualquer medicação efficaz sôbre o cerebro, fez-me tomar, graduando as dóses, consideravel porção de acetato de morphina.

«Salvou-me a vida. Mas, passado um anno, sobreveio-me uma doença exquisita, e de que raros exemplos se deparam nos nossos climas, sendo, segundo dizem, muito commum no Oriente, na China e em todos os paizes em que se abusa do opio...

«Atacaram-me insomnias teimosas, prolongadas, febris. Passaram-se semanas inteiras sem podêr pregar ôlho; mas de repente, um dia, no meio do trabalho, cáio como morto.

«Alguns dias depois, aconteceu-me o mesmo, estando a jantar. Outra vez foi na rua...

«Nenhum signal percursor annunciava então estes fulminantes ataques de lethargia. Era como um ataque apoplectico.

«Parecia que se me desprendia uma mola no cerebro. Destendiam-se os musculos, cerravam-se-me as palpebras, e caía como uma massa inerte, fôsse em que logar fôsse.

«Desde esse tempo são mais seguidos esses ataques; mas agora conheço a sua eminencia; como que os presinto alguns minutos antes .. E desde esse tempo tambem, nunca acabaram as minhas insomnias.

«Gastam-se naquelle accesso de somno todas as minhas faculdades de dormir. Vélo toda a noite, a pé, ou deitado na cama. Os olhos não os posso cerrar senão mui raras vezes, ou quando a lethargia me toma os membros.

«Confesso que esta enfermidade concorre muito para as precauções que vou tomar. A cada instante o acaso póde entregar-me, prêso de pés e mãos, aos meus inimigos. Não posso contar com dez minutos sequer para fugir ou combater. É possivel que alguma vez o esfôrço da minha vontade consiga retardar a crise, mas, na maior parte dos casos, cairei, como fulminado, no chão.

«Um caso d'estes é extraordinario, e creio que justifica o excesso mesmo da prudencia.

«Na lucta que enceto, devo muitas vezes encontrar-me face a face com os meus inimigos—no seu palacio—á sua mercê! É necessario que o seu proprio interesse seja a minha impenetravel couraça, e que, sendo necessario, elles guardem o meu somno...

«Todo o criminoso procura desculpar os seus crimes ou as suas faltas. Eu attribuo toda a minha desgraça a estas fataes insomnias, que afugentaram o repouso do meu leito. Naquellas largas horas de vigilia, o meu cerebro em fogo trabalhava incessantemente, a meu pezar mesmo. Então todas as minhas idéas de ambição e de fortuna me atacavam com espantosa violencia. Imaginava planos gigantescos... sonhava em milhões... e quando a febre me largava, via-me reduzido a um insignificante cambista de provincia, com uns mil francos de renda em perspectiva, depois de vida tão trabalhada.

«Deveria resistir, bem sei. Mas a minha probidade não era natural. Era uma qualidade adquirida, um habito que me haviam ensinado. Era honrado, como se póde ser affavel, ou economico. Estas virtudes facticias não tem base solida...

«Sería larga tarefa a minha se eu tentasse aqui referir todos os *peccadilhos*, os primeiros passos a medo que dei na estrada do crime.

«Tinha uma bella letra. E possuía uma firmeza de traços que nunca observei em ninguem. Um dia tentei imitar uma assignatura. Saí-me bem logo á primeira. Não abusei. Era um recurso. Não se acredite que me arrojei como doudo no crime. O fundo do meu caracter é uma prudencia razoada, que se faz sempre ouvir, e que nunca me faltou com os seus conselhos. Mas no crime ha uma necessidade logica, que nos impelle poderosamente; e a mesma prudencia então nos leva a commetter ainda mais crimes...»

O provinciano parou, porque ouviu a respiração do Popelin, regular e estrondosa como o resonar de quem dorme profundamente. A cabeça do *Gelosia* começára n'um movimento de oscilação periodica, ora recaindo a espaços sôbre o peito, ora erguendo-se de golpe, como em sobresalto. Comtudo a penna continuava a correr sôbre o papel.

O sr. Chose levantou-se e deu volta em roda da mesa, a fim de examinar o trabalho do amanuense.

Este seguíra exactamente o dictado. A escripta continuava direita, firme, irreprehensivel.

—Com effeito! disse o sr. Chose, batendo-lhe no hombro, cuidei que estavas a dormir, homem!

Popelin deu um pulo, e esfregou os olhos por baixo da pala.

—Eu... eu... balbuciou; que me querem?... Ah! é o patrão... Sonhei que estava a tomar o meu café...

—Pois tu estavas a dormir?

—Nada... qual dormir... eu?... dizia o patrão: «commetter ainda mais crimes.» Que mais?

O provinciano voltou ao seu logar, espantado, e disse:

—Com effeito, dormia! é uma riquissima organisação de machina! Vamos lá, continuou, tóma ânimo, Popelin!... Continúa:

«No momento em que eu me encarreguei de fixar a fortuna, tudo mudou de face. Tornei-me rico, ou pelo menos todos me consideravam como tal. O meu estabelecimento adquiriu em pouco tempo uma importancia formidavel. Abundavam os depositos. Inspirava a todos cega, illimitada confiança. A minha reputação não se encerrava em Calais; era conhecido em Lilla, Bruges, Gand. Não é por me gabar—de que me servia isso nesta occasião?—posso asseverar que tive proporções de escolher entre as mais ricas herdeiras dos nossos departamentos flamengos e brabantinos.

«Mas aconteceu-me uma cousa extraordinaria. Apaixonei-me!

«Havia em Molay—pequeno logar entre Furnes e Vieux-Port, no departamento de Lys, uma rapariga lindissima, cujo pae, musico allemão de algum merecimento, morrêra havia annos. Sua mãe era escoceza, e harpista distincta.

«Robertina Schwartz—chamava-se Robertina—tinha então dezeseis annos. As lições de seus paes, tinham-me já, daquella edade, feito uma artista não vulgar. Tinha um espirito elevado... e o seu coração...»

O sr. Chose interrompeu-se.

—O seu coração!... repetiu Popelin.

O sr. Chose hesitou um momento, depois tornou, fallando comsigo mesmo:

—Para que a ameaça faça grande effeito, é necessario que eu diga que me ella estimava... Primeiro a verdade, depois a pequena mentira... Uma fará acreditar a outra... Attenção, Popelin:

«... O seu coração era nobre, terno—entregou-m'o sem reserva...»

(Continúa.)

POESIA.

Uma voz do céu.

(TRADUCÇÃO DEDICADA A M.[lle] PAULINE FLAUGERGUES EM SIGNAL DE ADMIRAÇÃO E RECONHECIMENTO.)

Eu sentia como sombras
Os meus dias deslisar-se,
E os olhos de um véu sombrio,
Quasi sem luz, a toldar-se.

Triste e pallida de medo
Eu me curvava abatida,
Com os pulsos roxeados,
D'impios grilhões opprimida.

Era o mal, o monstro horrendo,
Que em meu coração entrára,
Em meu coração que debil
De si mesmo se assustára.

Por seu halito de morte
Foi minha vida arrojada,
Como um tronco velho e sêcco,
Como a vida já ceifada.

Como a folha resequida
Nas azas do furacão,
Eu caminhava perdida
Vacillante e sem razão:

Na vertigem envolvida
Procurava a estrada em vão!
A minha alma impaciente
Toda acceza n'um volcão
Estuava, como as aguas
Quando fervem em cachão.

E eu disse para a existencia:
— Não és mais do que um martyrio —
Disse tambem á sciencia:
— És vaidade, és um delirio! —
Virtude, glória, amizade,
Os milagres da harmonia
Tudo na sua loucura
A minha alma desdizia.

Minha cabeça esvaída
Sôbre a mão emagrecida
Tristemente se inclinou...
Meu orgulho se quebrou.

Da dúvida sob o pêso
A minha alma foi turbada,
Como um céu tempestuoso:
De minha face molhada
Em ondas o pranto ardente
Borbulhava impetuoso.

Pomba triste e solitaria
De terror estremeci...
Fui á campa, fui dizer-lhe:
— Agora só espero em ti. —

Mas o impio pensamento
Sôbre os labios expirou,
Foi porque uma voz celeste
Em meu peito resoou:
— Ó tu que gemes, espera,
Chora aos pés do Salvador,
Uma lagrima sincera
Abrandará seu rigor.

Como o orvalho do céu
Ás chagas do peito teu,
Verás a graça descer,
E por fim a paz volver.

Do bom Deos que te convida
Cada palavra dá vida:
Vem, seu jugo é amoroso;
Vem, qual onda salutar
Essa voz que regenera
Vae já do empireo baixar.

Cheia de susto e pavor
Vim ter comtigo, ó Senhor;
Penitente a ti clamei,
Contra mim mesmo fallei.

Mas apenas prosternada
Eu tremia ao nome teu,
Sôbre a cabeça curvada
O perdão logo desceu.
Ó inefavel clemencia,
Meu coração libertaste,
Renasceu para a ventura,
Quando á esperança o tornaste.

E eu bebi tuas palavras
Inundada em pranto ardente,
Como a arêa sequiosa
Bebe as aguas da corrente.

Ó Deos, ó Summa Bondade,
Como é feliz quem te adora,
Quem te adora com transporte!
Tu foste quem me chamaste,
Foste tu quem me arrancaste
Ás impias garras da morte.

Tu foste quem me escolheste,
Que ao pé da campa vieste
Desta vida a fenecer
O debil facho accender.

Como em deserta campina
Uma fonte cristalina
Apaga da sede o ardor;
Como ao viandante cançado,
Um céu azul estrellado
O refresca do calor;
Da minha vida agitada
Largando o futil lavor,
Vim abrigar-me opprimida
Na habitação do Senhor.

Que paz tão meiga e suave!
Como tudo está calado!
Fogem os dias quaes horas
Neste recinto sagrado!
Meu peito dilacerado
Toma alento quando eu óro:
Mas no meio da ventura
Inda suspiro, inda chóro!

Sim, na mystica morada
Em tristeza mergulhada,
Nem uma prece, ó meu Deos,
Ergo ás vezes para os céus!

Porque a minh'alma incendida
De desejos consumida,
Quer mais alto remontar-se?
Senhor, p'ra te ser unida,
Porque não póde esta vida
Em harmonia exhalar-se?

Ou de amor toda abrazada,
Como um perfume cheiroso,
Ir em nuvens enrolada
Ao teu seio carinhoso?

Ó Deos, ó Summa Bondade,
Como é feliz quem te adora,
Quem te adora com transporte!
Tu foste quem me chamaste,
Foste tu quem me arrancaste
Ás impias garras da morte.

Ao sr. Antonio Sierra y Oliveres.

Vimos, e não podemos deixar de admirar, o — *Quadro Chronologico dos Papas, Anti-papas, e Escriptores Christãos* — tendo no centro o retrato do pontifice actual, Pio IX, feito com utensís typographicos, obra do insigne artista a quem dirigimos estas linhas.

A originalidade deste trabalho, o esmero com que está feito, a attenção, perseverança, e cuidado, que obras d'este genero demandam, e que só os amantes das bellas-artes poderão apreciar devidamente, prova que seu auctor cultiva com gosto e aperfeiçoamento a nobre e utilissima arte de Guttemberg.

Se, pois, a perfeição e o difficultoso da obra, revela o eminente genio artistico de quem a executou, tambem o pensamento que lhe deu origem, nos induz a acreditar, que só podia nascer de quem ama a litteratura, como nós desejavamos que a amassem todos os que se dedicam a esta profissão.

Esquecimento seria, por certo, mui lamentavel, que na terra a quem o sr. Oliveres teve a deferencia de mandar exemplares da sua obra, não se erguesse a voz de algum artista typographico, não só a agradecer-lhe a lembrança, como a incitar os seus collegas a que fossem admirar o talento e o trabalho, reunidos naquelle *Retrato*.

Esta lacuna atrevemo-nos nós a preenche-la, incompetentemente bem sabemos; mas se é fraca a mão que escreve, é sincero o pensamento que deseja ao sr. Oliveres uma larga recompensa do seu proficuo trabalho, como a quem faz reviver a gloria d'um *Francisco Martinez*, ou d'um *Gonçalo de Ayala*, distincto poeta, que, nas passadas eras, com tanto lustre exerceram a arte typographica naquelle paiz, e de quem faz honrosa e especial menção o erudito *Juan Perez Montalvan*, no seu *Para todos*, impresso em Alcalá, em 1606.

Acceite, pois, o sr. Oliveres este testimunho de admiração que nas margens do Téjo lhe tributa — o typographo

F. VIEIRA DA SILVA, JUNIOR.

NOTICIAS SCIENTIFICAS E INDUSTRIAES.

Exposição dos productos da industria nacional.

A SEDA, que mereceu em melhores tempos a protecção dos nossos governos e o estudo dos sabios, tem uma parte importante na historia industrial d'este paîz. Se hoje, como d'antes, se lhe désse attenção, não veriamos nós abandonado, como vemos, o plantío da amoreira, apezar dos esforços louvaveis do sr. Antonio Pedro de Salles, nem dispenderiamos, em cada anno, duzentos contos de réis, na importação de seda estrangeira, que nunca deveria entrar n'um paîz, que tem, como o nosso, tantos e tão importantes elementos para o fabríco d'este producto.

Os casulos, que observámos na exposição, com os n.os 1, 2 e 3, por distincção de côres, são todos rijos, de bom tamanho, e mostram que a creação foi methodica, que não faltou alimento, e que a folha das amoreiras é decididamente bôa em Portugal.

O casulo, que tem o n.° 4, é por certo inferior aos tres primeiros; mas tem a seu favor uma circumstancia importante — é casulo de segunda creação no mesmo anno. Com o tempo, se as experiencias continuarem, é de crer que o casulo de segunda creação se apresentará muito superior ao que appareceu nesta exposição.

Os casulos furados, e os d'escolha, para o apuramento da semente, são perfeitissimos; a semente que produzirem ha-de ser necessariamente de muito bôa qualidade.

As meadas de seda fina, em rama, tanto brancas como amarellas, são muito limpas, fiadas com muita egualdade, e finissimas.

As meadas de seda grossa tambem são muito perfeitas.

Umas e outras são fiadas por portuguezas. O sr. Antonio Pedro de Salles, que tão deligentemente tem tratado de aperfeiçoar esta industria, é digno do maior louvor por ter conseguido organisar um estabelecimento que póde apresentar tão bons productos na Exposição. Sabemos que tem feito grandes diligencias para que o governo promova a plantação das amoreiras, e a creação do bicho da seda. Se os seus esforços não tiveram bom resultado, se os desejos de todos os homens bons ainda não estão satisfeitos, queixemo'-nos dos governos e dos seus agentes, que só tratam de crear eleitores; queixemo'-nos da má sina d'este paîz, quasi sempre dirigido por homens sem sciencia, sem dignidade e sem honra.

As meadinhas d'amostras de sedas, elevadas já ao maximo valor, em pellos de diversas grossuras, justificam o merecimento das machinas com que foram feitas, e proporcionam aos nossos fabricantes a vantagem de ter no paîz a materia prima, que, sendo tão bôa como a estrangeira, lhes custa menos do que a que tem de ser sobrecarregada com as despezas de conducções, commissões, etc.

As sedas em cru, que vieram para Exposição, da fábrica do sr. conde de Farrobo, tambem se acham em tal perfeição, com tão lindas côres, e tão finas, que podem competir, como as do sr. Sales, com as sedas estrangeiras. Qualquer dos dois estabelecimentos que fiam e torcem seda fina, póde apresentar os seus productos sem receio no mercado. Qualquer delles, para chegar ao estado lisongeiro em que se acha, deve por certo ter obrigado os emprehendedores a grandes trabalhos, sacrificios e despezas.

Junto aos casulos, de que fallámos no principio d'este artigo, está o modêlo de uma estufa para o desenvolvimento da semente dos bichos da seda. Este modêlo foi perfeitamente executado sob a direcção do sr. João Diniz Collares, artista distincto e intelligentissimo, cujo nome é já muito conhecido entre nós. Pena foi que este senhor não quizesse mandar para a Exposição alguns productos da sua fábrica de folha branca de ferro. O que lá se encontra é apenas uma collecção de caixas de folha com as *conservas alimentares* de que havemos de fallar em outro número.

(Continúa.)

Segunda exposição industrial michaelense.

A mesa da direcção da sociedade dos Amigos das Lettras e Artes de San-Miguel, em conformidade com as determinações da mesma sociedade, annuncia, que na cidade de Ponta-delgada. se ha de fazer, com a maior solemnidade possivel, a segunda *Exposição de Industria*, devendo as salas começar a franquear-se ao público dia de natal, e conservando-se aberta até 6 de de janeiro do anno proximo.

Será nomeada uma commissão do gremio da sociedade para receber todos os objectos, que por seus auctores ou possuidores hajam de ser enviados á *Exposição*. Esta commissão passará de cada objecto o respectivo recibo circumstanciado, e se obrigará pela bôa conservação e restituição delle.

Recebem-se para a *Exposição*: 1.° quaesquer objectos, de qualquer arte, produzidos na ilha de San-Miguel: — 2.° em qualquer parte do archipelago açoriano: — 3.° em qualquer parte dos dominios portuguezes: — 4.° em qualquer parte do mundo por mãos portuguezas: — 5.° até mesmo os de origem estrangeira, quando forem de natureza tal, que o fazê-los conhecidos se possa reputar como de utilidade pública.

Cada objecto será exposto com o nome da pessoa que o fez, ou da que o apresentou, ou de ambas, ou anonymamente, quando assim fôr exigido.

Sendo esta *Exposição* considerada como uma verdadeira festa da civilisação, nada se poupará do que possa realçar-lhe o explendor, pelo que terá alguns serões phylarmonicos, e poeticos, aos quaes serão convidadas tambem senhoras.

Nas salas da *Exposição* estarão patentes em quadros os nomes dos qualificados ou qualificadas na última *Exposição*, assim como os dos qualificados e qualificadas nesta serão apresentados na seguinte.

Todas as pessoas, sem distincção, são recebidas, assim a expôr objectos, como a visitar as salas da *Exposição*, quantas vezes, e por quanto tempo lhes agradar, sujeitando-se todavia ás regras policiaes estabelecidas na casa. Dos objectos, que houverem sido expostos, far-se-ha o uso, que seus donos determinarem: isto é, ou lhes serão restituidos, ou arrematados em leilão publicissimo, ou deixados para o museu da sociedade; e no caso de serem arrematados, o producto de cada um, ou será entregue ao respectivo dono, ou terá a applicação que elle ordenar.

O logar, e horas, e mais circumstancias regulamentares da *Exposição*, serão indicados em annuncios, que ulteriormente, em tempo proprio, e do modo devido, se hão de fazer. Nos mesmos annuncios se declararão os nomes dos membros da commissão, a quem os exponentes devem remetter os objectos.

A mesa não póde deixar de pedir, em nome da sociedade, pelo interesse da iudustria e civilisação, e pelo amor da patria, a todos, e a cada um, e com o maior empenho, que promovam, quer por si, quer pelas pessoas de suas relações e conhecimentos, a apresentação do maior número possivel de objectos; advertindo, que para admissão d'um producto, não são condições essenciaes, nem a perfeição absoluta da sua execução, nem a sua verdadeira utilidade, nem consideração alguma intrinseca de valor. Uma vez, que o objecto prove certa habilidade em quem o fez, ou mesmo sómente a bôa vontade, será recebido com toda a satisfação; podendo-se ajuntar, por escripto, a declaração das circumstancias, que o tornam recommendavel.

(Conclúe.)

Uma cidade desconhecida.

O governo do estado de Chapias (Mexico) mandou proceder a um *reconhecimento*, com o fim de verificar se existe uma cidade desconhecida na montanha pertencente ás cordilheiras, que tem o nome de Pimienta. Já por vezes se tem fallado desta cidade mysteriosa, de que se distinguem algumas construcções, quando se observa da planicie, usando de bons oculos. O que faz crer sôbre tudo na existencia desta cidade é o grande número de rebanhos, que pastam na vertente da montanha. O que esta circumstancia indica é que, em vez de ruinas d'antiga povoação, existe alli uma cidade povoada por habitantes com quem se não teve ainda communicação. Em todo o caso a expedição, diz o *Correio dos Estados Unidos*, tem excitado altamente a curiosidade.

BIBLIOGRAPHIA.

El Teatro

HISTORIA CRITICA CONTEMPORANEA DE LA LITTERATURA Y DE LAS ARTES.

Contém: — Philosophia da litteratura — Historia de Theatro — Chronica d'espectaculos — Bellas artes — Historia antiga applicada ao Theatro — Trajes — Decorações — Usos e costumes — Litteratura amena, novellas poesias, mysterios de bastidores, typos theatraes, movimento litterario.

Publica-se semanalmente em Madrid. Saíu á luz a 6.ª entrega de 8 paginas. No fim do anno formará um volume. Preço — Por 3 mezes 15 reales, por semestre 26, por anno 52.

Assigna-se por meio de carta franca, contendo cantella de importancia, e dirigida a D. Fernando Gomez — calle Angoste de S. Bernardo n.° 21, cuarto bajo.

CHARADA.

Sou o artigo d'uma lingua } 1
De todos mui conhecida: }
A segunda contribue } 1
Para sustentar a vida. }
Nos combates d'outras eras
Era o meu *todo* preciso;
Hoje se alguem me usa
É para excitar o riso.

EXPLICAÇÃO DO NÚMERO ANTECEDENTE:

Charada — Desmaio.

AVISO.

A empreza d'este jornal pede aos senhores correspondentes e commissarios do *Almanak Popular*, e da *Revista*, que tenham a bondade de lhe remetter, até 20 do corrente — *sem falta* — as suas contas, e as quantias que tiverem em seu podêr.



GRECIA — Ruinas de Stratonicéa.

A ANTIGA Stratonicéa foi fundada pelos macedonios, respeitada pelos romanos, e em grande parte reedificada pelo imperador Adriano. As montanhas visinhas são as últimas ramificações da immensa cadêa do monte Taurus, que, elevando-se progressivamente, se prolongam até os confins da India.

Existiram nesta povoação dois templos célebres, um dedicado a Hecate, e o outro a Jupiter. Uma vez no anno todas as cidades de Caria enviavam os seus deputados a estes templos, para fazerem sacrificios communs, e para tratarem dos negocios geraes da confederação, assim como os povos ionios se reuniam, pelos mesmos motivos, no templo de Apollo. Já hoje se não encontram os vestigios d'estes dois templos, que a piedade dos povos, sem dúvida enriquecêra; mas acham-se os restos de outros monumentos. Onde foi Stratonicéa está hoje uma pequena povoação, que tem o nome de *Eski-Hissar*. As casas, cercadas d'arvores frondosas, ficam á beira de um rio, cujas aguas puras e limpidas se precipitam em cascatas, por entre as ruínas dos edificios mais sumptuosos, d'outras eras.

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Alguns apontamentos relativos ao estado spheroidal dos corpos: prova do fogo: o homem incombustivel etc., etc.

(Continuação.)

Escrevi primeiro ao meu amigo o doutor Roche, que passa a sua vida em meio das grandes forjas do Eure, e que é medico de uma parte da população cyclopaica que nellas trabalha, pedindo-lhe esclarecimentos precisos a similhante respeito.

Respondeu-me, que: — «Um individuo chamado Laforge, homem de trinta e cinco a trinta e seis annos, e de muita corpolencia, andava a passo, descalço, sôbre varas de ferro, logo immediatamente á fundição;» mas isto mesmo não víra elle; nem bastava para dissipar as minhas dúvidas.

Então dirigi-me a uma fundição de París, em que escarneceram de mim, apontando-me para a porta. Não quiz porfiar, retirei-me cabisbaixo, meditando nas difficuldades de verificar um unico facto, e esse mesmo tão simples.

Mais tarde, tive a fortuna de travar relações com o sr. Adolpho Michel, que reside no Franco-Condado. O sr. Michel prometteu-me, nos mais obsequiosos termos, indagar esses factos, e verifica-los, sendo necessario.

Eis um fragmento da carta que elle teve a bondade de dirigir-me, e que é datada de 26 de março último:

«... De volta para minha casa, não me descuidei de indagar dos operarios o que havia a similhante respeito (a immersão do dedo na fundição de ferro incandescente): em geral riam a bom rir, o que me não desorientou; e emfim, achando-me na forja de Magny, perto de Lure, repetti a minha pergunta a um operario, o qual me respondeu, que nada havia mais facil, e para o provar, no momento em que a fusão saía de um wilkinson, passou o dedo pelo jacto incandescente; um empregado da casa renovou a mesma experiencia impunemente, e eu mesmo, influido pelo exemplo, fiz outro-tanto... Devo, porém, observar que, para este ensaio, nenhum de nós molhára o dedo.

«Apresso-me em communicar-vos este facto, que parece vir em apoio das vossas idéas sôbre o estado globular dos liquidos; porque á humidade, que existe naturalmente nos dedos, passando ao estado spheroïdal, é que eu penso que se deve attribuir a sua incombustibilidade momentanea.»

Adopto inteiramente a opinião do sr. Michel, e n'outra parte apresentarei a respectiva theoria. Para mim, o facto de que se tracta não admittia dúvida, mas não me atrevi ainda a communica-lo á academia; porque sigo o systema invariavel de só submetter ao seu juizo factos de que eu tenha sido muitas vezes testimunha *de visu*.

Dirigi-me novamente a várias fundições, que, infelizmente, havia muito não trabalhavam.

Perdi, pois, a esperança de podêr verificar este facto, tão curioso na apparencia, tão simples na realidade, quando uma circumstancia particular, que me obriga muitas vezes a frequentar as forjas e fundições, me permittiu fazer a experiencia, com toda a segurança, sôbre metal incandescente.

Eis as experiencias que eu fiz:

Dividí ou cortei com a mão um jacto de metal de 5 a 6 centimetros de diametro, que corria pela abertura; depois, e immediatamente, metti a outra mão n'um taboleiro cheio de metal incandescente, que era devéras para aterrar. Estremeci involuntariamente; mas uma e outra saíram incolumes. E hoje, se ha cousa que me admire, é que taes experiencias não sejam muito vulgares.

Provavelmente hão-de perguntar-me quaes são as cautellas que devemos tomar para nos preservarmos da acção desorganisadora da materia incandescente. Respondo: Nenhuma. Não ter receio, fazer a experiencia confiadamente, e passar a mão com rapidez, mas não com demasiada celeridade, pelo metal em completa fusão.

(Continúa.)

ESTUDOS HISTORICOS.

Das côrtes em Portugal.

I.

Sua convocação e notícia succinta das que se celebraram nos differentes reinados.

(Continuado de pag. 285.)

D. AFFONSO V não tinha menos ambição que seu magnanimo pae; entretanto, sem deixar de proseguir nas conquistas, que aquelle gloriosamente encetára, e a que o chamavam o seu caracter cavalleiroso e excellente, convocou bastantes vezes a reunião dessas assembléas politicas; ainda durante a sua menoridade se celebraram côrtes em Torres Novas, no anno de 1438, *em que se determinou, que se repartisse o governo do reino, durante a menoridade do monarcha, e se mandou que a reunião de similhantes côrtes tivesse logar todos os annos regularmente, sendo compostas de 2 prelados, 5 fidalgos e 8 cidadãos:* esta última disposição foi revogada no mesmo reinado.

Celebraram-se egualmente côrtes no anno de 1439, em Lisboa, *as quaes determinaram que a direcção do governo fôsse entregue ao infante D. Pedro, com o titulo de regente;* no anno de 1441, em Torres Novas; no de 1441, na mesma villa; no de 1442, em Evora; no de 1444, em Lisboa; no de 1446, na mesma cidade, *em que o infante D. Pedro entregou o governo a seu sobrinho, sendo-lhe por este novamente conferido;* no anno de 1451, em Santarem; no referido anno, segunda vez, e em Lisboa; no de 1455, duas vezes, nesta mesma cidade; bem como nos annos de 1456 e 1459, *deliberando-se,* nesta última reunião, *a extincção das tenças, que se achavam concedidas;* parece que foram convocadas no mesmo anno para Santarem, não sendo comtudo averiguado se chegaram a celebrar-se; no anno de 1465; no de 1468, em Santarem; no de 1471, em Lisboa; nos de 1472 e 1473, em Coimbra, e acabadas em Evora; no de 1474, em Evora, duvidosas; no de 1475, na mesma cidade; no referido anno, em Arronches, *nas quaes o principe D. João, depois II do nome, deu homenagem para governar o reino em quanto durasse a ausencia de seu pae;* no de 1476, em Lisboa; no de 1477, em Montemór o Novo; e no mesmo em Santarem, com quanto estas tambem, pelo sabio João Pedro Ribeiro, sejam consideradas como duvidosas; e, finalmente, no de 1478, em Lisboa.

Á indole de D. João II, o fundador do absolutismo real entre nós, repugnava o espirito daquella instituição nacional; espantosos descobrimentos que então começavam a glória dos nossos valentes navegadores, destraíam a attenção de todos; entretanto ha noticia de se

houverem no seu reinado, feito côrtes em Evora nos annos de 1481 e 1482; em Santarem, no anno de 1483; e em Evora, outra vez, no de 1490, *em que os povos offereceram cem mil cruzados para a despeza das nupcias do principe com a infante de Castella, que lhe foram naquella occasião annunciadas.*

Desde D. Manoel as convocações, pelos motivos que acima apontámos, passaram a ser tão pouco frequentes, que insignificante influencia poderiam ter na situação economica ou politica do reino: com effeito, no governo d'este último principe, aliàs notavel pelos prodigios de valor que os nossos obraram na Africa e Asia, apenas se reuniram côrtes em Monte-mór o Novo, no anno de 1498, em que todavia se tomaram algumas deliberações uteis, que passaram á respectiva ordenação; em Lisboa, segunda vez, no anno de 1499; e na referida cidade, em 1502, e nestas *offereceram os povos vinte contos para a fortificação dos logares d'Africa.*

Já no governo de D. João III celebraram-se em 1525, na villa de Torres-Novas· em 1535, na cidade d'Evora; e em Almeirim, no anno de 1544, considerando como duvidosas as que se dizem celebradas em 1548.

No seguinte número concluiremos esta fastidiosa com quanto indispensavel enumeração.

(Continúa.)

ROMANCE.

Peccadora.

Se ha hi alguem isempto de peccado,
que lhe atire a primeira pedra.

X.

SYSTEMA DE PRECAUÇÕES.

«Amou-me, disse o provinciano, proseguindo no dictado, amou-me como só se póde amar uma vez. Amou-me com aquelle amor ingenuo de virgem, que é o sonho de todos os namorados... póde ella esquecer-me?...»

O sr. Chose, ao pronunciar estas palavras, sorrira de um modo célebre.

«Casei, continuou, casei com a minha Robertina.— No espaço de seis mezes fui o mais feliz dos homens; oh! muito—e tão feliz, que embebido nesta deliciosa vida, deixei, imprudente, accumular-se a tempestade que ameaçava o meu futuro.

«Corria geralmente em Calais, que eu fizera um rico casamento. Este boato, a que eu não era estranho, augmentára consideravelmente o meu credito. Por consequencia era um passo pouco politico fazer barulho com o *pobre* casamento que acabava de contrair. Robertina, com effeito, não tinha patrimonio algum.

«Havia ainda outra razão que me levava a affastá-la de Calais. Queria eu só gosar a sua companhia; tê-la longe dos olhos curiosos dos mais conhecidos, e do barulho insupportavel dos meus negocios. Amavamo-nos tanto! Eramos tão felizes!...

«Deixei, pois, Robertina, em Molay, com sua mãe. Quando podia dispensar um momento, largava o escriptorio, e ía ter com minha mulher. Que bellas horas nós passámos juntos; conservo d'esse tempo felicissimo deliciosas recordações!...

«E uma célebre noite de temporal, em uma pobre herdade ao pé de Furnes... certo, a minha Robertina não póde tê-la esquecido...

«O trafego quadra pouco com o amor, e então o perigoso trafego em que eu me mettêra...»

O sr. Chose interrompeu-se neste ponto, e releu attentamente tudo quanto dictára a respeito de Robertina.

—Está optimo! murmurou; está perfeitamente indicado o amor... E então esta invenção da herdade de Furnes!... é deliciosa... e ha-de dar que scismar, que é exactamente o que me convem...

«... A confiança que eu inspirava era tão grande, continuou, que, se me conduzíra prudentemente, para bem longe adiára o descobrimento das minhas malversações. Mas em logar de o fazer, perdi com o amor, que se me apossára d'alma, horas preciosas, e para equilibrar a perda de tempo, fui falsificando firmas sôbre firmas, com uma especie de phrenezi.

«Depois, quando conheci a minha situação, e vi a nuvem prestes a rebentar sôbre a minha cabeça, perdi de todo a esperança, e resolvi apressar o desfecho.

«Era-me necessario ser rico para offerecer á minha Robertina a felicidade que ella merecia...

«Tomei todas as medidas. O meu credito formava ainda uma somma consideravel, com quanto estivesse em disproporção espantosa com o debito. Realisei com todo o segredo os valores que me tinham sido confiados; n'uma palavra, fiz uma limpeza geral. Uma noite veiu o capitão do *Contrabandista*, com quem travára relações para certo commercio, que o bloqueio continental pozera muito em moda em toda a costa da Mancha, veio, digo, a minha casa. Era homem seguro. Confiei-lhe a maxima parte dos meus valores, e combinou-se que iria para bordo naquella mesma noite com o resto.

«Robertina não estava prevenida. Mas uma palavra minha bastava para me ella seguir ao fim do mundo.

«Empreguei o resto da noite a escrever uma carta circular aos meus credores. Prevenia-os nella da minha partida; e quasi que os caçoava pela sua excessiva confiança.

«Confesso que este passo não foi de homem d'espirito; mas emfim, eu estava na maré de galhofar. A idéa de viver só com a minha Robertina, em paīz estranho, fazê-la rica, dar-lhe todas as alegrias que se podem comprar com dinheiro, a esperança de esconder de todos as manchas da vida passada, e de pôr a minha Robertina a abrigo do desprêso que persegue em França a mulher de um falsario, tudo isto me transtornava de alegria. Não era senhor de mim; delirava.

«Pelas nove horas da noite chamei o creado, entreguei-lhe as cartas, e dez luizes, que eram a importancia dos seus salarios. Nunca roubei senão aos ricos! O criado saíu. E eu fui ainda ao escriptorio buscar uns papeis. Aproximava-se a hora de partir.

«Daqui a uma hora, dizia eu comigo, despejando as gavetas da minha secretária—daqui a uma hora chegam os meus credores furiosos. Podem mecher á vontade—podem virar a casa de pernas para o ar... que eu hei-de estár já a meio caminho de Douvres!...

«E ria a bom rir...

«Vae senão quando gela-se-me o riso nos labios;

sinto o coração a desfallecer... Quero fugir. Em balde! cada um dos meus musculos fôra ferido de morte; cada um dos membros pesava-me como chumbo.

«Era a lethargia. Tive um momento de angústia terrivel! Sentia, que dentro de poucos segundos, caíria como morto; e fôra eu mesmo quem — por um fatal e vão espirito de arrôjo — annunciára a minha fuga áquelles que roubára. Fôra eu mesmo quem os chamára. E elles viriam.

Os meus accessos de lethargia eram então muito mais subitos que são hoje. A minha afflicção teve fim. Caí sem sentidos no chão.

«O que se passou depois? Adivinho-o, pouco mais ou menos, mas não posso referi-lo com exactidão. Provavelmente alguns dos meus credores correram a minha casa assim que receberam a carta, apezar de eu nella ter inserido a phrase sacramental: — Quando lerdes estas linhas, já eu estarei fóra do vosso alcance. Guiára-os aquelle vago instincto que nos impelle a verificar por nós mesmos a realidade de um annunciado desastre.

«Quando tornei a mim, estava na prisão de Calais.

«Não faltou quem visse nisto tudo o dedo de Deos: póde ser...

«Pecuniariamente fallando, a minha prisão de pouco aproveitou aos meus credores. O meu debito montava a uma somma enorme, e quasi todo o meu haver estava a bordo do *Contrabandista*, que largou panno immediatamente soube da minha desgraça. Mas foi de grande consolação para os meus credores furiosos, ver-me na cadêa. Alguns foram visitar-me, e trataram-me pessimamente. Toda a cidade estava alvoroçada, e quando atravessei as ruas para me dirigir ao tribunal, custou muito a conter o povo...

«No tribunal defendi-me o melhor que pude. Mas contra mim apresentava-se a prova material de mais de cem firmas falsas. Condemnaram-me a trabalhos públicos por toda a vida.

«A fallar com franqueza, a sentença nem por isso me fez grande impressão. Assim que cheguei á cadêa pedi papel, penna e tinta, e escrevi á minha Robertina, communicando-lhe finalmente toda a verdade. Até então illudíra-a eu com enganadoras esperanças.

«A minha carta era affectuosissima. — Robertina não me respondeu.

«Escrevi-lhe novamente pedindo-lhe que me viesse abraçar antes de partir para o meu destino. — Não veio...»

— Apaga isso, Popelin, disse o sr. Chose, interrompendo-se; olha... não... não apagues!... É melhor vencer a difficuldade!... Ouve!...

A penna docil de Popelin parára immediatamente. O sr. Chose reflectiu um instante, e proseguiu:

«... Tanta indifferença depois de tanto amor? Foi para mim o golpe mais cruel! Accusei acerbamente Robertina; e comtudo, agora que isto escrevo, tenho, bem que recentemente, recebido da sua ternura singulares e inequivocas provas...

«O coração da mulher é um abysmo insondavel!...»

— Que te parece, Popelin, disse o provinciano; está bem remediado... é uma maxima aquella muito sabida, mas sempre é melhor que uma rasura... Põe ahi um ponto, e continúa:

«Passei um anno em Brest. A *galé* é uma eschola que não tem egual. Se eu fôsse ainda banqueiro, certo não faria mais signaes falsos; é a infancia da arte.

«Ao cabo d'um anno consegui evadir-me. Fui immediatamente a Molay, a pé já se sabe, porque déra cabo de quanto tinha para solicitar os meios de evasão, como hei-de contar á minha Robertina a primeira vez que lhe podér fallar. Em Molay disseram-me que Robertina e sua mãe tinham desapparecido.

«Abalei para Vieuport; fui a Furnes. Em uma e outra povoação minha sogra e minha mulher eram pouco conhecidas, porque viviam retiradas. Ninguem me soube dar noticias dellas. Tive de resignar-me a perder toda a esperança de as encontrar.

«Talvez podesse, se a minha posição fôsse menos precaria, trabalhar mais efficazmente, e colligir informações menos vagas; mas como tinha credores na provincia, apresentar-me publicamente sería a maior de todas as imprudencias.

«Desapontado, abalei-me para París, onde vivi tres annos a vida de um *desertor* das galés.

«Triste vida! Miseravel e desordenada existencia, principalmente para um homem economico e arranjado. Não se póde fazer idéa da repugnancia com que eu acompanho os sugeitos que me vejo obrigado a frequentar. Não se póde a gente apropriar dos bens dos outros, decentemente? E porque se não respeitaram algumas clausulas sédiças do codigo civil, hão-de-se perder os habitos da bóa sociedade?

«Ha seis mezes, pouco mais ou menos, travei relações com G...., por intervenção de um *corretor* de roubos, que se chamava Larigo. G.... fallou-me nos cunhos. Era um negocio vantajoso. Estabelecemos uma fabricasita provisoria ao pé da egreja de S. Roque.

«Passarei por alto neste ponto, que não tem com o objecto do presente testamento, senão indirecta relação.

«Eis o principal:

«Domingo último representavam o Talma e Duchesnois no beneficio de Fleury. Ora eu sou, como todos os provincianos, apaixonado do theatro. Desde as quatro horas da tarde não largava eu o perystilio do theatro francez.

«Talma foi maravilhoso, Duchesnois admiravel, e Fleury estava nos seus dias felizes. Toda a vida me hei-de lembrar daquella representação! Aquella noite foi para mim ainda mais agradavel, porque n'um dos intervallos conheci Robertina — a minha Robertina em um camarote!...

«Estava lá, em companhia de um dos mais formosos cavalheiros que tenho visto. Depois tive occasião de o tratar mais de perto. Nessa noite só pude reconhecer no perfil d'esse bello homem, o sr. barão Armando d'Osser — marido da minha Robertina!

«Robertina — a minha querida Robertina — tem dois maridos...

«O caso pareceu-me extravagante, e devo confessar, que a comedia que se representava no palco, perdeu para mim uma parte do seu interesse, em presença daquella outra comedia que se representava na sala. Entretanto — cousa admiravel — nem por isso me senti muito ferido do ciume.

«E como estava bella e brilhante a minha Robertina, com o seu traje de dama da alta sociedade! O sr. barão d'Osser é um dos homens mais felizes que dar-se póde.

(Continúa.)



Manoel Joaquim Henriques de Paiva

No 1.º volume d'este jornal promettemos a biographia do Dr. Paiva, que agora vamos publicar, porque alguem teve a bondade de nos fornecer os indispensaveis esclarecimentos.

O Dr. Paiva nasceu em Castello-Branco, a 23 de dezembro de 1752, e formou-se em medicina na universidade de Coimbra. Foi auctor d'um *Diccionario botanico*, feito pelo systema de Linneu; compoz as *Memorias de historia natural, chimica, agricultura, artes e medicina*, lida na academia das sciencias de Lisboa, e publicadas em 1790; traduziu do latim, illustrou e accrescentou os *Fundamentos botanicos*, de Carlos Linneu. Traduziu a *Philosophia chimica* de Fonrcroy. Escreveu uma *Memoria sôbre as excellencias, virtudes, e uso medicinal da agua de Inglaterra*, impressa na Bahia em 1815, e reimpressa em Lisboa no anno de 1845. Além d'estes ainda lhe devemos outros trabalhos de bastante importancia, como redactor do *Jornal Encyclopedico*. O Dr. Paiva era um dos membros mais distinctos da Sociedade de Historia Natural do Rio de Janeiro, fundada no tempo d'el-rei D. José I, e de outra sociedade organisada perto de Coimbra, pelos alumnos da universidade.

Accusado por haver dito, no tempo do governo francez, que os portuguezes não tinham fôrças para vencer os francezes, foi o Dr. Paiva prêso em Lisboa, exauthorado das suas honras, e condemnado a perder os seus bens, a levar açoutes pelas ruas públicas, e soffrer a pena de degredo. Um dos ministros, que o sentenciaram, teve a impudencia de dizer, que o fizera por ter medo do povo! Quando foi a açoutar, apresentou-se o Dr. Paiva com o maior sangue-frio, como quem era innocente.

Mais tarde, foi no Brazil agraciado, e reintegrado, pelo sr. D. João VI, então principe regente. Morreu na Bahia, exercendo a sua profissão, sem desmerecer nunca do bom conceito em que o tinham os homens justos e honestos d'este paiz.

REVISTA DOS ESPECTACULOS.

O sr. Cazella deu dois concertos de violoncello em S. Carlos, sendo o último na segunda-feira 3 do corrente. Tanto na primeira como na segunda noite, foi immensamente applaudido, e obrigado a repetir parte das peças que havia executado.

O distincto artista desenvolve todo o sentimento, e faz sobresair o seu talento e pericia, sôbre tudo na execução dos *adagios*, onde sabe tirar, com apurado gôsto, grande partido do instrumento.

A *Norma*, apezar de estar já muito ouvida, tem tido mui favoravel acolhimento do público: tal é o prestigio das grandes composições.

A sr.ª Gresti arrostou valentemente com as recordações, ainda tão vivas e lisongeiras, das sr.ªˢ Mathey,

Boccabadati e Rossi Caccia; e o resultado coroou dignamente os seus esforços. Embora não possa fazer esquecer aquellas insignes artistas, a sr.ª Gresti canta de maneira, que o público a applaude sempre com enthusiasmo, especialmente no dueto com Adalgisa, e no rondó final. Permitta-nos, todavia, que lhe digamos, que na bella cavatina do 1.º acto:

Casta diva...

abusa um pouco do direito de fazer certas variantes, que poderão ser de muito gôsto, e que até concordâmos em dizer que são perfeitamente executadas; mas que apezar d'isso não achâmos preferiveis ás singelas e melancholicas harmonias, que a alma apaixonada de Bellini inspirou á sua penna.

A sr.ª Persolli, que algum tempo foi corista em S. Carlos, estreou-se agora, como *dama comprimaria*, na parte de Adalgisa. A uma bôa figura, e phisionomia interessante, reune esta artista uma voz de *mezzo soprano* bastante sympathica, harmoniosa, e bella sôbre tudo nas notas graves: tem bom methodo de canto; mas nota-se-lhe ainda (o que não é para admirar) pouco uso da scena. Se a sr.ª Persolli continuar a applicar-se, e não se fascinar com os applausos que lhe dão, é de presumir que tire grande vantagem dos excellentes dotes que possue, e que possa fazer ainda uma carreira brilhante.

O sr. Baldanza (Pollione), talvez por desempenhar um papel que não está no seu genero, agrada um pouco menos do que nas outras operas em que tem sido ouvido.

O sr. Benedetti (Orovezzo) não tem sido muito feliz no desempenho da sua parte, no que diz respeito ao canto; e parece-nos que o motivo d'isto é o ser a musica um pouco alta para a sua voz; o que se faz melhor conhecer na cavatina do 2.º acto, onde o dito senhor faz sensivel esfôrço para dar as notas mais agudas, produzindo mui desagradavel effeito. Estamos convencidos de que bastaria um transporte de meio ponto, para que a musica da cavatina ficasse perfeitamente adaptada á voz do sr. Benedetti.

Hontem foi á scena, para debute da 1.ª dama sr.ª Masinangili, a opera *Luzia de Lamermoor*.

Foi á scena, na noite de quarta-feira, um novo bailado — *Contradança e galope á Richelieu*, composição do sr. Vienna, e musica do sr. Pinto. O bailado é simples, como denota o seu titulo; a musica muito graciosa; e o vestuario todo novo, e em caracter: porém esta nova composição coreographica, apezar de receber alguns applausos, soffreu tambem signaes de desapprovação, allegando para isso os que os deram — *produzir pouco effeito o vestuario das bailarinas; e poderem estas ser difficilmente reconhecidas, em consequencia das cabelleiras que trazem!* Não sabemos talvez dar o devido valor a estas especiosas razões; e por isso somos de parecer, que se não ha motivo muito forte para applaudir o novo bailado, tambem os que se apontam não são sufficientes para que se lhe dê pateada.

A opera *I Due Foscari* tem continuado a ser applaudida.

A sr.ª Persolli, que se achava escripturada como 1.ª dama contralto, e que havia de fazer a sua estrêa na opera *Linda de Chamounix*, falleceu na terça-feira.

No theatro de D. Maria II reappareceu, com toda a pompa, o *Alcaide de Faro*. Dizem que o *Judeu Errante* não irá á scena, porque se oppõe a isso a Sociedade Catholica. É incrivel. Se esta Sociedade continúa a intervir nos negocios de theatro ficaremos tambem privados de ver o *Judeu Errante*, do Salitre, drama original em dez quadros e um prologo, magestoso, pomposo, immenso, como todos os dramas que se representam neste theatro.

No Gymnasio tem agradado a *Emília Travêssa*. Ensaia-se o *Ensaio da Norma*, musica e poema do sr. Joaquim Casimiro.

O theatro de D. Fernando continúa infeliz; mas é de crer que se anime com as *Proezas de Richelieu*, que vão hoje á scena pela primeira vez neste theatro. Ensaia-se o *Ramalhete de violetas*.

No domingo, m.me Bosco esgrimirá com os curiosos, desde as 11 até ás 4 horas da tarde, na sala do theatro de S. Carlos.

Mais um aeronauta infeliz.

Mr. Arban, que fez uma viagem aerostatica, ainda ha pouco em Barcelona, de que demos noticia no n.º 31 desta *Revista*, intentou uma nova viagem em que perdeu a vida. O seu cadaver appareceu na praia de Rosas. Era homem de rara energia, e observador atrevido. A sua sorte foi geralmente lamentada.

NOTICIAS SCIENTIFICAS E INDUSTRIAES.

Exposição dos productos da industria nacional.

A falta de bons debuxadores, e de tinturarias bem organisadas, torna-se muito sensivel quando se observam as sedas, que vieram á Exposição. De quantas sedas appareceram, só as pretas merecem muita attenção. As outras, de bom fio, e bem tecidas, teem contra si o máu gôsto do debuxo, a imperfeição das côres, e a falta de acabamento — não honram as fábricas.

Os debuxadores devem sempre conhecer os caprichos da moda, e escolher os mais bellos padrões. Ninguem os póde auxiliar tanto como as modistas.

Os tintureiros só hão-de de dar ás sedas côres solidas, intensas, brilhantes, quando tiverem os conhecimentos de chimica necessarios para a escolha e fabríco das substancias de que se formam as tintas. A Inglaterra, que estampa tecidos ha cem annos, e a França, que já começou depois della, devem o espantoso progresso desta industria aos trabalhos dos chimicos francezes. Berthollet e Chaptal começaram a obra, que Chevreul completa agora, depois de quarenta annos de trabalhos.

Mas lá fóra estuda-se a chimica applicada ás artes. Os artistas e os fabricantes escutam as lições dos grandes mestres na sciencia, e recebem os seus conselhos. Lá

fóra os governos asseguram a subsistencia dos homens que trabalham para o progresso da industria, animam o que entra nesta carreira, e respeitam o nome de quem a percorreu com distincção. Aqui — onde estão os estabelecimentos em que se ensina a chimica applicada? Onde é que se ensina a mechanica industrial? Onde existe ao menos uma aula de geometria applicada ás artes, que tamanha falta faz aos nossos artistas? Quem aprende aqui, e onde se aprende, o desenho linear e o desenho de machinas? Onde está o conservatorio e eschola d'artes, que devia comprehender todo o ensino industrial? Tudo existe como as granjas-modêlos, e todas as bellas instituições que nós sonhámos, no papel de um decreto, ou na mente d'algum obscuro pensador, que nunca ha-de ser homem d'estado.

Em quanto o cofre das graças, aberto para o mais vil dos agentes da policia, estiver fechado para o artista e para o homem de sciencia; em quanto os governos desviarem os olhos da industria e da sciencia, deixando aos particulares todo o trabalho, que só a elles pertence; em quanto este grande redenho de commissões filiaes, que cobre o paíz todo, não abandonar a eleição dos regedores, para pedir ao governo que se lembre da instrucção primaria, das necessidades da agricultura, dos progressos da industria — mal havemos de ir, apezar dos esforços d'alguns homens bons, a quem devemos esse pouco adiantamento que temos tido.

Insensivelmente nos affastámos do objecto em que fallavamos no principio d'este artigo; mas a imprensa, testimunha desta decadencia em que vamos, vendo a instrucção primaria a extinguir-se, porque os professores morrem de fome, vendo a industria a luctar com embaraços, que se devem remover, não póde deixar de cumprir o seu dever, apontando para quem nos perde, para que o povo saiba de quem deve queixar-se.

Censurando productos que vieram á Exposição, quizemos indicar as causas da imperfeição d'esses productos. O máu gôsto dos desenhos depende dos debuxadores. A imperfeição das côres é o resultado da falta de conhecimentos chimicos, que só poderão espalhar-se, quando, por influencia governamental, se estabelecer uma *Eschola d'artes*, em cujo quadro seja comprehendida uma cadeira de chimica applicada, ou quando, por um sacrificio dos fabricantes, vierem para este paíz mestres estrangeiros habeis, que façam agora o que em outros tempos fizeram, na industria da seda e nas outras industrias, os mestres que mandou vir o marquez de Pombal.

(Continúa.)

Segunda exposição industrial michaelense.

(Conclusão.)

São admittidos, e convidados á *Exposição* objectos de qualquer genero, não só inventados, mas aperfeiçoados, ou simplesmente imitados. O seguinte cathalogo poderá talvez servir para suscitar em alguem a idéa de alguma cousa que possa fazer, e que aliás lhe não occorria. Admittem-se, desejam-se, pedem-se e agradecem-se, pois, obras de abridor, de agricultor, de alfayate, de amolador, de arameiro, de architecto, de armeiro, de bahuleiro, de bate-folha, de bordador de qualquer genero, de brochador, de cabelleireiro, de caldeireiro, de caligrapho, de canastreiro, de canteiro, de carapuceiro, de cardador, de carpinteiro, de cartoneiro, de cerieiro, de cesteiro, de chiteiro, de chimico, de colxoeiro, de compositor typographico, de constructor, de copista de musica, de cordoeiro, de correiro, de costureira, de curtidor, de cuteleiro, de decorador, de desenhador, de distillador, de dourador, de empalhador, de encadernador, de encarnador, de encrespadeira, de entalhador, de envernisador, de escoveiro, de esculptor, de esmaltador, de espadeiro, de esparteiro, de estampador de desenhos, de papel pintado, de tecidos, de esteireiro, de estufador, de fabricante de anzoes, colxetes, e ganchos, de apparelhos distillatorios, de bengalas e chicotes, de botões, de caixas de tabaco, de carneiras e marroquins, de cartas de jogar, de chapéus de palha, de charão e ondeados metalicos, de chumbo de caça e balas, de collas e vernizes, de espelhos, de fogões, de folles, de phosphoros, de fundas, de galões, de goma elastica e gutta percha, de gravatas e espartilhos, de guarda chuvas, de instrumentos aratorios, de instrumentos cirurgicos, de instrumentos mathematicos, metricos, e physicos, de instrumentos musicos, de lampadas, de leques, de malas, de obras de pita, de obreias e lacres, de oleados e encerados, de papel e papelão, de pastas e carteiras, de penachos e plumas, de pós e gomas, de presepios e cascatas, de rolhas, de rolos typographicos e lythographicos, de suspensorios e ligas, de tapetes, de tejolos e telhas, de tintas de todo o genero, de ferreiro, de fiandeiro, de florista, de fogueteiro, de formador, de freieiro, de fundidor, de funileiro, de gaioleiro, de gateador, de geceiro, de gravador, de illuminador de estampas, de impressor, de jardineiro, de laminador, de lapidario, de latoeiro, de loiceiro, de luveiro, de lythographo, de machinista, de marceneiro, de miniator, de modista, de mosaista, de musico, de oculista, de odreiro, de oleiro, de organeiro, de ornatista, de ourives, de passamaneiro, de pelleiro, de peneireiro, de penteeiro, de perfumador, de pergaminheiro, de photographo, de picador de papel, de pintor, de pisoeiro, de pixeleiro, de preparador de objectos de historia natural, de pullidor, de quinquilheiro, de recortador de papeis, de relojoeiro, de retratista, de retrozeiro, de santeiro, de sapateiro, de segeiro, de selleiro, de serralheiro, de sineiro ou fundidor de sinos e campainhas, de sirgueiro, de sombreireiro, de serrador, de tamanqueiro, de tanoeiro, de tecelão, de tintureiro, de torneiro, de velleiro, de vestimenteiro, de vidraceiro, de vidreiro, de violeiro, de vitrificador, etc., etc., etc.

Ponta-delgada, 13 d'agosto de 1849. = O presidente, *Antonio Feliciano de Castilho.* — O 1.° secretario, *José de Torres.* — O 2.° secretario, *J. J. d'O. Machado Junior.*

Exposição da industria franceza.

Fez-se com toda a solemnidade a festa da distribuição dos premios, a que presidiu Luiz Napoleão. Distribuiram-se 182 medalhas de ouro, 540 de prata, e 896 de

bronze. Na sala, em que se viam os retratos, e liam os nomes de muitos homens notaveis nas sciencias industriaes, achavam-se as seguintes inscripções em letras de ouro:

1440 — Guttemberg inventa a imprensa.
1649 — Pascal inventa a prensa hydraulica.
1690 — Denis inventa a machina de vapor.
1776 — Berthollet inventa o branqueamento por meio dos chloruretos.
1786 — P. Lebon inventa a illuminação por gaz.
1799 — Leblanc inventa a soda artificial.
1800 — Achard descobre o assucar de beterraba.
1810 — Girard inventa a fiação mechanica do linho.
1822 — Fresnel inventa os pharoes lenticulares.

No frontão do palacio lia-se esta divisa: — *Honra ao trabalho!*

Communicação do Oceano Atlantico com o Mar Pacifico.

O projecto de communicação realiseu-se emfim. É uma bóa noticia para o commercio. A passagem de Panamá até o ponto mais elevado, navegavel, do rio Chagres, ha-de ser feita em barcos de vapor, que se estão já construindo nos estaleiros. D'alli até ao Oceano Pacifico estabelecer-se-ha um caminho de ferro. Os trabalhos para este caminho devem ter começado no 1.° do mez em que estamos.

Conservação do leite.

Aproveita-se o leite, que as vaccas fornecem no tempo em que andam mais tempo ao ar, em prados ferteis, onde as plantas são variadas. O leite mugido deixa-se, por pouco tempo, exposto ao ar, e mesmo durante este tempo, em vasos chatos de fundo plano, de maneira que nunca seja grande a altura do liquido.

Em tres quartilhos de leite dissolvem-se duas onças e meia de assucar branco, e aquece-se o liquido pondo o vaso, em que elle está, sôbre um apparelho formado de dois canos, por entre os quaes passe o vapor d'agua a ferver.

Para favorecer a evaporação do liquido, agita-se com uma spatula, que tambem evita a formação de pelliculas. Quando o leite se acha reduzido a dois decimos do seu volume primitivo, deita-se em caixas cylindricas de folha de Flandres, que tenham, pouco mais ou menos, capacidade para dois quartilhos, que se fecham por meio d'uma cinta de estanho, a qual se corta circularmente, quando se quer abrir a caixa, O leite, por este processo, conserva-se bem, e serve, como o leite ordinario, quando se dissolve em quantidade sufficiente d'agua. Para viagens longas é talvez este o melhor meio de conservar o leite.

ANNUNCIO.

A Lyra de Apollo.

Saíram já dois números d'este novo e bello jornal de musica, que julgâmos dever recommendar ao público, não só pela bôa escolha das peças allí contidas; mas pela nitidez e esmero com que é lythographado.

Assigna-se e vende-se no armazem de musica do sr. João Cyriaco Lence — na rua das Portas de Santa Catharina n.° 13.

Por assignatura, cada número, 200 réis; avulso — 280.

BIBLIOGRAPHIA.

Conversações d'Aldêa.

Em epocha tão cortada de dissenções, e em que os espiritos tão desvairados andam, a apparição das *Conversações d'Aldêa* deve de ser por todos abençoada: com effeito a sabio Cormenin (Timon), auctor das *Conversações d'Aldêa*, aliàs bem conhecido pelas suas obras, e, principalmente, pelos seus pamphletos politicos, ricos todos de energia e de verdade, conseguiu fazer um verdadeiro livro popular, e utilissimo; tratando nelle, com admiravel clareza e precisão, as mais importantes questões sociaes, aquellas de cuja resolução depende directamente a prosperidade e bem-estar dos povos. Este livro, entre nós, torna-se duplicadamente precioso: porque temos uma carencia quasi absoluta de similhantes obras elementares; a leitura das *Conversações d'Aldêa* não só é recommendavel áquelles que de mais illustrados se présam; mas, talvez, conviesse mesmo, que o Conselho Superior d'Instrucção Pública, a adoptasse para o uso das escholas primarias.

Intendemos, pois, que o sr. J. M. Nogueira fez um relevante serviço no paiz, dando-nos, em portuguez intelligivel, e limpo daquellas impurezas que deturpam a maxima parte dessas traducções, que por ahi correm, uma excellente traducção d'este excellente livro, que, com a maior satisfação, não duvidâmos recommendar aos nossos leitores.

Consta esta obra de um grosso volume de mais de 200 paginas em 8.° francez.

Vende-se na loja do sr. Antonio Maria Pereira (em Lisboa) por 500 réis.

CHARADA.

Ninguem sem mim vem ao mundo; — 1
Nem mente alguem sendo assim; — 1
Dos excessos a que obrigo
Tendes exemplos sem fim.

EXPLICAÇÃO DO NÚMERO ANTECEDENTE:

Charada — Elmo.

AVISO.

A empreza d'este jornal pede novamente aos senhores correspondentes e commissarios do *Almanak Popular*, e da *Revista*, que tenham a bondade de lhe remetter, até 20 do corrente — *sem falta* — as suas contas, e as quantias que tiverem em seu podêr.

DECLARAÇÃO.

A poesia publicada sem assignatura no número antecedente é do sr. F., primoroso e bem conhecido traductor de grande parte das obras poeticas de Lamartine e Victor Hugo.



ITALIA — Ferrara.

Ferrara é a mais setemptrional de todas as povoações dos estados romanos; as suas ruas são largas, direitas, mas quasi desertas; a de *San Benito*, tem 1:000 toezas de comprimento.

Um dos mais curiosos edificios de Ferrara, pelas recordações que suscita, é o palacio gothico dos antigos duques; entretanto só exteriormente faz lembrar a illustre e celebrada Casa d'Éste, e os lindos versos do Ariosto e do Tasso; interiormente foi todo renovado. As cinzas do primeiro daquelles poetas repousam no Lycêo; e no Hospital de Sant'-Anna ainda hoje se mostra o logar em que esteve encerrado sete annos o segundo, a pretexto de loucura, por ordem de Affonso, duque de Ferrara.

O palacio *del Magistrato*, contém excellentes e admiraveis pinturas, segundo assevera mr. de Valery; é neste palacio que se reune a academia *degli Intrepidi*, que em 1803 tomou o nome de academia *Ariostea*, e, em 1814, o de academia scientifica e litteraria *degli Ariostei*. A cathedral é d'um bello estylo gothico: na egreja de S. Francisco ha um echo que reproduz dezeseis vezes os sons; a egreja de *San Benito* é tambem uma das mais magestosas de Ferrara.

A bibliotheca pública contém cêrca de 80:000 volumes e 900 manuscriptos, entre os quaes se encontram alguns cantos do *Orlando furioso* de Ariosto, a *Gerusaleme* do Tasso, e o *Pastor-fido* de Guarini. A casa de Ariosto é dos monumentos mais preciosos de Ferrara. No *Campo Santo* encontram-se alguns mausoléus de singular primôr e magnificencia; a grande praça, em que primeiro esteve a estatua do papa Alexandre VII, e depois a de Napoleão, distinguiu-se algum tempo pelo nome d'este grande homem, até que em 1814 lh'o mudaram, chamando-se desde então — Praça de Ariosto.

Esta cidade, no tempo da administração franceza, contava vinte e tres mil e setecentas almas, e hoje, compõe-se a população de trinta e quatro mil habitantes, pouco mais ou menos, sendo um terço judeos, que vivem em bairro separado, que é aliás o mais aceiado e alegre de toda a cidade.

Ferrara fórma a segunda provincia dos Estados Pontificios (com a cathegoria de legação), orçando toda a respectiva população por duzentas e sessenta mil almas.

Além de Ferrara, sua capital, as unicas cidades, de alguma importancia, desta legação, são: Comacchio, Lugo e Ponte-di-Lago-Scuro; a primeira conta apenas tres mil habitantes; outros tantos a segunda; e a última cinco mil.

A parte que coube a Ferrara nos últimos acontecimentos da Italia, não póde ser estranha aos nossos leitores, depois das largas noticias que, a similhante respeito, publicaram todas as folhas politicas.

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Alguns apontamentos relativos ao estado spheroidal dos corpos: prova do fogo: o homem incombustivel etc., etc.

(Continuação.)

Se se praticasse a experiencia com receio, ou se es operasse com excessiva rapidez, era possivel vencer-se a fôrça repulsiva que existe nos corpos incandescentes, restabelecer o contacto, e as consequencias seriam quaes se podem imaginar.

Para convencer qualquer do risco que corre quem passar muito rapidamente a mão pelo metal derretido, baste dizer que a existencia está na razão do quadrado da celeridade; e n'um fluido compacto, como o ferro liquido, de certo que esta resistencia cresce em ponto mais elevado ainda.

O resultado da experiencia será sempre feliz se se tiver a pelle humida; o receio involuntario que se experimenta, em presença destas massas de fogo, predispõe o corpo para aquelle estado tão necessario. Mas quem tomar certas cautelas ficará verdadeiramente invulneravel.

De todos os meios que empreguei, os que mais me aproveitaram foram os seguintes: — Esfregava as mãos com sabão, até dar-lhe uma superficie bem polida, depois, na occasião em que ía fazer a experiencia, mergulhava-as em uma solução de sal ammoniaco saturado de acido sulfuroso, ou sómente, em agua contendo sal ammoniaco, ou, no último caso, em agua simples.

Regnault, que tractou d'este objecto, diz:[1]

«Os que fazem officio de trabalhar com o fogo, ou de o conservar na bôcca, servem-se ás vezes de uma dissolução de partes eguaes de flor d'enxofre, sal ammoniaco, essencia de alecrim, e succo de cebola.» Substancias volateis todas, que tornam latente, evaporandose, uma certa porção de calor.

Tem cabimento aqui fallar n'uma experiencia vulgar em fábricas de vidros, de que devo o conhecimento a mr. Dumas. Consiste em deitar n'uma celha d'agua uma porção de vidro em fusão, moldando-o, ainda incandescente, com as duas mãos.

Nesta experiencia ha dois tempos bem distinctos: no primeiro, a porção de vidro está isolada no meio da agua; no segundo, recobre-a uma camada solida e transparente, que não obsta que se veja a massa incandescente. A duração do primeiro tempo é mui curta, e só no segundo se póde impunemente moldar o vidro em fusão. «Esta experiencia, accrescenta mr. Dumas, é conhecida desde tempos immemoriaes; e foi apontada por Bellani, que observou que o vidro não fazia chiar a aguar, nem desenvolvia nesta signal algum de ebullição — *la quale acqua rimane tranquilla come ponendovi un pezzo di ghiaccio*[2].

Procuremos agora a explicação razoavel d'estes factos:

Temos a fórmula $m\ c\ t$, que mostra a quantidade de calor contido n'um corpo qualquer.

[1] Regault, Conversações sôbre a Physica, T. XI, pag. 101.
[2] Giornale de fisica di Pavia, anno 1816, pag. 225.

Seja m a massa expressa em kilogrammas;
c o calorico specifico do corpo;
t a sua temperatura.

Mas deve-se fazer a devida abstracção do factor m, porque não se dá contacto entre a mão e o metal fundido, e porque a experiencia não tem differença alguma, ou seja feita com 10 kilogrammas de metal, ou com 1:000 kilogrammas. A sensação que se experimenta é a mesma em um e outro caso, o que facilmente comprehende quem conhece a fôrça repulsiva das superficies incandescentes, que obsta ao contacto de um corpo qualquer.

O dedo ou a mão acha-se, pois, isolada no metal liquido, e, por consequencia, preservada da acção desorganisadora da materia incandescente. Repito, é necessario que se abstráia da massa.

Restam os dois factores $c\ t$. Supporei (e é quanto basta) que o valor de $c = 0,15$, e o de $t = 1500°$, temperatura do metal em fusão; ora o producto de $1500° \times 0,15 = 225$.

D'este modo a epiderme do ensaiador acha-se em presença de 225 *calorias*. Com effeito é uma quantidade esta de calor formidavel, mas não excessiva, como se vae provar.

Que não ha contacto entre a mão e o metal, é cousa que para mim não admitte dúvida; se se não dá contacto, o aquecimento só póde ter logar por meio da irradiação, e como seja enórme, convem conhecê-lo. Mas se a irradiação fôr annullada pela reflexão, como acontece, é o mesmo que se não existisse; em summa, o operador acha-se collocado em uma situação, por assim dizer, normal.

(Conclúe.)

Os Cometas.

(Continuado de pag. 280.)

Os cometas atravessam, em todas as direcções, o nosso systema planetario, o seu número é consideravel, e poucos são ainda aquelles cujas orbitas os astronomos teem determinado. É muito possivel que um delles, atravessando a orbita da terra, se encontre com ella. É possivel até que já se tenham verificado estes encontros, em epochas remotas. Nada sabemos dos elementos materiaes, que formam os cometas; por isso não podêmos imaginar que desordens resultariam se a terra se achasse por instantes na atmosphera luminosa d'esses astros. Um cometa atravessou as orbitas em que se movem os satellites de Jupiter, e não produziu desvio, nem perturbação sensivel. Victima exclusiva d'este encontro singular perdeu no espaço uma parte da sua propria substancia, e passou a descrever outra ellipse maior. Mas entre os cometas, que circulam no espaço, ha muitos que possuem nucleo solido. O encontro com estes póde ser mais perigoso, e dar origem a uma completa revolução na terra.

A attracção entre os corpos celestes depende das massas. O planeta que atravessou a orbita de Jupiter não teve influencia apreciavel sôbre este astro, porque a sua massa era subtilissima comparada com a massa enorme de Jupiter.

Supponhâmos a densidade d'um cometa, e as suas dimensões eguaes ás d'Uranus, que é o menos pesado de todos os corpos do nosso systema planetario; e imaginemos que elle se acha, por um instante, tão longe de nós como a lua. A massa do cometa attrahirá a terra, que, affastando-se do sol, descreverá d'ahi por diante uma curva de diametro maior. Que mudanças espantosas occorreriam então!

Ainda podêmos imaginar outra cousa. Alguns cometas passam tão perto do sol, que nadam, por assim dizer, na sua atmosphera luminosa. O de 1811 aproximou-se do sol 166 vezes mais do que nós. Calculou Newton, que ao sair do seu perihelio, a temperatura d'este cometa se elevará 29:000 vezes mais do que a nossa. Julgue-se que effeito produziria um cometa que passasse, entre a terra e a lua, com temperatura 2:000 vezes maior do que a temperatura do ferro em brasa! Os animaes e as plantas ficariam queimados, e os corpos solidos, do reino inorganico, quasi todos fundidos, mudariam inteiramente d'aspecto.

O cálculo das probabilidades é por ora favoravel á terra; mas dois seculos d'observação contam-se por um instante na immensidade dos tempos, e é possivel que algum cometa, depois de ter andado no espaço 6:000 annos a descrever sua immensa orbita, venha por fim a encontrar-se com a terra, e a produzir os effeitos terriveis, que acima ficam apontados.

ROMANCE.

Peccadora.

> Se ha hi alguem isempto de peccado, que lhe atire a primeira pedra.

X.

(Continuação.)

«Não posso explicar exactamente o que senti. Foi o quer que é de extraordinario. Experimentei um movimento de maligna alegria, com egual dóse de despeito. Faço idéa que um amante, em frente do marido da sua amante, deve sentir, pouco mais ou menos, a mesma alegria e egual despeito.

«No dia immediato recebeu Robertina uma carta minha.

«Uma carta e um embrulhinho, com uma escada de seda.

«No seguinte, á noite — e chovia a bom chover! — veio Robertina ao logar que lhe eu indicára:

«Pobre rapariga; muito me estima ainda...

«Eu, porém, não a amo já, não. E até nisto tenho uma grande vantagem sôbre o sr. barão d'Osser.

«Mas, apezar de lhe não votar amor, nem por isso estou resolvido a resignar os direitos que Deos e os homens me outhorgaram. É uma mulher admiravelmente bella, e é minha mulher...

«O meu testamento acaba aqui. Só disse a pura e singela verdade — tanto me bastou para nelle ter uma arma terrivel para atacar, se me não podér defender.

«Queira Deos que baste a proteger-me! A vingança posthuma para mim não tem attractivo algum; e demais repugnar-me-ía sinceramente desgraçar uma mulher tão encantadora como é *minha* mulher.

«Confirmo o que acima deixo escripto, que assigno.»

J. Claudio Rembrés.

P. S. — «Póde duvidar-se da verdade de um forçado, mesmo quando falla *in-extremis*. Convido, pois, o sr. barão a fazer a pequena jornada de Molay (é a duas leguas e meia de Furnes); nos registos da communa achará a prova do casamento de Robertina Schwartz: o *maire*, o cura, todos poderão affiançar-lhe, que Robertina Schwartz, é Robertina Roberts, baroneza d'Osser.»

— Põe ahi ponto final! disse o sr. Chose ao Popelin.

O *Gelozia* não se buliu, e um bom minuto se conservou firme no seu móxo. Depois sobrevieram-lhe lentas oscillações.

Ao cabo de outro minuto caíu para diante, com a cabeça encostada ás mãos, começando logo a resonar estrondosamente.

Custou immenso ao ex-banqueiro, e notario, etc., a saccar o caderno de papel debaixo dos cotovellos de Popelin. Queria examinar cuidadosamente o trabalho do seu antigo escrevente. Este exame resultou todo em favor de Popelin, que não era homem, que, mesmo a dormir, esquecesse o ponto de um *i*, ou o córte de um *t*. Desde a primeira até á última linha seguia a escripta arrojada e firme, sem interlinhas, nem rasuras.

O sr. Chose, que agora nomearemos pelo seu verdadeiro nome — Claudio Rembrés — poz para o lado o caderno, muito satisfeito, escolheu tres folhas de papel de pêso, e escreveu na primeira o seguinte:

«Meu caro senhor:

«Tenho a honra de remetter-lhe inclusa a cópia da carta que teve a bondade de escrever-me com data de... O original fica em meu podêr.,

«Devo, porém, explicar-lhe, sr. barão, a causa desta minha resolução.

«Segundo *experimentei*, v. ex.ª tem o pessimo costume de se travar ao pescoço dos seus amigos. Como essa mania póde ter graves inconvenientes, entendi que devia acautelar-me.

«Foi o que com effeito fiz.

«Depositei, em mão segura e fiel, o original a que acima me refiro, sobscriptado, e com direcção para o prefeito da policia.

«Se me acontecesse alguma desgraça — se eu morresse, se desapparecesse, nem por isso o sobredito original deixaria de ter o destino que lhe marquei.

«Queira acreditar que sou, etc.

J. Claude.

Rembrés releu o bilhete com a maior attenção, esfregou as mãos, e sorrindo com ar pensativo, disse:

— Não está máu, não!... O meu bom amigo ha de pagar ao medico até para tratar da minha saude.... agora vamos á baroneza — nada de contemplações!

Pegou em uma segunda folha de papel, e começou:

«Minha querida:

«Peço-te mil desculpas por ter faltado á nossa pri-

meira entrevista. A culpa não foi minha; e depois, outra vez te indemnisarei.

«Tenho muito e muito que te dizer! Estou convencido que has-de justificar-te excellentemente em quanto ao teu segundo casamento. Minha rica, o barão tem cem mil libras de renda. Não me atrevo a censurar-te.

«A proposito, tu n'outro tempo, a despeito da doçura tres vezes angelica dos teus lindos olhos, eras mulher fina como um coral. Lembrou-me que poderias muito bem... has-de perceber-me, minha rica: eu sou um mortal, como os outros, e sujeito, de mais a mais, a duas enfermidades terriveis; os meus ataques de somno, e a *galé*...

«Quando adormeço agita-me sempre o receio de que posso acordar na cadéa.

«Tu amas-me muito, minha querida Robertina! Eu não o ignoro; mas tambem não ignoro que deves recear-me, e demais, as cem mil libras do barão!... que has-de amar extremosamente. Refiro-me á renda. Quero, pois, poupar-te a alguma scena desagravel.

«Inclusa receberás a cópia do meu testamento. Não te assustes com esta palavra, minha amiga. Graças a Deos estou são e escorreito. O meu testamento, digo, de que reservei o original, escripto todo e assignado por mim.

«No sobscripto, em que embrulhei o original, puz a direcção: — *Ao sr. barão d'Osser*, etc. No dia immediato áquelle em que me acontecer alguma desgraça, saberá o barão o que tu de certo nunca lhe disseste...

«Nem é minha intenção ameaçar-te, Robertina, senão previnir-te. Se tiveres alguma observação a fazerme, de bom grado t'a resolverei na proxima occasião.

«Adeos! — Lê com attenção o meu testamento, e verás que deves ter tanto cuidado na minha vida e segurança, como na menina dos teus lindos olhos; porque — podes ficar perfeitamente descançada — em quanto não fôr encommodado, nunca teu marido, e meu collega, saberá cousa alguma.

«O meu interesse, neste caso, é o teu interesse. Tenho planeado varios projectos, para cuja realisação hasde ajudar-me, já se sabe. Tudo se arranjará como espero.

J. Claudio Rembrés.

Rembrés fechou esta carta, pegou em a terceira folha de papel, que escreveu á pressa.

Depois poz-se a abanar o Popelin.

— Eh! lá Popelin! não vês que já é alto dia!...

Popelin espreguiçou-se, e inclinou a pala para a cara para evitar os raios do sol.

— Preguiçoso! disse Rembrés. Ora vamos, Popelin, dormiste bôas duas horas... Aqui estão as tuas instrucções: ouve.

O *Gelozia* comprimiu um último bocejo, e pareceu prestar-lhe toda a attenção.

O ex-notario leu:

INSTRUCÇÕES DE POPELIN.

«Para ganhar os dez luizes que vou entregar-lhe, deve Popelin guardar fielmente os depositos que lhe são confiados, restituindo-m'os, porém, logo que lh'os eu pedir.

«Se C. R. morrer de morte violenta, deverá Popelin enviar os dois depositos ao seu destino, immediatamente, e por via segura.

«Se C. R. morrer de morte natural, deverá Popelin pôr-lhe novos sobscriptos, e fazer entregar; o que é dirigido ao prefeito da policia, ao sr. barão d'Osser; e o que é dirigido ao sr. barão, a sua mulher, a sr.ª baroneza d'Osser.»

É quasi inutil previnir o leitor, de que nem uma phrase do contheudo dos dois escriptos, sabía de cór o Popelin. Escrevêra, e mais nada.

Era, lá a seu modo, homem escrupulosamente fiel, e de meticulosa pontualidade. Fez repetir sete ou oito vezes a leitura das instrucções, que o Rembrés acompanhava com varios commentarios; depois leu-as elle mesmo egual número de vezes com toda a pausa.

— Creio que as sei, patrão; não ha dúvida; sei-as, estas instrucções. Contém tres paragraphos. O primeiro é simples — refere-se ao depósito. O segundo é composto; suppõe-se dois casos; e ordena-se a entrega de duas cartas... muito bem!... O terceiro, esse é mais complicado; porque se trata de mudar a direcção das mesmas cartas... Ora diga-me, patrão, não fallou hontem á noite em suicidar-se?... e d'ahi talvez o eu sonhasse!

— Foi sonho, foi, Popelin.

— É célebre, rosnou o *Gelozia*, não costumo sonhar, e quando sonho é sempre com o meu café, ou com a *Estrella*... Mas, emfim, se lhe der na cabeça suicidar-se...

— Forte teima! disse Rembrés, rindo — nesse caso, terás de cumprir o último paragrapho das minhas instrucções.

Popelin pegou do papel, e accrescentou, em interlinha, *ou por suicidio*, depois das palavras — *morte natural*.

— Agora é que está claro: o paragrapho terceiro, correcto, vem a ser:

«Se C. R. morrer de morte natural, ou por...

— Basta! interrompeu-o Rembrés, tomando um modo muito serio; o suicidio é uma parvoice... Mas emfim deixa ficar. Promettes-me fazer exactamente o que dizem estas instrucções?

— Prometto, patrão, porque não lhe acho nenhum inconveniente.

— Promettes-me egualmente restituir-me estes papeis logo que t'os eu peça?

— Sim, patrão.

Rembrés atirou para cima da mesa com dez luizes, e disse, erguendo-se:

— Até á vista, Popelin; e fico contando comtigo.

E saíu.

Popelin ficou sósinho, enferrolhou o depósito, que lhe havia sido confiado, no fundo de uma caixa de papelada. Depois entregou-se ao estudo das suas instrucções.

Eram nove horas da manhã. Á noite, quando o Popelin foi ao café do largo das Fontes, sabía a *lição* na ponta da lingua; era muito capaz de recitar os tres paragraphos a fio, com a respectiva entrelinha.

Claudio Rembrés, esse, assim que saíu da baiúca, abalou-se para o palacio d'Osser, e entregou ao porteiro as cópias escriptas pelo Popelin.

(Continúa.)

A Sogra do diabo.

(CONTO POPULAR.)

Pois senhor, havia n'um logar, a que se chamava Villagañanes, uma viuva mais feia que o sargento de Utrera, que arrebentou de feio; mais magra que um espectro; mais velha que o andar a pé; e mais amarella que a epidemia. Em compensação tinha um genio tão maldito, que nem o mesmo Job a teria aturado. Tinham-lhe posto por alcunha — *a tia Holofernes* — porque apenas chegava á porta todos os rapazes deitavam a fugir. Era a tia Holofernes limpa como a agua, diligente como uma formiga, e portanto não tinha pequena cruz em aturar sua filha Pamphilia, que era, pelo contrário, tão folgazã, e tão amiga do padre Quieto, que não a moveria um terremoto. Por isso, quando Deos accendia as suas luzes começavam os ralhos da tia Holofernes, e quando ella as apagava ainda a festa durava.

— És, lhe dizia, molle como o tabaco de Hollanda; precisa-se d'uma junta de bois para te arrancar da cama. Foges do trabalho como da peste, rapariga sem vergonha, e gostas tanto da janella como uma macaca. És mais namoradeira que o tio Cupido; mas deixa estar, se as fôrças me não faltarem, hei-de fazer-te andar mais direita que um fuso, e mais ligeira que o vento.

Pamphilia, ouvindo isto, levantava-se, bocejava, espreguiçava-se; e, trocando-lhe as voltas, ía pôr-se á porta da rua.

A tia Holofernes, sem dar por isso, punha-se a varrer com uma actividade pasmosa, acompanhando o ruido da vassoura com diversos monologos do seguinte theor:

— Nos meus tempos as raparigas trabalhavam como machos...

A vassoura fazia *chis, chis, chis.*

— Viviam recolhidas como freiras...

E a vassoura fazia *chis, chis, chis.*

— Agora são loucas a valer...

Chis, chis, chis.

— Só pensam em noivos...

— E estes tambem estão perdidos...

E a velha continuava a grasinar, e a vassoura a fazer *chis, chis, chis.*

Chegando ao pé do saguão via a tia Holofernes, que a sobrinha estava a fazer signaes a um rapazote, e o baile da vassoura acabava nas espaduas de Pamphilia, operando o milagre de a fazer correr. Em seguida dirigia-se a tia Holofernes para a porta, empunhando a vassoura; porém, assim que assomava, desapparecia o pretendente com tanta pressa, como se lhe tivessem posto azas nos pés.

— Maldita namoradeira! gritava a mãe; hei-de quebrarte quantos ossos tiveres no corpo. Dize-me, o que pretendes tu com esses namoricos?

— Casar-me, minha mãe, que já é tempo.

— Casar-te! que disseste, louca? Não ha-de ser no meu tempo.

— Pois vocemecê não se casou? E a minha avó, e a minha bisavó?

— Bem me pêsa de o ter feito, porque te dei o ser, minha desboccada. Fica entendendo: se eu me casei, se minha mãe, e minha avó se casaram, não quero que te cases tu, nem minha neta, nem minha bisneta: ouviste?

Nestes suaves colloquios passavam a vida, a mãe e a filha, sem outro resultado senão ser a filha cada vez mais namoradeira, e a mãe cada vez mais rabujenta.

N'uma occasião em que a tia Holofernes estava fazendo a barrela, e a ponto de ferver a cinza, teve de chamar a filha para que lhe ajudasse a levantar a panella do lume. A filha ouvia com um ouvido, mas era o mesmo que nada, porque escutava com o outro uma voz conhecida, que dizia, lá na rua:

Eu te quizera querer,
Mas tua mãe não me deixa,
O demonio da velha,
Em tudo se ha-de metter

Era debalde que a tia Holofernes se esganiçava. Vendo emfim que a filha não vinha, resolveu-se a pegar só na panella, e a entornar a agua sôbre a roupa, sem mais ajuda de ninguem. Como era pequena, e de poucas fôrças, despejou a panella por cima de si, e queimou um pé.

Aos gritos da tia Holofernes acudiu a filha.

— Maldita, remaldita, malditissima!... dizia a tia Holofernes, feita um basilisco — namorada de Barrabás, que só pensa no casorio, permitta Deos que te cases com o demonio.

Algum tempo depois apresentou-se um pretendente.

(Continúa.)

POESIA.

A Despedida.

(AO MEU AMIGO A. E. ZALUAR.)

Ai que sinto a larga ferida
Que te rasga o peito agora;
Não ha pranto que nest'hora
Console um triste na vida;
Nem ha canto magoado
Que revele o que a alma sente
No percorrer de repente
Desde o presente ao passado!

Ver as esp'ranças douradas
Dos nossos sonhos da infancia
Perdidas como a fragrancia
Das florinhas desfolhadas;
Ver que o futuro tão certo
Que descantaste na lyra
Foi o sorrir da mentira,
Foi o oasis do deserto!

Oh! que amargura, meu Deos!
E não contente a desgraça
Faz-te sorver toda a taça
Deixando a patria e os teus!
Té mesmo os pobres amores
A tantos sonhos affeitos,
Coitados! — ficam sujeitos
Da sorte aos impios rigores!

Ai que dôr! que dôr tamanha!
Essa alma, que na desdita
Deixa a patria, e geme afflicta,
Não cabe na terra estranha;
Não cabe não; se a reveste
Do ouro a enorme riqueza
Mais lembrará a pobreza
Desta patria em que nasceste!

Vae — e quando no mar largo
Sentindo crescer as máguas
Derramares sôbre as aguas
Torrentes de pranto amargo;
Recorda-te do amigo
Que por essa mesma altura
Passou na mesma amargura
Sem conforto e sem abrigo!

Então cumpre este segredo
Que me sae do peito ufano,
Lança a vista ao oceano
Té encontrar um rochedo;
É essa a patria fagueira
Que me deu o ser, a vida,
Alli tenho resumida
Quasi toda a vida inteira.

Ajoelha, ri-te, chora...
Manda um abraço na brisa
E á vaga que deslisa
Que lh' imprima um beijo implora;
Dá-lhe tudo quanto tem
De sentimento um amigo.
E depois a sós comtigo
Oh! resa por minha mãe!

Que peça a Deos por seu filho
No mundo errante, e sem norte,
Para que não calle a morte
N'alma gasta e já sem brilho;
Nem soçobre sem esp'rança
Neste mar de soffrimento
Do descrer ao desalento
Quanta vida esta alma alcança.

Vae — e quando no mar largo
Sentindo crescer as máguas
Derramares sôbre as aguas
Torrentes de pranto amargo,
Recorda-te do amigo
Que por essa mesma altura
Passou na mesma amargura
Sem confôrto e sem abrigo.

A. J. de Sousa Almada.

A Partida.

(no album do mesmo senhor.)

É no momento em que sôa
A hora negra e fatal,
Em que te rouba a desdita
Ao meu e teu Portugal;

É no momento em que deixas
Os nossos limpidos céus,
Que pedes á minha lyra
Mais um cantico dos seus?

Um hymno... quando tu partes
Quando me deixa um irmão,
Quando sinto que me escorre
Pranto e sangue o coração!!

Um hymno... quando esta terra
Mais um filho vae perder?
Quando o que posso, o que devo
Não é cantar, é gemer!?

Oh! cantem nesse momento
Da amisade os vís atheus,
Que o meu canto da partida
É o pranto do adeus!

A. Lima.

REVISTA DOS ESPECTACULOS.

Com o inverno chegou a epocha dos saráus e dos bailes. A Sociedade Philarmonica da rua do Almada teve a honra de receber Suas Magestades. Consta-nos que a funcção foi brilhante, e que Suas Magestades saíram de lá ás tres horas da madrugada. No dia seguinte esteve a sala exposta ao público.

No dia 7 teve logar o segundo baile da Academia Philarmonica de Lisboa. O concerto foi magnifico. O rondó executado no pianno pelo sr. Oscar Pfeiffer foi ouvido com extraordinario interesse, e justamente applaudido. As variações executadas na rebeca pelo sr. S. Martin tambem agradaram muito. O baile esteve animado.

Acabou a Exposição da Industria, e a Exposição phylantropica, que teve logar depois della. Esta exposição, que os pobres devem a um feliz pensamento do sr. Ribeiro de Sá, produziu mais de dois contos de réis.

A empreza de S. Carlos deu treguas, por alguns dias, ao repertorio do maestro Verdi, para nos fazer ouvir alguma das principaes producções de Bellini e Donizetti. Cantou-se a *Norma*, e depois della tivemos a *Lucia de Lammermoor*. Ambas são, de ha muito, conhecidas e estimadas entre nós. Na *Lucia* debutou a 1.ª dama — Marinangeli. — Esta senhora, que já esteve escripturada no theatro lyrico do Rio de Janeiro, deve talvez a sua collocação, na companhia de S. Carlos, aos apuros em que se viu a empreza, obrigada a organisar tudo em pouco tempo, pelas razões que todos sabem.

A sr.ª Marinangeli — como aquelle célebre governador que não fez fogo, do seu castello, contra o inimigo, por trinta razões, sendo a primeira a falta de polvora — não desempenha a parte de Lucia porque não tem voz para isso; ou porque a tem tão cansada, que já não é aproveitavel para uma primeira parte, e principalmente em um theatro da ordem do nosso. Não dizemos que não sabe cantar; pelo contrário, parece-nos que tem bôa eschola. Executou algumas escalas chromaticas com bastante methodo e agilidade; mas o timbre da sua voz,

ainda que afinado, é fraquissimo — tem alguns pontos que parecem abafados com surdina — ataca as notas agudas, mas não as póde sustentar — e nas peças concertantes o seu canto torna-se completamente imperceptivel, como acontece, por exemplo, na *stretta* final do 2.° acto. Como actriz a sr.ª Marinangeli mostra conhecer a scena.

Bem póde a empreza tratar de fazer acquisição d'outra *prima donna;* porque aliàs, augurâmos-lhe no futuro mui serios embaraços.

O sr. Baldanza fez a parte d'Edgardo de Rawenswood. — Decididamente, este senhor tem mais vocação para certos papeis energicos, do que para aquelles que exigem profunda compuncção e sentimento. A prova do que dizemos, está na fortuna com que cantou o dueto com o sr. Fiori, no 2.° acto; e nos bem merecidos applausos, que por essa occasião recebeu do publico. Em todos os outros trechos da opera, permitta-nos o sr. Baldanza que lhe digâmos, pareceu-nos inferior ao que exige o seu interessante papel. Donizetti chamava ao célebre tenor Moriani: — *il primo Edgardo del mondo.* — Como classificaria elle o sr. Baldanza, se o ouvisse?

Ao sr. Fiori (Asthon) coube a fortuna de salvar a opera de um completo *fiasco.* Nunca ouvimos, em S. Carlos, cantar com tanta energia e expressão a excellente aria:

Cruda, funesta smania...

Colleti, o excellente baritono, que cantou no nosso theatro, e cujo merito artistico ninguem ousará pôr em dúvida, foi mesmo, na parte de Asthon, mais frio, e menos interessante do que o sr. Fiori.

No dueto do 1.° acto, com a sr.ª Marinangeli; e no do 2.° com o sr. Baldanza, mostrou-se, como de costume, perfeitamente conhecedor da sua posição; e exprimiu acertadamente com os accentos da sua vigorosa e insinuante voz, todas as bellezas de harmonia, que lhe cumpria interpretar. O público, applaudindo por differentes vezes o sr. Fiori, mostrou saber avaliar o verdadeiro merito, e pagou-lhe um bem merecido tributo.

Os srs. Celestino e Bruni satisfizeram.

Lamentâmos sinceramente, que uma opera tão rica de bellezas, como é a *Lucia*, não fôsse desempenhada de maneira, que ainda por algumas noites podesse deleitar-nos. Aguardâmos com impaciencia a representação do *Ernani*, em que se estreará o sr. Liverani.

No theatro de D. Maria II foi á scena a *Filha de Figaro.* Continuam a representar a *Mulher de dois maridos.*

O theatro de D. Fernando vae um pouco melhor, desde que pozeram em scena as *Proezas de Richelieu;* mas difficilmente poderá sustentar-se, se tornar tudo dependente da sr.ª Emilia, que não tem fôrças para continuar no trabalho de representar em ambas as peças de cada noite. Dizem-nos que o *Ramalhete de Violetas* ha-de fazer furor. Se a *fusão* fôsse possivel, poderiamos agora organisar um bello theatro com esses elementos, que se acham dispersos pelos tres theatros nacionaes de Lisboa.

O pequeno theatro do Gymnasio tem tido enchentes successivas, desde que foi á scena o *Ensaio da Norma.* Basta dizer, para explicar a affluencia d'espectadores, que o *Ensaio* é composição do sr. Casimiro, e que representa o papel de Norma... o sr. Taborda. O sr. Casimiro é um d'estes homens de talento, sem pretenções, que são desconhecidos, porque não trabalham para que os conheçam. Modesto, e pouco ambicioso, confunde-se na multidão, e em quanto os fatuos se vão collocar onde todos os vejam, esconde-se elle para que o deixem livre nos actos da sua vida artistica, irregular e excentrica.

O *Ensaio da Norma* é uma prova de genio. Composição original e chistosa ha-de ter sempre os applausos do público, que préza tanto o espirituoso do dialogo, como a riqueza da musica.

O sr. Moniz entra perfeitamente. O sr. Taborda e o sr. Pereira são admiraveis no dueto — *In mia mano alfin tu sai.*

É de crer que as enchentes continuem por muito tempo. Consta-nos que a companhia do Gymnasio apresentará algumas farças novas antes do Entrudo.

Na quinta feira a récita foi em beneficio do sr. Casimiro, que teve nesta noite mais um triumpho.

Chegaram a Lisboa dois tocadores de rebeca — um de sete e outro de doze annos. Na segunda-feira ha-de haver em S. Carlos uma récita em favor dos srs. Ugoccioni.

Mr. Charles retira-se para o Porto com as suas feras.

O theatro lyrico do Porto acha-se em pessimo estado. Consta-nos que as pateadas tem sido tão frequentes, e de tal ordem, que as authoridades mandaram suspender as represenção, até que se ache ensaiada uma nova peça, e melhorado o pessoal e o material dos espectaculos.

Tambem não são bôas as informações que temos do Theatro de Camões. Continuam a representar as *Ricaes generosas*, comedia — e o *Embaixador*, farça, que são muito engraçadas, e muito applaudidas, segundo dizem os cartazes, que pertencem ainda á velha eschola dos cartazes do Salitre.

No *theatro politico* continúa o entremez, o que não admira:

El mundo comedia es
Y los que ciñen laureles,
Hacen primeros papeles
Y á veces el entremes.

NOTICIAS SCIENTIFICAS E INDUSTRIAES.

Exposição dos productos da industria nacional.

É DIGNO de menção o asphalto, que apresentou o sr. Goullard, proprietario de duas fábricas; uma em Lisboa, na rua do Poço dos Negros n.º 8, e outra no Porto, á Esperança n.° 69. Nestas officinas fabricam-se canos, telhas, tanques, e outros productos d'asphalto nacional, extrahido da mina da *Pedra Negra*, situada nas visinhanças do pinhal de Leiria.

O asphalto, conhecido ha muitos seculos, é precioso material para construcções; infelizmente não são muitas as localidades em que apparece. Na França, onde se extrae o asphalto de minas mui ricas, reveste-se com

elle o chão das praças, fazem-se d'asphalto os passeios das ruas, os eirados dos grandes edificios, as eiras do campo, os armazens, e os reservatorios espaçosos da agua. Entre nós, o mesmo se póde fazer, porque as minas de Leiria são tão bôas como as minas de Seyssel. Não são elevados os preços das obras d'asphalto. Um metro (quasi uma vara) quadrado d'asphalto póde-se fazer por 800 réis. Uma vara de cano, com duas polegadas de diametro, póde custar 400 réis. As telhas tambem são baratas, e muito superiores ás outras, porque não sobrecarregam o vigamento com um pêso excessivo. Uma vara quadrada de vigamento é carregada ordinariamente por 300 arrateis de telha e rebôco, em quanto a mesma extensão de vigamento, com telhas d'asphalto, só é sobrecarregado por 55 arrateis, pouco mais ou menos. Além d'isto, a telha d'asphalto é elegante, e não exige costeamento, porque a vegetação não se desenvolve sôbre ella, como acontece nos telhados ordinarios. A madeira, que fica debaixo da telha d'asphalto, conserva-se mais, porque não fica em contacto com a cal, e as casas são menos quentes, porque a telha reflecte a maior parte dos raios do sol.

O sr. Goullard é digno do maior louvor por ter descoberto, e aproveitado, com tanto discernimento, o asphalto portuguez. As suas fábricas hão-de certamente prosperar, auxiliadas pelos agricultores, pelos fabricantes, e pelas camaras municipaes, que se utilisarão dos productos d'asphalto, tanto nas obras públicas, como nas particulares.

Consta-nos que os tubos de uma só peça, capazes de resistir á pressão de 20 atmospheras, já se acham estabelecidos em algumas localidades. Nas visinhanças d'Agueda, em uma propriedade do sr. Caldeira Leitão, ha um d'estes canos, que conduz uma grande columna d'agua.

(Continúa.)

CORRESPONDENCIA.

Sr. Redactor:

Tendo lido no n.° 38 da sua *Revista* um artigo assignado pelo sr. F. Vieira da Silva, e dedicado ao illustre typographo hespanhol, o sr. Antonio Serra y Oliveres, estimei muito ver, que um artista portuguez tivera a lembrança de erguer um brado em favor dos que trabalham no progresso da arte typographica. A leitura d'esse artigo estimulou o meu amor proprio d'artista, e obriga-me a trabalhar. Com alguma vocação para a typographia, deliberei-me, em 1846, a expôr os meus primeiros ensaios n'um quadro emblemo-allegorico, que mereceu a approvação dos entendidos na arte. Faltou-me com a protecção *quem podia auxiliar-me* com todos os materiaes — resolvi-me a abandonar a empreza. Ao artigo do sr. Vieira devo o ter de novo cobrado ânimo. Já fiz o plano de outro quadro, e se este fôr bem recebido, talvez utilise os trabalhos preparatorios, que tenho reunido, na redacção de um *manual typographico*, para o qual desde já conto com o auxilio valioso dos amadores e dos artistas, que, a exemplo do sr. Vieira, prezam devéras a arte de Guttemberg

Cacilhas — Dezembro 5 de 1849.

J. A. P. Torres — typographo sem exercicio.

BIBLIOGRAPHIA.

Ivanhoé

Drama original, approvado pela Commissão Inspectora do theatro de D. Maria II.

Vende-se avulso nas seguintes lojas: — *Em Lisboa*, na do sr. Lavado, rua Augusta, n.° 8; e na da sr.ª Viuva Henriques, dita rua, n.° 1. — *No Porto*, na loja do sr. Moré. — Preço 240 réis.

Assigna-se para esta obra (e outras que o auctor publicar) no escriptorio da *Revolução de Setembro*, rua da Bica do Duarte Bello — e no escriptorio da *Revista Popular*, rua de S. Bento, n.° 114. — Preço 200 réis.

CHARADA.

Em França fui por seculos respeitada,
Segunda vez agora derrubada. } 1
Sou do Sertão terror, e tão valente,
Que a leões e tigres faço frente:
Tambem sou femenino acompanhado,
Na saude e fortuna desejado. } 2

Conheci gregos, phinicios e romanos,
Godos, arabes, celtas, luzitanos;
De mim saíu quem ao mundo deu
Conhecimentos que d'antes não havia,
Que fez sciencia certa a geographia,
E de mim todo o mundo a aprendeu.

EXPLICAÇÃO DO NÚMERO ANTECEDENTE:

Charada — Paixão.

AVISO.

ILLUSTRAÇÃO E SEMANARIO HESPANHOL.

Os senhores assignantes, a quem faltam alguns números, queiram dirigir as suas reclamações ao sr. Lavado — rua Augusta, n.° 8, até 24 do corrente. Nessa data se requisitarão para Hespanha os exemplares, que forem necessarios, não se attendendo a qualquer reclamação posterior.

As condições para a assignatura dos volumes de 1850 acham-se patentes na loja do sr. Lavado, e serão dirigidos aos actuaes assignantes.

REVISTA E ALMANAK POPULAR.

A direcção pede aos senhores correspondentes e commissarios, que lhe remettam, *até 20 do corrente*, as suas contas, e as quantias, que tiverem em seu podêr, pertencentes á empreza.



MARSELHA — Entrada do Museu de Bellas Artes.

Marselha foi provavelmente fundada pelos phóceos, 600 annos antes de Christo. Ao seu immenso tracto commercial deve a actual importancia, como á illustração dos seus habitantes, a grande celebridade de que gosou entre os antigos, que a conheciam pelo nome de *Massilia*. Cicero chamava-lhe a *Athenas das Gallias*, e Plinio, a *mestra das sciencias*.

Marselha é capital do departamento das *Bóccas do Rhodano*, e conta mais de 116:000 almas; tem bellos arrabaldes, povoados de formosas *quintas*, e opulentas casas de campo. A parte mais aceada e elegante de toda a cidade é junto do porto; aqui as ruas são direitas, limpas, largas, e guarnecidas de *passeios*, de bem construidas casas, e ricos armazães; o passeio público está optimamente situado em roda do ancoradouro, que é um dos melhores de toda a França, e que póde contér 1:200 navios de grande lote.

Para se fazer idéa da grandissima importancia commercial de Marselha, basta dizer que aportam alli annualmente cinco a seis mil navios, carregados de preciosas mercancias e artefactos, que rendem para a alfandega, de direitos, vinte milhões de francos, ou tres mil e duzentos contos de réis. A sua principal importação consiste em algodão em bruto, assucar, páu de tinturaria, e diversas mercadorias do Levante.

Nasceram em Marselha o navegador Pytheas, o poeta satyrico Petróneo, o célebre esculptor Puget, o prégador Mascaron, o poeta Pellegrin, o grammatico Dumarsais, e Lantier.

Ha em Marselha uma infinidade de associações e es-

tabelecimentos scientificos e litterarios, e, debaixo d'este ponto de vista, talvez que só París lhe leve vantagem; distinguem-se, principalmente, os seguintes: O Collegio da Republica; a Eschola Nacional de Navegação; a Eschola Secundaria de Medicina; a Eschola Especial de Musica; a Eschola Especial de Industria e de Commercio; o Atheneu, a Academia das Sciencias, Bellas letras e Artes; a Sociedade Academica de Medicina; a Sociedade Statistica; o Observatorio da Marinha; o Jardim das Plantas; a Bibliotheca Pública, que possue mais de 60:000 volumes, e o Museu de Bellas Artes.

Este último e util estabelecimento foi creado em 1802, por ordem do primeiro consul, bem como a Bibliotheca Pública, e o Jardim das Plantas. M. Thiboudeau, então prefeito do departamento, concorreu quanto póde para a realisação do grande pensamento do futuro imperador. Por determinação sua foram preparadas várias salas no antigo mosteiro de S. Bernardo, nomeando uma commissão de peritos, para examinar e escolher os quadros e mais objectos d'arte, que deviam ser recolhidos no Museu, e que, no reinado do terror, tinham sido tirados dos conventos e egrejas.

Organisado de pequeno número de pinturas escolhidas por aquella commissão, e de outras offerecidas por varios ministros, e até por alguns particulares, o Museu de Marselha possue hoje cento e cincoenta e um quadros; mas todos, infelizmente, estão collocados com pessima luz, de sorte que é mui difficil apreciar com exactidão o verdadeiro merecimento de muitos delles.

N'um logar consagrado á arte, a architectura, a decoração, e, maiormente, a distribuição da luz, exercem uma influencia immensa no ânimo do observador intelligente. Póde avançar-se mesmo, que um quadro de Rafael, mal collocado, isto é, exposto a má luz, perde cincoenta por cento do seu valôr.

Encontram-se neste Museu algumas obras de muito merecimento, citando-se entre ellas as seguintes: *O Salvador do Mundo*, obra de Pedro Puget, que, como o grande João Cousin, foi, simultaneamente, architecto, pintor e esculptor — é um quadro precioso aquelle, pela harmonia inimitavel de toda a composição, graça e naturalidade do colorido e vigor de estylo; podem tambem citar-se do mesmo auctor o *Baptismo de Clovis*, e o *Baptismo de Constantino;* bem como um grupo em marmore, representando a *Assumpção de Nossa Senhora*.

Admiram-se neste Museu dois quadros do bem conhecido artista Eustachio Lesueur, *Jesus Christo em casa de Martha e Maria*, e a *Apresentação no Templo*. Os retractos de *Ninon de Lenclos, e de madama de la Vallière*, devidos ao pincel de Mignard, contrastam singularmente, pelo objecto, mas não pela graça de toques, e frescura de colorido, com uma *Adoração dos Pastores*, do mesmo artista.

O retracto *de madama de Pompadour*, mulher de triste celebridade, por Nattier; *José vendido no Egypto*, por Coypel, quadro de bastante merecimento. *O Centurião apresentando-se a Jesus Christo*, e *Jesus Christo ordenando que se lavassem os enfermos na piscina, donde saíram milagrosamente curados*, pódem considerar-se como as melhores composições de Vien. De Miguel Serre, excellente colorista, e o mais fecundo dos pintores, que tem illustrado a Provença com as suas obras, contam-se no Museu de Marselha vinte e cinco grandes quadros, todos de assumptos religiosos; e entre elles uma collecção de quatorze quadros, representando com bastante arte e propriedade, a *Vida de S. Francisco d'Assis*. Admira-se ahi tambem o *Triumpho de Flora* de Nicoláo Poussin, bella cópia, cujo original existe na preciosissima galeria do Louvre; um *Mercurio*, de Ingres; o *Christo Crucificado*, de André Barron, que é uma pagina evangelica repassada de santa melancholia; e *Marcus Curius recebendo os deputados de Pyrrho*, por Pedro Peyron, quadro historico a muitos respeitos notavel.

Entre os quadros modernos torna-se recommendavel o *Primeiro Sacrificio de Noé*, por Agostinho Aubert, actual director do Museu de Marselha.

Muito teriamos que dizer a respeito desta cidade e dos seus monumentos, se nos fôsse licito ultrapassar os restrictos limites que nos estão marcados pela natureza especial desta publicação.

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Alguns apontamentos relativos ao estado spheroidal dos corpos: prova do fogo: o homem incombustivel etc., etc.

(Conclusão.)

Creio ter provado, ha já algum tempo [1], que a agua, no estado spheroïdal, tem a propriedade singular de reflectir o calorico irradiante, não attingindo nunca a temperatura da sua ebullição; e daqui se conclue que estando humidos o dedo ou a mão, não podem elevar-se á temperatura de + 100 grãos, pois que o tempo que dura a experiencia não dá logar a que a humidade se evapore inteiramente.

Em resumo. A mão, quando passa pelo metal em fusão, fica isolada; a sua humidade volve ao estado spheroïdal, reflecte o calorico irradiante, e não aquece tanto que chegue ao ponto de ebullição; eis-aqui tudo.

Tinha, pois, razão quando disse que esta experiencia, perigosa na apparencia, era quasi insignificante na realidade.

Tenho-a repetido frequentes vezes com chumbo, bronze, etc., e sempre colhi o mesmo resultado.

De resto, aquelles que se recordarem da experiencia, que consiste em mergulhar na agua uma porção de prata, ou platina incandescente, conceberão facilmente o mechanismo desta. Na primeira a agua arreda-se do metal, que parece envolvido n'uma camada de chrystal; na segunda é o metal liquido que se affasta da mão humida. Na primeira ainda o metal é activo, e a agua passiva; na segunda, pelo contrário, a mão humida é activa, e o metal fundido passivo; as duas experiencias, pois, constituem uma e a mesma experiencia; é a reacção egual á acção; é, finalmente, a mais simples das equações $ab = ba$.

[1] Estudos sôbre os corpos no estado spheroidal, pg. 24 e seg.

Não fallarei na introducção de uma véla accesa na bôcca, e em outras muitas experiencias do mesmo genero que, pela sua insignificancia, não são dignas da attenção da Academia.

Assim, no espaço de dez annos, pude fazer gêlo em uma fornalha, e banhar-me impunemente no metal incandescente, e isto em virtude das leis que regem a materia na estado spheroïdal.

Embora se pretenda negar a grande importancia do estudo profundo da materia no estado spheroïdal; embora se queira negar a influencia, que o estado molecular tem de exercer mais tarde ou mais cedo na sciencia; a questão é apenas de tempo; mas o futuro, que não nos pertence, julgará talvez com severidade aquelles dos meus compatriotas, que supprimem nas *Memorias* dos *Sabios estrangeiros*, antes de as imprimir em França, as passagens favoraveis aos resultados dos meus predilectos estudos. É uma acção esta que basta para manchar as mais brilhantes reputações scientificas.

Disse, em Memoria que offereci á Academia, que se encontravam vestigios de ser conhecido o estado spheroïdal, na biblia. O facto, que eu referi a respeito de Adurabad Mabrasphand (e podia apontar muitos outros) não parece indicar que a antiguidade tinha conhecimentos mais extensos do calor do que nós pensâmos? Desconhecia talvez pequenas cousas, como, por exemplo, os millesimos dos gráos centigrados, mas conhecia indubitavelmente os seus grandes resultados.

Deduz-se desta Nota que um certo número de factos historicos, considerados como fabulosos, podem ser veridicos, e que os antigos philosophos sabiam provavelmente muitas cousas que nós não sabemos. Não deixará de aproveitar-nos um pouco menos de admiração pelas nossas cousas, e mais algum respeito pelas antigas.

Terminarei esta Nota, lembrando á Academia, cuja indulgente benevolencia reclamo, a extraordinaria e inesperada analogia que existe entre a molecula viva, e a molecula no estado spheroïdal; é a invariabilidade da temperatura, qualquer que seja a variação do meio ambiente.

O homem póde viver em atmosphera que varie de — 30 gráos a + 40 gráos, sem a sua propria temperatura ser affectada. Sabe-se que um homem póde supportar por algum tempo as temperaturas extremas de — 60 gráos e de + 150 gráos, continuando a sua invariavel. Sabe-se que o habitador dos pólos e os dos afortunados climas tropicaes, e os dos ardentes climas da linha conservam egual temperatura, ou, que, se varía, é em pequenissima escala.

Isto posto, tome-se uma pouca de agua, e projecte-se em um vaso aquecido a 142 gráos; a agua tomará immediatamente a temperatura de + 98 gráos, e conservar-se-ha inalteravel, ainda que aquelle vaso se eleve a todas as temperaturas imaginaveis além do *minimum* que acabei de indicar (+ 142 gráos).

Este estado de equilibrio inalteravel dos corpos no estado spheroïdal, quanto ao calor, ha-de concorrer um dia, como espero, para a explicação de um dos maiores mysterios da creação... a mesma creação.

Comprehende-se perfeitamente que um fluido, cuja temperatura é inalteravel, quaesquer que sejam as variações de temperatura dos corpos que o rodêam, é um fluido eminentemente proprio á incubação. Isto basta para explicar o meu pensamento, sem o desenvolver.

ROMANCE.

—

Peccadora.

Se ha hi alguem isempto de peccado,
que lhe atire a primeira pedra.

XI.

BIGAMA.

No dia seguinte festejava-se a chegada de Florencia a casa de seu irmão. Havia baile. Pela primeira vez, depois de tanto tempo, abriam-se aquellas portas á multidão. Os brilhantes salões illuminaram-se como no tempo em que o podêr imperial despendia com mãos largas os seus favores ao senhor daquellas elegantes riquezas. Os dourados dos ornatos reflectiam alegremente o brilho descostumado das luzes. Era como uma resurreição do passado esplendor, ou como um arrojado protesto contra as antipathias do governo d'então.

A fallar a verdade, bem pouco importava ao barão a politica, nem tambem estava lá muito para folgar. Mas tinham-se feito com antecedencia os respectivos convites para aquella reunião, e os obstaculos, que depois haviam surgido, não eram dos que trazem ostensivamente o luto a uma casa. Não era possivel recuar.

O que preoccupava Armando exclusivamente quasi, era aquelle dia desastrado, e aquelle mysterioso inimigo, o falsificador de moeda da passagem S. Roque.

Armando chegára a acreditar que morrêra o provinciano. Em um accesso de raiva delirante, travára o sr. Chose pelo pescoço, e elle caíra hirto e insensivel como um cadaver. Por entre os remorsos daquelle pretendido crime, não podemos deixar de confessar, que Armando experimentára um insensato movimento de alegria, a alegria do convalescente, que vê o seu soffrimento acabado, a do prêso que se volta para contemplar de longe as paredes negras da sua prisão.

Mas o sr. Chose vivia, e tornára-se agora invulneravel! Armando recebêra na véspera, pela manhã, uma carta, contendo cópia da carta a lapis.

Talvez que, em presença daquella extraordinaria guerra, tão energicamente declarada, homem mais robusto de espirito que o barão, tentasse resistir e socegar; mas o ataque era de natureza tal, que aniquillava de um só golpe uma alma como a sua.

Armando, além d'isto, acha-se n'uma posição excepcional inteiramente. Suspeito para as authoridades, sabía que uma accusação dirigida contra elle havia de encontrar crédito e favor, por muito despida que fôsse de fundamento. Por mais forte razão devia aquella accusação ser bem acceita, se se apoiasse sôbre uma prova tal ou qual.

A carta de que se serviam para o aterrar era falsa. Mas como se havia de isto provar? E depois, em última analyse, o fundo da accusação era verdadeiro, porque fôra elle que subtraíra os cunhos da Moeda.

Quando recebêra a carta de Claudio, tratára de calcular prudentemente os seus recursos e os perigos a que estava exposto. Os seus recursos eram muito pre-

carios, e o desalento ainda os tornava menos efficazes. Mas os perigos eram proximos, terriveis, inevitaveis.

Armando curvou a fronte, e cedeu. O seu espirito ficou vencido. Repelliu toda a idéa de luta; entregou-se á discrição.

Como se póde imaginar, a angústia que lhe não consentia um momento de descanço desde a scena do *Palais Royal*, arredára-lhe do coração toda a idéa de ciume.

Não carecia de imaginar motivos para se inquietar e tremer. A idéa da doudejante corrida pelas ruas de París, por baixo de copiosissima chuva, ao cabo da qual, como sabemos, topára com os fabricadores de moeda-falsa, e com aquelle cortez e risonho sr. Chose, cujo rosto grave tomava em seus sonhos um aspecto terrivel, e olhar furibundo, causava ao barão impetos de colera, pela provada insensatez que nella mostrára.

Bem longe de suspeitar da virtude de Robertina, era na felicidade domestica que Armando procurava refugiar-se. Quizera isolar essa felicidade, pondo-a a abrigo dos terrores que o anceiavam; quizera repousar no amor de Robertina, não ver senão esse amor, exalça-lo como uma muralha entre a sua alma e os ameaços do porvir.

Robertina era a sua esperança unica, e a sua unica fé. Aquelle amor, que o ocio emurchecêra, resurgia gigante na afflicção; e era elle só o que o sustentava no seu luctar com a desgraça tremenda que o ameaçava.

Era muito, muito infeliz! Todavia a sua indole apathica, ainda assim, poupava-lhe uma parte dos receios, que a sua presente situação suscitaria a outro qualquer. Só via o perigo proximo. Quando lhe accudiam á memoria as palavras do fabricante de moeda falsa, que, além do interesse e ambição, revelavam naquelle homem odio pessoal e espirito de vingança, cerrava os olhos, e fazia incriveis esforços por as esquecer. Aterravam-no vagamente; nem procurava adivinhar o seu verdadeiro sentido.

Robertina estivera de cama até áquelle dia, levantando-se unicamente na occasião em que devia vestir-se para o baile.

Tambem recebêra uma carta de Claudio Rembrés.

E passára as doze horas de uma longa noite de inverno, encostada á cabeceira do leito, segurando na mão o *testamento* do falsario.

Quem podesse espreitar a senhora d'Osser naquella horrorosa noite, em que a sua intelligencia trabalhára incançavelmente oppondo á fadiga de uma organisação debil uma vontade de bronze, teria seguido, passo a passo, a lucta energica de um coração generoso contra as inspirações do desespêro.

E quem quer que o fizesse não poderia contemplar sem apaixonada admiração a côr magica de coragem, de esperança, de ardente prece, de infinita dôr, que, passando pela alma de Robertina, vinham alternadamente illuminar-lhe ou escurecer-lhe as linhas pronunciadas do seu peregrino perfil. Sósinha, de que lhe servia esconder a manifestação do pensamento. A sua fronte era como uma pagina brilhante de formoso livro, cerrado ordinariamente aos olhos dos profanos, mas em que Deos podia ler do contínuo; o que lhe ía na consciencia assomava-lhe ao semblante.

Quem não curvaria o joelho em presença daquella radiante revelação de innocencia, de bondade, de energia viril, e de angelica doçura?

Quem se não enterneceria ante aquella altiva resignação, que nem em lagrimas podia desafogar, em presença de uma desgraça sem nome; que só pedia a Deos paciencia para soffrer, e não implorava a sua divina misericordia, senão quando um nome caro lhe apontava do coração aos labios?

Armando!... Mas este nome entregava Robertina a todas as fraquezas de uma mulher vulgar. Contra a desgraça de Armando é que ella não tinha fôrças.

Haviam-na assaltado no meio do seu repousar. O raio que a fulminára não fôra precedido de relampago. Ha uma semana que a ferida sangrava, e comtudo, a despeito do pêso monstruso da sua tortura, tinha de reagir, e defender-se, e de fazer frente a novos perigos.

Veem-se muitas vezes mulheres perdidas e insignes na arte de fingir, atacar de frente as mais desesperadas situações, luctar contra o impossivel, negar a evidencia, e comtudo triumphar nestes combates de diplomacia burgueza, em que se busca, por unico fim, enganar um tolo, ou illudir um homem cego de paixão. Mas uma mulher pura, mas um coração sem mancha raras vezes tem a necessaria coragem para sustentar uma posição falsa, reunida a grande austeridade de principios. Logo aos primeiros passos nesse terreno apresenta-se a mentira e impõe-se. Ver-se-ha forçada a parar ou illudir; a calar-se ou a acceitar a inevitavel necessidade de mentir.

Mas Robertina era uma mulher pura, e um coração sem mancha; e comtudo, apezar do perigo, empenhára-se nessa lucta atroz, porque amava, e porque era amada: é que se não tratava sómente da sua propria felicidade, mas da felicidade e do repouso de seu marido.

Referimo'-nos aqui á felicidade e repouso de Armando, na qualidade de seu marido: Robertina ignorava que o barão estivesse pessoalmente em podêr de Claudio Rembrés.

Tinha resolvido luctar; e foi por isso que a vimos fingir a indisposição com que rompêra, sem mais nem mais, a conversa familiar com que encetámos a presente narração. Foi tambem por egual motivo que a vimos partir sósinha, e tão rapidamente, em noite tempestuosissima, pelas ruas enxarcadas de París.

Pois que fôra ella quem o barão d'Osser seguíra até á pequena passagem de S. Roque.

Havia imaginado um plano, que bem mostrava a sua energia, e ao mesmo tempo a sua innocencia. — «Hei-de fallar a Claudio; prometter-lhe-hei dinheiro; hei-de obtê-lo a todo o custo; ainda que tenha de valer-me da minha harpa, usando de um nome supposto, ainda que tenha de vender os meus diamantes, e até o annel do meu casamento! Se ainda isto não fôr bastante, pedir-lhe-hei, supplicar-lhe-hei, rojar-me-hei aos seus pés... Não quero! não quero que Armando participe desta atroz desgraça!... Quero, hei-de soffrer sósinha; embora a vergonha recáia — ha-de recair — sôbre mim só.»

E, de feito, era bem atroz e bem terrivel a desgraça, que a recobria de opprobrio; Robertina era bigama; Robertina era a mulher de um forçado das galés!

O ex-banqueiro nesta parte do testamento dissera a pura verdade. Robertina Schwartz e a baroneza d'Os-

ser eram uma e a mesma pessoa. O testamento, de resto, referia a verdade na maxima parte dos casos. Mas, redigido com um certo fim, Rembrés, apezar dos factos estarem nelle de accôrdo com a realidade, falseára de caso pensado algumas circumstancias, dando aos acontecimentos uma côr mui diversa daquella que tinham. Ninguem ignora que esta maneira de mentir é a menos perigosa, e a mais efficaz.

Eis o que se havia passado.

(Continúa.)

POESIA.

O Natal.

Et verbum factum est.

I.

É NOITE medonha e negra
Nos campos que o rio alegra
Denominado Jordão.
Quem o rio não conhece
Que escutou a santa prece
Dos prophetas de Sião?
É alli que vos conduzo
Nesta noite, como é uso,
Como é lei do bom christão.

Caminhando noite e dia
Vae o esposo de Maria,
Vae Maria... Aonde irão,
Por tão longa noite, e frio,
A horas taes junto ao rio
Denominado Jordão?

Da cidade ás horas mortas
Não se abriram nunca as portas
A ninguem.
— Eis de novo os dois viandantes
A caminho e não distantes
De Bethlem.

Ah! dorme o teu somno
Infiel Jerusalem.
Durmam servos, durma o dono;
Que alli pena ao abandono
A mulher que vae ser mãe.

Morta de dor e de febre
Na porta d'esse casebre
Bate, ó mãe.
Oh! bate, bate de novo
Que o dono é filho do povo,
Abrir-te a porta já vem.

Dão-te um presepe... Que importa?
Não ficas já semi-morta
Nas margens d'esse Jordão.
Humilde tecto te cobre;
É dado por gente pobre,
Mas dado do coração.

E nessa noite nascêra
No presepe uma criança.
Mas quem ha-de
Divulgar quem ella era?
Que era a luz eterna e mansa
Da verdade?
Quem sonhára, quem dissera
Que vinda era a esperança,
A caridade?
Que o verbo emfim nascêra,
Que tinha por herança
Salvar a humanidade?

II.

Em Roma reinava Augusto,
No mundo Roma é que impera
Só;
Que imperio não houve adusto
Que não fôsse nessa era
Pó.

De Numancia, de Carthago
Não vêdes ainda o fumo,
Não?
Não ouvís o grito aziago
De mil nações que sem rumo
Vão?

De mil escravos que Roma
Nos ferros, prêsos, convulsos
Tem?
Mas os ferros com que doma
Não vês que após aos seus pulsos
Vem?

Sim, Roma por seus escravos
Os povos da terra tem;
Porém a Roma dos bravos
Escravisada é tambem.
Os seus heroes já são mortos,
Deixando os povos absortos,
Que sua espada venceu.
Morreram, grandes, na lucta,
Mas hoje a grei prostituta
Até seu nome esqueceu!

Nem de Mario, nem de Bruto
Aquellas vozes escuto...
E Catão?
Esse povo alevantado?
Essas iras do senado?
Onde estão?

Imprecando o céu e o mundo
Onde o Gracco moribundo?
Onde as leis,
Que um povo sabio promulga,
Quando um povo sabio julga
Mais que os reis?

Sería perdida a lucta
Que o velho mundo travou,
Porque a raça dissoluta
De Roma se escravisou?
A luz nascida em Athenas
Um meteoro que apenas,
Mal brilhou, adormeceu,
Porque sôbre o Capitolio
Um Cezar, erguendo o solio,
Diz que o mundo é servo seu?

E Roma dormia
Sonhando alegria
Nos ocios da paz.
Folgava nos ferros,
Banhada nos erros
Que o vicio lhe traz.

O luxo e as artes
Por todas as partes
Estendem seu véu.
Nos circos, nas praças
Mil gentes devassas
Blasfemam do céu.

Do mundo os senhores
Que são? vís cantores
De orgias tão vãs!
E os membros já lassos
Em torpes abraços
De vís cortezãs!

E os ebrios cantares!
E erguidos altares
Ao vicio e prazer!
E as noites de Roma,
Da antiga Sodoma
Lembrando o viver!

Ó Roma, Roma acorda
Do teu vil delirar.
Do abysmo estás á borda,
Onde has de baquear.

De Babilonia os muros,
De Memphis, de Ninivo
Tambem eram seguros;
E hoje nada vive.

Não te vale o ser grande
Tambem Thebas cresceu.
Um sôpro que Deos mande,
E tudo pereceu.

Ó Roma, cautela,
Que eu sinto a procella
Sinistra rugir.
Tu mandas nos povos;
Mas outros mais novos
Já vejo surgir.

Ó Roma, não durmas,
Que ás ondas, ás turmas
Já vem a brotar.
Lá surgem mais hordas,
E tu não acordas
Do teu repousar.

Lá vejo abatidos
Mil templos erguidos,
Mil altos padrões.
Lá vem novo bando,
No rasto deixando
De cinzas montões.

Lá dão mais um passo...
E o povo devasso
Que ri no prazer!
Que só ama o sangue
Da victima exangue
No circo a morrer!

Lá chegam, vencendo,
Talando, fendendo
Teus rotos broqueis,
Calcando em seu carro
Teus deoses de barro,
Teus templos e leis.

E o velho senado
Caíndo abraçado
Co' a crença pagã!
E mais nova crença
Lavrando a sentença
Da Roma anciã!

Oh! quem foi que o velho mundo
Assim lançou no profundo
Abysmo de sangue e dó?
Quem levanta um mundo novo,
E faz nascer outro povo
Do antigo povo no pó?

É elle, o filho do pobre,
Nascido agora em Bethlem,
Um Deos por parte mais nobre,
Mas homem por sua mãe.

III.

Nasceu em cabana rude,
Para aos homens ensinar,
Que aonde existe a virtude
Ordena Deos que se mude
Um presepe n'um altar.

Nasceu de geração pobre
Para dizer e mostrar,
Que aonde existe alma nobre
A lei de Deos a descobre
Para a fazer levantar.

Nasceu do povo, dos servos,
Para bem alto clamar,
Ó grandes, para dizer-vos,
Que, quando máus e protervos
Vos faz um sôpro tombar.

Vestiu-se do pó da vida
Para torna-la remida
Da antiga culpa de Adão.
Soffreu injurias atrozes
Para pagar aos algozes
Co' a santa lei do perdão.
Desfez imperios potentes
Para dar aos descendentes
Dos potentados de então
Um testimunho, uma jura,
Que póde mais a doçura
Dos homens no coração,
Do que as algemas, os ferros,
De falsas leis, cujos erros
Lhes cavam a perdição.

Do velho mundo, das passadas glórias
Que resta agora só?
Epitaphios de um tumulo e memorias,
Que tudo o mais é pó.

Dos seus templos e leis já nada resta
Do seu velho esplendor.
A lei que agora rege, a lei é esta,
É lei de eterno amor.

Amae-vos uns aos outros, disse o Chisto,
Nascido hoje em Bethlem.
Povos, cumprí a lei, que fóra d'isto
Não ha glória, nem bem.

Ver os homens, o mundo em guerra eterna
Não vos abale a fé,
Que a lei por Deos mandada é lei superna,
E ficará de pé.

Cada dia que volve é passo novo
Para o supremo fim.
Quem sabe por que transito o seu povo
O Deos conduz assim.

No futuro descrer é impio crime,
É duvidar de um Deos,
Que a despeito do mundo a lei sublime
Fará cumprir dos céus.

A. de Serpa.

REVISTA DOS ESPECTACULOS.

Na segunda feira tivémos em S. Carlos um concerto de rebeca, dado pelo joven Uguccioni, que, contando apenas sete annos d'idade, mostra as melhores disposições para vir a ser um artista eximio, no difficil instrumento a que se dedicou. Perfeita afinação, conhecimento dos andamentos, e firmeza d'execução, de tudo isto deu provas o pequeno Uguccioni, a quem o público tributou merecidos signaes de approvação e sympathia.

Na quarta feira cantou-se o *Ernani*, em que se estreou o primeiro tenor o sr. Liverani. — Achamos um erro gravissimo fazer estrear os artistas em operas já conhecidas, e que teem sido executadas em S. Carlos por cantores excellentes; porque d'aqui resulta o fazerem-se parallelos e confrontações, que nem sempre são vantajosos para os recemchegados. Se a sr.ª Marinangeli não tivesse primeiro apparecido na *Lucia*; se o sr. Liverani não fizesse a sua primeira apparição no *Ernani*, talvez nenhum delles fosse tão desfavoravelmente acolhido pelo público. Entretanto, é forçoso dizel-o, o sr. Liverani, qualquer que seja a opera em que entre, pouca fortuna poderá fazer entre nós, e para isso ha-de sempre concorrer a sua voz pequena e guttural, e a escola de canto pouco pura que possue.

A sr.ª Gresti desempenhou bem a parte d'Elvira, e gostámos de a ouvir, sôbre tudo na cavatina do 1.º acto:

Ernani!... Ernani, involami

e no dueto com o sr. Fiori.

O sr. Benedetti fez o papel de Ruy Gomes da Silva, e tomou a liberdade de substituir a cabaleta escripta por Verdi, para seguir a aria

Infelice!... e tuo credevi,

por outra da sua composição.

Não perdoamos ao sr. Benedetti a ousadia com que se julgou preferivel a Verdi; nem ao sr. Schira ou á Empreza a condescendencia que mostrou n'este negocio: não desculpariamos nem a um nem a outro, ainda que a cabaleta tivesse o merecimento que lhe falta; porque entendemos que não devem assim profanar-se as principaes composições dos *maestros*.

O sr. Fiori (D. Carlos) comprehendeu perfeitamente o seu papel, e cantou com grande mestria a sua aria

Lo vedremo, veglio audace

e o adagio no 3.º acto

Oh sommo Carlo.

Este artista ganha de dia para dia novos titulos á estima pública.

A opera foi friamente recebida: mas não ha duvida que para isso concorreu tão sómente a circumstancia, aliás bem importante, de ser a parte d'Ernani desempenhada por quem não tem forças nem qualidades para isso. O sr. Liverani está muito longe de poder substituir, ou fazer esquecer — Tamberlik.

A empreza tem tido pouca fortuna com os novos artistas que nos tem apresentado: desejamos que, para utilidade sua, e do público, tenha maior felicidade com os que ainda lhe restam para nos apresentar.

Na proxima semana esperamos ouvir a opera D. Bucefalo, cujos ensaios já estão muito adiantados.

Consta-nos que brevemente teremos o Fr. Luiz de Sousa, do sr. Garrett, no theatro de D. Maria 2.ª

O Ramalhete de Violêtas *não fez furor*, como se esperava, no theatro de D Fernando. É uma pena que aquelle theatro tenha sido tão infeliz. Esperávamos muito d'elle, e ainda esperâmos que alguma bôa aragem lhe seja favoravel.

O Ensaio da Norma continúa a ser benevolamente recebido pelo público.

ANECDOTAS.

Um fidalgo russo, estando á mesa em uma hospedaria, zangou-se com o criado, atirou-lhe com a faca, e matou-o. O dono da casa acode, grita, quer chamar a justiça. — *Metta o rapaz na conta que eu lh'o pago* — exclama o fidalgo com o maior sangue-frio.

Perguntando alguem a um estrangeiro, que está hoje em Lisboa: — «Qual é geralmente a estatura dos seus compatriotas?» respondeu elle, sem hesitar: — «Eu lhe digo, meu senhor, os meus patricios ordinariamente *tem quatro pés*.

Fallando o mesmo individuo, que veio ha pouco do Brazil, ácêrca dos nossos poetas, disse com enthusiasmo, diante de muita gente: — «Por fim de contas o Bocage sempre foi o maior *sátiro* dos seus poetas.»

CHARADA.

Sendo assim não sou doente, — 1
Ao avaro chamareis; — 2
Tangida por mão de cego
No presepe me vereis.

DISPARATES.

Lxª 8 de novembro....

Clara Maria da Conceição

Mando Moitas Soudades e aseite este meu terno Coração poies tenho Moitas Soudades suas dio não ter visto poies Outro dia que o vi que menão tem sido poçivel turnalo a ver poies tem sido hum hingrato para mim poies não parcia ser a sim tão Engrato quando mandar a resposta di este bilhitinho poiés quando ma der veiga la commo ma da não repare se for alguma letra irada.

Certefico emq̃ An. Fernandes fº de Miguel Ferz. do lugar da Ribeira Velha desta minha freg.ª de Maçans de D. M.ª e Comcª das Sinco Villas foi por mim Sacramentado em rezão de estar emprigo de Vida equazi propinco a morrer e sem esperança de Vida cuja molestia foi prolongada deSorte q̃ Reprincipiou des de o S. Miguel até opresente Epelo referido ser na Verdade passei apresente que assignei Maçans de D. M.ª 12 de Janr. de....

EXPLICAÇÃO DO NÚMERO ANTECEDENTE:
Charada — Lisboa.



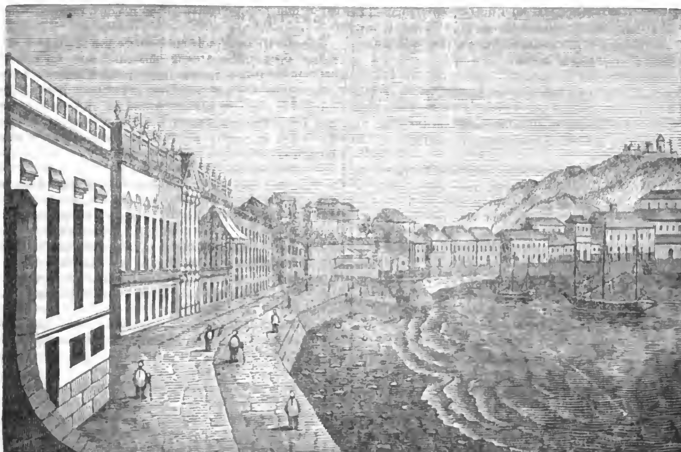
Vantagens e inconvenientes de atravessar o largo das Duas Egrejas, em tempo de chuva,



Inconvenientes de trazer chinó em tempo de ventanias.

AOS CORREIOS DE HESPANHA E PORTUGAL.

No escriptorio da redacção da *Revista Popular* receberam-se mais de *trinta exemplares* rasgados e sujos da *Illustração Hespanhola*, n.º 41. Recebendo nós regularmente 59 exemplares de cada número d'este jornal, fomos obrigados a remetter os exemplares avariados, aos assignantes, que por certo não gostaram de receber o periodico naquelle estado. Como isto já tem acontecido mais de uma vez, pedimos aos correios, de um e outro lado da fronteira, que tenham alguma contemplação com os jornaes, e esperâmos que attendam a esta advertencia, assim como já teem attendido a outras que temos feito por diversas vezes.



MACÁO.

A CIDADE de Macáu, unico estabelecimento que os portuguezes possuem na China, e que os ultimos acontecimentos tornaram dobradamente interessante, está edificada na extremidade oriental da ilha de *Negao-men*, a maior do archipelago, que occupa a larga foz do Tigre, na provincia de Cantão, uma das mais importantes do imperio, e para os europeus a mais interessante, por ser a unica em que são admittidos a commerciar e tractar livremente com os naturaes.

É incerta a data da fundação desta cidade, que com bons argumentos se póde suppôr em 1557; sendo, porém, certo que os portuguezes tinham primeiro tido outro estabelecimento no continente do imperio, de que foram expulsos em consequencia de desordens que praticaram, originadas da falta de um governo regular.

A vista que a estampa representa é tirada do meio da bahia; os grandes edificios da esquerda pertencem á collossal companhia ingleza das Indias Orientaes.

A cidade de Macáo tem vistosa apparencia; comtudo é irregularmente edificada, sendo as ruas proximas ao porto muito immundas; tem comtudo melhorado bastante a este respeito.

Os edificios principaes são o palacio do governador, e o convento da Guia, onde reside o bispo. É defendido o porto e cidade de Macáo, pelas fortalezas da Guia; de S. Francisco, na ponta oriental da Praia Grande; do Bom Porto, na ponta occidental; e a de Sant'-Yago, que defende a entrada da barra; tem mais, entre as primeiras duas, o forte de S. Pedro: do lado do norte está segura a cidade com uma grossa muralha guarnecida de fortins. Todas estas fortificações se acham em bom estado de conservação, e podem accommodar numerosa guarnição; são bem artilhadas e construidas.

Ha em Macáo quatro freguezias; a de S. Lourenço, S. Paulo, S. Pedro e Santo Antonio; existiam cinco conventos de frades: o de S. Domingos, S. Francisco, Santo Agostinho, S. Paulo e S. José, subsistindo o de Santa Clara, de freiras. O convento de Santo Agostinho serve de quartel ao batalhão de guarnição; e no de S. Domingos existe a sé e o cabido, porque a antiga cathedral estava a cair.

Possue tambem Macáo uma casa de Misericordia; tres hospitaes civís e militares; e um pequeno museu de historia natural.

Em um codice inedito, que existe na bibliotheca de Evora, que se acha a cargo de um bem conhecido escriptor, o sr. J. H. da C. Rivara, encontram-se muitas noticias importantissimas do governo e cidade de Macáo, e entre varios papeis de grande valia historica, cuja publicação talvez concorresse bastante para nos dirigir e esclarecer nas nossas relações com o *celeste* imperio, apparece, a fl. 225, uma relação intitulada: *Listra de la Jente efectiva, que ay en esta Cidade, assy vesinos, como extravagantes, e gente de la tierra. Anno* 1625. Por esta relação vê-se que existiam então na-

quella cidade 840 habitantes, sendo 437 visinhos e *extravagantes*, e 403 *Çurubaças*.

Modernamente tem alguns calculado a população de Macáo em 34:000 almas, em que se comprehendem 4:000 portuguezes; sendo computada pelo sr. José Ignacio d'Andrade, nas suas excellentes *Cartas da India e da China*, pelo seguinte modo:

Europeus e mestiços	1:620
Mulheres christãs, de várias raças e côres	2.700
Soldados canarins	180
Chinezes dos dois sexos, residentes em Macáo	18:000
Total	22:500

O estado da instrucção pública neste pequeno quanto interessante estabelecimento é mui vantajoso, e talvez não encontre egual em possessão alguma de qualquer nação européa. Em 1839, além de uma aula de instrucção primaria com 33 alumnos, havia uma eschola de navegação com 12 alumnos, e 80 no collegio das Missões, sendo d'estes, 8 de Theologia, 13 de grammatica sinico-latina, e mandarina, 22 de grammatica latina, 25 de grammatica portugueza, 8 de francez e inglez, e 4 de musica. Mantinha então o estabelecimento, além do Boletim Official do Governo, 3 periodicos portuguezes, e 2 estrangeiros.

O clima de Macáo é mui saudavel, e os mercados são abundantemente providos pelos chins.

Esta cidade, que foi opulentissima pela riqueza do seu trato com Pourane, Calcuttá, Saisong, Sincapour, Philippinas, e com os portos de Gôa, e da capital da monarchia, acha-se hoje reduzida a um estado de decadencia deploravel, que reclama a mais séria attenção, e as mais energicas providencias do governo da metropole.

Existe em Macáo um monumento que ha-de ser sempre muito caro e venerado dos portuguezes; é a chamada *Gruta de Camões*, em que o grande poeta deu os últimos traços á sua magnifica epopéa, eternisando a patria, que tão ingratamente o tratou em vida, e que nem sequer soube achar ainda a sua sepultura, para lhe erigir monumento digno de tão sublimado engenho.

No proximo número publicaremos um extenso artigo sôbre os ultimos acontecimentos de Macáo, que tão gravemente tem compromettido a existencia daquella nossa possessão, e que a podem perder inteiramente se faltar a prudencia e energia necessarias, depois do insulto feito á nação portugueza, na pessoa do seu representante, o valente official de marinha João Maria Ferreira do Amaral, barbara e traiçoeiramente assassinado por subditos do imperio chinez.

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Curso d'introducção á Historia Natural dos Tres Reinos.

(Continuado de pag. 285.)

220. *Propriedades physicas.* — Entre as propriedades physicas contam os mineralogistas — a *dureza*, o *pêso especifico*, a *electricidade*, o *magnetismo*, etc.

221. *Dureza.* — A accepção scientifica desta palavra differe muito do valor que lhe damos na linguagem habitual. Na mineralogia a dureza é a propriedade que tem os mineraes de resistir, com maior ou menor intensidade, á acção de os riscar ou limar.

É evidente, á vista do que havemos dito, que a dureza se manifesta nos diversos corpos com differentes *gráos* de intensidade; a reacção que muitos corpos oppõem á diligencia que fazemos por separar-lhe as particulas por meio de um gume, ou de uma lima, é diversa para cada um delles. É desta variação de intensidade que nos servimos proveitosamente para distinguir muitos mineraes, que acaso podessem confundir-se pelas demais propriedades. Os lapidarios consideram a dureza como um caracter importante. É por ella que poderemos sempre distinguir o diamante, que risca todos os corpos, do rubim e da saphyra; é por ella, que poderemos tambem discriminar as verdadeiras pedras preciosas, de todos os *strass* e vidros córados, com que a arte moderna tem conseguido imitar com admiravel perfeição as mais valiosas gemmas. A dureza ensina-nos a departir por um modo, ás vezes mui facil, entre uma substancia mineral e outra substancia, cujo aspecto se assemelha ao do primeiro. Assim será sempre facil distinguir o gesso, que recebe promptamente a impressão da unha, do carbonato de cal, cuja dureza resiste a este meio.

Para comparar as durezas dos diversos mineraes formaram os mineralogistas uma escala, onde figuram 10 substancias das mais vulgarmente conhecidas de todo o reino inorganico. A primeira é o *talco*, ou o giz de alfaiate, que se considera como o limite inferior da serie; seguem-se depois n'uma escala ascendente: o gesso, o calcareo, o spath-fluor, a apathite, o feldspatho, o quartzo, o topazio, a saphyra, e a final o diamante, que, pela sua extraordinaria dureza, tem a primazia entre os mineraes, como a tem egualmente na estimação do luxo. Cada uma destas 10 substancias tem uma dureza representada por um número, desde 1, que pertence ao talco, até 10, que convem ao diamante. Os gráos intermediarios daquella propriedade designam-se por números fraccionarios: assim a dureza da esmeralda é representada por 7,8.

222. *Pêso especifico.* — De que as particulas se não acham dispostas do mesmo modo em todos os corpos, resulta, como já notámos n'outro logar, que a quantidade de massa contida em volumes eguaes de differentes corpos não é constante; d'onde se segue, que varios corpos, reduzidos a um volume egual para todos, terão pêsos deseguaes. Um decimetro cubico de calcareo pesará mais que um egual volume de anthracite, por exemplo. É por isso que se diz, que os corpos tem differentes *pêsos especificos*, chamando-se assim ao pêso de cada corpo, depois de reduzidos todos ao mesmo volume.

Como o *pêso especifico* é essencialmente uma propriedade relativa, é mister, para o obtermos, que se confrontem todos os corpos com um que se fixe como termo de comparação. A substancia escolhida é a agua pura. Quando, pois, se diz que um corpo, por exemplo, o ouro, tem por pêso especifico 19,36, devemos entender que um volume qualquer d'este metal pêsa 19 vezes mais que um egual volume d'agua destillada, á temperatura de 4°,1 e debaixo da pressão atmospherica de $0^m,76$.

223. *Electricidade e magnetismo.* — Dissemos destas duas propriedades, hoje tão interessantes, e que constituem ramos tão bellos e tão extensos da physica, o que era possivel referir nos estreitos limites d'um livro elementar, o que nos dispensa de entrar agora em mais amplos desenvolvimentos.

224. *Composição chimica dos mineraes.* — Não terminaremos este pequeno resumo sem dizer duas palavras ácêrca da composição chimica dos mineraes.

Os mineraes podem constar de um corpo simples, ou de dois, ou mais, reunidos pela *affinidade* em combinação chimica. No primeiro caso o *elemento*, ou o corpo simples, diz-se no *estado nativo*. Poucos são os que gosam d'este privilegio, e esses são: o *antimonio*, o *arsenico*, o *azote*, o *bismutho*, o *carbone*, o *chloro*, o *cobre*, o *enxofre*, o *mercurio*, o *ouro*, o *oxygenio*, o *palladio*, a *platina*, a *prata* e o *tellurio*.

Todos os outros elementos, que a chimica hoje reconhece, é mister i-los descobrir nos compostos naturaes, e desembaraça-los das combinações em que naturalmente apparecem.

Os mineraes apresentam exemplos de composição em varios gráos, desde a simples combinação binaria, até áquella em que apparecem quatro, cinco, e mais elementos reunidos. O diamante é um corpo simples, é o carvão puro. A *galena* é uma combinação binaria, em que figura o enxofre e o chumbo: o calcareo é uma combinação trenaria dos elementos, oxygenio, carbone, e calcio; no topazio combinam-se o oxigenio, o aluminio, o fluor e o silicio; no alumen acham-se combinados os cinco elementos — oxygenio, hydrogenio, o enxofre, o aluminio e o potassio. Poder-se-íam citar ainda, no reino mineral, combinações, onde o número dos elementos é superior a 5.

ROMANCE.

Peccadora.

> Se ha hi alguem isempto de peccado,
> que lhe atire a primeira pedra.

XI.

(Continuação.)

A sr.ª Schwartz, mãe de Robertina, depois da morte de seu marido, confiára toda a sua pequena fortuna ao banqueiro Rembrés, cuja reputação de integridade estava então solidamente estabelecida. Rembrés, que tinha muito tracto no departamento de Lys, costumou-se a fazer algumas visitas á sua cliente, constituindo Molay centro das suas excursões na antiga Belgica e no Brabante. Era então um homem de meia-edade, perfeitamente conservado, e o seu aspecto inspirava a maior confiança; debaixo d'este ponto de vista pouco o havia transtornado a prisão. Em París, Claudio Rembrés era o que tinha sido na provincia. O typo de um *bom homem*; mas physicamente, envelhecêra quinze annos desde a sua fuga de Calais; e bem poucos dos seus antigos clientes o conheceriam agora.

A sr.ª Schwartz ficára ao principio muito lisongeada com a amisade de Claudio Rembrés.

Este ía-a visitar, pelo menos, uma vez cada estação. E via Robertina a crescer, e podia apreciar o thesouro de encantos e de bondade, que encerrava o seu tenro coração, porque Rembrés comprehendia e amavá o bem, com quanto não tivesse repugnancia para o mal.

Quando Robertina chegou aos quinze annos, Rembrés, que começára no seu systema de fraude, e que meditava talvez já a tal *limpeza geral*, e a fuga para Inglaterra, calculou que lhe era indifferente, na sua posição excepcional, casar com uma mulher rica ou pobre; e demais, Robertina era linda como um anjo.

Pediu a mão da donzella, e obteve-a, bem entendido, sem difficuldade alguma.

A sr.ª Schwartz não era abastada. Robertina tinha quinze annos. O casamento tinha para ella uma significação vaga e phantastica. É que não amava ainda senão a sua harpa. Primeira mentíra de Rembrés, que no seu testamento dizia, que Robertina lhe entregára o coração.

O casamento fez-se. Rembrés, por especulação e por habito, tivera sempre uma conducta mui regular. Era citado como modêlo, e casava aos quarenta annos sem ter tido mocidade. Houve, porém, um tempo em que amou apaixonadamente. Amou como um moço; porque a mocidade, que se não *gosou*, para me servir da expressão proverbial, tira a sua desforra em qualquer edade. Rembrés poz de banda os seus negocios, apressando, por consequencia, a catastrophe, como sabemos.

O seu testamento continha, nesta parte, uma segunda inexactidão. Bem longe de Robertina quinhoar, aterrára-a aquelle ardente amor.

Mas era seu marido, e Robertina, já naquella idéa, concebêra uma idéa mui elevada dos seus deveres como esposa. A mesma desgraça de Claudio tê-la-ía ligado mais fortemente. Talvez o seguisse; talvez a sua heroica virtude chegasse ao ponto de pretender quinhoar a sua miseravel situação de condemnado, se o ella tivesse sabido a tempo.

Mas naquelle tempo Robertina tudo ignorava. A sr.ª Schwartz tivera grande confiança em Rembrés; estimava-o devéras, respeitava-o muito, e por isso a reacção foi nella mais energica quando se rasgou a mascara daquelle homem. O seu crime pareceu-lhe tanto mais infame, quanto mais longe estava de o suspeitar. Rembrés tornou-se para ella um monstro, e instinctivamente procurou subtrair Robertina ao seu podêr.

O primeiro cuidado da sr.ª Schwartz foi esconder a sua filha a noticia da catastrophe. Por isso interceptára as cartas do ex-banqueiro; e não contente ainda, receiando que as suas cautellas fôssem illudidas pelo acaso, quando ainda o processo seguia os tramites legaes, abalou uma manhã de Molay com sua filha, sem previnir ninguem, para o meio-dia da França.

Robertina perguntou por seu marido. A sr.ª Schwartz respondeu-lhe: Teu marido abandonou-te; está fóra do reino. Robertina ficou espantada. Depois o espanto cessou, porque a recordação de seu marido foi desapparecendo pouco a pouco.

Entretanto a sr.ª Schwartz e sua filha eram as duas primeiras victimas da banca-rota de Rembrés. Toda a sua pequena fortuna fôra involvida no desastre. Eralhes mister viver. Robertina aproveitou-se do seu ta-

lento na harpa, e em pouco tempo o seu nome era conhecido em Lyão, Bordéos e Marselha.

Estas tres cidades são como os degráos por onde chegam até París as reputações provinciaes. Robertina, com effeito, veio para París aonde encontrou o barão Armando d'Osser.

Referimos os seus triumphos no público, e na côrte imperial. Por esta occasião recaíu a sr.ª Schwartz gravemente enferma. A pobre senhora, na sua derradeira hora, não póde esconder o segredo que tanto tempo guardára. Robertina soube da sorte de seu marido.

O que se faz no primeiro impeto de generosa abnegação, nem sempre se póde fazer depois de dois annos de separação e de olvido. Robertina nunca amára seu marido. Se algumas lagrimas consagradas a Rembrés foram misturar-se ao pranto derramado sôbre o leito de morte de sua mãe, foram lagrimas de angustia e de odio. Era mulher de um forçado!

O seu futuro estava, por assim dizer, chumbado á cadêa do falsario!

Robertina sentiu-se como degradada e vencida em presença do seu nascente amor pelo moço barão d'Osser. Comprimiu esse amor, e entregou-se toda á arte, procurando o repouso no tumultuar do triumpho, com quanto não esperasse ahi encontra-lo, pois que na sua modestia não havia o orgulho das vãs ovações, e porque á sua alma generosa e avida de amor não bastavam as ruidosas acclamações das turbas.

Uma manhã que lia os jornaes, procurando distrahida os louvores quotidianos, que lhe prodigalisava a imprensa, orgão da admiração geral, dá com os olhos n'um artigo, e fica fascinada. Esfregou-os, receando ser um sonho. Depois releu-o outra vez, muito trémula.

O jornal escapou-lhe da mão, d'onde lhe fugíra o sangue, e caíu no chão.

Tinha lido o seguinte:

«Escrevem-nos de Brest:

«Uma tentativa de fuga, acompanhada da morte do forçado, acaba de ter logar na *galé*.

«O famoso cambista Claudio Rembrés, cuja bancarota fez immensa sensação em todo o departamento, conseguiu quebrar a sua cadêa, ao atravessar dos estaleiros para a ilha dos Mortos, do outro lado do ancoradouro. O batel dos forçados, sem que se saiba porque, era tripulado por um unico guarda, que se chamava Alain Keravel.

«Julga-se ter tido logar grande lucta, porque se encontrou esta manhã o corpo de Claudio Rembrés na praia, na vasante da maré. O cadaver passára a noite n'agua. Estava horrendamente mutilado, reconhecendo-se apenas ser o forçado pelo resto da cadêa, e alguns farrapos de fato.

«Este facto devia de ter tido logar hontem, a meio do mar, durante uma grande cerração que houve. A guarnição da lancha, como é costume, tem-se recusado a dar qualquer esclarecimento.

«O guarda Keravel ainda não appareceu. Receia-se muito que elle succumbisse.»

O êrro, como a dúvida, eram impossiveis.

Robertina estava viuva. Deos cortára aquelles laços, que lhe impunham a ella, moça e pura, a sua parte de um nome infame. Quebrára-se a cadêa que a prendia: estava livre.

Mas ao lado desta felicidade vinha a desgraça de outrem. Robertina antes de saudar a sua liberdade, teve de votar uma lagrima e uma prece por aquelle homem que a enganára, manchando-a com uma alliança indigna.

Depois o pensamento d'Armando veio distrahi-la na sua dôr; fazendo-lhe estremecer o coração de alegria. Podia amar Armando sem remorsos. Foi então que a desgraça do outro desappareceu ante a satisfação íntima; foi então que a sua alma se ergueu para Deos, em ardentes acções de graças.

A reflexão tardou bastante, porque naquelle primeiro momento de liberdade, a alma de Robertina procurava apaixonadamente o porvir de amor que o coração de Armando lhe prometia. Mas a final chegou essa reflexão, fria e grave. O delicioso sorrir de Robertina desappareceu; e a melancholia veio retingir-lhe de novo as faces das suas pallidas côres.

Aquella morte podia com effeito aproxima-la de Armando? Não ficava ella sendo egualmente uma aventureira, que occultava o seu verdadeiro nome? A qualidade de viuva d'um forçado, não era ainda um obstaculo, um grande obstaculo?

Deveria confessa-lo? Faria uma confissão geral de toda a sua vida? Robertina era muito moça para ter a coragem desta franqueza. E depois amava profundamente. Teve medo.

Mas se o não fizesse, no seu juramento de esposa haveria uma mentira, e o seu casamento inaugurar-se-ía por uma fraude!...

A pobre menina — tinha só dezesete annos — fez o que fazem todas naquella edade; tapou os ouvidos para não escutar o murmurio importuno das suas incertezas.

Mas havia nella uma voz que sempre se fizera escutar; a sua consciencia. Robertina empregou todo o esfôrço por combater o seu amor. Esta lucta acabou de a anniquilar.

É bem imprudente a mulher que ataca, face a face, a paixão que a domina, e pretende travar-se, arca por arca, com ella no silencio e na solidão. A imagem do homem amado, que se procura repellir, apparece cada vez mais bella, seductora, irresistivel!

O caracter do ausente retinge-se então das mais bellas côres! não ha qualidade ou virtude de que se lhe não orne o espirito ou o coração!

Quando Robertina, luctando de bôa-fé, e quanto podia, contemplou o barão algumas semanas, através o prisma da ausencia, sentiu que o seu amor zombava de todos os meios, e cada vez se tornava mais intenso e ardente. Quiz então fugir, deixar a França.

Mas para quê? Era ella culpada para assim se castigar? Armando amava-a; pedíra-lhe de joelhos que correspondesse ao seu amor; havia de puni-lo por isso?

Collocada n'uma posição em que a razão e o amor pareciam prestar-se mutuo apoio, uma unica cousa podia fazer hesitar Robertina; era o receio de que um dia se descobrisse o seu passado. Mas por elle pouco ou nada tinha a temer; pouco tempo usára do appelido, do seu primeiro marido; e por elle só era conhecida em Molay, por alguns camponezes, para quem París era um mundo inteiramente estranho.

Robertina casou, pois, com o barão Armando d'Osser.

Vimos como foi resolvida a difficuldade dos papeis necessarios para a realisação do matrimonio.

Robertina foi feliz. Como os seus escrupulos não ti-

nham por motivo uma falta pessoal, desappareceram em breve ante a tranquilla felicidade domestica.

Nada receava agora. Sorriam-lhe o presente e o porvir. A primeira carta de Claudio Rembrés fôra como um horrivel acordar, depois de somno delicioso.

A carta, escripta naquelle estylo, ao mesmo tempo, lhano e motejador, imperioso e indifferente, que usava Rembrés, pedia uma entrevista, em sitio e hora aprazada.

Robertina viu-se obrigada a obedecer.

Em quanto subia a escada da casa da passagem S. Roque, no último andar, no qual era o quarto particular do ex-banqueiro, arrombava Armando a porta da loja, sendo recebido da maneira que vimos.

Robertina esperou; depois, cançada da demora, desceu, e voltou para sua casa sem ter fallado a Claudio Rembrés.

É inutil fazer sentir a differença que existe entre esta narração sincera e o testamento de Claudio. O ex-banqueiro, com aquelle fatal papel, pretendia aterrar Robertina, e conseguiu-o optimamente. Com effeito o tal testamento, que, dada certa circumstancia, devia de ser presente ao barão, era um auto de accusação em fórma, contendo algumas verdades, as que bastavam para fazer considerar Robertina como voluntariamente bigama — e bigama amando o seu primeiro marido...

Leu, releu o ameaçador testamento. E a noite inteira passou-a em laboriosa e bem triste meditação.

No dia seguinte recebeu Armando com rosto socegado. Exceptuando a pallidez das faces, nada traía a sua afflicção.

. . . .

Os salões acabavam de illuminar-se. Já chegára a orchestra; mas ainda não viera nenhum convidado. Armando, Robertina e Florencia estavam sósinhos na sala de baile, quando um pesado e velho fiacre parou ao portão do palacio.

— Quem será que vem tão cedo? perguntou Florencia, rindo.

Um criado abriu a porta da sala, e em voz baixa, como se tivesse vergonha de pronunciar naquelle aristocratico salão, nome tão pronunciadamente burguez, annunciou:

— O sr. Claudio Rembrés.

Armando ergueu-se d'um pulo, como se o ferira choque galvanico.

Uma nuvem de íntimo terror passou pela fronte pallida de Robertina.

O ex-banqueiro entrou então, apresentando-se do melhor modo possivel.

— Minhas senhoras, disse, cortejando Robertina e Florencia; creio que o nosso caro Armando ha-de ter fallado no primo de provincia?... Vim muito cedo, accrescentou, apresentando a mão ao barão, que ergueu e abaixou o braço, movido por uma fôrça authomatica; — é o privilegio dos amigos da casa!...

(Continúa.)

A Sogra do diabo.

(Continuado de pag. 319.)

O pretendente, que se apresentou, era moço, branco, louro, robusto, e trazia as algibeiras bem fornecidas. Não havia que dizer. A tia Holofernes não pôde achar um *não*, no seu bello arsenal de negativas. Em quanto a Pamphilia, essa estava louca de contente. Fizeram-se, pois os preparativos para a boda, com o devido acompanhamento de ralhos e grazinações da futura sogra do noivo. Tudo caminhava ligeiro, direito, e sem embaraço, como se fôra por um caminho de ferro, quando, sem se saber porque, a voz do povo, que é como a personificação da consciencia, começou a erguer, á surdina, uma geral reprovação contra aquelle forasteiro, apezar de affavel, humano e generoso. É verdade que fallava bem, e cantava melhor; é verdade que apertava, entre suas mãos brancas e lisas, as mãos calosas e negras dos homens de ganhar; mas elles não se davam por subjugados com tamanha cortezia. Era tósca a sua razão, mas forte e solida como as mãos.

Por sua parte a tia Holofernes, cada vez olhava mais de revés para o genro. Parecia-lhe que entre aquelles cabellos e o craneo se entrepunham certas protuberancias de má qualidade, e recordava-se com receio daquella praga, que rogára a sua filha, naquelle dia de infausta memoria em que avaliára com o pé a temperatura da barrela.

Chegou emfim o dia da bôda. A tia Holofernes tinha feito tortas e reflexões — as primeiras doces, e as segundas amargas. — Uma grande ôlha para o jantar, e um grande projecto para a cêa — tinha preparado um grande barril de vinho generoso, e um plano de conducta, que o não era. Quando os noivos se iam retirar para a camara nupcial, chamou a tia Holofernes a sua filha, e lhe disse com ar de mysterio.

— Quando vocês estiverem no quarto, fecha bem todas as portas e as janellas, de maneira que só fique descoberto o buraco da fechadura. Péga depois n'um ramo de oliveira, *bento*, e põe-te a dar com elle no teu marido até que te eu diga: «Basta.» É uma cerimonia do estylo em todas as bodas — quer dizer, que na alcova manda a mulher, e serve para sanccionar e estabelecer o mando.

Pamphilia, obediente por primeira vez a sua mãe, executou fielmente o que a velha lhe ensinára.

Apenas o noivo poz a vista no ramo, deitou a fugir precipitadamente; porém, como achasse as portas fechadas, e todas as fendas tapadas, metteu-se pelo buraco da fechadura, e saíu por elle como qualquer de nós póde sair pela porta de casa. Agora já vocemecês percebem que a tia Holofernes tinha razão, e que o moço branco e louro era o diabo em pessoa, que, usando do direito que lhe dera o anathema da tia Holofernes, queria ter as regalias de uma boda, e carregar depois com a mulher, fazendo em beneficio proprio o que tantos desejariam que fizesse em beneficio delles.

Porém este senhor que sabe muito, segundo dizem, tinha dado com uma sogra, que sabía mais que elle (e não é a tia Holofernes o unico individuo d'esta especie). Apenas s. s.ª entrou pelo buraco da fechadura, congratulando-se já comsigo mesmo pela escapatoria, achou-se fechado n'uma redoma, que a sua estimavel sogra lhe tinha alli posto de proposito. A sogra tapou logo a redoma, e o diabo ficou préso. Foi então que as súpplicas começaram; pedia o genro com ternura, até com meiguice, que lhe désse carta d'alforria; representava-lhe que aquella tyrannia era um attentado contra a humanidade, contra o direito das gentes, contra a constituição, uma arbitrariedade, um despotismo.

Mas a tia Holofernes não deixava que o diabo lhe fizesse ninho atraz do orelha, não a confundiam arengas, nem palavrões. Carregou com a redoma, e foi pôr o diabo lá no cume d'um monte muito alto.

Alli permaneceu o démo pelo espaço de dez annos. Que dez annos, senhores! O mundo estava tranquillo como uma balsa d'azeite. Cada qual cuidava no que era seu, e não se mettia com as vidas alhêas. Ninguem desejava o posto, nem a mulher, nem a propriedade alheia; o roubo veio a ser palavra sem significação, as armas enferrujaram-se, a polvora servia só para fogo d'artificio, os carceres ficaram vasios, emfim nessa decada de ouro só aconteceu um *successo deploravel — morreram os advogados, de fome e de silencio.*

(Continúa.)

POESIA.

O Anniversario.

(A UMA CRIANÇA.)

Tacitum vivit sub pectore vulnus.
VIRG.

Vôa, vôa, ó meigo anginho,
Deixa a terra, busca os céus;
É curto, é breve o caminho,
Vôa, que o berço é o ninho
Das avesinhas de Deos!

Tu vieste ao mundo irado
No mesmo dia em que eu vim...
Arrastarás a meu lado
O mesmo grilhão pesado
De soffrimentos sem fim?

Negra taça d'amargura
Só na vida encontrarás?
Conhecerás da ventura
Sómente a mascara impura,
Sómente o riso fallaz?

Será a tua existencia
Esteril ermo sem flor?
Terás curta a innocencia?
Prematura a exp'riencia,
Como eu a tive, na dôr?

Sendo ainda pequenino,
Como eu o era tambem,
Virá um sonho divino
Embalar-te como um hymno,
Sorrir-te como uma mãe?

Terás cedo um vago objecto
De vago, occulto pendor?
Olharás com doce affecto
Ora um astro predilecto,
Ora um arbusto, uma flor?

Depois menos indecisa
Crescerá tua affeição,
E correrás como a brisa
Buscando a flor que precisa
Nos jardins da creação?

Ouvirás no peito inquieto
Um instrumento infiel,
Um alaúde incompleto
Cujos cantos sem objecto
Em vez d'allivio, dão fel?

Perderás a paz do leito
Como a paz do coração?
Trarás o rosto desfeito,
E o pensamento sujeito
A uma aeria visão?

Engeitando com tristeza
Teus brinquedos infantís,
Irás tu com singeleza
Perguntar á natureza
«Que te falta?» como eu fiz?

Gemerás como eu gemia
Na minha incognita dôr,
Pedindo ás noites, ao dia
Da minha occulta agonia
O nome, a causa, o valor?

Immenso vacuo, profundo
Sentirás no coração?
Tentarás achar no mundo
Um affecto mais jucundo
Que o de filho, que o d'irmão?

Nutrirás no peito ardente
A mesma sede d'amor,
Que eu senti inda innocente,
Sem achar fonte clemente
Que te mitigue o ardor?

Sentir-te-has abrazado,
Como eu tambem me senti?
Soffrerás tambem callado,
Morrerás d'enamorado,
Como em silencio morri?

Guardarás com tanto medo,
Como eu zeloso guardei,
O fatidico segredo
Que eu aos echos d'um rochedo
Nem aos astros confiei?

Comporás um mundo inteiro
De risonhas illusões,
Paraiso verdadeiro
Que o pensamento ligeiro
Povôa de mil visões?

E uma palavra sómente,
Rasgando-te o lindo véu,
Te mostrará de repente,
Um negro inferno inclemente
Quando pensavas no céu?

Depois... só dias medonhos
Contarás de pranto e ais?
E teus phantasticos sonhos,
E pensamentos risonhos,
Não voltarão nunca mais?

E ver-te-has qual forasteiro
Pelo mundo errante e só,
E teu eden feiticeiro,
O teu porvir lisongeiro,
Tudo ruïnas e pó?

Tudo, tudo!... a crença pia,
A innocencia, o amor!
Tudo uma amarga ironia,
Tudo perpétua agonia,
Tudo lagrimas e dôr!?

....

Vieste, anjo, ao mundo irado
No mesmo dia em que eu vim...
Se vens ser tão malfadado,
Perca a terra um desgraçado,
Ganhe o céu um cherubim!

Dezembro 21 — 1848.

A. Lima.

Receitas para que as mulheres se enraiveçam.

O *Teatro*, jornal de Madrid, recommenda ás suas leitoras as tres seguintes receitas, que extrahiu dos periodicos Americanos.

Primeira: — Leva a tua esposa ao theatro, e põe-te a olhar fixamente para alguma menina que mais te agrade. Dirás á tua consorte que a formosura dessa menina é exactamente do genero que mais te apraz, e isso será mais que sufficiente para que a cara metade perca a paciencia, e arda Troya. Bom é dizer, aqui para nós, que nenhuma mulher soffre com boa vontade, que em sua presença se elogie outra, em quem reconheça alguma superioridade.

Segunda: — Espera que tua mulher esteja prompta para sair. Naturalmente ha de perguntar-te se lhe fica bem o chapéu ou a touca. Responde-lhe que nove decimos das mulheres, apenas se occupam de frivolidades; faze uma serie de reflexões analogas; e conclúe, que só conheces uma que olhe como deve para cousas dessa ordem. A discordia é certa com estes elementos, porque a tua mulher ha-de querer saber quem é a *presumida*, ha-de perguntar-te porque não casaste com ella, e d'ahi sairá o incendio.

Terceira: — Participa a tua mulher que vaes ausentar-te por um mez. Dir-te-ha que deseja acompanhar-te. Responde-lhe que sería disparate pensar em leva-la, tendo negocios a tratar importantes. Pódes estar certo de que te perguntará: — Então que negocios são esses? — Cousas de muito interesse — deves tu dizer. Guarda então silencio, ouve impassivel o que ella disser, e verás a tormenta desencadear-se furiosa.

REVISTA DOS ESPECTACULOS.

Os novos bailarinos, conjuges Guidi, fizeram a sua estrêa, a 21 do corrente, no theatro de S. Carlos. O sr. Guidi tem uma figura quasi athletica (o que de certo não é das mais favoraveis condições para um bailarino), pertence á escóla italiana, desenvolve força e firmeza nos differentes passos que executa, e á maneira do sr. York, que, ha tempos, foi 1.º bailarino no nosso theatro, faz certos movimentos e deslocações, que já não estão no gosto, e que mesmo nunca tiveram muita approvação entre nós.

A sr.ª Guidi, se a quizermos considerar como 1.ª bailarina, está abaixo de toda a critica: o seu merito artistico não excede o de uma bôa 2.ª bailarina.

Os bailados (de composição do sr. Guidi) não são feios, mas nada têem de notaveis: em quanto ao passo inglez, dançado pelas sr.ªª Moreno e Devecchi, achamo-lo muito proprio para ser dançado na praça do Salitre, de que é director D. José Serrate, ou em outro local semelhante; mas para S. Carlos, é indecente.

A banda marcial que apparece sobre o palco na occasião do bailado, vem vestida tão pobre e asquerosamente, que não podêmos deixar de chamar a attenção da empreza sobre tal objecto.

Na quarta-feira ouvimos o excellente rebequista o sr. Robbio, discipulo do famoso Paganini. Em ambas as peças que executou, especialmente no *Capricho burlesco*, o sr. Robbio maravilhou o auditorio, por certa novidade de harmonias, e pela maneira por que sabe tirar do instrumento sons, que, ora semelham aos de um harmonico, ora ao trinar melodioso das aves. Sentimos não lhe ter ouvido executar algum adagio, para conhecermos se tão habilmente sabe fallar ao coração, como o faz aos sentidos.

Apezar do brilhante merito do sr. Robbio, e do enthusiasmo com que o victoriaram, estamos certos de que o sr. Mazzoni não perdeu nem uma pollegada da posição que soube alcançar entre nós.

O theatro de D. Maria continúa a recorrer aos *meios extraordinarios* para attrahir o público. N'um dia expõe os camellos, n'outro dia apresenta dez cavallos sobre o palco, recorre em casos difficeis a uma cantòra despeitada, e não lhe esquece, como recurso aproveitavel, a exhibição de duas duzias de corophêos e coripheas, collocadas, por sua idade e achaques, na quarta secção, por mestre Vicente, que não é dos mais escrupulosos na escolha de gente para o seu theatro. Estes meios violentos cansam o theatro e o público, que já não acode, apezar da pompa dos cartazes, que annunciam os dramas *de grande espectaculo*.

Na quarta-feira, em beneficio do sr. Miró, que se retira para o Rio, quizeram os seus collegas obsequia-lo. A orchestra foi reforçada com bastantes professores da orchestra de S. Carlos, e sobre o palco tocaram quatro bandas de musica marcial. Representou-se a *Mendiga*, e a *Mulher de dois maridos*.

No theatro de D. Fernando representou-se a *Priminha*. A sr.ª Macedo agradou muito no papel de *Priminha*. Na sexta-feira — *Os orphãos da ponte de Nossa Senhora*, que foi bem representada e agradou. Houve enchente real nesta noite.

O theatro do Gymnasio está em moda, e a compa-

nhia faz todas as diligencias para que se não desvaneça a bôa impressão que fez no publico. Hoje deve ir á scena, por primeira vez, *A empreza de Chaumontel*.

NOTICIAS SCIENTIFICAS E INDUSTRIAES.

Exposição da industria na ilha da Madeira.

O GOVERNADOR civil da Madeira nomeou uma commissão de tres membros, que convidará os artistas, fabricantes, e curiosos, a exporem os productos das suas industrias nas salas do palacio de S. Lourenço.

A *exposição* começará no 1.º d'abril, e durará tres dias.

Um jury, oportunamente nomeado, dará o seu parecer sobre os objectos expostos. Doze medalhas de prata serão distribuidas pelos que apresentarem os productos de mais interesse para a industria e commercio da Madeira.

É digno de muito louvor o procedimento do sr. José Silvestre Ribeiro. Esperâmos que o pensamento que s. ex.ª teve, seja favoravelmente acolhido por todos os amigos da industria.

BIBLIOGRAPHIA.

Almanak Popular para 1850.

VENDE-SE por 160 réis na loja sr. Lavado — rua Augusta, n.º 8.

A Semana.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

Redigido por João de Lemos Seixas Castello Branco — Manoel Maria da Silva Bruschy — Ayres Pinto de Sousa — Jacintho Heliodoro de Faria Aguiar de Loureiro.

Os preços da assignatura são: — por anno 960 — por semestre 480 — por trimestre 240 réis. Avulso 20 réis.

As assignaturas de provincia devem ser pagas adiantadas; as de Lisboa no acto da entrega.

Assigna-se nas lojas do costume; mas as assignaturas adiantadas devem ser enviadas ao emprezario do jornal, assim como toda a correspondencia — franca de porte.

A publicação pricipiará em janeiro.

O emprezario do jornal — A SEMANA — *Jorge Augusto de Sousa* (travessa da Larangeira, n.º 25, 3.º andar — á Cruz de Páu).

CHARADA.

Aquece; — 1
Já se usou: — 1
Na quadra propria
Bom fructo sou.

EXPLICAÇÃO DO NÚMERO ANTECEDENTE:

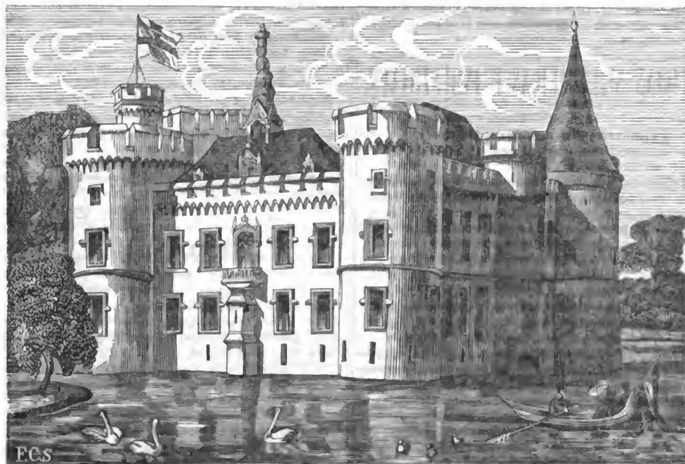
Charada — Sanfona.

ERRATAS DA POESIA DO NÚMERO ANTECEDENTE:

Onde se lê
Ah! dorme o teu somno
deve ler-se
Ah! dorme, dorme o teu somno,
e em vez do verso
Que são? vis cantores
deve ler-se o seguinte
Tornados cantores.



UM SE NDEIRO HISTORICO.



BRUXELLAS — Castello de Bouchout.

O CASTELLO de Bouchout, que pertence hoje aos condes de Beaufort, foi n'outros tempos fortaleza importante, e testimunha de sangrentas batalhas. Reedificado, como agora está, e convertido em commoda habitação, perdeu o aspecto de castello, mas tem todo o interesse, toda a belleza, d'um monumento historico de oito seculos, conservado e estimado por proprietarios intelligentes. A torre d'entrada e a ponte levadiça, que nada tinham de importante, desappareceram do edificio. Os tres fossos, que tinham servido em tempos de guerra, converteram-se n'um lago magnifico, em que se reflecte a fachada magestosa da castello.

Foi este castello fundado em 1129 por Godfroy, *o barbudo*, duque de Lothier. Godfroy é o heroe de uma dessas lendas, conservadas pela tradição, de que não ha vestigios nos thesouros preciosos das mais ricas bibliothecas. Falta-nos o espaço para dar notícia dessa lenda aos leitores da *Revista*.

Portugal e as últimas occorrencias de Macáo.

I.

O ESTADO a que hoje se acha reduzida a infeliz Macáo, ameaçada na sua existencia pelo podêr collossal de um immenso imperio, é a consequencia logica e necessaria do nosso desleixo indisculpavel e criminoso, e não só do nosso desleixo, senão tambem da ignorancia em que temos vivido — em que vivem principalmente os nossos governos, desde certa epocha para cá — a respeito das cousas e interesses das nossas possessões d'ultramar.

Em materias, que, como esta, affectam a dignidade, a honra e o bem-estar da monarchia, toda a franqueza e sinceridade é pouca, e a isempção absoluta de certas influencias, sejam ellas de que natureza forem, indispensavel, essencialissima. E porque a imprensa politica nem sempre póde satisfazer, pelas diversas paixões que representa, a esta parte da sua, aliàs elevada e grandiosa missão, nós, os da imprensa litteraria, nós os da propaganda pacifica, nós os soldados *rasos* do jornalismo, ergueremos a voz — ainda que debil — sempre que intendamos devê-lo fazer em defeza da patria commum, e dos seus interesses e glória, conservando-nos — como sempre temos de nos conservar — estranhos aos odios, muitas vezes irreconciliaveis, das parcialidades politicas que infelizmente dividem a grande familia portugueza.

Todos desgraçadamente sabem, que a situação de Portugal é miseravel, que se póde considerar muito proximo de desesperada, que se deveria talvez reputar sem remedio, se o seu territorio não abundasse em preciosos e não explorados recursos, que serão fonte de solida prosperidade, quando a Providencia nos depare um governo, que sincera e lealmente *saiba ou queira* conhecê-los e aproveita-los.

Nestas circumstancias, cuja verdade ninguem póde em bôa-fé contestar, a sustentação de tão longinquas e vastas possessões, como as que Portugal ainda possue, torna-se duplicadamente difficil, sem grandes sacrificios da metropole.

Mas, abstraindo mesmo da consideração que a maior parte dos territorios que possuimos nas diversas partes do mundo — fragmentos dispersos de um grande imperio — são um illustre padrão das nossas passadas glórias, faremos as seguintes, singelas perguntas:

São ou não importantes as possessões que ainda conservâmos na Africa Oriental e Occidental, na Azia, e na Oceania?

É ou não verdade que ellas abundam em vastos e feracissimos terrenos, e nas mais valiosas producções naturaes?

É ou não exacto, que a adopção de um bom systema colonial, modificado, em parte, pelo que os inglezes seguem de longos annos, póde eleva-las a um gráu de prosperidade tal, que reverta não só em seu proprio proveito, como no da mãe patria?

Não é crivel que haja alguem que se atreva sequer a responder pela negativa.

Se, pois, são importantes as nossas possessões — e isso está provado até á evidencia — se abundam em producções de grande valia para o commercio; é necessario não só sustenta-las, como trabalhar assidua e seriamente por desenvolver nellas os grandes elementos de riqueza que em si contém; é necessario acabar por uma vez com essa serie de erros, que de ha muito tem compromettido — que compromette de contínuo a sua existencia, e as póde inteiramente perder para a monarchia; é necessario, finalmente, crear uma marinha de guerra respeitavel, quando o não seja pela fôrça numerica, ao menos pela qualidade dos officiaes e disciplina das tripulações. Sem se empregarem estes meios, ou outros, com tanto que sejam egualmente proficuos, as nossas provincias d'ultramar em breve e successivamente se irão perdendo, e com ellas não só um dos mais poderosos elementos da nossa futura regeneração economica, mas tambem o preço do sangue e do cabedal, e do genio emprehendedor e audaz dos nossos antepassados.

As occorrencias de Macáo, e as que constam ter tido logar na provincia de Moçambique, são um solemne protesto contra inveterados abusos e erros, e tambem um aviso salutar.

Calcular-se-ha devidamente o seu alcance? Oxalá que assim aconteça, pois não teremos que deplorar um desastre que nos reduziria a uma situação bem pouco favoravel, para não dizer duvidosa, entre os estados da Europa.

A questão de Macáo, principalmente, pelas particulares circumstancias de que está revestida, pelas grandes fôrças e singular constituição do imperio em que aquelle estabelecimento se acha encravado, e pela influencia immediata que a sua resolução, seja qual fôr, ha-de ter nas demais provincias portuguezas, reclama, de preferencia, a nossa attenção.

Não se cuide que empunhando as espadas de Vasco da Gama, ou de Albuquerque, queremos que se declare a guerra ao celestial imperio, e que tentemos arvorar, nas muralhas de Pekim, o estandarte das quinas, em desaggravo da dignidade nacional offendida.

É um pensamento este que está em harmonia com as espantosas cousas que os portuguezes fizeram nos seculos XV e XVI, que não repugna com as nossas heroicas tradições; mas que se affigura ridiculo — e que o é realmente, para nós, que bem nos podêmos chamar *em tudo, filhos degenerados de uma raça gigante:* quem aconselhasse aquelle meio merecia mais alguma cousa que o epitheto de louco.

Intendemos, porém, e cremos que entenderão todos, que se não deve poupar esfôrço ou sacrificio algum para obter reparação condigna de tão grande attentado, evitando para o futuro, com o mais severo escrupulo, as causas d'estes e de outros similhantes acontecimentos. Os dois extremos podem perder-nos — a imprudencia como a fraqueza..

As nações são como os individuos. Que consideração póde ter a sociedade por um homem que se deixa impunemente insultar na praça pública?

A resposta é obvia. Se, porém, se não quer entender esta doutrina — se se consente que este pobre Portugal seja, á face do mundo, vergonhosamente insultado, então é melhor, é mil vezes preferivel, resignando-nos a deixar de ser nação, sepultarmo'-nos nesse oceano dos povos que foram, amortalhados em algum velho estandarte das nossas glórias.

É impossivel tratar certos assumptos sem que estas, ou similhantes reflexões, tão tristemente verdadeiras, acudam aos bicos da penna.

Passemos ao objecto d'este artigo.

Tem-se dito, e é opinião de muitas pessoas authorisadas, que o nosso direito sôbre o estabelecimento de Macáo é unicamente a vontade do imperador da China, a cujo absoluto dominio pertence a ilha em que esta cidade portugueza foi edificada. Não existindo opinião bem determinada a tal respeito, e porque o achâmos util e curioso, trataremos no seguinte número este objecto com mais individuação, servindo-nos, á falta de documentos originaes, que devem de existir nos archivos da capital, nos de Gôa e de Macáo, das memorias impressas de que temos conhecimento, entre as quaes se encontram duas importantes, uma pelo seu caracer official, e a outra, assim por esta circumstancia, como pelos conhecimentos e posição especial da pessoa por quem foi elaborada — o sr. conselheiro Castro Neto.

(Conclúe.)

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Considerações ácêrca do projecto de lei do sr. deputado Assis de Carvalho

EM QUE SE TRATA DE FUNDAR UM INSTITUTO AGRONOMICO.

> Soyez convaincus, Messieurs, que la societé moderne, dans sa lente mais infatigable émancipacion, arrivera à reconnaitre, c'est notre pensée du moins, que la vétérinaire peut devenir un jour, pour l'agriculture, comme le point d'appui du levier d'Archimède.
>
> *(Bulletin de la Societ. Nat. et Centr. de Med. Vet. — Magnon. Commis. des Recoupes.)*

Na legislatura de 1847 o sr. deputado F. de Assis Carvalho, apresentou na camara electiva um projecto de lei, cujo fim é crear uma eschola, simultaneamente agri-

cola e veterinaria, com a união da actual Eschola Veterinaria Militar, a uma das de agricultura, authorisadas a estabelecer-se no decreto de 20 de setembro de 1844, relativo á instrucção pública. Parte da imprensa saudou esta feliz lembrança do digno deputado, que, sem pedir novas creações, nem amedrontar o espirito das economias com despezas impossiveis, soube, com elementos existentes, que se finavam ou no desamparo, ou no esquecimento, planear um estabelecimento utilissimo, de que o paiz póde tirar immensas vantagens, se o souberem convenientemente organisar.

A bôa recepção, que na Commissão de Instrucção Pública, e geralmente em toda a camara, este projecto mereceu; o interesse, que S. M. El-rei nos consta significára pela combinação dos dois estudos; e, finalmente, o favor com que o acolheram, e delle fallaram várias pessoas competentes, provam sobejamente, que a idéa do sr. Assis é das reconhecidamente uteis, que ainda quando encontrem os embaraços do desamor e indecisão, não provocam menos a sympathia e louvor dos que as sabem comprehender.

Lidavam os professores da Eschola Veterinaria, depois da sua reorganisação em 1845, por dar a este estabelecimento melhor pé, direcção mais racional, e por lhe alargar as applicações, com o que, fazendo conhecido o valor da sciencia, grangeassem para a sua classe bem fundada estima, e para aquella, logar mais respeitavel do que alcançára a alveitaria, da qual comtudo só poderia extremar-se com a evidencia da superioridade nos resultados technicos: a propicia circumstancia da eleição do sr. Assis veio proporcionar-lhes favoravel ensejo de porem por obra os seus designios.

O sr. Assis, lente que fôra de alguns dos professores, individuo versado que é no assumpto, patriota zeloso do bem-público, e representante da nação, teve occasião facil de estudar com miudeza os defeitos da actual eschola, de quilatar o zêlo e capacidade dos seus professores, e de crear pela sciencia a sympathia, que em qualquer outro, sobrecenho ás suas apparencias, seria bem difficil produzir; e por isso como occorrido lhe foi o pensamento, que depois deu origem ao seu projecto, não duvidou encarregar-se de o fazer valer, como tarefa que o destino e circumstancias especiaes lhe confiavam.

Era do dever dos professores, uma vez que se preparava uma reforma no seu estabelecimento, fôsse bem ou mal entendida, discuti-la publicamente, produzirem o seu voto, esclarecer dúvidas, ou combater prejuizos, que acaso impecessem o resultado.

Uma *Memoria*, que neste intuito escreveram, e offereceram ao governo, ás camaras, e ao público, se não foi adiantar mais o passo do sr. Assis, descarregou-os, pelo menos, de uma obrigação a que não lhe seria airoso faltar, e provou ao paiz, que se bem que a Eschola Veterinaria se mirre na esterilidade de um fim acanhadissimo, nella existe, comtudo, vontade de trabalhar — amor á sciencia — e grandes desejos de elevação, que merecem ser aproveitados com melhores auxilios, pois resistido, como tem, aos effeitos diametralmente oppostos, que similhante estado de Eschola lhes poderia haver communicado, asseguram os mais valiosos resultados, toda a vez que lhes concedam a facilidade e os meios de se desenvolverem de todo.

O projecto foi com applauso adoptado pela maioria dos professores, um unico d'entre elles, por motivos particulares, que não são para aqui, se recusou. Esta quasi unanimidade revela que ha na generalidade dos professores esse nobre desappêgo, que faz que o instituidor considere o seu ministerio, menos instrumento de material ganancia, que de reputação e estima entre os seus concidadãos, que o estimula mais o orgulho da pública utilidade, que a satisfação egoista do proprio benesse; descobre mais, e em conformidade d'estes sentimentos, que a premeditada reforma é, quando menos, afiançada por intenções puras, e oxalá que todas podessem, antes da prática, aferir o effeito, e apresentar da sua inconcussa utilidade garantes tão fieis e tão seguros como estes.

Alliar a agricultura com a veterinaria, pondo em communidade de ensino as affinidades e reciprocos serviços de ambas, tão naturaes, tão intimos e tão frequentes na vida dos campos; tirar da quasi nullidade, por compressão, fins e descaminho de meios, uma eschola, outra do limbo de um decreto sem execução para um mesmo centro, onde produzam o que lhes é individual e o que lhes é commum, sem os gastos e difficuldades do isolamento, e com o maximo proveito da combinação de luzes congeneres; eis a essencia e o bello do projecto, que alcança todas as vantagens pela menor somma de meios, e nos vem dotar a um tempo de duas escholas *n'uma*, a nós que, para fallar a verdade, nas duas não tinhamos nenhuma.

A menos que se não dispozesse de novos meios *ad hoc* proporcionados, com o que existia unicamente, é forçoso confessar, que não seria facil conceber outro systema, que melhor aplanasse a estrada dos successos á Eschola Veterinaria, nem désse aos homens, que vivem por esta sciencia, mais favoraveis circumstancias de patentear a excellencia do seu prestimo, nem que mais realçasse o uso da veterinaria, ajudando o lavrador, que o comprehendido, e em harmonia com as nossas actuaes possibilidades, delineado no projecto. Accrescentaremos, que um dos primeiros problemas da nossa vida economica, a instrucção agricola, em que entram de condicções o imperioso da necessidade e a penuria das finanças, não podia ser mais bem proposto, nem, como provaremos, resolvido com mais perfeita conciliação das duas partes.

No exame a que vamos proceder, pomos de parte a utilidade palmar, incontestavel da parte do ensino agricola, e só consideraremos as miras que guiam o projecto no enlace das duas faculdades, na ampliação do ensino medico, e no desenvolvimento que se propõe dar á *Zootechnia*.

Prescindimos egualmente das vantagens puramente economicas, que para as actuaes circumstancias não são dos dotes menos attendiveis no projecto, porque nos parece que duas escholas que se accommodam com o mesmo costeio — com o mesmo edificio — com o mesmo director — com os mesmos serventuarios — com os mesmos instrumentos, utensilios, objectos, theatro, etc., de demonstração fazem unidas quasi bem metade da despeza, que se fôssem costeadas, dirigidas, localisadas, servidas e auxiliadas em separado.

(Continúa.)

J. I. Ferreira Lapa,

Lente da Eschola Veterinaria.

ROMANCE.

Peccadora.

Se ha hi alguem isempto de peccado, que lhe atire a primeira pedra.

XII.

O PRIMO DE PROVINCIA.

Nem Armando nem Robertina esperavam similhante visita de Claudio. Robertina principalmente ficou aterrada em presença de Rembrés, porque pensou que soára a hora terrivel da revelação.

Mais aterrada e admirada ficou ainda quando viu o Claudio dirigir-se e fallar com o barão.

Que podia haver de commum entre Armando e o falsario!...

Mas todas estas diversas impressões obraram nella internamente, com excepção do primeiro impeto de afflicção, que lhe perpassou rapido pelo semblante. O mais fino observador debalde procuraria descobrir o mais pequeno vestigio de perturbação, ou mesmo de encommodo, na bella e serena physionomia da baroneza d'Osser. Armando, pelo contrário, tomado de improviso, vãmente tentou esconder o seu desorientamento. Olhou para Claudio Rembrés, de um modo que forcejava por ser risonho, balbuciou algumas palavras quasi inintelligiveis, e abaixou os olhos, porque sentia subirlhe o sangue á cara, e um raio de cholera illuminarlhe a pupilla.

Florencia, essa, como estava muito entretida com o proximo prazer que esperava de gosar, não via naquella scena, mais que a chegada d'um parente que se não conhece e que tracta de estar á sua vontade. O que particularmente notou no recem-chegado foi o seu franco *provincialismo*, exempto todavia de ridiculo. Aquella ampla casaca azul era decente, e estava bem talhada; havia seu tanto d'espirito naquella physionomia burgueza, e no seu sorrir bondoso; as argolinhas mesmo das orelhas...

A menina d'Osser admirava tanto como nós aquelle singular enfeite; mas, na realidade, elle não se prestava muito á sua hilaridade.

Claudio Rembrés, entretanto, apertou com fôrça a mão que o barão lhe apresentára, máu grado seu.

— Ah! o meu bom amigo, disse, não teve a bondade de prevenir estas senhoras a meu respeito?... São assim todos os parisienses... Não importa... estou certo de que lhe não pezará de tornar a ver o seu velho primo Claudio... Quando digo primo, accrescentou, comprimentando Robertina e Florencia, assim o terão entendido de certo — refiro-me á moda da minha provincia; porque realmente duvido muito que sejamos parentes, ainda em gráo arredado... e todavia, este querido Armando é meu herdeiro, sem talvez o pensar...

A bella fronte de Robertina curvou-se imperceptivelmente áquelle ataque disfarçado.

— Sim, sim, repetiu Claudio, que fitou na baroneza o seu olhar gracioso. — Armando é o meu herdeiro... Mas, oh meu rico, accrescentou, depois de uma breve pausa, estou-o desconhecendo hoje!... esquece-se de me apresentar... pois que ainda não sei qual destas formosissimas senhoras é a senhora baroneza, e a senhora d'Osser.

— Desculpe... balbuciou o barão.

— O meu primo já duas vezes se me dirigiu tacitamente como á baroneza d'Osser — e adivinhou, acudiu Robertina.

— Duas vezes, murmurou Claudio, que novamente beijou a mão da baroneza; não duvído, acredito, minha senhora... Amigo barão, dou-lhe sinceros parabens pela escolha; é uma... joia esta de inestimavel preço!

Começaram então a entrar na sala varios dos convidados, que primeiro um moço annunciava pomposamente.

— Vamos! primo, proseguiu Claudio, muito risonho, estamos a incommodar estas senhoras... venha comigo... Podemos conversar.

E travou do braço de Armando, conduzindo-o a um angulo do salão, onde o fez assentar:

— Meu rico, disse, mudando de tom, realmente não é forte em diplomacia... Pois olhe, aqui está uma pessoa, que lhe podia dar lições nesse genero. Para lhe fallar com franqueza, digo-lhe que tem feito uma figura tristissima... Quero ainda que ficasse surprehendido: mas...

— Sr. Claudio, acudiu Armando, estou em seu podêr; peça o que quizer, bem sabe que o obterá... Mas a sua perseguição faz-me endoudecer, e declarolhe, que ha occasiões em que me sinto capaz de arrostar com todos os perigos!...

— Querido barão! querido barão! disse o ex-banqueiro; olhe que assim póde-se entornar o caldo... Não é possivel encetar uma conferencia amigavel de maneira mais triste... Se enlouquece, é porque tem tendencia para essa enfermidade; e o culpado não sou eu, que o trato com a maior clemencia! Ha dois dias que nada tenho feito contra v. ex.ª

— Mas aquella carta...

— Pois foi a tal cartinha que lhe transtornou a cabeça? Pela minha parte foi sómente uma attenção que desejei ter com v. ex.ª... Mandei-lhe cópia da sua carta.

— Da minha carta?

— Da carta de v. ex.ª... salvo se a palavra bilhete, em attenção a ser uma missiva de poucas linhas, lhe parece termo mais proprio; mandei-lhe cópia da sua carta para lhe evitar algum *repente*... e foi unicamente por interesse de v. ex.ª E ainda em cima levanta-se *com o santo e com a esmola*... Bem sabe que eu só me servirei daquelle meio, no caso de que v. ex.ª me force a isso!

— Todas as circumstancias me obrigam a suppôr, que as suas pretenções serão exorbitantes, replicou o barão.

— Vejo que v. ex.ª *quer pegar por uma pequenina cousa*... Todas as circumstancias o obrigam a suppôr isso... pois eu posso-lhe affiançar que ha-de ficar maravilhado quando souber o que eu só desejo...

— O que é? acudiu o barão com vivacidade.

— Tem muita curiosidade de saber, sr. barão?... Mas, por quem é, não crispe assim os sobr'olhos, homem... A baroneza está a observa-lo, e bem vê v. ex.ª, que para um primo não se olha d'esse modo!

Robertina, com effeito, acabára de dirigir os olhos para aquelle lado.

Mas quando o barão, seguindo as indicações de Rembrés, virou tambem os olhos para onde estava sua mulher, já ella estava toda entregue aos seus deveres, como dona da casa que era.

As salas íam-se enchendo. Robertina, que na sua propria delicadeza encontrava os meios de satisfazer a todas as pequenas cortezanias aristocraticas, repartia por todos um agradavel sorriso. Nas suas feições não se lhe notavam vestigios da sua recente indisposição, e talvez isto fôsse effeito do calor, que começára a expandir-se pelas salas. O grave e puro perfil do semblante da baroneza arredava toda a idéa de prostração, ou de intimo padecer.

Era a mais formosa, e parecia ser a mais feliz. N'outro tempo, no tempo do imperio, quando havia saráu em casa do barão d'Osser uma brilhante multidão atulhava todas as casas de primeiro pavimento, convertidas em salas Mas agora a sala de baile bastava aos convidados, além do aposento azul, onde se haviam collocado as mesas do jogo. Não se póde dançar á vontade em casa de um homem decaído da graça; é mister ser-mos muito generoso para nos divertirmos nos saráus dos vencidos.

Não se encontrava alli senão uma pequena parte da aristocracia imperial, da que não desertára, e alguns curiosos a quem havia dado a mania de verificar se a orchestra e as contradanças conseguiriam abafar o arruido das calorosas palestras, e suspeitas conversações.

Ainda assim os que estavam eram sufficientes. Uma brilhante grinalda de lindas mulheres guarnecia as salas. Ao som da orchestra começavam de animar-se as doudejantes quadrilhas; não se viam por toda a parte senão esplendidos toucados, e rostos viçosos, que o prazer tingia das mais vivas côres. Era um baile alegre, com quanto naquella reunião de vencidos se encontrassem mais elementos de tristeza do que de alegria; todos se sentiam com ânimo de folgar. Parecia que o magico podêr de alguma bôa fada espalhára naquella atmosphera uma deliciosa brisa, que repellia diante de si pezares e dores.

A bôa fada era Robertina...

Quem então se atrevesse a dizer; esta mulher soffre no íntimo da alma um atroz martyrio — passaria por louco.

E na realidade, quem pensaria similhante cousa? — O sr. Claudio talvez.

E, de feito, este olhava muitas vezes para a baroneza. E então a sua bondosa physionomia exprimia a maior admiração.

Como era de suppôr, o sr. Luciano de Pons constituíra-se cavalheiro da menina d'Osser. Luciano era um bello mancebo, alto, de edade de vinte e quatro annos, modo grave, altivo, e sómente timido em relação a Florencia, que sôbre elle exercia uma tyrannia incrivel. Florencia, a despeito da pedantesca influencia da sua educação imperial, obedecia irreflectidamente á sua decidida tendencia para a zombaria, e defendia-se contra o seu nascente amor, com o sincero despeito de uma donzelinha de aldêa. Não queria confessar que tinha um coração sensivel, considerava-o como uma fraqueza imperdoavel, a que procurava ser superior com a bôa-fé maior do mundo. Era, em última analyse, o pobre Luciano quem pagava as despezas da guerra. Cada vez que Florencia estava em desintelligencia comsigo mesma, castigava-se... martyrisando os dedos de Luciano. O Luciano representava o papel daquelle pobre rapaz, ajustado para casa de um grande fidalgo, e que tinha de ser punido em castigo das faltas do filho do tal grande fidalgo. Delinquia Florencia, e Luciano era o padecente.

Era a propria peccadora, que o julgava, e que lhe infringia o castigo, Deos sabe como!

Ella arrufava-se, Luciano abaixava-se. O preço da sua submissão eram novos arrufosinhos.

Este Luciano era o *arre-burrinho* de Florencia, e comtudo não deixava de ser o rapaz mais feliz do mundo.

Sim, porque é bem agradavel este martyrio de namoricos. Na mais séria questãosinha, esconde-se sempre um tacito perdão. O amúo é uma cousa deliciosa, os arrufos são preciosissimos, e se alguem chora nestes bellos dramas da adolescencia, melhor, porque através as lagrimas ha-de transparecer o sorrir.

Luciano e Florencia amavam-se: Florencia pela sua parte, não o confessava, porque queria porfiar em ignora-lo; mas Luciano dizia-o por ambos. Entre elles havia um só obstaculo, a vontade do barão, cujo pensamento era casar Florencia com o major Vernier, o seu melhor amigo. Um obstaculo desta natureza não é bastante para que dois amantes se combinem e contraiam um daquelles tractados, cuja influencia se tem tornado proverbial. Luciano e Florencia tinham a consciencia de que conseguiriam, quando lhes fosse mister, superar aquelle obstaculo. Podiam arrufar-se á sua vontade.

Com effeito, Armando amava estremosamente sua irmã, não era capaz de a violentar, e além disto Robertina seguia sempre o partido de Florencia. Aquella difficuldadesinha era ainda util, para que o romance dos seus amores não corresse muito semsaborão.

Á falta de obstaculo real, talvez que Florencia o creasse imaginario. Ora, quem ignora que as raparigas invertem de bom grado a ordem logica, dando ás cousas da imaginação infinitamente mais importancia que ás da realidade?

Os namorados nas circumstancias de Luciano, são como os escravos pretos que tem um tacto maravilhoso para adivinhar o *fraco* dos seus senhores. Luciano refugiava-se atraz daquelle obstaculo, cuja virtude percebêra. Exaggerava-o de proposito, nem hesitava em dar ao barão as proporções dramaticas de um *pae cruel*.

Operava-se neste caso a reacção. Florencia humanisava, e descobria um cantinho do seu coração amante, leal e franco.

Naquella noite, porém, não carecêra Luciano de usar de estratagema algum para ser bem recebido. Florencia era a rainha da festa. Fôra por sua causa que se dera o baile. Florencia, moça, no coração e na edade, gostava immensamente de divertir-se. Era feliz, e esta circumstancia tornava-a clemente. Nunca Luciano fôra tão benegninamente tractado como naquella noite.

Florencia e elle conversavam, sorriam, amavam-se, sem o esconder de ninguem.

Tudo isto, porém, não ultrapassava os limites da decencia, ninguem mesmo reparava em similhante cousa com excepção do major Vernier. Não nos referiremos

ao sr. Claudio, porque esse, com toda a sua apparencia de bonhomia, não fazia senão espiolhar tudo, e mirar com a maior minuciosidade os hospedes do barão d'Osser.

O major Vernier era um valente militar, e um bello homem. Teria trinta annos, quando muito; o trajo burguez, que usava desde a restauração, não lhe ficava lá muito bem. Para realçar os seus fartos e negros bigodes, e languido olhar, quadrava melhor a alta gola.

Dissemos que o major Vernier tinha um olhar languido; porque com effeito elle era um militar sentimental. Durante as campanhas, em que briosamente se portára sempre, bem deligencia fizera por encontrar condessas alemans, a quem entregasse alma e coração; *muchachas* com quem suspirasse, ao luar, sentidas queixas de amôr; *donna* insignes na lyra, sabendo grego, e com assaz de paciencia para o acompanharem ás grutas de Pausilippo, ás ruinas de Herculanum, ou ás catatumbas de Roma.

E só deparára com milanezas analphabetas, que ignoravam até o nome do divino Homero, e por consequencia, com muita mais razão, o de madama d'Staël, maganas andaluzas, inimigas de suspiros, e corpolentas austriacas, que pouco entendiam de ternuras e de amôr.

(Continúa.)

POESIA.

O fim do anno.

> On l'oublie; et voilà que les heures fidèles
> Sur l'airain ont sonné minuit
> Et qu' une année entière a replié ses ailes
> Dans l'ombre d'une seule nuit.
>
> A. de Lamartine.

É alta noite... o astro da tristeza
Se balouça no azul do vasto espaço,
Qual lampada de prata a arder pendente
Do ceruleo docel d'um templo immenso.
Tudo é silencio e paz! — ao longe apenas
S'escuta o arquejar do mar dormindo
Casado co' o gemido melancholico
Do vento que sibila!

A luz de mil estrellas palpitantes
Cujo meigo fulgor afrouxa a lua
Que em limpido clarão inunda a terra
Tingindo côr da prata o horisonte...
As frouxas harmonias, que reboam
Tangidas pelo vento em harpa aeria...
Tudo convida a orar, tudo é solemne
Neste momento augusto.

É meia-noite... ei-la... a hora derradeira
D'um anno que se abysma no passado,
Oceano terrivel de ruinas,
De silencio, e de pó, e de saudades.
É meia-noite... a hora dos amores
Votada ao coração e aos prazeres,
Consagre-se uma vez cad'anno ao menos
Ao pensamento, á alma!

Sôa o instante derradeiro
Para um anno moribundo,
Como sóa para outro
A hora de vir ao mundo!

São dois astros que se encontram
N'um curto momento só,
Um surgindo no horisonte,
Caíndo o outro no pó!

São dois planetas gigantes
Que girando pelo espaço
N'um instante imperceptivel
Dão curto, rapido abraço!

São dois elos que se tocam
D'uma infinita cadêa,
O passado que se esquece,
O porvir, que se receia!

É solemne este momento,
Pensae, ó homens, pensae...
Que mais depressa que o anno
Quanta vida não se esvae?

Não escutaes bem profunda
Dentro do peito uma voz,
Que vos brada: «Os annos passam
E como elles passaes vós!»

Passam as aves, as flores,
Os dias, as estações,
As cidades, os imperios,
Os homens, as gerações.

Tudo aqui é passageiro,
Vida, mundo, natureza,
Tudo caduco; só dura
De Deos a eterna grandeza.

É solemne este momento,
Pensae, ó homens, pensae...
Que mais depressa que o anno
Quanta vida não se esvae!

No caminho da existencia
Demos um passo... é assaz ..
Descansemos por um pouco
Volvendo os olhos atraz.

Tem innumeros altares
O idolo do futuro...
Não neguemos ao passado
Um pobre culto, mas puro.

Ou seja a rosa das festas,
Ou o cypreste do lucto,
Não ha dextra que não deva
Mandar-lhe á campa um tributo.

É esta a hora opportuna,
Orae, ó homens, orae...
Que a vida corre ligeira
E n'um momento se esvae!

A. Lima.

REVISTA DOS ESPECTACULOS.

O ANNO de 1850, começou debaixo de bons auspicios para o theatro lyrico da Capital.

A empreza do referido theatro, apresentando ao público uma opera nova, escripta por um *maestro* tambem novo, e desempenhada, na parte do protagonista, por um excellente cantor, que ainda não era conhecido entre nós, conseguiu felizmente dissipar a somnolencia e enfado, que a repetição de operas velhas (e nem sempre bem executadas) havia geralmente produzido, ainda mesmo nos mais acerrimos apologistas e amadores do theatro italiano.

O *D. Bucefalo*, representado em Lisboa pela primeira vez na noite de 1 do corrente, é uma opera jocosa, cujo *libretto* foi arranjado pelo poeta Bassi, do theatro da Scala em Milão, servindo-lhe de base para o enredo, o mesmo da opera *Le cantatrici Villane*.

A musica, composta pelo joven *maestro* Cagnoni, quando apenas contava vinte annos de edade, é muito graciosa, presta-se maravilhosamente ao assumpto, e tem alguns trechos, como por exemplo o quarteto e settiminio do 1.° acto, o final do 2.°, a cavatina de baixo, e cabaleta de soprano no 3.°, que revelam no seu auctor, não só bastante gosto e talento, mas grande sciencia musical.

Apesar dos poucos ensaios que a opera teve, a execução della póde, com affoutesa, dizer-se que foi geralmente satisfactoria.

A sr.ª Marinangeli foi muito mais feliz no *D. Bucefalo* do que na *Lucia*: e para isso concorreu, sem dúvida, o ser a parte que desempenhou, naquella peça, de muito menor força e importancia do que a da última citada; e talvez o estar a musica muito em harmonia com a sua voz, e os seus recursos artisticos. — A cavatina do 1.° acto

Innocente, sincero è l'affetto

que começa por um engraçado *allegreto scherzato* em 3 quartos, foi exhibida pela sr.ª Marinangeli de uma maneira digna de honrosa menção. É pena, que, nas peças concertantes, a pequenez da sua voz lhe não permitta dar á musica todo o valor e realce que ás vezes exige; porque na realidade, conhece-se, que a sr.ª Marinangeli não deixa de possuir boa escóla de canto.

As sr.as Persolis satisfizeram quanto lhes cumpria; e especialmente a sr.ª Catharina, que na parte de *Agata* continuou a dar provas de que póde vir a ser uma cantóra excellente.

O sr. Bruni (Carlos) desempenhou bem o papel de marido dotado de bom genio.

O sr. Celestino (D. Marcos Bomba) houve-se com muita intelligencia, caracterisou-se perfeitamente; e, sobre tudo, na scena do 3.° acto em que pertende ensaiar o papel de *Ezio*, produz um bello effeito, assim pelo bem combinado trocadilho das palavras, como pela maneira verdadeiramente comica e chistosa com que se propõe representar o vencedor de Attila.

O sr. Baldanza (Conde de Belprato) na insignificante parte que lhe coube, satisfez perfeitamente. Sentimos que a este senhor repugnasse cantar com a sr. Marinangeli, o duetto que *Cagnoni* ultimamente addicionou á Opera; e tanto mais, porque estâmos persuadidos de que a execução do referido dueto, concorria para tornar mais brilhante a parte que lhe pertencia.

Resta-nos fallar do 1.° baixo — o sr. Luiz Rocco, que desempenhou o papel de D. Bucefalo, expressamente para elle escripto.

O sr. Rocco deu provas de ser não só um bello cantor, mas um excellente actor. Tem uma voz forte, extensa e sonora, que dá com igual facilidade e clareza as notas mais graves, e as de falsete, que geralmente só possuem os tenores; a estas qualidades pouco vulgares, reune uma mimica engraçada, propria, e sem exaggeração. Na cavatina do 2.° acto

Ingrata fantesia! tu m'abbandoni,

quando medita sobre a contextura do que pretende fazer, e descoroçoado clama contra o estro que o desampara, o sr. Rocco mostra-se consummado artista: e é justamente no fim desta peça, que o interessante D. Bucefalo vê realisadas as suas esperanças; porque apenas acaba de pronunciar

Sento già dell'assemblea
. . . .
L'irruzione, l'entusiasmo;
Sento i bravo, i bis, i viva
Dell'intera comitiva.

o público tem sempre correspondido a taes palavras, com enthusiasticos applausos.

No ensaio da symphonia, peça escripta com bastante originalidade, o sr. Rocco desenvolve muita graça, e geralmente em toda a opera sustenta mui natural e brilhantemente o seu papel.

Não podemos deixar de louvar a empreza por ter feito tão bôa acquisição; nem prescindir de dar ao sr. Fiori os nossos emboras, porque, segundo nos consta, foi elle que indigitou á empreza o sr. Rocco, e instou para que fosse escripturado. Com artistas de tal ordem, o público não póde deixar de ficar satisfeito. Pena é que a empreza não tenha sido tão feliz com todos os outros que recentemente escripturou.

Alguem notou que na primeira noite o sr. Rocco não viesse convenientemente caracterisado, e que o trage com que se apresentou fosse mais proprio de um poeta do que de um mestre de capella; mas este defeito remediou-se, e D. Bucefalo já na segunda recita se apresentou vestido com toda a propriedade.

Brevemente é esperado em Lisboa o famoso rebequista Vincenzo Bianchi, que tendo-se feito ouvir em S. Petersburgo, Berlim, Paris, Madrid, e outras cidades principaes da Europa, onde tem sido devidamente applaudido e apreciado, é de crer que dê tambem alguns concertos no nosso theatro.

Se não falham algumas informações que temos, a filha do referido cavalheiro está escripturada para S. Carlos, cremos que como 1.ª dama.

Ensaia-se a *Linda de Chamounix*, e depois della é provavel que se ensaie a *Filha do Regimento*.

O theatro de D. Maria, para continuar o desgraçado systema que o tem já quasi inteiramente desacreditado, apresentou ao público a sua *Aldina*, tragedia em

um acto, musica do sr. Pinto, e letra do sr. Leal. Com bailados e peças de canto, ao sério, vae macaqueando o theatro lyrico, e destruindo radicalmente o caracter, que lhe competia, de escóla dramatica. A tragedia em um acto, que foi á scena no primeiro dia do anno, é desempenhada pela sr.ª Landa, sr.ª Radicci, e sr. Velasco. A sr. Landa, se não tivesse tão má escóla de canto, poderia ser ouvida, sem desgosto, n'um theatro lyrico. A sr.ª Radicci é o que todos sabem. A sua voz de velha rabujenta ha-de sempre arranhar os ouvidos do público. O sr. Velasco é tão máo cantór, como actór desastrado. Como cantór desafina e tem má voz; como actor não tem intelligencia, nem sentimento. Repete machinalmente os mesmos urros, e entrega-se a uma gesticulação redicula, que não se aprende, que não se imita, porque é exclusivamente sua, e original. O theatro de D. Maria consome em *isca para o público*, o que devêra ter ha muito empregado na educação de novos actores, e no cumprimento das obrigações que contrahiu quando o governo lhe deu o subsidio, no tempo em que a imprensa toda, talvez illudida, usava do seu valimento e dos seus recursos, para lhe obter esses meios. Não foi para sustentar camellos, coripheus e cantores, que se lhe mandou abonar o subsidio.

No theatro de D. Fernando continúa a ser bem recebida a *Priminha*, em que a sr. Maria Amalia Macedo desempenha magnificamente o papel de Priminha. A sr. Maria Amalia, se não a cegarem lisonjas, ha-de vir a ser uma atriz excellente, a primeira talvez do nosso theatro. O drama novo tambem foi bem recebido. O sr. Macedo entra melhor neste drama. Como Vicente de Paula não desagrada tanto a sua voz, e o methodo da declamação que adoptou. Nos outros papeis é de muito máo gosto, declamar cantando, e arrastar as palavras, pronunciando *com intenção* a fraze mais insignificante. O final da *Adriana* perde grande parte do effeito, por culpa do sr. Macedo.

A *Empreza de Chaumontel*, que foi á scena no Gymnasio, sabbado passado, é composição de pouco valor, que deve tudo á graça e talento dos actóres. O Gymnasio continúa a dar em cada semana uma nova peça. Consta-nos que em breve teremos em scena uma tragedia burlesca, composição de um dos nossos melhores, e mais amaveis poetas. A tragedia é parodia de um drama, que chamou á capital uma parte da mais pacifica e quieta população da provincia.

Hoje em beneficio do sr. Moniz, vae á scena *E. H.*

CORRESPONDENCIA.

Publicámos, e agradecemos cordealmente, a seguinte carta, que nos remetteu d'Elvas um dos nossos assignantes:

Sr. Redactor:

Tendo lido no n.º 39 da *Revista Popular* a biographia do doutor Paiva, que V. publicou, em consequencia dos esclarecimentos que alguem lhe forneceu, nella encontrei uma inexactidão que cumpre rectificar, certo de que será acceita por V. Diz a biographia, entre outras cousas, que o doutor Paiva fôra condemnado a levar açoutes pelas ruas públicas — ora, no regimen passado, os individuos condemnados a taes penas, saiam da cadêa do Limoeiro, despidos da cintura para cima, com uma cadêa de ferro ao pescoço, e mãos atadas atrás por ella, na qual pegava o carrasco com uma das mãos, levando na outra uma sola bastante grossa, do feitio de uma palmatoria, com a qual dava uma pancada nas costas do sentenciado, depois que se lhe lia a sentença, o que se fazia em differentes pontos do transito. Nada d'isto soffreu o doutor Paiva, o qual saiu da cadêa do Limoeiro, entre uma fôrça da guarda real da policia, oito vezes maior do que aquella que costumava acompanhar os açoutados; ía vestido de casaca, descoberto, e encostado a um moço; foi ao Pelourinho ouvir ler a sentença, que o exauturava das suas honras, e condemnava a degredo, e recolheu á cadêa. Não affianço a V. porque me não lembra, nem disso tenho idéa alguma, se o carrasco fazia parte d'este prestito. É um facto que o doutor Paiva se apresentou neste acto com o maior sangue-frio, de que resultou dizer alguem do povo, como eu ouvi, que o moço a quem se encostara ía mais penalisado do que elle. Sou

De V. etc.

Um seu Assignante.

BIBLIOGRAPHIA.

Cyropedia de Xenophonte

Traduzida do grego, e annotada por João Felix Pereira, alumno da eschola medico-cirurgica de Lisboa, e lente de geographia, chronologia e historia no Lyceo Nacional da mesma cidade.

Offerecer ao público, em linguagem vernacula, os grandes monumentos da litteratura antiga, é sempre cousa util. E esta utilidade se converte em necessidade, n'um paiz como o nosso, em que os antigos escriptores, e mormente os gregos, não tem, quasi absolutamente, achado interpretes. — Similhante lacuna existe, ha muito, em nossa litteratura, não por falta de pessoas capazes de preenche-la, mas pela pouca estima, em que é havido, em nossa terra, o idioma de Platão e de Thucydides. Não se pense, porém, que nos ufanâmos de ir preencher aquelle vacuo com a traducção da *Cyropedia*, que ora fazemos saír a lume: é elle muito profundo para se encher com tão pouco material. Com esta publicação levamos só em mira estimular a capacidade daquelles, que dotados de talento superior ao nosso, podem, com mais copiosos contingentes, e com mais certeza, attingir o fim proposto. Desta arte, seremos como a pedra de afiar, que por si não corta, mas aguça o ferro para este cortar bem.

São dois pequenos volumes de 8.º Sahe ás folhas — 20 réis cada uma. Assigna-se sómente na loja do sr. Lavado, rua Augusta, n.º 8.

CHARADA.

Faço parte do alimento; — 1
Sou feita por bixo ou gente: — 2
Sendo ás vezes muito aguda } 1
Posso matar de repente. }

Por muito bravo
Que vós sejaes,
Se m'encontrardes
Talvez tremaes.

EXPLICAÇÃO DO NÚMERO ANTECEDENTE:

Charada — Lampos.

OS PESCADORES DE PEROLAS NA ILHA DE CEYLÃO.

Na costa occidental de Ceylão, a cinco leguas, pouco mais ou menos, da praia, e na profundidade de dôze braças, existem os numerosos bancos de arêa, em que se encrava a ostra das perolas. É alli que se pesca a maior parte das perolas, que apparecem nos diversos mercados do mundo. As pescarias foram sempre consideradas como propriedade dos reis de Ceylão. Os dinamarquezes fizeram dellas monopolio, que o governo inglez aproveitou, logo que tomou posse da ilha.

É no mez de abril, quando o mar está manso, que a pesca principia, e prolonga-se em geral até meado de maio. Nesta epocha não são só os naturaes da ilha que affluem para a costa, são tambem innumeraveis espectadores, que para lá se dirigem de todos os pontos da vasta peninsula da India. — É curioso e pittoresco o effeito que fazem as barracas, que elles armam, tão singelas, que apenas constam d'algumas estacas, d'alguns bambús entrelaçados, e de folhas de coqueiro, que servem de telhado áquellas pequenas habitações. Um tiro de peça é o signal d'alvorada. Quando elle sóa, ao romper do dia, aquella immensa população, que ás vezes não tem menos de cento e cincoenta mil almas, começa a agitar-se, e a trabalhar. — Uma frota immensa de barquinhos, com vinte homens de tripulação cada um, dirige-se para a costa, e deita ferro nos sitios que lhe têm sido designados. Dez homens da tripulação, por turnos de cinco, mergulham continuamente, conservando-se, de ordinario, cincoenta segundos debaixo d'agua. Nestes cincoenta segundos arrancam algumas ostras, que depositam em cestos amarrados a cabos, que dois marinheiros seguram a bordo. É por estes cabos que os mergulhadores sobem. Dura a pesca até ás dez da manhã, hora do segundo tiro. A essa hora tem acabado o terral, e começa a soprar uma viração que impelle a frota para o ancoradouro. Apenas os pescadores saltam em terra, uma quantidade enorme de mulheres, homens, e creanças, corre á praia para transportar os productos da pesca. Cada emprezario tem um grupo de barracas, no centro do qual está um *couto*, especie de terreno cercado de estacas, e de bambús entretecidos, através os quaes o ar circula livremente. É nestes *coutos* que se depositam as ostras, para que apodreçam expostas ao calor d'um sol que abrasa. É muito para notar que as populações sejam sadias, apezar d'estes *coutos*, em que se depositam tantas substancias organicas em putrefacção, exhalando vapores, cujo cheiro é detestavel.



Além dos pescadores ha tambem na ilha, nesta epocha do anno, muitos operarios indios, que furam as perolas, com apparelhos admiravelmente singelos. — Em quanto as pescarias duram, não ha paiz tão animado como a parte occidental da ilha de Ceylão. As ostras, e as perolas preparadas, acham logo alli um mercado excellente. — Independente dos negocios, em que ellas figuram, ha outros de mil especies diversas, a que dá origem essa immensa população reunida por algum tempo no mesmo logar. A linha de cabanas torna-se então n'um immenso basar — tudo em volta delle é vida e movimento. — Mas apenas termina a pescaria, indigenas e estrangeiros retiram-se, as barracas destroem-se, e no espaço de muitas leguas, onde se não vê uma habitação, reina a solidão e o silencio até que chega o anno seguinte.

Em quanto a parte occidental da ilha é habitada sómente durante algum tempo de cada anno, o resto, que comprehende um espaço vastissimo, theatro notavel das façanhas dos portuguezes que conquistaram a India, é povoado pelas raças dos chingalas, dos candianos, e dos malabares, e pela tribu pouco numerosa dos vedás, que vive da caça, e tem todos os habitos ferozes de um povo selvagem. Os chingalas são naturalmente preguiçosos e covardes; vivem quasi sempre na pobreza, mas honrados. Os candianos são valentes e activos, mas perfidos e trapaceiros. Os malabares participam das qualidades d'uma e d'outra classe; são fraudulentos como os candianos, e na actividade levam alguma vangem aos chingalas. Tambem em Ceylão se encontram malayos, dos que foram expulsos de Samatra e Malaca

pelo governo hollandez. Os homens desta especie têm a côr do cobre, e o nariz achatado. De todas estas raças concorrem individuos para a pescaria das perolas. Os estrangeiros, com estes, formam no ponto occidental da ilha, durante a estação da pesca, uma população animada e numerosa, que se sujeita ao mesmo regimen, apezar da diversidade dos costumes, e das rivalidades, que a civilisação ainda não póde extinguir nas diversas tribus indigenas de Ceylão.

Portugal e as ultimas occorrencias de Macáo.

II.

Faltam-nos os documentos originaes com que poderiamos mostrar qual é o direito que a coróa de Portugal tem, não só ao terreno em que Macáo se acha edificada, como tambem á ilha de que faz parte. A Memoria do sr. Neto, porém, escripto o mais bem trabalhado, e mais minucioso, que existe impresso a similhante respeito, nos basta, pois que foi colligido em presença de uma consideravel somma d'esses documentos; ouçamo'-lo:

«O primeiro estabelecimento que os mercadores portuguezes tiveram na China foi no Continente do imperio, junto á cidade de *Ning-Pó*—d'onde, porém, passados poucos annos, foram expulsos pelos chinas á mão armada, em razão das desordens que praticavam pela falta de um governo regular. D'alli foram estabelecer-se na ilha de *Sanchoam* (que quer dizer *Verdadeiro*), aonde é tradição que pouco depois aportára S. Francisco Xavier, e que lá fallecêra. Os mares da China andavam então cobertos de piratas, e os portuguezes os destruiram, o que os chinas tiveram por *importantissimo serviço;* e porque na ilha de *Ançam*, da qual fórma parte a peninsula, em que está a cidade de Macáo, existia um poderoso regulo, que inquietava os mesmos chinas, os portuguezes o atacaram e venceram em 1557, *conquistando d'este modo para a coróa de Portugal a mencionada ilha*, onde então entenderam estabelecer-se. Comtudo, *para maior segurança*, pediram ao imperador da China a *confirmação da posse, com absoluto dominio e plena soberania para a coróa de Portugal, o que elle lhes concedeu, sem feudo ou tributo algum, e com diversas vantagens e privilegios*, que constam das chapas, que devem existir nos archivos de Macáo: previlegios de que se encontra um resumo nos Apontamentos, que em 1783 se mandaram d'aqui para Góa, para lá se formarem as instrucções ao bispo de Pekin, que, na qualidade d'embaixador de Portugal, devia apresentar diversas reclamações ao imperador da China, e dos quaes Apontamentos ha-de existir o registo a fl. 1 e seguintes do 2.º livro da Monção de 1783.

«As vantagens do commercio da China e do Japão, attrahindo logo grande número de portuguezes áquellas partes, começou a edificar-se a povoação, que depois, por alvará do vice-rei da India, D. Duarte de Menezes, conde de Tarouca, datado de 10 d'abril de 1586, e confirmado por alvará regio de 18 d'abril de 1596, foi elevada á cathegoria de cidade, com uma camara, recebendo o titulo de cidade do Nome de Deos de Macáo, e os privilegios *(fóro)* da cidade de Evora. *Pertencia então aos Portuguezes toda* a peninsula de Macáo, que fórma parte da ilha *Ançam* (ou *Negao-Men*), e muitos tinham fóra da cidade propriedades ruraes, tendo-se recommendado de Góa e da côrte, logo desde o principio do estabelecimento, que se evitasse que os subditos chinas comprassem *quaesquer* terrenos dentro da peninsula. No que toca ao governo do estabelecimento nos seus primeiros annos, sabe-se—que o capitão da viagem do Japão, em quanto se demorava em Macáo, era quem governava como entendia, e que quando se retirava, ficava regendo um habitante eleito pelos outros, a que chamavam—Capitão da Terra—e conjunctamente com um ouvidor, cujo cargo foi creado ainda antes de Macáo ser elevada á cathegoria de cidade, e ter camara, dando-se-lhe regimento em Madrid, aos 16 de fevereiro de 1587; em tanto que as despezas do estabelecimento eram pagas pelo producto dos impostos voluntarios estabelecidos cada anno em conselho dos principaes moradores [1].»

Pelo extracto, que deixâmos transcripto, da Memoria citada, prova-se que Portugal tinha, e tem, sôbre a ilha de Ançam ou Negão-Men, em que a cidade de Macáo está edificada, o direito de *conquista*, que foi *confirmado* sem *feudo* ou *tributo algum*, e, por consequencia, não se póde dizer em bôa-fé, e com verdade historica, que o imperador da China *concedeu aos portuguezes aforarem aquelle isthmo, em premio de terem aniquilado a esquadra do pirata Chang-Silau* [2].

O imperador, pois, não *concedeu* que os portuguezes *aforassem* o isthmo de Macáo, foram as armas portuguezas que *conquistaram* a ilha de que elle faz parte: a *conquista* é um direito tão legitimo como outro qualquer; e ninguem poderá avançar, que, quando os conquistadores da ilha de Ançam procuraram a amizade do imperador da China, tiveram em vista resignar aquelle direito, que este veio reconhecer tacitamente, confirmando, ou approvando a *posse*, sem *feudo* ou *tributo algum*.

Daqui deduzimos nós, como necessaria consequencia, que as nossas relações com o *celestial* imperio, nos primeiros tempos do estabelecimento dos portuguezes na China, estão quasi em absoluta paridade de circumstancias com as que nos ligam ás demais potencias do globo.

Factos posteriores, porém, com quanto não podessem—como não podem—destruir aquelle direito primitivo, pois que a coróa de Portugal não o ha resignado, vieram alterar sensivel e desastrosamente a situação daquella nossa *possessão*, em suas relações com o imperio chinez, constituindo-nos na sua dependencia, póde-se assim dizer, absoluta.

Esses factos, cujas causas diversamente se tem explicado, são attribuidos, por uns, á crueldade e imprudencia dos governadores, e para estes a auctoridade do Leal Senado é a unica que entendem podêr bem dirigir o *estabelecimento;* e por outros, entre os quaes se podem contar quasi todos os que redigiram informa-

1. *Parecer, que ácêrca da organisação do governo de Macáo, apresentou ao Governo de Sua Magestade o Socio desta Associação, o Sr. José Maximo de Castro Neto Leite e Vasconcellos* — Annaes da Associação Maritima e Colonial, n.º 10—de 1841—pag. 446.

2. Memoria dos Feitos Macaenses—por José Ignacio d'Andrade.—1835.

ções officiaes a tal respeito, á ignorancia, connivencia com as authoridades chinezas, e covardia da parte dos membros do Leal Senado. O *Relatorio apresentado ás côrtes, na sessão extraordinaria de* 1840, *pelo respectivo ministro*, narrando os acontecimentos, que naquella possessão portugueza tiveram logar em 1839, exprime-se do seguinte modo: — «Taes são os principaes acontecimentos, que têm tido logar em Macáo, estabelecimento fundado em 1557, e que, *por causa da desmedida cubiça de alguns commerciantes*, tem sido abalado pelos fundamentos.

(Continúa.)

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Considerações ácêrca do projecto de lei do sr. deputado Assis de Carvalho

EM QUE SE TRATA DE FUNDAR UM INSTITUTO AGRONOMICO.

(Continuação.)

As duas faculdades, agricola e veterinaria, são ramos da mesma arvore, expressões differentes de uma só necessidade: a subsistencia do homem como individuo e como sociedade.

Os gados fazem a cultura, e esta sustenta os gados.

O agricultor prepara, educa e força a terra a produzir.

O veterinario cuida da saude dos gados, e a guia na melhor obtenção dos interesses, que por via della nos proporcionam.

Pois o veterinario para os gados, como o agricultor para a terra: logo o veterinario para o agricultor, como os gados para a cultura.

Esta proporção, que revela a egualdade dos destinos, denota tambem a egualdade das sciencias que os ensinam a usar.

Como a medicina e a cirurgia, que se dividiram no individuo para o fim unico de se aperfeiçoarem no trabalho, na applicação; a agricultura e a veterinaria, avolumadas com progressivas descobertas, em individuos diversos, lá tiveram que desligar-se; mas conservando, para os fins, o nexo e reciprocidade dos sexos propostos á perpetuação de um mesmo typo, ainda na fórma de instrumentos varios, evidenceiam a unidade e concerto do mesmo corpo moral. O plano, sustentando esta unidade no quadro do ensino, deixa á vocação e á prática o introduzir a partilha, que no uso tem de se confirmar, respeita a infancia da arte sem o sacrificio do progresso; poupa-lhes o laço connectivo, deixando ás necessidades que o formaram, o podêr e o direito, ora de o destruir, ora de o restabelecer. O plano não olha só ao futuro; sua influencia sob o ponto de vista em que o consideramos, assignala-se já no presente; a harmonia que se vê na geração do instituto, é por outro lado tambem preparada na agricultura actual: os conhecimentos agricolas e zootechnicos, que ahi bebem os veterinarios, são outras tantas pequenas e ambulantes escholas, que sob a fórma de conselhos, de noticias, etc., vão ser postas em immediato contacto com os lavradores; a confiança e a amizade hão-de acceitar esta instrucção que produzirá o seu effeito tanto mais promptamente, quanto as dúvidas e os receios, as objecções e os prejuizos serão a tempo e com victoria, em familiar palestra, previnidos e dissipados; a conversão a muitos dos bons principios é por este modo provocada na gente do campo, que, sem a disposição crente e curiosa, gerada da educação primaria, não veria de outra fórma na sciencia, senão a catadura féra, exigente e incommoda das fórmulas academicas. Aos que não intenderem estas congruentes vistas do plano, ou as taxarem de exaggeradas, pedimos-lhes que considerem bem as palavras que aqui transcrevemos, do ministro de Hespanha Nicomedes Pastor Dias, no relatorio que precedeu o decreto real de 17 de agosto de 1847 sôbre a reforma e multiplicação das escholas veterinarias naquelle paiz:

«Com effeito, pobre idéa se faria da veterinaria, deixando-a circumscripta á simples ferradura e cura do cavallo, como geralmente succede; devemos estendê-la ao cuidado de todos os animaes que são uteis ao homem; e se além d'isto considerarmos, que estes professores se acham espalhados pelas aldêas e povoações ruraes, que tem relações intimas com os lavradores, os quaes os consultam n'uma infinidade de casos, ver-se-ha quão proveitosos podem ser com seus conselhos, guiando-os acertadamente na conservação de seus gados, e no cultivo de suas terras. O governo não tem posses para estabelecer em cada povo uma cadeira de agricultura, nem quando podesse, colheria isso o melhor resultado; porque o lavrador não gosta de assistir a aulas, e repugna-lhe todo o genero de ensino theorico e de pompa; porém, se a seu lado se collocam pessoas regularmente instruidas nos bons principios agronomicos, e em certas práticas uteis ignoradas nos campos, admittirá por via de conselhos, e em conversa familiar, e talvez com o exemplo, conhecimentos que d'outra sorte despresaria, desterrando assim, pouco a pouco, arraigadas preoccupações e substituindo a methodos velhos, outros mais perfeitos e productivos. *O veterinario póde e deve ser para o lavrador um verdadeiro mestre de agricultura*; e por esta razão o projecto dispõe, que a par com a veterinaria propriamente dita, se ensine nas escholas veterinarias a agricultura prática e a zoonomologia, ou arte de crear, cuidar e aperfeiçoar os principaes animaes domesticos.» — *(Bulletim de Med. Vet. Anno* 3.°, *n.°* 61 *de* 15 *de setembro de* 1847).

O rei de Napoles acaba de fundar na sua capital um instituto agronomico; pelas circumstancias financeiras d'este paiz, o systema daquella creação e os fins a que se propõe, tem a mais exacta similhança com o que no mesmo sentido pretendemos fazer. Napoles não tinha um Versailles de que dispôr, a penuria dos seus recursos e o estado dos seus lavradores, não lhe permittia seguir o magnifico systema de educação agraria de que dotou a França o ministro Tourret. Mas Napoles tinha a eschola veterinaria de Santa Maria dos Anjos, como nós temos a de Lisboa; foi annexando a esta eschola cadeiras agricolas, e dotando-a com uma granja-modelo, que tencionou, não emparelhar com a França, mas imitar quanto podér o seu grandioso exemplar. Vê-se do relatorio que motiva o decreto desta reforma as mesmas vistas do ministro hespanhol acima citado;

isto é — supprir com as luzes agricolas dos veterinarios, e com a convivencia d'estes com os lavradores, a multidão de escholas práticas, que o estado não póde manter, e das quaes o acanhado preparo dos últimos não saberia aproveitar a melhor vantagem. Tal é a primeira conveniencia do projecto, resultante da promiscuidade do ensino; consideremos agora a ampliação do ramo veterinario.

(Continúa.)

J. I. FERREIRA LAPA,

Lente da Eschola Veterinaria.

Projecto de excavação nas ruinas da antiga Cetobriga, hoje Troia.

DEBAIXO DA PROTECÇÃO DE SUA MAGESTADE EL-REI O SENHOR D. FERNANDO.

A HESPANHA foi em todos os tempos o alvo da ambição dos estrangeiros. Os fenicios, gregos, carthaginezes, romanos, godos e arabes, attrahidos de sua situação, da riqueza de suas minas, e da fertilidade de seu terreno, estabeleceram-se nella successivamente, e disputaram por muitos annos sua possessão. Aqui edificaram habitações para suas commodidades, feitorias para seu commercio, circos, theatros, thermas, naumachias, fortalezas, templos, arcos triumphaes, e outros edificios e monumentos proprios de sua civilisação e policia.

De todas estas classes de edificios, ficaram e existem em o nosso Portugal muitas ruinas e destroços, sendo dos romanos a maior e melhor parte, por sua solidez e construcção; e muitas mais existiriam ainda, se os seculos, as guerras, a ignorancia e a incuria, não tivessem destruido e apagado as reliquias da grandeza e magnificencia d'esse povo, que foi *rei á larga* [1].

Além d'estes objectos, que interessam directa e particularmente aos estudiosos das bellas artes, acham-se em grande quantidade outros não menos, antes muito mais, interessantes, porque nelles está como cifrada a historia da cultura d'esses conquistadores soberbos, que se jactavam de serem os *senhores das cousas, e gente de toga* [2]: fallo das inscripções e medalhas, cuja utilidade é bem conhecida de todos os que são versados neste amenissimo estudo. Destas últimas ha tanta quantidade nas ruinas da Troia, e tantas se têm descoberto em todos os tempos, que não haverá medalheiro algum em Portugal, que com ellas se não tenha enriquecido.

Movidos, pois, das vantagens, que naturalmente devem resultar para as artes e sciencias, de uma excavação dirigida com acêrto em terreno tão pingue destas antigualhas, associaram-se algumas pessoas mais accommodadas da villa de Setubal, ás quaes poderão aggregar-se outras, que quizerem concorrer para o mesmo fim, ficando todos os associados eguaes em direitos e deveres.

E porque nem todos terão noticia da antiga Cetobriga, a cujas ruinas se dá hoje o nome de Troia, parece opportuno dizer alguma cousa de suas origens e antiguidade, recolhendo para este fim o pouco que della nos deixaram escripto gregos e romanos, e aproveitando toda a luz, que possam dar-nos os objectos alli achados.

Na margem esquerda do Sadão (antigamente Calipo), e desde a foz do mesmo até ao logar da Comporta, corre uma faxa de terra, que tem tres leguas de comprimento, e duas até tres milhas de largura, banhada ao sul pelas aguas da enseada de Sines, e ao norte pelas do Sadão: na ourela boreal desta faxa, e no espaço que defronta com a actual villa de Setubal, situada na margem direita do mesmo rio, existem as ruinas da antiga Cetobriga, mencionada por Claudio Ptolomeo Alexandrino, com o nome de *Cœtobrix* — por Antonino Augusto com o de *Catobriga* — por Marciano Heracleota com o de *Castobrix* — e pelo anonymo Ravenate com o de *Cetobrica*, dos quaes corrigidos uns pelos outros resulta o de *Cetobriga*, nome em que concordam os illustradores modernos dos auctores mencionados.

Por quem ella fôsse fundada, não achamos nós em escriptura, que seja acceitavel; mas isso mesmo é prova de sua muita antiguidade, porque não podêmos dizer quando não existia, sabendo aliás que existiu em tempos mui remotos. Sería por ventura colonia ou feitoria dos fenicios, segundo o que podemos conjecturar dos escriptos de Strabão e Avieno, os quaes nos dizem que estes povos, d'aquem e d'além das Columnas, em tempos antiquissimos, fizeram exclusivamente e por muitos annos o commercio das *Cassiterides*, costeando com frequencia a Luzitania, e fundando por estas paragens cidades e feitorias. Corrobora-se esta conjectura com as achadas da Troia, entre as quaes é notavel a seguinte: No inverno de 1814, caíu alli desmoronada pelas aguas uma das ribanceiras que entestam com o rio, deixando em descoberto um pequeno caixão de chumbo, com várias e curiosissimas antigualhas, que passaram a podêr de D. Rodrigo de Lancastro, então governador de Setubal, e examinadas depois por antiquarios, foram classificadas como fenicias, e por taes as reputa o moderno auctor da historia antiga da Galliza, impressa no Ferrol em 1838, o qual diz, que todos esses curiosos objectos existem em podêr dos herdeiros do general Lancastro [1].

Passemos, porém, d'estes tempos duvidosos para o periodo da dominação romana, cujos indubitaveis vestigios nos depara a cada passo o terreno da Troia.

As estatuas descobertas alli por várias vezes, as columnas, os cippos, as inscripções, as medalhas consulares, e do alto e baixo imperio, as lampadas sepulchraes, as amphoras, a argamassa signina, os tijolos quarteados, e mil outras antigualhas d'este genero, provam indubitavelmente a dominação d'esse povo gigante, sempre grande e sempre escravo, que servia de rastos aos despotas de Roma, e levava arrastados em seus triumphos aos reis da terra. *Rex Parthis datus* —

[1] Populum late regem. — Virg. 1. Æn. v. 25.

[2] Romanos rerum dominos, gentem que togalam. — Virg. Æn. 1. v. 286.

[1] Em casa do ex.^{mo} sr. duque de Palmella vimos ultimamente um d'estes objectos, o qual é uma taça de prata com figuras mythologicas em relevo, vermiculadas d'ouro, e que algum dia explicaremos, se para isso tivermos opportunidade.

diz uma medalha de Trajano, achada na Troia: *Rex Armenis datus* — diz outra de Lucio Vero: e era com taes decretos, quasi em monosyllabos, que o povo do Tibre creava reinos, levantava e abatia thronos!

Mas voltemos ao nosso proposito, e para que não pareça exaggerado o que dizemos das achadas da Troia, fallarão por nós esses mesmos que as fizeram, ou dellas escreveram.

André de Rezende foi o primeiro descobridor daquellas ruinas, e diz no livro quarto de suas antiguidades, que achou alli uma estatua sem cabeça, algumas inscripções romanas, os destroços de um templo, que fôra de Jupiter Ammon, sôbre cuja portada existiam ainda os symbolos dessa divindade, e algumas salgadeiras de *obra signina*, como elle, com toda a propriedade, lhes chama.

Agostinho de Santa Maria, no tomo 2.° do *Santuario Marianno*, a pag. 414, diz: «No sitio, pois, desta populosa e antiga cidade (Cetobriga) se descobrem ainda hoje ruinas de grandes edificios, e dellas se tem tirado estatuas, columnas, e muitas inscripções, que entre outras antiguidades se conservam, para eterna memoria, na casa e palacio dos duques de Aveiro.»

E a pag. 416 do mesmo tomo, transcreve a noticia de uma achada feita pelo proprietario daquelle terreno, a qual tambem se póde ver em Bluteau, artigo Troia, e diz assim: «Achei muitas moedas de cobre....... Achei sepultado na arêa, ou debaixo della, um templo gentilico, com columnas e capiteis, de que ainda hoje tenho um de notavel fábrica: achei muitas sepulturas com ossadas de corpos humanos; outras só com as cinzas; outros corpos pequenos mettidos em vasos de barro; muitas sepulturas feitas de adobes, e outras de pedra vermelha muito fina, e muita quantidade de pregos e ferrolhos de bronze; nássaras de vidro azul, cercadas de candieiros de barro, e aos pés dellas moedas de cobre, ao modo de offerendas, etc.»

Vicente Salgado, nas *Conjecturas sôbre a medalha Vetto*, diz a pag. 25: «Tal é a presente medalha.... descoberta no logar de Troia, terreno fertilissimo d'estes achados, de que os curiosos da nação tem augmentado os seus monetarios, e gabinetes de outras muitas antiguidades.»

E quem isto escreve tem trazido da Troia, por differentes vezes, para cima de duzentas medalhas de todos os tamanhos, algumas das quaes, perfeitamente conservadas, offereceu ao eminentissimo senhor cardeal Saraiva de S. Luiz, de saudosa memoria, o qual, como tão affeiçoado que era a estas curiosidades, dizia, em carta de 20 de julho de 1841, a quem lh'as offereceu: «Estimo e conservo as medalhas que V..... me offereceu, e estou inteiramente pela sua explicação. Essa Troia, esse terreno todo é um thesouro....» No dia 8 de outubro foram alli descobertos dois capiteis de liós branco, pertencentes á ordem jonica, os quaes existem hoje em casa de um dos socios fundadores desta sociedade, na villa de Setubal. Além d'isto um dos mesmos socios trouxe das ditas ruinas, não ha muito tempo, um candeeiro de barro, que conserva, e duas medalhas de mediano bronze, que foram offerecidas ao ex.^{mo} sr. duque de Palmella, illustrado e generoso protector das sciencias e das artes, sob cuja presidencia foi inaugurada a *Sociedade Archeologica Luzitana* no dia 9 de outubro de 1849.

ROMANCE.

Peccadora.

XII.

(Continuação.)

E Vernier accusára o destino, que nunca conduzíra o seu regimento ao cabo Miseno, aonde de certo encontraria uma Corinna, pelo menos.

De resto o major era homem de juizo, e mesmo de espirito. Todos o consideravam como um coração reconhecido, leal e cavalheiresco.

Pela restauração tinha abandonado o serviço. Os seus ocios foram então assaltados pelo romance; carecia de um amôr sincero, e, por sua desgraça, foi escolher Florencia, irmã do seu melhor amigo.

Não podia ter idéa mais desastrada. Florencia, fina e espirituosa, só olhou para o *fraco*, para o que havia de ridiculo no caracter do major. As raparigas são, com certas cousas, de uma severidade inexoravel. Era que o sr. Vernier recordava-lhe, em parte, as graves parvoíces das mestras do seu collegio.

O major adivinhou a sua derrota, e foi refugiar-se no seu namorado martyrio. A inclinação mútua de Florencia e de Luciano foi para elle fonte de maviosas queixas, e texto inexgotavel de elegiacas meditações.

Havia-se elle retirado para um canto da sala, e seguia, com olhar melancholico, os movimentos dos dois amantes, que de certo nem delle se lembravam então. Havia, porém, uma pessoa que não largava os olhos do major, era o sr. Claudio.

— Querido sr. barão, disse Rembrés a Armando, não se me daria de apostar cem escudos — nós outros os da provincia, ainda contâmos por escudos — em como aquelle bello cavalheiro é o amante despresado da menina d'Osser.

Armando procurou a pessoa que Claudio lhe designára com um gesto, e respondeu:

— Aquelle é o meu melhor amigo.

— Oh!... acudiu o ex-banqueiro; — não duvido! entretanto sustento a aposta, sr. barão.

Ninguem póde crer que a conversação do sr. Claudio fosse muito agradavel para Armando; mas este receava descontenta-lo. Por isso não se atreveu a calar-se, nem tão pouco a fustigar severamente aquella observação extemporanea.

— Se minha irmã confiar nos meus conselhos — replicou — não casará senão com o major Vernier.

— Ah!... acudiu o sr. Chose, mas depois accrescentou com a maior delicadeza:

— Retiro a aposta, sr. barão, porque estou bem convencido de que a irmã de v. ex.ª não casará sem ouvir os seus conselhos... Permitta-me que vá conversar um pouco com a sr.ª baroneza... Espero ainda ter a honra de o tornar a ver antes de terminada a funcção.

O sr. Claudio levantou-se, e cortejando-o, seguiu para onde estava Robertina.

Robertina, que então podéra descançar um pouco da sua laboriosa tarefa de dona de casa, acabava de as-

sentar-se em uma das cadeiras abandonadas pelas senhoras que dançavam. Naquelle momento, não tendo de contrafazer-se, e julgando-se a abrigo de todas as vistas, pelos elegantes movimentos de uma doudejante quadrilha, a sua tranquillidade ficticia, resultado de um esfôrço supremo e contínuo, caíra como uma mascara, descobrindo toda a pungente desolação da sua alma. Tinha os olhos fitos, e como pasmados, e o mais profundo desespêro ressumbrava-lhe das feições pallidas e transtornadas.

O sr. Claudio assentou-se de mansinho ao pé della. A baroneza não o vira. O sr Claudio, inclinando-se para traz, pôde contempla-la um momento. Agitava-lhe as palpebras uma daquellas convulsões produzidas pelo esfôrço das lagrimas, que se procuram contêr.

— Não póde chorar, disse comsigo o ex-banqueiro.

E endireitando-se na cadeira tocou com o dedo no braço de Robertina, que se voltou, e estremeceu violentamente quando o viu.

— Então, minha querida, disse a meia voz, em que pensa tão sósinha?... Não o ha-de querer confessar... mas aposto que pensava na minha pessoa.. não é assim?...

O olhar que Robertina lhe lançou exprimia tão pungente dôr, que até o ex-banqueiro chegou quasi a ter dó della. Mas isto foi obra de um momento.

Robertina, appelando para toda a sua energia, procurou conservar o seu agradavel sorriso, e Rembrés encolheu os hombros, escarnecendo de si mesmo e da sua clemencia

— Senhor, disse Robertina, acredita-me criminosa; pretende talvez vingar-se; mas, na presença de Deos, que me ouve, lhe juro...

— Deixemo'-nos disso, querida amiguinha! acudiu Rembrés... bem sei que é um anginho mesmo; pois eu não havia de saber isso... Era incapaz, como tal, de praticar voluntariamente.... o que praticou; julgou que eu estava morto, e bem morto...

— E não devia eu acredita-lo?

— Não sei, minha rica!

— Tinham-no annunciado os jornaes... e um proprio que mandei a Brest confirmou a noticia...

— Havia de entoar, provavelmente, por essa occasião, um alegre *de profundis*, não?... e na verdade era como um espinho cravado no seu pésinho. Se eu vim amesendar-me com a minha cadêa, e o meu annel, e o meu barrete verde, entre a senhora e o barão, que é realmente uma joia!... que cousa tão atrasadora, não acha?

Robertina abaixou os olhos e calou-se. Depois de alguns minutos de silencio, ergueu-os vagarosamente, e levantando a mão levou-a ao braço de Rembrés, que apertou levemente.

— Senhor, disse em voz baixa, mas penetrante e com expressão da mais ardente prece, estou em seu podêr... tenha compaixão delle!

— Delle!... repetiu Rembrés.

— Delle, porque já não penso, não quero pensar em mim, tornou Robertina. Tenho soffrido muito... e aqui no coração ha uma ferida que se não cura...

— Como hei-de acredita-la... se diz isso a sorrir!

— Este sorrir encobre muita lagrima, murmurou a baroneza; mas escute-me.... que eu soffra ao menos só... que seja eu só a punida... mas só eu!...

— Palavra de honra, que está bonita como nunca a vi! disse Rembrés, fusilando-lhe os olhos de ardentes desejos; é preciso que me eu indemnise daquella entrevista, a que faltei pela minha tolice...

— Pelo amor de Deos, escute-me, senhor!... Se eu o offendi, que lhe fez elle?

— Que me fez elle? essa é bôa!... pois ainda me pergunta que me fez elle?

Robertina curvou a cabeça.

— Deixemos lá o barão, por quem é, proseguiu Rembrés. Nós temos a ajustar umas continhas á parte...

— Que póde haver de commum entre o senhor e o barão? acudiu Robertina.

— Minha querida, respondeu o ex-banqueiro, isso não é bonito... certas cousas nem se perguntam. Do meu antigo officio ainda conservo algumas costumeiras... uma dellas é ser fiel aos segredos dos outros, em quanto o posso ser...

— Eu sei todos os segredos de Armando!

— Póde ser... Em todo o caso, porém, sejamos justos; se eu dissesse á esposa as relações que existem entre mim, e seu marido, não haveria razão para que eu occultasse a seu marido as relações que me ligam á senhora.

(Continúa.)

A Sogra do diabo.

(Continuado de pag. 336.)

Mas tudo neste mundo tem fim, se houvermos como excepções alguns discursos de paes da patria. Um soldado, por nome Briones, havia obtido licença para ir, por uns dias, á terra. Era a terra da tia Holofernes. Seguia o soldado um caminho que rodeava o monte, sôbre que jazia o diabolico genro, renegando de todas as sogras passadas, presentes e futuras, e promettendo acabar com aquella classe viperina, se algum dia volvesse ao podêr. Nas horas de bom humor divertia-se o diabo em compôr e recitar satiras contra a invenção da barrella, lembrando-se da barrella que tinha queimado o pé da sogra, e concorrido indirectamente para a sua infausta prisão. O soldado Briones, que não só no nome tinha brios, vendo que o caminho torcia para ganhar a altura do monte, disse para os arrieiros, que o deixassem, porque elle estava resolvido a ir sempre em frente, até que o monte se lhe tirasse de diante, transigindo mesmo com a idéa, que lhe veio á mente, de bater com a cabeça na abobada dos céus. Deixaram-n'o ir. Apenas se achou no cume ficou o militar muito admirado a olhar para a redoma.

— É singular, dizia elle, que diabo de bicho é este?

— Sou um honrado e benemerito diabo; ha dez annos que uma sogra me fechou aqui. Liberdade, valente guerreiro, e te darei o que quizeres.

— Quero baixa, respondeu o soldado sem hesitar.

— Tê-la-has, meu bravo, mas destapa, destapa, que é uma anomalia monstruosa ter fechado n'uma redoma o maior revolucionario do mundo.

Briones começou a tirar a rolha. Saiu da redoma um vapor mephytico, que lhe subiu ao cerebro. Espirrou, e em seguida bateu na rôlha com a palma da mão, e tornou a fechar a redoma.

— Espera, disse elle para o diabo, não basta a bai-

xa, quero quatro duros por dia. Dás-me esta conta, ou deixo-te abafado?

— Não tenho dinheiro, disse-lhe o demo zangado, mas eu te ajudarei a procura-lo. Solta-me, solta-me, com mil dos meus, solta-me.

— Pouco a pouco. Ninguem corre atraz de nós, e maldita a falta que tu fazes no mundo. Acceito a promessa, mas hei-de trazer-te agarrado pela cauda até que me tenhas segurado o futuro.

O diabo regeitou com dignidade; mas como o soldado se retirasse, teve de submetter-se, e pediu-lhe que o soltasse da redoma, ainda que ao depois o levasse agarrado pelo rabo.

Ouvindo as súpplicas do diabo, voltou Briones, e destapou a redoma. Saiu della o genro da tia Holofernes, sacudiu-se, espreguiçou-se, e partiu para a côrte, levando de caudatario o seu libertador.

Chegados que foram á côrte, disse o démo para o soldado:

— Vou metter-me no corpo da princeza, que é muito querida do pae; taes dores lhe farei ter, que nenhum medico a possa curar — virás tu então, e te offerecerás para cura-la, mediante a recompensa de quatro duros diarios. Assegura lá o teu contracto, e ficaremos quites.

Tudo succedeu como se pensava; mas apenas Briones se pilhou servido, deitou a mão á cauda de Satanaz, ainda debil, por ter saído de tão longa prisão, e lhe disse:

— Bem pensado, senhor, mas quatro duros é quantia mesquinha — preciso de mais.

O diabo rogou-lhe quantas pragas lhe lembraram; mas teve de ceder ás instancias do seu despotico libertador. Foram para Napoles, e lá usaram do mesmo meio, que já tinha produzido bons effeitos. Revolvia-se a princeza no leito com dores, e o rei estava na maior afflicção. Apresentou-se Briones com a arrogancia de quem sabe que tem por si o diabo. El-rei admittiu os seus serviços; porém, poz uma condição, e foi, que se em tres dias não curasse a princeza, ao terceiro seria enforcado. Briones acceitou a proposta; mas, por desgraça, o démo ouvíra o contracto, e protestou que delle se aproveitaria para vingar-se. Nesta occasião deu tamanho pulo de alegria, que produziu na princeza uma dôr violenta. Naquelle dia nada fez o medico. O mesmo lhe succedeu no segundo. Ao terceiro estava armado o cadafalço. Apenas entrou no quarto dobraram as dôres da princeza, que o mandou sem demora retirar. Conheceu então o fingido doutor, que estava o diabo fazendo das suas. Não desanimou, que não era homem para isso; mas disse, para o rei, que ainda tinha recursos, e saiu. Apenas se achou fóra, mandou, em nome da princeza, que tocassem todos os sinos da capital. Quando voltou para o palacio, o diabo, que aborrece de morte os sinos, e que é tão curioso como as velhas, perguntou a Briones:

— Porque estão a repicar?

— Repicam, lhe disse o soldado, porque chegou tua sogra, que mandei chamar.

Apenas o diabo ouviu dizer, que a sogra tinha chegado, deitou a fugir com tal rapidez, que nem um raio do sol o teria apanhado. O soldado, ufano como um gallo, recebeu o premio do seu trabalho, e não quiz ter mais contractos com o diabo.

(Do Semanario Hespanhol.)

POESIA.

No primeiro dia do anno.

MEDITAÇÃO.

> Combien de fois dejà les ai-je vu renaître
> Ces ans si prompts à fuir, si prompts à revenir?
> A. de Lamartine.

Surgiste, ó novo anno; sê bem vindo
Se mais propicio te fadou o Eterno!

Tem a estrada da vida mais um marco,
A cadêa dos tempos mais um elo,
Mais uma folha o livro do passado!
Um anno, um anno inteiro arremeçou-se
Aos abysmos do nada, e vem já outro
Succeder-lhe tambem no pó da vida,
Donde apoz voltará tambem ao nada!
Um anno, grão d'arêa imperceptivel
No oceano dos tempos, breve instante
Na vida das nações e do universo,
Espaço d'um olhar do Ser Supremo,
E quasi a vida do homem cá na terra,
Um anno, um anno inteiro, ei-lo dormindo
No leito do passado um somno eterno.

Um anno! e o que val, que diz, que importa
Similhante expressão na lingua d'homens?
Um trago mais na taça da existencia,
No caminho da campa mais um passo.
Sois mancebo? — um anno é uma rosa
Que da risonha fronte engrinaldada
Sem aroma, sem côr, vos cae ás plantas
Ceifada pela mão do tempo irado;
É uma santa crença anniquilada,
Uma doce illusão que se esvaece,
Algum nobre sentir escarnecido,
Algum sonho dourado em pó desfeito!
Sois homem? — não sabeis o que é um anno?
Uma corda, que estala na voss' alma,
Um cento d'illusões, que vedes mortas,
Uma justa ambição aos pés calcada,
Umas poucas de lagrimas vertidas,
Algum veneno e fel de mais na vida!
Sois velho já? — o astro da existencia
Já vos luz semi-morto no occidente?
Que vêdes vós no anno que vos foge?
Só mais algumas folhas já mirradas,
Que do tronco da vida se desprendem
Remoinhando nas azas do passado;
Mais uns poucos d'amargos desenganos
Alastrando o caminho, que deixastes;
Algumas rugas mais no magro rosto,
E umas poucas de cans na fronte annosa!
Um anno! e o que val, que diz, que importa
Similhante expressão na lingua d'homens?
Um trago mais na taça da existencia,
No caminho da vida mais um passo.

Um anno... e que fiz eu, e os homens todos
No transito dos dias, que morreram?

Enleiado em meus sonhos de mancebo,
Cantando cada dia angustias novas,
Como um hospede estranho andei na terra
Buscando em toda a parte uma ventura,
Que via em toda a parte, e nunca achava.
Embebido nas crenças lisongeiras
Da mocidade ingenua, errei sósinho
Entre os vicios dos homens corrompidos,
Dando atraz d'uma sombra inuteis passos,
Gastando em hymnos vãos minha existencia.
Vi tudo pelo prisma de minh' alma,
Sonhei o mundo um céu, e os homens anjos,
E tudo m'enganou! — desd' esse dia
Velei na solidão bem longas noites
Maldizendo de Deos e do universo,
Que nas chagas do peito me cuspiam
Sem compaixão, nem dó... descri de tudo,
Abutre de mim mesmo, devorei-me
Cada hora, cada instante, lentamente,
Nutri-me só do fel de minhas máguas,
Cevei o coração d'atroz veneno,
E minh' alma afoguei n'um mar de pranto.

E os homens, meus irmãos, o que fizeram
D'um anno que passou? foram acaso
Menos loucos do que eu ou mais ditosos?
Não verteram nas luctas fratricidas
Mil torrentes de sangue precioso?
Em trôco de chimeras passageiras
Não venderam mil vidas? por acaso
Da paz no seio, á sombra da virtude,
Na lei do eterno amor viveram juntos,
Uma familia só compondo todos?
Fizeram do universo uma só patria,
Um eden de ventura e d'alegria,
Não vedado a ninguem? deram a todos
Na partilha dos gôsos e das dóres
Uma porção egual? não foi ainda
Privilegio d'uns poucos a ventura,
Patrimonio d'alguns o mundo inteiro?
Já não existem servos e senhores,
Tyrannos e tribunos acabaram,
Nem monarchas ha já, nem ha vassalos?
Não é pomo vedado a liberdade,
Nem a lei do mais forte a lei suprema?
Em logar das paixões, em vez dos vicios
A virtude e a razão sómente imperam?
Sempiterno Sisypho, a humanidade
Deixou já de rolar a eterna rocha?
....

Surgiste, ó novo anno; sê bem vindo
Se mais propicio te fadou o Eterno!

A. Lima.

NOTICIAS DIVERSAS.

Sua Alteza o Infante D. João, Duque de Béja, acaba de assentar praça de soldado no regimento d'infanteria n.º 16, para o que, segundo nos consta, dirigiu um requerimento, pelas vias competentes, ao commandante em chefe do exército.

A Eschola Polytechnica recebeu no seu gremio um novo lente de mathematica. É o sr. bacharel Antonio de Serpa, distincto collaborador da *Revista Popular*.

A Academia das Sciencias nomeou socio correspondente o sr. Julio Maximo d'Oliveira Pimentel, lente da Eschola Polytechnica. Consta-nos que se acha impressa, por conta da Academia, uma importante Memoria sôbre a *agua das Caldas*, que o sr. Pimentel dedicou á mesma Academia.

Augmentou muito, em poucos dias, o número dos periodicos litterarios. Appareceu o *Atheneu*, a *Semana*, e outros mais. Temos grande satisfaçãô em ver que tantos homens distinctos se resolvem a empregar algumas horas na redacção de jornaes, que podem concorrer poderosamente para a civilisação e felicidade do nosso povo.

Pelo correio de Hespanha recebemos, com o *Pirata* — jornal de theatros, que se publica em Turim, sob a direcção do D.or F. Regio — um mappa geral das companhias melodramaticas, mimicas e comicas, que hão-de figurar nos principaes theatros da Europa, Africa e America, no carnaval de 1849 — 50. É um mappa curiosissimo para os que frequentam os theatros.

Continuam a receber-se assignaturas na loja do sr. Lavado, para o *Semanario* e *Illustração Hespanhola*. Os assignantes, que vierem d'ora em diante, tambem tem direito ao *regalo* que a empreza offerece. Compõe-se este brinde de um volume intitulado *La Tierra*, edição nitida, com tresentas estampas; um atlas geographico impresso em papel superior; e um almanak pintoresco mensal. O sr. *D. Angel de los Rios* merece o maior louvor pela diligencia que tem feito para satisfazer os assignantes da *Illustração* e do *Semanario*. O brinde que, neste anno, lhes offerece é prova sufficiente do que affirmâmos.

CHARADA.

É sempre o primeiro som
Que a criança pronuncia,
E quando vae á eschola
É por onde principia. } 1

O meu nome significa
Que estou primeiro que os mais.
Já fui capitão e alcaide,
Inda govérno os eguaes. } 1

Eu venço todas as cousas,
Segundo diz o latim:
Em quanto durar o mundo
O meu podêr não tem fim.

EXPLICAÇÃO DO NÚMERO ANTECEDENTE:

Charada — Salteador.



A Fonte da Samaritana.

Esta fonte encontra-se no aprazivel sitio outr'ora chamado Valle de Chellas, e hoje Xabregas. O ex-convento de Santa Maria de Jesus d'este titulo, que demora perto, e que pertenceu aos religiosos franciscanos da provincia dos Algarves, foi fundado por D. Guiomar de Castro, mulher de D. Alvaro Gonçalves de Athaíde, primeiro conde de Attouguia, no anno de 1455, por doação, que d'este sitio lhe fez el-rei D. Affonso V.

Referem alguns escriptores, que o titulo de Enxabregas, Deixabregas, e Xabregas, lhe foi dado pelas lavadeiras do mesmo bairro, que costumavam lavar no ribeiro, que corre contiguo á fonte da Samaritana.

Era o caso, que sendo as pedras, que alli existiam para bater a roupa, menos que as lavadeiras, daqui se originavam repetidas contendas entre ellas, e como acudisse gente para as apartar, dizendo-lhes — *deixa bregas* ou *brigas*, pouco a pouco se foi dando ao sitio o nome das scenas, que muitas vezes alli tinham logar.

Mas tornemos á fonte — foi ella mandada edificar, á beira da estrada, pela rainha D. Leonor, filha do infante D. Fernando, duque de Vizeu, princeza justamente celebrada, assim pela sua extremada formosura, como pelas singulares virtudes de que era adornada, e de que deixou perenne e gloriosa memoria, assim na fundação do hospital das Caldas, como na instituição da irmandade da misericordia de Lisboa.

Ahi se vêem, em relevo, a imagem do Christo, e a da mulher de Samaria, e aberto em duas fitas, gravado com letras gothicas, parte do dialogo que o Redemptor teve junto ao poço de Jacob com a Samaritana, e que aqui daremos nas proprias palavras do Evangelho de S. João, cap. 4.º:

«Fatigado, pois, Jesus do caminho, sentou-se junto «áquella fonte, quasi na hora sexta, ou meio dia. E «vindo então uma mulher tirar alli agua, disse-lhe Je«sus: dá-me de beber. (Porque os seus discipulos ti«nham ido á cidade comprar mantimento). Mas aquella «mulher Samaritana lhe disse logo: Como tu, que és

«Judeo, me pedes de beber, sendo eu de Samaria? «Porque os Judeos não tem commercio com os Sama-«ritanos; e se reputariam por conquinados, se bebes-«sem, ou comessem com elles.»

«Respondeu-lhe Jesus: Se tu conhecesses o dom de «Deos, e quem é o que te diz: Dá-me de beber: talvez «tu lhe farias a mesma súpplica, e Elle te daria uma «agua viva. Então aquella mulher, começando a entrar «em sentimentos de respeito para com Jesus, lhe disse: «Senhor, vós não tendes com que tireis agua, e o poço «é profundo. Onde tendes logo essa agua viva? Vós «por acaso sois maior do que o nosso pae Jacob; o «qual, não achando aqui agua viva, cavou aqui mes-«mo, e nos deixou este poço, em que elle bebeu, e os «seus filhos, e os seus gados?»

«Aqui Jesus (para que julgasse a Samaritana que «Elle era maior que Jacob) lhe respondeu: Todo o que «bebe dessa agua, que Jacob vos deu, terá sede ainda; «mas o que beber da agua, que Eu lhe darei, não terá «sede jámais; porque a agua, que Eu lhe darei, se fará «nelle uma fonte, que correrá para a vida eterna [1].»

No tanque da fonte estava a empreza das armas da rainha D. Leonor, que é uma rede a que os pescadores chamam *de rasto*, memoria do tragico successo do principe D. Affonso, seu filho, que nas margens do Téjo expirou na humilde choça de um pobre pescador.

Conservou-se esta fonte por muitos annos junto á egreja da madre de Deos, d'onde a fez transferir para o sitio que hoje occupa D. Francisco de Sousa Calhariz, sendo presidente do senado. A pia está quebrada, como a estampa mostra: a agua desagradavel, por salobra, mana de uma bica para o tanque adjacente do lado da terra, de que se aproveitam as lavadeiras.

No *Jornal das Bellas Artes*, elegante publicação, que infelizmente não proseguiu, lêem-se, a respeito desta fonte, as seguintes luminosas observações, com as quaes inteiramente nos conformâmos:

'É obra este pequeno, mas interessante monumento, da epocha manoelina, posto que não do estylo manoelino.

'Ha mais *renascença* aqui, mais tendencias classicas do que no bello templo de Belém, do que em todos os outros specimens daquelle original, gracioso e poetico genero, que não tem rival, nem imitador na Europa.

'Chamo-lhe monumento a esta fonte, e ella o é sem amplificação. Apezar de mutilado, é dos mais perfeitos que entre nós se conservam do seu estylo, que recorda o de Francisco I.

'Eu comparo-o a uma das bellas e reflectidas composições de Sá de Miranda — verdadeiro poeta de renascença — que ligou o seculo XV com o XVI. E acho a comparação tão justa, como a de semelhar Belem a um canto dos *Luziadas;* a cousa seguramente com que mais se parece.

'À primeira vista a fonte da Samaritana seria tomada mais por um pequeno e elegante sarcophaco, do que por uma fonte. E quem quizesse construir um sepulchro da epocha, não faria mal de escolher este modelo.

'Tem de altura 13 p. $\frac{1}{2}$, a base é de 8 p. $\frac{1}{2}$.'

(Nota ms. — Jornal das Bellas Artes, T. 1, n.° V.)

[1] Historia Evangelica, por Fr. Francisco de Jesus Maria Sarmento — T. 5.°

Portugal e as últimas occorrencias de Macáo.

II.

(Continuação.)

Na bibliotheca pública d'Evora, em que se encontram preciosos documentos para a historia das nossas cousas no Oriente, consta-nos existir uma importante collecção intitulada — *Papeis de D. Francisco de Mascarenhas* (que foi governador de Macáo, e vice-rei da India) — bem como varios outros escriptos, egualmente valiosos, com cuja publicação muito lucraria de certo o público.

O parecer mencionado suppre, porém, pela sua minuciosidade, a falta consideravel de documentos impressos.

== Nos negocios que constantemente, diz o Parecer, havia a tratar com as authoridades chinezas, as authoridades portuguezas julgavam prudente entender-se com a camara, e negociar por via della..... Assim se estabeleceu a intervenção da camara de Macáo nos negocios com os chinas, a qual foi determinada por ordens superiores; e a camara revestida então de uma importancia muito superior á que em outras circumstancias podia ter, esforçou-se ainda por augmenta-la, usurpando as attribuições das outras authoridades, proposito a que deu principio por se apossar da arrecadação das Rendas Reaes..... Todo o seu cuidado consistiu em anniquilar o podêr e jurisdicção do governador da cidade, no que trabalhou por muitos annos, e por fim chegou a consegui-lo, apartando-o de toda e qualquer ingerencia nos negocios publicos... Insensivelmente foi-se introduzindo e estabelecendo em Macáo grande número de artistas chins, por não haver alli portuguezes que professassem as artes fabrís; e o Senado, empenhado tão sómente em annullar a authoridade do Governador....... não cogitou nunca do cumprimento daquellas ordens superiores, que recommendavam se estorvasse aos subditos do imperador o adquirirem quaesquer propriedades urbanas ou rusticas, dentro da peninsula que pertencia aos portuguezes; de modo que em alguns annos muitos dos edificios de Macáo, e por ventura a totalidade das almuinhas, eram propriedades de chinas. Então o Suntó de Cantão, e os Mandarins seus subalternos...... *tomando* por pretexto o grande número de subditos do imperador, que havia em Macáo, pretenderam que as Leis da China deviam ter alli fôrça e execução: e o Senado, sem fazer o menor cabedal dos interesses do estabelecimento, da glória do nome portuguez naquellas partes, e da dignidade da Corôa Luzitana, acceitou sem qualquer resistencia aquella terrivel condição, e consentiu até que os chinas cercassem Macáo com uma muralha, *usurpando* uma parte do terreno que nos pertencia, e que collocassem fóra da muralha um Mandarim com jurisdicção sôbre Macáo, chamado o *Mandarim de Móhá ou da casa branca;* e que prohibissem que nenhum portuguez passasse para dentro da porta da muralha, sem expressa licença do tal Mandarim. ==

Depois de referir os acontecimentos que tiveram logar com o governador Antonio José Telles de Menezes, continúa o mencionado e interessantissimo Parecer: == Tão desavisado procedimento levou então os Mandarins

ao derradeiro arrójo, pois..... mandaram ao Senado uma Lei, ou Ordem, em nome do Suntó de Cantão, e *não no do imperador*, pela qual aboliam em Macáo o exercicio da religião christã, ordenavam que fôsse arrasado, como logo o foi, o Seminario de Nossa Senhora do Amparo, que servia para os Jesuitas instruirem neophytos, aboliam a Soberania da Corôa de Portugal na peninsula de Macáo, prohibiam a execução das Leis portuguezas, e jurisdicção das suas justiças, e por fim determinavam ao Senado, que aquella Lei ou Ordem, gravada em pedra nas duas linguas Chineza e Portugueza, fôsse collocada nos logares mais públicos da cidade.....=

E assim se fez — e consentiu — para nossa vergonha, e de quem não soube manter a dignidade do nome portuguez.

Aquella lei, comtudo, não se executa regularmente, e esta mesma inobservancia dá pretexto aos Mandarins para constantemente promoverem embaraços ás authoridades e regimen do estabelecimento, collocando-o na situação mais difficil que póde imaginar-se; situação que deve immediatamente fixar-se, com firmeza, aliàs em breve perderemos, porque será impossivel de sustentar-se, tão interessante parte da monarchia portugueza.

(Conclúe.)

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Considerações ácêrca do projecto de lei do sr. deputado Assis de Carvalho

EM QUE SE TRATA DE FUNDAR UM INSTITUTO AGRONOMICO.

(Continuação.)

..Algumas pessoas, vendo no quadro da instrucção figurar sôbre quatro cadeiras veterinarias, duas apenas de agricultura, taxarão de exuberante o prospecto da faculdade veterinaria e de excessivamente reduzido o da agricola; e como se não deram ao trabalho de examinar o detalhe dos dois cursos, intenderam que o auctor, cingido ás inalteraveis balisas da economia, e ao número dos professores, havia sacrificado a perfeição da última ao *statu quo* da primeira. Quanto a nós cuidamos, que não tem a melhor razão; o auctor, com effeito, dentro do apertado círculo que lhe traçou uma verba mesquinha, esboçou o seu pensamento magno e fecundo com acanhamento e medo; mas o tributo ao imperio das cifras repartiu-o elle com egualdade. Nas quatro cadeiras do quadro veterinario ha uma (a 2.ª), cujas materias (chimica, physica e botanica applicadas), tanto pertencem ao veterinario, como ao agricultor. Considerando, além d'isto, que das tres restantes, entram o exterior dos animaes domesticos da 1.ª; partos e castrações da 4.ª; hygiene e zoonomia da 3.ª, no programma de ensino para os agricultores, materias, que a aparta-las em cadeiras distinctas, formariam uma, pelo menos, bem carregada, segue-se que, em rigor de analyse, vem a haver tres cadeiras veterinarias, tres ditas agricolas, e uma commum das duas faculdades. E tão verdade é que o projecto não augmentou o número das cadeiras veterinarias, que sendo na actual Eschola o seu número de quatro, nelle se reduziram a tres; o que na verdade redunda em prejuizo da instrucção veterinaria pela brevidade e superficie com que várias materias deverão ser tratadas, para que a nenhuma venha a faltar o tempo.

Assim se no projecto fallece a expansão conveniente da instrucção agricola, mais desafogo não gosa a veterinaria, uma não vive á custa da outra, mas ambas soffrem egual repressão do desamor e do orçamento, que indignados se revoltariam ao gasto de mais alguns mil réis.

Se queremos, porém, principiar melhor — e fazemos d'isto hypothese, porque entre nós só é caro o dinheiro para as cousas bôas — adopte-se um alvitre que nos parece foi algures manifestado pelo sr. Dr. A. J. de Figueiredo e Silva, e desculpe-nos s. s.ª se no exarado delle não expomos fielmente as suas idêas. Augmente-se o número das cadeiras; dê-se mais extensão ás disciplinas agricolas, accumulando-as menos em cada cadeira, e dando entrada a outras de não menor importancia. Para conciliar esta melhoria do plano, com a maior despeza que provoca, conserve-se por ora o pessoal que consigna o projecto; as últimas cadeiras não funccionando senão depois das primeiras, neste entretanto economisa o governo o ordenado dos seus respectivos lentes. Seja remida qualquer falta no exercicio pela dedicação e zêlo dos lentes que houver, e vá o governo, pouco a pouco, completando o quadro professoral. Os beneficios do instituto, multiplicando-se e evidenciando-se, de dia para dia, fazendo o sacrificio menos custoso, ao mesmo tempo que a formatura de algumas capacidades distinctas, facilitará que a escolha dos lentes que faltarem, recáia em quem mais provas der de esperança.

Sería bem para desejar que ao desenvolvimento d'este bosquejo fôssem accrescentadas as modificações que importaria introduzir no projecto; sendo possivel emendar-lhe o defeito nesta parte, e é a parte dominante, será para lastimar que se lhe não acuda a tempo. O sr. Figueiredo e Silva, já por sua bem reconhecida mestria nestes objectos, já por ser o auctor do conselho, faria assignalado serviço ao interesse nacional, se do modo como dizemos não se recusasse a completa-lo.

O technismo, que no projecto prepondera á theoria, é sobremaneira vantajoso aos resultados praticos das duas sciencias; concebido, porém, como ahi se acha em summaria indicação, carece de combinar-se e especialisar-se melhor, o que pertence aos regulamentos internos, e sobretudo ser coadjuvado por parte do executivo com a concessão a tempo de um bom edificio — granja, utensilios, animaes, etc., e com a posição do estabelecimento em local que reuna as condições de facilidade e extensão das experiencias, e que lhe interéssem os exemplos praticos que forem tendo logar na eschola. Tudo isto tem influencia tão directa na futura sorte desta, como o alimento a tem no aformoseamento do corpo que nutre. Se o governo intender que um estabelecimento d'este genero é necessario ao paiz, é preciso que se disponha a fornecer com promptidão os meios que lhe forem pedidos, ou de outra fórma se arrisca a um ensaio esteril, de que uma das consequencias, além de tudo perder, será o desmoralisar essa nova religião a que quer converter — fazer a ignorancia mais perti-

naz, e mais obstidada em ceder dos seus prejuizos. Com factos, mais que razões, se vencem os que tem olhos sómente no corpo; torne-se, pois, a doutrina palpavel, e mais nas cousas representada, que nas idéas. Se fazemos séria questão d'este ponto, que parece nada ter de commum com a compostura do projecto, é que muito nos intimida, que o geral defeito de nas nossas escholas se cuidar tão pouco da applicação do que se lê, se reproduza nesta por fôrça de habito ou por coherencia de systema; e porque queremos daqui já declarar, escarmentados como estamos da propria experiencia, que não advogamos nem asseguramos a utilidade d'este projecto, senão dada a condição de tudo o que elle resa vir a ser *inteiramente* cumprido.

Os professores de qualquer eschola não respondem ao governo pela detereoração do ensino, quando d'este lhes não prestar auxilios é que ella advem; mas respondem pela má figura com que os obrigam a representar a sciencia, pelo seu descredito, perante a maioria do público, que nas apparencias formúla o seu juizo. Não se ouvirá dizer, quando tal individuo formado n'uma faculdade, errou e deixou avassallar-se pelo rutineiro da sua profissão (porque todas os tem), senão — que não sabe, que é ignorante; mas quando a mesma provação repetir n'um segundo, n'um terceiro, emfim na generalidade dos seus collegas, o juizo público muda de figura, ou se dá pouco valor á sciencia, se é nova, ou se carrega com o stigma de uma reputação pouco airosa os ministros de um culto, que tão falso se mostra aos seus neophytos. Isto tem acontecido com a veterinaria, e por isso fallámos com domestica experiencia. A veterinaria até hoje considerada entre nós como arte de curar — e de curar o cavallo — o que menos tem ensinado aos seus seguidores é a curar: e a razão é muito simples: leem-se as lições com todo o rigor, com transcendencia, mesmo com profusão, não escapa assumpto em que se não toque, novidade lá de fóra que se não expenda; quer-se, porém, ir á prática, ao ensaio, ao exercicio, á applicação, faltam os objectos, os doentes, os commodos e mil outras circumstancias. O que se segue d'aqui? Que o veterinario, recheado de theoria fôfa e aerea, na presença dos casos a que tem de applicar o que aprendeu, vê-se perplexo no que ha-de fazer, perturba-se e atina muitas vezes menos com um recurso, que o ousado charlatão, que nada sabe, mas que tem sôbre elle a superioridade do habito e tino de obrar mal ou bem. Mandae ao melhor estudante que vos faça tal reacção, que vos analyse tal mixto, se a sua chimica foi feita sôbre o livro, sem jámais entrar no laboratorio, ver e praticar, não espereis senão despropositos. Pedi a classe, ordem, familia, os logares da tabella fythologica de tal planta, a um outro que sabe todos os systemas de taxonomia vegetal, mas que nunca herborisou, vê-lo-heis hesitar, e o jardineiro, o prático responder-vos muitas vezes mais direito do que elle. À cabeceira de um doente mandae ensaiar um processo climico, diagnostico, prognostico e tratamento, ao que aprendeu a medicina, sem ver mais que duas ou tres doenças, achareis entre cem, nestas circumstancias, um unico talvez que soffrivelmente proceda. Assim são todas as sciencias quando não passam dos livros; assim tem sido tambem a veterinaria. O que lhe resultou daqui? O que se devia esperar — para si descredito, para os veterinarios desconfiança; e por isso experimentam elles em se estabelecerem embaraços, dissabores e até certificamo-lo, privações de primeira necessidade; dando-se por via d'isto ao charlatanismo novas fôrças, com as fraquezas dos que o deviam destruir.

Ora é exactamente isto mesmo o que acontecerá ao ensino agricola, o que continuará mesmo a succeder ao ensino veterinario, se a concorrencia dos elementos da prática não vier secundar o effeito da theoria. Não basta que a lei conceda, é indispensavel que o governo, seja qual fôr, cumpra as concessões da lei, e execute até á mais insignificante cousa tudo quanto estatue. No projecto estão consignados os meios de dar á veterinaria a extensão medica prática a todas as especies domesticas, o desenvolvimento á zootechnia, e de favorecer a parte experimental da agricultura; entretanto depende de serem bem satisfeitos, de providencias especiaes, da bôa escolha do local, e, mais que tudo, do interesse que o governo mostrar que é o grande norte para similhante estabelecimento, o bom resultado de tudo o que promette. E já que tanto insistimos na prática, agora que se nos segue examinar a última vantagem do projecto aproveitaremos a occasião para propormos tambem um alvitre, que a nosso ver, pelo menos, coroará o effeito dos recursos que houverem de subministrar-se á eschola.

(Conclúe.)

J. I. FERREIRA LAPA,
Lente da Eschola Veterinaria.

ROMANCE.

Peccadora.

XII.

UM FORÇADO QUE SABE VIVER.

ROBERTINA ouvindo aquelle peremptorio argumento emudeceu. O sr. Claudio sorriu, satisfeito de si mesmo.

— Mas, torno a repetir, deixemos lá o sr. barão d'Osser. O que posso affiançar-lhe, porém, é que o seu segredosinho não corre risco algum... Sou muito calado... creio que me entende?!... em quanto me não obriguem a fallar.

— Comprehendo-o perfeitamente, disse a baroneza; pretende esmagar-me com o pêso das suas ameaças... quer constituir-me escrava da sua vontade...

— É alguma cousa que se parece com isso... adivinhou em parte, minha querida. Mas, não exaggeremos!... Eu não sou nenhuma linda mulher a quem se possam tolerar certos caprichos... O que pedir ha-de ser razoavel e solido... verá.

— Se precisar dinheiro...

— Indubitavelmente o hei-de precisar, minha querida... Mas acredite que não sou eu tão pouco delicado, que a envolva em negocios de similhante natureza. Devem de ser tratados — trata-los-hei directamente com o sr. barão.

— Não sei que intimidade tenha com meu marido, para lhe pedir dinheiro emprestado? perguntou Robertina.

— Eu não peço emprestado, respondeu o sr. Claudio — o barão é meu devedor.

Robertina com os olhos interrogou o ex-banqueiro, mas não se atreveu a formular outra pergunta.

Achava-se em frente de Rembrés, na situação de um viajante sem podêr continuar seu caminho, por lh'o vedar uma alta parede, sem janellas e sem portas. Rembrés dominava-a tão inteiramente que a reduzia a um estado de passibilidade perfeita. Que podia esperar de uma discussão? Claudio, a tudo quanto dissesse, opporia um argumento sem réplica. A ameaça era impossivel; a finura, inutil, porque o ex-banqueiro, homem de sagacidade prática, e de imperturbavel sangue-frio, não era dos que levavam a peior nas luctas de palavras.

Robertina esperava. Não era isto um recurso, mas uma necessidade. Aquella conversação só podia acabar de uma maneira — pedindo elle alguma cousa exorbitante, que não poderia recusar, ou impondo-lhe alguma cruel condição, a que teria de sujeitar-se.

Robertina sabia-o, e nem sequer tivera idéa de resistir. Então, como quando a primeira carta de Rembrés a fizera correr, de noite, sósinha, as ruas de París, estava resolvida a obedecer.

O seu sacrificio estava feito. Prestava-se a tudo, com tanto, que em cambio do que fizesse, continuassem Armando e o mundo na sua ignorancia.

Era a sua condição unica. Para si nada queria; bastava-lhe que fôsse garantida a tranquillidade de seu marido.

Havia, comtudo, algumas horas que entrevíra vagamente um perigo suspenso sôbre a cabeça do barão, perigo novo, desconhecido, temeroso, e que nem sequer suspeitára. Tinha sido, em primeiro logar, a entrada mysteriosa do falsario, e a obediencia de Armando, constituindo-se seu complice, tratando-o por primo, etc. — e agora aquellas meias palavras do proprio Rembrés, que lhe reboavam nos ouvidos como terriveis ameaças. — Como o havia de saber? E de que maneira havia de interrogar aquelle homem prevenido contra as surprezas?...

— Senhor, disse ella, o testamento que teve a bondade de me enviar, fazia-me esperar que era do seu interesse esconder do barão as nossas antigas relações. Repito-lhe, para obter este resultado, estava prompta para tudo... Mas agora que posso acreditar?... Falla de Armando como de um homem sujeito á sua influencia... Estará o meu segredo vendido na occasião em que negocia a sua discrição?

O sr. Claudio olhou para a baroneza, de revés, e fez um gestosinho amigavel.

— Já lhe disse, minha querida, que tenho a bôcca tapada sôbre esse ponto delicado... Adivinho o motivo da sua pergunta... Não é de hoje que eu a considero uma mulher d'espirito!... mas não posso responder-lhe!...

— Então, disse Robertina, ainda que tudo arrisque, ainda que tudo conceda, nem sequer poderei ter a certeza de salvar o repouso de meu marido!...

— Seu marido, murmurou o sr. Claudio, sempre me vem com seu marido! Isso não é de um coração generoso, minha rica. Ora diga-me, ama muito seu marido?

— Se o amo muito! respondeu a baroneza com voz doce e grave; amo-o com todas as fôrças da minha alma.

— Maravilhosamente, querida amiga!... é evidente que aspira ao sublime... disse isso com uma expressão tão adoravel!... mas então eu?... A mim já me não ama?

— Creio que estamos fallando de cousas sérias, respondeu a baroneza, o gracejo não tem logar.

Rembrés inclinou-se profundamente.

— Maravilhosamente; mas diga-me... e se eu a amasse ainda?

Um pequeno estremecimento percorreu o corpo de Robertina, que se fez ainda mais pallida.

— Está admiravelmente formosa, não ha dúvida, proseguiu Claudio; e... mas nós depois fallaremos nisso!

Os olhos que por alguns minutos se lhe tinham illuminado com um fulgor estranho, insultante e cynico, retomaram incontinente a costumada expressão de bonhomia.

— Não se podem tratar a fundo certas cousas em meia hora; tornemos aos nossos pequenos negocios... Diziamos nós, que os jornaes tinham contado um conto muito bonito, que a senhora acreditou logo... Tenha paciencia; adivinho o que quer responder-me... De resto, o tal conto serve-me, e de muito... julgam que eu fui morto... e se a senhora me não denunciar...

— Bem sabe, que eu, por nenhum preço, era capaz de praticar similhante acção.

— Ah! ah! bem sei, bem sei, o meu testamento havia de fazê-la hesitar, havia... A proposito, que lhe pareceu o meu testamento?

— Receio offendê-lo, e por isso...

— Nada, não... eu não sou de susceptibilidades... demais, sei muito bem que o testamento não é em todo o ponto verdadeiro; mas a historia verosimil. Aposto que ha-de ter sua curiosidade de saber como foi aquelle caso com o tratante do guarda?

Deos sabe em que então pensava Robertina.

— Acabou a contradança, respondeu ella.

— Tem razão, minha querida, disse Claudio, rindo, hão-de ver-nos juntos... o que não é bonito, não; mas, se bem se lembra, não acontecia outro tanto na nossa funcção de nupcias...

Robertina ergueu-se em silencio, Claudio imitou-a, e lhe offereceu cortezmente o braço.

— É melhor darmos um girosinho pela sala, não acha? — farei por não a compromettor... Ah! ah! minha rica, convenho, que a respeito de marido a abundancia de meios não é das melhores cousas... mas que quer?...

Atravessavam lentamente a multidão dos dancistas, que voltavam aos seus logares. A baroneza reassumíra a sua apparente alegria, recalcando o fundo padecer no coração. Claudio levava-a pelo braço. A physionomia aberta do ex-banqueiro tinha uma expressão de vaidade sincera, que quadrava perfeitamente com as suas maneiras, e com o luxo provincial das argolinhas. O marido resurgíra nelle então.

— Minha querida, disse-lhe, cortejando com a maior amabilidade a menina d'Osser, que passava pelo braço de Luciano — nunca contei esta historia a ninguem. Devia-lhe a primazia... Escute-me; juro que ha-de interessar-se... Depois a deixarei folgar... agora escute-me.

— Estou prompta a ouvi-lo, disse Robertina, resignada.

— Inda bem!.... Ha um anno, pouco mais ou menos, estava eu na *galé;* vivia muito aborrecido, como póde suppôr, e ardia em desejos de me ver livre... Sabe, Robertina, que nas minhas insomnias muitas vezes sonhava fortunas admiraveis.... estes sonhos tambem me não largavam na cadêa; eu dormia sempre onde quer que me encontrasse... e em quanto o meu camarada resomnava, levantava eu *castellinhos no ar*, e forcejava por deparar com um meio, que me habilitasse para de novo tentar fortuna...

« Tambem tinha a sua parte neste meu ardente desejo de liberdade. Eu esperava encontra-la em Molay, e não podia prever.... Mas o que lá vae, lá vae...

« Ha naquelles *estabelecimentos* um costume recommendavel, e que prova muito em favor do bom senso dos seus habitantes. Cada forçado tem um dia no anno, em que todos os seus camaradas devem de favorecer-lhe a fuga por todos os meios possiveis. Eu sabía imitar soffrivelmente uma assignatura, mas em outro qualquer ramo da encyclopedia das *galés* era um leigo. Chegou o meu dia, e eu deixei-o passar, sem mesmo imaginar a possibilidade de illudir a vigilancia dos nossos Argos de uniforme azul.

« O meu companheiro não pensou assim. Tomou as suas medidas com antecedencia, e na vespera do *seu dia* declarou-me que o havia de eu ajudar, porque estava resolvido a limar os ferros depois da visita.

— « Ah! disse-lhe eu, tu tens com que limar os ferros, Larigo?

« Mostrou-me uma limasinha ingleza, que tinha mettido no cabello.

— « Pois olha, Larigo, acudi eu — compro a tua lima e o *teu dia*, se quizeres?

— « Por quanto?

— « Por vinte luizes.

« Larigo olhou para mim muito espantado. Provavelmente muitas vezes me tinha já basculhado as algibeiras, estando eu a dormir. »

(Continúa.)

POESIA.

O Inverno.

Soufflez, brises du ciel! Ouvrez ce sombre voile!
Nuages de son front, rendez-moi mon etoile!
(LAMARTINE. — *Confidences.*)

DA chuva a corrente
Já desce fremente
Das serras d'além!
Galgando os vallados
Nos campos e prados
Um mar surgir vem!
Do mar ao lamento
Responde do vento
Rugindo o tufão!
Os troncos se abalam,
Se curvam, estalam,
Lascados resvalam
Baqueiam no chão!
Nas nuvens a chamma
Do raio... se inflamma...,
E á luz que derrama
Succede o trovão!
Balando o armento
Procura o sustento,
Mas busca-o em vão...
Dos prados a relva
E as folhas da selva
Já sêccas estão!
Ao pobre mendigo
Que o céu por affecto...
Por crença... e abrigo
Por patria... e por tecto
Só conta... só tem...
Um céu que negreja
Com horrida sombra,
Que ruge... e troveja,
Que aterra... e assombra,
Só fica tambem!!...

Ámanhã como este dia
Novo dia surgirá!
A noite será sombria,
Triste, qual hoje, será!
Sôbre a terra o firmamento,
Qual hoje, manto cinzento...
Negro véu... estenderá!

Ó minhas singelas flores
Da primavera gentil,
Resplandecentes fulgores
Das puras manhãs d'abril,
Murmurar brando das aguas
Que beijam mansas as fraguas...
Priguiçoso mar d'anil...

Ó noites inspiradoras
De meigo e doce luar
Que á minh' alma longas horas
De vida me vinheis dar!
Suaves brisas ardentes,
Minhas estrellas fulgentes,
Não tornareis a voltar?!

Tu voltarás, primavera,
Minha formosa estação;
Traz-me tu, qual d'antes era,
Repouso ao meu coração!...
Est' alma que tanto chora
Veja surgir uma aurora
De puro e brando clarão!...

Ó nuvens, que sôbre o monte
Negra mortalha lançaes,
Rasgae-vos, que o horisonte
Quero ver, nuvens fataes!
Quero ver, ó minha estrella,
Se qual d'antes, meiga e bella,
No mesmo ponto brilhaes!...

F. PALHA.

REVISTA DOS ESPECTACULOS.

Em quanto se ensaia a *Maria de Rohan*, temos a *Linda de Chamounix* em S. Carlos. A *Linda* é uma das mais bellas composições de Donizetti, e foi desta vez superiormente executada pelas sr.as Marietta Gresti, *Linda*; Catharina Persolli, *Pierotto*; V. Persolli, *Magdalena*; e pelas srs. Fiori, *Antonio*; Rocco, *Marquez de Boisfleury*; Benedetti, *Prefeito*; Liverani, *Visconde de Sirval*; Bruni, *Intendente*.

Nunca a sr.a Gresti se possuiu com tanta felicidade do seu papel, sôbre tudo no segundo e no terceiro acto. Os duetos com Rocco e Fiori foram magistralmente cantados. O rondó, que executa quando está em delirio, foi applaudido com justiça. A sr.a Gresti desenvolveu habilmente os seus recursos de cantora e d'actriz, e em bôa hora o fez, que o papel é trabalhoso e difficil, e só cantoras de fôrça o podem desempenhar.

A sr.a Catharina Persolli, a timida Adalgisa, a engraçada aldeã Agatha, transformou-se em gentil Saboyardo. Cantou com sentimento a bella canção do primeiro acto:

Per sua madre andó una figlia

e no desempenho do papel de *Pierotto* deu provas indisputaveis de intelligencia.

A sr.a Virginia Persolli apresentou-se mal caracterisada, e desempenhou o papel de Magdalena com uma frieza que chegou a incommodar os espectadores. Na *Linda*, a sr.a Virginia é o typo da semsaboria.

O sr. Fiori desempenhou magistralmente o seu papel de Antonio. Não é só a voz, que se admira quando elle canta, não é só a superioridade da execução, é o sentimento e a intelligencia, esses complementos indispensaveis para a glória do artista. É preciso ter talento para dizer, como elle diz, a sua filha, aquelle adeos, que vae fazer a desgraça d'ambos:

Va, sciagurata, soffri la pena
Della tua colpa, del mio rossor.

Boisfleury, marquez folgasão e pouco escrupuloso, nobre devasso que não conhece virtude capaz de resistir ao seu ouro e aos seus pergaminhos, leva uma lição solemne quando menos a espera. É um papel interessante, gracioso, e superiormente desempenhado pelo sr. Rocco, com quem o público fez conhecimento no *D. Bucefalo*.

O sr. Benedetti vem bem caracterisado, e desempenha excellentemente o seu papel. No dueto do primeiro acto com o sr. Fiori, foi justamente applaudido.

O sr. Liverani não agradou. Deve-se, porém, levar em conta a bôa vontade, e as diligencias que fez. A impressão que produziu no público, talvez por isto, foi desta vez mais favoravel do que no *Hernani*.

Os coros saíram bem; especialmente o do começo do terceiro acto. A musica da opera é toda bellissima. Os duetos são de magnifico effeito. A canção, cujo thema se repete mais d'uma vez durante a peça, é seguramente uma das mais sublimes inspirações de Donizetti.

Consta-nos que a empreza tenciona pôr em scena uma opera do *maestro* Flotow, intitulada — *L'anima della tradita* — que nos affirmam ser uma composição excellente, e que deve produzir muito bom effeito.

No theatro de D. Maria II representa-se agora o *Mineiro de Cascaes*, composição do sr. Cascaes, auctor do *Alcaide de Faro*, e de outras peças muito conhecidas. No de D. Fernando foi hontem á scena, por segunda vez, o drama em 4 actos *Simão o Ladrão*. No Gymnasio temos agora os *Dois Garcias*. O sr. Moniz e o sr. Pereira fazem o papel de manos Garcias.

A imprensa tem representado, e com muita razão, contra o desleixo e incuria da direcção do theatro de D. Maria II, que não trata de conservar o edificio que lhe foi confiado. Esperâmos que, nas camaras, quando se tratar do subsidio para o theatro, se tome alguma resolução para alevantar o theatro normal do estado miseravel em que se acha. Por esta occasião lembrâmos á empreza de S. Carlos, que é necessario cuidar tambem na limpeza do theatro, no arranjo dos camarotes, e, sôbre tudo, no fornecimento da guarda-roupa, que está pobrissima.

Do supplemento ao n.° 25 do *Pirata*, jornal de litteratura e theatros, que se publica em Turim, debaixo da direcção do Dr. Francisco Regli, extrahimos a seguinte nota, pela qual se póde ver onde actualmente se acham escripturados alguns dos principaes artistas, que em diversas epochas temos visto no nosso theatro lyrico.

PRIMEIRAS DAMAS SOPRANOS.

Rocca Alessandri — no real theatro de Turim.
Luiza Schironi Nulli — no theatro de Lima, no Perú.
Thereza Bovay — no theatro de Mantua.
Augusta Albertini — no theatro APOLLO, em Roma.
Irene Secci Corsi — no theatro de Messina.
Rossi Caccia — no theatro do Licêo, em Barcelona.

PRIMEIROS TENORES.

Luiz Ferreti — no theatro de Havana.
José Sinico — no theatro APOLLO, em Roma.
Henrique Tamberlik — no theatro de Santa Cruz, em Barcelona.
Ambrozio Volpini — no theatro Principal, em Sevilha.
Jorge Barbieri — Valhadolid.
Joaquim Miró — idem.

PRIMEIROS BAIXOS.

Jacomo Galovardi — no theatro SUTERA, em Turim.
João Zucchini — idem.
Luiz Salandri — na ilha de Malta.
Luiz Galli — no theatro de Brescia.
Rogerio Pezzigati — no theatro de Mantua.
Luiz Maggiorotti — no theatro de Florença.
Felix Varezi — no theatro de S. Carlos, em Napoles.
Felipe Coletti — em S. Petersburgo.
Valentim Sermattei — no Principal, em Sevilha.

O coreographo *Viotti* acha-se no real theatro de Turim, onde fez completo *fiasco* a primeira composição que apresentou em scena, com o nome de *Crimilde*, e que julgâmos não ser outra cousa senão a mesma dança que o anno passado vimos em S. Carlos com o titulo de *Walkiris*. Pelo que vemos, Viotti tem a mesma fortuna em Turim, que teve em Lisboa: a sua falta de gôsto é tão reconhecida em Italia, como o foi em Portugal.

NOTICIAS SCIENTIFICAS E INDUSTRIAES.

Relação das fábricas ou productos classificados pelo jury para receberem premios de medalhas, por occasião da Exposição do anno de 1849.

Em artes mechanicas — Fábrica de fundição de metaes dos srs. José Pedro Collares & Filhos. Fábrica de fundição de metaes do sr. Henriques Peters. Fábrica de cutelaria do sr. Antonio Policarpo.

Em tecidos — Fábrica de fiação e tecidos de Torres Novas. Fábrica de lanificios, ao Calvario, dos srs. Bernardo Daupiás & C.ª Fábrica de lanificios, em Alemquer, do sr. P. A. Lafaurie. Fábrica de fiação e tecidos de algodão lisbonense. Fábrica de lanificios, em Portalegre, dos srs. Larcher & Cunhados.

Em artes chimicas — Fábrica de refinação de assucar, a Santo Amaro, da sr.ª viuva Ferreira Pinto & Filhos. Fábrica de estamparia dos srs. Rodrigues Barros & C.ª, na rua da Fábrica da Polvora, em Alcantara. Fábrica de estamparia, em Rio de Mouro, do sr. Filippe José da Luz. Vinho muscatel, de Setubal, do sr. José Maria da Fonseca.

BIBLIOGRAPHIA.

O Atheneu

JORNAL SCIENTIFICO E INDUSTRIAL.

Saíram á luz os dois primeiros números do *Atheneu*, periodico scientifico e industrial, redigido pelos srs. Serpa, Corvo, Pereira de Carvalho, Coutinho, Coelho, Palmeirim, Thomaz de Carvalho, Albuquerque, Avila, Albino de Figueiredo, e Antonio Joaquim de Figueiredo.

Este jornal sáe, para as provincias, aos sabbados, e é distribuido em Lisboa aos domingos. Preço — por anno, 1$920; por semestre, 1$000; por trimestre, 600; avulso, 60 réis; Annuncios — 40 réis por linha.

Vida pública e privada de mr. de Talleyrand. — Publicou-se o primeiro volume; vende-se por 360 réis.

CHARADA.

Orno o rosto do mancebo; — 2
Na musica eu tenho assento: — 1
Guio o nauta no mar alto
Com o auxilio do vento.

Sou dançarina,
Quem duvidar
Vá ao theatro
Ver-me dançar.

DISPARATES.

Eu abaixo asignado cavalleiro da Ordem de Christo, Doutor na Faculdade de Medecina pela Universidade de Piza etc.

Attesto pª q conste a onde convier que o Snr: F, soffre de longa data uma Gastriti chonica, e de companhia de figado (hypatites) o cujo na presença do mais minimo encomodo, e mesmo en dezaranjo de dieta se torna aguda e o reduz a cama muitos dias, constantemente não pode abetuar os cozes das calças pela grande comperção que lhe cauza, e por estes motivos o axo em capaz do serviço melitar, e o por eu o ter tratado este me ser pedido o passo e juro pellos meus graus. Lxª &



DUAS VEZES SOMOS CRIANÇAS.

EXPLICAÇÃO DO NÚMERO ANTECEDENTE:

Charada — Amor.

AVISO.

O fallecimento de um dos nossos gravadores, o sr. Estevão Duarte de Sousa, e a ausencia do gravador effectivo da Revista, *o sr. Antonio Corrêa Barreto — que se acha actualmente em Thomar, ao serviço do sr. conde de Thomar — são as causas principaes da demora na distribuição da* Revista. *A empreza tem feito, e continúa a fazer, todas as deligencias para que não haja tal demora, e espera conseguir brevemente este resultado. Comtudo, se alguma vez ainda a distribuição se atrasar um pouco, contâmos com a benevolencia do público, e cremos que perdoará uma falta de que não temos culpa. A empreza, que desejava dar duas estampas em cada número, acha difficuldade para dar uma só, porque os gravadores são poucos, e esses mesmos empregam-se em outros serviços.*

Este número ainda sae ao sabbado. Procuraremos fazer com que os seguintes se publiquem mais cedo.

Com o presente aviso *respondemos ás cartas, que alguns assignantes, e protectores d'este jornal, teem tido a bondade de nos dirigir.*

ANTONIO NUNES RIBEIRO SANCHES.

ANTONIO NUNES RIBEIRO SANCHES, doutor em medicina pela universidade de Salamanca, conselheiro d'estado da côrte imperial da Russia, primeiro medico da imperatriz, primeiro medico dos seus exércitos, e do corpo dos cadetes, socio correspondente da academia das sciencias de París, socio honorario da academia de S. Petersburgo, membro da academia real das sciencias de Lisboa, socio estrangeiro da sociedade real de medicina de París — nasceu em Penamacór, aos 7 de março de 1699, de Simão Nunes, e de Anna Nunes Ribeiro. Descende a sua familia da nobre casa dos marquezes Nunes, que no seculo passado viviam em Roma [1].



O Dr. Sanches estudou medicina em Coimbra, tomou o gráu de doutor na universidade de Salamanca, e quando ainda não tinha 25 annos d'edade, foi provido no logar de medico dos pobres na villa de Benavente. — Tratando das causas das febres, que tamanhos estragos fazem nesta villa e em Salvaterra, affirmava o Dr. Sanches que estas febres eram devidas á mistura das aguas stagnadas, com as aguas correntes do Téjo Um homem de genio, como elle era, não podia conservar-se quieto n'um paiz em que a sua instrucção teria de ficar necessariamente incompleta. Sequioso de saber, partiu para Genova, de lá para Londres, onde ouviu por dois annos as lições de Douglas, e d'alli para França, onde visitou as escholas de París e de Montpellier. O Dr. Bertrand, com quem adquiriu relações em Marselha, deu-lhe noticias exactas acêrca da febre pestifera, que então fazia na França horriveis estragos; mas os serviços que lhe elle fez não se limitaram nessas noticias. Vivia então na Hollanda o celebre Boerhaave. O livro dos seus aphorismos, que ainda não era conhecido do Dr. Sanches, foi-lhe confiado pelo seu collega Bertrand. Leu-os o nosso compatriota com interesse, com enthusiasmo, e resolveu-se a partir immediatamente para Leyde. Póde-se dizer que este facto, bem simples na apparencia, decidiu da sorte do Dr. Sanches. Por tres annos ouviu as lições do sabio mestre, e pagou-as como simples alumno. Ao cabo dos tres annos, como Boerhaave instasse com elle para tomar os gráus, declarou-lhe que era medico, e que só para aprender cursára as aulas. Boerhaave, admirado de tamanha modestia, obrigou-o ao embolso do que lhe pagára como estudante, e de mestre tornou-se em amigo. Foi nesta epocha que Anna Ivanowha, imperatriz de todas as Russias, pediu a Boerhaave, que entre os seus alumnos extremasse tres medicos para tres honrosos empregos que lhes queria dar nos seus dominios. O primeiro nomeado foi o Dr. Sanches.

Na Russia foi o nosso compatriota estimado como merecia. Teve primeiramente a nomeação de medico de Moscow. Dois annos depois entrou para a Chancellaria de Medicina, e foi elevado a medico dos exercitos imperiaes. Andou com o general Munich nas campanhas de 1735 a 1737, contra os tartaros e contra os turcos, não se descuidando de fazer observações scientificas. As que fez sôbre as raças humanas, communicou-as a Buffon, que as publicou no 3.° volume da sua *Historia Natural*, elogiando devidamente o portuguez, que lh'as enviára. Voltando a S. Petersburgo foi nomeado medico do nobre corpo dos cadetes, e pouco depois primeiro medico da imperatriz. Por morte da imperatriz, depois da pouco duradoura regencia do duque de Curlandia, assenhoreou-se do governo a princeza de Brunswick, em nome de seu filho. O Dr. Sanches foi logo nomeado primeiro medico do novo imperador e da regente do reino. Bem depressa, porém, as revoluções o obrigaram a retirar-se da côrte, e ainda se conservava longe della, quando adoeceu o duque de Holstein, a quem teve de tratar. Em recompensa da cura deram-lhe o cargo de conse-

[1] Elogio Historico do Dr. Sanches, lido na academia das sciencias de París por Vicq-d'Azyr, e, traduzido em portuguez por Filinto Elysio.

lheiro d'estado. O que elle queria não era isto. Timido por natureza, estranho ás luctas politicas que se haviam travado, o seu desejo era voltar para a França. Pediu licença para se retirar, e concederam-lh'a sem difficuldade. Aqui acaba a vida pública do Dr. Sanches. Desde então, até á edade de 84 annos, viveu no retiro, chegando a soffrer privações, porque a côrte da Russia se havia esquecido de quem lhe prestára tamanhos serviços. Finalmente veiu a occasião em que se recordaram do antigo medico do imperio, e a sua subsistencia foi assegurada por uma pensão annual de 1:000 robles. Quando o grão-duque das Russias, herdeiro da coróa, veiu a París, soube o Dr. Sanches, que este principe tencionava honra-lo com uma visita. Agradecido por esta attenção, quiz preveni-lo e o foi procurar, dandolhe, por essa occasião, não pequenas provas do muito que elle queria á Russia, segunda patria, em que tanto bem e tanto mal lhe haviam feito. Voltando a casa nunca mais saíu, e aos 14 d'outubro de 1783 soccumbiu aos abalos d'uma febre intermittente

Para conservar á posteridade a lembrança das suas raras virtudes, longo tempo admiradas na côrte da Russia, ordenou a imperatiz que as armas do Dr. Sanches fôssem decoradas com a lenda:

Non sibi, sed toti genitum se credere mundo.

Não creu que para si viera ao mundo,
Mas sim para util ser ao mundo todo.

Em algum dos seguintes numeros publicaremos a relação das obras escriptas por este sabio portuguez, durante a sua longa e trabalhosa carreira.

Portugal e as últimas occorrencias de Macáo.

(Conclusão.)

III.

Não cabe nos estreitos limites de um artigo commentar as reflexões do *Parecer*, que todavia os factos tem vindo comprovar com toda a sua incontrastavel eloquencia; sendo certo que, a despeito dos esforços e louvaveis diligencias de algumas authoridades e cidadãos de Macáo, a situação d'este estabelecimento se ía tornando cada vez mais precaria e difficil, pelas exigencias repetidas, e dependencia, quasi absoluta, em que se achava, das authoridades do imperio da China.

Esta dependencia já nos havia trazido graves complicações com o governo inglez, em 1839, e, em geral, causava os maiores embaraços, assim nas relações civís e politicas, como nas relações commerciaes do estabelecimento.

O abandono *indisculpavel* em que o governo da metropole tem deixado todas as possessões, abandono cujas consequencias devem de ser tão fataes: a ausencia de uma fôrça naval sufficiente, a fim de fazer respeitar a dignidade da bandeira portugueza, e que alli se faz sentir mais energicamente, pelas peculiares circumstancias da colonia, aggravavam cada dia a sua situação, além d'isto reduzida á última estremidade, em consequencia de leis disparatadas e pessimamente concebidas, que tem anniquilado a importancia de Macáo, destruindo o seu commercio, já abalado pelo estabelecimento dos inglezes no imperio *celestial*.

Não nos pertence, nem poderiamos, ainda que o pretendessemos fazer, á mingua de esclarecimentos, analysar todos os actos do infeliz governador Amaral; é incontestavel, porém, que elle tentou, com uma energia incrivel, e que alguem alcunhará de imprudencia, tirar aquella possessão portugueza do dominio dos mandarins da provincia, fazendo d'este modo respeitar a dignidade, e os direitos que Portugal tem áquelle pequeno territorio.

Foi esta a causa da sua morte atroz, perpetrada cobardemente por subditos do imperio, fiados na connivencia, e, porventura, na approvação das respectivas authoridades.

Logo depois da morte do governador, installou-se um governo provisorio, na fórma das leis, que regulam este objecto.

Apraz-nos confessar que todas as provisões emanadas d'este governo provisorio, bem como todos os documentos e notas, que tem apparecido na folha official, respiram o mais acrisolado patriotismo, prudencia e energia, raras em tão calamitosa quadra.

Póde-se esperar que as authoridades chinezas dêem condigna satisfação de similhante attentado, que foi, indubitavelmente, uma provocação directa, em ordem a lançar-nos fóra daquelle paîz?

Os factos parecem mostrar o contrário — segundo vemos das respostas dos mandarins ás reclamações do governo de Macáo.

Deveremos soffrer similhante affronta impunemente, affronta mais repugnante ainda em presença de uma serie não interrompida de gloriosas tradições?

Travaremos guerra com o imperio da China, e neste caso serão sufficientes a fôrça que existe em Macáo, e o patriotismo e dedicação dos seus habitantes?

Serão mesmo bastantes os soccorros enviados, segundo consta, do Estado da India?

Deveremos e poderemos contar com o apoio e protecção decidida das potencias européas, que têm representantes em Macáo?

Teremos de receiar a *intervenção* da *nossa mais antiga e fiel alliada*, que tantas vezes tem sido fatal para nós?

Macáo, á hora em que escrevemos, ameaçada pelas fôrças de um grande imperio, e pela ambição *não menos temivel* de uma *perigosa alliada*, está talvez em risco de perder-se inteiramente para Portugal, e com ella o padrão de tão gloriosos feitos, e o preço de tanto e tão generoso sangue.

Os cafres, na Africa oriental, atacam os nossos presidios, matam, roubam, insultam, queimam, destroem quanto encontram — e parecemos cegos, nem consideremos que a perda das nossas possessões, tirando-nos um dos maiores e preciosos recursos com que poderiamos contar, importa a perda dessa posição que ainda occupâmos entre os estados da Europa, e porventura a perda da nossa nacionalidade!

Attentem bem!

Erros sôbre erros hão reduzido a maxima e melhor parte das nossas possessões d'ultramar a uma nullidade quasi absoluta!

E quaes são as providencias que se tem tomado para evitar este grande desastre?

Temos — todo o portuguez tem o direito de o perguntar.

Oxalá que estas poucas linhas consigam despertar a attenção de todos, voltando-a para um objecto, que tanto importa á honra, como ao futuro desta desgraçada nação!

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Considerações ácêrca do projecto de lei do sr. deputado Assis de Carvalho

EM QUE SE TRATA DE FUNDAR UM INSTITUTO AGRONOMICO.

(Conclusão.)

Tencionâmos brevemente publicar uma conta do estado de número e perfeição dos nossos gados; por ella se verá toda a grandeza do nosso atraso neste objecto de riqueza geral; em quanto, porém, enceleirâmos os materiaes, assentemos nesta triste verdade, geral, mas vagamente sentida = *não temos gados sufficientes, nem para trabalho, nem para consumo, nem para especulação de productos; e os que temos, em adiantada degeneração, mal correspondem aos fins a que se destinam.* = Quanto ao número, sabe-se que os muitos gados vem das muitas forragens, estas do sabio e bem combinado giro das culturas; este da reforma dos nossos chavões, cereaes e vinha; e a reforma, entre outras medidas da instrucção dos lavradores: logo, se a eschola que o projecto compõe accende o primeiro facho da instrucção agricola, remedio ahi começa áquelle mal. Quanto á perfeição das raças, os conhecimentos ainda primeiro que tudo; de pouco serviriam os estimulos e a protecção, se os proprietarios, tendo aliàs os melhores desejos de sobresair, ignorarem os preceitos do apuramento — as qualidades em que peccam os seus animaes, para o fim a que se propõem chegar — e as que hão-de buscar para os corregir, ou para ampliar, seja por cruzamento, seja por emparelhamento.

O veterinario, que fez desta materia longo e regular estudo, é o tribunal competente, em que todas estas questões e dúvidas devem ser resolvidas; ora o projecto, admittindo no quadro dos estudos a zoonomia, indicando que estes estudos hão-de ser praticados na granja, sôbre os animaes de toda a especie, que alli deve, para estes e outros fins, o governo apresentar, porque entram como artigo de enxoval do estabelecimento, habilita com effeito o veterinario para esta elevada missão; mas, apezar de tudo isto, reconhecemos uma necessidade maior, que ha-de contrafazer e falsear os resultados que de similhantes experiencias se tirarem, e vem a ser = *a falta do conhecimento do paiz;* = e tão grave se nos figura ella, que não duvidámos estender-lhe a influencia ao proprio ensino agricola e parte medica da veterinaria.

Vejamos: — A sciencia é a mesma em todos os paizes, em quanto ás regras geraes; a sua applicação devendo, porém, subordinar-se ás necessidades várias, e a circumstancias que interessa conservar, ou que não convem anniquilar de repente, recebe em cada um certo caracter, um cunho *sui generis*, dependente já de transposição do methodo, já do uso mais frequente ou predilecto de umas cousas ao de outras, já emfim da admissão de novos inventos ou descobertas. Esta accommodação da sciencia, esta nova sciencia intermedia ao remedio e ao seu effeito, que faceia a primeira em tantas expressões distinctas, só póde ser colhida por meio da investigação prévia do estado e fins do objecto em que vae exercer a sua acção. As nossas raças carecem de apuro: eis o objecto; a sciencia geral da zootechnia ahi está nas lições da granja, na sua transmissão pelos educandos, ou pelo exemplo e brado de si mesmas a todo o reino: eis o remedio. Mas n'umas partes conviria, já pelo clima, pelas qualidades das raças, suas aptidões — já pelas necessidades do local industriaes, agricolas ou commerciaes, antes o emparelhamento, do que o cruzamento, e convindo este acudirá a favor de tal raça mais probabilidades de successo que de tal outra; isto supposto que já está determinada a especie que mais deve abundar, e o seu destino mais proveitoso, o que requer não menos quesitos previamente estudados e decididos. Ora é esta sciencia vernacula propriamente, que fallece na eschola; porque neste respeito, estudos feitos por homens capazes, não os ha, e uma ou outra notícia que apparece em alguns escriptos nossos, dada incompletamente por individuos que, ou a curiosidade ou a relação com a especialidade de seus estudos, levou a averiguar pela superficie, não póde merecer a confiança precisa para a arvorar em dogma. Talvez nos respondam, que os principios uma vez ensinados e demonstrados, pertence ao veterinario depois do exame do local em que se estabeleça, assentar no uso conducente que delles invoca, é verdade; mas não é melhor para elle proprio e para os seus fins, levar da eschola um programma fixo e sabido do estado de todo o reino; de ir seguro, pelo menos, do que deve observar; nesta ou naquella provincia, e antecipado no que deve aconselhar; que as dúvidas que se lhe podem offerecer, e que dariam azo ao desconceito do seu saber, lhe hajam na eschola sido destruidos?

Egual necessidade se fará sentir no ensino agricola; não é na curta área de uma granja-modelo que póde ensaiar-se a agricultura de um paiz inteiro; a diffusão das escholas regionaes e práticas suppriria esta falta, como suppre no systema Tourret, mas em virtude das nossas circumstancias pecuniarias, nós nada podemos esperar por este lado. É preciso, pois, que na eschola, ao mesmo tempo que se ensinam os methodos, se determine egualmente os que mais convem para as diversas provincias, para os diversos districtos, e mesmo para as diversas povoações; cada qual tem o seu genero de precisões, seus interesses — sua aptidão — suas condições, que lhe fazem preferir antes tal cultura, que tal outra, e não é indifferente descriminar tudo isto, a fim de que a applicação do arsenal agricola não seja uma metralha raza, imprudentemente dirigida.

Mas onde está o inventario geral do nosso estado agricola, que nos guie com segurança nesta applicação? O habitante do campo sente as precisões, mas não sabe remedia-las; o que conhece o remedio, nem sempre, nem a fundo, nem em tudo possue a consciencia daquellas; entre um e outro medeia espaço grande, resultante da falta de contacto de ambos; aproxima-los

com a mesma velocidade é impossivel; um ha-de ir ao encontro do outro; qual delles? O que fôr mais perigoso sem o outro; e este é sem dúvida o que tem a sciencia, mas sem a experiencia do uso della, sem o conhecimento da diversidade dos casos que impõe ao seu emprego circumspecção e tino. A sciencia da agricultura é como os medicamentos heroicos; assim como faz grande bem, póde produzir grande mal, se o discernimento e a prudencia não acompanham a confiança. O paiz é uma nova terra descoberta, e que se trata de colonisar, antes de tudo é preciso examina-la, explora-la para depois a cultivar. Confessâmos que ha pessoas que conhecem o reino, palmo a palmo, nas suas precisões, mas a sua sciencia é individual; e serão ellas as que poderão ou quererão encarregar-se do magisterio agricola? É o que nós não sabemos, e que cousa alguma nos afiança nesta terra, onde o cargo de professor é ingrata e parcamente subsidiado, e a sabedoria em uso exclusivo, um passaporte de miseria.

Ora eis-aqui o meio que nos parece bem util para salvar todas estas difficuldades. Sejam alguns dos professores da nova eschola commissionados para percorrer o reino, em epochas que menos precisos ou mais facilmente substituidos sejam nos affazeres do magisterio; incorpore-se-lhes alguns mancebos que tiverem o curso da Eschola Polytechnica, e incumba-se-lhes o estudo do paiz, que dividirão entre si, segundo as especialidades e vocações.

Forneça-lhes o governo todos os auxilios que forem mister, e amplos podêres para exigir documentos, noticias, esclarecimentos, statisticas, etc., e para consultar archivos, cartorios, livrarias, etc., e no fim do tempo fixado para estas excursões exija-se a cada commissionado um relatorio das suas observações e dos seus alvitres; sujeitem-se estes relatorios ao exame da melhor sociedade scientifica que ahi houver, e recompense o podêr, o merito, onde esta lh'o apontar.

Sejam estes relatorios, e as obras que escreverem seus auctores no mesmo objecto, impressas por conta do governo.

A experiencia adquirida por este modo, habilitaria os professores a não deixar lacunas no ensino, por satisfazer a ministrar esta com propriedade e feição ao paiz e os escriptores, a não caírem por falta de dados positivos em tantos erros. Sabemos que o expediente não está em uso, commissões scientificas é cousa pueril entre nós; mas se se mandam aos reinos estrangeiros instruir e aperfeiçoar alumnos e lentes, porque não ha-de fazer-se outro tanto a respeito da sciencia do paiz, que é para nós mais ignorada nas cousas de ponderação, do que a estrangeira nas suas meudezas e até frivolidades.

Commissões desta natureza, nas quaes os professores deveriam alternar uns com os outros em ordem a que todas as disciplinas aproveitassem, teriam ainda a vantagem de fazer conhecer e estudar muitas das enfermidades dos gados, que é impossivel ver na capital; muitos dos desregramentos da hygiene que as desafiam; algumas emfim das práticas de curativo, sanccionadas por longa experiencia, preferiveis por isso ás que bem que mais racionaes, não tenham comtudo o mesmo fiador.

Concluimos as nossas considerações ácêrca do projecto do sr. Assis, invocando a seu respeito a protecção do governo e o bom senso das camaras, pois nas suas mãos está a sorte de um elemento de geral conveniencia; attentem bem nas palavras do Parecer n.º 39 da commissão de instrucção pública, sôbre o referido projecto, e nellas se achará estampada a decisão que convem dar-lhe; ellas resumem uma larga discussão, e proferem-as caracteres tão illustres, que não reconhecemos motivos estranhos, por mais poderosos, capazes de affrontar a sua authoridade.

«Se fôra necessario demonstrar a utilidade e necessidade de uma instituição daquelle genero, em um paiz essencialmente agricola, e até agora privado de escholas práticas da sciencia, que anima a primeira das industrias, o relatorio que acompanha o projecto, e que a commissão adopta como seu, fôra sobrada demonstração.

«Reunir á Eschola Veterinaria existente, uma das escholas agronomicas, authorisadas por decreto de 20 de setembro de 1844 é um pensamento fecundo, e a realisação mais proficua da idéa consignada no citado decreto. Ramos do mesmo tronco, os dois generos de instrucção, é de esperar que, por um natural consorcio, vão servir de alento á cultura da terra, á creação, conservação e melhoramento dos gados.»

Dezembro 21 de 1849.

J. I. Ferreira Lapa,

Lente da Eschola Veterinaria.

ROMANCE.

Peccadora.

XIII.

(Continuação.)

—«Historias! disse elle, pouco resolvido a dar-me credito.

«Ora eu tinha dois saquinhos de luizes, que trazia pendurados ao pescoço, e mettidos para os sovacos dos braços. Dei-os ao Larigo, que logo me entregou, em cambio, a lima de Birmingham.

«No dia seguinte fomos escolhidos para ir ao outro lado do ancoradouro, buscar uma porção de polvora.

—«*Tu nasceste empellicado, maganão!*—disse-me o Larigo ao embarcar na lancha.—Daqui a duas horas temos uma cerração pela prôa, que se não vê ninguem. Fiz um pessimo negocio!

«Eramos quinze *pares* de forçados na fragil embarcação; para nos vigiar ía um só guarda, porque o seu camarada não comparecêra á hora designada. Assim que começámos a vogar declarou o Larigo, com toda a lealdade, aos *nossos collegas*, que me cedêra o *seu dia*. Communicou-se a cousa em muito segredo; e com tanta cautella passaram palavra uns aos outros, que nem Keravel deu por tal. Pois o Keravel era sugeitinho que tinha o ouvido bem apurado, e a mão bem leve!... por qualquer palhetada ía logo ás do cabo!...»—Então em que vae a pensar, Robertina?

A baroneza, cujo olhar percorria toda a sala, virou-

se para Rembrés, como faz uma creança, se o mestre a apanha distrahida. Rembrés proseguiu :

— «..... Aquelle demonio do Larigo não se enganára. Ainda bem não teriamos vogado duas leguas, começa a caír o nevoeiro... Lembra-se daquelles nossos grandes nevoeiros brabantinos?... Ficam a perder de vista dos da Bretanha! Faça idéa — estendendo-se o braço não se viam os dedos da mão!... A esse tempo já a minha cadêa estava limada, no que muito me ajudára Larigo... Fez-se depois um pequeno motim... cousa insignificante... Keravel soltou um gritosinho sumido... Acabavam de o afogar!...»

— É possivel! exclamou Robertina, que recuou aterrada.

— Estão alli duas senhoras a cumprimenta-la, disse Claudio. Veja se lhe mostra uma cara menos enfastiada.

A baroneza fez um esfôrço para conter-se, cortejou ao acaso, e disse :

— Sr. Claudio, pelo amor de Deos, deixe-me... Depois me dirá... agora não posso...

— Não póde, porque? porque mataram um insignificante guarda?... Deixe-se disso... não seja tão prodiga de sensibilidade!... Demais, não fui eu que o afoguei, foram os *meus collegas*... O que fiz sómente foi ajudar os outros a despi-lo, para eu me servir do fato delle!...

Robertina instinctivamente procurou soltar o seu braço do braço do ex-banqueiro.

— Tem alguma cousa? perguntou este. Socegue; esta casaca não pertencia ao guarda!... Vamos : basta de creancisses! Eu sei que é mulher forte... Ah! minha querida, é admiravel a lealdade que sabem guardar entre si os forçados das galés!... Sabe o que elles fizeram, em quanto eu estive a vestir-me?... Devo confessar que todos tinham muita *asca* ao Keravel; mas emfim o que fizeram foi em meu obsequio, principalmente... Pois desfiguravam-no com a propria espada; e pozeram-lhe a cara, que parecia toda ella uma grande chaga, realmente medonha de ver!

— Senhor! murmurou Robertina — por tudo quanto ha lhe peço que me poupe.

Claudio olhou para a baroneza, como quem estava muito admirado.

— Ainda quer que a poupe mais? Eu não fallei nem no sangue que escorria para o peito descoberto do cadaver, nem das extravagantes figuras, que os *meus collegas* lhe desenharam na pelle com a ponta da espada.

Robertina vergou. — Não era tanto talvez o horror daquella descripção o que a anciava, como a idéa de ir pelo braço do principal actor daquella scena terrivel.

A pobre senhora imaginava que todos os olhares convergiam para ella. Parecia-lhe que todos adivinhavam as palavras de Claudio; ou que no seu indiscreto semblante se lhe debuxava a causa da sua incrivel tortura.

A sua afflicção tornou-se tão visivel, que certo se faria reparada de todos, se a orchestra lhe não acudisse a tempo. Com effeito, começavam de reboar pela sala as alegres notas de uma brilhante quadrilha; a estes magicos sons desfizeram-se os grupos de homens, formaram-se novos pares, e em breve o prazer absorvia o pensamento, ou a attenção de todos.

Claudio e Robertina assentaram-se de novo, e em quanto os outros folgavam e riam, Rembrès, o implacavel Rembrès, proseguia na sua narração; e cada uma das suas palavras avivava mais atrozmente a larga ferida que fizera no coração de Robertina.

E todavia o ex-banqueiro não tinha realmente a apparencia de um algoz. Parecia antes um tio, contando a sua sobrinha distrahida, alguma historieta, cheia de pilheria sim, mas muito comprida. Fallava em assassinio, e em sangue, e nas sevicias praticadas sôbre um cadaver, e comtudo as feições conservavam-se-lhe suavemente dilatadas, de sorte que, quem de longe o via, sorria-se, dizendo :

— É um bom homem, aquelle!...

— Ah! disse Claudio, são excellentes estas cadeiras... baroneza... Como sabe bem repoltrear-se a gente nestas almofadas de pennas, quando se está a fallar de cadêas limadas, e de lanchas de forçados a vogar na enseada de Brest!... Vesti, pois, como ía dizendo, o fato do guarda. Em compensação enfiamos-lhe na perna o meu ánnel limado... não póde fazer idéa de quanto isto nos custou!... mas entretanto trabalhou-se, e fez-se, porque convinha assim... quando o corpo fôsse parar á praia haviam de cuidar que era o meu... Faltava-lhe ainda uma cousa; era a *marca*, que eu trago no hombro; mas com uma cutilada desfez-se a difficuldade... uma pollegada abaixo da epiderme ninguem é capaz de distinguir o hombro de um forçado do de um rei...

— Que é isso, baroneza...? Já vejo que sei usar o estylo dramatico... Em tão pouco tempo tem córado... e empallidecido... e fechado os olhos... pondo-os depois em alvo!... não imaginava que fizesse tanto effeito!

— Larigo travou do guarda por uma perna, eu pela outra, e atirámos o corpo á agua... Como se chama aquelle moço que está a dançar com a menina d'Osser?...

Robertina não teve fôrça de responder-lhe. A sua grande energia moral, abalada pela doença, e pela afflicção íntima dos dias precedentes, vergava ante aquelle supplicio sem nome.

— Eu o saberei do meu amigo o sr. barão, tornou Claudio sem se alterar. — Seja quem fôr, porém, é um bello cavalheiro, sendo já esta a quarta vez que dança com a sua formosa cunhada... Respire o seu vidrinho de espirito... E vamos a acabar a historia que vae quasi no fim.

— «Já começava a adelgaçar a nebrina. Deitei-me ao mar... Creio que *os meus collegas* tentaram tambem limar os seus ferros; mas os navios de guerra demoravam perto, e a cerração desfez-se. Demais, elles não podiam fugir vestidos daquella maneira, e como na lancha não ía mais guarda algum... creio que me entende!...

— Eu a esse tempo havia-me escondido n'um *corpo morto*... Não se assuste, sem mais nem mais; a sua commoção não vem a proposito para o caso... Os *corpos mortos*, a que me refiro, são *cascos velhos*, em que se arrecadam ancoras e amarras etc. de sobrecellente... Ah! ah! ah! ainda me lembro de ouvir de dentro de um delles, os tiros que annunciavam a minha fuga... E não fiquei lá muito contente com o signal! Era já noite bem cerrada quando saí do *corpo morto*, em direcção á visinha costa.

— Está menos incommodada, minha rica!... Sim... ainda bem!... Fazia um frio de rachar, que me repassava os ossos. Cheguei meio morto a uma baíasita aparcelada na costa de Plougastel. Estava salvo. Faltava-me apenas escapar ás pesquizas dos bons dos habitantes daquella costa, que com a mira no interesse, passam noites *em claro*, a vêr se apanham algum forçado fugido...

— «Mas eu sei melhor luctar com os homens do que com o mar.»

— E acabou-se a historia; que eu não quero referir-lhe a minha viagem em terra firme; não vale a pena!... Appareceu o corpo do guarda, a que fizeram a distincção de confundir com o meu proprio corpo... que, graças a Deos, nunca esteve tão são e escorreito... Attribuiram os golpes que tinha aos rochedos da costa; e agora estou realmente morto para a policia, e para as *galés*... vivo sómente, para minha... mulher!

Estas últimas palavras foram pronunciadas com um modo ironico; depois o ex-banqueiro beijou a mão da baroneza, ergueu-se, e proseguiu:

— Eis-aqui, pois, como a Providencia lhe salvou um marido, com que não contava de certo... e eis-aqui como, na occasião em que me julgava perdido para sempre, veiu encontrar-me miraculosamente... É uma *ventura* esta que a constrange, talvez, nas suas novas relações; e por isso tomei as cautellas que sabe... Agora, vou deixal-a folgar um pouco, para que depois esteja em estado de prestar-me attenção a respeito de certas cousas que tenho a dizer-lhe. Até logo, baroneza!

E affastou-se, com as mãos cruzadas nas costas, passeando pela sala, com aquelle seu semblante aberto, e innocente sorriso nos labios.

Assim que aquelle homem partiu, Robertina ergueu-se, como uma mola de puro aço, alliviada de um pêzo enorme, que a assoberbava, respirou longamente, procurando na atmosphera embalsamada do baile, antidoto contra o repellente odor de crime, e de lodo, e de sangue, que a narração do forçado derramára em tôrno della. Os seus olhos, ante os quaes como que acabava de representar-se-lhe as horrendas caras dos assassinos, encarniçados contra a sua victima mutilada, foi-os repousar docemente nos viçosos semblantes de tantas jovens, illuminados, assim pelo clarão resplandecente dos lustres, como pelo reflexo de íntimo prazer. Parecia-lhe que vinha do inferno, para o mundo real.

E o seu esfôrço, como encontrasse este ponto de apoio, retomou a propria elasticidade. Padecia ainda; nem a illudia aquelle momento de descanço que se lhe concedêra como uma esmola, mas nelle hauria fôrças para soffrer melhor o golpe que previa.

O Rembrès não dissera o que pretendia. Que lhe pediria elle!

(Continúa.)

Os archivos de Veneza.

Nenhuma das grandes capitaes da Europa offerece uma quantidade de documentos tão grande, e de tanto valor, como a que existe no palacio dos archivos em Veneza. Compõe-se este estabelecimento de 298 salas, corredores, salões, cujas paredes se acham guarnecidas d'estantes. Se fôsse possivel colloca-las todas alinhadas, formariam uma estante com 77:238 pés de comprimento, ou 14 milhas geographicas. Apezar desta immensa quantidade de estantes, é pequeno ainda o espaço para conter os 8,664:709 cadernos, etc., que formam a totalidade dos documentos. Estes oito milhões e meio de volumes pertencem a 1:890 archivos differentes. Mil escreventes, que trabalhassem oito horas por dia, sem interrupção, não empregariam menos de 735 annos, ou 22 gerações, para copiarem todos os documentos d'estes archivos.

POESIA.

Porque amo o inverno.

(NO ALBUM DO MEU AMIGO C. DE C. N.)

I.

Sentemo'-nos aqui... sôbre estas pedras.
Sentemo'-nos aqui. Na face d'alma,
Como n'agua s'espelha o céu co' as nuvens,
Se me imprima este dó, se estampe o quadro,
Que o inverno assellou. Banhe o meu canto
O desconfôrto, a dôr, que mana em lagrimas
Da natureza pallida. — O crepusculo
Vem quasi a desdobrar seus véus de fumo
Pelas baixas do valle; já na serra,
No mais alto da serra, mal branqueja
Um reflexo do sol sem luz, nem vida!
Gelada a viração, açoita as galhas
Descarnadas da matta; envolto em lodo,
O ribeiro retalha o chão juncado
De resequida folha... As rezes bálam
Pela charneca triste; e, ao longe, o sino
Toca n'aldêa, ai! dobra em sons de morte!

II.

Eu gôsto tanto do inverno!...
Imprimiu-lhe a mão do Eterno
A feição
Da ruina e da grandeza!

Quando o vento a terra abala,
Quando sôbre a terra estala
O trovão...
É sublime a natureza.

D'estes musgos a verdura,
Da madre-silva a frescura...,
Onde estão?
Que é das sombras da deveza?

O musgo... torna-se pallido
Deixa ver no tronco esqualido
O padrão
Do destroço e da aspereza.

Da madre-silva só resta
Um despojo, que ainda attesta,
Do tufão
A desabrida fereza.

Pelas ramas do carvalho
Pende, em vez de folha, o orvalho,
Qual brazão
De seus prantos de tristeza!

Mas... oh! que importa isso tudo?
Eu gósto do quadro mudo,
Da estação
Da ruina e da grandeza!

III.

É mais bello o horisonte, quando o toldam
Cortinados de trévas; quando o rasgam
Gumes d'enxofre vivo, que esses plainos
D'azul sem-fim, sem-fim... que a vista cançam!
O mar é mais sublime acceso em furias,
Vomitando escarceos, sorvendo, aos tragos,
A galera, o batel, a prancha, o nauta...
Que adormecido em lago de saphyra!
É mais solemne o vento, que esvoaça
Pelas fisgas da brenha, que assovia
Nas setteiras da torre, que revolve
Pelo deserto as urzes... do que o sôpro
Da branda viração, que se espreguiça
No seio dos rozaes, em beijo ameno!

IV.

Tem viços a primavera;
Com seus perfumes tempera
O limpido anil da esphera,
Sempre d'esp'rança a sorrir:
É como a vida, na infancia,
Que foge sem dôr, nem ancia...
Doce arroio de fragrancia,
Que o fel não póde tingir.

Tem rubras chammas o estio,
Dos rouxinoes tem o pio
Sôbre os salgueiros do rio,
Da lua tem o fulgor...
É como, na adolescencia,
A nossa maga existencia
Fascinada pela ardencia
D'um louco e sedento amor!

Tem loiros fructos o outono,
Em que se enleva o colono;
Nas eiras se espalha o somno
Co' os trabalhos do serão:
É como a vida madura,
Já sem *sonhos* de ventura,
Que só lida na cultura
Dos desertos... da ambição!

Mas o inverno... só tem lucto!
Bosque, prado, flor e bruto
Todos lhe pagam tributo,
Dobra-lhe tudo a cerviz.
É como o termo da vida,
Que, na fatal despedida,
Traz a fronte, ao chão pendida,
Que o sepulchro lhe prediz!

V.

Eu acato a velhice, eu amo o inverno.
Dos gelos e das cans surge a sentença
À vaidade fallaz: *Tudo é phantastico!*
Mas se o sceptro de Deos, crestando a seiva
Ao terrestre esplendor lhe mostra o *nada*,
Lh'o dá por mausoléu, onde se extinga,
Quando o homem derruba, o céu lhe aponta
E, por patria, lh'o dá, onde renasça!

A. P. da Cunha.

O rei doido.

(imitado do allemão, de lebret.)

À beira das ondas em praia sombria
Granitica torre nos céus topetava;
Lá dentro sem throno, sem sceptro vivia
Um doido que a fronte nas mãos apertava.

Cerravam-se os dias, erguia-se a lua,
Toldava-lhe as noites um véu de tristeza,
A c'rôa perdida, já d'outro, não sua,
Lembrava-lhe em sonhos perdida realeza.

O sol renascia brilhante e dourado,
Diadema formoso do fundo das aguas,
Julgava-se o louco n'um throno assentado;
Desfeitos os sonhos, dobravam-se as maguas.

O mar certa noite rugindo, roncando
Arroja-se ás praias accêso em furor,
Os raios por cima da torre estalando
Nas ondas espargem medonho fulgor.

Levanta-se em furias, ao mar faz aceno,
Julgando revólta, que os povos tramaram;
«Parae, ó traidores!» exclama «eu ordeno!»
E as ondas mais rijas a torre açoutaram.

Redobram as iras «detem-te» dizia,
«Detem-te, meu povo, que eu vou-te esmagar!»
Depois... arrojou-se no mar que fervia,
E foi-se nas aguas o louco afogar!

A. X. R. Cordeiro

Theatro de S. Carlos.

O theatro de S. Carlos esteve bastante concorrido na noite do beneficio do sr. Baldanza. A *Linda* foi a opera escolhida, e muito bem; porque é a que mais tem ultimamente agradado, assim pela belleza da musica, como pelo seu, quasi geral, bom desempenho. Em um

dos intervallos o beneficiado cantou uma aria da *Rainha de Chypre*, e n'outro cantou com o sr. Fiori o famoso dueto do *Ottelo*, cuja valente execução grangeou, aos dois artistas, prolongados applausos do público, que pediu e obteve a repetição da *cabaleta*.

A respeito de dança, nada tem apparecido ultimamente que mereça mencionar-se. O *bailado de beduinos*, e a *Stirienne* fizeram *fiasco*, como sempre o hão-de fazer composições tão vulgares e faltas de gôsto. Temos, por conseguinte, estado quasi reduzidos a ver alguns *passos a dois*, que apezar dos esforços dos dançantes, nem sempre tem escapado ás pateadas. O público ama a variedade; está aborrecido de ver sempre os mesmos *entrechats*; e se não tratarem de o satisfazer, como tem direito a exigir, é provavel que continue, como até aqui, a mostrar-se hostil. Veremos se as quatro andaluzas ultimamente chegadas, e que já ámanhã esperâmos ver em scena, tornam mais florescentes, em S. Carlos, os dominios de Terpsichore.

Na noite de 4 do proximo mez de fevereiro, terá logar o beneficio do 1.º baritono Caetano Fiori, com a engraçada e já conhecida opera *L'Elisir d'amore*, encarregando-se o beneficiado da parte de *Dulcamara*, que, segundo nos consta, já por elle foi desempenhada em Italia, debaixo da direcção do proprio Donizetti, obtendo os applausos do insigne *maestro*. O público, que tanta estima e apreço tem mostrado pelo dito artista, é de crer que, na referida noite, lhe dê novas provas da sua sympathia, indo ver ao mesmo tempo se, quem com tanta perfeição desempenhou *Macbeth* e *Foscari*, é capaz de interpretar, com egual fortuna, o chistoso papel do empirico *Dulcamara*.

NOTICIAS SCIENTIFICAS E INDUSTRIAES.

Analyse da agua das Caldas da Rainha pelo sr. Julio Pimentel.—Introducção á historia natural pelo sr. Latino Coelho.

A memoria que o Sr. Pimentel, lente da Escóla Polytechnica, offereceu á Academia das Sciencias divide-se naturalmente em três partes. A primeira é uma introducção em que o auctor recapitula as observações e analyses anteriormente feitas sôbre as aguas das Caldas da Rainha. A segunda comprehende a historia e discripção do estabelecimento de banhos. A terceira encerra a noticia minuciosa e fiel dos ensaios feitos na localidade, e da analyse verificada no laboratorio, segundo todas as regras estabelecidas hoje para esta especie de trabalhos.

Intelligencia elevada, o sr. Pimentel tem toda a modestia do verdadeiro talento, e toda a franqueza de quem deseja sinceramente acertar. O seu trabalho, util pelos resultados que apresenta, não o é menos como guia para observadores menos experientes, que desejem encarregar-se de egual serviço. Escrevendo fielmente o que fez, honrou o paiz com uma obra, que ha de servir de base ás futuras analyses, e que merece os louvores de quantos sabem o que vale uma analyse bem feita.

Outro lente da Escola Polytechnica, o sr. Latino Coelho, tambem publicou um trabalho scientifico de bastante importancia. É a segunda edição do *Curso de Introducção á Historia Natural*, publicado pela primeira vez nas columnas da *Revista Popular*. Esta obra, de immensa vantagem para os alumnos da Escóla Polytechnica, é já conhecida pelos leitores da *Revista*. O sr. Latino Coelho fez um grande serviço em consagrar algum tempo á redacção de um livrinho, que por ser escripto elegantemente e com clareza, póde servir a todos os que desejem ter, sem grande custo, algumas noções de sciencias naturaes. Cedo teremos occasião de annunciar outros trabalhos que o sr. Latino Coelho está redigindo, e que brevemente se publicarão nos *Cem Tratados*.

BIBLIOGRAPHIA.

Jornal da sociedade Pharmaceutica Luzitana.

Publicar-se-ha brevemente o 1.º folheto da 2.ª serie d'este periodico, que contém artigos sôbre *Saude pública*, *Pharmacia*, *Physica*, *Chimica*, *Historia Natural*, ect.

A subscripção e venda d'este periodico são feitas em Lisboa na botica do sr. Anacleto Antonio Rodrigues d'Oliveira, rua dos Retrozeiros n.º 46; e no Porto, na do sr. Antonio de Sousa Dias, Passeio da Cordoaria n.º 6. Os preços são: — Por cada tomo da 1.ª serie — 1$920; por cada folheto avulso do 1.º ao 4.º tomo, inclusivé — 200 réis; idem do 5.º tomo da 2.ª serie 1$000; pelo 1.º tomo da 2.ª serie — 1$440; por cada folheto avulso — 160 réis.

A correspondencia deve ser toda dirigida, franca de porte, ao sr. José Dyonizio Corrêa, rua direita de S. Lazaro n.º 114, 2.º andar.

Breve noticia sôbre a utilidade dos banhos de vapôr

PELO DOUTOR J. R. R. NILO.

Esta obra é muito curiosa, não só pelas noções historicas que contém, como pela exposição de numerosas molestias curadas por banhos de vapôr. É tambem de grande utilidade, pelos conselhos salutares que nella acharão as pessoas que tomam banhos de mar, e as que frequentam as grandes reuniões.

Vende-se na loja de Silva, no Rocio, n.º 82, e no estabelecimento de banhos — rua do Principe, n.º 32. Preço 40 réis.

PROBLEMA.

Achando-se reunidas seis pessoas, que deviam jantar juntas, hesitou-se na distribuição dos logares. Uma dellas, para terminar questões, propoz que se collocassem em qualquer ordem, e que continuassem a jantar juntas, todos os dias, até que se houvessem exgotado todas as possiveis combinações de logares. Quantos dias são necessarios para que isto aconteça?

EXPLICAÇÃO DO NÚMERO ANTECEDENTE:

Charada — Bussola.



Narvaez, duque de Valencia.



Lord Palmerston.

Tendo mandado gravar, para este número, uma estampa difficil, que o gravador não póde ainda promptificar, lançámos mão de duas gravuras hespanholas, que teve a bondade de nos enviar, ha tempos, o sr. D. Angel de los Rios.

Lastimâmos sinceramente que o governo se não tenha resolvido a estabelecer na Imprensa Nacional uma eschola de gravura, que sería utilissima para o estabelecimento e para o público.

Os dois homens, cujos são os retratos que hoje publicâmos, collocados nos mais eminentes cargos do estado, dirigem actualmente os destinos de duas poderosas nações da Europa.

N'um jornal, como a *Revista*, apenas se podem consignar alguns factos notaveis da vida de cada um. A posição que occupâmos na imprensa, affastando-nos completamente da politica, apenas nos dá liberdade para citar esses factos, sôbre os quaes não devemos emittir opinião.

A biographia de D. Ramon Maria Narvaez, duque de Valencia, não póde traçar-se em poucas linhas — dirigindo os destinos de uma nação, que, levantando-se do abatimento em que jazia, parece destinada a representar um importante papel na Europa, e dirigindo-os, em circumstancias tão difficeis, Narvaez tem grangeado bastantes admiradores e não poucos inimigos, que, principalmente lhe notam a sua versatilidade politica. Com effeito, em 1820, fazendo alarde de liberalismo exaltado, combateu nas fileiras da milicia nacional, a 7 de junho; a guerra civil valeu-lhe para obter o posto de general; depois procurou organisar um exército de reserva, com o qual marchou inesperadamente sôbre Madrid; emigrou para París, e de lá volveu com muitos elementos para dar impulso a uma revolução; concorreu poderosamente para que Espartero, duque de Victoria, fôsse derribado do podêr; desde então, na qualidade de primeiro ministro de Isabel II, tem sustentado em Hespanha os principios conservadores, forcejando por desenvolver os melhoramentos materiaes naquelle paíz, que aliàs deve bastante á sua energia, feição dominante de seu caracter, e que os seus proprios inimigos confessam possuir elle em alto gráu.

No dia 30 de novembro proximo passado, o general O'Donel, conde de Lucena, director geral da infanteria, achando-se reunidos os corpos da mesma arma, que guarnecem a côrte, entregou ao duque de Valencia um magnifico sabre, de que lhe fez presente a infanteria hespanhola.

Lord Henrique João Temple, visconde de Palmerston, nasceu em 10 d'outubro de 1784. Dos seus primeiros annos pouco se sabe. Dizem alguns que, por ter sido muito estimado das damas, lhe deram, por muito tempo, o nome de *Cupido*. Começou os seus estudos no collegio aristocratico de Harraw com Peel, Byron, e outros jovens distinctos. Dalli passou á universidade de Edimburgo, e depois á de Cambridge: em 1805 tomou assento na camara dos communs; desempenhou depois as funcções de ministro da guerra, até que em 1828 se demittiu d'este cargo, engrossando as fileiras da opposição. Teve parte na questão belga, na quadrupla alliança, na suppressão do trafico da escravatura, nas conquistas da India, na abertura dos mercados da China, e tem mantido em bom estado os negocios públicos de Inglaterra, não obstante a desorganisação da fazenda, a enormidade da sua divida, a divisão dos partidos, e o triste estado da Irlanda.

Não nos cabe apreciar a politica de lord Palmerston, nem mesmo os contemporaneos o podem talvez fazer, livres de toda a especie de influencias: é certo, porém, ser lord Palmestron homem de superior capacidade, que tem conseguido sustentar a Grã-Bretanha na posição que occupa no universo, como primeira potencia maritima e commercial.

ROMANCE.

—

Peccadora.

XIII.

(Continuação.)

Robertina levantou-se tambem, continuando com interesse no exercicio das suas funcções de dona da casa, longamente abandonadas. A sua actividade pareceu dar á festa um novo impulso de calor e de alegria, expellindo diante de si toda a idéa de desgôsto com o seu delicioso sorrir.

N'um dos momentos em que percorria a sala, dirigindo, a uns e outros, nobres e espirituosas palavras, encontrou-se com o barão.

—O baile é um remedio maravilhoso, disse-lhe o barão; ninguem, ao ver-te tão alegre e risonha, dirá que ainda esta manhã estavas tão doente...

—Oh!... tenho-me divertido muito, respondeu Robertina.

—Se me não enganei, accrescentou o barão, a medo, parece-me que estiveste largamente conversando com o sr. Claudio... com o meu parente. Como o achas?

—Acho que é um homem... muito amavel.

—Parece-me que és indulgente com elle.

—Oh! respondeu a baroneza com um suspiro, não é elle de certo que carece da minha indulgencia.

Chamaram então, de uma banca de jogo, o barão. Robertina ficou sósinha. Havia uma hora que não via Rembrés.

E empregava incriveis esforços por affastar do seu ânimo o pensamento daquelle homem, porque esse pensamento anniquilava-a, quebrava-lhe as fôrças antes mesmo do combate. E tão habilmente disfarçava o que lhe ia n'alma, que nunca ninguem a havia admirado tão bella como naquella noite.

Quando, por vezes, a solidão a surprehendia, procurava com os olhos Florencia, que amava com tão viva e sincera ternura; e folgava de a ver risonha e feliz. Era uma especie de consolação para a baroneza, esta, e sentia aquella alegria intima de uma mãe, ao contemplar a felicidade de sua filha.

Porque Florencia era para ella mais que uma irmã querida. Robertina amava-a como sua irmã, e como sua filha.

Terminára a contradança. Luciano havia-se separado de Florencia, bem contra vontade, de certo, e para não levar a sua assiduidade além dos limites marcados pelo uso, tyranno venerado nas nossas salas. Mas ainda que longe um do outro, materialmente, podia-se dizer que os dois jovens não tinham deixado de estar juntos. Os olhos fallavam—e que eloquentes cousas diziam!

Robertina contemplava aquella scena silenciosa. E porventura alguma penosa recordação lhe acudiu ao espirito, porque duas grossas lagrimas lhe apontaram ás curvas palpebras.

—Oh! meu Deos, murmurou ella; eu tambem já fui feliz assim!...

Depois accrescentou:

—Oxalá que a felicidade, para aquella, seja duradoura!

—É admiravel como os nossos pensamentos se combinam, disse a seu lado a voz de Rembrés. Estava agora mesmo a imaginar o meio de realisar os seus desejos.

Robertina, ao ouvir aquella voz, recuou instinctivamente, como se temesse o contacto de um reptil venenoso.

—Sr. Claudio, respondeu ella, disfarçando, o melhor que póde, aquelle movimento;—realmente não o percebo.

—Pois não fallava na felicidade da menina d'Osser?

—Com effeito, era isso o que eu pensava.

—E eu tambem... acudiu Remdrés; mas já achou o meio de a tornar feliz?

—Senhor...

—Não achou?... confesse!...

E contemplou um momento Robertina, de revés, com aquelle ar, meio finorio, meio sincero, d'um pae d'aldêa, que martyrisa a filha antes de lhe entregar o presente que lhe trouxe da cidade.

Depois, tornou-se serio, e cravou o seu olhar penetrante em Robertina, que cerrou os olhos, anceada e a tremer.

—Pois achei-o eu, replicou Claudio, em voz baixa, mas firme: aquella formosa menina precisa casar... e tem em mim um excellente marido.

XIV.

IMPOSSIVEL!

Robertina ergueu os olhos para o ex-banqueiro, quando elle fez esta extravagante proposta. Parecia que procurava ler-lhe nas feições um desmentido ás palavras que acabava de ouvir-lhe. Mas as feições de Rembrés nada mais exprimiam que uma perfeita impassibilidade e segurança.

—O senhor!... disse a final a baroneza... o senhor casar com Florencia!...

—E porque não, minha rica?... a senhora casou com o irmão!...

—É possivel que falle seriamente!...

—Fallo serio, e muito serio!... Minha mulher póde casar com o barão d'Osser, logo egual direito tenho eu para casar com a menina d'Osser!... A pequena é muito *passageira*... Tem cem mil francos de renda... parece-me que não é máu partido, na minha posição...

Robertina não cabia em si de surpreza.

—Desejava bem saber qual é o motivo porque a senhora acha extravagante a minha proposta! disse Claudio com o ar mais natural do mundo.

—Pois não a hei-de achar extravagante! disse Robertina suffocada.

—Ah! sim. É porque estive nas *galés*?... Mas as *galés* são um estabelecimento público como qualquer outro... e depois, um anno que alli se passa, faz em um homem d'espirito o mesmo effeito que a vaccina faz ás creanças... é um preservativo... com isso, e cem mil francos de renda, prometto de viver na mais profunda paz com o Codigo Civil...

Robertina escutava attenta. Mas a idéa do casamento de Rembrés, com sua irmã, não lhe podia entrar na

cabeça. Excedia tudo quanto até alli podéra receiar. Rembrés — um forçado — casar com sua cunhada! Ligar a sua sorte, por um crime, á daquella donzella tão joven, tão pura, tão generosa, tão amada!

Rembrés, quasi velho, com a marca de falsario no hombro, casar com a irmã d'Armando, com a sua querida Florencia!...

Era revoltante, inacreditavel, insensato!

Nem lhe occorriam palavras bastante energicas para repellir similhante infamia.

— Não responde? tornou o sr. Claudio; Deos me perdôe se julgo mal; mas não se me dava de apostar que está mettendo em linha de conta o nosso casamento.... e não me admira!.... talvez queira reservar para si o monopolio.... Olhe, peço-lhe, supplico-lhe, que faça uma excepção a meu favor.... a senhora tem dois maridos; eu tenho só uma mulher.... e essa mesma não a posso contar como minha.... deixe-me tornar a casar!....

O sr. Claudio fallava com o ar de quem tem a profunda convicção do que diz.

Havia alguns segundos que Robertina procurava responder-lhe.

— Mas, sr. Claudio, disse finalmente, quando eu tornei a casar, ignorava....

— Que o seu outro marido era vivo, não?... É possivel... Mas o meu caso é differente... sei, e sei positivamente, que já não tenho mulher... Estou em èrro?... A senhora póde decidir a questão... Quer quinhoar o meu destino?.... por mim estou prompto!

Robertina fez um gesto de repugnancia.

Rembrés desatou a rir, e disse:

— Já vê que não póde hesitar!

Robertina não tinha a presença d'espirito necessaria para combater com argumentos aquelle apontoado de sophismas, o último dos quaes era na verdade um dilemma inatacavel e sem réplica. Mas tinha vontade firme de resistir a tudo.

— Senhor Rembrés, disse, peça-me outra qualquer cousa, mas...

— Mas se eu não quero agora outra cousa!

— É impossivel!... é impossivel!...

— Ora!... acudiu Rembrés, assoprando as bochechas.

Depois cruzou os braços, pareceu reflectir, e disse, ao cabo de poucos minutos:

— Desejo saber o motivo porque acha isto impossivel.

— O motivo?... Entre Florencia e o senhor ha um abysmo!

— Abysmo, no sentido figurado, é apenas uma palavra, minha querida... e no sentido proprio, significa um fósso, sóbre o qual se póde lançar uma prancha. Veja se acha outro motivo mais forte!

— Amo-a, exclamou Robertina; amo-a como se fôsse sua mãe... e cobrir-me-ía de infamia se consentisse n'uma transacção, que faria a sua desgraça!

O sr. Claudio inclinou a cabeça, desgostoso, e disse:

— Já lhe disse, sr.ª baroneza... que não sou nada susceptivel... Mas a fallar a verdade são duras de roer as expressões que me dirige; em summa, deixemos isso de parte; e demais.... estou convencido de que ha-de ceder.

— Nunca! bradou Robertina.

— Ha-de ceder, repito! tornou o sr. Claudio, cravando os dedos no braço da baroneza.

Robertina suffocou um brado de terror. O falsario já não sorria; fuzilavam-lhe os olhos com o sinistro fulgor d'uma vontade indomavel.

— Ha-de ceder, repetiu pela terceira vez, soltando o braço de Robertina; e, com ar, repentinamente tornado affavel, accrescentou, e porque não havia de ceder?... Tem intelligencia bastante, de sóbra... sabe quanto posso... e não ignora que poucos escrupulos me contém!

— Morrerei antes, disse Robertina, mas não serei sua complice nesse crime.

Viam-se debuxados no semblante da baroneza a mais pungente anciedade, e a mais sublime resignação.

E como se receasse ceder, voltou os olhos para Florencia. Luciano fôra, pouco a pouco, chegando-se para a donzella; agora estavam ao pé um do outro, e os seus olhares e gestos traduziam, em toda a sua eloquencia, as alegrias íntimas do seu recente amor.

Robertina levou a mão ao coração, e olhando fito para Rembrés, disse:

— Oh! sim, morrerei antes; mas não a hei-de abandonar!... Veja!... veja como elles se amam!...

O Claudio saccou da algibeira a caixa dos óculos, abriu-a com todo o vagar, e depois mirou, por alguns momentos, os dois amantes.

— É exactamente aquelle sugeito, de quem eu ind'agora lhe perguntei o nome, disse com indifferença — não me lembra quem teve a bondade de m'o dizer... Ah! é o sr. Luciano de Pons... Sim, sim, parece que se amam... é pena... mas não lhe dê cuidado, minha rica... fica por minha conta isso...

— Que tenciona fazer? perguntou Robertina.

— Vae ver... agora sou obrigado a deixa-la... mas, antes, permitta-me que lhe faça sentir a inconveniencia da sua obstinação... Que espera?... Se eu abrir a bôcca... anniquilo-lhe a sua felicidade...

— Estou resignada a tudo, acudiu Robertina.

— Não é só a sua felicidade — mas a do barão... e, por tabella, a de sua cunhada... o modo porque o mundo faz justiça é muito célebre!... Pune a desgraça como se fôsse um crime... e a vergonha da sua bigamia recaírá tambem sóbre sua irmã.

Robertina estorcia as mãos com o mais profundo despêro. Rembrés viu a victima, e redobrou os seus golpes.

— Note bem, proseguiu, não sou homem que me demore muito nas minhas cousas — apezar de ter sido quinze annos banqueiro... — para declarar tudo ao barão só esperarei oito dias... ou antes, não esperarei senão até ámanhã... ahi vae o nosso barão!...

— Senhor! senhor!... disse Robertina aterrada.

Rembrés mostrou o relogio.

— Ou dentro de um minuto terá cedido... ou dentro de dois minutos contarei tudo ao barão... Escolha: — sim, ou não?...

Robertina recaíu meio-desmaiada na cadeira.

Estavam no desvão d'uma janella. Rembrés correu tranquillamente a bambinella, para que ninguem podesse observar o estado em que a baroneza se achava. Depois repetiu, com implacavel sangue-frio:

— Pela derradeira vez — sim, ou não?

Os labios de Robertina descerraram-se-lhe violenta-

mente. O peito ergueu-se-lhe n'um soluçar intimo, e um *sim*, quasi inintelligivel, chegou aos ouvidos de Rembrés.

—Eu bem o sabía!... murmurou o falsario, affastando-se, depois de haver satisfeito todos os deveres da mais extremada delicadeza.

Robertina, com a cabeça inclinada para o peito, chorava amargamente. A cortina separava-a da multidão. Ninguem sonhava sequer a sua dôr incomportavel.

O sr. Claudio chegou-se ao barão, muito risonho.

—Ah! querido primo, estou encantado com o seu baile!... E permitta-me, em primeiro logar, que lhe exprima toda a admiração que me inspira a sr.ª baroneza... Olhe, nós cá os da provincia, não imaginâmos que haja no mundo destas fadas...

—De certo a baroneza deve ficar muito lisongeada com o seu cumprimento, respondeu Armando.

—Não é cumprimento, é a verdade... E tão sincero sou eu, que francamente confessarei haver aqui uma senhora, cujos encantos e formosura rivalisam... não sei se diga, vencem... a formosura e os encantos da baroneza... Escuso de nomear a irmã de v. ex.ª!...

Armando inclinou-se:

—Tanto obsequio!

—Não, não é obsequio... o que digo está muito áquem do que sinto... O saráu tem estado delicioso, e ella é a rainha da festa... Que encantos, sr. barão! Emfim, para que v. ex.ª comprehenda até que ponto chega o meu enthusiasmo, baste dizer-lhe que estou resolvido a pedi-la para casar.

O barão julgou que sonhava.

—Casar, com quem?

—Com a menina d'Osser.

—Casar com minha irmã?... o senhor!

—Sr. barão, foi uma luminosa idéa que eu tive... como sabía que v. ex.ª havia de forcejar por obsequiar-me!

—Dinheiro, quanto quizer, sr. Claudio! acudiu Armando... exija dinheiro; mas aconselho-lhe que não toque, mesmo gracejando, em cousas que sempre heide fazer respeitar!...

Rembrés assentou-se ao pé de Armando, esfregando as mãos, com a apparencia da mais perfeita tranquilidade.

—Querido barão... o orgulho é uma cousa muito desculpavel. Não vejo motivo para que um barão do imperio deixe de ter tanto disso como um burguez qualquer... Mas o orgulho, neste caso, não tem cabida... O pretexto que buscou é frivolo; vamos adiante.... Por consequencia, aconselho-lhe que guarde essas bazofias para outra occasião... Diacho! é muito fallar em casamento. E eu podia dizer logo: Quero que sua formosa irmã seja minha mulher...

Armando fez-se vermelho como um lacre.

—Podia dizê-lo, proseguiu pausadamente o Rembrés, podia dizê-lo... e v. ex.ª havia de sujeitar-se á minha phantasia! Mas socegue... Sou um homem decente, e de optimos costumes... offereço de bom grado o meu nome á bella Florencia.

—Offerece!... repetiu o barão com a ironia concentrada do odio.

—Sim, sr. barão... ou, se lhe parece, acceito positivamente a honra de entrar na sua familia... Dê-me a sua mão!

E o sr. Claudio apresentou a Armando a mão.

O sangue do barão refluíra-lhe todo para o peito. A consciencia intima de que estava em podêr daquelle homem, exaltava a tal ponto a sua cólera, que receando não podêr ter mão em si, tomou o partido de virarlhe costas, e retirar-se.

O sr. Claudio deixou descair a mão, e disse:

—Pobre barão, não sabe resistir, nem tão pouco quer entregar-se... Ah! ah! como a Robertina luctaria se não estivesse tão segura como eu a tenho!...

Depois applicou os oculos para diversos pontos da sala, e como visse Armando n'um grupo, dirigiu-se lentamente para aquelle lado.

Apenas o alcançou, deitou-lhe o braço, e tomou-o de parte, sem que o barão tivesse occasião de dizer-lhe cousa alguma.

—Vejo que se tem emendado, sr. barão, disse Claudio. Virar costas, *quebrando* com todos os preceitos da *civilidade*, já não é tanto como querer afogar um homem em *pleno* botequim... Foi uma bonita historia aquella! ah! ah! Ora queira assentar-se.

Armando conservou-se em pé.

—Previno-o de que, se tenciona continuar na conversação que ind'agora incetou....

—Previno v. ex.ª, interrompeu-o Rembrés, de que vae talvez dizer alguma *parvoice*... Perdôe a energia da expressão... é que, realmente, tem-me feito chegar *a mostarda ao nariz*. Queira sentar-se.

Armando protestou com um gesto de cólera vã, mas assentou-se.

—Agora, replicou Claudio, socego! isto é um instantinho. Porque me ha-de recusar a mão de Florencia? Porque eu sou pobre e ella é rica? Por isso não seja a dúvida! ámanhã, se quizer, sacco sôbre v. ex.ª uma *letra* de um milhão... e ahi tenho um bello dote.

Armando encolheu os hombros.

—Posso chegar até milhão e meio, proseguiu Rembrés, porque v. ex.ª tem cem mil libras de rendimento. Sabe muito bem, que não me havia de ver obrigado a protêsta-la, a tal letra. Será porque eu não sou nobre? É impossivel que o filho do pobre *substituto Dosser* — sem apostrophe — faça similhante objecção. Será porque me conheceu fabricante de moeda falsa? Será?! Mas, meu querido amigo, v. ex.ª foi quem me arranjou os cunhos...

—É porque sou tutor de Florencia, respondeu Armando. Foi confiada á minha vigilancia; sou seu irmão e seu pae.

—Tanto melhor! assiste-lhe dobrada authoridade para me conceder a sua mão.

—Já lhe disse, ao senhor mesmo, que dispozera da mão de minha irmã, a favor do major Vernier, meu intimo amigo.

—Ah! barão, parece um velho de sessenta annos, com a ignorancia, que affecta, do coração das mulheres. Florencia não póde soffrer o major. Isto salta logo aos olhos de quem entra nesta sala!

—Engana-se, acudiu seccamente o barão, engana-se.

—Não engano tal! Florencia... nos termos em que nos achâmos, posso já trata-la d'este modo... Florencia, tem uns *namoricos* — namoricos de creança — com um rapazinho chamado Luciano de Pons... O major, esse não lhe põe ella os olhos, sem desatar a rir... e nisso prova o excellente gôsto que tem. Mas, em todo

o caso, eu me encarrego de despedir, assim o *menino* de Pons, como o *tamanhão* do major... Não lhe dê cuidado. Concorda comigo?

—Não... não posso, não quero concordar, respondeu o barão com uma voz duvidosamente firme.

Rembrés sorriu, com ar de superioridade.

—Ah! sr. barão, replicou, essa obstinação talvez *lhe dê na cabeça*; se não fôsse o interesse que tómo por v. ex.ª, havia de esperar algum tempo, em quanto lhe não passasse *a furia*... Mas, realmente, estou com somno, e *quero* acabar por uma vez com este negocio. Tome bem sentido... com receio de alguma catastrophe não lhe exijo já, desde esta noite, a sua cooperação activa... mas o que lhe eu peço, ha-de fazer-m'o, senão...

Ficou incompleta a phrase, mas o sinistro fusilar dos olhos do falsario suppria tudo quanto de terrivel e monstruoso poderia dizer.

—Olhe bem, proseguiu com voz sêcca e estridente, estamos na situação de dois homens, collocados em um navio, ao pé do paiol da polvora, tendo um delles o morrão acceso em seu podêr. A morte é infallivel para ambos; mas que me importa a mim a morte, se nada tenho que perder?...

—Que vae fazer, pois? balbuciou o barão.

—Esteja preparado para tudo, respondeu o sr. Claudio, e tenha a certeza que á menor palavra hostil, ao menor gesto, faço rebentar a *mina*!

O Claudio parecia ter crescido uma polegada. Os musculos do rosto tinham-se-lhe distendido, e davam a todas as suas feições um caracter de poderosa energia.

E sem esperar que o barão lhe respondesse, deixou-o a braços com um vago e mysterioso terror.

(Continúa.)

POESIA.

Um Cypreste.

> Ahi estás tu..............
> Espantosa memoria de la muerte?
> J. Zorrilla.

Como alvejas, lindo prado,
De mil rosas recamado
Tão rico de vida e flor!
Como é bella a tua alfombra!
Mas que tão funebre sombra
Escurece o teu verdor?

Não é alamo inconstante,
Não é o cedro gigante,
Nem o funebre chorão;
Não é da margem do rio
O salgueiro, o chopo esguio
Que assombram teu verde chão.

Não é a oliveira escura
Que te deslustra a verdura
Com seu monotono véu;
Não é o carvalho agreste...
É o pallido cypreste
Que se eleva até ao céu!

É da morte o mudo espectro,
Que na campa o negro sceptro
Vem levantar por brasão;
É pyramide sombria
A inspirar melancholia
Dos mortos na solidão!

É emblema da saudade
Do que chora em soledade
A sua estrella fatal;
É o symbolo agoureiro
D'esse somno derradeiro
Junto á lousa sepulchral!

Como entre flores cresceste,
Triste, pallido cypreste,
Onde tudo diz—amor!
Porque além do cemiterio
Estendeste o teu imperio
Onde tudo é vida e flor?

Entre rosas e verdura
Teu aspecto de tristura
É a imagem do porvir!
Tu, cypreste mudo e ermo,
Tu nos apontas o termo
Do nosso curto existir!

A esse campo matisado,
De mil rosas recamado,
Tão rico de vida e flor,
Bem depréssa o bafo ardente
De estivo sol inclemente
Murchará todo o verdor.

Como o prado, é nossa vida:
Embora toda florida,
Seja de galas um céu;
Sempre triste, mudo, agreste,
Esse pallido cypreste
Nos aponta o mausoléu!

E. de Serpa.

VIAGENS.

Navegação do Nilo.

A viagem pelo alto Egypto, para ir visitar Thebas e as cataractas, faz-se navegando pelo Nilo a cima em grandes barcas, a que se chama *canjas*. Uma *canja* tem dois mastros, cada um com sua verga e uma vêla latina. As vergas elevam as vélas a uma altura extraordinaria. Causa espanto este systema, mas é indispensavel, porque o Nilo corre no fundo de um valle muito cavado, entre duas cadêas de montanhas. Os marinheiros do Nilo, posto que destros na manobra, nem sempre po-

dem evitar desastres, para os quaes, por outro lado, não concorre pouco a natural imprevidencia dos arabes. Ha ainda uma cousa que contribue para alguns naufragios: todos os cabos são feitos de uma fibra extraída da bainha com que se acham envolvidas, nas bases, as folhas das palmeiras. Esta substancia dura, e pouco extensa, liga-se mal, sécca depressa, e quebra com extrema facilidade. Porque se não fabricam cabos de linho? Porque ha seculos se emprega a outra fibra — é a razão unica, segundo dizem os viajantes que melhor conhecem a navegação do Nilo. Á pópa da *canja* ha duas pequenas camaras da altura d'um homem, uma que serve para a bagagem, e outra que tem um banco de cada lado, em que de dia se assentam, e de noite se deitam, os passageiros. Imagine-se agora ao pé de cada mastro uma cosinha tôsca, e ter-se-ha completa idéa dessas barcas, habitações incommodas, sempre cheias de cabos, de remos, de croques, onde litteralmente se não podem dar tres passos, e onde o viajante se deve resignar a viver dois mezes, se tem desejos de ver Thebas. É verdade que as ruinas de Thebas são de tão magnifica belleza, o velho Egypto deixou tão prodigiosos monumentos, que não se pagaria muito caro o prazer de os ver por ainda maiores privações.

Posto que as viagens pelo Nilo, d'Alexandria ao Cairo, e do Cairo a Thebas, ou ás cataractas, se vão tornando cada vez mais frequentes, nada se acha organisado no paiz para as effectuar commodamente. É preciso que cada viajante compre colchão, cassarolas, roupa de mesa, copos, e filtradores para a agua limosa do Nilo, tudo emfim, sem excepção, porque as barcas são inteiramente desprovidas. Os egypcios são hoje o que eram hontem — quasi barbaros. Não ha um só proprietario de barca que se resolva, augmentando o aluguer, a fornecê-la convenientemente. Por isso a navegação do Nilo é como uma longa viagem no mar alto. Vae mal quem se não previne com provisões sufficientes, não esquecendo carvão e bolacha, porque nas povoações, que se encontram á beira do rio, apenas ha galinhas e ovos. É raro apparecer pão, e algum pedaço de carneiro. D'um ao outro extremo do Egypto reina a mais terrivel miseria. Mehemet-Ali agitou um pouco as duas capitaes, como qualquer physico galvanisaria um morto; mas, digam lá o que disserem os seus admiradores, não foi vida o que elle deu ao Egypto. O corpo da nação não deu um passo além do ponto em que o haviam deixado os turcos e os mameluks. Mais valia o Egypto no tempo dos arabes.

Uma barca aluga-se geralmente a mil e quinhentas piastras, por mez, e para que os passageiros não fiquem á disposição do capitão, costuma-se lavrar um contrato, que elle assigna na chancellaria do consulado, em que se fixam claramente as suas obrigações. Quatorze homens formam de ordinario o total da marinhagem, comprehendido o capitão. Todas as provincias fornecem marinheiros para esta navegação. Entre elles encontram-se muitos negros *basabra* (d'uma tribu de Nubia, que confina com o Egypto), que se alugam, e tratam de adquirir uma pequena fortuna, feita a qual se retiram para as terras. São geralmente alegres, activos e sempre promptos para o trabalho. São os que divertem a companha. Apenas abrem a bôcca, já os outros se estão a sorrir. O seu caracter contrasta singularmente com o dos seus companheiros. Nós, os europeus, accusâmos o negro de estupidez, porque o não conhecemos livre. Raça degenerada, escravo ou filho d'escravo, o negro, que nós julgâmos, está longe de ter a intelligencia do negro livre. Branco ou negro, quem é que não embrutece na escravidão?

O mester do marinheiro do Nilo é um pouco trabalhoso. Quando o vento escacêa, ou sopra da prôa, ainda que o sol abraze, vae o barco á vara. Se encalha na arêa, o que não acontece poucas vezes, saltam os marinheiros ao rio para metter os hombros á *canja*. O habito que contrahiram de viver quasi nús, os torna, é verdade, menos sensiveis ás impressões do ambiente, mas nem por isso deixâmos de os ver tremendo, nas manhãs frias, ou no meio da noite, e obrigados a lançarem-se á agua frigidissima do Nilo.

A marinhagem dorme toda sôbre a coberta. Embrulhados na manta, negros e brancos supportam com resignação as variações enormes de temperatura, que se eleva ás vezes a 28° ao meio-dia, e desce depois a 5° ou 6° ao descair da tarde. As noites do inverno, mesmo no Egypto, e sôbre tudo quando reina o vento norte, são excessivamente frias e humidas. Apezar d'isso nunca os marinheiros se queixam. Em geral são homens inoffensivos: a unica difficuldade a vencer para os dirigir é a sua voluntaria preguiça.

Como a barca é alugada aos mezes, interessam elles em que dure a viagem, e empregam toda a sua astucia para esse fim. É preciso ralhar muitas vezes, e estar sempre álerta, para vencer a sua enercia calculada; mas em summa elles nunca oppõem uma grande resistencia, e é uma calumnia contra esta pobre gente, e póde-se dizer contra a raça humana, o detestavel principio sustentado no Egypto, mesmo pelos europeus, de que — *Nada se obtem no Egypto sem páu.*

A brandura, acompanhada de firmeza, será sempre, não só o mais digno, mas o melhor meio de conduzir os homens; o uso da fôrça bruta avilta-os. O maior mal que a violencia produz é tornar a violencia necessaria.

(Continúa.)

Academia Melpomenense.

O CONCERTO dado, terça-feira última, na *Academia Melpomenense*, esteve brilhante, assim pela bôa escolha e variedade das peças, como pela excellente maneira porque, sem excepção, foram executadas. O director do concerto foi o sr. Daddi, cujo talento e bom gôsto já o público ha muito conhece.

Entre as peças que se executaram, produziram bellissimo effeito, pela graça e originalidade da sua contextura — a simphonia parodiada, do sr. Casimiro Junior; a Fanfarrada de motivos portuguezes, do sr. Osternhold; e a simphonia de Haydn, cuja execução, começando com toda a orchestra, vae successivamente diminuindo até ficar unicamente confiada ao primeiro rebeca, que, a final, abandona tambem o campo. O dueto de flautim e contrabaixo, com acompanhamento de piano, composição do joven professor Guilherme Cossoul, é uma peça que tambem agradou em extremo, e que revela o bom gôsto e tacto artistico de seu auctor, cujo merito é ainda realçado por uma modestia pouco vulgar. — Folgâmos summamente de ver a maneira porque

a *Academia* vae prosperando, e tratando de grangear para os seus socios o maior número de regalias, sem exigencia de sacrificios. Em quanto assim fôr, augurâmos-lhe bôa fortuna.

Theatro de S. Carlos.

Está decidido: a respeito de danças já este anno não ha que esperar melhoria em S. Carlos. As lisongeiras esperanças que muita gente depositava nas ibericas sylphides, que deviam vir arrancar-nos da semsaboria em que nos temos achado, e inaugurar entre nós uma nova e brilhante epocha de baile, dissiparam-se completamente na noite de 27 de janeiro. Quatro andaluzas, que, sem exceptuar a que se intitula *primeira bolera*, dançam um pouco melhor do que se tem visto na praça do Salitre; e um pouco peior do que a maior parte das bailarinas que já cá tinhamos: um *dançarino*, que poderá ser muito bom *bandarilheiro*, ou mesmo, se quizerem, um excellente 1.º *espada* em uma praça de touros; mas que como bailarino está abaixo de toda a critica, eis-aqui a que se reduziram todos os melhoramentos que se esperavam, e as brilhantes promessas que se haviam feito. Não se diga que a desapprovação, manifestada pelo público aos recemchegados artistas, procede de não se saber fazer distincção entre o genero de dança, que agora se apresenta, e aquelle que até aqui se tem visto: o público sabe perfeitamente differençar um do outro, e dar a cada um o valor que merece; mas vê tambem que as pessoas que trouxeram para desempenhar bailados no genero hespanhol, não estão aptas para o fazer em um theatro, como é o de S. Carlos: falta-lhes bôa eschola, e, sôbre tudo, não têm a graça, delicadeza, requebro e voluptuosidade, que constituem o principal merecimento daquelle genero de dança.

Conhecemos que a empreza havia de encontrar difficuldade em achar *boleras* de 1.ª classe, que sem um estipendio avultadissimo, e talvez muito superior ao que é possivel dar-lhes, quizessem escripturar-se para S. Carlos, unicamente por tres mezes, pois tanto é o tempo que falta para concluir a epocha theatral; mas, francamente o declarâmos, para vermos figurar mais meia duzia de nullidades no primeiro theatro de Portugal; para vermos profanar o palco do nosso theatro lyrico com a *Maria Caxuxa*, o *Fandango*, e outras danças d'egual jaez, crismadas com diversos nomes, e que nem ao menos têm a seu favor a excellencia da execução; mais valêra que o sr. Corradini se houvesse poupado ao incómmodo e despeza d'uma viagem.

Quem ganhou com a vinda das andaluzas — em que pese ao *Z* da *Revolução* — foi D. José Serrate, que sem diligencias nem gastos da sua parte, ha-de provavelmente ver reforçada, no proximo estio, a sua *famosa companhia gymnastica*.

Theatro do Gymnasio.

Assistimos á primeira representação da *Fabia*, tragedia heroe-comica, que os annuncios attribuiam a um anonymo, mas que o público sabe pertencer ao nosso joven poeta o sr. Francisco Palha. A *Fabia* é uma verdadeira e espirituosa parodia, genero agradavel, quasi inteiramente novo entre nós.

Apezar de já distantes d'esses tempos, em que as pranchas dos palcos scenicos vergavam com o pêso da grave e sisuda tragedia da eschola classica, que teve a sua exaggeração ridicula, agradou-nos ainda a sua parodia, não só pela veia heroe-comica com que está escripta, mas porque satyrisa de envolta as não menos ridiculas exaggerações do falso drama moderno. Escripta em verso heroico, como a verdadeira tragedia classica, é de mais a mais rithmada em parelhas; genero de rithma, que mais que nenhum outro se presta á satyra e á parodia. A *Fabia* não se analysa, não se discute; ouve-se e admira-se. Para a parodia não ha preceitos que guiem o auctor ou o critico na confecção, ou na analyse da obra, ha o gôsto fino e sarcastico, que sabe tornar salientes os ridiculos da phrase ou da situação dramatica da peça parodiada. Aquelle conjuncto de desacertos e anachronismos, vasados na pompa do verso heroico e na fórma inalteravel das peripecias tragicas, produz um contraste de uma fôrça comica admiravel.

A *Fabia* burbulha, do principio ao fim, de allusões e epigrammas engraçados. A tirada aos authores plagiarios, a *Maricotas* luza, chorando na velha Ovena as doçuras do seu Portugal, a carta da Europa ao imperador romano, são satyras cheias de espirituoso sal.

O segundo acto foi o mais bem desempenhado, e é o melhor da peça. A scena, que o occupa quasi todo, entre Tarquinio e as suas duas amantes, é de uma veia comica fertilissima. Quando Tarquinio diz, depois que ellas lhe tiraram os ferros, e se disputam a glória de o salvar:

Não tarda mesmo nada o bello sôco,

quando perguntava a Fabia, que o quer fazer evadir da prisão:

Trouxeste o teu criado com archote?

e em varios outros ditos, que disparatam com a situação tragica em que se acha, ha verdadeira e engraçada parodia.

O auctor foi extremamente applaudido, e chamado fóra repetidas vezes. Não nos agradou a insistencia em chamar o auctor ao palco, depois de elle ter apparecido n'um camarote, agradecendo os applausos do público, o qual tem certos direitos sôbre a obra e sôbre os actores, que a desempenham, tanto para o vituperio, como para o applauso; mas não tem nenhum sôbre o auctor, nem póde delle exigir cousa alguma, ainda com o fim de o victoriar.

A peça foi geralmente bem desempenhada, e mais do que se podia esperar de quem já não assistiu á antiga declamação tragica, que tinha de parodiar. O papel de Fabia, sôbre tudo, foi perfeitamente desempenhado. As outras duas damas foram muito bem, e os homens não foram mal, ainda que uma ou outra vez, pela falta de habito, estropearam algum verso.

No papel de Tarquinio distinguiu-se, como sempre, o sr. Taborda.

CHARADA.

Distinguo em toda a parte homens e damas } 2
Varío co' as nações, co' os tempos mudo; }
Dou belleza, dou vida ao universo, } 2
E na luz, que derramo, inundo tudo. }
Repara, e ver-me-has na dextra irada
Ou veneno, ou punhal, ou nua espada.

AVISO.

Satisfazendo ao que pedem muitos assignantes da Revista Popular, *reduziremos, do n.º 48 em diante, a poucas linhas a* Revista d'espectaculos, *para dar logar a objectos de maior importancia. Não querendo, porém, descontentar os que se interessam particularmente pelos theatros, publicaremos, do 1.º de março em diante, um novo periodico mensal, com 8 paginas d'impressão, tendo o titulo de* REVISTA DE ESPECTACULOS. *Este periodico comprehenderá:* — Revista de theatros — Folhetim — Modas — Noticias diversas, *etc.*

PREÇOS DA REVISTA DE ESPECTACULOS

PARA OS SENHORES ASSIGNANTES DO TERCEIRO VOLUME DA REVISTA POPULAR

Por anno	200 *réis*
Por semestre	100 »
Avulso	20 »

PREÇO GERAL

Por anno	240 »
Por semestre	120 »
Avulso	25 »

SOLUÇÃO DO PROBLEMA DO NÚMERO ANTECEDENTE

Setecentos e vinte dias.

Duas pessoas, em 2 dias, exgotam o número das combinações possiveis. Tres, em 6 dias, tambem o terão exgotado. Representemos cada uma por uma das letras da palavra MAR. Teremos

MAR ARM RAM
MRA AMR RMA

O número das combinações póde ser, pois, representado pelo producto da multiplicação de 1 por 2, e depois por 3.

Quatro pessoas em 24 dias terão feito as possiveis combinações dos logares. É o que se póde verificar no seguinte exemplo, representando cada uma por uma letra da palavra AMOR

AMOR	MORA	ORAM	RAMO
AMRO	MOAR	ORMA	RAOM
AOMR	MROA	OARM	RMAO
AORM	MRAO	OAMR	RMOA
ARMO	MAOR	OMRA	ROAM
AROM	MARO	OMAR	ROMA.

O número das combinações póde ser representado pelo producto $1 \times 2 \times 3 \times 4 = 24$.

Com algum trabalho mais, póde-se verificar por experiencia, que 5 pessoas terão feito todas as combinações possiveis em 120 dias, que é o producto $1 \times 2 \times 3 \times 4 \times 5$.

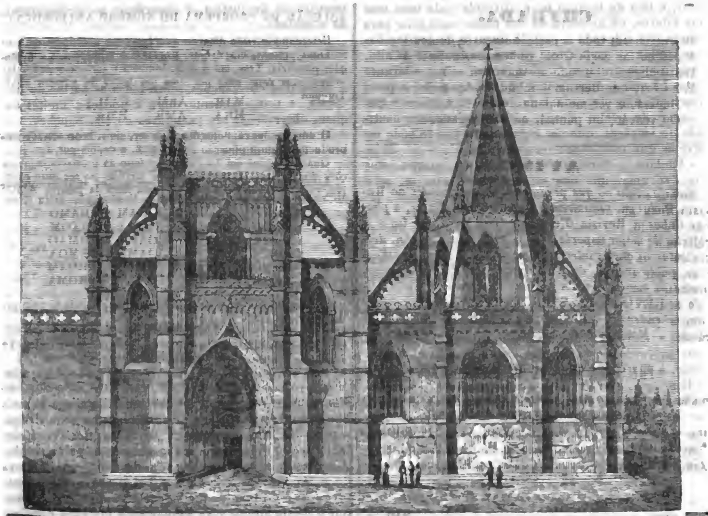
Para achar o número de combinações, qualquer que seja o número d'individuos, temos, pois, uma regra, que a experiencia agora nos indica com toda a clareza:

Número de pessoas	*Número de combinações*
1	1
2	$1 \times 2 = 2$.
3	$1 \times 2 \times 3 = 6$.
4	$1 \times 2 \times 3 \times 4 = 24$.
5	$1 \times 2 \times 3 \times 4 \times 5 = 120$.
6	$1 \times 2 \times 3 \times 4 \times 5 \times 6 = 720$.

Se fôssem 7, achariamos 5:040 dias, ou quasi 14 annos, supponde que não jantavam mais d'uma vez em cada dia....



PAGO EM DIA. — COM OITO MEZES D'ATRASO.



A BATALHA.

No primeiro número do presente volume da nossa *Revista*, apresentámos uma estampa, representando a Casa do Capitulo do mosteiro de Nossa Senhora da Victoria, vulgarmente conhecido por — *mosteiro da Batalha* — grandiosa fundação de um monarcha magnifico.

Damos hoje uma outra estampa daquelle bello monumento, que é, e será sempre, o mais glorioso padrão da geração robusta que o soube levantar.

E aprouve á Providencia que o mais elegante e nacional de todos os nossos prosadores fôsse quem traçasse a mais exacta noticia, que, por ventura, existe d'este magestoso edificio.

A *Batalha* é como uma grande epopéa, de que a prosa de Fr. Luiz de Sousa (de que abaixo transcrevemos alguns trechos) são o mais eloquente commentario.

«Da parte de fóra da egreja ha duas entradas, uma que faz a porta principal, e outra a travessa, que toma o tôpo do cruzeiro fronteiro ao altar de Jesus, como fica dito. O portal e frontespicio da principal merecia só um livro pola calidade da obra, se ouveramos de particularisar tudo o que nella ha de columnas, de figuras, de lavores, e variedade de feitios, desde a primeira pedra que descobre sobre a terra até o remate, que levanta grande altura sobre a maior abobada. Porque cada palmo tem tanto que ver de delicadeza, e artificio, de trabalho e magestade, que considerando com attenção impossibilita o engenho, e embota a penna, para o declararmos, e se entender com todas as suas partes. Só um espelho que se abre no alto, em meio do frontespicio pera dar luz dentro, parece que se não podia obrar com mais subtileza e cuidado em trancinhas de agulha, ou em lavor de cera, ou no espelho de uma viola. E quadra-lhe bem esta última comparação pola fórma circular e redonda, e pola representação e miudeza do feitio.

«Os vãos que na viola ficam abertos para darem logar ás vozes que fórma no interior ficaram cá cerrados de vidraças, como as que temos dito atraz, debuxadas todas de côres finas, e pinturas várias de armas e divisas do reino, de tenções e empresas delrei. E como são muitos os vãos, porque o circulo é mui dilatado, communica dentro muita claridade, e paga com a graça das côres o que ellas lhe diminuem na pureza da luz. Mas faz pasmar a firmeza com que se mantem obra tão miuda tantos annos ha em logar tão alto.

«Não espanta menos a firmeza, o número e grandeza de outras vidraças, que dão luz á egreja e cruzeiro. Só no corpo da egreja abrem trinta frestas, todas tão rasgadas de alto abaixo, e ao respeito e proporção tão largas, que em noite clara, sendo a casa tão descompassada de grande, como temos dito, e a luz em parte embotada com a pintura e côres, que atraz dissemos, pode-se estar nella não só sem pavor, mas como em meio de uma praça.

«. . . . No alto da nave do meio ha dezeseis frestas, a oito por banda, que sobem dezoito palmos até os ca-

piteis, e tem de largura nove, dividida cada uma com dois pilares, da grossura de um palmo cada pilar pera firmeza das vidraças...... As duas naves tem ambas doze frestas... cada fresta vinte e dois palmos de alto, e sete e meio de largo.... Da mesma altura e largura destas ha outras duas frestas que acompanham a porta principal, uma de cada lado, e fazem o número que dissemos de trinta. E vem a ser uma tamanha cantidade de vidraças, que por cousa prodigiosa se póde ter entre as que mais espantam desta casa.

«Ajudam a claridade outras tres no cruzeiro, das quaes só uma, que fica sôbre a porta travessa, sobe quarenta e dois palmos, e tem de largo quatorze, lavrada toda de uma artificiosa rede de pedraria, e os vãos tomados de suas vidraças. Estas com as da capella-mór, e collateraes, afora o espelho do frontespicio da porta principal, que allumia por muitas, fazem a casa por extremo alegre, e muito clara e bem assombrada, etc.»

A historia da fundação d'este mosteiro é tão conhecido e popular, que nos dispensâmos de aqui novamente a escrever; quem, porém, desejar obter um mais profundo conhecimento d'este magestoso monumento, e das suas cousas, póde consultar a Historia de S. Domingos, por Fr. Luiz de Sousa, T. 1.° — a Memoria do illustre escriptor Fr. Francisco de S. Luiz, que se encontra nas Memorias da Academia das Sciencias — e um curioso trabalho publicado no *Panorama*, e depois impresso separadamente, em um folheto de 8.°, pela Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

Obras do Doutor Sanches. [1]

ENTRE muitas obras que escreveu sôbre diversos objectos, umas proprias da sua profissão, outras extranhas a ella, notam-se as seguintes:

De Matrimonio cleri.

Dissertação ácêrca das paixões da alma — impressa em 1753.

Dissertação ácêrca das bóas artes, suas utilidades, inconvenientes, etc.

Plano para a educação d'um fidalgo moço.

Carta que dá meios para que na educação pública entre um curso de moral.

Origem do appellido de *Christãos novos*, e *Christãos velhos*, em Portugal, e causas porque inda continúa, e tambem a perseguição dos judeos, com os meios juntamente de fazer com que cesse em pouco tempo essa distincção, entre vassallos d'um mesmo soberano: e tudo para propagação da Religião Catholica, e utilidade do reino.

Dissertação ácêrca dos meios de conservar as Conquistas e Colonias Portuguezas.

Diversos trabalhos sôbre administração e commercio da Russia.

Projectos para o estabelecimento d'uma eschola de agricultura.

Tratado em que se prova, que introduzir melhor administração de justiça, é contribuir ao melhoramento da sociedade.

Dissertação, em que se averigua se a cidade que os romanos chamaram *Pax Augusta* é Béja, ou se é Badajoz.

Manual d'observações sôbre todas as partes da medicina, e principalmente sôbre a prática; muitas das quaes observações são peculiares ao Dr. Sanches.

Memorias para reforma das universidade de Coimbra e de Salamanca.

Além destas compoz o Dr. Sanches muitas outras obras de que não publicâmos os titulos por falta d'espaço.

[1] Vidè n.° 46.

ROMANCE.

Peccadora.

XV.

ULTIMA HORA DE UM BAILE.

ERA aquelle o momento em que um baile chega ao mais alto gráu de animação e de fulgor, como se a dança, a ponto de acabar, quizesse derramar um derradeiro brilho, que tornasse o seu acabamento mais sentido. A orchestra inundava as salas de uma esplendida chuva de notas alegres, em que se balançava o movimento preguiçoso de uma daquellas melancholicas valsas, em que a poesia allemã vasa as suas mais favoritas canções. As mulheres, pallidas de cançaço, ou córadas com o ardente reflectir das luzes, luctavam de deliciosos sorrisos e abandôno gracioso.

O largo mostrador da pendula, sustentado pelas arqueadas espaduas do Centauro, ensinando Achilles no manejo do arco da Thracia, marcava duas horas depois da meia noite.

A ausencia de Robertina ainda não poderia ser notada, e comtudo já a espirituosa mulher reapparecia na arena, ainda cançada, ainda com as feridas da recente lucta a sangrarem, mas com a fôrça necessaria para comprimir a sua atroz angústia, e occultar o despêro, que a minava, debaixo da apparencia de soffrimento physico.

Florencia d'Osser, saciada de alegrias, e ainda mais linda depois que no coração lhe penetrára um amor serio, acabava de cumprir um dever, dançando com o major Vernier. Este reunira as mais mimosas flores da sua melancholia para dellas offerecer um ramalhete á donzella, em quanto dançava: mas as suas poeticas ternuras tinham tão conhecido parentesco com uma multidão de tiradas impressas em immensos romances, que Florencia, em logar de chorar, como era razoavel, tinha-se visto em trances para não desatar ás gargalhadas.

Triste effeito das bellas paginas de Richardson ou de Rousseau, passando pelo *laminador* de uma imaginação vulgar! O que apaixonava Julia, o que perturbava o coração ultra-virginal de miss Clarisse Harlow, obtinha nestas circumstancias um resultado puramente negativo.

O major Vernier, que era homem de juizo seguro, e mesmo de espirito, conheceu a sua derrota nos bellos olhos de Florencia. — E accusava o destino.

Porque não se dirigia a alguma *da Aurora* de provincia?

A provincia, realmente, não é tão ridicula como a fazem em Paris, mas dá seus ares do major Vernier. Em 1844, quando já ninguem se lembra dos heroes de madame Cottin, tem a provincia os seus D. Quixote do drama, e do romance moderno. O romantismo na provincia sobreviveu ao seu *passamento* official; podemos citar, em apoio desta asserção, a morte muito desastrada d'um moço fidalgo de Finisterra, que se matou por ter querido, á imitação do Han de Islandia, embriagar-se *com o sangue dos homens e a agua do mar*.

O major acabava de conduzir Florencia ao seu logar, aonde Luciano a esperava a pé firme. O major, antes de retirar-se, dirigíra a Florencia algumas phrases da cortezia usual. O senhor de Pons não se mettêra na conversação, e quem não conhecesse aquelles personagens, não poderia adivinhar a sua posição relativa.

Foi naquelle momento que Claudio Rembrés, largando o barão d'Osser, veiu reunir-se aos tres, a pretexto de fazer seus cumprimentos a Florencia.

— Minha encantadora prima, disse, permitta que um pobre provinciano lhe exprima toda a admiração que inspiram os seus encantos... Julgava-me transportado a um mundo novo, quando seguia o dançar de v. ex.ª

Florencia murmurou um agradecimento.

O major quiz aproveitar-se da occasião para operar honrosamente a sua retirada.

Mas o ex-banqueiro, que já tencionava dirigir novo cumprimento, não menos feliz do que o primeiro, segurou-o sem cerimonia pela aba da casaca, e interrompeu, dizendo-lhe:

— Queira perdoar-me... permitta-me que lhe faça uma singela pergunta... É ao major Vernier que eu tenho a honra de fallar?...

— Com effeito é esse o meu nome... Poderei saber?...

— Ha de saber, sr. major, e, primeiro que tudo, congratulo-me comigo mesmo por se me haver deparado esta occasião de ter a honra de travar conhecimento com v. s.ª

O outro cortejou-o, e virou-se para Luciano, que estava impacientissimo *in petto* com aquella scena, e anhelava por ficar só com Florencia.

— E v. s.ª!... proseguiu o ex-banqueiro... creio que não me engano, suppondo que tenho a honra de cumprimentar o sr. de Pons?

Luciano, inclinou-se em signal de assentimento.

— Estou encantado por haver feito conhecimento com v. s.ª, acudiu Rembrés.

Depois accrescentou, dirigindo-se a Florencia, que estava espantada com aquelles cerimoniosos preliminares.

— Minha encantadora prima, preciso muita indulgencia, e peço-lhe queira desculpar-me se a privo ao mesmo tempo, mas por um momento, da companhia de tão attenciosos cavalheiros... desejava dizer-lhes duas palavras; creio que me não negarão este favor.

O major e Luciano, com quanto estivessem tão espantados como Florencia, responderam entretanto ao mesmo tempo:

— Estamos ás suas ordens.

— Agradeço-lhe cordealmente, disse Rembrés, é negocio de um minuto o que eu tenho a tratar com v. s.ªs

Florencia seguiu-os com os olhos, em quanto se lhes affastavam todos tres, e sentiu-se atacada de um vago presentimento de inquietação. Mas foi ella a primeira a rir daquelle accesso de terror, pensando na physionomia de bonancheirão, e nas argolas de ouro do seu primo provinciano.

Rembrés e os seus dois companheiros atravessaram a sala de baile em todo o seu comprimento, e entraram para o aposento azul, onde o barão tinha ficado irresoluto, e como aterrado, depois do falsario o deixar.

Quando o viu voltar com Luciano e Vernier, redobrou-lhe a perturbação. Não imaginava o que podéra ter logar, e a dizer a verdade, o seu espirito, allucinado pelo terror da situação, não estava em estado de adivinhar o mais simples enigma; não adivinhava, pois, mas temia uma crise, e tremia instinctivamente.

Tremia, porque o perigo que o ameaçava era daquelles que partem o coração aos mais intrepidos. Era um perigo de especie quasi mysteriosa e phantastica. Com quanto estivesse de algum modo prevenido, ignorava o alcance do esperado golpe. Se o soubesse, não teria fôrças, nem mesmo vontade para se defender.

Rembrés passou em frente do barão, que voltou a cabeça para evitar o seu olhar, e parou só no angulo da sala de jogo, opposto á porta da galeria envidraçada.

— Meus queridos senhores — disse com o mais gracioso sorriso a brincar-lhe nos labios — sinto realmente tê-los interrompido na agradavel conversação que haviam encetado... serei, porém, breve... sr. major, reconheço em v. s.ª um valente e digno official...

— Senhor... replicou Vernier, inclinando-se; — v. s.ª tem de certo muita bondade... mas não posso adivinhar...

— Quanto ao sr. Luciano de Pons, tornou o sr. Claudio, com a mais maviosa intonação — direi, se a opinião d'um pobre provinciano vale alguma cousa, que difficilmente se poderá encontrar um cavalheiro mais distincto, mais completo, mais...

— Senhor, acudiu Luciano; confesso que não sei...

— Quiz provar-lhes, meus queridos senhores, proseguiu Rembrés, que sei apreciar o seu merecimento, antes de entrar na materia.

Luciano e o major olharam um para o outro. Aquelle exordio assimilhava-se muito a uma solemne mystificação.

Claudio continuou sem mudar de tom:

— Venho com effeito... se encommodei foi porque, com muito pezar meu... estou encarregado de uma commissão, realmente muito delicada... e de que só v. s.ªs devem ter conhecimento.

O major podia ser romanesco e delambido em amores, mas fóra do paiz da ternura, tornava-se o homem frio, firme, arrojado e prudente, que ganhára todos os seus postos no campo da batalha.

Luciano, esse, era um moço timido e fogoso ao mesmo tempo.

— Que quer isso tudo dizer? exclamou, córando de impaciencia.

—Deixe fallar aquelle senhor, disse seccamente o major.

Havia o quer que é de terrivel na tranquillidade apparente d'este homem. Mas Rembrés não era dos que se aterram por pouca cousa.—Proseguiu com estrema bonhomia:

—Meus ricos amigos, devéras aterram-me... Receio, em verdade, que o meu recado lhes desagrade; e eu rogo-lhes...

—Deixemo'-nos de cumprimentos; vamos ao ponto da questão! acudiu Vernier com imperiosa polidez.

—É o que desejo mais, respondeu o ex-banqueiro; bem sabem... que ha certas commissões a que um parente... um amigo... não póde negar-se... acreditem que obro muito contra minha vontade... mas o meu dever obriga-me a dizer-lhes, que o sr. barão d'Osser deseja privar-se d'hoje ávante da honra da sua companhia.

(Continúa.)

POESIA.

A rosa na sepultura.

Pobre flor! porque naciste
Sobre una tumba desierta?
J. Zorrilla.

I.

Aos pés da cruz solitaria
D'uma humilde sepultura,
Tu brotaste, ó doce imagem
Da belleza e da ternura:

Como um sonho d'alegria
Entre os revezes da sorte,
Nasceste, encanto das bellas,
Entre os espectros da morte:

Que vens fazer entre os goivos,
No chão da morte e da dór,
Mimoso enlevo dos olhos,
Purpurea rosa d'amor?

Porque te mostras risonha,
Trajando galas celestes,
Aqui no musgo das campas,
Entre funebres cyprestes?

Porque ao bafejo da morte
Vieste aqui vejetar,
Longe das c'rôas das virgens,
E dos vasos do altar?

Aos pés da cruz solitaria
D'uma humilde sepultura,
Porque brotas, doce imagem
Da belleza e da ternura?

II.

Tu, ó rosa purpurina,
Em tão funebre logar!
Tu isolada entre os mortos
Como uma véla no mar!

Tu, rainha seductora
D'um formoso, immenso imperio,
Tu escolhendo por solio
A lousa do cemiterio!

Tu, a flor de gala e festa,
Tu, entre as campas assim,
Buscando a estancia da morte
Quando te chama o jardim!

Tu, ó rosa, como a alma
Que descrê do mundo vário,
Tu impondo-te na vida
Um exilio voluntario!

Tu, inveja das mais flores,
Encanto do prado inteiro,
Gastando as galas da vida
Nos grilhões do captiveiro!

Tu, ó rosa purpurina,
Em tão funebre logar!
Tu, isolada entre os mortos
Como uma véla no mar!

III.

Que fazes, rosa, que fazes
Nesta mansão do pavor?
Qual é aqui teu destino,
Mimosa, purpurea flor?

Longe das turbas procuras
Doce paz da solidão,
Porque engeitas com despréso
As galas do mundo vão?

Em vez das festas dos homens
Vens antes a campa ornar,
Porque é a porta do templo
Que mais se deve enfeitar?

Conduz-nos a novo mundo,
Mundo d'amor e de luz;
Vens por isso engrinalda-la
Vegetando aos pés da cruz?

Vens dedicar aos finados
Teu doce perfume intenso,
Porque aos viventes não faltam
Fragrantes nuvens d'incenso?

Que fazes, rosa, que fazes
Nesta mansão do pavor?
Qual é aqui teu destino
Mimosa, purpurea flôr?

IV.

Quem ha-de, ó rosa, quem ha-de
Amar-te aqui, dar-te culto,
Se o teu viço... nestas cinzas...
É um ironico insulto?

Entre os soluços do pranto
És qual riso d'alegria,
És qual sarcasmo pungente
Entre as ancias da agonia.

Ai! deploro a tua sorte,
Solitaria, triste flôr,
Que assim consomes co'as tumbas
Tanta fragrancia e frescor!

Viverás sôbre um sepulchro
E sôbre elle morrerás,
Sem mais prazer que o retiro,
Sem mais ventura que a paz!

Nenhuma candida virgem
Se ha-de comtigo adornar,
Nem uma dextra piedosa
Te irá depôr no altar.

Quem ha-de aqui vir amar-te,
Quem póde aqui dar-te culto,
Se o teu viço... entre essas campas
Nasce, e vive, e morre occulto?

V.

Ah! entendo o teu destino,
Linda rosa sepulchral...
Tu és o breve epitaphio
D'uma lousa virginal!

Negue-te embora seu culto
Impia turba indifferente,
Ha-de vir aqui amar-te
Todo o que pensa e que sente.

Gôsto de ver-te sósinha,
Ao pé da morte a brotar,
Perfumando a sepultura
Como a pedra d'um altar.

Dorme aqui... sob essa lousa
Aonde ao mundo vieste...
Outra rosa de quinze annos,
Mas outra rosa celeste!

Como um protesto solemne
Contra a morte prematura,
Surge a imagem da belleza
Das cinzas da formosura!

Salvè, purpurea florinha,
Salvè, rosa sepulchral,
Salvè, eloquente epitaphio
D'uma lousa virginal!

A. Lima.

VIAGENS.

Navegação do Nilo.

(Continuação.)

Os marinheiros do Nilo são homens socegados e de bons costumes. Ao anoitecer reunem-se, formam circulo, e cantam, tocam, ou ouvem algum conto, que um delles se encarrega de narrar. No fim dão tres gritos com toda a fôrça de seus valentes pulmões. Os canticos desta gente são monotonos e tristes como as melodias dos selvagens. O acompanhamento é simples, e sempre o mesmo. Já se não sabe quem o compoz. Herodoto falla muito da belleza d'estes canticos. Se a tradicção se não corrompeu inteiramente, é certo que os antigos não apreciavam a musica como nós; tinham no gôsto uma enorme differença. Pelo que diz respeito á execução, não ha nella o menor vestigio d'arte. Um dos homens canta, e os outros repettem o refrão, batendo com as mãos o compasso. De ordinario acompanham-se com o *darabouka*, e uma especie de flauta de cana. O *darabouka* é um tambor de barro, de figura afunilada; a pelle, mal preparada, quasi sempre coberta de pello, colloca-se do lado mais largo. O *darabouka*, collocado sôbre um joelho, e debaixo d'um braço, toca-se com ambas as mãos. Julga-se que é africana a origem d'este instrumento. As flautas são grosseiras, mal acabadas, e produzem sons fanhosos e desagradaveis.

Os marinheiros do Nilo gostam muito da sua musica, e com ella se divertem á noite; mas a sua suprema felicidade consiste em tomar café, e fumar ao mesmo tempo nos cachimbos. No Oriente toda a gente bebe café, como se bebe vinho cá na Europa, e antes isso; já que os homens não podem divertir-se sem introduzir algum liquido no estomago, melhor é que esse liquido seja o café, que não tem os horriveis effeitos das nossas bebidas espirituosas, e não embrutece os que delle usam, ainda que seja com excesso, e por vicio. Não se deverá attribuir a esta differença de bebidas, a differença de costumes, que se nota quando se comparam os nossos marinheiros grosseiros e rudes, com os marinheiros do Nilo, que vivem entre si fraternalmente, e tratam a todos com maneiras affaveis?

Para fazer perfeita idéa dos marinheiros do Nilo, é preciso saber como elles augmentam um pouco o seu modico salario: assim que chegam ás terras principaes pedem logo aos passageiros que lhes dêem um *backchis* (alguma cousa para beber). Tão arreigado está já o uso de lhes dar, de cada vez, 15, 20, ou 25 piastras, que ninguem se recusa a dar o que elles pedem, já com a certeza de receber. De resto, a palavra *backchis* é a mais util da lingua Arabe; é talvez a primeira que as creanças balbuciam. Não ha paiz no mundo, em que a mendicidade esteja tão universalmente espalhada como no Egypto. Toda a gente pede, e a todos, sem excepção.

Um criado do paiz, que faz de cosinheiro e de *drogman*, completa o pessoal de uma *canja*. Estes homens são quasi sempre intelligentes, e fallam a lingua franceza, ainda que imperfeitamente, e só nos casos de ne-

cessidade. Formam, entre o povo, uma classe distincta, pelo conhecimento de uma lingua estranha, e pelos meios. O seu ordenado é de 12$000, afora o que elles furtam nas compras, que poderá orçar pelo dôbro. Muitos moços arabes, que o vice-rei manda pomposamente educar na Europa, onde a presença d'estes mancebos o faz passar por grande civilisador e estadista, abandonados, quando voltam ao Egypto, são obrigados, para obterem meios de subsistencia, a servir nas *canjas* como *drogmen!*

A viagem do alto Egypto effectua-se hoje com extrema facilidade — não são mais seguras as estradas dos paízes mais bem administrados da Europa. Quando uma *canja*, em tempo de calmaria, tem de se demorar de noite junto ás margens, fica amarrada á terra. Não ha um exemplo de roubo, apezar da facilidade que teria a execução. Faça-se justiça a Mehemet-Ali, que conseguiu tornar o paiz admiravelmente pacifico. Circulam por elle, em perfeita segurança, christãos e musulmanos. São para lamentar, na verdade, os meios atrozes, que empregou para conseguir este resultado; mas o que se não póde negar é que, assegurando a liberdade da passagem por todo o Egypto, e pela parte do deserto, que conduz á Syria e á Palestina, fez um serviço importante, que ha-de concorrer para enlaçar estreitamente o Occidente com o Oriente.

Ha vinte annos arriscaria a vida quem emprehendesse a viagem, que nós hoje fazemos, com a porta da camara aberta, e tendo por guarda dois marinheiros adormecidos. A tres leguas do Cairo, n'outros tempos, não podia ninguem ir visitar as pyramides, sem uma escolta para sua defeza. Graças a este estado de cousas, o Nilo é muito frequentado; não ha dia em que por elle não passe uma barca de viajantes, cuja nação se conhece logo, porque é d'uso arvorar em cada uma das *canjas* o pavilhão nacional. Os inglezes, sôbre todos, frequentam muito o Nilo.

Navegando neste rio não são os viajantes obrigados a ficar sempre a bordo. Ha muitas occasiões em que se póde saltar para terra, e visitar as povoações, onde se devem temer unicamente os cães, que são muitos, e ainda não poderam costumar-se a ver os fatos dos europeus. Os caçadores podem alli exercitar-se desde a manhã até á noite. Ha nas margens do Nilo uma riqueza ornithologica fabulosa; ha uma immensidade de aves, mas principalmente de rôlas, pombos e calhandras. O Nilo offerece tambem bellas e numerosas prêsas aquaticas, não fallando no pellicano, rei das aves do paiz. Vi matar um, que tinha tres metros e tres centimetros de distancia, entre os extremos das azas distendidas, e quasi dois metros do extremo do bico ao extremo da cauda. Era uma linda ave.

(Continúa.)

Expedicção ao pólo arctico.

Mais d'uma vez temos fallado da expedição do capitão Franklin, que se suppõe ainda prêso nos gelos do pólo arctico. Da *Semaine* extraímos o seguinte:

«As últimas noticias que a mala da America, que vem pelo isthmo de Penamá, trouxe do Atlantico, ácêrca dos navios que foram expedidos em busca da esquadrilha de Francklin, chegaram no momento em que estava para se fazer de vela a nova expedição, commandada pelo capitão Collinson, e composta da *Empreza* e do *Investigador*, que vão para as mesmas paragens com egual commissão.

«O *Plover* penetrou até 73°. 10′ de latitude, acompanhado do yacht *Nancy-Dawson*, pertencente a M. Sheddon. Estes dois navios visitaram uma grande extensão de costas, desconhecidas até agora, da America do Norte, desde o estreito de Behring até á emboccadura do rio Makensie. Nenhum vestigio encontraram de Francklin, e dos seus navios. O commandante do *Plover* invernou no estreito de Behring; o *Nancy-Dawson*, cujo proprietario morreu na viagem, voltou a Mazatlan.

«M. Sheddon, que tinha mandado construir este bello navio para seu uso e divertimento, e que o havia destinado para dar volta em roda do mundo, tendo encontrado o *Plover*, tomou a generosa resolução de o acompanhar; as fadigas desta viagem causaram-lhe a morte. O seu exemplo, porém, não aterrou os imitadores; muitos particulares estão armando navios para o mesmo fim. Falla-se d'uma segunda expedição, que seguirá o mesmo caminho que seguiu Franklin, e que entrará no estreito de Basrow, em quanto a esquadrilha de Collinson tratará de penetrar pelo outro lado até á ilha Melville, passando, por conseguinte, além da bahia de Elson, limite até onde tem chegado até agora os navios. Tambem se falla de outras expedições, todas emprehendidas com o fim de salvar os navegantes perdidos, se ainda existem.

«A derrota, que vae seguir o capitão Collinson, é das mais perigosas. É preciso que atravesse esse estreito de Behring, que se não conhece, e que chegue a oeste da ilha Melville, espaço de setecentas leguas ainda não exploradas. Haverá por ventura passagem? Qual é a configuração das costas? Não se sabe. Se M. Collinson consegue o seu fim, o grande problema da passagem do pólo ao noroeste fica emfim resolvido. É duplicado o interesse desta perigosa expedição. Trata-se de salvar os nautas atrevidos, que podem ainda estar vivos, e de resolver um grande problema scientifico, cuja solução tem sido até hoje procurada debalde. É por isto que se multiplicam as invenções e precauções de todo o genero. Os navios que compõem a esquadrilha de Collinson levam algodão-polvora, polvora ordinaria, balas, fornos, apparelhos chimicos e electricos, emfim uma carregação de balões, e muitos instrumentos recentemente inventados para fundir o gêlo, derramando sôbre elle agua quente, ou submettendo-o á acção do vapor. Tencionam fazer saltar os rochedos de gêlo, como se fazem arrebentar as minas. Trata-se tambem de dirigir correntes de vapor sôbre as massas congeladas, e de as fazer arrebentar pelos meios combinados do calor e da pressão. Fizeram-se já experiencias curiosas em Woolwich. Dirigiram-se jactos de vapor sôbre seis grandes massas de gêlo, formando no todo uma espessura de 14 polegadas quadradas. Por meio deste jacto, e de uma pressão simultanea de 50 libras, por pollegada quadrada, a massa inteira se fundiu e dividiu em menos de 56 segundos.

«Os dois navios do capitão Collinson levam mantimentos para 3 annos, 40 trenós, e grande quantidade de serras e de instrumentos de ferro de todas as qualidades. A tripulação da *Empreza* tem, além do capitão,

3 tenentes, e 65 homens de marinhagem. O *Investigador*, ás ordens do commandante *Mac-Clare*, tem 2 tenentes, 1 guarda-marinha, e 66 marinheiros. O projecto relativo aos balões é principalmente sustentado pelo tenente Gale. Até agora ainda não accederam ao vivo desejo que elle tem de ver, do alto da sua barquinha, o curioso panorama completo do pólo norte. Deve ser sem dúvida um espectaculo magnifico.

«Calculou elle, que o observador, collocado em um balão, descobriria, na altura de 4:000 pés, 84 milhas inglezas, proximamente.

«É certo que a densidade da atmosphera, nestas regiões, favoreceria as operações hydrostaticas, economisando-se o hydrogenio. Bastaria amarrar o balão, por meio de cabos, para segurar o viajante que emprehendesse as observações. Dizem os partidistas d'este projecto, que seria facil deitar balões d'ensaio, munidos de thermometros reguladores, que se examinariam depois para se ver o estado real da atmosphera, e o effeito que produziria sôbre o gaz. São numerosas as especulações sôbre este objecto — toda a população industrial e scientifica da Inglaterra, está seriamente interessada no projecto.»

Uma mulher vendida.

Em novembro de 1849, no mercado de Goole, na Inglaterra, um barqueiro chamado Ashton vendeu a mulher. O caso foi o seguinte: Obrigado a recolher-se ao hospital de Hull, por estar doente d'um joelho, foi trahido na ausencia por sua esposa, que fugiu de casa com um visinho. Apenas se achou curado tratou o marinheiro de procurar a esposa infiel, e amigavelmente fallou com ella ácêrca da venda. No dia aprazado, Ashton conduziu sua mulher ao mercado, com uma corda ao pescoço. O preço da avaliação foi de *quatro vintens*; um velho que passava lançou *duzentos réis*; a final o amante comprou-a por *um quartinho!*

Os folhetins — os folhetinistas e a Thalia. [1]

O CARACTER do folhetim não é severo: analysa, mas não sentencêa; entre nós apenas se começa a conhecer este genero de escriptos, que nos outros paízes, e particularmente em França, fazem as delicias do bello sexo, dos janotas, e finalmente de todos aquelles que não querem, ou não podem, entregar-se a leitura mais séria. Quem tiver lido os folhetins de madame Girardin, os de Jules Janin, e outros, não póde negar que nelles abunda aquella graça subtil, aquella flor do engenho, a que hoje chamâmos *espirito*, que dá animação e vida aos mais insignificantes objectos da nossa quotidiana conversação. Mas tem esse *espirito* os nossos folhetins? Dirão os folhetinistas portuguezes: — Nós não temos que analysar, e vemo'-nos obrigados a andar sempre de S. Carlos para S. Bento, e de S. Bento para S. Carlos. — Tendes razão; é horrivel a monotonia desta nossa capital; mas quebrae-a vós que escreveis com facilidade! Porque razão haveis de ligar a vossa imaginação a cousas, que não podem de modo algum prender a dos vossos leitores? Acreditae que o estylo do folhetinista deve ser ligeiro, rapido, e o seu *espirito* vasto. É necessario não descrever sempre os mesmos objectos, variando unicamente as phrases — póde ser isso uma prova de talento, um *tour de force* em litteratura — mas no fim *cança*.

O folhetinista, mais do que nenhum outro escriptor, vae constantemente analysando o que vê, ouve e lê; e transmittindo-nos as suas idéas, os seus sentimentos, as suas impressões, e por isso póde dizer-se *tout son être passe là*.

Escriptores ha entre nós, que deviam mais de uma vez exclamar, como D. Bucefalo: *Ingrata phantasia tu m'abandoni!* Outros, cujo espirito maligno parece inspirado por algum genio satanico. Alguns tem, incontestavelmente, *facilidade* em escrever, não lhes falta graça, porém apresentam sempre nos seus discursos o que se chama em litteratura *quebras de estylo* — estamos certos de que elles mesmos achariam inconveniente repetir em sala algumas phrases de que usam nos seus artigos.

Lamentâmos que certa *luz brilhante* se apagasse com tanta rapidez; realmente havia alguem, n'um dos extinctos jornaes, a quem nunca faltava acêrto e chiste no seu modo de criticar — por vezes o auctor deixava ver erudição demasiada; mas, pondo de parte esse defeito, os seus artigos poderiam competir com os melhores.

Mas... vejo que principio a enfadar-vos. — Quereis, amaveis leitoras, que vos diga alguma cousa que mais agrade á vossa imaginação inquieta, frivola e poetica. Pois bem, dir-vos-hei que fomos ao baile da *Thalia*. Assistimos á representação de tres peças: a primeira intitulava-se *Une pension bourgeoise*, e esta foi a que melhor nos pareceu. A sr.ª condessa da Lapa intendeu o seu papel, comtudo *madame Guillaume* devia ter maneiras pretenciosas, como verdadeira *commerçante;* mas s. ex.ª não soube, nem quiz prescindir, mesmo por alguns momentos, do seu ar tão senhoril, fino, e naturalmente amavel; em quanto á graça nos ditos, inflexões caprichosas do canto francez, tudo s. ex.ª desempenhou perfeitamente. O sr. H. Óneill tambem se possuiu do seu papel, mas não tanto que chegasse a ter o ar *naïf* de *mr. Guillaume;* apezar d'isso foi muito bem, e agradou — como não podia deixar de agradar. A respeito do sr. Munró só poderemos dizer, que seria difficil excedê-lo — os elogios cessam quando se chega á perfeição. A peça portugueza era excessivamente simples, e talvez mesmo não fôsse *nada*, se o sr. F. Palha não tivesse representado com tanta viveza, tanta animação, que fez esquecer aquelle pobrissimo enredo. Seguiu-se depois *Frizette*, peça moral, bonita mesmo, ainda que um pouco monotona. A sr.ª condeça da Lapa, e o sr. Óneill desempenharam bem; principalmente na parte que envolvia sentimento. Não deixaremos, porém, de notar, que houve pouca vivacidade no movimento da scena. Os *ouvriers* tem mais alguma *brusquerie* nos seus modos.

E que vos direi eu do baile? Dançou-se e conversou-se. Havia, como sempre, uma reunião de pessoas todas conhecidas, que é, *no fim de contas*, uma cousa muito agradavel. Parece que n'uma sociedade escolhi-

[1] Este artigo, que teve a bondade de nos offerecer pessoa estranha á redacção, não foi publicado no número antecedente por falta d'espaço.

da todos se acham bem, á sua vontade, como se estivessem em familia. Havia bonitas *toilettes* e algumas elegantes; mas o que eu havia de notar, se ousasse — e ouso de certo — era a quantidade de olhos formosos que se reuniram. Dizem que temos perdido a nossa nacionalidade; infelizmente assim será, mas... resta-nos, para nos consolar, um certo perfume meridional, que nos embala o pensamento de uma doce esperança, e dá-nos a liberdade... de fallar dos olhos das damas portuguezas; e, a proposito delles, diremos, que uns havia, sôbre todos, que nos fascinaram e involveram com um *não sei quê* de *oriental*, e, se nos permittem, irão aqui estes versos, que tão bem lhe cabem:

....

Ne rien voir sons le platane,
Que tes grands yeux de sultane,
Et mourir de mon bonheur.

Pace, et joia sia con voi.

D. Alonzo.

Theatro de S. Carlos.

Maria de Rohan, opera de Donizetti, cantou-se pela primeira vez em S. Carlos, na noite de 2 do corrente, sendo as partes principaes confiadas ás sr.as Gresti e Persolli, e aos srs. Baldanza e Fiori. A musica da opera é bôa, principalmente a do 3.° acto. — A sr.a Gresti *(Maria)* cantou muito bem, e deu mais uma prova de que nem só os *spartitos* de Verdi estão ao alcance dos seus recursos artisticos. — A parte de *Gondi* não está propria para a voz da sr.a Persolli. — O sr. Baldanza *(Chalais)* sustentou perfeitamente o seu papel. — O sr. Fiori interpretrou com muito discernimento a parte de *Chevreuse* — o tom de motejo que assume, quando, na scena 4.a do 2.° acto, acha a mascara no gabinete de *Chalais;* o resentimento que mostra no 3.° acto, quando descobre a infidelidade da esposa; aquelle espontaneo movimento de terror, quando vê o retrato — são lances dramaticos, cujo desempenho põe em relevo o talento do artista.

L'elisir d'amore foi a opera escolhida pelo sr. Fiori para o seu beneficio. A peça é bellissima; mas está já muito ouvida e vulgarisada para que possa fazer enthusiasmo. Apezar d'isto, o nome do beneficiado fez que o theatro tivesse uma enchente real; e o público teve occasião d'observar a habilidade com que o sr. Fiori se houve no papel *Dulcamara*; caracter inteiramente diverso daquelles em que se tem mostrado. O sr. Baldanza foi um excellente *Nemorino*. A sr.a Gresti cantou com graça: e o sr. Celestino merece louvor por se ter sujeitado a desempenhar uma parte, que foi escripta para cantores de primeira ordem.

Por motivos *imprevistos*, deixou de se tocar a simphonia burlesca do sr. Casimiro, que estava annunciada para o beneficio do sr. Fiori. Estamos perfeitamente ao alcance de quanto se passou sôbre este negocio: por agora só dizemos — que *as pretenções e susceptibilidades exaggeradas, os caprichos frivolos e mal fundados*, longe de acreditarem, acarretam quasi sempre o *ridiculo* e a *censura*, sôbre o individuo ou corporação que os sustenta.

A sr.a Judith Rugali obteve uma brilhante ovação; quando na segunda-feira dançou a *Redowa* com o sr. Vienna.

A dança pantomimica — *Cadet, Barbeiro* — insulsa composição do sr. Guidi, foi acolhida com uma estrondosa pateada na noite de quarta-feira, primeira vez que subiu á scena.

NOTICIAS SCIENTIFICAS E INDUSTRIAES.

Commissão scientifica.

Consta que o governo inglez vae nomear uma commissão composta de sabios, que, passando pela cadêa de montanhas de Himalaya, se encarregará de procurar a origem do rio Tsan-Tsi-Kiang, e de seguir a direcção d'este immenso rio até o ponto de sua entrada no mar. A execução d'este projecto, que é d'alta importancia para a geographia, só agora é possivel, porque o imperador da China revogou recentemente o decreto, que prohibia a entrada de estrangeiros no celeste imperio.

Trabalhos geodesicos.

Aos que se espantam quando se lhes diz que não se póde fazer a carta de Portugal, sem consignar para este effeito uma verba avultada no orçamento, offerecemos a seguinte nota sôbre os trabalhos feitos na Gram-Bretanha.

A medição trigonometrica, que começou em 1791, tem custado, até hoje, um milhão e 428:404 libras sterlinas. O trabalho feito comprehende só a Inglaterra, exceptuando ainda os seis condados septentrionaes, comprehendendo, porém, o paiz de Galles.

Os trabalhos da medição do resto do Reino-Unido serão continuados d'ora em diante com grande actividade. São encarregados da execução quatro companhias do real corpo de engenheiros, auxiliados por oitocentos geometras civis. O orçamento concede para estes trabalhos 60$000 libras por anno.

PROBLEMA.

Mandar escrever um número qualquer, e adivinhar que número é.

EXPLICAÇÃO DO NÚMERO ANTECEDENTE:

Charada — Tragedia.

AVISO.

Com o número seguinte se distribuirão os prospectos para o 3.° volume. Os srs. correspondentes terão a bondade de fechar quanto antes as suas contas, remettendo immediatamente o saldo, ou declarando á Direcção da Revista, *que póde dispôr das quantias que tiverem em seu podér.*

Este aviso comprehende tambem os srs. correspondentes, que, sem ordem da direcção, conservam em seu podér quantias pertencentes ao Almanak Popular.



Dr. Bernardino Antonio Gomes.

O Dr. Bernardino Antonio Gomes nasceu na villa d'Arcos, commarca de Vianna, em 29 d'outubro de 1768. Formou-se em medicina na universidade de Coimbra, onde se lhe passou carta, em 18 de junho de 1793. Quatro annos depois, em 9 de janeiro de 1797, foi nomeado medico da Armada Real, com a graduação de capitão de fragata. Embarcou em 16 do dito mez, e fez diversas viagens, exercendo o seu logar com grande distincção. Em 1810 entrou, como socio correspondente, na Academia Real das Sciencias de Lisboa. Passou a socio livre em 1812, a socio effectivo da classe de sciencias naturaes, em 1814, e a director de classe em 1821. Foi membro creador da instituição vaccinica em Portugal, e membro da Junta de Saude Pública.

O Dr. Bernardino Antonio Gomes era um dos melhores medicos do seu tempo. Intelligente, estudioso e infatigavel, ganhou fama no seu paiz, e teve a glória de ver o seu nome conhecido e estimado na Europa. Como naturalista fez serviços importantes á sciencia; como chimico fez descobertas; como medico applicou em beneficio da humanidade o valioso cabedal da sua sciencia. Escreveu a respeito da quina e da ipecacuanha, descobriu a cinchonina, compoz um tratado sôbre febres, fez muitas observações sôbre as vantagens da agua fria, e deixou uma obra systematica sôbre as molestias de pelle, que merece o elogio de todos os que estudam a sciencia. Morreu em Lisboa aos 13 de janeiro de 1823.

Um jornal como a *Revista* apenas póde apresentar uma noticia biographica resumida. O elogio historico do Dr. Gomes não é para aqui, e, que o fôsse, nunca nos atreveriamos a escrevê-lo, constando-nos, como nos consta, que um de seus filhos, cujo nome é tão justamente respeitado entre nós, tenciona encarregar-se d'este trabalho.

EDUCAÇÃO POPULAR.

Ainda não ha muito tempo, ía eu a cavallo, e parei n'um logar onde estava muita gente reunida para assistir á venda d'um armazem. Como ainda não fôsse a hora de principiar o leilão, conversavam uns com os outros, ácêrca dos seus interesses. Um delles, dirigindo-se a um velho de cabellos brancos, vestido modestamente, mas com aceio, perguntou-lhe:

—Então, pae Abrahão, que nós dizeis ao tempo? Estes pesados impostos não arruinarão completamente o paiz? Como poderemos paga-los? Qual é o conselho que nos daes?

O pae Abrahão levantou-se, e respondeu:

—Se quereis o meu conselho, eu vo-lo darei em poucas palavras; porque *uma palavra basta ao sabio*, e *não é com muitas palavras que se enche um alqueire*, como diz o bom homem Ricardo.

Reuniu-se o povo em tôrno delle, e pediu-lhe que se explicasse. O velho proseguiu nestes termos:

—Amigos e visinhos, disse elle, os impostos são pesados, é verdade; e se os que impõem o governo fôssem unicos, mais facilmente os pagariamos; mas temos outros muitos, que são mais onerosos para alguns d'entre nós. Somos duas vezes collectados pela nossa preguiça, tres vezes pelo nosso orgulho, quatro vezes pela nossa tolice; e o mais é que esses impostos são de tal ordem, que não ha authoridade que os possa alliviar, nem supprimir. Comtudo demos ouvidos aos bons conselhos, e talvez haja ainda recurso. *Ajuda-te que o céu te ajudará*, como diz o bom homem Ricardo no seu Almanak.

«Ter-se-ía por governo bem despota o que exigisse para seu serviço a decima parte do nosso tempo; mas a preguiça ainda leva mais, se contarmos o que se passa em perfeito ocio, em occupações frivolas, ou em divertimentos que equivalem a nada. O ocio faz doença, abbrevia a vida. *O ocio é como a ferrugem—estraga mais que o trabalho*; em quanto *a chave que sempre se usa está sempre limpa e não se enferruja*. Se amas a vida não desperdices o tempo, *que é o estofo de que a vida se faz*. Não o gastes em dormir mais do que é preciso; porque *raposa que dorme não apanha galinhas*—e *não faltará tempo para dormir debaixo da terra*, como diz o bom homem Ricardo.

«Se de todas as cousas é o tempo a mais preciosa, perder o tempo deve ser uma grande prodigalidade, porque o *tempo perdido fai-se e não volta*, e o que nós chamâmos muito tempo, é sempre poucochinho. A pé, a pé, e prompto sempre para o trabalho, e para o trabalho util. Faça-se a diligencia, e mais obra se fará sem tanto custo. *A preguiça faz tudo difficil; mas o trabalho torna tudo facil. O que se levanta tarde anda todo o dia com pressa, e nem sempre á noite terá o seu trabalho acabado. A preguiça viaja tão devagar, que a pobreza vae apanha-la no caminho. Não esperes que o trabalho te empurre; faze tu andar o trabalho. Deitar cedo, e levantar cedo, faz o homem são, rico e sabio.*

«O que significa desejar e esperar tempo melhor? O tempo faz-se melhor quando se emprega em bôas acções. *O trabalho não tem desejos*, como diz o bom homem Ricardo. *O que vive de esperanças morrerá de fome. Não ha ganho sem trabalho; valham-me as mãos, já que terras não tenho*, ou se as tenho opprime-as o imposto. O que tem um officio tem um capital—é como se tivesse uma terra; o que tem uma profissão tem um emprêgo que lhe dá honra e proveito; mas é preciso trabalhar bem no officio, desempenhar bem os deveres da profissão, para que se possam pagar os impostos. Se formos laboriosos não morreremos de fome; *porque á fome espreita a casa do que trabalha, mas não ousa lá entrar*. E tambem lá não entrará o official de justiça, nem o commissario, porque *o trabalho paga as dividas, em quanto o desespêro as augmenta*. Que importa que não tenhas achado um thesouro, nem recebido a herança d'algum parente rico? *A actividade é a mãe da ventura*, e *Deos dá tudo ao trabalho. Lavrae, lavrae com coragem, em quanto o madraço dorme, e tereis trigo para vender e para guardar*.

Trabalhae hoje, fazei o que tiverdes para fazer, porque não sabeis que obstaculos vos impedirão ámanhã. Um *hoje* vale dois *ámanhã*.

«Se fosseis criado não ficarieis envergonhado, quando o patrão vos encontrasse com as mãos debaixo do braço? Pois vós sois o patrão: *Envergonhae-vos se vos surprehenderdes em ocio*. Havendo que fazer em vosso proveito, da vossa familia, da patria, é preciso que vos levanteis ao romper do dia—é preciso que o sol, quando olhar para a terra, não diga:—Além está um covarde que dorme!

«Pegae na ferramenta sem luvas: *gato com luvas não é caçador*. É verdade que ha muito que fazer, e que o pulso póde não ser forte; mas trabalhae com firmeza, e vereis grandes effeitos; *com o tempo a gota d'agua abre o rochedo; com actividade o rato roe a corda; com pequenas pancadas se póde abater um grande carvalho*, como diz o bom homem Ricardo no seu Almanak, não sei de que anno.»

(Continúa.)

ESTUDOS HISTORICOS.

Das côrtes em Portugal.

I.

Sua convocação e noticia succinta das que se celebraram nos differentes reinados.

(Continuado de pag. 309.)

Esta instituição, altamente desconsiderada desde que o podêr real invadiu todos os poderes do estado, substituindo a todo o direito a *sciencia certa* do monarcha, começou a caír em esquecimento quasi total, tornando-se a sua reunião, não só irregular, mas mui pouco frequente, e nessas mesmas occasiões que eram chamados procuradores a côrtes, o seu mester e as suas deliberações não tinham, nem a importancia, nem o interesse dos primeiros tempos da monarchia.

No curto reinado do infeliz e imprudente rei D. Sebastião, as côrtes reuniram-se uma unica vez, por carta convocatoria da sr.ª D. Catharina, tendo logar as suas sessões nos Paços da Ribeira.

Alguns dos nossos escriptores mencionam os capitulos geraes dos povos e da nobreza, offerecidos nestas côrtes, taes são D. Manoel de Menezes, na chronica de D. Sebastião, cap. 103, e o P.e José Pereira Baiam, no *Portugal Cuidadoso e Lastimado*, liv. 1, cap. 8.

Estas côrtes, segundo egualmente consta da *Historia Sebastica*, foram dissolvidas pelo cardeal regente D. Henrique, em 1563.

No governo d'este principe, depois da desastrosa batalha de Alcacerquibir, reuniram-se em Lisboa as côrtes (em 1579), para tratar o importante objecto da successão do reino; para regular o mesmo objecto se congregaram de novo em Almeirim (1580), e por esta occasião *Febo Moniz*, procurador pela cidade de Lisboa, apresentou uns *embargos em que mostrava que o povo tinha o direito de nomear successor á corôa*. Esta proposição corajosa, que podia salvar a monarchia da dominação castelhana, foi seguida da dissolução das côrtes, ordenada por provisão dos governadores do reino, de 15 de março de 1580.

O Prior do Crato, D. Antonio, convocou côrtes em Lisboa, para este mesmo anno, segundo consta da carta ao concelho de Coimbra, na qual se intitula rei de Portugal; entretanto, pelas vicissitudes da guerra, nunca chegaram a celebrar-se.

Seguiu-se a infausta dominação hespanhola, e logo em 1581 convocou Filippe II uma reunião para Thomar, declarando-se, na carta convocatoria, ineligiveis para o cargo de procurador os *partidarios* de D. Antonio.

Reuniram-se egualmente em 1583, para o juramento do principe D. Filippe, como herdeiro das duas corôas, e, em 1616, já no governo d'este. Os *autos* das primeiras, existem, em grande parte, impressos, *por Antonio Ribeiro, impressor delrei, Lisboa — Anno* 1583.

Ao acto da acclamação de D. João IV, restaurada a monarchia do jugo de Castella, seguiu-se immediatamente (1641) a reunião das côrtes em Lisboa.

No mesmo reinado houve similhantes reuniões em 1642, 1645 — 46 e 1653 — 54. Os trabalhos destas assembléas quasi se limitaram ao decretamento de grandes tributos para cobrir as despezas da importantissima guerra travada, e por muitos annos sustentada contra a Hespanha.

No reinado de seu filho, aliàs notavel, assim pelos gloriosos triumphos obtidos dos castelhanos pelas armas portuguezas, como pelas extraordinarias perturbações civis, que terminaram com a deposição, e encarceramento, ou prisão, do desgraçado monarcha, apenas se celebraram côrtes, em Lisboa, no anno de 1668; e esta mesma reunião foi decretada pelo infante D. Pedro, para nellas ser jurado successor e regente do reino, pela *demissão* d'el-rei. A 9 de junho, do mesmo anno, concluiu-se a paz com Castella, nomearam as côrtes o regente, governador do reino, authorisando o seu casamento com *a rainha!* No anno de 1674 — *em que se requereu a el-rei desistisse da protecção dos christãos novos, e dos interesses que com ellas pretendia contractar, e se estabeleceu a lei de* 23 *de novembro, sôbre o governo do reino, e tutoria dos senhores reis, na sua menoridade ou incapacidade:* no anno de 1677 (em Lisboa); e na mesma cidade (em 1679 — 8.°), *em que se deliberou sôbre o casamento da princeza com o duque de Saboia, dispensando-se a lei de Lamego, para a mesma senhora não perder o direito ao reino, por casar com estrangeiro.*

Só em 1697 — 98, reinando já de direito D. Pedro II, teve logar a ultima celebração das nossas antigas côrtes, com o fim de jurar herdeiro do throno o principe D. João, depois V do nome, na serie dos reis de Portugal.

Desde então até á revolução de 1820, primeira tentativa para o estabelecimento dos principios liberaes entre nós, nunca mais houve reuniões de côrtes.

ROMANCE.

Peccadora.

XV.

(Continuação.)

A idéa de que lhe era mister nunca mais vêr Florencia, penetrou no espirito de Luciano, por tal modo, que nem attentou na insolencia do *recado*. Aquelle golpe que vinha feri-lo no meio da sua felicidade, quando a menina d'Osser rasgára parte do véu de virginal orgulho, que lhe escondia o amor, fez curvar a fronte do pobre mancebo, abateu a sua coragem. Veio levantar-se entre elle e Florencia uma barreira, e barreira efficaz desta vez, porque só poderia supera-la a vontade da propria Florencia.

E ama-lo-ía ella até arrostar os desejos de seu irmão?

O major Vernier não pensou assim. Resentiu o insulto, e se esta impressão se lhe não debuxou logo no semblante, foi porque Vernier tinha visto muita cousa, na sua vida de soldado, e sabía, cousa rara! conservar sangue-frio em presença do insulto, como em presença do perigo.

Tinha, além disto, mais uma razão para se conter. Rembrés, que sob a mascara transparente de hypocrita cortezia, tratára de dar á sua missão o alcance mais offensivo possivel, ultrapassára todos os limites. Vernier duvidava. Não podia acreditar que Armando, seu irmão d'infancia, o expulsasse de sua casa por intervenção d'um parente recem-chegado. — E comtudo, como era comprehensivel, que um parente desconhecido, que nunca vira Vernier, e ao qual Vernier fallava pela primeira vez na sua vida, tomasse sôbre si a responsabilidade de o despedir d'uma sala que não era sua?

Mas Vernier lembrava-se de lhe haver Armando apertado a mão, meia hora antes, murmurando: — Aconteceu-me uma grande desgraça...

Havia em tudo isto um mysterio, que exigia, pelo menos, muita prudencia.

— Espero, senhores, proseguiu Rembrés com a sua perfida bonhomia, que não me quererão mal por...

O major, que reflectia profundamente, não respondeu.

Mas Luciano, até então contido pelo pensamento de Florencia, deu largas á sua cólera de mancebo.

— Ora, disse, quem ha-de querer mal ao criado, que fecha a porta por ordem de seu amo!... Do sr. barão, cujo proceder é indigno de um homem delicado, hei-de eu exigir....

— Permitta-me que o interrompa, acudiu o major Vernier, o sr. barão d'Osser é meu amigo — e desde muito que estou habituado a tomar, como dirigida a mim, qualquer expressão offensiva que se lhe refira.

Luciano olhou para o major, espantado.

— Amadis de Gaula não podia fallar melhor! rosnou o sr. Claudio.

— Mas, disse Luciano, o senhor de certo não comprehendeu!... querem-nos pôr no meio da rua.

— É esse, de feito, o sentido das palavras aqui d'este senhor, que pelo nome não perca, mas...

— Chamo-me Claudio — desculpe-me a interrupção, tornou o ex-banqueiro.

— Mas, proseguiu o major, até que tenha mais amplas informações, tomarei a liberdade de duvidar das palavras do sr.... Claudio.

O barão, que tinha ás costas meio voltadas para o grupo d'estes tres personagens, seguia de longe esta scena com progressiva anciedade. Procurava interpretar cada gesto, adivinhar cada palavra dos tres interlocutores; tinha o ar de um criminoso que espera a sentença de seus juizes.

Exceptuando o proprio sr. d'Osser, ninguem dera fé d'este pequeno incidente. No aposento azul estavam só jogadores — e os jogadores, como é proverbialmente notorio, tem olhos... para não vêr.

É licito pensar que o ex-banqueiro não era lá dos mais melindrosos em pontos de honra. Demais, neste caso, sentia-se tão forte, que amofinar-se sería, pelo menos, um desproposito.

Antes de responder, dirigiu um rapido olhar ao barão, que estremeceu quando deu com os olhos nos de Rembrés, como se lhe houvesse descarregado uma machina electrica.

Rembrés piscou os olhos satisfeito.

— Muito bem — eu lh'o agradeço — replicou ao major — comtudo o que v. s.ª disse não é um desmentido franco; e no meu tempo um valente militar como v. s.ª não se havia de constranger tanto com um pobre burguez como eu sou.... Entretanto, quer-se informar mais amplamente? não ha nada mais facil!

Rembrés olhou para o barão, que um insuperavel terror agitava e contorcia. Este derradeiro olhar produziu o effeito de uma forte esporada — fez desapparecer a inercia d'Armando, que se levantou logo, sem saber mesmo o que fazia, e procurou instinctivamente fugir ao vendaval.

— Tem a bondade de esperar, primo! disse de longe o ex-banqueiro.

Armando recaiu desesperado sôbre a cadeira.

O major e Luciano, que não o tinham visto, correram para elle então.

— Vão! vão! murmurou o sr. Claudio; e saberão a pura verdade, meus ricos senhores!...

— Amigo, disse Vernier ao barão; acontece-me o caso mais célebre do mundo. Um homem que eu não conheço — e que se intitula teu parente, acaba de me despedir da tua casa, e em teu nome.

— Despedir-te! repetiu o barão, sem erguer os olhos.

— Da parte de v. ex.ª, accrescentou Luciano, que disfarçava o seu despeito e rancor com uma apparencia socegada.

O sr. Claudio que seguira vagarosamente os dois, e chegava então ao pé delles, disse:

— Não ha nada mais verdadeiro.

Estremeceram os labios do barão, como se este quizesse fallar; mas conservou-se calado, e inclinou ainda mais a cabeça.

— Pois bem! exclamou o major dolorosamente surprehendido — não respondes, Armando?

— Com que então, é ao senhor, disse Luciano, que eu, pela parte que me respeita, tenho que pedir uma satisfação...

Armando ergueu a cabeça com tanta vivacidade que Luciano não se atreveu a continuar.

No semblante palido e desfigurado do barão, lia-se uma ligeira expressão de alivio. Luciano acabava de o interpellar directamente. A este, ao menos, podia elle responder, pois que Rembrés, com quanto fôsse muito além do que era conveniente, servíra d'alguma maneira as suas idéas bem conhecidas a respeito de sua irmã.

— Pelo que lhe diz respeito, respondeu seccamente, não tenho mais satisfações a dar-lhe; o meu parente teve a bondade de constituir-se interprete dos meus sentimentos. Quero pôr côbro ás suas assiduidades, junto de minha irmã.

— Mas eu!.. disse Vernier em voz baixa.

Armando olhou para elle com um ar que revelava o seu intimo desespêro.

Vernier ficou indeciso. Os sobrôlhos crisparam-se-lhe levemente, e os seus olhos, como que interrogavam com interesse de irmão o semblante descomposto do barão, que de novo abaixára a cabeça. O major inclinou-se, e disse-lhe rapidamente estas palavras ao ouvido:

— Tens precisão de mim?

— Não, respondeu Armando, com voz sumida.

O sr. Claudio soltou uma risadinha de triumpho, foi repoltrear-se na cadeira mais proxima da de Armando.

O major abanou a cabeça, como quem ainda duvidava, e disse:

— É extraordinario!.. singularissimo!..

Quando Vernier se ergueu, ainda o Luciano não tivera ânimo para responder á grosseria do barão. Havia-se tambem endireitado; o seu formoso semblante, ha pouco córado de alegria, empallidecêra; o movimento convulsivo, que se lhe percebia nos labios, revelava a provocação que ía soltar, porque já a não podia conter.

No momento em que ia a abrir a bôcca, tocou-lhe Vernier no braço.

— O caso agora é comigo, disse o major, como se tomasse uma resolução subita.

— Mas, senhor!... exclamou Luciano, impaciente com aquella nova complicação.

Vernier interrompeu-o com ar peremptorio, e repetiu:

— Já lhe disse — o caso agora é comigo!

(Continúa.)

POESIA.

O cunhal do castello de Buarcos.

Da grandeza d'outras eras
Já tudo, tudo passou;
D'esses muros derrocados
Este cunhal só ficou;
Este cunhal do castello,
Que 'hi soberbo campeou.

E inda é rei d'este horisonte
O denodado cunhal,
Que affronta, ermo e sósinho,
As furias do vendaval,
Qual sentinella perdida
D'um esquadrão marcial.

Triste, triste sentinella
D'esses tempos que lá vão,
Que ficaste solitario,
A velar na solidão,
Embora nu, descarnado,
Sem elmo, sem murrião;

Mas firme, rijo, direito
No teu posto de batalha,
Por esses campos e mares
A tua vista se espalha;
Jaz a teus pés o castello
Envolto em rota mortalha.

Neste velho chão, que pisas,
Vem assentar-se o jogral.
Quero palpar com a dextra
Teu esqueleto real;
Praticar comtigo quero,
Formoso, velho cunhal.

Eu tambem, como tu foste,
Nas minhas eras fui rei;
Nesses tempos que passaram,
Ai! que trovas eu trovei,
Ai! quantas lyras quebradas!
Ai! com que amores amei!

Nos teus altos coruchéus
Que bandeiras tremularam!
Quantos trophéus, quantos louros
Os seculos te fanaram!
—Da minha c'rôa as boninas
Tambem já todas murcharam.

O soldado destas eras
Por ti passa irreverente.
Jaz consumido, desfeito
O teu brasão de valente.
—O estro do trovador
Tambem vacila descrente.

Falla comigo, responde,
Ó isolado cunhal,
Representante esquecido
Do meu velho Portugal;
Deixemos o mundo d'hoje,
O mundo vivo e real...

É debalde; não responde;
Rude soldado d'outrora,
Não entende as louçanias,
As cortezias d'agora;
Mas eu amo-te assim mesmo,
Descortez, calado embora.

Que por ti passem descrentes
Essas damas e romeiros,
Que vem devotos ao monte,
Que vem de amor prisioneiros;
Eu amo-te, ó sentinella
D'esses velustos guerreiros.

Eu amo-te. E á minha lyra,
A minha lyra quebrada,
Quero deixa-la comtigo,
Ao teu cólo pendurada;
Quero vê-la, á tua sombra,
Dos seculos respeitada.

Uma só corda lhe fica,
Uma corda, em que entoei
As saudades tão custosas
Dos bons tempos que passei.
Tem a lyra uma só corda;
Corda e lyra ahi deixei.

Ha-de a brisa matutina,
A leve brisa do mar,
Vir cada dia ao castello
Co' a minha lyra brincar.
Mas os vagos sons que sólta
São tristes sons de chorar.

Ella ha-de chorar co' as ondas,
Que gemem na cerração;
Ella ha-de chorar co' os ventos,
Que rujem na solidão;
Ella ha-de chorar co' os astros,
Que rolam na vastidão.

Tudo nasce, e vive, e chora:
É condão solemne e egual
Os sons da terra formarem
Um suspiro universal...
—Chore a lyra pendurada
No velho, erguido cunhal.

Figueira da Foz, 19 d'outubro de 1849.

J. F. de Serpa Pimentel.

VIAGENS.

Navegação do Nilo.

(Conclusão.)

Quem gósta de bellas perspectivas, de bom grado se conserva na *canja*, nem se cança de admirar o espectaculo maravilhoso do Nilo, visto a meio do rio. Na America e na Europa não ha cousa alguma que possa comparar-se-lhe, nem deve extranhar-se que esta magestosa paizagem tenha de preferencia inspirado os artistas. A natureza no Oriente alonga-se em linhas immensas, se-

veras, pouco accidentadas, que vão sumir-se na profundeza do horisonte, no seio de uma atmosphera de esplendida luz. É o caracter mais notavel dos pontos de vista do Nilo; voga-se sôbre uma larga toalha acinzentada, e muitas vezes espelhenta, que se alonga a perder de vista, acompanhada de um e outro lado por margens baixas, apaúladas, e estreitas como uma moldura. Destas compridas faixas escuras erguem-se a espaços grupos de palmeiras, cujo contôrno elegante e melancholico se destaca em toda a luz sôbre um céu azul de admiravel pureza.

Este quadro tem um cunho de serenidade e grandeza, que mais profundo torna o universal silencio, proprio das grandes solidões, cuja monotonia mesmo suscita a cada passo a idéa do Infinito, insculpindo n'alma uma eterna recordação de nobrêza, de magestade e de formosura.

Tambem não é cousa pouco interessante, quando se sóbe o Nilo em determinada epocha, observar a mudança, quasi phantastica, que se opera nas suas margens. Partindo pelo mez de novembro, depois da inundação, não vereis senão lesirias aridas, negras e queimadas; mas a vegetação é tão milagrosamente rapida, que apenas chegado o fim de dezembro, tudo muda de aspecto. Já não é a nudez; já não são as arêas; os cereaes aformoseam a terra com os seus verdes rebentões, e nós vimos no alto Egypto pequenos braços do rio que nos fizeram lembrar quasi a Normandia. As duas margens, suavemente inclinadas estavam já cobertas de toalhas de branda e fresca verdura, do meio da qual a palmeira, erguendo para o céu a sua copa ramuda como as das nossas arvores, completava a illusão.

Em geral tem-se calumniado algum tanto o sol do Oriente; nós, pelo menos, não temos que nos queixar da sua fastiosa uniformidade; muitas vezes o vimos escurecer-se como na Europa, e uma occasião tivemos o gôsto de presencear uma quasi tempestade no Nilo, caíndo a chuva a cantaros, e fazendo um vento tão furioso, que levantava o rio em tremendas vagas, como no mar. É um èrro acreditar que no Egypto nunca chove; com quanto seja raro, o termo médio dos dias de chuva, observados durante a expedição franceza, foi de quinze a dezeseis por anno.

E de resto, a extraordinaria pureza do céu, as ondas de colorada luz com que o sol inunda ordinariamente estas regiões, o fulgor que empresta ás aguas do rio, a côr azulada com que tinge as montanhas, as torrentes de chammas, que derrama ao descair da tarde por todo o horisonte, tornam ainda mais desagradaveis, para quem as observa, as aldêas dos *fellahs*.

Os descendentes directos daquelles antigos egypcios, que cortavam obeliscos nas pedreiras de granito, que transportavam e insculpiam colossos monolithos, que edificavam com sciencia, que se não póde ainda exceder, monumentos gigantes, que foram emfim os apostolos da civilisação, passaram ao mais caracterisado embrutecimento; entre elles e os selvagens ha só a differença, que pagam impostos, e tem sempre levantado sôbre as cabeças o *bastão* de um despota implacavel. Não é possivel imaginar-se cousa mais horrorosa do que as suas cabanas de lodo, immundas, baixas, informes, com uma unica porta, apenas, de tres pés, ou tres pés e meio, tristemente agglomeradas umas ao lado das outras, separadas por *bécos*, em que a gente se atola em lama, e em toda a especie de immundicies. Não se encontra em parte alguma, nestas grosseiras choupanas, habitadas por uma população reduzida a um verdadeiro ilotismo, a menor idéa das commodidades da vida. É o homem com toda a rudeza e privações do estado natural.

Não se póde fallar no Nilo sem fallar dos crocodilos. Os primeiros que apparecem ao subir, encontram-se pelas proximidades da cidade de Syout, antiga Lycopolis, hoje capital do alto Egypto (a setenta leguas do Cairo). Raras vezes se encontram mais áquem; parece que carecem de toda a amplidão do rio, que é evidentemente mais largo em cima do que em baixo.

Ainda neste ponto não habitam o Nilo indistinctamente; escolhem aquelles sitios em que ha ilhotas muito rasas, porque podem lá subir para respirar, safando-se ao menor signal de perigo. Vêem-se sôbre a arêa, em que os anneis flexiveis da sua comprida e pesada cauda deixam um profundo vestigio. É tambem aqui que elles depositam os ovos, porque aprouve á natureza, por um extravagante capricho, que aquelle animal, que muitas vezes chega a trinta e quarenta pés de comprimento, saísse de um ovo pouco maior do que o de uma pata.

Os crocodilos vêem-se muitas vezes nas suas ilhas, totalmente immoveis, com as fauces estupidamente abertas, horas inteiras, como se estivessem enfastiados, parecendo nem sequer dar fé de uma duzia de pequenas tarambolas que lhe esvoaçam em tôrno da cabeça. Esta ave, a que chamam *trochilus*, vive com o crocodilo, seu impassivel amigo, na maior intimidade e privança; penetra-lhe pelas guelas escancaradas, e livra-o de uma infinidade de insectos que lhe recobrem a lingua, que difficilmente podem mover. Para quem acredita nas causas finaes, deve de ser mui difficil de justificar a presença, na terra, d'este enorme reptil, salvo se ella se explica pelo sustento que facilita aos *trochilus*.

O crocodilo está muito áquem da sua reputação; não tem o arrôjo dos *caimões do Mississipi*; mergulha assim que vê o homem. A fallar a verdade elle só é temivel na agua, e ainda aqui foge quando a revolvem com fôrça; emfim o crocodilo é cobarde; póde surprehender uma victima imprudente; nunca ataca um inimigo cara a cara. No alto, como no baixo Egypto, vimos as mulheres irem encher os seus cantaros ao Nilo, e marinheiros banharem-se no rio, sem hesitação, e não lhes acontecer sinistro.

Os homens que vão á caça dos crocodilos para os vender aos amadores de historia natural, tratam só de uma cousa, que é esconder-se de modo que o perfido animal os não veja. Para este fim, levantam na ilha onde os querem esperar, uma especie de esquife, com lodo, dentro do qual se agacham; e atiram-lhe d'ahi quando elle lhe chega a distancia conveniente. Nunca um crocodilo se atreveria a subir para terra, se visse um homem. Atiram-lhe debaixo da barriga, onde começam as pernas, porque a dureza da sua pelle não tem sido exaggerada; resiste realmente a uma bala de fuzil... Encontram-se, em algumas aldêas, crocodilos *empalhados* a preço de 100 ou 200 piastras (25 ou 50 francos) e os *fellahs* ainda mais prepararíam, se o tamanho do animal não tornasse a sua extracção mui difficil.

Já se vê, pois, pelo que havemos dito, que se encontram em o Nilo mil objectos d'estudo, mil objectos

dignos da attenção do sabio e do curioso. O vento, em geral, é muito raro no magnifico rio, e quasi sempre brando. É preciso destinar, pelo menos, 20 dias para subir as 130 leguas que separam o Cairo das ruinas de Thebas. Mas quem se atreverá a queixar-se do incómmodo da viagem? Quão facilmente se esquece o vagaroso da navegação, e o apertado da *canja!* Sem ver, é impossivel imaginar a grandeza, a viril e soberba formosura, a immensidade dos templos, dos palacios, das esculpturas, dos tumulos, do que resta emfim da antiga cidade das cem portas. Nunca a mão dos homens ergueu mais gigantescas construcções. Não exaggerámos de certo, affirmando que o Louvre é apenas uma admiravel joia, em presença do templo de Karnac, e por aqui se póde fazer uma imperfeita idéa do resto. . .

. . . .

SCHOELCHER.

California.

Bahia de S. Francisco (alta California)
23 de setembro de 1849.

. . . . . . Entrámos nesta immensa e magnifica bahia de S. Francisco, que póde contêr esquadras, e milhares de navios; mas em vez de nos dirigirmos para a cidade, Yerbabuana ou S. Francisco, o que teria sido mais agradavel para as communicações, mas terrivel por causa das deserções, viemos dar fundo á enseada de Sauraleta, a duas leguas e meia da cidade; não tivemos portanto occasião para ver esse agglomerado de barracas, essa cidade d'immensa extensão, onde se agitam quarenta mil individuos com uma actividade febril, todos tratando de enriquecer, cousa difficil, em vista do preço fabuloso dos objectos necessarios para a vida.

Para viver modestamente é necessario ter trinta mil cruzados por anno. Julgue-se por aqui qual deve ser o preço dos objectos que se vendem, para que se possa tirar lucro. Toda a gente, pois, trata de negociar, e tal, que ainda ha pouco andava passeando em Valparaiso de luva branca e bota de polimento, vende agora em S. Francisco o masso dos cigarros e o copinho de gróg. Ao pé da mais horrivel miseria, vê-se patente o quadro da mais extraordinaria opulencia. Em quanto uns morrem de fome, enriquecem os outros com incrivel facilidade. Alguns conhecidos que vieram visitar-nos a bordo (alugando cada barco por 20$000 réis), contaram-nos cousas espantosas. É evidente que este porto tem de ser um dos mais importantes do mundo.

É um furor, uma loucura, mas loucura que se entende, que se explica, porque acabam de descobrir novas minas no Sacramento, e ainda mais ricas. Ninguem póde dizer quantos operarios trabalham nas minas; uns dizem que são sessenta, outros que são cem mil; em primeiro logar porque ninguem lá vae fazer a statistica, e depois, porque todos os dias chegam novas caravanas d'americanos — ainda no mez passado veio uma de quatro mil individuos.

Estes americanos são homens terriveis, e dispostos para tudo; fazem guerra de morte aos estrangeiros, cercam-n'os, roubam-n'os, matam-n'os para ficarem de facto senhores do paiz, assim como pela conquista o são já de direito. No rio ha barcos armados para roubarem os barcos que descem carregados d'ouro — todos os dias ha assassinatos nas minas ou no rio. Os Estados Unidos mandaram uma fragata para a entrada do rio, onde o governador se estabeleceu, porque não póde viver em S. Francisco com os seus dezoito mil dollars. Na cidade a policia não é má. Não roubam e não matam porque os criminosos são immediatamente enforcados.

(*La Semaine.*)

NOTICIAS SCIENTIFICAS E INDUSTRIAES.

A gelatina desacreditada.

UMA commissão do Instituto de París acaba de verificar, que a gelatina dos ossos é um máu alimento. Tratava-se de ver se devia ser continuada ou abandonada a construcção de apparelhos digestores para os hospitaes de Tolosa. O ministro d'instrucção pública mandou consultar o Instituto. Fizeram-se experiencias, e depois de uma serie de importantes observações, a academia propoz que se abandonasse a construcção dos digestores, e que se renunciasse ao projecto de empregar, como alimento, a gelatina extraída dos ossos.

Processo para que uma machina electrica funccione em todo o tempo.

É extremamente simples o meio que indica M. Munch. Consiste em fazer um pequeno traço com sebo, dos dois lados do disco, do centro para a circumferencia. O mesmo se deve fazer nos pés da machina.

Receita de tinta para marcar a roupa.

Dissolver 2 partes de nitrato de prata (pedra infernal) fundido, em 7 d'agua distillada, á qual se ajunta uma parte de gomma arabica, e uma pequena porção de tinta da China. A parte da roupa que se deve marcar endurece-se um pouco por meio do sabão, lustra-se com um ferro quente, e escreve-se-lhe em cima com a dissolução metalica, ou imprime-se com um carimbo de madeira molhado na dissolução. Os caracteres tornam-se logo negros, porque o sal de prata se reduz.

Machina para arrotear a terra.

A machina de mr. Barrat é a primeira applicação util do vapor á agricultura. Compõe-se esta machina de duas partes. A da frente é uma locomotiva, construida de maneira que um homem só lhe póde dar qualquer direcção, e a póde fazer trabalhar com qualquer velocidade. Na outra parte ha uma porção de enchadas, convenientemente dispostas, que trabalham pela acção

do vapor. Com esta machina não se consegue sómente substituir a mão do homem por um agente mechanico, que póde trabalhar por menos preço; consegue-se tambem uma espantosa economia de tempo, e uma extrema perfeição no trabalho. Ninguem póde negar que, pela nova machina, o terreno, excavado mais profundamente, se tornará muito permeavel aos gazes da atmosphera, e terá por isso as condições necessarias para que as sementes se desenvolvam mais prompta e seguramente.

A machina de mr. Barrat tem a fôrça de quatro cavallos. Os seus effeitos foram verificados no parque de Bercy, e ultimamente em Chaillot, onde funccionou bem por espaço de muitos mezes.

A machina de mr. Barrat, segundo cremos, em mão de governos intelligentes, ha de ser um instrumento precioso com que se arrotearão terras maninhas e abandonadas, que hão-de concorrer com as outras para augmentar as subsistencias.

Pão antidiabetico.

Mrs. Palmer e Kigg prepararam ha pouco uma especie de pão, que se applica no tratamento da diabetis. Os excellentes effeitos deste pão foram verificados pelo Dr. Johnstone no hospital de Birmingham. Faz-se do modo seguinte a preparação da massa: dezeseis arrateis de batatas raladas, a que se tenha tirado a fecula por meio da lavagem, misturam-se com tres quartas de gordura de carneiro, meio arratel de manteiga, uma duzia d'ovos, quatro oitavas de carbonato de soda, e duas onças de acido chlorhydrico (muriatico) diluido. Divide-se a massa em uma duzia de pães, que se cosem n'um forno, em alta temperatura.

Novo barco.

Appareceu em Marselha um barco de nova construcção, sem mastros e sem chaminé, differente dos navios de véla, e dos barcos de vapor. Parece que um podêr invisivel o faz cortar as aguas. Consta que este barco é invenção de um serralheiro.

COMMUNICADO.

Lyceu Peninsular.

Acaba d'estabelecer-se na rua dos Algibebes, n.º 54, um novo collegio de meninas, com o titulo de *Lyceu Peninsular*, fundado por tres senhoras. A fortuna, que para todos tem deixado de sorrir, mostrou-se sobremaneira severa para com estas tres senhoras, que, por muitos titulos, se tornam dignas da maior consideração, e que, animadas dos mais louvaveis sentimentos, se propozeram buscar a sua subsistencia nos seus proprios e não poucos recursos, escolhendo para tão honroso fim a educação da mocidade, por ser este o mester para que se achavam com mais vocação e talentos.

Os prospectos do *Lyceu Peninsular* por ahi correm impressos, e nelles se encontram indicadas, assim as cousas uteis que se ensinam, como os preços modestissimos que foram adoptados.

A sr. D. Henriqueta Martins Vieira, e suas filhas, as tres directoras a que alludimos, são dignas da maior consideração, e esperâmos que todas as pessoas honestas concorrerão a prestar-lhes o seu apoio, confiando-lhes a educação de suas filhas, e coroando assim os esforços de tres senhoras, que se entregam ao trabalho, n'uma epocha em que a preguiça é molestia epidemica e contagiosa.

PROBLEMA.

Um amador de vinhos recebeu de presente 32 garrafas de vinho excellente, e mandou-as collocar na adega, formando-as em quadrado, de maneira que ficaram nove em cada lado do quadrado, da maneira seguinte:

1	7	1
7		7
1	7	1

Um criado, que era tambem amigo de vinho, foi á adega, e roubou-lhe quatro garrafas; voltou lá e roubou outras quatro; e, como se désse bem, furtou ainda outras quatro, quando lá foi terceira vez. Depois de cada uma destas vezes, foi lá o dono, e achou sempre nove garrafas de cada lado. — Como as distribuiu o criado?

SOLUÇÃO DO PROBLEMA DO NUMERO ANTERIOR:

Diga-se a quem escreveu o número, que o multiplique por 3, e que tome a metade exacta, se é par, ou a metade maior, se o não é. Mande-se multiplicar essa metade por 3, e pergunte-se quantas vezes ha nove nesse producto. O número pensado será o dôbro d'este, se era par a metade de que acima se falla; será o dôbro d'este, mais a unidade, se essa metade era impar.

Exemplo: — Supponhamos que tinham escripto o n.º 5. Multiplicando por 3 obtem-se o n.º 15, que não é par. A sua metade maior é 8: multiplicando por 3 dá 24, que contém 9 duas vezes. O número escripto, por conseguinte, é 4 mais 1, ou 5.

AVISO.

Faltando apenas tres números para se terminar o 2.º volume d'este jornal, pede-se aos senhores assignantes e correspondentes, que ainda não pagaram, que tenham a bondade de o fazer sem demora.

Com este número se distribuem os prospectos para o terceiro volume da Revista, *que terá gravuras como o anterior, em maior número, e melhores, se fôr possivel.*

Quem pagar, até 15 de março, a sua assignatura para o terceiro volume (960), *receberá* gratis *o final da* Peccadora, *e o que se publicar dos* Cem Tratados, *durante o periodo da sua assignatura.*

Assigna-se em Lisboa *na loja do sr.* João Paulo Martins Lavado, *rua Augusta, n.º 8.*

Das provincias assigna-se por meio de carta franca, *contendo a importancia, dirigida tambem ao sr.* Lavado, *ou ao* administrador da Revista Popular *— rua de S. Bento, n.º 114 — Lisboa.*

Nas terras em que ha correspondentes as assignaturas devem ser feitas nas localidades que os senhores correspondentes designarem.



Joaquim Marques Lisboa.

PUBLICAMOS com a maior satisfação o retrato d'este dignissimo official da marinha brasileira, como um tenue testimunho da nossa admiração e reconhecimento pelos serviços relevantes prestados á nação portugueza, em particular, e á humanidade em geral, por este distincto official.

O sr. Joaquim Marques Lisboa, capitão de mar e guerra, é portuguez de nascimento, e faz parte da marinha brazileira, de que é um dos mais brilhantes ornamentos, desde a declaração da independencia daquelle imperio.

A 24 d'agosto de 1848 achava-se em Liverpool com a fragata a vapor *D. Affonso*, mandada construir em Inglaterra pelo governo do Brazil, quando se incendiou o navio *Ocean Monarch*: 160 pessoas, assim passageiros como tripulação, foram salvas pelos esforços, habilidade e valentia do sr. Marques Lisboa.

Em memoria d'este generoso feito, offereceu o governo inglez ao commandante do *D. Affonso*, um chronometro de ouro, com a seguinte inscripção:

Presented by the british government to captain Joaquim Marques Lisboa, of the steam frigate Affonso of the brazilian imperial navy in testimony of their admiration of the gallantry and humanity displayed by him in resciung many british subjects from the burning voreck of the ship Ocean Monarch. August — 1848.

Quando esteve no porto desta capital muitos tiveram ensejo de apreciar as bellas qualidades e a urbanidade do sr. Marques Lisboa, que deixou a todos penhorados.

Aportou a Pernambuco, com o vapor do seu commando, quando a guerra civil, desencadeava todos os seus furores dentro da propria cidade. O sr. Marques Lisboa, desembarcando em terra com parte da sua tripulação, portou-se com tal galhardia, em tão triste conjunctura, que a elle se deveu talvez, em primeiro logar, o restabelecimento da ordem.

Um grande desastre [1], para a terra que o vira nascer, deu logar ao sr. Lisboa para praticar mais um feito, que o torna eternamente crédor da gratidão de todos os portuguezes.

Um furioso *pampeiro* desmastreou e arrasou a náu de linha portugueza *Vasco da Gama*, quando se preparava para entrar a barra do Rio de Janeiro. A perda daquelle lindo navio parecia inevitavel; o vapor inglez, que primeiro tentára dar-lhe reboque, recolhêra ao ancoradouro, sem o podêr conseguir, pela furia das vagas.

O sr. Marques Lisboa, recebendo a bordo do *D. Affonso* 60 marinheiros da curveta de guerra portu-

1 Veja-se o artigo — *Desarvoramento da ultima náu portugueza* — a pag. 151 do presente volume.

gueza *Iris*, que briosamente cooperaram para o fim que se pretendia, nesta solemne e triste occasião, e seu valente commandante o capitão de mar e guerra F. Soares Franco, consegue, depois de incriveis esforços, e affrontando os mais temerosos perigos, salvar a nossa última náu (?).

Os negociantes portuguezes residentes no Rio de Janeiro, em memoria d'este acontecimento, lhe offereceram uma magnifica espada de honra, de subido valor intrinseco e artistico. Consta-nos egualmente, que o governo o agraciára com a commenda da *Torre e Espada*. Foi um acto de rigorosa justiça este, que muito folgâmos de registrar nas paginas da *Revista*.

EDUCAÇÃO POPULAR.

(Continuação.)

«Não basta ser laborioso, é preciso tambem ter firmeza e pertinacia, vigiar pessoalmente os negocios, em vez de os entregar aos outros. Lá diz o bom homem Ricardo: — *Nunca vi arvore, ou familia, que, mudando muitas vezes de logar, fôsse tão feliz como as que nunca deixaram o logar onde primeiramente se estabeleceram. Tres mudanças valem um incendio. Guarda a tua loja, que ella te guardará. Quem quer vae, quem não quer manda* — e ainda outras muitas maximas, cuja certeza milhares de factos diariamente justificam. Não é só o trabalho que elle recommenda, é tambem a circumspecção e o cuidado nas cousas, que parecem de menor monta, porque algumas vezes uma pequena negligencia póde produzir um grande mal. *Por falta de um cravo se perdeu a ferradura; por falta de ferradura se perdeu o cavallo; por falta do cavallo se perdeu o cavalleiro, porque o enimigo póde alcança-lo, e lhe tirou a vida; tudo porque não teve cuidado n'um cravo, que bem pequena cousa é, e de bem pouco valor.*

«Temos fallado do trabalho, e da attenção que elle merece; a isto haveis-de juntar a economia, para que o trabalho produza bom fructo. Ainda que um homem trabalhe toda a vida, se não poupar morrerá pobre, e deixará os filhos na miseria. *Se queres ser rico, pensa tanto em poupar como em ganhar.* As Indias não enriqueceram a Hespanha, porque a Hespanha gastou mais do que ellas produziam.

«Acabae, pois, com essas loucuras dispendiosas, e acabareis então de queixar-vos dos tempos e dos impostos. Cuidaes talvez, que uma pequena despeza agora, outra logo, não poderão prejudicar-vos. Enganae-vos. Muitos *poucos* fazem *muito*. — *Sentido com as pequenas despezas; ainda que pouca seja a agua que entra no navio, mais tarde ou mais cedo o vereis afundar-se. Os tolos fazem os festins, onde os prudentes se vão divertir.*

«Eis-vos aqui reunidos para este leilão de curiosidades. Esperaes que as vendam baratas, e talvez que o sejam em relação ao seu primeiro preço; mas se as não precisaes, acreditae que para vós hão-de sempre ser caras. *Comprae o superfluo e vendereis o necessario. O barato arruina muita gente*, ou porque só é barato na apparencia, ou porque obriga a despezas com que não se contava, e que excedem os limites da renda. *A seda, o veludo e o setim*, como diz o bom homem Ricardo, *apagam o fogo da cosinha*. Os objectos de luxo não são necessidades da vida, não são mesmo commodidades; comtudo, só porque agradam á vista, quantos ha que os desejam! As necessidades artificiaes do homem excedem muito o número das naturaes — *para um pobre ha cem indigentes.*

«Por estas e outras extravagancias, a gente de certa ordem vem a caír na pobreza, e tem de pedir emprestado aos que despresava, aos que souberam manter-se na sua posição, a podêr de trabalho e de economia, o que prova bem, que *um trabalhador sôbre si, vale mais que um fidalgo arruinado.*

«As creanças e os doudos cuidam que vinte annos e vinte moedas nunca se acabam. Quereis saber quanto vale o dinheiro? Fazei um ensaio, ide pedir a alguem que vo-lo empreste — vereis então a verdade do dictado, que diz: — *Quem vae ao emprestimo, vae ás mortificações.*»

(Continúa.)

Documentos Historicos.

Publicamos as seguintes cartas do marquez de Pombal, dirigidas a lord Chatam, exigindo-lhe satisfação do insulto praticado pelas fôrças navaes da Grã-Bretanha, nas costas de Portugal.

A dignidade que respiram estes documentos, e a energia com que o marquez de Pombal nelles se dirige ao ministro britanico, são verdadeiramente proprias do grande estadista portuguez.

Apezar de já se acharem publicadas estas cartas n'uma collecção, impressa em 1820, não são conhecidas, comtudo, quanto o merecem ser, e por isso não hesitámos em novamente as dar á luz nas columnas d'este jornal.

O que fomos e o que somos!...

Carta I.

Eu sei que o vosso Gabinete tem tomado hum imperio sobre o nosso; mas sei tambem que já he tempo de o acabar. Se meus predecessores tiveram a fraqueza de vos conceder tudo quanto quereis, eu nunca vos concederei senão o que devo. He esta a minha ultima resolução: regulai-vos por ella. — *Conde de Oeiras.*

Carta II.

Eu rogo a V. E. que me não faça lembrar das condescendencias, que o governo Portuguez, ha tido com o governo Britanico, ellas são taes, que não sei que potencia alguma as haja tido similhantes com outra. Era justo que essa authoridade acabasse alguma vez, e que fizessemos ver a toda a Europa que tinhamos sacudido hum jugo estrangeiro. Não o podemos melhor provar

do que pedindo ao vosso governo huma satisfação que por nenhum direito nos deve negar. A França nos consideraria no estado de maior fraqueza se lhe não dessemos alguma razão do estrago que soffreo a sua esquadra em as nossas costas maritimas, onde por todos os principios se devia julgar em segurança. — *Conde de Oeiras.*

Carta III.

Vós fazieis bem pequena figura na Europa, quando nós já a faziamos mui grande. Vossa Ilha apenas formava hum pequeno ponto sobre a carta geografica, ao passo que Portugal quasi a enchia toda com seu nome. Nós dominavamos em Asia, Africa, e America, e entretanto vós não dominaveis senão em uma pobre Ilha da Europa: vosso poder era do numero daquelles que só podia aspirar aos da segunda ordem; mas por os meios que vos temos dado, podéstes elevar-vos a uma potencia da primeira ordem. Vossa fraqueza fisica vos privava de estender vosso dominio além dos limites da vossa Ilha: porque para fazer conquistas vos era necessaria uma grande armada; mas para ter huma grande armada he preciso poder-lhe pagar, e vós não tinheis o numerario para isso. Os que tiverem calculado vossas qualidades naturaes no tempo da grande revolução da Europa, devem ter visto que não tinheis então com que sustentar seis regimentos de infanteria. Nem o mar, que se póde reputar vosso elemento, vos offerecia então maiores recursos: apenas podieis esquipar vinte navios de guerra. Ha cincoenta annos a esta parte tendes tirado de Portugal mil e quinhentos milhões, somma enorme, e tal, que a historia não aponta egual com que huma só Nação tenha enriquecido outra. O modo de haver estes thesouros vos tem sido mais favoravel ainda que os mesmos thesouros: porque é por meio das artes que Inglaterra se tem tornado senhora de nossas minas, e nos despoja regularmente de seu producto. Hum mez depois que a frota do Brazil chega, já della não ha huma só moeda de ouro em Portugal; grande utilidade para Inglaterra, pois que continuamente augmenta sua riqueza numeraria: e a prova he, que a maior parte de seus pagamentos de Banco se fazem com o nosso oiro, por effeito de huma estupidez nossa, de que não ha exemplo em toda a historia universal do mundo economico. Assim permittimos nós que nos mandeis nosso vestido, bem como todos os objectos de luxo, que não he pouco consideravel; e assim damos emprego a quinhentos mil vassallos d'El-Rei Jorge, população, que á nossa custa se sustenta na Capital de Inglaterra.

Tambem são vossos campos os que nos sustentam; e são vossos lavradores os que substituem os nossos, quando em tempos antigos eramos nós quem vos fornecia os mantimentos: mas a razão he que emquanto vós roteaveis vossas terras, deixavamos nós ficar as nossas sem cultura. Comtudo se nós somos os que vos temos elevado ao maior grão de vossa grandeza, tambem nós somos os unicos que delle vos podemos derribar. Muito melhor podemos nós passar sem vós, do que vós podeis passar sem nós: huma só lei póde transtornar vosso poder, e diminuir vosso imperio. Não temos mais do que prohibir com penna de morte a sahida de nosso oiro, e elle não sahirá. Verdade he que a isto podeis responder-me que, apezar de todas as prohibições, elle sempre sahirá, como tem sahido, porque vossos navios de guerra tem o privilegio de não serem registados na sua sahida; mas não vos enganeis com isso: se eu fiz com que se degolasse hum Duque de Aveiro, porque attentou contra a vida d'El-Rei, mais facilmente farei enforcar hum dos vossos Capitães por levar sua effigie contra o determinado por a lei. Ha tempos em que nas Monarchias hum só homem póde muito. Vós sabeis que Cromwell, em qualidade de protector da Republica Ingleza, fez morrer o irmão do Embaixador d'El-Rei Fidelissimo: sem ser Cromwell eu me sinto tambem com poder de imitar o seu exemplo, em qualidade de Ministro, protector de Portugal. Fazei logo o que deveis, que eu não farei tudo quanto posso.

Em que viria a parar a Grã-Bretanha se por uma vez se lhe cortassem as fontes das riquezas da America? Como pagaria ella suas tropas de terra, e de mar; e como daria a seu Soberano os meios de viver com o explendor de hum grande Rei? E mais ainda: donde tiraria ella os subsidios com que paga ás potencias estrangeiras para apoiarem a sua?

Hum milhão de vassallos Inglezes perderia em hum momento a sua subsistencia se, de repente para elles acabasse a mão de obra de que se sustentam; e o Reino de Inglaterra passaria por certo a grande estado de miseria, se esta origem de riquezas lhe faltasse. Portugal não precisa de mais que regular seu sustento: e fazendo-o assim, a quarta parte da Inglaterra morrerá de fome. Bem verdade he que me podeis dizer que a ordem das coisas não se muda tão facilmente como se diz, e que hum systema estabelecido depois de muitos annos não se muda em huma hora: assim he; porém posso-vos responder, que não deixando eu perder a occasião opportuna de preparar esta refórma, não me he difficil no entanto estabelecer hum plano de economia que conduza ao mesmo fim. Ha muito tempo que a França nos convida para lhe recebermos suas manufacturas de lã; e se as recebermos, que será das vossas? Tambem a Barbaria, que abunda em trigos, no-los póde fornecer por o mesmo preço; e então vereis com extrema mágoa como vossa marinha gradualmente se extingue. Vós, que tão versado sois na politica do ministerio, sabeis muito bem que a marinha mercante he o viveiro de officiaes, e maruja da marinha Real; e que só com esta e aquella tendes feito toda a vossa grandeza.

A satisfação que vos peço he confórme com o direito das gentes. Succede todos os dias que os officiaes de mar e terra fação por zelo, ou ignorancia o que não devião fazer: he por tanto a nós que pertence o punilas, e fazer emendar, e remediar os damnos que elles tem causado. Nem se deve julgar que estas reparações ficam mal ao Estado que as faz: ao contrario, sempre he mais bem estimada aquella Nação que de boamente se porta a fazer tudo o que he justo. Da boa opinião dependeo sempre o poder, e a força das Nações. — *Conde de Oeiras.*

N. B. — El-Rei de Inglaterra mandou hum Embaixador extraordinario a Lisboa para dar a satisfação pedida.

ROMANCE.

—

Peccadora.

XV.

(Continuação.)

Passou-se então uma scena extraordinaria, o que não agradou lá muito ao Claudio, porque lhe transtornava um pouco os seus planos. Dois homens, que acabavam de ser insultados ambos, em logar de aproximarem e unirem o seu aggravo, viravam um contra o outro a sua cólera, esquecendo o commum aggressor. Não se podia dizer, entretanto, que ambos tinham mudado de posição. Luciano só desviára o seu desespêro. Vernier, esse, a pretexto de tomar sôbre si só o insulto commum, de proposito e caso pensado se collocára realmente entre Luciano e o barão.

Vernier tinha um coração generoso. No seu affecto por Armando havia uma tal ou qual dóse daquelle sentimento protector, que é consequencia natural da superioridade de edade e de fôrça. Adolescente, Vernier defendêra e protegêra a infancia de Armando, no lyceu. O costume, como se vê, já vinha de longe.

Ora no caso em que fallamos, a tendencia pronunciadamente romanesca que o major tinha, para, até nas cousas mais simples e naturaes, ver acontecimentos mysteriosos e extraordinarios, ajudou-o a adivinhar a terrivel e célebre posição do barão.

Ideou um romance — que era quasi a verdade.

Em lôgar, pois, de se offender, teve dó.

Comtudo, Luciano de Pons, que não podia imaginar sequer aquella louvavel predisposição, exigia que se lhe dissesse o motivo porque se procedia tão pouco cavalheiramente com elle. As vózes iam-se levantando, e a despeito dos esforços do major, a discussão cada vez se ía tornando mais calorosa.

Alguns jogadores largaram das mesas, e acercaram-se com curiosidade daquelle grupo.

Armando, pallido, com a cabeça inclinada para o peito, parecia não ver nem ouvir cousa alguma.

O Claudio repoltreava-se nas almofadas da sua cadeira, rindo á socapa. Era muito para ver a completa satisfação debuxada no semblante singelo daquelle *excellente* homem.

Luciano excedia-se, esquecendo o logar em que se achava. Vernier, firme e severo, via com a maior inquietação o circulo a augmentar, e alguns brilhantes toucados de senhora a brilharem por entre os negros fatos dos homens. O escandalo, com effeito, é cousa que se detesta, mas que se deseja ver, e o arruido d'uma desordem qualquer, propaga-se com incrivel rapidez.

— Sáia comigo, senhor! disse a final o major.

E dirigiu-se para a porta, seguido de perto por Luciano. Armando fez um movimento involuntario para correr atraz delles, mas a mão de Rembrés segurou-lhe no hombro e o conteve.

— Oh! meu querido barão, olhe que só aquelle teimoso do major é que sabe que v. ex.ª deixou que dois homens disputassem por seu respeito, como se fôsse uma bôa moçoila!...

Florencia e Robertina, que o rumor attraíra, viram Luciano e o seu adversario atravessar os grupos que empachavam a galeria envidraçada. A ambas apertou o coração um triste presentimento, com quanto todos os convidados se conservassem calados, reservando os seus commentarios para occasião mais opportuna.

Aquelle incidente derramou no baile a tristeza que parecia ter fugido daquellas salas.

Ás tres horas da manhã os mais teimosos dansistas, e os mais intrepidos jogadores, tinham já abandonado as salas do palacio d'Osser. No aposento azul estavam sós Armando, Robertina, Florencia e o sr. Claudio.

Armando tinha a physionomia transtornada como um homem que se acha são e salvo, depois de ter desabado de uma alta montanha abaixo! Estava immovel. Tinha os olhos fictos e como pasmados.

Robertina succumbia ao cançaço. Representára até ao fim o seu papel.

Uma expressão de tristeza e de receio, substituira no semblante de Florencia aquelle meigo sorriso, que lhe era habitual.

O ex-banqueiro, esse, parecia muito satisfeito. Naquella bôa e pacifica physionomia, não havia evidentemente feição que exprimisse o desgôsto.

— Como vê, minha prima, disse para a baroneza, tenho feito o que faria se fôsse de casa... Fui o primeiro a chegar; e sou o último a saír...

— E nós muito o estimâmos, balbuciou Robertina.

— Ah! replicou Claudio, eu tambem o estimo!... Adeos, Armando... Querida senhora, beijo-lhe as suas lindas mãos... Adeos, minha prima!...

Cumprimentou familiarmente as duas senhoras, e apertou a mão ao barão.

Depois dirigiu-se para a porta, que abriu. Antes de transpôr o liminar, voltou-se, inclinou a cabeça e disse:

— Ah! ah! meus queridos amigos — ainda não estão livres, de todo, do seu primo de provincia!

XVI.

ESCOLHA DE UM MARIDO.

É cousa tristissima e miseravel observar a habitação de um simples burguez, no dia seguinte ao baile que sua mulher quiz dar, a despeito de todos os obstaculos, e contra vontade de todos. A casa, que, no seu estado normal, apresenta um aspecto decente, de ordem e de economia, parece ter sido exposta a um *saque*. O quarto de cama está desarrumado; a casa de jantar emprestou as cadeiras de palha á sala, que teve de se desfazer da mesa de jogo — que era uma linda peça — e de quatro cadeiras. As vidraceiras foram apeadas; a commoda, que servia de bufete, vérga debaixo do pêso dos despojos; está tudo em desordem, e poeira abundante, levantada pelos dansistas, cóbre, como um denso véu, aquellas ruinas do prazer.

Reparem mais miudamente: o sophá venerando teve a lamentar a perda de um de seus pés; os tapetes, muito velhos, mostram a espaços, varios buracos espantosamente abertos; as vélas pingaram as cortinas, as cadeiras, tudo; e a famosa duzia de copos de crystal não tornará a apparecer nas funcções d'annos, senão vergonhosamente mutilada!

O marido vaga como um phantasma por entre os ul-

trajados restos da sua mobilia, que era toda a sua glória.

Sua senhora, arrependida e aterrada com as consequencias desastrosas dos seus caprichos, finge dormir, jurando mentalmente não cair n'outra.

Isto tudo provocaria alguma desintelligencia entre os esposos, se uma pontinha de vaidade não viesse illuminar-lhe o desconsólo — o baile estava tão brilhante!

O rico não conhece estes inconvenientes. Da festa só vê o esplendor de mil luzes, os enfeites, os sorrisos e as alegrias. No dia seguinte, uma multidão de criados faz desapparecer os minimos vestigios do prazer que passou. — Á hora de levantar, nem se sabe onde foi a funcção.

O barão d'Osser era riquissimo. Na manhã seguinte ao baile, o seu palacio retomára, como por encanto, a physionomia socegada, que tinha habitualmente.

E comtudo havia naquelle palacio muito desespêro e muita dôr.

Era quasi meio-dia. O barão, depois de haver por muito tempo tentado debalde conciliar o somno, adormecêra finalmente havia poucos momentos. Mas era um dormir febril aquelle; e algum sonho penoso o agitava de certo, porque várias gotas de suor lhe salpicavam as faces inflammadas.

Tinha adormecido havia meia hora, se tanto, e agitava-se convulsamente no leito, murmurando palavras confusas.

— É um engano... é uma mentira! dizia elle, com aquella voz breve e cortada, dos que fallam em sonhos; esse homem é um falsario!... É falso o bilhete tambem!...

Esta última palavra confundiu-se com um grito de terror. Acordado pelo som da sua propria voz, o barão erguêra-se sobresaltado. A vermelhidão da febre desapparecêra-lhe do semblante, substituindo-a livida pallidez.

Os seus olhos espantados, como que interrogaram o silencio do quarto, com inexplicavel terror.

Depois apontou-lhe aos labios um sorriso de desalento, e murmurou:

— Os juizes queriam condemnar-me... é um presagio, talvez!...

Tentou ainda encostar de novo a cabeça ao travesseiro, mas tornou a ergue-la, como se o contacto da fronha lhe abrasasse as faces.

— Não... não!... que tornaria a sonhar o mesmo!...

E permaneceu muito tempo, com os olhos abertos e fietos, absorvido pelas suas penosas reflexões.

Lembrava-lhe então o seu largo martyrio da véspera, com as minimas circumstancias. Via entrar o seu mysterioso inimigo; via a sua semceremonia insolente; via o seu implacavel fleugma; ouvia-lhe aquellas palavras tremendas: *Quero casar com sua irmã*...

Com sua irmã! com a sua formosa Florencia, que seu pae moribundo lhe confiára, e de quem era o unico protector no mundo!...

E quem se atrevêra a dizer: *Quero casar com sua irmã!* era um fabricante de moeda falsa, um falsario, um assassino!...

E comtudo era-lhe mister obedecer!...

Armando tapou o rosto com as mãos. Por entre as aberturas dos dedos podia ver-se a viva vermelhidão que lhe abrasava as faces. Levantou-se-lhe o peito n'um violento esfôrço. Soltou um fundo suspiro. E as mãos innundaram-se-lhe de lagrimas.

Devemos confessa-lo. Não fôra o pensamento de Florencia o que lhe arrancára aquellas lagrimas de desesperação.

Armando, no curso das suas recordações, chegára á scena do baile. E doía-lhe o coração do triste papel, que em similhantes circumstancias desempenhára. Tinha posto fóra de sua casa dois homens, ou antes fôra o sr. Claudio quem o fizera em seu nome; e em presença de um daquelles homens, seu amigo de infancia, que lhe havia dito = Porque me expulsas da tua casa?= ficára calado.

E quando o outro, revoltando-se contra o insulto, levantára a voz, Armando conservára-se egualmente calado, refugiando-se, por assim dizer, na protecção generosa do amigo que offendêra.

Tudo isto concorria para lhe envenenar a ferida: a sua propria fraqueza, e até a protecção de Vernier.

Se Armando derramava lagrimas, era o orgulho ferido que lh'as arrancava do coração.

Repelliu presto esta idéa que o privava dessas poucas fôrças, que ainda conservára. Mas havia outra ordem de idéas em que podesse refocilar o espirito? Não estava elle encerrado n'um circulo fatal de receios, de infamia, e de perigos?

Queria olhar para o futuro; mas encontrava lá o seu eterno algoz, pedindo-lhe, exigindo-lhe a mão de sua irmã.

Ora a noite da véspera, independentemente do facto pessoal de Rembrés, augmentára o podêr d'este sôbre o barão d'Osser. Todos os amigos do barão lhe haviam fallado, como era de suppôr, na recente apprehensão dos cunhos com a effigie do imperador, do perfido artigo do *Raio*, etc., etc.

E todos, com aquella benevolente intenção, que exaggera o passado perigo para augmentar a alegria da presente segurança, lhe haviam dito:

— Era uma situação terrivel a de v. ex.ª!...

— Condemnavam-o, innocente ou culpado!

— A prova mais insignificante, authentica ou falsa...

— Oh! ninguem poderia salvar v. ex.ª

Em quanto assim lhe fallavam, representavam-se aos olhos de Armando as quatro linhas do bilhete de Rembrés, com a sua propria assignatura — era uma prova falsa, mas só falsa em parte, e muito difficil de distinguir d'uma prova authentica.

Rembrés dissera a verdade: se Robertina estivesse no logar de Armando; se naquella lucta arriscasse sómente a vida, não levaria a melhor com ella. E por isso o ex-banqueiro folgava de a ter segura com mais fortes laços do que o receio pessoal, e de ter sabido, de certo modo, sondar o coração da nobre e generosa mulher, para ahi chumbar o annel da sua cadêa.

Não acontecia assim com Armando, que tinha unicamente aquella coragem banal, e aquella fôrça vulgar, capaz de arrostar um perigo physico, ou a eventualidade remota de uma desgraça.

Armando quizera reagir, mas receava as consequencias de uma lucta, em que elle se apresentava sem armas, frente a frente com um homem armado completamente.

Se imaginasse a mais pequena probabilidade de ven-

cer, talvez tomasse ânimo... Mas era impossivel!... Vencer aquelle extraordinario inimigo era perder-se tambem; precipita-lo no abysmo era precipitar-se egualmente!

Porque o barão tinha sempre presente a carta escripta por Claudio, em casa do Popelin. O barão sabia que o bilhete com a sua assignatura estava depositado em mãos de pessoa da confiança do sr. Claudio; e aquelle fatal bilhete, verdadeira espada de Damocles, tinha-o sempre suspenso por de sôbre todas as suas resoluções.

Naquelle momento, pois, reagindo contra a situação que lhe era imposta, confessava a si proprio, que não tinha outro remedio senão sujeitar-se ás suas consequencias. Ainda procurava illudir-se alimentando uma vaga esperança; a de que, offerecendo uma bôa indemnisação ao Rembrés, este desistiria da sua absurda pretenção.

Mas contava tão pouco com este último meio, que, sem querer, imaginava já os expedientes de que se serviria para levar ao cabo este odioso casamento, o mais naturalmente possivel. Já pensava no modo como havia de converter o ânimo altivo e generoso de Robertina, naquella vergonhosa extremidade. Até procurava razões com que a convencesse...

Debalde. A voz da sua ultrajada consciencia proclamava-lhe bem alto a infamia do seu proceder...

Soffre-se tanto, fugindo em presença do perigo, por outra, sendo cobarde, do que caminhando sempre em frente, embora a morte se depare na senda que trilharmos.

Ao cabo de uma hora de penosa meditação, achava-se Armando mais cançado, moralmente, e mais desanimado. Uma unica idéa se lhe apresentava claramente ao espirito — era a necessidade de obedecer...

Armando correu as cortinas do leito. Estava um dia escuro; e a nebrina embaciára os vidros das janellas. Era uma daquellas manhãs de inverno, como se imaginam as manhãs debaixo do pesado céu de Londres; manhãs tristes, em que o viver é difficil, mesmo para os felizes, em que o enfermo tosse suffocado no seu leito de dôr, em que o poeta deixa apagar o fogo sagrado, em que o inglez contempla com saudade a amarellada corrente do Sena, e pensa respirar na atmosphera franceza o spleen, que deixára além do estreito.

Armando chamou o seu criado particular, e disse-lhe que fôsse perguntar como Robertina passára a noite. O criado voltou, dizendo que a sr.ª baroneza estava já levantada, no seu quarto, com a menina d'Osser.

— Vae dizer á sr.ª baroneza, que tenha a bondade de me esperar no gabinete azul, disse Armando.

Vestiu-se á pressa, e dirigiu-se para o templosinho. Robertina já lá estava a espera-lo.

O ar tranquillo e sereno da baroneza contrastava extraordinariamente com a pouca compostura de Armando. Exceptuando uma ligeira pallidez que se devia attribuir á sua pouco adiantada convalescença, nas suas formosas e regulares feições não se lhe revelava o minimo vestigio das fadigas da noite; e a sua expressão de doce serenidade affastava toda a idéa de perturbação interior.

Quem fôsse iniciado no segredo das suas angustias, deveria acreditar que ella achára a final a resolução do terrivel problema do seu destino.

Armando acercou-se della com o interesse habitual, e beijou-lhe machinalmente a mão.

Robertina conheceu logo o estado de seu marido; mas fez que não dava por tal.

— Desejei fallar-te, disse Armando a final, porque Florencia está no teu quarto, e...

Não pôde continuar de confuso, e córou ao pronunciar o nome de Florencia.

Robertina acudiu-lhe immediatamente:

— Ha bastante tempo, replicou com ar destraído, que não conversâmos á nossa vontade... assentemo'-nos.

Armando conduziu-a ao sofá, e sentou-se ao pé della. Por espaço de alguns segundos conservou-se calado; depois disse:

— Fôlgo muito de ver, que te não fatigou demasiado o nosso pequeno baile... receava que, indisposta como estavas...

Não concluiu aquella phrase, mas accrescentou, inteiramente perturbado:

— Não achas que é já tempo de pensarmos no consorcio de Florencia...

— De certo, respondeu Robertina.

— Será muito para temer, tornou Armando, que o seu coração, mal aconselhado pela pronunciada originalidade do seu caracter, a leve a fazer uma escolha... pouco conveniente...

— Não posso temer isso da nossa querida Florencia, disse Robertina, mas...

— Com effeito... entendes-me perfeitamente... eu não o creio tambem... queria dizer... mas sempre me alegro muito de observar o amor que tu lhe tens, á minha querida irmã.

Isto era uma distracção. O pobre Armando fallava sinceramente. Vendo-se ao pé de sua mulher, fallando em sua irmã, esquecêra por um momento o triste fim daquella conferencia — imaginava-se feliz.

Mas a reacção não se fez esperar muito. Apertou-se-lhe o coração dolorosamente, e curvou a cabeça, esmagado pela consciencia da sua situação. Ao mesmo tempo sentiu a necessidade de obrar e de fallar com prudencia. Fez um esforço para reassumir a presença de espirito de que carecia para converter Robertina; porque previa que ella ficaria desorientada no só pensamento daquelle incrivel casamento, entre uma rapariga formosa, rica, habituada ás delicias da vida parisiense, e um velho, insignificante proprietario de provincia, quando muito. Era esta a idéa que Robertina teria formado do sr. Claudio, segundo a oppinião de Armando.

— Florencia é muito creança ainda no genio, proseguiu, procurando levar a cousa mais longe; não sei — e a esse respeito havemos de nós conversar — não sei se seria prudente casa-la com um marido muito moço.

— Era de certo uma imprudencia, disse Robertina.

Serenou-se um pouco a physionomia de Armando.

— Tens um juizo e uma prudencia admiraveis!... O que eu acabei de dizer refere-se ao senhor de Pons. Em quanto ao major, esse... não sei... mas parece-me que Florencia antipathisa alguma cousa com elle...

— Não te enganaste... Florencia respeita as estimaveis qualidades do major, mas não o ama.

— É pena! acudiu o barão: é pena!... Achas que não será possivel convencê-la?... Verniez é uma joia... mas, em summa, eu não quero constrangê-la, e folgaria que...

— Queres que te dê um conselho? perguntou a baroneza, sorrindo.

— Bem sabes o apreço que eu faço das tuas opiniões! respondeu Armando, dissimulando a custo a sua muito natural inquietação, porque julgou que Robertina lhe ía propôr um terceiro candidato, tornando, por consequencia, inuteis os esforços que acabava de fazer para affastar Luciano e o major.

Robertina tornou:

— Poderei estar enganada, mas não deixo de me inclinar para teu primo?...

— O sr. Claudio? exclamou o barão, erguendo-se de um pulo.

— O sr. Claudio, repetiu Robertina sem pestanejar.

Armando escancarou os olhos, de estupefacto.

E em logar de responder, levantou-se, e deu duas ou tres voltas em tôrno do gabinete azul.

Depois veiu collocar-se em frente de Robertina, erecto, com os braços cruzados no peito, e contemplou-a muito tempo calado.

Robertina sustentou aquelle exame sem fraquear, mas não lhe perguntou o motivo.

— Senhora, disse emfim Armando, com ar de duvida e de desconfiança, não sabia que era tão benevolente com o sr. Claudio...

— Eu nem o conheço, respondeu Robertina, com a voz quasi imperceptivelmente trémula.

— Não o conheces?... Então!...

— Armando, ouve-me, acudiu a baroneza: aquelle homem não é teu primo.

— Disse-t'o?...

— A mim não me disse nada; mas ha certos enigmas que só o coração póde adivinhar... E eu, que tão estremecidamente te amo, adivinho, em tudo que te diz respeito.

— E que adivinhou a senhora? perguntou o barão, convertendo-se em desconfiança a expressão humilde e receosa de um criminoso perante o seu juiz.

— Adivinho que esse homem, por meios infames, te impõe irresistivelmente a sua vontade... Presinto que existe mysteriosa affinidade entre a sua tyrannia... e o perigo suspenso ha um anno sôbre a tua cabeça... refiro-me á accusação politica que se te fez, e que não proseguiu por falta de provas...

Armando inclinára a cabeça para o peito. Não ousava erguer os olhos para Robertina. Não confessava cousa alguma, nem tão pouco negava.

— Adivinhei, tornou Robertina, que a expulsão dos senhores de Pons e Vernier...

— Basta, basta, murmurou o barão; poupa-me!... Não me falles nessa vergonha! Se surprehendeste o meu segredo, quem sabe se outros... Infamia! O olhar daquelle homem, como que me pregava na minha cadeira! Elle insultára em meu nome, e foi sôbre mim que recaíu o insulto!

— Armando, disse suavemente Robertina, não é esse golpe que mais devemos deplorar... senão a desgraça da nossa pobre Florencia...

— É verdade, oh! é verdade, balbuciou o barão; creio que não terei ânimo!

Robertina travou-lhe das mãos, que apertou entre as suas com immensa ternura.

— Oh! disse ella, porque o via com os olhos do seu amor — tu és generoso e bom, Armando! Pésa sôbre ti o infortunio... Que has-de fazer contra a necessidade?

— Depois do que tu sabes, murmurou o barão, ainda és de parecer que concedâmos a mão de Florencia... a esse homem?

— Pois não é isso o que tu queres? perguntou Robertina; enganar-me-ía eu?...

— Não, respondeu Armando em voz baixa.

— Pois nesse caso a minha opinião ainda é a mesma, replicou a baroneza com voz firme.

Fez-se um silencio de alguns minutos, durante o qual Armando, cada vez mais agitado, deu largas ao seu desespêro, revelando o completo desarranjo do seu espirito. Robertina, cada vez mais firme na sua resolução, ao passo que seu marido se mostrava mais vacilante, parecia ser de uma natureza superior, contra quem perdia toda a fôrça a garra aguda das humanas dôres.

— E não sabes... disse de repente Armando... não sabes que a vergonha d'esse casamento não me salva completamente!... Vernier provocou o senhor de Pons... hão-de bater-se em duelo...

— Não hão-de bater-se, respondeu Robertina.

— Como pódes tu dizê-lo?...

— Posso, porque fallei esta manhã com Vernier...

— Esta manhã!...

— Sim, esta manhã. Não tinha somno... não me deitei.

O barão contemplou-a largo tempo com uma especie de supersticiosa admiração.

— Esta noite, no fim do baile, disse elle, vi-te quasi a succumbir de fadiga... Hontem, devorava-te a febre... Logo ha um motivo mais forte que a fadiga e a febre?...

— Ha o amor, profundo, sem limites, que te consagro, respondeu Robertina com um angelico sorriso.

O barão sentiu como um raio de consolação illumina-lo na sua angustia. Contemplou um momento Robertina. Involuntariamente, curvou-se até ajoelhar.

— Tenho fé em ti, murmurou n'um daquelles momentos de enthusiasmo, de que são capazes ainda as organisações mais prosaicas — só a minha protecção! Só a minha fôrça!... quero dizer-te tudo... quanto soffro ha oito dias!... Quero confessar-te os meus receios, os perigos a que estou exposto, o meu supplicio atroz!... Ouve, e tem compaixão de mim!...

(Continúa.)

POESIA.

N'um album.

(A UMA SENHORA).

A VIDA é como o oceano
Que ora dorme socegado,
Ora á voz da tempestade
Açouta os astros irado:

A vida é como um frueto
D'um aspecto encantador,
Mas onde sempre se encontra
Uma porção d'amargôr:

A vida é qual firmamento
Que ora azulado scintila,
Ora envolto em negro manto
Troveja em chammas, fuzila:

A vida é como uma rosa
De perfumes recendentes,
Que a par das folhas mimosas
Tem os espinhos pungentes:

Seja a vossa o mar sereno,
O fructo sem amargor,
O firmamento sem nuvens,
E sem espinhos a flor!

A. Lima.

NOTICIAS SCIENTIFICAS E INDUSTRIAES.

Processo para tingir a madeira de preto.

Ferve-se n'agua, durante um quarto de hora, páu-brazil cortado em pedaços; com esta agua molha-se e esfrega-se por tres vezes a peça de madeira que se quer tingir, deixando-a seccar depois de cada lavagem. Depois de sêcca pela terceira vez, esfrega-se com uma escova molhada n'um liquido, que se prepara do modo seguinte: Em seis partes de vinagre deitam-se tres partes, em peso, de limalha d'aço ou de ferro, e introduz-se tudo n'um matraz, que se põe ao pé do fogo, por espaço de duas horas; decanta-se o vinagre quando se quer tingir a madeira de negro, pelo processo acima indicado.

BIBLIOGRAPHIA.

Saiu á luz — *Quem desdenha quer comprar* — comedia em um acto, por João Carlos Massa, acha-se á venda, em Lisboa, na loja de Lavado, rua Augusta, n.° 8. Preço — 160 réis.

CHARADA.

É conhecida por bella; — 2
É por feia conhecida; — 2
Que póde ser bella ou feia
Ninguem por certo duvida.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA DO NÚMERO ANTERIOR:

32

1	7	1
7		7
1	7	1

28

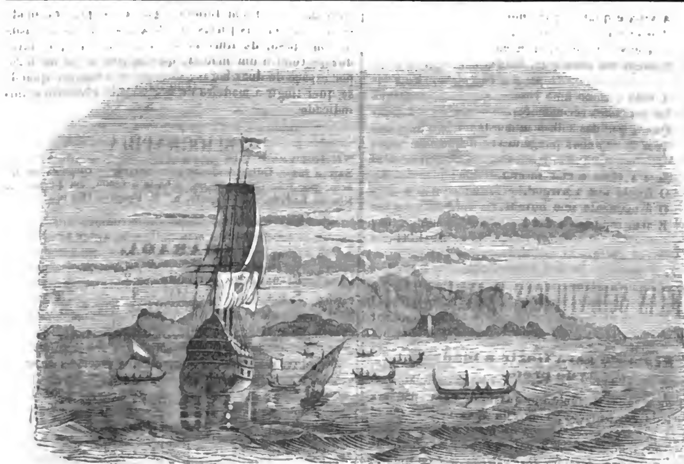
2	5	2
5		5
2	5	2

24

3	3	3
3		3
3	3	3

20

4	1	4
1		1
4	1	4



ILHAS MARQUEZAS — Noukahiva.

As ilhas Marquezas, ou archipelago de Mendana, na Polynesia, estão situadas entre 7° 48′ e 10° 27′ de latitude sul, e 141° 55′ de longitude oeste.

São onze as principaes, e denominam-se: — *Chanal, Massa, Hergert, Noukahiva, Houa-Houna, Houa-Pou, Fetou-Houkou, Hua-Oa, Faouata, Mutane, Fatou-Hiva.*

O contra-almirante francez Dupetit-Thouars tomou posse destas ilhas, em nome da França, a 1 de maio de 1842, com grande alvoroço dos seus naturaes, que não oppozeram a menor resistencia a este solemne acto.

De todas estas ilhas a mais consideravel é a de *Noukahiva*, que, segundo refere o capitão russiano Krusenstern, conta 120 kilometros de comprimento, e 18:000 habitantes, pouco mais ou menos.

O primeiro navegador que aportou e descobriu estas ilhas foi o hespanhol D. Alvaro de Mendana y Neira, em 1567.

Até 1774 pareceram estar esquecidas estas ilhas, sendo apenas visitadas por alguns navios isolados.

O infeliz capitão Cook descobriu a ilha de *Fetou-Houcou*; e em 1791 foram as ilhas setemptrionaes exploradas pelo capitão Ingraham, de Boston.

O capitão russo Krusenstern residiu algum tempo em Noukahiva, e a Memoria que publicou sôbre esta e as outras ilhas, é do maior interesse, pelo grande número de noticias que colligiu com a maior diligencia.

Os noukahivenses, segundo a opinião d'este illustre escriptor, são bellos, moral e physicamente, dotados de grande patriotismo, sentimento bem raro em povos selvagens, valentes, bondosos e intelligentes.

O clima destas ilhas é saudavel, mas um pouco mais quente que o de Taïti. Os fructos e as plantas são os mesmos. O inglez *Forster*, companheiro de Cook, diz que em parte alguma encontrára fructos da célebre arvore de *pão*, maiores e mais saborosos.

Nas suas florestas abundam espantosamente aves de toda a especie, e das mais esplendidas côres.

Esta possessão é de grande utilidade para o commercio francez; porque na bahia de *Anna-Maria*, encontram os baleeiros um excellente porto, para os abrigar do máu tempo, e revitualhar os seus navios. Este porto é o melhor de toda a Polynesia.

EDUCAÇÃO POPULAR.

(Conclusão.)

«Quando tiverdes comprado uma cousa bonita, tereis de comprar mais dez, que digam com ella. É mais facil reprimir o primeiro desejo, do que deixar de satisfazer os seguintes. E é tão louco o pobre que deseja imitar o rico, como a rã que se quiz tornar do tamanho do boi. Os grandes navios podem sulcar o mar largo; os barquinhos devem andar ao pé da terra, e cautelosamente. No fim de tudo a loucura é promptamente punida, porque — *O orgulho que janta vaidade, ceia despréso* — ou por outro modo: — *O orgulho almoça com a abundancia, janta com a pobreza, e ceia com a infamia.* E o que resulta d'este prurido de parecer mais

do que se é regularmente? O que resulta d'esse desejo, causa de tantos perigos, de tantos soffrimentos? Não resulta allivio para a dôr, nem vantagem para a saude, nem augmento para o merito; a consequencia inevitavel é o infortunio. *O que é a borboleta?* Uma lagarta enfeitada.

«Mas que loucura é individar-se a gente para comprar cousas superfluas! No final d'este leilão offerecem-vos seis mezes de credito, e é talvez o que vos convidou a vir cá, porque não tendes agora dinheiro. Mas pensae no que ides fazer com esta divida; ides dar direitos a outro sôbre a vossa liberdade; se não poderdes pagar no praso concedido, tereis vergonha de ver o vosso credor, estareis aterrados quando lhe fallardes; dareis miseraveis desculpas; perdereis gradualmente a veracidade, e caíreis na mentira — vicio ignobil e asqueroso. *O primeiro vicio é crear dividas; o segundo é mentir.* O homem livre, ao contrário, não tem pejo, nem medo de fallar a outro homem. Mas a pobreza priva ás vezes o homem de toda a coragem, de toda a virtude; *sacco vasio não se aguenta de pé,* como diz o bom homem Ricardo.

«A seita dos credores é uma seita supersticiosa, que observa escrupulosamente as epochas do calendario. Chegado o dia do pagamento lá vos irão bater á porta, e olhae bem, o praso é sempre curto para quem paga. *A quaresma é muito pequena,* diz o bom homem Ricardo, *para quem ha-de pagar uma letra na Paschoa.*

«Se vos achaes agora em bôas circumstancias, lembrae-vos do futuro. *Não ha sol que sempre dure.* O ganho póde ser momentaneo e incerto; mas a despeza, essa, não tenhaes dúvida, é certa e constante. *É mais facil construir duas chaminés, do que conservar o fogo sempre n'uma dellas.* Por isso: *Antes deitar sem ceia, do que levantar com dividas. Ganhae o que poderdes, mas guardae o que ganhardes; é pela economia que o chumbo se torna em ouro.* Quando tiverdes esta pedra phylosophal queixar-vos-heis menos dos tempos e do pêso dos impostos.

«Esta doutrina, meus amigos, é a da razão e da prudencia; mas, no fim de tudo, não conteis demasiadamente com o vosso trabalho, com a vossa prudencia, posto que sejam excellentes cousas; porque póde ser que nada valham sem a benção do céu. Implorae humildemente essa benção, consolae os infelizes, soccorrei-os. Lembrae-vos de que Job soffreu, e entrou depois na prosperidade.

«E agora para concluir: a experiencia tem uma eschola onde se paga muito caro; mas os tolos não aprendem n'outra; *porque os que dão conselhos não podem dar conducta.* E lembrae-vos bem d'isto: *Quem não quer ser aconselhado, não quer ser soccorrido.*»

«O velho acabou o seu discurso. Todos o escutaram, approvaram a sua doutrina, e foram immediatamente fazer o contrário, como sempre acontece no fim dos sermões. A venda começou, e fizeram-se compras extravagantes e a credito, em despeito dos bons conselhos do velho, e do receio que elles tinham dos impostos. Por minha parte vi que o honrado homem tinha estudado os meus Almanaks, e recolhido o que eu havia escripto para o povo em 25 annos. As frequentes citações que fez de mim, de certo abhorreceram os outros, mas lisongearam a minha vaidade, posto que eu soubesse que não era minha a decima parte daquella sciencia, mas dos outros, dos seculos todos, de todas as nações. Aproveitei a bôa doutrina daquellas maximas, e em vez de comprar fato novo, resolvi-me a conservar o velho por mais algum tempo.

RICARDO SAUNDERS (FRANKLIN).

Nunca reserves para ámanhã o beneficio.

(PARABOLA.)

Um rico estava á mesa. Diante delle fumegavam os mais preciosos productos da arte culinaria. Quando o jantar ía em meio, veiu um criado dizer-lhe, que um pobre estava á porta e pedia pão. «Não perturbem o socêgo do homem honrado que está jantando» respondeu o egoista; e satisfeito por haver dado esta prova d'espirito, riu-se e accrescentou: «Que venha ámanhã» mais com a intenção de se livrar d'um importuno, do que com o designio de o tratar melhor no dia seguinte.

O pobre voltou; mas o rico tinha morrido de indigestão.

Critica litteraria.

A POESIA E O SENSO COMMUM.

(FRAGMENTO.)

TIVE o infortunio de nascer n'uma quadra innundada de versos, como outros teriam ó dezar de terem nascido no tempo dos mouros, da inquisição, da máu dos Quintos, ou das côrtes de Lamego. É máu fado nosso, que além do ambiente que respiramos, haja sempre o quer que seja de subtil, de suffocador e de mephytico, associado á pureza do ar, e prestes a asphyxiar-nos a cada passo.

Tenho visto a poesia n'uma era de transicção e de decadencia. Assisti aos ultimos fulgores do Elmanismo espirante, ainda senti os ultimos arrancos da bôa Arcadia, e pude colher ainda perto da fonte a sonora melopéa de Filinto, a satyra picante de Tolentino, a vêa inspirada de Garção e de Diniz. Como um pastor inerte e preguiçoso, assisti aos ultimos balidos das ovelhas bucolicas; vi quebrar-se a avena pastoril do último Belmiro, e presenciei o extremo desfilar do armento já ronceiro, deixado em herança aos derradeiros pastores-vates; ouvi o baque da choça pastoril, alluida e descolmada pelo tufão neo-romantico, e despedi-me com saudade da última Chloris, que, sumindo-se nas ondas prateadas do Téjo, ou do Mondego, marcava a hora final do poema piscatorio.

Estava decidido. A poesia singela, em que o mundo se figurava identificado nos prados e nos bosques, e onde para amar, para sentir e para cantar, era mister viver entre os zagaes, e trocar o nome profano da sociedade, pela alcunha classica de Fileno ou de Menalcas; esta poesia, doce como o mel das agrestes colmeas; suave como o deslisar da lympha nos seixos do ribeiro, e tran-

quilla como a atmosphera de maio; matisada como os vergeis d'abril; candida como a açucena; innocente como as pastorinhas d'aldêa; esta poesia, que todos podiam sentir, e que nem todos se atreviam a compôr — ei-la já no dominio da historia, e o cavalleiro pesado das chacaras romanticas, e a donzella sentimental do romance christão, a assentarem-se em cima daquellas ruínas, a desmancharem com os passos aquelles canteirinhos tão rescendentes de flores delicadas, a exhalarem sôbre tudo um halito de morte, a desbotarem as côres vivas daquella poesia tão esmaltada, e tão multicôr, para tingirem tudo de pallidez ou de sangue.

Eu não sou partidario exclusivo da eschola classica; eu não quero que o homem se naturalise camponez, para ter o direito de cantar, e que o mundo se circumscreva nos campos. A tuba da epopéa tem o seu logar como a frauta pastoril; e o alaude romantico tem tambem cordas que encantam, quando o cantor as sabe desferir. Mas o que eu não quero é que na republica de Apollo se quebrem as varas do podêr, se rasguem os livros da lei, e cada cidadão seja, ao mesmo tempo, o seu proprio juiz e o seu proprio legislador. O que eu não quero é que se proscreva a suave tyrannia da razão, da logica, do bom senso.

Alcunharam de servil a poesia classica. Em bôa hora. A accusação era exaggerada: deram-na comprovada; mui bem foi que pedissem o ostracismo de Aristoteles, e a abolição da sua regra de ferro. As flores, o armento, as choças, os apriscos, as zagalas e os cordeirinhos da ecloga já não iam bem com os instinctos do seculo. Pois bem, morra a Arcadia. Mas por Deos não lhes substituam a anarchia do sentimento, da idéa e da palavra.

A renovação romantica foi excellente. Os seus principios foram optimos; o que foi máu, porém, foram as consequencias que tiraram estes malfazejos e damninhos, que andam sempre á cauda das revoluções, para as macularem e tornarem odiosas.

Em quanto é um Garrett que sacode o jugo da arte classica, não ha receio que ao trigo velho, é verdade, mas de lei, se substitua a zizania da mediocridade. Em quanto é um Herculano, que reage contra a dictadura da Renascença, não ha pena que os bons diamantes da arte antiga sejam trocados pelas pedras artificiaes dos alquiladores da litteratura. Esses homens não dizem a Virgilio: «És um idiota;» nem a Sophocles: «És um desastrado.» Esses homens não repellem a magestade classica, comprehendem-n'a; é pela comprehenderem que elles entendem o bello, que elles o concebem; e é porque o concebem que elles são originaes, e se desprendem da imitação obediente e mesquinha. Não copiam, mas não despresam o original; não fazem um plagiato vulgar, mas tambem não professam a ignorancia como um adjutorio da inspiração.

O *Catão* está moldado pelo bello ideal da tragedia antiga, assim como as tragedias de Alfieri, sem serem cópias, confrontam por muitos lados com Sophocles e Euripedes.

O *Camões*, que todos classificam na cathegoria das grandes ficções romanticas, quanto não tem de classico, no meio da inspiração toda christã, toda moderna, que o anima! Não está alli o bello regrado, como nos poemas de Virgilio, como nas epopéas de Homero? Não se conhece em cada traço, que por alli passou o genio, voando nas azas da arte antiga! O poema é christão, o sentimento é novo; mas a fórma, os moldes, o estudado da metrificação, a harmonia do verso, a nobreza do estylo, e a correcta severidade da linguagem, demonstram claramente, que não foi uma inspiração caprichosa e desregrada, que cantou os infortunios do cantor dos *Luziadas*.

A arte não tem patria, nem tempo, nem regras immutaveis; é como o senso commum que não reconhece fronteiras, nem edades; é como o bello, que não tem noção diversa em Athenas ou em Roma — no Parthenon ou em S. Pedro!

Não se persuadam, pois, que a renovação romantica foi a emancipação dos engenhos rebeldes; não se persuadam que tocámos o communismo, a licença litteraria, ou que arvorámos o capricho individual no logar que pertence ao instincto universal das gentes. Não creiam que a invenção do drama, da chacara, da balada, da ode romantica, foi uma carta de alforria expedida a favor das intelligencias meãs; ou uma carta de marca, com que o mais insignificante versejador se authorise a andar em corso perpétuo nos dominios do senso commum.

Mas infelizmente assim tem acontecido. Esta renovação, em Portugal, tem sido uma invasão de barbaros. Para conquistarmos esses poucos monumentos que honram a litteratura nestes ultimos annos, quantas insulsas composições, quantas revoltantes não temos sido forçados a devorar em silencio.

Temos *Camões*, *D. Branca*, um theatro original e formoso, onde prima *Fr. Luiz de Sousa*, o *Auto de Gil Vicente*; temos o *Monge de Cister*, temos *Eurico*, temos uma ou outra composição elegante da moderna geração; mas o que temos ao lado; selvas de lyras rouquenhas, e aldeãs; acervos de odes retumbantes; grosas de rimas, que tinem como guisos de macho asturiano; temos d'um lado o genio, e do outro a falta de senso; temos por um gigante, mil annões importunos; por uma belleza que nos alarga o espirito, cem trivialidades que nos martellam a intelligencia.

Nada ha tão suave, tão de enlevar, de enlouquecer de poesia, como um bello poema christão. Quem não terá relido algumas das mais sentidas meditações de Lamartine, quem não terá transposto, um momento, as raias finitas da existencia humana, voando sôbre as paginas immortaes de Victor Hugo? Mas quem não terá maldito, cem vezes, a invenção da rythma, quando é o versejador indolente e frouxo, que toma o encargo — vão encargo — de nos adormecer de poesia, quando é de somno que nos adormece; quando é o desasado tangedor de gaita de folles, que se abalança a profanar, com tons burlescos e discordes, o alaúde magico dos menestreis.

Poetas, o vosso caminho é errado. A vossa poetica conduz ao absurdo do pensamento, e á monotonia da fórma. Que me importa que vós ponhaes a tormento o *Diccionario dos consoantes*, para me provardes n'uma ode, que *noite* rythma com *açoite*, e *véu* com *trophéu*, se o que vós dizeis não tem senso commum, nem grammatica, nem logica, nem cousa que saiba a talento e a inspiração artistica? Que vale que saibaes rythmar? Rythmar, isso tambem faz o povo, e as toadas populares saem ás vezes mais decentes, que as vossas melopéas arrebicadas? Que me importam as vossas comparações, se ides, para descrever uma borrasca, semear *enxofre*

nas nuvens? Que se me dá das vossas imagens, se são como o que em optica chamam *anamorphoses*, tão desasadas e disformes, que fariam córar de despeito a Gongora, e aos eternos glosadores do Polyphemo, e Galathéa? Desenganae-vos. Para ser poeta é mister ser original; quando se não póde ser original, copie-se com arte; mas original ou cópia, é indispensavel a correcção do estylo, a propriedade e compostura das imagens; a formosura da dicção, o apropriado do verso, o expressivo e variado da rythma, e a rigorosa obediencia aos preceitos da grammatica; a imaginação e o senso commum; a arte e a natureza. Despresado tudo isto, não sereis poetas, sereis versejadores; não me dareis nunca senão um esqueleto adornado de galas extemporaneas; uma ossada informe arreada de flores sêccas e corruptas.

Eu bem sei que a critica é um máu diploma para fazer fortuna litteraria; mas assim como alguem ha nos exercitos, que primeiro se aventure aos perigos da brecha, para que os mais felizes o sigam depois, assim tambem nas letras deve haver homens, que, sem o preconceito das sympathias, sem a ligação dos elogios reciprocos, se abalance a dizer a verdade nua; que tão difficil é dize-la, e tão máu sabor é o de ouvi-la, que dize-la é coragem; ouvi-la paciencia. Assim, que sejam pacientes os poetas, que eu tambem me armarei de fortaleza; deixem-me que lhes note os defeitos, que depois bem largo lhes fica o espaço para o desforço; e quando outra arma lhes não désse para me refutarem, ahi lhe fica a critica que faço ás suas obras — que bem poderá servir de materia ás criticas alhêas.

Quando eu vejo um idiota despenhar-se, não temam que o tome pela mão, lhe aponte o barranco e o reconduza. Não, que a sua perda é ganho para as letras. Mas quando é um engenho util, que escandalisa a austeridade litteraria, e que por imprevidencia ou leviandade destóa da sua reputação bem adquirida, não ha resistir, que lhe não levemos conselho, e lhe não lancemos em rosto os desacertos, para que da falta, advertida a tempo, tire emenda para o futuro.

Não quero abocanhar os talentos. Já lá vão longe essas quadras de ciume litterario, e de louca rivalidade. O mundo hoje é tão largo, que ninguem o enche todo, por muito que cresça e se dilate. Quando a França póde conter ao mesmo tempo a Chateaubriand, a Hugo, a Lamartine, a Arago, a Dumas, e a tantas outras reputações litterarias e scientificas, como não sobrará aqui terreno para que nós todos caibamos, sem invejarmos o quinhão alheio? Couberam Horacio e Virgilio na mesma cidade, e nós aqui havemos de acotovelar-nos, aqui que a arena é vasta, e o paiz da intelligencia quasi deshabitado e selvagem. Quando a terra é quasi toda baldia, e que basta assentar um marco para se dar a posse d'uma courella, para que havemos de estender olhos de cobiça pela fazenda do visinho?

Desenganem-se — a critica não é como a opposição politica, que aspira ao podêr derribando os seus contrarios. Nas letras, onde não ha côr de partido, todos cabemos na cidade, sem que seja mister exilar-nos mutuamente. Por isso não tomem á conta de animosidade o que só vem do raciocinio. Felizmente a obra não é o auctor, e póde-se ser implacavel com uma, sem offender a pessoa do outro.

L. C.

ROMANCE.

Peccadora.

XVII.

CONFISSÃO.

Robertina fóra a casa do major Vernier: mas os adversarios eram dois. Aquelle passo, ainda que muito imprudente parecesse talvez, não bastava. Era-lhe mister egualmente fallar ao sr. Luciano de Pons.

Com o major não tivera demasiado trabalho. Vernier, que era um homem generoso e leal, e que não tinha ao mancebo aquelle resentimento, que de ordinario acompanha as rivalidades de amor, havia-se guiado em todo aquelle negocio pelo desejo de preservar o barão de um perigo, que não conhecia. Até que uma vez acertára na mania singular de ver em tudo complicações romanescas, adivinhando vagamente a falsa posição de Armando; e sem se fazer cargo da sua causal, considerára o insulto como não consummado, e prestára ao barão o mais franco apoio.

Exempto de odio, incapaz de rancor, incapaz sobretudo de recusar, fósse o que fósse, á baroneza d'Osser, pela qual professava uma especie de culto, não a deixou concluir o seu arrezoado. Logo ás primeiras palavras a interrompeu, para lhe protestar a mais inteira obediencia.

Era um excellente e digno homem aquelle major Vernier! coração de ouro, sincero e puro, leal, generoso e sem mancha — mas devemos confessar que naquellas circumstancias mentalmente se comparava a um Abencerrage, depondo a forte lança aos pés da belleza, que lhe ordenava a paz.

Foi Vernier quem referiu a Robertina todas as particularidades da scena que tivera logar entre elle, o sr. Claudio, Armando e Luciano. Robertina sabia, por palavras destacadas, que ouvíra aos que a haviam presenciado, que aquella discussão com o senhor de Pons e o major não era estranha ao dono da casa.

Pela franca exposição de Vernier, percebeu Robertina, que no proceder de Rembrés estava a explicação do enigma, que debalde tentára na véspera adivinhar.

Com Luciano foi a sua tarefa mais difficil. A extraordinaria resolução da baroneza espantou o mancebo, mas não o fez recuar no seu proposito. Tinha sido insultado gravemente, dizia elle. Apezar de vencedor na lucta amorosa contra o major, nem por isso lhe tinha menos odio. É que os rapazes são tão ciosos e desconfiados como os velhos, se o não são mais. Para ter confiança é necessario haver a consciencia da fôrça.

E tambem para dissimular uma affronta é mister não ser noviço, ter passado por largas provas.

A persuasiva eloquencia de Robertina, por pouco que não naufragou na sua cólera pertinaz. Mas ha argumentos heroicos para domar estes teimosos verdores. Robertina pronunciou o nome de Florencia, e Luciano teve de render-se.

Havia duas horas que regressára a palacio, quando Armando acordou, e a mandou previnir de que lhe queria fallar.

Estas duas horas havia-as passado com Florencia.

Quem atraiçóa uma pessôa amada é conduzido a detesta-la pelo simples facto da sua traição. É um mysterio metaphysico este, que muitas vezes se tem explicado, mas que ha-de ser sempre inexplicavel. Não se demonstram axiomas.

Robertina, entretanto, redobrára de meiguices com sua cunhada. O beijo que lhe imprimíra na face, foi seguido de mais apertado abraço, e Florencia várias vezes surprehendeu a baroneza com os olhos, humidos de lagrimas, fictos nella.

Mas Robertina cedêra ao Rembrés. Pronunciára o *sim* fatal, que, quanto della dependia, entregava a irmã de seu marido a um falsario — a um *forçado!* . . .

É possivel imaginar mais negra traição?

Todavia esta traição era-o só em apparencia. Robertina havia mentido ao Rembrés.

Debruçada ás bordas de um abysmo, em que a mão de um miseravel a podia precipitar sem esfôrço, exposta ás iras de um homem implacavel, sem podêr mesmo queixar-se, ou implorar a esteril compaixão do mundo, porque o seu algoz tinha por si o direito humano, ameaçada e quasi que inteiramente perdida, Robertina encontrava ainda em seu nobre coração fôrças para se sacrificar por outrem.

Não tinha ella uma dessas consciencias subtís e elasticas, que admittem circumstancias attenuantes, que distinguem uma traição de outra traição, amaldiçoando o assassino que mata, mas desculpando o covarde que deixa matar. Clemente com as fraquezas do proximo, Robertina era incapaz de perdoar a si mesmo uma fraqueza sequer.

Nem um só instante, nem mesmo debaixo da influencia do olhar imperioso de Rembrés, tivera o pensamento de contribuir para a desdita de Florencia, quanto mais de a abandonar.

Se houvesse um meio, qualquer que fôsse, de restabelecer uma lucta franca, Robertina tê-lo-ía tentado, porque sua alma era leal e altiva. Mas, para que nada faltasse ao amargor da sua situação, os ameaços de Rembrés collocavam-a entre tres extremidades: perder-se, perder Florencia, ou mentir . . .

Escolhêra a última, que era talvez a redempção de Florencia. O que por seu respeito não faria de certo, resignava-se a fazê-lo por outrem, curvando-se n'um violento esfôrço, á mentira; como outros tem de fazer incriveis esforços, quando querem conservar-se nos limites da verdade.

Enganára Rembrés de caso pensado, reflectidamente.

Naquelle primeiro momento, entretanto, só tivera instinctivamente a vontade de salvar Florencia; ainda não sabía os meios que para tal fim empregaria. Mais tarde, quando viu, que, longe de podêr contar com o auxilio de Armando, este carecia egualmente da sua protecção, por pouco que não succumbiu. Calculou os obstaculos que tinha a vencer; e viu-se sósinha e desarmada, em presença de um inimigo revestido de uma especie de armadura encantada — porque Rembrés, cujo systema de precauções conhecemos, era invulneravel — viu-se encerrada n'um circulo fatal, sem podêr prognosticar ás complicações daquelle drama, mais que um desfecho funesto e proximo.

E ficou aterrada. Apossou-se-lhe d'alma o desespêro. Mas esta especie de annihilação moral durou apenas um momento. A reacção do heroico instincto da sua natureza foi energica. Considerou os varios perigos que a rodeavam, como os sublimes restos de um exercito vencido, que, contemplando a multidão victoriosa, se apertam em tôrno do estandarte, e pelejam e morrem.

Permitta-se-nos que observemos, que assim como a lucta em que se empenhára não tinha nome na vida ordinaria, tambem o esfôrço de que carecia era mais raro, e de especie differente do de Eponina ou Arria, cujos nomes são como glorioso symbolo da dedicação feminina; e mais raro ainda do que o daquellas mulheres que affrontaram o cutello do algoz, ou o estridor das batalhas.

Porque ao valor sustenta-o e alimenta-o a acção. Cada um dos proprios esforços o augmenta e exalta. E Robertina tinha de conservar-se tranquilla, debruçada para um precipicio, e devia de sorrir-se para o punhal erguido contra ella — e não só uma vez, senão mil vezes; e não só agora, senão sempre.

Para salvar a felicidade de Armando emprehendêra havia oito dias um trabalho de dissimulação e de esfôrço sôbre si mesma, que acabaria com a mais tenaz paciencia, que desalentaria a mais constante vontade. Para salvar a felicidade de Florencia tinha de emprehender novo trabalho, e ao mesmo tempo affrontar um novo perigo, porque Armando e Florencia tinham interesses diversos, e salvar um sem perder o outro, parecia um problema irresoluvel.

O menor esfôrço tentado em favor de Florencia, recaía directamente sôbre Armando; o menor auxilio prestado ao barão matava Florencia.

Por toda a parte se erguia o ameaço de Rembrés, o ameaço terrivel, que podendo perder Robertina, a apresentaria aos olhos de todos, bigama, manchada, repellida do mundo, e repellida pelo proprio Armando.

Que esperava ella? Como poderia combater quando a primeira condição da lucta era a immobilidade?

Naquelle momento não saberia ella dizê-lo. Mas assim como ha movimentos imperceptiveis, que se assimelham ao repouso completo, ha tambem armas microscopicas que escapam á vista.

O que Robertina precisava, primeiro que tudo, era saber ao certo a especie de laço em que o forçado fizera caír seu marido.

Isto não apresentava sérias difficuldades. Talvez mesmo que, interrogado francamente, Armando confessasse immediatamente tudo. Mas Robertina julgava-o por si, e lhe parecia que era mister arrancar-lhe o seu segredo, porque, na posição d'Armando, guardaria este segredo, para evitar que alguem quinhoasse as suas inquietações e padecer moral.

O meio que empregou, comtudo, teve um excellente resultado. Armando disse-lhe tudo, sem reserva alguma, começando pelas suas zelosas suspeitas, de que todavia se arrependeu em termos apaixonados.

Entretanto, quando Armando referia a sua corrida nocturna pelas ruas de París, em seguimento de uma desconhecida, percebeu Robertina que seu marido erguia os olhos de vez em quando para ella, como á socapa. Era evidente que as suas suspeitas estavam antes esquecidas, que dissipadas. Cada vez que referia os pormenores daquella desastrada noite, que fôra como o prologo das suas desgraças, as circumstancias grupavam-se, e tomavam para elle uma apparencia tão accu-

sadora, que lhe parecia incrivel como se não convencêra até á evidencia...

Depois a sequencia dos factos mostrava-lhe o seu regresso ao palacio, o sereno dormir de Robertina, e todas as dúvidas lhe desappareciam então.

Envergonhou-se ainda uma vez de si mesmo, e proseguiu na sua narração.

Depois de a haver terminado, conservou-se muito tempo Robertina immovel e silenciosa.

O perigo que o barão corria era evidente; sentia-o em a sua plenitude. Mas este perigo era de natureza tal, que o primeiro impeto de Robertina foi revoltar-se contra a perfidia de Rembrés. Parecia-lhe nestas circumstancias possivel a lucta.

Ah! quão valentemente resistiria se Rembrés não tivesse contra ella outras e mais poderosas armas!

— Então! disse Armando a final — nada te occultei... nada! Sabes agora o que esse homem póde sôbre mim... que farias em meu logar?

— Obedeceria, respondeu a baroneza.

Se tivesse dito o contrário, Armando havia de lhe certamente representar os inconvenientes da resistencia. Mas não ha caso extremo, em que o espirito de contradicção, inherente á natureza do homem, não ache occasião para apresentar os seus argumentos inuteis. E depois os entes vulgares folgam de representar um bom papel, ainda que seja por um instante sómente.

— Obedecerias!... repetiu o pobre homem com fingido espanto; tambem... eu mesmo não sei que faça... mas a minha querida irmã, a nossa Florencia!

A baroneza tinha sempre tão grande desejo de considerar o barão como um homem digno do seu amor, que se deixou tomar daquelle estratagemasinho.

— Sei, replicou ella, que tu quererias affrontar o perigo, e apresentar o peito descoberto aos golpes que te ameaçam... mas, acredita-me, o que o Rembrés quer de Florencia, é a sua fortuna... É mister ceder.

Armando soltou um profundo suspiro.

O estado moral do homem compõe-se muitas vezes de tão diversas *nuances*, que não ha idioma que tenha os vocabulos precisos para pintar com exactidão e d'um só traço, as suas extraordinarias combinações. Este suspiro d'Armando não era hypocrita, porque sentia, magoava-o realmente a sorte da sua irmã; mas tambem não era sincero, porque Armando encontrava no conselho de sua mulher uma especie de sancção á sua propria fraqueza.

Sería superfluo dizer, que não foi necessario muito para a persuadir. Já sabemos que elle de antemão estava resolvido a capitular. Mas o que nós não podêmos affirmar é se elle, aconselhando-lhe sua mulher a resistencia, abandonaria francamente a sua posição de tutor, faltando aos mais santos deveres de homem e de irmão.

Estes caracteres vacillantes, incompletos, miseraveis, substancias *molles* que o pêso da desgraça esmaga, ou *empasta*, pullulam em tôrno de nós na vida. São bons amigos, esposos honestos, excellentes irmãos, em quanto não são necessarios esforços para ser tudo isto. Felizmente, muito poucas vezes os acontecimentos, no seu curso regular, trazem destas graves conjuncturas, em que se deve optar entre a morte e a infamia, entre a desgraça e o crime. A fraqueza então é compativel com todas as virtudes domesticas. Mas appareça essa conjunctura, e que a alternativa terrivel apresente ao fraco as terriveis pontas do dilemma fatal, e o fraco tornar-se-ha um cobarde de certo.

E a cobardia póde descer ainda mais baixo que a propria perversidade.

. . . .

Havia perto de uma hora, que o senhor e a senhora d'Osser estavam juntos, e a sua prática estava bem longe de concluir, quando se fez um grande arruído na galeria de vidraças, que servia de communicação entre o gabinete azul, e o corpo principal do palacio.

Ouviam-se as vozes de dois criados, que defendiam energicamente o passo, e uma terceira voz, polida, branda, mas teimosa, que disputava com paciencia, porém sem augmentar um ápice do seu diapasão.

— Já disse ao senhor, pela vigessima vez, que o sr. barão não póde fallar a ninguem! dizia um dos criados.

— Deixa-te disso, meu pateta, deixa-te disso, respondeu o teimoso visitante.

— Mas, senhor!... acudia o outro criado.

— A mim ha-de elle podêr fallar, meus ricos... sempre que eu queira!...

Armando e Robertina olharam um para o outro. O barão encolheu os hombros com um movimento de vã cólera.

— Não ha remedio senão deixa-lo entrar, disse Robertina.

O barão levantou-se, e dirigiu-se para a porta. Mas antes de chegar ao meio do quarto, abriu-se um dos batentes, e viu-se apparecer as costas do criado particular, que entrava aos recuos, continuando assim até á brecha a sua heroica defeza.

Atraz do criado, via-se já metade do corpo do sr. Claudio.

— Deixa entrar esse senhor, disse Armando.

— Vês, *Picard*, ou *Contois*, ou *Champagne?* bradou o ex-banqueiro... o meu primo é um grande figurão, e os seus criados devem de ter uns nomes pomposos como os lacaios de comedia... Já vês que o sr. barão póde fallar-me!...

Armando fez um gesto. Os dois criados inclinaram-se, e íam para retirar-se, quando o sr. Claudio disse, rindo:

— Esperem, esperem, meus amiguinhos. A cousa ainda não acabou... nem me faz conta ter de empenhar um combate, cada vez que me der na cabeça vir fazer uma visita ao sr. barão.

E pondo a mão na cintura, e a outra nos bofes da camisa, contrafazendo o porte de um marquez de theatro, continuou:

— Dou-lhes licença que me examinem dos bicos dos pés até á cabeça! Vejam, vejam bem! Não lhe escape um signalzinho sequer... Já acabaram?

Os criados, espantados, não responderam palavra.

O sr. Claudio voltou-se então para o barão, e disse-lhe, como incidentemente:

— Bons dias, meu amigo.

Depois proseguiu, dirigindo-se de novo aos criados:

— Já acabaram?... Muito bem; agora tomem sentido no que lhe vou dizer.... em nome do sr. barão... as portas d'este palacio devem-me ser abertas, de madrugada, como ao meio dia, de tarde como á meia noite.

— Não ha dúvida... a toda e qualquer hora, acudiu o barão.

— Agora, tornou o sr. Claudio, se já ouviram, podem-se ir embora.

E fechando a porta na cara dos dois criados, dirigiu-se para a baroneza, que presenciára calada aquella scena.

— Minha querida prima, disse, sentando-se na cadeira do barão — aqui me tem outra vez... Aposto que antes queria que eu estivesse em Calais... ou em Toulon... ou n'outra parte... que no palacio d'Osser?

— O senhor bem sabe, replicou a baroneza, que não póde ser importuno.

— Oh! certamente, formosa prima, importuno não... e como vae isso, barão? Está com uma cara bem apoquentada!... São effeitos do baile?... pois a sr.ª baroneza...

— Sinto-me muito incommodado, acudiu Armando.

— Ah!... exclamou o sr. Claudio — isso é que é máu, primo!... tanto mais que eu vinha com tenção feita de resolver aquelle nosso pequeno negocio, que me parece não dever soffrer muita demora.

Rembrés e Robertina estavam um ao pé do outro. O barão medía a largos passos o aposento.

— E se a sua indisposição, proseguiu Rembrés, não é tão forte, que impeça alguns momentos de conversação séria, pediria á minha formosa prima, que nos desculpasse, e iriamos tratar disso até á hora de jantar.

— Estou prompto a ouvi-lo aqui, disse o barão.

— Aqui?... Não acho prudente!

— A sr.ª baroneza sabe tudo.

— Oh! oh! exclamou Rembrés, franzindo a testa.

E deitando para Robertina um olhar inquieto, disse em voz baixa:

— E elle sabe?...

— Não sabe nada, murmurou Robertina.

— Que pateta que eu sou, disse comsigo Rembrés, desfranzindo-se-lhe a testa. Esta Robertina, ainda que tivesse tres maridos em logar de dois, era capaz de saltar por todas as difficuldades!... Que finura!... E accrescentou em voz alta: — Eu havia-lhe lealmente guardado o seu segredo... mas não importa; estou certissimo que a sr.ª baroneza só lhe podia dar os melhores conselhos... Vamos, pois, a saber, quando lhe parece que deve ser o casamento?...

(Continúa.)

POESIA.

Graças.

Je te bénis, Seigneur!
V. Hugo.

I.

Já descria de Deos! não esperava!
Rugia-me no peito encarcerada
Indomita procella.
Tinha n'alma um abysmo, e a côr do inferno
Me tingia na fronte o pensamento!

Já descria de Deos! não esperava!
Era meu horisonte um céu medonho
Que toldavam mil sombras,
Abobada de ferro, onde estalavam
Minhas queixas, meus ais despedaçados!

Já descria de Deos! não esperava!
Pelo prisma da dúvida sombria
Olhava o universo;
Deos era para mim quasi um problema,
E uma amarga irrisão o mundo inteiro!

Já descria de Deos! não esperava!
Tibio o clarão da fé já s'extinguia
Em circulos de trévas;
Tinha no abysmo o pé... tu me salvaste...
Graças, graças, meu Deos, eu te bemdigo!

II.

Tu, de cuja mão potente
Se precipita egualmente
O sol que o mundo allumia,
E o grão de trigo que alimenta o verme
Em bronca penedia:

Tu que reges com teu braço
Pelos desertos do espaço
Milhões d'orbes rutilantes,
E diriges dos homens, cá na terra,
Os passos vacillantes:

Tu, de cujo pensamento
Não se desvia um momento
A tua obra infinita;
Tu, que não deixas nunca sem confôrto
Uma só alma afflicta:

Tu, ó Deos de piedade,
Tu, ó Suprema Bondade,
Tu me ouviste compassivo
Descobrindo entre as obras do universo
O atomo fugitivo!

III.

Desfez-se a negra procella,
Sorri fagueira bonança,
E das ondas socegadas
Surge o astro da esperança!

Dissipou-se o véu sombrio
De medonha noite escura,
Raiou-me a crença, e com ella
Raiou-me n'alma a ventura.

E tu, Senhor, me salvaste,
Quando infeliz te esquecia,
E eu pensava no abysmo
Quando o teu braço me erguia!

Salvè, salvè! eu te bemdigo,
Deos d'amor e de clemencia,
Será meu norte na vida
Tua estrella, ó Providencia!

A. Lima.

Agosto 24 — 1843.

A California.

No anno de 1849 publicou-se uma collecção de documentos geraes, officiaes e completos sôbre a California, Della extraímos o que se vae ler.

O facto mais notavel da nossa epocha, pelo que respeita aos interesses materiaes, é incontestavelmente a descoberta das minas d'ouro da California. Nenhum outro acontecimento desta epocha influirá tanto na economia social das nações contemporaneas.

Estas minas, com quanto se apresentem como inexgotaveis, não são as unicas riquezas que teem de ser exploradas no paíz fertil da California. Ha outras mais seguras, mais duradouras, e mais dignas dos esforços e da actividade humana, que esta descoberta imprevista fará por certo desenvolver; fallâmos das emprezas commerciaes e industriaes, que se hão-de dirigir para este paíz, admiravelmente collocado para o commercio maritimo.

Este paíz, quasi ignorado, explorado pela marinha mercante, quasi improductivo até hoje, apezar das suas riquezas mineraes, e da extraordinaria fertilidade do seu sólo, deve mudar inteiramente de aspecto. Invadido por uma população ardente, activa, aventureira, vinda de todos os pontos do globo, cobrir-se-ha de povoados, de logares, de villas, de cidades, cuja prosperidade crescente espantará o mundo.

Historia e Geographia. — A California foi descoberta por Fernando Cortez, em 1536, e visitada, segundo dizem, em 1578, por sir Drake. Por muitos annos este paíz foi tão pouco frequentado, que apenas se conhecia, e muitos criam que era uma ilha.

No seculo passado a côrte de Madrid encarregou D. José Galvez de esplorar este paíz. O seu relatorio foi favoravel, e nelle foram mencionadas a descoberta das perolas e das minas d'ouro, que promettiam muito aos exploradores.

A Alta California divide-se em duas partes. A primeira, a l'este, que se estende até á grande cordilheira da *Serra Nevada*, é completamente deserta. A segunda, a oeste da *Serra Nevada*, estende-se até ao Oceano Pacifico. Foi nesta que entrou o exército americano no tempo da guerra com o Mexico.

A *Serra Nevada* é uma porção da cordilheira, dessa cadêa de montanhas, que, com diversos nomes, fez uma linha parallela á costa, desde a Baixa California até á America russa. Esta cordilheira divide a California, onde exerce influencia directa sôbre o clima, o sólo e as producções.

D'um lado sopra sôbre ella o vento quente e humido, que vem do Oceano Pacifico, e do outro o vento frio e secco do deserto. D'aqui nasceram as differenças entre a California oriental e a occidental; uma quente e fertil, a outra fria e esteril.

Do lado de l'este, durante as noites de dezembro, gelam os rios, as plantas morrem, as arvores perdem as folhas; do lado d'oeste, na mesma epocha, a atmosphera é temperada, e a vegetação prospera — de um lado é dezembro, do outro é abril.

É do lado d'oeste, entre a *Serra Nevada* e o mar, que existe a California propriamente dita.

(Conclúe.)

NOTICIAS SCIENTIFICAS E INDUSTRIAES.

Conservação das uvas.

Na India Septentrional colloca-se a uva em tempo bem sêcco; tiram-se com cuidado os bagos esmagados ou podres, e depois collocam-se encamadas sôbre caixas, separando cada camada das outras por meio de folhas de pecegueiro. Feito isto, põem-se as caixas sôbre taboas, n'um quarto sêcco e bem arejado. Por este processo póde a uva conservar-se até junho.

Douradura da seda.

Consta que o Dr. Kroning, de Berlim, descobriu o processo para pratear e dourar a seda por processos chimicos.

BIBLIOGRAPHIA.

LIÇÕES DE PHYSICA, *pelo lente de physica da Eschola Polytechnica.* — Acham-se á venda, em Lisboa, aos Martyres, na loja de livros dos srs. Bertrands.

O JUDEO ERRANTE

ROMANCE DE EUGENIO SUE.

10 *réis cada folha* — 30 *réis cada estampa.*

Acham-se publicadas 36 folhas d'este excellente romance social — EDIÇÃO DA IMPRENSA NACIONAL — e 3 primorosas estampas.

Recommendâmos a obra e *a edição* aos nossos leitores, prevínindo-os de que nunca hajam de confundir esta, com uma outra edição (de 5 réis!!!) emprehendida por bem conhecido especulador.

Os senhores das provincias, que queiram assignar, podem dirigir-se aos correspondentes da *Revista.*

CHARADA.

Já salvei no meu seio a humanidade — 2
Do valor portuguez tambem fui scena — 2
D'um povo que o universo encheu de susto
Regeram minhas mãos o sceptro augusto.

EXPLICAÇÃO DO NÚMERO ANTECEDENTE:

Charada — Rosalia.

AVISO.

No dia 1 *de março saiu á luz o* 1.º *número da* REVISTA DOS ESPECTACULOS. *Recebem assignaturas — o sr. Lavado e os mais encarregados da distribuição da* Revista Popular.

PREÇO — *por anno*, 240. *Para os srs. assignantes da* Revista, 200 *réis.*



O GRANDE poeta portuguez, Francisco Manoel do Nascimento, mais vulgarmente conhecido pelo nome de *Filinto Elysio*, nasceu em Lisboa, a 23 de dezembro de 1734. Seu pae, patrão-mór da Ribeira, e homem abastado, dotou-o com uma aprimorada educação litteraria, que largamente desenvolveu os talentos com que a natureza o prendára.

Abraçou o estado ecclesiastico, sendo nomeado thesoureiro da ermida das Chagas, em que então havia um hospital para maritimos; d'este logar lhe provinham pingues rendimentos, e Francisco Manoel, no regaço da abundancia, rodeado dos mais finos engenhos do seu tempo, que todos frequentavam a sua casa, entretinha-se no doce commercio das musas, encetando já então a cruzada contra os *francelhos* e *tarelos*, como elle chamava aquelles que em seus escriptos abastardavam a nossa formosa lingua, introduzindo-lhe vozes estranhas, quando a traducção do *Tartufo*, falsamente attribuida ao capitão Manoel de Sousa, e os manejos indignos de um fidalgo despeitado, que o poeta constantemente chama *nayre*, em seus versos, lhe valeram as iras do tribunal do Santo Officio da Inquisição.

«Na madrugada de 4 de julho de 1778 (diz o sr. J. M. da Costa e Silva) o familiar (Manoel Caetano de Mello), que nós ainda conhecemos, e de quem soubemos estas particularidades, deixando a porta tomada pelos esbirros do tribunal, subiu ao andar, em que Francisco Manoel habitava, e com o silencio e segredo em taes casos praticado, se lhe apresentou, intimando-lhe que o acompanhasse aos carceres da Inquisição. Um homem vulgar teria perdido todo o accordo, só de ouvir aquelle terrivel nome; mas Francisco Manoel, moço dotado de grandes fôrças, e de uma presença de espirito admiravel, lhe respondeu com grande sangue-frio — que estava prompto, mas que lhe permittisse licença para vestir-se; o familiar, que sabía que a casa não tinha mais que uma saída, e que a porta da rua estava *sitiada* pelos seus beleguins, lh'o concedeu, debaixo de condição de que elle o não perderia de vista; assim póde Francisco Manoel introduzi-lo para o interior das casas, e havendo-se calçado com todo o socêgo, disse ao familiar, que estava desapercebido: — Verdade será o que se affirma? isto é, que ninguem ainda se atreveu a resistir ao Santo Officio? — É certissimo, respondeu o familiar... — Pois resisto eu! clamou Francisco Manoel, e pondo-lhe um punhal aos peitos, lhe disse com ar resoluto — que á menor tentativa que fizesse lhe tiraria a vida. Então o conduziu para uma casinha escura, onde o deixou fechado. Pegando logo em o capote e chapéu militar, e espada do

capitão Pio dos Santos Pires Monteiro Bandeira, que nessa noite havia ficado em sua casa, e dormia então a somno sôlto, saíu embuçado, e passou por entre os esbirros, que mal pensavam que naquelle traje lhe escapava a victima que procuravam...»

Pouco depois pôde, disfarçado tambem, embarcar a bordo de um navio francez, que o conduziu felizmente ao Havre de Grace.

Os seus implacaveis inimigos confiscaram-lhe os bens, reduzindo á miseria aquelle que no futuro devia de ser uma das glórias da nação.

Viveu em París perto de quarenta annos, e lá falleceu, em 25 de fevereiro de 1819, sendo sepultado no cemiterio do *Père Lachaise;* o seu espolio, segundo uma declaração do consul respectivo, foi vendido por 12$000 réis!!

Os seus ossos vieram depois para Lisboa, conduzidos pelo conselheiro Filippe Ferreira d'Araujo e Castro, já fallecido, e cremos que ainda jazerão em alguma obscura e ignorada *gaveta da Sé Metropolitana de Lisboa.*

Não nos cabe avaliar neste logar a importancia dos serviços prestados á litteratura e linguagem portugueza, que foram aliàs relevantissimos e preciosos. Primou no genero lyrico, merecendo por este motivo o epiteto de *Horacio portuguez.*

Ha tres edições das suas obras: a primeira, impressa em París, em quatro volumes de 8.º — muito errada. A segunda, em 13 grossos volumes, tambem de París; é elegante, impressa em bom papel e formoso typo, mas um tanto incorrecta, apezar de ter presidido á sua impressão o bem conhecido philologo, e íntimo amigo do poeta, Francisco Solano Constancio.

Finalmente, a terceira e a melhor edição, é a de Lisboa, impressa á custa do livreiro Rolland, em 22 volumes de 16.º

Andam avulsas várias obras de *Filinto Elysio*, merecendo especial menção, a excellente traducção da obra de Jeronymo Osorio — *De Rebus Emmanuelis* — em tres volumes de 8.º commum, impressa na Imprensa Nacional, em 1804.

ROMANCE.

Peccadora.

XVIII.

AMIGO DA CASA.

Houve um momento em que Rembrés se persuadiu que Robertina, n'um impeto de paixão, revelára ao barão o seu proprio segredo. Para os planos do ex-notario era um contratempo esse difficil de remediar, porque com Robertina é que elle principalmente contava, e aquella revelação anniquilava toda a sua influencia no ânimo da baroneza.

Mas era possivel que Robertina se resolvesse a dar um similhante passo?...

Armando casára com ella apezar de não ser rica, e apezar mesmo da sua qualidade de artista, qualidade a que o mundo nega todo o valor moral. Diz-se e repete-se, que vão acabando os prejuizos; entretanto um progresso qualquer, muitas vezes, não passa dos escriptos e das palavras; porque a familia procura conservar-se sempre affastada do movimento das idéas, e ha seculos que os paes e mães tem nos labios as mesmas objecções, quasi o mesmo anathema.

E muitos dirão que, a final de contas, estas objecções são, pelo menos, plausiveis.

Seja como fôr, Robertina, através a atmosphera de triumphos, que a rodeava na sua vida d'artista, víra aquella barreira levantada entre ella e o santuario da existencia privada. Na sua precoce sciencia do mundo, adivinhára que os seus proprios triumphos a repelliam d'esse santuario; perpassava pela multidão, mas não fazia parte da multidão. Brilhava, applaudiam-na, mas o círculo severo do domestico lar não se abria para a receber.

Fôra Armando o que lhe valêra um logar na vida commum. Armando protegia-a com o seu nome. Robertina, que já não tinha mãe, e que lhe pesava de se ver isolada, consagrava a seu marido um sentimento de gratidão egual ao seu amor.

Robertina ufanava-se de ser mulher d'Armando, a quem a sua ternura attribuía aliàs chimericas perfeições; agradecia-lhe do fundo do coração ter corrido um véu sôbre aquelles annos vendidos ao público, sôbre aquelles annos todavia tão puros, que nem a calúmnia ousára mancha-los.

Mas, tornâmos a repetir, Robertina conhecia a sociedade. E não ignorava a perfida habilidade com que ella sustenta a duvidosa sabedoria das suas crenças proverbiaes. Com os elevados sentimentos da sua alma, valer-lhe-ia a morte ter de dar razão a esses axiomas immoraes, que saem ordinariamente da bôcca dos tolos, começando pelas fórmas sabidas: — A final vem a arrepender-se... — Nunca póde ser agradavel, etc. etc.

Robertina era innocente perante Deos. Não lhe bastava isto, porém. Era-lhe mister ser irreprehensivel aos olhos dos homens, isempta de qualquer falta, isempta tambem destas desgraças, que *deshonram*, como se a desgraça fôra um crime. Desejára que seu marido, quando os olhos d'alma fictasse nella, a visse pura e sem mancha.

Rembrés não foi buscar tão longe o motivo da discripção da senhora d'Osser. A respeito das mulheres, as suas opiniões eram um pouco livres, e, quando tinha de tratar com alguma, repetia mentalmente as palavras de Figaro: — Ó mulher! fragil e perfida creatura...

— Quando acha que deve ser o casamento? repetiu, repoltreando-se familiarmente na sua cadeira.

— Vamos desde já tratar esse negocio, respondeu Robertina com tranquillidade.

Armando descontinuou de passear. Socegaram-no um pouco as palavras de Robertina, e o modo por que ella as pronunciou. A sua situação era, pouco mais ou menos, a de um réu, que, não podendo defender-se, ouve atraz de si a voz grave do sabio advogado. O barão sentiu que não estava só no combate, e que um companheiro, mais déstro e mais forte, adoptava a sua causa, quasi sem esperança.

Rembrés fez talvez uma reflexão analoga, mas na physionomia não se lhe conheceu a minima alteração:

todas as feições se lhe conservaram em perfeita harmonia com a sua apparente situação; dava realmente ares de um noivo de provincia a discutir amigavelmente os preliminares do seu contracto de casamento.

— Tratemos este negocio, querida prima, e querido sr. barão, tornou elle — que na verdade não vejo agora difficuldades que obstem á sua prompta conclusão, pois que a sr.ª baroneza parece não se oppôr por modo algum.

— Se por ventura algumas difficuldades apparecerem, disse Robertina, procuraremos destrui-las.

— É isso, é, o que devemos fazer!... A proposito, este pavilhãosinho tem porta para a rua de Provença?

— Sim, senhor, respondeu a baroneza, com um ar de quem dizia = E porque o pergunta?

— É porque... começou Rembrés — Não vem sentar-se ao pé de nós, barão? Venha — e conversaremos todos tres ao pé do fogão, como tres bons amigos que somos.

O docil Armando puxou uma cadeira, e sentou-se tambem.

— Bello! exclamou o sr. Claudio, sinto-me agora, como se costuma dizer, com o coração á larga... Sr.ª baroneza, queira perdoar-me tanta curiosidade, este pavilhãosinho tem segundo pavimento?

— Tem, sim senhor.

— É excellente!... Lá em cima posso accommodar o meu criado.

A baroneza não pôde conter um gesto de surpreza.

Rembrés levantou-se, voltou as costas para o fogão, e cruzando os braços no peito, disse:

— Depois fallaremos no casamento; quero desde já communicar-lhe um planosinho meu, que não lhes hade ser desagradavel, no meu modo de pensar... Os meus queridos esqueceram-se de me offerecer um quarto no seu palacio!

— Senhor... balbuciou o barão.

— V. ex.ª ha-de responder, que esse offerecimento subentendia-se nos outros offerecimentos que me fez, acudiu o sr. Claudio, copiando ao natural o ar de um amigo velho, que está costumado a considerarem-no como de casa; — parece-me que vi descerrarem-se os labios da sr.ª baroneza para m'o dizer... a desculpa é realmente delicada... Bem má opinião daria de mim se não me contentasse com ella... E para provar que não estou resentido, acceito a hospitalidade que se me offerece, francamente e sem mais cerimonias.

Armando virou a cara para esconder a sua perturbação. A propria Robertina não respondeu uma palavra.

O ex-banqueiro olhou para um e para a outra com um modo satisfeito.

— Nada de cumprimentos, tornou elle — sei perfeitamente que hei-de ser muito bem recebido... Tambem, muito sentiria se lhe causasse o menor incómmodo... o que não é crivel; neste grande palacio, sempre ha-de haver algum logarzinho em que eu possa encantoar-me... comtudo, talvez, que o sr. barão seja cioso, e então...

Armando córou, e fez um violento esfôrço para conter a sua cólera.

— Não é cioso, v. ex.ª? proseguiu o implacavel Claudio — tanto melhor para v. ex.ª!... dou-lhe os meus sinceros parabens por ter essa fortuna — que é realmente uma fortuna... Entretanto, se eu fôsse hospedado debaixo do mesmo tecto, haviamos de nos incommodar mutuamente, e prézo mais que tudo a minha liberdade... Por consequencia, peço, para minha residencia, este pequeno pavilhão.

— Senhor, acudiu Armando, satisfeito de podêr apresentar uma objecção — sinto não podêr acceder aos seus desejos... mas este aposento é o preferido retiro da sr.ª baroneza.

— Com effeito, querida prima, exclamou Rembrés, nisto reconheço o seu inimitavel bom gôsto!... Nunca vi cousa que mais me agradasse!... De modo nenhum quero, comtudo, priva-la do seu favorito retiro... tudo se ha-de arranjar. E como prefere o pavilhãosinho, fique o pavilhãosinho... e eu reservarei para mim o palacio.

O barão não o percebeu logo.

— Escolha em todo o palacio...

— A minha escolha está feita... escolho-o todo... grande ou pequena, preciso de uma casa só.

Armando, que se dobrára e capitulára em presença da terrivel condição do casamento de sua irmã, reagiu contra a nova pretenção do sr. Claudio, e exclamou:

— Sr. Rembrés, o seu plano é irrealisavel! Alugue uma casa qualquer; eu lh'a pagarei

— Essa não esperava eu! respondeu Claudio, em tom de meiga reprehensão — v. ex.ª não reparou, de certo, que as palavras que proferiu offendem gravemente a susceptibilidade de um futuro cunhado...

— O sr. Claudio tem toda a razão, acudiu Robertina, e eu cedo-lhe de bôa mente o gabinete azul.

O ex-banqueiro olhou para ella, e desatou n'uma destas gargalhadas francas, que parece só poderiam rebentar do peito de um justo.

— Querida sr.ª baroneza, exclamou, foi muito bem dito... a carapuça é mesmo talhada de molde! Na verdade teve razão para me fustigar... O nosso barão não entende de diplomacia, e v. ex.ª fez-me sentir d'um golpe o ridiculo dos meus esfôrços para representar de comedia com proficiencia, quando não ha expectadores... Aqui para nós, que nos conhecemos todos tres perfeitamente... as minhas precauções oratorias eram inuteis. Mas que querem... póde mais o habito... e eu sou a delicadeza personalisada. Além de que, devo confessar-lhe, tenho sempre por costume representar o meu pedaço, ainda quando o público falta... Ora vamos; amnistiemo'-nos mutuamente... desculpem-me aquelle ridiculosinho de que me não posso emendar... eu perdôo tambem — e, em conclusão, declararei que acceito o gabinete azul.

Rembrés curvou-se graciosamente, e beijou a mão da baroneza.

(Continúa.)

Fragmento de um romance maritimo de Frederico Marryat.

Continuámos cruzando sôbre a costa, até que entrámos na bahia de Arcasson, na qual apresámos dois ou tres navios e fizemos varar a outros. Aqui tivemos um exemplo de quanto é importante que o commandante de um navio de guerra seja bom marinheiro, e que tenha o navio do seu commando em tal estado de ordem e de

disciplina, que possa ser obedecido strictamente em todos os casos.

Ouvi dizer aos officiaes, depois que saímos do perigo, que só a presença d'espirito que manifestou o commandante *Savage*, é que foi capaz de nos salvar de um naufragio horrivel.

Tinhamos dado caça a um comboy de pequenas embarcações até o fundo da bahia, e quando mettemos de ló para saírmos della, o vento, que era da travessía, havia refrescado consideravelmente, e o mar e arrebentação na praia era tal, que é de suppôr, que todas as pequenas embarcações se fizessem em pedaços. Vimo'-nos obrigados a rizar as gaveas nos segundos, quando orçámos, porque o aspecto do céu ameaçava um temporal. Uma hora depois cobriu-se todo de nuvens escuras, e tão baixas, que quasi tocavam nos tópes; e o grosso mar, que se tinha levantado, como por encanto, nos fazia caír sôbre a costa de sotavento. Ao anoitecer refrescou o vento muito mais, e a fragata ía debaixo d'agua, por causa do muito pano; de modo que, se não estivessemos empenhados a fugir da terra de sotavento, teriamos sido constrangidos a capear com poucas vélas; porém naquelle caso era necessario levar todas as vélas que fôssem possiveis para nos afastarmos da terra. Os golpes de mar, que arrebentavam na amura, innundavam o navio de pópa á próa, e muitas vezes na cabeçada parecia que a fragata se partia pelo meio. Passaram-se vergueiros dobrados á artilheria, que já tinha uma talha addicional; cunharam-se os cabrestantes, e tomaram-se outras providencias, que as circumstancias pediam. O commandante, o immediato e quasi todos os officiaes estiveram sôbre a tolda toda a noite. O ruído do vento, a violencia da chuva, a agua que passava por cima do convés, o estrondo que faziam as bombas de cadéa e o ruído das antepáras, eram taes, que cheguei a persuadir-me que nos perderiamos sem remedio, e repetí as minhas orações, mais de uma duzia de vezes, no decurso daquella noite, na qual não pude dormir cousa alguma. Movido da curiosidade, tinha desejado muitas vezes achar-me em um temporal; porém estava muito longe de me persuadir que fôsse tão horroroso como o que via presente; e o que fazia este caso de mais perigo e cuidado, era o ter a terra por sotavento: as consultas do commandante e dos officiaes, e a impaciencia com que desejavam que amanhecesse, tudo me dava a conhecer que corriamos maior perigo que o do temporal.

Finalmente amanheceu; e o marinheiro de vigia, que estava a bombordo, gritou:

— Terra por sotavento!

A esta voz o master deu um murro na trincheira, e com uma cara mui descomposta poz-se a caminhar para a pópa, sem dizer uma palavra.

—Wilson, disse o commandante ao segundo tenente, suba alguns enfrexates, e veja se póde distinguir a ponta.

O segundo tenente subiu pela enxarcia, e apontou com a mão, como a duas quartas para vante do través de sotavento.

— ¿Vê dois pequenos montes pela terra dentro?

— Sim senhor.

— Então é ella, disse o commandante ao master, se a podermos montar teremos mais espaço. Folgado e deixar andar! ¿Ouves-me, marinheiro do leme?

— Sim, senhor.

— Andar assim, e nada mais para o vento. Quando der a cabeçada ajuda-o com duas malaguetas de encontro; e tem cuidado não te escápe a roda da mão.

Era na verdade uma vista horrorosa: quando a fragata ficava entre duas ondas, então não se podia distinguir mais do que um pequeno espaço de mar extremamente agitado; porém, quando ella subia sôbre uma das vagas, via-se toda a costa baixa e areenta proxima a sotavento, coberta de espuma e de pedras.

— Vae-se safando muito bem, disse o commandante, chegando-se e olhando para a agulha, se o vento não escacear poderemos montar a ponta.

Apenas acabava de dizer estas palavras, principiaram as vélas a bater, dando terriveis sacudidelas.

— Em cheio! ¿Que estás fazendo homem do leme?

— O vento escaceou; respondeu este sem se alterar.

O commandante e o master conservaram-se ao pé da bitacula olhando para as agulhas; e quando o pano chegou a estar outra vez em cheio, tinhamos aproado duas quartas mais a sotavento, e a ponta demorava exactamente pela amura de bombordo.

— Temos que virar em roda, Falcão. Lestra a virar em roda! Cada um a seu logar sem demora! O vento torna a alargar, disse o master, que estava junto á bitacula.

— Não toques em vento! disse o commandante. ¿Onde está agora a próa?

— A NNE. como antes de escacear.

— Nada mais para o vento!

— Se torna a escacear, accrescentou o commandante, não teremos espaço para virar em roda, e agora mesmo ha tão pouco, que não me atreveria a fazê-lo. ¿Qual é a amarra que está no escóvém de bombordo? é a de linho?

— Sim, senhor.

— Então vá abaixo, Falcão, e faça-lhe tomar volta dobrada na abita, a trinta braças, e isso depressa, porque é a nossa unica esperança.

A fragata continuou no mesmo rumo, e quando estavamos como a meia milha da ponta, e esperavamos monta-la, tornou a escacear o vento; as vélas começaram a bater, e arribámos duas quartas como antes. Os officiaes e a guarnição ficaram aterrados, porque neste momento as pedras ficavam exactamente pela próa.

— Venha cá para ré todo o mundo! disse o commandante. Rapazes, agora não ha tempo para conversar: vou virar por d'avante porque não ha espaço para o fazer em roda. O unico meio que temos de nos salvar é ter sangue-frio, attender ao que eu disser, e executar as minhas ordens com exactidão, e depressa. Cada um a seu logar para virar por d'avante! A ancora de bombordo, da amarra de linho, que esteja prompta a largar!... Falcão, vá abaixo com os carpinteiros, e que estejam promptos a cortar a amarra quando eu mandar. Silencio! Marinheiro do leme, mais folgado! Dá seguimento até que eu mande orçar.

Passou-se como um minuto antes que o commandante désse ordem alguma. A fragata ía-se aproximando cada vez mais da praia, e as ondas rebentavam em roda do navio, elevando-se muito e estendendo-se sôbre a costa, que ficava inteiramente coberta de espuma, e chegava, no recuar da vaga, talvez a meio comprimento d'amarra da fragata: o ruído da agua nas pedras era mais forte do que um trovão. O commandante fez signal com a

mão, e o marinheiro metteu o leme todo de ló. A fragata começou a orçar pouco a pouco, e foi perdendo o seguimento conforme íam batendo as vélas. Quando ficou parada, o commandante gritou :

— Larga ancora ! . . .

E continuou :

— Falcão, a álé-larga ha-de fazer-se a todos os tres mastros ao mesmo tempo.

Ninguem respondeu uma palavra. A marinhagem chegou-se para os braços de próa, que já estavam prolongados. Muitos d'entre elles, a cujo número eu não pertencia, conheciam bem que, se mentiamos a virar, dentro em meio minuto estariamos nas pedras; e parece-me que quando o commandante disse que queria fazer a álé-larga aos tres mastros ao mesmo tempo, o official immediato, pela expressão da sua physionomia, mostrou que o não approvava; e com effeito, depois soube que não tinha approvado aquella disposição; porém este era demasiadamente bom official para ignorar que a occasião não era opportuna para fazer observações, e por isso não deu uma só palavra, provando o resultado que o commandante tinha razão. Finalmente a fragata aproou, e este mandou fazer a álé-larga geral. As vergas giraram com um ruído tão terrivel, que julguei que os mastros, mastaréus e vergas ía tudo pela borda fóra. Logo que o vento encheu o pano por bombordo a fragata metteu o portaló de sotavento debaixo d'agua. O commandante, que estava em pé na trincheira, agarrado a um ovém da enxarcia grande, mandou pôr o leme convenientemente, olhou para o apparelho, e depois para a amarra, que dizia pela amura de bombordo, e sustinha o navio impedindo-o de se chegar á terra. Finalmente gritou :

— Pica a amarra !

Ouviram-se alguns golpes de machado, e viu-se saír o chicote pelo escóvém deitando fumo pela violencia da fricção, e desapparecer debaixo de uma grande onda, que arrebentou na amura, e que nos alagou de pôpa a próa; porém a este tempo já íamos velejados no outro bordo.

A fragata tomou seguimento, e evidentemente nos separámos da terra.

— Rapazes, disse o commandante á guarnição, tendes-vos portado maravilhosamente, e eu vos agradeço; porém devo advertir-vos com franqueza, que ainda temos mais difficuldades a vencer, porque é preciso montar a outra ponta. Falcão, mande dar um golo de aguardente a esta gente, e que se renda o quarto. ¿ Onde está agora a próa ?

— Por sotavento do SO. $\frac{1}{4}$ de S.

— Andar assim : folgado, e deixar seguir; disse o commandante, e chamou o master, indo ambos para a camara . . . .

. . . .

Antes do meio dia a ponta montanhosa que tanto temiamos estava á vista pela amura de sotavento; e se a costa baixa e areenta parecia terrivel, muito mais o era esta, mesmo vista da distancia em que estavamos : as negras massas de rocha, cobertas pela espuma que a cada momento formavam as ondas, rebentando sôbre ellas, e subindo mais altas que os nossos topes, davamlhe uma apparencia horrivel. O commandante esteve observando isto alguns minutos em silencio, e absorto em meditações.

— Falcão, disse elle por fim, é necessario amurar a véla grande.

— O navio não póde com ella, commandante.

— É preciso que possa. Mande chegar bastante gente para a amura, e que tenham cuidado no arrear dos cabos.

Amurou-se a véla grande, e o effeito que produziu sôbre a fragata foi terrivel. Adornou tanto, que as mesas da enxarcia de sotavento ficaram debaixo d'agua, e quando ía no balanço para aquelle lado, não se via o corremão, nem parte das trincheiras da tolda : parecia-me que estava vendo um cavallo fogoso desenfreado com o castigo que se lhe applicava : não se elevava como antes por cima das ondas, mas atravessava-as e dividia-as, o que produzia uma torrente continuada desde o castello, pelo convés e pelas escotilhas abaixo. Pozeram-se quatro homens á roda do leme, e a guarnição viu-se obrigada a agarrar-se a barlavento para impedir que a agua os levasse : todos os cabos da manobra correram para sotavento em confusão : as balas saltaram fóra das chaleiras, e todos os olhos estavam fixos na mastreação, observando os mastaréus, que todos os momentos esperavamos ver caír. Uma grande pancada de mar rebentou na amura, e por alguns instantes pareceu que a fragata se não podia levantar : parou, tremeu, e deteve-se, como uma pessoa que houvesse ficado sem sentidos.

O official immediato olhou para o commandante, como se lhe dissesse : *isto não póde ser.*

— É a nossa unica esperança, respondeu este áquella muda indicação.

Que a fragata andava mais e orçava melhor, isso não tinha dúvida; porém antes de chegarmos á ponta, o vento se tornou mais incerto.

— Se desarvorâmos de alguma cousa estamos perdidos, disse o official immediato.

— Sei isso muito bem, respondeu o commandante socegadamente; porém, como já disse, é a nossa unica esperança. A consequencia de qualquer descuido ou falta, commettida em preparar ou assegurar o apparelho, deve experimentar-se neste lance; e este perigo, se escaparmos delle, deve convencer-nos da importancia que devemos dar a todas as nossas obrigações. As vidas de toda a guarnição podem ser sacrificadas pela falta de attenção ou ignorancia na occasião de apparelhar o navio; e eu devo dizer-vos com justiça, Falcão, que o apparelho da fragata tem toda a segurança que lhe podiam dar a intelligencia e o cuidado.

O immediato agradeceu ao commandante a bôa opinião que tinha do seu zêlo, esperando que não seria a última vez que o louvasse.

— Eu espero tambem que não será; e dentro em poucos minutos saíremos da dúvida.

A fragata estava então a dois comprimentos d'amarra da ponta, e eu vi alguns marinheiros cruzarem convulsivamente as mãos; porém a maior parte delles estavam em silencio largando as jaquetas e os çapatos, e preparando-se para não perderem a última esperança, se o navio encalhasse.

— Isto vae decidir-se de prompto, Falcão, disse o commandante.

E eu estava junto delles, agarrado a uma malagueta, desde que se tinha amurado a véla grande, havia talvez meia hora.

— Venha comigo pegar no leme. Agora necessita-se serenidade e energia; agora mais do que nunca.

O commandante e o immediato foram pegar no leme nas malaguetas de vante, e a um signal que fez o primeiro, *Obrien* e um marinheiro velho, pegaram nas de ré. As ondas que batiam nos penedos e o ruïdo do vento eram terriveis; porém a vista ainda era mais terrivel do que o ruïdo. Por alguns momentos fechei os olhos, porém uma curiosa anciedade me obrigou a abri-los outra vez. Segundo pude calcular, distavamos vinte varas das pedras, quando a fragata montou a ponta: a espuma fervia em roda do navio; e quando estavamos mais perto, e que n'uma onda fomos no balanço para sotavento, pareceu-me que o laes da verga grande tocou as pedras. Neste momento veiu uma refrega de vento, com um ruïdo atroador, o qual nos fez metter o portaló debaixo d'agua. E uma onda, que bateu nas pedras, ricochetou caindo sôbre a tolda da fragata como um diluvio. O rochedo mais saliente estava como a dez braças da pôpa, quando outra refrega nos fez metter outra vez o portaló debaixo d'agua, e fez em tiras os papa-figos, deixando apenas as tralhas. A fragata endireitou-se tremendo toda: olhei então para a pôpa, e a ponta demorava a barlavento da alhêta; já estavamos safos. Parecia-me que a fragata, livre já da impressão dos papa-figos, e subindo sôbre as ondas, era uma verdadeira imagem da consolação que sentiamos todos naquelle momento; e, como ella, nós tremiamos, e tinhamos o coração opprimido com a subita reacção de vermos o fim de uma intensa anciedade que opprimia todos os peitos.

O commandante entregou o leme, e foi para a pôpa olhar para a ponta que estava então pelo través de barlavento: um ou dois minutos depois mandou a M. Falcão, que fizesse tirar do payol outros papa-figos para se envergarem, e desceu para a camara. Estou certo que foi dar graças a Deos pela nossa afortunada salvação: da minha parte eu o fiz com o maior fervor, não só então, como tambem quando me fui deitar na maca.

(*Ann. Marit. e Col.* — n.° 5 de 1841.)

POESIA.

Sonho.

(IMITAÇÃO.)

MEDITANDO em teu rosto adorado
Assaltou-me tão placido somno,
Que n'um languido e meigo abandono
Em teus braços sonhei repousar.

Minha fronte encostando a teu seio,
Respirando um alento divino,
N'um enlevo d'amor imagino
Que teu peito senti palpitar.

Entre as minhas as mãos t'apertava,
A meus labios teus labios unia,
Brando fogo nas vêas sentia,
Que lavrava co' o teu respirar.

Desejando acalmar esse fogo,
Em que ardia incendido meu peito,
Em ardentes suspiros desfeito
Minhas fragoas buscava apagar.

Engolfada d'amor nas caricias
Tu me olhavas com tanta ternura,
Que outro góso de tanta ventura
Impossivel me fôra gosar!

Que torrente d'amor e d'affagos
Tu me davas, ó anjo formoso!
Ai! que céu de prazer e de góso
Que em teus labios me déste a provar!

Mas ai, triste! que a sorte mesquinha
Nem em sonhos permitte que ao menos
Gose um dia os instantes serenos
Que em teus braços podéra gosar!

Dissipou-se, qual fumo ligeiro,
Esse sonho em que então delirava,
E acordado a um Deos supplicava
Me deixasse mais vezes sonhar!

A. J. DE SOUSA ALMADA.

A California.

(Conclusão.)

Olhando para a carta do hemispherio occidental, vê-se que, de todos os paizes das duas Americas, a California é o que, pela sua projecção no Oceano Athlantico, se aproxima mais dos numerosos grupos d'ilhas, entre as quaes se faz em grande a pesca da balêa. Nenhum está situado tão bem como este para o commercio da China, do Japão, das Philippinas e da Oceanía.

Se brevemente se abrir caminho pelo isthmo de Panamá, ou se uma linha de caminho de ferro substituir o canal por que ha tanto tempo se espera, são de extraordinario valor para o commercio todos os portos, taes como Monterey e S. Francisco. Logo que a passagem exista, os navegantes que hoje procuram Valparaiso, na extremidade da America meridional, virão a concentrar-se nos pontos mais proximos e mais ricos, nas visinhanças do centro americano, do golpho do Mexico e do mar das Antilhas; isto é, nos logares em que é mais activo e importante o commercio americano e europeu.

O littoral da Alta California virá a ser, provavelmente, o theatro de grandes emprezas. Alli se formará talvez a New-York d'oeste, e póde ser que já não esteja muito longe o dia em que esta predicção se realise.

Aspecto do paiz — fertilidade do sólo — clima. — A bahia de S. Francisco é uma das mais bellas do mundo; como porto de mar é vasto e seguro; o sólo é fertil, as paizagens pittorescas, o clima salubre e benigno.

Não ha inverno na California — ha só a estação das chuvas, e a da sécca. A primeira começa em novembro e acaba em fevereiro; durante o resto do anno não cae mais chuva, mas a disposição do sólo e dos rios torna a irrigação facil.

Se a Alta California não tivesse as riquezas mineraes que se lá descobriram, bastaria, para lhe assegurar um futuro excellente, a sua fertilidade, tendo para aproveita-la uma povoação activa e industriosa.

O sólo, ainda virgem, é proprio para todas as producções. As madeiras abundam, e os pastos são excellentes.

Os antigos missionarios, e os actuaes habitantes, affirmam que o sólo póde produzir figos, laranjas, uvas, bananas, cannas d'assucar, oliveiras, algodão, tabaco e cereaes.

É difficil encontrar no mundo terra mais rica e mais fertil do que a que fica nos valles de S. Joaquim e do Sacramento, e a que cerca a bahia de S. Francisco.

O valle do Sacramento tem mais de cem leguas de extensão. Nelle se encontram muitos bois, muitos cavallos selvagens, etc.

O salmão apparece em muita abundancia nos grandes rios.

Minas d'ouro. — Sabe-se da existencia das minas desde o seculo XVI. Ha muito que os americanos do norte invejavam a posse d'este paîz, tentador já pela sua posição, ainda mesmo antes de se conhecer a sua riqueza mineral.

Em 1846, quando começou a guerra entre os americanos e a gente do Mexico, dirigiram-se aquelles logo para a California, e apoderaram-se de Monte-rey, em quanto o general Taylor se encaminhava para Vera-Cruz.

A guerra não foi longa, e os mexicanos deram-se por satisfeitos quando poderam terminar a guerra, abandonando aos vencedores o Novo Mexico e a California, pelo tratado de 2 de fevereiro de 1848.

Os terrenos, em que ha ouro, occupam uma extensão de 150 leguas, do norte ao meio-dia, e de 60 leguas de l'este a oeste. Acha-se ouro nas nascentes, no leito dos rios e sôbre as montanhas.

Os logares em que o ouro abunda são cobertos por uma terra amarellada, que contém ferro

O ouro fino encontra-se por baixo das nascentes de agua, em palhetas; mais para cima apparece sempre mais volumoso. Abunda nas fendas das rochas e nos leitos seccos das torrentes. Ha vêas metalicas, que atravessam toda a espessura de muitas rochas, em diversas direcções.

É impossivel apreciar, pelo cálculo, a extensão dos depositos d'ouro da California.

Prata, platina, mercurio e perolas. — Encontra-se na California cinabre excellente, em abundancia, que dá, pela distillação, mais de 40 % de mercurio. A California possue tambem prata, platina e perolas, cuja abundancia é incontestavel. Os viajantes, desde o seculo XVI, tem fallado sempre da belleza das perolas, que servem d'ornato ao pescoço e aos braços dos indios do littoral. Agora, tendo os indios abandonado a costa, devem existir bôas perolas accumuladas.

Caminhos por onde se vae para a California. — Quatro caminhos conduzem á California — o primeiro por Chagres e Panamá; o segundo por Vera-Cruz, Mexico e Acapulco; o terceiro pela Nova Orleãs, pelas montanhas; o quarto, mais longo, mais seguro, menos difficil e mais economico, é o do Cabo de Horn.

Por Chagres = Sóbe-se o rio de Chagres até Cruces ou Cruces ou Corgona (80 milhas), em pirogas estreitas conduzidas por indios: vae-se depois a pé ou a cavallo até Panamá, que está a 20 milhas de distancia.

O clima de Chagres é um dos mais perigosos e pestiferos para os europeus. As chuvas continuas, a par d'uma temperatura de 85°, matam em poucos dias.

As margens do rio são aridas, perigosas, povoadas só por crocodilos e outros animaes ferozes.

Do outro lado, Panamá, grande e bella cidade, é infelizmente, pelo calor e pela chuva, terra em que pouco se devem demorar os europeus.

Por Vera-Cruz = Ha meios de transporte lento e difficil até ao Mexico, e de lá para Acapulco; sería este caminho o mais cómmodo, se não o infestassem ladrões e assassinos.

Pela Nova Orleãs = É preciso atravessar desertos, pantanos, rios, sem achar pousada, e errando frequentes vezes, por falta de direcção. Tem morrido muita gente nesta viagem trabalhosa e difficil.

Pelo Cabo de Horn = Embarca-se em um porto de França ou de Inglaterra, por exemplo, e vae-se directamente desembarcar no Sacramento, no meio das minas d'ouro, sem que seja preciso atravessar regiões empestadas, sem que o viajante se arrisque a morrer de fome, de febre, ou assassinado pelos malfeitores.

Em quanto se não estabelecer um canal, ou um caminho de ferro, no isthmo de Panamá, todos devem preferir a viagem pelo Cabo de Horn.

De como todos podem ter a sua parte do ouro da California, sem sair de casa. — Para fazer fortuna na California não é necessario cavar a terra para extrahir ouro, nem ir á pesca para obter perolas. A população d'este paîz, subitamente transplantada para lá, precisa de tudo. O negocio consiste, pois, em fornecer vestuario proprio para o clima, utensilios, instrumentos, remedios, alimentos de certas classes, vinhos, etc. etc. É para isto que se podem com vantagem organisar companhias.

Theatro de S. Carlos.

Sabbado, 2 do corrente, teve logar o beneficio do Montepio Philarmonico, com o *Macbeth*. O theatro esteve cheio; a opera correu excellentemente; os intervallos foram preenchidos com dois *passos a dois*, e com um *andante* e *rondó* de *Servois*, executado no Violoncello pelo joven professor Guilherme Antonio Cossoul, que recebeu geraes applausos pelo primor e delicado gôsto com que tocou. Pena foi, que o sr. Cossoul não escolhesse uma peça mais agradavel, ou escripta sôbre motivos mais conhecidos; porque a que nos fez ouvir, sendo aliàs de grande merito, achámo-la todavia mais propria para ser tocada em uma academia, ou em uma reunião de verdadeiros entendedores.

O célebre rebequista, o sr. Vicente Bianchi, de quem fallámos em um dos nossos numeros anteriores, chegou a esta capital, e é provavel que já no domingo possamos ouvi-lo em S. Carlos.

A filha do sr. Bianchi tambem chegou, e ha toda a esperança de que cante a opera — *A filha do Regimento.*

NOTICIAS SCIENTIFICAS E INDUSTRIAES.

Telegraphos.

Acabam de fazer em París curiosas e importantes experiencias com o telegrapho electrico, em um circuito fechado de cento e quarenta leguas. Na presença de uma commissão nomeada pela Assembléa Legislativa, transmittiram-se e imprimiram-se oitenta e duas letras por minuto.

Os ensaios de telegraphia acustica, com tambor ou peças, deram tambem resultados extremamente satisfactorios.

Illuminação e aquecimento das casas.

Entre as descobertas recentes deve registar-se, como digna da maior attenção, o meio simples e economico de decompôr a agua, descoberto pelo americano Henry Paine. Com auxilio de uma fôrça egual a $\frac{1}{800}$ do cavallo-vapor, sem bateria galvanica, sem metaes e sem acidos, conseguiu a extracção de 200 pés cubicos de hydrogenio, e 100 de oxigenio, por hora. Esta quantidade de gaz, cuja extracção é baratissima, dá, pela combustão, calor sufficiente para aquecer uma casa durante 12 horas, e luz para alimentar 300 bicos, pelo espaço de 10 horas.

Asseguram, diz a *Semaine*, que este invento foi já submettido por seis mezes á experiencia da illuminação das casas. O inventor obteve privilegio para os seus fornos e fogões de vapor.

BIBLIOGRAPHIA.

LIÇÕES DE CHIMICA, pelo sr. Pimentel, lente da Eschola Polytechnica. — LIÇÕES DE PHYSICA, pelo lente de physica da mesma eschola. — LIÇÕES DE ALGEBRA ELEMENTAR (Principios, equações do 1.º e 2.º grau), pelo sr. João Ferreira Campos, lente da 1.ª cadeira da mesma Eschola.

Acham-se estas obras á venda, em Lisboa, na loja dos srs. Bertrands, aos Martyres; e na loja do sr. Lavado, rua Augusta, n.º 8.

Livros de Missa.

Na loja do sr. Lavado se encontra uma collecção excellente de livros de missa, por preços modicos. Nesta loja se satisfaz promptamente a quaesquer encommendas de livros ou jornaes.

EXPLICAÇÃO DO NUMERO ANTECEDENTE:

Charada — Arcadio.

AVISO.

Nas semanas seguintes publicar-se-ha o final da *Peccadora*, no formato da *Revista*, que será distribuido na conformidade do que se annunciou no n.º 26 d'este volume.

Terminando o segundo volume da *Revista Popular*, a empreza agradece sinceramente a generosa protecção que recebeu do publico, e espera continuar a merecê-la, empregando todos os esforços para satisfazer ás exigencias justas dos leitores d'este jornal.

A publicação do terceiro volume ha-de começar no principio d'Abril.

Durante o mez de março, os srs. correspondentes terão a bondade de enviar o saldo de suas contas, e as novas relações de assignantes, para que a escripturação e a remessa nunca deixem de ser regulares.

PREÇOS DA ASSIGNATURA

Por anno — 960; por semestre — 480 réis. Tambem se assigna, por anno, pagando 20 réis no acto da entrega de cada número.

Por anno — para os assignantes annuaes da *Illustração Franceza* — 720 réis.

Recebem-se assignaturas, em Lisboa, na loja do sr. Lavado, e no escriptorio da administração, rua de S. Bento, n.º 114. — No Porto, unicamente na loja do sr. Moré, praça de D. Pedro. — Nas outras terras recebem as assignaturas, os srs. correspondentes, cujos nomes foram publicados no n.º 19 da *Revista*.

Os srs. assignantes, que quizerem deixar de o ser, terão a bondade de communicar a sua resolução aos srs. correspondentes da *Revista Popular* para se suspender immediatamente a remessa das folhas.

Tendo affluido ao escriptorio da *Revista* muitos *prospectos* de novas publicações, declara-se que, durante o terceiro volume, inserir-se-hão unicamente os *prospectos* de obras pertencentes á Empreza da *Revista Popular*. Annunciar-se-hão convenientemente as *obras publicadas*, sendo, porém, para este effeito, *condição indispensavel* a remessa de um exemplar, pelo menos, para o escriptorio. As restricções que fazemos não devem ser mal acolhidas. Todos sabem que reina hoje uma especie de mania, que leva toda a gente a publicar alguma cousa, ainda que não seja senão um prospecto. A *Revista* converter-se-ía n'um jornal d'annuncios, se a Empreza não tomasse a resolução, que acima fica enunciada.

ROMANCE.

—

Peccadora.

XVIII.

(Continuação.)

Armando estava sôbre brasas; aquella scena irritava-lhe os nervos, tanto ou mais do que teria feito um ataque serio, e quasi que desejava que se entrasse no objecto principal daquella conferencia — o casamento de Florencia.

O sr. Claudio, esse, que o espiava de tempos a tempos, e parecia folgar com sua raiva mal soffrida, estava bem longe de explicar todo o seu pensamento na resposta que déra a Robertina.

Pelo que respeita, porém, á pergunta em si mesma, é inutil explicarmos o interesse que elle tinha em cada vez se introduzir mais em casa do barão d'Osser.

— Ora, tornou elle, está o nosso negocio concluido nesta parte; estou em minha casa... e recebo agora a sua visita; não podem imaginar o prazer que ella me causa. Hei-de fazer algumas mudanças nesta minha pequena propriedade; d'este aposento, dividido ao meio por um tabique, faço eu sala, e quarto de cama... Hei-de abrir a entrada principal para o jardim, do lado da porta da rua de Provença... Querida prima, espero que me entregue as chaves dessa porta, que d'hoje em diante só a mim servirão...

— Eu lh'as entregarei.

— V. ex.ª tem muita bondade!... O meu criado vae morar para o segundo andar; este póde ser contemplado na mesa dos criados... e eu jantarei com v. ex.ªs; acham que convem isto, ou não?

— Porque não ha-de convir! respondeu Robertina.

— Ah! barão, exclamou Rembrés, se não fôsse a sr.ª baroneza, tinhamos hoje questão por fôrça. É um semsaborão, para não dizer mais... Mas que não lhe perdoarei eu em attenção á minha querida prima? Tornemos agora, se lhe parece, ao meu proximo casamento... A menina d'Osser está já prevenida?

— Ainda não, replicou Robertina.

— É necessario preveni-la... Confesso que estou com immensa curiosidade de saber o effeito que faz no seu coraçãosinho essa declaração... Diga-me, minha querida senhora, não me dirijo ao nosso barão, que está com uns olhos que parece querer devorar-me; quanto tempo julga v. ex.ª que podem durar estes preliminares?...

— Isso depende de minha cunhada, sr. Rembrés...

— Como assim, minha bôa amiga!... quero dizer, minha querida senhora!... Barão, desculpe... Talvez que cheguemos a este ponto de doce familiaridade depois do meu casamento... Vamos adeante...

— Creio que não podia esperar que nos recorressemos a outros meios, senão aos da influencia moral... tornou friamente Robertina.

— É verdade, é! interrompeu Rembrés, olhando para Robertina com um modo desconfiado; sei muito bem, que no systema, que felizmente nos rege, não se póde obrigar uma rapariga a casar contra sua vontade... É uma falta, que o prudente legislador algum dia remediará; mas a influencia moral... creio que me entende?...

— Desculpe-me, mas não podia crer...

— Sim! é isso... mas a influencia moral... Barão, veja se me vale!

Operava-se poderosa reacção no espirito de Armando; á sua cólera succedêra um abatimento inerte, quasi estupido, em que o vimos mergulhado, na noite do baile, em seguida á scena entre Rembrés e os srs. Vernier e de Pons. Tinha a cabeça inclinada para o peito. Estava immovel, e tinha os olhos pregados no fogão.

Nem parecia ter ouvido as últimas palavras de Rembrés.

— O nosso barão decididamente está amuado comigo... Tratemos, pois, sós... Somos sósinhos... Dizia eu que a influencia moral é uma phrase de muito bom estylo, e que comporta a maior elasticidade... Percebe-me agora melhor?

— Não, senhor.

— Eu tenho uma paciencia exemplar, graças a Deos; e a paciencia é facil ao professor, quando dá lição a uma tão gentil alumna... Queria eu dizer, que os conselhos... os rogos... um ameaçosinho a tempo, mesmo... e tambem certos artificios oratorios, que os tolos chamam mentiras, fazem parte integrante d'esse todo precioso, que v. ex.ª baptisou com o nome de *influencia moral*...

— Hei-de fazer o que é licito fazer-se, disse Robertina com firmeza.

— Não é muito, tornou Rembrés, franzindo levemente os sobrólhos. É necessario mais alguma cousa.

Robertina conservou-se calada.

— É necessario que diga, tornou o ex-banqueiro — *Sr. Fulano, antes de um mez, minha cunhada será sua mulher*...

Um leve tremor agitou as palpebras da baroneza. Estiveram quasi a rebentar-lhe as lagrimas. É que o supplicio prolongava-se. Mas a sua alma energica sustentou ainda com firmeza aquelle impeto de angústia. Os olhos conservaram-se-lhe enxutos. Teve a coragem de sorrir-se.

— Aconselha-la-hei, respondeu ella, rogar-lhe-hei... e se fôr necessario, hei-de ameaça-la...

— E se convier uma pequena mentira?... perguntou o implacavel Claudio.

— Já menti uma vez, murmurou a baroneza curvando a nobre cabeça; mentirei segunda vez.

O Rembrés esfregou as mãos de satisfeito.

— Isso é que é fallar com juizo! disse elle. Ah! rico barão, foi uma idéa magnifica a sua, de iniciar a baroneza nos nossos negocios!... Vejo que nos havemos de entender ás mil maravilhas, e a *nossa* familia ha-de ser a *perola* das familias.

— Senhora baroneza, o jantar está na mesa, disse um criado, abrindo a porta.

Rembrés olhou para o relogio.

— Já é hora de jantar! exclamou — na companhia de v. ex.ª os dias passam n'um momento... Quer fazer-me a honra de acceitar a minha mão?

Robertina, que se erguêra, deu-lhe a mão. Ambos se dirigiram para a galeria. Armando segui-os lentamente, e aos bordos, como um um homem embriegado.

Quando passou em frente de um dos espelhos do gabinete azul, feriu-lhe a vista a sua figura reflectida.

E recuou aterrado.

Depois chegou-se para o espelho:

—Sou eu, murmurou; sou eu! Deveria querer-me matar quando era homem... agora...

—E bateu com os punhos cerrados na testa.

—Sou homem! disse com voz estridente; e quero ser homem!...

Naquelle momento chegou-lhe aos ouvidos o echo de um risinho sêcco do sr. Claudio.

Estremeceu, e curvou a cabeça.

— Homem!... balbuciou, continuando machinalmente a andar; um homem não tem medo... e eu tenho medo!...

— Minha riquinha, dizia entretanto Rembrés, ha muito tempo que não jantâmos juntos... e esta circumstancia deve recordar-lhe Molay, e a nossa lua de mel... Ah! minha querida, não sei como lhe hei-de exprimir a minha admiração... Sabe haver-se de uma maneira quasi milagrosa com os seus dois maridos; era digna de ser minha mulher!

O sarcasmo ía sempre envolvido em todas as phrases de Rembrés.

Mas o seu pobre coração, espedaçado e torturado, tinha necessidade de desafogar. A só vista de Florencia, que a esperava na sala, fez o que não tinham podido fazer quantos tormentos desde a véspera passára. Robertina largou a mão de Rembrés, e atirou-se, a chorar, ao pescoço da menina d'Osser.

— Que tens, minha irmã? perguntou Florencia assustada.

— É de alegria... disse o sr. Claudio.

— Estou uma doudinha, acudiu Robertina, forcejando por sorrir-se — choro sem saber mesmo porque!

E em quanto dizia estas palavras, sentia-se desfallecer. Florencia levou-a para uma cadeira, meio-desmaiada, e começou de fazer-lhe as maiores meiguices.

— Isto não ha-de ser nada, murmurava Robertina; eu não sinto cousa alguma...

Rembrés tirou os oculos do estojo, e contemplava com attenção o grupo delicioso daquellas duas mulheres.

— É bello, realmente, rosnou elle — morena e loura... Os musulmanos são uns maganões de bom gosto, digam o que disserem, se as mulheres dos seus harens tiverem metade da formosura destas *minhas*...

Apontou então á porta o barão, com o rosto descomposto, e como pasmado.

Rembrés tornou a metter com socêgo os oculos na algibeira.

— Ora pois, querido barão! disse elle risonho. Vamos, minhas senhoras... o que importa agora é não deixar esfriar o jantar...

XIX.

EM FAMILIA.

Florencia não desconfiava de cousa alguma, mas a sua viva alegria como que se achava comprimida por uma certa lugubre influencia, que pairava por sôbre a mesa e os commensaes. O Armando, depois de sentar-se, não mostrava no seu porte cousa que revelasse precisamente o seu estado de prostração moral. Robertina, mais forte que nunca, depois do curto momento de fraqueza a que o seu esfôrço cedêra, não mostrava no formoso semblante as preoccupações que lhe despedaçavam o coração. Rembrés, finalmente, modificando um pouco a sua tactica, abandonára, em honra da sua *noiva*, aquella sua demasiada franqueza de maneiras, e aquella pontinha de sarcasmo, que lhe resumbrava da sua mesma bonhomia.

Estava obsequiador, affavel, docemente alegre; e usava com moderação d'esses galanteios safados, que, pela sua experiencia e finura, sabia que não podiam agradar a Florencia.

Finalmente desempenhava com perfeição o seu papel, e sería mesmo duvidoso, que um verdadeiro primo de provincia o fizesse com mais naturalidade.

Florencia sentia-se attraída para elle por sua honesta franqueza e risonho porte. Perdoava-lhe até o *vicio patrio* da pronúncia e as argolinhas das orelhas, tratando-o por *primo* com a melhor vontade do mundo.

Apezar destas disposições exteriores não foi possivel travar durante o jantar uma conversação seguida e animada. O sr. Claudio e Florencia sustentavam-na quasi sósinhos, ajudados, com largos intervallos, pela baroneza, que parecia mesmo não ter aquelle espirito que todos lhe conheciam, pois quando se dirigiam a ella, respondia com palavras banaes, e como distraída. O barão, esse, guardava profundo silencio.

Rembrés, com quanto muito entretido com a menina d'Osser, olhava de vez em quando com um ar desconfiado para Robertina; era esta o seu unico adversario digno de o ser; só a ella receava, mas receava-a muito, apezar do estreito círculo em que a encerrára.

Adivinhava o trabalho de espirito que absorvia a baroneza naquelle momento, senão o resultado d'esse trabalho. Sabia que ella fazia uma energica appellação para todos os recursos do seu genio, e que, vencida, tentava erguer-se debaixo do joelho, que lhe apertava o peito.

O sorriso estereotypado na formosa bôcca de Robertina não o enganava. Conhecia a sua fôrça d'alma, e aterrava-o vê-la pensar daquelle modo.

Robertina meditava com effeito. Reflectia profundamente, com quanto, por um esfôrço desesperado, conseguisse conservar uma certa apparencia de tranquillidade, que illudiria outro qualquer que não fôsse Rembrés. Havia duas horas que a situação caminhava a passos de gigante para o seu desfeixo. Até então esperára que as cousas seguissem seu ordinario curso, e que teria, pelo menos, um dia para se preparar. Rembrés, porém, pela prudente celeridade do seu ataque, illudíra-lhe esta esperança.

Voltára á carga, na occasião em que ainda não podia ter sido já restabelecida a ordem, ameaçada pela scena do baile. Apertava a praça, como um habil general, aproveitando a brêcha, e não consentindo ao inimigo descanço para levantar novas trincheiras.

Por outra, deitava a mão á prêsa, de improviso, e estava realmente a ponto de a arrebatar por surprêza.

E Robertina não tinha plano. Nada podêra combinar ainda para se sustentar na sua decidida vontade de proteger e pelejar; via-se já obsidiada pelo ataque, antes de haver tomado as suas medidas, antes mesmo de saber que medidas deveria tomar.

Achava-se sósinha. Esperar alguma cousa do barão era uma loucura.

Em quanto forcejava por conservar-se risonha, a fim de esconder o trabalhar do seu pensamento, em quanto presidia ao jantar, o seu espirito que estava bem longe de quanto se passava em tôrno della, gastava-se-lhe em esforços contínuos. Uma multidão de idéas amontoavam-se-lhe confusamente no cerebro fatigado. A cada instante a imaginação representava-lhe um caminho por onde saír daquelle atroz embaraço. E então forcejava por esconder a sua passageira alegria, como fizera para esconder o seu martyrio. Porque via fictos nella os olhos de Rembrés, e era mister, primeiro que tudo, interpôr um espésso véu entre o seu olhar e os segredos da sua alma.

Mas, depois, vinha a reflexão, e sujeitando a uma severa analyse o plano recem-concebido, via surgir de toda a parte obstaculos imprevistos, numerosos, insuperaveis.

Cerrava-se-lhe então o coração. Era-lhe mister romper com as suas esperanças e alegrias, pensar, meditar e recaír nas suas pungentes perplexidades.

E diante della estava aquella pobre creança que sorria, e que tratava de divertir-se, descuidosa, sem saber que estava como debruçada para um abysmo.

Estava tambem um homem, assoberbado pela desgraça, como anniquilado pela propria fraqueza, incapaz de resistencia, vencido quasi.

E eram seu marido, e sua irmã, as suas unicas affeições neste mundo!

Por amor delle e della, mas por amor delle principalmente, procurava Robertina luctar com a maior energia.

Um momento houve em que um estremecimento de alegria lhe percorreu as véas; julgou achar a salvação.

Era uma idéa simples e de facil execução.

A ameaça que pesava sôbre Armando só em França tinha fôrça; porque não se poderia fugir para o estrangeiro?

Rembrés era vigilante, mas o barão era rico, e com ouro illude-se toda a vigilancia possivel. A maxima parte da fortuna de Armando consistia em valores; possuía muito poucos fundos publicos, por consequencia mui pequena parte do seu haver podia sacrificar na sua fuga. Florencia mesmo não estava exposta a esta perda.

E depois, que importava essa perda, ainda que importante fôsse? Quem não pagaria por duplo, quadruplo preço, a certeza de escapar á atroz dominação do falsario?

Esta idéa tomou-lhe tão inteiramente o espirito, que custou muito a conter-se que não manifestasse claramente a sua alegria. Considerou Florencia, considerou Armando salvo. Humedeceram-se-lhe os olhos, e sentiu que lhe subiam ao rosto inflammadas côres.

Mas sobreveiu-lhe outra idéa, que lhe atravessou o coração como a folha gelada de um punhal.

Fugindo, rompia as treguas. Fugindo, ía arrostar com o Rembrés. E a fuga não alterava a influencia que este tinha sôbre ella!

Uma palavra, uma carta, para qualquer logar que o sr. d'Osser se retirasse, podia ser-lhe enviada, e fulmina-la como um raio.

Fugir, era revelar o seu triste passado, era apparecer aos olhos do barão com todas as infamias, que o acaso fazia pesar sôbre ella. Era rasgar o véu, e dizer ao barão, pela bôcca implacavel de Rembrés: — *Eu, vossa mulher, sou tambem mulher de outro, que é um forçado fugido das galés.*

Era trocar o amor de Armando pelo seu desprêso e pelo seu odio!....

Em presença de outro qualquer perigo, tinha Robertina fôrças na sua energia; mas para o esfôrço humano é essencial a esperança, e no amor de Armando é que Robertina punha toda a sua esperança. Podia tudo para conservar o seu amor. Á só idéa de o perder fallecia-lhe a coragem, e a sua fôrça tornava-se em fraqueza.

Recuou perante esse supremo sacrificio, e o seu soffrimento mais atroz o tornava o remorso, porque via que era um obstaculo á salvação de Florencia e de Armando.

Entretanto estava quasi terminado o jantar. E Robertina, quanto mais se aproximava esse termo, tanto mais desesperadamente appellava para a sua intelligencia, porque previa que o Rembrés, continuando na sua tactica rapida, havia de travar a acção nessa mesma noite.

Proseguia alegremente a conversação entre Florencia e o ex-banqueiro, com quem evidentemente sympathisava a donzella; as palavras e as phrases daquella conversação susurravam em tôrno dos ouvidos de Robertina, que todavia lhe não prestava attenção.

Acabava de servir-se a *sôbremesa*. Robertina continuava profundamente absorvida. Uma risada de Florencia, como que a acordou sobresaltada.

O sr. Claudio tambem ria a bom rir; quem, porém, o observasse attentamente, veria que aquella alegria era um tanto despeitosa.

Robertina não podia fazer outra cousa senão acompanha-los na sua hilaridade, sob pena de provar que estava muito fóra do caso, como se costuma dizer. E forcejou por sorrir tambem.

— Meu querido primo, disse Florencia, respondendo á pergunta que provocára a sua hilaridade — eu sou menor, como sabe, e tutelada... Dirija-se a meu irmão....

— Oxalá, minha formosa prima, que o negocio dependesse unicamente do nosso barão!...

Robertina adivinhou que o Claudio, mesmo em conversa, acabava de fallar em casamento. E gelou-se-lhe o riso nos labios.

— Querida baroneza, disse Rembrés, tenha dó de mim; veja se me póde valer.

Robertina balbuciou:

— Deixemo'-nos dessa brincadeira, exclamou a donzela, fazendo-se muito córada — fallemos em cousas sérias... Porque não quiz hontem dançar comigo, meu primo?

Rembrés ensaiára um perigoso cumprimento, quando o barão empurrou o prato que tinha diante de si, em que não tocára, e se ergueu.

Durante o jantar não abríra a bôcca. Passou a mão pela testa, e olhou para o ex-banqueiro com um ar perturbado.

— Que tem, primo? perguntou este com indifferença.

— Oh! disse Armando com voz profunda — sinto que é mister matar-me!...

A baroneza comprimiu o peito para afogar um gemido. Armando dirigiu-se para a porta.

— Que diz elle? perguntou Florencia, que o não tinha ouvido.

— Sem cerimonia, primo, sem cerimonia! acudiu Rembrés com maravilhosa presença d'espirito — não se incommode... Minha formosa prima, accrescentou, dirigindo-se a Florencia — o nosso barão pediu-me licença para ir tratar dos seus negocios... como se entre parentes se devesse estar com certas exquisitices!...

Robertina, por um movimento involuntario, erguèra-se para seguir seu marido. Claudio levantou-se tambem immediatamente, e offereceu-lhe o braço.

— Socegue, minha rica, disse-lhe em voz baixa, respondo pela vida do meu collega. Não *nos* abandone... preciso da senhora...

E em voz alta continuou:

— Bella prima, quer servir-se do outro meu braço?

Florencia agradeceu graciosamente, e todos tres passaram á sala, formando aquelle grupo, que é como o symbolo da união burgueza, e da bôa familiaridade.

Estiveram a conversar alguns minutos, depois Florencia foi sentar-se ao pianno.

Rembrés e a baroneza ficaram sós ao pé do fogão.

— Em que pensava ao jantar, amiguinha? perguntou Claudio, em quanto os dedos ageis da menina d'Osser doudejavam sôbre o téclado do pianno; estou convencido de que procurava algum meio de facilitar a execução do meu projecto de consorcio...

— Senhor, respondeu Robertina juntando as mãos, em nome de Deos, tenha compaixão daquella creança! Veja como é feliz...

— E linda, acudiu Claudio, *assestando* os oculos para os bellos hombros de Florencia, meio cobertos apenas pelos anneis lustrados de seus negros cabellos; se continúa, minha rica, com essa afinação lamurienta, acreditarei que tem ciumes...

— Póde escarnecer de mim, póde insultar-me!... mas, por Deos, lhe peço...

— Bravo! bravo! bravo! exclamou Rembrés, batendo as palmas; canta optimamente, formosa prima!... Mais uma *modinha!*

Florencia, que acabava de cantar uma aria, voltou a deliciosa cabeça, e inclinando-se a sorrir:

— É muito lisongeiro, primo, replicou — entretanto eu lhe vou cantar outra cousa.

Rembrés arrastou a cadeira como para se aproximar do pianno, mas, na realidade, para ficar mais perto da baroneza.

Florencia começou a preludiar.

— Receio muito, pela senhora... tornou o ex-banqueiro em voz baixa... que tenha a idéa, louca de certo, de resistir-me.

— Sei que estou em seu podêr, respondeu Robertina, e não só eu, senão aquelles que amo... Resistir-lhe, de feito, é uma loucura; mas tambem é loucura da sua parte exigir mais do que é possivel.

— Sim?... e depois?

Robertina lançou um olhar maternal para Florencia, cuja voz se casava, suave e pura, com os brilhantes arpejos do pianno.

— Florencia tem cem mil francos de renda, disse a final... dou-lh'os.

— E quer que tome o dinheiro e a deixe a ella, não é verdade?... Ah! ciosa, ciosa! É inutil essa sua idéa, minha rica... todo o meu empenho é casar. Olhe, estas discussões alimentam a discordia entre nós, que fomos feitos para nos amarmos; e eu já disse muito positivamente, que *quero* esposa-la.

Robertina cruzou as mãos sôbre os joelhos, e abaixou os olhos.

— Esta é a minha idéa, tornou Claudio; e tudo já estaria concluido, senão fôsse um maldito ataque da minha enfermidade, que me tomou esta manhã, quando vinha para cá. Perdi duas largas horas a dormir no café do largo das Fontes; era quanto tempo bastava para arranjar este negocio... Foi realmente um transtôrno. Entretanto, espero, com o seu auxilio, que não se ha-de passar esta noite sem sabermos em que ficâmos.

— Com o meu auxilio! repetiu a baroneza.

— Não esteja sempre com esse ar espantadiço, que produz, realmente, um effeito dos mais desagradaveis. Disse — *com o seu auxilio* — e disse muito bem!... Eu vou saír, fica sósinha com a *pequena*... e então tem occasião de a convencer, como combinámos já... O resto pertence-me.

— Senhor! senhor! disse Robertina, com os olhos arrasados de lagrimas, pense no triste papel que me obriga a representar!

— Ciosa! tornou Rembrés, dando ás palavras da baroneza um sentido differente.

Depois continuou, com um ar profundamente ironico.

— Com que então, minha rica, já que fallámos em papel, pensa que o que eu represento é muito agradavel? É *fresco*, não tem dúvida!... imagine, que acabei de jantar com o marido de *minha* mulher... ah! ah! e foi essa mesma mulher que me impoz similhante papel... Por consequencia, ha-de permittir-me que lhe pague na mesma moeda!

— Oh! resignar-me-hei a ser castigada por uma desgraça de que sou causa innocente; mas Florencia, que lhe fez ella?

— *Bravissima, signorina!* exclamou Rembrés enthusiasmado; nunca ouvi cantar assim! Por quem é, outra modasinha.

— O primo é insaciavel! disse a donzella, muito alegre por se ver applaudida.

Que os applausos, são como o ouro, recebem-se com prazer, venham de que mão vierem.

— Exactamente; sou insaciavel, replicou o sr. Claudio. Não me farto de a ouvir e admirar.

O preludiar do pianno o interrompeu.

— Certefico-lhe, continuou, dirigindo-se a Robertina, certefico-lhe, que não lhe ha-de custar muito a resolvê-la. A impressão que lhe eu causei, posso dizê-lo sem basofia, foi muito favoravel... Vamos, faça-se mais condescendente... Promette-me obter o seu consentimento dentro d'uma hora?

— Já lhe disse, respondeu a baroneza, que na horrivel situação em que me vejo, posso descer ao emprêgo de meios que detesto, e cujo só pensamento me despedaça o coração... mas se esses meios não forem sufficientes...

Tanto peior para a senhora. Esta manhã empregou uma phrase que tinha seu merecimento. Fallava de *influencia;* eu tomei a liberdade de desenvolver as suas idéas a similhante respeito; e por meio da *influencia moral*, entendida como eu a entendo, é impossivel que

soffra algum desaire. Se todavia nada conseguir ... então, não sei; o que posso dizer-lhe, porém, é que — peior para a senhora.

— Peior para o sr. Claudio tambem!... murmurou Robertina, fictando em Rembrés um olhar penetrante.

— Para mim? acudiu o ex-banqueiro furioso. E accrescentou com voz sêcca e estridente: Senhora Rembrés, olhe que veiu tocar no fogo... Já lhe disse, que o ameaço na sua bôcca irrita-me os nervos... não está mais na minha mão... Depois proseguiu, com o seu habitual sorriso: — expliquemo'-nos sem azedume... Disse *peior para mim?*... E tem razão, porque lhe prometto, porque lhe juro, que ainda que eu cuide de saltar com a mina, hei-de lançar-lhe o fogo... Que quer! aquelles hespanhoes legaram um pouco do seu ânimo vingativo a nós outros os flamengos... E, á fé de quem sou, digo-lhe que havia de experimentar certo contentamento, vingando-me ao mesmo tempo da senhora, e d'esse pobre rapaz, que a senhora fez meu successor... Não me acredita, talvez?...

— Sei que não ha-de preferir a esteril vingança que lhe offerecemos... disse Robertina, continuando a observa-lo.

Rembrés teve um accesso de irresistivel cólera, e apertou a mão de Robertina por tal modo, que esta soltou um gemido.

— Senhora, murmurou com os dentes cerrados; não tenho nada que lhe responder... Dissesse o que dissesse, havia de cuidar que mentia... Sou homem prudente e de negocio... Devo preferir cem mil francos de renda, a uma vingança que só me renderia *as galés*... Venceu!

Ergueu-se e apontou para o mostrador da pendula.

— Muito bem! lucte — deve luctar! Mas se dentro em meia hora Florencia não consentir em ser minha mulher, trema!...

Fuzilavam-lhe os olhos sinistramente; e lia-se-lhe nelles uma expressão de furor tão concentrado, que Robertina tapou a cara, aterrada.

Florencia continuava a cantar com a sua voz fresca e suave.

Quando concluíu, nenhuma voz se levantou para a applaudir.

Quando a última nota do *ritornello* cessou de vibrar, o mesmo silencio...

— Então! primo, disse a donzella, onde estão essas suas mãos?... Acabou-se-lhe o italiano?...

Nada de resposta.

Florencia voltou a cabeça; o sr. Claudio tinha desapparecido.

Ao pé do fogão estava só Robertina, que escondia o rosto entre as mãos, e de cujo peito se soltavam como penosos gemidos.

Florencia correu para sua cunhada, afflicta.

Naquelle momento teve como a tardia intuição de todos os symptomas de desgraça, que desde a véspera a obsidiavam. Apertou-se-lhe o coração no peito; e nem teve ânimo para fazer uma pergunta sequer.

— Minha irmã!... minha irmã!... disse ella a final, fazendo um esfôrço — porque me deixavas estar alegre e risonha?

Robertina descobriu o semblante, em que se lia o martyrio da pobre mulher, com caracteres de fogo.

— Minha irmã!... minha bôa irmã, que tens, repetiu Florencia.

A baroneza mirou tudo em roda, depois fictou os olhos no relogio.

— Já cá não está! murmurou ella estremecendo — e apenas me resta um quarto d'hora!..

XX.

BOA NOITE!

Florencia esperava, maravilhada e como que subjugada pela consciencia de uma grande desgraça.

Agora se recordava da perturbação em que findára o baile, o ar abatido de seu irmão, as lagrimas que surprehendêra nos olhos de Robertina.

Esta parecia querer dirigir-se-lhe. Florencia não ousava interroga-la.

Assim estiveram, por espaço de alguns minutos, em frente uma da outra, immoveis e silenciosas. A final, Robertina, fazendo um violento esfôrço sôbre si mesma, obrigou Florencia a sentar-se na cadeira, que Rembrés abandonára, e disse-lhe com voz mal segura:

— Minha irmã!... não ha razão para te assustares: não é triste a noticia que eu tenho a dar-te...

— Oh! tanto melhor! acudiu Florencia; cuidei... mas falla, Robertina, que estou anceada, sem saber porque...

— Eu vou fallar, minha irmã... é mister que eu falle... ouve-me...

E inclinando a cabeça para o peito, murmurou:

— Oh! meu Deos! meu Deos!... matae-me, que não posso soffrer tanto!...

— Em nome do céu, que tens? perguntou Florencia.

— Não tenho nada... minha irmã... é que me vejo obrigada a dizer-te... Oh! sim, por amor de Armando... de Armando, principalmente... Esse parente, minha pobre Florencia... Esse sr. Claudio...

E interrompeu-se novamente. Estava prestes a desfallecer.

No momento de impôr áquella donzella que amava, um sacrificio horrivel, revoltava-se-lhe energicamente o coração. Não podia.

Dizemos *impôr*, porque ella sabia avaliar a grandeza de ânimo de sua cunhada. E tinha a certeza, que tão depressa mostrasse o grande risco que Armando corria, sem mais explicações, se sujeitaria a casar com um velho.

Florencia, com effeito, chegaria mesmo a resistir francamente á vontade de um tutor, mas, para salvar um irmão, faria o mais penoso sacrificio.

Robertina nem ânimo tinha para continuar. Invocava o nome de Armando; mas, na sua elevada e generosa alma, este talisman perdia toda a influencia na occasião em que ía envenenar o futuro de uma irmã querida...

— Então, disse Florencia, vendo que a baroneza não proseguia; que tens a dizer-me a respeito do sr. Claudio!... Elle tem cara de bom homem, e creio que nos estima a todos.

— Armando... salvar Armando!... dizia comsigo Robertina, quero salvar Armando!...

A donzella, pallida como ella, e cada vez mais an-

ceada, travou-lhe das mãos, que apertou entre as suas, e disse-lhe com voz doce.

— Minha irmã, por quem és, peço-te que tenhas dó de mim!

— Dó de ti, Florencia!... disse como allucinada, oh! e quem terá dó delle?... Não sabes... meu Deos! salvar um é matar o outro... Dize-me, não tens amor ao senhor de Pons?...

— Tu bem sabes que o amo, minha irmã...

— Sim... mas preferes teu irmão a esse estranho, Florencia.

— Meu irmão!... balbuciou a donzella; mas porque m'o perguntas?...

— Ouve-me, pois!... Vês que o tempo vôa, e os minutos passam como segundos... nem julgues que esse homem ameaça em vão!... É capaz de pôr por obra o que disser!

— Mas... minha amiga! exclamou Florencia, explica-te!

Levantou-se o seio de Robertina. Tremeram-lhe as palpebras, e duas lagrimas rolaram-lhe vagarosamente pelas faces.

— Como és formosa, disse como n'um extasis, quanto devias ser amada, e que felizes dias não se te antolhavam no futuro!... Os teus bellos olhos negros não sabem chorar... Oh! minha irmã, depressa se aprende a chorar...

Deu meia hora no relogio.

Robertina estremeceu toda, puxou Florencia para si, e apertou-a convulsamente nos braços, olhando para a porta, como aterrada.

A porta girou lentamente nos gonzos, e appareceu ao liminar o semblante do sr. Claudio; mas este não entrou, e disse, com um modo de excellente familiaridade, que o constituía *a joia* dos primos de provincia:

— Bellas priminhas, pozeram emfim termo ao meu exilio?

Robertina empurrou Florencia com uma especie de grosseria.

E a sua physionomia mudou; os olhos formosissimos tornaram á costumada expressão de serenidade, e os musculos distendidos da breve bócca desenharam de novo as puras linhas de um sorriso.

— Ainda não, respondeu a Rembrés, com voz firme; rogo-lhe me conceda mais cinco minutos...

— Com todo o gôsto! disse o ex-banqueiro, tornando immediatamente a fechar a porta.

Tudo isto causava em Florencia um sentimento de admiração difficil de descrever.

— Assenta-te, minha irmã, disse-lhe Robertina; eu não estou doida, e vou desde já dizer-te o que desejo. Peço-te que me prestes toda a attenção, porque nos não sóbra tempo para entrar em minuciosas explicações.

O ar tranquillo e firme das suas últimas palavras contrastava tão singularmente com a sua recente desordem, que Florencia nem sequer se lembrou de a interromper.

— Minha irmã, tornou Robertina, em primeiro logar peço-te que te esqueças dessas desvairadas palavras, que me escaparam... Ando sempre, como sabes, n'um estado de soffrimento habitual, e o espirito alhêa-o algumas vezes a febre... Nenhum perigo nos ameaça, nem a ti, nem a mim, nem a pessoa alguma que nos seja cara... socega, pois, e perdôa-me os infundados receios que te inspirei.

— Entretanto...

— Peço-te que me não interrompas... os minutos estão contados... e por isso te vou dizer já o objecto da nossa conferencia: O teu parente, o sr. Claudio, pediu a tua mão a meu marido.

— Não é possivel!... exclamou a donzella.

— Tudo quanto te vou dizer é muito serio, minha irmã: Armando, por motivos particulares, não póde negar o seu assentimento a essa disparatada união... pois deve grandes... finezas ao sr. Claudio... Toma bem sentido nisto, Florencia, para que o poupes, em attenção mesmo a Armando, na conferencia que vaes ter com elle.

— Com quem? perguntou Florencia: com o sr. Claudio?...

— Sim, minha irmã.

— Não sei para que?

— Peço-te eu, pede-te teu irmão que te não negues...

— Mas, emfim, dize-me...

— Já o ouviste, Florencia, temos apenas cinco minutos; restam-nos só dois... não me interrompas. O sr. Claudio ha-de dirigir-te o seu pedido...

— E sou obrigada a conceder-lh'o? disse Florencia.

— É necessario que tenhas prudencia... É necessario que te lembres, que o barão d'Osser tem o maior de todos os interesses em obsequiar esse parente... mas... mas é preciso que te previnas tambem contra certos meios, que o sr. Claudio talvez empregue para te subjugar pelo coração.

— Creio que não suppões que eu o ame?

— Não supponho; mas receio que se elle sirva de estrategemas... de que... confesso... o seu caracter e precedentes o tornam capaz.

— Conhéce-lo?

— Sim... se elle te quizer aterrar... ou dar-te a entender que exerce em Armando mysterioso podêr... e que a tua recusa o expõe a grandes perigos... que sei eu?... Não o acredites... rejeita a sua mão, pura e simplesmente... Mas que elle não perceba que foste prevenida; ahi é que está o perigo...

— Que perigo?

— Deu a hora... em nome de teu irmão, em teu mesmo nome, te peço que não irrites aquelle homem; não lhe opponhas senão a inercia de uma obstinada recusa.

— Posso entrar, disse o sr. Claudio, apontando á porta, no praso prefixo.

— Póde entrar, respondeu Robertina.

Rembrés, dirigindo-se para as duas damas, tornou:

— Querida baroneza, ser-me-ha permittido alimentar alguma esperança?

Robertina ergueu-se, cortejou-o e replicou:

— Fiz o meu dever — o resultado poderá sabê-lo da bócca de minha cunhada.

Rembrés mirou-a de revés, em quanto ella se retirava, depois sentou-se ao pé de Florencia, que, vermelha até ás alvas dos olhos, se conservava immovel, como inteiriçada na sua cadeira.

Robertina passou ao quarto proximo, e para não cair teve de se encostar á parede.

Acabava de affrontar a cólera de Rembrés; acabava

de descobrir ao mesmo tempo o seu peito e o de seu marido; que esperaria ella?

Haviam-na decidido os impulsos do seu generoso instincto, prevenindo Florencia contra Rembrés, apezar de ter resolvido ceder.

Ainda lhe restava um meio, que era o proprio interesse de Rembrés; mas a baroneza naquelle momento de angústia só viu o perigo.

Conseguindo sentar-se n'um canapé, ahi se conservava, com os olhos fictos, a cabeça inclinada para o peito, como o escravo que acaba de deitar o fogo á mina, e que, não podendo fugir, espera a morte com a explosão.

Rembrés, esse, esfregando as mãos em guisa de exordio ou precaução oratoria, disse, depois de lhe cessar um pequeno accesso de tosse, calculado para fingir um embaraço, que de certo não experimentava:

— Minha querida senhora! não póde imaginar a impaciencia em que eu estava por fallar a sós com v. ex.ª

Florencia, de turbada, não respondeu. E estava linda assim. O Rembrés contemplou-a com um paternal sorriso, e a sua serenidade pareceu tornar-se cada vez mais profunda, e o seu semblante tomou uma expressão de benevolencia e cordialidade.

— Por minha fé, disse, depois de alguns minutos de silencio — que fiz muito bem em vir a Paris, minha formosa prima... Uma perola d'este preço não se encontra na provincia!... Fallemos no que importa... creio que a sr.ª baroneza deve ter previnido v. ex.ª do objecto da nossa conferencia; podêmos, pois, abbreviar os preliminares... Consente v. ex.ª, sem muita repugnancia, em fazer a minha felicidade?

Rembrés fez uma pausa, esperando a resposta da donzella. Esta conservou-se calada.

— Bem! bem! murmurou o ex-banqueiro sem perder aquelles seus modos galhofeiros; sei que é de necessidade conceder uma certa *moratoria* a esse delicado pudor, que é o mais precioso encanto de uma menina... Pense, pois, v. ex.ª á sua vontade; eu não tenho pressa

E repoltreou-se na sua cadeira, cruzou as pernas uma sôbre a outra, como quem estava resolvido a esperar. O desconcerto de Florencia augmentava a olhos vistos. O sr. Claudio fingiu não o perceber.

Ao cabo de tres minutos, endireitou-se, e disse:

— Creio que dei tempo sufficiente... agora permitta-me v. ex.ª, que repita o meu humilde pedido... consente, sem grande difficuldade, em constituir-me o mais feliz homem do mundo.

Florencia balbuciou um não inintelligivel.

— O que?... tornou Claudio, devéras espantado; apostaria dez luizes, em como tinha ouvido mal!

Esta phrase referia-se á baroneza, ao encargo que esta tomára, e á promessa que lhe fizera de obter o consentimento de Florencia. Esta considerou-a naturalmente como um desafógo de fatuidade singela e grosseira. O Claudio agora inspirava-lhe aversão tanto maior quanto mais disposta estava a votar-lhe sincera amisade. Esse homem, tambem a enganára indignamente. Apresentára-se com o exterior mais amavel; havia-o tomado por um d'estes primos velhos, condescendentes, galhofeiros, que muito agradam ás raparigas. E eis que de repente conhecia, que debaixo daquella attrahente apparencia se escondia traiçoeiramente um marido?

— Senhor, disse com voz trémula ao principio, mas que se ia tornando mais firme, á proporção que fallava; comprehendo a sua surpreza... a honra que se dignava fazer-me, merecia outro acolhimento de certo; affianço-lhe, porém, que ouviu perfeitamente.

— Ah! exclamou Rembrés, que, comtudo, não se mostrou muito desapontado:

— Peço-lhe encarecidamente me desculpe, continuou Florencia, levantando-se, eu não podia...

Rembrés compelliu-a docemente a sentar-se de novo, e acudiu com voz ainda mais meliflua:

— Desculpo, formosa prima, desculpo tudo; mas porque se retira tão cedo?... É dar á minha derrota uma fórma demasiadamente cruel... Conversemos mais um pedaço... no nosso casamento... Nem por isso ficâmos compromettidos.

— Na situação em que nos achâmos... acudiu Florencia.

— Não fallemos nisso, replicou Rembrés, da minha formosa prima posso soffrer tudo sem me queixar; e depois, devo confessa-lo, a despeito de mim mesmo, ainda alimento uma tenue esperança.

— É por isso mesmo que eu me devo retirar.

— Deixe-se disso, prima... Socegue a sua modestia... Sem mudar de assumpto, conversaremos em os nossos negocios, deixando de parte o amor... E em primeiro logar, fallêmos com franqueza: a prima ha-de ser minha mulher.

— Senhor!... exclamou a donzella escandalisada, e ao mesmo tempo tomada de terror.

— É um negocio este decidido por mim mesmo, proseguiu o ex-banqueiro com ar indifferente; logo a primeira vez que a vi, disse comigo: = Ahi está uma menina, que me convem a todos os respeitos... = fallo-lhe com o coração nas mãos... e bem sabe que os homens da minha edade costumam pesar as expressões que proferem.

Florencia julgou que o Rembrés não estava em seu juizo perfeito, tão extraordinaria e disparatada mesmo lhe parecia aquella confiança que elle ostentava. Tentou segunda vez retirar-se; e segunda vez Rembrés a segurou, obrigando-a a sentar-se, já devéras encolerisada.

— Então, formosa prima, então, acudiu Rembrés, cuja bonhomia era tão exaggerada, que faria desesperar um santo — assim não vamos bem! Mas para que nos havemos de estar a mortificar... Demais, quem quer os fins quer os meios... E eu não posso casar com a minha prima, sem ao menos a previnir...

— Mas isto é intoleravel! exclamou Florencia — e pela última vez lhe repito...

— Por quem é, não continúe, prima... Eu possuo um talisman, que estou certo ha-de acabar com os seus rigores... Confesso que muito me lisongearia não ter de o empregar... Mas nestes casos tudo deve ser permittido.

O Claudio aproximou a sua cadeira. Florencia recuou a sua, e olhou inquieta para o cordão da campainha, que, infelizmente estava fóra do seu alcance.

— Entretanto, proseguiu o sr. Claudio com voz muito branda — desejára não me servir do meu talisman senão na última extremidade... Convem, pois, que nos expliquemos com toda a franqueza... Terei eu a desgraça de lhe desagradar ao ponto de inspirar-lhe, em tão pouco tempo, uma aversão mortal?

— Não tenho que lhe responder, disse Florencia, em quanto conservar nesse terreno a questão.

— Muito bem ... é uma confissão tacita que v. ex.ª faz ... e que muito me lisongêa ... porque poderia responder-me, que eu lhe desagradava soberanamente ... o que sería para mim um grande desgôsto... Pela amavel resposta de v. ex.ª, é evidente, porém, que lhe sou, pelo menos, indifferente... A recusa vem, pois, de se preferir um outro... A prima é amante...

— Realmente, senhor, replicou Florencia, vermelha de cólera e de confusão — não sei em que isso lhe póde interessar... Por não querer unir-me ao senhor, não se segue que esteja promettida a outro...

— Eh! eh! ... acudiu o ex-banqueiro ... não sei ... não sei ... mas o que é certo, querida prima, é que a noite passada tive de prestar o meu apoio ao barão d'Osser para expulsar um pobre rapaz, que porfiava em fazer a côrte a v. ex.ª com demasiada assiduidade.

— Não o percebo, disse Florencia, com a voz alterada.

— Póde ser ... entretanto explicar-me-hei, por condescender unicamente com os desejos de uma formosa mulher... Refiro-me ao sr. Luciano de Pons.

— E gaba-se de o ter expulso das salas de meu irmão? disse a donzella com admiravel sangue-frio.

— Não me gabo de cousa alguma, minha rica, conto simplesmente o que se passou.

Os labios de Florencia, comprimidos pelo derradeiro esfôrço da sua vontade, que era obedecer até ao fim ás recommendações de Robertina, entreabriram-se-lhe a seu pezar, e deixaram soltar estas palavras impregnadas todas de profundo desprêso:

— O senhor, mente.

Rembrés curvou-se até ao chão, e respondeu, sorrindo:

— Bem se vê que o ama!

A cólera de Florencia, longamente contida, arrebentou-lhe depois desta última phrase.

— O senhor que falla em expulsar, exclamou ella, sáia immediatamente, ou chamarei os lacaios de meu irmão para o pôrem na rua á fôrça... É uma infamia e uma cobardia aproveitar-se da sua edade, e d'esse seu tal ou qual parentesco, para insultar um senhora. Sáia, já lhe disse! ... mentiu quando disse: = *Expulsei o senhor de Pons* ... = O senhor de Pons não se expulsa assim, e se elle aqui estivesse não teria tanta audacia!

— Mas não está, formosissima prima, disse Rembrés, com o seu tenaz sorriso; quanto aos lacaios de seu irmão ... isso ... emfim, não deitemos peçonha nas cousas, nem estreemos a nossa doce união com discussões ociosas? ... Para restabelecer a paz immediatamente, e acabar com a sua resistencia por uma vez, não tenho eu o meu talisman? ...

— Adivinho o que ha-de ser o tal talisman, replicou Florencia, com desprêso ... é alguma ameaça mentida.

E não continuou, de aterrada, pela repentina metamorphose que se apoderára da physionomia do sr. Claudio. Haviam-se-lhe de feito crispado os sobr'olhos, e os olhos fuzilavam-lhe como dois carbunculos.

— Previniram-na! ... disse com voz estridente; mas ai della! ai da senhora!

— Nada receio, respondeu a donzella.

— Nada! repetiu Rembrés, que a observava com um olhar ardente; e se lhe eu disser, que tenho na minha mão o repouso do barão e da baroneza d'Osser?

— Não o acredito, replicou Florencia.

— E se lhe eu disser, proseguiu Rembrés, que tenho na mão a vida de seu irmão?

— A sua vida! ... murmurou Florencia.

— A sua vida! repetiu Rembrés emphaticamente.

Florencia ergueu-se.

— Não acreditarei, respondeu; e agora, senhor, basta de embustes, e não tente demorar-me...

O ex-banqueiro tambem se erguêra.

— Formosa prima, disse com ar tão risonho, que parecia não ter havido nada com elle — eu retiro-me já.

Inclinou-se profundamente, beijou-lhe a mão, e ao retirar-se ainda disse:

— Espero que nos intendamos melhor n'outra occasião.

Florencia ficou sósinha, e como fulminada.

Rembrés fechou para si a porta da sala.

No aposento proximo estava ainda a baroneza no mesmo logar em que a deixámos, assentada no canapé.

Rembrés, porque havia pouca luz naquelle aposento, não a viu logo.

— A minha amada prima e senhora deve de estar por aqui perto; vou pagar-lhe a minha vida...

Percorreu o quarto com os olhos, até que a descobriu immovel no canapé.

— Ah! ah! não o dizia eu!

E dirigiu-se para Robertina, e travou-lhe da mão, que apertou ternamente.

— Bôa noite, minha querida, disse — durma bem... pregou-me esta noite uma peça com muito espirito... não lhe quero mal por isso...

— O quê? exclamou a pobre Robertina — pois terá compaixão de mim? ...

— De certo, minha querida ... e por isso não a hei-de fazer estar em dúvida muito tempo... Ámanhã, saberá o barão tudo...

Robertina caíu sôbre o canapé, sem sentidos.

O sr. Claudio, já ao pé da porta, repetiu:

— Bôa noite... hei-de estimar que durma bem! ...

XXI.

No dia seguinte não appareceu Rembrés no palacio d'Osser; mas comtudo não poz por obra a ameaça que fizera a Robertina. A noite não é dos peiores conselheiros; Claudio não havia mister dos conselhos da noite. Proferindo a ameaça, sabía que não tinha de a executar.

Entretanto não estava resolvido a desistir do seu proposito. Rembrés era mais teimoso ainda do que sagaz; não se considerava vencido de um primeiro revés, e pretendia tentar novamente fortuna.

Era, como já dissemos, um *tractante*, que estava talhado para homem de bem. Tinha para elle irresistiveis attractivos a vida socegada do casamento. Queria deixar larga descendencia, ser rico, considerado, e conhecido por isso tudo...

Tinha, além disso, mil razões para preferir Florencia a outra qualquer mulher. Em primeiro logar ella era formosa, o que nunca póde ser indifferente. Em

segundo logar, era rica, e isso é o principal. Em terceiro logar, esse casamento era uma vingança que exercia contra a pobre Robertina, e tambem contra o barão, de quem tinha talvez ciume, e que detestava instinctivamente. Emfim, fazendo parte da familia d'Osser, impunha-lhe necessariamente o seu passado, e não tinha que se occultar, ou que se constranger.

Por isso não estava resolvido a perder, por uma imprudencia, tão grandes vantagens.

Robertina passou todo aquelle dia em horriveis trances. A cada momento parecia-lhe ouvir os passos de Rembrés, vindo revelar a seu marido o seu segredo, e a infamia apparente do seu procedimento. A imaginação figurava-lhe com tremendas côres a indignação de Armando, que se julgaria victima de uma odiosa intriga, e que a consideraria a ella como uma aventureira, que especulára com a sua formosura para alcançar um nome e uma fortuna.

Embora protestaria estar innocente, e julgar-se viuva. Ha cousas que podem ser verdadeiras, mas a que se não presta fé facilmente.

E depois, admittindo mesmo que na epocha de seu casamento tivesse a convicção de ser viuva, pelo menos sabía que era viuva de um *forçado das galés*.

Calar-se, nesta excepcional circumstancia, é mentir e enganar.

E enganára seu marido, calando-se. E enganára-o pelas suas palavras, attribuindo-se uma origem extranha, e um nome que não era o seu.

Enganar Armando! Era certo na realidade uma accusação injusta, porque Robertina repellíra muito tempo energicamente as pretenções do barão d'Osser. Apezar do amor que lhe tinha, resistíra ás suas instantes súpplicas, e se a final cedêra, fôra porque o amor corrêra um véu sôbre a rectidão quasi austera do seu caracter, e porque considerando-se pura em presença de Deos, julgára podêr abrir mão d'um passado funesto, renascer para uma vida nova, e não acceitar a solidariedade de uma vergonha que lhe não cabia.

Robertina parecia-lhe já ouvir o sorrir diabolico do *forçado* a escarnecer da dolorosa surpreza do barão. Via os olhos incendidos de seu marido fictarem-se nella, terriveis. A defeza era impossivel? Robertina tinha a convicção de que se veria obrigada a curvar a fronte ante aquella suprema tortura.

Talvez fôsse melhor previnir Armando. Por dez vezes esteve resolvida a deitar-se aos pés de seu marido, e confessar-lhe tudo. Mas tinha padecido tanto! desejára poupar-se a essa vergonha, ao menos! E depois a confissão não se podia dizer voluntaria. A franqueza tardia de Robertina não havia de ser com razão attribuida á presença do homem, que tinha direitos sagrados sôbre ella, e vontade de a desgraçar?

Resolveu, pois, esperar, decidida a fugir, a desapparecer para bem longe, á primeira palavra de accusação.

Rembrés não deu signal de si. Encerrou-se na sua tenda como Achilles irritado.

No segundo dia não o viram tão pouco.

Robertina respirou; entretanto não se deixou illudir por alguma lisongeira esperança; bem sabía ella que o Rembrés não era homem que gastasse a sua cólera n'uma farça ridicula. Rembrés meditava de certo em alguma diabolica manha; e por se demorar, nem por isso devia de ser menos terrivel a explosão.

Neste primeiro dia, Armando tão possuido estava do sentimento de apathia melancholica, que não perguntou o que se havia passado. Vergava-o o pêso dos seus receios, e a consciencia da propria fraqueza. No dia seguinte disse-lhe Robertina o que tivera logar. Armando pareceu ficar satisfeito com o proceder de Florencia.

Talvez que elle de feito ficasse contente, porque o seu coração era generoso, e podia momentaneamente tomar-se do enthusiasmo e da coragem.

E talvez que elle se não atrevesse a manifestar os receios, que o agitavam, envergonhando-se de descobrir toda a sua miseria.

A datar d'este momento a apathia mudou-se-lhe em febre, porque o perigo, que um momento desviára, continuava suspenso por sôbre a sua cabeça. A sua anciedade e afflicção era egual, pelo menos, á de Robertina.

Em quanto Rembrés introduzia a perturbação na familia d'Osser, levava elle a vida mais socegada do mundo. O odio que tinha aos seus *visinhos* não chegava ao ponto de despresar a sua hospitalidade. Varios tapesseiros, metamorphoseavam, a seu gôsto, o estimado gabinete de Robertina. Elle, com as mãos atraz das costas, dirigia os trabalhos, dando de vez em quando a sua opinião, como homem que estudára o *confortavel*, e *devassára* até certo ponto os segredos do bem-estar material. Quando o tomavam os seus accessos periodicos de somno, estirava-se no sophá de Robertina; e de certo havia de ter sonhos muito agradaveis, como, por exemplo, que era bachá, e que tinha em seu harem tres duzias de formosas raparigas, todas com cem mil francos de rendimento, etc.

Havia quatro dias feitos que pedíra a mão de Florencia. Os tapesseiros tinham acabado o seu trabalho, transformando o *templosinho* n'um aposento, pouco espaçoso sim, mas commodo. Rembrés, nestes quatro dias, não pozera o seu pé no palacio d'Osser.

O que fizera, sim, fôra *saccar* sôbre o barão uma *ordem* de trezentos luizes, que foi satisfeita, como era de suppôr, sem nenhuma difficuldade.

Rembrés estava devéras aborrecido. Por mais que *parafusasse* nos meios que empregaria para vencer a resistencia que encontrára, sem recorrer á última extremidade, não lhe lembravam.

Era quasi uma hora da tarde. Rembrés, que acabava de tomar a sua chavena de café no botequim do largo das Fontes, passeava, pensativo, pelas ruas, a fazer horas para ir jantar.

É rarissimo não serem productivos estes passeios ociosos e lentos para quem anda em procura de uma idéa. O tumulto da via-pública, que, á primeira vista, se considera inconciliavel com o trabalho intellectual, é, pelo contrário, fecundissimo em inspirações.

Um dramaturgo ou um diplomatico, que andar uma legua em París sem ser pizado por alguns *omnibus*, póde contar que não perdeu o seu tempo.

Rembrés ía com aquella feliz indifferença do justo, acotovelando uns e outros, como se contasse com o seu excellente semblante para desarmar a cólera de algum menos-soffrido. Assim galgou as ruas que encastoavam o rico palacio real n'um monturo de lama, habitado, e voltou para o lado do Banco. D'ahi desceu descuidoso até á calçada de Santo Eustaquio.

Estava-lhe a germinar no espirito uma idéa. Claudio

parou em frente da egreja, e esfregou as mãos. É porque reconhecêra a fachada amarellenta, que ficava em frente do estabelecimento litterario de Popelin.

Voltou-se presto, e deu com os olhos na immensa pala do *Gelozia*.

— Isto é um bom agouro; e demais, não estou muito longe de tratar o negocio por meio de correspondencia... Entremos, pois, em casa de Popelin.

Empurrou a porta carunchosa da baiúca. O *Gelozia*, que estava a aparar uma penna, não ergueu os olhos; mas accelerou o seu processo aparatorio, e com o canivete minguado pelo contínuo amolar, fez saltar, uma apoz outra, cinco ou seis lascas da penna, e aparou-lhe o bico, levando-a acima da unha do dedo pollegar.

Feito isto o *Gelozia* pegou n'um folha de papel branco, correu a penna nova pelos beiços, molhou-a depois em tinta, e collocou-se em attitude.

— Depois?... disse, empregando a fórmula sacramental de amanuense público.

Rembrés estava de bom humor; e dictou d'um jacto, com uma voz muito aflautada:

— «Meu querido avô, faço esta para o informar do estado da minha saude, que é optimo, segundo me pediu na sua última, que me trouxe o tio Giraud, que veiu a Paris para requerer uma licença de padeijo, que espera estabelecer no local que lhe indiquei, ao pé do ministerio...»

O *Gelozia* escrevia sem cessar. Tremia-lhe a mão de cançada. Gemia, e uma gota de suor veiu a final caír em cima do papel, interrompendo a começada linha.

Rembrés tambem se interrompeu, desatando ás gargalhadas.

O *Gelozia* deu um pulo no móxo, e voltou-se irado.

— Pouca vergonha! — ía elle a dizer, quando, ao reconhecer Claudio, lhe desappareceu toda a cólera:

— Tenha bons dias, patrão; mas a brincadeira é que me não agradou muito.

— Se tu te visses, Popelin, havias de rir como eu ri, respondeu o ex-banqueiro; como vaes?

— Vou andando, assim, assim... Perdi uma folha de papel!

E em quanto dizia isto, limpava o Popelin, com um formidavel lenço de riscado, o suor que lhe escorria abundante da testa. Rembrés tomou posse do móxo, que pertencia ao dominio público, e sentou-se.

— Popelin, que fizeste com os teus dez luizes? perguntou elle.

— Ah! patrão, respondeu o *Gelozia* satisfeito, empreguei-os... e empreguei-os muito bem!

— Com que juro, Popelin?

— Qual juro, em rendimento vitalicio... estava no meu direito, porque não tenho herdeiros.

— Isso é verdade... mas em que os empregaste?

Popelin esfregou as mãos, e coçou a barba debaixo da sua enorme pala verde.

— N'uma bôa casa, patrão, respondeu elle — n'uma casa que conhece muito bem... no café da praça das Fontes.

— Tiveste uma idéa singular, Popelin!

— Foi uma idéa optima... eu lhe digo. Dez luizes são quatrocentas meias chavenas e tanto... mas trabalhei... aposto que não adivinha o que obtive!...

— Não adivinho, disse o sr. Claudio.

— Quinhentas meias chavenas, patrão! vinte e cinco por cento!... lavrou-se um termosinho... em duplicado, para mais segurança, etc. etc.

— É soberbo, Popelin!

— Ah! exclamou o *Gelozia*. E ao patrão é que eu devo tudo isto. Tenho café, aguardente e a *Estrella* seguras por um anno, quatro mezes, uma semana e dois dias... porque, accrescentou com voz mais sumida — porque já gastei cinco meias chavenas.

— É a centessima parte da tua fortuna acudiu o sr. Claudio.

— E cinco copos de agua-ardente, concluiu o *Gelozia* suspirando; mas não fallemos mais nisso. Entristeço quando me lembro que daqui a um anno, quatro mezes, uma semana e dois dias, hei-de ter acabado com a minha fortuna... O patrão, posso-lhe prestar para alguma cousa?

— Podes de certo; dá-me papel, e o mais que é necessario para escrever.

Popelin escolheu uma folha do melhor papel que tinha, e uma penna nova, e deu-lh'os.

Naquelle dia abundava de eloquencia:

— Sempre ha gente muito feliz! tornou. Por exemplo, aquelle tendeiro da rua Coquillière... a loja tem portas para duas ruas. Vive enfrascado em assucar e café... tem agua-ardente ás pipas, e para embrulhar os queijos serve-se de numeros antigos da *Estrella!*... Que faria este homem para merecer tanto de Deos!...

Popelin derreára a cabeça para traz para contemplar o céu por baixo da sua pala. O seu systema completo de oculos, escondia-lhe naquelle momento a pupilla inflammada, e estas últimas palavras tinham para elle todo o valor de uma blasphemia.

Acontecia isto mesmo, sempre que o Popelin, ambicioso despeitado, dava largas aos seus inuteis desejos. Debaixo da pala verde do *Gelozia* escondia-se uma paixão violenta. Aquelle homem, simples apparentemente, elevava as suas aspirações até á posição de um tendeiro!...

O sr. Claudio, entretanto, lançára algumas linhas rapidamente no papel.

— Quem sabe o que o futuro te reserva! disse elle; em todas as edades se póde fazer fortuna... dá-me outra folha limpa.

Popelin obedeceu. Rembrés, pouco satisfeito com o seu trabalho, de certo, acabava de rasgar em mil boccadinhos a começada carta.

— A proposito, tornou: recordas-te, como deves, das instrucções que redigi?

— Sei-as na ponta da lingua; veja se são assim: — «Guardar fielmente o depósito que me foi confiado; no caso de morte violenta, ou de *reintegração* nas *galés*, mandar a carta maior, debaixo de um sobscripto, ao barão d'Osser; e a mais pequena ao prefeito da policia; no caso de morte natural, *ou de suicidio*, mandar, pelo contrário, a pequena ao barão d'Osser, e a grande a sua legitima esposa, tudo no palacio da rua Chauchat, em que residem ambos.»

— É isso, disse Rembrés distraído.

E, inclinando-se sôbre o papel, tornou a começar uma carta.

Popelin, que não comprehendia como se podesse escrever outra cousa, que não fôssem as idéas de outro, levantava, com as duas mãos, a pala, para o admirar mais á sua vontade.

— Ah! patrão, disse a final, faz gôsto ver correr assim uma bôa penna sôbre papel bem branco.

Rembrés rasgou a segunda carta, como fizera á primeira.

A voz do *Gelozia* alterou-se-lhe, de terror, e murmurou:

— Ó patrão, olhe que o papel custa muito dinheiro.

— Tu bem sabes, que eu costumo pagar generosamente, disse Rembrés; sou muito capaz de te deixar para um cento de meias chavenas.

— Oh! oh! acudiu Popelin, apresentando um caderno inteiro — venha visitar-me muitas vezes... não faz idéa, patrão, de como préso a sua companhia.... Mas tambem quando o não vejo, nem por isso deixo de ter noticias suas.

— Como, perguntou Rembrés.

— Pelo café da praça das Fontes; falla-se alli muitas vezes no patrão... *Casaca-azul* para aqui... *Casaca-azul* para acolá... Chamam-lhe o *Casaca-azul*, ah! ah! ah!

— Os endiabrados dos jogadores de dominó põem alcunhas a toda a gente, disse Claudio, rindo. Sabes como te lá chamam, Popelin?

Popelin pareceu não gostar desta pergunta, com quanto a sua physionomia estivesse a abrigo de qualquer investigação, porque apenas se lhe via a ponta da barba.

— Chamam-me Popelin, replicou; e nunca ninguem se atreveu a pôr-me nenhuma alcunha!...

— Pois enganas-te de meio a meio, Popelin.

— Não posso acreditar, tornou o pobre do homem, com anciedade, não posso acreditar que n'um estabelecimento em que o dono me corteja, e os moços me fazem tanta festa...

— Pois é ahi mesmo que te chamam o *Gelozia!*

Popelin ficou um momento como fulminado pelo ridiculo daquella grotesca alcunha.

Depois levantou-se n'um transporte de indignação, e fez em pedaços a pala verde, o que permittiu que aquella fealdade extraordinaria e mysteriosa, que descrevemos em um dos capitulos d'este romance, fôsse illuminada pelos raios do sol.

— *Gelozia!*... repetiu com voz profunda; e porque me chamam *Gelozia?*.... Que ha de commum entre Popelin e uma gelozia?... É uma infamia!... e uma tolice!... não acha, patrão? pois eu pareço-me lá com uma gelozia?

Era muito para ver o desespêro daquelle pobre homem, que se via assim votado a um ridiculo atroz pelo espirito mordaz e implacavel dos jogadores de *dominó*.

Rembrés arrependeu-se tanto do mal que fizera ao Popelin, como das angústias que causava a Armando e a Robertina.

— Dás alguns ares, dás, continuou, sorrindo; e parece-me que ainda és mais feio, meu amigo.

Os olhos de Popelin fuzilaram-lhe por detraz do seu systema de oculos, unico obstaculo, que os separava agora da luz.

— Muito bem! disse todo afogueado, muito bem! retirarei os meus fundos daquelle miseravel botequim; tambem o café lá não é dos melhores... a agua-ardente tão pouco... e a *Estrella* posso muito bem lê-la n'outra parte... Nunca mais lá ponho o meu pé!

— Mas, ó Popelin, olha que tu estás ligado ainda por um anno, quatro mezes e dois dias! tornou o Claudio.

— Lá isso é verdade! replicou o amanuense, que se deixou caír para cima do môxo, procurando em tôrno de si a pala rasgada. Mas ha uma obrigação, em duplicado, e passada na devida fórma!... Chamarem-me *Gelozia!* não se dá maior desaforo.

Rembrés, a quem não divertia muito a choradeira, mandou-o calar, e curvou-se de novo sôbre o papel.

Eis o que elle escreveu:

«Minha querida amiga:

«Reflecti melhor. E vejo que o casamento como o eu desejava é impossivel: mas tornar-se-me-ía insopportavel viver em França, depois de haver nutrido tão brilhante e doce esperança.

«Vou expatriar-me. Estou que esta noticia lhe ha-de causar algum desgôsto; porque as nossas relações recomeçavam de ser tão íntimas como foram em outro tempo...»

— *Me melem* se ella é capaz de mostrar esta carta ao marido, disse Claudio á parte.

— Chamarem-me *Gelozia!* rosnou o Popelin.

Rembrés continuou:

«Antes de abandonar a França, desejo realisar a letra que tenho contra o barão d'Osser. Em consequencia, rogo-lhe que venha esta noite, ás onze horas, a minha casa, sósinha.

«Sabe perfeitamente, minha rica, que, neste logar, a palavra *rogo* tem a significação de *quero*.

«Esta noite, pois, meu amor, fallaremos neste negocio, e no que occorrer.

«O seu outro marido
C. R.»

Rembrés tornou a ler a carta, e fechou-a.

— Veremos como se safa desta agora, disse comsigo o ex-banqueiro. Toma, accrescentou em voz alta, atirando com um luiz para cima da mesa.

— Obrigado, patrão, murmurou melancholicamente o Popelin.

— Ouve, tornou Rembrés, é possivel... é provavel que precise de ti em pouco tempo; talvez ámanhã. Eu te escreverei... é preciso que estejas prompto.

— Sim, patrão.

— Adeos, amigo.

— Adeos, patrão.

Popelin encostou os cotovelos á mesa, e poz-se a meditar profundamente; a final, ergueu a cabeça e murmurou:

— Sim... ainda que eu cuide de perder quatrocentas noventa e cinco meias chavenas... e a agua-ardente... nunca mais porei o meu pé n'um logar onde me chamam o *Gelozia!*

Rembrés, continuava seu caminho, e repetia, esfregando as mãos:

— Veremos como se ella safa agora desta!

XXII.

PRELIMINARES DE UMA CÊA.

Havia quatro dias, como já dissemos, que o ex-banqueiro não apparecia no palacio d'Osser. Entrava e saía

pela porta do jardim, que deitava para a rua de Provença.

Para mais claramente mostrar o seu descontentamento mandára pregar as duas portas, que davam para a galeria de vidraças, que era como a communicação entre o *templosinho* e as salas do palacio.

De modo que o gabinete de Rembrés e a habitação da familia d'Osser eram agora distinctos e separados.

A vida da pobre Robertina era um verdadeiro e continuado supplicio. Além do terror que a anceava, encontrava-se entre o desespêro apathico do barão, e a desconfiança da menina d'Osser.

Florencia, de feito, exigíra certas explicações. Podia-lh'as Robertina dar? A donzella, que era mui precipitada em seus juizos, afflicta, cerrou o coração para a sua melhor amiga, e affastou-se della.

Robertina não via em tórno de si, nem um apoio, nem uma consolação.

E entretanto não a viam succumbir. A energia da sua alma arrostava, inabalavel, a fraqueza da sua constituição physica. Ninguem lhe podia suppôr alteração notavel.

Pelas quatro horas da tarde, a criada grave de Robertina, entregou-lhe a carta escripta por Claudio na loja do Popelin, carta em que o ex-banqueiro, como já dissemos, *convidara* a baroneza para uma conferencia nocturna.

Robertina leu a carta. Fez-se muito pallida, juntou as mãos, e como que se lhe soltou do peito um gemido de suprema agonia.

Queimou a carta.

Até ao jantar conservou-se sósinha em seu quarto, immovel, com os olhos fictos, subjugada pela atroz vontade do *forçado*.

Ao jantar, a que compareceu como de costume, era a menos triste, e Armando sentiu-se, mais de uma vez, reviver pelo contacto da sua doce alegria.

Pelas dez horas da noite retirou-se ao seu quarto. Por cima do fogão estava pendurado o retrato de Armando, que haviam tirado do gabinete azul, logo que o Claudio ahi se installára. Robertina metteu-o no seio.

Assentou-se depois em frente do fogão apagado. Fazia muito frio. Ora tremia agitada por um calefrio glacial, ora uma onda de fogo lhe percorria as vêas, e gotas de suor lhe salpicavam a testa. Lá fóra estava um tempo horrivel; a lua. a espaços, vinha allumiar as arvores do jardim, cujas folhas, cobertas de neve de um lado, e negras do outro, se agitavam lentamente ao sôpro do vento.

Depois, quando alguma nuvem opaca a encobria, tudo recaía nas trévas, salvo algumas linhas de neve phosphorescentes e palidas, que corriam mysteriosamente ao longo dos troncos das arvores.

Robertina levantava os olhos, de minuto a minuto, para o relogio.

Deram onze horas; Robertina fechou a porta do quarto por dentro. Foi a um escaninho particular da sua secretária, e tirou delle um objecto que se assimilhava a uma meada de seda. Era a escada que lhe servíra para saír do palacio, naquella noite em que seu marido a seguíra até á passagem S. Roque.

Ao darem as onze e meia, desemmaranhou a escada de seda, e abriu a janella devagarinho. Esta janella estava a dez pés ao nivel do terreno.

O vento gelado veiu açoutar-lhe o rosto, e desprender-lhe os compridos cabellos louros, que lhe descaíram sôbre os hombros, pudicamente cobertos.

A lua illuminava-lhe completamente o seu pallido e tragico semblante.—Era formosa como a dôr dos poetas.

Segurou a escada aos varões de ferro da saccada, e depois tornou dentro para pôr um amplo chaile, e um chapéu, com um espesso véu preto.

Um momento depois batia á porta do pavilhão, mais arredada do jardim.

O criado que lh'a veiu abrir estava de certo prevenido. Inclinou-se respeitosamente perante a baroneza, que nem sequer abriu a bôcca, fê-la atravessar a antecamara, e depois abriu-lhe a porta do aposento do ex-banqueiro.

Este aposento era ainda o delicioso retiro de Robertina. Os moveis não haviam sido mudados; a differença consistia em a carteira do Rembrés tomar o centro do quarto, e uma alcova improvisada occupar todo o fundo, que dava para o lado do palacio.

Dos dois lados da chaminé viam-se ainda as duas *bergéres* azues, em que Robertina e Armando tantas vezes se haviam assentado.

N'uma dellas estava o Claudio muito bem repoltreado.

Por detraz delle estava uma comprida mesa, coberta de differentes eguarias, entre as quaes, perdôem-nos estes pormenores, que têem talvez sua importancia, estava uma formosa couve vulgar, com as suas folhas frescas e ainda humidas. Ao pé da couve havia um grande sacco de passas.

Viam-se tambem muitas garrafas de varios e preciosos vinhos; e para que a significação daquella mesa não admitisse dúvida, viam-se egualmente um pão e dois talheres, um ao pé do outro.

A final de contas, o que alli havia de anormal era só a couve crua, eguaria que não é de uso figurar nas cêas anacreonticas.

Robertina, tão commovida estava, que não deu fé de cousa alguma.

Depois de a haver conduzido, o criado retirára-se.

Claudio levantou-se, travou da mão da baroneza, levou-a até uma das cadeiras, e disse:

—É exactissima, minha bôa amiga, acceite os meus sinceros agradecimentos.—Como vae a sua preciosa saude?

—Tenho passado bem, respondeu Robertina.

—Tanto melhor, minha bôa amiga, tanto melhor! havemos de juntos passar deliciosos momentos... Em consciencia devia-me esta indemnisação, pois que falhou aquella da passagem S. Roque, por culpa do meu amavel collega... Ah! minha bôa amiga, sinto-me não sei como... está tão presente ao meu coração aquelle bello tempo da nossa lua de mel!... Depois fallaremos a esse respeito.

E em logar de ir assentar-se na cadeira, foi para ao pé da sua carteira.

—Queira dar-me licença—eu não me demorarei muito tempo...

Robertina ouviu a penna a correr sôbre o papel, por espaço de alguns segundos.

—Bem! disse elle; sería um louco se gastasse o tempo em escrever longas cartas, tendo tanto e tanto em que o aproveitar.

Em quanto fechava uma cartinha, ergueu a cabeça e contemplou Robertina.

— Havia quatro annos, disse com satisfação não fingida, que me eu tinha assentado a uma bôa carteira de páu santo, com os seus repartimentos competentes, gavetas, fechadura de segurança e segredo!... Não imagina de certo a satisfação que se experimenta quando se possuem de novo bens que se hão perdido... Mas um bem havia, cuja perda eu sentia mais que outra qualquer, que quantas soffrêra... Não preciso nomea-lo... Uma *viuvez* de quatro annos!...

Lacrou a carta, e poz-lhe o sobrescripto em dois rasgos de penna.

— Agora outra! disse.

Mas antes de começar esta outra epistola, contemplou muito ficto a baroneza.

No semblante de Robertina não se conhecia a menor alteração.

— Aposto, minha amiga, que lhe havia metter algum medo aquella minha carta!

— Oh! sim, murmurou Robertina, estremecendo — aterrou-me bastante... fez-me muito mal!...

— Louquinha! exclamou Rembrés, louquinha!... e que receava, meu Deos! pois conhece-me tão pouco até acreditar que a quero prejudicar, por qualquer modo que seja — graciosamente!... Não, não, minha rica, eu não sou capaz disso!... Ainda mais, tomei em seu favor certas disposições, no caso de morte, de sorte que, quando morrer, pela vontade de Deos ou pela minha — que aquelle ratão do Popelin não cessa de me azoinar os ouvidos com a palavra *suicidio* — quando eu morrer, digo, assim a minha bôa amiga, como o nosso estimadissimo barão, ficam a coberto de qualquer perigo... É verdade, que góso de uma feliz saude; não tenho a menor tenção de recorrer á perigosa extremidade de um suicidio.

O sr. Claudio abaixou a cabeça, continuou a escrever, e disse, como se fallasse comsigo mesmo:

— Ora! ora! Pois eu havia de fazer mal á minha bôa amiga, sem ter nisso interesse!... Não é esse o meu caracter... É certo, que a sr.ª me pregou uma peçasinha, na realidade galante... não me admirou, porque não era provavel que visse com bons olhos um dos seus maridos casar com sua cunhada... É mister ser justo; este sentimento é mui natural, e, com a mão na consciencia digo, que nem por isso lhe quero mal.

Calou-se; e a penna continuou de correr sôbre o papel.

Como sempre acontece em similhantes circumstancias, a firmeza de Robertina gastava-se-lhe de não combater, e toda a energia da sua alma perdia-se-lhe na inacção.

Demais aquella alegria de Rembrés tinha para ella uma significação sinistra. Via-se alli, sósinha, indefeza e opprimida pelo sentimento de um perigo inevitavel — perigo mysterioso ainda, e cuja natureza nem mesmo queria adivinhar.

Ora, quem não sabe o horrivel effeito daquella forçada inercia, em presença do perigo?! quem não sabe que a espera prolongada de um mal sem remedio é mil vezes peior que o proprio mal, e faz vergar a mais robusta coragem?!...

— Prompto!... disse Rembrés, acabando a carta; consegui expedir o *correio* desta noite, e podemos conversar á nossa vontade... José?

O criado appareceu quasi immediatamente. Robertina, que tinha o véu levantado, tentou atira-lo para a cara, mas o blonde embaraçou-se nos alfinetes do chapéu; Robertina apenas teve tempo de levantar-se, e ir esconder-se atraz das cortinas da alcova.

— Bom agouro, disse Rembrés; aquelle caminho não o esqueceu ella!... José, fazem de ti um personagem, e fogem de ti como se fôsses *alguem*... Mas tambem, parece-me que conheces perfeitamente a linda pombinha assustada...

Claudio fez uma breve pausa. Robertina estremecia debaixo da cortina de seda.

— Não tenha medo, minha rica, tornou Rembrés, não hei-de dizer o seu nome ao José... Ah! ah! bem vontade tinha o pobre rapaz de o saber!... José, continuou, dirigindo-se ao criado — vae buscar os dois fogareiros e as duas caçarollas que compraste — anda!

José saíu, e voltou logo com dois fogareiros pequenos, com a sua caçarola em cima, nova em folha, cada um.

— Ah! foram mui bem escolhidos! disse Rembrés; tu, José, és um moço de habilidade. Anda, chega para cá, que a minha bella está a impacientar-se... Aqui tens uma carta... o nome está no sobrescripto... vae já levá-la, e entrega-a em mão propria... se a pessoa, a quem vae dirigida, estiver deitada, faze-a levantar... entendes?

— Sim, senhor.

— Est'outra ha-de te dar mais um boccado de trabalho, porque o estabelecimento do Popelin, a estas horas, está de certo fechado... Baterás á porta, primeiro devagar... depois mais forte... que elle tem o somno muito pesado!... se apezar d'isto não ouvir, ou fingir que não ouve, então mette o braço por um dos caixilhos de papel, que ornam o seu estabelecimento, até lhe dar com o braço, ou com a orelha, e depois sacode-o quanto te parecer, até o homem acordar... A loja é pequenissima, pódes chegar-lhe facilmente... depois de o acordares, dá-lhe as desculpas que te occorrerem, e dize-lhe, com todo o respeito: — *Sr. Popelin, o patrão manda fazer os seus cumprimentos.* — E entrega-lhe em seguida a minha carta... percebeste?

— Sim, senhor.

— Agora, alegra-te, que te dou licença para ficar fóra esta noite; aqui tens dez francos; arranja-te como poderes; mas ámanhã quero que estejas aqui, sem falta, ás sete horas e meia... a porta de meu quarto ha-de estar fechada por dentro... tens ahi a outra chave?

O José apalpou a algibeira, e fez um signal affirmativo.

— Tu deves-te collocar na ante-camara até ás oito horas... ás oito horas hão-de chegar as visitas... a primeira é a pessoa a quem se dirige a minha primeira carta, e uma senhora muito formosa... então? acudiu, voltando-se para a alcova — rogo-lhe que se não impaciente; estou a concluir... e uma senhora muito formosa, continuou, dirigindo-se ao José; finalmente, a terceira visita é um pobre homem, com uma cara medonha, mas de quem eu não consinto que tu te rias alto... é o meu amigo Popelin... deves esperar até que estejam todos reunidos... então abrirás a minha porta, e os introduzirás.

Esta parte das instrucções fôra proferida em voz baixa; de fórma que Robertina só podéra perceber algumas palavras isoladas.

— Creio que não falta nada... não falta, não... Agora, meu José, vae-te e diverte-te.

O sr. Claudio seguiu o criado, e fechou a porta á chave, como tinha dito.

— Pobre rapaz! replicou, dirigindo-se para a alcova, fiz bem em lhe dar licença por esta noite...

E travando da mão de Robertina, para a reconduzir á sua cadeira, accrescentou:

— Não acha, minha amiga, que é bom que todos se devirtam?...

XXIII.

A *PORÉ*.

Rembrés sabia introduzir nas phrases, apparentemente mais insignificantes, terriveis ameaças. Robertina estremecêra quando o ouvíra pronunciar estas palavras: — *É bom que todos se devirtam*...

Seguindo-o para o lado do fogão, pela primeira vez reparou na mesa posta.

Feriram-lhe tambem a vista os dois fogareiros, porque Claudio se víra obrigado a empurra-los com o pé, para lhe dar logar na cadeira.

Um terror pungente e de nova especie lhe assomou ao espirito.

— Senhor, disse, encetando a conversação, convidou-me para vir a sua casa, a fim de tratarmos um negocio importante... Queira marcar *a cifra* que pretende... bem sabe que lh'a não podêmos recusar.

— O minha rica, fallou mesmo como a mulher de um banqueiro! disse Claudio, em logar de responder. Eu de certo me não explicaria tão cathegoricamente: *marcar a cifra*... é exactamente o termo... E, com effeito, nós havemos de marcar essa *cifra*; ha tempo para tudo... depois ..

Não concluiu; mas arrastou a cadeira, que escondia a mesa, e apontou para esta a Robertina, com um gesto complacente e risonho.

A baroneza voltou os olhos para o outro lado, e appellando para toda a sua firmeza, abalada já, disse comsigo:

— Vae-se... é a última tortura...

— Ah! ah! ah! acudiu Rembrés; gósto de lhe ver voltar esses lindos olhos... o que abona muito a sua intelligencia... Entretanto, aposto que não adivinha de prompto a idéa que eu tenho na mente...

— Com excepção de uma unica cousa, balbuciou a baroneza, cerrando-se-lhe as palpebras, a seu pezar, estou prompta para tudo.

Rembrés sentou-se na sua cadeira, a rir, e replicou:

— Isso não é bonito, minha amiga; para que ha-de fazer uma excepção? desperta d'esse modo certos desejos... mas, tornemos á minha idéa... Ah! querida Robertina!... era assim que a eu chamava em outro tempo; lembra-se?... Feliz tempo aquelle! Não lhe faz impressão esta lembrança?... não?... não é possivel, pois que o seu interesse é fazer-me acreditar que tudo esqueceu!

Interrompeu-se. Uma nuvem de melancholia, fingida ou real, lhe perpassou pela fronte, e proseguiu:

— Embora!... Eu tenho uma excellente memoria, memoria que bastava a nós ambos..... nada esqueci!... Parece-me que vejo ainda a minha Robertina, amante e terna, dispensar a seu velho marido — que então tinha um só — quanto nella havia de graciosa formosura, de encantos e de mocidade... Era ella feliz?... não sei. Mas eu?... oh! eu, não o podia ser mais!

A baroneza escutava-o immovel, com os olhos baixos, e muito pallida.

Rembrés endireitou-se na cadeira, e a physionomia, assombrada de tristeza, illuminou-se-lhe de repente.

— Muito feliz! repetiu — feliz como eu nunca o esperava ser... Nesta hora, em que lhe eu fallo, revolve-me o peito um turbilhão de deliciosas recordações: entre essas recordações, ha uma que brilha entre todas, como uma joia de inestimavel preço... deve tê-la esquecido, como esqueceu tudo o mais, talvez; porque o seu espirito superior não é dos que possam demorar-se em os pormenores mais communs da vida domestica... mas eu, não sou poeta... prefiro um dos nossos risonhos quadros flamengos, a essas obras da Italia, que os tolos adoram de joelhos... Gósto mais de um folgasão a beber cerveja e a fumar, em companhia da sua frescalhona e rubicunda mulher, do que de um monge livido, de negro capuz; ou mesmo de um pagem, de cinturinha apertada, a tocar n'um bandolim, debaixo da janella de uma phtysica castellã... Se não sente do mesmo modo, é porque não nasceu na nossa Flandres.

Fez-se um breve silencio, e depois o ex-banqueiro proseguiu, com um agradavel sorriso:

— Minha bôa amiga, de certo não adivinha qual seja a recordação a que me refiro... se o adivinhasse *dava-lhe um doce!*

— A fallar a verdade, respondeu Robertina em voz baixa, e sem levantar os olhos — eu occupo-me do objecto da minha visita, e não das recordações, quaesquer que sejam, de um passado, que eu folgára de podêr esquecer...

— Tem razão, tem muita razão... entre nós ambos ha a imprudencia que commetteu, e suas consequencias, personificadas, n'um certo sugeito medroso, como uma galinha, a quem por esse mundo chamam o barão d'Osser... Não fallemos nesse magnifico fidalgo... é uma diversão demasiadamente penosa ao meu doce phantasiar... Ora veja — fez-me perder cento por cento das minhas illusões... ao menos aproveitemo'-nos do que ainda nos resta. Lembra-se, minha bôa amiga, continuou, olhando para um dos fogareiros, lembra-se de uma pequena viagemzita, que nós fizemos juntos, 15 dias depois do nosso casamento; mesmo no meio da lua de mel?... Era dia de feira em Furnes. Partimos n'uma carriola ambos para ir ver a festa. Muito nos divertimos. Á volta, a tres quartos de legua de Molay, fomos surprehendidos por um vendaval.... mas que vendaval!

— É verdade! disse involuntariamente Robertina.

— Viva o vendaval! que lhe despertou a memoria! exclamou Rembrés: — a nossa carriola era descoberta... recolhemo'-nos para uma herdade. Tambem se lembra d'isto?

— Sim, senhor.

— *Bravo! bravissimo!* A herdade era de gente pobrissima, mas o temporal continuava... Tinhamos uma

fome devorante, e na herdade nada havia feito; foi então que a minha bôa amiga descalçou as luvas, e fez... recorda-se agora?

Robertina hesitou.

Rembrés levantou-se, e com uma compuncção sublimemente comica, se não fôra o terror que obsidiava toda esta scena, travou da couve verde, e do sacco de passas.

—Fez... fez... uma *poré* [1]; mas que *poré*... nunca tão diliciosa cousa comi, e que tão bem me soubesse!

Robertina olhou para elle, espantada, porque proferíra estas palavras com verdadeira commoção.

—Se soubesse como estava formosa, replicou enthusiasmado—se soubesse a infinita graça com que prehenchia tão vulgares funcções! Eu estava como arrobado em prazer... como doudo!... Sim, sim! é esta a recordação que, em mim, eclipsa todas as outras! Foi alli, naquella miseravel herdade, que se passaram os mais doces instantes da minha vida!

Rembrés como que tinha fogo nos olhos. Por muito extraordinario que pareça ao leitor o sentimento que o animava, este sentimento, energico e verdadeiro, exalçava até ao enthusiasmo a sua habitual indifferença. E proseguiu com voz profunda, contemplando Robertina com um olhar ardente:

—O meu desejo é tornar a encontrar essa felicidade que perdi; é vê-la como eu a via, admira-la, ama-la, enlouquecer d'amor, mesmo...

—E foi para me dizer isso, que me mandou chamar? disse a baroneza.

Toda a paixão é desconfiada em excesso. O *forçado*—cuja alma temperada de bronze, soffreria em qualquer outro momento toda a especie de affronta—nesta occasião sentiu no peito como uma funda picada. Crisparam-se-lhe os sobr'ôlhos, incenderam-se-lhe as pupillas sinistramente; endireitou-se, e o mais pequeno vestigio de commoção desappareceu-lhe do semblante.

—Mandei chamar a sr.ª Rembrés, respondeu elle seccamente—para isto, e para muitas outras cousas... Zomba da minha fraqueza, pois bem... e tanto melhor—porque me animo a dizer-lhe, que nem tudo o que tenho na mente é de de natureza tão simples.

Interrompeu-se o espaço de um segundo; quando proseguiu, a sua voz tinha uma inflexão incisiva e cruel.

—Não, não, disse. Em tudo isto o que me apraz mais, é contemplar a sr.ª baroneza d'Osser, que é uma senhora nobre, segundo a opinião do mundo, subjugada pela minha vontade... mas, subjugada ao ponto de se abaixar a tocar nas cinzas do meu fogão!...

Interrompeu-se novamente, e continuou com intonação sarcastica.

—Apraz-me! apraz-me estar n'uma bella cadeira, com uma perna em cima da outra, eu, o fugido *das galés*, em quanto a sr.ª baroneza se emprega... na minha cosinha.

E accentuou fortemente a palavra *cosinha*, como se quizesse esmagar Robertina debaixo do prosaïsmo degradante desta extravagante vingança.

—Apraz-me, accrescentou em voz forte, e apraz-me muito; porque sou um forçado, e sou o senhor, a senhora é uma grande fidalga, e é a escrava... Ouve-me?

—Sim, senhor, replicou Robertina docemente; eu estou ás suas ordens.

Claudio acudiu immediatamente, com o seu modo habitual.

—Aqui tem tudo quanto é necessario; e desde já agradeço a sua benevola condescendencia... Socegue, não perderemos nem um minuto por isso... e a *poré* não ha-de evitar que fallemos nos nossos negocios... Mas, dê-me licença, que eu me ponha á minha vontade... Estamos em nossa casa!

Deu uma volta em roda da carteira, abriu a porta do seu guarda-roupa, e envergou um amplo chambre; depois, veiu assentar-se em frente de Robertina.

Esta tinha tirado o chapéu, e ajoelhára ao pé de um dos fogareiros.

Claudio encostou os pés na grade do fogão, assestou os oculos, e contemplou-a encantado.

Talvez nos censurem por abusar das comparações tiradas das relações de familia, mas é que este Rembrés, tinha uma apparencia tão honesta, que, quem os visse ambos, Robertina de joelhos, Rembrés a contempla-la com intima felicidade, diria que era uma Antigone preparando a refeição de seu velho pae...

Mas se o ex-banqueiro, para empregarmos suas proprias expressões, *grupára* as suas recordações em um quadro da eschola flamenga, e conservára no pensamento a imagem de Robertina, sob as grosseiras fórmas de rubicunda aldean, tinha de se alterar um pouco esta disposição mental. Robertina era formosa como elle a queria, mas era tambem magestosa e nobre, mesmo a desempenhar tão rudes lavores. Uma lentidão altiva acompanhava cada um de seus movimentos. O seu semblante sereno, apenas lhe reflectia muito ao longe a tristesa d'alma; e a fronte cingia-lh'a como uma auréola de severa resignação.

Nunca no esplendor dos saráus, aquella fronte se erguêra com tal magestade; nunca aquelles olhos tinham olhado, mais serenamente, e com mais brilhante scintillar.

Dir-se-ía que uma luz celestial alumiava aquelle rosto de santa.

E certo que ninguem, ao seu aspecto, experimentaria senão um sentimento de admiração sem reserva. Instinctivamente e sem esforço, os olhos isolariam aquella extraordinaria formosura dos aprestes vulgarissimos que a rodeavam; e o enthusiasmo excitado por esta radiante visão, nem sequer daria logar á humilhante piedade.

Que importa a moldura a um quadro de grande preço? Um fundo escuro ainda faz resaír mais formosamente o limpido relampejar do diamante; e por ventura é menos brilhante, ou menos linda a rosa, porque nasceu e vive em alguma pobre janella de pobre operario?...

O sr. Claudio era um grande philosopho. Daria quináus ao proprio Epicuro, suppondo mesmo que este typo antigo do sensualismo logico não tenha sido calumniado nos proverbios. Neste momento parecia saborear a sua alegria, como gastronomo que reflecte. Não se fartava de mirar a baroneza, e as feições dilatavam-se de a ver.

[1] A *poré* é um manjar popular e favorito na Flandres franceza, e em todo o littoral do rio Lys. Compõe-se de couve, leite e passas. Não podêmos affiançar se esta eguaria tem ou não um gôsto muito agradavel.

Durou isto alguns minutos.

— Ora pois, replicou mudando de tom; fallemos um pouco nos nossos negocios... Ouça-me, mas sem se perturbar no seu trabalho... Em primeiro logar, quero pedir-lhe desculpa de uma mentirasinha que continha a minha última carta... Eu não tenho a mais pequena idéa de me expatriar.

Robertina fez um movimento, e levantou os olhos.

— Tome sentido! disse precipitadamente o sr. Claudio; olhe que acontece alguma!.... Pedi-lhe que me ouvisse, mas ao mesmo tempo que não se perturbasse... Deita um cheiro delicioso a nossa *poré*; qualquer descuido póde-no-la deitar a perder... Como ía dizendo, o exilio não é do meu caracter... Eu amo París, amo a França, amo a sr.ª baroneza, amo a menina d'Osser... E até creio que não posso odiar esse pobre rapaz do barão.

— Então devo accreditar que não renunciou á posse de minha cunhada? perguntou Robertina.

— Não ha dúvida, deve acreditar isso, minha querida. A Florenciasinha convem-me; e á falta da senhora, que é a joia das mulheres, contentar-me-hei com ella.

— Mas, disse Robertina, levantando-se; Florencia nunca ha-de consentir em similhante cousa.

— Olhe a *poré!* acudiu o Claudio; não se distráia assim desse modo... sabe, como eu, o mal que d'ahi póde resultar! Basta um quarto de segundo para queimar a *poré!* Quanto ao consentimento de sua cunhada, esse virá. Diga-me: aquella menina deve de ama-la mui estremecidamente, e ao barão?

— Como a nós amâmos, respondeu Robertina.

— E a senhora estima-a muito? É delicioso... Não ha nada que mais alegria me cause, de que ouvir dizer: = É uma menina excellente aquella, e tem um coração bem formado... = isto junto a cem mil francos de rendimento... digo-lhe que é magnifico... Ah! minha amiga, nunca me ha-de esquecer esta noite, como nunca me esqueceu a que passámos na herdade! A senhora é ainda tão formosa como era n'outro tempo; a *poré* promette ficar saborosissima; e para nada faltar, junta-se o util ao agradavel... porque emfim, eu vou, pouco a pouco, adiantando o meu negocio. Com o espirito que lhe eu conheço, certo que ha-de ter adivinhado que formei um plano, e deve de estar anciosa por o saber. Tem razão... o meu plano é soberbo, e longamente meditado; é uma obrasinha prima!

Rembrés pareceu reflectir um momento.

Quando quiz tomar de novo a palavra, distenderam-se-lhe de repente os musculos das faces, e o sorriso gelou-se-lhe nos labios, tornando de novo a despontar, é verdade, mas menos natural, e como contrafeito.

Depois entreabriu-se-lhe a bocca n'um bocêjo, facilmente comprimido.

— Máu! murmurou elle, antes de uma hora estarei a dormir; sinto-o. É diabolico; porque não queria perder um minuto desta preciosa noite. Mas uma hora é bastante para lhe desenvolver todo o meu plano... e demais, temos por nossa a noite inteira, que nunca durmo mais de duas horas. Desculpe-me... esta interrupção.

E descerraram-se-lhe os labios n'um segundo bocêjo ainda mais forte que o primeiro.

— Diabo! diabo! disse; o somno vem mais depressa do que eu pensava... Não importa, eu a vou pôr ao facto do negocio, para que medite no meu plano, em quanto eu dormir, apreciando devidamente todo o seu alcance. E agora, não posso deixar de felicitar-me pelas cautellas que tenho tomado. Sabe de que eu quero fallar?... É do testamento e da carta do barão, depositados em mão segura... Estas cautellas é que tornam deliciosa a minha presente situação!... Se, com effeito, não soubesse que estava bem convencida de que qualquer tentativa da sua parte, legal ou extra-legal...

— Ah! senhor...

— Permitta-me, minha querida amiga... isto não são bagatellas... Com uma só palavra podia ferrar comigo na cadeia!... Em consequencia, porém, das cautellas tomadas, nada tenho a receiar... Posso adormecer a seu lado, como um pae ao pé de sua filha... Se me atacassem, havia de defender-me... vigiará o meu repousar!

A cabeça descaíu-lhe para traz sobre as costas da cadeira.

— É a pura verdade, murmurou semi-cerrando os olhos; sou-lhe necessario, indispensavel.

E ria.

O desespêro mais profundo esmagava o coração da pobre Robertina.

— Sim, sim, tornou Claudio com a beatitude innocente do homem que adormece — vae vigiar-me como um thesouro precioso... E que agradaveis sonhos que eu não hei-de ter!... mas o plano, o diacho do plano... Entretanto... olhe!... escrevi duas cartas... sim... sabe a quem?...

E, endireitando-se de subito, conseguiu afugentar o somno por alguns momentos.

— A quem? proseguiu com voz embaraçada. A primeira ao barão... Digo-lhe nessa carta, que venha a minha casa, ámanhã, ás oito da manhã, com sua irmã, antes de eu partir... ah! ah! ah! tambem a elle mandei dizer que partia!... E ha-de vir muito satisfeito o pobre barão!... Antes de partir, é muito natural querer-me eu despedir da menina d'Osser... sim, é muito natural... Nessa carta rogo ao querido barão, que a traga tambem *á senhora comsigo*... A outra carta é dirigida ao meu amigo Popelin... Sabe quem é o Popelin? é o depositario... Escrevi, recommendando-lhe que viesse previnido com o testamento e o authographo... Creio que ha-de ir percebendo?

— Não, senhor, respondeu Robertina com a voz alterada.

— O barão, continuou Rembrés, é evidente que não tem outro remedio senão obedecer-me... Vae ao seu quarto, e não a encontra...

— Como!... exclamou a baroneza aterrada.

— Não ha nada mais natural, replicou o Claudio com todo o sangue-frio.

— Então pretende obrigar-me a estar aqui?

— Pois que pensava? Ouça-me com attenção, minha bella; se continúa a interromper-me, como até aqui, não tenho tempo... e adormeço.

— Mas, senhor! disse Robertina supplicante — é impossivel que pretenda similhante cousa... não chega a sua vingança a tanto!... Quer-me apresentar deshonrada, em face de meu marido!...

— De que marido falla?... acudiu Rembrés, mirando-a com um olhar cynico — de que marido falla? Somos dois... Hoje pertence-me a minha *vez!*...

XXIV.

O FUNDO DO CALIX.

Estas últimas palavras de Rembrés revelaram a Robertina toda a extensão da sua desgraça. Viu-se abandonada por Deos e pelos homens, á mercê de um facinora, que não comprehendia o que era compaixão. De um golpe mediu o horror desesperado da sua situação.

A sua alma, habituada a soffrer, não póde resistir a este golpe terrivel.

Um frio mortal percorreu-lhe as vêas. Vergaram-lhe os joelhos. E caiu inerte no pavimento.

Na sua quéda fez tremer o fogareiro, e o vaso que continha a *poré*, oscillou, e quebrou-se.

Rembrés ergueu-se d'um pulo, como se recebesse o choque de uma machina electrica. Aquelle homem podia adormecer risonho ao pé de uma mulher assassinada, mas a idéa de ver destruidos todos os seus planos, tão laboriosamente combinados, *galvanisou-lhe* poderosamente o torpor.

Póde ter-se firme em pé, ainda, e murmurou com ar de quem estava sentido:

— Isto só a mim acontece; ó minha amiguinha, é necessario mais algum cuidado!... Se tinha desejo de caír... porque não caiu n'outra parte!...

E inclinou-se para os fragmentos da frigideirinha.

— Que desgraça, proseguiu elle; isto é intoleravel.

Foi então que reparou, que Robertina não se levantava, e voltando-se para ella, murmurou:

— Vamos, vamos; eu não estou lá muito contente; mas emfim, isso não era motivo para desmair. Levante-se; vamos... dê-me a sua mão... que consegui dominar um pouco o somno... Tambem não admira, uma cousa destas era para acordar um morto!

Robertina não tinha perdido os sentidos, mas estava como fulminada de terror.

Rembrés conseguiu levanta-la, e a sentou na cadeira.

— Isso não é nada, disse, sentando-se tambem; a perda, porém, da *poré* é irremediavel... Ora vamos! proseguiu, soltando um tremendo soluço, cortado por um bocejo formidavel — esqueçamos este pequeno incidente!... O que é que eu estava a dizer?... Ah! sim foi a proposito do seu espanto, por eu *avançar* que o nosso barão a não encontraria ámanhã, no seu quarto. A cousa é muito simples.... Não póde estar no seu quarto, porque ha-de estar aqui... Resta-lhe, se o negocio se concluir amigavelmente, como espero, explicar a sua presença no meu aposento... o que é mui facil... eu a ajudarei, se fôr necessario... Vou-lhe figurar a scena, minha bôa amiga: — O barão, não a encontrando em seu quarto, resolve-se a vir só com Florencia. Fazem-n'os esperar na minha ante-camara até chegar o Popelin, que se não deve demorar muito. Popelin foi escrevente de tabellião quarenta annos... É a pontualidade personalisada... Apenas chega o Popelin, José abre a porta, e faz entrar todos. O barão dá com os olhos na senhora...

«Espanto geral!...

— «Que fazeis aqui? diz o nosso barão indignado.

«Deve de ser uma scena eminentemente comica! e neste ponto começa elle a perceber o motivo porque a não encontrára á senhora no seu quarto.

«A minha amiguinha não responde; o pobre diabo do barão franze o sobrôlho; Florencia nem quer acreditar o que vê.

«No momento em que o barão vae a abrir a bôcca para dizer mais alguma tolice, adianto-me eu, interrompo-o com toda a affabilidade, e digo:

— «Silencio, querido sr. barão!

«Elle ha-de querer replicar, e eu repito:

— «Silencio!»

Rembrés acompanhou esta última palavra de uma risada estridente e cruel.

A baroneza estremeceu tenuemente; foi como o acordar.

Até então o ex-banqueiro ferira de algum modo um cadaver.

— Já póde calcular o effeito, proseguiu o *forçado* triumphante; Florencia então conhecerá quem foi que a enganou; se fui eu, que lhe disse: — *O barão e sua mulher tenho-os em meu podêr;* — ou se foi a senhora, que lhe affirmou o contrário... Que conclúe de tudo isto?

— Conclúo que estou perdida! disse Robertina com voz profunda; perdida sem o podêr salvar!

— Minha rica, lá nessas miudezas não entro eu... O que é evidente é que acha magnifico o meu plano... isso me basta, porque tenho a maior confiança no seu gôsto... Já me disse que Florencia os amava estremecidamente, á sr.ª baroneza e ao sr. barão. Pois ella é que ha-de decidir a contenda a meu favor... Com effeito, depois daquella scena preliminar, que deve de ser soberba, tómo eu a palavra, e da maneira mais terminante possivel, declaro... que existe, entre nós tres, um segredo tragico... um grande segredo, que pésa sôbre o barão e sôbre a baroneza d'Osser, principalmente... Florencia ainda quer duvidar... Resiste... adivinhe o que eu tenciono fazer para que ella se resolva?

Robertina estava sentada na cadeira, na posição em que o Rembrés a collocára. Tinha as duas mãos cruzadas sôbre os joelhos, e os olhos abertos e como pasmados.

Não se buliu, ainda mesmo depois da pergunta do ex-banqueiro; mas o seu olhar fixou-se, e deixou de ser vago como até alli.

— Para convencer Florencia, tornou o falsario — dirijo-me á senhora, e depois ao barão, e convido-os a que me desmintam, se podem...

Tremeram as palpebras ao Rembrés; a voz embaraçou-se-lhe de novo.

— Ah! este maldito somno!... se a minha amiguinha, accrescentou com intonação pathetica, me fizesse outra *poré*, em quanto eu durmo?... Fica entendido que não me hão-de desmentir... aliás, o Popelin desempenhará as suas instrucções... e eu declararei tudo!... Oh! mas é inutil estarmos ahi com supposições loucas; a senhora de certo me não desmente... Nesta hypothese, volto-me para sua cunhada, e digo-lhe, com toda a affabilidade:

— Querida priminha, não ignora os sentimentos que lhe eu consagro; vê que tenho em minhas mãos uma arma terrivel, de que a sua recusa me compelliria a fazer uso... Depende de v. ex.ª salvar ou perder aquelles que ama!...

— Senhor!... escute-me!... acudiu a baroneza.

— Que quer que a pobre menina faça?... replicou

Rembrés; cede... e o Popelin que foi muitos annos escrevente de tabellião, lavra um termosinho de contracto magnifico...

— Senhor!... tenha compaixão! exclamou; espere alguns dias... Direi tudo a meu marido... Deixe... Deixe-me o amor de Armando!...

O ex-banqueiro fez um gesto de desprêso, e bocejou longamente.

— Se disser tudo, Robertina, então que hei-de eu dizer?... Essa sua idéa acho-a tristissima!

A baroneza, anniquilada, póde apenas repetir a custo:

— Piedade, senhor! piedade!...

Rembrés encostou a cabeça ás costas da cadeira, e cerrou os olhos, murmurando:

— Popelin lá se achará... para fazer o respectivo contracto... Não se impaciente!... O meu somno não costuma durar mais de duas horas... quando acordar nos indemnisaremos do tempo perdido...

E adormeceu inteiramente.

Robertina conservou-se diante delle de joelhos, com os braços estendidos, e a cabeça inclinada para o hombro.

Esmagava-lhe o coração uma dôr atroz.

Ella estava alli, ao cabo de tantos esforços e de tão fundo padecer, vencida, pisada aos pés.

Fôra inutil o doloroso trabalhar daquelles ultimos quinze dias; tudo se conspirava contra ella.

Armando ía saber tudo. A mão terrivel de um homem infame a ía apresentar a seu marido, deshonrada, a seu marido, que era a sua esperança, o seu futuro e a sua vida!...

E este horroroso supplicio nem sequer podia salvar Florencia; porque aquelle homem não desistiria da sua posse.

Quantas e quantas desgraças Robertina não acarretára áquella familia, que todavia tão extremadamente amava?

Claudio dormia. O seu pé roçava o vestido da victima. E a sua physionomia serena e risonha realisava prosaicamente a idéa que se fórma do somno do justo.

Robertina esteve por algum tempo como anniquilada. Nem contava com a sua dôr; as suas faculdades perdiam-se na prostração de uma longa agonia. Tudo o que acabâmos de dizer não se lhe representava bem claramente ao seu espirito allucinado. Estava reduzida a uma apathia desesperada, que se assimilharia á morte, se, de tempos a tempos, não sentisse no coração como um punhal ardente a devassar-lhe a funda chaga.

Era alguma phase nova da sua situação, que subitamente se lhe representava á mente. E tudo isto, não fazia mais que augmentar o seu martyrio, pois que, de todos os lados, não via senão uma muralha cerrada, de torturas e de ameaças.

Este estado durou um quarto de hora; sobreveiu-lhe depois a febre. E podia-se observar, á medida que o sangue lhe subia ás faces macilentas, o desalento metamorphosear-se-lhe em violento desespêro.

Nos labios do ex-banqueiro brincava um sorriso de felicidade.

Robertina estorceu-se pelo pavimento, soltando gemidos profundos.

De repente ergueu-se de pé.

Uma idéa, mais pungente que todas as outras, fizera calar os seus outros soffrimentos. É que se recordára de que o Claudio havia de em breve acordar.

Claudio, esse algoz de risonha mascara, ía acordar dentro de duas horas. Algumas das suas palavras, cujo sentido revelava um infame ultraje, acudiram á memoria de Robertina.

Commentou-as, comprehendeu-as.

Foi como o azeite a ferver dos inquisidores de Hespanha, atirado ao peito do padecente, já no fim da sua agonia.

Robertina, de pé, com a cabeça erecta, o peito erguido, pareceu crescer com aquelle supremo golpe. E contemplou finalmente o ex-banqueiro com um olhar que revelava odio profundo, sem limites.

A mulher graciosa e fragil desapparecêra, como lhe desapparecêra a doçura das feições harmoniosas e puras. Era uma formusura ameaçadôra e terrivel, tão terrivel, que faria tremer mesmo um homem esforçado.

Era uma cólera tão grande e tão ardente, que perante nenhum obstaculo, ainda mesmo perante um crime, recuaria o seu furioso impeto.

Ora o homem que alli dormia tranquillo, era o unico objecto dessa cólera. Era só o Rembrés, quem, para qualquer lado, que se ella virasse, lhe oppunha, como um obstaculo implacavel, a fatalidade do seu passado. Morto elle, Robertina, Armando, Florencia acordavam como de um pesadêlo; reapparecia-lhe a felicidade que haviam perdido, e o seu futuro ennuveado, affigurava-se de novo radeante!

E elle dormia.

Mas em tôrno daquelle somno havia fortissima muralha contra a qual se despedaçára toda a sua cólera, e que só a loucura tentaria atacar. A prudencia de Rembrés acordado, guardava, qual sentinella vigilante, a inhabilidade do Rembrés adormecido.

Era invulneravel. A paciencia, o heroismo, o mesmo crime eram inteiramente inuteis.

Robertina contemplou-o por espaço de alguns minutos, e depois curvou-se ao sentimento da sua absoluta dependencia.

O raio de fôrça, que lhe illuminára um momento o semblante, extinguiu-se-lhe. E recaíu no mais fundo desespêro.

Por espaço de uma hora luctou, gemebunda e vencida, sob o enorme pêso da sua desgraça. Sería, para quem assistisse áquelle drama extraordinario em seu calado horror, um espectaculo curioso e terrivel observar as torturas infinitas daquella creatura tão admiravelmente bella e nobre, a quem cada minuto parecia um seculo, e entretanto lamentava esse minuto passado, porque o tempo volvia-se rapido, e a hora do acordar aproximava-se.

Mais de uma vez lhe acudiu ao pensamento matar-se; a morte era um asylo seguro.

Robertina era christã. Entretanto, naquelle momento, em que tudo era desordem e trevas na sua alma e no seu coração, a voz da religião não podia fazer-se ouvir. Era com cobiça apaixonada, que ella mirava uma faca de que podia servir-se contra si mesma. Mas a alta generosidade de sua alma, que era como um largo instincto, bastou a contê-la. Armando e Florencia sobreviviam-lhe. Matar-se era fugir, abandonando aquelles que amava no mais extremo perigo! era abandonar o seu posto, e salvar-se sósinha.

Pela última vez desviou os olhos da mesa, em que o lampejar do aço tentava a sua abalada resolução, e

acercou-se da chaminé, no fundo da qual acabavam lentamente de consumir-se dois troços de lenha.

Tirou então do seio o retrato de Armando, que levára comsigo, como um talisman contra os perigos provaveis daquella noite. E contemplou aquellas feições adoradas, que eram o symbolo da sua perdida felicidade. Empregára, durante um anno que era casada, toda a poesia de uma imaginação fertil, em engrandecer Armando a seus proprios olhos. E com isso o seu amor crescêra de ponto.

Para Robertina, que julgava tão subtil e severamente, qualquer pessoa extranha, Armando era quasi um Deus O amor cercava-o como de uma aureola.

E naquelle momento a sua imagem appareceu á pobre mulher como a derradeira delicia do perdido paraiso. O aposento em que se achava tornou-se-lhe na imaginação em o santuario da sua felicidade conjugal. Foi ainda o gabinete o theatro discreto de largas e doces conversações, de ingenuas e santas esperanças de familia...

Robertina teve um momento de verdadeira illusão. Estava na sua *bergére*, diante da sua chaminé. Acreditou...

Mas os seus olhos que procuravam Armando, descaíram sôbre o semblante do Rembrés, do implacavel *forçado*, que alli o substituia.

Então apertou contra o peito o retrato, cobriu-o de beijos, como se quizesse entrepôr a sua ternura entre Armando e os insultos do cruel inimigo. Esqueceu-se de si; na angústia d'uma separação inevitavel não fazia cargo senão da afflicção delle.

Ergueram-se-lhe os olhos para o céu, inundados de sublimes lagrimas. Do fundo da sua miseria, teve ainda fôrça de murmurar uma prece, e não foi por sua tenção, mas por Armando.

A oração refrigera muitas vezes, mas é a oração serena que sóbe do coração aos labios, e dos labios a Deos, no recolhimento dos sentidos e do pensamento. Para bem orar, é mister amar sómente, não ter odio; que o odio nos extasis divinos da oração, é como uma nota falsa no meio das puras harmonias d'uma symphonia.

Rembrés estava alli, ao pé della. Em vão Robertina procurava recolher o seu espirito e repellir todo o sentimento de cólera. Rembrés estava alli. Rembrés, o homem que lhe arrancava o amor de Armando!...

E esquecê-lo era cousa tanto mais impossivel, quanto mais estrondoso e desasocegado se ía tornando o somno do Claudio, que se agitava na sua cadeira, e respirava difficilmente.

Robertina viu naquelles movimentos repentinos um symptoma terrivel de proximo acordar. Em breve estaria á mercê do falsario!

Era inutil o orar. Desorientada pelo terror da sua situação, só os impetos de cólera lhe conservavam ainda alguma energia.

Ao mesmo tempo, como se a natureza physica cedesse emfim a podêr de tanto soffrimento, resentiu o primeiro accesso de uma especie de vertigem. Pesava-lhe a cabeça; a fronte queimava-lhe; velaram-se-lhe os olhos.

Por alguns minutos não se fez cargo d'este mal externo, que a não podia distraír da sua angústia moral. Mas o mal augmentou rapidamente. Parecia-lhe que os objectos lhe dançavam em tôrno, e que a cadeira em que estava assentada, balouçava como um navio açoutado pelas ondas.

Claudio, esse, gemia, mesmo a dormir, e levára as duas mãos ao pescoço.

Robertina pensou que o calor era demasiado no quarto, que as recentes obras tinham tornado em metade do outro. Acercou-se do fogão, e puxando-lhe n'uma mola, conseguiu fecha-lo hermeticamente.

Mas em logar de experimentar allivio, sentiu-se cambalear na propria cadeira. O pulmão fatigado, como que que lh'o esmagava um pêso enorme. O ar parecia tornar-se opaco em tôrno della.

Robertina espantada, quasi a desfallecer, percorreu o quarto com os olhos, e descobriu immediatamente ao pé da cabeça de Claudio, um dos fogareiros, cujo carvão continuava de arder.

Percebeu tudo então, e sem attender mais que aos impulsos do seu coração, correu para o Claudio, e sacudiu-o com toda a fôrça.

Mas estes accessos de somno nervoso são verdadeiras lethargias.

Claudio Rembrés não acordou.

A baroneza ía a perder as fôrças. Tentou dirigir-se para uma das janellas, na intenção de quebrar um vidro. E caminhava a cambalear, segurando-se aos moveis, e sentindo faltar-lhe o chão debaixo dos pés.

Ao meio do aposento alevantou-se-lhe o peito, os olhos volveram-se-lhe nas orbitas; descaíram-lhe os braços, e o corpo oscillou, procurando equilibrar-se.

Sentia-se prestes a desfallecer.

Mas naquelle mesmo momento a vida refluíu-lhe com uma especie de violencia. Voltou-se. Os seus olhos fitaram-se seguidamente no fogareiro e no semblante arroxado do falsario.

E a fronte illuminou-se de uma immensa esperança.

Alguns passos sómente a separavam da porta exterior, álém da qual estava o ar livre e a vida...

Pronunciou o nome de Florencia no íntimo d'alma. Apertou o retrato de Armando contra o peito como uma mãe que protege e salva seu filho. A sua admiravel formosura resplendia de enthusiasmo e de immensa paixão.

— Meu Deos, murmurou, correndo para a porta — tende compaixão de mim!... Não por mim, mas por elle, mas pela pobre Florencia!

XXV.

CONSEQUENCIAS DE UMA CÊA.

O BARÃO d'Osser não pregou ôlho toda aquella noite. José entregára-lhe, na vespera á noite, a carta do sr. Claudio, que o convidava para o dia seguinte, ás oito horas da manhã, e á baroneza e Florencia.

Isto annunciava manifestamente alguma nova desgraça.

Esteve vinte vezes quasi resolvido a procurar sua mulher, e minorar ao menos a sua inquietação repartindo-a. Mas pensando que Robertina estava a dormir, e que, provavelmente, esquecia por alguns instantes os seus desgôstos, teve vergonha de si mesmo, e conseguiu vencer o seu egoistico pensamento.

Alevantou-se muito antes de amanhecer. Ardia em febre. O seu cerebro perturbado representava-lhe estranhas cousas.

Julgou ver até, pelas quatro horas da madrugada, á pallida claridade da lua, uma figura escura perpassar pelas compridas ruas do jardim.

Esta especie de phantasma, que se destacára no fundo branco da relva coberta de neve, saíra do lado do pavilhão, em que habitava Rembrés, e dirigíra-se para o corpo principal do palacio.

O barão receou ter endoudecido.

E começou a medir a largos passos o aposento, para esquecer o que elle chamava uma visão singular. Quando voltou á janella, as nuvens toldavam a lua como um véu; já não viu nenhum phantasma.

Ás seis horas e meia da manhã, não podendo conter a sua anciosa impaciencia, saíu e foi bater á porta do quarto de Robertina. Robertina não respondeu.

Armando quiz fazer girar o botão; mas a porta estava fechada por dentro. Bateu com mais fôrça; ao cabo de alguns minutos abriu-se a porta a final, e Robertina appareceu aos olhos de seu marido vestida com um penteador branco.

Estava tão pallida, que o barão recuou aterrado.

— Entra, disse ella.

Armando obedeceu, contemplando-a surprehendido e anceado.

Antes de proferir alguma palavra, travou-lhe a baroneza da mão, que apertou ao peito com fôrça.

Este apêrto produziu em Armando um effeito penoso. As mãos que seguravam a sua pareciam de marmore, e o contacto do peito derramára-lhe por todo o corpo um frio glacial.

Mas este extraordinario frio, e esta pallidez, eram nada á vista da mudança que se operára na physionomia de Robertina. As suas feições eram ainda admiravelmente harmoniosas e bellas; e comtudo não parecia a mesma Havia naquella formosura, ainda ha pouco tão radiante, como um véu, como uma nuvem. Áquelles olhos tão brilhantes, faltava a animação, faltava a vida. Aquella fronte tinha a immobilidade funebre do alabastro. Aquella bôcca talhada para o sorrir doce e ingenuo, tinha o aspecto duramente pronunciado de labios insculpidos em pedra.

Dir-se-ía que, a morte tocára com a ponta da aza aquella perfeita creatura, roubando-lhe os encantos inherentes á vida, e deixando-lhe a belleza fria das estatuas...

Ella conduzíra Armando até ao canapé, no qual este se assentou. A baraneza ficou em pé.

— Em nome do céu, disse o barão, cada vez mais assustado — que tens, Robertina?

Robertina contemplou-o ficto, e murmurou:

— Amo-te, Armando, amo-te muito!

Havia um doloroso contraste entre estas palavras e a voz que a proferia, voz que tambem não era a mesma, que parecia pertencer a um outro mundo.

— Sei avaliar o amor que me votas, tornou Armando; porém, por quem és, te peço, que me digas se sentes algum incómmodo!

A baroneza encostou-se ao pé do leito, e estremeceu.

— Agora não, respondeu ella; mas esta noite... esta noite, soffri muito!

— Sempre me fizeste ter um medo! disse o barão, tomando aquella resposta ao pé da letra; felizmente estás melhor?... não estás?...

— Oh! sim... replicou Robertina, cujos olhos se illuminaram de um vago clarão.

Depois abaixou-os de repente, e balbuciou:

— Amo-te, Armando, oh! amo-te muito!

— Foi a febre de certo... disse o barão.

E pensou que não valia a pena fallar mais n'uma indisposição passageira. A carta do Rembrés, é que elle considerava como uma cousa muito séria.

— Estimo tanto mais saber que vaes melhor, quanto conto comtigo para me ajudares n'um negocio difficil... e cujos resultados me inspiram a maior afflicção. Creio que adivinhas...

— Não! acudiu Robertina.

— É uma conferencia a que fui convidado... pelo sr. Claudio.

A baroneza estremeceu ao ouvir aquelle nome, e curvou a cabeça.

— O sr. Claudio, proseguiu Armando, pediu-me que fôsse hoje ao seu quarto comtigo, e com minha irmã, ás oito horas...

— Eu não vou! murmurou baixinho a baroneza, cuja voz cavernosa exprimia um certo horror.

Ao mesmo tempo, ergueu os olhos, e fictou-os nos de Armando, que a contemplava espantado.

— Sim!... sim! replicou; sim... irei.

Armando travou-lhe da mão para a beijar.

— Eu t'o agradeço, disse; mas... contava tambem comtigo para resolver Florencia.

— Eu a resolverei,

Armando era d'estes homens, que julgam ter ganho uma victoria quando conseguem carregar sôbre os hombros dos outros com grande parte do pêso dos seus cuidados.

— És o meu anjo bom! exclamou quasi alegre. Queres agora que chame a tua criada particular?

Robertina fez um signal affirmativo.

O barão puxou pelo cordão da campainha, e retirou-se.

Uma hora depois abriu-se a porta do palacio d'Osser, que dava para o jardim. O barão, sua mulher e Florencia desceram os degráus, brancos de neve.

Armando ía muito pallido. O seu semblante revelava o desgôsto e a irresolução. Florencia parecia como admirada e inquieta, e de vez em quando olhava, ora para seu irmão, ora para sua cunhada.

Robertina ía vestida de preto. O seu rosto, de um branco alabastrino, conservava o seu aspecto triste e severo.

Notavam-se, no gêlo que cobria as ruas do jardim, duas linhas traçadas por passos de mulher, na direcção do pavilhão para a fachada do palacio.

Nem o barão, nem Florencia repararam para esta circumstancia Só Robertina a notou... E encostou-se com mais fôrça ao braço de seu marido.

Faltavam poucos minutos para as oito horas, quando passaram o liminar do gabinete azul. José, em cumprimento das ordens de Rembrés, apontou-lhes para as cadeiras, e ficou de pé á porta do jardim.

Robertina assentou-se entre Florencia e o barão, em frente mesmo da porta do quarto de cama de Claudio. Dir-se-ía que aquella visinhança exercia sôbre ella uma especie de dolorosa influencia. Porque, apezar de ter os olhos fitos para o chão, a espaços uma fôrça occulta lh'os fazia erguer para a temida porta.

Passaram-se cinco minutos n'um completo silencio. Ouviram-se dar oito horas.

Ainda bem não tinham acabado de dar as horas, resoava a campainha da porta do jardim. José abriu. Era o Popelin, com a sua velha casaca preta, as suas calças muito curtas, e uma pala inteiramente nova.

Mas quando viu Robertina e Florencia, a physionomia do pobre homem — ou antes a barba — exprimiu o maior embaraço. Elle não estava costumado a contemplar a formosura de tão perto, e o proprio Hypolito não o excedia em pudor. A barba tomou a côr de tijolo; fez um cumprimento muito desastrado, e por pouco que não comprometteu a segurança do seu systema de oculos, tão atarantado estava.

— São exactamente oito horas, disse; creio que me não fiz esperar!...

— O sr., perguntou o barão, póde dizer-me qual é o objecto desta reunião?

— A carta que me escreveu o sr. Claudio, replicou o *Gelozia*, não me fallava senão n'uns certos papeis, e marcava-me as oito horas em ponto.

— Isso, disse José, já v. ex.as o saberiam, se eu não tivesse perdido esta maldita chave... O sr. Claudio tinha-me dito que os introduzisse em seu quarto, quando estivessem todos tres reunidos... que elle não me fallou na sr.a baroneza... Mas, mil raios me partam, se eu sei onde metti o demonio da chave!

— Lavo as minhas mãos disso, murmurou Popelin; eu cheguei ás oito em ponto!

— Estou capaz de bater á porta, disse José; se o sr. Claudio se zangar, paciencia.

E bateu, de feito.

Não se ouvia o mais pequeno motim.

— Não haverá talvez remedio senão mandar chamar o serralheiro, tornou José; talvez esteja a dormir... mas é célebre! eu creio que a senhora que lá estava dentro ainda não saíu!

Robertina estremeceu.

José bateu segunda vez, sem algum resultado; depois, como acontece sempre em similhantes circumstancias, puxando com modo indifferente pelo botão, a porta abriu-se logo.

— Ora vejam! disse — não estava fechada; entrem meus senhores e senhoras, accrescentou, encostando-se á parede.

Florencia deu o braço a seu irmão, e entraram primeiro. Robertina seguiu-os. O *Gelozia* foi o último.

Os raios de um sol de inverno penetravam por duas janellas.

Rembrés continuava na mesma posição em que o nós deixámos. Tinha a cabeça inclinada para as costas da cadeira. Mas não sorria já.

Robertina, apenas entrou, deixou passar o Popelin adiante, encostára-se a uma das hombreiras da porta, e fictára os olhos no pavimento. Não queria ver.

— Dorme, disse o barão.

— Que cheiro tão exquisito! murmurou a donzella; saiâmos, meu irmão... não estou aqui bem...

O proprio barão sentia-se suffocado. O *Gelozia* havia já resguardado a bôcca com o formidavel lenço de algodão de quadros.

E avançou, sósinho, até ao pé de Rembrés, em quanto os outros recuavam para a porta. Viram-no examinar successivamente a janella, o fogão e o fogareiro. Depois voltar-se para os circumstantes, e dizer, quasi risonho:

— Já sei o que foi... o patrão suicidou-se!

Ouviu-se um grito de geral surpreza. Florencia correu aterrada para a ante-camara. José, pelo contrário, correu para seu amo, atravessou rapido o quarto, e quebrou alguns vidros com o murro fechado.

O barão escancarou os olhos de admirado. Não podia crer o que seus olhos viam; parecia-lhe a todo o momento que elle ía de novo acordar.

Robertina foi caír n'uma cadeira ao lado da porta, e cobriu o rosto com as mãos.

José tomou o pulso a seu amo, e disse:

— Não ha dúvida; está morto.

— Morto! repetiu o barão.

— Eh! eh! eh! acudiu o *Gelozia*, eu adivinhei-o logo!

— Tinha tomado todas as suas precauções muito bem tomadas, proseguiu o José; vê, aqui está o fogareiro exactamente por debaixo da cabeça.

— E fechou o fogão, accrescentou Popelin. Não tinha reparado?! Sim, sim, é um suicidio... um suicidio em fórma, que provavelmente hei-de ler na *Estrella*.

— Neste caso, disse o José, nada mais resta do que chamar o commissario. Suas ex.as servirão de testimunhas.

E saíu.

Armando adiantou-se até ao meio do quarto, e contemplou Rembrés com o gesto de receio, que deve de experimentar o caçador junto do cadaver de um tigre, cujas garras lhe rasgaram as carnes.

Uma alegria immensa, que não sabía ainda explicar, illuminava-lhe o semblante; sentia-se livre do pêso enorme que lhe afogava o coração. Já o não cingia a cadêa do *forçado*; a mão que lhe apertava o pescoço era gelada já, e o ar dilatava-lhe o peito.

E està alegria tocava quasi o delirio. Quizera rir, quizera soltar expressões de triumpho; o instincto da decencia mundana o conteve em presença e tão perto daquelle cadaver.

E o seu rosto, havia pouco transtornado, exprimia energicamente quanto ía lá por dentro.

Mas o seu transporte extinguiu-se-lhe de subito; as feições empallideceram-lhe, e o seu olhar, que de novo se fictou em Rembrés, revelava toda a anciedade do terror.

Vinham de lembrar-lhe as ameaças do Claudio.

A carta! a carta accusadora!... aquella carta tinha ainda a fôrça de o matar!

E a cabeça descaíu-lhe para o peito.

Quem visse o barão e Robertina nessa occasião, diria que eram dois ternos filhos, junto do leito funebre de um pae adorado.

Popelin, esse, não parecia dar fé do que se passava; depois de haver examinado minuciosamente o fogareiro e o fogão, approximou-se para uma das janellas, murmurando:

— Não é bom dizer, que se não ha-de proceder de uma maneira determinada. Aqui está o patrão que jurava aos seus deuses, que nunca se suicidaria... Acontece a todos isto... E agora percebo o motivo por que elle me mandou chamar... Attenção... Nada de me atrapalhar, que sou uma especie de testamenteiro.

O *Geloxia* empertigou-se todo, possuido da grande importancia das suas funcções, saccou da algibeira uma carteira, da mais remota antiguidade, e entre varios papeis escolheu um, que tinha uma nota pela letra de Rembrés — *Instrucções para o Popelin.*

O Popelin leu-as attentamente umas poucas de vezes.

Ao cabo de algum tempo, esfregou muito contente as mãos, e accrescentou:

— Pobre patrão!... tambem póde-se dizer que fui eu que lhe suscitei a idéa de suicidio; elle nem de tal se lembrava!...

E, em voz alta, disse:

— Meu senhor e minha senhora — tenho a honra de perguntar-lhe se são de casa... Se são cá da casa, espero dever-lhe o obsequio de me dizer, aonde posso encontrar a esta hora o sr. barão e a sr.ª baroneza d'Osser?...

— Sou eu mesmo o barão d'Osser, acudiu Armando.

— Queira v. ex.ª desculpar-me, eu não tinha a honra de o conhecer; e a senhora baroneza?

— É esta senhora.

— Ó minha senhora... queira perdoar... Senhor barão; em cumprimento de uma disposição, cuja execução me foi confiada, no caso de morte, por Claudio Guilherme Rembrés, defunto ex-banqueiro...

Popelin, que recitou estas palavras com o emphase proprio da situação, pareceu hesitar. O barão nem se atrevia a pestanejar — esperava uma nova catastrophe.

— E *ex-forçado*, proseguiu o Popelin, com perdão de v. ex.ª, e aqui da sr.ª baroneza... eu, Gustavo Adolfo Popelin, tenho a honra de passar ás mãos de v. ex.ª esta carta que me havia sido entregue em deposito.

E tirou da carteira uma carta que restituíu ao barão.

Depois, dando meia volta, dirigiu-se a Robertina, e disse:

— Ex.ma sr.ª! em cumprimento de uma disposição, cuja execução me foi confiada por Claudio Guilherme Rembrés, já defunto.

Robertina ergueu a cabeça, e interrompeu-o com gesto imperioso.

— Dê cá! murmurou.

Popelin, subjugado, inclinou-se, quiz fallar, calou-se, e acabou entregando a carta que continha o testamento de Claudio.

Robertina agarrou-a com soffreguidão, e saiu do aposento.

Popelin seguiu-a, espantado. Quando ia a saír para o jardim, Armando, que já se certificára de que a tal carta era o terrivel *authographo*, correu para elle, e apertou-o nos braços com tal fórça, que a barba do Popelin tornou-se pallida de susto.

Armando delirava.

— Senhor, exclamou, quanto quer por este papel?

— Não sei, respondeu Popelin; mas largue-me, que me estoira!

— Digo-lhe que quero pagar o immenso serviço que me fez!... É pobre?... Quer dinheiro?...

— Temos brincadeira!... acudiu Popelin, derreando-se para traz, segundo seu costume, para melhor observar o seu interlocutor.

— Quer antes outra cousa?... proseguiu Armando; falle! Dou-lhe a minha palavra de honra de que nada lhe recusarei!

— Parece-me a modo uma historia, disse Popelin, com desconfiança; mas tambem que perco eu em pedir... Ah! sim... sim... Uma cousa desejo eu ha quarenta annos... mas não... isso é muito caro!

— Que cousa?...

O Popelin correu a lingua pelos beiços.

— Uma lojasinha de mercieiro, com porta para duas ruas.

— Conte com ella.

O Popelin fez ouvir sons inarticulados debaixo da sua pala. Duas lagrimas, luctando com todos os obstaculos que lhe oppunham o seu systema completo de oculos, deslisaram-lhe até á barba.

A alegria fez-lhe tal impressão, que teve, para não caír, de sentar-se nos degráus da escada cobertos de neve.

— Oh! oh! balbuciou elle; assim até posso assignar para a *Estrella*!...

Robertina, durante esta scena, conseguíra chegar ao palacio.

E quem a seguisse vê-la-ia de joelhos, em seu quarto, a soluçar.

— Meu Deos! meu Deos!... repetia ella — tende compaixão de mim... e não por mim, mas por meu marido... mas pela minha Florencia!

....

....

Dissemos que entre a familia d'Osser e a felicidade não havia senão Claudio Rembrés. Depois da morte do *forçado*, Armando foi feliz, e o foi tambem Florencia.

Os labios de Robertina, nunca mais, porém, se descerraram em um daquelles deliciosos sorrisos.

FIM.





